LIVRO 4 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

A ASCENSÃO DA SOMBRA



"COM *A RODA DO TEMPO* JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times

intrínseca


SHOUT
SHARE
IT

- Robert Jordan
  -
  - 1
  - 2
  - 3
  - 4
  - 5
  - 6
  - 7
  - 8
  - 9
  - 10
  - 11
  - 12
  - 13
  - 14
  - 15
  - 16
  - 17
  - 18
  - 19
  - 20
  - 21
  - 22
  - 23
  - 24
  - 25
  - 26
  - 27
  - 28
  - 29
  - 30
  - 31
  - 32
  - 33
  - 34
  - 35
  - 36
  - 37
  - 38
  - 39
  - 40
  - 41

- 42
- 43
- 44
- 45
- 46
- 47
- 48
- 49
- 50
- 51
- 52
- 53
- 54
- 55
- 56
- 57
- 58
- Glossário

Robert Jordan
A ascensão da Sombra

Dedicado a Robert Marks
Escritor, professor, acadêmico, filósofo, amigo e inspiração.

A Sombra há de se erguer pelo mundo, obscurecendo cada terra, até os menores recônditos, e não haverá Luz ou segurança. E, segundo a Profecia, aquele que nascerá da Aurora, que nascerá da Donzela, estenderá a mão para capturar a Sombra, e o mundo gritará a dor da salvação. Toda a Glória ao Criador, à Luz e àquele que nascerá outra vez. Que a Luz nos proteja dele. (de Comentários ao Ciclo de Karaethon Sereine dar Shamelle Motara Irmã-Conselheira de Comaelle, Grã-rainha de Jaramide, cerca de 325 DR, a Terceira Era)

1



Sementes da Sombra

A Roda do Tempo gira, e as Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam em lendas. As lendas se desvanecem em mitos, e até o mito já está há muito esquecido quando a Era que o viu nascer retorna. Em uma Era, chamada por alguns de a Terceira Era, uma Era ainda por vir, uma Era há muito passada, um vento se ergueu na grande planície chamada Relvado de Caralain. O vento não era o início. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins. Mas era *um* início.

O vento soprava a norte e a leste sob o sol da manhã que nascia, estendendo-se por infindáveis milhas de terreno gramado e arbustos esparsos, ao longo do ligeiro Rio Luan, e para além da presa quebrada do Monte do Dragão — a lendária montanha que se avultava sobre as leves elevações da planície, tão alta que as nuvens a coroavam a menos da metade do pico nebuloso. O Monte do Dragão, onde o Dragão morrera — e com ele, diziam alguns, a Era das Lendas — onde, rezava a profecia, ele renasceria. Ou renascera. A norte e leste, cruzando as aldeias de Jualdhe, Darein e Alindaer, onde pontes de pedra trabalhada se arqueavam até as Muralhas Reluzentes, os gigantescos muros brancos do que muitos chamavam de a maior cidade do mundo. Tar Valon. Uma cidade tocada, todas as noites, pela sombra do Monte do Dragão.

No interior daquelas muralhas, as construções erguidas pelos Ogier havia mais de dois mil anos pareciam ter brotado direto da terra ou sido formadas pela ação do vento e da água, em vez de feitas pelas lendárias mãos dos pedreiros Ogier. Algumas tinham forma de

pássaros alçando voo ou de imensas conchas de mares distantes. Torres exorbitantes, largas, finíssimas ou espiraladas ligavam-se umas às outras por pontes de centenas de pés de altura, em geral sem parapeitos. Apenas os que lá viviam havia muito tempo não ficavam boquiabertos, embasbacados com a visão, como interioranos que jamais saíram do campo.

A Torre Branca, a maior de todas, assomava-se sobre a cidade, reluzente como marfim polido sob o sol. *A Roda do Tempo gira ao redor de Tar Valon*, dizia o povo da cidade, *e Tar Valon gira ao redor da Torre.* A primeira visão que os viajantes tinham da famosa cidade, antes mesmo de seus cavalos avistarem as pontes ou de os capitães dos navios vislumbrarem a ilha, era a Torre, refletindo o sol como um farol. Não era de se admirar que a grande praça em torno das muralhas que circundavam a Torre parecesse menor sob aquela vista imponente, e que as pessoas passeando por lá fossem reduzidas a minúsculos insetos. Mas mesmo que fosse a menor torre de Tar Valon, a Torre Branca ainda impressionaria o povo da ilha por ser o coração do poder das Aes Sedai.

Apesar de grande, a multidão nem chegava perto de encher a praça. As pessoas mais afastadas se acotovelavam em uma massa fervilhante que seguia com seus afazeres diários, mas pouquíssima gente caminhava perto aos muros da Torre, e ao redor da alta muralha branca havia uma faixa de pavimento vazio de cerca de cinquenta passadas de largura. Aes Sedai eram mais que respeitadas em Tar Valon, naturalmente. Era o Trono de Amyrlin que governava a cidade e as Aes Sedai, mas poucos desejavam se aproximar mais do que o necessário do poder daquelas mulheres. Havia uma diferença entre se envaidecer por causa de uma grande lareira no salão de casa e se jogar no meio das chamas.

Ainda mais raros eram os que chegavam mais perto, indo até a ampla escadaria que conduzia à Torre em si, ou indo até as portas com entalhes intrincados, pelas quais podiam passar mais de dez pessoas lado a lado. Essas portas permaneciam abertas e receptivas. Sempre havia quem precisasse de ajuda ou de alguma resposta que julgasse que apenas as Aes Sedai eram capazes de fornecer, e esses vinham tanto de longe quanto de perto, de Arafel e Ghealdan, Saldaea e Illian. No interior dos muros, muitos obtinham ajuda ou orientação, embora nem sempre ouvissem exatamente o que esperavam ou ansiavam.

Min mantinha o largo capuz do manto sobre o rosto, encobrindo-o sob suas sombras. Apesar do dia quente, a peça era leve o bastante para não atrair comentários, não em uma mulher cuja timidez era tão óbvia. Além disso, muita gente era tomada pela timidez quando ia para a Torre. Nada na jovem chamava a atenção. Os cabelos escuros estavam mais compridos do que da última vez que fora à Torre,

embora ainda não tocassem os ombros. O vestido azul e liso, a não ser pelas finas faixas de renda de Jaerecruz nos punhos e pescoço, poderia muito bem ser da filha de algum fazendeiro próspero que pusera sua melhor roupa de festa para ir à Torre, assim como outras mulheres que se aproximavam da ampla escadaria. Min torcia para que essa fosse a impressão passada, pelo menos. Obrigara-se a parar de olhar as outras mulheres para ver se caminhavam ou se portavam de forma similar. *Eu consigo*, disse a si mesma. Não havia chegado até ali para acabar voltando atrás. O vestido era um bom disfarce. Aqueles que se lembravam dela na Torre tinham a imagem de uma jovem de cabelos cortados bem curtos, sempre de casaco e calças masculinos, nunca de vestido. Tinha que ser um bom disfarce. Ela não tinha escolha quanto ao que estava fazendo. Não muita.

Quanto mais se aproximava da Torre, mais seu estômago se embrulhava. Ela apertou a trouxa que trazia junto ao peito. As roupas de sempre estavam ali, e também as botas boas e todos os seus pertences, exceto o cavalo, que deixara em uma estalagem não muito longe da praça. Com sorte, estaria de volta em poucas horas para recuperar o capão e rumar para a Ponte de Ostrein e para a estrada que levava ao sul.

Não estava muito animada para montar um cavalo tão cedo, não depois de passar semanas em cima de uma sela sem nem um dia de descanso, mas ansiava por deixar aquele lugar. Nunca considerara a Torre Branca acolhedora, e, naquele instante, o lugar parecia quase tão terrível quanto a prisão do Tenebroso em Shayol Ghul. Estremecendo, desejou não ter pensado no Tenebroso. *Será que Moiraine acha que vim aqui só porque ela pediu? Que a Luz me ajude, agindo feito uma tonta. Fazendo coisas idiotas só por causa de um homem idiota!*

Ela subiu as escadas, desconfortável — precisava dar dois passos para atravessar cada um dos enormes degraus — e, ao contrário da maioria dos recém-chegados, não parou para admirar, boquiaberta, toda a brancura da Torre que se avultava. Queria terminar logo com aquilo.

Do lado de dentro, o salão de entrada, imenso e redondo, era quase todo cercado por arcos. Os visitantes se aglomeravam no centro, arrastando os pés sob um teto em domo sem ornamentos. O chão de pedras claras fora gasto e polido pelos inúmeros pés nervosos que haviam passado por ali ao longo dos séculos. Ninguém pensava em qualquer coisa que não onde estava e por quê. Um fazendeiro e sua mulher em roupas rústicas de lã, segurando a mão calejada um do outro, aguardavam ao lado de uma mercadora em roupas de seda com listras de veludo, com uma serviçal atrás de si, agarrada a uma caixinha trabalhada em prata, sem dúvida presente de sua senhora

para a Torre. Em qualquer outro lugar, a mercadora teria olhado com desprezo para os camponeses que passavam tão perto, e eles poderiam muito bem ter batido continência e recuado, desculpando-se. Não naquele momento. Não ali.

Havia poucos homens entre os visitantes que buscavam a ajuda das Aes Sedai, o que não era surpresa para Min. A maioria ficava aflita perto delas. Todos sabiam que os Aes Sedai homens, quando ainda existiam, haviam sido os responsáveis pela Ruptura do Mundo. Três mil anos não haviam esmaecido aquela lembrança, ainda que o tempo tivesse alterado muitos detalhes. As crianças ainda ouviam as histórias de terror sobre homens capazes de canalizar o Poder Único, todos condenados à loucura pela mácula do Tenebroso em *saidin*, a metade masculina da Fonte Verdadeira. Pior ainda era a história de Lews Therin Thelamon, o Dragão, Lews Therin Fratricida, que dera início à Ruptura. Inclusive, as histórias também assustavam os adultos. A Profecia afirmava que o Dragão renasceria — no momento de maior necessidade da humanidade — para enfrentar o Tenebroso em Tarmon Gai'don, a Última Batalha. Mas isso fazia pouca diferença na forma com que a maioria das pessoas encarava qualquer ligação entre homens e o Poder. Qualquer Aes Sedai caçaria um homem capaz de canalizar. Das sete Ajahs, a Vermelha fazia um pouco mais do que isso.

Naturalmente, nada daquilo tinha a ver com ir pedir ajuda às Aes Sedai, mas poucos homens sentiam-se à vontade em ter qualquer relação com elas e com o Poder. Poucos, exceto os Guardiões. Cada um deles tinha um elo com uma única Aes Sedai, e não eram considerados homens comuns. Havia um ditado: "Os homens preferem cortar a própria mão para se livrar de uma farpa a pedir ajuda a uma Aes Sedai." As mulheres diziam aquilo como uma crítica à tola teimosia masculina, mas Min ouvira alguns homens afirmarem que perder a mão talvez fosse uma decisão mais sábia.

Ela se perguntou o que aquelas pessoas fariam se soubessem o que ela sabia. Fugiriam aos gritos, talvez. E, se soubessem por que motivo estava ali, havia grandes chances de ela não sobreviver antes de ser levada pelos guardas da Torre e jogada em uma cela. Ela tinha amigas dentro da Torre, mas ninguém com poder ou influência. Se seu objetivo fosse revelado, era muito mais provável que, em vez de ser ajudada pelas amigas, Min acabasse arrastando todas consigo para a forca, ou para o carrasco.

Obrigou-se a parar de pensar daquela forma. *Vou conseguir entrar, depois vou conseguir sair. Que a Luz queime Rand al'Thor por me meter nessa!*

Três ou quatro Aceitas, mulheres da idade de Min, talvez um pouco mais velhas, andavam pelo salão circular e falavam baixinho

com os visitantes. Os vestidos brancos que usavam eram lisos, a não ser por sete faixas coloridas na bainha, uma para cada Ajah. Vez ou outra, uma das noviças — ainda mais jovem e toda de branco — vinha para levar alguém mais para o interior da Torre, e a pessoa sempre acompanhava as noviças com uma estranha mistura de entusiasmo e relutância.

Min apertou ainda mais a trouxa quando uma das Aceitas parou à sua frente.

— Que a Luz a ilumine — disse a mulher de cabelos cacheados, sem muito entusiasmo. — Meu nome é Faolain. Como a Torre pode ajudá-la?

O rosto redondo e escuro de Faolain mostrava a paciência de alguém incumbido de uma tarefa tediosa enquanto preferia estar fazendo qualquer outra coisa. Estudando, provavelmente, pelo que Min sabia das Aceitas. Estudando para ser Aes Sedai. No entanto, o mais importante era a falta do brilho de reconhecimento nos olhos da Aceita. As duas se conheceram quando Min estivera na Torre, mas não muito intimamente.

Mesmo assim, Min baixou a cabeça em timidez fingida. Não era incomum, muitos camponeses não compreendiam muito bem a enorme diferença entre as Aceitas e as Aes Sedai plenas. Escondendo as feições por trás do manto, ela desviou os olhos de Faolain.

— Preciso fazer uma pergunta ao Trono de Amyrlin — começou, mas parou de falar de repente quando três Aes Sedai pararam para observar o saguão, duas abaixo de um dos arcos, uma abaixo de outro.

Aceitas e noviças faziam mesuras quando seus caminhos a levavam perto de uma das Aes Sedai, mas do contrário seguiam com seus afazeres, no máximo com um tantinho mais de vivacidade. Só isso. O mesmo não acontecia com os visitantes, que pareciam passar o tempo todo prendendo a respiração. Longe da Torre Branca e de Tar Valon, teriam apenas o palpite de que as mulheres cuja idade não era possível estimar eram Aes Sedai, mulheres no frescor da plenitude, porém mais maduras do que os rostos suaves sugeriam. Mas na Torre não havia dúvidas. Uma mulher que operasse o Poder Único por um longo período não era tocada pelo tempo da mesma forma que as outras. Dentro da Torre, ninguém precisava ver o anel dourado da Grande Serpente para reconhecer uma Aes Sedai.

Uma onda de mesuras se espalhou pelo grupo amontoado, os poucos homens presentes se dobraram em reverências. Duas ou três pessoas chegaram a cair de joelhos. A mercadora rica parecia assustada, e o casal de fazendeiros ao seu lado parecia encarar uma lenda que virava realidade. A maioria apenas ouvira boatos sobre como se portar diante de uma Aes Sedai. Era improvável que qualquer um ali, exceto os que de fato viviam em Tar Valon, tivesse visto uma

delas antes, e era provável que nem mesmo os habitantes da cidade já houvessem se aproximado tanto de uma.

Mas não foi a presença das Aes Sedai que fizeram Min perder a fala. Às vezes, não com muita frequência, ela via coisas ao olhar para as pessoas: imagens e auras que se expandiam e esvaneciam em instantes. Às vezes, sabia o que significavam. Era raro ter essa compreensão — muito mais raro do que as visões, na verdade — mas, quando isso ocorria, nunca falhava.

Ao contrário da maioria, as Aes Sedai e seus Guardiões sempre exibiam imagens e auras, às vezes tão agitadas e dançantes que deixavam Min tonta. No entanto, a quantidade não influenciava a interpretação. Ela compreendia o significado das visões nas Aes Sedai com a mesma rara frequência do que nas outras pessoas. Mas dessa vez soube mais do que gostaria, e estremeceu.

Uma mulher esguia de cabelos negros até a cintura, a única das três que ela reconheceu — chamava-se Ananda e era da Ajah Amarela — exibia uma auréola marrom pálida, murcha e cheia de sulcos apodrecidos cujas bordas desabavam e aumentavam enquanto o material se decompunha. Pelo xale de franjas, dava para ver que a pequena Aes Sedai de cabelos claros ao lado de Ananda pertencia à Ajah Verde. A Chama Branca de Tar Valon estampada no tecido ficou à mostra por um instante, quando ela virou as costas. Em seu ombro, como se aninhado entre as videiras e os ramos floridos de macieira bordados no tecido, jazia um crânio humano. Um pequeno crânio feminino, oco e muito branco. A terceira, uma mulher bonita e roliça que já chegava à metade da volta no salão, não usava xale. A maioria das Aes Sedai não usava, exceto em cerimônias. O queixo erguido e os ombros empertigados indicavam sua força e orgulho. Ela parecia olhar os presentes por trás de uma cortina de sangue, os filetes carmesins descendo pelo rosto.

Sangue, crânio e halo esvaneceram na dança de imagens ao redor das três, depois surgiram e desapareceram outra vez. Os visitantes as encaravam, estarrecidos, vendo apenas três mulheres capazes de tocar a Fonte Verdadeira e canalizar o Poder Único. Ninguém além de Min enxergava as outras coisas. Ninguém além de Min sabia que aquelas três mulheres iriam morrer. Todas no mesmo dia.

— A Amyrlin não pode receber a todos — explicou Faolain, mal escondendo a impaciência. — A próxima audiência pública é daqui a dez dias. Diga o que quer, e vou tentar arrumar uma reunião com a irmã que tiver mais condições de ajudar.

Min baixou os olhos para a trouxa em seus braços e os manteve ali, em parte para não precisar ver aquelas imagens outra vez. *Todas elas! Luz!* Qual era a probabilidade de três Aes Sedai morrerem no mesmo dia? Mas ela sabia. Sabia.

— Tenho o direito de falar com o Trono de Amyrlin. Em pessoa. — Embora existisse, era raro aquele direito ser exigido. Quem se atreveria? — Toda mulher tem esse direito, e eu o requisito.

— Você acha que o Trono de Amyrlin em pessoa pode receber todos que vêm à Torre Branca? Sem dúvida alguma outra Aes Sedai poderá ajudá-la. — Faolain enfatizava os títulos, como se para deixar Min constrangida. — Agora explique qual é a pergunta. E diga o seu nome, para que a noviça saiba por quem chamar.

— Meu nome é… Elmindreda. — Min estremeceu sem querer. Sempre odiara seu nome, mas a Amyrlin era uma das poucas pessoas ainda vivas que o conhecia. Se pelo menos ela se lembrasse. — Tenho o direito de falar com a Amyrlin. E minha pergunta é apenas para ela. Tenho esse direito.

A Aceita arqueou uma sobrancelha.

— Elmindreda? — Ela contorceu a boca em um sorriso divertido. — E você exige seus direitos. Muito bem. Vou avisar à Curadora das Crônicas que você deseja ver a Amyrlin em pessoa, Elmindreda.

Min quis dar um tapa na mulher pela forma como ela enfatizou o nome, mas em vez disso respondeu apenas, em um murmúrio forçado:

— Obrigada.

— Não me agradeça ainda. Não tenho dúvidas de que a Curadora levará horas para responder, e decerto dirá que você pode fazer essa pergunta à Mãe na próxima audiência pública. Aguarde com paciência. Elmindreda.

Ao se virar para sair, ela deu um sorriso falso, quase desdenhoso.

Rangendo os dentes, Min agarrou a trouxa e foi se encostar na parede entre dois arcos, onde tentou se mesclar à parede de pedra clara e ornamentada. *Não confie em ninguém e evite ser notada até encontrar a Amyrlin*, dissera Moiraine. Moiraine era a única Aes Sedai em quem ela confiava. Na maioria das vezes. De qualquer forma, era um bom conselho. Ela só precisava chegar até a Amyrlin, e tudo estaria terminado. Poderia recolocar as próprias roupas, rever as amigas e partir. Não precisaria se esconder.

Sentiu-se aliviada em notar que as Aes Sedai haviam ido embora. Três daquelas mulheres morrendo no mesmo dia. Era impossível, não havia outra palavra. Ainda assim, iria acontecer. Nada que ela fizesse ou dissesse poderia mudar isso — sempre que sabia o significado de uma das visões, esta acontecia — mas era preciso contar à Amyrlin a respeito. Talvez fosse tão importante quanto as notícias de Moiraine, embora fosse difícil acreditar.

Outra Aceita chegou para substituir Faolain, e Min visualizou barras flutuantes em volta do rosto bochechudo, como uma jaula. Sheriam, a Mestra das Noviças, olhou para o salão. Depois de uma

espiadela, Min manteve o olhar fixo à pedra sob seus pés. Sheriam a conhecia bem demais. O rosto da Aes Sedai ruiva lhe apareceu ferido, cheio de escoriações. Era apenas a visão, naturalmente, mas Min precisou morder o lábio para sufocar o ruído de surpresa que quase soltou. Sheriam, com seu ar de autoridade e confiança inabalável, era tão indestrutível quanto a Torre. Nada poderia fazer mal a ela, tinha certeza. Mas algo faria.

Uma Aes Sedai que Min não conhecia, usando o xale da Ajah Marrom, levava à porta uma mulher robusta, vestida em lã vermelha da mais fina urdidura. A mulher caminhava com a leveza de uma garota, o rosto iluminado, quase rindo de satisfação. A irmã Marrom também sorria, mas sua aura era fraca como a chama de uma vela derretida.

Morte. Ferimentos, cativeiro e morte. Para Min, aquilo era tão claro que poderia muito bem estar escrito.

Ela baixou os olhos. Não queria ver mais nada. *Que ela se lembre*, pensou. Não se desesperara em qualquer momento da longa viagem desde as Montanhas da Névoa, nem mesmo nas duas ocasiões em que tentaram roubar seu cavalo, mas no momento estava desesperada. *Luz, permita que ela se lembre do meu maldito nome.*

— Senhora Elmindreda?

Min levou um susto. A noviça de cabelos negros parada à sua frente mal tinha idade para estar longe de casa, devia ter quinze ou dezesseis anos, mas se esforçava para manter a dignidade.

— Sim? Sou eu… Esse é o meu nome.

— Sou Sahra. Queira me acompanhar. — A voz aguda da menina adquiriu um tom de assombro. — O Trono de Amyrlin vai recebê-la em seu gabinete.

Min soltou um suspiro aliviado e seguiu a moça, ansiosa.

O capuz fundo do manto ainda cobria seu rosto, mas não a impedia de ver. Quanto mais via, maior a ansiedade por encontrar a Amyrlin. Poucas pessoas percorriam os amplos corredores que subiam em espiral, com o piso de azulejos em cores vivas, tapeçarias nas paredes e castiçais dourados — a Torre fora construída para abrigar um número muito maior de pessoas do que havia atualmente — mas quase todos com quem ela cruzava na subida exibiam uma imagem ou aura que indicava violência e perigo.

Guardiões passaram apressados, sem olhá-las, deslocando-se como lobos caçadores. As espadas que portavam eram apenas uma amostra de quanto eram letais, mas todos pareciam ter rostos ensanguentados e com feridas abertas. Espadas e lanças dançavam sobre suas cabeças, ameaçadoras. As auras lampejavam, tempestuosas, tremeluzindo à beira da morte, afiada como uma lâmina. Ela via homens mortos caminhando, e soube que morreriam no mesmo dia que as Aes Sedai

do saguão de entrada, no máximo um dia depois. Até mesmo alguns servos, homens e mulheres ostentando a Chama de Tar Valon no peito, apressados em seus afazeres, exibiam sinais de violência. Uma Aes Sedai que passava por um corredor lateral parecia envolta em correntes suspensas no ar. Outra, que cruzava o corredor à frente de Min e a guia, nas poucas passadas que deu, aparentava usar uma coleira de prata ao redor do pescoço. Aquela visão fez Min prender a respiração. Ela quis gritar.

— A visão pode ser muito impressionante para quem nunca esteve aqui — comentou Sahra, não conseguindo soar como se a Torre já lhe fosse corriqueira como a aldeia onde nascera. — Mas aqui você está em segurança. O Trono de Amyrlin vai cuidar de tudo. — A voz virou um guincho quando ela mencionou a Amyrlin.

— Luz, permita que ela faça isso — murmurou Min.

A noviça lhe lançou o que deveria ser um sorriso consolador.

Quando as duas chegaram ao corredor do gabinete da Amyrlin, o estômago de Min se revirava, e ela estava quase chutando Sahra nos calcanhares, de tão depressa que ia. Apenas a necessidade de fingir que era uma estranha a impedia de avançar o restante do caminho em uma carreira.

Uma das portas para os aposentos da Amyrlin se abriu, e um jovem de cabelos louro-acobreados saiu andando a passos largos, quase atropelando Min e sua acompanhante. Ele era alto, forte e empertigado, usando um casaco azul com grossos bordados dourados na manga e na gola. Gawyn da Casa Trakand, filho da Rainha Morgase, de Andor, era o retrato de um jovem lorde orgulhoso. Um jovem lorde furioso. Min não teve tempo de baixar a cabeça, o rapaz já encarava seu rosto por baixo do capuz.

Ele arregalou os olhos, surpreso, depois apertou-os em dois filetes de azul gélido.

— Então você voltou. Sabe aonde foram minha irmã e Egwene?

— Elas não estão aqui? — Com uma onda de pânico, Min esqueceu-se de manter a compostura. Antes que percebesse o que fazia, tinha puxado as mangas de Gawyn e o encarava com um olhar premente, forçando-o a dar um passo para trás. — Gawyn, elas vieram para a Torre meses atrás! Elayne, Egwene e Nynaeve. Com Verin Sedai e… Gawyn, eu… eu…

— Fique calma — respondeu ele, soltando com delicadeza a mão que prendia seu casaco. — Luz! Não queria ter lhe assustado tanto. Elas chegaram em segurança. E não disseram uma palavra sobre onde estavam, ou por quê. Não para mim. Será que existe alguma mísera chance de você dizer? — Ela pensou que tinha mantido a expressão impassível, mas ele deu uma olhada e continuou: — Imaginei que não. Este lugar tem mais segredos que… Elas desapareceram outra vez. E

Nynaeve também. — O nome da antiga Sabedoria veio como uma lembrança atrasada. Podia até ser amiga de Min, mas não significava nada para ele. A voz do rapaz começou a ficar outra vez ácida, mais severa a cada segundo. — E também sem dizer uma palavra. Nem uma palavra! Elas supostamente estão em alguma fazenda como castigo por terem fugido, mas não consigo descobrir onde. A Amyrlin não faz o favor de dar uma resposta direta.

Min fez uma careta. Por um instante, filetes de sangue seco transformaram o rosto do rapaz em uma máscara sombria. Ele parecia ter levado um golpe duplo de martelo. Suas amigas tinham ido embora — saber que estariam lá fora era um alento em relação a sua ida à Torre — e Gawyn seria ferido no dia da morte das Aes Sedai.

Apesar de tudo o que vira desde que adentrara a Torre e apesar do medo, nada daquilo a afetara pessoalmente, até então. O desastre que se abateria sobre a Torre se alastraria, chegando até bem longe de Tar Valon. Mas ela não pertencia à Torre, jamais pertenceria. Gawyn, no entanto, era alguém que ela conhecia, alguém de quem gostava. E ele seria mais ferido do que a visão de sangue professava, seus ferimentos iriam além da carne. Foi então que Min se deu conta de que, se uma catástrofe assolasse a Torre, não seriam apenas as Aes Sedai desconhecidas, mulheres de quem ela nunca se sentira próxima, que seriam feridas. Suas amigas também entrariam no meio. Elas *pertenciam* à Torre.

De certa forma, Min se sentia feliz por Egwene e as outras não estarem lá, feliz por não poder olhar para elas e ver possíveis sinais de morte. Mas queria ver seus rostos, só para ter certeza, olhar para as amigas e não ver nada, ou ver que viveriam. Pela Luz, onde elas estavam? Por que haviam partido? Conhecendo aquelas três, achava que, se Gawyn não sabia onde estavam, era possível que elas não quisessem que ele soubesse. Poderia ser isso.

De súbito, ela lembrou onde estava e por quê, e também que não estava sozinha com Gawyn. Sahra parecia ter se esquecido de que estava levando Min à Amyrlin. Só tinha olhos para o jovem lorde, para quem lançava olhares apaixonados que não eram notados. Ainda assim, não havia motivo para Min continuar fingindo ser uma estranha na Torre. Estava diante da porta da Amyrlin, nada mais poderia impedi-la.

— Gawyn, não sei onde elas estão, mas, se estiverem mesmo cumprindo pena em uma fazenda, devem estar suadas e cobertas de lama até os quadris. Nesse caso, você vai ser a última pessoa que elas vão querer que as veja. — Na verdade, não se sentia muito mais confortável do que Gawyn em relação à ausência das três. Muita coisa acontecera, muita coisa estava acontecendo, e muitas delas pareciam ligadas às três. Mas não era impossível que suas amigas estivessem

sendo castigadas. — E você não vai ajudá-las se deixar a Amyrlin irritada.

— Não sei se elas *estão* em uma fazenda. Não sei nem mesmo se estão vivas. Por que tanto disfarce e dissimulação se elas estiverem apenas colhendo ervas? Se acontecer alguma coisa com a minha irmã… Ou com Egwene… — Ele franziu o rosto, olhando para as botas. — É meu dever cuidar de Elayne. Como vou protegê-la se nem sei onde ela está?

Min suspirou.

— Você acha que ela precisa de proteção? Acha que alguma delas precisa? — Se a Amyrlin as tivesse enviado em alguma missão, talvez precisassem. A Amyrlin era capaz de mandar uma mulher ao covil de um urso armada apenas de uma vareta, se isso servisse a seus propósitos. E ainda esperaria que a mulher retornasse com o couro do urso, ou o próprio animal acorrentado, conforme suas instruções. No entanto, dizer isso a Gawyn só o deixaria mais exaltado e preocupado. — Gawyn, elas têm um compromisso com a Torre. Não vão gostar se você se intrometer.

— Sei que Elayne não é mais criança — respondeu ele, com paciência. — Apesar de ela não se decidir se quer fugir como se ainda fosse ou se prefere brincar de ser Aes Sedai. Mas ela é *minha irmã* e, mais do que isso, é a Filha-herdeira de Andor. Depois da minha mãe, será Rainha. Andor precisa dela sã e salva para subir ao trono, não de outra Sucessão.

Brincar de ser Aes Sedai? Parecia que ele não tinha percebido o talento da irmã. Desde os primórdios da criação de Andor, as Filhas-herdeiras eram enviadas para receber treinamento na Torre, mas Elayne era a primeira com potencial suficiente para ser elevada a Aes Sedai, e uma Aes Sedai poderosa. Era provável que ele não soubesse que Egwene tinha a mesma força.

— Então quer dizer que você vai protegê-la, queira ela ou não? — Min fez a pergunta com uma voz impassível, tentando indicar que o rapaz estava cometendo um erro, mas ele assentiu, sem perceber a advertência.

— Esse é o meu dever desde o dia que ela nasceu. Meu sangue deve ser derramado antes do dela, minha vida deve ser entregue antes da dela. Fiz esse juramento quando ainda não tinha tamanho nem para enxergá-la no berço. Gareth Bryne teve que explicar o que as palavras significavam. Não vou quebrá-lo agora. Andor precisa dela mais do que de mim.

Ele falava com uma certeza tranquila, com a aceitação de algo correto e natural, o que provocou arrepios em Min. Sempre tinha considerado Gawyn um pouco infantil, risonho e implicante, mas ele parecia diferente. Ela achou que o Criador devia estar cansado quando

chegara a hora de fazer os homens. Às vezes eles mal pareciam humanos.

— E Egwene? Qual foi o juramento que você fez em relação a ela?

Ele não alterou a expressão, mas remexeu os pés, receoso.

— Estou preocupado com Egwene, é claro. E com Nynaeve. Elayne pode sofrer o mesmo que suas companheiras. Imagino que as três ainda estejam juntas. Quando *ainda* estavam aqui, era raro ver uma sem as outras.

— Minha mãe sempre disse para me casar com um péssimo mentiroso, e você se qualifica para o posto. Só que eu acho que alguém já tem a preferência.

— Algumas coisas já foram traçadas — respondeu ele, muito calmo — outras não tem muita chance de acontecer. Galad está arrasado com a partida de Egwene.

Galad era meio-irmão de Gawyn. Os dois haviam sido enviados a Tar Valon para treinar com os Guardiões. Era outra tradição andoriana. Na opinião de Min, Galadedrid Damodred era um homem tão correto que isso chegava a ser um defeito, mas Gawyn não via nada de errado com o meio-irmão. E não revelaria seus sentimentos a uma mulher por quem Galad estivesse apaixonado.

Ela queria sacudi-lo e enfiar algum juízo em sua cabeça, mas não havia tempo. Não quando a Amyrlin esperava, não com o que ela tinha para dizer à Amyrlin. E certamente não com Sahra parada ali, independentemente de ela estar babando por ele.

— Gawyn, fui chamada pela Amyrlin. Onde posso lhe encontrar, depois que ela terminar de falar comigo?

— Estarei no pátio de treinamento. A única coisa capaz de me desviar das preocupações é dar uns golpes de espada com Hammar. — Hammar era um mestre espadachim, o Guardião instrutor. — Fico lá até o pôr do sol, quase todos os dias.

— Muito bem. Vou para lá assim que der. E tente tomar cuidado com o que diz. Se a Amyrlin ficar irritada com você, Elayne e Egwene também vão ficar.

— Isso eu já não posso prometer — retrucou ele, com firmeza. — Tem algo errado no mundo. Uma guerra civil em Cairhien. O mesmo, ou até pior, em Tarabon e Arad Doman. Falsos Dragões. Problemas e rumores de problemas por toda a parte. Não digo que a Torre está por trás disso tudo, mas nem mesmo aqui as coisas estão como deveriam. Ou como parecem. O sumiço de Elayne e Egwene não é tudo. Mesmo assim, é a parte que me preocupa. *Vou* descobrir onde elas estão. E, se estiverem machucadas… se estiverem mortas…

Ele fechou a cara, e, por um instante, seu rosto se transformou outra vez naquela máscara de sangue. E mais: uma espada flutuava por cima de sua cabeça, um estandarte tremulando ao fundo. A espada

tinha o cabo longo, como a maioria das que eram usadas pelos Guardiões, além de uma garça gravada na lâmina ligeiramente curva. Min não sabia se ela pertencia a Gawyn, ou se era uma ameaça. O estandarte ostentava o símbolo de Gawyn, o Javali Branco em disparada, só que em um campo verde, em vez do vermelho de Andor. A espada e o estandarte sumiram junto com o sangue.

— Tome cuidado, Gawyn. — O que ela falava tinha um duplo sentido: o rapaz devia tomar cuidado com o que dizia, mas também precisava tomar cuidado com algo que Min não conseguia explicar nem a si mesma. — Você precisa tomar muito cuidado.

Os olhos do rapaz a perscrutaram, como se ele tivesse captado um pouco do significado mais profundo.

— Eu… vou tentar — disse, por fim. Então escancarou um sorriso, quase igual ao que ela se lembrava de ver em seu rosto, mas o esforço para mantê-lo era evidente. — Acho melhor eu voltar para o pátio de treinamento, se quiser me manter à altura de Galad. Consegui ganhar duas vezes de Hammar nas cinco disputas de hoje de manhã, mas Galad ganhou três da última vez que se deu ao trabalho de aparecer por lá. — De súbito, ele pareceu vê-la pela primeira vez, e o largo sorriso tornou-se genuíno. — Você deveria usar vestidos mais vezes. Fica muito bem assim. Não esqueça: vou ficar lá até o sol se pôr.

Enquanto ele se afastava, quase com a graça mortal de um Guardião, Min percebeu que alisava o vestido por cima dos quadris. Parou na mesma hora. *Que a Luz queime todos os homens!*

Sahra soltou um suspiro, como se tivesse passado o tempo todo prendendo a respiração.

— Ele é muito bonito, não é? — perguntou, imersa em devaneios. — Não tão bonito quanto Lorde Galad, é claro. E vocês se conhecem bem. — A frase saíra quase como pergunta, mas era metade afirmação.

Min reproduziu o suspiro da jovem. A garota falaria com as amigas no alojamento das noviças. O filho de uma rainha era assunto comum no mundo das fofocas, ainda mais se fosse bonito e se portasse como um herói dos contos dos menestréis. Uma mulher estranha só abria espaço para especulações interessantes. Mas ela não podia fazer nada. De qualquer modo, a essa altura, especulações não causariam mal algum.

— O Trono de Amyrlin deve estar se perguntando por que ainda não chegamos — comentou.

Sahra voltou a si com um olhar assustado e engoliu em seco. Agarrou a manga de Min e deu um pulo para abrir uma das portas, puxando a visitante atrás de si. No instante em que as duas entraram, a noviça se curvou em uma rápida mesura e gritou, em pânico:

— Trouxe a moça, Leane Sedai. A senhora Elmindreda? O Trono de Amyrlin queria vê-la?

A mulher alta de pele morena que ocupava a antessala usava a estola da Curadora das Crônicas, cujo tecido de um palmo de largura era azul, para mostrar de que Ajah ela fora elevada. Com as mãos na cintura, a mulher esperou a noviça terminar de falar e a dispensou em um tom áspero:

— Já demorou demais, criança. Retorne às suas tarefas.

Sahra fez outra mesura e saiu com a mesma ligeireza com que entrara.

Min continuava encarando o chão, o capuz ainda puxado sobre o rosto. O descuido diante de Sahra já fora terrível — pelo menos a noviça não sabia seu nome — mas Leane a conhecia melhor do que qualquer um na Torre, exceto pela Amyrlin. Min tinha certeza de que já não fazia diferença, mas, depois do que acontecera no corredor, pretendia seguir as instruções de Moiraine até ficar sozinha com a Amyrlin.

Dessa vez, suas precauções não adiantaram. Leane deu dois passos, puxou o capuz para trás e soltou um grunhido, como se tivesse acabado de levar um soco na boca do estômago. A jovem ergueu a cabeça e a encarou de volta com uma expressão desafiadora, tentando fingir que não tentara passar despercebida. A Curadora tinha cabelos lisos e escuros, apenas um pouco mais compridos que os da própria Min, e a expressão da Aes Sedai era um misto de surpresa e desgosto pela própria surpresa.

— Então você é Elmindreda, não é? — inquiriu Leane, com a voz ácida. Ela sempre falava assim. — Devo dizer que fica melhor nesse vestido do que nos… trajes… habituais.

— É só Min, Leane Sedai, por gentileza.

A garota tentou manter o rosto firme, mas era difícil não olhar feio. A voz da Curadora traía seu divertimento. Por que sua mãe tivera de dar à Min justo o nome de uma personagem histórica que passava a maior parte do tempo suspirando pelos homens, ou então os inspirando a compor músicas sobre seus olhos ou sorriso?

— Muito bem. Min. Não vou perguntar onde você esteve, nem por que voltou usando um vestido e, pelo que parece, querendo falar com a Amyrlin. Não agora, pelo menos. — Mas sua expressão indicava que ela pretendia perguntar tudo isso mais tarde e obter respostas. — Suponho que a Mãe saiba quem é Elmindreda? É claro. Eu devia ter percebido isso quando ela mandou que você entrasse logo e sozinha. Só a Luz sabe por que é que ela aguenta você. — Ela se obrigou a parar, fazendo uma careta de preocupação. — Qual é o problema, garota? Está doente?

Cautelosa, Min deixou o rosto inexpressivo.

— Não. Não, estou bem. — Por um momento, a Curadora a encarara através de uma máscara transparente de seu próprio rosto, uma máscara que parecia gritar. — Posso entrar agora, Leane Sedai?

Leane analisou a moça por mais um instante, depois inclinou a cabeça de um jeito brusco, indicando a câmara interna.

— Entre logo.

O pulo que Min deu para obedecê-la teria satisfeito até a capataz mais rígida.

O gabinete do Trono de Amyrlin fora ocupado por muitas mulheres importantes e poderosas ao longo dos séculos, e lembretes disso preenchiam o cômodo, desde a comprida lareira de Kandor, no momento apagada, toda de mármore dourado, até as paredes com painéis de madeira clara raiadas, duras como ferro, entalhadas com imagens de bestas magníficas e pássaros plumados. Os painéis haviam sido trazidos das misteriosas terras para além do Deserto Aiel havia mais de mil anos, e a lareira tinha o dobro da idade. A pedra vermelha polida no piso viera das Montanhas da Névoa. Compridas janelas em arco levavam a uma varanda. A pedra iridescente que as emoldurava brilhava como pérola, recuperada dos resquícios de uma cidade naufragada no Mar das Tempestades com a Ruptura do Mundo, e ninguém jamais vira qualquer coisa parecida.

No entanto, Siuan Sanche, a ocupante atual, era filha de pescadores de Tear, e a mobília que escolhera era simples, ainda que bem-acabada e muito lustrosa. A mulher estava sentada em uma cadeira robusta atrás de uma mesa tão simples que não se destacaria em uma casa de fazenda. A única outra cadeira do recinto, tão humilde quanto a primeira, ficava sempre em um dos cantos, mas no momento diante da mesa, por cima de um tapete taireno pequeno e simples, todo em tons de azul, marrom e dourado. Meia dúzia de livros jaziam abertos nos altos suportes de leitura pela sala. Isso era tudo. Um desenho fora pendurado acima da lareira: pequeninos barcos de pesca navegando por entre juncos nas Garras do Dragão, como o barco de seu pai.

À primeira vista, apesar das feições plácidas de Aes Sedai, a própria Siuan Sanche parecia tão simples quanto a mobília. Também era robusta, tinha uma beleza mais masculina e o único ornamento que usava era a larga estola do Trono de Amyrlin, com uma faixa colorida para cada uma das sete Ajahs. Sua idade era indefinida, assim como a de qualquer Aes Sedai: não havia sequer a sombra de um fio grisalho em seus cabelos negros. Mas os penetrantes olhos azuis pareciam não tolerar tolices, e o maxilar firme revelava a determinação da mulher mais jovem a ser escolhida Trono de Amyrlin. Por mais de dez anos, Siuan Sanche fora capaz de convocar governantes e outras pessoas de poder, e todos sempre vinham, por

mais que odiassem a Torre Branca e temessem as Aes Sedai.

Enquanto a Amyrlin dava a volta na mesa, Min depositou a trouxa e começou a fazer uma estranha mesura, resmungando entre dentes, irritada por ter de fazê-lo. Não que desejasse faltar com o respeito — isso sequer passava pela cabeça de alguém diante de uma mulher como Siuan Sanche — mas sua reverência costumeira pareceria tola em um vestido, e ela tinha apenas uma leve ideia de como fazer uma mesura.

Meio agachada, com as saias abertas entre as mãos, ela congelou como um sapo de cócoras. Siuan Sanche estava ali parada, majestosa como qualquer rainha, mas por um instante também jazia no chão, nua. Além da ausência de roupas, havia algo de estranho na imagem, que desapareceu antes de Min conseguir entender o quê. Uma das visões mais fortes que já tivera, e ela não fazia ideia de seu significado.

— Tendo mais visões, é? — perguntou a Amyrlin. — Bem, eu com certeza posso fazer bom uso dessa sua habilidade. Poderia ter me valido dela todos os meses em que você esteve longe. Mas não vamos falar disso. O que está feito está feito. Há de ser o que a Roda tecer. — Ela deu um sorriso tenso. — Mas, se fugir de novo, arranco seu couro para fazer luvas. Levante-se, garota. Em um único mês, Leane já me impõe formalidades o bastante para durar um ano inteiro de qualquer mulher sensata. Não tenho tempo para isso. Não hoje em dia. Agora, o que foi que você acabou de ver?

Min se endireitou devagar. Era um alívio estar outra vez diante de alguém que sabia sobre seu dom, mesmo que fosse o Trono de Amyrlin em pessoa. Ela não precisava esconder o que via daquela mulher. Longe disso.

— A senhora estava… A senhora não estava usando roupas. Eu… Eu não sei o que isso significa, Mãe.

Siuan soltou uma risada curta e desconsolada.

— Com certeza quer dizer que vou arranjar um amante. Mas também não tenho tempo para isso. Não há tempo para paquerar homens quando se está ocupada tirando água do barco com um balde.

— Pode ser — respondeu Min devagar. Poderia significar aquilo, mas ela duvidava. — Eu simplesmente não sei. Mas, Mãe, ando vendo coisas desde que cheguei à Torre. Algo ruim vai acontecer, algo terrível.

Ela começou a falar com a Aes Sedai no hall de entrada e contou tudo o que vira, bem como o que cada coisa significava, pelo menos quando sabia. Entretanto, omitiu o que Gawyn dissera, ou pelo menos a maior parte: não faria sentido mandá-lo não irritar a Amyrlin se ela fizesse isso por ele. O restante, revelou da forma sombria como havia visto. Ao trazer tudo à tona e se deparar com as visões outra vez, um

pouco de seu medo retornou. Antes mesmo de terminar, sua voz falhava.

A expressão da Amyrlin não se alterou.

— Então você falou com o jovem Gawyn — comentou, quando Min terminou o relato. — Bem, acho que posso convencê-lo a ficar de boca fechada. E, se bem me lembro de Sahra, a garota poderia fazer bom uso de um tempo de trabalho no campo. Ela não vai espalhar fofocas enquanto trabalha pesado em uma plantação.

— Eu não entendo — retrucou Min. — Por que é que Gawyn tem que ficar de boca fechada? A respeito de quê? Não contei nada a ele. E Sahra…? Mãe, talvez eu não esteja sendo muito clara. Aes Sedai e Guardiões vão morrer. Isso só pode significar uma batalha. E, a não ser que a senhora envie um monte de Aes Sedai e Guardiões… e servos, também vi servos mortos e feridos… A menos que a senhora faça isso, a batalha acontecerá aqui! Em Tar Valon!

— Você viu isso? — inquiriu a Amyrlin. — Uma batalha? Enxergou isso com esse seu… dom, ou é apenas suposição?

— O que mais poderia ser? Pelo menos quatro Aes Sedai estão à beira da morte. Mãe, vi apenas nove de vocês desde que voltei, e quatro vão morrer! E os Guardiões… o que mais poderia ser?

— Mais coisas do que eu gostaria de imaginar — respondeu Siuan, taciturna. — Quando? Quanto tempo temos antes que… *isso*… aconteça?

Min balançou a cabeça.

— Eu não sei. A maior parte ocorrerá em um período de um dia, talvez dois, mas pode ser amanhã, ou daqui a um ano. Ou dez.

— Vamos rezar para que sejam daqui a dez. Se acontecer amanhã, não há muito que eu possa fazer para impedir.

Min fez uma careta. Apenas duas Aes Sedai além de Siuan Sanche sabiam sobre o que ela era capaz de fazer: Moiraine e Verin Mathwin, que tentara estudar seu dom. Ninguém entendia mais do que ela como a coisa funcionava, só sabiam que nada tinha a ver com o Poder. Talvez fosse por isso que apenas Moiraine parecia capaz de aceitar o fato de que, quando Min sabia o que uma visão significava, a visão acontecia.

— Talvez sejam os Mantos-brancos, Mãe. Eles estavam por toda Alindaer, quando cruzei a ponte. — Não acreditava que os Filhos da Luz tivessem qualquer coisa a ver com o que estava por vir, mas sentia-se relutante em afirmar no que de fato acreditava. Acreditava, mas não sabia. Mesmo assim, era ruim o bastante.

No entanto, a Amyrlin já começara a balançar a cabeça antes mesmo de ela terminar.

— Eles tentariam algo se pudessem, não tenho dúvidas. Adorariam atacar a Torre. Mas Eamon Valda não vai agir sem ordens

claras do Senhor Capitão Comandante, e Pedron Niall não vai atacar sem ter certeza de que estamos fragilizadas. Ele conhece nossa força bem demais para dar uma de bobo. Os Mantos-brancos agiram dessa forma por mil anos. São como lúcios à espreita nos juncos, ansiando por sangue Aes Sedai na água. Mas nós ainda não deixamos cair uma gota sequer, nem deixaremos, se eu puder evitar.

— Mas, se Valda tentasse algo por conta própria…

Siuan a interrompeu.

— Ele não tem mais de quinhentos homens perto de Tar Valon, garota. Mandou o restante embora semanas atrás para arrumar problemas em outro canto. As Muralhas Reluzentes resistiram aos Aiel. E a Artur Asa-de-gavião. Valda nunca invadiria Tar Valon, a não ser que a cidade já estivesse ruindo por dentro. — Ela prosseguiu, sem alterar o tom: — Você quer que eu acredite que o problema partirá dos Mantos-brancos. Por quê? — Não havia delicadeza em sua voz.

— Porque *eu* quero acreditar nisso — resmungou Min. Ela umedeceu os lábios e proferiu as palavras que não queria dizer. — A coleira prateada que eu vi numa das Aes Sedai. Mãe, parecia… Parecia uma das coleiras que… os Seanchan usam para… controlar as mulheres capazes de canalizar. — Sua voz foi morrendo enquanto a boca de Siuan se contorcia de desgosto.

— Imundícies — rosnou a Amyrlin. — Além disso, a maioria das pessoas não acredita em um quarto do que se diz sobre os Seanchan. Mas há mais riscos com os Mantos-brancos. Se os Seanchan atracarem outra vez por aqui, um pombo virá me avisar em poucos dias, e Tar Valon fica muito distante do mar. Se eles reaparecerem, receberei muitos avisos. Não, acho que você viu algo muito pior que os Seanchan. Temo que só possa ser a Ajah Negra. São poucas de nós que sabem a respeito delas, e não gosto de pensar no que acontecerá quando a história se espalhar, mas elas são a maior ameaça à Torre, no momento.

Min percebeu que apertava a saia com tanta força que sentia dor na mão. A boca estava completamente seca. A Torre Branca sempre negara a existência de uma Ajah oculta, dedicada ao Tenebroso. A melhor maneira de irritar uma Aes Sedai era mencionar uma coisa dessas. O fato de a própria Amyrlin falar sobre a Ajah Negra de forma tão natural fez Min gelar.

A Amyrlin prosseguiu, como se não tivesse falado nada demais:

— Bem, você não viajou até aqui só para revelar essas visões. Trouxe algum recado de Moiraine? Fiquei sabendo do caos, para dizer o mínimo, que se espalha de Arad Doman a Tarabon. — De fato, aquilo era o mínimo: os homens que apoiavam o Dragão Renascido lutavam contra os que se opunham a ele, e os dois países haviam entrado em guerra civil ao mesmo tempo em que lutavam entre si pelo

domínio da Planície de Almoth. O tom de Siuan reduzia tudo aquilo a um detalhe. — Mas já faz meses que não ouço notícias de Rand al'Thor. Ele é o foco disso tudo. Onde é que ele está? O que é que Moiraine o mandou fazer? Sente-se, garota. Sente-se.

Ela apontou para a cadeira diante da mesa.

Min se aproximou da cadeira com as pernas bambas e quase desabou nela. *A Ajah Negra! Ah, Luz!* Aes Sedai deveriam ser representantes da Luz. Ainda que não confiasse muito nelas, isso era verdade. As Aes Sedai e todo o poder que tinham eram empenhados em defesa da Luz, combatendo a Sombra. No entanto, isso já não era verdade. Ela mal ouviu a si mesma dizendo:

— Ele está indo para Tear.

— Tear! É *Callandor*, então. Moiraine quer que ele tire a Espada Que Não Pode Ser Tocada da Pedra de Tear. Juro que vou pendurar essa mulher no sol e fazer carne-seca com o couro dela! Vou fazê-la desejar ser noviça outra vez! Ele ainda não está pronto para isso!

— Não foi… — Min fez uma pausa para limpar a garganta. — Não foi Moiraine quem mandou. Rand saiu sozinho no meio da noite. Os outros foram atrás dele, e Moiraine me enviou para avisar à senhora. Pode ser que, a essa altura, eles já estejam em Tear. Até onde sei, pode ser que ele já esteja com *Callandor* nas mãos.

— Que o queime! — vociferou Siuan. — Ele pode estar morto, a essa altura! Queria que ele jamais tivesse ouvido sequer uma palavra das Profecias do Dragão. Se eu pudesse impedi-lo de ouvir mais alguma, impediria.

— Mas ele não precisa cumprir as Profecias? Não estou entendendo.

A Amyrlin inclinou-se na mesa, exaurida.

— Como se alguém entendesse a maioria delas! Não são as Profecias que fazem dele o Dragão Renascido, basta que ele próprio reconheça isso. E, se ele foi atrás de *Callandor*, deve ter reconhecido. As Profecias servem para anunciar ao mundo quem ele é, para prepará-lo para o que está por vir, e também preparar o mundo. Se Moiraine conseguir manter algum controle sobre ele, vai guiá-lo em direção às Profecias das quais temos certeza, mas só quando ele estiver pronto para enfrentá-las! No mais, confiamos que o que ele faz seja suficiente. Esperamos. Até onde eu sei, ele já cumpriu Profecias que nenhum de nós é capaz de compreender. Queira a Luz que isso seja o bastante.

— Então você quer mesmo controlá-lo. Ele disse que vocês duas tentariam usá-lo, mas é a primeira vez que a ouço admitir. — Min sentiu um calafrio. Irritada, acrescentou: — Vocês não têm feito um bom trabalho em relação a isso.

O cansaço de Siuan pareceu desaparecer de seus ombros. Ela se

endireitou e continuou olhando para Min.

— Seria sábio da sua parte desejar que conseguíssemos. Você acha que poderíamos simplesmente deixar Rand à solta? Teimoso, cabeça-dura, destreinado, despreparado, talvez até começando a enlouquecer. Acha que poderíamos confiar a vida dele ao Padrão, ao seu próprio *destino*, como em alguma história? Isso não é uma história, e ele não é nenhum herói invencível. Se sua trama for removida do Padrão, a Roda do Tempo não dará por falta dele, e o Criador não fará nenhum milagre para nos salvar. Se Moiraine não for capaz de içar velas e freá-lo, ele pode acabar se matando, e o que será de nós? O que será do mundo? A prisão do Tenebroso está enfraquecendo. Ele *vai* tocar o mundo outra vez, é apenas questão de tempo. Se Rand al'Thor não estiver aqui para enfrentá-lo na Última Batalha, se esse rapaz tolo e teimoso acabar se matando primeiro, o mundo estará condenado. A Guerra do Poder acontecerá outra vez, mas sem Lews Therin e seus Cem Companheiros. Depois, fogo e sombras, para sempre. — Ela parou de falar de repente, olhando para o rosto de Min. — Então é assim que o vento sopra, não é? Você e Rand. Não esperava por isso.

Min balançou a cabeça vigorosamente, sentindo as bochechas ficarem vermelhas.

— É claro que não! Eu estava… É a Última Batalha. E o Tenebroso. Luz, só pensar no Tenebroso à solta deve ser o bastante para gelar um Guardião. E a Ajah Negra…

— Não tente disfarçar — interrompeu a Amyrlin com rispidez. — Acha que é a primeira vez que eu vejo uma mulher temendo pela vida de seu homem? É melhor você admitir logo.

Min se remexeu na cadeira. Os olhos de Siuan a encaravam, mordazes, astutos e impacientes.

— Está bem — murmurou, por fim. — Vou contar tudo à senhora, o que fará muito bem a nós duas. Da primeira vez que vi Rand, pude enxergar os rostos de três mulheres, e um deles era o meu. Eu nunca vira nada a meu respeito antes, e isso não se repetiu, mas na mesma hora soube o significado. Eu me apaixonaria por ele. Nós três nos apaixonaríamos.

— Três. As outras duas. Quem são?

Min abriu um sorriso amargo.

— Os rostos estavam embaçados. Não sei quem são.

— E nada indica que ele vai corresponder a esse amor?

— Nada! Ele nunca olhou para mim direito. Acho que me vê como… Como uma *irmã*. Então não pense que pode me usar para segurar as rédeas dele, porque não vai funcionar!

— Mas você o ama.

— Eu não tenho escolha. — Min tentou suavizar o tom

emburrado da voz. — Tentei tratar essa história como uma brincadeira, mas já não consigo rir. A senhora pode não acreditar em mim, mas quando sei o que uma coisa significa, essa coisa acontece.

A Amyrlin tamborilou os dedos nos lábios e observou Min, contemplativa.

Aquele olhar era preocupante. Min não tivera a intenção de se expor ao ridículo ou de revelar tanto. Não contara tudo, mas sabia que, àquela altura, já deveria ter aprendido a não dar qualquer vantagem a uma Aes Sedai, ainda que não fosse capaz de entender como ela a usaria. Aes Sedai eram peritas em encontrar usos para as informações que tinham.

— Mãe, dei o recado de Moiraine e contei tudo o que sei sobre o significado das minhas visões. Não há motivo para eu não poder vestir minhas roupas e ir embora.

— Vai para onde?

— Tear. — Depois de falar com Gawyn, de tentar garantir que ele não faria nada estúpido. Desejou ter a coragem de perguntar aonde Egwene e as outras duas tinham ido, mas, se a Amyrlin não contara ao irmão de Elayne, era pouco provável que contasse a ela. E Siuan Sanche ainda tinha aquele peso no olhar. — Ou aonde Rand estiver. Posso estar agindo como uma idiota, mas não sou a primeira a fazer isso por um homem.

— Mas é a primeira a agir como idiota por causa do Dragão Renascido. Será perigoso ficar perto de Rand al'Thor depois que o mundo descobrir quem e o que ele é. E, se ele estiver de posse de *Callandor*, o mundo muito em breve descobrirá. Metade vai querer matá-lo de qualquer modo, como se isso pudesse impedir a Última Batalha, impedir a libertação do Tenebroso. Muitos morrerão ao lado dele. Pode ser melhor que você fique aqui.

A Amyrlin soava solidária, mas Min achou que fosse falso. Não acreditava que Siuan Sanche fosse capaz de solidariedade.

— Vou correr o risco, talvez eu possa ajudá-lo. Com as minhas visões. Não é como se a Torre fosse assim tão mais segura, não enquanto ainda houver irmãs Vermelhas por aqui. Quando virem um homem capaz de canalizar, esquecerão a Última Batalha e as Profecias do Dragão.

— Muitos outros farão o mesmo — interrompeu Siuan, calma. — É difícil abandonar antigos pontos de vista, para todo mundo, inclusive para as Aes Sedai.

Min lançou um olhar intrigado à mulher. Ela parecia estar tomando seu lado.

— Não é segredo que sou amiga de Egwene e Nynaeve, e também não é segredo que elas são da mesma aldeia de Rand. Para a Ajah Vermelha, isso já será suficiente. Quando a Torre descobrir o que ele

é, provavelmente serei presa no mesmo dia. Assim como Egwene e Nynaeve, se a senhora não as tiver escondido em algum lugar.

— Então você não pode ser reconhecida. Não se pega um peixe capaz de ver a rede. Sugiro que deixe de usar os casacos e calças por um tempo. — A Amyrlin deu um sorriso que parecia o de um gato para um rato.

— E qual é o peixe que a senhora espera capturar comigo de isca? — perguntou Min, a voz fraca.

Achava que sabia e desejou desesperadamente estar errada.

Seu desejo não impediu as palavras da Amyrlin:

— A Ajah Negra. Treze delas fugiram, mas temo que algumas tenham ficado. Não sei em quem posso confiar. Por um tempo, não confiei em ninguém. Você não é Amiga das Trevas, sei disso, e esse seu dom pode ser de alguma ajuda. Na pior das hipóteses, você seria apenas mais um par de olhos confiáveis.

— A senhora estava planejando isso desde a hora em que eu entrei, não é mesmo? É por isso que quer manter Gawyn e Sahra quietos. — A raiva crescia dentro de Min como vapor em uma chaleira. A mulher dizia "sapo" e esperava que os outros saíssem pulando. E o fato de isso geralmente acontecer só piorava as coisas. Ela não era um sapo, não era uma marionete dançante. — Foi isso o que a senhora fez com Egwene, Elayne e Nynaeve? Mandou as três atrás da Ajah Negra? Não duvido nada!

— Cuide das suas próprias redes, criança, e deixe as garotas cuidarem das delas. No que lhe diz respeito, elas estão cumprindo pena numa fazenda. Fui clara?

Aquele olhar inabalável fez Min se remexer na cadeira. Era fácil desafiar a Amyrlin — até ela começar a encarar com aqueles olhos azuis, frios e penetrantes.

— Sim, Mãe. — A submissão em seu tom de voz lhe causou um certo rancor, mas bastou um olhar para a Amyrlin se convencer a não levar aquilo adiante. Ela puxou a lã delicada do vestido. — Acho que não vou morrer se usar isso aqui por mais algum tempo.

De súbito, Siuan pareceu bem contente. Min sentiu os pelos do pescoço se eriçarem.

— Temo que não seja suficiente. Min de vestido ainda é Min de vestido, para quem observar com atenção. Não dá para você passar o tempo todo com o capuz levantado. Não, é preciso mudar tudo o que for possível. Em primeiro lugar, você continuará a atender por Elmindreda. Afinal de contas, esse é o seu nome. — Min estremeceu. — Seus cabelos estão quase do tamanho dos de Leane, o que é um bom comprimento para fazer cachos. Quanto ao resto… Eu nunca gostei de rouge, pó e pintura, mas Leane ainda se lembra de como usá-los.

Os olhos de Min se arregalavam a cada palavra, desde a menção dos cachos.

— Ah, não — soltou, espantada.

— Ninguém vai confundi-la com a Min que usa calças depois que Leane transformá-la em uma perfeita Elmindreda.

— Ah, NÃO!

— Quanto ao motivo pelo qual você permanecerá na Torre… precisamos de algo adequado a uma mocinha tola que em nada se parece ou age como Min. — A Amyrlin franziu a testa, pensativa, ignorando os esforços de Min para interrompê-la. — Sim. Vou deixar correr a notícia de que a Senhorita Elmindreda conseguiu encorajar os avanços de dois pretendentes a tal ponto que precisará se esconder dos rapazes aqui na Torre até conseguir decidir qual prefere. Algumas poucas mulheres ainda pedem abrigo todos os anos, e às vezes por razões tão bobas quanto essa. — Seu rosto ficou sério, e os olhos se aguçaram. — Se ainda estiver pensando em Tear, reconsidere. Considere se será mais útil a Rand lá, ou aqui. Se a Ajah Negra destruir a Torre, ou pior, tomar o controle, ele perderá até a pouca ajuda que posso dar. Você é uma mulher, ou uma garotinha apaixonada?

Sem escapatória. Min podia ver claramente a corrente em sua perna.

— A senhora sempre consegue convencer os outros, Mãe?

Dessa vez, o sorriso da Amyrlin saiu ainda mais frio.

— Quase sempre, criança. Quase sempre.

Mexendo no xale de franjas vermelhas, Elaida encarava, pensativa, a porta do gabinete da Amyrlin, pelo qual as duas jovens haviam desparecido. A noviça reapareceu quase no mesmo instante, olhou para a Aes Sedai e baliu como uma ovelha assustada. Elaida pensou tê-la reconhecido, embora não conseguisse lembrar o nome da garota. Tinha coisas mais importantes a fazer do que ensinar crianças imprestáveis.

— Seu nome?

— Sahra, Elaida Sedai. — A resposta da garota saiu em um guincho aflito. Elaida podia não ter interesse nas noviças, mas as garotas conheciam a Aes Sedai e sua reputação.

Então ela se lembrou da garota. Uma avoada com habilidade medíocre que jamais teria poder real. Era difícil que ela soubesse qualquer coisa além do que Elaida já vira e ouvira — ou que se lembrasse de algo além do sorriso de Gawyn, para dizer a verdade. Uma tola. Elaida a dispensou com um gesto.

A garota se curvou em uma mesura tão profunda que seu rosto quase tocou os azulejos do chão, depois saiu em disparada.

Elaida não a viu partir. A irmã Vermelha já dera as costas, esquecendo a noviça. Enquanto seguia pelo corredor, o rosto plácido não exibia uma linha sequer, mas os pensamentos fervilhavam. Ela sequer notara as serviçais, noviças e Aceitas que desviavam de seu caminho, inclinando-se em mesuras ao vê-la passar. Em dado momento, quase trombou com uma irmã Marrom que andava com a cara enfiada em um monte de anotações. A Marrom roliça deu um pulo para trás, soltando um ganido assustado que Elaida mal ouviu.

Com ou sem vestido, ela conhecia a jovem que entrara para ver a Amyrlin. Era Min, que, por alguma razão misteriosa, passara muito tempo com a Amyrlin na primeira visita que fizera à Torre. Min, muito amiga de Elayne, Egwene e Nynaeve. A Amyrlin estava escondendo o paradeiro daquelas três. Elaida tinha certeza. Todas as informações de que estavam cumprindo pena em uma fazenda haviam passado por três ou quatro bocas desde Siuan Sanche, distância mais do que suficiente para encobrir qualquer mentira. Sem mencionar o fato de que todos os seus consideráveis esforços para encontrar essa fazenda haviam sido em vão.

— Que a Luz a queime!

Por um instante, a raiva estampou seu rosto. Ela não sabia ao certo se falava de Siuan Sanche ou da Filha-herdeira. Qualquer uma serviria. Uma Aceita esguia ouviu suas palavras e a encarou, tão branca quanto o vestido que usava. Elaida continuou avançando a passos largos, sem nem reparar na jovem.

Além de tudo, estava furiosa por não conseguir encontrar Elayne. Ela às vezes tinha a capacidade de prever eventos futuros. Apesar de fracas e eventuais, as Previsões ainda eram mais do que qualquer Aes Sedai fizera nesse quesito desde Gitara Moroso, que morrera havia vinte anos. A primeira Previsão de Elaida — quando ainda era Aceita e já sabia o bastante para manter a discrição — fora que a Linhagem Real de Andor seria a chave para derrotar o Tenebroso na Última Batalha. Procurara uma posição próxima de Morgase assim que ficou claro que ela subiria ao Trono, e construíra sua influência com muita paciência, ano após ano. Agora, tanto esforço e sacrifício — poderia ter sido Amyrlin, se não tivesse concentrado todas as energias em Andor — talvez acabassem em nada, pois Elayne estava desparecida.

Com dificuldade, voltou a pensar no que era importante naquele momento. Egwene e Nynaeve pertenciam à mesma aldeia que aquele rapaz estranho, Rand al'Thor. E Min também o conhecia, por mais que tivesse tentado esconder o fato. Rand al'Thor estava no centro de tudo.

Elaida só vira uma vez o suposto pastor de Dois Rios, distrito de Andor, que tinha feições idênticas às de um Aiel. A Previsão viera logo que pusera os olhos no rapaz. Ele era *ta'veren*, um dos raros indivíduos

que, em vez de serem tecidos no Padrão conforme a escolha da Roda do Tempo, forçavam o Padrão a se moldar em torno deles, pelo menos por um tempo. Elaida vira, ao redor de Rand, um turbilhão de caos, que incluía briga e cisão em Andor e talvez em outros pontos do mundo. Andor precisava ser mantida intacta, não importava o que acontecesse. Sua primeira Previsão a convencera disso.

Havia mais tramas, o suficiente para capturar Siuan em sua própria rede. Se os rumores fossem verdadeiros, havia três *ta'veren*, não um. Todos da mesma aldeia, o tal Campo de Emond, e todos da mesma idade, o que era estranho o bastante para gerar falatório dentro da Torre. Na viagem de Siuan até Shienar, quase um ano antes, vira a todos e até falara com eles. Rand al'Thor. Perrin Aybara. Matrim Cauthon. Diziam que era mera coincidência. Apenas um acaso fortuito. Era o que diziam. Os que afirmavam isso não sabiam tanto quanto Elaida.

Quando Elaida viu o jovem, al'Thor estava acompanhado de Moiraine, que o levara embora de sua aldeia. Moiraine o escoltara, junto com os outros dois *ta'veren,* até Shienar. Moiraine Damodred, que fora melhor amiga de Siuan Sanche quando as duas eram noviças. Se Elaida fosse o tipo de pessoa que faz apostas, teria apostado que mais ninguém na Torre se lembrava daquela amizade. No dia em que as duas foram elevadas a Aes Sedai, no fim da Guerra dos Aiel, Siuan e Moiraine se afastaram e começaram a se comportar quase como estranhas. Porém, Elaida fora uma das Aceitas acima delas, quando noviças. Como bem lembrava, ensinara lições e punira as duas pela indolência com as tarefas. Mal podia acreditar que a trama das duas tivesse começado tanto tempo antes — al'Thor não devia ter nascido muito antes disso — mas esse era o último elo que ligava a todos. Para ela, era o bastante.

Fosse lá o que Siuan estivesse aprontando, precisava ser impedido. Desordem e caos se multiplicavam por todos os cantos. Era certo que o Tenebroso se libertaria — só de pensar, Elaida estremeceu e fechou um pouco mais o xale que a envolvia — e a Torre teria de manter distância das contendas mundanas para conseguir enfrentá-lo. A Torre teria de estar livre para puxar os cordéis que manteriam as nações unidas, livre dos problemas que Rand al'Thor pudesse causar. De alguma forma, era preciso impedi-lo de destruir Andor.

Ela não contara a ninguém o que sabia sobre al'Thor. Pretendia lidar com ele sem alarde, se fosse possível. O Salão da Torre já se manifestara a respeito de observar e até guiar esses *ta'veren*. Ninguém concordaria em se livrar deles, nem desse em particular, como era preciso fazer. Pelo bem da Torre. Pelo bem do mundo.

Ela fez um som com a garganta que soou muito próximo de um rosnado. Siuan sempre fora teimosa, mesmo quando noviça, sempre se

considerara muito importante para a filha de um humilde pescador, mas como ela poderia ser tola a ponto de envolver a Torre naquilo sem informar ao Salão? A Amyrlin sabia, tanto quanto qualquer um, o que estava por vir. A única forma de tudo piorar seria se…

Elaida parou de repente, encarando o nada. Seria possível que esse Rand al'Thor fosse capaz de canalizar? Ou que algum dos outros o fizesse? Era mais provável que fosse al'Thor. Não. Com certeza não era isso. Nem mesmo Siuan tocaria um homem desses. Ela não poderia.

— E quem é que sabe o que essa mulher é capaz de fazer? — resmungou. — Ela nunca foi digna de ser Trono de Amyrlin.

— Falando sozinha, Elaida? Sei que vocês, Vermelhas, não têm amigos fora da própria Ajah, mas deve haver alguém de lá com quem você possa conversar.

Elaida virou a cabeça para responder a Alviarin. A Aes Sedai com pescoço de cisne a encarou com a frieza insuportável que era marca da Ajah Branca. Não havia muito amor entre Vermelhas e Brancas, havia mil anos as Ajahs ocupavam lados opostos do Salão da Torre. As Brancas apoiavam as Azuis, e Siuan fora uma Azul. Mas as Brancas se orgulhavam de sua impassível sensatez.

— Me acompanhe — pediu Elaida.

Alviarin hesitou antes de se pôr ao lado dela.

A princípio, a irmã Branca arqueou a sobrancelha afrontosa ao que Elaida tinha a dizer em relação a Siuan, mas, antes do fim da conversa, já ostentava o cenho franzido em concentração.

— Você não tem como provar qualquer coisa… imprópria — disse, quando Elaida enfim se calou.

— Por enquanto, não — respondeu Elaida, com firmeza.

Quando Alviarin assentiu, ela se permitiu abrir um sorriso tenso. Era um começo. De um jeito ou de outro, Siuan seria detida antes de conseguir destruir a Torre.

Bem escondido entre um grupo de folhas-de-couro acima da margem norte do Rio Taren, Dain Bornhald jogou o manto branco para trás, o sol dourado e flamejante estampado no peito, e ergueu o rígido tubo de couro da luneta até o olho. Uma nuvem de pequenos picadinhas zuniu ao seu redor, mas ele os ignorou. Na aldeia de Barca do Taren, do outro lado do rio, era possível ver as compridas casas de pedra erguidas sobre fundações altas, como proteção contra as cheias que ocorriam toda primavera. Os aldeões, debruçados nas janelas ou parados no pé das escadas, observavam os trinta cavaleiros de mantos brancos em seus cavalos, em reluzentes placas e malhas. Uma delegação de homens e mulheres da aldeia estava se reunindo com os cavaleiros. Ou melhor, estavam escutando Jaret Byar, pelo que Bornhald podia ver, o que era muito melhor.

Bornhald quase podia ouvir a voz do pai. *Deixe que eles pensem que há uma chance, e algum tolo tentará arriscar. Então haverá mortes, outro tolo tentará vingar o primeiro e haverá mais mortes. Incuta neles, desde o primeiro momento, o temor à Luz, deixe que saibam que ninguém será ferido se todos seguirem as ordens, então não terá problemas.*

Enrijeceu o maxilar ao lembrar do pai, já morto. Ele faria algo a respeito, e em breve. Estava certo de que apenas Byar sabia por que ele não hesitara em aceitar o comando, por que concentrara os esforços em um distrito quase esquecido no interior de Andor, e Byar seguraria a língua. O homem se dedicara ao pai de Dain como um sabujo e transferira toda aquela lealdade a ele. Bornhald não hesitara em nomear Byar seu segundo em comando quando Eamon Valda lhe concedera a autoridade.

Byar virou o cavalo e seguiu de volta até a barca. Na mesma hora, os barqueiros a jogaram no rio e começaram a puxá-la por pesadas cordas lançadas sobre a água, que fluía depressa. Byar olhou de relance para os homens na corda. Eles lhe lançaram um olhar nervoso enquanto cruzavam a barca a passos pesados, depois trotaram de volta para pegar o cabo outra vez. Tudo parecia bem.

— Lorde Bornhald?

Bornhald baixou a luneta e virou a cabeça. O homem de rosto solene que surgira ao seu lado permanecia rígido, olhando à frente por baixo de um elmo cônico. Mesmo depois da difícil viagem desde Tar Valon — e Bornhald avançara cada milha com vigor — a armadura dele brilhava com a mesma intensidade do manto alvo com o raio de sol dourado.

— Sim, Filho Ivon?

— O Centurião Farran foi quem me enviou, meu senhor. São os latoeiros. Ordeith estava falando com três deles, meu senhor, e agora os três desapareceram.

— Sangue e cinzas! — Bornhald deu meia-volta e retornou para o meio das árvores a passos pesados, com Ivon atrás de si.

Fora do alcance do rio, cavaleiros de mantos brancos aguardavam entre as folhas-de-couro e os pinheiros, as lanças erguidas com familiaridade displicente, ou descansando os arcos sobre os cepilhos das selas. Os cavalos batiam os cascos e remexiam os rabos com impaciência. Os cavaleiros esperavam de forma um pouco mais impassível. Não seria a primeira vez que cruzariam um rio para adentrar território estrangeiro, e dessa vez não haveria ninguém para impedi-los.

Em uma grande clareira depois dos homens montados havia uma caravana dos Tuatha'an, o Povo Errante. Latoeiros. Quase cem carroções puxados por cavalos, mais casinhas quadradas sobre rodas, formavam uma grotesca mistura de cores em vermelho, verde,

amarelo e todos os matizes imagináveis que apenas os olhos de um latoeiro poderiam apreciar. As roupas daquela gente faziam os carroções parecerem apagados. Eles permaneciam sentados no chão, em grupos, observando os cavaleiros de forma inquieta e ao mesmo tempo estranhamente serena. O choro de uma criança logo foi silenciado pela mãe. Ali perto, havia uma pilha de mastins mortos já rodeada de moscas zunindo. Latoeiros não erguiam a mão nem para defender a si próprios, e os cães não eram realmente ferozes, mas Bornhald não estava disposto a correr o risco.

Seis homens era tudo o que julgara necessário para vigiar os latoeiros. Mesmo de rostos rígidos, pareciam acanhados. Ninguém notara o sétimo homem a cavalo, parado perto dos carroções. Um homenzinho ossudo e de nariz pronunciado, vestido em um casaco cinza-escuro que, apesar de ser de corte fino, parecia grande demais para ele. Farran, um homem barbado que mais parecia um rochedo, mas de pés leves, apesar da altura e largura do dono, mantinha os olhos cravados em todos os sete. O centurião levou ao peito a mão protegida por uma manopla, mas deixou que Bornhald falasse.

— Uma palavra com o senhor, Mestre Ordeith — chamou Bornhald, baixinho. O homem ossudo inclinou a cabeça, encarando Bornhald por um longo instante antes de descer do cavalo. Farran grunhiu, mas Bornhald manteve a voz baixa. — Três dos latoeiros estão desaparecidos, Mestre Ordeith. Por acaso o senhor pôs sua própria sugestão em prática?

As primeiras palavras que saíram da boca de Ordeith, quando viu os latoeiros, haviam sido: “Matem todos. Não servem para nada.” Bornhald já matara sua cota de homens, mas jamais com a displicência que o homenzinho demonstrara.

Ordeith esfregou um dedo no largo nariz.

— Ora, por que eu os mataria? Ainda mais depois da sua reação à mera sugestão que fiz. — O sotaque de Lugard estava bem forte. Ele ia e vinha sem que o homem parecesse perceber, outra coisa a respeito do sujeito que inquietava Bornhald.

— Então o senhor permitiu que fugissem, não foi?

— Bem, quanto a isso, levei alguns deles para onde pudesse descobrir o que sabiam. Sem ser interrompido, compreende?

— E o que eles sabiam? O que de útil, sob a Luz, os latoeiros podem saber?

— Não há como sabermos sem perguntar, não é mesmo? — retrucou Ordeith. — Não machuquei muito nenhum deles. Depois mandei que retornassem aos carroções. Quem poderia pensar que os três teriam coragem de fugir com tantos dos seus homens por aí?

Bornhald percebeu que rangia os dentes. A ordem que recebera

fora de fazer o melhor tempo possível para chegar até esse sujeitinho estranho, que teria mais ordens para ele. Bornhald não apreciava nenhuma delas, embora as ordens portassem o selo e a assinatura de Pedron Niall, Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz.

Muita coisa ficara sem explicação, inclusive a posição de Ordeith. O homenzinho estava ali para aconselhar Bornhald, e Bornhald deveria cooperar com ele. Porém, era pouco claro se Ordeith estava sob seu comando, e ele não apreciava a insinuação de que deveria seguir os conselhos do sujeito. Até mesmo o motivo de enviar tantos Filhos àquele fim de mundo era vago. Descobrir Amigos das Trevas, naturalmente, e espalhar a Luz. Isso não era necessário dizer. No entanto, havia quase meia legião em solo andoriano sem permissão — o comando correria um risco enorme se a informação chegasse à Rainha, em Caemlyn. Era coisa demais para valer a pena, considerando as poucas respostas que Bornhald recebera.

Tudo sempre voltava a Ordeith. Bornhald não entendia como o Senhor Capitão Comandante podia confiar naquele sujeito cheio de sorrisos dissimulados, mau humor e encaradas arrogantes, que nunca deixavam claro com que tipo de homem se estava lidando. Sem mencionar o sotaque, que mudava bem no meio da frase. Os cinquenta Filhos que acompanhavam Ordeith eram os mais rabugentos e carrancudos que Bornhald já vira. Imaginou que o homenzinho devia tê-los escolhido a dedo, e a seleção de tipos tão soturnos revelava algo sobre o próprio homem. Até seu nome era amargo: Ordeith significava "amargura", na Língua Antiga. Ainda assim, Bornhald tinha as próprias razões para querer estar onde estava. Cooperaria com o homem, já que era obrigado. Mas apenas o mínimo necessário.

— Mestre Ordeith — disse, com uma firmeza cautelosa — esta barca é o único meio de entrada e saída do distrito de Dois Rios. — Aquilo não era bem verdade. Segundo o mapa que trazia, não havia outra forma de cruzar o Taren, e os limites superiores do Manetherendrelle, que margeavam a região ao sul, não tinham vaus. A leste, havia lamaçais e pântanos. Mesmo assim, deveria haver uma saída a oeste, cruzando as Montanhas da Névoa, embora o mapa terminasse na borda do trajeto. Só que seria uma travessia difícil, na melhor das hipóteses, e muitos de seus homens talvez não sobrevivessem, e ele não queria que Ordeith soubesse que havia essa possibilidade, mesmo que pequena. — Quando for a hora de partir, o senhor seguirá com os primeiros a cruzarem se eu vir algum soldado andoriano guardando esta margem. O senhor vai achar bem interessante ver em primeira mão a dificuldade de abrir caminho por um rio dessa largura, não é mesmo?

— Este é seu primeiro comando, não é? — A voz de Ordeith tinha um tom de zombaria. — Isto aqui pode fazer parte de Andor no mapa,

mas há gerações que Caemlyn não manda um coletor de impostos tão longe a oeste. Mesmo que abram o bico, quem é que acreditará em três latoeiros? Se o senhor pensa que o risco é muito grande, lembre-se do selo que está sob suas ordens.

Farran olhou para Bornhald, a mão já indo em direção à espada. Bornhald balançou a cabeça de leve, e Farran deixou a mão cair.

— Quero cruzar o rio, Mestre Ordeith. E cruzarei, mesmo que a próxima notícia que receber for a de que Gareth Bryne e a Guarda da Rainha chegarão aqui ao pôr do sol.

— É claro — retrucou Ordeith, parecendo tranquilo de repente. — Haverá tanta glória aqui quanto em Tar Valon, eu garanto. — Os olhos profundos e escuros do homem encararam a algo a distância, vitrificados. — Também há coisas que eu quero, em Tar Valon.

Bornhald balançou a cabeça. *E eu ainda tenho que cooperar com ele.*

Jaret Byar se aprumou e desceu de sua sela ao lado de Farran. Tão alto quanto o centurião, Byar era um homem de rosto comprido e olhos fundos e escuros. Parecia não haver um grama de gordura em seu corpo.

— A aldeia está segura, meu senhor. Lucellin está tomando precauções para que ninguém escape. Os aldeões quase borraram nas calças quando mencionei Amigos das Trevas. Não há nenhum na aldeia, pelo que disseram. E contaram que o povo mais ao sul simpatizava com eles.

— Mais ao sul, é? — retrucou Bornhald, bruscamente. — Veremos. Ponha trezentos para cruzar o rio, Byar. Farran vai primeiro. O resto segue depois que os latoeiros cruzarem. E certifique-se de que ninguém mais fuja, está bem?

— Vamos esquadrinhar Dois Rios — interrompeu Ordeith. O rosto estreito estava franzido, e bolhas de saliva saltavam dos lábios. — Vamos fustigá-los, açoitá-los e queimar suas almas! Eu prometi a ele! Ele virá a mim, agora! Virá!

Bornhald assentiu para que Byar e Farran executassem suas ordens. É um *louco*, pensou. *O Senhor Capitão Comandante me juntou a um homem louco. Mas pelo menos encontrarei o caminho até Perrin de Dois Rios. Vingarei meu pai, custe o que custar!*

De um terraço em colunata no topo de uma colina, a Grã-lady Suroth observava o vale da Enseada de Cantorin, amplo e irregular vale da Enseada de Cantorin. As laterais raspadas de sua cabeça formavam uma grande crista de cabelos negros, que caía por suas costas. Ela repousava as mãos com delicadeza em uma balaustrada de pedras lisas, tão brancas quanto o vestido imaculado com centenas de

pregas. O tamborilar distraído de seus dedos de unhas compridas — as duas primeiras de cada mão pintadas de azul — produziam leves cliques ritmados.

Uma leve brisa soprou no Oceano de Aryth, carregando em seu frescor mais do que um traço de sal. Duas moças ajoelhadas, encostadas na parede atrás da Grã-lady, mantinham a postos leques de plumas brancas, caso a brisa falhasse. Duas outras mulheres e quatro rapazes completavam a fileira de figuras acocoradas, prontas para servi-la. Descalços, todos os oito usavam robes finos, para agradar os sentidos estéticos da Grã-lady com os contornos harmoniosos de seus membros e a graça de seus movimentos. No momento, Suroth reparava tanto nos servos quanto alguém era capaz de reparar em mobílias.

Entretanto, observava os seis Guardas da Morte em cada um dos cantos da colunata, rijos como estátuas, as lanças ornadas com borlas negras e os escudos esmaltados de preto. Simbolizavam o triunfo e o perigo dela. A Guarda da Morte servia apenas à Imperatriz e a seus representantes escolhidos, e mataria ou morreria com o mesmo fervor, caso fosse necessário. Havia um ditado: "Nas alturas, os caminhos são pavimentados de adagas."

Ela tamborilava as unhas na balaustrada de pedra. Como era fino o fio da navalha por que caminhava.

Embarcações dos Atha'an Miere, o Povo do Mar, enchiam a enseada interna atrás do quebra-mar. Até a mais larga delas parecia estreita em relação ao comprimento. A posição dos anéis para cordames fazia as vergas e retrancas parecerem se inclinar em ângulos estranhos. Os deques estavam vazios, e as tripulações na costa montando guarda, assim como qualquer um daquelas ilhas que tivesse habilidade para velejar em alto mar. Havia inúmeros navios Seanchan, imensos e de proa larga, ancorados na entrada da enseada exterior. Um, com as velas estriadas infladas ao vento, escoltava um grupo de barquinhos de pesca de volta ao porto da ilha. Se a menor embarcação se dispersasse, alguns poderiam fugir, mas o navio Seanchan transportava uma *damane*, e a demonstração do poder de uma *damane* sufocava qualquer pensamento desse tipo. O navio do Povo do Mar ainda jazia em um atoleiro perto da entrada da enseada, mais parecendo um trambolho chamuscado.

Suroth não sabia por quanto tempo conseguiria evitar que o Povo do Mar dos outros cantos — e os malditos homens do continente — soubesse que possuía aquelas ilhas. *Terei tempo suficiente*, disse a si mesma. *Preciso ter tempo suficiente.*

Operara um milagre ao reunir a maioria das forças Seanchan depois do fracasso a que o Grão-lorde Turak as conduzira. Apenas algumas das embarcações que escaparam de Falme estava sob seu

controle, e nenhuma questionava seu direito de comandar *Hailene*, os Predecessores. Se o milagre se mantivesse, ninguém no continente suspeitaria de que estavam ali. Esperando para recuperar as terras que a Imperatriz os enviara para reivindicar, esperando *Corenne*, o Retorno. Seus agentes já haviam explorado o caminho. Não havia necessidade de retornar à Corte das Nove Luas e pedir desculpas à Imperatriz por uma falha que sequer fora dela.

A ideia de ter que pedir desculpas à Imperatriz a fez estremecer. Esse tipo de coisa era sempre humilhante, e costumava ser bem dolorosa, mas o que a fez estremecer foi a possibilidade de a morte lhe ser negada no fim, de ser forçada a seguir em frente como se nada tivesse acontecido, enquanto todos, plebeus ou do Sangue, saberiam de sua degradação. Um belo jovem serviçal surgiu a seu lado, trazendo um robe verde-claro trabalhado em brilhantes plumagens de pássaros-deleite. Ela estendeu os braços para pegar a vestimenta, dando ao homem a mesma atenção que daria a uma sujeirinha em sua sapatilha de veludo.

Para escapar daquelas desculpas, teria de tomar de volta o que fora perdido mil anos antes. E, para isso, teria de lidar com aquele homem que, segundo informações de seus agentes do continente, alegava ser o Dragão Renascido. *Se eu não encontrar uma forma de lidar com ele, o descontentamento da Imperatriz será o menor dos meus problemas.*

Virando-se com delicadeza, ela adentrou o amplo salão que fronteava o terraço, a parede externa toda de portas e janelas altas, para captar a brisa. A madeira pálida das paredes, macia e brilhosa como cetim a agradava. Mas ela removera as mobílias do antigo dono, o Atha'an Miere ex-governador de Cantorin, e as substituiu por algumas telas compridas, a maioria com retratos de pássaros ou flores. Duas eram diferentes. Uma exibia um grande gato malhado do Sen T'jore, uma fera do tamanho de um pônei. A outra, uma águia negra da montanha, o topete ereto como uma coroa clara, as asas de pontas brancas abertas em toda a extensão de sete pés. Tais telas eram consideradas vulgares, mas Suroth gostava de animais. Incapaz de transportar os seus pelo Oceano de Aryth, mandara fazer as telas para representar os dois favoritos. Nunca aceitara muito bem que algo lhe fosse recusado.

Três mulheres a aguardavam da mesma forma que as deixara: duas ajoelhadas e uma prostrada no chão vazio e polido, revestido com tacos de madeira clara e escura. As mulheres ajoelhadas usavam os vestidos azul-escuros de *sul'dam*, painéis vermelhos com raios bifurcados cor de prata bordados no peito e nas laterais das saias. Uma das duas, Alwhin, uma mulher de rosto fino e olhos azuis que emanava um brilho contínuo, tinha o lado esquerdo da cabeça

raspado. O restante dos cabelos pendia por sobre o ombro em uma trança castanho-clara.

Suroth contraiu os lábios por um breve instante ao notar a presença de Alwhin. Nunca houvera uma *sul'dam* elevada a *so'jhin*, os serviçais superiores hereditários do Sangue, muito menos a uma Voz do Sangue. Ainda assim, no caso de Alwhin, havia motivos. Alwhin sabia demais.

De todo modo, a atenção de Suroth estava voltada para a mulher prostrada com o rosto virado para o chão, toda vestida de cinza-escuro. O largo colar de metal prateado que circundava seu pescoço era unido por uma corrente a um bracelete do mesmo material no pulso da segunda *sul'dam*, Taisa. Com a coleira e a corrente, o *a'dam*, Taisa controlava a mulher de vestido cinza. E ela tinha de ser controlada. Era *damane*, uma mulher capaz de canalizar, o que quer dizer que era perigosa demais para andar à solta. As lembranças dos Exércitos da Noite ainda eram fortes na memória dos Seanchan, mesmo mil anos depois de sua destruição.

Os olhos de Suroth passaram, desconfortáveis, para as duas outras mulheres. Não confiava em nenhuma *sul'dam*, mas não tinha escolha. Ninguém mais era capaz de controlar as *damane*, e, sem as *damane*… a ideia era inconcebível. O poder dos Seanchan, todo o poder do Trono de Cristal, era decorrente do controle das *damane*. Para Suroth, havia coisas demais sobre as quais ela não tinha escolha. Como Alwhin, que a observava como se tivesse sido *so'jhin* a vida inteira. Não. Como se ela fosse do Sangue e estivesse ajoelhada por vontade própria.

— Pura. — A *damane* tivera outro nome quando era uma das odiosas Aes Sedai, antes de cair nas mãos dos Seanchan, mas Suroth não sabia que nome era, nem se importava. A mulher de vestido cinza ficou tensa, mas não ergueu a cabeça. Treiná-la fora especialmente difícil. — Vou perguntar outra vez, Pura. Como a Torre Branca controla este homem que se denomina o Dragão Renascido?

A *damane* moveu a cabeça um milímetro, o bastante para olhar assustada para Taisa. Se a resposta fosse desagradável, a *sul'dam* poderia fazê-la sentir dor sem sequer levantar um dedo, por meio do *a'dam*.

— A Torre não tentaria controlar um falso Dragão, Grã-lady — respondeu Pura, ofegante. — Iria capturá-lo e amansá-lo.

Taisa lançou um olhar indagativo e ultrajado à Grã-lady. A resposta desviara-se do inquérito de Suroth, talvez até insinuara que alguém do Sangue dissera uma mentira. Suroth balançou a cabeça de leve, um simples movimento de esguelha — não queria esperar a *damane* se recuperar da punição — e Taisa inclinou a cabeça, aquiescendo.

— Vou repetir, Pura, o que é que você sabe sobre essas Aes

Sedai… — Suroth contorceu a boca ao poluí-la com aquele nome. Alwhin soltou um grunhido de nojo. — Essas Aes Sedai estarem ajudando este homem? Estou avisando. Em Falme, nossos soldados enfrentaram mulheres da Torre, mulheres capazes de canalizar o Poder, então não tente negar.

— Pura… Pura não sabe, Grã-lady. — Havia urgência e incerteza na voz da *damane*. Ela lançou à Taisa outro olhar arregalado. Era claro o seu desespero para que acreditassem no que dizia. — Talvez… Talvez a Amyrlin, ou o Salão da Torre… Não, eles não fariam isso. Pura não sabe, Grã-lady.

— O homem pode canalizar — retrucou Suroth, asperamente. A mulher no chão soltou um gemido, embora já tivesse ouvido aquelas mesmas palavras da Grã-lady. Repeti-las fez o estômago de Suroth se revirar, mas ela não permitiu que o rosto revelasse como se sentia. Pouco do que acontecera em Falme fora obra de mulheres capazes de canalizar. *Damane* sentiam isso, e as *sul'dam* que usavam o bracelete sempre sabiam o que suas *damane* sentiam. O que significava que só podia ter sido obra daquele homem. Também significava que ele era incrivelmente poderoso. Tão poderoso que Suroth já se pegara imaginando, uma ou duas vezes, sempre com enjoo crescente, se ele de fato seria o Dragão Renascido. Não pode ser, disse a si mesma, com firmeza. De qualquer forma, não fazia diferença para seus planos. — É impossível acreditar que até mesmo a Torre Branca permitiria que um homem desses andasse à solta. Como é que elas o controlam?

A *damane* permaneceu ali, em silêncio, o rosto voltado para o chão, os ombros trêmulos, soluçante.

— Responda à Grã-lady! — ordenou Taisa, com rispidez.

A *sul'dam* não se mexeu, mas Pura ofegou e se encolheu, como se tivesse recebido uma pancada no quadril. Um golpe dado por meio do *a'dam*.

— P-Pura não s-sabe. — A *damane* estendeu a mão, hesitante, como se quisesse tocar o pé de Suroth. — Por favor. Pura aprendeu a obedecer. Pura fala somente a verdade. Por favor, não castigue Pura.

Suroth deu um passo atrás, plácida, sem deixar transparecer a irritação por ser forçada por uma *damane* a se deslocar, por quase ser tocada por uma mulher capaz de canalizar. Sentia necessidade de tomar banho, como se o toque de fato tivesse acontecido.

Taisa arregalou os olhos escuros, indignada com a afronta da *damane*. Suas bochechas estavam vermelhas de vergonha por ver aquilo acontecer enquanto portava o bracelete da mulher. Parecia dividida entre jogar-se ao lado da *damane* para implorar por perdão e punir a mulher ali mesmo, naquele instante. Alwhin a encarou com desprezo, os lábios apertados, cada linha do rosto afirmando que tais coisas não ocorriam quando ela portava o bracelete.

Suroth ergueu um dedo apenas um milímetro e fez um pequeno gesto que toda *so'jhin* conhecia desde a infância, um gesto simples de dispensa.

Alwhin hesitou ao interpretar o gesto, então tentou cobrir seu lapso voltando-se duramente contra Taisa.

— Tire essa… Essa criatura da frente da Grã-lady. E, depois que a punir, vá até Surela e diga a ela que controla seus fardos como se nunca tivesse usado o bracelete. Diga a ela que deverá ser…

Suroth calou a voz de Alwhin em sua mente. Não dera qualquer ordem além da dispensa, mas a briga entre *sul'dam* era insignificante. Desejou saber se Pura estava tentando esconder alguma coisa. Seus agentes haviam informado que as mulheres da Torre Branca não podiam mentir. Não fora possível forçar Pura a contar uma mentira sequer, como dizer que um cachecol branco era preto, mas isso ainda não era o bastante para tirar qualquer conclusão. Alguns poderiam aceitar as lágrimas da *damane*, os protestos de inaptidão, independente do que a *sul'dam* fizesse, mas nenhum desses seria escolhido para comandar o Retorno. Talvez ainda restasse alguma reserva de vontade àquela mulher, talvez ela fosse esperta o suficiente para tentar se valer da crença de ser incapaz de mentir. Nenhuma encolarada no continente era confiável e obediente, não como as *damane* trazidas pelos Seanchan. Nenhuma de fato aceitava o que era, como as *damane* dos Seanchan. Quem saberia dizer que segredos uma mulher que se denominava Aes Sedai seria capaz de guardar?

Não pela primeira vez, Suroth desejou possuir a outra Aes Sedai capturada na Ponta de Toman. Com duas para interrogar, teria mais chances de pescar mentiras e evasivas. Era um desejo inútil. A outra poderia muito bem estar morta, afogada no mar, ou exposta na Corte das Nove Luas. Alguns dos navios que Suroth falhara em reunir decerto haviam conseguido retornar pelo oceano, e um deles poderia muito bem estar levando a mulher.

Ela mesma enviara um navio com relatórios produzidos com muito cuidado, quase meio ano antes, assim que se estabilizara no comando dos Predecessores. O capitão e a tripulação vinham de famílias que serviam à dela desde que Luthair Paendrag se proclamara Imperador, quase mil anos antes. Despachar o navio fora uma aposta que Suroth fizera, pois a Imperatriz poderia mandar alguém de volta para tomar seu lugar. No entanto, não despachá-lo teria sido uma aposta ainda maior: apenas uma vitória completa e esmagadora poderia tê-la salvado. Talvez nem isso. Então a Imperatriz sabia sobre Falme, sobre o desastre de Turak e a intenção de Suroth de seguir adiante. Mas qual seria sua opinião, e o que ela estaria fazendo a respeito? Essa era uma preocupação maior do que qualquer *damane*, fosse lá o que a mulher tivesse sido antes de ser encolarada.

Ainda assim, o relatório não falava de tudo. O pior não podia ser confiado a mensageiro algum, por mais leal que fosse. Sairia dos lábios de Suroth direto para os ouvidos da Imperatriz, e Suroth penara para que assim fosse. Apenas quatro dos que conheciam o segredo ainda viviam, e dois deles não falariam com ninguém a respeito, não por vontade própria. *Apenas três mortes podem tornar esse segredo mais seguro.*

Suroth não percebeu que dissera a última frase em voz alta até Alwhin retrucar:

— E, mesmo assim, a Grã-lady precisa dos três vivos. — A mulher tinha uma postura apropriadamente servil, enganadora até nos olhos que tentavam vigiar qualquer movimento de Suroth. A voz também era servil. — Quem é que pode dizer, Grã-lady, o que a Imperatriz, que ela viva para sempre!, fará se descobrir que tentam omitir essa informação dela?

Em vez de responder, Suroth repetiu o pequeno gesto de dispensa. De novo, Alwhin hesitou — dessa vez só podia ser simples relutância em sair, aquela mulher se superava a cada instante! — então curvou-se em uma mesura profunda e retirou-se da presença de Suroth.

Com dificuldade, Suroth se acalmou. A *sul'dam* e as outras duas eram um problema que não poderia resolver naquele momento, mas a paciência era uma necessidade para o Sangue. Havia grandes chances de que aqueles que não a possuíam acabassem na Torre dos Corvos.

No terraço, serviçais ajoelhados inclinaram-se um milímetro, todos de prontidão quando ela reapareceu. Os soldados mantiveram a vigília para que ela não fosse perturbada. Suroth tomou seu lugar na balaustrada, olhando para o mar em direção ao continente, a centenas de milhas a leste.

Ser a bem-sucedida comandante dos Predecessores, aquela que daria início ao Retorno, traria muita honra. Talvez até fosse adotada pela família da Imperatriz, embora essa fosse uma honra que viria acompanhada de complicações. Ser também a captora daquele Dragão, falso ou verdadeiro, e saber como controlar aquele incrível poder…

Mas e se… Quando eu capturá-lo, devo entregá-lo nas mãos da Imperatriz? Essa é a questão.

No amplo parapeito de pedra, as longas unhas começaram a tamborilar outra vez.

2



Redemoinhos no Padrão

No interior, o vento quente da noite soprava rumo ao norte, atravessando o vasto delta chamado Garras do Dragão, um labirinto sinuoso de canais, amplos e estreitos, alguns cobertos de capim-navalha. Vastas planícies de juncos separavam aglomerados de ilhas baixas com florestas de árvores com raízes tortuosas que não podiam ser encontradas em nenhum outro lugar. Por fim o delta cedia lugar à sua fonte, o Rio Erinin, uma vastidão de água salpicada das luzes dos pequeninos barcos que se valiam das lanternas para pescar. Barcos e lanternas bamboleavam sem parar, surgindo de repente, e alguns homens mais velhos resmungavam sobre as coisas malignas que caminhavam à noite. Os jovens riam, mas também jogavam as redes com mais vigor, ansiosos para voltar para casa e sair da escuridão. Diziam as histórias que o mal só cruzava a porta de quem o convidasse. Isso era o que as histórias diziam, mas, uma vez lá fora, na escuridão…

O último traço de sal já desaparecera quando o vento atingiu a grande cidade de Tear, perto do rio, onde estalagens e lojas com tetos de telha ficavam grudadas nos imponentes palácios que reluziam ao luar. Mas nenhum deles era tão grande quanto a gigantesca massa, quase uma montanha, que se estendia do coração da cidade até a beira d'água. Era a Pedra de Tear, uma fortaleza lendária, o mais antigo baluarte da humanidade, erigido nos últimos dias da Ruptura do Mundo. Nações e impérios ascendiam e tombavam, eram substituídos e declinavam mais uma vez, mas a Pedra permanecia. Era a rocha sobre a qual, por três mil anos, exércitos haviam destruído lanças, espadas e corações. Por todo esse tempo, jamais sucumbira às mãos invasoras. Até então.

Na escuridão mormacenta, as ruas, tavernas e estalagens da cidade estavam quase vazias. Todos permaneciam cautelosamente entocados. Quem controlava a Pedra era o senhor de Tear, cidade e nação. Era como que sempre fora, e o povo aceitava a ideia. Ao nascer do dia, todos aclamavam o novo senhor com tanto entusiasmo quanto haviam aclamado o antigo. À noite, aninhavam-se juntos, trêmulos, apesar do calor, ao som do vento uivante que açoitava seus telhados como mil choros queixosos. Novas e estranhas esperanças dançavam em seus pensamentos, esperanças que ninguém em Tear ousara ter por cem gerações, esperanças mescladas com medos tão antigos quanto a Ruptura.

O vento açoitava o estandarte branco e comprido que tocava a lua sobre a Pedra, como se tentasse retalhá-lo. Em sua extensão marchava uma figura sinuosa que parecia cavalgar ao vento, uma serpente com pernas, coroada com uma juba dourada de leão e coberta de escamas vermelhas e douradas. O estandarte da profecia, aguardado e temido. O estandarte do Dragão. O Dragão Renascido. Precursor da salvação do mundo, mensageiro da nova Ruptura ainda por vir. Como se ultrajado por tamanha provocação, o vento batia com violência nas rígidas muralhas da Pedra. O estandarte do Dragão tremulava despreocupado em meio à noite, à espera de tempestades maiores.

Em um quarto para além da metade da subida pelo lado sul da Pedra, Perrin estava sentado em um baú no pé da cama de dossel, observando a mulher de cabelos escuros que andava de um lado para outro. Havia um quê de cautela em seus olhos dourados. Faile costumava fazer piadas e provocá-lo de leve sobre seu jeito vagaroso. Naquela noite, porém, não proferira dez palavras desde que passara pela porta. Perrin sentia o cheiro das pétalas de rosa que haviam sido colocadas, depois da lavagem, entre as dobras das roupas que a jovem usava, assim como o odor que era só dela. Naquele traço de suor limpo, ele farejou nervosismo. Faile quase nunca demonstrava preocupação. Imaginar por que a jovem o fazia agora deixou-o com uma comichão entre os ombros que nada tinha a ver com o calor da noite. As saias estreitas e divididas faziam um leve *vush-vush-vush* a cada passo.

Ele coçou a barba de duas semanas com irritação. Era ainda mais encaracolada do que os cabelos em sua cabeça. E também era quente. Pela centésima vez, pensou em se barbear.

— Fica bem em você — comentou Faile, de repente, parando de andar.

Desconfortável, ele deu de ombros, movimentando os membros que carregavam o peso das longas horas de trabalho na ferraria. Ela fazia isso às vezes, parecia adivinhar seus pensamentos.

— É que coça — resmungou.

Desejou ter dito aquilo com mais vigor. A barba era dele, e poderia raspá-la no momento em que quisesse.

Com a cabeça inclinada para um dos lados, ela o analisou. O nariz acentuado e maçãs do rosto proeminentes imprimiam força ao olhar, um contraste com a voz suave com a qual ela afirmou:

— Combina com você.

Perrin suspirou e deu de ombros mais uma vez. Faile não pedira a ele que mantivesse a barba, nem pediria. No entanto, o rapaz sabia que adiaria a raspagem mais uma vez. Ele se perguntou como seu amigo Mat lidaria com uma situação dessas. Talvez desse um beliscão na moça, depois um beijo e fizesse alguma observação que a faria rir até que ele a convencesse de seu ponto de vista. Mas Perrin sabia que não tinha o mesmo jeito de Mat com garotas. O amigo jamais ficaria suando por detrás de uma barba só porque uma mulher achava que ele deveria ter pelos no rosto. A não ser, talvez, que a mulher fosse Faile. Perrin suspeitava que o pai da jovem tivesse sentido uma tristeza imensa ao vê-la sair de casa, e não apenas por ser sua filha. O homem era o maior mercador de peles em Saldaea, pelo que Faile dizia, e Perrin conseguia visualizá-la convencendo os clientes a pagarem o preço que ela quisesse em todas as vendas.

— Tem algo preocupando você, Faile, e não é a minha barba. O que é?

O rosto dela assumiu um ar de cautela. Ela se recusava a olhá-lo nos olhos, preferindo examinar desdenhosamente a mobília do quarto.

Tudo era decorado com entalhes de leopardos, leões, gaviões voando e cenas de caça, desde o comprido guarda-roupas e as colunas do dossel da cama, grossas como suas pernas, até o banco estofado diante da lareira de mármore. Alguns dos animais tinham olhos vermelhos feitos de granada.

Perrin tentara convencer a majhere de que queria um quarto simples, mas a mulher não parecera compreender. Não que fosse burra ou lenta. A majhere comandava um exército de serviçais mais numeroso que os Defensores da Pedra. Não importava quem comandasse a Pedra e dominasse suas muralhas, era aquela mulher quem cuidava das questões cotidianas para que tudo funcionasse. Porém, ela enxergava o mundo com olhos tairenos. Apesar das roupas, o rapaz deveria ser algo mais do que o jovem camponês que aparentava, pois plebeus jamais ficavam hospedados na Pedra — exceto Defensores e serviçais, naturalmente. Além disso, ele estava com o grupo de Rand. Fosse amigo ou seguidor, era de alguma forma ligado ao Dragão Renascido. Para a majhere, isso o tornava tão importante quanto um Senhor da Terra, no mínimo, talvez até um Grão-senhor. Ela já ficara escandalizada o bastante por hospedá-lo naquele quarto, sem sequer uma antessala. Perrin achou que a mulher

desmaiaria se ele insistisse em uma acomodação ainda mais simples. Isso se houvesse uma coisa dessas fora dos alojamentos dos serviçais ou dos Defensores. Pelo menos nada era dourado, exceto os candelabros.

Mas Faile pensava diferente.

— Você deveria estar mais bem acomodado. Você merece. Pode apostar todos os seus cobres que Mat está num quarto melhor.

— Mat gosta de cafonices. — Foi tudo o que respondeu.

— Você não sabe se impor.

Ele não continuou a discussão. Não eram seus aposentos que a faziam cheirar a desconforto, muito menos sua barba.

Depois de um instante, ela disse:

— O Lorde Dragão parece ter perdido o interesse em você. Ele agora passa o tempo todo com os Grão-lordes.

A coceira entre seus ombros piorou. Ele descobriu o que a incomodava. Tentou manter a voz suave.

— Lorde Dragão? Você está parecendo uma tairena. O nome dele é Rand.

— Ele é seu amigo, Perrin Aybara, não meu. Se é que um homem desse tem amigos. — Ela respirou fundo e prosseguiu, em um tom mais moderado: — Andei pensando em ir embora da Pedra. Ir embora de Tear. Acho que Moiraine não tentaria me impedir. As notícias sobre o… sobre Rand já começaram a sair da cidade há duas semanas. Ela não pode querer mantê-lo em segredo por muito mais tempo.

Ele mal conseguiu se impedir de dar outro suspiro.

— Também acho que ela não tentaria. Na verdade, acho que ela considera você uma complicação. É provável que lhe dê dinheiro para seguir viagem.

Ela pôs as mãos na cintura e mudou de posição, encarando-o.

— Isso é tudo o que você tem a dizer?

— O que quer que eu diga? Que quero que você fique? — A raiva em sua voz o surpreendeu. Ele sentia raiva de si mesmo, não dela. Sentia raiva porque não esperava por isso, raiva porque não sabia como lidar com a questão. Gostava de poder refletir sobre as coisas. Era fácil machucar os outros sem querer ao agir de maneira precipitada. Acabara de fazê-lo. Os olhos escuros da moça estavam arregalados de choque. Perrin tentou suavizar as palavras. — Eu quero que você fique, Faile, mas talvez seja melhor você partir. Sei que não é covarde, mas o Dragão Renascido, os Abandonados…

Não que qualquer outro lugar fosse seguro — não por muito tempo, não agora — mas pelo menos alguns locais eram mais seguros do que a Pedra. Pelo menos por um tempo. Não que ele fosse burro a ponto de explicar a ela dessa forma.

Faile, no entanto, não parecia se importar com a forma dele de

explicar as coisas.

— Ficar? Que a Luz me ilumine! Qualquer coisa é melhor do que ficar aqui plantada, mas… — Ela se ajoelhou diante dele com muita graça, repousando as mãos em seus joelhos. — Perrin, eu não gosto de ficar imaginando quando é que um dos Abandonados vai dobrar uma esquina e aparecer na minha frente, e não gosto de ficar imaginando quando é que o Dragão Renascido vai matar todos nós. Ele fez isso nos tempos da Ruptura, afinal. Matou todos que eram próximos a ele.

— Rand não é Lews Therin Fratricida — protestou Perrin. — Quer dizer, ele é o Dragão Renascido, mas não é… Ele não faria… — Deixou a voz morrer, sem saber como concluir a frase.

Rand era a reencarnação de Lews Therin Telamon, era isso que significava ser o Dragão Renascido. Mas será que ele estava condenado ao mesmo destino de Lews Therin? Não apenas enlouquecer — o que, além de apodrecer até a morte, era o destino de qualquer homem capaz de canalizar — mas matar todos que se importavam com ele?

— Andei conversando com Bain e Chiad, Perrin.

Aquilo não era surpresa. Faile passava um tempo considerável com as mulheres Aiel. A amizade lhe trouxera alguns problemas, mas ela parecia gostar tanto das Aiel quanto desprezava as nobres tairenas da Pedra. Perrin, no entanto, não via o que aquilo tinha a ver com o que estavam conversando, e disse isso.

— Elas dizem que Moiraine às vezes pergunta onde é que você está. Ou Mat. Não entende? Ela não precisaria fazer isso se pudesse vigiar você com o Poder.

— Me vigiar com o Poder? — perguntou ele, a voz fraca. Nunca pensara naquilo.

— Ela não consegue. Venha comigo, Perrin. Podemos avançar umas vinte milhas pelo rio antes que Moiraine dê pela nossa falta.

— Eu não posso — respondeu, com tristeza.

Tentou distraí-la com um beijo, mas Faile deu um pinote e se afastou tão depressa que ele quase caiu de cara no chão. Não fazia sentido insistir em se aproximar. A mulher cruzara os braços, formando uma espécie de barreira.

— Não vá me dizer que está com medo dela. Sei que ela é Aes Sedai e faz todos vocês dançarem como marionetes. Talvez ela tenha amarrado o Lo… Rand… tão bem que ele não consegue mais se soltar, e só a Luz sabe como Egwene, Elayne e Nynaeve querem isso, mas você pode arrebentar essas cordas, se tentar.

— Isso não tem nada a ver com Moiraine. É o que tenho que fazer. Eu…

Ela o interrompeu.

— Nem ouse tentar me passar essa conversinha-fiada de que um

homem precisa cumprir seus deveres. Sei tão bem quanto você o que são deveres, e você não tem nenhum por aqui. Pode até ser *ta'veren*, mesmo que eu não veja isso, mas o Dragão Renascido é ele, não você.

— Dá para você me escutar? — gritou Perrin, os olhos cravados nela, que deu um pulo. Ele nunca gritara com ela, não daquele jeito. Faile ergueu o queixo e remexeu os ombros, mas não respondeu. Perrin prosseguiu: — Acho que faço parte do destino de Rand, de alguma forma. Mat também. Acho que Rand não pode fazer o que tem de fazer se também não fizermos a nossa parte. Esse é o dever. Como é que posso desistir se pode ser que isso leve ao o fracasso de Rand?

— Pode ser que leve? — Havia um indício de pergunta em sua voz, mas apenas um indício. Ele se perguntou se seria capaz de gritar com ela com mais frequência. — Foi Moiraine quem lhe contou isso, Perrin? A essa altura, você já deveria ter aprendido a escutar com mais atenção a tudo o que uma Aes Sedai diz.

— Cheguei a essa conclusão sozinho. Acho que *ta'veren* são atraídos uns para os outros. Ou talvez Rand atraia nós dois, Mat e eu. Em teoria, ele é o *ta'veren* mais forte que já existiu desde Artur Asa-de-gavião, talvez desde a Ruptura. Mat sequer admite que é *ta'veren*, mas, por mais que tente fugir, sempre acaba sendo arrastado de volta para Rand. Loial diz que nunca ouviu falar em três *ta'veren* da mesma idade vindos do mesmo lugar.

Faile fungou alto.

— Loial não sabe de tudo. Ele não é muito velho, para um Ogier.

— Ele já passou dos noventa anos — retrucou Perrin, na defensiva, e ela respondeu com um sorriso tenso. Para os Ogier, ter noventa anos não era ser muito mais velho do que Perrin. Talvez Loial fosse até mais jovem. Ele não sabia muito sobre os Ogier. De qualquer modo, Loial tinha lido mais livros do que Perrin já vira ou de que já ouvira falar. Às vezes, achava que Loial já tinha lido todos os livros do mundo. — E sabe mais do que eu ou você. Ele acha que eu talvez tenha razão. Moiraine concorda. Não, eu não perguntei, mas por que mais ela ficaria de olho em mim? Acha que ela está querendo me pedir para fazer uma faca de cozinha?

Faile ficou em silêncio por um momento. Quando falou, foi em um tom condescendente.

— Pobre Perrin. Eu saí de Saldaea em busca de aventura e, agora que estou bem no meio de uma, a maior desde a Ruptura, tudo o que quero é partir para outro lugar. Seu único desejo é ser ferreiro, mas vai acabar fazendo parte das histórias, queira ou não.

O jovem desviou o olhar, embora o perfume de Faile ainda preenchesse sua mente. Perrin achava pouco provável que fossem contar qualquer história sobre ele, a não ser que seu segredo se espalhasse para além dos que já tinham conhecimento. Faile achava

que sabia tudo sobre ele, mas estava enganada.

Havia um machado e um martelo encostados na parede oposta a ele, os dois simples e práticos, com cabos do tamanho do seu antebraço. O machado era uma perversa lâmina em meia-lua equilibrada por uma ponteira grossa, fabricado para a violência. Com o martelo ele podia produzir coisas — produzira coisas — em uma ferraria. A cabeça do martelo pesava mais que o dobro da lâmina do machado, mas o machado parecia muito mais pesado sempre que ele o erguia. Com o machado, Perrin… ele franziu o rosto, sem querer pensar naquilo. Faile estava certa. Seu único desejo era ser ferreiro, voltar para casa, ver a família outra vez, trabalhar na ferraria. Mas não era para ser, Perrin sabia.

Ele se levantou o suficiente para pegar o martelo, depois sentou-se outra vez. Havia um certo conforto em segurá-lo.

— Mestre Luhhan sempre diz que não podemos fugir do que deve ser feito. — Então prosseguiu, apressado, notando que o que falava era um pouco próximo demais do que ela chamara de conversinha-fiada: — Ele é o ferreiro da aldeia, o homem de quem eu fui aprendiz. Já contei dele antes.

Para sua surpresa, Faile não aproveitou a oportunidade para apontar a repetição. Na verdade, a jovem não disse uma palavra, apenas ficou olhando para ele, esperando alguma coisa. Depois de um instante, ele se deu conta.

— Então você está indo embora? — perguntou.

Ela ficou ali parada, alisando a saia. Houve um longo momento de silêncio, como se estivesse decidindo a resposta.

— Eu não sei — disse, por fim. — Você me meteu numa bela de uma enrascada.

— Eu? O que foi que eu fiz?

— Bem, se não sabe, não sou eu que vou lhe dizer.

Coçando a barba outra vez, Perrin encarou o martelo na outra mão. Mat com certeza saberia muito bem o que ela queria dizer. Até mesmo o velho Thom Merrilin saberia. O menestrel de cabelos brancos dizia que ninguém era capaz de compreender as mulheres, mas bastava sair de seu pequeno quarto no seio da Pedra que logo se via rodeado por uma dúzia de moças com idade para serem suas netas, todas suspirando enquanto o escutavam tocar harpa e contar grandes aventuras e romances. Faile era a única mulher que Perrin desejava, mas ele às vezes se sentia como um peixe tentando entender um pássaro.

Sabia que Faile queria que ele perguntasse. Sabia pelo menos isso. Ela poderia contar ou não, mas ele tinha de perguntar. Teimoso, não abriu a boca. Dessa vez, pretendia aguardar.

Do lado de fora, na escuridão, um galo cantou.

Faile estremeceu e passou os braços ao redor do corpo.

— Minha ama dizia que isso é sinal de morte chegando. Não que eu acredite, é claro.

Perrin abriu a boca para concordar que aquilo era uma bobagem, embora também tivesse estremecido, mas virou a cabeça depressa ao ouvir um rangido e um baque. O machado caíra no chão. Teve tempo apenas de franzir o rosto, pensando no que o teria feito tombar, quando o machado se mexeu outra vez, sozinho, e disparou em sua direção.

Sem pensar, ele girou o martelo. O tinido de metal contra metal abafou o gritou de Faile. O machado voou pelo quarto, chocou-se na parede mais distante e disparou outra vez em sua direção, a lâmina apontada para ele. Perrin sentia todos os pelos do corpo eriçados.

Quando o machado passou voando por Faile, ela deu um bote e agarrou o cabo com ambas as mãos. A arma girou em seu punho, preparada para golpear o rosto dela, que estava de olhos arregalados. Perrin quase não teve tempo de saltar, largando o martelo e agarrando o machado para impedir que a lâmina em meia-lua tocasse a carne de Faile. Pensou que morreria se o machado — seu machado — a ferisse. Afastou a arma da jovem com tanta força, que a ponteira pesada quase o acertou no peito. Teria sido uma troca justa para impedir que o machado a golpeasse, mas, um pouco desapontado, começou a pensar que pará-lo talvez não fosse possível.

A arma se agitava com violência, como se tivesse vida própria e uma vontade malévola. A arma queria Perrin — o rapaz sabia disso como se o machado tivesse gritado seu nome — mas lutava com destreza. Quando conseguiu afastá-lo de Faile, o próprio movimento foi usado para golpeá-lo. Quando Perrin o empurrou para longe de si, o machado tentou apanhar a moça, como se soubesse que isso o faria parar de empurrar. Não importava a força com que segurava o cabo, a arma girava em suas mãos, ameaçando-o com a ponteira ou com a lâmina curva. Suas mãos já doíam de tanto esforço, e seus braços grossos se contorciam, com os músculos contraídos. O suor escorria por seu rosto. Perrin não sabia quanto tempo ainda tinha antes que o machado se soltasse de seu punho. Era loucura, pura loucura, não havia tempo para pensar.

— Saia daqui — murmurou, entre dentes. — Saia do quarto, Faile!

O rosto dela estava pálido, mas ela balançou a cabeça, lutando contra o machado.

— Não! Não vou deixar você aqui!

— Esse troço vai matar nós dois!

Ela balançou a cabeça outra vez.

Com um urro, Perrin soltou o machado de uma das mãos — o

braço tremia por segurar a coisa com uma só mão, o cabo queimava a palma — e empurrou Faile para longe. Ela gania enquanto ele lutava para empurrá-la até a porta. Ignorando os gritos e os punhos que tentavam esmurrá-lo, Perrin a imprensou na parede com um dos ombros, até conseguir abrir a porta e arremessá-la no corredor.

Bateu a porta e se escorou nela, fechando o trinco com o quadril enquanto segurava o machado outra vez com ambas as mãos. A lâmina pesada, brilhante e afiada, tremia a centímetros de seu rosto. Ele a empurrou com dificuldade, esticando o braço. Os gritos abafados de Faile passaram pela porta grossa. Ele a sentia esmurrá-la, mas quase não tinha consciência da jovem. Os olhos amarelos brilhavam, como se refletidos em cada pedacinho de luz no quarto.

— Somos só eu e você, agora — rosnou para o machado. — Sangue e cinzas, como eu odeio você!

Em seu íntimo, parte de si quase desatou a rir histericamente. *Rand é o único que está destinado a enlouquecer, e cá estou eu, falando com um machado! Rand! Que o queime!*

Com os dentes arreganhados pelo esforço, ele deu um passo, forçando o machado para longe da porta. A arma tremia, lutando para tocar sua carne, Perrin quase podia sentir a sede de sangue. Com um rugido, puxou depressa a lâmina curva em sua direção e se jogou para trás. Perrin tinha certeza de que ouviria um grito triunfante quando o machado voou em direção à sua cabeça, se este estivesse vivo de verdade. No último instante, Perrin virou para o lado, e o machado passou direto. Com um baque pesado e surdo, a lâmina se cravou na porta.

Ele sentiu a vida — não tinha outra forma de nomear — deixar a arma aprisionada. Lentamente, recolheu as mãos. O machado permaneceu onde estava, voltando a ser apenas aço e madeira. Mas a porta parecia um bom lugar para deixá-lo, por enquanto. Com a mão trêmula, Perrin limpou o suor do rosto. *Loucura. A loucura vai aonde Rand está.*

De repente, percebeu que não ouvia mais os gritos de Faile nem as batidas na madeira. Jogando o trinco para trás, ele abriu a porta depressa. Um arco de aço brilhante despontava pela madeira grossa, refletindo a luz dos lampiões espaçados que pendiam no corredor cheio de tapeçarias.

Faile estava ali, as mãos erguidas, congelada no ato de bater à porta. De olhos arregalados, pensativa, ela tocou a ponta do nariz. Então disse, com a voz fraca:

— Mais um pouquinho, e…

Com um sobressalto, ela se atirou para cima dele e o abraçou com força, espalhando beijos em seu pescoço e barba entre murmúrios incompreensíveis. Afastou-se com a mesma rapidez, passando as mãos

ansiosas pelo braços e peito de Perrin.

— Você está ferido? Se machucou? Aquilo…?

— Estou bem — respondeu ele. — Mas e você? Não queria assustar você.

Ela o encarou atentamente.

— É sério? Não está nem um pouco machucado?

— Saí ileso. Eu…

O tapa forte de Faile fez a cabeça de Perrin ressoar como martelo acertando uma bigorna.

— Seu palerma peludo! Pensei que você tivesse morrido! Fiquei com medo que aquela coisa tivesse matado você! Pensei… — Ela parou de falar quando ele conteve o segundo tapa no meio do caminho.

— Por favor, não faça isso de novo — pediu, baixinho.

A marca da mão dela ainda ardia na bochecha, dolorosa, e ele calculou que sentiria dor no maxilar pelo resto da noite.

Ele continha o punho dela com a mesma gentileza com que teria segurado um passarinho. E, embora Faile lutasse para se libertar, a mão dele não se movia nem um pouco. Comparado a girar um martelo o dia inteiro na forja, segurá-la não era esforço algum, mesmo depois da luta com o machado. De repente, ela pareceu decidir ignorar o punho dele e começou a encará-lo. Os olhos escuros não piscavam, nem os dourados.

— Eu poderia ter ajudado. Você não tinha o direito…

— Eu tinha todo o direito — retrucou ele, com firmeza. — Você não poderia ter ajudado. Se tivesse ficado lá, nós dois estaríamos mortos. Eu não teria conseguido lutar, não do mesmo jeito, e manter você segura ao mesmo tempo. — A jovem abriu a boca, mas ele elevou a voz e continuou: — Sei como você odeia ouvir isso. Vou fazer o possível para não tratá-la feito porcelana, mas, se o que quer é que eu fique olhando você morrer, vou enrolá-la como um cordeiro para venda e mandá-la para a Senhora Luhhan. Ela não vai tolerar nenhuma dessas bobagens.

Passando a língua em um dos dentes para conferir se estava frouxo, ele quase quis poder ver Faile tentando ser malcriada com Alsbet Luhhan. A mulher do ferreiro mantinha o marido na linha com apenas um pouco mais de esforço do que precisava para cuidar da casa. Até Nynaeve segurava a língua afiada na frente dela. O dente ainda estava firme, concluiu.

Faile riu de repente, uma risada baixa e gutural.

— Você faria mesmo isso, não é? Mas não pense que não estaria entrando em uma dança com o Tenebroso, se tentasse.

Perrin ficou tão surpreso que a soltou. Não conseguia ver diferença entre o que tinha acabado de dizer e o que falara antes, mas

da primeira vez Faile se exaltara, enquanto agora… respondia com carinho. Não que ele tivesse certeza de que a ameaça de morte fosse totalmente brincadeira. Faile carregava facas escondidas pelo corpo e sabia usá-las muito bem.

Ela esfregou o punho dramaticamente e resmungou entre dentes. Perrin pescou as palavras "bode peludo" e jurou a si mesmo que rasparia cada fiapo daquela barba idiota. Ah, se rasparia.

Mas o que ela disse em voz alta foi:

— O machado. Era ele, não era? O Dragão Renascido, tentando nos matar.

— Deve ter sido Rand. — Ele enfatizou o nome. Não gostava de pensar no amigo de outra forma. Preferia lembrar-se da pessoa com quem crescera em Campo de Emond. — Mas não tentando nos matar. Não ele.

Ela abriu um sorriso irônico, quase uma careta.

— Se não era isso, espero que ele nunca tente.

— Não sei o que ele estava fazendo. Mas pretendo mandá-lo parar, e farei isso agora mesmo.

— Não sei por que me importo com um homem que se preocupa tanto com a própria segurança.

Ele a encarou, intrigado, perguntando-se o que ela queria dizer, mas Faile apenas passou o braço pelo dele. Perrin continuava a se perguntar enquanto os dois começaram a caminhar pela Pedra. Deixou o machado onde estava. Ali, fincado na porta, não faria mal a ninguém.

Com os dentes cravados em um cachimbo comprido, Mat abriu um pouco mais o casaco, tentando se concentrar nas cartas viradas para baixo à sua frente e nas moedas espalhadas no centro da mesa. Mandara fazer o casaco vermelho a partir de um modelo andoriano, na melhor lã que havia e com bordados de arabescos dourados nas mangas e na gola comprida. No entanto, dia após dia, era lembrado de como Tear ficava ao sul de Andor. O suor escorria por seu rosto, deixando a camisa coladas às costas.

Nenhum de seus companheiros de mesa parecia notar o calor, apesar dos casacos ainda mais pesados que o dele, com mangas gordas e encorpadas, todos de seda forrada, brocados e listras de cetim. Dois homens de uniforme vermelho e dourado enchiam as canecas de prata dos jogadores com mais vinho e serviam lustrosas bandejas de prata com azeitonas, queijos e nozes. O calor também não parecia afetar os serviçais, embora de vez em quando um deles escondesse um bocejo com a mão, pensando que ninguém estava reparando.

Mat se conteve e não ergueu as cartas para olhá-las outra vez. Elas não teriam mudado. Três governantes, as cartas mais altas de três

dos cinco naipes, já era bom o suficiente para ganhar a maioria das mãos.

Estaria mais confortável jogando dados. Quase não se encontrava baralho nos lugares onde sempre apostava, onde a prata trocava de mãos como resultado de cinquenta jogos de dados diferentes, mas os jovens fidalgotes tairenos prefeririam vestir trapos a jogar dados. Dados eram para camponeses, embora os rapazes tivessem o cuidado de não dizer uma coisa dessas na frente de Mat. Não era o gênio do rapaz que temiam, e sim as pessoas que pensavam serem amigas dele. Jogavam um jogo chamado corte, hora após hora, noite após noite, usando cartas pintadas à mão e envernizadas por um homem da cidade que enriquecera graças a esses sujeitos e outros como eles. Apenas mulheres e cavalos eram capazes de desviar a atenção deles do jogo, mas nunca por muito tempo.

Mesmo assim, Mat conseguira entender o jogo bem depressa e, ainda que não tivesse sorte tão boa quanto nos dados, era razoável. Uma bolsa gorda jazia ao lado de suas cartas, e outra ainda mais gorda repousava em seu bolso. Quando vivia em Campo de Emond teria considerado aquilo uma fortuna, o suficiente para passar o resto de seus dias no luxo. Mas a ideia que tinha de luxo mudara desde a partida de Dois Rios. As moedas dos jovens lordes jaziam em pilhas reluzentes e desordenadas, mas alguns velhos hábitos ele não tinha intenção de mudar. Nas tavernas e estalagens, às vezes era necessário partir depressa. Sobretudo se a sorte o acompanhasse.

Deixaria a Pedra no instante em que juntasse o bastante para viver como desejava. Antes que Moiraine descobrisse seus planos. Se as coisas tivessem sido como gostaria, já teria partido havia dias. Mas havia ouro para ganhar por aquelas bandas. Uma noite naquela mesa lhe renderia mais do que uma semana jogando dados nas tavernas. Bastava ter sorte.

Ele fez uma leve careta e deu uma baforada no cachimbo, preocupado. Então conferiu, inseguro, se suas cartas eram boas para prosseguir. Dois dos jovens lordes também seguravam cachimbos nos dentes, mas eram de prata e tinham boquilhas de âmbar. No ar quente e imóvel, o tabaco perfumado que fumavam parecia ter o cheiro de um incêndio no quarto de vestir de uma lady. Não que Mat já tivesse adentrado o quarto de vestir de uma lady. Uma doença que quase o matara lhe deixara com a memória tão esburacada quanto a melhor lã, mas Mat tinha certeza de que se lembraria de uma coisa dessas. *Nem mesmo o Tenebroso seria mau a ponto de me fazer esquecer uma coisa dessas.*

— Um navio do Povo do Mar atracou hoje — murmurou Reimon, com a boca no cachimbo. A barba do lorde de ombros largos era cuidada com óleos e muito bem aparada. Era a última moda entre os

nobres mais jovens, e Reimon perseguia a moda com o mesmo vigor com que perseguia as mulheres. O que era apenas com um pouco menos do vigor com que jogava. Ele atirou uma coroa de prata por cima da pilha no meio da mesa para comprar outra carta. — Um forcador. São os navios mais rápidos, os forcadores, pelo que dizem. Correm mais que o vento, pelo que dizem. Eu gostaria de ver uma coisa dessas. Que a minha alma queime, como eu gostaria. — Ele não se deu ao trabalho de olhar a carta que recebeu: só olhava depois de ter as cinco cartas na mão.

O homem roliço e de bochechas rosadas entre Reimon e Mat deu uma risadinha bem-humorada.

— Querendo ver o navio, Reimon? Não quer dizer as moças? As mulheres. As beldades exóticas do Povo do Mar, com seus anéis e badulaques e com aquele rebolado, hein? — Ele colocou uma coroa na mesa e pegou uma carta, fazendo uma careta ao olhá-la. Aquilo não significava nada: a julgar pelas expressões de Edorion, suas cartas eram sempre baixas e jamais formavam a combinação necessária. No entanto, ele ganhava mais do que perdia. — Bem, talvez eu tenha mais sorte com as moças do Povo do Mar.

O carteador, que estava do outro lado de Mat, um homem alto e magro, com a barba pontuda ainda mais escura e viçosa que a de Reimon, apoiou um dedo na lateral do nariz.

— Acha que vai se sair bem com elas, Edorion? Do jeito que são reservadas, você vai ter sorte se conseguir sentir um sopro do perfume que usam. — Ele fez um gesto que simulava uma rajada de vento, depois inspirou fundo e soltou um suspiro, e os outros nobres riram, inclusive Edorion.

Um jovem imberbe chamado Estean soltou a risada mais alta de todas, passando uma das mãos pelos cabelos lisos que insistiam em cair em sua testa. Se o fino casaco amarelo fosse substituído por um de lã parda, o sujeito poderia se passar por um fazendeiro, em vez do filho do Grão-lorde dono de um das maiores propriedades de Tear e com toda certeza o homem mais rico da mesa. Ele também bebera mais vinho do que qualquer um.

Cambaleando na frente do homem a seu lado — um sujeito afetado chamado Baran, que parecia sempre olhar os outros com o pontudo nariz em pé — Estean cutucou o carteador com um dedo meio vacilante. Baran se inclinou para trás, girando o cachimbo na boca como se temesse que Estean pudesse vomitar.

— Essa foi boa, Carlomin — gorgolejou Estean. — Você também acha, não é, Baran? Edorion não vai conseguir nem sentir o perfume. Se quiser tentar a sorte, arriscar uma aposta… Que tal ir atrás das meretrizes Aiel, como o Mat, aqui. Todas aquelas lanças e facas. Que a minha alma queime. É como tirar um leão para dançar. — Um silêncio

mortal se abateu sobre a mesa. Estean riu sozinho, depois piscou e passou a mão nos cabelos outra vez. — Qual é o problema? Falei alguma coisa errada? Ah! Ah, sim. Eles.

Mat mal conteve a expressão de desprezo. O idiota mencionara os Aiel. O único assunto pior teria sido Aes Sedai. Aqueles homens provavelmente preferiam ter Aiel andando por seus corredores e olhando com superioridade para qualquer taireno que se pusesse em seu caminho do que uma única Aes Sedai nas imediações, e no momento acreditavam haver pelo menos quatro delas por perto. Ele pescou uma coroa de prata andoriana da bolsa em cima da mesa e a empurrou em direção à pilha no meio da mesa. Carlomin entregou-lhe a carta com cautela.

Com todo o cuidado, Mat ergueu a carta com a unha do polegar, sem se permitir sequer piscar. O Governante de Taças, um Grão-lorde de Tear. Os governantes do baralho variavam de acordo com a terra onde as cartas eram feitas, mas o governante local sempre era representado no naipe de Taças, o maior de todos. Aquelas cartas eram antigas. Ele já tinha visto novos baralhos com o rosto de Rand ou algo parecido no lugar do Governante de Taças, junto com o estandarte do Dragão. Rand, governante de Tear. Aquilo ainda era absurdo o bastante para fazê-lo querer se beliscar. Rand era um pastor, um sujeito bacana com quem se divertir quando não dava uma de sério e responsável. Agora, era o Dragão Renascido. O que indicava que Mat era doido de pedra por estar ali sentado esperando para ver qual seria a próxima de Rand, em um lugar onde Moiraine poderia pôr as mãos nele quando bem entendesse. Talvez Thom Merrilin fosse embora com ele. Ou Perrin. Só que Thom parecia ter começado a se instalar na pedra de um jeito que indicava que não pretendia partir, e Perrin não iria a lugar algum sem que Faile apontasse o destino. Bem, Mat estava pronto para viajar sozinho, se fosse preciso.

Mas havia prata no centro da mesa e ouro diante dos fidalgotes. Se ele conseguisse o quinto governante, nenhuma outra mão poderia bater a sua. Não que precisasse daquilo. De repente sentiu a sorte despontando em sua mente. Não com a mesma força com que vinha nos jogos de dados, claro, mas Mat já tinha certeza de que ninguém bateria seus quatro governantes. Os tairenos passaram a noite inteira apostando loucamente, o valor equivalente a dez fazendas cruzava a mesa sem ninguém pestanejar.

Mas Carlomin ficou olhando as cartas em suas mãos em vez de comprar a quarta, e Baran baforava o cachimbo furiosamente e empilhava as moedas à sua frente, como se pronto para enfiá-las nos bolsos. Reimon estava com cara de desprezo por trás da barba, e Edorion franzia o rosto para as unhas. Apenas Estean parecia inalterado. O nobre sorriu para a mesa, indeciso, talvez já esquecido

do que dissera. Os sujeitos tinham o habito de pôr panos quentes quando alguém mencionava os Aiel, mas já estava tarde, e o vinho corria solto.

Mat vasculhou a mente em busca de uma forma de evitar que os homens e o ouro escapassem de suas cartas. Um só olhar para os rostos já lhe informou que apenas mudar de assunto não seria suficiente. Mas havia outra forma. Se os fizesse rir dos Aiel… *Será que vale a pena fazer com que riam de mim também?* Mascando o cachimbo, ele tentou pensar em outra coisa.

Baran pegou uma pilha de ouro em cada mão e começou a enfiá-las nos bolsos.

— Acho que vou tentar a sorte com essas mulheres do Povo do Mar — comentou Mat, mais do que depressa, pegando o cachimbo para gesticular. — Coisas estranhas acontecem quando vamos atrás das mulheres Aiel. Muito estranhas. Como o jogo que elas chamam de O Beijo da Donzela. — Atraíra a atenção dos outros, mas Baran não devolvera as moedas para a mesa, e Carlomin ainda não demonstrava sinal de que compraria uma carta.

Estean soltou uma gargalhada ébria.

— Elas fazem o aço beijar suas costelas, imagino. Donzelas da Lança, entendeu? Aço. Lança nas costelas. Que a minha alma queime.

Ninguém mais riu. Mas todos escutavam.

— Nem tanto. — Mat conseguiu abrir um sorriso. *Que me queime, já cheguei até aqui. Posso muito bem falar do resto.* — Rhuarc comentou que, se eu quisesse ter sucesso com as Donzelas, deveria perguntar a elas como é que se jogava O Beijo da Donzela. Disse que era a melhor forma de conhecer as moças. — Soava muito como um dos jogos de beijo que jogava em casa, por exemplo o Beije as Margaridas. Nunca pensara no chefe de clã Aiel como homem que gostava de fazer brincadeiras. Tomaria mais cuidado da próxima vez. Esforçou-se para aumentar o sorriso. — Então fui até Bain e… — Reimon franziu o rosto, impaciente. Nenhum dos homens sabia o nome de outro Aiel além de Rhuarc, e nenhum deles queria saber. Mat deixou os nomes de lado e prosseguiu: — Fui lá, feito um paspalho, e pedi que elas me mostrassem. — Deveria ter suspeitado de algo, a julgar pelos largos sorrisos que brotaram nos rostos das mulheres Aiel. Pareciam gatos tirados para dançar por um rato. — Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, um bocado de lanças surgiu em volta do meu pescoço, parecia uma coleira. Bastava um espirro para ficar de barba feita.

Os nobres ao redor da mesa caíram na gargalhada, uma diversidade de risos que ia da histeria ofegante de Reimon até o urro embriagado de Estean.

Mat os deixou gargalharem. Era quase capaz de sentir outra vez

as pontas das lanças, espetando-o ao menor movimento de um dedo seu. Bain, rindo sem parar, dissera que nunca tinha ouvido falar de um homem que houvesse pedido para jogar O Beijo da Donzela.

Carlomin afagou a barba e comentou, diante da hesitação de Mat:

— Não pode parar agora. Fale mais. Quando foi isso? Duas noites atrás, aposto. Quando você não apareceu para o jogo e ninguém sabia dizer onde você estava.

— Estava jogando pedras com Thom Merrilin, aquela noite — respondeu Mat, mais do que depressa. — Isso foi vários dias atrás. — Ficou feliz por saber mentir com a cara lavada. — Ganhei um beijo de cada uma. Só isso. Se achassem o beijo bom, abaixavam a lança. Se não, empurravam um pouquinho mais. Para me encorajar, por assim dizer. E foi só. Vou dizer uma coisa: eu me corto mais fazendo a barba.

Enfiou o cachimbo entre os dentes outra vez. Se os homens quisessem saber mais, poderiam tentar o tal jogo eles mesmos. Mat quase torcia para que algum deles fosse idiota o bastante para isso. *Malditas mulheres Aiel e suas malditas lanças.* Só conseguira chegar na cama depois do dia nascer.

— Seria mais que suficiente para mim — respondeu Carlomin, seco. — Que a Luz queime a minha alma, se não for mais que suficiente. — Ele jogou uma coroa de prata no centro da mesa e pegou outra carta para si mesmo. — O Beijo da Donzela.

O homem se sacudiu, achando graça, e outra onda de gargalhadas percorreu a mesa.

Baran comprou a quinta carta, e Estean revirou a pilha de moedas espalhadas à sua frente, pegou uma e olhou para ver o que era. Não parariam de jogar por enquanto.

— Selvagens — resmungou Baran, com a boca no cachimbo. — Selvagens ignorantes. Que minha alma queime, é isso o que eles são. Moram em cavernas, lá no Deserto. Em cavernas! Só um selvagem poderia viver no Deserto.

Reimon assentiu.

— Pelo menos servem ao Lorde Dragão. Não fosse por isso, eu pegaria uns cem Defensores e tiraria todos da Pedra.

Baran e Carlomin soltaram um grunhido feroz, em concordância.

Mat não precisou se esforçar para manter a expressão impassível. Já ouvira a mesma coisa. Era fácil fazer ameaças quando ninguém esperava que fossem levadas adiante. Cem Defensores? Mesmo que Rand tivesse que se afastar por algum motivo, umas poucas centenas de Aiel seriam capazes de defender a Pedra de qualquer exército que Tear pudesse reunir. Não que eles parecessem querer tomar a Pedra, na verdade. Mat suspeitava que os Aiel estavam ali apenas por causa de Rand. Achava que nenhum daqueles fidalgotes tivesse percebido

isso — todos ignoravam os Aiel sempre que podiam — mas duvidava que perceber tal coisa os faria sentir-se melhor.

— Mat. — Estean abriu as cartas em uma das mãos e pôs-se a arrumá-las, como se não conseguisse decidir em que ordem deveriam estar. — Mat, você vai falar com o Lorde Dragão, não vai?

— Sobre o quê? — perguntou Mat, com cautela.

Tairenos demais para seu gosto sabiam que ele e Rand haviam crescido juntos, e todos pareciam pensar que ele andava de braços dados com Rand quando não estava perto deles. Nenhum daqueles homens chegaria perto do próprio irmão, se ele fosse capaz de canalizar. Mat não entendia por que o consideravam um trouxa.

— Eu não falei? — O homem de rosto inexpressivo apertou os olhos para as cartas e coçou a cabeça, depois pareceu se animar. — Ah, sim. A proclamação, Mat. A última proclamação do Lorde Dragão. Quando ele disse que os plebeus tinham o direito de convocar os lordes diante de um magistrado. Quem é que já ouviu falar de um lorde sendo convocado a um magistrado? E por camponeses!

A mão de Mat apertou a bolsa até começar a esfregar as moedas lá dentro umas nas outras.

— Seria uma pena — comentou, baixinho — se vocês fossem interrogados e julgados apenas por terem se divertido um pouco com a filha de um pescador, independente de ela dizer que queria ou não, ou por mandarem surrar um fazendeiro que espirrou lama em seus mantos.

Os outros se remexeram, incomodados, esperando a reação de Estean, mas ele assentiu, balançando tanto a cabeça que esta parecia prestes a cair.

— Exatamente. Mas não chegaria a isso, é claro. Um lorde sendo interrogado diante de um magistrado? É claro que não. Não mesmo. — Ele riu para as cartas, bêbado. — Nada de filha de pescador. Cheiram a peixe, entende? Não importa quantos banhos tomem. Uma moça roliça de fazenda é melhor.

Mat disse a si mesmo que estava ali para jogar. Disse a si mesmo para ignorar as baboseiras daquele imbecil, lembrou a si mesmo de quanto ouro poderia tirar da bolsa de Estean. Mas sua língua não lhe deu ouvidos.

— Quem é que sabe o que pode acontecer? Enforcamentos, talvez.

Edorion olhou de soslaio para ele, parecendo na defensiva e desconfortável.

— Temos mesmo que falar sobre… sobre plebeus, Estean? E as filhas do velho Astoril? Já se decidiu com qual delas vai se casar?

— O quê? Ah. Ah, acho que vou acabar decidindo na moeda. — Estean franziu a testa para as cartas, mexeu uma delas e

franziu a testa outra vez. — Medore tem umas duas ou três criadas bonitas. Acho que vou ficar com ela.

Mat bebeu um longo gole de vinho da caneca prata para não acabar dando um soco bem no meio daquela cara de fazendeiro. Ainda estava na primeira caneca, as duas serviçais já tinham desistido de tentar lhe servir mais. Se batesse em Estean, nenhum dos homens ergueria uma única mão sequer para impedi-lo. Nem mesmo Estean. Porque ele era o amigo do Lorde Dragão. Desejou estar em alguma taverna da cidade, onde algum doqueiro poderia questionar sua sorte, e apenas a língua, as mãos ou os pés ligeiros poderiam fazê-lo escapar ileso. Nossa, *esse* era um pensamento idiota.

Edorion olhou outra vez para Mat, avaliando o humor do rapaz.

— Ouvi um boato, hoje. Ouvi dizer que o Lorde Dragão está nos levando à guerra com Illian.

Mat engasgou com o vinho.

— Guerra? — balbuciou.

— Guerra — assentiu Reimon, satisfeito, com o cachimbo na boca.

— Tem certeza? — perguntou Carlomin.

— Não ouvi nenhum boato — acrescentou Baran.

— Escutei hoje, de umas três ou quatro bocas. — Edorion parecia absorto nas próprias cartas. — Quem é que pode afirmar o quanto há de verdade nisso?

— Deve ser verdade — comentou Reimon. — Com o Lorde Dragão para nos guiar, empunhando *Callandor*, nem teremos que lutar. Ele vai acabar com os exércitos deles, e vamos marchar direto para Illian. É mesmo uma pena. Que a minha alma queime se não for. Queria uma chance de enfrentar os illianenses com espadas.

— Não vai ter chance nenhuma com o Lorde Dragão na liderança — retrucou Baran. — Eles vão cair de joelhos assim que virem o estandarte do Dragão.

— E, se não caírem — completou Carlomin, com uma risada — o Lorde Dragão vai detonar todos com raios antes que consigam sair do lugar.

— Primeiro Illian — continuou Reimon — depois… depois vamos conquistar o mundo inteiro para o Lorde Dragão. Pode dizer a ele que eu disse isso, Mat. O mundo inteiro.

Mat balançou a cabeça. Um mês atrás, esses homens teriam ficado horrorizados com a mera ideia de um homem capaz de canalizar, um homem condenado a enlouquecer e morrer de forma terrível. Agora, estavam todos prontos para lutar ao lado de Rand, confiando que o poder dele os faria vencedores. Confiavam no Poder, embora não fosse provável que vissem a coisa dessa forma. Mat imaginava que eles precisavam ter algo em que se apoiar. A indestrutível fortaleza da

Pedra caíra nas mãos dos Aiel. O Dragão Renascido estava em seus aposentos, cem pés acima de onde jogavam, e *Callandor* estava com ele. Três mil anos de crenças e história tairenas jaziam em ruínas, e o mundo tinha virado de cabeça para baixo. Mat se perguntou se ele próprio tinha lidado melhor com tudo aquilo. Em pouco mais de um ano, seu próprio mundo tinha virado de ponta cabeça. Girou uma coroa de ouro tairena entre os dedos. Independente de como tivesse lidado com a situação, não voltaria atrás.

— Quando é que vamos marchar, Mat? — perguntou Baran.

— Eu não sei — respondeu, relutante. — Acho que Rand não vai começar uma guerra.

A não ser que já tivesse enlouquecido. Era algo terrível demais para se pensar.

Os outros o encararam como se ele estivesse garantindo que o sol não nasceria no dia seguinte.

— Somos todos leais ao Lorde Dragão, naturalmente. — Edorion franziu a cara para as cartas. — Lá para o interior, no entanto… Ouvi dizer que uns Grão-lordes, alguns poucos, estão tentando reunir um exército para recuperar a Pedra. — De repente, ninguém mais olhava para Mat, embora Estean ainda parecesse tentar entender as próprias cartas. — Mas é claro que tudo isso vai acabar quando o Lorde Dragão nos levar para a guerra. Em todo caso, nós aqui na Pedra somos leais. Os Grão-lordes também, tenho certeza. São só esses poucos do interior.

A lealdade deles não seria maior que o medo do Dragão Renascido. Por um instante, Mat sentiu como se estivesse planejando abandonar Rand em um covil de víboras. Então lembrou-se do que Rand era. Seria mais como abandonar uma doninha em um viveiro de aves. Rand fora seu amigo. Já o Dragão Renascido… Quem poderia ser amigo do Dragão Renascido? *Não estou abandonando ninguém. Ele provavelmente poderia derrubar a Pedra na cabeça de todos eles, se quisesse. E na minha também.* Repetiu a si mesmo que era hora de partir.

— Nada de filhas de pescadores — resmungou Estean. — Você vai falar com o Lorde Dragão?

— É a sua vez, Mat — comentou Carlomin, ansioso. Parecia meio assustado. No entanto, se temia que Estean irritasse Mat outra vez ou que a conversa retornasse ao assunto da lealdade, era impossível dizer. — Vai comprar a quinta carta ou vai empilhar?

Mat percebeu que não prestara atenção. Todos, menos ele e Carlomin, seguravam cinco cartas, embora Reimon tivesse empilhado as dele ao lado do bolo de maneira muito organizada, as faces para baixo, para mostrar que estava fora. Mat hesitou, fingindo pensar, depois suspirou e jogou mais uma moeda na pilha.

Enquanto a coroa de prata quicava, ele sentiu a sorte crescer de repente, passando de um gotejar a uma torrente. Cada tilintar da prata na mesa de madeira soava claro em sua cabeça. Poderia gritar cara ou coroa e saberia como a moeda cairia a cada quicada. Assim como sabia qual seria a próxima carta que receberia antes mesmo que Carlomin a entregasse.

Deslizou as cartas juntas na mesa e abriu-as em uma das mãos. O Governante de Chamas o encarava junto aos outros quatro: era o Trono de Amyrlin equilibrando uma chama na palma da mão, embora em nada se parecesse com Siuan Sanche. Independente de como os tairenos se sentissem em relação às Aes Sedai, reconheciam o poder de Tar Valon, ainda que as Chamas fossem o naipe mais baixo.

Quais eram as chances de receber todos os cinco? A sorte funcionava melhor com as coisas aleatórias, como o dado, mas talvez um pouco mais dela já começasse a se espalhar para as cartas.

— Que a Luz faça cinzas dos meus ossos se não for isso — resmungou. Ou foi o que tentou resmungar.

— Muito bem — quase gritou Estean. — Desta vez não dá para negar. Isso era Língua Antiga. Algo sobre queimar e ossos. — Ele sorriu para a mesa. — Meu tutor ficaria orgulhoso. Vou mandar um presente a ele. Se conseguir descobrir para onde foi.

Era esperado dos nobres que soubessem falar a Língua Antiga, embora na verdade poucos soubessem mais do que Estean parecia saber. Os jovens lordes começaram a debater a respeito do que Mat dissera, exatamente. Pareciam pensar que tinha sido um comentário acerca do calor.

Arrepios percorreram a pele do rapaz andoriano, enquanto ele tentava recordar as palavras que tinham acabado de sair de sua boca. Uma sequência de baboseiras, mas quase parecia que ele as deveria compreender. *Que a queime, Moiraine! Se ela me deixasse em paz, eu não teria a memória cheia de buracos onde cabem carroção e junta, e não estaria declamando… seja lá que porcaria for isso!* Estaria ordenhando as vacas do pai, não caminhando pelo mundo com uma bolsa cheia de dinheiro, mas tentou ignorar essa parte.

— Vocês vieram aqui para jogar — disse, ríspido — ou para tagarelar como velhas tricoteiras?

— Para jogar — respondeu Baran, áspero. — Três coroas, ouro! — Ele jogou as coroas no bolo.

— Cubro e dou mais três. — Estean soltou um soluço e acrescentou seis coroas de ouro à pilha.

Sufocando um sorriso, Mat esqueceu-se da Língua Antiga. Foi muito fácil, não queria pensar no assunto. Além do mais, se os homens estavam começando com tanta vontade, talvez ganhasse o suficiente naquela mão para partir logo de manhã. *E, se ele for louco o bastante*

para começar uma guerra, vou sair daqui nem que seja a pé.

Lá fora, um galo cantou na escuridão. Mat se remexeu, desconfortável, e disse a si mesmo para não ser bobo. Ninguém iria morrer.

Ele baixou os olhos às cartas… e piscou. A chama da Amyrlin fora substituída por uma faca. Enquanto tentava se convencer de que estava cansado e vendo coisas, a figura cravou a lâmina diminuta no dorso de sua mão.

Com um grito rouco, ele atirou as cartas para longe e se jogou para trás, virando a cadeira e chutando a mesa com ambos os pés ao cair. O ar pareceu ficar grosso como mel. Tudo se movia como se o tempo tivesse desacelerado, mas, ao mesmo tempo, tudo parecia acontecer de uma vez só. Outros gritos ecoaram o dele, berros vazios reverberando no interior de uma caverna. Ele e a cadeira flutuaram de volta e para o chão, a mesa se desvirou.

A Governante de Chamas pairava no ar, crescendo, encarando-o com um sorriso cruel. Já quase do tamanho real, começou a sair da carta. Ainda era uma forma pintada, sem profundidade, mas tentava alcançá-lo com a lâmina tingida de vermelho com seu sangue, como se já tivesse sido cravada em seu coração. Ao lado dela, o Governante de Taças começou a crescer, o Grão-lorde taireno de espada embainhada.

Mat flutuava, mas de alguma forma conseguiu alcançar a adaga em sua manga esquerda e, com o mesmo movimento, jogou-a com violência bem no coração da Amyrlin. Isso se a coisa tivesse coração. A segunda faca chegou à sua mão esquerda com muita fluidez e deslizou para fora dela ainda mais suavemente. As duas lâminas pairavam no ar, feito plumas. Ele quis gritar, mas o primeiro berro de choque e ultraje ainda enchia sua boca. O Governante de Barras se expandia ao lado das duas primeiras cartas, a Rainha de Andor agarrada a uma barra que mais parecia um porrete, os cabelos louro-acobreados emoldurando o rosnado enlouquecido da mulher.

Ele ainda caía, ainda soltava aquele longo grito. A Amyrlin se libertara da carta, e o Grão-lorde avançava depressa com a espada. As formas planas moviam-se quase tão lentamente quanto ele. Mat tinha prova de que o metal nas mãos delas era cortante, e sem dúvida a barra seria capaz de quebrar um crânio. O crânio dele.

As adagas que arremessara deslocavam-se como se estivessem afundadas em geleia. Tinha certeza de que o galo cantara para ele. Não importava o que o pai fosse dizer, a profecia fora real. Mas ele não iria desistir e morrer. De algum jeito tinha puxado mais duas adagas do casaco, estava com uma em cada mão. Esforçando-se para dar um giro no ar e equilibrar os pés, atirou uma das facas na figura de cabelos dourados carregando o porrete. Segurou a outra lâmina enquanto tentava se virar e pousar no chão, pronto para enfrentar…

O mundo deu uma guinada e voltou à velocidade normal, e ele aterrissou de lado, todo contorcido, com tanta força que soltou todo o ar. Desesperado, pôs-se de pé e puxou mais uma adaga do casaco. Não dava para carregar mais facas do que o necessário, dizia Thom. Mas nenhuma foi necessária.

Por um instante, pensou que as cartas e figuras tivessem desaparecido. Ou talvez que tivesse imaginado aquilo tudo. Talvez ele é que estivesse enlouquecendo. Então viu as cartas, de volta ao tamanho original, presas por suas facas, ainda trêmulas, aos painéis de madeira escura. Respirou, áspera e profundamente.

A mesa estava caída, e as moedas ainda giravam pelo chão, onde fidalgotes e serviçais se agachavam em meio às cartas espalhadas. Boquiabertos, encaravam Mat e as facas que ele tinha nas mãos e as presas à parede com olhos igualmente arregalados. Estean agarrou uma jarra de prata que escapara ilesa e começou a virar o vinho goela abaixo, deixando escorrer o excesso pelo queixo e peito.

— Não é só porque você não tem cartas para ganhar — comentou Edorion, com a voz rouca — que há necessidade de… — Ele parou e estremeceu.

— Vocês também viram. — Mat deslizou as facas de volta para as bainhas. Um filete de sangue escorria do ferimento diminuto, molhando o dorso de sua mão. — Não finjam que ficaram cegos!

— Eu não vi nada — retrucou Reimon, inexpressivo. — Nada!

O homem começou a se arrastar pelo chão recolhendo ouro e prata, concentrado, como se as moedas fossem a coisa mais importante do mundo. Os outros faziam o mesmo, exceto Estean, que cambaleava conferindo as jarras caídas para ver se alguma ainda continha vinho. Um dos serviçais escondia o rosto entre as mãos. O outro, de olhos fechados, parecia rezar em um gemido baixo e resfolegante.

Praguejando, Mat avançou até onde as facas prendiam as três cartas ao painel. Eram apenas cartas de baralho outra vez, só papel duro com o verniz rachado. Mas a figura da Amyrlin ainda segurava uma adaga, em vez da chama. Sentiu gosto de sangue e percebeu que estava chupando o corte no dorso da mão.

Mais que depressa, arrancou as facas da parede, cortando cada uma das cartas ao meio antes de guardar as adagas. Logo em seguida, vasculhou as cartas espalhadas no chão, encontrou os governantes de Moedas e de Ventos e os rasgou também. Sentiu-se um pouco tolo — estava tudo acabado, as cartas eram apenas cartas outra vez — mas não pôde evitar.

Nenhum dos jovens lordes que engatinhavam pelo chão tentou impedi-lo. Saíam de sua frente sem sequer olhar para ele. Não haveria mais jogatina hoje, decerto nem durante as próximas noites. Pelo

menos, não com ele. O que quer que tivesse acontecido, estava claro que ele fora o alvo. E estava ainda mais claro que aquilo fora feito com o Poder Único. Ninguém queria ter nada a ver com isso.

— Que o queime, Rand! — murmurou, entre dentes. — Se você for enlouquecer, me deixe fora disso!

Seu cachimbo estava em dois pedaços. Arrancara a haste da base com os dentes. Irritado, agarrou a bolsa no chão e saiu do salão pisando forte.

Em seu quarto escuro, Rand se remexia, desconfortável, sobre uma cama onde caberiam cinco pessoas. Estava sonhando.

Em uma floresta repleta de sombras, Moiraine o cutucava com uma vara pontuda, conduzindo-o ao local onde o Trono de Amyrlin aguardava, sentada em um toco, com uma corda nas mãos para enforcá-lo. Silhuetas indistintas deslocavam-se por entre as árvores, meio encobertas, perseguindo-o, caçando-o. Ali o cintilar de uma lâmina de adaga sob a luz falha, acolá a visão de relance das cordas para amarrá-lo. Moiraine, esguia e da altura do ombro de Rand, exibia uma expressão que ele nunca tinha visto. Medo. Suando, ela o cutucou com mais força, tentando apressá-lo até a corda da Amyrlin. Amigos das Trevas e Abandonados nas sombras, a coleira da Torre Branca, e a Aes Sedai Azul atrás dele. Esquivando-se depressa do açoite de Moiraine, ele fugiu.

— Está tarde demais para isso — gritou a mulher atrás dele, mas Rand precisava voltar. Voltar.

Murmurando, ele se agitou violentamente na cama, depois se acalmou e respirou com mais calma por um instante.

Estava na Floresta das Águas, perto de casa, e o sol que passava por entre as árvores salpicava de luz o laguinho diante de si. Havia musgo verde nas pedras, naquela ponta do laguinho, e a trinta passadas de distância, do outro lado, um pequeno arco de flores silvestres. Fora ali que, quando criança, aprendera a nadar.

— Você deveria dar uma nadada agora.

Ele se virou, assustado. Min estava parada ali, sorrindo para ele, usando casaco e calças masculinos. Elayne estava ao lado dela, os cabelos louro-acobreados, em um vestido de seda verde apropriado para o palácio de sua mãe.

Fora Min quem falara, mas Elayne acrescentou:

— A água está convidativa, Rand. Ninguém vai nos incomodar, aqui.

— Não sei — começou a responder, com cautela.

Min o interrompeu entrelaçando os dedos por trás de sua nuca e erguendo-se nas pontas dos pés para beijá-lo.

Ela repetiu as palavras de Elayne em um murmúrio.

— Ninguém vai nos incomodar aqui.

Ela deu um passo atrás e se livrou do casaco, depois atacou os cordões da camisa.

Rand as encarava fixamente, ainda mais depois que percebeu que o vestido de Elayne jazia caído no chão coberto de musgo. A Filha-herdeira estava curvada, os braços entrelaçados, erguendo a barra da roupa de baixo.

— O que estão fazendo? — inquiriu ele, a voz sufocada.

— Estamos nos aprontando para nadar com você — respondeu Min.

Elayne abriu um sorriso e passou a roupa de baixo por cima da cabeça.

Ele virou as costas depressa, embora um tanto sem vontade. Viu-se encarando Egwene, os olhos grandes e escuros da jovem fitando-o com tristeza. Sem uma palavra, ela se virou e desapareceu por entre as árvores.

— Espere! — gritou para ela. — Eu posso explicar.

Rand começou a correr, precisava encontrá-la. Porém, ao chegar na margem das árvores, a voz de Min o interrompeu.

— Não vá, Rand.

Ela e Elayne já estavam dentro da água, só com as cabeças para fora, nadando preguiçosamente do meio do laguinho.

— Volte — chamou Elayne, acenando com o braço esbelto. — Você não acha que merece ter o que deseja, pelo menos uma vez?

Ele revirou os pés, querendo se mover, mas sem saber para que lado seguir. Sem saber o que queria. As palavras soavam estranhas. O que ele queria? Levou uma das mãos ao rosto para limpar o que parecia suor. A carne pustulenta quase apagava a marca da garça em sua palma, osso branco surgia por entre cortes com cantos avermelhados.

Acordou de um pulo, trêmulo, deitado no calor sombrio. As roupas de baixo e os lençóis de linho sob suas costas estavam empapados de suor. A lateral do corpo queimava, bem onde uma antiga ferida nunca cicatrizara direito. Ele localizou a cicatriz tosca, um círculo de quase uma polegada de diâmetro, ainda tenra depois de todo aquele tempo. Nem a Cura Aes Sedai de Moiraine fora capaz de repará-la por completo. *Mas eu ainda não estou apodrecendo. Nem estou louco. Ainda não.* Ainda não. Isso dizia tudo. Ele queria rir, e se perguntou se aquilo era indicação de que já estava um pouco louco.

Sonhar com Min e Elayne, sonhar com elas daquele jeito… Bem, isso não era loucura, mas sem dúvida era bobagem. Nenhuma das duas olhara para ele daquela forma quando ele estava acordado. Rand fora praticamente prometido a Egwene desde que ambos eram

crianças. A promessa de noivado nunca havia sido proferida diante do Círculo das Mulheres, mas todos em Campo de Emond e redondezas sabiam que os dois um dia iriam se casar.

Esse dia jamais chegaria, naturalmente. Não mais, não com o futuro que aguardava um homem capaz de canalizar. Egwene também devia ter percebido isso. Devia. Estava completamente dedicada em se tornar Aes Sedai. Mas as mulheres eram estranhas, ela poderia achar que era possível ser Aes Sedai e se casar com ele mesmo assim, canalizando ou não. Como diria a ela que não queria mais, que a amava como uma irmã? Mas tinha certeza de que não haveria necessidade de dizer isso a ela. Podia se esconder atrás do que era. Egwene teria que compreender. Que homem poderia pedir uma mulher em casamento sabendo que teria apenas mais alguns anos pela frente, com sorte, até começar a enlouquecer, até começar a apodrecer vivo? Apesar do calor, Rand estremeceu.

Preciso dormir. Os Grão-lordes voltariam pela manhã, tentando manipulá-lo para ganhar seu favor. O favor do Dragão Renascido. *Talvez eu não sonhe desta vez.* Ele começou a rolar, buscando um ponto seco entre os lençóis — e congelou, escutando pequenos ruídos na escuridão. Não estava sozinho.

A Espada Que Não É Espada estava do outro lado do quarto, fora de seu alcance, em um assento parecido com um trono que os Grão-lordes tinham dado a ele, sem dúvida na esperança de que mantivesse *Callandor* fora de suas vistas. *Alguém quer roubar* Callandor. Um segundo pensamento surgiu. *Ou matar o Dragão Renascido.* Ele não precisava dos sussurros de advertência de Thom para saber que os votos de lealdade infinita dos Grão-lordes eram apenas proferidos por necessidade.

Rand se esvaziou de pensamentos e emoções e aceitou o Vazio, não foi preciso muito esforço. Flutuando na fria vastidão de si mesmo, pensamentos e emoções deixados do lado de fora, tentou alcançar a Fonte Verdadeira. Dessa vez, tocou-a com facilidade, o que nem sempre era o caso.

Saidin o preencheu como uma torrente de luz e calor branco, enchendo-o de vida, deixando-o doente com a imundície da mácula do Tenebroso, como espuma de esgoto boiando em águas puras e doces. A torrente ameaçava arrastá-lo, consumi-lo, tragá-lo.

Lutando contra a torrente, Rand a controlou com pura força de vontade e rolou da cama, canalizando o Poder enquanto se erguia na postura inicial da forma da espada chamada Macieira Floresce ao Vento. Os inimigos não deviam estar em grande número, ou teriam feito muito mais barulho. A forma, de nome tão suave, era usada contra mais de um oponente.

Quando seus pés tocaram o carpete, uma espada surgiu em suas

mãos, de cabo longo e lâmina levemente curva, de apenas um gume. Parecia formada de chamas, mas sequer estava quente. A silhueta de uma garça preta era visível no amarelo-avermelhado da lâmina. No mesmo instante, cada vela e lanterna dourada se acendeu, e os pequenos espelhos atrás delas expandiram a iluminação. Os espelhos mais largos nas paredes e os dois espelhos de pé refletiam a luz ainda mais longe, até chegar ao ponto em que ele seria capaz de ler sem problemas em qualquer ponto do quarto enorme.

Callandor jazia, imperturbada, uma espada que parecia ser toda de vidro, cabo e lâmina, sobre um suporte de madeira alto e largo como um homem, com entalhes ornamentais dourados, cravado de pedras preciosas. A mobília também era toda dourada e cravejada de pedras preciosas, cama, cadeiras, bancos, guarda-roupas, baús e lavatório. Jarro e vaso eram de porcelana dourada do Povo do Mar, fina como folha. O enorme carpete taraboniano com arabescos vermelhos, dourados e azuis custava o bastante para alimentar uma aldeia inteira por meses. Quase todas as superfícies lisas continham mais delicadas porcelanas do Povo do Mar, assim como cálices, vasos e adornos de ouro trabalhado em prata ou de prata biselada com ouro. Na ampla cornija de mármore da lareira, dois lobos de prata com olhos de rubi tentavam abater um veado dourado de cerca de três pés de altura. Cortinas de seda vermelha com águias bordadas em fios de ouro pendiam das janelas estreitas, balançando de leve com a brisa. Livros preenchiam todo o espaço possível, encadernados em couro ou madeira, alguns esfarrapados e ainda com a poeira das mais recônditas prateleiras da biblioteca da Pedra.

Onde ele pensara ver assassinos ou ladrões havia uma bela jovem, parada hesitante e surpresa no meio do carpete, os cabelos negros caindo pelos ombros em ondas brilhosas. O robe delicado de seda branca realçava mais do que encobria. Berelain, governante da cidade-estado de Mayene, era a última pessoa que ele esperava ver ali.

Depois de o encarar assustada, com os olhos arregalados, ela fez uma mesura profunda e graciosa que apertou as roupas contra o corpo.

— Estou desarmada, meu Lorde Dragão. Submeto-me à sua revista, se duvida de mim. — De repente, o sorriso da mulher fez notar, constrangido, que usava apenas as roupas de baixo.

Que me queime se ela for me fazer sair todo desajeitado para tentar me cobrir. O pensamento flutuou para longe do Vazio. *Eu não pedi que ela entrasse aqui assim. Toda* sorrateira*!* Raiva e embaraço também pairavam no limite do Vazio mas, seu rosto ficou vermelho mesmo assim. Estava levemente ciente disso, ciente de que saber o que se passava intensificava a vermelhidão em suas bochechas. Era tão calmo e frio no Vazio, mas lá fora… Sentia cada gotinha de suor que escorria

por seu peito e costas. Precisou de muito esforço e obstinação para ficar ali, sob o olhar dela. *Revistá-la? Que a Luz me ajude!*

Relaxando a postura, deixou a espada desaparecer, mas manteve o leve fluxo que o conectava a *saidin*. Era como beber de um buraquinho em um açude, com toda a terra ao redor querendo ceder. A água era doce como vinho adocicado e repugnante como um riacho passando por um casqueiro.

Não sabia muito sobre a mulher, apenas que ela circulava pela Pedra como se estivesse em seu palácio em Mayene. Thom dizia que a Primeira de Mayene ficava o tempo todo fazendo perguntas a todos. Perguntas sobre Rand. O que seria natural, sendo ele o que era, mas não tornava as coisas mais fáceis em sua mente. E ela não tinha voltado a Mayene. Isso não era natural. Fora mantida praticamente prisioneira por meses, até sua chegada, sem contato com o trono e o domínio da pequena nação. A maioria das pessoas teria aproveitado a primeira oportunidade que tivessem de se afastar de um homem capaz de canalizar.

— O que está fazendo aqui? — Ele sabia que estava sendo rude, e não se importou. — Tinha um Aiel guardando aquela porta, quando fui dormir. Como passou por eles?

Os lábios de Berelain se curvaram um pouquinho mais. Rand teve a impressão de que o quarto de súbito ficara ainda mais quente.

— Eles me deixaram passar na mesma hora, quando disse que havia sido convocada pelo Lorde Dragão.

— Convocada? Eu não convoquei ninguém. — *Pare com isso*, disse a si mesmo. *Ela é uma rainha, ou o que há de mais próximo disso. Você sabe tanto sobre os costumes de uma rainha quanto sabe voar.* Tentou ser cortês, mas não sabia como chamar a Primeira de Mayene. — Milady — teria de ser o bastante — por que é que eu a convocaria a esta hora da noite?

Ela soltou uma risada grave e musical, vinda bem do fundo da garganta. Mesmo envolto em um vazio indiferente, a risada parecia lhe causar uma comichão, eriçando os pelos dos braços e pernas. De repente, notou a vestimenta justa da mulher como se fosse a primeira vez e sentiu-se enrubescer de novo. *Ela não pode estar falando sério… Será? Luz, eu nunca troquei duas palavras com essa mulher.*

— Talvez eu queira conversar, meu Lorde Dragão. — Ela deixou o robe claro cair no chão, revelando uma vestimenta de seda branca ainda mais fina, que ele só poderia chamar de camisola. Deixava os ombros macios completamente nus e expunha uma parte considerável do busto. Ele se pegou pensando, absorto, no que os sustentava. Era difícil não ficar olhando. — Você está muito longe de casa, assim como eu. As noites são especialmente solitárias.

— Ficarei feliz em conversar com a senhora pela manhã.

— Mas durante o dia você fica rodeado de pessoas. Requerentes. Grão-lordes. Aiel. — Ela estremeceu. Rand disse a si mesmo que deveria desviar o olhar, mas teria sido tão fácil quanto parar de respirar. Nunca estivera tão consciente das próprias reações quando envolto no Vazio. — Os Aiel me assustam, e não gosto dos lordes tairenos.

Acreditava que estava sendo sincera quanto aos tairenos, mas também achava que nada poderia assustar aquela mulher. *Que me queime, ela está no quarto de um homem desconhecido, no meio da noite, seminua, e eu é que estou nervoso como um gato fugindo de um cão, com ou sem Vazio.* Era hora de pôr fim àquilo, antes que a coisa fosse longe demais.

— Seria melhor se a senhora retornasse aos seus aposentos, milady. — Parte dele também queria mandá-la vestir um manto. Um manto bem grosso. Só parte dele. — Hã… Está mesmo muito tarde para conversarmos. Amanhã. À luz do dia.

Ela lançou a Rand um olhar oblíquo e perplexo.

— Será que já assimilou os modos conservadores dos tairenos, Lorde Dragão? Ou essa reserva vem de Dois Rios? Não somos tão… formais… em Mayene.

— Milady… — Ele tentou soar formal. Se a mulher não gostava de formalidades, então era o que ele desejava fazer. — Estou prometido a Egwene al'Vere, milady.

— Está falando da Aes Sedai, meu Lorde Dragão? Isso se ela for mesmo Aes Sedai. A moça é bastante nova, talvez nova demais para usar o anel e o xale. — Berelain falava como se Egwene fosse uma criança, embora não devesse ser mais do que um ano mais velha que Rand, se tanto, e o rapaz era apenas pouco mais de dois anos mais velho do que Egwene. — Meu Lorde Dragão, não pretendo me colocar entre os dois. Case-se com ela, se a moça for da Ajah Verde. Eu jamais almejaria me casar com o Dragão Renascido. Peço perdão se estiver me excedendo, mas já disse que não somos tão… formais em Mayene. Posso chamá-lo de Rand?

Rand se surpreendeu dando um suspiro arrependido. Houvera um lampejo nos olhos da mulher, uma breve mudança de expressão que desapareceu depressa, quando ela mencionou se casar com o Dragão Renascido. Se ela não refletira sobre isso antes, o fizera agora. O Dragão Renascido, não Rand al'Thor. O homem da profecia, não o pastor de Dois Rios. Ele não estava exatamente chocado, algumas garotas em casa suspiravam por quem se mostrasse mais forte ou veloz nos jogos do Bel Tine e do Dia do Sol, e, vez ou outra, uma mulher levava os olhos ao dono dos campos mais férteis ou dos maiores rebanhos. Teria sido bom pensar que ela desejava Rand al'Thor.

— Está na hora de a senhora ir, milady — disse, baixinho.

Ela se aproximou.

— Sinto seus olhos em mim, Rand. — A voz era quente. — Não sou uma garotinha de aldeia agarrada ao avental da mãe, e sei que você quer…

— Acha que sou de pedra, mulher?

A Primeira de Mayene se sobressaltou com o grito dele, mas no instante seguinte já cruzava o carpete em sua direção, os olhos eram dois lagos negros capazes de arrastar um homem às profundezas.

— Seus braços parecem fortes como pedra. Se achar que deve ser duro comigo, então seja, desde que me abrace.

Ela tocou seu rosto, os dedos pareciam soltar faíscas.

Sem pensar, Rand canalizou os fluxos ainda ligados a ele, e de repente a mulher cambaleou para trás, os olhos arregalados de susto, como se uma parede de ar a empurrasse. Era ar, deu-se conta. Ele fazia coisas que desconhecia com mais frequência do que percebia. Pelo menos, depois que as fazia, lembrava-se de como repeti-las.

A parede invisível se deslocava, ondeando o tapete, varrendo consigo o robe de Berelain caído no chão, uma bota que Rand jogara de lado ao se despir e um banquinho com um volume aberto de *A História da Pedra de Tear*, de Eban Vandes. Empurrava tudo e forçava a mulher a quase se encostar na parede, cercada. A uma distância segura dele. Rand congelou o fluxo — era a única forma que tinha de chamar o que fizera — e o escudo já não precisava dele para se manter. Por um instante, analisou o que havia feito, até ter certeza de que seria capaz de repetir. Parecia útil, sobretudo o congelamento.

Com os olhos escuros ainda arregalados, Berelain tateou os limites de sua prisão invisível com as mãos trêmulas. Seu rosto estava quase tão branco quanto o vestido de seda diminuto. Banquinho, bota e livro jaziam a seus pés, amontoados com o robe.

— Por mais que eu me arrependa disso — começou Rand — não nos falaremos outra vez, a não ser em público, milady. — Estava mesmo arrependido. Quaisquer que fossem os motivos dela, a mulher era linda. *Que me queime, eu* sou *um idiota!* Não sabia ao certo se era por pensar em na beleza da Primeira ou por mandá-la embora. — Na verdade, é melhor arranjar a sua viagem de volta à Mayene assim que possível. Prometo que Tear não vai mais incomodar seu país. Tem a minha palavra.

A promessa era válida apenas enquanto ele vivesse, talvez apenas enquanto permanecesse na Pedra, mas era preciso oferecer algo à mulher. Um curativo para orgulho ferido, um presente para desviar o pensamento do medo.

Mas o medo dela já estava sob controle, ao menos no exterior. Honestidade e franqueza dominavam seu rosto, e todos os esforços de sedução haviam desaparecido.

— Perdoe-me. Lidei muito mal com isso. Não era minha intenção ofendê-lo. No meu país, uma mulher pode dizer livremente o que pensa a um homem, e ele a ela. Rand, você deve saber que é um homem bonito, alto e forte. Eu é que seria de pedra se não percebesse e admirasse isso. Por favor, não me mande para longe de você. Posso implorar, se você quiser. — Ela se ajoelhou com muita delicadeza, parecia dançar. A expressão em seu rosto indicava que ela estava sendo franca e confessando tudo. Mas, por outro lado, ela puxara o vestido já instável ao se ajoelhar, até o tecido parecer prestes a cair. — Por favor, Rand?

Mesmo protegido pelo vazio, o jovem a encarou boquiaberto, o que não tinha nada a ver com a beleza ou a quase nudez dela. Bem, pelo menos em parte. Se os Defensores da Pedra tivessem metade da determinação daquela mulher, metade de sua firmeza de propósito, nem dez mil Aiel teriam conseguido tomar a Pedra.

— Estou lisonjeado, milady — disse, diplomático. — Acredite, estou mesmo. Mas não seria justo com a senhora. Não posso lhe dar o que a senhora merece. — *E deixar que faça o que quiser com isso.*

Do lado de fora, na escuridão, um galo cantou.

Para surpresa de Rand, os olhos de Berelain de repente se fixaram em um ponto atrás dele, grandes como xícaras de chá. Seu queixo caiu, e o pescoço delgado se preparou para um grito que não veio. Ele deu meia-volta, a espada de luz vermelha e amarela lampejando outra vez em suas mãos.

Do outro lado do quarto, um dos espelhos de pé refletia sua imagem, um homem jovem e alto de cabelos vermelhos e olhos cinza, vestido apenas em roupas de baixo de linho e segurando uma espada esculpida em fogo. O reflexo deu um passo para o carpete e ergueu a espada.

Eu enlouqueci mesmo. Os pensamentos flutuavam no limite do Vazio. *Não! Ela também viu. É real!*

Com o canto do olho, captou um movimento à esquerda. Virou-se antes de conseguir pensar, deslizando a espada para cima, assumindo a forma da Lua Sobre as Águas. A lâmina golpeou a silhueta — a silhueta dele — que se projetava de um espelho na parede. A forma golpeada bamboleou, fragmentou-se como partículas de poeira flutuando no ar e desapareceu. O reflexo de Rand surgiu outra vez no espelho, espalmando as mãos na moldura. Tinha consciência do movimento nos espelhos em todo o quarto.

Em desespero, golpeou o espelho. O vidro prateado se despedaçou, mas a imagem pareceu ter se despedaçado primeiro. Pensou ouvir um grito distante dentro da cabeça, um berro de sua própria voz sumindo ao longe. Ao mesmo tempo que fragmentos de espelho desabavam, continuava golpeando com o Poder Único. Cada

espelho do quarto explodia em silêncio, formando uma cascata de vidro pelo carpete. O grito agonizante em sua cabeça ecoava mais e mais, mandando arrepios por sua coluna. Era sua voz. Mal podia acreditar que não era ele fazendo aqueles sons.

Virou-se para enfrentar a silhueta que conseguira se libertar, a figura atacou no mesmo instante, Abrindo o Leque contra Pedras Rolando Montanha Abaixo. A figura deu um salto para trás, e, de repente, Rand percebeu que ela não estava sozinha. Com a mesma rapidez com que esmagara os espelhos, dois outros reflexos haviam escapado. Todos o encaravam, três duplicatas dele mesmo, até na cicatriz redonda e rugosa ao lado do corpo. Todos com os rostos retorcidos de ódio, desprezo e uma fome estranha. Só que os olhos das figuras pareciam vazios, sem vida. Antes que ele pudesse respirar, os três avançaram em sua direção.

Rand pisou de lado, os pedaços de espelho quebrado cortando seus pés, sempre na lateral, de postura em postura, de forma em forma, tentando enfrentar apenas um de cada vez. Usou tudo o que Lan, Guardião de Moiraine, lhe ensinara nas aulas diárias com a espada.

Se os três tivessem lutado juntos, se tivessem defendido uns aos outros, Rand teria morrido no primeiro minuto, mas cada um lutou sozinho, como se os outros não existissem. Mesmo assim, não foi possível deter as espadas por completo. Em minutos, o sangue escorria por seu rosto, peito, braços. A velha ferida se abrira, e o fluxo que escorria dela ajudava a manchar de vermelho as roupas de baixo. As figuras possuíam suas feições e habilidade, e eram três contra um. Cadeiras e mesas tombaram, porcelanas do Povo do Mar de valor inestimável se despedaçaram no tapete.

Sentiu sua força se esgotando. Nenhum dos cortes era grande, exceto a ferida antiga, mas todos juntos… Rand sequer pensou em gritar, em pedir ajuda aos Aiel do outro lado da porta. As paredes grossas sufocariam até um grito de morte. Não importava o que decidisse fazer, teria que dar conta disso sozinho. Lutou, envolto na gélida emoção do Vazio, mas o medo arranhava as barreiras como galhos açoitados pelo vento arranhavam uma janela na noite.

Deslizou a lâmina no rosto do oponente, bem abaixo dos olhos — foi impossível não se contrair, era seu próprio rosto — e o espectro recuou, mas só o suficiente para evitar um golpe letal. Jorrou sangue do corte, cobrindo boca e queixo de vermelho-escuro, mas o rosto destruído não alterou sua expressão, e os olhos vazios jamais vacilaram. A coisa desejava a morte de Rand como um homem faminto deseja comer.

Será que alguma coisa é capaz de matá-los? Os três sangravam pelas feridas que ele conseguira infligir, mas a perda de sangue não parecia

afetá-los, como fazia com ele. Todos tentavam desviar de sua espada, mas nem reparavam nos próprios ferimentos. *Se é que estão feridos*, pensou, sombriamente. *Luz, se estão sangrando, devem estar feridos! Só pode ser!*

Precisava de um intervalo, um instante para recuperar o fôlego, para se recompor. De súbito, saltou para a cama, para longe dos outros, e deu um rolamento. Sentiu, mais do que viu, lâminas rasgando os lençóis, quase acertando sua carne. Cambaleante, ficou de pé e agarrou uma mesa com força, para se equilibrar. A bacia brilhante na mesa, de prata trabalhada em ouro, bamboleou. Um dos reflexos subira na cama toda rasgada, chutando plumas de ganso ao avançar com muita cautela, espada a postos. Os outros dois davam a volta lentamente, ainda ignorando um ao outro, concentrados apenas nele. Seus olhos brilhavam como cristal.

Rand estremeceu quando a dor atingiu a mão que pusera na mesa. Uma imagem de si mesmo com não mais de seis polegadas de altura recolheu uma espada pequenina. Ele agarrou a figura por instinto, antes que ela pudesse golpeá-lo outra vez. Contorcia-se em seu punho, arreganhando os dentes. Deu-se conta dos pequenos movimentos pelo quarto, dos inúmeros minúsculos reflexos que surgiam da prata polida. Sentiu a mão começar a formigar, a ficar gelada, como se a coisa estivesse sugando todo o calor de sua carne. O calor de *saidin* cresceu dentro dele. Foi tomado por um impulso, e o calor fluiu até a mão gélida.

De repente, a figura diminuta explodiu como uma bolha, e ele sentiu algo fluir para dentro de si — vindo da explosão — uma pequena porção de sua força que fora perdida. Deu um solavanco ao sentir os pequenos choques de vitalidade.

Quando ele ergueu a cabeça — imaginando se estaria morto — os pequenos reflexos que percebera mais cedo haviam desaparecido. Os três maiores vacilavam, como se tivessem perdido a força que Rand ganhara. Mesmo assim, quando olhou para cima, viu que os três se equilibraram e começaram a avançar, embora mais cautelosos.

Ele recuou, pensando desesperadamente, a espada ameaçando primeiro um, depois outro. Se continuasse a enfrentá-los como antes, mais cedo ou mais tarde os três o acabariam matando. Sabia disso com a mesma certeza que sabia estar sangrando. Mas algo conectava os reflexos. Ao absorver o pequenino — sentiu um enjoo só de pensar, mas fora isso mesmo que acontecera — não apenas destruíra os outros com ele, também afetara os maiores, pelo menos por um instante. Se pudesse fazer o mesmo com algum dos grandes, talvez destruísse os três.

A mera ideia de absorvê-los dava ânsia de vômito, mas Rand não via outra saída. *Não sei como fazer isso. Como foi que fiz aquilo? Luz, o*

que foi que eu fiz? Era preciso agarrar um deles, ou pelo menos tocá-lo, disso tinha certeza. Porém, se ele tentasse chegar tão perto, teria três espadas cravadas em seu corpo em um piscar de olhos. *Reflexos. Quanto deles ainda é um reflexo?*

Na esperança de que não estivesse sendo um imbecil — se estivesse, era melhor ser logo um imbecil morto — fez a espada desaparecer. Preparou-se para trazê-la de volta no mesmo instante, mas, quando sua lâmina entalhada em fogo cessou de existir, as dos outros também cessaram. Por um instante, a confusão se refletiu nas três cópias de seu rosto, uma delas toda ensanguentada. Porém, antes que pudesse agarrar algum, os três saltaram na direção dele, e todos os quatro desabaram no chão, um emaranhado de membros rolando pelo carpete cheio de estilhaços.

O frio se entranhou em Rand. A dormência subiu por seus braços, pernas e ossos até que ele mal sentisse os fragmentos de espelho, as lascas de porcelana triturando sua carne. Algo próximo ao pânico tremeluzia, invadindo o vazio ao seu redor. Talvez tivesse cometido um erro fatal. Aqueles três eram maiores do que o que ele absorvera antes, sorviam mais calor de dentro dele. E não apenas calor. Quanto mais frio ficava, mais os olhos vítreos e cinzentos que o encaravam ganhavam vida. Teve a gélida certeza de que aquela luta não terminaria com sua morte. Os três se virariam uns contra os outros até que restasse apenas um, que tomaria sua vida, suas lembranças, *seria* ele.

Lutou, obstinado. Quanto mais fraco ficava, mais se esforçava. Abriu-se para *saidin*, tentando se encher de seu calor. Até a mácula nauseante era bem-vinda, pois, quanto mais a sentia, mais *saidin* jorrava sobre ele. Se seu estômago ainda era capaz de ficar embrulhado, significava que ele ainda estava vivo, e, enquanto vivesse, poderia lutar. *Mas como? Como? O que foi que eu fiz antes? Saidin* revolvia em fúria dentro dele. Parecia que, se sobrevivesse aos agressores, seria consumido pelo Poder. *Como foi que eu fiz?* Só era capaz de sugar *saidin* e tentar… alcançar… arrancar…

Um dos três desapareceu — Rand o sentiu deslizar para dentro dele, foi como despencar de uma altura enorme direto em um chão de pedras — depois os outros dois juntos. O impacto o arremessou de costas, e ele ficou ali, virado para o teto caiado com ornamentos dourados, deleitando-se com o fato de que ainda respirava.

O Poder continuava crescendo em cada fresta de seu ser. Queria vomitar todas as refeições que já fizera. Sentia-se tão vivo que, em comparação, não estar banhado em *saidin* seria como viver nas sombras. Sentia o cheiro da cera de abelha das velas e do óleo das lanternas. Sentia cada fibra do carpete em suas costas. Sentia cada corte em sua carne, cada talho, cada incisão, cada hematoma. No

entanto, agarrou-se a *saidin*.

Um dos Abandonados tentara matá-lo. Ou todos eles. Devia ter sido isso, a menos que o Tenebroso já estivesse livre. Mas, se fosse o caso, achava que não seria uma luta tão fácil ou simples. Manteve a conexão com a Fonte Verdadeira. *A não ser que eu tenha feito tudo isso sozinho. Será que posso odiar tanto o que sou a ponto de tentar me matar? Mesmo sem saber? Luz, preciso aprender a controlar isso. Preciso!*

Levantou-se, todo dolorido. Deixando pegadas de sangue no carpete, mancou até o suporte onde estava *Callandor*. Rand estava coberto do sangue que escorrida das centenas de cortes. Ergueu a espada, toda a extensão vítrea cintilava com o Poder que fluía para o seu interior. A Espada Que Não É Espada. Aquela lâmina, aparentemente de vidro, era tão afiada quanto o melhor aço, ainda que *Callandor* não fosse de fato uma espada, mas um fragmento da Era das Lendas, um *sa'angreal*. Com ajuda de um dos relativamente poucos *angreal* conhecidos que tinham sobrevivido à Guerra da Sombra e à Ruptura do Mundo, era possível canalizar fluxos do Poder Único que de outra maneira teriam reduzido o canalizador a cinzas. Os *sa'angreal*, ainda mais raros, intensificavam os fluxos canalizados com um *angreal* da mesma forma que os *angreal* intensificavam os fluxos canalizados livremente. E *Callandor*, que apenas homens poderiam utilizar, conectada ao Dragão Renascido por três mil anos de lenda e profecia, era um dos mais poderosos *sa'angreal* já produzidos. Empunhando *Callandor*, ele poderia destruir uma cidade em um único golpe. Empunhando *Callandor*, poderia até enfrentar um dos Abandonados. *Foram eles* mesmo. *Só podem ter sido.*

De repente, Rand percebeu que não ouvira sequer um som de Berelain. Meio temeroso de vê-la morta, ele se virou.

Ainda ajoelhada, a jovem estava encolhida. Vestira outra vez o robe e o apertava contra o corpo como uma armadura de ferro ou uma muralha de pedra. Com o rosto branco como a neve, ela umedeceu os lábios.

— Qual deles é…? — Engoliu em seco e recomeçou. — Qual deles…? — Não conseguiu terminar.

— Sou o único que existe — respondeu Rand, gentilmente. — O que você estava tratando como se fôssemos prometidos um ao outro.

Seu intuito era o de acalmá-la, talvez fazê-la sorrir — sem dúvida uma mulher com a força que ela demonstrara ter poderia sorrir, mesmo diante de um homem banhado em sangue. Mas a Primeira de Mayene se inclinou para a frente, apertando o rosto no chão.

— Peço perdão, humildemente, por ter ofendido o senhor de forma tão grave, Lorde Dragão. — A voz resfolegante de fato soava humilde e assustada. Nada parecida com a mulher de antes. — Imploro que esqueça e perdoe minha ofensa. Não

incomodarei mais o senhor. Eu juro, meu Lorde Dragão. Pelo nome de minha mãe e sob a Luz, eu juro.

Rand soltou o fluxo intrincado, e a parede invisível que a confinava se transformou em uma brisa rápida, agitando o robe da jovem.

— Não há nada a perdoar — respondeu, com voz cansada. Sentia-se esgotado. — Faça como quiser.

Ela se endireitou, hesitante, estendeu uma das mãos e soltou um arquejo aliviado ao não encontrar resistência. Juntando as saias do robe, começou a cruzar o carpete coberto por estilhaços de vidro com muito cuidado, os cacos rangendo sob as sapatilhas de veludo. Parou perto da porta, fazendo um esforço evidente para encará-lo. Seus olhos não conseguiram se fixar nos dele.

— Mandarei os Aiel entrarem, se o senhor desejar. Posso mandar buscar uma Aes Sedai para cuidar de seus ferimentos.

Ela preferia estar em um quarto com um Myrddraal, agora. Ou mesmo com o próprio Tenebroso, mas não é covarde.

— Obrigado — respondeu ele, baixinho — mas não precisa. Gostaria que a senhora não contasse a ninguém o que aconteceu aqui. Farei o que precisa ser feito.

Foram os Abandonados, não há dúvida.

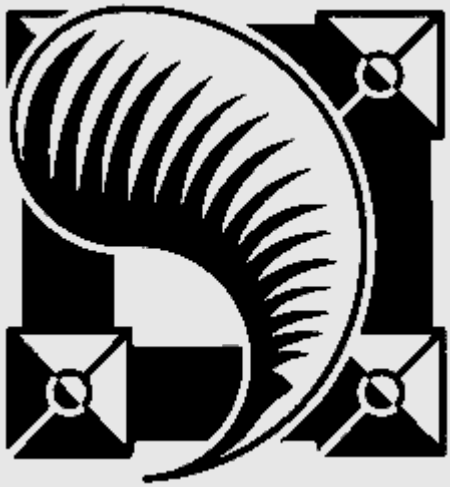
— Como o Lorde Dragão quiser.

Ela fez uma mesura contida e saiu depressa, talvez com medo de que ele pudesse mudar de ideia e não deixá-la partir.

— Preferia estar com o próprio Tenebroso — murmurou Rand, quando a porta se fechou atrás dela.

Ele mancou até o pé da cama, deixou-se cair em cima do baú e pousou *Callandor* entre os joelhos, as mãos ensanguentadas sobre a lâmina reluzente. Com aquilo nas mãos, até um dos Abandonados o temeria. Em um instante, mandaria trazer Moiraine para Curar suas feridas. Em um instante, falaria com os Aiel lá fora e seria o Dragão Renascido outra vez. Mas no momento, só queria ficar sentado, lembrando-se de um pastor chamado Rand al'Thor.

3



Reflexos

Apesar da hora, bastante gente passava apressada pelos largos corredores da Pedra, homens e mulheres usando as roupas pretas e douradas de serviçais ou os uniformes de um ou outro Grão-lorde. De vez em quando, um ou dois Defensores passavam, sem capacetes e desarmados, alguns de casacos desabotoados. Os serviçais que passavam perto de Perrin e Faile se curvavam ou dispensavam mesuras, então seguiam apressados, quase sem parar. A maioria dos soldados se assustava ao vê-los. Alguns os cumprimentavam de forma rígida, com a mão no coração, mas todos apressavam o passo, parecendo ansiosos para se afastar.

Apenas um lampião a cada três ou quatro estava aceso. Nos trechos pouco iluminados entre os suportes compridos, sombras ofuscavam as tapeçarias nas paredes e obscureciam eventuais baús encostados na pedra. Para quaisquer olhos além dos de Perrin. Os dele brilhavam como ouro reluzente naqueles corredores sombrios. O rapaz andava depressa, de lampião a lampião, mantendo o olhar baixo quando o trecho não estava bem iluminado. A maioria das pessoas da Pedra sabia, de um jeito ou de outro, sobre a estranha cor de seus olhos. Naturalmente, ninguém comentava. Até mesmo Faile parecia presumir que a cor era parte de sua associação com uma Aes Sedai, algo que simplesmente era. Algo a ser aceito, não explicado. Mesmo assim, um arrepio sempre percorria a coluna de Perrin quando percebia que um estranho notara seus olhos brilhando na escuridão. Quando os outros ficavam calados, o silêncio apenas enfatizava sua distinção.

— Queria que não me olhassem desse jeito — resmungou, quando um Defensor grisalho, com o dobro de sua idade, quase saiu correndo ao vê-lo passar. — Como se tivessem medo de mim. Não tinham antes, não desse jeito. Por que essa gente toda não está dormindo?

Uma mulher carregando balde e esfregão inclinou-se em cumprimento e seguiu depressa, de cabeça baixa.

Com o braço enroscado no dele, Faile o olhou de soslaio.

— Eu diria que os guardas só devem frequentar esta parte da Pedra quando estão de serviço. Esse é um bom momento para fazer um chamego em uma empregada na cadeira de um lorde, talvez fingir que os dois são o lorde e a lady enquanto os verdadeiros dormem. Devem estar com medo de ser dedurados. E os serviçais fazem a maior parte do trabalho à noite. Quem é que iria querer vê-los abaixados no chão, varrendo, polindo e espanando à luz do dia?

Perrin assentiu, desconfiado. Supunha que ela soubesse essas coisas por causa de seu pai. Um mercador bem-sucedido decerto tinha serviçais, além de guardas para os carroções. Pelo menos aquela gente não estava fora da cama por ter passado pelo mesmo que ele. Se fosse o caso, estariam todos fora da Pedra, provavelmente ainda correndo. Mas por que ele fora o alvo? Por que ele, ao que parecia, fora o escolhido? Não estava ansioso para confrontar Rand, mas precisava saber. Faile apertava o passo para acompanhá-lo.

Apesar de todo o esplendor, de todo o ouro, das finas esculturas e dos trabalhos de marchetaria, o interior da Pedra fora projetado para a guerra tanto quanto o exterior. Buracos assassinos pontilhavam o teto nos cruzamentos entre corredores. Seteiras jamais utilizadas espreitavam as passagens em pontos onde poderiam proteger um corredor inteiro. Perrin e Faile subiam as escadas estreitas e curvas sem parar, cada uma embutida ou anexa às paredes, com mais seteiras contemplando o corredor abaixo. Naturalmente, toda aquela arquitetura não fora empecilho para os Aiel, os primeiros inimigos a avançar para além das muralhas externas.

Enquanto subiam depressa uma das escadas espiraladas — Perrin não percebeu que estavam correndo, mas estaria avançando mais depressa não fosse por Faile agarrada a seu braço — ele sentiu um sopro de suor velho e um traço de perfume doce e enjoativo, mas não registrou muito bem a informação. Estava concentrado no que diria a Rand. *Por que você tentou me matar? Já está ficando louco?* Não havia maneira fácil de fazer a pergunta, e ele não esperava uma resposta fácil.

Ao adentrar um corredor escuro, quase no topo da Pedra, viu-se diante de um Grão-lorde de costas e dois de seus guardas pessoais. Apenas os Defensores tinham permissão de usar armaduras no interior da Pedra, mas esses três levavam espadas nas cinturas. Isso não era

incomum, sem dúvida, mas a presença deles naquele pavimento, em meio às sombras, encarando atentamente a luz que vinha do canto oposto do corredor, não era nada comum. A luz vinha da antessala frontal de um dos aposentos que Rand recebera. Ou pegara. Ou fora obrigado por Moiraine a aceitar.

Perrin e Faile não se esforçaram para fazer silêncio ao subir as escadas, mas os três homens estavam tão concentrados na vigília que nenhum deles notou a chegada dos dois. Então um dos guarda-costas de casaco azul virou a cabeça, como se esticasse o pescoço com câimbra. Quando viu o casal, escancarou a boca. O sujeito deixou escapar um xingamento e deu meia-volta para encarar Perrin, exibindo um bom pedaço da lâmina de sua espada. O outro foi apenas uma fração de segundo mais lento. Ambos estavam tensos, de prontidão, mas os olhos pareciam hesitantes, incomodados, desviando-se dos de Perrin. Os homens exalavam um odor acre de medo. O Grão-lorde também, embora o controlasse com rédeas curtas.

O Grão-lorde Torean, com uma mecha branca na barba escura e pontuda, movimentava-se languidamente, como se estivesse em um baile. Puxando um lenço com perfume adocicado da manga, deu uma pancadinha no nariz cheio de calombos, que parecia pequeno se comparado às orelhas. O refinado casaco de seda com mangas de cetim vermelho apenas ressaltava como seu rosto era comum. Ele olhou a camisa de manga de Perrin, deu outro tapinha no nariz e inclinou de leve a cabeça.

— Que a Luz o ilumine — disse, com educação. Seus olhos passaram pelo olhar amarelo de Perrin e recuaram, mas a expressão do homem não se alterou. — Creio que esteja bem?

Talvez estivesse sendo educado demais.

Perrin não se importava com a educação do homem, mas o jeito com que Torean encarava Faile de cima a baixo, com uma espécie de interesse displicente, o fez apertar os punhos. Conseguiu, no entanto, manter o tom de voz firme.

— Que a Luz o ilumine, Grão-lorde Torean. Fico feliz em vê-lo ajudando a proteger o Lorde Dragão. Alguns homens na sua posição poderiam se ressentir da presença dele aqui.

As finas sobrancelhas de Torean estremeceram.

— A profecia foi cumprida, e Tear ocupou seu lugar nela. Talvez o Dragão Renascido conduza esta cidade a um destino ainda mais grandioso. Que homem se ressentiria disso? Mas já está muito tarde. Boa noite para vocês.

Ele olhou Faile outra vez, fazendo beicinho, e seguiu pelo corredor um pouco depressa demais, afastando-se das luzes da antessala. Os guarda-costas o seguiram como cães bem treinados.

— Não precisava ser grosseiro — ralhou Faile, com uma voz

severa, quando o Grão-lorde já não podia ouvir. — Parecia que a sua língua tinha congelado. Se pretende ficar aqui, é melhor aprender a lidar com os lordes.

— Ele olhou para você como se quisesse colocá-la no colo. E não era para fazer papel de pai.

Ela fungou, desdenhosa.

— Não é o primeiro homem que olha para mim. Se tivesse a cara de pau de tentar mais alguma coisa, eu o colocaria em seu lugar com uma cara feia. Não preciso que me defenda, Perrin Aybara. — Mas ela não soava totalmente irritada.

Ele coçou a barba e deu uma espiada em Torean, observando o Grão-lorde e seus guardas desaparecerem em uma curva ao longe. Ficou se perguntando como os lordes tairenos faziam para não suar até a morte.

— Você percebeu, Faile? Os cães de guarda só tiraram as mãos das espadas quando ele estava a umas dez passadas da gente.

Ela o encarou, franzindo a testa, depois olhou o corredor por onde os três haviam seguido e assentiu devagar.

— Tem razão. Mas não entendo. Não são subservientes com vocês do jeito que são com *ele*, mas todo mundo age com tanta cautela perto de você e de Mat quanto das Aes Sedai.

— Talvez ser amigo do Dragão Renascido já não garanta tanta proteção quanto antes.

Ela não sugeriu outra vez que fossem embora, não com palavras, mas era só o que seus olhos diziam. Perrin teve mais sucesso em ignorar a sugestão não dita do que tivera com a verbalizada.

Antes de os dois chegarem ao fim do corredor, Berelain saiu correndo da antessala iluminada, os dois braços agarrados firmemente a um fino robe enrolado no corpo. Se a Primeira de Mayene caminhasse mais depressa, estaria correndo.

Para mostrar a Faile que podia ser educado como ela queria, Perrin se curvou em uma mesura que apostou que nem Mat teria superado. Em contraste, a de Faile não foi mais do que um contido aceno de cabeça e uma flexão mínima dos joelhos. Ele mal notou. Quando Berelain passou por eles, sem olhá-los, o cheiro de medo, rançoso e bruto como uma ferida pustulenta, fez suas narinas se contorcerem. Comparado àquilo, o medo de Torean não era nada. Aquilo era pânico ensandecido, atado com uma corda esfarrapada. Ele se endireitou sem pressa, olhando para ela.

— Saciando os olhos? — perguntou Faile, baixinho.

Concentrado em Berelain, imaginando o que a teria feito chegar tão perto do precipício, ele respondeu, sem pensar:

— Ela cheirava a…

Bem adiante, Torean apareceu de repente, vindo de um corredor

lateral, e agarrou o braço de Berelain. Ele falava bastante, mas Perrin só conseguiu distinguir algumas palavras isoladas, algo sobre ela pisar no próprio orgulho e também o que parecia um oferecimento de proteção. A mulher dava respostas curtas, afiadas e ainda mais inaudíveis, o queixo erguido. Com um puxão, a Primeira de Mayene se desvencilhou e foi embora, as costas eretas, parecendo ter mais domínio de si mesma. Torean quase começava a segui-la quando notou que Perrin o observava. Dando um tapinha com o lenço no nariz, o Grão-lorde desapareceu pelo cruzamento entre os corredores.

— Não me interessa se ela cheirava a Essência da Manhã — comentou Faile, sombria. — Essa daí não está interessada em caçar ursos, mesmo que o couro fique lindo estendido em uma parede. Ela caça o sol.

Ele franziu o cenho para ela.

— Sol? Urso? Do que é que você está falando?

— Vá sozinho. Acho que vou para a cama, afinal.

— Se é isso o que você quer — respondeu ele, com cautela. — Mas achei que estava tão ansiosa quanto eu para descobrir o que aconteceu.

— Acho que não. Não vou fingir que estou ansiosa para conhecer o Lo… Rand. Não depois de evitar isso até agora. E não me sinto nem um pouco ansiosa, nesse momento. Sem dúvida vocês dois terão uma conversa ótima sem mim. Ainda mais se for regada a vinho.

— Você não fala coisa com coisa — resmungou Perrin, passando uma das mãos nos cabelos. — Se quiser ir para a cama, então vá, mas eu queria que você falasse alguma coisa que eu entendesse.

Faile estudou o rosto dele por um longo instante, então mordeu o lábio de repente. Ele achou que a moça tentava segurar o riso.

— Ah, Perrin, às vezes acho que o que mais gosto é essa sua inocência. — Sem dúvida, traços de risada enchiam a voz. — Vá encontrar o… seu amigo e me conte como foi amanhã de manhã. O quanto quiser. — Ela puxou a cabeça dele, roçou seus lábios com um beijo e, com a mesma rapidez, disparou de volta pelo corredor.

Balançando a cabeça, ele a observou ir embora pelas escadas, sem sinal de Torean. Às vezes ela parecia falar outra língua. Ele avançou até os lampiões.

A antessala era um cômodo redondo, com cinquenta passadas de comprimento ou mais. Cem lustres dourados pendiam de correntes no teto alto. Colunas de pedra vermelha polida formavam um círculo interno, e o piso parecia uma imensa placa de mármore negro rajada de ouro. Aquela fora a antessala dos aposentos do rei na época em que ainda havia monarquia em Tear, antes de Artur Asa-de-gavião reduzir tudo, da Espinha do Mundo ao Oceano de Aryth, ao comando de um só governante. Os reis tairenos não retornaram quando o império de

Asa-de-gavião entrou em colapso, e, por mil anos, os únicos habitantes daqueles aposentos haviam sido os ratos pisoteando a poeira. Nenhum Grão-lorde jamais tivera poder suficiente para ousar requerer o direito a eles.

Havia um círculo de cinquenta Defensores parados no meio do aposento, todos usando reluzentes placas peitorais e capacetes com abas, as lanças inclinadas exatamente no mesmo ângulo. Como estavam dispostos olhando para todas as direções, tinham a função de afastar todos os intrusos do senhor da Pedra. O comandante, um capitão identificado por duas pequenas plumas brancas no capacete, mantinha uma postura apenas um pouco menos rígida. Ele estava parado com uma das mãos na espada e a outra na cintura, parecendo presunçoso por seu cargo. Todos cheiravam a medo e incerteza, como homens que viviam sob um penhasco em processo de desintegração e quase tivessem conseguido convencer a si mesmos de que a terra jamais desabaria. Pelo menos, não naquela noite. Não durante a próxima hora.

Perrin caminhou até eles, as botas ressoando no mármore. O oficial começou a andar em sua direção, depois hesitou ao ver que Perrin não parara ao ser desafiado. Sabia quem era o rapaz, sem dúvida. Pelo menos, sabia tanto quanto qualquer taireno. Um companheiro de viagem da Aes Sedai, amigo do Lorde Dragão. Não era homem de ser interpelado por um mero oficial dos Defensores da Pedra. O oficial tinha a aparente tarefa de proteger o descanso do Lorde Dragão, naturalmente, mas, embora não admitisse nem a si mesmo, devia saber que ele próprio e sua brava armadura polida não passavam de uma encenação. Os verdadeiros guardas eram os que Perrin encontrou ao passar pelas colunas e se aproximar das portas dos aposentos de Rand.

As mulheres estavam sentadas tão imóveis atrás das colunas que pareciam camufladas na pedra, mas os casacos e calças — em tons de cinza e marrom, feitos para escondê-las no Deserto — destacaram-se assim que elas se moveram. Calçadas em botas de cadarços macias que iam até os joelhos, as seis Donzelas da Lança, mulheres Aiel que haviam escolhido a vida de guerreiras em vez de se dedicarem ao lar, deslizaram para se postar entre ele e as portas. Eram todas altas para mulheres, a maior apenas quase um palmo mais baixa que ele, de pele bronzeada e cabelos bem curtos, amarelos, vermelhos ou de alguma tonalidade intermediária. Duas seguravam arcos de chifre com flechas encaixadas, mas não preparadas. As outras levavam pequenos broquéis de couro e três ou quatro lanças curtas — pequenas, mas com pontas compridas o bastante para atravessarem o corpo de um homem com algumas polegadas de sobra.

— Acho que não posso deixar você entrar — disse uma mulher

com cabelos de fogo, sorrindo de leve para abrandar as palavras. Os sorrisos dos Aiel não eram tão largos ou frequentes quanto os dos outros povos, e seus rostos não tinham o costume de demonstrar demais qualquer emoção. — Acho que ele não quer ver ninguém hoje à noite.

— Eu vou entrar, Bain. — Ignorando as lanças, ele segurou a mulher pelos braços. Então ficou impossível ignorar as lanças, pois ela dera um jeito de pressionar a ponta de uma delas com força na lateral de sua garganta. Além disso, uma mulher ainda mais loira, chamada Chiad, de repente levou uma de suas lanças ao outro lado do pescoço de Perrin, como se a intenção fosse fazê-las se encontrarem bem no centro de seu pescoço. As outras mulheres apenas observavam, confiantes de que Bain e Chiad dariam conta da situação. Mesmo assim, ele fez o melhor que pôde. — Não tenho tempo para discutir. Não que vocês sejam o tipo que escuta quando alguém argumenta, pelo que me lembro. Vou entrar.

Com toda a delicadeza, ele ergueu Bain e tirou-a do caminho.

Bastava um suspiro de Chiad para que a lança tirasse sangue, mas, depois de arregalar os olhos azul-escuros cheios de surpresa, Bain afastou a lâmina de repente e abriu um sorriso.

— Quer aprender um jogo chamado O Beijo da Donzela, Perrin? Acho que você deve jogar bem. Na pior das hipóteses, pode aprender alguma coisa.

Uma das outras riu alto. A ponta da lança de Chiad foi afastada de seu pescoço.

Ele inspirou fundo, torcendo para que elas não percebessem que era a primeira vez que respirava desde que as lanças o tocaram. Não usavam os véus nos rostos — as *shoufas* estavam enroladas nos pescoços como echarpes negras — mas ele não sabia se os Aiel precisavam fazer isso antes de matar, só sabia que os véus indicavam que estavam prontos.

— Quem sabe da próxima vez — respondeu, educadamente.

Todas sorriam como se Bain tivesse dito algo engraçado, e o fato de ele não ter entendido fazia parte da piada. Thom tinha razão. Um homem poderia enlouquecer se tentasse entender as mulheres, não importava a nação ou a posição que ocupassem. Era o que Thom dizia.

Quando ele estendeu a mão para a maçaneta em forma de leão dourado apoiado nas patas traseiras, Bain acrescentou:

— É por sua conta e risco. Ele já botou para fora o que a maioria dos homens consideraria companhia muito melhor do que a sua.

É claro, pensou, puxando a porta. *Berelain. Ela estava vindo daqui. Hoje à noite, tudo está girando em torno…*

A Primeira de Mayene sumiu de seus pensamentos assim que ele viu o quarto. Espelhos quebrados pendiam das paredes, e estilhaços de

vidro cobriam o chão, junto com cacos de porcelana e penas do colchão rasgado. Livros abertos jaziam desordenados entre cadeiras e bancos virados. Rand estava sentado no pé da cama, apoiado em uma das colunas, os olhos fechados e as mãos caídas sobre *Callandor*, apoiada em seus joelhos. Parecia ter tomado um banho de sangue.

— Chamem Moiraine! — gritou Perrin para as mulheres Aiel.

Será que Rand ainda estava vivo? Se estava, precisava da Cura Aes Sedai para continuar assim. Ouviu um arquejo atrás de si, seguido de passos apressados de botas macias.

Rand ergueu a cabeça. Seu rosto era uma máscara de sujeira.

— Feche a porta.

— Moiraine já vai chegar, Rand. Descanse aí. Ela já…

— Feche a porta, Perrin.

Murmurando entre si, as mulheres Aiel franziram a testa, mas se afastaram. Perrin fechou a porta, interrompendo o grito indagativo do oficial de plumas brancas.

Suas botas pisaram os cacos de vidro do carpete no caminho até Rand. Ele rasgou uma tira de um lençol de linho já todo despedaçado e o pressionou sobre a ferida aberta na lateral do corpo do amigo. Ao sentir a pressão, Rand apertou as mãos na espada transparente, depois as relaxou. O sangue empapou o tecido quase no mesmo instante. Cortes e ferimentos o cobriam dos pés à cabeça, lascas de vidro brilhavam em muitas das feridas. Perrin deu de ombros, impotente. Não sabia mais o que fazer além de esperar Moiraine.

— O que, sob a Luz, você tentou fazer, Rand? Parece que tentou arrancar a própria pele. E acabou quase me matando no processo. — Por um momento, pensou que Rand não fosse responder.

— Não eu — disse o amigo, enfim, quase sussurrando. — Um dos Abandonados.

Perrin tentou relaxar músculos que não se lembrava de ter tensionado. O esforço foi apenas um pouco bem-sucedido. Mencionara os Abandonados a Faile, e não de uma forma muito despretensiosa, mas tentara não pensar muito no que poderiam fazer quando descobrissem o paradeiro de Rand. Se algum deles conseguisse abater o Dragão Renascido, ficaria em posição bem superior à dos outros, quando o Tenebroso se libertasse. O Tenebroso estaria à solta, e a Última Batalha, perdida antes mesmo de ser travada.

— Tem certeza? — indagou, também baixinho.

— Só podia ser, Perrin. Só podia ser.

— Se um deles veio atrás de mim e de você também… Onde está Mat, Rand? Se estiver vivo e tiver passado pelo mesmo que eu, deve estar pensando o que eu pensei. Que foi você. Então deveria estar aqui para repreender você.

— Ou em cima de um cavalo, a meio caminho dos portões da

cidade. — Rand esforçou-se para se endireitar. Os coágulos nas feridas se romperam, e sangue fresco começou a escorrer por seu peito e ombros. — Se ele estiver morto, Perrin, é melhor você ficar o mais longe possível de mim. Acho que você e Loial estão certos em relação a isso. — Ele hesitou e observou Perrin. — Você e Mat devem estar desejando que eu nunca tivesse nascido. Ou, pelo menos, que nunca tivessem me conhecido.

Não havia por que conferir, se algo tivesse acontecido a Mat, àquela altura já estaria terminado. E Perrin achava que o curativo improvisado pressionado na lateral de Rand talvez fosse o que o manteria vivo por tempo suficiente até a chegada de Moiraine.

— Você parece não estar ligando muito para a possibilidade de ele ter *mesmo* ido embora. Que me queime, ele também é importante. O que você vai fazer se ele tiver partido? Ou se estiver morto, a Luz permita que não.

— O que eles menos esperam. — Os olhos de Rand eram como a bruma da manhã sobre a aurora, uma cortina cinza-azulada atravessada por um brilho febril. A voz tinha um tom de preocupação. — É o que tenho que fazer, de qualquer modo. O que todos *menos* esperam.

Perrin inspirou lentamente. Rand tinha direito de ficar nervoso. Não era sinal de loucura incipiente. Precisava parar de buscar sinais de loucura no amigo. Em pouco tempo eles surgiriam, e procurá-los só faria seu estômago ficar embrulhado.

— E o que é? — perguntou, baixinho.

Rand fechou os olhos.

— Só sei que tenho que pegá-los de surpresa. Pegar todos de surpresa — murmurou, feroz.

Uma das portas se abriu, e um Aiel alto de cabelos ruivos com um toque grisalho adentrou o quarto. Atrás dele, as plumas do oficial taireno se agitavam enquanto o homem discutia com as Donzelas. Ele ainda parecia argumentar quando Bain fechou a porta.

Rhuarc examinou o quarto com olhos azuis penetrantes, como se suspeitasse de inimigos escondidos atrás de uma cortina ou cadeira virada. O chefe de clã dos Aiel Taardad não carregava armas visíveis além da faca de lâmina grossa na cintura, mas usava a autoridade e a confiança como armas que, embora discretas, eram tão reais quanto se estivessem embainhadas junto à faca. A *shoufa* pendia sobre os ombros. Ninguém que soubesse o mínimo sobre os Aiel pensaria que cobrindo o rosto representava qualquer coisa além de perigo.

— Aquele taireno idiota do lado de fora informou ao comandante que algo tinha acontecido aqui dentro — explicou Rhuarc — e os boatos já estão se espalhando como musgo em uma caverna úmida. São bem variados, vão desde a Torre Branca tentando matar você até

a Última Batalha sendo travada aqui neste quarto. — Perrin abriu a boca, mas Rhuarc antecipou-se, erguendo a mão. — Por acaso, encontrei Berelain com cara de quem tinha acabado de descobrir o dia de sua morte, e ela me contou a verdade. E parece ser mesmo a verdade, embora eu tenha duvidado.

— Mandei chamar Moiraine — disse Perrin.

Rhuarc assentiu. As Donzelas sem dúvida tinham contado tudo o que ele precisava saber.

Rand soltou uma risada cheia de dor.

— Eu mandei que ela ficasse quieta. Parece que o Lorde Dragão não manda em Mayene. — Ironicamente, ele soava mais bem-humorado do que qualquer outra coisa.

— Tenho filhas mais velhas do que aquela jovem — comentou Rhuarc. — Acredito que ela não vá contar a mais alguém. Acho que quer esquecer tudo o que aconteceu hoje.

— E eu gostaria de saber o que aconteceu — interveio Moiraine, deslizando para dentro do quarto.

Como era pequena e esguia, Rhuarc se destacava perto dela tanto quanto o homem que a seguia: Lan, seu Guardião. Mas era a Aes Sedai quem dominava o ambiente. Ela devia ter corrido, para conseguir chegar tão depressa, mas parecia plácida como um lago congelado. Era preciso muito para perturbar a serenidade de Moiraine. O vestido azul de seda tinha gola alta de renda e mangas com recorte em veludo de cor mais escura, mas o calor e a umidade não pareciam afetá-la. Uma pequena pedra azul cintilava sob a luz, suspensa em sua testa por uma delicada corrente de ouro que passava por cima dos cabelos escuros, enfatizando a completa ausência de suor.

Como sempre ocorria quando os dois se encontravam, os olhares azuis e gélidos de Lan e Rhuarc quase soltaram faíscas. O cabelo escuro de Lan, com mechas grisalhas nas têmporas, estava preso por um cordão de couro trançado. O rosto parecia esculpido em pedra, e a espada em seu quadril, parte do corpo. Perrin não sabia ao certo qual dos dois homens era mais letal, mas pensava que a diferença era tão pequena que mal daria para notar.

Os olhos do Guardião voltaram-se para Rand.

— Achei que você já tivesse idade para se barbear sem ajuda.

Rhuarc abriu um sorriso. Era bem discreto, mas era o primeiro que Perrin o via dar na presença de Lan.

— Ele ainda é jovem. Vai aprender.

Lan olhou de volta para o homem Aiel e respondeu com um sorriso, também discreto.

Moiraine lançou aos dois homens um olhar breve e fulminante. Não parecia tomar cuidado com onde pisava ao cruzar o carpete, mas caminhava de modo tão suave, erguendo as saias, que as sapatilhas

não trituraram sequer um caco de vidro. Os olhos varreram o quarto de uma forma que Perrin tinha certeza de que capturara os menores detalhes. Ela o analisou por um instante — o olhar não foi retribuído, Moiraine sabia demais sobre ele para seu gosto — mas logo seus olhos fixaram Rand, tal e qual uma avalanche: silenciosos, suaves, gélidos e inexoráveis.

Perrin baixou a mão e saiu do caminho da Aes Sedai. O tecido empapado continuava na lateral do corpo de Rand, preso pelo sangue endurecido. O sangue que escorria da cabeça aos pés do rapaz andoriano começava a secar, formando listras e manchas negras. Os cacos de vidro cravados na pele reluziam à luz dos lampiões. Com as pontas dos dedos, Moiraine tocou o tecido endurecido com o sangue seco, depois afastou a mão como se tivesse desistido de olhar por baixo do pano. Perrin se perguntou como a Aes Sedai conseguia olhar para Rand sem fazer uma careta, mas o rosto plácido da mulher não se alterava. Ela exalava um perfume suave de sabão de rosas.

— Pelo menos você está vivo. — Naquele momento, a voz dela emanava uma musicalidade fria e raivosa. — O que aconteceu pode esperar. Tente tocar a Fonte Verdadeira.

— Por quê? — perguntou Rand, com cautela na voz. — Não consigo Curar a mim mesmo, mesmo que soubesse como fazer isso. Ninguém consegue. Sei disso, pelo menos.

No intervalo que dura um suspiro, Moiraine parecia a ponto de explodir, por mais estranho que tivesse parecido. Mas, quando inspirou outra vez, já estava tomada de uma calma tão profunda que nada seria capaz de abalá-la.

— Apenas parte da força para a Cura vem do Curandeiro. O Poder pode substituir a força exigida do Curado. Sem ele, você vai passar o dia de amanhã de cama, e talvez o seguinte também. Agora busque o Poder, se puder, mas não faça nada com ele. Apenas o mantenha em contato. Use isso, se necessário. — Ela não precisou se inclinar demais para tocar *Callandor*.

Rand moveu a espada para longe da mão dela.

— Só manter contato, não é? — Ele parecia prestes a gargalhar alto. — Muito bem.

Nada acontecia que Perrin pudesse ver, nada do que esperava que acontecesse. Rand permanecia sentado, encarando Moiraine como se tivesse sobrevivido a batalha perdida. Ela mal piscou. Esfregou os dedos nas palmas das mãos duas vezes no que parecia um gesto inconsciente.

Depois de um tempo, Rand suspirou.

— Não consigo nem alcançar o Vazio. Não estou conseguindo me concentrar. — Um sorriso rápido rompeu o sangue que secava em seu rosto. — Não entendo por quê. — Um espesso fio vermelho foi

descendo, sinuoso, abaixo do olho esquerdo.

— Então vou fazer como sempre fiz — respondeu Moiraine, tomando a cabeça de Rand entra as mãos, sem se preocupar com o sangue que corria por seus dedos.

Rand levantou-se de um salto, arfando, como se todo o ar tivesse sido extraído à força de seus pulmões. Arqueou tanto as costas, que a cabeça quase se soltou das mãos de Moiraine. Um dos braços estava esticado para o lado, os dedos espalmados e tão forçados para trás que pareciam prestes a quebrar. A outra mão agarrava a empunhadura de *Callandor*, e neste braço os músculos se retesavam em câimbras visíveis. Ele se sacudia feito um pedaço de pano em um vendaval. Flocos escuros de sangue seco se soltavam e caíam, e pedaços de vidro tilintavam ao bater no baú e no chão, empurrados para fora dos cortes, que se fechavam e cicatrizavam todos de uma vez.

Perrin estremeceu, como se aquele vendaval estrondeasse ao redor dele. Já vira algumas Curas antes, isso e muito mais, até coisas maiores e piores, mas jamais acharia fácil ver o Poder sendo usado, saber que estava sendo usado, mesmo que com essa finalidade. As muitas histórias de Aes Sedai contadas por guardas e cocheiros de mercadores haviam se incrustado em sua mente vários anos antes de ele conhecer Moiraine. Rhuarc cheirava a um desconforto pungente. Apenas Lan encarava tudo com normalidade. Lan e Moiraine.

Quase tão logo quanto começou, estava terminado. Moiraine afastou as mãos, e Rand se curvou, agarrando a coluna da cama para se levantar. Era difícil dizer se a mão que apertava mais firme estava na cama ou em *Callandor*. Quando Moiraine tentou pegar a espada para recolocá-la no suporte ornamentado da parede, ele a puxou com força, até com um pouco de violência.

Ela contraiu a boca por um instante, mas se contentou em puxar o chumaço de tecido preso à lateral do corpo de Rand, usando-o para esfregar algumas das manchas ao redor. A antiga ferida virara outra vez uma cicatriz tenra. Os demais ferimentos haviam desaparecido. A maior parte do sangue seco que ainda cobria o corpo do rapaz era proveniente de outros.

Moiraine franziu o cenho.

— Ainda não funciona — murmurou, meio que para si mesma. — Não vai curar por completo.

— É essa a que vai me matar, não é? — perguntou Rand, baixinho, depois citou: — "O sangue do Dragão Renascido sobre as pedras de Shayol Ghul libertará a humanidade da Sombra…"

— Você lê demais — retrucou ela, ríspida — e compreende de menos.

— Você compreende mais? Se for o caso, então me explique.

— Ele só está tentando encontrar o próprio caminho — retrucou

Lan, de repente. — Homem nenhum gosta de correr às cegas sabendo que há um penhasco em algum ponto à frente.

Perrin ficou surpreso. Lan quase nunca discordava de Moiraine, pelo menos não na frente dos outros. Mas ele e Rand vinham passando um bom tempo juntos, praticando com a espada.

Os olhos escuros de Moiraine faiscaram, mas ela respondeu apenas:

— Ele precisa ir para a cama. Pode mandar trazerem água para ele se lavar e pedir que preparem outro quarto? Este aqui precisa de uma boa limpeza e de um colchão novo.

Lan assentiu, enfiou a cabeça na antessala, por um instante, e falou, baixinho:

— Eu vou dormir aqui, Moiraine. — Rand soltou a coluna da cama e se levantou, fincando a ponta de *Callandor* no carpete coberto de sujeira e repousando as mãos no cabo. Se estava um pouco apoiado na espada, não transparecia muito. — Não serei mais acossado. Nem mesmo para fora de uma cama.

— *Tai'shar Manetheren* — murmurou Lan.

Dessa vez até Rhuarc pareceu surpreso, mas, se Moiraine ouviu a saudação que o Guardião fez a Rand, não demonstrou. Ela encarava o rapaz andoriano com o rosto suave, mas os olhos pareciam nuvens carregadas. O jovem exibia um sorrisinho intrigado, como se tentasse imaginar o que ela tentaria da próxima vez.

Perrin avançou com discrição em direção às portas. Se Rand e a Aes Sedai fossem começar a medir forças, preferia ir para outro lugar. Lan não parecia se incomodar. Era difícil ter certeza com aquela postura dele, ereto e relaxado ao mesmo tempo. Podia estar tanto entediado a ponto de dormir ali mesmo como pronto para desembainhar a espada. Sua conduta sugeria qualquer uma das coisas, ou as duas. Rhuarc tinha quase a mesma postura, mas também olhava para as portas.

— Fique onde está!

Moiraine não tirava os olhos de Rand, e seu dedo em riste apontava para o meio do caminho entre Perrin e Rhuarc, mas os pés de Perrin frearam mesmo assim. Rhuarc deu de ombros e cruzou os braços.

— Teimoso — resmungou Moiraine. Dessa vez, era para Rand. — Muito bem. Se pretende ficar parado aí até cair, pode usar o tempo que resta até cair de cara no chão para me contar o que aconteceu aqui. Não tenho como instruir você, mas, se me contar, talvez eu possa entender o que fez de errado. É uma chance pequena, mas talvez eu consiga. — A voz ficou mais afiada. — Você precisa aprender a ter controle, e não estou falando só por causa de coisas como estas. Se não aprender a controlar o Poder, ele vai matar você.

Sabe disso. Eu já falei muitas vezes. Você precisa ensinar a si mesmo. Precisa buscar dentro de si mesmo.

— A única coisa que fiz foi sobreviver — respondeu o rapaz, com a voz seca. Ela abriu a boca, mas ele prosseguiu. — Acha que eu conseguiria canalizar sem reparar? Não fiz isso durante o sono. Eu estava acordado.

Ele vacilou e se segurou na espada.

— Nem mesmo você conseguiria canalizar qualquer coisa além de Espírito, durante o sono — retrucou Moiraine, com frieza — e isso não foi feito com Espírito. Eu ia perguntar o que aconteceu *de fato*.

Perrin sentia os pelos da nuca se eriçarem enquanto Rand contava a história. O machado fora bem ruim, mas pelo menos era sólido, real. Ter o próprio reflexo saltando de um monte de espelhos e vindo em sua direção… Ele remexia os pés sem perceber, tentando não pisar nos cacos de vidro.

Logo depois de começar a falar, Rand olhou depressa para o baú atrás de si, como se não quisesse que o objeto fosse observado. No instante seguinte, as lascas de vidro prateado que estavam espalhadas no topo do baú se reviraram e deslizaram até o carpete, como se empurradas por uma vassoura invisível. Rand trocou olhares com Moiraine, depois sentou-se devagar e prosseguiu. Perrin não teve certeza de qual dos dois limpara o topo do baú. Não houve menção a Berelain na história.

— Deve ter sido um dos Abandonados — concluiu Rand, por fim. — Talvez Sammael. Você disse que ele está em Illian. A não ser que um deles esteja aqui em Tear. Será que Sammael poderia alcançar a Pedra, estando em Illian?

— Nem que *ele* empunhasse *Callandor* — respondeu Moiraine. — Há limites. Sammael é apenas um homem, não é o Tenebroso.

Apenas um homem? Não é uma descrição muito boa, pensou Perrin. Um homem capaz de canalizar, mas que de alguma forma não enlouquecera, pelo menos ainda não, não que alguém soubesse. Um homem talvez tão forte quanto Rand, mas que já conhecia cada truque de seus talentos, enquanto Rand ainda tentava aprender. Um homem que passara três mil anos confinado na prisão do Tenebroso, um homem que se voltara para a Sombra por escolha própria. Não. "Apenas um homem" sequer começava a descrever Sammael ou qualquer dos Abandonados, homem ou mulher.

— Então tem um deles aqui. Na cidade. — Rand apoiou a cabeça nas mãos, mas levantou-se de um salto, na mesma hora, os olhos cravados nas pessoas no quarto. — Eu não serei acossado outra vez. Agora, serei o caçador. Encontrarei esse homem, ou mulher, e…

— Não foi um dos Abandonados — interrompeu

Moiraine. — Acho que não. Isso foi muito simples. E muito complexo.

Rand respondeu, muito calmo:

— Sem charadas, Moiraine. Se não foi um dos Abandonados, quem foi? Ou o quê?

O rosto da Aes Sedai poderia ter sido forjado em ferro, mas ela hesitou, buscando a melhor forma de falar. Não havia como dizer se estava insegura a respeito da resposta ou decidindo o quanto podia revelar.

— À medida que os selos da prisão do Tenebroso se enfraquecem — respondeu, depois de um tempo — pode ser inevitável que um… miasma… escape, mesmo enquanto ele ainda estiver aprisionado. São como bolhas subindo da matéria em decomposição no fundo de um lago. Só que essas bolhas saem flutuando pelo Padrão até se fixarem a um fio e explodirem.

— Luz! — Perrin não conseguiu se conter e deixou escapar. Os olhos de Moiraine viraram-se para ele. — Quer dizer que o que aconteceu com… com Rand vai começar a acontecer com todo mundo?

— Não com todo mundo. Pelo menos, ainda não. Acho que no início haverá só algumas bolhas, penetrando nas rachaduras por onde o Tenebroso conseguir passar. Mas mais tarde, quem é que pode saber? E, assim como *ta'veren* dobram as outras tramas do Padrão ao seu redor, acho possível que um *ta'veren* tenha tendência a atrair essas bolhas com mais força do que os outros. — Os olhos indicavam que a mulher sabia que Rand não fora o único a viver um pesadelo. A leve sombra de um sorriso, que sumiu quase antes de ele conseguir ver, afirmava que ele poderia manter silêncio, se quisesse guardar segredo. Mas ela sabia. — Ainda assim, nos meses que virão… Ou nos anos, se tivermos tanta sorte, temo que um bom número de pessoas verá coisas que lhes deixarão de cabelos brancos, se sobreviverem.

— Mat — disse Rand. — Você sabe se ele…? Ele…?

— Saberei em breve — respondeu Moiraine, calma. — O que está feito não pode ser desfeito, mas podemos ter esperança. — Não importava o tom de voz, a mulher cheirava a desconforto.

Até que Rhuarc falou:

— Ele está bem. Ou estava. Eu o vi no caminho para cá.

— Indo para onde? — perguntou Moiraine, com a voz perigosa.

— Parecia estar indo na direção dos alojamentos dos serviçais — respondeu o Aiel. Ele sabia que os três eram *ta'veren*, ainda que não soubesse tanto quanto achava que sabia, e conhecia Mat bem o bastante para acrescentar: — Não foi para os estábulos, Aes Sedai. Ia para o outro lado, na direção do rio. E não há barco algum no cais da Pedra. — Ele não falava palavras como "barco" e "cais" com a mesma hesitação que a maioria dos Aiel, embora no Deserto

tais coisas só existissem nas histórias.

Moiraine assentiu, como se não esperasse nada além disso. Perrin balançou a cabeça. A mulher estava tão acostumada a encobrir os verdadeiros pensamentos que parecia disfarçá-los por puro hábito.

De repente uma das portas se abriu, e Bain e Chiad entraram no aposento, sem as lanças. Bain trazia uma grande vasilha branca e um cântaro largo com vapor saindo do gargalo.

— Por que é que *vocês* vieram trazer isso? — inquiriu Moiraine.

Chiad deu de ombros.

— A mulher não quis entrar.

Rand soltou uma gargalhada.

— Até as serviçais já estão espertas o bastante para querer manter distância de mim. Deixem isso em qualquer lugar.

— Seu tempo está acabando, Rand — disse Moiraine. — Os tairenos estão começando a se acostumar com você, de certo modo, e ninguém teme o que é familiar da mesma forma que teme o desconhecido. Quantas semanas, ou talvez dias, vão se passar até alguém tentar cravar uma flecha nas suas costas ou envenenar sua comida? Quanto tempo até que um dos Abandonados ataque ou que outra bolha venha deslizando pelo Padrão?

— Não venha me atormentar, Moiraine.

Rand estava imundo e apoiava-se em *Callandor* para se sentar ereto, mas conseguiu preencher as palavras com uma autoridade discreta.

— Escolha logo o seu caminho — disse ela. — E, desta vez, mantenha-me informada sobre o que pretende fazer. Meu conhecimento não pode amparar alguém que se recusa a aceitar minha ajuda.

— Sua ajuda? — retrucou Rand, em um tom cansado. — Aceito a sua ajuda. Mas quem decide sou eu, não você. — Ele olhou para Perrin como se tentasse lhe dizer algo sem palavras, algo que não queria que os outros ouvissem. Perrin não fazia ideia do que era. Depois de um instante, Rand suspirou e deixou a cabeça cair um pouco. — Quero dormir. Vão embora, todos vocês. Por favor. Conversaremos amanhã. — Os olhos dele dirigiram-se outra vez a Perrin, ressaltando as palavras.

Moiraine atravessou o quarto até onde estavam Bain e Chiad. As duas Aiel se inclinaram mais para perto, para que a Aes Sedai pudesse cochichar em seus ouvidos. Perrin ouviu apenas um zunido e se perguntou se ela estaria usando o Poder para que ele não bisbilhotasse. A mulher conhecia a agudeza da audição dele. As suspeitas se confirmaram quando Bain sussurrou de volta, pois não conseguiu distinguir uma palavra. No entanto, a Aes Sedai não fizera nada em relação ao olfato. As mulheres Aiel olhavam Rand enquanto

escutavam e cheiravam a cautela. Não era medo, era mais como se Rand fosse um animal enorme que poderia se tornar perigoso se elas dessem um passo em falso.

A Aes Sedai voltou-se outra vez para Rand.

— Nós *vamos* conversar amanhã. Você não pode ficar sentado como um perdiz esperando a rede do caçador.

Antes que Rand pudesse responder, ela avançou em direção à porta. Lan olhou para o rapaz como se quisesse falar algo, mas seguiu atrás da Aes Sedai sem dizer uma palavra.

— Rand — chamou Perrin.

— Fazemos o que é preciso. — O amigo manteve os olhos no cabo transparente entre as mãos. — Todos nós fazemos o que é preciso.

Ele tinha cheiro de medo.

Perrin assentiu e seguiu Rhuarc para fora do quarto. Moiraine e Lan já tinham desaparecido. O oficial taireno encarava as portas a umas dez passadas de distância, tentando fingir que estava longe por escolha própria, que aquilo nada tinha a ver com as quatro Aiel a vigiá-lo. Perrin percebeu que as outras duas Donzelas ainda estavam no quarto. Ouviu vozes vindas de dentro.

— Vão embora — disse Rand, cansado. — Deixem as coisas aí e vão embora.

— Se você conseguir ficar em pé — retrucou Chiad, alegremente — nós vamos. Basta se levantar.

Deu para ouvir o som de água sendo despejada em uma bacia.

— Já cuidamos de feridos antes — comentou Bain, em um tom suave. — E eu dava banho nos meus irmãos, quando eles eram pequenos.

Rhuarc fechou a porta, abafando o restante da conversa.

— Vocês não o tratam do mesmo jeito que os tairenos — comentou Perrin, baixinho. — Nada de mesuras e reverências. Acho que não ouvi nenhum de vocês chamando Rand de Lorde Dragão.

— O Dragão Renascido é uma profecia dos aguacentos — respondeu Rhuarc. — A nossa fala d'Aquele Que Vem Com a Aurora.

— Pensei que era a mesma coisa. Por que vieram para a Pedra, então? Que me queime, Rhuarc, vocês Aiel são o Povo do Dragão, como dizem as Profecias. Vocês já praticamente admitiram, mesmo que não digam isso em voz alta.

Rhuarc ignorou a última parte.

— Nas suas Profecias do Dragão, a queda da Pedra e a captura de *Callandor* proclamam o Renascimento do Dragão. A nossa profecia afirma que a Pedra deve cair antes que Aquele Que Vem Com a Aurora surja para nos levar de volta ao que pertence a nós. Os dois

podem ser o mesmo homem, mas acho que nem mesmo as Sábias podem afirmar com certeza. Se esse homem for Rand, ele ainda vai precisar fazer algumas coisas para provar.

— Como o quê? — inquiriu Perrin.

— Se ele for o escolhido, saberá o quê, e fará. Se não for, continuaremos com a nossa busca.

Algo indecifrável na voz do Aiel fez Perrin ficar desconfiado.

— E se ele não for quem vocês procuram? E então, Rhuarc?

— Durma bem e cuide-se, Perrin.

As botas macias de Rhuarc não ressoavam no mármore negro enquanto o homem se afastava.

O oficial taireno ainda mantinha os olhos cravados um pouco atrás das Donzelas. Ele cheirava a medo e não conseguia mascarar a ira e o ódio em seu rosto. Se os Aiel concluíssem que Rand não era Aquele Que Vem Com a Aurora… Perrin estudou o rosto do oficial taireno, pensou na ausência das Donzelas ali, na Pedra sem os Aiel, e estremeceu. Precisava fazer Faile ir embora. Apenas isso. Ela tinha que partir, e sem ele.

4



Cordéis

Thom Merrilin salpicou o pó secante sobre o que escrevera, depois colocou-o com cuidado de volta no jarro e fechou a tampa. Folheou as pilhas de papéis espalhadas pela mesa — com seis velas, incêndio era um perigo real, mas ele precisava da luz — e selecionou uma folha amassada e com um borrão de tinta. Com esmero, comparou-a à folha que escrevera, depois alisou, satisfeito, o bigode longo e branco e permitiu-se abrir um sorriso. Até mesmo o Grão-lorde Carleon teria pensado que era sua própria caligrafia.

Cuidado. Seu marido suspeita.

Apenas essas palavras, sem assinatura. Agora, se pudesse fazer com que o Grão-lorde Tedosian descobrisse a mensagem em um lugar onde sua esposa, Lady Alteima, poderia tê-la deixado por descuido…

Ouviu uma batida à porta e deu um salto. Ninguém vinha vê-lo àquela hora da noite.

— Só um instante — gritou, enfiando depressa canetas, tintas e papéis em um baú. — Só um instante, preciso vestir uma camisa.

Trancou o baú, enfiou-o debaixo da mesa, longe do alcance de qualquer olhar, e passou os olhos pelo pequeno quarto sem janelas para ver se deixara exposta qualquer coisa que não devesse ser vista. Argolas e bolas de malabarismo amontoavam-se na cama estreita e bagunçada, e, junto aos aparatos para se barbear, em uma prateleira solitária, havia varas de fogo e pequenos itens de ilusionismo. O manto de menestrel, coberto de retalhos de mil cores diferentes, pendia de um gancho na parede junto às roupas reserva e aos estojos de couro duro que guardavam a harpa e a flauta. Atado à tira do

estojo da harpa havia um lenço feminino de seda vermelha transparente, algo que poderia ter pertencido a qualquer mulher.

Ele não se lembrava muito bem de quem o amarrara ali. Tentava nunca dar atenção a uma mulher em específico, sempre agia de um jeito alegre e despretensioso. *Faça-as rir, faça-as suspirar, mas evite se enrolar* era seu lema. Não havia tempo para isso. Era o que ele dizia a si mesmo.

— Estou indo. — Thom foi mancando até a porta, irritado. Já arrancara *oohs* e *aahs* de gente incapaz de acreditar, mesmo ao assistilo, que um velho esquelético de cabelos brancos pudesse plantar bananeiras e dar cambalhotas e giros com a rapidez e agilidade de um garoto. A perna que o fazia mancar pusera fim naquilo tudo, e ele odiava o modo como andava. A perna doía ainda mais quando estava cansado. Ele abriu a porta com um solavanco e piscou, surpreso. — Ora. Entre, Mat. Pensei que estava dando duro para esvaziar as bolsas dos fidalgotes.

— Eles não querem mais jogar por hoje — respondeu o rapaz, azedo, desabando no banquinho de três pés que fazia as vezes de segunda cadeira.

O casaco dele estava desabotoado, e os cabelos, desgrenhados. Os olhos castanhos analisavam o ambiente, sem se deter em qualquer ponto específico, mas o brilho no olhar usual, que sugeria que o rapaz achava graça em algo que mais ninguém percebera, não estava lá.

Thom franziu a testa, pensativo. Mat nunca cruzava sua porta sem fazer um comentário espirituoso sobre o quarto decadente. O rapaz aceitara a explicação de Thom de que dormir perto dos alojamentos dos serviçais ajudaria o povo a esquecer que ele chegara ali à sombra das Aes Sedai, mas quase nunca deixava uma piadinha passar. Se tivesse se dado conta de que o quarto também garantia que ninguém pensasse que Thom tinha qualquer ligação com o Dragão Renascido, Mat, sendo quem era, teria considerado o pedido bastante razoável. Haviam bastado duas frases de Thom, proferidas rapidamente em um instante em que ninguém estava olhando, para que Rand percebesse o verdadeiro motivo. Todos davam ouvidos a um menestrel, todos o observavam, mas ninguém realmente reparava nele ou lembrava com quem ele conversava, desde que fosse apenas um menestrel com a função de entreter camponeses, serviçais e, talvez, divertir as moças. Era assim que os tairenos pensavam. Afinal de contas, não era como se ele fosse um bardo.

O que estaria incomodando o rapaz para levá-lo até ali àquela hora? Devia ser alguma moça, já com idade para ter juízo, que tivesse se deixado conquistar pelo sorriso malicioso de Mat. Mesmo assim, até que o rapaz dissesse o contrário, Thom fingiria que aquela era uma das visitas corriqueiras.

— Vou pegar o tabuleiro de pedras. Está tarde, mas temos tempo para um jogo. — Não resistiu em acrescentar: — Quer apostar alguma coisa? — Não jogaria dados com Mat nem por um cobre, mas pedras era outra história. Parecia haver muita ordem e padrão nas pedras para a estranha sorte do rapaz.

— O quê? Ah. Não. Está muito tarde para jogar… Thom… é… aconteceu…? Aconteceu alguma coisa por aqui, hoje?

Apoiando o tabuleiro de pedras em um dos pés da mesa, Thom pescou a bolsa de tabaco e o cachimbo comprido na bagunça sobre o tampo.

— Feito o quê? — perguntou, enchendo o fornilho.

Teve tempo de meter um pedaço de papel torcido na chama de uma das velas, acender o cachimbo e apagar o fogo do papel antes que Mat respondesse.

— Feito Rand estar enlouquecendo, é isso. Não… se tivesse acontecido, você não precisaria perguntar.

Um arrepio fez Thom remexer os ombros, mas ele baforou um filete de fumaça cinza-azulada com toda a calma e sentou-se na cadeira, esticando a perna manca à frente do corpo.

— O que foi que houve?

Mat respirou fundo, então despejou tudo de uma vez só:

— As cartas tentaram me matar. A Amyrlin, e o Grão-lorde, e… Não foi um sonho, Thom. É por isso que aquelas gralhas emplumadinhas não quiseram mais jogar. Ficaram com medo de acontecer de novo. Thom, estou pensando em ir embora de Tear.

O menestrel sentiu um arrepio passar por suas costas, quase como se urtigas-vespanegra tivessem sido apertadas contra a pele. Por que ele mesmo ainda não havia saído de Tear? Seria a coisa mais sábia a fazer. Havia centenas de aldeias por aí à espera de um menestrel para entreter e maravilhar a todos. E cada aldeia tinha uma ou duas estalagens cheias de vinho para afogar as mágoas. Porém, se fizesse isso, deixaria Rand sem ninguém além de Moiraine para impedir que os Grão-lordes o encurralassem e, quem sabe, cortassem sua garganta. A mulher conseguiria dar conta do recado, é claro. Por meios diferentes dos dele. Pelo menos era o que Thom achava. Era cairhiena, e decerto sua habilidade para o Jogo das Casas viera junto com o leite da mãe. E, enquanto o ajudava, amarraria mais um cordel em Rand, a ser puxado pela Torre Branca. Prenderia o rapaz à rede Aes Sedai com tanta força que ele jamais escaparia. Mas, se o garoto já estava enlouquecendo…

Idiota, Thom disse a si mesmo. Um completo idiota por se envolver naquela história por causa de algo que acontecera quinze anos antes. Ficar não mudaria nada, o que estava feito estava feito. Precisava ver Rand, cara a cara, independente do que dissera sobre

manterem distância. Talvez ninguém achasse muito esquisito se um menestrel pedisse para cantar para o Lorde Dragão, uma canção composta especialmente para a ocasião. Ele conhecia uma melodia de Kandor, obscura, e com razão, que exaltava algum lorde sem nome por sua grandeza e coragem, com termos pomposos que não revelavam atos ou locais. Devia ter sido encomendada por algum lorde sem qualquer feito digno de menção. Bem, serviria a ele, agora. A não ser que Moiraine decidisse que era esquisito. Isso seria tão ruim quanto chamar a atenção dos Grão-lordes. *Eu sou um idiota! Devia sair daqui hoje mesmo!*

Estava fervilhando por dentro, e o estômago revirava, ácido, mas passara anos aprendendo a manter a expressão impassível antes mesmo de chegar a vestir um manto de menestrel. Soprou três anéis de fumaça, um dentro do outro, e disse:

— Você está pensando em ir embora de Tear desde o dia em que pôs os pés na Pedra.

Empoleirado na ponta do banquinho, Mat disparou um olhar irritado.

— E pretendo. De verdade. Por que não vem comigo, Thom? Tem cidades onde o povo pensa que o Dragão Renascido ainda não chegou nem a dar o primeiro suspiro, lugares onde há anos ninguém dá a mínima para essas porcarias de Profecias do maldito Dragão, se é que algum dia isso aconteceu. Lugares onde o povo pensa que o Tenebroso é uma história que ouvem das vovozinhas, que os Trollocs são contos loucos de viajantes, que os Myrddraal cavalgam as sombras para assustar as criancinhas. Você poderia tocar sua harpa e contar histórias, e eu poderia jogar dados. Viveríamos como lordes, viajando o quanto quiséssemos, ficando onde desejássemos, sem ninguém tentando nos matar.

Aquilo o atingiu em cheio. Bem, ele era um idiota, de fato. Só precisava tirar o melhor proveito disso.

— Se quer mesmo ir, por que é que ainda não foi?

— Moiraine está me vigiando — respondeu Mat, azedo. — E, quando não está, manda alguém me vigiar.

— Eu sei. Aes Sedai não gostam de soltar ninguém em quem conseguiram pôr as mãos. — Era mais do que isso, tinha certeza, sem dúvida mais do que era de conhecimento geral, mas Mat negava tudo, e os outros que sabiam também não falavam, considerando que alguém além de Moiraine soubesse. Não importava. Ele gostava de Mat. De certo modo, tinha uma dívida com o rapaz, porém o jovem andoriano e seus problemas eram um teatrinho de fantoches para crianças, em comparação com Rand. — Mas não acredito que ela mande mesmo alguém vigiar você o tempo todo.

— É quase isso. Sempre pergunta aos outros onde estou e o que

estou fazendo. Fico sabendo dessas coisas. Sabe de alguém que não conte a uma Aes Sedai o que ela deseja saber? Eu não. É quase o mesmo que ser vigiado.

— Se você se esforçar, pode evitar os olhares. Nunca conheci alguém com tanto talento para andar sorrateiro. Isso foi um elogio.

— Sempre acontece alguma coisa — resmungou Mat. — Tem tanto ouro para ganhar por aqui. E tem uma garota de olhos grandes nas cozinhas que gosta de ganhar uns beijos e umas cócegas, e uma das serviçais tem cabelos sedosos até a cintura, e umas curvas… — A voz dele foi morrendo, como se tivesse percebido o quanto soava tolo.

— Já considerou que talvez seja porque…

— Thom, se você falar *ta'veren*, eu vou embora.

Thom mudou o que pretendia dizer.

— … que talvez seja porque Rand é seu amigo, e você não quer abandoná-lo?

— Abandoná-lo! — O rapaz se levantou de um salto, derrubando o banquinho. — Thom, ele é o maldito Dragão Renascido! Pelo menos é isso que ele e Moiraine dizem. Talvez seja mesmo. Rand consegue canalizar e tem aquela droga de espada de vidro. Cumpriu profecias! Sei lá. Só sei que eu teria que ser tão louco quanto esses tairenos para ficar aqui. — Ele hesitou. — Você não acha… não acha que Moiraine está me prendendo aqui, acha? Com o Poder?

— Acho que ela não pode fazer isso — respondeu Thom, com cautela.

Sabia um bocado sobre Aes Sedai, o bastante para ter ideia de quanto desconhecia, e acreditava estar certo nessa.

Mat passou os dedos nos cabelos.

— Thom, penso em ir embora o tempo todo, mas… não paro de ter essas sensações estranhas. Quase como se algo fosse acontecer. Algo… significativo; é essa a palavra. É como ter certeza de que vão disparar fogos de artifício no Dia do Sol, mas não saber de que tipo serão. Sempre que penso demais em ir embora, acontece isso. E acabo encontrando alguma razão para ficar mais um dia. Sempre só mais um maldito diazinho. Isso não parece coisa de Aes Sedai?

Thom engoliu a palavra *ta'veren* e tirou o cachimbo dos dentes para analisar o tabaco fumegante. Não sabia muito sobre *ta'veren*, mas ninguém sabia, exceto as Aes Sedai, talvez alguns Ogier.

— Nunca tive muito talento para ajudar gente com problemas. — *Muito menos para resolver os meus próprios*, pensou Thom. — Com uma Aes Sedai disponível, meu conselho à maioria seria pedir a ajuda dela. — *Conselho que eu mesmo não seguiria.*

— Falar com Moiraine!

— Suponho que neste caso esteja fora de cogitação. Mas Nynaeve foi sua Sabedoria, lá em Campo de Emond. Sabedorias de aldeias

costumam responder às perguntas do povo, ajudar com os problemas.

Mat soltou uma risada rouca.

— E aguentar um daqueles sermões sobre bebida, jogatina e…? Thom, ela age como se eu tivesse dez anos. Às vezes, parece que acha que vou me casar com uma boa moça e me assentar na fazenda do meu pai.

— Alguns homens não teriam objeções a levar uma vida assim — respondeu o menestrel, baixinho.

— Bom, eu tenho. Quero mais do que vacas, ovelhas e tabaco para o resto da vida. Quero… — Mat balançou a cabeça. — Todos esses espaços em branco na minha memória. Às vezes parece que, se eu pudesse preenchê-los, saberia… Que me queime, não sei o que saberia, mas sei que quero saber. É uma charadinha bem ardilosa, não é?

— Acho que nem uma Aes Sedai vai pode ajudá-lo nessa. Um menestrel com certeza não pode.

— Já disse que nada de Aes Sedai!

Thom suspirou.

— Calma, garoto. Não estava sugerindo.

— Eu *vou* embora. Assim que recolher minhas coisas e encontrar um cavalo. Nem um minuto depois.

— No meio da noite? Vá de manhã. — *Isso se você for mesmo embora*, absteve-se de acrescentar. — Sente-se. Relaxe. Vamos jogar uma partida de pedras. Tem uma jarra de vinho aqui, em algum lugar.

Mat hesitou, olhando para a porta. Por fim, ajeitou o casaco.

— De manhã, então. — Ele soou indeciso, mas desvirou o banquinho e pousou-o ao lado da mesa. — Mas nada de vinho para mim — acrescentou, enquanto se sentava. — Já acontecem coisas estranhas o bastante enquanto estou com a cabeça limpa. Quero saber diferenciar os acontecimentos.

Thom, pensativo, ajeitou na mesa o tabuleiro e os sacos de pedras. O garoto era distraído com a maior facilidade. E arrastado por um *ta'veren* ainda mais forte de nome Rand al'Thor, pelo que Thom podia perceber. Começou a pensar se estaria atado da mesma forma. Sua vida decerto não parecia avançar na direção da Pedra de Tear e daquele quarto quando conheceu Rand, mas desde então parecia estar se enrolando como corda de pipa. Se decidisse ir embora, por exemplo, talvez se Rand tivesse mesmo enlouquecido, será que encontraria razões para continuar adiando a partida?

— O que é isso, Thom? — A bota de Mat encontrara o baú debaixo da mesa. — Posso tirar do caminho?

— Claro que sim. Vá em frente. — Estremeceu por dentro quando Mat chutou o baú com força. Torceu para ter arrolhado direito todos os frascos de tinta. — Escolha — disse, estendendo os punhos.

Mat bateu no da esquerda, e Thom abriu a mão, revelando uma pedra preta e lisa, redonda e chata. O garoto soltou uma risadinha zombeteira por ganhar o primeiro movimento e depositou a pedra no tabuleiro quadriculado. Ninguém que visse a avidez em seu olhar teria desconfiado de que, havia apenas um instante, o rapaz estivera duas vezes mais ávido para sair dali. Um poder que ele se recusava a reconhecer estava agarrado às suas costas, e havia uma Aes Sedai com intenção de fazer dele um de seus animais de estimação. O rapaz estava completamente preso.

Talvez também estivesse sendo preso, mas Thom decidiu que valeria a pena, se fosse para ajudar pelo menos um homem a se libertar das Aes Sedai. Valeria a pena, se fosse para pagar aquela dívida de quinze anos.

De repente, com uma estranha satisfação, depositou uma pedra branca no tabuleiro.

— Por acaso já contei — começou, com o cachimbo na boca — sobre a aposta que fiz com uma mulher domanesa? Ela tinha olhos capazes de tragar a alma de um homem. Andava por aí com um pássaro vermelho e esquisito que tinha comprado em um navio do Povo do Mar. Alegava que o pássaro conseguia prever o futuro. O bicho tinha um bicão amarelo quase tão comprido quanto o corpo, e…

5



Interrogatório

— Elas já deviam ter voltado, a essa altura. — Egwene abanava com força o leque de seda pintada, feliz por as noites serem pelo menos um pouco mais frescas que os dias. As mulheres tairenas usavam leques o tempo inteiro, pelo menos as nobres e ricas, mas parecia que estes só faziam alguma diferença depois de o sol se pôr, e mesmo assim não era muita. Até os grandes lampiões dourados e espelhados que pendiam de suportes prateados nas paredes pareciam esquentar ainda mais o ambiente. — Por que ainda não chegaram? — Moiraine lhes prometera um encontro de uma hora, pela primeira vez em dias, mas saíra sem dar explicação depois de cinco míseros minutos. — Ela deixou escapar alguma coisa sobre o motivo de estar sendo chamada, Aviendha? Ou sobre quem a chamou, pelo menos?

Sentada de pernas cruzadas no chão perto da porta, com os olhos verdes destacando-se no rosto bronzeado, a Aiel deu de ombros. Ela usava casaco, calças, botas macias e a *shoufa* enrolada no pescoço, e parecia desarmada.

— Careen sussurrou a mensagem a Moiraine Sedai. Não teria sido apropriado tentar escutar. Lamento, Aes Sedai.

Cheia de culpa, Egwene tocou o anel da Grande Serpente na mão direita, a serpente dourada mordendo a própria cauda. Como Aceita, deveria usá-lo no terceiro dedo da mão esquerda, mas deixar os Grão-lordes acreditarem que havia quatro Aes Sedai plenas na Pedra garantia os bons modos com que as recebiam, ou o que quer que os nobres tairenos considerassem bons modos. Moiraine não mentia,

naturalmente. Jamais dissera que as três eram algo mais do que Aceitas. Mas também *não dissera* que eram Aceitas, deixara todos pensarem o que quisessem, acreditarem no que pensavam ver. Moiraine não podia mentir, mas sabia fazer a verdade dançar uma bela jiga.

Não era a primeira vez que Egwene e as outras se passavam por irmãs plenas desde que haviam deixado a Torre, mas a jovem sentia-se cada vez mais desconfortável por enganar Aviendha. Gostava da Aiel, achava que as duas poderiam ser amigas, caso viessem a se conhecer melhor. Mas isso parecia quase impossível enquanto Aviendha pensasse que Egwene era Aes Sedai. A Aiel estava ali apenas por ordem de Moiraine, para servir a seus propósitos secretos. Egwene suspeitava de que fosse para lhes servir de guarda-costas Aiel, como se as três não tivessem aprendido a se defenderem sozinhas. Ainda assim, mesmo que ela e Aviendha se tornassem amigas, não poderia contar a verdade à mulher. A melhor forma de guardar segredo era não revelar nada a ninguém, a menos que fosse absolutamente necessário. Esse fora outro argumento de Moiraine. Algumas vezes, Egwene se pegava desejando que as Aes Sedai estivessem erradas, completamente erradas, pelo menos uma vez. De uma forma que não causasse nenhum desastre, é claro. Essa era a dificuldade.

— Tanchico — murmurou Nynaeve. A trança escura, da grossura de um punho, pendia até a cintura enquanto ela olhava por uma das janelas estreitas, os caixilhos virados para baixo na esperança de deixar entrar um pouco da brisa noturna. No largo Rio Erinin, abaixo, balançavam-se as lanternas dos poucos botes pesqueiros que não ousaram descê-lo, mas Egwene duvidava que pudessem vê-las. — Ao que parece, a única alternativa é irmos para Tanchico. — Nynaeve deu um puxão inconsciente no vestido verde que deixava os ombros descobertos. Fazia isso com frequência. Negaria estar usando o vestido para Lan, o Guardião de Moiraine, caso Egwene ousasse sugerir tal coisa, mas verde, azul e branco pareciam ser as cores preferidas de Lan, para as mulheres, e todos os vestidos que não eram verdes, azuis ou brancos tinham desaparecido do guarda-roupas de Nynaeve. — Não temos alternativa. — Ela não parecia contente.

Egwene percebeu que puxava o próprio vestido para cima. Esses vestidos que só se sustentavam por alças na lateral dos ombros eram estranhos. Por outro lado, ela não aguentaria cobrir mais o corpo. Por mais leve que fosse, o linho vermelho-claro parecia lã. Desejou ser capaz de usar aqueles vestidos transparentes que Berelain vestia. Não que fossem apropriados para usar à vista de todos, mas sem dúvida pareciam bem frescos.

Pare com essa choradeira por causa do desconforto, disse a si mesma. *Concentre-se.*

— Talvez — disse, em voz alta. — Mas eu não estou muito convencida.

Uma mesa comprida e estreita, polida até brilhar, ocupava o centro do salão. Havia uma cadeira alta no canto próximo a Egwene, com leves entalhes e douraduras aqui e ali, bastante simples para os padrões de Tear. Os espaldares das cadeiras laterais iam diminuindo à medida que se afastavam da mais decorada, e as do extremo oposto eram pouco maiores que banquinhos. Egwene não fazia ideia de qual era o propósito dos tairenos para aquele salão. Ela e as outras o usavam para interrogar as duas prisioneiras capturadas depois da queda da Pedra.

Não conseguira se obrigar a ir até os calabouços, embora Rand tivesse ordenado que todos os utensílios que decoravam o aposento da guarda fossem derretidos ou queimados. Nynaeve e Elayne também não tinham ficado ansiosas para retornar. Além do mais, este salão bem iluminado, com piso de azulejos brilhantes e painéis de parede com entalhes das Três Luas Crescentes de Tear, fazia enorme contraste com as pedras cinza e sombrias das celas pouco iluminadas, úmidas e imundas. Aquilo deveria exercer algum efeito calmante nas duas mulheres vestidas nas pesadas roupas de lã dos prisioneiros.

Bastava o grosso vestido de lã para revelar à maioria que Joiya Byir, parada em pé do outro lado de mesa, as costas curvadas, era uma prisioneira. Ela tinha sido da Ajah Cinza, e não perdera nem um pouco do frio autocontrole característico de sua Ajah ao deslocar sua lealdade para a Negra. Cada traço de sua expressão parecia indicar que ela encarava a janela oposta por escolha própria, não por qualquer outra razão. Apenas uma mulher capaz de canalizar poderia ver os robustos fluxos de Ar que prendiam os braços de Joiya ao lado do corpo e uniam seus tornozelos. Uma jaula tecida com Ar obrigava seus olhos a mirarem bem à frente. Até as orelhas estavam vedadas, para que ela não pudesse ouvir o que as outras dissessem até que lhe fosse permitido.

Mais uma vez, Egwene conferiu o escudo de Espírito que impedia Joiya de tocar a Fonte Verdadeira. Estava firme como deveria. Ela própria urdira todos os fluxos ao redor de Joiya, atando-os de modo que se sustentassem sozinhos, mas não conseguia ficar tranquila no mesmo ambiente que uma Amiga das Trevas com a capacidade de canalizar, mesmo que blindada. Pior do que uma mera Amiga das Trevas. Da Ajah Negra. Assassinato era o mais brando dos crimes de Joiya. As costas curvadas deveriam ser consequência do peso dos juramentos quebrados, vidas arruinadas e almas definhadas.

A companheira de cárcere de Joiya, sua irmã da Ajah Negra, não possuía a mesma força. Parada na extremidade oposta da mesa, de ombros caídos e cabeça baixa, Amico Nagoyin parecia afundar em si

mesma sob o olhar de Egwene. Não havia razão para blindá-la. Amico fora estancada durante a captura. Ainda podia sentir a Fonte Verdadeira, mas jamais a tocaria, nunca mais poderia canalizar. O desejo e a vontade permaneceriam, tão prementes quanto a necessidade de ar, e a sensação de perda estaria presente enquanto ela vivesse, com *saidar* eternamente fora de alcance. Egwene desejou sentir uma pontada de pena que fosse. Mas não se esforçou muito.

Amico murmurou algo por cima a mesa.

— O quê? — inquiriu Nynaeve. — Fale alto.

Com uma expressão humilde, Amico ergueu o rosto sobre o pescoço delgado. Ainda era uma bela mulher, com olhos grandes e negros, mas havia algo de diferente nela, algo que Egwene não era muito capaz de identificar. Não era o medo que a fazia agarrar o vestido grosso de prisioneira com as duas mãos. Era algo mais.

Amico engoliu em seco e disse:

— Você deveria ir para Tanchico.

— Você já disse isso vinte vezes — retrucou Nynaeve, com rudeza. — Cinquenta vezes. Agora conte alguma novidade. Revele nomes que a gente ainda não saiba. Quem da Ajah Negra ainda está na Torre?

— Eu não sei. Vocês precisam acreditar em mim. — Amico soava cansava, completamente derrotada. O que era bem diferente de quando as outras mulheres eram as prisioneiras, e ela, a carcereira. — Antes de deixarmos a Torre, eu só sabia de Liandrin, Chesmal e Rianna. Ninguém sabia de mais de outras duas ou três, eu acho. Exceto Liandrin. Eu já contei tudo o que sabia.

— Então você é bem ignorante para uma mulher que esperava dominar parte do mundo depois que o Tenebroso se libertasse — retrucou Egwene, ríspida, fechando o leque com força para enfatizar o tom.

Ainda se espantava consigo mesma por conseguir proferir aquele nome com tanta facilidade. O estômago ainda se revirava, e um arrepio gélido ainda percorria sua espinha, mas ela já não sentia vontade de gritar ou de fugir chorando. Era possível se acostumar a qualquer coisa.

— Escutei Liandrin uma vez falando com Temaile — disse Amico, em um tom cansado, recomeçando uma história que já contara diversas vezes. Nos primeiros dias de cativeiro, tentara aumentar a história, mas, quanto mais elaborava, mais se enrolava nas próprias mentiras. Agora quase sempre contava da mesma forma, palavra por palavra. — Se vocês vissem a cara de Liandrin quando percebeu que eu estava lá… Ela teria me matado ali mesmo, se achasse que eu tinha ouvido alguma coisa. E Temaile gosta de machucar os outros. Ela sente prazer. Só ouvi um pouquinho antes que as duas me vissem.

Liandrin disse que havia alguma coisa em Tanchico, algo perigoso para… para ele. — Falava de Rand. Não conseguia dizer o nome do rapaz, e a mera menção do Dragão Renascido era o bastante para levá-la às lágrimas. — Liandrin disse que também era perigoso para quem usasse. Quase tão perigoso quanto para… ele. É por isso que ela ainda não foi atrás. E ela disse que a capacidade de canalizar não poderá protegê-lo. Disse que "quando o encontrarmos, a habilidade asquerosa que ele tem vai refrear o Dragão para nós".

Suor escorria por sua face, mas a mulher parecia incapaz de controlar os tremores.

Nenhuma palavra mudara.

Egwene abriu a boca, mas Nynaeve falou primeiro:

— Já ouvi essa história vezes demais. Vamos ver se a outra tem algo novo a dizer.

Egwene cravou os olhos nela, e Nynaeve a encarou de volta com a mesma força. Nenhuma das duas piscava. *Às vezes ela acha que ainda é a Sabedoria*, pensou Egwene, emburrada, *e que eu ainda sou a garotinha da aldeia a quem ela ensina sobre ervas. Seria melhor se ela percebesse que agora as coisas são diferentes.* Nynaeve era forte com o Poder, mais forte do que Egwene, mas só quando conseguia canalizar. Se não estivesse irritada, Nynaeve não podia fazer nada.

Elayne costumava acalmar os ânimos quando as coisas chegavam a esse ponto, o que acontecia com mais frequência do que deveria. Quando Egwene começava a pensar em acalmar os ânimos, já estava quase borbulhando de raiva, com os pés fincados no chão, e tentar ser cordata só significaria recuar. Era assim que Nynaeve enxergava, sem dúvida. Não conseguia se lembrar de uma única vez em que a antiga Sabedoria fizera qualquer movimento de retirada, então por que deveria fazer isso? Dessa vez Elayne não estava lá. Com uma palavra e um gesto, Moiraine mandara a Filha-herdeira acompanhar a Donzela que viera chamar a Aes Sedai. Sem ela, a tensão só aumentava. Cada Aceita esperava que a outra piscasse primeiro. Aviendha mal respirava, parecia se esforçar para manter-se afastada do confronto. Decerto considerava uma questão de bom senso não se meter.

Por mais estranho que fosse, foi Amico quem desfez o impasse daquela vez, embora provavelmente só desejasse demonstrar cooperação. A mulher se virou e encarou a parede oposta, esperando para ser amarrada com muita paciência.

A tolice da situação deixou Egwene subitamente impressionada. Ela era a única mulher no recinto capaz de canalizar — a não ser que Nynaeve ficasse irritada, ou que o escudo de Joiya falhasse, e, sem perceber, testou mais uma vez a trama de Espírito para garantir que aquilo não aconteceria — e mesmo assim se envolvia em uma disputa de olhares enquanto Amico aguardava para ser presa. Em outro

momento, talvez tivesse rido de si mesma bem alto. Em vez disso, abriu-se a *saidar*, aquele brilho caloroso jamais visto mas sempre sentido, que parecia sempre prestes a ver de canto de olho. O Poder Único a preencheu, tornando a vida duas vezes mais maravilhosa, e ela urdiu os fluxos ao redor de Amico.

Nynaeve apenas grunhiu. Era pouco provável que estivesse irritada o suficiente para sentir o que Egwene estava fazendo — não conseguia fazer isso sem estar de cabeça quente — mas pôde ver Amico se enrijecer quando os fluxos de Ar a tocaram, depois deixou os ombros desabarem, parcialmente sustentados pelo fluxo, como se para mostrar que oferecia pouca resistência.

Aviendha estremeceu, como se habituara a fazer quando sabia que o Poder estava sendo canalizado perto dela.

Egwene urdiu barreiras para os ouvidos de Amico — interrogá-las uma de cada vez não ajudava em nada se fossem capazes de ouvir as histórias uma da outra — e virou-se para Joiya. Trocou o leque de mão, para conseguir esfregar as duas no vestido, e parou, com uma careta de desgosto. As palmas suadas nada tinham a ver com a temperatura.

— O rosto dela — comentou Aviendha, de repente. O que foi uma surpresa, pois ela quase nunca falava, a não ser que fosse abordada por Moiraine ou uma das outras. — O rosto de Amico. Ela não tem a mesma aparência de antes, como se os anos não a tivessem tocado. Não era assim. Isso acontece porque ela foi… Porque ela foi estancada?

Ela parou de repente, sem fôlego. Por estar tão próxima às outras, adquirira alguns hábitos. Nenhuma mulher da Torre conseguia falar sobre estancamento sem estremecer.

Egwene contornou a mesa até onde pudesse ver o perfil de Amico, mas ainda fora do campo de visão de Joiya. O olhar da antiga Cinza sempre fazia seu estômago virar um bloco de gelo.

Aviendha tinha razão, era a mesma diferença que ela própria percebera, sem entender. Amico parecia jovem, até mais jovem do que de fato era, mas não tinha mais o semblante sem idade das Aes Sedai que haviam operado o Poder Único durante anos.

— Você tem olhos aguçados, Aviendha, mas não sei se isso tem alguma coisa a ver com o estancamento. Suponho que sim. Não sei o que mais poderia ter causado.

Percebeu que não soara muito como as Aes Sedai, que costumavam falar como se soubessem tudo. Quando uma Aes Sedai afirmava não saber algo, em geral dava um jeito de fazer parecer que sua ignorância encobria muito conhecimento. Enquanto quebrava a cabeça em busca de algo mais pomposo, Nynaeve veio em seu resgate.

— Relativamente poucas Aes Sedai já foram exauridas, Aviendha,

e menos ainda foram estancadas.

"Exaurir" era quando a coisa acontecia por acidente. Oficialmente, o estancamento era resultado de um julgamento e uma sentença. Egwene não via motivo para essa diferenciação, na verdade. Era como ter duas palavras para dizer "rolar escada abaixo", e o uso dependia se a pessoa tivesse tropeçado ou sido empurrada. A maioria das Aes Sedai parecia encarar tudo de uma só forma, aliás, exceto ao ensinar as noviças ou Aceitas. Eram três palavras, na verdade. Os homens eram "amansados", tinham de ser amansados antes que enlouquecessem. Só que agora havia Rand, e a Torre não se atrevia a amansá-lo.

Nynaeve assumira um tom professoral, sem dúvida tentando soar como uma Aes Sedai. Egwene percebeu que a amiga imitava as aulas de Sheriam, as mãos firmes na cintura e um leve sorriso a expressar que tudo era muito simples, bastava prestar atenção.

— O estancamento não é algo que alguém decide estudar, compreende? — prosseguiu Nynaeve. — Em geral é algo aceito como irreversível. O que torna uma mulher capaz de canalizar, uma vez removido, não pode ser substituído, assim como uma única mão perdida não pode voltar a existir por meio de Cura. — Pelo menos ninguém nunca conseguira Curar um estancamento. Houve tentativas. O que Nynaeve disse era a maior parte verdade, mas algumas irmãs da Ajah Marrom estudavam quase tudo o que tinham chance, e algumas irmãs Amarelas, as melhores Curandeiras, tentavam aprender formas de Curar tudo. Porém, nunca houvera sequer uma pontinha de sucesso nas tentativas de Curar uma mulher estancada. — Além desse terrível fato, pouco se sabe. É raro mulheres estancadas viverem mais do que alguns anos. Parecem querer deixar de viver, desistem. Como eu disse, é um assunto bastante desagradável.

Aviendha mudou de posição, incomodada.

— Só pensei que pudesse ser isso — disse, com a voz baixa.

Egwene também pensava que poderia ser. Decidiu perguntar a Moiraine. Se a encontrasse sem Aviendha. Parecia que a farsa atrapalhava quase tanto quanto ajudava.

— Vamos ver se Joiya ainda conta a mesma história — sugeriu.

Mesmo assim, precisou se controlar antes de desfazer os fluxos de Ar urdidos em volta da Amiga das Trevas.

Joiya decerto estava dolorida por ter ficado imóvel por tanto tempo, mas virou-se para encará-las com muita suavidade. O suor que gotejava na testa não era capaz de rebaixar sua presença e dignidade, não mais do que o vestido bruto de lã grossa reduzia a sensação de que ela estava ali por escolha própria. Era uma mulher vistosa, com um ar maternal e meio reconfortante, apesar da suavidade etérea. No entanto, os olhos escuros fincados naquele rosto faziam até um gavião

parecer bondoso. Ela sorriu para as duas, um sorriso que jamais chegava aos olhos.

— Que a Luz as ilumine. Que a mão do Criador as proteja.

— Não vou ouvir isso de você. — A voz de Nynaeve era quieta e calma, mas ela jogou a trança por cima do ombro e cerrou o punho em torno da ponta, como fazia quando estava nervosa ou incomodada. Egwene não achou que ela estivesse incomodada, Joiya não parecia fazer a pele de Nynaeve se arrepiar como fazia a de Egwene.

— Estou arrependida dos meus pecados — disse Joiya, muito calma. — O Dragão Renasceu e empunha *Callandor*. As Profecias foram cumpridas. O Tenebroso deve cair. Posso ver isso agora. Meu arrependimento é real. Ninguém pode andar tanto tempo pela Sombra que não seja capaz de retornar à Luz.

A cada palavra, o rosto de Nynaeve ficava mais sombrio. Egwene tinha certeza de que ela estava furiosa a ponto de canalizar, mas, se o fizesse, provavelmente seria para estrangular a Aes Sedai. Egwene não acreditava mais do que Nynaeve no arrependimento de Joiya, sem dúvida, mas as informações da mulher talvez fossem verdadeiras. Joiya era bastante capaz de tomar a fria decisão de se voltar para o lado que julgava vencedor. Ou poderia apenas estar ganhando tempo, mentindo, na esperança de ser resgatada.

Uma Aes Sedai não deveria ser capaz de mentir, mesmo uma que tivesse perdido todo o direito a esse nome. Pelo menos, não mentiras deslavadas. O primeiro dos Três Juramentos, feito com o Bastão dos Juramentos nas mãos, garantia isso. Porém, quaisquer que fossem os votos proferidos ao Tenebroso pela Ajah Negra, eles pareciam romper todos os Três Juramentos.

Não importava. A Amyrlin as enviara à caça da Ajah Negra, à caça de Liandrin e das outras doze que haviam cometido crimes e fugido da Torre. E tudo o que elas tinham agora para prosseguir era o que aquelas duas pudessem, ou quisessem, revelar.

— Conte sua versão de novo — ordenou Egwene. — Use palavras diferentes desta vez. Estou cansada de ouvir histórias decoradas. — Caso a mulher estivesse mentido, haveria uma chance maior de tropeçar nas palavras se as relatasse de outra forma. — Vamos ouvir o que você tem a dizer.

Isso fora para acalmar Nynaeve, que deu uma fungada alta, depois um breve aceno de cabeça.

Joiya deu de ombros.

— Como quiser. Deixe-me ver. Palavras diferentes. O falso Dragão, Mazrim Taim, que foi capturado em Saldaea, é capaz de canalizar com uma força incrível. Talvez tanto quanto Rand al'Thor, ou quase, se os relatos forem verdadeiros. Antes que possa ser levado a Tar Valon e amansado, Liandrin pretende libertá-lo. Ele será

proclamado o Dragão Renascido, seu nome será revelado como Rand al'Thor, e ele vai operar uma destruição em uma escala que o mundo não vê desde a Guerra dos Cem Anos.

— Isso é impossível — interrompeu Nynaeve. — O Padrão não vai aceitar um falso Dragão, não agora que Rand se proclamou.

Egwene suspirou. As duas já haviam debatido isso, mas Nynaeve sempre refutava esse ponto. Ela não sabia ao certo se a amiga de fato acreditava que Rand era o Dragão Renascido, não importava o que ele dissesse, não importava as Profecias, *Callandor* ou a queda da Pedra. Nynaeve tinha idade suficiente para ter cuidado de Rand quando ele era criança, assim como cuidara de Egwene. Ele era de Campo de Emond, e a antiga Sabedoria ainda achava que seu maior dever era proteger o povo de lá.

— Foi isso que Moiraine lhes disse? — perguntou Joiya, com um toque de desprezo. — Moiraine passou pouco tempo na Torre desde que foi elevada, e não muito mais com suas irmãs, em outros locais. Suponho que ela saiba sobre o funcionamento da vida em uma aldeia, talvez até algo da política entre nações, mas alega certeza em relação a assuntos que aprendeu apenas em estudos e debates com os que de fato os conhecem. Ainda assim, talvez esteja certa. Pode muito bem ser impossível que Mazrim Taim proclame a si mesmo. Mas será que existe alguma diferença se outros o fizerem por ele?

Egwene desejou que Moiraine retornasse. A mulher não falaria com tanta confiança se Moiraine estivesse ali. Joiya sabia muito bem que ela e Nynaeve eram apenas Aceitas. Isso fazia diferença.

— Prossiga — disse Egwene, quase tão severa quanto Nynaeve. — E lembre-se, palavras diferentes.

— É claro — respondeu Joiya, como se aceitasse um agradável convite, mas os olhos cintilavam feito cacos de vidro negro. — Vocês podem ver o resultado óbvio. Rand al'Thor será considerado culpado pela destruição de… Rand al'Thor. Até a prova de que os dois não são o mesmo homem poderá muito bem ser desconsiderada. Afinal de contas, quem é que pode dizer de que truques o Dragão Renascido é capaz? Talvez até possa estar em dois lugares ao mesmo tempo. Até os idiotas que vivem apoiando falsos Dragões vão hesitar diante do massacre indiscriminado e das coisas piores que vão acontecer em nome dele. Os que não recuarem diante de tal carnificina buscarão o Rand al'Thor que parece deleitar-se com sangue. As nações vão se unir, como fizeram na Guerra dos Aiel — ela lançou um sorriso culpado a Aviendha, o que não condizia com seus olhos impiedosos — mas sem dúvida muito mais depressa. Nem o Dragão Renascido é capaz de lutar contra isso, não para sempre. Ele será esmagado antes mesmo de a Última Batalha começar, e pelos mesmos homens que deveria salvar. O Tenebroso vai se libertar, o dia de

Tarmon Gai'don chegará, e a Sombra cobrirá a terra e reorganizará o Padrão por todos os tempos. Este é o plano de Liandrin. — Não havia nenhum traço de satisfação em sua voz, mas também não havia horror.

Era uma história plausível, mais plausível que o conto de Amico sobre algumas poucas frases entreouvidas, mas Egwene acreditava em Amico, não em Joiya. Talvez porque quisesse isso. Era mais fácil enfrentar alguma vaga ameaça em Tanchico do que um plano completo para jogar tudo contra Rand. *Não*, pensou. *Joiya está mentindo. Tenho certeza.* Ainda assim não podiam ignorar qualquer uma das histórias. Mas não tinham como ir atrás das duas, não se quisessem ter alguma chance de sucesso.

A porta se abriu de supetão, e Moiraine entrou pisando firme, com Elayne atrás. A Filha-herdeira encarava o chão diante dos próprios pés com uma careta, perdida em pensamentos obscuros. Moiraine, no entanto… Pela primeira vez, a serenidade da Aes Sedai desaparecera, e seu rosto estava coberto de fúria.

6



Portais

— Rand al'Thor — disse Moiraine, com uma voz baixa e tensa — é um cabeça de mula teimoso de um… um… de um homem!

Elayne ergueu o queixo, irritada. Lini, sua ama, costumava dizer que era mais fácil tecer seda de pelos de porco do que fazer de um homem qualquer coisa além de um homem. Mas isso não era desculpa para Rand.

— Nós os criamos desse jeito em Dois Rios. — De súbito, Nynaeve exibiu um sorriso de satisfação mal contida. Nunca conseguia esconder o desagrado que sentia com as Aes Sedai tão bem quanto pensava. — As mulheres de Dois Rios nunca têm problemas com os homens.

Pelo olhar surpreso que Egwene lançou a ela, aquela era uma mentira tão grande que seria garantia de ter a boca lavada com sabão.

Moiraine franziu a testa, como se estivesse prestes a responder a Nynaeve de forma ainda mais dura. Elayne se mexeu, inquieta, mas não encontrou qualquer coisa para dizer que pudesse impedir uma discussão. Rand continuava dançando em sua mente. Mas que direito ela tinha?

Foi Egwene quem se pronunciou:

— O que foi que ele fez, Moiraine?

A Aes Sedai virou os olhos para Egwene com uma expressão tão firme que a jovem deu um passo atrás, abriu o leque de repente e começou, nervosa, a abanar o rosto. Mas o olhar de Moiraine parou em Joiya e Amico, uma a observá-la desconfiada, a outra contida e alheia a tudo além da parede oposta.

Elayne levou um pequeno susto ao perceber que Joiya não estava impedida de ouvir e de se mover. Mais do que depressa, conferiu o escudo que bloqueava a mulher do contato com a Fonte Verdadeira. Torceu para que nenhuma das outras tivesse reparado em seu susto. Joiya a assustava muito, mas Egwene e Nynaeve não pareciam sentir mais medo dela do que sentiam de Moiraine. Às vezes, era difícil ser corajosa como era esperado da Filha-herdeira de Andor. Era comum ela se surpreender desejando conseguir lidar tão bem com as coisas quanto as outras duas.

— Os guardas — resmungou Moiraine, como se para si mesma. — Eu os vi parados no corredor e sequer pensei.

Ela alisou o vestido, fazendo um esforço óbvio para se recompor. Elayne achava que nunca vira Moiraine tão fora de si como naquela noite. Mas, também, a Aes Sedai tinha motivo. *Não mais do que eu. Ou será que eu tenho?* Ela se pegou tentando não encarar Egwene nos olhos.

Caso fossem Egwene, Nynaeve ou Elayne que estivessem fora de si, Joiya sem dúvida teria dito algo, sutil e com duplo sentido, pensado para aborrecê-las ainda mais. Se estivessem sozinhas, pelo menos. Com Moiraine, ela apenas observava, silenciosa e desconfortável.

Moiraine caminhou ao lado da mesa, já mais calma. Joiya era quase uma cabeça mais alta que ela, mas, mesmo se estivesse vestida em sedas, não haveria dúvida a respeito de quem estava no comando da situação. Joiya não recuou, mas suas mãos apertaram as saias por um instante antes que ela as controlasse.

— Fiz alguns arranjos — disse Moiraine, baixinho. — Daqui a quatro dias vocês vão embarcar em um navio rio acima, em direção a Tar Valon e à Torre. Lá não são tão brandos quanto temos sido. Se ainda não descobriu a verdade até agora, descubra antes de chegarem à Baía do Sul, ou sem dúvida acabará na forca do Pátio dos Traidores. Não vou mais falar com você, a não ser que mande me chamar para contar alguma novidade. E não quero ouvir mais uma palavra, nenhuma sequer, a menos que *seja* novidade. Acredite em mim, isso vai poupar muita dor em Tar Valon. Aviendha, pode mandar o capitão trazer dois dos homens dele? — Elayne piscou enquanto a Aiel se levantava e desaparecia pela porta. Às vezes, Aviendha era tão silenciosa que parecia nem estar presente.

Joiya mexia o rosto como se quisesse dizer algo, mas Moiraine a encarou, e, depois de um tempo, a Amiga das Trevas desviou os olhos. Eles reluziam como os de um corvo, cheios de mortes obscuras, mas a mulher segurou a língua.

Elayne viu um brilho tênue, branco-dourado, rodear Moiraine de repente, o brilho de uma mulher abraçando *saidar*. Apenas uma pessoa

treinada para canalizar era capaz de vê-lo. Os fluxos que prendiam Amico se desataram mais depressa do que Elayne poderia ter feito. Ela era mais forte que Moiraine, pelo menos em potencial. Na Torre, as mulheres que a ensinavam quase não acreditavam no tamanho de sua capacidade, e também na de Egwene e Nynaeve. A mulher de trança era a mais forte de todas — quando conseguia canalizar. No entanto, Moiraine tinha experiência. Fazia de olhos fechados o que as três ainda estavam aprendendo. Ainda assim, havia algumas coisas que Elayne e as outras duas eram capazes de fazer mas a Aes Sedai não conseguia. Era uma pequena satisfação diante da facilidade com que Moiraine acovardava Joiya.

Livre, em condições de falar, Amico se virou e percebeu pela primeira vez a presença de Moiraine. Com um ganido, ela se curvou em uma mesura tão profunda quanto a de qualquer noviça. Joiya mantinha os olhos cravados na porta, evitando o olhar das outras. Nynaeve, de braços cruzados, com as juntas dos dedos brancas da força que fazia ao agarrar a trança, lançava a Moiraine um olhar quase tão mortífero quanto o de Joiya. Egwene apalpou a saia e cravou os olhos na antiga Cinza. Elayne franziu o rosto, desejando ser forte como Egwene, desejando não sentir que traía a amiga. No mesmo instante, o capitão entrou na sala com mais dois Defensores de preto e dourado. Aviendha não estava com eles, parecia ter aproveitado a oportunidade para escapar da Aes Sedai.

O oficial grisalho, com um elmo com abas e duas pequenas plumas brancas, encolheu-se quando seus olhos encontraram os de Joiya, embora ela sequer tivesse demonstrado que o vira. O olhar do homem saltou de mulher a mulher, indeciso. O salão tinha um clima de problemas, e nenhum homem sábio quereria problemas vindos desse tipo de mulheres. Os dois soldados agarraram as lanças compridas ao lado do corpo, quase como se temessem ter de se defender. Talvez de fato temessem.

— Vocês, levem essas duas de volta para as celas — mandou Moiraine, falando de forma áspera com o oficial. — Repitam as instruções. Não quero nenhum erro.

— Sim, Ae… — A garganta do capitão travou. Ele engoliu em seco. — Sim, milady — respondeu, olhando-a com ansiedade para ver se o tratamento bastaria. Quando a mulher continuou a encará-lo, esperando, ele soltou um suspiro alto de alívio. — As prisioneiras não devem falar com ninguém, exceto comigo, nem mesmo entre si. Vinte homens no aposento da guarda e dois do lado de fora de cada cela o tempo inteiro, quatro se a porta de alguma das celas precisar ser aberta por qualquer motivo. Eu mesmo supervisiono o preparo das refeições e as entrego a elas. Tudo como a senhora ordenou, milady. — Uma pontada de dúvida pairava em sua voz.

Centenas de rumores corriam a Pedra em relação às prisioneiras e ao motivo de as duas mulheres terem de ser vigiadas com tanto afinco. O povo também sussurrava histórias sobre as Aes Sedai, cada uma mais sombria do que a outra.

— Muito bem — respondeu Moiraine. — Leve as duas.

Não estava claro quem estava mais ansioso para deixar o aposento, as prisioneiras ou os guardas. Até Joiya andava depressa, como se não aguentasse ficar calada ao lado de Moiraine mais nem um instante.

Elayne estava certa de que mantivera o semblante tranquilo desde que entrara no quarto, mas Egwene aproximou-se e a abraçou.

— Qual é o problema, Elayne? Você parece prestes a chorar.

A preocupação em sua voz fez Elayne sentir que irromperia em lágrimas. *Luz!*, pensou. *Não vou ser assim tão boba. Não vou!*

— *Uma mulher chorosa é um poço sem fundo.* — Lini sempre fora cheia de ditados como esse.

— Três vezes — reclamou Nynaeve para Moiraine, com rudeza — só três! Foi o quanto você consentiu em nos ajudar a interrogá-las. Desta vez você desapareceu antes mesmo de começarmos, e agora anuncia, com toda a calma, que vai mandá-las para Tar Valon! Se não vai ajudar, pelo menos não atrapalhe!

— Não vá presumindo que a autoridade da Amyrlin chegue tão longe — retrucou Moiraine, com frieza. — Ela pode ter mandado vocês irem atrás de Liandrin, mas as três ainda são apenas Aceitas, e desgraçadamente ignorantes, independente das cartas que carregam. Ou será que queriam ficar interrogando as duas para sempre, até tomarem uma decisão? Vocês de Dois Rios parecem viver evitando decisões que precisam ser tomadas. — Nynaeve abriu e fechou a boca, os olhos esbugalhados, como se refletindo sobre qual das acusações responderia primeiro, mas Moiraine se virou para Egwene e Elayne. — Recomponha-se, Elayne. Não sei como você vai cumprir as ordens da Amyrlin se pensa que todas as terras têm os mesmos costumes de onde nasceu. E também não sei por que está tão perturbada. Não deixe que seus sentimentos machuquem os outros.

— Como assim? — perguntou Egwene. — Que costumes? Do que você está falando?

— Berelain esteve nos aposentos de Rand — disse Elayne, em voz baixa, incapaz de se conter.

Seus olhos trêmulos encararam Egwene. Ela sem dúvida encobria os próprios sentimentos. Moiraine lançou um olhar reprovador e suspirou.

— Eu pouparia você disso se pudesse, Egwene. Se Elayne não tivesse deixado o nojo que sentiu de Berelain afetar o juízo. Os costumes de Mayene não são os mesmos dos locais onde vocês duas

nasceram. Egwene, sei o que você sente por Rand, mas precisa compreender que agora isso não vai dar em nada. Ele pertence ao Padrão e à história.

Parecendo ignorar a Aes Sedai, Egwene encarou Elayne nos olhos. A Filha-herdeira quis desviar o olhar, mas não conseguiu. De repente, Egwene se inclinou mais para perto, curvou a mão em concha e sussurrou:

— Eu o amo. Como um irmão. E a você como uma irmã. Desejo tudo de bom aos dois.

Os olhos de Elayne se arregalaram, e um sorriso se abriu em seu rosto. Ela respondeu ao abraço de Elayne com outro bem forte.

— Obrigada — murmurou, baixinho. — Eu amo você também, irmã. Ah, muito obrigada.

— Ela entendeu errado — disse Egwene, meio para si mesma, um sorriso de satisfação escancarado no rosto. — Você já se apaixonou, Moiraine?

Que pergunta espantosa. Elayne jamais poderia imaginar a Aes Sedai apaixonada. Moiraine era da Ajah Azul, e diziam que as irmãs azuis entregavam todas as paixões às suas causas.

A mulher esguia não se surpreendeu nem um pouco. Por um longo instante, encarou as duas de braços dados com muita calma. Por fim, disse:

— Eu poderia apostar que sei o rosto do homem com quem vou me casar mais do que qualquer uma de vocês conhece o futuro marido.

Egwene ficou boquiaberta.

— Quem? — perguntou Elayne, arquejando.

A Aes Sedai pareceu arrependida do que dissera.

— Talvez eu só tenha querido dizer que dividimos essa ignorância. Não interpretem muito de algumas poucas palavras. — Olhou contemplativa para Nynaeve. — Se eu algum dia escolher um homem, se escolher, eu disse, esse homem não será Lan. Isso é tudo o que posso dizer.

Aquilo fora dito para acalmar Nynaeve, mas ela não pareceu ter gostado de ouvir. A mulher emburrada tinha pela frente o que Lini chamaria de “um trecho de terra difícil de carpir”: não era apenas um Guardião quem amava, mas um homem que tentava negar que correspondia seu amor. Tolo como era, o homem falava da guerra contra a Sombra na qual era incapaz de parar de lutar e que jamais venceria, de sua recusa em vestir Nynaeve em roupas de viúva no dia da festa de casamento. Coisas estúpidas do tipo. Elayne não entendia como a amiga conseguia aguentar. Não era uma mulher muito paciente.

— Se já tiverem terminado de tagarelar sobre homens — retrucou

Nynaeve em um tom ácido, como se para comprovar a impaciência — talvez pudéssemos voltar ao que é importante? — Agarrando a trança com vigor, sua voz ganhou força e velocidade enquanto ela prosseguia, tal e qual uma roda-d'água com as engrenagens soltas: — Como é que vamos descobrir se Joiya ou Amico estão mentindo se você as mandar embora? Ou se as duas estiverem mentindo? Ou se nenhuma estiver? Não aprecio essa confusão, Moiraine, independente do que você pensa, mas já pisei em muitas armadilhas para querer pisar em mais uma. E também não quero ficar perseguindo ilusões. Fui eu… fomos nós quem a Amyrlin enviou atrás de Liandrin e suas comparsas. Já que você não parece considerá-las importantes o bastante para gastar mais de um instante para nos ajudar, o mínimo que pode fazer é não nos dar uma rasteira!

A mulher parecia prestes a arrancar a trança e tentar estrangular a Aes Sedai com ela. Moiraine exibia uma calma cristalina e perigosa, mostrando que poderia estar prestes a ensinar a mesma lição sobre segurar a língua que ensinara a Joiya. Elayne decidiu que era hora de parar de se lamentar. Não sabia como viera a assumir o papel de pacificadora dessas mulheres — às vezes desejava puxar todas pelos cabelos e sacudi-las — mas sua mãe sempre dizia que nenhuma boa decisão nascia da raiva.

— Talvez queira acrescentar à lista do que deseja saber — disse Elayne — por que fomos chamadas por Rand. Ou seja, para onde Careen nos levou. Ele agora está bem, é claro. Moiraine o Curou. — Não pôde conter um arrepio ao pensar na breve olhadela que deu dentro do quarto, mas a distração funcionou às maravilhas.

— Curou? — Nynaeve arquejou. — O que aconteceu com ele?

— Ele quase morreu — respondeu a Aes Sedai, calma como se dissesse que o homem tomara um bule de chá.

Elayne sentiu Egwene tremendo enquanto as duas escutavam o relato sem emoção de Moiraine, mas talvez um pouco do tremor fosse dela mesma. Maldade borbulhando pelo Padrão. Reflexos saltando de espelhos. Rand, uma massa de sangue e feridas. Quase como uma reflexão tardia, Moiraine acrescentou que tinha certeza de que Perrin e Mat haviam vivido algo parecido, mas conseguiram escapar ilesos. A mulher devia ter gelo correndo nas veias. *Não, ela estava bastante inflamada com a teimosia de Rand. E também não falou de casamento com frieza, por mais que tivesse tentado.* Agora, no entanto, poderia muito bem estar refletindo se um botão de seda era da cor certa para um vestido.

— E essas… essas *coisas* vão continuar acontecendo? — indagou Egwene, quando Moiraine terminou. — Não há nada que você possa fazer para parar? Ou que Rand possa fazer?

A pequena pedra azul que pendia dos cabelos de Moiraine se

sacudiu quando ela balançou a cabeça.

— Não até que ele aprenda a controlar suas habilidades. Talvez nem depois disso. Não sei dizer se ele vai ser forte o bastante para empurrar o miasma para longe de si. Mas pelo menos terá mais condições de se defender sozinho.

— Você não pode fazer nada para ajudá-lo? — perguntou Nynaeve. — É você quem deveria saber tudo, ou pelo menos fingir que sabe. Não pode ensinar a ele? Uma parte, pelo menos? E não venha com esses ditados sobre pássaros ensinarem peixes a voar.

— Você saberia — respondeu Moiraine — se tivesse aproveitado melhor seus estudos. Você deveria saber. Quer saber como usar o Poder, Nynaeve, mas não se dá ao trabalho de *aprender* sobre o Poder. *Saidin* não é *saidar*. Os fluxos são diferentes, os caminhos de tessitura são diferentes. O pássaro tem mais chance.

Foi a vez de Egwene tentar dissolver a tensão.

— Com o que Rand está teimando agora? — Nynaeve abriu a boca, e Egwene acrescentou: — Ele às vezes consegue ser teimoso como uma pedra.

Nynaeve fechou a boca de repente. Todas sabiam como aquilo era verdade.

Moiraine observou as três, pensativa. Às vezes, Elayne não conseguia ter certeza de quanto a Aes Sedai confiava nelas. Ou em qualquer um.

— Ele precisa agir — disse a Aes Sedai, por fim. — Em vez disso, fica sentado aqui, e os tairenos já começaram a perder o medo dele. Ele continua sentado, e, quanto mais permanecer sem fazer nada, mais os Abandonados verão sua inércia como sinal de fraqueza. O Padrão se move em um fluxo, apenas os mortos ficam imóveis. Ele precisa agir, ou morrerá. Com uma flechada nas costas, veneno na comida, ou com os Abandonados se reunindo em um bando para arrancar a alma de seu corpo.

Elayne se encolhia a cada perigo na lista. Saber que eram reais apenas piorava as coisas.

— E você sabe o que ele deve fazer, não sabe? — indagou Nynaeve, firme. — Você tem tudo planejado.

Moiraine assentiu.

— Você preferiria que ele saísse sozinho, desenfreado, mais uma vez? Não ouso arriscar uma coisa dessas. Ele pode acabar morrendo, ou coisa pior, antes que eu o encontre.

Aquilo era bem verdade. Rand mal sabia o que estava fazendo. E Elayne tinha certeza de que Moiraine não queria perder a pouca orientação que ainda concedia a ele. O pouco que ele permitia que concedesse.

— Você vai compartilhar seu plano para ele conosco? — inquiriu

Egwene.

Ela com certeza não estava mais ajudando a suavizar o clima.

— Sim, faça isso — concordou Elayne, surpreendendo a si mesma, ecoando o tom frio de Egwene.

Ela não era adepta de confrontos, quando podia evitar. A mãe sempre dizia que era melhor guiar os outros do que tentar colocá-los na linha a marteladas.

Se os modos das moças irritaram Moiraine, ela não demonstrou.

— Desde que compreendam que precisam manter isso entre vocês. Um plano revelado é um plano fadado ao fracasso. Sim, vejo que compreendem.

Elayne decerto compreendia. O plano era perigoso, e Moiraine não sabia ao certo se iria funcionar.

— Sammael está em Illian — prosseguiu a Aes Sedai. — Os tairenos estão sempre tão preparados para a guerra com Illian quanto o inverso. Os dois povos já se enfrentam de forma intermitente há mil anos, e discutem suas chances de vencer como outros homens conversam sobre o próximo festival. Duvido até que saber da presença de Sammael pudesse mudar isso, não com o Dragão Renascido para conduzi-los. Tear seguirá Rand ansiosamente nesta empreitada, e, se ele derrotar Sammael…

— Luz! — exclamou Nynaeve. — Você não está querendo que ele comece uma simples guerra, quer que ele vá atrás de um dos Abandonados! Não me admira que Rand esteja sendo teimoso. Para um homem, ele não é bobo.

— Ele precisa enfrentar o Tenebroso no fim — lembrou-a Moiraine, muito calma. — Você acha mesmo que ele pode evitar os Abandonados? Quanto à guerra, já há guerras suficientes sem ele, e cada uma mais inútil que a outra.

— Toda guerra é inútil — começou Elayne, e hesitou de repente, ao se encher de compreensão.

Tristeza e arrependimento também estamparam seu rosto, mas sem dúvida compreensão. A mãe sempre lhe ensinara sobre como uma nação era conduzida, além de como era governada, duas coisas muito diferentes, porém ambas necessárias. E, às vezes, certas coisas muito desagradáveis precisavam ser feitas pelo bem de ambas, e o preço de não fazê-las era ainda pior.

Moiraine lhe lançou um olhar complacente.

— Nem sempre é agradável, não é? Suponho que, quando você quase não tinha idade para compreender, sua mãe tenha começado a ensiná-la a respeito do que teria de governar depois dela. — Moiraine crescera no Palácio Real em Cairhien. Não estava destinada a reinar, mas fazia parte da família real e sem dúvida ouvira os mesmos ensinamentos. — Ainda assim, às vezes parece que seria melhor ficar

na ignorância, ser uma fazendeira que não conhece nada além das fronteiras de suas terras.

— Mais charadas? — indagou Nynaeve, com desdém. — A guerra era algo que eu costumava ouvir de mascates, uma coisa muito distante, que eu não entendia bem. Agora, sei o que é. Homens matando homens. Homens se comportando feito animais, reduzidos a animais. Aldeias incendiadas, fazendas e campos incendiados. Fome, doença e morte, tanto para inocentes quanto para culpados. O que é que torna essa sua guerra melhor, Moiraine? O que a torna mais limpa?

— Elayne? — disse Moiraine, baixinho.

Ela balançou a cabeça — não queria ser a pessoa a explicar aquilo — mas não sabia dizer se sua mãe, sentada no Trono do Leão, teria se calado diante do olhar sombrio e persuasivo de Moiraine.

— A guerra virá quer Rand a inicie ou não — começou, relutante. Egwene deu um passo atrás com um olhar de descrença tão penetrante quanto o de Nynaeve. Quando Elayne prosseguiu, a incredulidade foi esvanecendo dos rostos das duas outras mulheres. — Os Abandonados não vão ficar parados esperando. Sammael talvez não tenha sido o único a agarrar as rédeas de uma nação, talvez tenha sido apenas o único de que sabemos. Algum dia eles virão atrás de Rand, talvez em pessoa, mas sem dúvida com exércitos sob seu comando. E as nações livres dos Abandonados? Quantos vão clamar glória ao estandarte do Dragão e acompanhá-lo a Tarmon Gai'don, e quantos vão convencer a si mesmos de que a queda da Pedra é uma mentira, de que Rand é apenas mais um falso Dragão que deve ser abatido, um falso Dragão talvez forte o bastante para ameaçá-los, caso não o ataquem primeiro? De um jeito ou de outro, a guerra *virá*. — Ela parou de repente. Ainda havia mais, porém não podia, nem iria, contar a outra parte.

Moiraine não foi tão reticente.

— Muito bom — disse, assentindo — mas incompleto. O olhar que lançou a Elayne revelava que ela sabia que a menina deixara aquilo de fora de propósito. De mãos cruzadas placidamente sobre a cintura, dirigiu-se a Nynaeve e Egwene: — Nada torna esta guerra melhor ou mais limpa. Apenas isso vai cimentar os tairenos a ele, e os illianenses acabarão seguindo-o, assim como os tairenos fazem agora. Como não o fariam, depois que o estandarte do Dragão tremeluzir por sobre Illian? Apenas a notícia da vitória poderá decidir as guerras em Tarabon e Arad Doman a seu favor. Guerras que *terminarão* por vocês.

"Em um só golpe, ele se tornará tão forte comparado a homens e espadas que apenas uma coalizão de cada nação que restar daqui até a Praga poderá derrotá-lo, e, com o mesmo golpe, mostrará aos Abandonados que não é uma perdiz gorda e claudicante que pode ser aprisionada em uma rede. Isso os deixará cautelosos e dará a ele

tempo para aprender a usar a própria força. Ele precisa fazer o primeiro movimento, ser o martelo, não o prego. — A Aes Sedai fez uma leve careta, maculando a calma com um traço da irritação anterior. — Ele *precisa* fazer o primeiro movimento. E o que é que ele faz? Ele lê. Lê e se afunda cada vez mais.

Nynaeve parecia abalada, como se fosse capaz de enxergar todas as batalhas e mortes. Os olhos negros de Egwene estavam arregalados, cheios de uma compreensão horrorizada. Os rostos das outras fizeram Elayne estremecer. Uma delas vira Rand crescer, a outra crescera com ele. Agora o viam começando guerras. Não o Dragão Renascido, mas Rand al'Thor.

A luta interior que Egwene travava era visível. Ela se agarrou à menor parte, à mais irrelevante de todas as que Moiraine dissera.

— Como é que ler pode causar problemas para ele?

— Ele decidiu desvendar sozinho as Profecias do Dragão. — O rosto de Moiraine permanecia frio e impassível, mas de súbito ela pareceu quase tão cansada quanto Elayne. — Elas podem ser proibidas em Tear, mas o bibliotecário-chefe tinha nove traduções diferentes trancadas em um baú. Rand agora está com todas. Eu indiquei o verso que se aplica nessa situação, e ele o recitou para mim, de uma antiga tradução kandoriana. *"Do poder da Sombra fez-se carne humana, despertada em caos, contenda e ruína. O Renascido, marcado e sangrento, baila a espada em bruma e sonhos, acorrenta à sua vontade os Jurados pelas Sombras, da cidade, perdida e abandonada, reconduz as lanças à guerra, quebra as lanças e os faz enxergar a verdade há muito oculta no velho sonho."* Ela fez uma careta.

— Pode se aplicar a isso tanto quanto a qualquer outra coisa. Illian, sob as ordens de Sammael, sem dúvida é uma cidade abandonada. Levar as lanças tairenas à guerra, acorrentar Sammael, e pronto, ele realizou o verso. O velho sonho do Dragão Renascido. Mas não consegue enxergar. Tem até uma cópia na Língua Antiga, como se entendesse duas palavras. Está perseguindo sombras, e Sammael, ou Rahvin, ou Lanfear podem agarrá-lo pela garganta antes que eu consiga convencê-lo desse erro.

— Ele está desesperado. — O tom suave de Nynaeve não era por Moiraine, Elayne tinha certeza, mas por Rand. — Desesperado, tentando encontrar o caminho.

— Eu também estou desesperada — retrucou Moiraine, com firmeza. — Dediquei a vida a encontrá-lo, não vou permitir que ele fracasse, se eu puder evitar. Estou quase desesperada a ponto de… — Ela parou, apertando os lábios. — Basta dizer que farei o que for preciso.

— Não basta — intrometeu-se Egwene bruscamente. — O que é que você vai fazer?

— Vocês têm outros assuntos com que se preocupar — retrucou a Aes Sedai. — A Ajah Negra…

— Não! — A voz de Elayne era cortante e autoritária, e suas juntas estavam brancas onde agarravam as macias saias azuis. — Você guarda muitos segredos, Moiraine, mas conte este. O que pretende fazer com ele?

O lampejo de uma imagem tomou sua mente: ela agitando Moiraine e arrancando a verdade à força, se fosse preciso.

— Fazer com ele? Nada. Ah, muito bem. Não há razão para não saberem. Vocês viram o que os tairenos chamam de A Grande Posse?

Estranhamente, para um povo que temia tanto o Poder, os tairenos guardavam na Pedra uma coleção de objetos relacionados ao Poder quase tão grande quanto a da Torre Branca. Elayne, por exemplo, pensava que era porque haviam sido forçados a guardar *Callandor* por muito tempo, querendo ou não. Até a Espada Que Não É Espada poderia parecer menos importante se fosse apenas um objeto entre tantos outros. Porém, os tairenos jamais se viram capazes de exibir os troféus. A Grande Posse era mantida em uma série de aposentos sujos e abarrotados, enterrados em profundezas abaixo dos calabouços. Quando Elayne os viu pela primeira vez, os cadeados nas portas estavam havia muito enferrujados, isso onde as próprias portas não haviam simplesmente desabado de tão podres.

— Passamos um dia inteiro lá embaixo — disse Nynaeve. — Para ver se Liandrin e suas *amigas* tinham levado alguma coisa. Acho que não. Estava tudo soterrado de poeira e mofo. Serão necessários dez barcos para transportar tudo aquilo para a Torre. Talvez lá possam compreender o sentido de algumas daquelas coisas, eu sem dúvida não consegui. — A tentação de provocar Moiraine era tão grande que ela não resistiu, pois acrescentou: — Você saberia disso tudo se tivesse nos concedido um pouco mais do seu tempo.

Moiraine não reparou. Parecia olhar para dentro de si, examinando os próprios pensamentos, e disse, quase falando sozinha:

— A Posse guarda um *ter'angreal* em particular, parece um batente de porta de pedra vermelha, levemente torto a olho nu. Se eu não conseguir fazer com que ele tome *alguma* decisão, talvez precise fazê-lo entrar ali.

A pequena pedra azul em sua testa tremulava, cintilante. Ela não parecia ansiosa para dar esse passo.

À menção do *ter'angreal*, Egwene instintivamente tocou o corpete do vestido. Ela mesma costurara ali um pequeno bolso para esconder o anel de pedra, agora guardado nele. Aquele anel era um *ter'angreal*, poderoso ainda que pequeno, e Elayne era uma das únicas três mulheres que sabiam que ela o tinha. Moiraine não era uma delas.

Eram coisas estranhas, os *ter'angreal*, fragmentos da Era das

Lendas, assim como os *angreal* e os *sa'angreal*, ainda que mais numerosos. Os *ter'angreal* utilizavam o Poder Único em vez de ampliá-lo. Cada um parecia servir a uma única função. Embora alguns ainda fossem usados, ninguém sabia ao certo se de fato serviam aos fins para os quais haviam sido confeccionados. O Bastão dos Juramentos, com o qual uma mulher fazia os Três Juramentos ao ser elevada a Aes Sedai, era um *ter'angreal* que gravava os juramentos em seu sangue e carne. O último teste pelo qual passava uma noviça para ser elevada a Aceita ocorria dentro de outro *ter'angreal*, que deslindava seus medos mais profundos e os fazia parecerem reais — ou talvez a levasse a um lugar onde seus medos eram *mesmo* reais. Coisas estranhas podiam acontecer com um *ter'angreal*. Aes Sedai já haviam sido exauridas, mortas ou simplesmente desaparecido ao estudá-los. E ao usá-los.

— Eu vi aquele batente — disse Elayne. — No último quarto, no fim do corredor. Meu lampião apagou, e caí três vezes antes de conseguir chegar até a porta. — Um rubor de constrangimento tomou seu rosto. — Eu estava com medo de canalizar ali, mesmo que fosse para reacender o fogo. Acho que muito daquilo parece lixo… parece que os tairenos pegaram quaisquer objetos que alguém achou que tivessem relação com o Poder, mas pensei que, se canalizasse, poderia transferir poder por acidente a algo que não fosse bobagem, e sabe lá o que poderia ter acontecido.

— E se você tivesse tropeçado no escuro e entrado pelo batente torto? — perguntou Moiraine, com uma cara irritada. — Para isso não é preciso canalizar, apenas adentrá-lo.

— Com que propósito? — perguntou Nynaeve.

— Obter respostas. Três respostas, cada uma verdadeira, sobre o passado, o presente ou o futuro.

O primeiro pensamento de Elayne foi o conto infantil, *Bili Sob a Colina*, mas só por causa das três respostas. Um segundo pensamento ocorreu em seguida, e não apenas a ela. Enquanto Nynaeve e Egwene ainda estavam abrindo as bocas, Elayne falou:

— Moiraine, isso é a solução do nosso problema. Podemos perguntar se Joiya ou Amico estão falando a verdade. Podemos perguntar onde estão Liandrin e as outras. Os nomes da Ajah Negra que ainda estão na Torre…

— Podemos perguntar que coisa é essa que é perigosa para Rand — sugeriu Egwene.

— Por que você não contou isso antes? — acrescentou Nynaeve. — Por que permitiu que ficássemos escutando as mesmas histórias, dia após dia, quando já poderíamos ter tudo solucionado?

A Aes Sedai fez uma careta e ergueu as mãos.

— Vocês três se lançam às cegas em um caminho em que Lan e cem outros Guardiões pisariam com cautela. Por que é que acham que

eu ainda não adentrei? Há dias eu já poderia ter perguntado o que Rand precisava fazer para sobreviver e triunfar, como ele pode derrotar os Abandonados e o Tenebroso, como pode aprender a controlar o Poder e refrear a loucura por tempo suficiente para fazer o que for preciso. — Ela parou com as mãos na cintura, deixando as três absorverem as palavras. Nenhuma delas falou. — Existem regras — prosseguiu — e perigos. Ninguém pode adentrar mais de uma vez. Apenas uma. Uma pessoa pode fazer três perguntas, mas deve fazer todas as três e ouvir as respostas antes de se retirar. Questionamentos frívolos são punidos, ao que parece, mas também parece que o que pode ser sério para um pode ser frívolo para outro. E o mais importante: perguntas que dizem respeito à Sombra têm consequências terríveis.

"Se perguntarem sobre a Ajah Negra, podem retornar mortas ou loucas, isso se conseguirem sair. Quanto a Rand… Não tenho certeza se é possível fazer uma pergunta sobre o Dragão Renascido que não perpasse a Sombra, de alguma forma. Entendem? Às vezes há motivos para ter cautela.

— Como é que você sabe disso tudo? — inquiriu Nynaeve. Com as mãos na cintura, ela confrontou a Aes Sedai. — Os Grão-lordes sem dúvida nunca deixaram as Aes Sedai estudarem nada que há na Posse. Pela nojeira que é lá embaixo, deve fazer uns cem anos ou mais que aquilo ali não vê a luz do sol.

— Mais, imagino. — retrucou Moiraine, muito calma. — Eles pararam de colecionar há quase trezentos anos. Foi pouco antes de pararem que adquiriram esse *ter'angreal*. Até então, ele pertencia aos Primeiros de Mayene, que utilizavam as respostas para ajudar a manter o país fora das garras de Tear. E permitiam que as Aes Sedai o estudassem. Em segredo, é claro, Mayene jamais ousou enfurecer Tear abertamente.

— Se era tão importante para Mayene — disse Nynaeve, desconfiada —, por que é que está aqui na Pedra?

— Porque os Primeiros tomaram boas e más decisões ao tentarem manter Mayene livre de Tear. Trezentos anos atrás, os Grão-lordes planejavam construir uma frota para seguir as embarcações de Mayene e encontrar os cardumes de peixe-prego. Halvar, o então Primeiro, elevou o preço do óleo de lampião muito acima do preço das oliveiras de Tear, e, depois, para convencer os Grão-senhores de que Mayene sempre colocaria os próprios interesses atrás dos de Tear, presenteou-os com o *ter'angreal*. Ele já o usara, então de nada mais lhe adiantava, e era quase tão jovem quanto Berelain, aparentemente com um longo reinado à frente e muitos anos de necessidade da benevolência tairena.

— Foi um idiota — resmungou Elayne. — Minha mãe jamais

cometeria um erro desses.

— Talvez não — respondeu Moiraine. — Por outro lado, Andor não é uma pequena nação acossada por outra muito maior e mais forte. Halvar *foi* um idiota, no fim das contas… Os Grão-lordes o assassinaram no ano seguinte. Mas sua idiotice me apresenta uma oportunidade, caso eu precise. Perigosa, mas, mesmo assim, melhor do que nada.

Nynaeve resmungou sozinha, talvez decepcionada por não ver a Aes Sedai tropeçar nas próprias palavras.

— Isso nos põe exatamente onde estávamos — suspirou Egwene. — Sem saber qual das duas está mentindo ou se ambas estão.

— Interroguem as duas de novo, se quiserem — disse Moiraine. — Vocês têm até a hora em que elas entrarem no navio, embora eu duvide muito de que qualquer uma delas vá mudar o discurso. Meu conselho é que se concentrem em Tanchico. Se Joiya estiver falando a verdade, serão necessários Aes Sedai e Guardiões para vigiar Mazrim Taim, não apenas vocês três. Mandei um aviso à Amyrlin por pombo-correio quando ouvi a história de Joiya pela primeira vez. Na verdade, enviei três pombos, para garantir que um chegará à Torre.

— Que gentileza sua nos manter informadas — murmurou Elayne, com frieza. A mulher fazia mesmo o que queria. O fato de as três estarem apenas fingindo serem Aes Sedai plenas não era motivo para que Moiraine as deixasse de fora. A Amyrlin enviara *elas três* à caça da Ajah Negra.

Moiraine inclinou a cabeça em um movimento ligeiro, como se aceitasse de verdade o agradecimento.

— Não há de quê. Lembrem-se de que vocês são os sabujos que a Amyrlin mandou atrás da Ajah Negra. — O leve sorriso ao notar o susto de Elayne revelava que ela sabia exatamente o que a jovem acabara de pensar. — A decisão em relação ao caminho a seguir deve partir de vocês. E vocês também já deixaram isso claro para mim — acrescentou, secamente. — Confio que será uma decisão mais fácil do que a minha. E confio também que vocês três dormirão bem o sono que ainda restar antes de o dia nascer. Tenham uma boa noite.

— Essa mulher… — resmungou Elayne, depois que a porta bateu atrás da Aes Sedai. — Tem horas que sinto vontade de estrangulá-la.

Ela desabou em uma das cadeiras diante da mesa e pôs-se a encarar as mãos sobre o colo.

Nynaeve deu um grunhido, talvez em concordância, enquanto andava até uma mesa estreita na parede oposta, onde havia cálices de prata e jarros de especiarias ao lado de dois cântaros. Um deles, cheio de vinho, estava dentro de um vaso de gelo já quase todo derretido, trazido da Espinha do Mundo embalado em baús de serragem. Gelo no

verão, para refrescar as bebidas dos Grão-senhores. Elayne mal podia imaginar tal coisa.

— Uma bebida gelada antes de dormir fará muito bem a todas nós — disse Nynaeve, ocupando-se do vinho, da água e das especiarias.

Elayne ergueu a cabeça quando Egwene tomou uma cadeira a seu lado.

— Você estava falando a verdade, Egwene? Em relação a Rand? — Egwene assentiu, e Elayne suspirou. — Você se lembra do que Min costumava dizer? Todas as piadas sobre dividi-lo? Às vezes eu me pergunto se isso não foi alguma visão que ela não quis nos contar. Achava que ela queria dizer que nós duas o amávamos, e sabia disso. Mas você tinha direito a ele, e eu não sabia o que fazer. Ainda não sei. Egwene, ele ama você.

— Ele vai ter que ficar a par da situação — respondeu Egwene, com firmeza. — Quando eu me casar, vai ser porque quero, não só porque um homem espera que eu o ame. Serei delicada com ele, Elayne, mas, antes de eu terminar, ele saberá que está livre. Quer queira ou não. Minha mãe diz que os homens são diferentes de nós. Ela diz que nós queremos estar apaixonadas, mas só por aquele que escolhemos, enquanto um homem precisa estar apaixonado, mas amará a primeira mulher que envolver seu coração.

— Isso é tudo muito bonito — disse Elayne, com a voz tensa — mas Berelain foi aos aposentos dele.

Egwene fungou com desdém.

— Seja lá o que Berelain pretende, ela não vai manter o foco em um homem por tempo suficiente para fazer com que ele a ame. Dois dias atrás estava lançando olhares para Rhuarc. Daqui a dois estará sorrindo para algum outro. Ela é como Else Grinwell. Vocês lembram? A noviça que passava o tempo inteiro nos pátios de treinamento batendo os cílios para os Guardiões?

— Ela não estava só batendo os cílios no quarto dele a uma hora dessas. Estava usando até menos do que o normal, se é que isso é possível!

— Então vai deixar que ela fique com ele?

— Não! — retrucou Elayne, feroz, e com vontade, mas, ao respirar outra vez, foi tomada pelo desespero. — Ah, Egwene, eu não sei o que fazer. Eu o amo. Quero me casar com ele. Luz! O que é que a minha mãe vai dizer? Prefiro passar uma noite na cela com Joiya do que ouvir os sermões que a minha mãe vai me passar.

Os nobres andorianos, mesmo nas famílias reais, casavam-se com plebeus com tanta frequência que já nem suscitava mais falatório, pelo menos não em Andor. No entanto, Rand não era exatamente o que se poderia chamar de plebeu comum. A mãe era bem capaz de acabar

chamando Lini para arrastá-la de volta para casa pelos cabelos.

— Se Mat estiver dizendo a verdade, Morgase não está em grandes condições de dar palpites em relação a isso — disse Egwene, em um tom reconfortante. — Ou pelo menos se estiver dizendo meia verdade. Esse Lorde Gaebril, para quem sua mãe está se derretendo, nem parece a escolha de uma mulher inteligente como ela.

— Tenho certeza de que Mat exagerou — retrucou Elayne, empertigada.

A mãe dela era muito sagaz para ser feita de boba por qualquer homem. Se esse tal de Lorde Gaebril — de quem ela nunca ouvira falar antes de Mat mencioná-lo — se esse sujeito sonhava em obter poder por meio de Morgase, dentro em breve ela o poria nos trilhos.

Nynaeve levou até a mesa três cálices de vinho com especiarias com gotículas de condensação correndo pelas laterais brilhosas, todos em pequenos suportes de palha verde e dourada trançada para impedir que a umidade arruinasse o polimento da madeira.

— Então — disse, tomando uma cadeira — Elayne, você descobriu que está apaixonada por Rand, e Egwene descobriu que não está.

As duas mulheres mais jovens a olharam, boquiabertas, um par de olhos escuros e um de claros, ambos a imagem da perplexidade.

— Eu tenho olhos — disse Nynaeve, cheia de si. — E ouvidos, quando vocês não se dão ao trabalho de sussurrar. — Ela bebericou o vinho e prosseguiu, com a voz ainda mais fria: — O que pretende fazer a respeito? Se aquela desgraçada da Berelain puser as garras nele, não vai ser fácil soltá-las. Tem certeza de que quer se dar ao trabalho? Você sabe o que ele é. Sabe o que o aguarda, mesmo deixando as Profecias de lado. Loucura. Morte. Quanto tempo ele ainda tem? Um ano? Dois? Ou será que vai começar antes do fim do verão? Ele é um homem capaz de canalizar. — Ela proferiu cada palavra como ferro. — Lembre-se do que aprendeu. Lembre-se do que ele é.

Elayne ergueu a cabeça e enfrentou Nynaeve, olho no olho.

— Não importa. Talvez devesse importar, mas não importa. Talvez eu esteja sendo tola. Não ligo. Não posso comandar o meu coração, Nynaeve.

De repente, Nynaeve sorriu.

— Eu precisava ter certeza — disse, com a voz carinhosa. — Você precisa ter certeza. Já não é fácil amar um homem qualquer, mas amar este será ainda mais difícil. — Quando ela prosseguiu, o sorriso morreu. — Minha primeira pergunta ainda está sem resposta. O que pretende fazer a respeito? Berelain pode parecer suave, e decerto faz os homens acreditarem nisso! Mas não acredito que seja. Ela vai lutar pelo que quer. E é do tipo que se agarra com força a algo, mesmo que

não o deseje tanto assim, apenas porque outra pessoa deseja.

— Eu queria enfiar essa mulher em um barril — resmungou Egwene, agarrando o cálice como se fosse a garganta da Primeira — e mandá-la de volta a Mayene. Bem no fundo do porão do navio.

A trança de Nynaeve balançou junto com a cabeça.

— Que ótimo, mas tente oferecer um conselho que ajude. Se não for capaz, fique em silêncio e deixe que ela decida o que fazer. — Egwene a encarou, e Nynaeve acrescentou: — Rand é problema de Elayne agora, não seu. Lembre-se, você se retirou.

A observação deveria ter feito Elayne sorrir, mas não fez.

— Era para isso tudo ser diferente. — Suspirou. — Pensei que fosse encontrar um homem, passaria a conhecê-lo ao longo de meses ou anos, e aos poucos perceberia que o amo. Sempre pensei que seria assim. Eu mal conheço Rand. Não falei com ele mais de meia dúzia de vezes em um ano. Mas soube que o amava cinco minutos depois de pôr os olhos nele. — O que *era* estúpido. Mas era verdade, e ela não se importava que fosse estúpido. Diria o mesmo diante da mãe e de Lini. Bem, talvez não de Lini, que tinha uma forma drástica de lidar com a estupidez, e parecia pensar que Elayne ainda tinha dez anos. — Porém, dada a situação atual, eu não tenho sequer o direito de ficar irritada com ele. Ou com Berelain. — Mas estava. *Eu queria estapear a cara dele até os ouvidos ficarem estalando durante um ano! Queria encher aquela mulher de varadas até metê-la no navio de volta para Mayene!* Mas *não* tinha esse direito, o que tornava tudo pior. Um tom lamentoso e irritante dominou sua voz: — O que é que eu posso fazer? Ele nunca nem reparou em mim.

— Em Dois Rios — começou Egwene, devagar — quando uma mulher deseja mostrar a um homem que está interessada, põe flores nos cabelos dele no Bel Tine ou no Dia do Sol. Ou borda uma camisa de festival para ele durante um dia qualquer. Ou faz questão de tirar apenas ele para dançar. — Elayne lançou a ela um olhar incrédulo, e Egwene se apressou em acrescentar: — Não estou sugerindo que você borde uma camisa, mas existem formas de revelar os seus sentimentos.

— O povo de Mayene acredita em falar as coisas abertamente. — A voz de Elayne parecia frágil. — Talvez seja o melhor caminho. Pelo menos ele vai saber como eu me sinto. Pelo menos terei algum direito de…

Ela agarrou o vinho com especiarias e o virou na boca, jogando a cabeça para trás. Falar abertamente? Como uma assanhada de Mayene!? Pousou o cálice vazio de volta no pequeno descanso, respirou fundo e murmurou:

— O que *será* que a minha mãe vai dizer?

— O mais importante — disse Nynaeve, com delicadeza — é o que você vai fazer quando tivermos que ir embora. Seja para

Tanchico, para a Torre ou para qualquer outro lugar, teremos que partir. O que é que vai fazer se logo depois de se declarar a ele tiver de deixá-lo? E se ele pedir para você ficar? E se você quiser ficar?

— Eu vou embora. — Não houve hesitação na resposta de Elayne, mas um toque de rispidez. Aquela pergunta não era necessária. — Se eu devo aceitá-lo como Dragão Renascido, ele deve aceitar que sou o que sou, e que tenho obrigações. Quero ser Aes Sedai, Nynaeve. Isso não é uma diversão passageira. Assim como a tarefa que temos de cumprir. Acha mesmo que eu abandonaria você e Egwene?

Egwene se apressou a assegurá-la de que o pensamento jamais passara por sua cabeça. Nynaeve fez o mesmo, mas devagar o bastante para acreditar na própria mentira.

Elayne olhou para uma, depois para a outra.

— Na verdade, temi que vocês fossem me dizer que eu era uma idiota, choramingando por causa de uma coisa dessas enquanto temos a Ajah Negra com que nos preocupar.

Um leve tremeluzir dos olhos de Egwene revelou que o pensamento lhe ocorrera, mas Nynaeve respondeu:

— Rand não é o único que pode morrer ano que vem, ou mês que vem. Nós também podemos. Os tempos não são mais o que eram, e também não podemos ser o que éramos. Se você ficar sentada sonhando com o que deseja, talvez não chegue a ter seu sonho realizado antes do túmulo.

Era uma espécie de apoio meio frio, mas Elayne assentiu. Ela *não* estava sendo boba. Se pelo menos a questão da Ajah Negra pudesse ser decidida com tanta facilidade. Pressionou o cálice vazio na testa, para sentir o gelo. O que deviam fazer?

7



Brincando com fogo

Na manhã seguinte, assim que o sol despontou no horizonte, Egwene se apresentou à porta dos aposentos de Rand, acompanhada de uma Elayne que se arrastava. A Filha-herdeira usava um vestido de seda de mangas compridas, azul-claro, cortado à moda tairena e puxado para baixo depois de um breve debate. Um colar de safiras, intensas como o céu da manhã, e um cordão trançado nos cachos louro-avermelhados ressaltavam o azul de seus olhos. Apesar do calor úmido, Egwene usava nos ombros um cachecol liso, vermelho vivo, da largura de um xale. Aviendha emprestara o cachecol e as safiras. Surpreendentemente, a Aiel possuía uma ampla coleção desse tipo de coisas.

Apesar de saber que os guardas Aiel estavam ali, Egwene levou um susto quando eles se levantaram, deslizando, elegantes e com rapidez espantosa. Elayne deixou escapar um pequeno arquejo, mas logo os encarou com o olhar majestoso que sabia fazer tão bem. Parecia não exercer efeito algum sobre aqueles homens de peles curtidas. Os seis eram *Shae'en M'taal*, Cães de Pedra, e pareciam relaxados para Aiel, o que significava que pareciam olhar para todos os cantos, prontos a se mover em qualquer direção.

Egwene se empertigou, imitando Elayne — desejava poder fazer aquilo tão bem quanto a Filha-herdeira — e anunciou:

— Eu… nós… queremos ver como estão as feridas do Lorde Dragão.

A observação era claramente tola, caso os homens soubessem qualquer coisa sobre Curas, mas era pouco provável. Poucas pessoas

sabiam, e os Aiel decerto tinham menos conhecimento do que a maioria. Não tinha intenção de informar o motivo para estarem ali — já bastava que as tomassem por Aes Sedai — mas, quando os Aiel quase saltaram do chão de mármore negro, aquilo de repente pareceu uma boa ideia. Não que os homens estivessem fazendo qualquer movimento para impedir as duas, claro que não. No entanto, eram todos tão altos, de feições tão empedernidas, e levavam as lanças curtas e os arcos de chifre como se usá-los fosse tão natural quanto respirar, até mais fácil. Com aqueles olhos claros a encará-la com tanta atenção, era fácil demais lembrar-se das histórias sobre os Aiel de véus negros, desprovidos de compaixão ou misericórdia, da Guerra dos Aiel e de homens como aqueles, que haviam derrotado até o último exército enviado para combatê-los, que só retornaram ao Deserto depois de lutar contra as nações aliadas por três dias e noites sangrentos, sem parar, diante de Tar Valon. Ela quase abraçou *saidar*.

Gaul, o líder dos Cães de Pedra, assentiu, olhando para ela e Elayne com certo respeito. Era um belo homem, meio maltratado pelo tempo, um pouco mais velho que Nynaeve, de olhos verdes, claros como pedras polidas, e cílios longos, tão escuros que pareciam delinear os olhos de preto.

— Podem estar incomodando. Ele acordou mal-humorado. — Gaul abriu um sorriso, apenas um lampejo dos dentes brancos, como se compreendesse o mau humor de um ferido. — Já acossou um grupo desses Grão-lordes e empurrou um deles para fora do quarto. Como era mesmo o nome?

— Torean — respondeu outro homem, ainda mais alto.

Carregava de forma quase displicente um arco curvo e curto, com uma flecha encaixada. Os olhos cinza pousaram nas duas mulheres por um instante, depois voltaram a examinar as colunas da antessala.

— Torean — concordou Gaul. — Pensei que o homem fosse deslizar até essas belas estátuas… — Ele apontou a lança para o círculo de Defensores, parados em uma postura rígida. — Mas parou umas três passadas antes. Perdi um bom reposteiro taireno para Mangin, todo de gaviões em fios de ouro. — O homem mais alto abriu um sorriso breve e contido.

Egwene piscou os olhos ao visualizar Rand arremessando um Grão-lorde pelo chão. O amigo nunca fora violento, muito pelo contrário. Será que estava mudado? Ela tinha andado muito ocupada com Joiya e Amico, e ele, muito ocupado com Moiraine, Lan e os Grão-lordes para que os dois se falassem mais do que de passagem, trocassem algumas palavras aqui e ali sobre como o festival do Bel Tine deveria ter sido aquele ano ou como seria o Dia do Sol. Tudo fora tão breve. Será que ele estava mudado?

— Precisamos vê-lo — disse Elayne, com um leve tremor na voz.

Gaul fez uma mesura, tocando o mármore negro com a ponta de uma das lanças.

— É claro, Aes Sedai.

Com certa hesitação, Egwene adentrou os aposentos de Rand. O rosto de Elayne revelava o esforço necessário para dar aqueles poucos passos.

Não restava evidência do horror da noite anterior, exceto pela ausência de espelhos. Quadrados mais claros marcavam os painéis das paredes onde eles antes estavam. Não que o quarto estivesse perto de estar arrumado, havia livros espalhados por todos os lados, em cima de tudo, alguns abertos, como se abandonados bem no meio de uma página, e a cama ainda estava desfeita. As cortinas carmesim estavam abertas em todas as janelas, expondo a vista para o oeste em direção ao rio que era a artéria coronária de Tear, e *Callandor* cintilava feito cristal polido em um enorme suporte dourado, incrivelmente pomposo. Egwene pensou que aquilo era a coisa mais feia que já vira decorando um ambiente — até notar os lobos de prata atacando um veado dourado na cornija da lareira. Brisas parcas vindas do rio mantinham o quarto surpreendentemente fresco, comparado ao restante da Pedra.

Rand estava sentado, vestido em sua camisa de manga, esparramado em uma poltrona com uma das pernas sobre o apoio para braços e um livro com capa de couro apoiado no joelho. Ao ouvir o som de passos, fechou o livro bruscamente, largou-o junto aos outros no tapete de arabescos e pôs-se de pé, pronto para a luta. A cara feia foi morrendo quando percebeu quem entrava.

Pela primeira vez dentro da Pedra, Egwene procurou mudanças nele e as encontrou. Quantos meses haviam se passado desde que o vira pela última vez? O suficiente para que o rosto endurecesse, para que a ingenuidade que um dia existira desaparecesse. Ele também se movia de maneira diferente, um pouco como Lan, um pouco como os Aiel. Com sua altura, cabelos vermelhos e os olhos ora azuis ora cinza, dependendo da luz, ele parecia muito com um Aiel, o bastante para causar desconforto. Mas será que mudara por dentro?

— Pensei que vocês eram… outra pessoa — murmurou, trocando olhares constrangidos com as moças. Aquele era o Rand que ela conhecia, até no rubor que surgia em seu rosto a cada vez que olhava para ela ou para Elayne, qualquer uma das duas. — Algumas… pessoas querem coisas que não posso dar. Coisas que *não vou* dar. — A desconfiança cresceu em seu rosto com uma rapidez impressionante, e o tom de sua voz endureceu. — O que é que *vocês* querem? Foi Moiraine quem as mandou? Vieram me convencer a fazer o que ela quer?

— Não seja ridículo — retrucou Egwene, com rispidez, sem

pensar. — Eu não quero que você comece uma guerra!

Elayne acrescentou, em um tom de súplica:

— Nós viemos… ajudar você, se pudermos. — Era uma das razões, a mais fácil de trazer à tona, que tinham decidido no café da manhã.

— Vocês sabem dos planos dela para… — começou ele, de forma rude, depois mudou de assunto de repente. — Me ajudar? Como? É isso o que Moiraine diz.

Egwene cruzou os braços de forma austera, segurando com força o cachecol do mesmo jeito que Nynaeve fazia ao se dirigir ao Conselho da Aldeia quando pretendia, apesar da teimosia de todos, conseguir o que queria… Era tarde demais para recomeçar, restava apenas prosseguir da forma que iniciara.

— Eu lhe disse para não ser bobo, Rand al'Thor. Você pode até ter tairenos se curvando aos seus pés, mas eu me lembro de quando Nynaeve lhe encheu de varadas por ter deixado Mat convencê-lo a roubar uma jarra de conhaque de maçã. — Elayne teve o cuidado de manter a expressão serena. Cuidado até demais. Egwene tinha certeza de que ela queria soltar uma gargalhada.

Rand não percebeu, naturalmente. Os homens nunca percebiam. Ele abriu um sorriso para Egwene, também quase a ponto de gargalhar.

— Tínhamos acabado de fazer treze anos. Ela nos pegou dormindo atrás do estábulo do seu pai, e a dor de cabeça era tanta que nem sentimos as varadas. — Não era nem um pouco como Egwene lembrava. — Não foi como da vez em que você atirou aquela tigela na cabeça dela. Lembra? Ela deu a você uma dose de chá de capim-de-cão porque você estava abatida fazia uma semana, e, assim que provou o chá, você deu com a melhor tigela bem na cabeça dela. Luz, como você guinchou! Quando foi isso? Dois anos atrás teve aquela…

— Não viemos aqui para falar do passado — disse Egwene, remexendo o cachecol com irritação. Era de lã fina, mas bastante quente.

Realmente, ele tinha o hábito de se lembrar das situações mais desastrosas. Rand sorriu, como se soubesse o que ela estava pensando, e prosseguiu, mais bem-humorado:

— Vocês vieram me ajudar, pelo que disseram. Com o quê? Não creio que saibam como fazer um Grão-lorde manter a palavra sem que eu o fique vigiando pelo cangote. Ou será que sabem como impedir os sonhos desagradáveis? Isso sem dúvida ajudaria… — Com os olhos saltando de uma mulher a outra, ele fez mais uma mudança abrupta. — E a Língua Antiga? Aprenderam alguma coisa na Torre Branca? — Sem esperar resposta, começou a revirar os livros espalhados no carpete. Havia mais nas cadeiras, entre as roupas de

cama bagunçadas. — Eu tenho um exemplar aqui… em algum lugar… de…

— Rand. — Egwene ergueu a voz. — Rand, eu não sei ler a Língua Antiga. — Ela lançou um olhar a Elayne, advertindo-a para que não revelasse nada sobre aquilo. Elas não haviam ido até lá para traduzir as Profecias do Dragão para ele. As safiras nos cabelos da Filha-herdeira balançaram quando ela assentiu. — Tivemos outras coisas para aprender.

Ele se endireitou e soltou um suspiro.

— Seria esperar demais.

Por um instante, Rand pareceu a ponto de dizer mais alguma coisa, mas encarou as botas. Egwene se perguntou como ele conseguia lidar com toda a arrogância dos Grão-lordes se ela e Elayne o deixavam tão desconcertado.

— Viemos ajudar você com a canalização — disse. — Com o Poder.

O que Moiraine alegava deveria ser verdade, uma mulher não podia ensinar um homem a canalizar mais do que podia ensiná-lo a gestar uma criança. Egwene não tinha tanta certeza. Uma vez sentira algo urdido a *saidin*. Ou melhor, não sentira, era algo que bloqueava seu próprio fluxo, concreto como uma pedra barrando um fluxo de água. Porém, aprendera coisas tanto fora da Torre quanto dentro. Sem dúvida haveria algo em seus conhecimentos que pudesse ensinar a ele, alguma orientação que pudesse oferecer.

— Se pudermos — acrescentou Elayne.

Um lampejo de desconfiança estampou outra vez o rosto dele. Era enervante como seu humor se alterava tão depressa.

— Eu tenho mais chance de ler a Língua Antiga do que vocês têm de… vocês têm certeza de que isso não é coisa de Moiraine? Foi ela que as mandou aqui? Ela acha que pode me convencer comendo pelas beiradas, é? Alguma trama enredada de Aes Sedai que só vou ser capaz de enxergar quando estiver enfiado até a cabeça? — Ele grunhiu com amargura e puxou um casaco verde-escuro do chão, de trás de uma das cadeiras, enfiando-se depressa sob ele. — Concordei em encontrar alguns outros Grão-lordes hoje de manhã. Se não ficar de olho, eles acabam arrumando meios de evitar fazer o que quero. Mais cedo ou mais tarde, vão aprender. Eu governo Tear, agora. Eu. O Dragão Renascido. Vou ensinar a eles. Queiram me desculpar.

Egwene quis sacudi-lo. Ele governava Tear? Bem, talvez governasse mesmo, se fosse o caso, mas ela se lembrava de um rapaz com um cordeiro aninhado no casaco, orgulhoso feito um galo por ter afugentado o lobo que tentava apanhá-lo. Ele era um pastor, não um rei, e mesmo que estivesse em condições de agir como se fosse superior, não seria bom que o fizesse.

Ela estava a ponto de dizer tudo isso a ele, mas, antes que pudesse, Elayne o fez.

— Ninguém nos mandou. Ninguém. Viemos porque… porque nos preocupamos com você. Talvez não funcione, mas podemos tentar. Se eu… se nós nos importamos a ponto de tentar, você também pode. Será que isso é tão insignificante para você que não pode nos conceder uma hora? Por sua vida?

Ele parou de abotoar o casaco e encarou a Filha-herdeira com tanta atenção que, por um instante, Egwene achou que ele se esquecera de sua presença. Com um arrepio, ele desviou o olhar. Olhando para a conterrânea, remexeu os pés e franziu o cenho em direção à porta.

— Eu vou tentar — murmurou. — Não vai adiantar nada, mas vou tentar… O que querem que eu faça?

Egwene respirou fundo. Não pensava que seria tão fácil convencê-lo, ele sempre agia como um rochedo soterrado em lama quando decidia fincar os pés, o que fazia com bastante frequência.

— Olhe para mim — disse, abraçando *saidar*. Deixou que o Poder a preenchesse mais completamente do que nunca, aceitando cada gota que pudesse absorver. Era como luz derramada sobre cada partícula do corpo, como se a própria Luz preenchesse cada milímetro. A vida parecia explodir dentro dela como fogos de artifício. Jamais permitira que tanto Poder a enchesse. Ficou chocada ao perceber que não tremia, decerto não seria capaz de suportar aquela brandura tão gloriosa. Queria se deleitar, dançar e cantar, apenas deitar e deixar tudo fluir por dentro dela, por sobre ela. Forçou-se a falar. — O que está vendo? O que está sentindo? Olhe para mim, Rand!

Ele ergueu a cabeça lentamente, ainda franzindo a testa.

— Vejo você. O que é que eu deveria estar vendo? Você está tocando a fonte? Egwene, Moiraine já canalizou perto de mim umas cem vezes, e nunca vi nada. A não ser o que ela fez. Não funciona dessa forma. Até eu sei disso.

— Eu sou mais forte que Moiraine — respondeu a menina, com firmeza. — Ela estaria choramingando no chão, ou desmaiada, se tentasse controlar tanto quanto estou controlando agora. — Era verdade, embora jamais tivesse tentado avaliar a habilidade da Aes Sedai com tanto rigor.

O Poder implorava para ser usado, pulsava dentro dela com mais força que sangue bombeado pelo coração. Com essa quantidade, ela era capaz de fazer coisas que Moiraine jamais poderia imaginar. A ferida na lateral do corpo de Rand, que Moiraine nunca conseguira Curar por completo. Não entendia de Cura — era algo muito mais complexo do que qualquer coisa que já fizera — mas observara Nynaeve Curar e, talvez, com essa gigantesca concentração de Poder

fluindo, pudesse ver como Curar aquela ferida. Não fazer, naturalmente, apenas ver.

Com cuidado expandiu os finos fluxos de Ar, Água e Espírito, os Poderes usados na Cura, e sentiu a antiga ferida. Um toque e ela recuou, trêmula, recolhendo a tessitura. Seu estômago se embrulhou, como se ela desejasse regurgitar cada refeição que já comera na vida. Parecia que toda a escuridão do mundo jazia ali, na lateral do corpo de Rand, todo o mal do mundo reunido em uma úlcera pustulenta coberta por um tenro tecido de cicatriz. Uma coisa como essa absorveria os fluxos de Cura feito gotas d'água em areia seca. Como ele aguentava a dor? Por que não estava chorando?

Do primeiro pensamento à ação passou-se apenas um instante. Trêmula, tentando desesperadamente esconder o tremor, ela prosseguiu, sem parar.

— Você é tão forte quanto eu. Sei disso, você tem que ser. Sinta, Rand. O que está sentindo? — *Luz, o que é que pode Curar isso? Será que algo pode?*

— Não sinto nada — murmurou o jovem, remexendo os pés. — Arrepios na pele. E é compreensível. Não que eu não confie em você, Egwene, mas não consigo ficar tranquilo quando uma mulher está canalizando perto de mim. Me desculpe.

Ela não se deu ao trabalho de explicar a diferença entre canalizar e apenas abraçar a Fonte Verdadeira. Havia tanto que ele não sabia, mesmo comparado ao parco conhecimento dela. Era um homem cego tentando operar um tear apenas pelo toque, sem ideia de como eram as cores, as tramas e até mesmo o próprio tear.

Com esforço, soltou *saidar*. E foi mesmo preciso esforço. Uma parte dela queria gritar pela perda.

— Não estou tocando a Fonte agora, Rand. — Ela deu um passo à frente e o perscrutou. — Ainda está sentindo arrepios?

— Não. Mas foi só porque você disse. — Ele deu de ombros, de repente. — Está vendo? Comecei a pensar nisso e já estou sentindo de novo.

Egwene sorriu, triunfante. Não precisou olhar para Elayne para confirmar o que já sentia, o que as duas haviam concordado em relação àquele momento.

— Você consegue sentir uma mulher abraçando a Fonte, Rand. Elayne está fazendo isso agora mesmo. — Ele apertou os olhos para a Filha-herdeira. — Não importa o que você vê ou não vê. Você sentiu. Já temos isso. Vamos ver o que mais conseguimos encontrar. Rand, abrace a Fonte. Abrace *saidin*. — Ela proferiu as palavras com a voz rouca. As duas também haviam concordado com isso, ela e Elayne. Era Rand, não um monstro das histórias, e as duas haviam concordado, mas, ainda assim, pedir a um homem que… O mais espantoso fora ela

ter dito as palavras, para começar. — Está vendo alguma coisa? — perguntou a Elayne. — Ou sentindo alguma coisa?

Rand ainda olhava de uma para outra, ruborizado, encarando o chão. *Por que* estava tão desconcertado? Analisando-o fixamente, a Filha-herdeira balançou a cabeça.

— Até onde sei, ele pode simplesmente estar parado. Tem certeza de que está fazendo alguma coisa?

— Ele pode ser teimoso, mas não é burro. Pelo menos, não na maior parte do tempo.

— Bom, teimoso, burro ou qualquer coisa, eu não estou sentindo nada.

Egwene franziu o cenho para Rand.

— Você disse que faria o que mandássemos, Rand. Está fazendo? Se você sentiu algo, eu também deveria sentir, e eu… — Ela parou, dando um ganido abafado. *Algo* apertara seu bumbum. Os lábios de Rand se contorceram, claramente lutando contra um sorriso. — Isso — disse, ácida — não foi legal.

Ele tentou manter a expressão inocente, mas o sorriso escapou.

— Você disse que queria sentir alguma coisa, e eu pensei… — O grito súbito fez Egwene dar um salto. Ele agarrou a nádega esquerda e mancou em círculos, cheio de dor. — Sangue e cinzas, Egwene! Não precisava… — Ele baixou a voz até um murmúrio profundo e inaudível, que Egwene ficou satisfeita em não conseguir compreender.

Aproveitou a oportunidade para abanar o cachecol e pegar um pouco de ar, compartilhando um sorrisinho com Elayne. O brilho tênue ao redor da Filha-herdeira foi enfraquecendo. As duas quase soltaram risadinhas enquanto esfregavam o corpo discretamente. Aquilo ia mostrar a ele como se comportar. Estavam em um placar de cem para um, estimou Egwene.

Virando-se de volta para Rand, pôs no rosto a expressão mais austera que tinha.

— Eu teria esperado algo assim vindo de Mat. Pensei que você, pelo menos, tivesse amadurecido. Viemos aqui para ajudá-lo, se pudermos. Tente cooperar. Faça algo com o Poder, algo que não seja infantil. Talvez a gente consiga sentir.

Curvado, ele cravou o olhar nas duas.

— Faça algo — resmungou, imitando-a. — Você não tinha direito de… Eu vou ficar mancando… Vocês querem que eu faça algo?

De repente ela flutuou, e Elayne também. Ambas se encararam, os olhos arregalados, enquanto levitavam a um passo do carpete. Não havia nada a erguê-las, nenhum fluxo que Egwene pudesse ver ou sentir. Nada. Ela apertou os lábios. Rand não tinha o direito de fazer isso. Direito nenhum, e já era hora de aprender. O mesmo tipo de escudo que embarreirou o contato de Joiya com a Fonte também

poderia detê-lo. As Aes Sedai o usavam nos raros homens capazes de canalizar que encontravam.

Ela se abriu para *saidar* — e seu estômago afundou. *Saidar* estava ali — podia sentir o calor e a luz — mas entre ela e a Fonte Verdadeira havia algo, um nada, uma ausência que a isolava da Fonte como uma muralha de pedra. Ela se sentiu oca por dentro, até que o pânico a tomou por inteiro. Um homem estava canalizando, e ela estava aprisionada. O homem era Rand, claro, mas, bamboleando ali feito um barquinho, indefesa, ela só era capaz de pensar em um homem canalizando e na mácula de *saidin*. Tentou gritar com ele, mas o que saiu de sua boca foi apenas um grasnido.

— Querem que eu faça algo? — grunhiu Rand. Um par de pequenas mesas flexionaram os pés de um jeito estranho, a madeira rangendo, e começaram a cambalear, como se imitando uma dança, as douraduras se soltando e caindo. — Estão gostando disso? — O fogo se acendeu na lareira, preenchendo-a de um canto a outro, ardendo na pedra vazia de cinzas. — Ou disso? — O veado e os lobos sobre a cornija começaram a derreter e desabaram. Finos fluxos de ouro e prata escorriam da massa dourada, cada vez mais finos e brilhantes, serpenteando, urdindo a si próprios em uma fina folha de tecido metálico. À medida que crescia, o tecido brilhoso flutuava no ar, a extremidade mais distante ainda unida à estatueta, que derretia aos poucos sobre a cornija de pedra. — Faça algo — repetiu Rand. — Faça algo! Vocês têm ideia do que é tocar *saidin*, possuí-lo? Têm? Eu sinto a loucura me aguardando. Derramando-se sobre mim!

De repente as mesas saltitantes irromperam em chamas, parecendo tochas dançantes. Os livros rodopiaram no ar, as páginas esvoaçando. O colchão da cama estourou, espalhando penas pelo quarto, feito neve. As penas caíram sobre a mesa em chamas e deixaram o quarto com um cheiro pungente de fuligem.

Por um instante, Rand encarou as mesas fulgurantes com um olhar insano. Então, o que quer que estivesse erguendo Egwene e Elayne desapareceu, bem como o escudo. Os calcanhares das moças tocaram o carpete com um baque no mesmo instante em que as chamas se extinguiram, como se sugadas pela madeira que antes consumiam. As labaredas na lareira também se apagaram, e os livros desabaram no chão em um amontoado ainda mais confuso do que antes. O pedaço de tecido dourado e prateado também desabou, os fios de metal derretido já não estavam mais líquidos ou quentes. Apenas três maçarocas muito grandes, duas prateadas e uma dourada, jaziam sobre a cornija, frias e irreconhecíveis.

Egwene caiu por cima de Elayne quando as duas aterrissaram. As Aceitas se apoiaram uma na outra, mas Egwene sentiu a Filha-herdeira fazendo o mesmo que ela: abraçando *saidar* o mais rápido possível. Em

instantes, tinham um escudo pronto para lançar ao redor de Rand, caso ele sequer parecesse canalizar. O jovem, porém, permanecia atônito, encarando as mesas chamuscadas, penas ainda flutuando ao seu redor, salpicando o casaco.

Ele não parecia mais apresentar perigo, mas o quarto sem dúvida estava uma bagunça. Ela urdiu diminutos fluxos de ar para juntar todas as plumas flutuantes, além das que já estavam no carpete. Depois de pensar por um instante, acrescentou as que estavam no casaco de Rand. O restante da bagunça seu amigo poderia mandar a majhere ajeitar, ou ele mesmo resolver.

Rand se encolheu quando as plumas passaram flutuando por ele e se alinharam nos destroços do colchão esfarrapado. De nada adiantou para melhorar o cheiro de plumas e madeira queimadas, mas pelo menos o quarto estava mais organizado, e as janelas abertas com a brisa fraca já ajudavam a reduzir o odor.

— Acho que a majhere não vai querer me dar outro — disse o rapaz, com um riso forçado. — Um colchão por dia é mais do que ela está disposta a… — Ele evitava olhar para qualquer uma das duas. — Me desculpem, eu não pretendia… Às vezes perco o controle. Consigo tocar a fonte, e às vezes o Poder faz coisas que eu não… Me desculpem. Talvez seja melhor vocês irem. Parece que estou repetindo isso demais. — Ele enrubesceu mais uma vez e pigarreou. — Não estou tocando a Fonte, mas talvez seja melhor vocês irem.

— Ainda não terminamos — respondeu Egwene, com delicadeza.

Mais delicadeza do que sentia. Queria estapear as orelhas de Rand. Que ideia, pegá-la daquele jeito, blindá-la… e a Elayne também! Mas ele estava em desvantagem. Em relação a quê, Egwene não sabia, e também não queria descobrir, não ali nem naquele momento. Com tanta gente espantada com o poder das duas — todos diziam que ela e Elayne estariam entre as Aes Sedai mais poderosas em mil anos ou mais, isso se não fossem as mais fortes — Egwene presumira que as duas fossem tão fortes quanto o Dragão. Ou quase isso. Acabara de receber uma demonstração bem rude para acabar com suas esperanças. Talvez Nynaeve chegasse perto, se estivesse com bastante raiva, mas Egwene sabia que ela mesma jamais poderia fazer o que Rand fizera, cindir os fluxos de tantas formas diferentes, operar tantas coisas de uma vez só. Operar dois fluxos de uma vez apresentava mais que o dobro da dificuldade de operar um da mesma magnitude. Com três fluxos, era muito mais que o dobro da dificuldade do que com dois. Rand devia estar operando uns doze. E sequer parecia cansado, ainda que tamanho esforço com o Poder gastasse bastante energia. Egwene tinha a terrível sensação de que ele poderia manejar as duas como se fossem filhotes de gato. Filhotinhos que poderia decidir afogar, caso enlouquecesse.

Mas ela não tentaria, nem podia, simplesmente ir embora. Isso seria o mesmo que desistir, e ela não era assim. Pretendia fazer o que fora fazer — tudo —, e ele não iria expulsá-la sem que ela terminasse. Nem ele nem nada.

Elayne tinha os olhos azuis cheios de determinação, e, no instante em que Egwene fez silêncio, acrescentou, em uma voz muito mais firme:

— E nós não vamos embora até terminarmos. Você disse que tentaria. Você precisa tentar.

— Eu disse mesmo, não foi? — resmungou o rapaz, depois de um tempo. — Vamos pelo menos nos sentar.

Sem olhar as mesas enegrecidas ou a faixa de tecido metálico que jazia disforme no carpete, ele as conduziu, ligeiramente manco, até as cadeiras de espaldar alto perto das janelas. Os três tiveram de afastar alguns livros das almofadas de seda vermelha para se sentarem. A cadeira de Egwene continha o Volume Doze de *Os tesouros da Pedra de Tear*, um livro empoeirado e encadernado em madeira intitulado *Viagens pelo Deserto Aiel e diversas observações sobre seus habitantes selvagens*, e um volume grosso de couro esfarrapado cujo título era *Transações com o território de Mayene, 500 a 700 da Nova Era*. Elayne tinha uma pilha maior para afastar, mas Rand tirou os livros das mãos dela mais do que depressa, juntou aos que estavam em sua cadeira e deixou todos no chão, onde a pilha prontamente desabou. Egwene depositou os dela organizadamente ao lado dos outros.

— O que querem que eu faça agora? — Rand se sentou na ponta da cadeira, as mãos nos joelhos. — Prometo que desta vez não vou fazer nada além do que mandarem.

Egwene mordeu a língua para não retrucar, dizendo que a promessa viera um pouquinho tarde demais. Talvez tivesse feito um pedido um pouco vago, mas não era justificativa. Ainda assim, deveriam lidar com isso em outro momento. Ela percebeu que já pensava nele apenas como Rand outra vez, mas o rapaz tinha uma expressão de quem havia acabado de espirrar lama no melhor vestido dela e agora estava preocupado com a possibilidade de Egwene não acreditar que fora acidente. Ela, porém, não largou *saidar*. Nem Elayne. Não precisavam bancar as bobas.

— Desta vez — disse — só queremos que fale. Como é que você abraça a Fonte? Conte para a gente. Explique devagar, passo a passo.

— É mais uma luta do que um abraço — murmurou ele, em resposta. — Passo a passo? Bem, primeiro eu imagino uma chama, depois empurro tudo para dentro dela: ódio, medo, nervosismo. Depois de tudo ser consumido, sobra um vazio, um vácuo dentro da minha cabeça. Eu fico no meio dele, mas também viro parte de tudo em que estou me concentrando.

— É familiar — comentou Egwene. — Já ouvi seu pai falar sobre um truque de concentração que usa para vencer as competições de arco e flecha. Algo que ele chama de Chama e Vazio.

Rand assentiu. Parecia triste. Ela achou que o amigo talvez estivesse com saudades de casa e do pai.

— Tam me ensinou primeiro. E Lan usa também, com a espada. Selene, uma mulher que conheci, chama de Unidade. Muita gente parece conhecer esse truque, seja lá o nome que tiver. Mas eu descobri sozinho que, quando estou dentro do Vazio, consigo sentir *saidin*. Parece uma luz no canto do olho, no meio do nada. Somos só eu e essa luz. As emoções e até os pensamentos ficam todos do lado de fora. Antes eu precisava absorver de pouquinho em pouquinho, mas agora tudo vem de uma vez só. A maior parte, pelo menos. Na maior parte do tempo.

— Vazio — repetiu Elayne, com um arrepio. — Sem emoção. Não parece muito com o que fazemos.

— Parece, sim — insistiu Egwene, com vigor. — Rand, fazemos um pouquinho diferente, só isso. Eu me imagino sendo uma flor, um botão de rosa, imagino isso até *me transformar* no botão de rosa. De certa forma, é como o seu vazio. As pétalas do botão de rosa se abrem para a luz de *saidar*, e eu deixo que tudo me preencha, a luz, o calor, a vida, o assombro. Eu me rendo a tudo isso, controlo tudo. Essa foi a parte mais difícil de aprender, na verdade: como dominar *saidar* me entregando a ela. Mas agora parece tão natural que eu nem sequer penso a respeito. Essa é a chave de tudo, Rand. Tenho certeza. Você precisa aprender a se entregar…

Rand balançava a cabeça vigorosamente.

— Não tem nada a ver com o que eu faço — protestou. — Me deixar preencher? Eu preciso estender a mão e agarrar *saidin*. Às vezes não encontro nada quando tento, nada para tocar, mas se eu não tentasse poderia ficar o resto da vida ali parado que nada aconteceria. Sim, a coisa me preenche quando eu a agarro, mas me entregar a ela? — Ele passou os dedos pelos cabelos. — Se eu me entregasse, mesmo que por um minuto, *saidin* me consumiria. É como um rio de metal derretido, um oceano de fogo, é como se toda a luz do sol se concentrasse em um único ponto. Preciso lutar para que ele faça o que eu quero, lutar para não ser devorado. — Rand suspirou. — Entendo o que você diz em relação a se preencher de vida, mesmo com a mácula revirando meu estômago. As cores são mais nítidas, os cheiros, mais puros. De alguma forma, tudo é mais real. Depois que agarro, não quero mais soltar, mesmo que a coisa esteja tentando me engolir. Mas quanto ao resto… Encare os fatos, Egwene. A Torre tem razão em relação a isso. Aceite como verdade, porque é a verdade.

Ela balançou a cabeça.

— Só vou aceitar quando me provarem. — Ela não soou tão certa quanto gostaria, nem tanto quanto estivera. O que ele contou parecia uma espécie de reflexo distorcido do que ela fazia, as semelhanças apenas enfatizavam as diferenças. Ainda assim, havia semelhanças. Ela não desistiria. — Você consegue distinguir os fluxos? Ar, Água, Espírito, Terra, Fogo?

— Às vezes — respondeu ele, cauteloso. — Não sempre. Eu só pego o que preciso para fazer o que quero. Quase sempre tateio até encontrar. É muito estranho. Às vezes preciso fazer algo e faço, mas só depois consigo entender o que foi que fiz, ou como. Na primeira vez, é quase como lembrar uma coisa que eu já tinha esquecido. Mas consigo me lembrar de como fazer o que já fiz. Na maioria das vezes.

— Mas mesmo assim você se lembra de como fazer — insistiu Egwene. — Como foi que botou fogo naquelas mesas?

Queria mesmo era perguntar como ele as fizera dançar — achava que via um jeito, com Ar e Água — mas preferiu começar com algo simples. Acender uma vela e apagá-la eram coisas que até uma noviça sabia fazer.

O rosto de Rand assumiu uma expressão de dor.

— Eu não sei. — Ele soou envergonhado. — Quando quero fogo para acender uma lanterna ou uma lareira, simplesmente faço, mas não sei *como*. Não preciso pensar para fazer coisas com fogo.

Aquilo era quase de se esperar. Dos Cinco Poderes, Fogo e Terra eram mais fortes nos homens na Era das Lendas, e Ar e Água, nas mulheres. Espírito era dividido igualmente. Egwene, depois que aprendia a fazer algo com Ar ou Água, quase não precisava pensar para usá-los. Mas aquela forma de pensar não ajudava em nada o propósito delas.

Dessa vez, foi Elayne quem pressionou.

— Você sabe como apagou as chamas? Pareceu ter que pensar um pouco antes de elas se apagarem.

— Isso eu lembro, porque acho que nunca tinha feito. Absorvi o calor das mesas e espalhei na pedra da lareira, um lugar que quase não sofreria com esse tanto de calor.

Elayne prendeu a respiração, inconscientemente levando a mão ao braço esquerdo. Egwene estremeceu em solidariedade. Ela se lembrou de quando aquele braço ficou coberto de bolhas, porque a Filha-herdeira fizera o que Rand acabava de descrever, e só com o lampião em seu quarto. Sheriam ameaçara deixar as bolhas cicatrizarem sozinhas. Não fizera isso, mas ameaçara. Era uma das advertências dadas às noviças: jamais atrair calor. Era possível extinguir uma chama usando Ar ou Água, mas usar Fogo para afastar o calor era sinônimo de desastre, independente do tamanho da chama. Não era uma questão de força, pelo que Sheriam dizia: era impossível

alguém se livrar do calor absorvido. Nem mesmo a mulher mais forte que a Torre Branca produzira conseguia fazer aquilo. Algumas já haviam se incendiado inteiras dessa forma. Mulheres já haviam irrompido em chamas. Egwene soltou um suspiro áspero.

— Qual é o problema? — perguntou Rand.

— Acho que você acabou de me provar qual é a diferença.

Ela suspirou outra vez.

— Ah. Quer dizer que vocês vão desistir?

— Não! — Egwene tentou suavizar a voz. Não estava irritada com ele. Não exatamente. Não sabia com o que estava irritada. — Talvez minhas professoras tivessem razão, mas tem de haver uma forma. Alguma forma. Só que não consigo pensar em nenhuma.

— Você tentou — disse o rapaz, apenas. — Agradeço por isso. Não é culpa sua que não tenha dado certo.

— Tem que haver algum jeito — resmungou Egwene, e Elayne murmurou:

— Nós vamos descobrir. Sei que vamos.

— É claro que sim — concordou Rand, com animação forçada. — Mas não hoje. — Ele hesitou. — Então imagino que vocês estejam de saída. — Soou meio arrependido, meio satisfeito. — Preciso mesmo falar com os Grão-lordes sobre impostos ainda esta manhã. Eles parecem pensar que podem tomar tanto de um fazendeiro em um ano fraco quanto em um ano bom sem levá-lo à miséria. E suponho que vocês tenham que continuar interrogando aquelas Amigas das Trevas. — Franziu a testa.

Rand não dissera nada, mas Egwene tinha certeza de que o amigo gostaria de mantê-las o mais longe possível da Ajah Negra. Estava um pouco surpresa por ele ainda não ter tentado fazê-las retornar à Torre. Talvez soubesse que ela e Nynaeve lhe diriam poucas e boas se ele tentasse.

— Vamos deixar você prosseguir com seus afazeres — disse, com firmeza — mas não agora. Rand… — Era hora de revelar a segunda razão pela qual estavam lá, mas era ainda mais difícil do que ela imaginara. O amigo ficaria magoado, aqueles olhos tristes e temerosos a convenciam disso. Mas precisava ser feito. Ela ajeitou o cachecol em volta do corpo, o tecido a envolvia dos ombros aos quadris. — Rand, eu não posso me casar com você.

— Eu sei — disse ele.

Egwene piscou. Ele não parecia tão chateado quanto ela imaginara. Disse a si mesma que aquilo era bom.

— Não quero magoar você… De verdade, não quero… Mas não quero me casar com você.

— Eu entendo, Egwene. Sei o que sou. Nenhuma mulher poderia…

— Seu cabeça de lã! — interrompeu ela, de repente. — Não tem nada a ver com você canalizar. Eu não amo você! Pelo menos, não a ponto de querer me casar.

O queixo de Rand caiu.

— Você não… me ama? — Ele soava tão surpreso quando parecia. E magoado.

— Por favor, tente compreender — começou ela, em um tom mais suave. — As pessoas mudam, Rand. Os sentimentos mudam. Quando as pessoas se distanciam fisicamente, às vezes se afastam. Eu amo você como um irmão, talvez até mais do que um irmão, mas não para casar. Consegue compreender?

Ele conseguiu abrir um sorriso pesaroso.

— Eu sou mesmo um idiota. Nunca pensei que você também pudesse mudar. Egwene, eu também não quero me casar com você. Não queria mudar, não tentei mudar, mas aconteceu. Se você soubesse o quanto isso significa para mim. Não ter mais que fingir. Não ter medo de magoar você. Eu nunca quis fazer isso, Egwene. Nunca quis magoar você.

A jovem quase sorriu. Rand estava se fazendo de forte.

— Fico feliz por você estar encarando isso tão bem — disse, em um tom suave. — Eu também não queria magoar você. Agora preciso mesmo ir. — Ela se levantou da cadeira e inclinou-se para dar um beijo na bochecha do amigo. — Você vai encontrar alguém.

— É claro — concordou ele, levantando-se, a mentira clara na voz.

— Vai mesmo.

Ela saiu satisfeita e atravessou a antessala correndo, liberando *saidar* enquanto tirava o cachecol dos ombros. A coisa era tão quente que mais parecia um pesadelo.

Rand estava no ponto para Elayne resgatá-lo como um cãozinho perdido, se ela o tratasse da forma como as duas haviam combinado. Pensou que Elayne cuidaria bem dele, agora e sempre. Por quanto o "sempre" durasse. Algo precisava ser feito em relação ao controle dele. Estava disposta a admitir que o que aprendera era certo — nenhuma mulher seria capaz de ensiná-lo, eram peixe e pássaro — mas isso não era o mesmo que desistir. Algo precisava ser feito, e teria de haver alguma forma. Aquela terrível ferida e a loucura eram problemas para depois, mas um dia seriam tratados. De algum jeito. Todos diziam que os homens de Dois Rios eram persistentes, mas eles não eram páreo para as mulheres de lá.

8



Cabeças duras

Pelo jeito que o rapaz olhava na direção de Egwene, meio perplexo, Elayne não sabia com certeza se Rand tinha notado que ela ainda estava no quarto. De vez em quando, ele balançava a cabeça como se discutisse consigo mesmo ou se tentasse pôr os pensamentos em ordem. Ela ficou feliz em esperar. Ficaria feliz com qualquer coisa que adiasse um pouco aquele momento. Concentrava-se em manter a aparente tranquilidade, com as costas eretas e a cabeça erguida, as mãos cruzadas no colo e uma calma no rosto que poderia rivalizar com a melhor expressão de Moiraine. O frio na barriga era tão grande que seu estômago podia muito bem virar gelo.

Não era medo de que ele canalizasse. Ela soltara *saidar* assim que Egwene se levantou para partir. Queria confiar nele, e tinha de confiar. Era o desejo do que queria que acontecesse que a fazia tremer. Precisava se concentrar para não ficar mexendo no colar ou cutucando a tiara de safiras no cabelo. Será que o perfume estava exagerado? Não. Egwene disse que ele gostava de cheiro de rosas. O vestido. Queria puxá-lo para cima, mas…

Rand se virou — mancando de leve, de um jeito que a fez contrair os lábios, pensativa — viu que ela estava sentada na cadeira e levou um susto, arregalando os olhos com uma expressão quase que de pânico. Elayne ficou contente em notar a reação, e fez dez vezes mais esforço para manter o rosto sereno assim que o rapaz pôs os olhos nela. Aqueles olhos agora estavam azuis, como um céu matutino nebuloso.

Ele se recuperou no mesmo instante, curvando-se em uma mesura um tanto desnecessária e esfregando as mãos no casaco, nervoso.

— Eu não percebi que você ainda estava… — Parou de falar,

ruborizado. Esquecer-se da presença dela poderia ser tomado como insulto — Quer dizer… Eu não… Eu, hã… — Ele respirou fundo e recomeçou. — Nem sempre ajo como bobo da corte, apesar de ser isso que pareço para você, milady. Não é todo dia que alguém revela que não o ama mais, milady.

Ela assumiu um tom rígido e zombeteiro.

— Se me chamar assim mais uma vez, vou chamá-lo de Lorde Dragão. E fazer uma reverência. Até a Rainha de Andor pode se curvar diante de você, e eu sou só a Filha-herdeira.

— Luz! Não faça isso. — Ele pareceu incomodado demais com a ameaça.

— Eu não vou, Rand — respondeu a jovem, com a voz mais séria — se você me chamar pelo meu nome. Elayne. Diga.

— Elayne. — Ele proferiu a palavra com embaraço, mas também com prazer, como se saboreasse o nome.

— Bom. — Era um absurdo ficar tão satisfeita. Afinal de contas, ele só dissera seu nome. Havia algo que ela precisava saber, antes de prosseguir. — Doeu demais? — Percebeu que a frase poderia ser interpretada de duas formas. — O que Egwene disse, quer dizer.

— Não. Sim. Um pouco. Não sei. É mais do que justo, afinal de contas. — Um leve sorriso aliviou um pouco da cautela. — Estou agindo feito um bobo da corte outra vez, não estou?

— Não. Não para mim.

— Eu disse a pura verdade, mas acho que ela não acreditou. Acho que eu também não queria acreditar no que ela disse. Não mesmo. Se isso não é agir como um bobo da corte, não sei o que é.

— Se você se chamar de bobo da corte mais uma vez, talvez eu comece a acreditar. — *Ele não vai tentar ir atrás dela, não terei que lidar com isso.* Elayne estava com a voz calma, um tom leve o bastante para indicar que não falava sério. — Já vi o bobo da corte de um lorde cairhieno, ele usava um casaco listrado meio engraçado, grande demais e cheio de sinos. Você ficaria ridículo com um casaco de sinos.

— Acho que sim — respondeu ele, pesaroso. — Vou me lembrar disso.

O sorriso lento foi maior desta vez, aquecendo toda a expressão.

O frio na barriga era quase congelante, mas ela se ocupou em ajeitar as saias. Precisava ir devagar, com cautela. *Senão ele vai pensar que sou só uma garota. E vai ter razão.* Agora havia uma verdadeira geleira em sua barriga.

— Quer uma flor? — perguntou ele, de súbito, e a jovem piscou os olhos, confusa.

— Uma flor?

— É. — Ele avançou até a cama, pescou dois punhados de penas do colchão esfarrapado e as segurou diante dela. — Eu fiz uma para a

majhere, ontem à noite. Pela reação dava para pensar que eu tinha dado a Pedra a ela. Mas a sua será muito mais bonita — acrescentou, mais do que depressa. — Muito mais bonita. Eu prometo.

— Rand, eu…

— Vou tomar cuidado. Basta só um pouquinho do Poder. Só um fiozinho, e vou tomar muito cuidado.

Confiar. Ela tinha de confiar nele. Era uma leve surpresa perceber que de fato confiava.

— Eu gostaria muito, Rand.

Por um longo instante, o rapaz encarou o montinho de plumas nas mãos com uma leve careta no rosto. De repente, deixou as plumas desabarem, batendo as palmas.

— Flores não são um presente apropriado para você. — disse ele. Elayne sentiu compaixão, o rapaz claramente tentara abraçar *saidin*, sem sucesso. Disfarçando a decepção, ele coxeou, apressado, até o tecido metálico e começou a enrolá-lo em volta do braço. — Esse sim é um presente apropriado para a Filha-herdeira de Andor. Você pode mandar uma costureira fazer… — Ele se atrapalhou para dizer o que uma costureira poderia fazer com um pedaço de tecido de ouro e prata de quatro passadas e menos de dois pés de largura.

— Tenho certeza de que a costureira terá várias ideias — respondeu Elayne, diplomática. — Puxando um lenço de seda azul-claro da manga, ela se ajoelhou por um instante e recolheu as plumas que ele deixara cair.

— As serviçais vão cuidar disso — disse ele, enquanto a Filha-herdeira enfiava a pequena trouxa na bolsa do cinto.

— Bom, esse tanto está limpo. — Como Rand poderia entender que ela queria guardar as plumas porque ele quisera fazer uma flor com elas? Ele remexeu os pés, segurando a trouxa brilhante como se não soubesse o que fazer com ela. — A majhere deve ter costureiras — continuou Elayne. — Vou entregar a ela. — Rand se animou e sorriu, ela não via motivo para dizer que seria um presente para a outra mulher. Aquela geleira não a deixava mais se conter. — Rand, você… gosta de mim?

— Gosto de você? — O rapaz franziu a testa. — É claro que gosto de você. Gosto muito.

Ele precisava mesmo fazer cara de quem não estava entendendo absolutamente nada?

— Eu tenho afeto por você, Rand. — Ficou assombrada por conseguir dizer aquilo com tanta calma. O estômago parecia rastejar até a garganta, e as mãos e os pés estavam gélidos. — Mais que afeto.

Era o suficiente, ela não faria papel de boba. *Ele primeiro precisa dizer mais do que "gosto".* Elayne quase riu, histérica. *Vou me controlar. Não vou deixar que ele me veja com o comportamento de uma garotinha*

apaixonada. Não vou.

— Eu sinto afeto por você — respondeu ele, com cautela.

— Não costumo ser tão atrevida. — Não, isso poderia fazê-lo pensar em Berelain. As bochechas dele estavam vermelhas. Rand *estava* pensando em Berelain. Que o queime! A voz dela saiu suave como seda: — Em breve terei que partir, Rand. Irei embora de Tear. Talvez eu passe meses sem vê-lo. — *Talvez nunca mais o veja*, ressoou uma vozinha em sua cabeça. Elayne se recusou a escutá-la. — Não poderia ir embora sem dizer como me sinto. Eu… sinto um enorme afeto por você.

— Elayne, eu sinto *mesmo* afeto por você… Eu quero… — O vermelho em seu rosto se intensificou. — Elayne, não sei o que dizer, não sei como…

De súbito foi o rosto dela que ardeu em brasa. Rand devia estar pensando que ela queria forçá-lo a dizer algo mais. *E não quer?*, zombou a vozinha, o que fez seu rosto esquentar ainda mais.

— Rand, não estou pedindo para você… — Luz! Como dizer aquilo? — Só queria que você soubesse como me sinto. Só isso. — Berelain não deixaria a coisa terminar ali. Àquela altura, a Primeira já estaria enroscada no pescoço do rapaz. Dizendo a si mesma que não deixaria aquela mulherzinha seminua levar a melhor, Elayne se aproximou dele, puxou o pedaço de tecido cintilante de seus braços e largou-o no carpete. Por alguma razão, o rapaz parecia mais alto do que nunca. — Rand… Rand, quero que você me beije. — Pronto. Estava dito.

— Beijar você? — repetiu ele, como se fosse a primeira vez que ouvia aquela palavra. — Elayne, não quero prometer mais do que… Quer dizer, não é como se estivéssemos noivos. Não que eu esteja sugerindo que devêssemos ficar noivos. É só que… Eu *gosto* de você, Elayne. Mais do que isso. Só não quero que você pense que eu…

Ela tinha que rir dele, com toda aquela confusão tão sincera.

— Não sei como as coisas funcionam em Dois Rios, mas em Caemlyn ninguém espera até o noivado para beijar uma garota. E isso também não significa que os dois devam ficar noivos. Mas talvez você não saiba como se faz…

Ele a envolveu com os braços de um jeito quase rude, e os lábios tocaram os dela. Elayne ficou tonta, os dedos de seus pés tentaram se enroscar dentro das sandálias. Algum tempo depois — ela não soube precisar quanto — percebeu que estava apoiada no peito dele, os joelhos trêmulos, tentando recuperar o fôlego.

— Desculpe a interrupção — disse o rapaz. Ela ficou contente em notar que ele parecia um pouco ofegante. — Sou só um pastor acanhado de Dois Rios.

— Você é bruto — murmurou a Filha-herdeira, colada à camisa

de Rand — e não fez a barba hoje, mas eu não diria que é acanhado.

— Elayne, eu…

Ela cobriu a boca de Rand com a mão.

— Não quero ouvir mais nada que não venha do seu coração — disse a jovem com firmeza. — Nem agora nem nunca.

Ele assentiu, não como se entendesse o porquê, mas pelo menos como se compreendesse que ela estava falando sério. Ajeitando os cabelos — seria impossível ajeitar a tira de safiras toda enroscada sem um espelho — ela se soltou do abraço de Rand, não sem relutar. Seria muito fácil permanecer ali, e ela já se comportara de forma mais atrevida do que jamais sonhara fazer. Falando daquele jeito, pedindo um beijo. Pedindo! Ela não era Berelain.

Berelain. Talvez Min houvesse tido uma visão. O que Min via costumava acontecer, mas ela não o dividiria com Berelain. Talvez precisasse esclarecer mais as coisas. Indiretamente, pelo menos.

— Imagino que não vá lhe faltar companhia, depois que eu for embora. Só lembre-se de que algumas mulheres enxergam um homem com o coração, enquanto outras não veem nada além de uma bugiganga para usar, não muito diferente de um colar ou um bracelete. Lembre-se de que vou voltar, e sou eu quem enxerga com o coração. — Rand pareceu confuso de início, depois um pouco assustado. Ela falara demais e muito depressa. Precisava desviar a atenção dele. — Quer saber de uma coisa que não fez? Você não tentou me afugentar dizendo o quanto é perigoso. Nem tente. É tarde demais.

— Não pensei nisso. — Mas outro pensamento passara por sua cabeça, e os olhos dele se encresparam, desconfiados. — Você e Egwene tramaram isso?

Ela tentou mesclar inocência e um leve ultraje no olhar.

— Como pode pensar uma coisa dessas? Acha que iríamos passar você de mão em mão, como um pacote? Está se achando importante demais. Existe um limite para o excesso de orgulho. — Ele agora parecia confuso. O que era muito satisfatório. — Você lamenta o que fez conosco, Rand?

— Eu não pretendia assustar vocês — respondeu ele, hesitante. — Egwene me deixou com raiva, ela nunca precisa se esforçar muito para isso. Não é desculpa, eu sei. Eu disse que sentia muito, e sinto mesmo. Olhe só o que minha atitude me custou. Mesas queimadas e outro colchão arruinado.

— E quanto… ao beliscão?

O rosto dele enrubesceu outra vez, mas o rapaz a encarou com firmeza, mesmo assim.

— Não. Não, eu não me sinto mal por isso. Vocês duas falando como se eu não estivesse aqui, como se eu fosse um pedaço de

madeira sem ouvidos. Vocês mereceram, as duas, e não vou dizer o contrário.

Ela o contemplou por um tempo. Rand esfregou os braços nas mangas do casaco enquanto ela abraçava *saidar* por um instante. Não aprendera sobre Cura em nenhum grau, mas sabia algumas coisinhas aqui e ali. Canalizando, aliviou o machucado causado pelo beliscão. Ele arregalou os olhos, surpreso, e remexeu os pés como se testasse a ausência de dor.

— Pela honestidade — disse a jovem, simplesmente.

Houve uma batida na porta, e Gaul espiou lá dentro. A princípio, o Aiel manteve a cabeça baixa, mas depois de uma breve olhadela para os dois, endireitou-se. O vermelho preencheu a face de Elayne quando ela percebeu que o homem suspeitava ter interrompido algo que não deveria ter visto. Ela quase abraçou *saidar* e ensinou uma lição a ele.

— Os tairenos estão aqui — anunciou Gaul. — Os Grão-lordes que o senhor estava esperando.

— Eu já vou indo, então — disse ela a Rand. — Você precisa falar com eles sobre… impostos, não era? Pense no que eu disse. — Ela não dissera "pense em mim", mas teve certeza de que o efeito seria o mesmo.

O rapaz estendeu o braço como se quisesse detê-la, mas ela se desvencilhou. Não tinha intenção de revelar qualquer coisa na frente de Gaul. O homem era Aiel, mas o que pensaria dela, toda de perfume e safiras àquela hora da manhã? Elayne fez um grande esforço para não subir o decote do vestido.

Os Grão-lordes entraram assim que ela alcançou a porta, um grupo de homens grisalhos de barbas pontudas e casacos coloridos, ornamentados com mangas bufantes. Eles abriram caminho com mesuras relutantes, rostos imperturbáveis e murmúrios educados, sem esconder o alívio em vê-la partir.

Ela deu uma espiada pela porta. Rand, um jovem alto e de ombros largos, vestindo um casaco verde e liso, em meio aos Grão-lordes de seda e listras de cetim. Mais parecia uma cegonha entre pavões. Mas havia algo nele, uma presença, que proclamava seu direito de comando. Os tairenos reconheciam isso, inclinando os pescoços rígidos com relutância. Rand achava que os homens só deviam se curvar porque ele era o Dragão Renascido, e talvez os próprios tairenos pensassem assim. Mas Elayne conhecera homens — como Gareth Bryne, o Capitão Comandante da Guarda de sua mãe — capazes de comandar um salão inteiro vestidos em andrajos, sem título algum e sem que ninguém soubesse seus nomes. Rand talvez não percebesse, mas era um deles. Ainda não era quando ela o vira pela primeira vez, mas se tornara um. Elayne fechou a porta

atrás de si.

Os Aiel ao redor da entrada a encararam, e o capitão que comandava o círculo de Defensores no centro da antessala a olhou incomodado, mas ela mal percebeu. Estava feito. Ou, pelo menos, começara. Elayne tinha quatro dias até que Joiya e Amico embarcassem naquele navio, quatro dias para se enroscar com tanta firmeza aos pensamentos de Rand que não restaria espaço para Berelain. Ou então com firmeza o suficiente para ocupar a cabeça dele até ter chance de fazer algo mais. Nunca imaginara que faria algo do tipo, perseguir um homem como uma caçadora atrás de um javali selvagem. A geleira em sua barriga continuava firme. Pelo menos não deixara transparecer o nervosismo. Então lhe ocorreu que não pensara sequer um instante no que a mãe diria. Com isso, o frio na barriga desapareceu. Ela não se importava com o que a mãe diria. Morgase teria de aceitar que a filha era uma mulher. Isso era tudo.

Os Aiel se curvaram quando ela se afastou, e Elayne os cumprimentou com um gracioso meneio de cabeça que teria deixado Morgase orgulhosa. Até os capitães tairenos a encararam como se pudessem ver sua nova serenidade. Ela não pensou que seria incomodada pelo frio na barriga outra vez. Talvez causadas pela Ajah Negra, mas não por causa de Rand.

Ignorando o semicírculo de Grão-lordes ansiosos, Rand observou, admirado, a porta se fechar atrás de Elayne. Sonhos se tornando realidade, mesmo que fossem tão pequenos, o deixavam desconfortável. Nadar na Floresta das Águas era uma coisa, mas ele jamais teria imaginado um sonho em que ela fosse até ele daquela forma. Elayne sempre fora tão fria e contida, e ele tropeçava na própria língua. E Egwene tinha os mesmos pensamentos que ele em relação aos dois, só estava preocupada em não magoá-lo. Como as mulheres podiam se despedaçar ou explodir de raiva pelas menores coisas e sequer piscar por outras que deixavam os homens boquiabertos?

— Meu Lorde Dragão? — murmurou Sunamon, em um tom ainda mais desconfiado que o usual.

Os boatos daquela manhã já deveriam ter se espalhado pela Pedra. Aquele primeiro grupo saíra quase em disparada, e era pouco provável que Torean fosse dar as caras, ou repetir aquelas sugestões imundas, em qualquer lugar onde Rand estivesse.

Sunamon ensaiou um sorriso agradável, depois o reprimiu, secando as mãos roliças quando Rand o encarou. O restante fingia que não via as mesas queimadas, o colchão despedaçado, os livros espalhados e os caroços meio derretidos sobre a lareira — o que antes era uma cena mostrando o veado e os lobos. Os Grão-lordes tinham

talento para enxergar apenas o que queriam. Carleon e Tedosian, com a humildade mais fingida que Rand já vira, sem dúvida não percebiam como era suspeito não olharem um para o outro. Por outro lado, Rand jamais teria notado não fosse pelo bilhete de Thom, encontrado no bolso de um casaco que acabava de voltar da limpeza.

— O Lorde Dragão queria nos ver? — perguntou Sunamon.

Será que Egwene e Elayne tinham combinado tudo? Claro que não. As mulheres não faziam esse tipo de coisa, assim como os homens. Ou será que faziam? Só podia ter sido coincidência. Elayne ouviu que ele estava livre e decidiu se pronunciar. Era isso.

— Impostos — vociferou.

Os tairenos não se moveram, mas deram a impressão de recuar um passo. Como ele odiava ter de lidar com aqueles homens. Seu desejo era mergulhar de volta nos livros.

— É um mau precedente, meu Lorde Dragão, reduzir os impostos — comentou um homem esguio e grisalho de voz melíflua. Meilan era alto para um taireno, apenas um palmo mais baixo que Rand, e tão rígido quanto qualquer Defensor. Ele se mantinha curvado na presença de Rand. Seus olhos escuros revelavam o quanto odiava fazer aquilo, mas também odiara quando Rand mandou os homens pararem de se agachar à sua volta. Nenhum deles se endireitou, mas Meilan não gostou de ser lembrado do que fazia. — Os camponeses sempre pagaram com facilidade, mas, se baixarmos os impostos, no dia em que os elevarmos ao valor original os idiotas vão reclamar de um jeito tão amargo quanto fariam se dobrássemos a taxação atual. Quando chegar esse dia, pode muito bem haver motins, meu Lorde Dragão.

Rand caminhou pelo quarto e parou diante de *Callandor*. A espada de cristal cintilava, ofuscando o brilho das douraduras e pedras preciosas que a rodeavam. Uma lembrança de quem ele era, do poder que era capaz de brandir. Egwene. Era bobagem ficar magoado por ela ter dito que não o amava mais. Por que deveria esperar que ela mantivesse sentimentos que ele não nutria por ela? Ainda assim, doía. Era um alívio, mas não dos mais agradáveis.

— Vocês terão ainda mais motins se tirarem os homens de suas fazendas. — Três livros jaziam em uma pilha quase aos pés de Meilan. *Os tesouros da Pedra de Tear*, *Viagens pelo Deserto* e *Transações com o território de Mayene*. As chaves estavam naqueles volumes e nas diversas traduções de *O Ciclo de Karaethon*, ainda que ele não as conseguisse encontrar para encaixá-las nas fechaduras corretas. Voltou a atenção outra vez para os Grão-lordes. — Acham mesmo que eles vão ficar olhando as famílias passando fome sem fazer nada?

— Os Defensores da Pedra já contiveram motins antes, meu Lorde Dragão — retrucou Sunamon, muito calmo. — Nossos próprios

guardas podem manter a paz no interior. Os camponeses não vão perturbá-lo, eu lhe dou a minha palavra.

— Já existem fazendeiros demais. — Carleon se encolheu sob o olhar de Rand. — Cairhien está em guerra civil, meu Lorde Dragão — explicou, mais do que depressa. — Os cairhienos não podem comprar grãos, e os celeiros estão abarrotados. A colheita deste ano vai apodrecer inteirinha. E ano que vem…? Que a minha alma queime, Lorde Dragão, mas precisamos é que alguns daqueles camponeses parem de cavar e plantar sem parar. — Ele pareceu perceber que falara demais, embora claramente não fosse capaz de entender por quê.

Rand se perguntou se o homem tinha alguma ideia de como a comida chegava em sua mesa. Será que via algo além de ouro e poder?

— O que vocês vão fazer quando Cairhien voltar a comprar grãos? — perguntou Rand, com frieza. — Aliás, será que Cairhien é o único lugar que precisa de grãos?

Por que Elayne se abrira daquela forma? *O que* esperava dele? Afeto, foi o que ela dissera. As mulheres, assim como as Aes Sedai, sabiam jogar com as palavras. Será que ela estava dizendo que o amava? Não, isso era a mais pura bobagem. Podia até ser orgulhoso demais, mas sem exageros.

— Meu Lorde Dragão — começou Meilan, meio subserviente, meio como se explicasse algo a uma criança — se as guerras civis acabassem hoje, ainda assim Cairhien não poderia comprar mais que umas poucas barcaças carregadas pelos próximos dois anos, talvez três. Sempre vendemos os grãos a Cairhien.

Sempre — por vinte anos, desde a Guerra dos Aiel. Eram tão atrelados ao que *sempre* haviam feito que pareciam incapazes de enxergar uma coisa tão simples. Ou não queriam ver. Quando os repolhos rebentavam feito ervas ao redor de Campo de Emond, era quase certo que uma chuva ruim ou vermes tinham assolado Trilha de Deven ou Colina da Vigília. Quando Colina da Vigília colhia nabos em profusão, era certo que Campo de Emond ou Trilha de Deven estavam lidando com a escassez.

— Ofereça para Illian — sugeriu. O que Elayne esperava dele? — Ou para Altara. — Gostava dela, mas da mesma forma que gostava de Min. Ou que pensava que gostava. Era impossível entender o sentimento que nutria pelas duas. — Vocês têm navios para jogar no mar, além de barcos e barcaças, e, se não tiverem o suficiente, aluguem navios de Mayene. — Ele gostava das duas, mas, além disso… passara quase a vida inteira suspirando por Egwene. Não estava disposto a embarcar nisso outra vez sem certeza. Qualquer certeza. Certeza. Se *Transações com o Território de Mayene* estivesse

relatando a verdade… *Pare com isso*, disse a si mesmo. *Mantenha o foco nessas fuinhas ardilosas, ou eles encontrarão buracos por onde fugir para dar uma mordida nos seus calcanhares.* — Paguem com grãos. Tenho certeza de que, por um bom preço, a Primeira concordará. E talvez um acordo assinado, um tratado… — Era uma boa palavra, do tipo que eles usavam. — A promessa de deixar Mayene em paz em troca dos navios. — Devia isso à Primeira.

— Fazemos poucos negócios com Illian, meu Lorde Dragão. São uma escória de abutres. — Tedosian soou escandalizado. Assim como Meilan, que disse:

— Sempre lidamos com Mayene na base da força, meu Lorde Dragão. Nunca dobramos os joelhos.

Rand respirou fundo. Os Grão-lordes ficaram tensos. Era sempre a mesma coisa. Tentava ser razoável com eles, e sempre dava errado. Thom dizia que os Grão-lordes tinham as cabeças mais duras que a Pedra, e estava certo. *O que é que eu sinto por ela? Fico tendo esses sonhos. Ela com certeza é linda.* Não sabia ao certo se pensava em Elayne ou Min.

— Primeiro vocês vão reduzir três quartos dos impostos dos fazendeiros e metade dos de todo o resto da população. Não discutam! Façam! Segundo, vão falar com Berelain e perguntar… É para perguntar! Por quanto poderiam alugar…

Os Grão-lordes escutaram com sorrisos falsos e rangendo os dentes, mas escutaram.

Egwene pensava em Joiya e Amico quando Mat surgiu ao seu lado, caminhando pelo corredor como se fosse uma enorme coincidência estar passando por ali. O rapaz estava com a testa franzida e os cabelos desgrenhados, como se os tivesse bagunçado com os dedos. Ele a encarou uma ou duas vezes, mas não disse uma palavra. Os servos que passavam por eles se curvavam em mesuras e reverências, bem como os Grão-lordes e grã-ladies, ainda que com entusiasmo menos evidente. Os olhares carrancudos de Mat aos nobres teriam lhe causado problemas se Egwene não estivesse ali, amigo do Lorde Dragão ou não.

O silêncio não combinava com ele, não com o Mat que Egwene conhecia. Exceto pelo fino casaco vermelho — amassado, como se o rapaz tivesse dormido com ele — não parecia diferente do velho Mat, embora todos estivessem mudados. Seu silêncio era inquietante.

— Está incomodado com a noite passada? — perguntou a jovem, por fim.

Mat tropeçou.

— Você ficou sabendo? Bom, é de se esperar, não é? Não me incomodou. Não foi nada demais. De qualquer modo, já está no

passado.

Egwene fingiu acreditar.

— Nynaeve e eu não temos visto muito você. — Era um eufemismo e tanto.

— Tenho andado ocupado — murmurou o rapaz, e deu de ombros, constrangido, olhando para todos os lados, menos para Egwene.

— Jogando dados? — perguntou ela, desdenhosa.

— Cartas. — Uma serviçal roliça, curvando-se em mesuras com os braços cheios de toalhas dobradas, olhou para Egwene e, parecendo pensar que a jovem não reparava, piscou para Mat. O rapaz abriu um sorriso em resposta. — Tenho andado ocupado jogando cartas.

As sobrancelhas de Egwene se ergueram. Aquela mulher deveria ser uns dez anos mais velha que Nynaeve.

— Entendi. Deve tomar bastante tempo, jogar cartas. Tempo demais para que sobre um pouco para os velhos amigos.

— Da última vez que passei um tempo com vocês, você e Nynaeve me prenderam com o Poder como um porco em um mercado para vasculharem meu quarto. Amigos não roubam de amigos. — Ele fez uma careta. — Além do mais, vocês estão sempre com aquela Elayne, toda de nariz em pé. Ou com Moiraine. Eu não gosto… — Com um pigarro, ele lançou a ela um olhar de esguelha. — Não gosto de tomar o tempo de vocês. Pelo que andei ouvindo, estão muito ocupadas. Interrogando Amigas das Trevas. Fazendo uma série de coisas importantes, imagino. Já sabem que esses tairenos pensam que vocês são Aes Sedai, não sabem?

Egwene balançou a cabeça, pesarosa. Era das Aes Sedai que ele não gostava. Por mais coisas do mundo que Mat visse, nada o faria mudar.

— Pegar de volta o que estava emprestado não é roubar — retrucou.

— Não me lembro de você ter falado qualquer coisa sobre empréstimo. Ah, de que me adianta uma carta da Amyrlin? Só me causa problemas. Vocês poderiam ter pedido.

Ela se conteve e não mencionou que de fato haviam pedido. Não queria discutir, e nem queria que ele fosse embora emburrado. Mat não chamaria aquilo de pedido, naturalmente. Dessa vez, ela o deixaria seguir com a própria versão.

— Bom, agradeço por você ainda estar disposto a falar comigo. Alguma razão especial para me procurar hoje?

Mat enfiou os dedos nos cabelos e resmungou sozinho. Precisava era de um puxão de orelha da mãe e uma longa conversa. Egwene recomendou a si mesma paciência. Sabia ser paciente quando queria. Não diria uma palavra antes dele, ainda que estivesse explodindo por

dentro.

O corredor se abria em uma colunata de mármore branco com uma balaustrada que dava para um dos poucos jardins da Pedra. Grandes botões de flores brancas cobriam as árvores esparsas, pequenas e de folhas moles, com aroma ainda mais doce do que os arbustos de rosas vermelhas e amarelas. Uma brisa úmida falhava em remexer os reposteiros na parede interna, mas reduzia o calor crescente e abafado da manhã. Mat sentou-se na larga balaustrada e encostou-se em uma coluna, erguendo um dos pés à frente do corpo. Contemplando o jardim, disse, por fim:

— Eu… preciso de um conselho.

Mat queria um conselho *dela*? Egwene arregalou os olhos.

— O que eu puder fazer para ajudar — respondeu, a voz fraca. O rapaz virou a cabeça para ela, que se esforçou para assumir a feição tranquila de uma Aes Sedai. — Quer um conselho a respeito de quê?

— Eu não sei.

Era uma queda de dez passadas até o jardim. Além do mais, havia homens lá embaixo, capinando a grama entre as rosas. Se Egwene o empurrasse, ele poderia cair em cima de um deles.

— Como é que eu vou poder aconselhá-lo, então? — perguntou, com a voz aguda.

— Estou… tentando decidir o que fazer. — Ele parecia envergonhado. Na opinião dela, estava muito certo.

— Espero que não esteja pensando em fugir. Você sabe o quanto é importante. Não pode simplesmente fugir, Mat.

— Você acha que não sei disso? Acho que não poderia ir embora nem se Moiraine permitisse. Acredite em mim, Egwene, eu não vou a lugar nenhum. Só quero saber o que é que vai acontecer. — Ele sacudiu a cabeça, e sua voz ficou mais firme. — O que é que acontecerá em seguida? Por que a minha memória está cheia de buracos? Alguns pedaços da minha vida nem estão lá, eles simplesmente não existem, como se jamais tivessem acontecido! Por que é que eu volta e meia falo umas baboseiras? Dizem que é Língua Antiga, mas para mim são só umas asneiras sem sentido. Eu quero saber, Egwene. Preciso saber, antes que fique tão doido quanto Rand.

— Rand não está doido — respondeu ela, sem pensar. Então Mat não estava tentando fugir. Era uma surpresa agradável. O rapaz não parecia acreditar em responsabilidade. Mas havia sofrimento e preocupação em sua voz. Mat nunca demonstrava preocupação, pelo menos não na frente de alguém. — Eu não sei as respostas, Mat — disse, com gentileza. — Talvez Moiraine…

— Não! — Ele deu um salto e se levantou. — Nada de Aes Sedai! Quer dizer… Você é diferente. Eu conheço você, você não é… Elas não ensinaram nada na Torre, algum truque ou coisa assim, alguma

coisa que possa servir?

— Ah, Mat, eu lamento. Eu lamento muito.

A risada dele a fez lembrar-se da infância dos dois. Mat sempre ria quando tinha as grandes expectativas frustradas.

— Ah, bem, acho que não importa. Ainda seria um conselho da Torre, mesmo que de segunda mão. Não se ofenda.

Mat sempre reclamava horrores por uma farpa no dedo, mas tratava uma perna quebrada como se não fosse nada demais.

— Pode ser que haja um jeito — começou Egwene, com cautela. — Se Moiraine concordar. Talvez ela concorde.

— Moiraine! Você não ouviu uma palavra do que eu disse? A última coisa que quero é Moiraine se intrometendo. Que jeito?

Mat sempre fora impulsivo. Mas não queria mais do que ela própria: saber. Se ele ao menos demonstrasse um pouco de cautela e bom senso, para variar. Uma nobre tairena que passava, com tranças escuras enroladas na cabeça e ombros desnudos acima do linho amarelo, dobrou de leve o joelho, encarando os dois sem expressão. Ela caminhava depressa, as costas rijas. Egwene a observou até que ela saísse do alcance de sua voz e os dois estivessem sozinhos. A menos que os jardineiros, trinta pés abaixo, contassem. Mat a encarava, na expectativa.

No fim, ela contou a ele sobre o *ter'angreal*, o batente de porta retorcido que revelava respostas do outro lado. Enfatizou os riscos, as consequências das perguntas tolas e das respostas relativas à Sombra, perigos que talvez nem as Aes Sedai conhecessem. Ela estava mais do que lisonjeada por Mat tê-la procurado, mas o rapaz precisava demonstrar um pouco de bom senso.

— Lembre-se disso, Mat. Perguntas frívolas podem acabar matando. Então, se o usar, vai precisar agir com seriedade pela primeira vez na vida. E não pode perguntar nada relativo à Sombra.

Ele escutara com crescente incredulidade. Quando Egwene terminou, o rapaz exclamou:

— Três perguntas? Você entra como Bili, eu suponho, passa uma noite lá e volta dez anos depois com uma bolsa cheia de dinheiro que não esvazia nunca e um…

— Pela primeira vez na vida, Matrim Cauthon — retrucou ela, irritada —, pare de bancar o idiota. Você sabe muito bem que *ter'angreal* não são histórias. Precisa tomar cuidado com os perigos. Talvez as respostas que procura estejam dentro desse, mas você não pode fazer nada sem a autorização de Moiraine. Tem que me prometer isso, ou juro que arranco você de lá como uma truta encordoada. Sabe que eu consigo.

Ele bufou alto.

— Eu seria idiota se tentasse, mesmo com a autorização de

Moiraine. Entrar em uma droga de um *ter'angreal*? Eu quero ter menos a ver com o Poder, não mais. Pode ir desistindo dessa ideia.

— É o único jeito que eu conheço, Mat.

— Não para mim, para mim não é — respondeu o rapaz, com firmeza. — Ficar sem solução ainda é melhor do que isso.

Apesar do tom de Mat, Egwene sentiu vontade de abraçá-lo. Só que ele faria alguma piadinha às suas custas e tentaria lhe dar um beliscão. Ele sempre fora incorrigível, desde o dia em que nasceu. Mesmo assim, fora até lá pedir ajuda.

— Eu lamento, Mat. O que é que você vai fazer?

— Ah, acho que jogar cartas. Se alguém quiser jogar comigo. Jogar pedras com Thom. Dados nas tavernas. Ainda posso ir até a cidade, pelo menos. — Ele fixou o olhar em uma serviçal mais adiante, uma garota esbelta e de olhos escuros, quase da idade deles. — Vou arrumar alguma coisa para passar o tempo.

Egwene sentiu a mão coçar com a vontade de dar um tapa no rapaz, mas em vez disso disse, cautelosa:

— Mat, você não está mesmo pensando em ir embora, está?

— Se eu estivesse, você contaria a Moiraine? — Ele ergueu a mão para impedi-la se responder. — Bom, não tem necessidade. Eu já disse que não vou. Não posso fingir que não queria, mas não vou embora. Está bom para você? — Ele franziu o cenho, pensativo. — Egwene, já sentiu vontade de voltar para casa? Já desejou que nada disso tivesse acontecido?

Era uma pergunta surpreendente, vinda dele, mas ela sabia a resposta.

— Não. Mesmo com tudo isso, não. E você?

— Eu seria um idiota, não seria? — Mat deu risada. — Eu gosto é de cidades, e esta aqui basta, por enquanto. Esta basta. Egwene, você não vai contar a Moiraine sobre isso, vai? Sobre eu vir pedir conselhos, e tudo o mais?

— Por que eu não deveria? — perguntou a jovem, desconfiada. Afinal de contas, era de Mat que estavam falando.

O rapaz deu de ombros, encabulado.

— Tenho mantido mais distância dela do que de… de qualquer forma, eu a tenho evitado, principalmente quando ela resolve vasculhar a minha cabeça. Pode pensar que estou amolecendo. Não conte a ela, está bem?

— Não conto — disse Egwene — se você me prometer que não vai chegar perto daquele *ter'angreal* sem a permissão dela. Eu não devia nem ter falado disso com você.

— Eu prometo. — Mat escancarou um sorriso. — Só vou chegar perto daquele treco se a minha vida estiver dependendo dele. — O rapaz concluiu a frase com uma seriedade zombeteira.

Egwene balançou a cabeça. Por mais que todo o resto mudasse, Mat jamais mudaria.

9



Decisões

Três dias se passaram, quentes e úmidos, parecendo consumir a força até dos tairenos. A cidade caminhava a passos lentos, letárgicos, até a vida na Pedra parecia rastejar. Serviçais trabalhavam quase que dormindo. A majhere puxava as tranças enroladas em frustração, mas nem mesmo ela conseguia arrumar energia para dar cascudos e puxar orelhas. Defensores da Pedra afundavam em seus postos como velas meio derretidas, e os oficiais demonstravam mais interesse em beber vinho frio do que em fazer as rondas. Os Grão-lordes passavam muito tempo em seus aposentos, dormindo durante a parte mais quente do dia, e uns poucos haviam deixado a Pedra e rumado para as terras relativamente frescas do leste, nas encostas da Espinha do Mundo. Estranhamente, apenas os estrangeiros, que sentiam mais calor do que todos, esforçavam-se para seguir com suas vidas, talvez até mais do que de costume. Para eles, a violência do calor não chegava nem perto do peso das horas que corriam.

Mat logo descobriu que estivera certo a respeito dos jovens lordes que viram as cartas tentarem matá-lo. Eles não apenas o evitavam, também tinham espalhado a notícia entre os amigos, uma notícia por vezes aumentada. Todos na Pedra com duas moedas de prata na mão apenas davam desculpas mais do que esfarrapadas enquanto se afastavam. Os boatos se espalharam para além dos fidalgotes. Mais de uma serviçal que apreciava um chamego agora o dispensava, e duas disseram, incomodadas, terem ouvido dizer que era perigoso ficar a sós com ele. Perrin parecia enrolado nos próprios problemas, e Thom evaporava em um passe de mágica. Mat não tinha ideia do que ocupava o menestrel, mas quase nunca conseguia encontrá-lo, nem de

dia nem de noite. Moiraine, a única pessoa que Mat desejava que o ignorasse, parecia presente a cada curva que ele fazia, sempre apenas de passagem, cruzando um corredor ao longe. Mas seus olhos encontravam os dele todas as vezes, encarando-o não só como se soubesse o que o rapaz pensava e o que queria, mas também como se soubesse que o convenceria a mudar de ideia e fazer exatamente o que ela queria. Nada daquilo fazia diferença em relação a uma coisa: ele sempre conseguia arrumar desculpas para adiar a partida por mais um dia. Na sua opinião, não *prometera* a Egwene que ficaria. Mas acabava ficando.

Um dia, desceu com uma lanterna para o interior da Pedra, até a chamada Grande Posse, e chegou à porta apodrecida no canto oposto do estreito corredor. Observou o interior sombrio por alguns minutos, as formas indistintas cobertas de lonas empoeiradas, os caixotes e barris empilhados fora de ordem, com as extremidades planas servindo de prateleiras para uma série de estatuetas, esculturas e objetos esquisitos de cristal, vidro e metal. Depois de alguns instantes ali parado, ele saiu correndo, resmungando:

— Devo ser o maior idiota do mundo inteiro!

Mas nada o impedia de continuar indo à cidade, e não havia chance de esbarrar com Moiraine nas tavernas do cais do Maule, o distrito portuário, ou nas estalagens do Chalm, onde ficavam os armazéns pouco iluminados — a maioria locais imundos com vinho barato, cerveja ruim, brigas ocasionais e intermináveis jogos de dados. As apostas no dado eram baixas, comparadas às que ele estava acostumado, mas não era por isso que sempre voltava à Pedra depois de algumas horas. Tentava não pensar no que o arrastava de volta, outra vez para perto de Rand.

Perrin às vezes avistava Mat nas tavernas da zona portuária, bebendo muito vinho barato, jogando dados como se não se importasse se ganhava ou perdia. Certa vez, parecia exibir uma faca quando um marinheiro troncudo o pressionou, querendo saber com que frequência ele de fato ganhara. Não fazia o estilo de Mat ser tão irritadiço, mas Perrin o evitava, em vez de tentar descobrir o que o incomodava. Não estava ali para beber ou jogar dados, e os homens que pensavam em brigar com ele mudavam de ideia quando viam o tamanho de seus ombros — e a cor de seus olhos. Mas ele comprava cerveja ruim para marinheiros de calças de couro largas, mercadores menores que usavam finas correntes de prata penduradas na frente dos casacos e qualquer homem que parecesse vir de alguma terra distante. Buscava rumores, notícias de algo que pudesse levar Faile para longe de Tear. Para longe dele.

Tinha certeza de que, se encontrasse uma aventura para ela, algo que despertasse na mulher a ideia de que teria a chance de escrever

seu nome na história, Faile partiria. Ela fingia compreender por que Perrin precisava ficar, mas volta e meia indicava que queria partir e que esperava que ele a acompanhasse. O rapaz tinha certeza de que ela morderia a isca certa, que partiria sem ele.

A maioria dos rumores ela saberia que eram distorções atrasadas da verdade, assim como ele sabia. Diziam que a guerra que ardia no Oceano de Aryth era obra de um povo que ninguém nunca ouvira falar chamado Sawchin, ou algo do tipo — ouvia muitas variações de diversos contadores — um povo estranho que talvez fosse o exército de Artur Asa-de-gavião retornando depois de mil anos. Um sujeito, um taraboniano de chapéu redondo e vermelho, com um bigode mais grosso que o chifre de um touro, informou, muito sério, que o próprio Asa-de-gavião conduzira aquela gente, empunhando a lendária espada da Justiça. Havia rumores de que a lendária Trombeta de Valere, que supostamente convocaria os mortos dos túmulos para lutar na Última Batalha, fora encontrada. Em Ghealdan, motins haviam estourado por todo o país. Illian sofria de epidemias de loucura em massa. Em Cairhien, a fome reduzia a matança. Em algum lugar das Terras da Fronteira cresciam os ataques de Trollocs. Perrin não podia mandar Faile para nada daquilo, nem que fosse para tirá-la de Tear.

Os relatos dos problemas em Saldaea pareciam promissores — o próprio lar deveria ser atraente para a jovem, e Perrin ouvira dizer que Mazrim Taim, o falso Dragão, fora preso por Aes Sedai — mas ninguém sabia que tipo de problemas havia por lá. Inventar qualquer coisa não adiantaria de nada, não importava o que ele encontrasse, a mulher decerto investigaria antes de sair caçando. Além do mais, qualquer tumulto em Saldaea poderia muito bem ser tão ruim quanto as outras coisas de que tinha ouvido falar.

Perrin também não podia revelar onde passava o tempo, pois Faile iria querer saber os motivos. Ela sabia que ele não era como Mat, que gostava de ficar circulando pelas tavernas. Perrin nunca tivera talento para mentira, por isso a enrolava o quanto podia, e a mulher já tinha começado a responder com olhares longos, oblíquos e silenciosos. Tudo o que ele podia fazer era redobrar os esforços para encontrar uma história que a seduzisse. Precisava afastá-la de si, antes que Faile acabasse morta. Precisava.

Egwene e Nynaeve passaram mais tempo com Joiya e Amico, sem sucesso. As duas nunca mudavam as histórias. Sob protestos de Nynaeve, Egwene até tentou contar a cada uma o que a outra dissera, para ver se algo se desencaixava. Amico apenas as encarou, choramingando sobre como nunca ouvira falar de tal plano. Mas acrescentou que poderia ser verdade. Poderia. A mulher suava, ávida por agradar. Joiya respondeu, com frieza, que fossem a Tanchico, se assim desejavam.

— Ouvi dizer que hoje em dia é uma cidade desagradável — comentou, serena, os olhos de corvo brilhando. — O Rei não detém poder sobre muito mais do que própria a cidade, e soube que a Panarca desistiu de manter a ordem civil. Braços fortes e facas ligeiras governam Tanchico. Mas podem ir, se for a vontade de vocês.

Nenhuma palavra vinha de Tar Valon, nada que informasse se a Amyrlin estava lidando com a possível ameaça de libertação de Mazrim Taim. Desde que Moiraine enviara os pombos — presumindo que ela de fato o fizera — houvera bastante tempo para que uma mensagem chegasse, por um barco veloz ou um homem a cavalo. Egwene e Nynaeve debatiam em relação a isso; Nynaeve admitia que a Aes Sedai não podia mentir, mas tentava encontrar distorções nas palavras de Moiraine. A própria Moiraine parecia não se preocupar com a falta de resposta da Amyrlin, embora fosse difícil avaliar sua calma impassível.

Egwene se preocupava com isso, e também com a possibilidade de Tanchico ser uma pista falsa, verdadeira, ou uma armadilha. A biblioteca da Pedra guardava livros sobre Tarabon e Tanchico, mas, embora ela os tivesse lido até cansar os olhos, não encontrou pista de qualquer coisa que representasse perigo para Rand. O calor e a preocupação não ajudavam seu humor. Ela às vezes parecia tão irritadiça quanto Nynaeve.

Algumas coisas iam bem, naturalmente. Mat ainda estava na Pedra, era óbvio que estava amadurecendo e aprendendo a ser responsável. Ela se arrependia de tê-lo desapontado, mas não achava que qualquer mulher na Torre pudesse ter feito melhor. Compreendia a sede que ele tinha de saber, pois também a sentia, embora por outros conhecimentos, por coisas que só poderia aprender na Torre, coisas a descobrir que ninguém soubera fazer antes, conhecimentos perdidos que poderia reaprender.

Aviendha começou a visitar Egwene, aparentemente por vontade própria. Se a mulher a princípio parecia cautelosa… Bem, ela era Aiel, afinal de contas. E, além do mais, pensava que Egwene fosse uma Aes Sedai plena. Ainda assim, a companhia era agradável, embora Egwene às vezes pensasse ver perguntas silenciosas em seus olhos. Ainda que Aviendha fosse reservada, logo ficou claro que era detentora de uma perspicácia ligeira e de um senso de humor similar ao de Egwene. As duas por vezes acabavam gargalhando juntas feito garotinhas. Os modos Aiel eram muito estranhos a Egwene, o que ficou claro com o desconforto de Aviendha em sentar-se em uma cadeira e o seu choque em deparar-se com Egwene tomando banho em uma banheira com chapa de prata que a majhere trouxera. O choque não fora por encontrar Egwene nua — na verdade, quando ela percebeu que

Egwene tinha ficado constrangida, tirou as próprias roupas e sentou-se no chão para conversar — mas por vê-la afundada na água até o pescoço. O banho desperdiçava tanta água que os olhos da Aiel ficaram arregalados. Além disso, Aviendha recusava-se a entender por que ela e Elayne não haviam feito nada de drástico com Berelain, já que a queriam fora de seu caminho. Era praticamente proibido a uma guerreira matar uma mulher que não tivesse desposado a lança, mas, como nem Elayne nem Berelain eram Donzelas da Lança, na opinião de Aviendha, Elayne não teria problemas em desafiar a Primeira de Mayene a um duelo com facas, ou, se falhasse nelas, com pés e punhos. Era melhor com facas, pelo que ela dizia. Berelain parecia o tipo de mulher que apanhava muito antes de ceder. Seria melhor desafiá-la e matá-la de uma vez. Ou Egwene poderia fazer isso por ela, como amiga e quase irmã.

Ainda assim, era agradável ter alguém com quem rir e conversar. Elayne passava a maior parte do tempo ocupada, naturalmente. E Nynaeve, que parecia sentir a pressão do tempo de forma tão intensa quanto Egwene, gastava o seu fazendo caminhadas com Lan pelas balaustradas ao luar e preparando ela mesma as comidas que o Guardião apreciava, sem falar nos xingamentos que às vezes espantavam os cozinheiros da cozinha; Nynaeve não sabia cozinhar muito bem. Não fosse por Aviendha, Egwene não saberia como passaria as horas mormacentas que intercalavam os interrogatórios das Amigas das Trevas: suada, sem dúvida, e preocupada em ter de fazer algo que lhe dava pesadelos só de pensar.

Por acordo, Elayne nunca estava presente nesses interrogatórios. Um par de ouvidos a mais não faria diferença. Em vez disso, sempre que Rand tinha algum tempo livre, a Filha-herdeira parecia surgir por perto por acaso, fosse para conversar ou caminhar com ele de braços dados, mesmo que apenas de uma reunião com Grão-lordes até algum salão onde outros o aguardavam, ou a uma vistoria de surpresa nos alojamentos dos Defensores. Ela adquiriu grande talento para encontrar cantos isolados onde os dois pudessem passar um tempo sozinhos. Naturalmente, o rapaz sempre tinha Aiel em seu encalço, mas logo ela passou a se importar tão pouco com o que eles pensavam quanto com o que a mãe poderia pensar. Até iniciara uma espécie de conspiração com as Donzelas da Lança. As mulheres conheciam cada recanto escondido da Pedra e a informavam sempre que Rand estava desacompanhado. Pareciam considerar a brincadeira um grande passatempo.

A surpresa fora que ele perguntou a ela sobre governar nações e escutou o que ela tinha a dizer. Isso ela gostaria que a mãe tivesse visto. Mais de uma vez, Morgase chegara a rir, meio desesperada, e dizer a ela que era preciso concentração. Quais embarcações proteger,

e como, e quais não proteger, e por quê, poderiam ser decisões duras, mas tão importantes quanto como cuidar dos doentes. Talvez fosse divertido levar um lorde ou mercador teimoso a fazer o que não queria pensando ter sido ideia própria, e talvez fosse recompensador alimentar os famintos. Mas, se fosse preciso alimentar alguém, também seria preciso decidir quantos funcionários, carroções e condutores seriam necessários. Outros poderiam resolver isso, mas, se cometessem algum erro, só daria para saber quando fosse tarde demais. Ele a escutava, e com frequência seguia seus conselhos. Elayne achava que poderia tê-lo amado só por essas duas coisas. Berelain não estava pondo os pés para fora de seus aposentos, e Rand passara a abrir um sorriso no instante em que a via. Nada no mundo poderia estar melhor. Só se os dias parassem de passar.

Os três dias curtos escapuliam de seus dedos feito água. Joiya e Amico seriam enviadas para o norte, e não haveria mais razão para permanecer em Tear. Seria hora de ela, Egwene e Nynaeve também partirem. Ela iria, quando a hora chegasse. Jamais considerara o contrário. Saber disso a enchia de orgulho por estar agindo feito uma mulher, e não uma garota. Saber disso a fazia querer chorar.

E Rand? Ele se reunia com Grão-lordes em seus aposentos e distribuía ordens. Assustava-os aparecendo em reuniões secretas de três ou quatro, descobertas por Thom, apenas para reiterar alguns pontos em relação às últimas ordens. Os nobres sorriam, faziam mesuras, suavam e se perguntavam o quanto ele saberia. Era preciso encontrar algum uso para a energia daqueles homens, antes que algum deles decidisse que Rand teria de ser morto, já que não era possível manipulá-lo. Faria o que fosse necessário para distraí-los, mas não daria início a uma guerra. Se tivesse de confrontar Sammael, que fosse. Mas não começaria uma guerra.

Montar seu plano de ação ocupava a maior parte do tempo que não era dedicado a correr atrás dos Grão-lordes. Algumas ideias vinham das pilhas de livros que mandava os bibliotecários levarem a seus aposentos, e também das conversas com Elayne. Os conselhos dela sem dúvida eram úteis em relação aos Grão-lordes. Rand percebia que os nobres reviam seus conceitos em relação a ele ao vê-lo exibir conhecimentos sobre coisas que os próprios não sabiam muito bem. Quando quis dar crédito a Elayne, a mulher não deixou.

— Um governante sábio aceita conselhos — disse ela, sorrindo — mas jamais demonstra que aceita. Deixe que pensem que você sabe mais do que sabe. Não fará mal algum, e ainda vai ajudar. — No entanto, pareceu satisfeita com a sugestão.

Ele não tinha muita certeza de que ainda não estava adiando alguma decisão, pelo menos, por causa dela. Três dias de planejamentos, tentando decifrar o que ainda estava faltando. Havia

algo faltando. Não podia reagir aos Abandonados, tinha de fazê-los reagir a ele. Três dias, e no quarto ela partiria — de volta para Tar Valon, esperava — mas, se ele fizesse algum movimento, suspeitava de que até os breves momentos juntos terminariam. Três dias de beijos roubados, quando ele se esquecia de que era qualquer coisa além de um homem com os braços em volta de uma mulher. Sabia que era um motivo bobo mas verdadeiro. Estava aliviado por ela não parecer querer nada além de sua companhia, mas, naqueles momentos a dois, Rand era capaz de esquecer as decisões, esquecer o destino que aguardava o Dragão Renascido. Mais de uma vez, considerou pedir que ela ficasse, mas não seria justo elevar as expectativas da moça, já que nem ele fazia ideia do que queria, além de sua presença. Se ela tivesse alguma expectativa, claro. Era melhor pensar nos dois apenas como um jovem casal passeando em uma noite de festa. Assim ficava mais fácil. Às vezes ele esquecia que ela era a Filha-herdeira, e ele, um pastor. Mesmo assim, desejava que ela não fosse embora. Três dias. Ele precisava tomar uma decisão. Precisava tomar uma atitude. Algo que ninguém esperasse.

O sol começava a se pôr no terceiro dia. Os reposteiros semicerrados do dormitório de Rand reduziam o brilho amarelo-avermelhado. *Callandor* cintilava no suporte ornamentado como o mais puro cristal.

Rand encarou Meilan e Sunamon, depois atirou neles o grosso bolo de folhas de papel-pergaminho. Um tratado, todo escrito com esmero, apenas sem as assinaturas e os selos. O bolo atingiu Meilan no peito, que o pegou por reflexo e fez uma mesura, como se estivesse honrado, mas o sorriso tenso revelou os dentes trincados.

Sunamon trocou o peso de um pé para outro, esfregando as mãos para secá-las.

— Está tudo como o senhor disse, meu Lorde Dragão — comentou o homem, ansioso. — Grãos por navios…

— E dois mil recrutas tairenos — interrompeu Rand. — "Para garantir a distribuição apropriada dos grãos e proteger os interesses tairenos." — A voz era gélida, mas seu estômago estava em ebulição. Quase tremia de tanta vontade de voar para cima daqueles idiotas e enchê-los de socos. — Dois mil homens. Sob o comando de Torean!

— O Grão-lorde Torean se interessa pelos negócios com Mayene, meu Lorde Dragão — respondeu Meilan, com a voz suave.

— Ele se interessa é por forçar a atenção de uma mulher que nem olha para ele! — gritou Rand. — Grãos por navios, eu disse! Nada de soldados. E sem dúvida nada do maldito Torean! Vocês sequer falaram com Berelain?

Os homens piscaram como se não tivessem compreendido as palavras. Era demais. Ele agarrou *saidin*. O papel-pergaminho nas

mãos de Meilan irrompeu em chamas. Com um berro, Meilan arremessou o bolo de folhas na lareira vazia e, mais que depressa, espanou as centelhas e os chamuscados do casaco de seda vermelha. Boquiaberto, Sunamon encarou as folhas em chamas, crepitando, cada vez mais negras.

— Vocês vão falar com Berelain — disse aos homens, surpreso com a calma na própria voz. — Até amanhã ao meio-dia terão oferecido a ela o acordo que eu quero, ou mando enforcar os dois antes do pôr do sol. Se eu tiver de enforcar Grão-lordes dois a dois, a cada dia, vou fazer isso. Mandarei até o último de vocês para a forca, se não obedecerem. Agora saiam da minha frente.

O tom de voz calmo pareceu afetar mais os homens do que a gritaria. Até Meilan demonstrou desconforto enquanto os dois se afastavam, curvando-se em mesuras a cada dois passos, assegurando, aos murmúrios, sua eterna lealdade e perpétua obediência. Eles o enojavam.

— Sumam daqui! — vociferou, e os homens abandonaram a dignidade, quase lutando um com o outro para abrir as portas.

Correram. Um dos guardas Aiel enfiou a cabeça no quarto por um instante, para ver se Rand estava bem, antes de fechar a porta.

Rand estava trêmulo. Sentia quase tanto nojo dos homens quanto de si próprio. Ameaçando enforcar gente que não fizesse o que mandava. E, pior, estava falando sério. Lembrava-se de quando não tinha esse gênio, ou, pelo menos, quando tinha muito pouco e tentava mantê-lo sob controle.

Cruzou o quarto até onde *Callandor* cintilava, a luz tremeluzindo por entre as cortinas. A lâmina parecia feita do mais fino cristal, totalmente límpida. Seus dedos a sentiam como aço, afiada feito navalha. Chegara perto de pegá-la para lidar com Meilan e Sunamon. Se para usá-la como espada ou em seu propósito real, não sabia. As duas possibilidades o horrorizavam. *Ainda não estou louco. Apenas irritado. Luz, estou tão irritado!*

No dia seguinte. As Amigas das Trevas seriam enviadas em um navio. Elayne iria embora. Egwene e Nynaeve também, naturalmente. Rezava para que retornassem a Tar Valon. Com ou sem Ajah Negra, a Torre Branca deveria ser o lugar mais seguro que havia naquele momento. No dia seguinte. Nada mais de desculpas para adiar o que tinha de fazer. Não deixaria para depois.

Ele virou as mãos, observando a garça marcada em cada palma. Já as examinara tantas vezes que saberia reproduzir com perfeição cada linha. As Profecias as haviam prenunciado.

> Por duas e mais duas vezes ele será marcado,
> duas vezes para viver e duas vezes para morrer.

Uma vez a garça, para traçar seu caminho.
Duas vezes a garça, para proclamá-lo verdadeiro.
Uma vez o Dragão, atrás da memória perdida.
Duas vezes o Dragão, cobrar o preço a ser pago.

Porém, se as garças o haviam "proclamado verdadeiro", qual era a necessidade dos Dragões? Aliás, o que era um Dragão? O único Dragão de que ouvira falar era Lews Therin Telamon. Lews Therin Fratricida fora o Dragão. O Dragão era o Fratricida. Só que agora havia ele. Mas Rand não poderia ter colocado em si a marca de si próprio. Talvez a imagem no estandarte fosse um Dragão, mas nem as Aes Sedai pareciam saber o que era a criatura.

— Você está diferente da última vez que o vi. Mais forte. Mais duro.

Ele deu meia-volta, olhando boquiaberto para a mulher parada diante da porta, de pele clara e cabelos e olhos escuros. Alta, toda vestida de branco e prata, ela arqueou uma sobrancelha para os montinhos de ouro e prata sobre a lareira. Rand os deixara ali para servirem de lembrete do que podia acontecer quando agia sem pensar, quando perdia o controle. De muito pouco adiantava.

— Selene. — Correu até ela, surpreso. — De onde você surgiu? Como foi que entrou aqui? Pensei que ainda estava em Cairhien, ou… — Ele olhou para baixo. Não queria dizer que temia que ela estivesse morta ou refugiada, passando fome.

Um cinto de prata trançada cintilava ao redor da cintura fina. Pentes de prata trabalhados com estrelas e luas crescentes brilhavam em seus cabelos, caídos por sobre os ombros como cachoeiras de céu noturno. Ela ainda era a mais linda mulher que Rand já vira. Ao lado dela, Elayne e Egwene eram apenas bonitas. Mas, por alguma razão, a mulher não o afetava mais como antes. Talvez fossem os longos meses desde que a vira, em uma Cairhien ainda não arruinada pela guerra civil.

— Eu vou aonde desejo estar. — Ela franziu a testa. — Você foi marcado, mas não há problema. Você era meu, e é meu. Qualquer uma não é mais do que uma cuidadora cujo tempo ao seu lado já acabou. Agora, vou reclamar abertamente o que é meu.

Ele a encarou. Marcado? Será que estava falando de suas mãos? E o que estava querendo dizer? Que ele pertencia a ela?

— Selene — disse, com gentileza — passamos dias agradáveis juntos, e também dias difíceis. Nunca vou me esquecer da sua coragem ou da sua ajuda. Mas nunca houve nada entre nós além de companheirismo. Viajamos juntos, mas foi só isso. Você vai ficar aqui na Pedra, nas melhores acomodações, e, quando a paz retornar a

Cairhien, garantirei que suas propriedades retornem a você, se puder.

— Você *foi* marcado. — Ela abriu um sorriso irônico. — Propriedades em Cairhien? Posso haver tido propriedades naquelas terras, um dia. A terra mudou tanto que nada mais é como foi. Selene é apenas um nome que eu uso, Lews Therin. O nome que tomei para mim é Lanfear.

Rand soltou uma risada oca.

— Que piada de mau gosto, Selene. Era melhor fazer piadas a respeito do Tenebroso ser um dos Abandonados. E meu nome é Rand.

— Nós nos denominamos os Escolhidos — disse ela, muito calma. — Escolhidos para governar o mundo eternamente. *Viveremos eternamente*. E você pode viver, também.

Ele franziu o cenho, preocupado. A mulher realmente pensava que era… O sofrimento para chegar a Tear talvez a tivesse deixado atordoada. Mas ela não parecia irritada. Estava calma, fria, segura. Sem pensar, Rand buscou *saidin*. Tentou tocá-lo… e atingiu uma parede que não podia ver ou sentir, mas que o impedia de tocar a Fonte.

— Não pode ser.

Ela sorriu.

— Luz — disse Rand, surpreso — você é *mesmo* um deles.

Ele recuou lentamente. Se alcançasse *Callandor*, pelo menos teria uma arma. Talvez não funcionasse como *sa'angreal*, mas poderia fazer as vezes de espada. Será que conseguiria usar uma espada contra uma mulher, contra Selene? Não, contra Lanfear, contra um dos Abandonados.

As costas bateram com força em algo, e ele deu um giro para ver o que era. Não havia nada. Uma parede de nada, e estava encostado nela. *Callandor* cintilava a menos de três passadas de distância — do outro lado. Socou a barreira, frustrado. Era inflexível como uma rocha.

— Não posso confiar plenamente em você, Lews Therin. Ainda não. — Ela se aproximou, e Rand considerou nocauteá-la. Era de longe maior e mais forte… Mas, bloqueado como estava, ela poderia envolvê-lo com o Poder feito um gatinho a brincar com uma bola de barbante. — E muito menos com isso — acrescentou ela, fazendo uma careta para *Callandor*. — Existem apenas duas outras mais poderosas que podem ser usadas por um homem. Uma delas, pelo menos, sei que ainda existe. Não, Lews Therin. Ainda não confio em você com isso.

— Pare de me chamar assim — rosnou. — Meu nome é Rand. Rand al'Thor.

— Você é Lews Therin Telamon. Sim, fisicamente nada é igual, a não ser a estatura, mas eu reconheceria a pessoa por detrás desses olhos mesmo que a visse no berço. — Ela riu de repente. — Como

tudo teria sido tão mais fácil se eu tivesse encontrado você naquela época. Se eu estivesse livre para… — A risada deu lugar a um olhar de ira. — Quer ver minha verdadeira aparência? Você também não se lembra dela, lembra?

Rand tentou dizer que não, mas a língua não funcionou. Certa vez, vira dois dos Abandonados juntos, Aginor e Balthamel, os dois que se soltaram primeiro, depois de três mil anos sob o selo da prisão do Tenebroso. Um deles tinha uma aparência tão terrível que nem parecia possível ainda estar vivo. O outro escondia o rosto por trás de uma máscara, ocultava cada pedacinho de carne como se não pudesse aguentar a ideia de ver a si mesmo ou de ser visto.

O ar se encrespou em torno de Lanfear, e ela mudou. Era mais velha do que ele, sem dúvida, porém mais velha não era a palavra correta. Mais madura. Mais desenvolvida. Até mais bonita, se fosse possível. Uma flor viçosa, totalmente aberta, em comparação a um botão. Mesmo sabendo o que ela era, Rand sentiu a boca secar e a garganta enrijecer.

Os olhos escuros examinaram o rosto do jovem, cheios de confiança, mas com um toque de indagação, como se questionasse o que ele via. Qualquer que tivesse sido sua percepção, pareceu tê-la deixado satisfeita. Lanfear sorriu outra vez.

— Eu estava enterrada muito fundo, em um sono sem sonhos onde o tempo não fluía. O girar da Roda me ultrapassou. Agora você me vê pelo que sou, e tenho você em minhas mãos. — Ela passou uma unha pelo maxilar do jovem com tanta força que o fez se encolher. — O tempo de jogos e subterfúgios acabou, Lews Therin. Há muito tempo.

O estômago dele se revirou.

— Vai me matar, então? Que a luz a queime, eu…

— Matar você? — vociferou ela, incrédula. — Matar você! Eu quero possuir você, para sempre. Você era meu muito antes de aquela pálida magricela roubá-lo. Muito antes de ela sequer vê-lo. Você me amava!

— E você amava o poder!

Por um instante, Rand se sentiu atordoado. As palavras soavam verdadeiras, e sabia que eram. Mas de onde haviam vindo?

Selene — Lanfear — pareceu tão surpresa quanto ele, mas recuperou-se depressa.

— Você aprendeu bastante. Fez muitas coisas que eu não acreditaria que pudesse fazer sem auxílio. Mas ainda está tateando por um labirinto às cegas, tentando encontrar seu caminho, e pode acabar morrendo pela própria ignorância. Alguns dos outros o temem demais para esperar. Sammael, Rahvin, Moghedien. Talvez outros, mas esses sem dúvida. Eles virão atrás de você. Não tentarão fazê-lo mudar de

ideia. Chegarão às escondidas, vão destruí-lo enquanto estiver dormindo. Porque o temem. Mas há alguns que poderiam ensiná-lo, mostrar o que você um dia soube. Então, ninguém ousaria se opor a você.

— Ensinar? Quer que eu deixe um dos Abandonados me ensinar? — Um dos Abandonados. Um homem. Um homem que fora Aes Sedai na Era das Lendas, que conhecia canalização, sabia como evitar armadilhas, sabia… O mesmo fora oferecido a ele antes. — Não! Mesmo que outro me oferecesse, eu recusaria, e sabe por quê? Eu me oponho a eles, e a você! Odeio tudo o que fizeram, tudo o que simbolizam. — *Idiota!*, pensou. *Aprisionado aqui, bradando provocações feito o imbecil de alguma história que nem suspeita que possa irritar seu captor o bastante para que ele tome alguma providência.* Porém, Rand não conseguia se forçar a retirar as palavras. Resoluto, seguiu adiante e piorou tudo. — Eu vou destruir vocês, se for capaz. Você, o Tenebroso e cada um dos Abandonados!

Um brilho perigoso lampejou nos olhos da mulher e desapareceu.

— Sabe por que alguns de nós temem você? Tem ideia? Porque temem que o Grande Senhor das Trevas dê a você um lugar acima do deles.

Rand surpreendeu a si mesmo ao soltar uma risada.

— Grande Senhor das Trevas? Você também não consegue dizer o nome verdadeiro? Com certeza não é por medo de atrair a atenção dele, como as pessoas decentes. Ou é?

— Seria blasfêmia — respondeu ela, simplesmente. — Eles têm razão em temer, Sammael e os outros. O Grande Senhor quer mesmo você. Deseja exaltá-lo acima de todos os outros homens. Ele me contou.

— Isso é ridículo! O Tenebroso ainda está preso em Shayol Ghul, ou eu estaria lutando Tarmon Gai'don neste exato instante. E, se ele souber que eu existo, vai querer me ver morto. Pretendo lutar com ele.

— Ah, ele sabe. O Grande Senhor sabe mais do que você pode imaginar. *É* possível falar com ele. Vá até Shayol Ghul, entre no Poço da Perdição, e poderá… ouvi-lo. Poderá… se banhar na presença dele. — Um brilho diferente cintilava no rosto dela. Êxtase. A mulher respirava pelos lábios entreabertos, e, por um momento, pareceu ver algo distante e magnífico. — Não há palavras para descrever a experiência. Você precisa vivenciar para saber. Precisa. — Ela o encarava outra vez, os olhos grandes, escuros e insistentes. — Ajoelhe-se diante do Grande Senhor, e ele o erguerá mais alto do que todos os outros. Ele o deixará livre para reinar como desejar, desde que você se ajoelhe diante dele apenas uma vez. Para legitimá-lo. Nada mais que isso. Ele me contou. Asmodean o ensinará a manejar o Poder sem ser morto, o ensinará o que pode fazer com ele. Aceite a minha ajuda.

Podemos destruir os outros. O Grande Senhor não vai se importar. Podemos destruir todos, até Asmodean, depois que ele lhe ensinar tudo o que precisa saber. Você e eu podemos governar o mundo juntos para o Grande Senhor, para sempre. — Ela baixou a voz a um sussurro, com partes iguais de medo e ânsia. — Dois *ter'angreal* impressionantes foram feitos pouco antes do fim. Você pode usar um, e eu, o outro. Muito melhores do que aquela espada. O poder vai além da imaginação. Com esses, poderíamos desafiar até… Até o próprio Grande Senhor. Até mesmo o Criador!

— Você está louca — disse Rand, esgotado. — O Pai das Mentiras diz que vai me deixar livre? Eu nasci para combatê-lo. É por isso que estou aqui, para cumprir as Profecias. Eu vou lutar contra ele, e contra todos vocês, até a Última Batalha! Até meu último fôlego!

— Isso não é necessário. Uma profecia nada mais é do que o símbolo da esperança de um povo. Cumprir as Profecias só o atará a um caminho que levará a Tarmon Gai'don e à morte. Moghedien ou Sammael podem destruir seu corpo. O Grande Senhor das Trevas pode destruir sua alma. Um final derradeiro e completo. Você nunca mais renascerá, não importa o quanto a Roda do Tempo gire!

— Não!

Lanfear o analisou pelo que pareceu um longo segundo. Rand quase podia sentir a balança pesando as alternativas.

— Eu poderia levá-lo comigo — disse, por fim. — Poderia fazê-lo entregar ao Grande Senhor tudo o que deseja ou em que acredita. Existem formas de fazer isso.

Ela parou, talvez para ver se suas palavras surtiam algum efeito. O suor escorria pelas costas de Rand, mas ele mantinha o rosto impassível. Teria de fazer algo, houvesse ou não alguma chance. Uma segunda tentativa de tocar *saidin* se revelou inútil, encontrou outra vez a barreira invisível. Deixou os olhos vagarem, pensativo. *Callandor* estava atrás de si, tão distante quanto o Oceano de Aryth. A faca de cintura jazia sobre uma mesa perto da cama, junto a uma raposa inacabada que estava esculpindo. Os caroços de metal disformes zombavam dele acima da lareira, um homem em andrajos deslizando pelas portas com uma faca nas mãos, os livros espalhados por todos os cantos. Ele virou-se de volta para Lanfear, tenso.

— Você sempre foi teimoso — murmurou a Abandonada. — Não o levarei ainda. Quero que venha a mim por vontade própria. Então será meu. Qual é o problema? Está franzindo a testa.

Um homem deslizando pelas portas com uma faca. Seus olhos passaram pelo sujeito quase sem enxergá-lo. Instintivamente, empurrou Lanfear e tentou tocar a Fonte Verdadeira. O escudo que o bloqueava desapareceu assim que tocou o poder, e a espada surgiu em suas mãos como uma chama amarelo-avermelhada. Um homem

avançou contra ele, a faca baixa e apontando para cima, pronto para desferir um golpe mortal. Foi difícil manter os olhos no sujeito, mas Rand deu um rodopio suave, e O Vento Sopra Sobre a Muralha agarrou a mão do homem que segurava a faca e cravou-a no coração do atacante. Por um instante, Rand encarou olhos embotados, sem vida, enquanto o coração ainda batia. Depois puxou a lâmina de volta.

— Um Homem Cinza. — Rand soltou uma respiração pelo que pareceu ser a primeira vez depois de horas. O cadáver a seus pés era horrível, sangrava no carpete trabalhado em arabescos, mas agora não era difícil fixar os olhos nele. Era sempre assim com os assassinos da Sombra. Quando eram percebidos, costumava ser tarde demais. — Não faz sentido. Você não teria dificuldade para me matar. Por que me distrair para que um Homem Cinza viesse me atacar?

Lanfear o observava, receosa.

— Os Desalmados não têm serventia para mim. Eu disse que há… diferenças de opiniões, entre os Escolhidos. Acho que meus cálculos estavam com um dia de atraso, mas ainda há tempo de vir comigo. De aprender. De viver. Aquela espada. — Ela olhou, quase com desprezo. — Você não faz nem a décima parte do que é capaz. Ou vai tentar me matar agora? Soltei você para que se defendesse.

Sua voz e postura indicavam que ela aguardava um ataque, ou no mínimo que estava pronta para dar um contragolpe, mas não foi isso que o deteve, nem o fato de ela ter soltado as amarras. Ela era um dos Abandonados, servira o mal havia tanto tempo que fazia uma irmã Negra parecer um bebê recém-nascido. Ainda assim, Rand enxergava uma mulher. Chamou-se de todos os sinônimos de tolo que conhecia, mas não era capaz de fazer mal a ela. Quem sabe se ela tentasse matá-lo. Quem sabe. Mas Lanfear permanecia ali parada, olhando. Esperando. Sem dúvida pronta para fazer com o Poder coisas que ele sequer imaginava possíveis, se tentasse detê-la. Rand conseguira bloquear Elayne e Egwene, mas aquilo fora um dos atos que fizera sem pensar, e a forma como fizera estava enterrada em algum lugar da mente. Só conseguia lembrar que o fizera, não como. Pelo menos agarrava *saidin* com força. A mulher não o surpreenderia outra vez daquele jeito. A mácula que revirava seu estômago não era nada. *Saidin* era vida, talvez em mais de um aspecto.

Um pensamento súbito ebuliu dentro dele como um jorro quente. Os Aiel. Seria impossível até mesmo para um Homem Cinza passar sorrateiro pelas portas vigiadas por uma dúzia de Aiel.

— O que você fez com eles? — A voz rangia enquanto ele ia em direção às portas, mantendo os olhos fixos em Lanfear. Se ela usasse o Poder, talvez Rand recebesse algum tipo de aviso. — O que foi que você fez com os Aiel do lado de fora?

— Nada — retrucou ela, com frieza. — Não vá lá fora. Talvez isso

seja só um teste para sua vulnerabilidade, mas até um teste pode matá-lo, se você for bobo.

Ele abriu a porta da esquerda e deparou-se com o caos.

10



A Pedra resiste

Vários Aiel jaziam mortos aos pés de Rand em meio aos corpos de três homens muito comuns vestindo calças e casacos muito comuns. Apesar da aparência comum, seis Aiel — a guarda inteira — foram assassinados, alguns claramente antes de perceberem o que estava acontecendo, e cada um dos homens de aparência comum tinha pelo menos duas lanças Aiel cravadas no corpo.

Mas isso não era nem a metade. Assim que Rand abriu a porta, o estrondo de batalha chegou até ele: gritos, uivos, o tinido de aço contra aço surgindo por entre as colunas de pedra vermelha. Sob os lustres dourados, os Defensores na antessala lutavam por suas vidas contra figuras corpulentas de malhas pretas, cabeças e ombros mais altos que eles. Eram corpos de homens gigantescos, mas com cabeças e faces distorcidas por chifres ou penas, com focinhos ou bicos onde devia haver boca e nariz. Trollocs. Avançavam tanto sobre patas e cascos quanto calçados em botas, dilacerando os homens com estranhos machados de ponteira, lâminas curvas e espadas em forma de foice viradas para o lado errado. E, com eles, um Myrddraal, um homem de movimentos fluidos, a pele branca como a de uma larva, vestindo uma armadura negra. Parecia a morte encarnada em um corpo sem sangue.

O gongo de alarme soou em algum ponto da Pedra, depois parou, com rapidez letal. Outro ressoou, e depois outro, feito sirenes agudas.

Os Defensores lutavam, ainda superando os Trollocs em número, mas havia mais homens do que Trollocs abatidos. Quando os olhos de Rand os encontraram, o Myrddraal retalhava metade da cara do capitão taireno com apenas uma das mãos, enquanto a outra enfiava uma lâmina negra como a morte na garganta de um Defensor,

escapando das lanças dos outros tairenos feito uma serpente. Os Defensores enfrentavam o que pensavam ser apenas contos de viajantes para amedrontar criancinhas. Estavam a ponto de sucumbir. Um dos homens, que perdera o capacete, jogou longe a lança e tentou fugir, mas teve a cabeça aberta feito um melão pelo machado descomunal do Trolloc. Outro encarou o Myrddraal e saiu em disparada, gritando. A criatura das Sombras deu um salto sinuoso para interceptá-lo. Em um instante, todos os humanos estariam correndo.

— Desvanecido! — gritou Rand. — Que tal enfrentar a mim, Desvanecido?

O Myrddraal parou como se sequer tivesse se movido e voltou a face pálida e sem olhos para ele. Com aquele olhar, uma onda de medo percorreu seu corpo, envolvendo a bolha de calma e frieza que o encapsulava quando ele abraçava *saidin*. Nas Terras da Fronteira existia um ditado: "O olhar do Sem-olhos é o medo." Já houve um tempo em que ele acreditava que os Desvanecidos cavalgavam as sombras como cavalos e desapareciam ao virar de lado. Essas antigas crenças não estavam tão erradas.

O Myrddraal deslizou em direção a ele, e Rand saltou por cima dos homens mortos diante da porta para encontrá-lo, derrapando as botas no mármore negro cheio de sangue ao aterrissar.

— Pela Pedra! — gritou, enquanto saltava. — A Pedra resiste!

Eram os gritos de guerra que ele ouvira na noite em que a Pedra não resistira.

Pensou ter ouvido um grito exaltado de "idiota!" vindo do quarto de onde saíra, mas não havia tempo para pensar em Lanfear ou no que ela poderia fazer. Aquela derrapagem quase lhe custara a própria vida. Sua lâmina amarelo-avermelhada aparou a negra do Myrddraal enquanto ele recuperava o equilíbrio.

— Pela Pedra! A Pedra resiste! — Ele precisava manter os Defensores unidos, ou teria de enfrentar sozinho o Myrddraal e vinte Trollocs. — A Pedra resiste!

— A Pedra resiste! — Ele ouviu um eco, depois outro:

— A Pedra resiste!

O Desvanecido se movia com a fluidez de uma serpente, ilusão que era intensificada pelas placas de armadura negra superpostas em seu peito. Mas nem mesmo uma cobra lança-negra seria capaz de um golpe tão ligeiro. Durante um tempo, tudo o que Rand pôde fazer foi evitar que a ponta da lâmina do Desvanecido atingisse seu corpo desprotegido. Aquele metal negro poderia causar feridas pustulentas, quase tão difíceis de serem Curadas quanto a que ardia na lateral de seu corpo. Cada vez que o aço negro forjado em Thakan'dar, sob as colinas de Shayol Ghul, encontrava a lâmina amarelo-avermelhada forjada pelo Poder, um clarão reluzia no salão, um brilho forte azul

esbranquiçado que chegava a doer os olhos.

— Desta vez você vai morrer — anunciou o Myrddraal, a voz mais parecia o som do desintegrar de folhas mortas. — Darei sua carne aos Trollocs e tomarei suas mulheres para mim.

Rand lutou com mais frieza e desespero do que nunca. O Desvanecido sabia manejar a espada. Então houve um momento em que ele conseguiu aplicar um golpe na lâmina negra, não apenas afastá-la. Com um sibilo parecido com gelo em metal derretido, a lâmina amarelo-avermelhada ceifou a negra. O golpe seguinte separou a cabeça sem olhos dos ombros. O choque dos ossos quebrando fez seus braços estremecerem. Sangue escuro jorrava do pescoço. Mas a coisa não caiu. Atacando às cegas com a espada quebrada, a figura sem cabeça andava, trôpega, golpeando o ar a esmo.

Quando a cabeça do Desvanecido saiu rolando pelo chão, os Trollocs remanescentes também caíram, guinchando, chutando, agarrando as cabeças com as mãos de pelos ásperos. Era uma fraqueza dos Myrddraal e Trollocs. Nem mesmo os Desvanecidos confiavam nos Trollocs, por isso conectavam-se a eles de uma forma que Rand era incapaz de compreender. Ao que parecia, isso garantia a lealdade daquelas criaturas, mas os que eram conectados a um Myrddraal não sobreviviam por muito tempo após a sua morte.

Os Defensores que ainda estavam de pé, cerca de duas dezenas, não esperaram. Em grupos de dois ou três, golpearam os Trollocs com as lanças, repetidas vezes, até que parassem de se mover. Alguns tentavam derrubar o Myrddraal, mas a criatura se debatia loucamente, independentemente de onde fosse atingida. Quando os Trollocs caíram em silêncio, foi possível ouvir os choros e gemidos dos poucos sobreviventes humanos. Ainda havia mais homens do que Criaturas da Sombra caídos no chão. O mármore negro estava escorregadio, coberto de sangue, apesar de quase não dar para notar, em contraste com as pedras negras.

— Deixem — disse Rand aos Defensores, que tentavam executar o Myrddraal. — Ele já está morto. Os Desvanecidos simplesmente não admitem que morreram. — Lan explicara isso, em um tempo que parecia muito distante, e ele próprio já tivera provas. — Vão cuidar dos feridos.

Observando a forma sem cabeça que se debatia, o torso todo aberto em feridas, os homens estremeceram e se afastaram, murmurando sobre os Espreitadores. Era como o povo chamava os Desvanecidos em Tear, nas histórias infantis. Alguns começaram a vasculhar os humanos caídos em busca de sobreviventes, puxando para longe os que não podiam ficar de pé e ajudando os que eram capazes de se levantar. Muitos eram deixados onde estavam. Ataduras improvisadas a partir das camisas ensanguentadas dos próprios

homens eram o único conforto que podia ser oferecido naquele momento.

Eles não pareciam tão belos quanto antes, esses tairenos. As placas peitorais e dorsais já não reluziam, estavam amassadas e arranhadas. Talhos encharcados de sangue arruinavam o que antes eram finos casacos e calças pretos e dourados. Alguns estavam sem capacete, e mais de um se apoiava na própria lança, como se ela fosse a única coisa a mantê-lo de pé. Talvez fosse. Respiravam com dificuldade, uma expressão de desvario nos rostos, uma mistura de profundo terror e torpor cego que aflige os homens em batalha. Encaravam Rand, indecisos — com olhares temerosos, fugidios — como se ele próprio pudesse ter convocado aquelas criaturas da Praga.

— Limpem as lanças — mandou o Dragão. — O sangue de um Desvanecido queima o aço feito ácido, se permanecer por muito tempo.

A maioria se moveu lentamente para obedecê-lo, usando o que estava disponível, as mangas dos casacos dos mortos.

Mais sons de luta ecoavam pelos corredores, gritos distantes, o clangor surdo de metal contra metal. Eles o haviam obedecido duas vezes, era a hora de ver se fariam algo mais. Virando as costas, Rand avançou pela antessala em direção ao som da batalha.

— Venham comigo — ordenou. Brandiu a espada forjada em fogo para lembrar aos homens quem era, torcendo para que a lembrança não acabasse levando uma lança às suas costas. Precisava correr o risco. — A Pedra resiste! Pela Pedra!

Por um instante, seus passos ocos foram o único som dentro do recinto cheio de colunas. Então, botas começaram a segui-lo.

— Pela Pedra! — gritou um homem, e depois outro:

— Pela Pedra e pelo Lorde Dragão!

Outros repetiram:

— Pela Pedra e pelo Lorde Dragão!

Acelerando o passo, Rand seguiu trotando, conduzindo seu exército ensanguentado de vinte e três homens às profundezas da Pedra.

Onde estava Lanfear, e que papel teria desempenhado, nisso tudo? Ele tinha pouco tempo para reflexões. Havia homens mortos espalhados pelos corredores da Pedra, caídos sobre poças do próprio sangue, um aqui, mais dois ou três adiante. Defensores, serviçais, Aiel. Também viu mulheres caídas, tanto nobres em roupas de linho quanto serviçais cobertas de lã. Os Trollocs não se importavam com quem matavam, sentiam apenas prazer. Myrddraal eram piores. Os Meio-homens se regozijavam com a dor e a morte.

Um pouco mais adiante, a Pedra de Tear fervilhava. Bandos de

Trollocs avançavam, selvagens, pelos corredores, alguns sob a liderança de um Myrddraal, outros sozinhos, lutando contra Aiel ou Defensores, abatendo os desarmados, em busca de mais vítimas. Rand conduzia seus homens em direção a qualquer criatura da Sombra que encontrassem, a espada dilacerando pele grossa e malha negra com igual facilidade. Apenas os Aiel encaravam um Desvanecido sem recuar. Os Aiel e Rand. Ele passava pelos Trollocs para chegar aos Desvanecidos. Algumas vezes, um Myrddraal levava consigo uma ou duas dezenas de Trollocs ao morrer, outras, não levava nenhum.

Alguns Defensores caíram e não se levantavam, mas os Aiel se juntaram a eles, quase dobrando o número. Grupos de homens se dividiam em batalhas furiosas, que seguiam com urros e estrépitos, feito uma forja ensandecida. Outros homens caíam atrás de Rand, eram separados ou substituídos, até não restar nenhum dos originais. Às vezes ele lutava sozinho, ou avançava por algum corredor vazio exceto por ele e os mortos, seguindo os sons distantes do combate.

Em dado momento, passando com dois Defensores por uma colunata que dava para uma câmara comprida e cheia de portas, viu Moiraine e Lan rodeados por Trollocs. A Aes Sedai estava de pé, a cabeça erguida, batalhando como a rainha de alguma história. As criaturas bestiais explodiam em chamas ao redor e na mesma hora eram substituídas por outras, que irrompiam pelas portas, seis ou oito por vez. A espada de Lan dava conta das que escapavam do fogo de Moiraine. O Guardião tinha sangue dos dois lados do rosto, mas deslizava por entre as criaturas como se praticasse luta diante de um espelho. Então, um Trolloc com focinho de lobo golpeou com uma lança tairena as costas de Moiraine. Lan deu um giro, como se tivesse olhos nas costas, e arrancou a perna do Trolloc na altura do joelho. A criatura desabou, uivando, mas conseguiu enfiar a ponta da lança em Lan, enquanto outro golpeou o Guardião, meio sem jeito, com as costas do machado, fazendo seus joelhos cederem.

Rand não pôde fazer nada, pois naquele instante cinco Trollocs se lançaram para ele e seus dois companheiros, com focinhos, presas de javalis e chifres de carneiros, empurrando os humanos para fora da colunata apenas com o peso da investida. Cinco Trollocs teriam sido capazes de matar três homens sem dificuldade, mas um dos homens era Rand, com uma espada que atingia a malha das criaturas como se fosse tecido. Um dos Defensores morreu, e o outro saiu atrás de um Trolloc ferido, o único sobrevivente dos cinco. Quando Rand retornou correndo à colunata, havia cheiro de carne queimada vindo do aposento abaixo e muitos corpos queimados no chão, mas nenhum sinal de Moiraine ou de Lan.

Foi assim a disputa pela Pedra. Ou a disputa pela vida de Rand. Batalhas surgiam e desapareciam por onde haviam começado, ou

terminavam quando um dos lados sucumbia. Não havia apenas homens lutando contra Myrddraal. Havia homens lutando contra homens, Amigos das Trevas se colocavam ao lado de criaturas da Sombra, sujeitos malvestidos, com cara de ex-soldados e agitadores de tavernas. Pareciam ter tanto medo dos Trollocs quanto os tairenos, mas matavam tão indiscriminadamente quanto eles, por onde passavam. Por duas vezes, Rand de fato viu Trollocs lutando contra Trollocs. Só podia presumir que os Myrddraal haviam perdido o controle sobre as criaturas, e a sede de sangue os sobrepujara. Se desejassem acabar uns com os outros, que assim fosse.

Então, outra vez sozinho e à procura, ele dobrou um corredor e topou com três Trollocs, cada um com o dobro de sua largura e quase o dobro da altura. Um deles, com um bico curvo de águia projetado no que poderia ser um rosto humano, arrancava um dos braços do corpo de uma nobre tairena, enquanto os outros dois assistiam à cena, ávidos, lambendo os focinhos. Trollocs comiam qualquer coisa, desde que fosse carne. Era difícil saber quem ficara mais surpreso, Rand ou os Trollocs, mas foi ele quem se recuperou primeiro.

O que tinha o bico de águia desabou, depois que a espada de Rand lhe atravessou a malha e a barriga. A forma chamada Lagarto no Espinheiro teria bastado para dar conta dos outros dois, mas aquele primeiro Trolloc caído, ainda se debatendo, deu um coice no pé de Rand, fazendo-o cambalear. A lâmina de fogo pôde apenas traçar um talho na malha do alvo, bem na trajetória do segundo Trolloc, que desabou, o focinho de lobo rosnando para o nada. A criatura o esmagou contra os azulejos de pedra, prendendo tanto braço quanto espada. O que ainda estava de pé, ergueu o machado com ponteira, abrindo o mais próximo de um sorriso que focinho e presas de javali permitiam. Rand lutou para se mover, para respirar.

Uma espada curva em forma de foice rasgou o focinho de javali até o pescoço.

Dando um puxão para libertar a lâmina, um quarto Trolloc arreganhou os dentes para ele em um rosnado, as orelhas tremulando atrás dos chifres. Então deu um salto e foi embora, os cascos afiados estalando nos azulejos do chão.

Rand, meio atônito, saiu de debaixo do Trolloc morto. *Um Trolloc me salvou. Um Trolloc?* Estava coberto de sangue daquelas criaturas, um líquido espesso e escuro. Bem mais à frente, no corredor, na direção oposta de onde viera a criatura salvadora com chifres de bode, um brilho branco-azulado cintilou onde dois Myrddraal se movimentavam. Lutavam entre si, tão rápido que seus braços não passavam de borrões. Um fez o outro recuar para um cruzamento com outro corredor, e a luz intermitente sumiu de vista. *Estou louco. É isso o que está acontecendo. Eu estou louco, e isso é um sonho insano.*

— Está arriscando tudo, saindo assim loucamente com essa… essa espada.

Rand virou-se e viu Lanfear. Ela assumira outra vez a aparência de uma moça, não mais velha do que ele, talvez mais jovem. Ergueu as saias brancas e passou por cima da mulher tairena esquartejada. Pela expressão em seu rosto, poderia estar passando por sobre um tronco de árvore.

— Está construindo uma cabana de gravetos — prosseguiu a mulher — quando poderia ter palácios de mármore em um estalar de dedos. Poderia tomar as vidas e as supostas almas dos Trollocs sem o menor esforço, em vez disso permite que eles quase o matam. Precisa aprender. Venha comigo.

— Isso foi coisa sua? — inquiriu. — Aquele Trolloc me salvando? Aqueles Myrddraal? Foi?

Ela o observou por um instante e balançou a cabeça delicadamente, com pesar.

— Se eu levar o crédito, você vai esperar que eu faça de novo, e isso pode ser mortal. Nenhum dos outros tem muita certeza de onde estou, e prefiro assim. Não espere ajuda direta vinda de mim.

— Esperar ajuda? — grunhiu o rapaz. — Você quer que eu me volte para a Sombra. Não vai me fazer esquecer o que você é com palavras gentis.

Rand canalizou, e a mulher foi arremessada até uma tapeçaria de parede com tanta força que soltou um gemido. Ele a segurou ali, estendida sobre a trama de uma cena de caça, os pés acima do chão e o vestido branco como a neve todo achatado. Como foi que conseguira bloquear Egwene e Elayne? Precisava lembrar.

De repente ele voou pelo corredor e se espatifou na parede oposta a Lanfear, esmagado como um inseto por *algo* que mal o deixava respirar.

Já Lanfear parecia não ter problema algum para respirar.

— Tudo o que pode fazer, Lews Therin, eu também posso. E melhor. — Ainda que estivesse presa à parede, ela parecia imperturbável. O ruído de luta ressurgiu em algum ponto próximo, depois esvaneceu, à medida que a batalha foi se afastando. — Você usa a metade da menor fração do que é capaz e foge do que lhe permitiria esmagar todos que se aproximassem. Onde está *Callandor*, Lews Therin? Ainda em seus aposentos, como um enfeite inútil? Acha que as suas mãos são as únicas capazes de empunhá-la, agora que a libertou? Se Sammael estiver aqui, ele vai tomá-la e usá-la contra você. Até Moghedien a tomaria, para impedi-lo de usá-la. A mulher lucraria muito em trocá-la com qualquer homem Escolhido.

Ele lutou contra o que o prendia. Nada se mexia além de sua cabeça, que se sacudia de um lado para o outro. *Callandor* nas mãos de

um homem Abandonado. O pensamento o deixou meio louco de medo e frustração. Rand canalizou, tentou remover o que o prendia, mas não havia nada para remover. Então, de repente, a coisa desapareceu. Ele deu uma guinada para longe da parede, ainda lutando, antes de perceber que estava livre. E não fora obra sua.

Olhou para Lanfear. Ela ainda pendia ali, tão complacente quanto se estivesse tomando ar na margem de um córrego. Tentava aquietá-lo, enganá-lo, para que ele baixasse a guarda. Rand hesitou diante dos fluxos que a continham. Se os soltasse e a liberasse, a mulher poderia derrubar metade da Pedra tentando fugir — isso se algum Trolloc no caminho não acabasse por matá-la confundindo-a com alguém de dentro da Pedra. O pensamento não deveria tê-lo perturbado — não a morte de uma Abandonada — mas a ideia de deixar uma mulher, ou qualquer pessoa, à mercê dos Trollocs lhe causava repulsa. Uma olhadela para ela, serena e impassível, o fez mudar de ideia. Ninguém nem nada na Pedra faria mal àquela mulher enquanto ela fosse capaz de canalizar. Se ele pudesse encontrar Moiraine para blindá-la…

Mais uma vez, Lanfear tomou a decisão das mãos dele. O impacto de fluxos divididos o sacudiu, e ela pousou no chão com delicadeza. Rand assistia enquanto a mulher se afastava da parede, alisando as saias com muita calma.

— Você não pode fazer isso — disse, ofegante como um tolo, e ela sorriu.

— Eu não preciso enxergar um fluxo para desfazê-lo, se souber o que é e onde está. Sabe, você tem muito o que aprender. Gosto de você assim. Sempre foi muito empertigado e seguro de si para o meu gosto. Era sempre melhor quando você tinha um pouco de dúvida em relação aos seus passos. Então, está se esquecendo de *Callandor*?

Rand ainda hesitava. Uma Abandonada estava ao seu lado. E não havia absolutamente nada que pudesse fazer. Ele se virou e correu para *Callandor*. A risada de Lanfear o acompanhou.

Dessa vez, ele não se virou para enfrentar Trollocs ou Myrddraal nem reduziu a marcha ensandecida pela Pedra, a não ser que cruzassem seus passos — era quando a espada esculpida em fogo abria caminho. Viu Perrin e Faile, ele de machado na mão, ela atrás, com as facas. Os Trollocs pareciam relutantes em encarar tanto os olhos amarelos de Perrin quanto a lâmina de seu machado. Rand os deixou para trás sem pensar duas vezes. Se um dos Abandonados tomasse *Callandor*, nenhum dos dois viveria para ver o sol nascer.

Sem fôlego, ele se arrastou pela antessala cheia de colunas, saltando por sobre os mortos que ainda jaziam, tanto Defensores quanto Trollocs, na ânsia de chegar até *Callandor*. Abriu ambas as portas com um solavanco. A Espada Que Não É Espada pairava em seu suporte de douraduras e pedras preciosas, cintilando à luz do sol

poente. Esperando por ele.

Agora que a tinha à vista, a salvo, estava quase relutante em tocá-la. Já utilizara *Callandor* para seu propósito original. Uma única vez. Sabia o que o aguardava se fizesse novamente, se a usasse para atrair a Fonte Verdadeira em um nível muito maior do que qualquer ser humano poderia sozinho. Sentia-se quase incapaz de soltar a lâmina amarelo-avermelhada. Quando a espada desapareceu, Rand quase a chamou de volta.

Arrastando os pés, ele contornou o corpo do Homem Cinza e pousou as mãos no cabo de *Callandor* com delicadeza. Era frio como cristal havia muito na escuridão, mas não suave a ponto de escorregar das mãos.

Algo o fez olhar para cima. Havia um Desvanecido parado na porta, hesitante, o rosto pálido e sem olhos cravado em *Callandor*.

Rand buscou *saidin*. Através de *Callandor*. A Espada Que Não É Espada reluzia em suas mãos, como se ele segurasse o sol do meio-dia. O Poder o preencheu, atingindo seu corpo com o peso de um trovão. A mácula jorrou por dentro dele em uma torrente de escuridão. Rocha fundida corria em suas veias, a frieza dentro dele seria capaz de congelar o sol. Precisava usar aquilo, ou explodiria como um melão podre.

O Myrddraal virou-se para fugir, e de súbito as roupas e armadura negras desabaram no chão, deixando partículas de pó oleoso flutuando no ar.

Rand sequer percebera que estava canalizando. Não seria capaz de explicar o que fizera, nem se sua vida dependesse disso. Porém, nada podia ameaçá-lo enquanto estivesse empunhando *Callandor*. O Poder pulsava dentro dele como o coração do mundo. Com *Callandor* nas mãos, ele podia fazer qualquer coisa. Um fluxo de canalização varreu os restos mortais do Myrddraal para fora da antessala, e também as roupas e a armadura. Um fiozinho de fluxo incinerou tudo. Ele avançou à caça dos que o perseguiam.

Alguns haviam chegado até a antessala. Outro Desvanecido e um grupo de Trollocs acovardavam-se antes de chegar às colunas do lado oposto, encarando as cinzas que pairavam pelo ar, os últimos fragmentos do Myrddraal e de suas roupas. Ao verem Rand com *Callandor* flamejante nas mãos, os Trollocs uivaram feito bestas. O Desvanecido permanecia paralisado, em choque. Rand não lhes deu chance de fugir. Caminhando a passos lentos em sua direção, canalizou, e do mármore negro sob as criaturas da Sombra irromperam chamas tão quentes que ele precisou proteger o corpo com as mãos. Quando Rand alcançou o grupo, as chamas já haviam desaparecido. Nada restava além de círculos embaçados no mármore.

Adentrou à Pedra mais uma vez, e cada Trolloc, cada Myrddraal

que encontrou morreu coroado por chamas. Queimou os que lutavam contra Aiel ou tairenos, e também os que matavam serviçais que tentavam se defender com lanças ou espadas apanhadas dos mortos. Queimava-os enquanto corriam, fossem perseguindo outras vítimas ou fugindo delas. Começou a caminhar mais depressa, trotando, depois correndo, passando por cima dos feridos, caídos e abandonados, e por cima dos mortos. Não era o bastante, não conseguia avançar com tanta rapidez. Apesar de matar Trollocs aos borbotões, ainda sobravam muitos, mesmo que fugidos.

Parou de repente em um largo corredor, rodeado por corpos. Precisava fazer algo — algo mais. O Poder deslizava por seus ossos, pura essência de fogo. Algo mais. O Poder congelava sua medula. Algo para matar todos eles, todos de uma vez. A mácula de *saidin* corria por sobre ele, uma montanha de podridão e imundície que ameaçava enterrar sua alma. Erguendo *Callandor*, recorreu à Fonte, recorreu a ela até sentir que era capaz de gritar gritos de chama congelada. Precisava matar todos.

Bem abaixo do teto, logo acima de sua cabeça, o ar começou a revolver lentamente, girando mais depressa, fervilhando em faixas vermelhas, pretas e prateadas. Girava em torvelinho e ruía para dentro, fervendo com mais intensidade, gemendo ao rodopiar, cada vez menor.

O suor corria pelo rosto de Rand, que observava. Não fazia ideia do que era, só sabia que incontáveis fluxos correntes o conectavam à massa. Tinha massa, um peso que crescia mais e mais enquanto a *coisa* desabava para dentro de si mesma. *Callandor* também se abrilhantava cada vez mais, já tão reluzente que doía olhá-la. Ele fechou os olhos, e a luz ardente ultrapassou as pálpebras. O Poder corria por ele, uma torrente tempestuosa que ameaçava arrastá-lo inteiro. Precisava soltar. Precisava. Forçou-se a abrir os olhos, e foi como olhar para todos os trovões do mundo reduzidos ao tamanho da cabeça de um Trolloc. Precisava… precisava… precisava…

Agora. O pensamento flutuava como uma gargalhada nos limites de sua consciência. Ele separou os fluxos que saíam de seu corpo e deixou a coisa ainda girando, gemendo como uma broca a perfurar um osso. *Agora.*

E os raios desceram, lampejando pelo teto, avançando pelo lado esquerdo e pelo direito como listras prateadas. Um Myrddraal saiu de um corredor lateral, e, antes que conseguisse dar o segundo passo, meia dúzia de faixas reluzentes o golpearam, destruindo-o. As outras faixas continuaram avançando, espalhando-se pelas ramificações do corredor, substituídas por mais e mais erupções a cada segundo.

Rand não tinha ideia do que fizera, nem de como aquilo funcionava. Só conseguia ficar ali, tremendo por causa do Poder que o

preenchia e da necessidade de usá-lo. Mesmo que o destruísse. Podia sentir Trollocs e Myrddraal morrendo, sentir os raios caindo e os matando. Era capaz de matá-los em todos os lugares, em todos os lugares do mundo. Sabia disso. Com *Callandor*, podia fazer qualquer coisa. E, com a mesma certeza, sabia que poderia morrer se tentasse.

Os raios esvaneceram e morreram com a última criatura da Sombra. A massa girante implodiu com um baque alto de ar corrente. Mas *Callandor* ainda reluzia como o sol. Rand tremia com o Poder.

Moiraine estava lá, a doze passadas de distância, encarando-o. O vestido estava limpo, cada vinco de seda azul no lugar, mas algumas mechas dos cabelos estavam desarrumadas. Ela parecia cansada — e chocada.

— Como…? O que você fez, eu acreditava que não fosse possível. — Lan veio quase trotando pelo corredor, espada em punho, rosto ensanguentado, casaco rasgado. Sem tirar os olhos de Rand, Moiraine ergueu a mão, fazendo o Guardião parar próximo a ela. E a certa distância de Rand. Como se o rapaz fosse perigoso demais até para que Lan se aproximasse. — Você está… bem, Rand?

O rapaz desviou o olhar, que acabou recaindo sobre o corpo de uma menina de cabelos escuros, quase ainda uma criança. Ela estava deitada de barriga para cima, os olhos arregalados encarando o teto, sangue escuro no decote do vestido. Com tristeza, Rand se inclinou e afastou uns fios de cabelo do rosto da garota. *Luz, é só uma criança. Cheguei tarde demais. Por que não fiz isso mais cedo? Uma criança!*

— Vou garantir que alguém cuide dela, Rand — disse Moiraine, com a voz gentil. — Você não pode ajudá-la agora.

Sua mão sacudiu *Callandor* com tanta força que ele mal conseguia segurá-la.

— Com isso, eu posso fazer qualquer coisa. — A voz era dura até para seus próprios ouvidos. — Qualquer coisa!

— Rand! — retrucou Moiraine, com urgência na voz.

Ele não deu ouvidos. O Poder estava dentro dele. *Callandor* cintilava, e ele *era* o Poder. Canalizou, direcionando fluxos para o corpo da criança, buscando, tentando, revirando. A menina deu uma guinada e se levantou, os braços e pernas estranhamente rígidos e desconjuntados.

— Rand, você não pode fazer isso. Não isso!

Respirar. Ela precisa respirar. O peito da garota subia e descia. *Coração. Tem que bater.* O sangue, já grosso e escuro, jorrou da ferida no peito. *Viva. Viva, que se queime! Eu não queria que fosse tarde demais.* Os olhos dela o encararam, embotados. Sem vida. Lágrimas desciam pelo rosto de Rand.

— Ela tem que viver! Cure a garota, Moiraine. Não sei fazer. Cure a garota!

— Não há Cura para a morte, Rand. Você não é o Criador.

Encarando aqueles olhos mortos, o rapaz retirou os fluxos lentamente. O corpo estava rígido. O corpo. Ele jogou a cabeça para trás e uivou, louco como um Trolloc. Um fogo trançado silvou pelas paredes e o teto enquanto ele se debatia de dor e frustração.

Desconsolado, soltou *saidin*, afastou-o. Era como empurrar um rochedo, como repelir a vida. Suas forças se exauriram junto com o Poder. No entanto, a mácula permanecia, o peso de uma mancha negra sobre seus ombros. Precisou fincar *Callandor* nos azulejos do chão e apoiar-se nela para conseguir se manter de pé.

— Os outros. — Era difícil falar, a garganta doía. — Elayne, Perrin, o restante? Eu também cheguei tarde demais para eles?

— Você não chegou tarde demais — disse Moiraine, muito calma. Mas não se aproximava, e Lan parecia preparado para saltar entre ela e Rand. — Você não deve…

— Eles ainda estão vivos? — gritou Rand.

— Estão — garantiu a mulher.

Ele assentiu, exausto e aliviado. Tentou não encarar o corpo da menina. Três dias de espera para aproveitar alguns beijos roubados. Se tivesse feito algum movimento três dias antes… Mas aprendera coisas durante esses três dias, coisas que poderia usar se fosse capaz de colocá-las em ordem. Se. Pelo menos não fora tarde demais para os amigos. Não fora tarde demais para eles.

— Como foi que os Trollocs entraram? Acho que eles não sabem escalar paredes como os Aiel, não com o céu ainda claro. — Sacudiu a cabeça para dissipar um pouco da confusão. — Não importa. Os Trollocs. Como?

Foi Lan quem respondeu.

— Oito imensas barcaças de grãos atracaram no cais da Pedra hoje à tarde. Parece que ninguém pensou em perguntar por que barcaças abarrotadas de grãos estariam *descendo* o rio — disse ele, a voz cheia de desprezo — nem por que atracaram na Pedra, ou por que as tripulações mantiveram as escotilhas fechadas quase até o cair do sol. Além disso, um comboio de carroções chegou há cerca de duas horas. Eram trinta, supostamente trazendo as coisas de algum lorde do campo de volta à Pedra. Quando as lonas foram erguidas, viram que estavam cheias de Meio-homens e Trollocs. Se chegaram por algum outro meio, eu ainda não sei.

Rand assentiu outra vez, e o esforço o fez dobrar os joelhos. Lan se aproximou de repente, puxando o braço de Rand pelos ombros para erguê-lo. Moiraine segurou seu rosto. Um arrepio percorreu seu corpo. Não era a explosão gelada da Cura plena, mas um calafrio que levou a fadiga embora. A maior parte da fadiga. Um grãozinho permanecera, como se ele tivesse passado o dia carpindo tabaco. Rand soltou o

apoio, que não era mais necessário. Lan o observava, receoso, para verificar se o rapaz era mesmo capaz de manter-se de pé, ou talvez o Guardião não estivesse muito certo do perigo que ele representava, de sua sanidade.

— Deixei um pouco de propósito — disse Moiraine. — Você precisa dormir hoje à noite.

Dormir. Havia muito a fazer para dormir. Mas ele assentiu mais uma vez. Não queria vê-la em sua cola. Ainda assim, o que disse foi:

— Lanfear esteve aqui. Isso não foi obra dela. Ela disse, e eu acredito. Você não parece surpresa, Moiraine. — Será que a oferta de Lanfear a surpreenderia? Será que algo a surpreenderia? — Lanfear esteve aqui, e nós conversamos. Ela não tentou me matar, e eu não tentei matá-la. E você não está surpresa.

— Duvido que você fosse capaz de matá-la. Por enquanto. — Ela lançou a *Callandor* um olhar de esguelha, um mero tremeluzir de olhos. — Não sem ajuda. E duvido que ela tente matar você. Por enquanto. Sabemos muito pouco sobre qualquer um dos Abandonados, e menos ainda sobre Lanfear, mas sabemos que ela amava Lews Therin Telamon. Dizer que você está a salvo dela sem dúvida é um exagero, pois ela pode machucá-lo de inúmeras formas sem precisar matá-lo, mas acho que ela não é capaz de matá-lo enquanto pensar que pode ter Lews Therin de volta.

Lanfear o desejava. A Filha da Noite, usada por mães que mal acreditavam em sua existência para amedrontar as crianças. Ela sem dúvida o amedrontava. Aquilo era quase o bastante para fazê-lo rir. Sempre se sentira culpado por olhar para qualquer mulher que não fosse Egwene, e agora Egwene não o queria, mas a Filha-herdeira de Andor desejava beijá-lo, no mínimo, e uma Abandonada dizia que o amava. Era quase engraçado, mas não muito. Lanfear parecia sentir ciúmes de Elayne, Chamava-a de pálida e medrosa. Loucura. Tudo loucura.

— Amanhã.

Ele começou a se afastar.

— Amanhã? — perguntou Moiraine.

— Amanhã vou contar a vocês o que farei. — Uma parte, pelo menos. Ao pensar na expressão que Moiraine faria caso ele revelasse tudo, sentiu vontade de rir. Isso se ele mesmo soubesse de tudo. Lanfear quase lhe entregara a última peça, sem saber. Mais um passo, hoje à noite. A mão que segurava *Callandor* a seu lado tremia. Com aquela espada, ele poderia fazer qualquer coisa. *Ainda não enlouqueci. Ainda não enlouqueci a este ponto.* — Amanhã. Queira a luz que todos tenhamos uma boa noite.

No dia seguinte, começaria a liberar outro tipo de raios. Raios que talvez fossem capazes de salvá-lo. Ou matá-lo. Ainda não

enlouquecera.

11



O que Jaz escondido

Vestida apenas com sua anágua folgada, Egwene respirou fundo e deixou o anel de pedra ao lado de um livro aberto no criado-mudo. Todo rajado de marrom, vermelho e azul, era largo demais usar no anelar e tinha uma forma estranha, meio achatado e torto, de modo que, se alguém passasse um dedo pela borda de fora, acabaria percorrendo também a de dentro. Havia *apenas* uma borda, por mais impossível que parecesse. Ela não estava deixando o anel ali porque sem ele poderia falhar, nem porque desejava falhar. Faria isso porque, mais cedo ou mais tarde, precisaria tentar sem o anel, ou jamais conseguiria fazer mais que molhar os dedos nas águas onde sonhava nadar. Poderia muito bem ser agora. Era essa a razão. Era essa.

O livro grosso de capa dura era *Uma jornada para Tarabon*, de Eurian Romavni, nativo de Kandor — pela data informada pelo autor na primeira linha, o livro fora escrito cinquenta e três anos antes, mas pouco mudara em Tanchico, em tão pouco tempo. Além do mais, fora o único volume que a jovem conseguira encontrar com ilustrações úteis. A maioria dos livros continha apenas retratos de reis ou imagens fantasiosas de batalhas reproduzidas por homens que não as haviam assistido.

A escuridão cobria ambas as janelas, mas os lampiões forneciam luz mais do que suficiente. Uma comprida vela de cera de abelha queimava em um castiçal dourado na mesinha de cabeceira. Ela mesma a apanhara, aquela não era uma boa-noite para pedir velas aos serviçais. A maioria estava cuidando dos feridos, pranteando os entes

queridos ou sendo, eles mesmos, cuidados. O número era grande demais, então só era possível Curar os que corriam risco de vida.

Elayne e Nynaeve aguardavam em cadeiras de espaldar alto dispostas de cada lado da cama larga e de colunas altas com entalhes de andorinhas. Tentavam, com diferentes graus de sucesso, esconder o nervosismo. Elayne exibia uma tranquilidade majestosa e bem razoável, estragada apenas pelo franzir do cenho e pelas mordidas nos lábios quando pensava que Egwene não estava olhando. Nynaeve demonstrava uma confiança quase ríspida, que costumava ser reconfortante para a pessoa que ela ajudava a botar de repouso em uma cama macia, mas Egwene reconheceu a expressão em seus olhos. Eles revelavam seu medo.

Aviendha estava sentada de pernas cruzadas ao lado da porta, os tons marrons e cinza destacando-se no azul-escuro do carpete. Dessa vez, a Aiel levava a faca de lâmina comprida em um dos lados do cinto e uma aljava no outro, além de quatro lanças curtas que se encontravam sobre seus joelhos. O pequeno broquel redondo estava à mão, disposto em cima de um arco de chifre enfiado em um estojo de couro trabalhado, com tiras para prender nas costas. Depois da noite que tiveram, Egwene não a culpava por andar armada. Ela mesma desejava ter um raio prontinho para arremessar.

Luz, o que foi *que Rand fez? Que o queime, ele me assustou quase tanto quanto os Desvanecidos. Talvez até mais. Não é justo ele ser capaz de fazer algo assim e eu não conseguir sequer ver os fluxos.*

Ela subiu na cama, apoiou o livro de capa de couro nos joelhos e franziu o cenho para um mapa de Tanchico. Na verdade, não havia nada de muito útil marcado. Uma dúzia de fortalezas ao redor do ancoradouro, guardando a cidade em suas três penínsulas montanhosas, Verana a leste, Maseta no centro e Calpene mais perto do mar. Inúteis. Várias praças grandes, algumas áreas abertas que pareciam ser parques, diversos monumentos a governantes que havia muito tinham virado pó. Tudo inútil. Alguns palácios e outras coisas que pareciam estranhas. O Grande Círculo, por exemplo, em Calpene. No mapa era apenas um círculo, mas Mestre Romavni o descrevia como uma enorme assembleia capaz de reunir milhares de espectadores para corridas de cavalos ou exibições de fogos de artifício dos Iluminadores. Havia também um Círculo do Rei, em Maseta, que era ainda maior que o Grande Círculo, e um Círculo da Panarca, em Verana, que era apenas um pouquinho menor. A Casa do Capítulo da Guilda de Iluminadores também estava marcada. Era tudo inútil. O texto sem dúvida também não tinha serventia.

— Tem certeza de que quer tentar sem o anel? — perguntou Nynaeve, baixinho.

— Tenho — respondeu Egwene, com toda a calma que pôde. Seu

estômago estava tão embrulhado quanto no instante em que vira o primeiro Trolloc aquela noite, erguendo a pobre mulher pelos cabelos e cortando sua garganta como se ela fosse um coelho. A mulher também gritara feito um coelho. Matar o Trolloc não adiantara de nada, a mulher continuava tão morta quanto a criatura. Mas o guincho penetrante que ela soltara não saía de sua cabeça. — Se não funcionar, sempre dá para tentar de novo, com o anel. — Ela se inclinou e marcou a vela com o polegar. — Me acordem quando queimar até aqui. Luz, queria que a gente tivesse um relógio.

Elayne soltou uma risada, um gorjeio jovial que quase soou forçado.

— Relógio dentro do quarto? Minha mãe tem um monte de relógios, mas nunca ouvi falar de um que ficasse dentro de um quarto.

— Bom, meu pai tem um relógio só — resmungou Egwene — o único da aldeia inteira, e eu queria tê-lo aqui comigo. Será que a vela queima isso tudo em uma hora? Não quero dormir mais do que isso. Me acordem assim que a chama atingir a marca. Assim que atingir!

— Pode deixar — disse Elayne, confortando-a. — Eu prometo.

— O anel de pedra — disse Aviendha, de repente. — Já que você não está usando, Egwene, será que alguém… alguma de nós… não poderia usar para ir com você?

— Não — murmurou Egwene. *Luz, queria que todas elas pudessem vir comigo.* — Mas obrigada por pensar nisso.

— É só você quem pode usar o anel, Egwene? — perguntou a Aiel.

— Qualquer uma de nós pode — respondeu Nynaeve — até você, Aviendha. Não é preciso que uma mulher saiba canalizar, basta dormir com o anel tocando a pele. Pelo que sabemos, pode ser que até um homem consiga. Mas não conhecemos *Tel'aran'rhiod* tão bem quanto Egwene, não sabemos as regras de lá.

Aviendha assentiu.

— Entendo. Uma mulher pode cometer erros em lugares desconhecidos, e esses erros podem acabar causando a morte de outros ou dela mesma.

— Isso mesmo — concordou Nynaeve. — O Mundo dos Sonhos é um lugar perigoso. Isso, pelo menos, nós sabemos.

— Mas Egwene vai tomar cuidado — acrescentou Elayne, dirigindo-se a Aviendha, mas obviamente falando para a própria Egwene. — Ela prometeu. Vai olhar a área com bastante cautela, nada mais.

Egwene se concentrou no mapa. Com cautela. Se não tivesse tanto ciúme de seu anel de pedra — considerava-o seu. Talvez o Salão da Torre não concordasse, mas não sabiam que ela o possuía — se tivesse deixado Elayne ou Nynaeve usarem-no mais de uma ou duas vezes,

talvez elas já soubessem o suficiente para irem com ela. Contudo, não era arrependimento que a fazia evitar encarar as outras mulheres. Não queria que elas vissem o medo em seus olhos.

Tel'aran'rhiod. O Mundo Invisível. O Mundo dos Sonhos. Não os sonhos das pessoas comuns, embora às vezes elas tocassem *Tel'aran'rhiod* por um breve momento, em sonhos que pareciam verdadeiros como a vida. Porque eram. No Mundo Invisível, o que acontecia era real, de uma forma estranha. Nada do que acontecia lá afetava o que existia — uma porta aberta no Mundo Invisível permaneceria fechada no mundo real, uma árvore derrubada lá ainda estaria de pé ali — mas uma mulher podia ser morta nesse outro mundo, ou até estancada. "Estranho" era muito pouco para descrever. No Mundo Invisível o mundo inteiro jazia aberto, e talvez também outros mundos. Era possível chegar a qualquer lugar. Ou, pelo menos, o reflexo da pessoa no Mundo dos Sonhos podia chegar a qualquer lugar. Lá, a trama do Padrão podia ser lida — passado, presente e futuro — por qualquer um que tivesse essa capacidade. Por um Sonhador. Não houvera um Sonhador na Torre desde Corianin Nedeal, quase quinhentos anos antes.

Quatrocentos e setenta e três anos, para ser mais exata, pensou Egwene. *Ou será que já faz quatrocentos e setenta e quatro? Quando foi que Corianin morreu?* Se Egwene houvesse tido a chance de terminar o treinamento de noviça na Torre e de estudar lá como Aceita, talvez soubesse. E já poderia ter aprendido tantas outras coisas.

Havia uma lista na bolsa de Egwene com todos os *ter'angreal* — a maioria pequena o bastante para caber dentro de um bolso — que haviam sido roubados pelas integrantes da Ajah Negra que fugiram da Torre. Cada uma das três tinha uma cópia. Treze dos *ter'angreal* roubados eram acompanhados das observações "uso desconhecido" e "última análise realizada por Corianin Nedeal". Porém, ainda que Corianin Sedai de fato não tivesse desvendado a serventia dos objetos, Egwene tinha certeza de uma coisa que faziam. Permitiam a entrada em *Tel'aran'rhiod*. Talvez não com a mesma facilidade do anel de pedra, e talvez não sem a necessidade de canalizar, mas permitiam.

Haviam recuperado dois itens da lista com Joiya e Amico: um disco de ferro de três polegadas de comprimento com uma espiral estreita traçada de ambos os lados e uma placa pouco menor que sua mão com uma mulher adormecida entalhada no meio. Essa segunda era de um material que parecia ser âmbar-claro, mas firme o bastante para arranhar aço. Amico falara abertamente a respeito deles. Joiya também, depois de uma sessão a sós com Moiraine em sua cela, o que deixara a Amiga das Trevas pálida e quase cortês. Quem canalizasse um fluxo de Espírito em cada um dos *ter'angreal* caía no sono e entrava em *Tel'aran'rhiod*. Elayne tentara usar ambos por um tempo,

com sucesso, mas conseguiu ver apenas o interior da Pedra e do Palácio Real de Morgase, em Caemlyn.

Egwene não queria que ela tentasse, por mais fugaz que fosse a visita, mas não por ciúmes. Não fora muito eficaz no debate, pois tivera medo de que Elayne e Nynaeve percebessem o que havia em sua voz.

Dois recuperados significavam que onze ainda estavam com a Ajah Negra. Esse era o ponto que Egwene tentara defender. Onze *ter'angreal* capazes de levar uma mulher a *Tel'aran'rhiod*, todos nas mãos das irmãs Negras. Em suas breves viagens pelo Mundo Invisível, Elayne poderia ter encontrado a Ajah Negra à sua espera ou ido na direção delas antes de saber que estavam lá. O pensamento fez o estômago de Egwene se revirar. As mulheres podiam estar esperando por ela naquele exato momento. Não era provável, pelo menos, não de propósito — como saberiam que ela estava chegando? Mas poderiam estar lá quando ela entrasse. Conseguia enfrentar uma sozinha, a não ser que fosse pega de surpresa, e não permitiria tal coisa. Mas e se duas a surpreendessem? Ou três? Liandrin e Rianna, Chesmal Emry e Jeane Caide, ou todas as outras ao mesmo tempo?

Franzindo a testa para o mapa, ela afrouxou os punhos, que já estavam com as juntas brancas. Depois dos acontecimentos daquela noite, o tempo urgia. Se as criaturas da Sombra conseguiam atacar a Pedra, se algum dos Abandonados podia aparecer de repente ali no meio, Egwene não podia se dar ao luxo de sucumbir ao medo. As três precisavam saber o que fazer. Tinham de ter algo para se basear além da vaga história de Amico. Alguma coisa. Se ao menos ela pudesse descobrir onde estava Mazrim Taim, em que ponto da viagem a Tar Valon, ou se conseguisse dar um jeito de entrar nos sonhos da Amyrlin e falar com ela. Talvez essas coisas fossem possíveis para uma Sonhadora. Se eram, ela não sabia como. Tanchico era tudo o que tinha para trabalhar.

— Preciso ir sozinha, Aviendha. Preciso. — Pensou que a voz estava firme e calma, mas Elayne deu um tapinha em seu ombro.

Egwene não sabia por que verificava tanto o mapa. Já o decorara, já sabia se orientar perfeitamente. O que quer que existisse neste mundo, existia no Mundo dos Sonhos, e às vezes ainda mais, sem dúvida. Ela já escolhera o lugar para onde ia. Folheou o livro até chegar à única figura que mostrava o interior de um edifício nomeado no mapa, o Palácio da Panarca. Não adiantaria de nada acabar em um edifício sem saber sua localização na cidade. De nada ajudaria, em nenhum dos casos. Tirou a ideia da cabeça. Tinha de acreditar que havia alguma chance.

A gravura mostrava um amplo salão com pé-direito alto. Uma corda estendida entre pilares da altura de sua cintura impedia

qualquer um de se aproximar dos objetos expostos em suportes e armários abertos nas paredes. A maioria dos objetos não tinha uma forma muito distinta, exceto o que se encontrava no canto extremo do recinto. O artista se esforçara muito para retratar o gigantesco esqueleto, como se o resto da criatura tivesse desaparecido naquele exato instante. Tinha quatro pernas de ossos robustos, mas não se parecia com qualquer animal que Egwene já vira. Para começar, de pé deveria ter pelo menos duas braças de altura, bem mais que o dobro da dela. O crânio redondo, afundado nos ombros como o de um touro, parecia grande o suficiente para comportar uma criança, e, na imagem, quatro globos oculares despontavam. O esqueleto distinguia o aposento em relação a todos os outros, não havia como confundi-lo. Fosse lá o que fosse. Se Eurian Romavni sabia o que era aquilo, não tinha registrado a informação no livro.

— O que é uma panarca, afinal? — perguntou, deitando o livro de lado. Examinara a figura mais de dez vezes. — Todos esses autores parecem presumir que a gente já saiba.

— A Panarca de Tanchico tem autoridade equivalente à do rei — recitou Elayne. — Ela é responsável por coletar impostos e taxas alfandegárias, enquanto ele os gasta de forma apropriada. Ela controla a Guarda Civil e os tribunais, exceto o Alto Tribunal, que é do rei. O exército é dele, claro, exceto pela Legião da Panarca. Ela…

— Na verdade, eu não estava interessada. — Egwene suspirou. Só estava puxando papo para adiar por alguns instantes o que teria de fazer. A vela queimava, desperdiçando minutos preciosos. Sabia como sair do sonho quando quisesse, como acordar sozinha, mas o tempo passava de forma diferente no Mundo dos Sonhos, e era fácil perder a noção. — Assim que atingir a marca — disse, e Elayne e Nynaeve murmuraram em concordância.

Ajeitando-se nos travesseiros de plumas, a princípio apenas encarou o teto pintado de azul-celeste, com nuvens e andorinhas voejantes. Mas não reparou nos desenhos.

Seus sonhos andavam muito ruins ultimamente, pelo menos a maioria. Rand estava neles, sem dúvida. Rand do tamanho de uma montanha, caminhando pelas cidades, esmagando prédios sob seus pés, com gente diminuta feito formigas gritando e fugindo dele. Rand acorrentado, gritando. Rand construindo um muro, ele de um lado e ela do outro, junto com Elayne e outras mulheres indistinguíveis. “Preciso fazer isso”, dizia ele, enquanto empilhava as pedras. “Não vou deixar vocês me impedirem.” Esses não eram os únicos pesadelos. Egwene sonhara com Aiel lutando entre si, matando uns aos outros, até largando as armas e correndo, como se tivessem enlouquecido. Mat lutando com uma mulher Seanchan que o prendera a uma corrente invisível. Um lobo, que tinha certeza de que era Perrin,

lutando com uma mulher cujo rosto ficava se transformando. Galad envolvendo a si mesmo em um pano branco, como se vestisse a própria mortalha, e Gawyn com os olhos cheios de sofrimento e ódio. Sua mãe chorando. Esses eram os sonhos realistas, os que ela sabia que queriam dizer alguma coisa. Eram terríveis, e Egwene não sabia o significado de nenhum. Como pudera deduzir que encontraria qualquer dica ou resposta em *Tel'aran'rhiod*? Mas não havia escolha. A única alternativa era a ignorância, e não podia escolher isso.

Apesar da ansiedade, dormir não era problema: estava exausta. Era só questão de fechar os olhos e respirar profundamente, de forma regular. Fixou os pensamentos no aposento do Palácio da Panarca e no imenso esqueleto. Respirações profundas e regulares. Podia lembrar como era a sensação de usar o anel, o passo para adentrar *Tel'aran'rhiod*. Respirações — profundas — regulares.

Egwene deu um passo atrás, ofegante, com uma das mãos na garganta. De perto, o esqueleto parecia ainda maior do que ela imaginara, os ossos brancos, secos e descorados. Estava parada bem diante dele, dentro da corda. Uma corda branca, da grossura de seu pulso, que parecia ser de seda. Não teve dúvida de que estava em *Tel'aran'rhiod*. Os detalhes eram sutis como a realidade, mesmo do que ela via com o canto do olho. Até o fato de ter consciência das diferenças entre este sonho e outro comum informavam onde estava. Além do mais, parecia… certo.

Egwene abriu-se a *saidar*. Se cortasse o dedo no Mundo dos Sonhos, o corte ainda existiria quando ela acordasse. Não haveria como acordar de um golpe mortal com o Poder, ou mesmo de uma espada ou porrete. E não pretendia ficar vulnerável por um instante sequer.

Em vez do vestido, usava algo muito mais parecido com a indumentária de Aviendha, mas em seda vermelha brocada. Mesmo as botas macias, amarradas até os joelhos, eram de um couro vermelho flexível, usado em luvas, com costuras e rendas douradas. Ela riu para si mesma, baixinho. As roupas em *Tel'aran'rhiod* eram o que a pessoa desejava que fossem. Parecia que uma parte dela queria ser capaz de se movimentar com agilidade, enquanto a outra queria estar pronta para um baile. Não era uma boa escolha. O vermelho esvaneceu para tons de cinza e marrom, casaco, calças e botas se transformaram em cópias exatas das usadas pelas Donzelas. Não era melhor, na verdade, não em uma cidade. De súbito, viu-se dentro de uma réplica dos vestidos que Faile costumava usar, escuros, com saias estreitas e divididas, mangas compridas e um corpete alto e flexível. *É bobagem me preocupar com isso. Ninguém vai me ver, a não ser dentro dos sonhos, e poucos sonhos comuns chegam aqui. Não faria diferença se eu estivesse*

nua.

Por um instante, *ficou* nua. Seu rosto enrubesceu de vergonha. Não havia ninguém ali para vê-la, despida como se fosse tomar banho, e ela mais que depressa trouxe de volta o vestido escuro, mas deveria ter se lembrado de como os pensamentos perdidos eram capazes de afetar as coisas por aqui, sobretudo quando abraçada ao Poder. Elayne e Nynaeve pensavam que ela sabia tantas coisas. Egwene conhecia algumas regras do Mundo Invisível, mas sabia que havia outras centenas, milhares, desconhecidas. Precisava dar um jeito de aprendê-las, se quisesse ser a primeira Sonhadora da Torre desde Corianin.

Olhou o crânio imenso mais de perto. Crescera em uma vila do interior e sabia que aspecto tinham os ossos de animais. Não eram quatro globos oculares, afinal. Dois na verdade pareciam ser buracos para algum tipo de presa, de cada um dos lados onde houvera um nariz. Algum tipo de javali monstruoso, talvez, embora não se parecesse com o crânio de qualquer porco que ela já vira. Parecia antigo. Muito antigo.

Abraçando o Poder, era capaz de sentir coisas como essa, nesse lugar. A habitual exacerbação dos sentidos ainda acontecia, é claro. Podia sentir rachaduras diminutas nos ornamentos de gesso dourado que cobriam o teto, a cinquenta pés de altura, e o polimento liso do chão de pedras brancas. Rachaduras infinitesimais, invisíveis aos olhos, espalhadas também pelas pedras do chão.

O aposento era gigantesco, talvez com duzentas passadas de comprimento e quase a metade de largura, ostentando fileiras de colunas estreitas e brancas. Aquela corda branca circulava por toda a extensão, exceto onde havia portas, com arcos de duas pontas. Mais cordas envolviam suportes de madeira polida e armários contendo outros objetos expostos. Bem em cima, sob o teto, uma padronagem elaborada de pequeninos entalhes perfurava as paredes, deixando entrar bastante luz. Ao que parecia, ela se transportara em sonho a uma Tanchico durante o dia.

"Uma grande exposição de artefatos de Eras há muito findadas, da Era das Lendas e de Eras anteriores, abertas a todos, até aos plebeus, por três dias no mês e em dias de festival", escrevera Eurian Romavni. Ele fizera elogios à inestimável coleção de estatuetas *cuendillar*, seis delas, que ficava em um estojo de vidro no centro do salão, sempre vigiada por quatro dos guardas pessoais da Panarca, quando era permitida a entrada de pessoas, e passara duas páginas discorrendo sobre as ossadas de bestas fabulosas "jamais vistas com vida pelos olhos dos homens". Egwene estava vendo algumas dessas. Em um dos cantos do salão, havia o esqueleto de algo que parecia um urso, se ursos tivessem dois dentes frontais do tamanho de seu antebraço. Do lado oposto, jazia a ossada de alguma besta esguia de quatro patas,

com um pescoço tão comprido que o crânio chegava à metade da altura das paredes. Havia mais, espalhados pelas paredes do salão, igualmente fantásticos. Todos pareciam antigos o bastante para fazer a Pedra de Tear parecer recém-construída. Ela se abaixou por sob a barreira de cordas e percorreu o salão lentamente, olhando tudo.

Uma estatueta desgastada pelo tempo exibia uma mulher aparentemente sem roupas, envolta em cabelos que caíam até os tornozelos. A princípio era similar às outras que estavam no mesmo estojo, todas não muito maiores do que a mão de Egwene. No entanto, emitia uma impressão de calor suave que ela reconhecia. Era um *angreal*, teve certeza. Perguntou-se por que a Torre não conseguira tomá-lo da Panarca. Um colar de elos delicados e dois braceletes de metal preto fosco, sozinhos em um suporte, a fizeram estremecer. Ela sentiu escuridão e dor associados a eles — uma dor aguda e muito, muito antiga. Uma coisa prateada em outro armário, algo que mais parecia uma estrela de três pontas dentro de um círculo, não era feita de qualquer substância que ela conhecesse. Era mais macia que metal, toda arranhada e cheia de goivaduras, porém ainda mais antiga do que qualquer um dos ossos. A dez passadas de distância, podia sentir orgulho e vaidade.

Uma coisa de fato parecia familiar, embora ela não fosse capaz de identificar o motivo. Enfiada em um canto de um dos armários, como se quem a tivesse posto ali não soubesse ao certo se era digna de ser exibida, jazia a metade superior de uma estatueta quebrada, entalhada em alguma pedra branca brilhante. Retratava uma mulher com uma das mãos erguidas, segurando uma esfera de cristal com a expressão calma, cheia de dignidade e de sábia autoridade. Quando inteira, deveria ter um pé de altura. Mas por que era tão familiar? O objeto parecia quase convidar Egwene a pegá-lo.

Foi só depois que os dedos de Egwene se fecharam na estatueta quebrada que ela percebeu que passara por cima da corda. *Uma tolice, se não sei o que é*, pensou, mas já era tarde demais.

Quando a mão agarrou a estatueta, o Poder jorrou em torrente para dentro dela, de volta para a figura quebrada, depois para ela, para a figura e de volta, para dentro e de volta. A esfera de cristal tremeluzia em clarões espasmódicos e sombrios, e seu cérebro sofreu pontadas dolorosas a cada clarão. Com um soluço de agonia, ela soltou a estatueta e apertou as mãos na cabeça.

A esfera de cristal se estilhaçou quando a estatueta caiu no chão e partiu-se em pedaços, e as pontadas em seu cérebro cessaram, deixando apenas uma lembrança embotada da dor e uma náusea que fez seus joelhos tremerem. Egwene fechou os olhos com força para não ver o quarto se deslocando. A estatueta só podia ser um *ter'angreal*, mas por que a machucara daquela forma simplesmente ao

tocá-la? Talvez porque estivesse quebrado. Talvez, quebrado, não pudesse fazer aquilo a que se destinava. Ela nem mesmo queria pensar qual teria sido seu propósito. Testar *ter'angreal* era sempre perigoso. Pelo menos deveria estar irremediavelmente quebrado. Ali, pelo menos. *Por que ele parecia me chamar?*

A náusea foi embora, e ela abriu os olhos. A estatueta estava de volta na prateleira, tão inteira quanto da primeira vez em que a vira. Coisas estranhas aconteciam em *Tel'aran'rhiod*, mas aquilo era mais estranho do que o que ela desejava ver. E não fora por isso que viera. Primeiro precisava encontrar a saída do Palácio da Panarca. Passando de volta por cima da corda, ela saiu depressa do salão, tentando não correr.

Não havia sinal de vida no palácio, naturalmente. De vida humana, pelo menos. Peixes coloridos nadavam em grandes fontes, que esguichavam água, alegremente, nos pátios rodeados por varandas e calçadas cercadas de colunas delicadas, protegidas por trabalhos de cantaria que mais pareciam renda entalhada em padronagens intrincadas. Nas águas, flutuavam lótus com flores brancas do tamanho de pratos de jantar. No Mundo dos Sonhos, os lugares eram como no chamado mundo real. Só não havia gente. Lustres dourados muito elaborados ocupavam os corredores com pavios ainda não queimados, mas ela sentia o aroma do óleo perfumado. Seus pés não levantavam poeira dos carpetes luminosos, que sem dúvida nunca haviam sido pisados. Não ali.

Em dado momento, viu outra pessoa caminhando à sua frente, um homem de armadura de placa e malha douradas e ornamentadas, levando debaixo do braço um capacete dourado e pontudo com uma crista de plumas de garçota branca.

— Aeldra. — chamou o homem, sorrindo. — Aeldra, venha olhar para mim. Fui nomeado Senhor Capitão da Legião da Panarca. Aeldra? — Ele deu mais um passo à frente, ainda chamando, e de repente desapareceu. Não era um Sonhador. Não era sequer alguém usando um *ter'angreal* como seu anel de pedra ou o disco de ferro de Amico. Era apenas um homem cujo sonho chegara a um lugar do qual ele não tinha consciência, com perigos que desconhecia. Era comum que pessoas que morriam de repente durante o sono na verdade tivessem ido a *Tel'aran'rhiod* em seus sonhos e morrido por lá. Mas ele já se fora, de volta a um sonho comum.

Em Tear, a vela queimava ao lado da cama. Seu tempo em *Tel'aran'rhiod* estava se extinguindo.

Egwene apressou o passo e chegou diante de portas altas e entalhadas que levavam ao exterior, a uma ampla escadaria branca e uma imensa praça vazia. Tanchico se expandia para todas as direções ao longo de colinas íngremes, prédios brancos atrás de prédios

brancos, todos reluzentes sob o sol, pontuados por centenas de torres finas e quase a mesma quantidade de domos pontiagudos, alguns dourados. O Círculo da Panarca, uma muralha alta e redonda de pedra branca, ficava à plena vista, a menos de meia milha de distância. Era apenas um pouco mais baixa que o Palácio da Panarca, que erguia-se no topo de uma das colinas mais elevadas. No topo da gigantesca escadaria, Egwene estava a uma altura suficiente para ver água brilhando a oeste, as baías que a separavam de outros dedos montanhosos onde ficava o restante da cidade. Tanchico era maior que Tear, talvez maior que Caemlyn.

Tanto a vasculhar, e ela nem sequer sabia em busca de quê. De algo que sugerisse a presença da Ajah Negra ou que indicasse algum tipo de perigo para Rand, se ambos existissem por ali. Se fosse uma Sonhadora de verdade, treinada no uso de seu talento, saberia o que procurar, saberia como interpretar o que via. Mas não restara ninguém para ensiná-la. As Sábias Aiel supostamente sabiam decifrar sonhos. Aviendha fora tão relutante em falar sobre as Sábias que Egwene não perguntara a nenhuma das outras Aiel. Talvez uma Sábia pudesse instruí-la. Se ela conseguisse encontrar alguma.

Deu um passo em direção à praça e de repente viu-se em outro lugar.

Imensas torres de pedra erguiam-se à sua volta, produzindo um calor que sugava toda a umidade da respiração. O sol parecia assá-la por baixo do vestido, e a brisa que soprava em seu rosto parecia saída de um forno. Havia árvores retorcidas aqui e ali, e a paisagem quase não tinha vegetação, exceto por esparsos trechos de grama grossa e algumas plantas espinhosas que Egwene não soube identificar. Mas reconheceu o leão, ainda que nunca tivesse visto um em carne e osso. O animal estava deitado em uma fresta na rocha, a menos de vinte passadas de distância, abanando o rabo escuro e peludo despretensiosamente, olhando não para ela, mas para algo cem passadas atrás. O enorme javali de pelos grossos fuçava e fungava a terra na base de um arbusto espinhento, sem notar a mulher Aiel subindo, sorrateira com uma lança, pronta para golpeá-lo. Vestida como os Aiel da Pedra, ela usava a *shoufa* em volta da cabeça, mas tinha o rosto descoberto.

O Deserto, pensou Egwene, incrédula. *Estou no Deserto Aiel! Quando é que vou aprender a tomar cuidado com o que penso por aqui?*

A Aiel congelou. Agora tinha os olhos fixos em Egwene, não no javali. Isso se o bicho fosse um javali, não parecia ter a forma certa.

Egwene teve certeza de que a mulher não era uma Sábia. E também não se vestia como as Donzelas. Pelo que ouvira falar, uma Donzela da Lança que quisesse se tornar Sábia teria de "abrir mão da lança". Decerto era apenas uma Aiel que adentrara *Tel'aran'rhiod* em

seu sonho, como o sujeito no palácio. Ele também a teria visto, se tivesse se virado. Egwene fechou os olhos e se concentrou na única imagem clara de Tanchico que tinha, aquele enorme esqueleto no amplo salão.

Ao abrir os olhos de novo, encarava as imensas ossadas. Dessa vez, percebeu que os ossos estavam amarrados uns aos outros. E de forma muito habilidosa, pois os fios mal apareciam. A estatueta partida com a esfera de cristal ainda estava na prateleira. Egwene não se aproximou da peça, nem do colar e dos braceletes negros que emanavam tanta dor e sofrimento. O *angreal*, a mulher de pedra, era uma tentação. *O que você vai fazer com ela? Luz, está aqui para olhar, para procurar! Nada além disso. Siga em frente, mulher!*

Dessa vez encontrou depressa o caminho de volta à praça. O tempo passava de forma diferente ali. Elayne e Nynaeve a acordariam a qualquer momento, e ela ainda mal começara. Não podia perder mais um minuto sequer. Teria de tomar cuidado com seus pensamentos dali em diante. Nada de pensar nas Sábias. Até essa repreensão fez tudo dar uma guinada ao seu redor. *Mantenha o foco no que está fazendo*, disse a si mesma, com firmeza.

Ela avançou pela cidade vazia, caminhando depressa, às vezes quase correndo. Ruas de pedra sinuosas se inclinavam para cima e para baixo, cheias de curvas, todas vazias, exceto por pombos imperiais de asas verdes e gaivotas cinza-claro, que alçaram voo ruidosamente quando ela se aproximou. Por que pássaros, e não pessoas? Moscas zuniam próximas, e ela pôde ver baratas e besouros correndo pelas sombras. Um grupo de cães magros, todos de cores diferentes, avançava depressa pela rua, bem à frente. Por que cães?

Ela retrocedeu um pouco e concentrou-se no motivo de estar ali. Quais seriam os sinais da Ajah Negra? Ou do perigo que Rand poderia estar correndo? A maioria dos prédios brancos era caiada, com o reboco rachado e lascado que revelava em muitos pontos a madeira desgastada pelo tempo ou os tijolos marrom-claros. Apenas as torres e estruturas maiores — palácios, supôs — eram feitas de pedra, ainda que também branca. No entanto, até mesmo as pedras — pelo menos a maioria — exibiam pequeninas fissuras, rachaduras ínfimas demais para serem percebidas a olho nu, mas Egwene podia senti-las com o Poder. Formavam uma teia por cima dos domos e torres. Talvez isso significasse algo. Talvez significasse que Tanchico era uma cidade negligenciada por seus habitantes. Como todo o resto.

Deu um salto quando um homem de repente despencou do céu bem à sua frente, berrando. Só teve tempo de registrar as calças brancas e largas e o bigode grosso coberto por um véu transparente antes que o homem desaparecesse, uma passada acima da calçada. Se tivesse chegado ao chão em *Tel'aran'rhiod*, teria sido encontrado morto

em sua cama.

Ele deve ter tanto a ver com a situação quanto as baratas, disse a si mesma.

Talvez algo dentro dos prédios. Era uma ínfima possibilidade, uma esperança louca, mas ela estava desesperada o suficiente para tentar qualquer coisa. Quase qualquer coisa. Tempo. Quanto tempo ainda tinha? Começou a correr de porta em porta, enfiando a cabeça em lojas, estalagens e casas.

Mesas e bancos ocupavam os salões à espera de clientes, tão organizadas quanto os pratos e canecas de peltre meio foscos nas prateleiras. As lojas estavam limpas, como se fosse o início do dia, mas, enquanto a mesa do alfaiate exibia rolos de tecido e as do cuteleiro ostentava facas e tesouras, os ganchos do açougue estavam vazios, e as prateleiras, desocupadas. Quem passasse o dedo por qualquer móvel não encontraria poeira. Egwene achou que tudo estava limpo até para os padrões de sua mãe.

Nas ruas mais estreitas havia casas, construções simples e pequenas, caiadas, com tetos planos e nenhuma janela para a rua, prontas para receber famílias para sentarem-se em bancos diante de lareiras frias, ou em volta de mesas estreitas com pés entalhados, onde a melhor travessa ou vasilhame ocupava lugar de destaque. Roupas pendiam de ganchos, panelas pendiam de tetos e ferramentas jaziam sobre bancos, à espera.

Sem pensar, Egwene refez os passos, só para ver no que daria, voltando por uma dúzia de portas. Espiou pela segunda vez a casa de alguma mulher no mundo real. Estava quase do mesmo jeito de antes. Quase. O vasilhame de listras vermelhas que antes ocupava a mesa agora era um vaso azul estreito. Um dos bancos, antes perto da lareira, sustentando um arreio quebrado e as ferramentas para consertá-lo, agora ocupava um canto ao lado da porta e apoiava uma cesta de remendos e um vestido de criança bordado.

Por que as mudanças?, perguntou-se. *Aliás, por que tudo deveria permanecer igual? Luz, eu não sei de nada!*

Havia um estábulo do outro lado da rua, com a cal branca rachada revelando grandes nacos de tijolos da parede. Egwene correu até lá e abriu uma das enormes portas. O chão batido estava coberto de palha, como em qualquer estábulo que ela já vira, mas as baias estavam vazias. Sem cavalos. Por quê? Algo farfalhou na palha, e ela percebeu que, na verdade, as baias não estavam vazias. Ratos. Dezenas de ratos, encarando-a com audácia, os narizes testando o ar para captar seu cheiro. Nenhum deles fugiu, sequer recuou. Comportavam-se como se tivessem mais direitos do que ela, naquele lugar. Por impulso, Egwene deu um passo atrás. *Pombos, gaivotas, cães, moscas e ratos. Talvez uma Sábia entendesse o porquê.*

Em um piscar de olhos, estava de volta ao Deserto.

Com um berro, desabou assim que a criatura peluda parecida com um javali — quase do tamanho de um pônei pequeno — deu um salto em sua direção. Não era um porco, notou, quando o bicho pulou com agilidade por cima dela. O focinho era pontudo demais e cheio de dentes afiados, e tinha quatro dedos em cada pata. Não foi um pensamento alarmante, mas ela estremeceu quando a besta galopou, apressada, por entre as pedras. Era grande o bastante para tê-la esmagado com as patas, quebrando ossos e tudo o mais. Aqueles dentes eram tão capazes de dilacerar e despedaçar quanto os de qualquer lobo. Ela teria acordado ferida. Isso se chegasse a acordar.

A rocha arenosa sob suas costas era como um fogão escaldante. Ela se levantou apressada, irritada consigo mesma. Se não fosse capaz de se concentrar no que estava fazendo, não obteria resultado algum. Tanchico era onde deveria estar, precisava se concentrar nisso. Em nada mais.

Ela parou de esfregar as mãos nas saias quando viu a mulher Aiel observando-a a dez passadas de distância, os olhos azuis e aguçados. A mulher tinha a idade de Aviendha, não muito mais velha do que a própria Egwene, mas os cachos de cabelo que despontavam por baixo da *shoufa* eram tão claros que pareciam quase brancos. A lança em suas mãos parecia pronta para ser atirada, e, àquela distância, com certeza não erraria o alvo.

Dizia-se que os Aiel eram mais do que duros com os que adentravam o Deserto sem permissão. Egwene sabia que era capaz de envolver tanto a mulher quanto a lança em Ar, mantê-la presa para garantir a própria segurança, mas será que os fluxos se manteriam por tempo suficiente quando ela começasse a esvanecer? Ou será que apenas irritariam a mulher a ponto de fazê-la atirar a lança na primeira chance, talvez antes que Egwene sumisse por completo? De muito adiantaria retornar a Tanchico com uma lança Aiel cravada no peito. Se urdisse os fluxos, a mulher ficaria presa em *Tel'aran'rhiod* até que eles fossem desfeitos, impotente, caso o leão ou a criatura parecida com um javali retornasse.

Não. Apenas precisava que a mulher baixasse a lança, só por tempo suficiente para que se sentisse segura em fechar os olhos e retornar a Tanchico. De volta para o que deveria estar fazendo. Não tinha mais tempo para esses voos e fantasias. Não sabia muito bem como alguém cujos sonhos apenas tocavam *Tel'aran'rhiod* poderia fazer mal a ela da mesma forma que tudo o mais que havia lá, mas não arriscaria descobrir na ponta da lança de uma Aiel. A mulher provavelmente desapareceria em alguns instantes. Precisava de algo para desestabilizá-la até lá.

Mudar de roupa era fácil. Assim que o pensamento veio, Egwene

percebeu que usava os mesmos marrons e cinza que a mulher.

— Não vou lhe fazer mal — disse, aparentemente tranquila.

A mulher não baixou a arma. Em vez disso, franziu a testa e disse:

— Você não tem o direito de usar *cadin'sor*, garota. — Então Egwene ficou sem roupas, o sol a arder sua cabeça, o chão a queimar seus pés descalços.

Por um instante, abriu a boca, incrédula, pulando de pé em pé. Não pensava que desse para alterar coisas em outra pessoa. Tantas possibilidades, tantas regras que ela não sabia. Mais do que depressa, voltou os pensamentos aos calçados robustos e ao vestido escuro de saias divididas, e ao mesmo tempo fez as roupas da mulher Aiel desaparecerem. Precisou recorrer a *saidar*, pois a mulher devia estar concentrada em manter Egwene nua. Preparou um fluxo prestes a agarrar a lança, caso a outra mulher fizesse menção de jogá-la.

Foi a vez de a Aiel parecer chocada. Ela deixou a lança desabar na lateral do corpo, e Egwene aproveitou o momento para fechar os olhos e se transportar de volta a Tanchico, de volta ao esqueleto daquele imenso javali. Ou o que fosse. Dessa vez, mal olhou para o bicho. Estava ficando cansada de coisas que pareciam javalis mas não eram. *Como ela* conseguiu *fazer aquilo? Não! Ficar pensando sobre como e por que é que me desvia do caminho. Dessa vez vou me manter firme.*

Mas ela hesitou. Enquanto fechava os olhos, teve a impressão de ver outra mulher, atrás da Aiel, a vigiá-las. Uma mulher de cabelos dourados com um arco de prata na mão. *Agora já está se deixando dominar por fantasias loucas. Andou escutando muitas histórias de Thom Merrilin.* Birgitte estava morta havia muito tempo, não retornaria até que a Trombeta de Valere a invocasse do túmulo. Mulheres mortas, mesmo as heroínas lendárias, com certeza não eram capazes de adentrar *Tel'aran'rhiod* em seus sonhos.

No entanto, fora apenas um instante de pausa. Deixando de lado as especulações inúteis, ela correu de volta para a praça. Quanto tempo ainda restaria? A cidade inteira para vasculhar, o tempo se esvaindo, e ela tão ignorante quanto começara. Se pelo menos fizesse alguma ideia do que procurar. Ou de onde. Correr não parecia deixá-la cansada no Mundo dos Sonhos, mas, por mais depressa que corresse, não conseguiria percorrer a cidade inteira antes que Elayne e Nynaeve a acordassem. Não queria ter de voltar.

De repente surgiu uma mulher no meio do bando de pombos que se aglomerara na praça. Usava um vestido verde-claro, tão fino e drapejado que quase poderia agradar Berelain, e os cabelos escuros estavam presos em dezenas de finas tranças, o rosto coberto até os olhos por um véu transparente, igual ao do homem que caíra do céu. Os pombos levantaram voo, e também a mulher, deslizando com eles pelos telhados mais próximos, antes de desaparecer de súbito.

Egwene sorriu. Sempre sonhava que estava voando como um pássaro, e, afinal de contas, aquilo era um sonho. Saltou no ar e continuou subindo, em direção aos telhados. Vacilou um pouco ao pensar no quanto aquilo era ridículo — voar? As pessoas não voavam! — depois recuperou a estabilidade, forçando-se a manter a confiança. Estava conseguindo, e isso era o que importava. Era um sonho, e ela estava voando. O vento corria por seu rosto, e ela sentia vontade de rir.

Passou os olhos pelo Círculo da Panarca, onde fileiras de bancos de pedra estavam dispostos desde a alta muralha até um amplo campo de terra batida, bem no centro. Imaginou como seria ver tanta gente reunida, como seria assistir a uma exibição de fogos de artifício da própria Guilda de Iluminadores. Em casa, fogos de artifício eram um luxo raro. Lembrava-se do bocado de vezes em que os vira em Campo de Emond, quando os adultos ficavam tão animados quanto as crianças.

Voou por sobre os telhados como um falcão, percorreu palácios e mansões, habitações e lojas, armazéns e estábulos. Deslizou por sobre domos cobertos de ponteiras douradas e cata-ventos, por torres cercadas de varandas de pedra trabalhada como renda. Carros e carroções pontilhavam os pátios, à espera. Navios abarrotavam o enorme porto e os dedos de água entre as penínsulas da cidade, além de enfileirarem-se no ancoradouro. Tudo parecia em péssimas condições, desde os carros até os navios, mas ela não viu qualquer coisa que indicasse a Ajah Negra. Até onde podia perceber.

Considerou tentar pressentir Liandrin — conhecia muito bem aquele rostinho de boneca, com as inúmeras tranças louras, olhos castanhos cheios de satisfação e uma boca de botão de rosa, sempre com um sorriso malicioso — tentar visualizá-la na esperança de ser conduzida até a irmã Negra. Porém, se aquilo funcionasse, poderia encontrar Liandrin em *Tel'aran'rhiod*, e talvez também as outras. Não estava pronta para isso.

De súbito lhe ocorreu que, se qualquer Ajah Negra estivesse em Tanchico, na Tanchico de *Tel'aran'rhiod*, Egwene estaria revelando sua presença para elas. Qualquer par de olhos que observasse o céu notaria uma mulher voando, uma mulher que não desapareceria depois de alguns instantes. Seu voo suave se desestabilizou, e ela mergulhou, sob o nível dos telhados. Seguiu flutuando pelas ruas, agora mais devagar, porém ainda mais ligeira que o galope de um cavalo. Poderia estar correndo em direção às outras, mas não podia se forçar a parar e esperar por elas.

Idiota!, ralhou consigo mesma, furiosa. *Idiota! Elas podem saber que estou aqui agora. Podem já estar preparando uma armadilha.* Considerou sair do sonho e voltar para a cama em Tear, mas não

encontrara qualquer resposta. Isso se houvesse respostas para encontrar.

Uma mulher alta de repente surgiu na rua à sua frente. Era magra, vestia uma volumosa saia marrom e uma blusa branca solta no corpo, com um xale marrom ao redor dos ombros e um cachecol dobrado em volta da testa, para segurar os cabelos brancos que desciam até a cintura. Apesar das roupas simples, a mulher usava muitos colares e braceletes de ouro, marfim ou ambos. De mãos plantadas na cintura, encarava Egwene nos olhos, franzindo a testa.

Outra mulher tola cujos sonhos a levaram onde ela não tinha o direito de estar e que não acredita no que vê, pensou Egwene. Tinha as descrições de todas as mulheres que haviam fugido com Liandrin, e esta sem dúvida não correspondia a nenhuma delas. No entanto, a mulher não desapareceu. Ficou ali parada enquanto Egwene se aproximava depressa. *Por que ainda não sumiu? Por que ela…? Ah, Luz! Ela está mesmo…!* Agarrou os fluxos para urdir raios, para envolver a mulher em Ar, alarmada e afobada.

— Ponha os pés no chão, garota — vociferou a mulher. — Já tive trabalho demais para encontrar você de novo sem que saísse voando feito um passarinho.

Egwene parou de voar de repente. Os pés tocaram o chão com um baque, e ela cambaleou. Era a voz da mulher Aiel, mas agora mais velha. Não tão velha quanto Egwene pensara a princípio — na verdade, parecia muito mais jovem do que os cabelos brancos sugeriam. Mas a voz e aqueles aguçados olhos azuis a faziam ter certeza de que se tratava da mesma pessoa.

— Você está… diferente — disse.

— Aqui você pode ser o que quiser. — A mulher soava constrangida, mas só um pouco. — Certas horas, eu gosto de me lembrar… Não importa. Você é da Torre Branca? Faz tempo que não se vê uma Andarilha dos Sonhos por lá. Muito Tempo. Eu sou Amys, do ramo dos Nove Vales, dos Aiel Taardad.

— Você é uma Sábia? É, sim! E conhece os sonhos, conhece *Tel'aran'rhiod*! Você pode… Meu nome é Egwene. Egwene al'Vere. Eu… — Ela respirou fundo. Amys não parecia uma mulher a quem se pudesse contar mentiras. — Sou Aes Sedai. Da Ajah Verde.

A expressão de Amys não se alterou, na verdade. Um leve enrugar de olhos, talvez por ceticismo. Egwene não parecia ter idade suficiente para ser uma Aes Sedai completa. No entanto, o que disse foi:

— Eu pretendia deixar você pelada até que me pedisse roupas apropriadas. Usar *cadin'sor* desse jeito, como se fosse… Você me surpreendeu se soltando, virando minha própria lança contra mim. Mas ainda não foi ensinada, não é? Por mais forte que seja. Caso contrário, não teria aparecido daquele jeito no meio da minha caçada,

onde obviamente não desejava estar. E esse voo por aí? Você veio até aqui, a *Tel'aran'rhiod!*, para ficar olhando essa cidade, seja lá qual for?

— É Tanchico — respondeu Egwene, com a voz fraca. *Ela não sabia.* Mas como fora que Amys a seguira, ou como a encontrara? Estava óbvio que a mulher sabia muito mais do que Egwene sobre o Mundo dos Sonhos. — Você pode me ajudar. Estou tentando encontrar mulheres da Ajah Negra, Amigas das Trevas. Acho que elas estão aqui, e preciso encontrá-las, se estiverem.

— Então é verdade. — Amys quase sussurrou. — Uma Ajah de Mensageiras das Sombras na Torre Branca. — Ela balançou a cabeça. — Você parece uma garota recém-desposada com a lança que pensa que agora pode lutar com homens e saltar montanhas. Para ela, isso significa alguns hematomas e uma valiosa lição de humildade. Para você, aqui, pode significar a morte. — Amys olhou as construções brancas ao redor e fez uma careta. — Tanchico? Em… Tarabon? Esta cidade está morrendo, devorando a si mesma. Há uma escuridão aqui, uma maldade. É pior do que os homens são capazes de criar. Ou as mulheres. — A Aiel encarou Egwene com um olhar penetrante. — Você não consegue ver nem ouvir, não é? E quer caçar Mensageiros das Sombras em *Tel'aran'rhiod*.

— Maldade? — perguntou Egwene, mais do que depressa. — Podem ser elas. Tem certeza? Se eu contar como elas são, será que você pode se certificar de que são elas? Posso descrevê-las. Posso descrever uma por uma até o último fio da trança.

— Uma criança — murmurou Amys — exigindo do pai um bracelete de prata neste exato instante, sem saber nada sobre negócios ou sobre a feitura de braceletes. Você tem muito que aprender. Muito mais do que posso começar a ensiná-la agora. Venha à Terra da Trindade. Espalharei a notícia de que uma Aes Sedai de nome Egwene al'Vere deve ser trazida a mim, até o Forte das Pedras Frias. Diga seu nome e mostre o anel da Grande Serpente, então poderá seguir em segurança. Não estou lá agora, mas voltarei de Rhuidean antes de você chegar.

— Por favor, você tem que me ajudar. Preciso saber se elas estão aqui. Preciso saber.

— Mas não posso lhe dizer. Não as conheço, nem conheço este lugar, esta Tanchico. Você precisa vir até mim. O que faz é perigoso, muito mais perigoso do que imagina. Você precisa… Aonde está indo? Fique!

Algo pareceu agarrar Egwene, puxá-la para a escuridão.

A voz de Amys a acompanhou, fraca e minguante.

— Você precisa vir até mim e aprender. Você precisa…

12



Tanchico ou A Torre

Elayne soltou um suspiro aliviado quando Egwene enfim se mexeu e abriu os olhos. Ao pé da cama, o rosto de Aviendha perdeu o quê de frustração e ansiedade, e ela abriu um breve sorriso, que Egwene retribuiu. A vela passara da marca fazia apenas alguns minutos, mas mais parecia uma hora.

— Você não estava acordando — explicou Elayne, atordoada. — Eu a sacudi várias vezes, mas você não acordava. — Ela soltou uma risadinha. — Ah, Egwene, você assustou até Aviendha.

Egwene pôs a mão no braço da amiga e o apertou, tranquilizando-a.

— Agora voltei. — Ela soava cansada, e as roupas estavam molhadas de suor. — Acho que tive motivos para ficar um pouco mais do que tínhamos planejado. Tomarei mais cuidado da próxima vez. Juro.

Nynaeve pôs de volta a jarra de água do lavatório de forma brusca, deixando espirrar um pouco para fora. Estivera a ponto de jogar a água na cara sonolenta de Egwene. Seu rosto estava sereno, mas a jarra fez o lavatório chacoalhar, e ela não secou a água derramada que pingava no carpete.

— Foi alguma coisa que você encontrou? Ou foi…? Egwene, se o Mundo dos Sonhos pode prendê-la de alguma forma, talvez seja muito perigoso voltar até que aprenda mais sobre ele. Talvez, quanto mais você vá até lá, mais difícil seja retornar. Talvez… Eu não sei. Mas sei que não podemos arriscar que você acabe se perdendo.

Ela cruzou os braços, pronta para uma discussão.

— Eu sei — respondeu Egwene, quase submissa.

Elayne ergueu as sobrancelhas. Egwene jamais demonstrava submissão a Nynaeve. Muito pelo contrário.

A Sonhadora lutou para sair da cama, recusando a ajuda de Elayne, e caminhou até o lavatório para molhar rosto e braços na água relativamente fresca. Elayne encontrou um vestido seco no guarda-roupas, enquanto Egwene tirava o encharcado.

— Conheci uma Sábia, uma mulher chamada Amys. — A voz de Egwene saiu abafada quando a cabeça passou pela abertura do vestido. — Ela disse que eu deveria ir encontrá-la, para aprender sobre *Tel'aran'rhiod*. Em um lugar do Deserto chamado Forte das Pedras Frias.

Elayne percebeu um brilho nos olhos de Aviendha à menção do nome da Sábia.

— Você a conhece? Amys?

O meneio de cabeça da Aiel podia ser descrito apenas como relutante.

— Uma Sábia. Uma Andarilha dos Sonhos. Amys era *Far Dareis Mai,* até abrir mão da lança e seguir para Rhuidean.

— Uma Donzela! — exclamou Egwene. — Então é por isso que ela… Não importa. Ela disse que está em Rhuidean. Você sabe onde fica esse Forte das Pedras Frias, Aviendha?

— Mas é claro. Pedras Frias é o forte de Rhuarc. Rhuarc é marido de Amys. Eu às vezes vou lá visitar os dois. Costumava ir. Minha irmã-da-mãe, Lian, é esposa-irmã de Amys.

Elayne trocou olhares confusos com Egwene e Nynaeve. A Filha-herdeira um dia pensara saber bastante sobre os Aiel, tudo aprendido com os professores em Caemlyn, mas desde que conhecera Aviendha descobrira que sabia muito pouco. Os costumes e relações de parentesco eram um labirinto. Irmãs-primeiras era um termo que indicava filhas da mesma mãe, mas era possível que duas amigas *se tornassem* irmãs-primeiras ao firmar compromisso diante de uma Sábia. Irmãs-segundas, por sua vez, indicava que as mães de duas mulheres eram irmãs. Se os pais é que fossem irmãos, as mulheres eram irmãs-paternas, e não eram consideradas tão próximas quanto irmãs-segundas. Depois disso, a coisa ficava bem incompreensível.

— O que quer dizer "esposa-irmã"? — perguntou, hesitante.

— Que as duas têm o mesmo marido. — Aviendha franziu o cenho pela forma como Egwene arquejou, e os olhos de Nynaeve se arregalaram ao máximo. Elayne, de certo modo, já esperava a resposta, mas mesmo assim se pegou ajeitando as saias, que já estavam perfeitamente lisas. — Isso não é parte dos costumes de vocês? — perguntou a Aiel.

— Não — respondeu Egwene, com a voz fraca. — Não, não é.

— Mas você e Elayne cuidam uma da outra como se fossem irmãs-primeiras. O que fariam se uma das duas não estivesse disposta a abrir mão de Rand al'Thor? Lutariam por ele? Deixariam um homem destruir os laços que existem entre vocês? Não seria melhor se ambas pudessem se casar com ele?

Elayne olhou para Egwene. Pensou em… Será que conseguiria fazer uma coisa dessas? Mesmo com Egwene? Sabia que estava com as bochechas vermelhas. Egwene parecia apenas surpresa.

— Mas eu quis abrir mão — respondeu.

Elayne sabia que a observação era tanto para ela quanto para Aviendha, mas o pensamento persistia. Será que Min tivera uma visão? O que faria, se fosse mesmo o caso? *Se for Berelain, vou estrangular aquela mulher. E Rand também! Se tiver de ser alguém, por que não poderia ser Egwene? Luz, o que é que estou pensando?* Sabia que estava ficando aturdida e, para disfarçar, suavizou a voz.

— Você fala como se o homem não tivesse escolha.

— Ele pode dizer não — retrucou Aviendha, como se fosse óbvio — mas, se desejar se casar com uma, tem de se casar com as duas que pedirem. Por favor, não se ofendam, mas fiquei chocada quando descobri que, nas suas terras, um homem pode pedir uma mulher em casamento. Um homem deve deixar seu interesse claro, depois esperar que a mulher se pronuncie. É claro, algumas mulheres levam um homem a perceber o próprio interesse, mas o direito do pedido é dela. Na verdade, não entendo muito dessas coisas. Quero ser *Far Dareis Mai* desde criança. Tudo o que quero na vida são a lança e minhas irmãs-de-lança — concluiu, um tanto feroz.

— Ninguém vai tentar obrigar você a se casar — disse Egwene, acalmando-a.

Aviendha lhe lançou um olhar surpreso.

Nynaeve pigarreou alto. Elayne se perguntou se a mulher estivera pensando em Lan, já que suas bochechas estavam obviamente coradas.

— Egwene — começou Nynaeve, em um tom um pouco enérgico demais —, suponho que você não tenha encontrado o que estava procurando, ou já teria comentado.

— Não encontrei — concordou Egwene, lamentosa. — Mas Amys disse… Aviendha, como é essa Amys?

A Aiel começou a analisar o carpete.

— Amys é dura como as montanhas e impiedosa como o sol — disse, sem olhar para cima. — É uma Andarilha dos Sonhos. Pode ensinar sobre o assunto. Mas assim que puser as mãos em você, vai arrastá-la pelos cabelos em direção ao que ela quer. Rhuarc é o único capaz de enfrentá-la. Até as outras Sábias agem com cautela quando Amys começa a falar. Mas ela pode lhe ensinar.

Egwene balançou a cabeça.

— Eu queria saber se estar em um lugar estranho a deixaria incomodada, nervosa? Estar em uma cidade? Ela veria coisas que não existem?

Aviendha deu uma risada ácida.

— Nervosa? Nem acordar ao lado de um leão deixaria Amys nervosa. Ela era uma Donzela, Egwene, e não se abrandou nem um pouco, pode ter certeza.

— O que foi que essa mulher viu? — perguntou Nynaeve.

— Não foi bem algo que ela viu — começou Egwene, escolhendo as palavras. — *Acho* que não. Ela disse que Tanchico carrega uma maldade. Algo pior do que os homens são capazes de fazer. Isso pode ser a Ajah Negra. Não discuta comigo, Nynaeve — acrescentou, em um tom firme. — Os sonhos precisam ser interpretados. Pode muito bem ser a Ajah Negra.

Nynaeve já começara franzir a testa assim que Egwene mencionou o mal em Tanchico, expressão que se transformou em um olhar fixo e inflamado quando a jovem mandou que ela não discutisse. Às vezes, Elayne tinha vontade de sacudir aquelas duas. Intrometeu-se depressa, antes que a mais velha acabasse explodindo.

— Pode muito bem ser, Egwene. Você realmente encontrou algo. Mais do que Nynaeve ou eu pensávamos que poderia. Não foi, Nynaeve? Você não acha?

— Pode ser — respondeu a outra, emburrada.

— Pode ser. — Egwene não soava feliz. Ela respirou fundo. — Nynaeve tem razão. Preciso aprender o que estou fazendo. Se eu soubesse o que deveria saber, não precisaria ser informada sobre essa maldade. Se eu soubesse o que deveria saber, poderia ter encontrado o local exato onde está Liandrin, seja ele qual for. Amys pode me ensinar. É por isso… É por isso que eu tenho de ir até ela.

— Ir até ela? — Nynaeve soou horrorizada. — Até o Deserto?

— Aviendha pode me levar direto para esse Forte das Pedras Frias. — O olhar de Egwene, meio desafiador, meio ansioso, saltava entre Elayne e Nynaeve. — Se eu tivesse certeza de que elas estão em Tanchico, não as deixaria irem sozinhas. Isso se vocês decidirem ir. Mas, com Amys para me ajudar, talvez eu consiga descobrir onde elas estão. Talvez eu consiga… É isso, nem mesmo sei o que conseguirei fazer, só tenho certeza de que será muito mais do que imagino. Não estou abandonando vocês. Podem levar o anel. Vocês conhecem a Pedra o suficiente para voltar para cá em *Tel'aran'rhiod*. Posso encontrar vocês em Tanchico. Seja lá o que Amys me ensinar, posso repassar o conhecimento a vocês. Por favor, digam que compreendem. Eu posso aprender bastante com Amys e depois posso usar o que aprender para ajudar. Será como se nós três tivéssemos recebido o mesmo treinamento. Ela é uma Andarilha dos Sonhos, uma mulher

com *conhecimento*! Liandrin e as outras são apenas criancinhas perto disso, elas não sabem nem um quarto do que saberemos. — Ela mordeu o lábio, pensativa. — Vocês não acham que eu estou abandonando vocês, acham? Se for isso, eu não vou.

— É claro que você tem que ir — respondeu Elayne. — Vou sentir saudades, mas ninguém nos prometeu que ficaríamos juntas até o fim.

— Mas vocês duas… indo sozinhas… Eu devia ir com vocês. Se elas estiverem mesmo em Tanchico, eu tenho que ir com vocês.

— Bobagem — retrucou Nynaeve, com certa rudeza. — Você precisa é de treinamento. Isso vai nos ajudar muito mais a longo prazo do que sua companhia até Tanchico. E nós nem temos certeza se alguma delas está mesmo em Tanchico. Se estiverem, Elayne e eu nos sairemos muito bem juntas, mas podemos chegar lá e descobrir que esta maldade, no fim das contas, não é nada além da própria guerra. Sabe a Luz que a guerra já representa maldade suficiente para qualquer um. De repente, podemos até voltar para a Torre antes de você. Mas tome cuidado no Deserto — acrescentou, em um tom experiente. — É um lugar perigoso. Aviendha, você vai cuidar dela?

Antes que a Aiel pudesse abrir a boca, ouviram uma batida na porta, e logo depois Moiraine entrou. A Aes Sedai as encarou com um olhar que pesava, media e avaliava as quatro e o que estavam fazendo, tudo sem sequer uma piscadela que indicasse suas conclusões.

— Joiya e Amico estão mortas — anunciou.

— Então foi esse o motivo do ataque? — perguntou Nynaeve. — Tudo isso para matar as duas? Ou talvez para matá-las caso elas não pudessem ser libertadas. Eu tinha certeza de que toda aquela confiança de Joiya era porque ela esperava ser resgatada. No fim das contas, devia estar mesmo mentindo. Nunca acreditei que estivesse arrependida.

— Talvez não tenha sido o motivo principal — retrucou Moiraine. — O capitão, muito sabiamente, manteve os homens em suas posições nos calabouços durante o ataque. Eles não viram nem um único Trolloc ou Myrddraal. Mas encontraram as duas mortas depois do acontecido. Com as gargantas dilaceradas. E as línguas pregadas na porta da cela. — Pelo tom de voz, ela poderia estar falando do remendo de um vestido.

O estômago de Elayne se embrulhou com a descrição impassível.

— Eu não desejava isso a elas. Não desse jeito. Que a Luz ilumine suas almas.

— Elas venderam as almas para a Sombra há muito tempo — retrucou Egwene, com a voz severa. Mas apertava a barriga com ambas as mãos. — Como… Como foi que fizeram isso? Foram os Homens Cinza?

— Duvido que até Homens Cinza conseguissem fazer uma coisa

dessas — respondeu Moiraine, seca. — Ao que parece, os recursos da Sombra vão muito além do que sabemos.

— É. — Egwene alisou o vestido e amansou a voz. — Se não houve tentativa de resgate, é possível que ambas estivessem dizendo a verdade. Elas morreram por causa do que revelaram.

— Ou para serem impedidas de revelar — acrescentou Nynaeve, taciturna. — Tomara que eles não saibam que essas duas nos contaram alguma coisa. Talvez Joiya tenha mesmo se arrependido, mas eu não acredito.

Elayne engoliu em seco, pensando em como seria estar dentro de uma cela, com a cara imprensada na porta para que a língua fosse puxada e… estremeceu, mas se obrigou a dizer:

— Talvez elas tenham sido mortas simplesmente como punição por terem sido capturadas. — Não revelou que pensava que também poderia ter sido para fazer com que elas acreditassem nas histórias de Joiya e de Amico, pois já tinham dúvidas demais em relação ao que fazer. — Três possibilidades, e apenas uma sugere que a Ajah Negra saiba que as duas soltaram a língua. Como todas as três são semelhantes, as chances são de que não saibam.

Egwene e Nynaeve pareciam chocadas.

— Como *punição*? — perguntou a mais velha, incrédula.

As duas eram muito mais fortes do que Elayne, em diversos aspectos — e ela as admirava por isso — mas não haviam crescido assistindo às intrigas da corte de Caemlyn, nem ouvindo histórias sobre a crueldade de cairhienos e tairenos no Jogo das Casas.

— Acho que a Ajah Negra pode ser muito pouco gentil com falhas de qualquer tipo — respondeu. — Posso imaginar Liandrin dando a ordem. Joiya sem dúvida teria cumprido sem pestanejar.

Moiraine a encarou por um instante, parecendo reavaliar os pensamentos.

— Liandrin — disse Egwene, em um tom completamente inexpressivo. — É, dá para imaginar Liandrin ou Joiya dando essa ordem.

— Qualquer que tenha sido o caso, vocês não tinham mais muito tempo para interrogá-las — anunciou Moiraine. — As duas embarcariam no navio ao meio-dia de amanhã. — Uma ponta de raiva tocou sua voz, e Elayne percebeu que Moiraine talvez enxergasse a morte das irmãs Negras como uma fuga da justiça. — Espero que tomem uma decisão depressa. Tanchico ou a Torre.

Elayne encarou Nynaeve e assentiu brevemente.

Nynaeve assentiu de volta, mais assertiva, antes de se virar para a Aes Sedai.

— Elayne e eu iremos para Tanchico assim que encontrarmos um navio. Um veloz, espero. Egwene e Aviendha seguirão para o Forte das

Pedras Frias, no Deserto Aiel. — Ela não deu motivos, e Moiraine ergueu as sobrancelhas.

— Jolien pode levá-la — disse Aviendha, diante do silêncio momentâneo. Evitava olhar para Egwene. — Ou Sefela, ou Bain e Chiad. Eu… Pensei em ir com Elayne e Nynaeve. Se houver guerra em Tanchico, elas vão precisar de uma irmã para protegê-las.

— Se é isso o que quer, Aviendha — retrucou Egwene, escolhendo as palavras. Parecia surpresa e magoada, porém não mais surpresa do que Elayne. Achava que aquelas duas estavam se tornando amigas.

— Fico feliz pela vontade de ajudar, Aviendha, mas é você quem deve levar Egwene até o Forte das Pedras Frias.

— Ela não vai nem para Tanchico, nem para o Forte — interveio Moiraine, tirando uma carta da bolsa e desdobrando as páginas. — Isso chegou às minhas mãos há uma hora. O jovem Aiel que a trouxe disse que a recebeu há um mês, antes de que qualquer uma de nós tivesse chegado a Tear. Mas tem meu nome no envelope, junto com o endereço da Pedra. — Ela olhou a última folha. — Aviendha, você conhece Amys, do ramo dos Nove Vales, dos Aiel Taardad; Bair, do ramo Haido dos Aiel Shaarad; Melaine, do ramo Jhirad, dos Aiel Goshien; e Seana, do ramo Penhasco Negro, dos Aiel Nakai? Está assinada por elas.

— São todas Sábias, Aes Sedai. Todas Andarilhas dos Sonhos.

A postura de Aviendha se tornara mais cautelosa, mas ela não percebeu. Parecia pronta para lutar ou fugir.

— Andarilhas dos Sonhos — meditou Moiraine. — Talvez isso explique. Já ouvi falar nisso. — Ela virou a segunda página da carta. — Ouçam o que elas dizem de você. O que disseram antes de você sequer decidir vir até Tear. “Entre as Donzelas da Lança acampadas na Pedra de Tear há uma garota voluntariosa chamada Aviendha, do ramo dos Nove Vales, dos Aiel Taardad. Ela deve vir até nós. Não pode mais haver espera ou desculpas. Nós a aguardaremos nas encostas de Chaendaer, acima de Rhuidean.” Ainda há mais sobre você, mas basicamente dizem que devo enviá-la a elas sem demora. Emitem ordens como a Amyrlin, essas suas Sábias.

Moiraine deu um grunhido exaltado, o que levou Elayne a imaginar se as Sábias também teriam tentado dar ordens à Aes Sedai. Era improvável. E improvável que conseguissem, caso tentassem. Ainda assim, algo naquela carta deixava a mulher irritada.

— Eu sou *Far Dareis Mai* — disse Aviendha, irritada. — Não saio correndo como uma criancinha quando alguém chama meu nome. Se quiser, irei para Tanchico.

Elayne apertou os lábios, pensativa. Aquilo era novo, vindo da Aiel. Não a raiva — já vira Aviendha irritada, ainda que não a esse ponto — mas a insinuação. Só podia chamar aquilo de ressentimento.

Parecia tão improvável quanto vindo de Lan, mas lá estava.

Egwene também percebeu. Deu um tapinha no braço de Aviendha.

— Está bem. Se você quiser ir a Tanchico, ficarei feliz por saber que está protegendo Elayne e Nynaeve.

Aviendha lançou a ela um olhar genuinamente angustiado.

Moiraine balançou a cabeça bem de leve, ainda deliberando.

— Mostrei isso a Rhuarc. — Aviendha abriu a boca, o rosto irado, mas a Aes Sedai elevou a voz e prosseguiu, serena: — Conforme a carta solicita que eu faça. Apenas o trecho referente a você, é claro. Ele parece bastante determinado que você faça o que a carta diz. O que ela ordena. Acho que é mais sábio ceder ao desejo dele e das Sábias, Aviendha. Você não concorda?

A jovem passou os olhos por todo o quarto, desesperada, como se estivesse presa em uma armadilha.

— Eu sou *Far Dareis Mai* — murmurou, e saiu pisando duro pela porta, sem dizer outra palavra.

Egwene deu um passo, erguendo um pouco a mão para tentar impedir a mulher, e deixou-a cair quando a porta bateu.

— O que é que querem com ela? — perguntou a Moiraine. — Você sempre sabe mais do que deixa transparecer. O que está escondendo dessa vez?

— Qualquer que seja o motivo das Sábias — respondeu Moiraine, com frieza — é, sem dúvida, uma questão entre elas e Aviendha. Se a menina quisesse que vocês soubessem, teria contado.

— Você não consegue parar de tentar manipular os outros — disse Nynaeve, amarga. — Agora está manipulando Aviendha, não está?

— Eu, não. As Sábias. E Rhuarc. — Moiraine dobrou a carta e a devolveu à bolsa do cinto, com um toque de rispidez nos modos. — Ela sempre tem a opção de recusar. Um chefe de clã não é o mesmo que um rei, pelo que sei dos costumes Aiel.

— Tem? — perguntou Elayne. Rhuarc a fazia se lembrar de Gareth Bryne. O Capitão-General da Guarda Real de sua mãe quase não batia o pé, mas, quando batia, nem mesmo Morgase era capaz de dobrá-lo sem uma ordem real. Não haveria ordem do trono dessa vez, não que Morgase já tivesse emitido alguma a Gareth Bryne, quando ele decidira que tinha razão, agora que Elayne pensava no assunto. E, sem ordem, imaginava que Aviendha iria às encostas de Chaendaer, acima de Rhuidean. — Pelo menos ela pode viajar com você, Egwene. Amys não poderá encontrá-la no Forte das Pedras Frias se está planejando esperar por Aviendha em Rhuidean. Vocês podem ir encontrar Amys juntas.

— Mas não quero que ela vá — disse Egwene, com

tristeza. — Não se ela não quiser ir.

— Seja lá o que vocês decidam — interveio Nynaeve — temos trabalho a fazer. Vocês vão precisar de muitas coisas para viajar pelo Deserto, Egwene. Lan poderá me dizer o quê. E Elayne e eu precisamos nos preparar para embarcar para Tanchico. Acho que conseguiremos encontrar um navio amanhã, mas isso significa que teremos de decidir o que pôr na mala hoje à noite.

— Tem um navio dos Atha'an Miere no cais do Maule — disse Moiraine. — Um forcador. Não há navio mais veloz. Vocês queriam uma embarcação ligeira.

Nynaeve assentiu, emburrada.

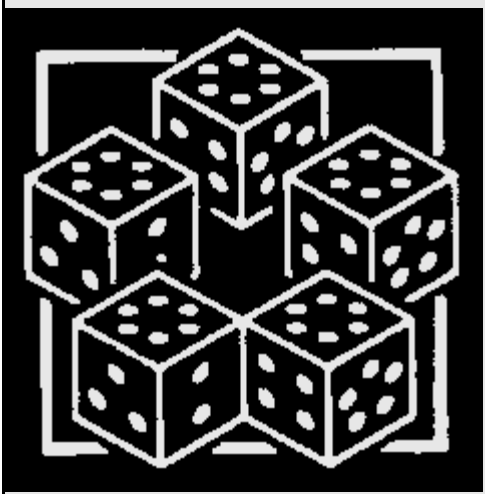
— Moiraine — disse Elayne — o que é que Rand vai fazer? Depois desse ataque… Ele vai começar a guerra que você quer?

— Eu não quero guerra nenhuma — retrucou a Aes Sedai. — Quero que ele permaneça vivo para lutar em Tarmon Gai'don. Rand diz que amanhã contará a todos o que pretende fazer. — Ela franziu a testa muito de leve. — Amanhã, todos saberemos mais do que sabemos hoje.

Ela partiu sem demora, sem aviso.

Amanhã, pensou Elayne. *O que será que Rand fará quando eu disser a ele? O que dirá? Ele precisa compreender.* Determinada, juntou-se às outras duas para discutir os preparativos.

13



Rumores

Os negócios da taverna corriam tão bem quanto qualquer outro no Maule, como um carroção de gansos e cerâmicas descendo colina abaixo noite adentro. O burburinho de vozes competia com as ofertas musicais de três tambores variados, dois saltérios e um saltério que emanava vibrações lamentosas. As garçonetes com vestidos escuros na altura dos tornozelos, cuja gola ia até o queixo, e aventais brancos curtos andavam apressadas entre as mesas apinhadas, segurando montes de canecas de cerâmica sobre a cabeça para conseguirem se espremer e passar pelo meio da clientela. Doqueiros descalços com coletes de couro misturavam-se a rapazes de casacos justos até a cintura e a homens de peitos nus com grandes cinturões prendendo as calças largas. Tão perto do cais, era possível avistar na multidão indivíduos de todos os lugares. Golas altas do norte e camisas de botão do oeste, casacos com correntes de prata e coletes com sinos, botas até os joelhos e botas até as coxas, colares ou brincos nos homens, casacos e camisas de renda. Um sujeito de ombros largos e barriga grande ostentava uma barba loura e forcada, e outro passara alguma coisa no bigode, para curvá-lo dos dois lados do rosto estreito e fazê-lo brilhar à luz dos lampiões. Dados rolavam e caíam em três cantos do salão e em diversas mesas, e a prata trocava depressa de mãos sob o ruído de berros e gargalhadas.

Mat estava sentado sozinho, encostado na parede de onde podia ver todas as portas, embora encarasse apenas uma caneca de vinho escuro ainda intocada. Não se aproximara dos jogos de dados, nem dera sequer uma olhadela para os tornozelos das garçonetes. Com a

taverna tão abarrotada, de vez em quando alguns homens consideravam dividir a mesa com ele, mas uma boa olhada em seu rosto os fazia dar meia-volta para amontoarem-se em algum outro banco.

Ele mergulhou um dedo no vinho e desenhou com o líquido no topo da mesa, distraído. Aqueles idiotas não faziam ideia do que acontecera na Pedra, naquela noite. Ouvira uns poucos tairenos mencionarem uma confusão qualquer, palavras ligeiras que morreram em risos nervosos. Os homens não sabiam, nem queriam saber. Ele quase desejou também não saber. Não, queria ter uma ideia melhor do que acontecera. As imagens ficavam lampejando em sua mente, lampejando pelos buracos em sua memória, sem fazer sentido.

Um estrépito de luta em algum ponto distante ecoou pelo corredor, abafado pelas tapeçarias nas paredes. Com a mão trêmula, retirou a faca do corpo do Homem Cinza. Um Homem Cinza em seu encalço. Só podia estar em seu encalço. Homens Cinza não vagavam por aí matando a esmo, seguiam para seus alvos tão certeiros como flechas. Ele se virou para correr e viu um Myrddraal avançando ligeiro em sua direção, parecendo uma serpente negra com pernas, o rosto lívido e sem olhos fazendo-o se arrepiar até os ossos. A trinta passadas de distância, Mat arremessou uma faca bem onde deveria haver um olho. Àquela distância, acertaria o buraco de uma árvore do tamanho de um olho quatro vezes a cada cinco tentativas.

A espada negra do Desvanecido turvou ao jogar a adaga longe de forma quase casual. A criatura sequer reduziu o passo.

— Hora de morrer, Soador da Trombeta. — A voz da coisa era um silvo seco de víbora vermelha, um aviso de morte.

Mat recuou. Estava com uma faca em cada mão, mas não se lembrava de tê-las desembainhado. Não que facas fossem páreo para uma espada, mas, se corresse, seria tão certo ter aquela lâmina negra cravada em suas costas quanto cinco seis ganhavam de quatro três. Desejou ter um bom bastão nas mãos. Ou um arco. Queria ver aquela coisa tentando desviar da flecha de um arco longo de Dois Rios. Desejou estar em outro lugar. Iria morrer ali.

De repente, mais de dez Trollocs saíram urrando de um corredor lateral, lançando-se sobre o Desvanecido em um frenesi de machados cortantes e espadas golpeantes. Mat ficou encarando, embasbacado e incrédulo. O Meio-homem lutava como um furacão de armadura negra. Mais da metade dos Trollocs estava morta ou morrendo antes de o Desvanecido desabar, contorcendo-se. Um dos braços estava dobrado e se debatia feito uma cobra agonizante a três passadas de distância do corpo, ainda com o punho fechado na espada negra.

Um Trolloc com chifres de carneiro olhou na direção de Mat, o focinho erguido para farejar o ar. Rosnou para ele, depois gemeu e começou a lamber o enorme corte que se abrira no antebraço peludo por

baixo da malha rasgada. Os outros terminaram de degolar os feridos, e um deles urrou algumas palavras rudes e guturais. Sem olhar outra vez para Mat, eles se viraram e saíram trotando, cascos e botas ecoando no chão de pedras.

Para longe dele. Mat estremeceu. Trollocs ao resgate. Em que Rand o metera dessa vez? Olhou para o desenho que fizera com o vinho — uma porta aberta — e o apagou, irritado. Precisava sair dali. Precisava. Sentia também aquele impulso persistente, dizendo que era hora de voltar para a Pedra. Afastou a sensação, cheio de raiva, mas ela continuava o importunando.

Pescou um trecho da conversa da mesa à direita, onde o sujeito de rosto fino e bigode enrolado monologava, com forte sotaque de Lugard.

— Agora, este Dragão de vocês é um grande homem, sem dúvida, isso eu não nego, mas não é páreo para Logain. Ora, Logain levou Ghealdan inteira à guerra, e metade de Amadicia e Altara também. Fez a terra engolir cidades inteiras que resistiram, ah, fez. Prédios, gente, tudo, tudo. E o sujeito de Saldaea, Maseem? Ora, dizem que o homem fez o sol parar até derrotar o exército do Lorde de Bashere. É fato, é o que dizem.

Mat balançou a cabeça. A Pedra destruída, *Callandor* nas mãos de Rand, e aquele idiota ainda pensava que era mais um falso Dragão. Desenhara outra vez a tal porta. Apagou o desenho com a mão, agarrou a caneca de vinho e parou com ela erguida a meio caminho da boca. No meio da balbúrdia, seus ouvidos captaram um nome familiar proferido em uma mesa próxima. Abandonando o banco outra vez, caminhou até a mesa de caneca na mão.

O povo ali em volta era o tipo de estranha mistura encontrada nas tavernas do Maule. Dois marinheiros descalços usando casacos impermeabilizados com cera sobre os peitorais nus, um deles com uma robusta corrente de ouro bem perto do pescoço. Um homem que já fora gordo, com uma papada caída, vestia um casaco cairhieno escuro com listras vermelhas, douradas e verdes cruzando o peito, o que poderia indicar que era um nobre, embora uma das mangas estivesse rasgada no ombro. Muitos refugiados cairhienos haviam ido para bem longe. Uma mulher grisalha, vestida toda de azul-escuro, com rosto severo, olhar penetrante e pesados anéis de ouro nos dedos. E o orador, o sujeito da barba forcada que tinha na orelha um rubi do tamanho de um ovo de pombo. As três correntes de prata que cruzavam o peito estufado do casaco escuro e avermelhado indicavam que era um mestre mercador kandoriano. Havia uma guilda de mercadores em Kandor.

O falatório cessou, e todos os olhos voltaram-se para Mat quando ele parou diante da mesa.

— Ouvi vocês mencionarem Dois Rios.

O Barba Forcada deu uma olhada rápida nele, os cabelos desgrenhados, a expressão tensa, o vinho na mão, as botas pretas reluzentes, o casaco verde com arabescos dourados aberto até a cintura, revelando uma camisa branca de linho, os dois muito amarrotados. Em resumo, o retrato de um jovem nobre passeando em meio à plebe.

— Eu mencionei, milorde — disse, com voz cordial. — Estava dizendo que não vai sair tabaco de lá este ano, aposto. Mas tenho vinte barris da melhor folha de Dois Rios, e não existe melhor. Conseguirei um preço excelente mais para a frente no ano. Se o milorde desejar um barril para o próprio estoque… — Ele puxou uma ponta da barba amarela e passou um dedo pelo nariz. — Tenho certeza de que eu poderia…

— Você aposta, é? — indagou Mat, baixinho, interrompendo o homem. — Por que é que não haveria tabaco fora de Dois Rios?

— Ora, os Mantos-brancos, milorde. Os Filhos da Luz.

— O que têm os Mantos-brancos?

O mestre mercante olhou ao redor da mesa, pedindo ajuda. Havia uma nota de perigo naquele tom tranquilo. Os marinheiros pareciam prontos para partir, se arranjassem coragem. O cairhieno encarava Mat, sentado ereto, alisando o casaco surrado e se balançando — a caneca vazia diante dele obviamente não era a primeira. A mulher grisalha levou uma bebida à boca, os olhos penetrantes observando Mat com muita atenção.

Tentando fazer uma mesura sentado, o mercador começou a falar, em um tom bajulador:

— Os rumores, milorde, são de que os Mantos-brancos invadiram Dois Rios. À caça do Dragão Renascido, pelo que dizem. Mas é claro que isso não pode ser, já que o Dragão Renascido está aqui em Tear. — Ele encarou Mat para ver como ele recebia a informação. A expressão do rapaz não se alterou. — Esses boatos podem ser bem loucos, milorde. Talvez seja apenas tempestade em copo d'água. Os mesmos rumores afirmam que os Mantos-brancos estão também atrás de algum Amigo das Trevas de olhos amarelos. O senhor já ouviu falar de um homem com olhos amarelos, milorde? Muito menos eu. Tempestade em copo d'água.

Mat pousou a caneca na mesa e inclinou-se para perto do homem.

— Quem mais estão caçando? De acordo com esses rumores. O Dragão Renascido. Um homem de olhos amarelos. Quem mais?

Gotas de suor se formaram no rosto do mercador.

— Ninguém, milorde. Ninguém, que eu saiba. Só boatos, milorde. Palha ao vento, nada mais. Um sopro de fumaça que logo vai embora. Será que posso ter a honra de presentear milorde com um barril de

tabaco de Dois Rios? Um gesto de gratidão… A honra de… Para expressar meu…

Mat jogou uma coroa de ouro andoriana na mesa.

— Bebam por minha conta até esse dinheiro acabar.

Ao virar as costas, ouviu murmúrios.

— Achei que ele iria me degolar. Vocês sabem como são esses fidalgotes quando estão cheios de vinho — disse o mercador de barba forcada.

— Estranho esse rapaz — comentou a mulher. — Perigoso. Não invente moda com esse tipo, Paetram.

— Acho que ele não é nenhum lorde — sugeriu outro homem, petulante. O cairhieno, Mat supôs.

Fez uma careta. Lorde? Não seria lorde nem se lhe oferecessem. *Mantos-brancos em Dois Rios. Luz! Que a Luz nos ajude!*

Ele abriu caminho até a porta e pegou um par de tamancos de madeira da pilha encostada na parede. Não fazia ideia se era o par com que entrara — eram todos iguais — nem se importava. Cabiam em suas botas.

Começou a chover lá fora, uma pancada leve que deixava a escuridão ainda mais escura. Mat levantou a gola e saiu patinhando pelas ruas lamacentas do Maule a um trote esquisito, passando por tavernas barulhentas, estalagens iluminadas e casas com janelas escuras. Quando a lama deu lugar ao pavimento de pedras, perto do muro que marcava a entrada da cidade, ele chutou os tamancos, largou-os na rua e seguiu caminhando. Os Defensores que guardavam o portão de acesso à Pedra mais próximo o deixaram passar sem uma palavra, sabiam quem ele era. Correu até o quarto de Perrin e abriu a porta depressa, mal notando a fissura lascada na madeira. Os alforjes de Perrin jaziam na cama, e ele estava enfiando camisas e meias dentro. Havia apenas uma vela acesa, mas ele não percebeu o brilho.

— Ah, então você ficou sabendo — disse Mat.

Perrin não parou o que estava fazendo.

— Sobre nossa casa? Fiquei sabendo. Desci para farejar algum boato para Faile. Depois desta noite, mais do que nunca, preciso que ela… — O rosnado, bem no fundo da garganta, fez eriçarem os pelos da nuca de Mat. Ele parecia um lobo nervoso. — Não importa. Fiquei sabendo. Talvez isso também funcione.

Também funcione para quê?, perguntou-se Mat.

— Você acredita?

Por um instante, Perrin olhou para cima. Seus olhos captaram a luz da vela, refletindo um reluzente amarelo-dourado.

— Para mim, parece que não há muita dúvida. Está tudo muito perto da verdade.

Mat se remexeu, incomodado.

— Será que Rand sabe? — Perrin apenas assentiu e voltou a empacotar as coisas. — Bem, o que foi que ele disse?

Perrin parou, encarando o manto dobrado nas mãos.

— Começou a resmungar sozinho. "Ele disse que faria. Disse, sim. Eu devia ter acreditado." Alguma coisa assim. Não fez sentido. Então me agarrou pela gola e disse que tinha de fazer "o que eles não esperam". Queria que eu entendesse, mas acho que nem ele entende. Pareceu não ligar se eu ficaria ou iria embora. Não, retiro o que disse. Acho que ele está aliviado por eu estar partindo.

— No frigir dos ovos, ele não vai fazer nada — disse Mat. — Luz, com *Callandor* ele poderia explodir uns mil Mantos-brancos! Você viu o que ele fez com aqueles malditos Trollocs. Está indo, é? De volta para Dois Rios? Sozinho?

— A não ser que você venha também. — Perrin enfiou o manto nos alforjes. — Você vem?

Em vez de responder, Mat marchou de um lado a outro, o rosto ora à meia-luz, ora mergulhado nas sombras. A mãe e o pai estavam em Campo de Emond, e também as irmãs. Os Mantos-brancos não tinham motivo para fazer mal a eles. Se fosse para casa, tinha a sensação de que nunca sairia de lá outra vez, que sua mãe o faria casar antes que ele pudesse piscar. Porém, se não fosse e os Mantos-brancos machucassem sua família… Um rumor era o suficiente para os Mantos-brancos, pelo que ouvira dizer. Mas por que haveria qualquer rumor a seu respeito? Até os Coplin, mentirosos e encrenqueiros, gostavam de seu pai. Todos gostavam de Abell Cauthon.

— Você não precisa — disse Perrin, baixinho. — Nada do que ouvi fazia menção a você. Só a Rand e a mim.

— Que me queime, eu v… — Ele não conseguia dizer. Pensar em partir era fácil, mas dizer em voz alta? A garganta apertou para estrangular as palavras. — Você acha fácil, Perrin? Quer dizer, acha fácil ir embora? Você não… Sente nada? Tentando prendê-lo? Tentando convencê-lo a não ir?

— Demais, Mat. Mas sei que, no fim das contas, tudo se resume a Rand e aos *ta'veren*. Você não admite isso, não é? Cem motivos para ficar, mas um motivo para ir pesa mais do que tudo. Os Mantos-brancos estão em Dois Rios e vão machucar as pessoas tentando me encontrar. Eu posso impedir isso, se for para lá.

— Por que é que os Mantos-brancos querem você a ponto de machucar alguém? Luz, se eles saírem perguntando por alguém de olhos amarelos, ninguém em Campo de Emond vai saber de quem estão falando! E como é que você pode impedir alguma coisa? Um par de mãos a mais não vai adiantar muito. Aaah! Os Mantos-brancos estão muito enganados se pensam que podem ameaçar o povo de Dois Rios.

— Eles sabem meu nome — disse Perrin, baixinho. Olhou para o canto da parede onde estavam o machado, o cinto amarrado em volta do cabo e o gancho. Ou talvez estivesse encarando o martelo, apoiado na parede sob o machado, Mat não tinha certeza. — Podem encontrar minha família. Quanto ao porquê, eles têm seus motivos, Mat. Assim como tenho os meus. Quem é que pode dizer quem tem os melhores motivos?

— Que me queime, Perrin. Que me queime! Eu quero i-i… Está vendo? Não consigo nem falar. Se eu conseguir falar, vou fazer. Não consigo nem tirar a ideia da cabeça!

— Caminhos diferentes. Já fomos enviados por caminhos diferentes antes.

— Malditos sejam os caminhos diferentes — resmungou Mat. — Já estou por aqui com Rand e as Aes Sedai me enfiando os malditos caminhos goela abaixo. Quero poder ir aonde eu quiser, para variar, fazer o que eu bem entender!

Ele se virou para a porta, mas a voz de Perrin o deteve.

— Espero que seu caminho seja feliz, Mat. Que a Luz envie belas garotas e homens tolos com quem jogar.

— Ah, que me queime, Perrin. Que a luz lhe envie o que você desejar.

— Espero que sim.

Ele não soava feliz com a perspectiva.

— Pode avisar meu pai que está tudo bem comigo? E minha mãe? Ela sempre se preocupou. E cuide das minhas irmãs. Elas costumavam me espionar e me dedurar para a nossa mãe, mas não quero que nada ruim lhes aconteça.

— Eu prometo, Mat.

O rapaz matreiro fechou a porta atrás de si e saiu vagando sem rumo pelos corredores. Suas irmãs. Eldrin e Bodewhin estavam sempre prontas para sairem correndo gritando “Mamãe, Mat arrumou confusão de novo, Mat está fazendo coisa errada, mamãe”. Sobretudo Bod. Deveriam estar com dezesseis e dezessete anos. Em pouco tempo começariam a pensar em casamento, já com algum fazendeiro paspalho escolhido, quer o sujeito soubesse ou não. Estava mesmo longe havia tanto tempo? Às vezes não parecia. Às vezes, ele sentia que saíra de Campo de Emond havia apenas uma ou duas semanas. Em outros momentos, parecia que anos haviam se passado, e o lugar já se esvanecia na memória. Ele se lembrava de Eldrin e Bod dando risadinhas ao vê-lo receber surras de vara, mas já não podia ver seus rostos com clareza. Os rostos das próprias irmãs. Esses malditos buracos na memória eram buracos na vida.

Viu Berelain vindo em sua direção e sorriu sem nem pensar. Apesar de toda a afetação, ela era uma bela mulher. Aquela seda

colada ao corpo era fina o bastante para um lencinho de mão, sem mencionar o decote cavado que expunha boa parte de um admirável busto pálido.

Ele dispensou a melhor mesura que tinha, elegante e formal.

— Boa noite para a senhora, milady. — Berelain começou a deslizar para longe sem nem olhar para ele, que se endireitou, irritado. — Além de cega é surda, mulher? Não sou um carpete por onde se passa por cima, e me fiz ouvir muito bem. Se eu beliscar esse seu traseiro, você tem todo o direito de me dar um tapa na cara, mas até então espero que palavras corteses seja correspondida com palavras corteses!

A Primeira parou onde estava, encarando-o daquele jeito que só as mulheres sabiam fazer. Com aquele olhar, poderia ter adivinhado suas medidas, seu peso e quando ele tomara banho pela última vez. Então virou as costas, murmurando algo para si mesma. Tudo o que Mat pescou foi "muito parecido comigo".

Ele a encarou, estupefato. Nenhuma palavra para ele! Aquele rosto, aquele caminhar, o nariz tão empinado que era de se admirar que os pés dela tocassem o chão. Era isso que ele ganhava falando com gente da espécie de Berelain e Elayne. Nobres que consideravam lixo quem não tivesse um palácio e a mesma linhagem sanguínea de Artur Asa-de-gavião. Bem, ele conhecia uma ajudante de cozinha roliça — roliça na medida certa — que não o considerava lixo. Dara tinha um jeito de mordiscar as orelhas que…

Parou na hora de pensar naquilo. Considerara ver se Dara estava acordada para um chamego. Pensara em flertar com Berelain — Berelain! E as últimas palavras que dissera a Perrin. *Cuide das minhas irmãs.* Como se já tivesse decidido, como se já soubesse o que fazer. Só que não tinha decidido. E não decidiria, não com essa facilidade. Talvez houvesse um jeito.

Pescou uma moeda de ouro do bolso, jogou-a para o alto e apanhou de volta, batendo-a no dorso da outra mão. Um marco de Tar Valon, notou logo de primeira, e estava encarando a Chama de Tar Valon, estilizada como uma lágrima.

— Que se queimem todas as Aes Sedai! — anunciou, aos berros. — E que se queime Rand al'Thor por me meter nessa!

Um serviçal de uniforme preto e dourado parou no meio do corredor e o encarou com expressão preocupada. O homem trazia uma bandeja de prata com pilhas de ataduras e potes de unguento. Assim que percebeu que Mat o vira, deu um salto.

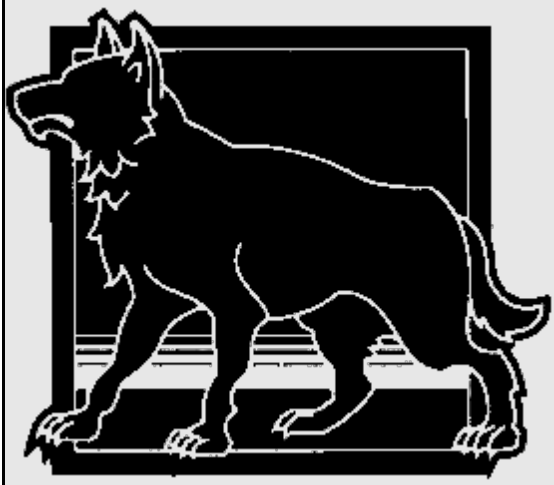
O rapaz andoriano jogou o marco de ouro na bandeja do homem.

— Presente do maior idiota do mundo. Gaste direito, em mulheres e vinho.

— O-obrigado, milorde — gaguejou o homem, atônito.

Mat o deixou ali, parado. *O maior idiota do mundo. Sou mesmo!*

14



Costumes de Mayene

Perrin balançou a cabeça depois que a porta se fechou atrás de Mat. O amigo preferia dar na própria cabeça com um martelo do que voltar para Dois Rios. A não ser que fosse obrigado. Perrin também queria que houvesse jeito de não ter que voltar para casa. Mas não tinha como, a falta de opção era um fato mais duro e menos clemente que ferro. A diferença entre eles era que Perrin estava disposto a aceitar isso, mesmo sem querer.

Tirar a camisa o fez soltar um grunhido, por mais cuidadoso que tivesse sido. Uma grande ferida, já descolorida a tons de marrom e amarelo, manchava todo o ombro esquerdo. Um Trolloc escapara do machado, e apenas a agilidade de Faile com a faca impedira que algo pior acontecesse. O ombro tornava a hora de se lavar dolorida para Perrin, mas pelo menos não havia risco de água gelada em Tear.

Estava pronto e de mala feita, apenas uma muda de roupas para a manhã seguinte separada do lado de fora dos alforjes. Assim que o sol nascesse, sairia para encontrar Loial. Não havia motivo para incomodar o Ogier à noite. O amigo decerto já estava deitado, e Perrin pretendia fazer o mesmo em breve. Faile era o único problema com o qual ainda não decidira como lidar. Até ficar em Tear seria melhor para ela do que ir com ele.

A porta se abriu, surpreendendo-o. Uma lufada de perfume o atingiu assim que uma frestinha mínima surgiu no batente. Perrin pensou em trepadeiras floridas em uma noite quente de verão. Um aroma tentador, não muito pesado, não para qualquer um além dele, mas nada que combinasse com Faile. Mesmo assim, surpreendeu-se

ainda mais ao ver Berelain adentrar o quarto.

Ela piscou, fazendo-o perceber o quanto a luz estava fraca.

— Vai a algum lugar? — perguntou a mulher, hesitante.

Com a luz dos lampiões do corredor atrás dela, era difícil não encará-la.

— Vou, milady. — Ele fez uma mesura não muito suave, mas tanto quanto dava. Faile podia fungar o quanto quisesse, mas ele não via motivo para não ser educado. — De manhã.

— Eu também. — Ela fechou a porta e cruzou os braços. Perrin virou o rosto e continuou a observá-la de canto de olho, para que ela não o visse de olhos arregalados. A mulher prosseguiu, sem notar a reação do rapaz. A chama da única vela refletia em seus olhos escuros. — Depois de hoje à noite… parto amanhã mesmo de carruagem para Godan, e de lá embarco num navio para Mayene. Já deveria ter ido há dias, mas pensei que devia haver algum jeito de consertar as coisas. Não houve, é claro. Eu devia ter percebido isso antes. Hoje à noite me convenci. O jeito como ele… Todos aqueles raios pelos corredores. Vou embora amanhã.

— Milady — disse Perrin, confuso — por que está me contando isso?

O jeito como ela jogou a cabeça para trás o fez lembrar-se de uma égua que às vezes selava em Campo de Emond. O bicho sempre tentava arrancar pedaço.

— Para que conte ao Lorde Dragão, é claro.

Aquilo não fazia sentido.

— A senhora mesma pode contar — disse, com pouco mais do que uma leve exasperação. — Não terei tempo de levar recados antes de partir.

— Eu… acho que não ele quer me ver.

Qualquer homem desejaria vê-la, ela era linda de olhar e sabia disso. Perrin achou que ela tinha começado a falar outra coisa. Será que estava assustada com que ocorrera nos aposentos de Rand? Ou era por causa do ataque e da forma como o amigo acabara com tudo? Talvez, mas, pelo olhar frio que dispensava a ele, não era uma mulher que se assustava com facilidade.

— Dê o recado a um serviçal. Duvido que eu vá ver Rand de novo. Não antes de partir. Qualquer serviçal pode levar o recado a ele.

— Seria melhor vindo de você, amigo do Lorde…

— Dê a um serviçal. Ou a um dos Aiel.

— Você não vai fazer o que estou pedindo? — perguntou ela, incrédula.

— Não. Não escutou o que eu disse?

Ela jogou a cabeça para trás de novo, mas dessa vez foi diferente. Berelain o observou atentamente e murmurou, meio que para si

mesma:

— Que olhos surpreendentes.

— O quê? — De repente ele percebeu que estava ali parado, nu até a cintura. O escrutínio intenso da mulher de súbito o fez parecer a um cavalo analisado antes da compra. Dali a pouco ela estaria pegando em seus tornozelos e avaliando os dentes. Agarrou a camisa que separara para a manhã seguinte em cima da cama e passou-a pela cabeça. — Dê a mensagem a algum serviçal. Estou indo dormir. Pretendo acordar cedo. Antes de amanhecer.

— Para onde vai?

— Para casa. Dois Rios. Está tarde. Se você também quiser partir amanhã, imagino que queira dormir um pouco. Estou cansado. — Ele bocejou.

A mulher não fez menção de ir até a porta.

— Você é ferreiro? Vou precisar de um ferreiro em Mayene. Para trabalhos de ornamento em ferro. Quer passar uma temporada curta lá, antes de voltar a Dois Rios? Você acharia Mayene… divertida.

— Eu vou para casa — respondeu, com firmeza — e você vai voltar para o seu quarto.

Ela deu de ombros de leve, e Perrin desviou o olhar outra vez, exasperado.

— Talvez algum outro dia. Sempre consigo o que quero, no fim. E acho que quero… — Ela fez uma pausa e o olhou de cima a baixo. — Trabalho em ferro ornamentado. Para as janelas dos meus aposentos.

Berelain abriu um sorriso tão inocente, que Perrin sentiu um gongo de alarme dentro da cabeça.

A porta se abriu outra vez, e Faile entrou.

— Perrin, fui até a cidade procurar você e ouvi um falatório… — Ela parou, petrificada, e encarou Berelain com o olhar firme.

A Primeira a ignorou. Aproximou-se de Perrin e passou a mão por seu braço e ombro. Por um instante, ele achou que a mulher puxaria sua cabeça para beijá-lo — a doida chegou a erguer a cabeça, como se quisesse um beijo — mas apenas acariciou seu pescoço depressa e se afastou. Antes que ele pudesse se mexer para impedi-la, Berelain parou.

— Lembre-se — disse, baixinho, como se os dois estivessem sozinhos — eu sempre consigo o que quero. — E passou deslizando por Faile e saiu do quarto.

Ele aguardou uma explosão da mulher, mas ela olhou para os alforjes abarrotados na cama e disse:

— Estou vendo que você já ouviu o falatório. É *só* falatório, Perrin.

— Olhos amarelos aumentam a coisa toda.

Faile deveria estar queimando de raiva, como um monte de galhos secos em uma fogueira. Por que estava tão calma?

— Muito bem. Então Moiraine é o próximo problema. Será que vai tentar impedir você?

— Não se não souber. E eu vou, mesmo que ela tente. Tenho família e amigos, Faile. Não vou deixá-los nas mãos dos Mantos-brancos. Mas espero que ela não descubra até eu estar bem longe da cidade.

Até os olhos da moça estavam calmos, como lagos negros em uma floresta. Os pelos da nuca de Perrin se eriçaram.

— Mas esse boato levou semanas para chegar a Tear, e serão semanas de cavalgada até Dois Rios. Até lá, os Mantos-brancos podem já ter ido embora. Bem, ando com vontade de ver longe daqui. Eu não devia reclamar. Só quero que saiba o que esperar.

— Não levará semanas, não pelos Caminhos — disse. — Dois dias, talvez três.

Dois dias. Achava que não havia como ser mais rápido.

— Você está tão louco quanto Rand al'Thor — afirmou ela, descrente. Desabando no pé da cama, Faile cruzou as pernas e falou como se ele fosse uma criança. — Se for pelos Caminhos, voltará irremediavelmente louco. Isso se conseguir voltar, o que é mais provável que não aconteça. Os Caminhos estão maculados, Perrin. Estão na escuridão há o quê? Uns trezentos anos? Quatrocentos? Pergunte a Loial. Ele saberá dizer. Foram os Ogier que construíram os Caminhos, ou cultivaram, ou o que quer que seja. Nem eles os usam, hoje em dia. Ora, mesmo que você conseguisse passar por lá incólume, só a Luz sabe onde é que você sairia.

— Eu já viajei pelos Caminhos, Faile. — E que viagem assustadora. — Loial pode me conduzir. Ele sabe decifrar as sinalizações, foi assim que fizemos da outra vez. Ele fará isso por mim de novo quando souber o quanto é importante.

Loial também estava ávido por sair de Tear, parecia ter medo de que a mãe descobrisse onde estava. Perrin tinha certeza de que ele colaboraria.

— Bem… — retrucou ela, esfregando as mãos com força. — Bem, eu queria uma aventura, e essa sem dúvida é uma. Deixar a Pedra de Tear e o Dragão Renascido, viajar pelos Caminhos para enfrentar Mantos-brancos. Será que conseguimos convencer Thom Merrilin a vir também? Se não podemos ter um bardo, um menestrel serve. Ele poderia escrever a história, e nós dois seríamos os protagonistas. Nenhum Dragão Renascido nem Aes Sedai para roubar a cena. Quando partiremos? De manhã?

Perrin respirou fundo para manter a voz firme.

— Eu vou sozinho, Faile. Só Loial e eu.

— Vamos precisar de um cavalo de carga — continuou a jovem, como se ele não tivesse dito nada. — Dois, eu acho. Os Caminhos são escuros. Precisaremos de duas lanternas e de bastante óleo. Seu povo de Dois Rios. São fazendeiros? Vão enfrentar os Mantos-brancos?

— Faile, eu disse…

— Eu ouvi o que você disse — retrucou ela, irritada. As sombras davam a ela uma expressão perigosa, com olhos oblíquos e maçãs do rosto elevadas. — Eu ouvi, e acho que não faz sentido. E se esses fazendeiros não lutarem? Ou se não souberem lutar? Quem é que vai ensiná-los? Você? Sozinho?

— Farei o que precisa ser feito — respondeu, com paciência. — Sem você.

Faile pôs-se de pé tão depressa que Perrin pensou que ela estava prestes a agarrar sua garganta.

— Você acha que Berelain vai junto com você? Que vai protegê-lo? Ou talvez prefira que ela sente no seu colo e gema? Ponha essa camisa para dentro, seu idiota peludo! Por que isso aqui está tão escuro? Berelain gosta de meia-luz, não é? Ela vai ser de muita ajuda contra os Filhos da Luz!

Perrin abriu a boca para protestar, mas mudou de ideia.

— Ela parece muito boa de abraçar, a Berelain. Que homem não iria querer tê-la no colo? — A mágoa no rosto de Faile envolveu seu peito em ferro, mas ele se forçou a prosseguir. — Quando terminar o que tenho de fazer em casa, talvez eu vá até Mayene. Ela me chamou para ir, e talvez eu vá.

Faile não disse uma palavra. Encarou-o com o rosto petrificado, depois deu um giro e saiu correndo, batendo a porta atrás de si com um estrondo.

Por impulso, Perrin começou a ir atrás dela, depois parou, agarrando o batente da porta até sentir dor nos dedos. Encarando o talho que o machado fizera na porta, viu-se dizendo à madeira o que não fora capaz de dizer à Faile.

— Eu matei Mantos-brancos. Eles teriam me matado se eu não tivesse feito isso, mas ainda assim foi assassinato. Vou para casa para morrer, Faile. É o único jeito que tenho de impedi-los de fazer mal à minha família. Não posso deixar que você veja isso. Você pode até tentar impedir, e eles poderiam…

Bateu a cabeça na porta. Agora Faile não lamentaria se não o visse mais. Era isso que importava. Ela encontraria sua aventura em outro canto, a salvo de Mantos-brancos, *ta'veren* e bolhas de maldade. Era isso o que importava. Perrin desejou não querer soltar um uivo de lamento.

Faile seguia depressa pelos corredores, quase correndo, alheia à quem passava ou tinha de desviar de seu caminho. Perrin. Berelain. Perrin. Berelain. *Ele quer uma megera branquela que anda por aí seminua, é isso? Ele não sabe o que quer. Idiota peludo! Bufão cabeça-dura! Ferreiro! E aquela porca dissimulada da Berelain. Aquela cabra pretensiosa!*

Não percebeu aonde ia até ver Berelain à frente, deslizando dentro daquele vestido que não deixava nada à imaginação, rebolando, como se aquele caminhar não fosse friamente calculado para atrair os olhos esbugalhados dos machos. Antes que Faile se desse conta do que estava fazendo, disparou até a Primeira e virou-se para encará-la, no cruzamento entre dois corredores.

— Perrin Aybara é meu — vociferou. — Leve essas suas mãos e sorrisos para longe dele!

Faile corou até a raiz dos cabelos quando ouviu o que dissera. Prometera a si mesma que nunca faria uma coisa dessas, nunca brigaria por um homem como uma camponesa rolando na terra durante a colheita.

Berelain arqueou a sobrancelha, impassível.

— É seu? Que estranho, não vi coleira nele. Vocês, serviçais… Ou será que você é a filha de algum fazendeiro? Vocês têm uma ideia mais estranha que a outra.

— Serviçal? Serviçal! Eu sou… — Faile mordeu a língua para segurar as palavras enfurecidas. A Primeira de Mayene, muito bem. Havia estados em Saldaea maiores que Mayene. Ela não duraria uma semana nas cortes de lá. Será que conseguia recitar poesias enquanto caçava? Conseguia cavalgar o dia inteiro durante a caça, depois tocar cítara à noite enquanto debatia como combater invasões de Trollocs? Achava que conhecia os homens, não achava? Será que conhecia a linguagem dos leques? Será que era capaz de mandar um homem vir, ir, ficar, e mais centenas de outras coisas, apenas girando o punho e posicionando um leque de renda? *Que a Luz brilhe sobre mim, o que é que estou pensando? Jurei que jamais seguraria um leque outra vez!* Mas havia outros costumes em Saldaea. Faile ficou surpresa ao ver a faca em sua mão. Aprendera a não desembainhar uma faca a menos que tivesse intenção de usá-la. — As fazendeiras de Saldaea têm um jeito de lidar com mulheres que roubam os homens das outras. Se não jurar esquecer Perrin Aybara, raspo seus cabelos até deixar você careca como um ovo. Talvez os rapazes que cuidam das galinhas passem a desejá-la depois disso!

Não soube ao certo como foi que Berelain agarrou seu pulso, mas de repente saiu voando pelos ares. O chão que se chocou contra suas costas tirou todo o ar de seus pulmões.

Berelain ficou sorrindo, batendo com a lâmina da faca de Faile na

palma da mão.

— Um costume de Mayene. Os tairenos gostam muito de contratar assassinos, e nem sempre há guardas por perto. Detesto ser atacada, fazendeira, então eis o que vou fazer. Vou tirar o ferreiro de você e fazer dele meu bichinho de estimação, enquanto ele me mantiver entretida. Juramento de Ogier, fazendeira. Ele é extasiante, de fato… Aqueles ombros, aqueles braços… sem falar nos olhos. E, mesmo que falte um pouco de cultura, isso eu posso consertar. Meus cortesãos podem ensiná-lo a se vestir e livrá-lo daquela barba horrenda. Aonde quer que ele vá, eu o encontrarei e o tomarei para mim. Você pode ficar com ele depois que eu terminar. Isso se ele ainda a quiser, é claro.

Enfim conseguindo respirar, Faile pôs-se de pé com dificuldade e desembainhou uma segunda faca.

— Ah, mas eu vou arrastar você até ele, depois de rasgar isso que você diz serem roupas, e a fazer dizer que não passa de uma porca! — *Que a Luz me ajude, estou me comportando como uma fazendeira e falando igualzinho a uma!* A pior parte era que ela tinha intenção de fazer aquilo mesmo.

Berelain posicionou-se, cautelosa. Pretendia lutar com as mãos, obviamente, não com a faca. Segurava-a como um leque. Faile avançou nas pontas dos pés.

De repente, Rhuarc surgiu no meio das duas, alto como uma torre, agarrando as facas antes que as mulheres percebessem sua chegada.

— Será que já não viram bastante sangue por hoje? — perguntou, em um tom frio. — De todos os que imaginei que encontraria perturbando a paz, vocês duas eram as últimas da lista.

Faile encarou o homem, boquiaberta. Sem avisar, deu um rodopio e mirou o punho nas costelas baixas de Rhuarc. Ali, o durão sentiria.

O Aiel se moveu sem sequer olhar para ela, agarrou sua mão e girou o braço para o lado com força. Ela se enrijeceu no mesmo instante, rezando para que o homem não deslocasse o seu braço.

Como se nada tivesse acontecido, o Aiel se dirigiu a Berelain.

— Vá para o seu quarto e não saia de lá antes de o sol despontar no horizonte. Não vou deixar que sirvam seu café da manhã. Um pouco de fome servirá muito bem para lembrar que há hora e lugar para brigas.

Berelain aprumou-se, indignada.

— Eu sou a Primeira de Mayene. Não receberei ordens como uma…

— Vá para o seu quarto. Agora — interrompeu Rhuarc, impassível. Faile se perguntou se conseguiria chutá-lo. Com certeza tensionara o corpo, pois, assim que a ideia surgiu, ele aumentou a

pressão em seu punho, e ela se elevou nas pontas dos pés. — Caso contrário — continuou, para Berelain — repassaremos nossa primeira conversa juntos, eu e você. Aqui mesmo.

O rosto de Berelain se alternava entre o branco e o vermelho.

— Muito bem — disse, rígida. — Se você insiste, eu talvez possa…

— Não estou propondo um debate. Se eu ainda conseguir vê-la depois de contar até três… Um.

Dando um guinchinho, Berelain ergueu as saias e saiu correndo. Até correndo a mulher conseguia rebolar.

Faile encarou a Primeira, estupefata. Quase valia a pena ter o braço prestes a sair da junta. Rhuarc também observava Berelain ir embora, um sorrisinho contente nos lábios.

— Vai me segurar a noite inteira? — perguntou Faile. O homem a soltou, depois guardou as facas no cinto. — São minhas!

— Não mais — disse o homem. — A punição de Berelain pela briga foi que você a visse enxotada para o quarto feito uma criancinha teimosa. A sua será perder essas facas pelas quais tem tanto apreço. Sei que tem outras. Se discutir, posso acabar levando elas também. Não permitirei que a paz seja quebrada.

Faile olhou feio para Rhuarc, mas suspeitou que ele tivesse mesmo intenção de fazê-lo. Aquelas facas foram feitas para ela por um homem muito competente, tinham equilíbrio perfeito.

— Que "primeira conversa" foi essa que vocês tiveram? Por que foi que ela correu daquele jeito?

— Isso é entre mim e ela. Você não se aproximará de Berelain de novo, Faile. Duvido que ela tenha começado essa briga, essa daí não luta com facas. Se alguma de vocês criar problemas outra vez, colocarei as duas para transportar vísceras. Alguns tairenos pensaram que poderiam continuar com os duelos depois que declarei paz aqui neste lugar, mas o cheiro das carroças de refugo logo os fez perceber seu erro. Cuide para não ter de aprender do mesmo jeito.

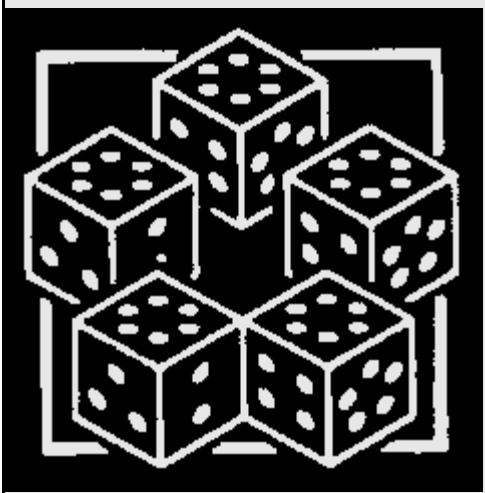
Faile esperou até o homem sair para tratar do ombro. Ele a fazia lembrar do pai. Não que o pai já houvesse torcido seu braço, mas tinha pouca tolerância com os encrenqueiros, independentemente de sua posição, e ninguém jamais o pegava de surpresa. Ela se perguntou se seria capaz de jogar alguma isca para Berelain, só para ver a Primeira de Mayene suando no meio das carroças de refugo. Mas Rhuarc dissera "ambas". O pai dela também não dizia nada que não levasse a sério. Berelain. Uma das falas da Primeira ainda ecoava em sua cabeça. Juramento de Ogier. Era isso. Ogier jamais quebravam um juramento. Dizer "Ogier sem palavra" era como dizer "covarde corajoso" ou "idiota sábio".

Não pôde evitar a risada alta.

— Você vai tirá-lo de mim, sua pavoa imbecil? Quando o vir de novo, isso se algum dia o vir, ele será meu outra vez.

Rindo para si mesma e alisando o ombro de vez em quando, Faile seguiu seu caminho o coração leve.

15



Passando pelo batente

Segurando bem alto o lampião de vidro, Mat espiou pelo corredor estreito que ficava no núcleo da Pedra. *Só se minha vida estivesse dependendo disso. Foi isso que prometi. Ora, que me queime, agora é justamente o caso!* Antes que a dúvida pudesse se abater mais uma vez sobre ele, o rapaz avançou depressa. Passou por portas apodrecidas e quase tombadas, e por outras que eram apenas tiras de madeira presas a dobradiças enferrujadas. O chão fora varrido havia pouco tempo, mas o ar ainda cheirava a poeira velha e mofo. Algo passou deslizando pela escuridão, e Mat sacou a faca antes de perceber que era apenas um rato fujão, sem dúvida correndo para algum buraco já familiar.

— Se me mostrar a saída — sussurrou para o bichinho — eu vou com você.

Por que estou sussurrando? Não tem ninguém aqui para me ouvir. Mas ali parecia o tipo de lugar onde era preciso fazer silêncio. Dava para sentir todo o peso da Pedra sobre sua cabeça, pressionando-o.

A última porta, ela dissera. Também estava inclinada. Mat deu um chute, e a tábua de madeira se despedaçou. O lugar estava cheio de formas definidas, além de caixotes, barris e pilhas altas de coisas encostadas nas paredes e espalhadas pelo chão. E de poeira. *A Grande Posse! Parece o porão de uma fazenda abandonada, só que pior.* Ficou surpreso por Egwene e Nynaeve não terem limpado e arrumado tudo quando estiveram ali. As mulheres estavam sempre limpando e arrumando, até quando não era necessário. Havia pegadas cruzando o chão, algumas de botas. As três sem dúvida haviam chamado homens para carregar os itens mais pesados. Nynaeve gostava de arrumar

trabalho para os homens, devia ter feito questão de convocar alguns sujeitos que estavam se divertindo.

O que ele procurava parecia se destacar no meio da mixórdia. Um batente de porta alto, feito de pedra vermelha, estranhamente imponente à luz do lampião. Quando se aproximou, viu que a coisa ainda parecia estranha. Parecia retorcida. Os olhos não queriam percorrer o objeto, cujos cantos não pareciam se encaixar muito bem. O retângulo comprido e oco parecia prestes a despencar ao menor sopro, mas, quando ele deu um empurrão para testar, permaneceu firme. Mat deu outro empurrão, mais forte, sem saber ao certo se queria ou não derrubar a coisa, e um dos lados roçou a poeira no chão. Arrepios percorreram seus braços. Quase parecia haver um fio vindo do teto amarrado ao topo do batente, suspendendo-o. Ergueu o lampião para verificar. Nada de fio. *Pelo menos não vai cair enquanto eu estiver lá dentro. Luz, eu vou mesmo entrar, não vou?*

Um monte de estatuetas e pequenos objetos envoltos em panos apodrecidos ocupavam o topo de um barril alto, caído perto de onde Mat estava. Ele empurrou a bagunça para um dos lados, para apoiar a lanterna, e examinou o batente. O *ter'angreal*. Se Egwene soubesse do que estava falando. Devia saber, sem dúvida aprendera todo tipo de esquisitice na Torre, por mais que negasse. *Ela agora nega as coisas, veja só. Aprendendo a ser Aes Sedai. Mas não negou isso, não foi?* Se apertasse os olhos, o treco parecia um batente de porta de pedra mal polida e todo empoeirada. Só um batente de porta comum. Bem, não tão comum assim. Três entalhes fundos e sinuosos cobriam cada pilar de pedra de cima a baixo. Já vira trabalhos mais bonitos em casas de fazenda. Era quase certo que atravessaria a estrutura e ainda estaria dentro daquele salão empoeirado.

Só vou saber se tentar, não é? Sorte! Ele respirou fundo — deu uma tossida por causa da poeira — e avançou um passo.

Parecia passar por uma folha de luz branca brilhante, infinitamente brilhante, infinitamente espessa. Por um instante interminável, não enxergou nada. Um bramido encheu seus ouvidos, todos os sons do mundo reunidos de uma vez. Aquilo só durou a extensão de um passo infinito.

Deu outro passo cambaleante e olhou em volta, estupefato. O *ter'angreal* ainda estava lá, mas aquele com certeza não era lugar onde entrara no arco. O batente de pedra retorcido estava no centro de um salão redondo, cujo teto era tão alto que se perdia nas sombras. O lugar era rodeado por estranhas colunas amarelas espiraladas que serpenteavam pela escuridão, como imensas trepadeiras trançando pilares que já não estavam ali. Uma luz fraca emanava de esferas brilhantes apoiadas no alto de suportes, também espiralados, feitos de algum metal branco, mas que não era prata — o material era fosco

demais. E nada indicava o que produzia o brilho das esferas. Não parecia fogo, elas simplesmente reluziam. Os azulejos do chão exibiam listras brancas e amarelas, dispostas em uma espiral que se originava no *ter'angreal*. Havia um perfume pesado no ar, penetrante, seco e não muito agradável. Mat quase deu meia-volta para retornar ao porão.

— Quanto tempo.

Dando um salto, Mat desembainhou uma faca e espiou por entre as colunas à procura da voz sussurrada que pronunciara aquelas palavras de forma tão dura.

— Muito tempo, e os que buscam ainda retornam atrás de respostas. Os questionadores voltaram outra vez. — Uma silhueta se moveu por detrás das colunas. Mat achou que fosse um homem. — Bom. Você não trouxe lampiões nem tochas, conforme foi acordado, como é e sempre será. Não tem ferro? Nenhum instrumento musical?

A figura emergiu, alta e descalça, os braços, pernas e corpo envoltos em camadas de tecido amarelo, e Mat de súbito não soube dizer se era homem. Ou se era humano. Parecia humano à primeira vista, embora talvez gracioso demais, além de muito magro para a própria altura, com um rosto estreito e alongado. A pele, e também os cabelos negros e lisos, captavam a luz pálida de forma que remetia às escamas de uma serpente. Assim como os olhos, cujas pupilas eram apenas fendas negras verticais. Não, não era humano.

— Ferro. Instrumentos musicais. Não tem nenhum?

Mat se perguntou o que a criatura achava que a faca era. Sem dúvida não parecia preocupada. Bem, a lâmina era feita de bom aço, não de ferro.

— Não. Nada de ferro, nem instrumentos mus… Por quê…? — Ele parou de repente. Três perguntas, dissera Egwene. Não gastaria uma com "ferro" ou "instrumentos musicais". *De que importa a ele se eu trouxesse doze músicos no bolso e uma ferraria nas costas?* — Vim aqui em busca de respostas verdadeiras. Se você não for aquele que pode dar essas respostas, leve-me a quem que pode.

O homem — era macho, pelo menos, Mat sabia — abriu um leve sorriso. Não mostrou os dentes.

— Conforme o acordo. Venha. — Fez um gesto com uma das mãos de dedos longos. — Venha comigo.

Mat fez a faca desaparecer por baixo da manga.

— Você conduz, e eu vou atrás. — *Só fique na minha frente, e à vista. Este lugar me dá arrepios.*

Enquanto seguia o estranho sujeito, viu que não havia nada reto em lugar algum, exceto pelo chão. Até o teto era abobadado, e as paredes, curvas. Os corredores eram todos em curva, as portas, redondas, as janelas, círculos perfeitos. Os azulejos formavam espirais

e linhas sinuosas, e, no teto, parecia haver placas de bronze ornamentado com uma padronagem de intrincados arabescos. Não havia qualquer imagem, nenhuma pintura ou tapeçaria nas paredes. Apenas padronagens, e sempre curvas.

Mat não viu vivalma além do guia silencioso. Dava para pensar que o local estava vazio, exceto por eles dois. De algum lugar, teve a vaga lembrança de percorrer corredores que havia centenas de anos não viam a marca de um pé humano, e ali sentia a mesma coisa. Só que às vezes captava algum mínimo movimento com o canto do olho. No entanto, por mais rápido que se virasse, nunca havia ninguém à vista. Fingiu coçar o antebraço e conferiu as facas nas mangas do casaco, por segurança.

O que via através das janelas redondas era ainda pior. Árvores compridas e delgadas apenas com um guarda-chuva de galhos pendendo do topo, e outras que pareciam imensos leques de folhas rendadas, um emaranhado de vegetação que lembrava o coração de uma mata espinhosa qualquer, tudo sob uma luz fraca e nebulosa, embora não parecesse haver nuvens no céu. Sempre havia janelas, e sempre ao longo de apenas um dos lados do corredor curvo, mas às vezes o lado mudava, e o que deveria dar vista para quartos ou pátios dava vista para aquela floresta. Através daquelas janelas, Mat não conseguia ter sequer um vislumbre de qualquer outra parte do palácio — ou o que quer que fosse aquele lugar — ou outra construção, exceto…

Por uma das janelas, viu três torres altas e prateadas, cada uma curvada em direção às outras, de modo que as três extremidades terminavam no mesmo ponto. Não era possível enxergá-las da janela seguinte, a três passadas de distância, mas, alguns instantes depois, após ele e o guia fazerem curvas suficientes para estarem voltados em outra direção, viu as torres de novo. Tentou se convencer de que eram três torres diferentes, mas entre as construções e ele havia uma daquelas árvores em formato de leque com um galho quebrado, pendurado. Uma árvore que estivera no mesmo ponto da primeira vez. Depois de ver as torres e a estranha árvore de galho quebrado pela terceira vez, dez passadas mais adiante, só que do outro lado do corredor, tentou parar de descobrir o que havia lá fora.

A caminhada parecia interminável.

— Quando…? Estamos…? — Mat rangeu os dentes. Três perguntas. Era difícil saber qualquer coisa sem fazer perguntas. — Espero que esteja me levando para os que podem responder minhas perguntas. Que meus ossos queimem, espero mesmo. Para o meu bem e para o seu, a Luz sabe como é verdade.

— Aqui — disse o estranho sujeito envolto em amarelo, uma das mãos magras apontando para uma porta redonda com o dobro da

largura de qualquer outra que Mat vira no corredor. Os estranhos olhos analisavam o rapaz com atenção. A criatura abriu a boca e inspirou, lenta e demoradamente. Mat franziu o cenho, e o estranho deu de ombros em um espasmo. — Aqui você encontrará as respostas. Entre. Entre e pergunte.

Mat também respirou fundo, depois fez uma careta e esfregou o nariz. Aquele odor forte e pungente era rançoso e incômodo. Deu um passo hesitante em direção à porta comprida e virou-se outra vez para olhar o guia. O sujeito desaparecera. *Luz! Não sei por que ainda fico surpreso com o que acontece neste lugar. Bem, que me queime se acham que vou embora agora.* Tentando não pensar se seria ou não capaz de reencontrar o *ter'angreal*, adentrou o recinto.

Era outro aposento redondo, com azulejos vermelhos e brancos em espiral sob um teto em domo. Não havia colunas ou qualquer tipo de mobília, exceto por três pedestais robustos e espiralados dispostos em volta do ponto exato onde se originavam as espirais no chão. Mat não via outra forma de alcançar o topo que não escalando as espirais, mas em cima de cada uma delas havia um homem parecido com o guia, todos sentados de pernas cruzadas, só que envoltos em vermelho. Nem todos eram homens, concluiu, olhando com mais atenção. Dois daqueles rostos compridos de olhos estranhos definitivamente tinham aparência feminina. Os três o encaravam com olhares intensos e penetrantes e respiravam profundamente, quase ofegantes. Mat pensou na possibilidade de estar deixando os três nervosos. *Meio difícil que seja isso. Mas eles sem dúvida me incomodam.*

— Quanto tempo — disse a mulher da direita.

— Muito — acrescentou a da esquerda.

O homem assentiu.

— E eles continuam vindo.

Os três tinham a mesma voz sussurrada do guia — quase idêntica, na verdade — e a mesma forma dura de pronunciar as palavras. Falavam em uníssono, e as vozes poderiam muito bem estar saindo da mesma boca.

— Entre e pergunte, conforme o antigo acordo.

Se Mat achava que ficara arrepiado mais cedo, agora tinha certeza de que seus pelos estavam todos eriçados. Obrigou-se a se aproximar. Com muito cuidado — tentando não dizer qualquer coisa que sequer soasse como uma pergunta — expôs a situação aos três. Os Mantos-brancos, que com certeza estavam em sua aldeia natal, sem dúvida à caça de seus amigos, talvez até dele próprio. Um de seus amigos indo ao encontro dos Mantos-brancos, e o outro, não. A família provavelmente fora de perigo, mas, com os malditos Filhos da maldita Luz por perto… Um *ta'veren* puxando-o de tal forma que ele mal conseguia se mover. Não via razão para citar nomes ou para

mencionar que Rand era o Dragão Renascido. A primeira pergunta — e as outras duas, aliás — já decidira antes de descer à Grande Posse.

— Eu devo ir para casa ajudar meu povo? — perguntou, enfim.

Os três pares de olhos verticais pararam de observá-lo — meio relutantes, ao que pareceu — e se ergueram para analisar o ar acima de sua cabeça. Por fim, a mulher da esquerda respondeu:

— Você deve ir a Rhuidean.

Assim que ela falou, todos os olhos baixaram para observá-lo outra vez, e os três se inclinaram para a frente de novo, respirando fundo. Porém, um sino dobrou naquele instante, produzindo um som agudo e forte que ressoou pelo salão. Eles balançaram os corpos para cima, entreolhando-se, depois encararam outra vez o ar acima da cabeça de Mat.

— Ele é outro — sussurrou a mulher da esquerda. — A pressão. A pressão.

— O sabor — comentou o homem. — Faz tempo.

— Ainda há tempo — interveio a outra mulher. Parecia tranquila, assim como todos os outros, mas sua voz assumiu um tom severo quando ela se virou de volta para Mat. — Pergunte. Pergunte.

Mat cravou os olhos no três, furioso. *Rhuidean? Luz!* Era um lugar lá pelo Deserto, só a Luz e os Aiel sabiam onde ficava. Era tudo o que ele sabia. No Deserto! A raiva incitou perguntas sobre como se afastar das Aes Sedai e como recuperar as partes perdidas de sua memória.

— Rhuidean! — vociferou. — Que a Luz transforme meus ossos em cinzas, se acham que quero ir a Rhuidean! E que meu sangue jorre no chão, se acham que vou! Por que eu deveria ir? Vocês não estão respondendo minhas perguntas. O papel de vocês é responder, não me devolver charadas!

— Se você não for a Rhuidean — respondeu a mulher da direita — vai morrer.

O sino dobrou outra vez, agora mais alto. Mat sentiu o tremor dentro das botas. Os três trocaram olhares claramente ansiosos. Ele abriu a boca, mas as criaturas estavam preocupadas apenas consigo mesmas.

— A pressão — disse uma das mulheres, apressada. — É muito forte.

— O sabor dele — completou a outra, na ponta dos pés. — Faz tanto, tanto tempo.

Antes que ela terminasse, o homem se pronunciou:

— A pressão é muito grande. Muito grande. Pergunte. Pergunte!

— Queime essa sua alma, seu covarde — resmungou Mat. — Já vou perguntar! Por que é que vou morrer se não for a Rhuidean? Devo morrer é se for. Não faz…

O homem o interrompeu e se pronunciou, afoito:

— Você terá se desviado da trama do destino, terá deixado seu destino à deriva nos ventos do tempo e será morto pelos que não querem que este destino seja cumprido. Agora, vá! Você precisa ir! Depressa!

De repente o guia coberto de amarelo surgiu ao lado de Mat, puxando a manga do rapaz com as mãos compridas.

Mat desvencilhou-se dele.

— Não! Eu não vou! Vocês me desviaram das perguntas que eu queria fazer e me deram respostas sem sentido! Não pode ficar por isso mesmo. Que destino é esse de que estão falando? Vou receber pelo menos uma resposta clara dos três!

O sino dobrou uma terceira vez, pesaroso, e o aposento inteiro estremeceu.

— Vá! — gritou o homem. — Você já recebeu suas respostas. Precisa ir, antes que seja tarde demais!

De repente, uma dúzia de homens envoltos em amarelo surgiram ao redor de Mat. Pareciam ter brotado do nada, agora tentavam arrastá-lo para a porta. O rapaz lutou com punhos, cotovelos e joelhos.

— Que destino? Que queimem esses seus corações, que destino? — O recinto inteiro ribombava, as paredes e o chão estremeciam, quase derrubando Mat e seus agressores. — Que destino?

Os três se levantaram nos topos dos pedestais, e Mat não soube dizer quem gritava cada resposta.

— Casar-se com a Filha das Nove Luas!

— Morrer e viver de novo, viver outra vez uma parte do que foi!

— Abrir mão de metade da luz do mundo para salvar o mundo!

Juntos, os três uivaram como vapor escapando sob pressão.

— Vá para Rhuidean, filho das batalhas! Vá para Rhuidean, trapaceiro! Vá, jogador! Vá!

Os agressores de Mat o ergueram pelos braços e pernas e correram, levantando-o acima das cabeças.

— Me soltem, seus branquelos filhos de umas cabras! — gritou, debatendo-se. — Que seus olhos queimem! Que a Sombra leve suas almas, me soltem! Vou tirar suas tripas para fazer uma sela! — Porém, por mais que xingasse e se contorcesse, aqueles dedos longos o mantinham-se firmes como ferro.

O sino ressoou uma vez mais — ou quem sabe o palácio. Tudo tremia como em um terremoto, as paredes badalavam com reverberações ensurdecedoras, cada uma mais alta que a anterior, e os captores de Mat tropeçavam, quase caíam, mas nunca interrompiam a corrida destrambelhada. O rapaz nem mesmo via aonde era levado, até que as criaturas pararam de repente e o arremessaram pelo ar. Foi

então que viu o batente retorcido, o *ter'angreal*, enquanto voava na direção dele.

A luz branca o cegou, e o bramido preencheu sua cabeça até levar embora todos os pensamentos.

Mat caiu com um baque em um chão empoeirado, à meia-luz, e chocou-se contra o barril que sustentava o lampião que trouxera, já na Grande Posse. O barril rolou, fazendo pacotes e estatuetas desabarem no chão, produzindo uma barulheira de pedras, marfim e porcelana se estilhaçando. Com um salto, ele se levantou e lançou-se de volta ao batente de pedras.

— Que se queimem, vocês não podem me jogar…!

Ele atravessou o arco correndo… E esbarrou nos barris e caixotes do outro lado. Sem parar, deu um giro e saltou de novo. Obteve o mesmo resultado. Dessa vez, amparou-se no barril onde estava o lampião, que quase caiu por cima dos objetos já quebrados amontoados no chão sob suas botas. Agarrou o lampião a tempo, queimando a mão, e conseguiu equilibrá-lo com mais firmeza.

Que me queime se acham que quero ficar aqui embaixo neste escuro, pensou, lambendo os dedos. *Luz, do jeito que minha sorte vai, é provável que eu começasse um incêndio e morresse queimado!*

Cravou os olhos no *ter'angreal*. Por que não estava funcionando? Talvez o pessoal do outro lado tivesse dado um jeito de trancá-lo. Não tinha entendido quase nada do que acontecera lá. Aquele sino, o pânico geral. Parecia que as criaturas estavam com medo de que o teto desabasse sobre suas cabeças. Pensando bem, isso quase tinha acontecido. E Rhuidean, e todo o resto. O Deserto já era ruim o bastante, mas as coisas disseram que ele estava destinado a se casar com uma tal de Filha das Nove Luas. Casar! E com uma nobre, pelo nome. Preferia se casar com uma porca do que com uma nobre. E aquele negócio de nascer e viver de novo. *Que bom que acrescentaram essa última parte!* Se algum Aiel de véus negros o matasse no caminho para Rhuidean, saberia se aquela história era mesmo verdade. Tudo bobagem, ele não acreditava sequer em uma palavra. Só que… A maldita porta o levara *mesmo* a algum lugar, e os três só responderam três perguntas, exatamente como Egwene dissera que seria.

— Não vou me casar com nobre nenhuma! — disse ao *ter'angreal*. — Vou me casar quando já estiver velho demais para me divertir, e é isso! Rhuidean é a droga do meu…!

Uma bota brotou para fora do batente de pedra retorcido, seguida pelo restante do corpo de Rand, com aquela espada flamejante nas mãos. A lâmina desapareceu quando o corpo do amigo surgiu por inteiro, soltando um suspiro de alívio. No entanto, mesmo à meia-luz, dava para ver que estava atormentado. Ao notar o amigo ali, Rand levou um susto.

— Só bisbilhotando, Mat? Ou também entrou?

O rapaz o encarou por um instante, desconfiado. Pelo menos a espada sumira. Ele não parecia estar canalizando — mas quem podia afirmar? — nem particularmente louco. Na verdade, parecia bastante com o que Mat lembrava. O rapaz precisou lembrar a si mesmo que os dois já não estavam em casa, que Rand *não era* o mesmo de antes.

— Ah, sim, eu entrei. Um bando de mentirosos desgraçados, se você quer saber! O que é que eles são? Pareciam umas cobras.

— Não são mentirosos, eu acho. — Rand soava como se desejasse que fossem. — Não, não é isso. Estavam com medo de mim desde o início. E, quando aquele sino começou… A espada impediu que eles se aproximassem, as criaturas sequer olhavam para ela. A evitavam. Escondiam os olhos. Você conseguiu suas respostas?

— Nada que fizesse sentido — resmungou Mat. — E você?

De repente, Moiraine brotou do *ter'angreal*, como se emergisse graciosamente do nada, flutuando. Seria uma excelente mulher para conduzir em uma dança, se não fosse Aes Sedai. Ela contraiu os lábios ao vê-los.

— Vocês! Vocês dois estavam aqui. É por isso…! — Ela soltou um silvo exaltado. — Um de vocês já teria sido ruim o bastante, mas dois *ta'veren* de uma vez… Vocês poderiam ter desfeito a conexão e ficado presos lá. Rapazes imprestáveis brincando com coisas cujos perigos desconhecem. Perrin! Perrin está aqui também? Ele compartilhou dessa… *exploração*?

— Da última vez que vi Perrin — respondeu Mat — ele estava pronto para dormir.

Talvez o amigo fosse desmenti-lo pulando de dentro da coisa, o que também poderia desviar a irritação da Aes Sedai. O amigo não precisava passar por isso também. *Talvez pelo menos Perrin consiga escapar, se for embora antes que Moiraine descubra o que ele está fazendo. Que mulher maldita! Aposto que* ela *nasceu na nobreza.*

Não havia dúvida de que Moiraine estava irritada. O sangue desaparecera de seu rosto, e os olhos eram duas brocas negras perfurando Rand.

— Pelo menos vocês saíram de lá com vida. Quem foi que lhes contou disso aqui? Qual delas? Vou fazê-la desejar ter o couro arrancado feito luva.

— Foi um livro que me contou — respondeu Rand, muito calmo. Sentou-se na beirada de um caixote, que emitiu um rangido alarmante com seu peso, e cruzou os braços. Parecia muito tranquilo, e Mat desejou ser capaz de imitá-lo. — Dois livros, na verdade. *Tesouros da Pedra* e *Transações com o Território de Mayene*. É incrível o que a gente desenterra dos livros se ler bastante, não é mesmo?

— E você? — Moiraine voltou aquele olhar perfurante a

Mat. — Também leu em um livro? Você?

— Eu às vezes leio — retrucou o rapaz, seco. Não seria totalmente contra Egwene e Nynaeve terem o couro arrancado. Depois do que fizeram para forçá-lo a dizer onde escondera a carta da Amyrlin. Prendê-lo com o poder já tinha sido bem ruim, mas o resto! Só que era mais divertido implicar com Moiraine. — *Tesouros*. *Transações*. Tem muita coisa nos livros. — Por sorte, a mulher não pediu que ele repetisse os títulos. Mat tinha parado de prestar atenção quando Rand começou a falar em livros.

Em vez disso, ela se virou de volta para Rand.

— E as suas respostas?

— São minhas — retrucou ele, depois franziu o cenho. — Mas não foi fácil. Eles trouxeram uma… mulher… para interpretar, mas ela falava como um livro velho. Mal consegui entender algumas palavras. Não tinha pensado na possibilidade de eles falarem outra língua.

— A Língua Antiga — disse Moiraine. — Quando falam com os homens, eles usam a Língua Antiga. Na verdade, falam um dialeto meio tosco. E você, Mat? Foi mais fácil compreender seu intérprete?

Mat precisou se concentrar para a umidade voltar à boca.

— A Língua Antiga? Era isso? Eu não tive intérprete. Na verdade, não cheguei a fazer perguntas. Aquele sino começou a tocar e sacudiu as paredes, e aquelas coisas me arrastaram apressados, como se eu estivesse despejando esterco de vaca nos carpetes. — Moiraine ainda o encarava, os olhos perfurando sua cabeça. A mulher sabia que ele às vezes deixava escapar alguma coisa na Língua Antiga. — Eu… quase entendi uma palavra aqui e ali, mas não a ponto de reconhecer. Você e Rand tiveram respostas. O que é que eles ganharam com isso? As serpentes com pernas. Não vamos subir essas escadas e descobrir que se passaram dez anos, que nem a história de Bili, né?

— Sensações — retrucou Moiraine, com uma careta. — Sensações, emoções, experiências. Eles as vasculham, dá para sentir quando o fazem, dá para sentir os arrepios na pele. Talvez, de certa forma, eles se alimentem disso. A Aes Sedai que estudou este *ter'angreal* quando estava em Mayene descreveu um forte desejo de se banhar em seguida. Eu sem dúvida pretendo fazer isso.

— Mas as respostas são verdadeiras? — perguntou Rand, quando ela começou a virar as costas. — Tem certeza? Os livros só sugerem que sim, mas será que eles são mesmo capazes de fornecer respostas verdadeiras sobre o futuro?

— As respostas são verdadeiras — respondeu Moiraine, escolhendo as palavras — desde que digam respeito ao seu próprio futuro. Isso é garantido. — Ela observou Rand, e também Mat, pesando o efeito de suas palavras. — Quanto à forma como isso acontece, existem apenas especulações. Aquele mundo é… dobrado…

de um jeito estranho. Não tenho como ser mais clara. Pode ser que as criaturas saibam ler a trama de uma vida humana, decifrar as variadas formas com que ela pode ser tecida para dentro do Padrão. Ou talvez seja um talento de alguns daquele povo. Mas as respostas, em geral, são obscuras. Se precisar de ajuda para decifrar o que as suas significam, ofereço meus serviços.

Os olhos dela oscilaram, trêmulos, de um para o outro, e Mat quase praguejou. Moiraine não acreditava que ele não conseguira respostas. A não ser que fosse só uma suspeita comum de Aes Sedai.

Rand abriu um sorriso preguiçoso.

— E você pode me dizer o que perguntou, e o que eles responderam?

Como resposta, Moiraine lançou um olhar firme e perscrutador, depois rumou em direção à porta. Uma pequena bola de luz, brilhante como um lampião, de repente começou a flutuar sobre sua cabeça, iluminando o caminho.

Mat sabia que devia deixar aquilo de lado, por hora. Apenas deixá-la partir e torcer para que a mulher esquecesse que ele esteve ali embaixo. Porém, a raiva ainda ardia dentro dele. Todas aquelas coisas ridículas que as criaturas disseram. Bem, talvez fossem verdade, se Moiraine dissera que era, mas ele queria agarrar aqueles sujeitos pela gola, ou fosse lá o que fizesse as vezes de gola naquelas roupas, e forçá-los a explicar algumas coisas.

— Por que não dá para entrar duas vezes, Moiraine? — perguntou. — Por quê?

E também quase perguntou por que as criaturas estavam preocupadas com ferro e instrumentos musicais, mas mordeu a língua. Não podia saber dessas coisas, se fosse continuar alegando que não entendera nada do que as criaturas disseram.

A Aes Sedai parou diante da porta do corredor, e foi impossível saber se encarava Rand ou o *ter'angreal*.

— Se eu soubesse tudo, Matrim, não precisaria fazer perguntas.

Moiraine observou o quarto por mais um instante. Estava mesmo olhando para Rand. Depois saiu, deslizando com elegância, sem dizer outra palavra.

Por um tempo, Mat e Rand se entreolharam em silêncio.

— Você *conseguiu* encontrar o que queria? — perguntou Rand, por fim.

— Você conseguiu?

Uma chama luminosa surgiu de repente, equilibrada sobre a palma do ruivo. Não a esfera suave de luz cintilante da Aes Sedai, mas uma chama mais rude, como uma tocha. Quando o amigo se virou para sair, Mat acrescentou outra pergunta.

— Você vai mesmo simplesmente deixar os Mantos-brancos

fazerem o que quiserem lá em casa? Sabe que eles estão indo para Campo de Emond. Isso se já não estiverem lá. Olhos amarelos, o maldito Dragão Renascido. É coisa demais.

— Perrin vai fazer… o que for preciso para salvar Campo de Emond — respondeu Rand, com a voz sofrida. — E eu preciso fazer o que é preciso, ou Campo de Emond não será o único lugar a cair, e nas mãos de coisas bem piores do que os Mantos-brancos.

Mat ficou observando a luz daquela chama esvanecer pelo corredor, até que se lembrou de onde estava. Agarrou o lampião e saiu correndo. *Rhuidean! Luz, o que é que eu vou fazer?*

16



Despedidas

Deitado em lençóis encharcados de suor, olhando para o teto, Perrin percebeu que a escuridão já se acinzentava. Em breve o sol despontaria no horizonte. Manhã. Momento de novas esperanças, momento de agir. Novas esperanças. Ele quase riu. Há quanto tempo estava acordado? Uma hora ou mais, com certeza. Coçando a barba encaracolada, Perrin estremeceu. O ombro ferido estava rígido, e ele se sentou devagar. O rosto pingava suor enquanto ele alongava o braço. Mas prosseguiu até conseguir mexer o braço livremente — mesmo que sem conforto — com movimentos metódicos, sufocando ganidos e, vez ou outra, obrigando-se a não praguejar.

O pouco sono que conseguira dormir fora entrecortado e agitado. Quando acordado, vira o rosto de Faile, os olhos negros acusadores, o sofrimento que ele lhes infligira fazendo com que se encolhesse por dentro. Ao dormir, sonhou que subia em uma forca enquanto Faile assistia, ou pior, tentava impedi-lo, tentava enfrentar os Mantos-brancos com as lanças e espadas. E Perrin gritava enquanto os homens passavam a corda por seu pescoço, gritava porque os Mantos-brancos estavam matando Faile. Às vezes, ela assistia ao enforcamento com um sorriso de raiva e satisfação. Não era de se admirar que esses sonhos o fizeram acordar com um sobressalto. Em dado momento, sonhara com lobos saindo em disparada da floresta, tentando salvar tanto Faile quanto ele — e acabando furados pelas lanças dos Mantos-brancos, abatidos pelas flechas. Não fora uma noite tranquila. Perrin lavou-se e vestiu-se o mais depressa que pôde, deixando o quarto para trás como

se esperasse deixar também as lembranças dos sonhos.

Lá fora, restavam poucos indícios do ataque da noite anterior. Uma tapeçaria retalhada por espadas ali, um baú com um canto destroçado por um machado acolá, um trecho mais claro no chão de pedras onde antes havia um carpete que ficara manchado de sangue. A majhere seguia com seu exército de serviçais uniformizados, trabalhando à toda, embora muitos estivessem enfaixados enquanto varriam, esfregavam, limpavam e rearrumavam. Ela andava mancando, apoiada em um cajado. Era uma mulher grande, os cabelos grisalhos puxados para cima feito um chapéu redondo sobre a ferida enfaixada na cabeça, emitindo ordens em um tom firme, com clara intenção de remover cada vestígio da segunda violação da Pedra. Viu Perrin e dispensou-lhe uma mesura quase imperceptível. Nem mesmo os Grão-lordes recebiam muita atenção dela, mesmo quando estava tudo bem. Apesar de toda a faxina e esfregação, sob o cheiro de ceras, graxas, verniz e fluidos de limpeza, Perrin ainda podia captar o odor fraco de sangue, sangue humano pungente e metálico, sangue fétido de Trollocs e sangue ácido de Myrddraal — um fedor que queimava as narinas. Seria bom sair dali.

A porta do quarto de Loial tinha uma braça de largura e mais de duas de comprimento, com uma maçaneta gigantesca no formato de vinhas entrelaçadas bem na altura da cabeça de Perrin. A Pedra tinha alguns quartos de hóspedes para Ogier, mas raramente eram utilizados. A Pedra de Tear precedia até mesmo a era dos famosos trabalhos de cantaria dos Ogier, mas era um grande prestígio usar pedreiros daquela raça, pelo menos de vez em quando. Perrin bateu à porta e, ao chamado de “entre” em uma voz que soava como uma pequena avalanche, ergueu a mão e obedeceu.

O quarto tinha a mesma escala da porta, em todas as dimensões. Mas Loial, parado no centro do carpete, vestindo a camisa de manga e carregando um cachimbo comprido nos dentes, reduzia tudo a um tamanho aparentemente normal. O Ogier ficava mais alto que um Trolloc com as botas largas até as coxas, ainda que não fosse tão largo. Já não era estranho aos olhos de Perrin o casaco verde-escuro, abotoado até a cintura, com as barras abertas caídas até o topo das botas, que mais parecia um kilt por sobre as calças largas. Porém bastava um olhar para informar que não se tratava de um homem comum em um quarto comum. O nariz do Ogier era tão grande que parecia um focinho, e sobrancelhas, compridas feito bigodes, pendiam dos lados dos olhos do tamanho de xícaras de chá. As orelhas peludas despontavam dos cabelos negros e desgrenhados, que caíam quase até os ombros. Ao avistar Perrin, a criatura abriu um sorriso de orelha a orelha, ainda com o cachimbo na boca.

— Bom dia, Perrin — disse, retumbante, tirando o cachimbo da

boca. — Dormiu bem? Nada fácil, depois de uma noite dessas. Eu mesmo passei metade da noite acordado, escrevendo sobre o ocorrido. — Ele tinha uma caneta na outra mão e manchas de tinta nos dedos grandes como salsichas.

Havia livros por toda parte, espalhados nas cadeiras próprias para Ogier, na imensa cama e na mesa que batia no peito de Perrin. Aquilo não era surpresa, mas o mais espantoso foram as flores. Flores de todo tipo, de todas as cores. Vasos, cestas, buquês amarrados com fitas ou barbantes, grandes montes de flores entrelaçadas dispostas como um muro de jardim. Perrin nunca vira algo parecido dentro de um quarto. O aroma preenchia o ar. Mas o que realmente chamou a atenção foi o inchaço na cabeça de Loial, do tamanho do punho de um homem, e a forma coxa com que caminhava. Loial estava machucado demais para viajar… Perrin sentiu vergonha em pensar dessa forma — o Ogier era seu amigo — mas era necessário.

— Você se machucou, Loial? Moiraine pode Curar você. Tenho certeza de que ela vai fazer isso.

— Ah, eu consigo caminhar sem problemas. E tinha tanta gente precisando da ajuda dela de verdade. Eu não queria atrapalhar. Claro que não é isso que vai atrapalhar meu trabalho. — Loial olhou para a mesa, onde um grande livro com encadernação em tecido estava aberto ao lado de um frasco de tinta desarrolhado. O objeto parecia grande para Perrin, mas caberia em um dos bolsos do casaco do Ogier. — Espero ter escrito tudo direitinho. Não vi muita coisa ontem, só depois de terminar.

— Loial — disse Faile, surgindo por detrás de um dos montes de flores com um livro nas mãos — é um herói.

Perrin deu um salto. As flores haviam mascarado o perfume dela. Loial fez “shhh”, pedindo à jovem que se calasse, e abanou as mãos enormes, as orelhas tremelicando de vergonha. No entanto, Faile prosseguiu, com a voz fria e os olhos, cálidos, fixos no rosto de Perrin:

— Ele levou todas as crianças que conseguiu, e também algumas mães, para um salão enorme e ficou protegendo a porta sozinho contra Trollocs e Myrddraal. A batalha toda. Essas flores são das mulheres da Pedra, como símbolo de respeito à sua coragem inabalável, à sua lealdade. — Faile fez as palavras “inabalável” e “lealdade” estalarem como açoites.

Perrin quase não conseguiu evitar o corpo de se encolher. Fizera a coisa certa, mas não dava para esperar que ela entendesse. Mesmo que Faile soubesse o motivo, não entenderia. *Foi a coisa certa. Foi sim.* Só queria se sentir melhor em relação à coisa toda. Não era justo que estivesse certo mas se sentisse mal.

— Não foi nada. — As orelhas de Loial tremelicaram. — Foi só porque as crianças não podiam se defender sozinhas. Só isso. Nada de

heroísmo. Nada.

— Bobagem. — Faile marcou a página do livro com o dedo e aproximou-se do Ogier. A jovem não batia nem no peitoral de Loial. — Não existe uma mulher na Torre que não se casaria com você se fosse um humano, e algumas se casariam mesmo não sendo. Sabe, Loial você é mesmo muito leal, nem a rima fraca abala essa sua qualidade. Qualquer mulher amaria isso.

As orelhas do Ogier se enrijeceram de surpresa, e Perrin abriu um sorriso. Faile obviamente passara a manhã inteira derramando doce para cima de Loial, na esperança de que o Ogier concordasse em levá-la com eles, a despeito da vontade de Perrin. Mas, ao tentar bajulá-lo, a moça, sem saber, acabara de tocar em um ponto sensível.

— Tem notícias de sua mãe, Loial? — perguntou Perrin.

— Não. — Loial conseguia soar aliviado e preocupado ao mesmo tempo. — Mas vi Laefar na cidade, ontem. Ele ficou tão surpreso em me ver quanto eu fiquei em vê-lo, não somos figuras comuns em Tear. Ele veio do Pouso Shangtai para negociar uns reparos em algum trabalho de cantaria Ogier em um dos palácios. Tenho certeza de que as primeiras palavras que sairão de sua boca quando ele voltar para o *pouso* serão "Loial está em Tear".

— Isso é preocupante — comentou Perrin, e o Ogier assentiu, desconsolado.

— Laefar contou que os Anciões disseram que sou um fugitivo, e que minha mãe prometeu me casar e me acalmar. Ela já até escolheu uma esposa. Laefar não sabia quem. Pelo menos disse que não sabia. Ele acha isso tudo muito engraçado. Minha mãe pode chegar em menos de um mês.

O rosto de Faile era o retrato da confusão, o que quase fez Perrin abrir outro sorriso. Ela achava que sabia muito mais do que ele a respeito do mundo — bem, na verdade sabia — mas não conhecia Loial. O Pouso Shangtai era a casa de Loial, na Espinha do Mundo, e, como o Ogier estava com pouco mais de noventa anos, ainda não tinha idade para sair de lá sozinho. Seu povo vivia por muito tempo. Para os padrões deles, Loial devia ser da idade de Perrin, talvez mais moço. Porém, o Ogier partira mesmo assim, queria ver o mundo, mas seu maior medo era que a mãe o encontrasse e o arrastasse de volta para o *pouso*, para se casar e nunca mais sair de lá.

Enquanto Faile tentava entender o que estava acontecendo, Perrin quebrou o silêncio.

— Preciso voltar a Dois Rios, Loial. Sua mãe não vai encontrar você lá.

— Sim. Isso é verdade. — O Ogier deu de ombros, constrangido. — Mas meu livro. A história de Rand. E sua, e de Mat. Eu já tenho tantas anotações, mas… — Loial foi para trás da mesa,

espiou o livro aberto, as páginas preenchidas com a caligrafia caprichada. — Serei o autor da verdadeira história do Dragão Renascido, Perrin. O único livro escrito por alguém que viajou com ele, que de fato viu tudo se desenrolar. *O Dragão Renascido*, de Loial, filho de Arent, filho de Halan, do Pouso Shangtai. — Franzindo a testa, ele se inclinou por cima do livro e mergulhou a pena no frasco de tinta. — Isso aqui não está certo. Foi mais…

Perrin pôs a mão sobre a página onde Loial iria escrever.

— Você não vai escrever livro nenhum se sua mãe encontrá-lo. Pelo menos, não sobre Rand. E eu preciso de você, Loial.

— Precisa, Perrin? Não estou entendendo.

— Há Mantos-brancos em Dois Rios. Atrás de mim.

— Atrás de você? Mas por quê? — Loial parecia quase tão confuso quanto Faile estivera. A jovem, por outro lado, revestira-se de uma soberba complacente e perturbadora. Perrin prosseguiu mesmo assim.

— O motivo não importa. O fato é que estão atrás de mim. Podem machucar alguém, minha família, procurando por mim. Conhecendo os Mantos-brancos, sei que vão fazer isso. Posso impedir, se conseguir chegar depressa, mas ser logo. Só a Luz sabe o que é que eles já fizeram. Preciso que me leve até lá, Loial, pelos Caminhos. Você um dia me disse que havia um Portal dos Caminhos por aqui, e sei que havia um em Manetheren. Ainda deve existir, nas montanhas acima de Campo de Emond. Nada é capaz de destruir um Portal dos Caminhos, você mesmo disse. Preciso de você, Loial.

— Bom, é claro que vou ajudar — respondeu o Ogier. — Os Caminhos. — Ele soltou uma bufada ruidosa, e as orelhas esmoreceram um pouco. — Quero escrever sobre aventuras, não vivê-las. Mas acho que uma vezinha não vai doer. Queira a Luz — concluiu, com fervor.

Faile pigarreou com delicadeza.

— Não está se esquecendo de nada, Loial? Você me prometeu levar aos Caminhos quando eu pedisse, e prometeu que o faria antes de levar qualquer outra pessoa.

— Eu prometi mesmo que a levaria para ver o Portal dos Caminhos — disse Loial — e como é tudo lá por dentro. Você pode fazer isso quando Perrin e eu formos. Acho que poderia vir com a gente, mas a viagem pelos Caminhos não é nada fácil, Faile. Eu mesmo não entraria lá se Perrin não estivesse precisando.

— Faile não pode ir — rebateu Perrin, com firmeza. — Só você e eu, Loial.

Ignorando-o, a mulher sorriu para o Ogier, como se ele estivesse brincando com ela.

— Você me prometeu mais do que olhar, Loial. Prometeu que me

levaria para onde eu quisesse, quando eu quisesse, e antes de qualquer outra pessoa. Você jurou.

— Foi mesmo, mas só porque você se recusou a acreditar que eu o faria — protestou Loial. — Você disse que só acreditaria se eu jurasse. Cumprirei minha promessa, mas tenho certeza de que você não vai querer passar na frente de Perrin, já que ele precisa tanto.

— Você jurou — retrucou Faile, com a voz tranquila. — Pela sua mãe, e pela mãe da sua mãe, e pela mãe da mãe da sua mãe.

— Sim, Faile, eu jurei, mas Perrin…

— Você jurou, Loial. Vai quebrar o juramento?

A expressão do Ogier era só desgraça. Os ombros curvaram, as orelhas caíram, os cantos da enorme boca desabaram, e as pontas das compridas sobrancelhas foram parar nas bochechas.

— Ela fez você de trouxa, Loial. — Perrin se perguntou se dava para os dois ouvirem o ranger de seus dentes. — Ela fez você de trouxa de propósito.

Uma placa vermelha se formou as bochechas de Faile, mas a jovem ainda teve o descaramento de dizer:

— Só porque foi preciso, Loial. Só porque um idiota de um homem acha que pode ordenar minha vida como bem entender. Se não fosse isso, eu não teria agido assim. Você precisa acreditar em mim.

— O fato de que ela ludibriou você não muda nada? — inquiriu Perrin, e Loial balançou tristemente a cabeça enorme.

— Os Ogier *mantêm* a palavra — disse Faile. — E Loial vai me levar para Dois Rios. Ou para o Portal dos Caminhos no Manetheren, pelo menos. Estou com vontade de conhecer Dois Rios.

Loial se aprumou.

— Então isso significa que posso ajudar Perrin, no fim das contas. Faile, por que enrolou tanto? Nem Laefar acharia isso engraçado. — Havia um toque de irritação em sua voz, e precisava de muito para deixar um Ogier irritado.

— Se ele pedir — retrucou ela, determinada. — Isso fazia parte da promessa, Loial. Ninguém além de nós dois, a menos que me pedissem. Ele tem que pedir.

— Não — disse Perrin, enquanto Loial ainda estava abrindo a boca. — Não, eu não vou pedir. Prefiro ir para Campo de Emond a cavalo. Vou a pé! Pode ir desistindo dessa palhaçada. Enganar Loial. Tentar forçar sua presença onde… onde não é bem-vinda.

A calma da moça deu lugar à raiva.

— E, quando você chegar lá, Loial e eu já teremos acabado com os Mantos-brancos. Tudo vai estar acabado. Peça, seu ferreiro cabeça-de-bigorna. Basta pedir, e poderá vir com a gente.

Perrin se segurou. Não havia maneira de convencê-la de seu

ponto de vista, mas ele não ia pedir. Faile tinha razão — levaria semanas para chegar a Dois Rios a cavalo, e eles poderiam estar lá em dois dias, quem sabe, pelos Caminhos — mas não ia pedir. *Não depois de ela fazer Loial de bobo e tentar me intimidar!*

— Então vou viajar sozinho pelos Caminhos até Manetheren. Vou atrás de vocês dois. Se mantiver distância suficiente para seguir afastado, não estarei quebrando o juramento de Loial. Vocês não podem me impedir de segui-los.

— Isso é perigoso, Perrin — disse Loial, preocupado. — Os Caminhos são escuros. Se você perder uma curva ou pegar a ponte errada por acidente, pode acabar se perdendo para sempre. Ou até *Machin Shin* apanhá-lo. Peça a ela, Perrin. Faile disse que você pode vir se pedir. Peça.

A voz retumbante do Ogier estremeceu ao mencionar o nome *Machin Shin*, e um arrepio percorreu as costas de Perrin. O Vento Negro. Nem mesmo as Aes Sedai sabiam se era uma criatura da Sombra ou algo que se desenvolvera a partir da corrupção dos Caminhos. *Machin Shin* era o motivo pelo qual a viagem que fariam podia ser um risco de vida, era o que as Aes Sedai diziam. O Vento Negro devorava almas, e isso Perrin sabia que era verdade. Porém, manteve a voz firme e a expressão impassível. *Que me queime se vou deixar que ela perceba minha fraqueza.*

— Não posso, Loial. Seja como for, não vou fazer isso.

O Ogier fez uma careta.

— Faile, será perigoso para ele, se tentar nos seguir. Por favor, ceda um pouco e deixe que ele…

— Não. — A jovem o interrompeu bruscamente. — Se ele é cabeça-dura demais para pedir, por que eu deveria? Por que é que eu deveria sequer me preocupar, caso ele se perca? — Ela se virou para Perrin. — Pode viajar perto da gente. O quanto precisar, desde que fique claro que está nos seguindo. Até pedir, vai ficar me seguindo feito um cachorrinho. Por que simplesmente não pede?

— Humanos teimosos — resmungou o Ogier. — Afobados e teimosos, mesmo quando a afobação acaba levando a um ninho de vespas.

— Gostaria de partir hoje mesmo, Loial — disse Perrin, sem olhar para Faile.

— É melhor irmos logo — concordou Loial, encarando pesaroso o livro na mesa. — Acho que posso organizar minhas anotações durante a viagem. Sabe a Luz o que vou perder ficando longe de Rand.

— Você ouviu o que eu disse, Perrin? — inquiriu Faile.

— Vou recolher meu cavalo e pegar alguns suprimentos. Podemos partir no meio da manhã.

— Que se queime, Perrin Aybara, me responda!

Loial olhou para ela, apreensivo.

— Perrin, tem certeza de que não pode…

— Não — interrompeu Perrin, com educação. — Ela é turrona e gosta de joguinhos. Não vou bancar o palhaço para ela. — O rapaz ignorou o som que saía das profundezas da garganta de Faile, que mais parecia um gato encarando um cão estranho, a postos para o ataque. — Aviso assim que estiver pronto.

Começou a se dirigir à porta, e Faile gritou, furiosa:

— "Quando" sou eu quem decide, Perrin Aybara. Eu e Loial. Está ouvindo? É melhor que esteja pronto em duas horas, ou vamos deixar você para trás. Pode nos encontrar no estábulo do Portão da Muralha do Dragão, se for. Está me ouvindo?

Perrin sentiu-a se aproximando e bateu a porta atrás de si no mesmo instante que algo se chocou com força contra a madeira. Um livro, pensou. Loial daria um ataque por causa disso. Era melhor bater na cabeça do Ogier do que estragar algum de seus livros.

Por um instante, ficou apoiado na porta, desesperado. Tudo o que fizera, tudo por que passara, ter que fazer Faile odiá-lo, e, no fim das contas, ela estaria lá para vê-lo morrer. A parte boa é que agora talvez Faile ficasse contente com isso. *Mulher teimosa, turrona!*

Ao se virar, viu um Aiel se aproximando, um homem alto, de cabelos ruivos e olhos verdes, que poderia ser um primo mais velho de Rand, ou um tio jovem. Conhecia o homem e gostava dele, ainda que fosse porque Gaul jamais tivesse feito qualquer menção de ter notado seus olhos amarelos.

— Que a manhã lhe traga boa sombra, Perrin. A majhere disse que você tinha vindo para estes lados, mas acho que ficou se coçando para enfiar uma vassoura nas minhas mãos. Dura como uma Sábia, aquela mulher.

— Que a manhã lhe traga boa sombra, Gaul. As mulheres são todas umas cabeças-duras, se quer saber.

— Talvez, se não soubermos como contorná-las. Ouvi dizer que você está indo para Dois Rios.

— Luz! — grunhiu Perrin, antes que o Aiel pudesse dizer outra coisa. — Será que a Pedra inteira está sabendo? Se Moiraine souber…

Gaul balançou a cabeça.

— Rand al'Thor falou comigo em particular e pediu que eu não contasse a ninguém. Acho que ele também falou com outros, mas não sei quantos vão querer ir com você. Passamos muito tempo deste lado da Muralha do Dragão, e muitos estão ansiando pela Terra da Trindade.

— Ir comigo? — Perrin ficou espantado. Se tivesse a companhia dos Aiel… Era uma possibilidade que jamais ousara considerar. — Rand pediu que fossem comigo? Para Dois Rios?

Gaul balançou a cabeça outra vez.

— Ele só disse que você estava indo e que alguns homens talvez tentassem matá-lo. Mas quero ir junto, se você aceitar minha companhia.

— Se eu aceitar? — Perrin quase deu uma risada. — Eu aceito. Entraremos nos Caminhos em algumas horas.

— Nos Caminhos? — A expressão de Gaul não se alterou, mas ele piscou.

— Faz alguma diferença?

— A morte chega para todos, Perrin. — Não era uma resposta reconfortante.

— Não posso acreditar que Rand seja tão cruel — disse Egwene.

— Pelo menos ele não tentou impedir você — acrescentou Nynaeve. Sentadas na cama da Sabedoria, elas terminavam a divisão do ouro que Moiraine providenciara. Quatro bolsas gordas seriam transportadas nos bolsos cerzidos sob as saias de Elayne, e quatro nos de Nynaeve, além de uma menor para cada, para não chamar a atenção, que seria levada no cinto. Egwene ficara com uma quantia menor, já que no Deserto havia menos necessidade de ouro.

Elayne franziu o cenho para as duas trouxas cuidadosamente amarradas e o alforje de couro ao lado da porta. Ali estavam todas as suas roupas e algumas outras coisas. Faca e garfo embalados em um estojo, escova e pente de cabelos, agulhas, alfinetes, linha, dedal, tesouras. Um acendedor e uma segunda faca, melhor que a que ela levava no cinto. Sabão, talco e… Era ridículo repassar a lista outra vez. O anel de pedra de Egwene estava enfiado no bolso. Estava pronta para partir. Não havia nada a detê-la.

— Não, ele não tentou.

Elayne estava orgulhosa de como soava calma e serena. *Ele pareceu quase aliviado! Aliviado! E tive que entregar aquela carta, deixar meu coração aberto, feito uma tonta, completamente cega. Pelo menos ele não vai abri-la antes que eu vá embora.* Pulou ao sentir a mão de Nynaeve tocar seu ombro.

— Queria que ele pedisse a você para ficar? Sabe qual teria sido a resposta. Não sabe?

Elayne apertou os lábios.

— É claro que sei. Mas ele não precisava parecer feliz com minha partida. — Não tivera intenção de dizer isso.

Nynaeve lançou um olhar compreensivo.

— Os homens são difíceis, na melhor das hipóteses.

— Ainda assim, não consigo acreditar que ele seria tão… tão… — começou Egwene, em um resmungo irritado.

Elayne nunca soube o que ela pretendia dizer, pois naquele

momento a porta se abriu com tanta força, que quicou na parede.

Elayne abraçou *saidar* antes de a surpresa passar, depois sentiu um instante de vergonha quando a porta ricocheteou, batendo forte na palma da mão de Lan. Mais um instante, e decidiu agarrar-se à Fonte um pouco mais. O Guardião preenchia o batente com os ombros largos, o rosto parecia uma tempestade. Se aqueles olhos azuis pudessem disparar os raios que ameaçavam, teriam explodido Nynaeve. O brilho tênue de *saidar* também envolvia Egwene, sem esvanecer.

Lan parecia não ver ninguém além de Nynaeve.

— Você me fez acreditar que estava voltando para Tar Valon — disse, com a voz áspera.

— Você pode ter pensado isso — respondeu ela, muito calma — mas eu não falei nada.

— Não falou? Não falou! Você falava que iria embora hoje, e sempre sugeria uma relação com a partida daquelas Amigas das Trevas que seriam levadas a Tar Valon. Sempre! O que achou que eu fosse pensar?

— Mas eu não disse…

— Luz, mulher! — vociferou ele. — Não discuta comigo!

Elayne trocou olhares aflitos com Egwene. Aquele homem tinha autocontrole de ferro, mas estava a ponto de explodir. Era Nynaeve quem sempre se deixava levar pelas emoções, mas a mulher o encarou com frieza, a cabeça erguida e os olhos serenos, as mãos firmes nas saias de seda verde.

Lan se recompôs com esforço evidente. Parecia mais impassível do que nunca, com total controle sobre si mesmo — e Elayne tinha certeza de que era tudo superficial.

— Eu não teria descoberto para onde você ia se não tivesse ouvido falar que mandou chamar uma carruagem. Para levá-la a um navio rumo a Tanchico. Não sei por que a Amyrlin permitiu que vocês deixassem a Torre, para início de conversa, nem por que Moiraine envolveu as três no interrogatório das irmãs Negras, mas vocês são Aceitas. Aceitas, não Aes Sedai. Tanchico hoje em dia não é lugar para alguém que não seja uma Aes Sedai completa, com um Guardião para ajudá-la. Eu não vou deixar você se meter nisso!

— Então — respondeu Nynaeve, em um tom suave — você está questionando as decisões de Moiraine, e também as do Trono de Amyrlin. Talvez esse tempo todo eu estivesse entendendo mal os Guardiões. Achei que vocês juravam aceitar e obedecer, entre outras coisas. Lan, entendo a sua preocupação, e sou muito grata, mais do que grata, mas todas nós temos tarefas a cumprir. Estamos indo, e você precisa se conformar.

— Por quê? Pelo amor da Luz, pelo menos me diga por quê!

Tanchico!

— Se Moiraine não contou — respondeu Nynaeve, gentil — talvez ela tenha suas razões. Temos que cumprir nossas tarefas, assim como você tem que cumprir as suas.

Lan tremeu — de verdade! — e apertou a mandíbula com força. Ao falar, revelou uma estranha hesitação.

— Vocês vão precisar de alguém para ajudá-las em Tanchico. Alguém que possa evitar que um ladrão de rua taraboniano crave uma faca em suas costas para roubar as bolsas. Tanchico tinha dessas coisas antes de a guerra começar, e deve estar ainda pior, de acordo com tudo o que ouvi. Eu poderia… Poderia proteger você, Nynaeve.

As sobrancelhas de Elayne se ergueram. Ele não poderia estar sugerindo… simplesmente não poderia.

Nynaeve reagiu como se o homem não tivesse dito nada de extraordinário.

— Seu lugar é com Moiraine.

— Moiraine. — O rosto rígido do Guardião estava coberto de suor, e ele lutava com as palavras. — Eu posso… Eu preciso… Nynaeve, eu… Eu…

— Você *vai* ficar com Moiraine — disse a mulher, com firmeza — até que ela o libere do elo. Vai fazer o que estou dizendo. — Ela puxou da bolsa um papel cuidadosamente dobrado e empurrou-o na mão do homem. Lan franziu o rosto, leu, depois piscou e leu outra vez.

Elayne sabia o que estava escrito.

> O que o portador fizer é sob meu comando e autoridade. Obedeça e mantenha o silêncio, por ordem minha.
>
> *Siuan Sanche*
>
> *Vigia dos Selos*
>
> *Chama de Tar Valon*
>
> *O Trono de Amyrlin*

O outro papel igual estava na bolsa de Egwene, mas nenhuma delas tinha certeza de que adiantaria muito em seu destino.

— Mas isso permite que você faça o que bem entender — protestou Lan. — Você pode falar em nome da Amyrlin. Por que ela entregaria isso a uma Aceita?

— Não faça perguntas que eu não posso responder — retrucou Nynaeve, depois acrescentou, com um leve sorriso: — Só considere sorte sua eu não mandar você dançar para mim.

Elayne abafou um sorriso. Egwene emitiu um som sufocado, que parecia uma risada contida. Fora isso o que Nynaeve dissera quando a Amyrlin lhes entregara as cartas pela primeira vez. *Eu poderia fazer um Guardião dançar, com isso aqui.* Nenhuma delas tivera dúvida de qual Guardião a antiga Sabedoria tinha em mente.

— E não manda? Está me descartando como se não fosse nada demais. Meu elo, meus juramentos. Esta carta.

Lan exibia um brilho perigoso nos olhos, que Nynaeve pareceu não notar ao tomar a carta de volta e guardá-la na bolsa do cinto.

— Você é muito cheio de si, al'Lan Mandragoran. Fazemos o que é preciso, assim como você.

— Cheio de mim, Nynaeve al'Meara? *Eu* sou cheio de mim? — Lan avançou tão depressa em direção à mulher que Elayne quase cedeu ao impulso de envolvê-lo em fluxos de Ar. Em um instante a antiga Sabedoria estava parada, apenas olhando, embasbacada, para o homem alto que deslizava em sua direção, e no instante seguinte estava a um pé de distância do chão, envolta em um beijo profundo. A princípio ela chutou as canelas de Lan e o socou, com protestos frenéticos e furiosos, mas os chutes diminuíram, depois pararam, e logo Nynaeve ficou enroscada nos ombros dele, sem o menor protesto.

Egwene baixou os olhos, encabulada, mas Elayne observou a cena com interesse. Será que era assim que ela ficava quando Rand… *Não! Não vou pensar nele.* Ela se perguntou se haveria tempo de escrever mais uma carta ao rapaz, retirando tudo o que dissera na primeira, deixando bem claro que não se contentaria com ninharias. Mas será que queria isso?

Depois de um tempo, Lan pôs Nynaeve de volta no chão. A mulher cambaleou um pouco enquanto ajeitava o vestido e o cabelo, furiosa.

— Você não tem o direito… — começou, com a voz ofegante, depois parou e engoliu. — Você não pode fazer uma coisa dessas comigo diante de todos. Ah, não!

— Não são todos — retrucou Lan. — Mas, se podem ver, também podem ouvir. Você ocupou um lugar no meu coração onde eu achava que já não cabia mais nada. Fez brotar flores onde cultivei poeira e pedras. Lembre-se disso durante essa viagem que insiste em fazer. Se você morrer, eu não sobreviverei por muito mais tempo. — Ele abriu um de seus raros sorrisos para a mulher. Se não suavizou seu rosto, pelo menos o deixou com aparência um pouco menos rígida. — E também lembre-se de que não sou sempre tão fácil de comandar, nem mesmo por cartas da Amyrlin. — Ele fez uma mesura elegante. Por um instante, Elayne pensou que o homem de fato pretendia se ajoelhar e beijar o anel da Grande Serpente de Nynaeve. — Como a senhora

ordenar — murmurou — assim farei. — Era difícil dizer se o homem estava ou não sendo debochado.

Assim que a porta se fechou atrás dele, Nynaeve afundou na beirada da cama, como se finalmente deixasse os joelhos cederem. Encarou a porta com uma carranca pensativa.

— "Insista em cutucar o cachorro mais manso" — citou Elayne — "e ele morderá." Não que Lan seja muito manso.

Ela arrancou um olhar penetrante e uma fungada de Nynaeve.

— Ele é inacreditável — disse Egwene. — Às vezes é. Nynaeve, por que fez isso? Ele estava quase indo com você. Sei que o que mais quer é libertar esse homem de Moiraine. Não tente negar.

Nynaeve não tentou. Em vez disso, remexeu no vestido e alisou a manta sobre a cama.

— Não assim — respondeu, por fim. — Quero que ele seja meu. Por inteiro. Não quero que fique do meu lado lembrando-se de que quebrou o juramento feito a Moiraine. Não aceitarei isso entre nós dois. Tanto por ele, quanto por mim.

— Mas vai fazer alguma diferença se você persuadi-lo a pedir que Moiraine o libere do elo? — perguntou Egwene. — Lan é o tipo de homem que não veria diferença nisso. Só resta dar um jeito de fazer com que ela o libere por vontade própria. Como é que você vai conseguir fazer isso?

— Eu não sei. — Nynaeve firmou a voz. — Mas o que precisa ser feito pode ser feito. Sempre existe uma forma. Isso é para outra hora. Temos trabalho a fazer, e ficamos aqui neste tormento por causa de homens. Tem certeza de que já pegou tudo o que precisa para o Deserto, Egwene?

— Aviendha está aprontando tudo — respondeu a jovem. — Ela ainda parece infeliz, mas disse que conseguiremos chegar em Rhuidean em pouco mais de um mês, se tivermos sorte. A essa altura, vocês já vão estar em Tanchico.

— Talvez antes — disse Elayne — se o que dizem sobre os forcadores do Povo do Mar for verdade. Você vai tomar cuidado, Egwene? Mesmo com Aviendha de guia, o Deserto não é muito seguro.

— Eu vou. Vocês também tomem cuidado. As duas. Tanchico já não é muito mais segura do que o Deserto.

De repente, as três estavam se abraçando, repetindo os alertas de cuidado, conferindo se todas se lembravam do calendário dos encontros na Pedra de *Tel'aran'rhiod*.

Elayne enxugou as lágrimas do rosto.

— Ainda bem que Lan foi embora — disse, com uma risada trêmula. — Ele acharia que somos umas bobas.

— Não, não acharia — retrucou Nynaeve, puxando as saias para ajeitar uma bolsa de ouro no bolso. — Ele pode ser homem, mas não é

tão tolo.

Devia haver tempo dali até a carruagem para encontrar papel e pena, decidiu Elayne. Encontraria tempo. Nynaeve tinha razão. Os homens precisavam de rédea firme. Rand saberia que não poderia se livrar dela com tanta facilidade. E que não seria tão fácil rastejar o caminho de volta às suas boas graças.

17



Trapaças

Mancando da perna direita, Thom curvou-se em uma reverência, dando um floreio do manto de menestrel que fazia tremular os retalhos coloridos. Os olhos ardiam, mas forçou-se a falar com alegria:

— Bom dia a todos. — Aprumando-se, massageou o longo bigode branco, cheio de pompa.

Os serviçais de uniformes preto e dourado ficaram surpresos. Os dois rapazes musculosos que estavam prestes a erguer o baú de verniz vermelho salpicado de dourado com a tampa danificada pararam na mesma hora, e as três mulheres com os esfregões também ficaram imóveis. O corredor estava vazio, exceto por eles, e qualquer desculpa para interromper o trabalho era boa, ainda mais àquela hora. Pareciam tão cansados quanto Thom se sentia, com ombros caídos e olheiras profundas.

— Bom dia para o senhor, menestrel — disse a mais velha das mulheres. Um pouco roliça e de rosto comum, talvez, mas tinha um belo sorriso, por mais cansada que estivesse. — Em que podemos servi-lo?

Thom tirou quatro bolas coloridas da manga bufante do casaco e começou a mexê-las nas mãos.

— Estou só tentando melhorar o ânimo. Um menestrel precisa fazer o que pode. — Teria usado mais de quatro bolas, mas estava cansado até para se concentrar nisso. Quanto tempo fazia que quase deixara cair a quinta? Duas horas? Abafou um bocejo e o transformou em um sorriso reconfortante. — Uma noite terrível, e precisamos melhorar o ânimo.

— O Lorde Dragão nos salvou — disse uma das mulheres mais jovens.

Era bonita e magra, mas com um brilho predatório nos olhos escuros e sombrios que servia de aviso para Thom controlar o sorriso. Claro, ela poderia ser útil, se fosse ao mesmo tempo ambiciosa e honesta, pois continuaria fiel depois de comprada. Era sempre bom ter mais um par de mãos onde pôr uma nota, uma língua que contasse o que ouvia e depois dissesse o que ele quisesse, onde quisesse. *Velho tolo! Já tem mãos e ouvidos suficientes, então pare de pensar em um belo par de seios e lembre-se da expressão no olhar dela!* O mais interessante foi que a mulher parecia estar sendo sincera, e um dos rapazes mais jovens assentiu.

— Sim — disse Thom. — Qual Grão-lorde será que ficou encarregado do cais ontem? — Quase deixou cair as bolas, de tão irritado consigo mesmo. Perguntar assim, sem mais nem menos. Estava muito cansado, deveria estar na cama. Deveria ter ido para a cama três horas antes.

— O cais é responsabilidade dos Defensores — afirmou a mulher mais velha. — O senhor não sabe disso, é claro. Os Grão-lordes não se preocupam.

Thom sabia muito bem.

— Ah, é mesmo? Bem, não sou taireno, claro. — Ele mudou a manobra, e as bolas passaram de um simples círculo a uma volta dupla. Parecia mais difícil do que era, e a moça de olhar predatório bateu palmas. Agora que ele começara, era melhor seguir em frente. Mas depois disso daria por encerradas as atividades da noite. Da noite? O sol já despontava. — Mesmo assim, é uma pena que ninguém tenha perguntado por que aquelas barcaças estavam no cais. Com as escotilhas abaixadas, escondendo tantos Trollocs. Não que eu esteja insinuando que alguém sabia que os Trollocs estavam lá. — A volta dupla deu uma bamboleada, e ele logo retornou aos círculos. Luz, como estava cansado. — Seria de se imaginar que um dos Grão-lorde tivesse perguntado, no entanto.

Os dois rapazes franziram o cenho um para o outro, pensativos, e Thom sorriu para si mesmo. Outra semente plantada, fácil assim, ainda que de forma meio desastrada. Outro boato iniciado, independentemente de qual fosse a informação verdadeira que tivessem a respeito do encarregado do cais. E boatos se espalhavam — um desses não ficaria limitado à cidade — então seria mais um tantinho de suspeita entre plebeus e nobres. A quem os plebeus se voltariam, se não ao homem que, todos sabiam, os nobres odiavam? O homem que salvara a Pedra das criaturas da Sombra. Rand al'Thor. O Lorde Dragão.

Era hora de deixar o que semeara. Se a coisa já tivesse criado

raízes no grupo, nada do que dissesse seria capaz de arrancá-las, e ele espalhara outras sementes naquela noite. Mas não seria nada bom se alguém descobrisse que era ele quem andava fazendo o plantio.

— Eles lutaram bravamente ontem à noite, os Grão-lordes. Ora, eu vi… — A voz dele morreu quando as mulheres deram um salto e voltaram a esfregar o chão, e os homens se aprumaram e saíram apressados.

— Também posso arrumar trabalho para menestréis — disse a majhere, atrás dele. — Mãos ociosas são mãos ociosas.

Ele deu um giro gracioso, apesar da perna, e curvou-se em uma mesura profunda. A cabeça da mulher batia abaixo de seu ombro, mas ela provavelmente tinha uma vez e meia o peso dele. Tinha cara de bigorna — que ficava mais acentuada com a atadura envolta nas têmporas — queixo duplo e olhos fundos que pareciam lascas de pederneira negra.

— Tenha um bom dia, graciosa senhora. Uma pequena lembrança deste dia novo e fresco.

Thom fez um floreio com as mãos e tirou uma flor amarelo-alaranjada da manga do casaco — um pouco amassada pelo tempo que passara lá — e prendeu-a nos cabelos grisalhos acima da atadura da mulher. A majhere a arrancou dos cabelos, naturalmente, e a analisou, desconfiada, mas era exatamente o que o menestrel queria. Enquanto a mulher hesitava, deu três passos largos e mancos, e, quando ela o chamou outra vez, aos gritos, ele não deu ouvidos nem reduziu o passo.

Mulher horrível, pensou. *Se a tivéssemos jogado no meio dos Trollocs, ela os teria feito sair varrendo e esfregando.*

Bocejou por detrás da mão, fazendo ranger o maxilar. Estava velho demais para isso. Estava cansado, e o joelho não parava de doer. Noites sem dormir, batalhas, tramoias. Velho demais. Deveria estar vivendo tranquilo em alguma fazenda. Com galinhas. Fazendas sempre tinham galinhas. E ovelhas. Não devia ser difícil tomar conta delas, os pastores pareciam sempre alegres, passavam o tempo todo tocando gaita. Ele tocaria harpa, é claro, não gaita. Ou a flauta, já que o ar livre não era muito bom para a harpa. E haveria uma cidadezinha por perto, com uma estalagem onde poderia divertir a clientela do salão. Fez um floreio com o manto ao passar por duas serviçais. A única razão para usar a pesada peça de tecido naquele calor era poder mostrar às pessoas que era um menestrel. Elas se agitaram ao vê-lo, naturalmente, esperando que ele parasse para entretê-las por um momento. O que era muito gratificante. Sim, uma fazenda tinha seu valor. Era um lugar tranquilo. Ninguém para incomodar. Contanto que houvesse uma cidade por perto.

Empurrou a porta do quarto e parou na mesma hora. Moiraine se

aprumou, como se tivesse todo o direito de revirar os papéis espalhados na escrivaninha, e ajeitou as saias com muita calma enquanto se sentava no banquinho. Lá estava uma bela mulher, com toda a elegância que um homem poderia desejar, incluindo as risadas de seus gracejos. *Tolo! Velho tolo! Ela é uma Aes Sedai, e você está cansado demais para pensar direito.*

— Bom dia, Moiraine Sedai — cumprimentou, pendurando o manto em um gancho. Evitou olhar o baú onde guardava seus escritos, ainda onde o deixara, embaixo da mesa. Não havia por que fazer com que ela percebesse sua importância. Aliás, era provável que não houvesse motivos para conferi-lo depois que ela fosse embora, a mulher poderia ter canalizado para abrir e fechar a tranca, e ele jamais saberia. Cansado como estava, não conseguia nem lembrar se deixara algo incriminatório no baú. Nem em qualquer outro lugar, na verdade. Tudo no quarto estava no lugar exato em que ficava. Thom achava que não era tolo o bastante para deixar algo de fora. As portas dos alojamentos dos serviçais não tinham trancas nem trincos. — Eu ofereceria uma bebida refrescante, mas temo que não tenha nada além de água.

— Não estou com sede — respondeu a Aes Sedai, em uma voz agradável e melodiosa. Então se inclinou para a frente. O quarto era pequeno o bastante para ela pôr a mão no joelho direito de Thom, que sentiu um arrepio frio percorrer o corpo. — Queria que houvesse uma boa Curandeira por perto quando isso aconteceu. Agora já é tarde demais, lamento.

— Uma dúzia de Curandeiras não teria sido suficiente — retrucou. — Foi um Meio-homem que fez.

— Eu sei.

O que mais ela sabe?, perguntou-se Thom. Virando-se para puxar a única cadeira de trás da mesa, abafou um xingamento. Sentia-se como se houvesse tido uma boa-noite de sono, e a dor desaparecera do joelho. A manqueira permanecia, mas a junta estava mais flexível do que quando fora ferido. *Ela sequer perguntou se eu queria ser Curado. Que me queime, o que é que ela quer?* Recusou-se a dobrar a perna. Já que Moiraine não pedira permissão, ele não agradeceria pelo presente.

— Um dia interessante ontem — comentou a mulher, enquanto ele se sentava.

— Eu não chamaria Trollocs e Meios-homens de interessantes — retrucou Thom, secamente.

— Não estava falando disso. Mais cedo. O Grão-lorde Carleon morto em um acidente de caça. Ao que parece, seu bom amigo Tedosian o confundiu com um javali. Ou talvez com um cervo.

— Não fiquei sabendo. — Thom manteve a voz calma. Mesmo que Moiraine tivesse encontrado o bilhete, não poderia conectá-lo a

ele. Até Carleon acreditaria que era sua própria caligrafia. Achava que ela não deveria ter descoberto o bilhete, mas lembrou-se mais uma vez de que Moiraine era uma Aes Sedai. Como se fosse preciso se lembrar disso, com aquele rosto belo e plácido diante dele, os olhos negros e serenos a perscrutá-lo, cheio de tantos segredos. — Os alojamentos dos serviçais fervilham de fofocas, mas eu quase nunca escuto.

— Não escuta? — murmurou a mulher, em voz branda. — Então não ouviu dizer que Tedosian caiu doente menos de uma hora depois de retornar à Pedra, logo depois que sua mulher lhe entregou um cálice de vinho para lavar a poeira da caçada. Dizem que ele chorou ao descobrir que a esposa decidiu ela mesma cuidar dele e alimentá-lo com as próprias mãos. Sem dúvida lágrimas de alegria, diante de tamanho amor. Ouvi falar que ela fez votos de não sair do lado do marido até que ele se levante outra vez. Ou até que morra.

Moiraine sabia. Ele não tinha como dizer de que forma ela descobrira, mas a mulher sabia. Por que estava revelando isso a ele?

— Que tragédia — comentou, em um tom igualmente brando. — Rand vai precisar de todos os Grão-lordes leais que puder encontrar, eu acho.

— Carleon e Tedosian não eram muito leais. Nem um ao outro, ao que parece. Eles lideravam a facção que pretende matar Rand e tentar esquecer que ele um dia viveu.

— Você acha? Eu presto pouquíssima atenção a essas coisas. A vida dos poderosos não é assunto para um simples menestrel.

O sorriso dela era quase uma risada, mas as palavras pareciam recitadas de um livro.

— Thomdril Merrilin. Um dia chamado de Raposa Gris, pelos que o conheciam, ou que ouviam falar dele. Bardo da Corte no Palácio Real de Andor, em Caemlyn. Amante de Morgase por algum tempo, depois da morte de Taringail. Foi uma sorte para Morgase, a morte de Taringail. Não creio que ela algum dia tenha descoberto que o homem queria que ela morresse para se tornar o primeiro rei de Andor. Mas estávamos falando de Thom Merrilin, um homem que, ao que se dizia, era capaz de jogar o Jogo das Casas dormindo. É uma pena que tal homem se considere um simples menestrel. Mas que arrogância manter o mesmo nome.

Thom esforçou-se para mascarar o choque. O quanto ela sabia? Já era demais, ainda que não soubesse mais uma palavra. Porém, Moiraine não era a única que detinha conhecimento.

— Falando de nomes — retrucou, muito calmo — é impressionante o quanto pode se descobrir a partir de um nome. Moiraine Damodred. Lady Moiraine da Casa Damodred, em Cairhien. Meia-irmã mais nova de Taringail. Sobrinha do Rei Laman. E Aes Sedai, não podemos esquecer. Uma Aes Sedai que está auxiliando o

Dragão Renascido desde antes de saber que ele era algo além de um pobre infeliz capaz de canalizar. Uma Aes Sedai com altas conexões na Torre Branca, eu diria, ou não arriscaria o que tem. Alguém no Salão da Torre? Mais de uma pessoa, eu diria. Só pode ser. Uma notícia assim abalaria o mundo. Mas por que causar problemas? Talvez seja melhor deixar um velho menestrel enfiado em sua toca nos alojamentos dos serviçais. Só um velho menestrel, tocador de harpa e contador de histórias. Histórias que não fazem mal a ninguém.

Se conseguira fazê-la hesitar uma fração que fosse, a mulher não demonstrara.

— Especulações sem fatos são sempre perigosas — respondeu, serena. — Eu não uso o nome de minha Casa por opção. A Casa Damodred já tinha má reputação, e merecida, antes de Laman cortar *Avendoraldera* e perder o trono e a vida por isso. Desde a Guerra dos Aiel a coisa apenas piorou, também merecidamente.

Será que nada abalava aquela mulher?

— O que é que você quer de mim? — inquiriu Thom, irritado.

Moiraine apenas piscou.

— Elayne e Nynaeve embarcam num navio para Tanchico hoje. Uma cidade perigosa, Tanchico. Seus conhecimentos e habilidades talvez salvem a vida delas.

Então era isso. A mulher queria afastá-lo de Rand, deixar o rapaz exposto às suas manipulações.

— Concordo, Tanchico está perigosa, mas sempre foi assim. Desejo o melhor às duas moças, mas não tenho vontade alguma de meter a cabeça em um ninho de víboras. Estou velho demais para este tipo de coisa. Andei pensando em virar fazendeiro. Uma vida tranquila. Segura.

— Acho que uma vida tranquila mataria você. — Visivelmente bem-humorada, Moiraine se ocupou em rearrumar as dobras da saia com as mãos pequenas e delgadas. Thom tinha a impressão de que ela escondia um sorriso. — Mas Tanchico, não. Eu garanto, e pelo Primeiro Juramento, que você sabe que é verdadeiro.

Thom franziu o cenho para ela, apesar do enorme esforço em manter o rosto impassível. Moiraine não era capaz de mentir, mas como ela poderia saber? Tinha certeza de que ela não podia Prever, tinha certeza de que a ouvira negar ter tal Talento. Mas a mulher dissera aquilo. *Que se queime, mulher!*

— Por que eu deveria ir para Tanchico? — Moiraine podia passar sem o vocativo respeitoso.

— Para proteger Elayne? A filha de Morgase?

— Não vejo Morgase há quinze anos. Elayne era uma menina quando saí de Caemlyn.

A Aes Sedai hesitou, mas, quando falou, a voz estava firme e

implacável.

— E seus motivos para deixar Andor? Um sobrinho chamado Owyn, eu presumo. Um desses pobres coitados de quem você falou que são capazes de canalizar. As irmãs Vermelhas deveriam levá-lo a Tar Valon, como acontece com qualquer homem desse tipo, mas em vez disso o amansaram onde ele estava e o abandonaram à… mercê de seus vizinhos.

Thom derrubou a cadeira ao se levantar, depois precisou se apoiar na mesa, pois os joelhos tremiam. Owyn não vivera por muito tempo depois de ser amansado, levado de casa pelos supostos amigos, que não foram capazes de suportar ter entre si nem ao menos um homem que já não podia mais canalizar. Nada que Thom fizesse poderia impedir Owyn de não querer viver, nem evitar que sua jovem esposa o seguisse para o túmulo em menos de um mês.

— Por que…? — Pigarreou de repente, tentando fazer a voz soar menos áspera. — Por que está me dizendo isso?

Havia compaixão no rosto de Moiraine. Quem sabe até arrependimento? Com certeza não. Não vindo de uma Aes Sedai. A compaixão também deveria ser falsa.

— Eu não teria feito isso se você estivesse disposto a ir apenas para ajudar Elayne e Nynaeve.

— Por quê, que se queime! Por quê?

— Se você for com Elayne e Nynaeve, revelarei os nomes das irmãs Vermelhas da próxima vez que nos virmos, além do nome de quem emitiu as ordens. Elas não agiram sozinhas. E *nos veremos* outra vez. Você vai sobreviver a Tarabon.

Ele soltou um suspiro irregular.

— De que me vai adiantar saber os nomes delas? — perguntou, com a voz inexpressiva. — Nomes de Aes Sedai, rodeadas pelo poder da Torre Branca.

— Um jogador habilidoso e perigoso do Jogo das Casas pode encontrar utilidade para eles — respondeu a mulher, baixinho. — Elas não deviam ter feito o que fizeram. Não deviam ter sido perdoadas por isso.

— Você pode ir embora, por favor?

— Mostrarei a você que nem todas as Aes Sedai são como aquelas Vermelhas, Thom. Você precisa aprender isso.

— Por favor?

Ele continuou apoiado na mesa depois que ela se foi, sem querer deixar que Moiraine o visse desabar de joelhos, desajeitado, ou notasse as lágrimas correndo pelo velho rosto. *Ah, Luz. Owyn.* Enterrara aquilo o mais fundo que pudera. *Não consegui chegar lá a tempo. Estava muito ocupado. Muito ocupado com o maldito Jogo das Casas.* Esfregou o rosto, irritado. Moiraine era uma das melhores no

Jogo. Mexendo com ele daquele jeito, puxando cada corda que ele pensava estar perfeitamente escondida. Owyn, Elayne. A filha de Morgase. Sentia apenas afeição por Morgase, talvez um pouco mais, porém era difícil alguém se desligar de uma criança que carregara no colo. *Aquela garota, em Tanchico? Ela não é páreo para a cidade, mesmo que não houvesse guerra. Agora deve estar um covil de lobos raivosos. E Moiraine vai revelar os nomes.* Tudo o que tinha de fazer era deixar Rand nas mãos da Aes Sedai. Assim como deixara Owyn. Ela o encurralara, Thom mais parecia uma serpente com um graveto cravado no corpo, condenado, por mais que se contorcesse para escapar. *Que se queime, essa mulher.*

Carregando uma cesta bordada no braço, Min juntou as saias com a outra mão e saiu do salão de jantar, logo após o café da manhã, em um passo suave, empertigada. Poderia equilibrar um cálice cheio de vinho na cabeça sem derrubar uma gota sequer. Em parte, porque não conseguia dar um passo decente dentro daquele vestido, todo de seda azul-clara, de corpete apertado, mangas e uma saia cheia cuja bainha bordada arrastava no chão se não fosse erguida. Em parte, também, porque tinha certeza de que sentia os olhos de Laras em suas costas.

Uma olhadela para trás comprovou que estava certa. A Mestra das Cozinhas, um barril de vinho com pernas, a encarava da porta do salão de jantar com um sorriso. Quem diria que a mulher fora uma beldade na juventude, ou que teria um lugar em seu coração para mocinhas belas e sedutoras? "Vivazes", como as chamava. Quem suspeitaria que ela decidiria acolher "Elmindreda" sob as asas robustas? Não era uma posição confortável. Laras mantinha o olho atento e protetor em Min, um olho que parecia encontrá-la em qualquer lugar dentro dos muros da Torre. Min sorriu de volta e passou as mãos nos cabelos, um capacete redondo de cachos negros. *Que a queime, mulher! Será que ela não tem alguma coisa para cozinhar, ou algum ajudante de cozinha com quem berrar?*

Laras acenou para ela, que acenou de volta. Não podia dar-se ao luxo de ofender alguém que a observava tão de perto, pois não fazia ideia de quantos erros podia acabar cometendo. Laras sabia todos os truques das mulheres "vivazes" e ensinava a Min os que a garota não conhecia.

Um dos maiores erros, refletiu a jovem, enquanto se sentava no banco de mármore debaixo de um salgueiro alto, *foi o bordado*. Não do ponto de vista de Laras, mas do dela própria. Puxando da cesta o aro de bordado, examinou com pesar o trabalho do dia anterior, vários malmequeres amarelos inclinados e algo que era para ser um botão de rosa amarelo-claro, embora ninguém fosse capaz de adivinhar sem a devida explicação. Com um suspiro, começou a desfazer os pontos.

Leane tinha razão, supôs. Uma mulher poderia passar horas sentada com um aro de bordado, observando a tudo e a todos, e ninguém acharia estranho. Porém, ajudaria bastante se Min tivesse um mínimo de talento para a coisa.

Pelo menos era uma manhã perfeita para ficar ao ar livre. O sol dourado acabara de despontar no horizonte, em um céu com poucas nuvens, brancas e fofas, que pareciam ordenadas para enfatizar a perfeição. Uma brisa leve captava o aroma de rosas e revolvia os altos arbustos com grandes flores vermelhas e brancas. Em breve, os caminhos de cascalho perto da árvore estariam repletos de gente absorta em suas tarefas, de Aes Sedai a cavalariços. Uma manhã perfeita, e um local perfeito para observar sem ser vista. Talvez hoje notasse algo de útil.

— Elmindreda?

Min deu um salto e enfiou o dedo furado na boca. Deu um giro no banco, preparada para xingar Gawyn por aparecer sorrateiro, mas as palavras congelaram em sua boca. Galad estava com ele. O rapaz era mais alto que Gawyn, tinha pernas compridas e se movia com a graça de um dançarino e com uma força esguia e musculosa. As mãos também eram compridas e elegantes, porém fortes. E o rosto… Ele era, simplesmente, o homem mais bonito que Min já vira.

— Pare de chupar o dedo — disse Gawyn, sorrindo. — Sabemos que é uma menininha bonita, não precisa provar.

Enrubescida, Min puxou a mão depressa, quase disparando um olhar furioso, o que seria totalmente inadequado para Elmindreda. Gawyn não precisara de ameaças ou ordens da Amyrlin para manter o segredo dela, bastou pedir, mas o rapaz aproveitava todas as oportunidades que tinha para provocá-la.

— Não é certo zombar, Gawyn — disse Galad — Ele não quis ofender, Srta. Elmindreda. Perdoe-me a confusão, mas será que já nos vimos antes? Quando franziu a testa para Gawyn, agora há pouco, de maneira tão feroz, quase tive a sensação de que já a conhecia.

Min baixou os olhos, recatada.

— Ah, eu jamais esqueceria que conheci *o senhor*, milorde Galad — disse, com a melhor voz de garotinha tonta.

O tom tímido e a raiva por conta do próprio deslize enviaram uma onda de calor que enrubesceu seu rosto, deixando o disfarce ainda melhor.

Não parecia em nada consigo mesma, e o vestido e o cabelo eram apenas parte do disfarce. Leane comprara cremes, talcos e toda sorte de coisas incríveis com perfumes misteriosos na cidade, depois a treinara até que Min fosse capaz de usar tudo aquilo de olhos fechados. Agora, a jovem tinha maçãs do rosto, além de mais cor nos lábios do que a natureza concedera. Um creme escuro delineava as

pálpebras e um pó fino enfatizava os cílios e fazia os olhos parecerem maiores. Bem diferente do que era de fato. Algumas das noviças haviam elogiado sua beleza, admiradas, e até umas poucas Aes Sedai a chamaram de "uma criança muito bonita". Odiava aquilo. Admitia que o vestido era bem bonito, mas de resto odiava tudo o mais. No entanto, não faria sentido usar um disfarce se não o sustentasse.

— Tenho certeza de que você se lembraria — disse Gawyn, com a voz seca. — Eu não queria ter atrapalhado seu bordado… São andorinhas, não são? Andorinhas *amarelas*? — Min enfiou o aro de volta na cesta. — Mas eu queria pedir sua opinião a respeito disso aqui. — Ele enfiou nas mãos dela um pequeno livro com capa de couro, velho e surrado, e de súbito sua voz pareceu mais séria. — Diga ao meu irmão que isso é uma bobagem. Talvez ele escute você.

Min examinou o livro. *O Caminho da Luz*, de Lothair Mantelar. Abriu em uma página ao acaso e leu.

— Por conseguinte, abjure todo o prazer, pois a bondade é pura abstração, um ideal perfeito e cristalino, turvado por emoções vis. Não dê prazer à carne. A carne é fraca, mas o espírito é forte. A carne é inútil quando é forte o espírito. O pensamento correto é afogado em sensações, e as ações corretas, estorvadas pelas paixões. Busque toda a alegria na retidão, apenas nela. — Parecia mesmo pura bobagem.

Min sorriu para Gawyn e até conseguiu soltar um risinho nervoso.

— Quantas palavras. Receio saber pouco sobre livros, milorde Gawyn. Sempre tive intenção de ler algum… Tenho mesmo. — Suspirou. — Mas tenho tão pouco tempo. Ora, levo horas só para arrumar o cabelo a contento. Os senhores acham que está bonito?

O espanto indignado no rosto do rapaz quase a fez gargalhar, mas ela conseguiu transformar a reação em uma risadinha. Era um prazer virar a mesa, para variar. Precisava fazer isso mais vezes. O disfarce guardava possibilidades que não considerara. A estadia na Torre se tornara completamente tediosa e irritante. Min merecia *alguma* diversão.

— Lothair Mantelar — explicou Gawyn, com a voz tensa — fundou os Mantos-brancos. Os Mantos-brancos!

— Ele foi um grande homem — retrucou Galad, com firmeza. — Um filósofo de ideais nobres. Mesmo que os Filhos da Luz às vezes sejam… desmedidos… desde a época dele, isso não muda o fato.

— Minha nossa. Mantos-brancos — disse Min, arquejante, acrescentando um leve arrepio. — São homens muito brutos, pelo que ouvi dizer. Não consigo imaginar um Manto-branco dançando. Acham que há alguma chance de termos dança por aqui? As Aes Sedai também não parecem ligar muito para festas, e gosto tanto de

dançar…

A frustração nos olhos de Gawyn era um deleite.

— Acho que não — respondeu Galad, tomando o livro das mãos dela. — As Aes Sedai estão muito ocupadas com… Seus próprios negócios. Se eu ouvir falar em alguma boa dança na cidade, posso levar a senhorita, se desejar. Não precisa ter medo de ser incomodada por aqueles dois grosseirões.

O rapaz sorriu para ela, sem perceber o que fazia, e Min de repente ficou sem ar de verdade. Os homens não deveriam ter permissão para sorrir desse jeito.

Precisou de um instante para se lembrar a que dois grosseirões ele se referia. Os dois homens que supostamente haviam pedido a mão de Elmindreda em casamento, que quase duelaram entre si porque a garota não conseguia tomar uma decisão e a pressionaram a ponto de ela precisar buscar abrigo na Torre. Era apenas toda a justificativa pela qual estava ali. *É esse vestido*, disse a si mesma. *Eu conseguiria pensar direito se estivesse usando minhas roupas.*

— Percebi que a Amyrlin fala com a senhorita todos os dias — comentou Gawyn, de repente. — Ela mencionou nossa irmã, Elayne? Ou Egwene al'Vere? Disse alguma coisa a respeito de onde estão?

Min desejou socar Gawyn bem no olho. O rapaz não sabia por que ela estava disfarçada, é claro, mas concordara em ajudá-la a ser aceita como Elmindreda, e agora a estava ligando a mulheres que muita gente na Torre sabia serem amigas de Min.

— Ah, o Trono de Amyrlin é uma mulher tão bonita — respondeu, com doçura, abrindo os dentes em um sorriso. — Ela sempre pergunta como tenho passado o tempo, e sempre elogia meu vestido. Acho que torce para que eu tome logo uma decisão em relação a Darvan e Goemal, mas eu simplesmente não consigo. — Arregalou os olhos, tentando parecer confusa e desamparada. — Os dois são tão doces. De quem foi que o senhor falou? De sua irmã, Lorde Gawyn? A Filha-herdeira em pessoa? Acho que nunca ouvi o Trono de Amyrlin mencioná-la. Qual foi o outro nome?

Dava para ouvir o ranger dos dentes de Gawyn.

— Não deveríamos incomodar a Senhorita Elmindreda com isso — disse Galad. — Isso é problema nosso, Gawyn. Cabe a nós descobrirmos a mentira e lidarmos com ela.

Min mal escutou o rapaz, pois de súbito voltou o olhar para um homem corpulento, de cabelos compridos e cacheados por cima dos ombros curvados, vagando sem rumo por um dos caminhos de cascalho em meio às árvores, sob o olhar atento de uma Aceita. Já vira Logain antes, um homem de rosto triste, que um dia fora alegre e

animado, sempre em companhia de uma Aceita. O papel da mulher era impedi-lo de se matar, bem como evitar sua fuga. Apesar de seu tamanho, Logain não parecia tramar fuga alguma. Mas era a primeira vez que Min via um halo flamejante em volta da cabeça do homem, radiante, dourado e azul. Aparecera apenas por um instante, mas fora o suficiente.

Logain se proclamara o Dragão Renascido, então fora capturado e amansado. Qualquer glória que obtivera como falso Dragão já estava havia muito perdida. Tudo o que restava para ele era o desespero do amansamento — como um homem de quem foram roubados a visão, a audição e o paladar — e o desejo de morrer, esperando a morte que inevitavelmente chegaria em poucos anos, como sempre acontecia com esses homens. Ele a encarou, talvez sem vê-la. Seus olhos pareciam desconsolados e introspectivos. Então por que ostentava um halo que prenunciava glória e poder? Min precisava contar aquilo à Amyrlin.

— Pobre sujeito — murmurou Gawyn. — Não consigo deixar de sentir pena. Luz, seria um gesto de misericórdia deixar que ele acabasse com tudo. Por que o obrigam a continuar vivendo?

— Ele não é digno de pena — retrucou Galad. — Você se esqueceu do que ele foi, do que fez? Quantos milhares morreram antes de ele ser capturado? Quantas cidades foram incendiadas? Mantê-lo vivo serve de aviso para os outros.

Gawyn assentiu, mas com relutância.

— E mesmo assim houve homens que o seguiram. Algumas dessas cidades foram incendiadas, depois que se declararam a favor dele.

— Eu preciso ir — disse Min, levantando-se, e Galad na mesma hora se mostrou solícito e preocupado.

— Perdoe-nos, Senhorita Elmindreda. Não tivemos a intenção de assustá-la. Logain não pode fazer mal à senhorita. Eu lhe dou minha garantia.

— Eu… É, ele me deixou um pouco tonta. Me desculpem. Preciso mesmo me deitar.

A expressão de Gawyn era extremamente cética, mas ele pegou a cesta antes que ela pudesse tocá-la.

— Deixe-me pelo menos acompanhá-la em um trecho do caminho — disse, com uma voz que transbordava falsa preocupação. — Esta cesta deve estar muito pesada, tonta como a senhorita está. Não quero que acabe desmaiando.

Min queria agarrar a cesta e dar na cara dele, mas Elmindreda jamais reagiria assim.

— Ah, obrigada, milorde Gawyn. O senhor é tão gentil. Tão gentil. Não, não, milorde Galad. Não permitam que eu seja um estorvo. Sente-se aí e leia seu livro. Diga que o fará. Não admito que

seja de outra forma. — Ela até bateu os cílios.

Deu um jeito de empurrar Galad no banco de mármore e ir embora, mas com Gawyn em seus calcanhares. As saias a deixavam irritada, tinha vontade de puxá-las até o joelho e sair correndo, mas Elmindreda jamais sairia correndo, nem exporia uma parte tão grande das pernas, a não ser que estivesse dançando. Laras a instruíra com muito rigor sobre isso. Uma só corrida, e destruiria completamente a imagem de Elmindreda. E Gawyn…!

— Passe essa cesta para cá, seu cretino desmiolado — rosnou, assim que os dois saíram da vista de Galad, puxando-a dos braços do jovem antes que ele pudesse acatar a ordem. — Que história é essa de perguntar por Elayne e Egwene na frente dele? Elmindreda não conhece essas duas. Elmindreda não se importa com elas. Elmindreda não quer ser mencionada na mesma frase que elas! Será que não dá para você entender?

— Não — respondeu o jovem. — Não, já que você não me explica nada. Mas lamento muito. — Min não sentiu arrependimento suficiente na voz dele. — Só estou preocupado. Onde é que elas estão? Essa notícia que veio do norte do rio sobre um falso Dragão em Tear não me deixa nem um pouco tranquilo. Elas estão por aí, em algum lugar, sabe a Luz onde, e fico me perguntando… E se estiverem no meio da fogueira em que Logain transformou Ghealdan?

— E se ele não for um falso Dragão? — perguntou Min, com cautela.

— Está dizendo isso por causa das histórias que afirmam que ele tomou a Pedra de Tear? Os boatos sempre dão um jeito de aumentar as coisas. Só vou acreditar quando vir com meus próprios olhos, e mesmo assim será preciso mais do que isso para me convencer. Até a Pedra poderia ruir. Luz, não acredito que Elayne e Egwene estejam mesmo em Tear, mas essa incerteza corrói meu estômago feito ácido. Se ela estiver ferida…

Min não soube dizer a qual “ela” o rapaz se referia, e suspeitava que ele também não soubesse. Apesar das provocações, sentia pena dele, mas nada podia fazer.

— Se você pelo menos pudesse fazer o que eu digo e…

— Eu sei. Confiar na Amyrlin. Confiar! — Ele exalou um longo suspiro. — Está sabendo que Galad tem ido às tavernas beber com os Mantos-brancos? Qualquer um pode cruzar as pontes se vier em paz, até os Filhos da maldita Luz.

— Galad? — perguntou, incrédula. — Nas tavernas? Bebendo?

— Não passa de um ou dois canecos, tenho certeza. Ele não consegue sair da linha mais do que isso, nem na festa do dia do seu nome. — Gawyn franziu a testa, como se não soubesse ao certo se aquilo era uma crítica a Galad. — A questão é que ele anda falando

com Mantos-brancos. E agora esse livro. Segundo a dedicatória, foi Eamon Valda em pessoa quem deu o livro a ele. “Espero que você encontre o caminho.” Valda, Min. O comandante dos Mantos-brancos do outro lado das pontes. Essa incerteza também está corroendo Galad. Dando ouvidos a Mantos-brancos… Se alguma coisa acontecer à nossa irmã, ou a Egwene… — Ele balançou a cabeça. — Você sabe onde elas estão, Min? Me contaria se soubesse? Por que está escondendo isso?

— Porque levei dois homens à loucura com a minha beleza e sou incapaz de me decidir — respondeu, ácida.

Galad soltou uma meia risada amarga, depois disfarçou-a, abrindo um sorriso.

— Bem, pelo menos nisso eu posso acreditar. — Deu uma risadinha e passou um dedo pelo queixo dela. — Você é uma garota muito linda, Elmindreda. Uma garotinha linda e sagaz.

Min cerrou o punho e tentou socá-lo no olho, mas o rapaz desviou, e ela tropeçou nas próprias saias e quase caiu.

— Seu touro descerebrado desgraçado de um homem! — rosnou.

— Que movimento gracioso, Elmindreda — comentou ele, rindo. — Que voz mais doce, parece até um rouxinol, ou uma pombinha arrulhando à noite. Que homem não seria arrebatado pela visão de Elmindreda? — A alegria foi-se embora, e ele a encarou com sobriedade. — Se descobrir algo, por favor me conte. Por favor? Vou implorar de joelhos, Min.

— Eu conto — respondeu. *Se puder. Se for seguro para elas. Luz, como odeio este lugar. Por que não posso simplesmente voltar para Rand?*

Saiu de perto de Gawyn e adentrou a Torre sozinha, como era apropriado, os olhos atentos a Aes Sedai ou Aceitas que pudessem questionar por que ela não estava no térreo e aonde ia. A notícia de Logain era importante demais para aguardar até que a Amyrlin a encontrasse, aparentemente por acidente, em algum momento no fim da tarde, como de costume. Pelo menos, foi o que disse a si mesma. A impaciência era demais.

Viu poucas Aes Sedai dobrando qualquer corredor à frente ou adentrando algum aposento a distância, o que era excelente. Ninguém chegava sem avisar para ver o Trono de Amyrlin. Os poucos serviçais por quem passou, todos alvoroçados com suas tarefas, não a questionaram, naturalmente, sequer a olharam duas vezes, exceto para curvar-se em rápidas mesuras, quase sem parar.

Abriu a porta do gabinete da Amyrlin. Tinha na ponta da língua uma historinha boba, caso houvesse alguém com Leane, mas a antessala estava vazia. Correu até a porta interna e meteu a cabeça para dentro. A Amyrlin e a Curadora estavam sentadas uma de cada lado da mesa de Siuan, abarrotada de pequenas tiras de papel fino. As

duas viraram as cabeças bem depressa em sua direção e cravaram os olhos nela feito quatro pregos.

— O que está fazendo aqui? — inquiriu a Amyrlin, bruscamente. — Você deveria ser uma garotinha boba em busca de proteção, não minha amiga de infância. Não deve existir qualquer tipo de contato entre nós, exceto pelo mais fortuito e casual. Se for necessário, vou mandar que Laras a vigie como uma ama vigia as crianças. Ela adoraria, eu acho, mas duvido que você fosse gostar.

Min estremeceu só de pensar. De súbito, Logain não parecia tão urgente. Era muito pouco provável que o homem fosse conquistar qualquer glória nos próximos dias. Não era ele o motivo real de sua visita. Na realidade, era apenas uma desculpa, mas não voltaria mais atrás. Fechando a porta atrás de si, relatou, aos tropeços, o que vira e o que a visão significava. Ainda se sentia desconfortável em fazê-lo na frente Leane.

Siuan balançou a cabeça, cansada.

— Mais uma coisa com que me preocupar. Fome em Cairhien. Uma irmã desaparecida em Tarabon. Ataques de Trollocs aumentando de novo nas Terras da Fronteira. Esse idiota que se intitula o Profeta provocando motins em Ghealdan. Ao que parece, ele anda pregando que o Dragão Renasceu como lorde shienarano — disse, incrédula. — Até as menores coisas são terríveis. A guerra em Arad Doman acabou com os negócios com Saldaea, e esse aperto está criando agitação em Maradon. Pode até ser que Tenobia seja deposta do trono. A única boa notícia que ouvi foi que a Praga encolheu, por algum motivo. Duas milhas ou mais de campos para além das pedras da fronteira sem qualquer traço de corrupção ou pestilência, de Saldaea até Shienar. É a primeira vez que algo assim acontece. Mas creio que as boas notícias tenham que ser equilibradas pelas más. Quando um barco tem um furo, é certo que não é o único. Eu só gostaria que houvesse equilíbrio. Leane, reforce a vigilância sobre Logain. Não imagino que tipo de problemas ele poderia causar, mas também não quero descobrir. — Ela voltou o olhar penetrante para Min. — Por que veio correndo para cá feito uma gaivota assustada batendo as asas? Logain poderia ter esperado. É pouco provável que o homem alcance poder e glória antes de o dia nascer.

O eco de seus pensamentos fez Min se remexer, incomodada.

— Eu sei — disse. Leane ergueu as sobrancelhas em advertência, e ela acrescentou apressada: — Mãe.

A Curadora assentiu em aprovação.

— Isso não esclarece o motivo, criança — retrucou Siuan.

Min se preparou.

— Mãe, nada do que eu vi desde o primeiro dia foi muito importante. Sem dúvida não vi nada que aponte para a Ajah

Negra. — O nome ainda lhe causava calafrios. — Já contei tudo o que sei sobre qualquer tipo de desastre que vocês Aes Sedai virão a enfrentar, e o resto é simplesmente inútil. — Precisou parar e engolir em seco, com aquele olhar penetrante a encará-la. — Mãe, não há motivo para eu não partir. E há motivo para eu ir. Talvez Rand possa aproveitar de verdade as minhas habilidades. Se *tiver* tomado a Pedra… Mãe, pode ser que ele precise de mim. — *Pelo menos eu preciso dele, que me queime por ser tão idiota!*

Deu para ver o tremor da Curadora à menção do nome de Rand. Siuan, por outro lado, soltou uma bufada alta.

— Suas visões têm sido muito úteis. É importante saber a respeito de Logain. Você encontrou o criado que estava roubando antes que as suspeitas recaíssem sobre qualquer outro. E aquela noviça de cabelos vermelhos que ia acabar carregando uma criança no ventre…! Sheriam a impediu… a garota não vai sequer pensar em homens até concluir o treinamento. Mas, sem você, não saberíamos até que fosse tarde demais. Não, você não pode ir. Mais cedo ou mais tarde, suas visões traçarão um mapa até a Ajah Negra e, enquanto isso não acontece, ainda compensam bastante.

Min suspirou, e não apenas porque a Amyrlin pretendia mantê-la ali. Da última vez que vira aquela noviça de cabelos vermelhos, a garota estava saindo sorrateira com um guarda musculoso para um matagal próximo à Torre. Os dois iriam se casar, talvez antes do fim do verão. Min soube disso assim que os viu sozinhos, mas a Torre jamais deixaria uma noviça ir embora até que estivesse pronta para soltá-la ao mundo, mesmo se a moça não fosse mais capaz de avançar no treinamento. Havia uma fazenda no futuro daquele casal, e um bando de crianças, mas era inútil discutir com a Amyrlin.

— Será que a senhora poderia pelo menos mandar informar a Galad e Gawyn que a irmã deles está bem, Mãe? — A pergunta a aborrecia, e seu tom de voz também. Parecia uma criança a quem tinham negado uma fatia de bolo e pedia um biscoitinho para compensar. — Pelo menos conte a eles alguma coisa além daquela história ridícula de cumprir penitência em uma fazenda.

— Eu já disse que isso não é da sua conta. Não me obrigue a dizer outra vez.

— Eles sabem tanto quanto eu que não é verdade — deixou escapar Min, antes que o sorriso seco da Amyrlin pudesse calá-la. Não era um sorriso bem-humorado.

— Está sugerindo que eu mude o local onde elas supostamente estão? Depois de deixar todos pensarem que estão em uma fazenda? Acha que isso não vai levantar suspeitas? Todo mundo aceita, a não ser esses rapazes. E você. Bem, Coulin Gaidin terá de fazê-los trabalhar com mais afinco. Músculos doloridos e bastante suor desviam a

atenção da maioria dos homens de outras perturbações. E das mulheres também. Se continuar fazendo perguntas demais, vou acabar descobrindo o que alguns dias esfregando panelas podem fazer por você. Melhor perder seus préstimos por dois ou três dias do que vê-la enfiando o nariz onde não é chamada.

— A senhora sequer sabe se elas estão correndo perigo, não é? Ou Moiraine.

Não era de Moiraine que estava falando.

— Garota — começou Leane, em tom de advertência, mas Min não seria detida.

— Por que não escutamos nada? Os boatos começaram dois dias atrás. Dois dias! Por que é que um desses papéis na sua mesa não contém uma mensagem dela? Ela não tem pombos? Pensei que vocês, Aes Sedai, tivessem gente com pombos-correios o tempo todo. Se não tem nenhuma mensagem dela em Tear, deveria ter. Um homem a cavalo já poderia ter chegado a Tar Valon. Por que…

O baque seco da palma de Siuan na mesa a interrompeu.

— Você é muitíssimo obediente — disse, irônica. — Criança, até escutarmos o contrário, presuma que o rapaz está bem. Reze para que esteja. — Leane estremeceu outra vez. — Existe um ditado no Maule, criança — prosseguiu a Amyrlin. — "Não dê problemas aos problemas até que os problemas lhe deem problemas." Guarde bem essas palavras, criança.

Ouviu-se uma tímida batida na porta.

A Amyrlin e a Curadora se entreolharam, depois se voltaram para Min. A presença dela era um problema. Decerto não havia onde se esconder. Dava para ver até a varanda com muita clareza de todo o aposento.

— Uma razão para sua presença aqui — murmurou Siuan — que não a faça parecer outra coisa que não a garota tola que deveria ser. Leane, fique a postos na porta. — Ela e a Curadora estavam de pé, juntas, Siuan dando a volta na mesa enquanto Leane se encaminhava para a porta. — Sente-se na cadeira de Leane, garota. Ande logo, criança. Ande logo. Agora faça uma cara emburrada. Não irritada, emburrada! Faça beicinho e fique encarando o chão. Vou fazer você usar fitas no cabelo, arcos enormes, vermelhos. Isso mesmo. Leane. — A Amyrlin pôs as mãos na cintura e ergueu a voz. — E se você entrar aqui sem ser anunciada mais uma vez, criança, eu vou…

Leane abriu a porta e revelou uma noviça escura que se encolheu ao ouvir a bronca da Amyrlin e curvou-se em uma mesura profunda.

— Mensagens para a Amyrlin, Aes Sedai — ganiu a mocinha. — Dois pombos chegaram no celeiro. — Era uma das moças que haviam elogiado a beleza de Min. De olhos arregalados, ela tentava identificar o que ocorria atrás da Curadora.

— Isso não é da sua conta, criança — disse Leane, rude, tomando os pequenos cilindros de osso das mãos da garota. — De volta para o celeiro. — Antes que a noviça terminasse de se levantar, Leane fechou a porta, depois se apoiou nela e suspirou. — Dou um pulo a cada som inesperado desde que você me disse… — Ela se aprumou e retornou à mesa. — Mais duas mensagens, Mãe. Devo…?

— Sim, pode abrir — respondeu a Amyrlin. — Morgase sem dúvida decidiu invadir Cairhien, afinal. Ou os Trollocs invadiram as Terras da Fronteira. Seria condizente com todo o resto. — Min permaneceu sentada. Siuan tinha feito algumas ameaças parecerem bastante realistas.

Leane examinou o selo de cera vermelha no canto de um dos pequenos cilindros, não maior do que a junta do próprio dedo. Ao convencer-se de que não fora adulterado, quebrou-o com a unha do polegar. Extraiu o papel enrolado dentro do tubo com um palito de marfim.

— Quase tão ruins quanto os Trollocs, Mãe — disse, praticamente no instante em que começou a ler. — Mazrim Taim fugiu.

— Luz! — vociferou Siuan. — Como?

— Aqui só diz que ele foi levado em uma ação furtiva no meio da noite, Mãe. Duas irmãs estão mortas.

— Que a Luz ilumine suas almas. Mas temos pouco tempo para prantear os mortos quando criaturas como Taim estão vivas e não amansadas. Onde, Leane?

— Em Denhuir, Mãe. Uma aldeia a leste das Montanhas Negras, na Estrada de Maradon, acima das nascentes do Antaeo e do Luan.

— Só podem ter sido alguns de seus seguidores. Idiotas. Por que não admitem a derrota? Escolha uma dúzia de irmãs confiáveis, Leane… — A Amyrlin fez uma careta. — Confiáveis — resmungou. — Se eu soubesse quem é mais confiável do que um lúcio, não teria os problemas que tenho. Faça o melhor, Leane. Doze irmãs. E quinhentos guardas. Não, mil.

— Mãe — começou a Curadora, em um tom preocupado — os Mantos-brancos…

— Não tentariam cruzar as pontes nem se eu as deixasse totalmente sem vigia. Teriam medo de uma armadilha. Não há como dizer o que está acontecendo por lá, Leane. Quero que meus enviados estejam prontos para qualquer coisa. E Leane… Mazrim Taim deve ser amansado assim que for capturado, dessa vez.

Leane arregalou os olhos, chocada.

— A lei.

— Conheço a lei tão bem quanto você, mas não vou arriscar que ele seja solto de novo sem ter sido amansado. Não arriscarei outro Guaire Amalasan, não com tudo o que está acontecendo.

— Sim, Mãe — respondeu Leane, com a voz fraca.

A Amyrlin pegou o segundo cilindro de osso, rompeu-o em dois com um estalido e tirou a mensagem de dentro.

— Até que enfim uma boa notícia! — Ela suspirou, com um sorriso no rosto. — Uma boa notícia. "A lança foi usada. O pastor detém a espada."

— Rand? — perguntou Min, e Siuan assentiu.

— É claro, garota. A Pedra caiu. Rand al'Thor, o pastor, detém *Callandor*. Agora posso avançar. Leane, quero o Salão da Torre reunido hoje à tarde. Não, agora de manhã.

— Não estou entendendo — disse Min. — A senhora sabia que os rumores eram sobre Rand. Por que está convocando o Salão agora? O que pode fazer agora que não podia antes?

Siuan riu feito uma garotinha.

— O que posso fazer agora é contar a eles que recebi notícias de uma Aes Sedai de que a Pedra de Tear caiu e um homem empunhou *Callandor*. Profecia cumprida. O suficiente para o meu objetivo, pelo menos. O Dragão Renasceu. Elas vão vacilar, vão discutir, mas ninguém pode se opor à minha declaração oficial de que a Torre deve guiar este homem. Enfim poderei me ocupar dele abertamente. Pelo menos em grande parte.

— Estamos fazendo a coisa certa, Mãe? — perguntou Leane, de repente. — Eu sei… Se ele detém *Callandor*, deve ser o Dragão Renascido. Mas ele é capaz de canalizar, Mãe. Um homem capaz de canalizar. Eu só o vi uma vez, mas mesmo naquela época já havia algo de diferente nele. Algo mais do que *ta'veren*. Mãe, no fim das contas, será que ele é tão diferente assim de Taim?

— A diferença é que ele *é* o Dragão Renascido, filha — respondeu a Amyrlin, baixinho. — Taim é um lobo, e decerto raivoso. Rand al'Thor é o sabujo que usaremos para derrotar a Sombra. Guarde este nome com você, Leane. É melhor não revelar tanto tão cedo.

— Como a senhora quiser, Mãe — disse a Curadora, ainda desconfortável.

— Agora vá. Quero o Salão reunido em uma hora. — Siuan observou a mulher mais alta sair, pensativa. — Pode haver mais resistência do que eu gostaria — disse, quando a porta se fechou.

Min lançou a ela um olhar penetrante.

— A senhora não quer dizer…

— Ah, nada sério, criança. Não enquanto não souberem há quanto tempo estou envolvida com esse rapaz, al'Thor. — Ela encarou outra vez a folha de papel, depois largou-a na mesa. — Queria que Moiraine tivesse dito mais.

— Por que foi que ela não disse mais? E por que não ouvimos notícias antes?

— Lá vem você com mais perguntas. Esta você deve fazer a Moiraine. Ela sempre seguiu os próprios caminhos. Pergunte a Moiraine, criança.

Sahra Covenry carpia com a enxada sem muita habilidade, franzindo a testa para os minúsculos brotos de margaridinhas-amarelas e pés-de-galinha, começando a sair da terra entre as fileiras de repolhos e beterrabas. Não que a Senhora Elward fosse uma capataz severa — não era pior do que a mãe de Sahra, e era sem dúvida mais branda do que Sheriam — mas a menina não fora até a Torre Branca para acabar em uma fazenda carpindo legumes antes de o sol nascer completamente. Os vestidos brancos de noviça estavam guardados, ela usava uma lã marrom que podia muito bem ter sido cerzida pela própria mãe, a saia amarrada na altura dos joelhos para ficar longe da lama. E não fizera nada para merecer aquilo.

Remexendo os dedos dos pés no solo revirado, cravou os olhos em um pé-de-galinha teimoso e canalizou, tentando queimá-lo para removê-lo da terra. Faíscas cintilaram ao redor do broto folhoso, que murchou. Mais do que depressa, removeu a coisa do solo e da mente. Se houvesse alguma justiça no mundo, Lorde Galad viria até a fazenda durante alguma caçada.

Apoiada na enxada, ela se perdeu em um devaneio em que Curava as feridas de Galad, decorrentes de uma queda de cavalo — não causada por ele, é claro, o rapaz era um exímio cavaleiro. O Lorde, então, a erguia na sela, frente a frente, e declarava que seria seu Guardião — ela seria da Ajah Verde, sem dúvida — e…

— Sahra Covenry?

Sahra deu um salto ao ouvir a voz severa, mas não era a Senhora Elward. A menina fez a melhor reverência que conseguiu improvisar com as saias erguidas.

— Saudações, Aes Sedai. A senhora veio me levar de volta para a Torre?

A mulher se aproximou, sem se importar com as saias arrastando pela terra da horta. Apesar do calor da manhã, usava um manto, o capuz puxado para encobrir a face.

— Pouco antes de deixar a Torre, você levou uma mulher ao Trono de Amyrlin. Uma mulher chamada Elmindreda.

— Sim, Aes Sedai — respondeu Sahra, em um leve tom interrogativo. Não apreciava a forma com que a mulher falara, como se ela tivesse ido embora da Torre para sempre.

— Conte tudo o que viu e ouviu, garota, desde o instante em que a cumprimentou. Tudo.

— Mas eu não ouvi nada, Aes Sedai. A Curadora me mandou embora assim que a… — Foi tomada pela dor e cravou os pés na terra,

arqueando as costas. O espasmo durou apenas alguns instantes, mas pareceu infinito. Esforçando-se para respirar, percebeu que o rosto estava colado no chão e que os dedos, ainda trêmulos, escavavam o solo. Não se lembrava da queda. Podia ver a cesta de roupas limpa da Senhora Elward caída de lado perto da casa, toda de pedra. Peças de linho úmidas espalhadas pelo chão. Atordoada, pensou na estranheza daquilo. Moria Elward nunca deixaria as roupas limpas no chão daquele jeito.

— Tudo, garota — mandou a Aes Sedai, com frieza. Estava de pé bem perto de Sahra, mas não fazia menção de ajudá-la a se levantar. A mulher a machucara, e não era para ser assim. — Cada pessoa com quem essa Elmindreda falou, cada palavra que disse, cada entretom e expressão.

— Ela falou com Lorde Gawyn, Aes Sedai — choramingou Sahra, com a cara na terra. — Isso é tudo o que eu sei, Aes Sedai. Tudo.

A menina começou a soluçar de verdade, certa de que aquilo não seria o suficiente para satisfazer a mulher. Estava certa. Não parou de gritar por um bom tempo, e, quando a Aes Sedai partiu, já não havia som algum na fazenda além do das galinhas. Nem mesmo os ruídos de respiração.

18



Pelos Caminhos

Abotoando o casaco, Perrin parou e encarou o machado ainda preso à parede, onde o deixara desde que o arrancara da porta. Não apreciava a ideia de carregar a arma outra vez, mas mesmo assim tirou o cinturão do pino e o afivelou. Prendeu o martelo aos alforjes, já cheios. Com os alforjes cobertos por um pano e o rolo do cobertor nos ombros, recolheu a aljava cheia e o arco longo sem corda que estavam em um canto.

O sol nascente vertia luz e calor pelas janelas estreitas. A cama amarrotada era a única prova de que alguém estivera ali. O quarto já conseguira perder a essência de Perrin, até parecia cheirar a vazio, apesar de ainda ter seu cheiro nos lençóis. O rapaz nunca ficava tempo suficiente em um lugar para deixar que aquela essência se fixasse mais do que a prontidão para partir. Nunca ficava tempo suficiente para criar raízes, para estabelecer qualquer tipo de lar. *Bom, agora estou voltando para meu lar.*

Virou as costas para o quarto, que já parecia desocupado, e saiu.

Gaul ergueu-se com facilidade de onde estava acocorado, encostado em uma parede sob uma tapeçaria de homens a cavalo caçando leões. Levava todas as suas armas e dois cantis de couro. Também carregava um cobertor enrolado e uma pequena caçarola amarrados ao lado do estojo do arco, trabalhado em couro, às suas costas. Ele estava sozinho.

— E os outros? — perguntou Perrin.

Gaul balançou a cabeça.

— É muito longe da Terra da Trindade. Eu avisei, Perrin. Essa sua terra é muito molhada, respirar o ar é como respirar água. Há muita gente, todos muito perto uns dos outros. Eles já viram mais lugares estranhos do que gostariam.

— Compreendo — disse Perrin, embora o que compreendesse era que não haveria resgate, no fim das contas, nenhuma ajuda dos Aiel para tirar os Mantos-brancos de Dois Rios. Engoliu o desapontamento. Era um golpe duro, depois de pensar que conseguira escapar do próprio destino, mas não tinha como dizer que não estava preparado para a alternativa. Não havia por que chorar por um ferro cindido, era preciso forjá-lo outra vez. — Teve algum problema para fazer o que pedi?

— Nenhum problema. Mandei um taireno levar cada uma das coisas que você pediu até o estábulo do Portão da Muralha do Dragão, sem contar a ninguém. Eles todos se encontrarão por lá, mas vão pensar que é tudo para mim e manterão o silêncio. O Portão da Muralha do Dragão. Dá a impressão de que a Espinha do Mundo fica logo ali no horizonte, em vez de a umas cem léguas ou mais de distância. — O Aiel hesitou. — A garota e o Ogier não estão fazendo segredo sobre os preparativos, Perrin. Ela está indo atrás do menestrel, contando a todos que pretende viajar pelos Caminhos.

Coçando a barba, Perrin soltou um suspiro fundo, bem parecido com um rosnado.

— Se ela me dedurar para Moiraine, juro que vou deixá-la uma semana sem poder sentar.

— A garota é muito habilidosa com aquelas facas — retrucou Gaul, em um tom neutro.

— Não o bastante. Não se me dedurar. — Perrin hesitou. Não teria a companhia dos Aiel. As forcas ainda o aguardavam. — Gaul, se alguma coisa acontecer comigo, se eu der o comando, leve Faile embora. Ela talvez não queira ir, mas leve-a mesmo assim. Tire-a de Dois Rios em segurança. Promete?

— Farei o que for possível, Perrin. Em nome da maldita dívida que tenho com você, farei o que puder. — Gaul soava hesitante, mas Perrin achava que as facas de Faile não seriam suficientes para detê-lo.

Sempre que possível, optavam por atravessar corredores secundários e as escadas estreitas destinadas à circulação discreta dos serviçais. Perrin lamentou que os tairenos também não tivessem corredores para os serviçais. Ainda assim, viram pouca gente, mesmo nos amplos corredores com suportes de iluminação dourados e tapeçarias ornamentadas. Não encontraram um único nobre.

Comentou sobre essa ausência, e Gaul explicou:

— Rand al'Thor os convocou para o Coração da Pedra.

Perrin apenas grunhiu, mas torcia para que Moiraine estivesse entre os convocados. Ele se perguntou se era aquele o jeito de Rand de ajudá-lo a escapar da Aes Sedai. Qualquer que fosse a razão, estava bastante satisfeito por tirar alguma vantagem.

Eles desceram a última escadaria apertada até o piso térreo da Pedra, onde corredores cavernosos, largos como estradas, levavam a todos os portões externos. Não havia tapeçarias por ali. Lampiões de ferro pendiam de suportes triangulares do mesmo material escuro, iluminando as passagens sem janelas, e o chão era revestido de pedras grandes e brutas, que não se desgastavam com os cascos dos cavalos. Perrin apertou o passo. Os estábulos ficavam logo adiante, no fim do grande túnel. Depois, dava para ver o imenso Portão da Muralha do Dragão aberto, com apenas um punhado de Defensores montando guarda. Moiraine não podia mais interceptá-los, a não ser que tivesse a sorte do próprio Tenebroso.

A porta aberta do estábulo era um arco de quinze passadas de largura. Perrin deu um passo para dentro e parou.

O ar estava pesado, com o cheiro de palha e feno se misturando ao de grãos e aveia, couro e esterco de cavalo. Estrebarias cheias dos melhores animais tairenos, valorizados em qualquer lugar, alinhavam-se ao longo das paredes, e outras fileiras ocupavam o centro do amplo aposento. Havia dezenas de cavalariços trabalhando, esfregando e escovando, limpando estrume, amarrando rédeas. Sem parar o que faziam, um ou outro às vezes olhava para onde estavam Faile e Loial, já de botas calçadas e prontos para viajar. Ao lado deles estavam Bain e Chiad, que, como Gaul, carregavam armas e cobertores, cantis e caçarolas.

— É por causa delas que você só disse que iria tentar? — perguntou Perrin, baixinho.

Gaul deu de ombros.

— Vou fazer o possível, mas elas vão tomar o lado de Faile. Chiad é Goshien.

— O clã dela faz diferença?

— O clã dela e o meu têm rixas de sangue, Perrin, e não sou irmã de lança dela. Mas talvez os juramentos de água a impeçam. Não dançarei lanças com ela, a não ser que ela ofereça.

Perrin balançou a cabeça. Que povo estranho. O que era um juramento de água? Porém, o que disse foi:

— Por que elas estão com Faile?

— Bain diz que desejam ver mais das suas terras, mas acho que estão fascinadas é pela briga entre você e a garota. Gostam de Faile, e, quando ouviram falar da viagem, decidiram ir com ela, não com você.

— Bem, desde que a deixem fora de confusão.

Perrin ficou surpreso quando Gaul jogou a cabeça para trás e

gargalhou. Aquilo o fez coçar a barba, preocupado.

Loial foi andando na direção deles, as sobrancelhas compridas vergadas de ansiedade. Os bolsos do casaco estavam salientes, como era comum quando ele viajava, quase todos marcados com os formatos dos livros. Pelo menos a manqueira parecia melhor.

— Faile está ficando impaciente, Perrin. Acho que ela pode querer partir a qualquer momento. Por favor, apresse-se. Você não vai conseguir nem encontrar o Portal dos Caminhos sem mim. Não que deva tentar, claro que não. Vocês humanos me deixam tão agitado que mal consigo manter a cabeça no lugar. Por favor, apresse-se.

— Eu não vou sair sem ele — gritou Faile. — Por mais que seja teimoso e estúpido demais para pedir um simples favor. Por causa disso, Perrin vai me seguir feito um cachorrinho perdido. Prometo afagar as orelhas e tomar conta dele.

As Aiel se contorceram de rir.

Gaul levantou-se de um salto, chutando alto, duas passadas ou mais acima do chão, enquanto girava uma das lanças.

— Vamos seguir feito gatos-bravos — gritou — feito lobos de caça.

O homem pousou com leveza e graciosidade. Loial o encarou, estupefato.

Bain, por sua vez, passou os dedos pelos cabelos curtos cor de fogo.

— Tenho uma bela pele de lobo cobrindo minha cama — contou a Chiad, em voz entediada. — É fácil abater lobos.

Um grunhido surgiu na garganta de Perrin, fazendo com que os olhos das duas Aiel se fixassem nele. Por um instante, Bain pareceu estar a ponto de dizer algo mais, mas franziu a testa para os olhos amarelos e manteve a paz. Não parecia com medo, e sim subitamente alerta.

— Esse filhote ainda não está muito bem treinado — confidenciou Faile às outras mulheres.

Perrin recusou-se a olhá-la. Em vez disso, foi até a baia onde estava o garanhão castanho, tão alto quanto os animais tairenos, porém mais robusto nos ombros e no lombo. Dispensando um cavalariço, pôs a rédea em Galope e o levou sozinho para fora. Os criados haviam passeado com o cavalo, sem dúvida, mas o animal estava confinado havia tempo o bastante para começar a cabriolar ainda naqueles poucos passos, fazendo jus ao nome que recebera de Perrin. O rapaz afagou o animal com a confiança firme de um homem que já ferrara muitos cavalos. Não foi problema encaixar a sela de patilho alto e amarrar os alforjes e o cobertor atrás.

Gaul assistia, impassível. Não montaria em um cavalo a menos que precisasse, e, se o fizesse, não avançaria um passo a mais do que

fosse absolutamente necessário. Aiel algum faria isso. Perrin não entendia por quê. Talvez por orgulho da habilidade de correr longas distâncias. Os Aiel faziam parecer que era mais do que isso, mas ele suspeitava que nenhum deles fosse capaz de explicar.

O cavalo de carga também teria de ser aprontado, naturalmente, mas isso era fácil, pois tudo o que Gaul solicitara estava aguardando em uma pilha organizada. Comida e cantis. Aveia e grãos para os cavalos. Nada daquilo estaria disponível nos Caminhos. Algumas outras coisinhas, como correntes, medicamentos para cavalos, por garantia, acendedores reserva e coisas do tipo. A maioria do espaço das cestas de vime estava ocupada por cantis de couro como os que os Aiel usavam para carregar água, porém maiores e cheias de óleo de lampião. Quando as lanternas, em varetas compridas, foram amarradas acima de tudo, os dois estavam prontos.

Perrin enfiou o arco sem cordas sob a cilha e montou na sela de Galope com a guia do animal de carga na mão. Depois teve de esperar, fervendo de raiva.

Loial já estava montado em um cavalo imenso de boletos peludos — muitas mãos mais alto que qualquer outro no estábulo, mas que parecia um pônei quando montado pelo Ogier. Houve uma época em que Loial era quase tão resistente à montaria quanto os Aiel, mas com o tempo ficara à vontade em cima de um cavalo. Era Faile quem demorava, examinando a montaria como se nunca tivesse visto a égua negra e brilhosa, embora Perrin soubesse que ela testara o animal antes de comprá-lo, logo que chegaram à Pedra. A égua, chamada Andorinha, era um belo exemplar de cria tairena, com tornozelos delgados e pescoço arqueado, um cavalo de andar afetado e aparência ligeira e resistente, mas com ferraduras leves demais para o gosto de Perrin. Aquele metal não ia durar. Era só mais um esforço para colocá-lo no seu devido lugar, fosse qual fosse esse lugar que Faile achava ser o dele.

Quando a jovem enfim montou, com as saias justas divididas, tomou as rédeas da égua e aproximou-se de Perrin. Ela cavalgava bem, mulher e cavalo moviam-se como um só.

— Por que não pede, Perrin? — perguntou, baixinho. — Tentou me afastar do meu lugar, por isso agora precisa pedir. Por que dificultar uma coisa tão simples?

A Pedra estremeceu, soando como um sino monstruoso, o chão do estábulo saltou, o teto estremeceu quase a ponto de desabar. Galope também deu um salto, relinchando e sacudindo a cabeça, e Perrin teve dificuldade de se manter na sela. Cavalariços se levantaram desajeitados e correram, desesperados para acalmar os animais, que empinavam, guinchavam e tentavam pular a grade das baias. Loial agarrou-se ao pescoço do cavalo imenso, mas Faile permaneceu

sentada em Andorinha, rígida, enquanto a égua dançava e trinia loucamente.

Rand. Perrin sabia que era ele. A força de *ta'veren* o atraía, dois redemoinhos em um córrego, cada um puxando o outro. Tossindo em meio à poeira, sacudiu a cabeça o mais forte que pôde, dando tudo de si para não descer do cavalo e correr de volta para a Pedra.

— Vamos cavalgar! — gritou, enquanto o tremor ainda abalava a fortaleza. — Vamos cavalgar, Loial! Agora.

Faile parecia não ver mais motivo para adiar a partida. Bateu os calcanhares na égua e saiu do estábulo logo atrás do cavalo alto do Ogier puxando os dois animais de carga, todos galopando até alcançar o Portão da Muralha do Dragão. Os Defensores deram uma olhada e se dispersaram, alguns ainda agachados ou de joelhos. Sua obrigação era manter o povo fora da Pedra, e não tinham ordens para impedir aquelas pessoas de saírem. Não que estivessem em condições de pensar com clareza, caso houvesse recebido tal ordem. Não depois dos tremores, que começavam a diminuir, a Pedra ainda urrando sobre suas cabeças.

Perrin vinha logo atrás, puxando o próprio cavalo de carga, desejando que o animal do Ogier fosse capaz de avançar mais depressa, desejando poder deixar para trás a montaria lenta de Loial e fugir da força que tentava arrastá-lo de volta, aquele empuxo de *ta'veren* para *ta'veren*. Galoparam juntos pelas ruas de Tear, em direção ao sol nascente, quase sem reduzir a marcha para evitar carroças e carruagens. Homens de casacos justos e mulheres com aventais em camadas, todos ainda abalados pela reviravolta, encaravam os passantes, atordoados, às vezes mal tendo tempo de desviar.

Nos muros da cidade interior, as pedras das calçadas davam lugar à terra, e os sapatos e casacos, aos pés descalços, peitos desnudos e calças largas presas por grandes cinturões. Mas o povo desviava deles com a mesma ligeireza, pois Perrin só deixou Galope reduzir a marcha depois que haviam ultrapassado os muros da cidade, as casas simplórias de pedra e as lojas que se amontoavam do lado de fora da cidade propriamente dita, adentrando uma área campestre de fazendas isoladas e matos trançados, fora a influência de *ta'veren*. Foi só então, respirando quase com tanta dificuldade quanto o cavalo agitado, que puxou a rédea e reduziu o passo de Galope a um caminhar.

As orelhas de Loial estavam rígidas de choque. Faile umedeceu os lábios e encarou o Ogier, depois Perrin, pálida.

— O que aconteceu? Isso foi… ele?

— Eu não sei — mentiu Perrin. *Eu preciso ir, Rand. Você sabe disso. Olhou nos meus olhos quando eu avisei que ia e falou que eu tinha de fazer o que fosse preciso.*

— Onde estão Bain e Chiad? — perguntou Faile. — Vão levar uma hora para nos alcançar. Queria que elas concordassem em cavalgar. Eu me ofereci para comprar cavalos, mas as duas pareceram ofendidas. Bem, teremos de reduzir o passo dos cavalos de todo modo, depois disso, para acalmá-los um pouco.

Perrin conteve-se para não dizer que a mulher não sabia tanto sobre os Aiel quanto imaginava. Podia ver as muralhas da cidade atrás deles e a Pedra erguida acima, feito uma montanha. Distinguia até o contorno sinuoso do estandarte que drapejava no alto da fortaleza e os pássaros solitários voejando ao redor, algo que ninguém mais conseguia. Não era difícil ver três pessoas correndo na direção deles, devorando o chão em passos largos, cujo ritmo era desmentido pela facilidade com que deslizavam. Sabia que não poderia correr tão depressa, não por muito tempo, mas os Aiel deviam ter mantido a velocidade desde a Pedra, para estarem tão perto.

— Não precisaremos esperar tanto assim — disse.

Faile franziu a testa em direção à cidade.

— São eles? Tem certeza? — De repente, a testa franzida voltou-se para ele, desafiando-o a responder. Perguntar era quase admitir que ele era parte do grupo, naturalmente. — Ele se gaba muito da visão — explicou a Loial — mas a memória não é muito boa. Tem horas que acho que ele se esqueceria de acender uma vela à noite, se eu não o lembrasse. Acho que Perrin viu alguma pobre família correndo do que pensam ter sido um terremoto, você não acha?

Loial se remexeu sobre a sela, incomodado, suspirando pesado, e resmungou algo sobre os humanos que Perrin duvidou que fosse um elogio. É claro que Faile não percebeu.

Poucos minutos depois, ela começou a encarar Perrin com estranheza — isso foi logo que os três Aiel se aproximavam o bastante para que ela os distinguisse — mas não disse nada. Com aquele humor, não admitiria que ele tivesse razão a respeito de coisa alguma, nem mesmo sobre o céu ser azul. Os Aiel sequer arfavam quando reduziram o passo e pararam junto aos cavalos.

— Pena que a corrida não foi maior.

Bain e Chiad compartilharam um sorriso, e ambas lançaram a Gaul um olhar dissimulado.

— Ou deixaríamos este Cão de Pedra na poeira — explicou Chiad, como se estivesse concluindo a frase da outra mulher. — É por isso que os Cães de Pedra fazem o juramento de não retroceder. Ossos de pedra e cabeças de pedra os deixam pesados demais para correr.

Gaul não se ofendeu, porém Perrin percebeu que o Aiel permaneceu em uma posição de onde conseguia observar Chiad.

— Sabe por que as Donzelas atuam tanto como batedoras, Perrin? Porque correm distâncias muito longas. Correm assim porque têm

medo de que algum homem vá querer se casar com elas. As Donzelas conseguem correr cem milhas só para evitar um casamento.

— Muito sábio da parte delas — retrucou Faile, em um tom ácido. — Precisam descansar? — Perguntou às mulheres Aiel, surpreendendo-se com a negativa. Então se virou para O Ogier. — Está pronto para ir? Que bom. Encontre esse Portal dos Caminhos, Loial. Já ficamos tempo demais aqui. Se deixamos um filhote desgarrado ficar muito perto, ele logo começa a pensar que vamos cuidar dele, o que não vai acontecer.

— Faile — interveio Loial — será que você não está levando isso longe demais?

— Vou levar isso até onde for preciso, Loial. O Portal dos Caminhos?

De orelhas murchas, o Ogier soltou um suspiro pesado e girou o cavalo outra vez para o leste. Perrin deixou que ele e Faile se distanciassem umas doze passadas antes de começar a segui-los com Gaul. Jogaria de acordo com as regras dela, mas seria tão bom jogador quanto ela.

As fazendas, trechinhos de terra apertados com casas de pedra bruta que Perrin não usaria nem para abrigar animais, ficavam mais escassas à medida que avançavam para leste, e a vegetação, cada vez mais esparsa. Até que não havia mais fazendas nem árvores, apenas um pasto ondulante e montanhoso. A grama ia até onde os olhos podiam ver, exceto por trechos de arbustos aqui e ali em uma encosta.

Cavalos também pontilhavam as encostas verdes, em grupos de dez ou bandos de cem, o famoso rebanho taireno. Grandes ou pequenos, cada grupo estava sob a vigia de um ou dois garotos descalços, montando um cavalo em pelo. Os garotos usavam chicotes de cabo comprido para manter os cavalos juntos ou manobrá-los, estalando-os com habilidade sem sequer aproximar as pontas do couro dos animais. Mantinham os bichos longe do grupo de viajantes, recuando quando necessário, mas vigiavam, com a ousada curiosidade característica da infância, a passagem da estranha comitiva — dois humanos e um Ogier a cavalo, mais três dos ferozes Aiel que, de acordo com as histórias, tomaram a Pedra.

Era uma visão agradável para Perrin. Ele gostava de cavalos. Parte da razão pela qual quisera ser aprendiz de Mestre Luhhan fora a oportunidade de trabalhar com cavalos, ainda que não houvesse tantos em Campo de Emond, nem tão belos.

Loial, porém, não parecia concordar. O Ogier começou a resmungar sozinho, subindo o tom conforme avançavam pelas colinas cobertas de grama, até que irrompeu em um rugido profundo e retumbante.

— Acabou! Acabou tudo, e para quê? Grama. Isso aqui já foi um

bosque Ogier. Não fizemos grandes trabalhos aqui, não comparados aos de Manetheren ou da cidade que vocês chamam de Caemlyn, mas o suficiente para que um bosque fosse plantado. Árvores de todos os tipos, de todas as terras, de todos os lugares. As Grandes Árvores se elevavam centenas de braças para o céu. Tudo muito bem cuidado, para lembrar meu povo do *pouso* de onde haviam partido para construir coisas para os homens. Os homens acham que gostamos é do trabalho de cantaria, mas isso é uma coisa superficial que aprendemos durante o Longo Exílio, depois da Ruptura. São as árvores que amamos. Os homens acham que o Manetheren é o maior triunfo do meu povo, mas sabíamos que era o bosque que havia lá. Agora está tudo acabado. Como esse. Acabado, e não vai voltar a existir.

Loial encarou as colinas, vazias exceto pela grama e os cavalos, com uma expressão rígida, as orelhas para trás, coladas na cabeça. Cheirava a… fúria. A maioria das histórias descrevia os Ogier como pacíficos, quase tanto quanto o Povo Errante, mas algumas poucas os denominavam inimigos implacáveis. Perrin só vira Loial furioso uma vez. Talvez o amigo tivesse ficado furioso na noite anterior, defendendo aquelas crianças. Olhando para o rosto de Loial, um antigo ditado lhe veio à memória.

"Irritar um Ogier e provocar a ira das montanhas." Todos interpretavam a frase como se falasse de tentar fazer algo impossível. Perrin pensou que talvez o significado tivesse mudado com os anos. Talvez, no início, fosse "Irritar um Ogier é como provocar a ira das montanhas". Algo difícil de fazer, porém mortal. Pensou que nunca gostaria de ver Loial — seu amigo gentil e atrapalhado, com o enorme nariz sempre enfiado em um livro — irritado com ele.

Foi Loial quem assumiu a liderança quando chegaram ao local do bosque desaparecido dos Ogier, dobrando o caminho um pouco para o sul. Não havia pontos de referência, mas ele tinha certeza da direção, e ficava mais confiante a cada passo dos cavalos. Os Ogier pressentiam um Portal dos Caminhos, sentiam-no de alguma forma, encontravam-no com a mesma certeza de que uma abelha era capaz de encontrar a colmeia. Quando Loial enfim desceu do cavalo, a grama batia um pouco acima de seus joelhos. Havia apenas um montinho de arbustos frondosos à volta, mais altos que a maioria, amontoados folhosos da altura do Ogier. Ele arrancou tudo quase sem remorso, empilhando-os do outro lado.

— Talvez os meninos dos cavalos possam usar como lenha, depois que secarem.

E lá estava o Portal dos Caminhos.

Enfiado na lateral da colina, parecia mais um paredão cinza do que um portão, a parede de um palácio, melhor dizendo, coberta de entalhes de folhas e vinhas tão refinados que pareciam tão vivos

quanto os arbustos. Estavam ali havia pelo menos três mil anos, mas nem um traço de desgaste danificava a superfície. Aquelas folhas pareciam poder ondear com a próxima brisa.

Por um instante, todos encararam o Portal dos Caminhos em silêncio, até que Loial respirou fundo e pousou a mão sobre uma das folhas, diferente de todas as outras. A folha de três pontas de *Avendesora*, a lendária Árvore da Vida. Parecia entalhada como as outras até a mão enorme tocá-la. Então saiu sem dificuldade.

Faile soltou um ruído de assombro, e até os Aiel murmuraram. O ar cheirava a desconforto, e não havia como dizer de quem vinha. De todos eles, talvez.

As folhas de pedra pareciam se mexer com uma brisa inexistente, e adquiriram um tom verde de vida. Aos poucos, uma rachadura apareceu bem no centro, e as metades do Portal dos Caminhos se abriram, revelando não a colina por detrás, mas um reflexo embaçado e bruxuleante da imagem do grupo.

— Dizem que antigamente — murmurou Loial — os Portais brilhavam como espelhos, e os que adentravam os Caminhos andavam pelo sol e pelo céu. Nada disso existe hoje em dia. Como o bosque.

Puxando depressa um dos lampiões já repletos de óleo transportados pelo cavalo de carga, Perrin iluminou o local.

— Está muito abafado aqui — disse. — Uma sombrinha seria bom.

Conduziu Galope em direção ao Portal dos Caminhos. Pensou ter ouvido Faile soltar uma exclamação.

O garanhão castanho empacou, aproximando-se do próprio reflexo turvo, mas Perrin cravou os calcanhares para que ele prosseguisse. Devagar, lembrou. A coisa tinha que ser feita devagar. O nariz do cavalo encostou na própria imagem, hesitante, depois se fundiu com ela, como se adentrasse um espelho. Perrin aproximou-se de si mesmo, tocou… Um frio gélido percorreu a pele, envolvendo-o até os cabelos, o tempo se espichou.

O frio desapareceu como uma bolha estourada, e ele se viu em meio à escuridão sem-fim. A luz do lampião era uma poça chapada à sua volta. Galope e o cavalo de carga relincharam, nervosos.

Gaul adentrou com muita calma e começou a preparar outro lampião. Atrás dele, havia algo que parecia uma lâmina de vidro enfumaçado. Era possível ver os outros do lado de lá, Loial montando outra vez no cavalo, Faile segurando as rédeas, todos deslizando furtivos, quase sem se mover. O tempo nos Caminhos era muito diferente.

— Faile está aborrecida com você — comentou Gaul, depois de acender a lanterna. Não acrescentou muita iluminação. A escuridão sorvia a luz, engolia. — Está pensando que você quebrou algum tipo

de acordo. Bain e Chiad… Não fique sozinho com elas. As duas estão querendo lhe dar uma lição, por causa de Faile, e você não vai conseguir se sentar nesse animal com tanta facilidade se elas conseguirem fazer o que estão planejando.

— Eu não concordei com nada, Gaul. Estou fazendo o que Faile está me forçando a fazer, e tudo por causa de um truque dela. Logo teremos que voltar a seguir Loial, como ela quer que aconteça, mas pretendo tomar a liderança pelo máximo de tempo que puder. — Ele apontou para uma linha grossa e branca sob os cascos de Galope. Intermitente e bastante esburacada, ela seguia adiante e desaparecia na escuridão, algumas passadas à frente. — Isso leva ao primeiro poste de sinalização. Teremos que esperar Loial por lá, para que ele o interprete e decida qual ponte tomar, mas é Faile quem vai nos seguir até esse primeiro poste.

— Ponte — murmurou Gaul, pensativo. — Conheço essa palavra. Tem água lá?

— Não. Não é bem esse tipo de ponte. Parece igual, mais ou menos, mas… Talvez Loial consiga explicar melhor.

O Aiel coçou a cabeça.

— Você sabe o que está fazendo, Perrin?

— Não — admitiu o rapaz — mas não tem por que Faile ficar sabendo disso.

Gaul deu uma risada.

— É divertido ser tão jovem, não é, Perrin?

Franzindo a testa, sem saber ao certo se o homem estava caçoando dele, Perrin cravou os calcanhares em Galope, arrastando o cavalo de carga atrás de si. A luz do lampião não seria mais visível em vinte ou trinta passadas. Queria já estar fora de vista quando Faile passasse pelo Portal. Queria deixá-la pensar que decidira prosseguir sem ela. Ficar preocupada por alguns minutos, pelo menos até encontrá-lo no poste de sinalização, era o mínimo que ela merecia.

19



O Bailador das Ondas

Com o sol dourado ainda despontando no horizonte, a carruagem reluzente, coberta de verniz preto, parou com um chacoalhão ao pé do cais, atrás dos quatro cavalos cinzentos que a levavam, e o cocheiro magrelo, de cabelos escuros e casaco de listras pretas e douradas, saltou para abrir a porta. Nenhum símbolo a adornava, obviamente. Os nobres tairenos apenas ajudavam as Aes Sedai quando coagidos, por mais efusivos que fossem os sorrisos, e ninguém queria ter nome ou casa ligados à Torre.

Elayne desceu, agradecida, sem esperar por Nynaeve, alisando o manto de viagem de verão de linho azul. As ruas do Maule estavam cheias de carros e carroções, e as molas da carruagem não estavam muito boas. A brisa que soprava no Erinin era quase fria em comparação ao calor da Pedra. A jovem não tinha intenção de deixar óbvios os efeitos da difícil viagem, mas, depois que ficou de pé, foi impossível não dar uma massageada na lombar. *Pelo menos a chuva de ontem à noite ainda está segurando a poeira*, pensou. Suspeitava que tivessem recebido uma carruagem sem cortinas de propósito.

A norte e sul, outros ancoradouros se estendiam pelo rio, como largos dedos de pedra. O ar cheirava a corda, piche, peixes, especiarias, azeite de oliva e coisas inomináveis apodrecidas sob a água estagnada entre os píeres. Atrás dela, frutas estranhas, compridas, verde-amareladas, aglomeravam-se em imensos cachos diante do armazém de pedra. Apesar de ainda ser cedo, homens com coletes de couro sobre ombros desnudos corriam para lá e para cá,

levando enormes trouxas nas costas curvadas ou empurrando carrinhos de mão repletos de caixotes e barris. Ninguém dispensava a elas mais do que um olhar emburrado de passagem, baixando os olhos escuros depressa e tocando a testa de má vontade. A maioria sequer erguia a cabeça. Elayne ficou triste com isso.

Os nobres tairenos lidavam muito mal com o povo. Não lidavam, era mais apropriado dizer. Em Andor, ela teria esperado sorrisos simpáticos e alguma saudação respeitosa concedidos de boa vontade por homens de costas eretas que sabiam seu próprio valor e o dela. Aquilo era quase suficiente para fazê-la se arrepender de ter partido. Fora criada para liderar, talvez um dia governar um povo orgulhoso, e sentiu um ímpeto de ensinar um pouco de dignidade àquela gente. Mas essa tarefa era de Rand, não dela. *E, se ele não a fizer direito,* darei *uma bela bronca nele. Uma bronca daquelas.* Pelo menos o rapaz começara, seguindo seu conselho. E Elayne tinha de admitir que ele sabia tratar o povo. Seria interessante ver o que ele conseguira, quando ela retornasse. *Isso se houver razão para retornar.*

De onde estava, dava para ver bem uns dez navios, e ainda mais distante, havia outros. Mas um deles, atracado na ponta do ancoradouro para onde estava virada, com a proa pontuda apontando rio acima, foi uma visão de encher os olhos. O forcador do Povo do Mar devia ter pelo menos cem passadas de comprimento e uma vez e meia a largura da embarcação ao lado, com três mastros imensos no meio do navio e um menor no convés elevado na popa. Já estivera em outros navios, mas nunca em um tão grande, e nunca em um que rumasse para o mar. O nome dos proprietários já remetia a terras distantes e portos estrangeiros. Os Atha'an Miere. O Povo do Mar. As histórias mais exóticas sempre mencionavam o Povo do Mar, a não ser as que falavam dos Aiel.

Nynaeve desceu da carruagem atrás dela, amarrando um manto de viagem verde no pescoço e resmungando para si mesma e para o cocheiro:

— Sacodindo feito galinhas num vendaval! Socadas feito um tapete empoeirado! Como foi que o senhor conseguiu a proeza de cair em todos os buracos desde a Pedra até aqui, meu bom homem? Isso requer uma baita habilidade. É uma pena que não tenha o mesmo dom para o manejo dos cavalos.

O cocheiro tentou estender a mão para ajudá-la a descer, com o rosto estreito emburrado, mas ela recusou ajuda. Com um suspiro, Elayne dobrou o número de moedas de prata que tirava da bolsa.

— Obrigada por nos trazer até aqui a salvo e tão depressa. — Ela sorriu, empurrando as moedas na mão do homem. — Pedimos que viesse rápido, e foi o que o senhor fez. O estado das ruas não é culpa sua, e o senhor fez um excelente trabalho sob condições tão precárias.

Sem olhar as moedas, o sujeito dispensou uma mesura profunda, um olhar de gratidão e um "obrigado, milady" baixinho, tanto pelas palavras quanto pelo dinheiro, Elayne tinha certeza. Aprendera que palavras delicadas e um pouco de elogios costumavam ser tão bem recebidos quanto a prata, se não mais. No entanto, para se certificar de que entenderiam o agradecimento, sempre usava prata, que raramente era desprezada.

— Queira a Luz que façam uma viagem segura, milady — acrescentou o homem.

O mais sutil piscar de olhos em direção a Nynaeve indicava que o desejo era dirigido apenas a Elayne. A outra mulher precisava aprender a fazer concessões e ter mais consideração.

Depois que o cocheiro retirou as trouxas e os pertences das moças da carruagem, contornou os animais e começou a ir embora, Nynaeve comentou, contrariada:

— Acho que não devia ter sido tão brusca com o homem. Nem um pássaro atravessaria essas ruas com facilidade. Não em uma carruagem, de todo modo. Mas, depois de quicar durante todo o trajeto até aqui, eu me sinto como se tivesse passado uma semana em cima do lombo de um cavalo.

— O homem não tem culpa por você ter essa… dor nas costas — disse Elayne, com um sorriso que dissipava qualquer provocação, enquanto reunia seus pertences.

Nynaeve soltou uma risada amarga.

— Eu já disse isso, não disse? Espero que você não queira que eu saia correndo atrás dele para me desculpar. O tanto de prata que entregou com certeza aliviará qualquer sentimento ferido. Você precisa aprender a ser mais cuidadosa com dinheiro, Elayne. Não temos todos os recursos do Reino de Andor à disposição. Uma família pode viver com conforto durante um mês inteiro com a quantia que você entrega a qualquer um que faz o trabalho que foi pago para fazer. — A Filha-herdeira dispensou um olhar bastante indignado a Nynaeve. A mulher sempre parecia pensar que elas tinham de viver de forma pior que os serviçais, a menos que houvesse motivo para o contrário, em vez de ser o oposto, como fazia sentido. Porém, a mulher mais velha não pareceu notar a expressão que sempre fazia a Guarda Real pisar em ovos. Em vez disso, Nynaeve ergueu as trouxas e as pesadas sacolas de tecido e virou-se em direção ao cais. — Pelo menos a viagem nesse navio será mais suave. Espero que seja. Vamos embarcar?

As duas começaram a avançar até o píer, entre trabalhadores, barris empilhados e carrinhos e abarrotados de mercadorias, e Elayne disse:

— Nynaeve, o Povo do Mar pode ser muito sensível até conhecer

melhor os outros, pelo menos foi o que me ensinaram. Você acha que poderia tentar ser um pouco…

— Um pouco o quê?

— Diplomática, Nynaeve. — A Filha-herdeira deu um passo mais comprido para pular por cima de onde alguém cuspira, no ancoradouro à frente. Não havia como dizer qual dos homens fizera aquilo: quando ela olhou em volta, viu todos de cabeças baixas, trabalhando duro. Sendo ou não maltratados pelos Grão-lordes, ela teria dito umas poucas e afiadas palavras que o culpado levaria muito tempo para esquecer, se o tivesse encontrado. — Pode tentar ser um pouco diplomática uma vez na vida.

— Claro. — Nynaeve começou a subir na prancha de embarque do forcador, gradeada por cordas. — Desde que não me sacudam para lá e para cá.

O primeiro pensamento de Elayne ao chegar ao convés foi que o forcador parecia estreito demais para o comprimento. Não entendia muito de navios, na verdade, mas para ela aquele parecia uma lasca gigante. *Ah, Luz, essa coisa vai sacudir mais do que a carruagem, por maior que seja.* O segundo pensamento foi em relação à tripulação. Ouvira histórias a respeito dos Atha'an Miere, mas nunca tinha visto um deles. Um povo misterioso e muito discreto, quase tão misterioso quanto os Aiel. Apenas as terras para além do Deserto podiam ser mais estranhas, e tudo o que se sabia a respeito deles era que o Povo do Mar trazia marfim e seda de lá.

Esses Atha'an Miere eram homens sombrios, andavam descalços e sem camisas, todos de barbas feitas, com cabelos lisos e escuros e mãos tatuadas. Moviam-se com a segurança de quem conhecia muito bem o próprio trabalho, a ponto de fazê-lo com os pés nas costas, embora dedicassem toda atenção à tarefa em questão. Havia uma graça fluida em seus movimentos, como se, mesmo com o navio parado, sentissem o balanço do mar. A maioria usava correntes de ouro ou prata no pescoço e brincos nas orelhas, às vezes dois ou três em cada, alguns com pedras polidas.

Também havia mulheres entre os tripulantes, em mesmo número que os homens, erguendo cordas e enrolando linhas, com as mesmas mãos tatuadas, vestindo as mesmas calças largas de algum tecido escuro e impermeável, presas por cinturões estreitos e coloridos e abertas no tornozelo. Além das calças, as mulheres também usavam blusas largas e coloridas, todas de tons brilhantes de vermelho, verde e azul. Exibiam pelo menos tantas correntes e brincos quanto os homens. Inclusive, Elayne notou com um leve choque duas ou três mulheres com argolas presas à lateral do nariz.

A graça das mulheres ofuscava até a dos homens, e fez Elayne se lembrar de algumas histórias que ouvira quando criança, ao escutar o

que não devia. As mulheres dos Atha'an Miere eram, naqueles contos, a personificação da beleza sedutora e da tentação, perseguidas por todos os homens. As mulheres naquele navio não eram mais belas do que quaisquer outras, mas, ao vê-las em movimento, Elayne conseguia acreditar nas histórias.

Duas das mulheres paradas no convés elevado na popa com certeza não eram tripulantes comuns. Também andavam descalças e usavam roupas com o mesmo corte dos outros, mas uma delas estava toda vestida de seda azul brocada, e a outra, de verde. A mais velha, a que usava verde, exibia quatro pequenas argolas de ouro em cada orelha e uma na narina esquerda, todas reluzentes sob o sol da manhã. Uma delicada corrente ia do pequeno aro em seu nariz até uma das orelhas, sustentando uma fileira de diminutos pingentes em forma de medalhões de ouro, e uma das correntes em volta do pescoço continha uma caixinha de ouro furada, como se fosse renda dourada, que ela erguia para cheirar de tempos em tempos. A outra mulher, a mais alta, usava apenas seis brincos e sua corrente tinha menos medalhões. A caixinha furada que cheirava, porém, era feita do mesmo ouro finamente forjado. Exótico, sem dúvida. Elayne estremeceu só de pensar naqueles aros no nariz. E naquela corrente!

Algo estranho no próprio deque chamou sua atenção, mas a princípio ela não soube dizer o que era. Então, viu. O leme não tinha cana. Havia um tipo de roda radiada atrás das duas mulheres, amarrada embaixo para que não girasse, mas sem cana. *Como é que eles conduzem?* Até o menor barquinho que já vira tinha cana. E também todos os outros navios alinhados no cais. Cada vez mais misterioso, aquele Povo do Mar.

— Não esqueça o que Moiraine disse a você — alertou Elayne, enquanto as duas se aproximavam do convés da popa. Não fora muita coisa, mesmo as Aes Sedai sabiam pouco sobre os Atha'an Miere. Mas Moiraine transmitira as expressões apropriadas, o que deveria ser dito como sinal de boas maneiras. — E não se esqueça da diplomacia — acrescentou, em um sussurro firme.

— Eu vou me lembrar — retrucou Nynaeve, com rispidez. — Eu consigo ser diplomática.

Elayne torcia para que fosse verdade.

As duas mulheres do Povo do Mar as aguardavam no topo das escadas — as aguardavam no portaló, corrigiu-se Elayne. Era chamado assim mesmo quando eram escadas. Não entendia por que os navios tinham nomes diferentes para coisas comuns. O chão era o chão, fosse de um celeiro, um palácio ou uma estalagem. Por que não era assim em um navio? Uma nuvem de perfume envolveu as duas, um aroma leve de almíscar que vinha das caixinhas de ouro rendado. As tatuagens nas mãos das mulheres eram estrelas e aves-marinhas

rodeadas pelas curvas e remoinhos de ondas estilizadas.

Nynaeve inclinou a cabeça.

— Sou Nynaeve al'Meara, Aes Sedai da Ajah Verde. Procuro a Mestra das Velas desta embarcação para garantir passagens, se for desejo da Luz. Esta é minha amiga e companheira, Elayne Trakand, também Aes Sedai da Ajah Verde. Que a Luz as ilumine e à sua embarcação e mande ventos para acelerá-la.

Era quase igual ao que Moiraine instruíra que dissessem. Menos a parte de serem Aes Sedai da Ajah Verde — Moiraine parecera mais resignada com isso do que com qualquer outra coisa, além de achar graça na escolha da Ajah.

A mulher mais velha, com toques grisalhos nos cabelos negros e rugas nos cantos dos grandes olhos castanhos, inclinou a cabeça com a mesma formalidade. Porém, parecia analisar as duas da cabeça aos pés, sobretudo o anel da Grande Serpente que cada uma usava na mão direita.

— Sou Coine din Jubai Ventos Rebeldes, Mestra das Velas do *Bailador das Ondas*. Esta é Jorin din Jubai Asa Branca, minha irmã de sangue e Chamadora de Ventos do *Bailador das Ondas*. Podemos oferecer passagens, se for a vontade da Luz. Que a Luz as ilumine e as conduza em segurança até o fim da jornada.

Era uma surpresa que as duas fossem irmãs. Elayne conseguia ver a semelhança, mas Jorin parecia muito mais jovem. Desejou que a Chamadora de Ventos fosse a única com quem tivessem de lidar. Ambas as mulheres tinham a mesma reserva, mas algo a respeito da Chamadora de Ventos lembrava Aviendha. Era absurdo, sem dúvida. As mulheres não eram mais altas do que ela própria, a cor não poderia ser mais distinta da cor da Aiel, e a única arma que cada uma tinha à vista era a faca robusta que levavam no cinturão, uma lâmina que denunciava sua eficiência no trabalho braçal, apesar dos entalhes e fios de ouro incrustados no cabo. De todo modo, Elayne não pôde evitar a sensação de similaridade entre Jorin e Aviendha.

— Vamos conversar então, Mestra das Velas, se lhe aprouver — disse Nynaeve, seguindo a fórmula de Moiraine — sobre navegações, portos e o presente de passagem.

O Povo do Mar não cobrava pela passagem, segundo Moiraine. Era um presente, que, por coincidência, poderia ser trocado por outro de igual valor.

Coine olhou para o lado, depois para a popa virada para a Pedra e o estandarte branco que ondulava acima da fortaleza.

— Vamos conversar na minha cabine, Aes Sedai, se lhes aprouver. — Ela gesticulou indicando uma escotilha aberta atrás da estranha roda do leme. — Meu navio lhes dá boas-vindas, e que a graça da Luz esteja com vocês até deixarem este convés.

Outra escada estreita — dessa vez, uma comum — levava até um quarto organizado, maior do que o que Elayne esperava, por experiência em embarcações menores, com janelas que davam para a popa e lampiões com suportes giratórios nas paredes. Quase tudo parecia embutido, exceto por alguns baús envernizados de tamanhos diversos. A cama larga e baixa ficava bem debaixo das janelas da popa, e uma mesa estreita rodeada de cadeiras ocupava o centro do quarto.

Havia pouca bagunça. Alguns mapas enrolados sobre a mesa, algumas esculturas de marfim em forma de animais estranhos em prateleiras gradeadas e meia dúzia de espadas com lâminas à mostra, de diferentes tipos, algumas que Elayne nunca vira, expostas em ganchos nas paredes. Havia um gongo de latão quadrado, com entalhes estranhos, pendurado em uma das vigas da cama. E, logo à frente das janelas da popa, como se em lugar de destaque, jazia um capacete em uma cabeça de madeira entalhada para esse propósito, um capacete que parecia a cabeça de um inseto monstruoso, envernizado em vermelho e verde, com uma pequena pena branca de cada lado, uma delas quebrada.

Elayne reconheceu o capacete.

— Seanchan — disse, sem fôlego, sem pensar.

Nynaeve lançou a ela um olhar irritado, e não sem razão. As duas haviam concordado que faria mais sentido e conferiria mais veracidade à história se Nynaeve, por ser mais velha, assumisse a liderança e cuidasse da conversa.

Coine e Jorin trocaram olhares indecifráveis.

— Já ouviu falar deles? — perguntou a Mestra das Velas. — É claro. É esperado que Aes Sedais saibam dessas coisas. Tão longe a leste, ouvimos muitas histórias, e as melhores não passam de meias verdades.

Elayne sabia que devia deixar a coisa quieta, mas sua língua estava coçando de curiosidade.

— Como foi que conseguiram o capacete? Se me permitem a pergunta.

— O *Bailador das Ondas* encontrou um navio Seanchan no ano passado — respondeu Coine. — Eles queriam levá-lo, mas eu não quis abrir mão. — Ela deu de ombros, um movimento ínfimo. — Trouxe o capacete de recordação, e o mar levou os Seanchan, que a Luz tenha misericórdia de todos os navegantes. Nunca mais chego perto de um navio com velas com talas.

— Vocês tiveram sorte — disse Nynaeve, em um tom seco. — Os Seanchan capturam mulheres capazes de canalizar e as transformam em arma. Se houvesse uma dessas naquele navio, vocês teriam se arrependido de tê-lo visto.

Elayne fez uma careta para a amiga, embora fosse tarde demais. Não sabia dizer se as mulheres do Povo do Mar haviam ficado ofendidas com o tom de Nynaeve. A dupla mantinha a mesma expressão neutra, mas Elayne começava a perceber que seus rostos não demonstravam muito, pelo menos não a estranhos.

— Vamos falar de passagens — disse Coine. — Se aprouver à Luz, pode ser que venham a visitar o local aonde desejam chegar. Todas as coisas são possíveis, pela Luz. Vamos nos sentar.

As cadeiras ao redor da mesa não deslizavam para trás, tudo estava preso ao chão — ao convés. Em vez disso, os braços se abriam como portões e se aferrolhavam de volta. O arranjo parecia corroborar as terríveis previsões de Elayne em relação aos balanços e sacolejos. Ela lidava muito bem com isso, sem dúvida, mas o balanço do rio já fazia o estômago de Nynaeve se revirar. Deveria ser muito pior no oceano do que em um rio, por mais feroz que fosse o vento, e, quanto pior ficasse o estômago da amiga, pior seria o temperamento. Nynaeve passando mal e furiosa ao mesmo tempo: na opinião de Elayne, poucas coisas eram mais temíveis.

As duas foram convidadas a sentar-se de cada um dos lados da mesa, com a Mestra das Velas e a Chamadora de Ventos nas cabeceiras. A princípio, a disposição pareceu estranha, mas então Elayne percebeu que dessa forma ambas olhariam para quem estivesse falando, permitindo que a outra as observasse sem ser vista. *Será que sempre lidam dessa forma com os passageiros, ou será que é porque somos Aes Sedai? Bem, porque pensam que somos.* Era um aviso de que as coisas com essa gente poderiam não ser tão simples quanto desejavam. Torceu para que Nynaeve tivesse percebido.

Elayne não notara qualquer ordem sendo passada, mas uma moça esguia com apenas um aro em cada orelha surgiu equilibrando uma bandeja com um bule de chá de asa de latão e grandes canecas sem asa, não de porcelana do Povo do Mar, como seria de se esperar, mas de cerâmica grossa. *Mais difícil de quebrar com tempo ruim*, pensou, desanimada. Mas foi a jovem que chamou sua atenção e que quase a fez perder o ar. Estava nua da cintura para cima, assim como os homens lá no convés. Elayne achou que tinha escondido muito bem o choque, mas Nynaeve fungou alto.

A Mestra das Velas esperou a moça servir chá, fervido até ficar negro, depois disse:

— Por acaso já zarpamos, Dorele, sem que eu tenha sido informada? Não há mais terra à vista?

A mulher esguia ficou vermelha.

— Há terra, Mestra das Velas. — Foi um sussurro infeliz.

Coine assentiu.

— Até que não haja mais terra à vista e que assim fique por um

dia inteiro, você vai trabalhar limpando os porões, onde as vestimentas são obstáculo. Está dispensada.

— Sim, Mestra das Velas — disse a garota, ainda mais desolada. Ela se virou, tirando o cinturão, desconsolada, enquanto passava pela porta, no outro extremo do aposento.

— Compartilhem este chá, se lhes aprouver — disse a Mestra das Velas — e que conversemos em paz. — Ela bebericou do próprio copo e prosseguiu, enquanto Elayne e Nynaeve provavam os delas. — Peço que perdoem qualquer ofensa, Aes Sedai. Esta é a primeira viagem de Dorele para fora das ilhas. A jovem com frequência esquece os costumes dos costeiros. Posso aumentar a punição dela, caso se sintam ofendidas.

— Não é necessário — respondeu Elayne, mais do que depressa, usando a desculpa para deixar a caneca na mesa. O chá era ainda mais forte do que parecia, muito quente, sem açúcar e bastante amargo. — Não ficamos ofendidas, de jeito nenhum. Povos diferentes têm costumes diferentes. — *Queira a Luz que não sejam mais tantos tão diferentes assim! Luz, e se eles tirarem toda a roupa quando o navio zarpar? Luz!* — Apenas um tolo se ofenderia ao se deparar com costumes diferentes dos próprios.

Nynaeve lançou a ela um olhar firme, com a calma imperturbável de uma Aes Sedai, como fingiam ser, deu um longo gole na caneca e disse apenas:

— Por favor, vamos deixar isso de lado. — Não era possível dizer se ela se dirigia a Elayne ou às mulheres do Povo do Mar.

— Então vamos falar sobre passagens, se lhes aprouver — disse Coine. — A qual porto desejam navegar?

— Tanchico — respondeu Nynaeve, um pouco mais brusca do que deveria. — Sei que talvez não tenham intenção de ir até lá, mas precisamos chegar depressa, tão depressa quanto só um forcador é capaz, e sem parar, se for possível. Ofereço este pequeno presente pelo inconveniente. — Ela puxou um pedaço de papel do cinto da bolsa, desdobrou-o e o empurrou na mesa para a Mestra das Velas.

Moiraine dera a elas aquele papel e outro igual: cartas de créditos. Cada uma permitia que o portador retirasse até três mil coroas de ouro dos banqueiros e prestamistas em várias cidades, embora fosse pouco provável que qualquer um daqueles homens e mulheres soubesse que era dinheiro da Torre Branca. Elayne arregalara os olhos com a quantia — e Nynaeve ficara de queixo caído — mas Moiraine disse que talvez fosse necessário para fazer a Mestra das Velas abandonar o destino a que pretendia chegar.

Coine tocou a carta-de-direitos com um dedo e leu.

— Uma grande quantia pelo presente da passagem — murmurou —, mesmo levando em conta que estão me pedindo para alterar nossa

rota. Estou ainda mais surpresa do que antes. Vocês sabem que é raro levarmos Aes Sedai em nossos navios. Muito raro. De todos que pedem passagem, apenas Aes Sedai podem ser recusadas, e quase sempre são, desde o primeiro dia da primeira partida. Aes Sedai sabem disso, por isso quase nunca pedem. — Ela encarava a xícara de chá, não as duas, mas Elayne olhou para o outro lado e surpreendeu a Chamadora de Ventos analisando as mãos das duas pousadas sobre a mesa. Não, os anéis.

Moiraine não falara sobre isso. Apontara o forcador como o navio mais ligeiro que havia disponível e as encorajara a utilizá-lo. Por outro lado, entregara essas cartas-de-direitos, que deviam ser suficientes para comprar uma frota de navios como aquele. Bem, muitos navios, pelo menos. *Será que foi porque ela sabia que precisaria de tudo isso para convencê-las a nos levar?* Mas por que guardara segredo? Que pergunta tola, Moiraine sempre guardava segredos. Mas por que fazê-las perder tempo?

— Pretende recusar nossa passagem? — Nynaeve trocara a diplomacia pela brusquidão. — Se não levam Aes Sedai, por que nos trouxeram até aqui? Por que não disseram lá em cima e acabaram logo com isso?

A Mestra das Velas soltou um dos braços da cadeira, levantou-se e foi espiar a Pedra pelas janelas da popa. Os brincos e os medalhões na face esquerda reluziam à luz do sol nascente.

— Ele é capaz de manejar o Poder Único, pelo que ouvi dizer, e detém a Espada Que Não Pode Ser Tocada. Os Aiel vieram até a Muralha do Dragão ao seu chamado. Vi muitos pelas ruas, e dizem que abarrotaram a Pedra. A Pedra de Tear caiu, e a guerra irrompeu pelas nações. Os que outrora governaram estão de volta, e foram rechaçados pela primeira vez. A Profecia está sendo cumprida.

A mudança de assunto deixou Nynaeve e Elayne confusas.

— As Profecias do Dragão? — indagou a Aceita mais nova, depois de um instante. — Sim, estão sendo cumpridas. Ele é o Dragão Renascido, Mestra das Velas. — *É um homem teimoso que esconde os sentimentos tão bem que eu não consigo encontrá-los, é isso o que ele é!*

Coine se virou.

— Não as Profecias do Dragão, Aes Sedai. A Profecia Jendai, a profecia do Coramoor. Não a que vocês aguardam e temem, a que nós buscamos, o arauto de uma nova Era. Na Ruptura do Mundo, nossos ancestrais fugiram para a segurança do mar, enquanto a terra se erguia e rebentava como fazem as ondas das tempestades. Dizem que eles não sabiam nada sobre os navios que pegaram para fugir, mas a Luz estava com eles, e todos sobreviveram. Não viram terra outra vez até o mundo se acalmar, e aí muita coisa estava mudada. Tudo, absolutamente tudo, o mundo inteiro estava à deriva, na água e no

vento. Foi nos anos depois disso que a Profecia Jendai foi enunciada pela primeira vez. Temos de vagar pelas águas até que o Coramoor retorne, e servi-lo quando ele voltar.

"Estamos presos ao mar, a água salgada corre em nossas veias. A maioria de nós não põe os pés na terra, a não ser para aguardar outro navio, para navegar de novo. Homens fortes choram quando precisam servir em terra firme. As mulheres em terra firme vão aos navios para ter seus filhos, ou até em um bote a remos, se não houver mais nada disponível, pois precisamos nascer na água, precisamos morrer nela e ser entregues a ela quando morrermos.

"A Profecia está sendo cumprida. Ele é o Coramoor. Aes Sedai servem a ele. Vocês são prova disso, já que estão aqui nesta cidade. Isto também está na Profecia. A Torre Branca será destruída em nome dele, e as Aes Sedai se ajoelharão para lavar seus pés e secá-los com os cabelos.

— Vai esperar sentada se acha que vai me ver lavar o pé de qualquer homem — rebateu Nynaeve secamente. — O que isso tem a ver com nossas passagens? Vocês vão nos levar ou não?

Elayne se encolheu, mas a Mestra das Velas respondeu com a mesma franqueza:

— Por que querem viajar para Tanchico? No momento, é um porto bem desagradável aonde chegar. Atraquei lá no inverno passado. O povo da costa quase invadiu minha embarcação querendo passagem para sair dali para qualquer lugar. Não se importavam, desde que fosse para longe de Tanchico. Não acho que as condições estejam muito melhores.

— Você sempre questiona tanto seus passageiros? — perguntou Nynaeve. — Ofereci o suficiente para comprar uma aldeia. Duas aldeias! Se quiserem mais, digam seu preço.

— Não é um preço — sussurrou Elayne, no ouvido dela. — É um presente!

Se Coine ficou ofendida, ou se sequer ouviu, não deu sinal.

— Por quê?

Nynaeve deu um puxão forte na trança, mas Elayne segurou seu braço. Tinham planejado manter alguns segredos entre si, mas sem dúvida haviam descoberto muitas coisas desde que se sentaram naquelas cadeiras, o suficiente para alterar qualquer plano. Havia momentos para segredos e momentos para a verdade.

— Caçamos a Ajah Negra, Mestra das Velas. Acreditamos que algumas delas estão em Tanchico. — Enfrentou o olhar irado de Nynaeve com muita calma. — Precisamos encontrá-las, ou elas podem fazer mal… Ao Dragão Renascido. Ao Coramoor.

— Que a Luz nos leve seguras até o ancoradouro — suspirou a Chamadora de Ventos. Era a primeira vez que falava, e Elayne a

encarou, surpresa. Jorin franzia o cenho e não olhava para ninguém em especial, mas falava com a Mestra das Velas. — Podemos levá-las, minha irmã. Devemos.

Coine assentiu.

Elayne trocou olhares com Nynaeve e viu os próprios questionamentos espelhados nos olhos da outra mulher. Por que era a Chamadora de Ventos quem decidia? Por que não a Mestra das Velas? Ela era a capitã, qualquer que fosse o título. Pelo menos conseguiriam as passagens, no fim das contas. *Por quanto?*, perguntou-se Elayne. *Qual será o valor do "presente"?* Desejou que Nynaeve não tivesse revelado que tinham mais do que estava escrito na carta-de-direitos. *E ela ainda me acusa de ficar jogando ouro ao vento.*

A porta se abriu, deixando entrar um homem grisalho e corpulento vestindo calças largas de seda verde e cinturão, agitando um maço de papéis. Quatro aros de ouro decoravam cada uma das orelhas, e três pesadas correntes de ouro pendiam do pescoço, incluindo uma com um frasco de perfume. Uma cicatriz comprida e enrugada atravessava seu rosto e as duas facas curvas enfiadas no cinturão conferiam a ele um ar perigoso. O homem amarrou nas orelhas uma armação peculiar que sustentava lentes transparentes diante dos olhos. O Povo do Mar fazia as melhores lupas, lentes ustórias e coisas do tipo em algum lugar de suas ilhas, mas Elayne nunca vira nada parecido com aquele aparato. Ele espiou os papéis através das lentes e começou a falar, sem olhar para cima.

— Coine, este tolo está disposto a trocar quinhentas peles de raposa-das-neves de Kandor por aqueles três barrizinhos de tabaco de Dois Rios que consegui em Ebou Dar. Quinhentas! Pode trazê-las ao meio-dia. — Ele ergueu os olhos e levou um susto. — Perdoe-me, esposa. Eu não sabia que tinha convidadas. Que a Luz esteja com todas vocês.

— Ao meio-dia, marido — retrucou Coine — estarei descendo o rio. Ao cair da noite, já estarei no mar.

Ele se aprumou.

— Será que eu ainda sou o Mestre de Cargas, esposa, ou será que meu lugar foi tomado enquanto eu não estava olhando?

— Você é Mestre de Cargas, marido, mas precisa interromper os negócios agora e começar a se preparar para partir. Vamos zarpar para Tanchico.

— Tanchico! — Os papéis amassaram em suas mãos, e ele fez esforço para manter o controle. — Esposa… não! Mestra das Velas, você me disse que nosso próximo porto seria o de Mayene, e que depois rumaríamos a leste, para Shara. Fiz meus negócios com isso em mente. Shara, Mestra das Velas, não Tarabon. O que tenho em minha posse não valerá muito em Tanchico. Talvez nada! Posso saber por

que é que meus negócios têm que ser arruinados, e o *Bailador das Ondas*, levado à falência?

Coine hesitou, mas quando falou a voz ainda era formal.

— Eu sou a Mestra das Velas, meu marido. O *Bailador das Ondas* navega quando e para onde eu ordenar. Por enquanto, isso é tudo.

— Como quiser, Mestra das Velas — retrucou ele, num tom áspero — que assim seja.

O homem pôs a mão no coração — Elayne pensou ter visto Coine se encolher — e se retirou com as costas tão rígidas quanto um dos mastros do navio.

— Precisarei compensá-lo — murmurou Coine, baixinho, olhando para a porta. — É claro, é agradável fazer as pazes com ele. Costuma ser. Ele me saudou como um servente, irmã.

— Sentimos muito por causar problemas, Mestra das Velas — disse Elayne, escolhendo as palavras. — E lamentamos ter testemunhado isso. Se tivermos causado qualquer constrangimento, por favor, aceite nossas desculpas.

— Constrangimento? — Coine parecia surpresa. — Aes Sedai, eu sou Mestra das Velas. Duvido que a presença de vocês deixe Toram constrangido, e eu não pediria desculpas a ele por isso, se fosse o caso. Os negócios são dele, mas a Mestra das Velas sou eu. Preciso compensá-lo, e isso não será fácil, já que preciso manter o motivo em segredo. Ele estava certo, e não consegui pensar depressa o suficiente para dar uma razão para a partida que não uma resposta irritada. Aquela cicatriz no rosto ele ganhou tirando os Seanchan do convés do *Bailador das Ondas*. Mas há cicatrizes mais antigas que ele ganhou defendendo meu navio, e, graças aos seus negócios, eu só preciso estender a mão para receber ouro. É pelas coisas que não posso dizer que preciso compensá-lo, porque ele merece saber.

— Eu não entendo — disse Nynaeve. — Pediríamos que mantivesse a Ajah Negra em segredo… — Ela lançou a Elayne um olhar firme, que prometia palavras duras quando estivessem sozinhas. A Filha-herdeira também tinha intenção de dizer algumas palavras sobre o significado de diplomacia… — Mas sem dúvida três mil coroas é razão suficiente para nos levar até Tanchico.

— Guardarei seu segredo, Aes Sedai. O que são e por que viajam. Muitos em minha tripulação consideram Aes Sedai má sorte. Se soubessem que não estão apenas levando Aes Sedai, mas as estão levando até a um porto onde outras podem estar servindo ao Pai das Tempestades… A graça da Luz brilhou sobre nós, para que ninguém estivesse perto para me ouvir chamá-las para cá. Vocês se ofenderiam se eu pedisse para ficarem aqui embaixo o máximo possível e para não usarem os anéis no convés?

Como resposta, Nynaeve puxou o anel da Grande Serpente do

dedo e guardou-o dentro da bolsa do cinto. Elayne fez o mesmo, um pouco mais relutante. Gostava que outros vissem o anel. Sem confiar muito no estoque de diplomacia que ainda restava a Nynaeve, ela se pronunciou, antecipando-se à amiga:

— Mestra das Velas, oferecemos um presente pela passagem, se lhe aprouver. Caso contrário, posso perguntar o que lhe aprazeria?

Coine retornou à mesa para olhar outra vez a carta-de-direitos, depois a empurrou para Nynaeve.

— Faço isso pelo Coramoor. Levarei as duas em segurança para onde desejarem, se aprouver à Luz. Será feito. — Ela levou os dedos da mão direita aos lábios. — Está acordado, sob a Luz.

Jorin emitiu um ruído abafado.

— Minha irmã, algum Mestre de Cargas já liderou um motim contra sua Mestra das Velas?

Coine lançou a ela um olhar inexpressivo.

— Cederei o presente da passagem de meu próprio baú. E, se Toram algum dia ficar sabendo, minha irmã, mando você para o porão com Dorele. Para limpar o lastro, talvez.

Quando a Chamadora de Ventos soltou uma gargalhada, ficou confirmado que as duas mulheres do Povo do Mar haviam abandonado as formalidades.

— E depois sua próxima parada seria em Chachin, minha irmã, ou em Caemlyn, pois seria incapaz de encontrar água sem mim.

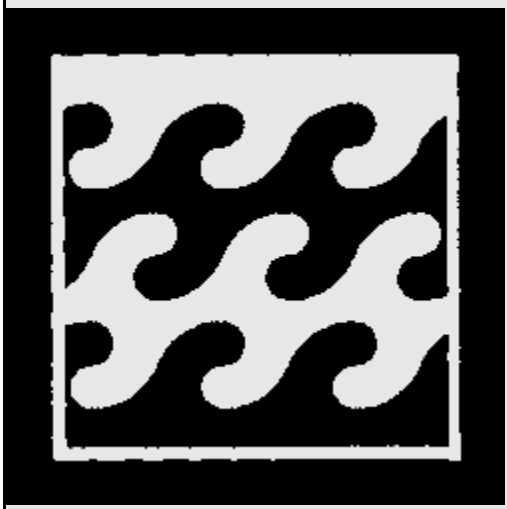
A Mestra das Velas dirigiu-se a Elayne e Nynaeve com pesar.

— O apropriado, Aes Sedai, já que servem ao Coramoor, seria que eu as honrasse como honraria a Mestra das Velas e a Chamadora de Ventos de outro navio. Deveríamos nos banhar juntas, beber vinho melado e contar histórias para nos fazer rir e chorar. Mas agora preciso me aprontar para zarparmos, e…

O *Bailador das Ondas* fez jus ao próprio nome, pulando e saltando contra o ancoradouro. Elayne sacolejou para trás e para a frente na cadeira, perguntando-se, enquanto o balanço não passava, se aquilo era mesmo melhor do que ser jogada ao convés.

Então tudo terminou, os saltos começaram a ficar menos bruscos. Coine se levantou e correu para a escada, com Jorin atrás, já berrando ordens de buscar avarias no casco.

20



Ventos Crescentes

Elayne abriu o trinco de um dos braços de sua cadeira com certa dificuldade e então disparou atrás das outras, quase esbarrando em Nynaeve na escada. O navio ainda se balançava, mas não com a violência de antes. Querendo saber se estavam afundando, empurrou Nynaeve para a frente, obrigando-a a subir mais depressa.

No convés, a tripulação estava em polvorosa, conferindo os cordames, esticando o corpo para fora para conferir o casco, berrando sobre terremotos. Os doqueiros também berravam, mas Elayne sabia do que se tratava, apesar da confusão de objetos rolando nos píeres e nos navios ainda ancorados.

Olhou em direção à Pedra. A imensa fortaleza estava imóvel, exceto pela massa de pássaros assustados que voavam em volta e pelo estandarte claro a drapejar, quase preguiçoso, ao sabor da brisa. Nenhum sinal de que algo atingira a massa montanhosa. Mas havia sido Rand. Ela tinha certeza.

Virou-se, viu Nynaeve a encará-la, e, por um longo instante, os olhares das duas se encontraram.

— Bela artimanha, se ele tiver danificado o navio — disse Elayne, enfim. — Como é que vamos chegar a Tanchico se ele continuar jogando os navios de um lado para o outro?

Luz, tomara que esteja tudo bem com ele. Não há o que eu possa fazer se não estiver. Ele está bem. Está.

Nynaeve tocou o braço da outra, para tranquilizá-la.

— É claro que aquela sua segunda carta mexeu com ele. Os homens sempre exageram nas reações quando são tomados pelas

emoções. É o preço que pagam por contê-las tanto, como sempre fazem. Rand pode ser o Dragão Renascido, mas tem que aprender, de homem para mulher, que… O que é que *eles* estão fazendo aqui?

"Eles" eram dois homens parados junto ao Povo do Mar, no meio do tumulto no convés. Um era Thom Merrilin, com o manto de menestrel e os estojos de harpa e flauta nas costas, além de uma trouxa a seus pés, ao lado de uma caixa de madeira surrada, trancada com um cadeado. O outro era um taireno de meia-idade, um homem esguio e bonito, de pele escura, com um chapéu de palha cônico e um daqueles casacos de plebeus, que ficavam bem presos à cintura e largos mais embaixo, como uma saia curta. Uma adaga quebra-espada dentada pendia do cinto passado por cima do casaco, e o homem se apoiava em um cajado de madeira colada e estriada, com sua altura exata e a espessura de seu polegar. Um embrulho quadrado balançava no ombro, preso a um laço. Elayne o conhecia, seu nome era Juilin Sandar.

Parecia óbvio que os dois homens não se conheciam. Apesar de estarem quase lado a lado, pareciam rígidos e relutantes. No entanto, as atenções pareciam igualmente divididas entre acompanhar o avanço da Mestra das Velas até o convés da popa e espiar Elayne e Nynaeve, cuja óbvia insegurança era mascarada por sua autoconfiança brusca. Thom exibia um grande sorriso e afagava o longo bigode, assentindo cada vez que olhava as duas. Sandar, por sua vez, se curvava em mesuras firmes e solenes.

— Não houve danos — anunciou Coine, subindo a escada. — Posso partir em uma hora, se lhes aprouver. Até antes, se conseguir encontrar um piloto taireno. Se não encontrar, navego sem ele, embora isso signifique que nunca mais voltarei a Tear. — Ela investigou com os olhos o que as duas Aceitas encaravam, virando-se para os dois homens. — Pediram passagens. O menestrel quer ir para Tanchico, e o caçador de ladrões, para onde vocês duas forem. Não posso recusá-los, mas… — Ela encarou Nynaeve e Elayne. — Se quiserem, farei isso. — Em sua voz, a relutância em romper o costume parecia travar uma batalha com o desejo… de ajudá-las? De servir ao Coramoor? — O caçador de ladrões é um homem bom, mesmo sendo costeiro. Não se ofendam, pela Luz. O menestrel eu não conheço, mas um menestrel pode dar vida a uma viagem e animar as horas cansadas.

— Conhece Mestre Sandar? — perguntou Nynaeve.

— Por duas vezes ele capturou ladrões que nos roubaram, e bem depressa. Outro costeiro teria levado mais tempo para poder cobrar mais. E parece óbvio que vocês também o conhecem. Desejam que eu recuse passagem? — A relutância ainda estava lá.

— Primeiro vamos descobrir por que eles estão aqui — respondeu

Nynaeve, em uma voz impassível que nada de bom prenunciava em relação aos homens.

— Talvez seja melhor eu falar — sugeriu Elayne, gentil, porém firme. — Assim vocês podem ficar de olho e ver se eles estão escondendo alguma coisa. — Não explicou que desse jeito evitaria que Nynaeve fosse tomada pela irritação, mas o sorriso irônico que a outra Aceita abriu denunciava que entendera exatamente isso.

— Muito bem, Elayne. Ficar vigiando. Talvez você possa se inspirar ao ver como mantenho a calma. Você sabe como fica quando está exausta.

A Filha-herdeira teve que rir.

Os dois homens se aprumaram quando ela e Nynaeve se aproximaram. Ao redor deles, a tripulação circulava em polvorosa, correndo até os cordames, erguendo cordas, amarrando umas coisas e desamarrando outras, tudo sob as ordens da Mestra das Velas. Circulavam pelos quatro costeiros sem sequer olhá-los.

Elayne franziu a testa para Thom Merrilin, pensativa. Tinha certeza de que nunca vira o menestrel antes de sua aparição na Pedra, mas sentira algo familiar nele logo que o notara. Era pouco provável. Menestréis eram artistas de aldeia, e a mãe jamais receberia um no palácio em Caemlyn. O único menestrel que Elayne recordava ter visto fora nas aldeias perto das propriedades rurais da mãe, e tinha certeza de que aquele gavião grisalho nunca passara por lá.

Decidiu falar primeiro com o caçador de ladrões. Lembrou-se de que o homem insistia naquele título. O que era considerado apanhador de ladrões em todos os outros lugares, em Tear era chamado de caçador de ladrões, e a distinção parecia importante para aquele em especial.

— Mestre Sandar — cumprimentou, em um tom grave. — Pode ser que não se lembre de nós. Sou Elayne Trakand, e esta é minha amiga, Nynaeve al'Meara. Compreendo que o senhor pretende viajar para o mesmo destino que nós. Posso saber o motivo? Da última vez que nos vimos, o senhor não nos serviu muito bem.

O homem não piscou ao ouvi-la sugerir que poderia não se lembrar delas. Levou os olhos às mãos das moças e notou a ausência de anéis. Aqueles olhos escuros captavam e registravam tudo de forma indelével.

— Eu me lembro, Senhorita Trakand, e muito bem. Mas, se me perdoam, a última vez que as servi foi na companhia de Mat Cauthon, quando tiramos as duas da água antes de serem acatadas por lúcios.

Nynaeve pigarreou, mas não muito alto. Fora em uma cela, não na água, e fora a Ajah Negra, não lúcios. A antiga Sabedoria não gostava de ser lembrada da ajuda de que haviam precisado naquele episódio. Decerto não teriam ido parar naquela cela se não fosse Juilin

Sandar. Não, não era justo dizer aquilo. Era verdade, mas não era justo.

— Muito bem — respondeu Elayne, de repente — mas o senhor ainda não disse por que quer ir para Tanchico.

Ele respirou fundo e encarou Nynaeve, desconfiado. Elayne não sabia se gostava muito de vê-lo ter mais cautela com a outra mulher do que com ela.

— Fui arrancado de casa menos de uma hora atrás — explicou, escolhendo as palavras com cautela — por um homem que vocês conhecem, eu acho. Um homem alto e com rosto de pedra, chamado Lan. — As sobrancelhas de Nynaeve se ergueram de forma bastante sutil. — Falou em nome de outro homem que vocês conhecem. Um… pastor, pelo que disse. Recebi uma boa quantia de ouro para acompanhá-las. As duas. Ele me disse que, se vocês não voltarem dessa viagem a salvo… Bem, vamos dizer que será melhor eu me matar afogado do que voltar para lá. Lan foi muito enfático, e o… pastor, não deixou a desejar na mensagem que enviou. A Mestra das Velas disse que só posso seguir no navio se vocês permitirem. Tenho habilidades que podem ser úteis. — O cajado rodopiou em suas mãos, um borrão assobiante, e então parou de repente. Ele tocou a adaga quebra-espada na cintura. Parecia uma espada curta, porém sem ponta, com fendas para prender lâminas.

— Os homens sempre dão um jeito de contornar nossas ordens — resmungou Nynaeve, mas não soou descontente.

Elayne apenas fechou a cara, irritada. Rand o mandara? Ainda não devia ter lido a segunda carta, quando o fez. *Que o queime! Por que é que ele fica nesse pula-pula? Não dá tempo de mandar outra carta, e é provável que ele só ficasse mais confuso. E me faria parecer ainda mais idiota. Que o queime!*

— E o senhor, Mestre Merrilin? — perguntou Nynaeve. — O pastou também mandou um menestrel atrás da gente? Ou foi o outro homem? Para nos entreter com malabarismos e engolição de fogo, talvez.

Thom estivera observando Sandar com atenção, mas desviou o olhar, plácido, e curvou-se em uma mesura elegante, estragando-a apenas com um floreio demasiado elaborado do manto coberto de retalhos.

— Não foi o pastor, Senhorita al'Meara. Uma senhora que nós dois conhecemos me pediu… *pediu*… para que eu acompanhasse as senhoritas. A mesma senhora que a encontrou em Campo de Emond, junto com o pastor.

— Por quê? — perguntou Nynaeve, desconfiada.

— Eu também tenho habilidades úteis — respondeu Thom, dando uma olhadela para o caçador de ladrões. — Além do malabarismo,

quer dizer. E já estive em Tanchico muitas vezes. Conheço bem a cidade. Sei onde encontrar boas estalagens, quais distritos são perigosos durante o dia, quais são perigosos à noite e quem precisa ser subornado para que a Guarda Civil não fique muito interessada nas suas atividades. Eles prestam muita atenção aos estrangeiros. Posso ajudar em muitas coisas.

Aquela familiaridade deixou Elayne desconfiada outra vez. Antes de se dar conta do que estava fazendo, ergueu a mão e deu um puxão no longo bigode branco do homem. Thom se assustou, e ela levou as mãos à boca, vermelha de vergonha.

— Perdoe-me. Eu… eu me lembrei de já ter feito isso antes. Quer dizer… Sinto muito, *mesmo*. — *Luz, por que eu fiz isso? Ele deve estar pensando que sou uma idiota.*

— Eu… me lembraria — respondeu o menestrel, bem rígido.

A Filha-herdeira torceu para que ele não tivesse se sentido afrontado. Era difícil decifrar sua expressão. Os homens conseguiam se ofender quando deveriam rir e rir quando deveriam se ofender. Se todos estavam indo viajar juntos… Foi a primeira vez que percebeu já ter decidido que os dois poderiam acompanhá-las.

— Nynaeve? — chamou.

A outra mulher sem dúvida entendeu a pergunta não dita. Analisou os dois homens com muita atenção, depois assentiu.

— Eles podem vir. Contanto que concordem em fazer o que dissermos. Não vou aceitar que um homem descerebrado qualquer tome a frente e nos ponha em perigo.

— Como a senhorita ordenar, Senhorita al'Meara — respondeu Sandar, na mesma hora, fazendo uma mesura.

Thom, porém, disse:

— Um menestrel é uma alma livre, Nynaeve, mas posso prometer que não as porei em perigo. Longe disso.

— É para fazer o que dissermos — repetiu Nynaeve, enfática. — Quero sua palavra, ou vai ver esse navio zarpar lá do píer.

— Os Atha'an Miere não recusam passagem a ninguém, Nynaeve.

— Acha que não? Será que o apanhador de ladrões — Sandar fez careta — foi o único a ouvir que nossa permissão era necessária? É para fazer o que dissermos, *Senhor* Merrilin.

Thom jogou a cabeça branca para trás feito um cavalo irritado e soltou uma bufada forte, mas enfim assentiu:

— Tem minha palavra, *Senhorita* al'Meara.

— Muito bem, então — concluiu Nynaeve, com a voz revigorada. — Combinado. Vocês dois vão atrás da Mestra das Velas pedir que ela por favor arrume um cubículo bem longe das nossas vistas para enfiar vocês. Agora saiam daqui. Depressa.

Sandar fez outra mesura e saiu. Thom estremeceu visivelmente

antes de juntar-se a ele, rígido.

— Será que não está sendo muito dura com eles? — indagou Elayne, assim que os homens se afastaram o bastante para não ouvi-las. Não precisaram ir muito longe, com todo o burburinho do convés. — Afinal de contas, teremos que viajar todos juntos. "Palavras suaves suavizam as companhias."

— Melhor começar a agir como pretendemos prosseguir. Elayne, Thom Merrilin sabe muito bem que não somos Aes Sedai completas. — Ela baixou a voz e olhou em volta ao proferir as palavras. Ninguém da tripulação sequer olhava para elas, exceto pela Mestra das Velas, lá perto do convés da popa, onde ouvia o que diziam o alto menestrel e o caçador de ladrões. — Os homens adoram uma fofoca, então Sandar também vai ficar sabendo logo, logo. Eles não representariam nenhum problema para Aes Sedai, mas para duas Aceitas…? Na primeira chance, os dois começariam a tomar atitudes que pensam ser para o bem, independente do que disséssemos. Não pretendo dar a eles sequer essa primeira chance.

— Talvez você tenha razão. Acha que sabem por que estamos indo a Tanchico?

Nynaeve fungou com desdém.

— Não, acho que se soubessem não estariam tão animados. E acho melhor não contarmos até que seja necessário. — Ela lançou a Elayne um olhar significativo. Não havia necessidade de dizer que também não teria contado à Mestra das Velas, se tivesse sido escolha sua. — Ouça bem esse ditado: "Se procurar problemas, encontrará dezenas."

— Você fala como se não confiasse neles, Nynaeve. — Elayne tinha vontade de dizer que a outra estava se comportando feito Moiraine, mas Nynaeve não apreciaria a comparação.

— E podemos confiar? Juilin Sandar já nos traiu antes. Sim, sim, eu sei que homem algum teria evitado aquilo, mas mesmo assim aconteceu. E Liandrin e as outras conhecem a cara dele. Vou ter que vesti-lo com roupas diferentes. Talvez mandá-lo deixar o cabelo crescer um pouco. Quem sabe um bigode, como aquele troço infestando a cara do menestrel. Talvez ajude.

— E Thom Merrilin? — perguntou Elayne. — Acho que podemos confiar nele. Não sei por quê, mas tenho essa sensação.

— Ele confessou que foi enviado por Moiraine — concordou Nynaeve, parecendo cansada. — Mas o que foi que não confessou? O que ela disse que ele não nos contou? Veio para nos ajudar, ou está aqui por outro motivo? Moiraine está sempre com aqueles jogos dela, então confio nela quase tanto quanto em Liandrin. Moiraine vai usar nós duas, eu e você, se for para ajudar a causa de Rand. Ou melhor, se for para servir aos planos que tem para Rand. Ela o levaria na coleira

feito um cachorrinho, se pudesse.

— Moiraine sabe o que precisa ser feito, Nynaeve. — Pela primeira vez, Elayne ficou relutante em admitir aquilo. O que Moiraine sabia que tinha de ser feito podia muito bem acelerar os passos do Dragão em direção a Tarmon Gai'don. Em direção à morte, talvez. Rand e o mundo estavam em lados opostos de uma balança. Era ingênuo e infantil ela considerar os dois lados dessa balança equilibrados. E mesmo assim não ousava movê-los, nem em sua mente, porque não tinha certeza de qual teria mais peso para ela. — Moiraine sabe mais do que ele — disse, com a voz firme. — Mais do que nós.

— Talvez. — Nynaeve suspirou. — Mas não sou obrigada a gostar disso.

Cordas foram jogadas na proa, onde velas triangulares se abriram de repente, e o *Bailador das Ondas* afastou-se do ancoradouro. Mais velas apareceram, quadrados e triângulos brancos e imensos, as cordas da popa foram desamarradas. Logo o navio adentrou o rio, fazendo uma grande curva em volta das embarcações que aguardavam a hora de zarpar ancoradas no cais — um arco suave que terminou apontando para o sul, rio abaixo. O Povo do Mar conduzia o navio como um mestre cavaleiro conduziria um belo corcel. Aquela roda estranha e cheia de raios de madeira pontudos guiava o leme sempre que um dos tripulantes sem camisa a girava. Um homem, Elayne ficou aliviada em ver. A Mestra das Velas e a Chamadora de Ventos ficavam paradas de um dos lados da roda, e Coine emitia algumas ordens, às vezes depois de uma consulta sussurrada à irmã. Toram observou durante um tempo, com uma expressão que parecia esculpida na tábua de um deque, depois saiu do convés pisando duro.

Havia um taireno no convés da popa, um homem gorducho e de aparência abatida, vestindo um casaco amarelo desbotado com mangas cinza bufantes e esfregando as mãos, nervoso. Fora levado a bordo às pressas, enquanto a prancha de embarque era erguida. Um piloto que supostamente deveria conduzir o *Bailador* rio abaixo. De acordo com a lei tairena, navio algum tinha permissão de passar pelas Garras do Dragão sem um piloto taireno a bordo. A falta de animação do homem decerto vinha de ficar sem fazer nada, pois mesmo que fornecesse alguma instrução, o Povo do Mar não lhe daria ouvidos.

Murmurando algo sobre ir ver como era a cabine, Nynaeve desceu as escadas para o andar de baixo — para o deque inferior — mas Elayne ficou apreciando a brisa no convés e a sensação de partir. Viajar, conhecer lugares que nunca vira, era uma alegria. Jamais pensara que o faria, não daquele jeito. A Filha-herdeira de Andor talvez fizesse algumas visitas a outros reinos, além de tantas mais depois de subir ao trono, mas teria de ficar sempre presa às

convenções e formalidades. Não seriam como aquela experiência. Gente do Povo do Mar descalça e um navio zarpando em direção ao oceano.

A margem do rio deslizava bastante depressa enquanto o sol se erguia, e um ou outro conglomerado de casas de fazenda feitas de pedra ou de celeiros desertos e solitários surgiam e desapareciam logo em seguida. Mas não passaram por aldeia alguma. Tear não permitiria a existência de qualquer aldeia, por menor que fosse, no rio entre a cidade e o mar, pois até a menorzinha de todas poderia algum dia competir com a capital. Os Grão-lordes controlavam os tamanhos das aldeias e cidades por todo o país com uma taxa predial, que subia na mesma proporção em que o número de construções aumentava. Elayne tinha certeza de que nunca teriam permitido a prosperidade de Godan, na Baía de Remara, não fosse a suposta necessidade de uma presença de peso para vigiar Mayene de perto. De certa forma, era um alívio deixar para trás um povo tão tolo. Se pelo menos não tivesse que deixar um homem tolo para trás, junto com aquele povo.

O número de barcos de pesca, a maioria pequenos — e todos cercados por nuvens de gaivotas e pássaros pescadores — aumentava à medida que o *Bailador* avançava, sobretudo depois que a embarcação adentrou o labirinto de canais chamado de Garras do Dragão. Os pássaros e os mastros compridos que prendiam as redes eram a única vista além dos juncos e capim-navalha balançando com a brisa, a não ser por algumas ilhas baixas onde cresciam árvores estranhas e retorcidas, as raízes emaranhadas brotando do chão. Muitos barcos ficavam bem entre os juncos, mas trabalhavam sem redes. Em dado momento, Elayne avistou alguns perto da água limpa, onde homens e mulheres jogavam linhas com ganchos entre as algas e as puxavam de volta com peixes serpenteantes de listras escuras, todos do tamanho de um braço.

O piloto taireno começou a andar de um lado para o outro, ansioso, quando chegaram ao delta, com o sol a pino, e torceu o nariz para a tigela de peixe cozido com especiarias e o pão que lhe ofereceram. Elayne comeu com vontade, limpando a tigela de cerâmica com os últimos pedaços de pão, embora compartilhasse do incômodo do homem. Passagens amplas e estreitas pareciam levar a todas as direções. Algumas terminavam de repente, ainda à vista, em uma muralha de juncos. Não havia como dizer quais das outras desapareceriam da mesma forma abrupta após a curva seguinte. Apesar disso, Coine não reduzia a velocidade do *Bailador,* nem hesitava em traçar o caminho. Era óbvio que sabia em quais canais entrar — ou a Chamadora de Ventos sabia — mas o piloto continuava resmungando sozinho, como se pensasse que fossem encalhar a qualquer momento.

Era fim de tarde quando a boca do rio surgiu à frente de súbito, revelando a infinita superfície do Mar das Tempestades. O Povo do Mar fez um movimento com as velas, e o navio estremeceu de leve e parou de vez. Foi só então que Elayne percebeu um grande bote a remos deslizando depressa, parecia uma barata d'água cheia de pernas. A pequena embarcação saía de uma ilha onde algumas construções solitárias estavam espalhadas ao redor de uma torre estreita e comprida. No topo, homens que pareciam pequeninos a distância esperavam sob o estandarte de Tear, três luas crescentes em um campo vermelho e dourado. O piloto pegou a bolsa que Coine ofereceu sem dizer uma palavra e desceu correndo uma escada de cordas para o bote. Assim que ele subiu a bordo, as velas se abriram outra vez, e o *Bailador* enfrentou as primeiras ondas do mar aberto, erguendo-se de leve, abrindo caminho. O Povo do Mar correu até os cordames e ergueu mais velas, e o navio disparou para o sudoeste, para longe da cidade.

Quando a última faixa estreita de terra desapareceu no horizonte, as mulheres do Povo do Mar tiraram as blusas. Todas elas, até a Mestra das Velas e a Chamadora de Ventos. Elayne não sabia para onde olhar. Todas as mulheres andavam para lá e para cá, seminuas, sem se preocuparem com os homens ao redor. Juilin Sandar parecia tão constrangido quanto ela, e olhava, embasbacado, das mulheres para os próprios pés, até que saiu correndo para o deque inferior. Elayne não se deixaria abalar. Optou, em vez disso, por olhar para o lado e observar o mar.

Costumes diferentes, lembrou a si mesma. *Desde que não esperem que eu faça o mesmo. Só o pensamento quase a fez soltar uma risada histérica. De certo modo, era mais fácil pensar na Ajah Negra do que nisso. Costumes diferentes. Luz!*

O céu ficou roxo, com o sol opaco no horizonte. Golfinhos escoltavam a embarcação, dando voltas e saltando logo ao lado. Mais adiante, cardumes de uma espécie de peixe brilhante azul-prateado irrompiam da superfície, deslizando pelo ar com as barbatanas esticadas por cinquenta passadas ou mais antes de mergulhar de volta na água azul-acinzentada e turbulenta. Elayne assistiu a uns doze mergulhos, estupefata, até que os bichos não apareceram mais.

Os golfinhos, no entanto, com contornos reluzentes, eram uma maravilha, uma guarda de honra a conduzir o *Bailador das Ondas* de volta ao lugar a que pertencia. Ela os reconheceu pelas descrições nos livros. Diziam que, se encontrassem alguém se afogando, puxavam de volta para a costa. Não sabia ao certo se acreditava, mas era uma bela história. Seguiu os animais pela lateral do navio até a proa, onde eles brincavam com as ondas formadas e rolavam de lado para encará-la, sem se afastar uma polegada sequer.

Chegara quase no ponto mais estreito da proa quando percebeu que Thom Merrilin estava bem à sua frente, sorrindo para os golfinhos com certa tristeza, o manto drapejando ao vento como a nuvem de velas acima. O homem já guardara seus pertences. Parecia muito familiar. De verdade.

— Não está contente, Senhor Merrilin?

Ele a olhou de esguelha.

— Por favor, milady, pode me chamar de Thom.

— Está bem, Thom. Mas não milady. Aqui sou apenas a senhorita Trakand.

— Como queira, Senhorita Trakand — concordou ele, esboçando um sorriso.

— Como pode ficar triste olhando esses golfinhos, Thom?

— Eles são livres — murmurou o homem, em um tom que não deixava claro se era uma resposta. — Não precisam tomar decisões, não têm preços a pagar. Nenhuma preocupação na vida além de encontrar peixes para comer. E os tubarões, imagino.

E os peixes-leão. E provavelmente uma centena de coisas que desconheço. Na verdade, talvez não seja uma vida tão invejável assim.

— Você os inveja? — O menestrel não respondeu, mas, de todo modo, não era a pergunta correta. Precisava fazê-lo sorrir outra vez. Ou melhor, gargalhar. De algum jeito, sabia que, se pudesse fazê-lo gargalhar outra vez, acabaria por lembrar-se de onde o conhecia. Escolheu outro assunto, um que talvez tocasse mais fundo o coração daquele homem. — Pretende compor a epopeia de Rand, Thom? — Epopeias eram para bardos, não menestréis, mas um pouco de lisonja não faria mal. — A epopeia do Dragão Renascido. Loial quer escrever um livro, sabia?

— Talvez eu faça isso, Senhorita Trakand. Talvez. Mas nem minha poesia nem o livro do Ogier farão diferença a longo prazo. A longo prazo, nossas histórias não vão sobreviver. Quando a próxima Era começar… — Ele fez uma careta e deu um puxão no bigode — Pensando bem, isso pode ser daqui a um ou dois anos. Como é que se marca o fim de uma Era? Não pode sempre ser um cataclismo como a Ruptura. Por outro lado, se as Profecias forem verdade, este de agora será. Este é o problema com todo tipo de profecia. As originais estão todas na Língua Antiga, e talvez até em Alto Canto, portanto, quando não se sabe de antemão o significado de alguma coisa, não há como decifrá-la. Será que a intenção era dizer o que está escrito, ou será que foi apenas uma forma floreada de dizer algo completamente diferente?

— Você estava falando da sua epopeia — lembrou Elayne, tentando trazê-lo de volta, mas Thom balançou os cabelos brancos e desgrenhados.

— Estava falando de mudanças. Minha epopeia, se eu a compuser, e também o livro de Loial, não serão nada além de sementes, isso se tivermos sorte. Os que conhecem a verdade morrerão, e os netos de seus netos se lembrarão de algo diferente. E os netos dos netos *deles*, de algo ainda mais diferente. Depois de duas dezenas de gerações, talvez seja você a heroína da história, não Rand.

— Eu? — Elayne deu risada.

— Ou talvez Mat, ou Lan. Talvez até eu. — Thom abriu um sorriso, iluminando o rosto envelhecido. — Thom Merrilin. Não um menestrel… mas o quê? Quem é que pode dizer? Em vez de comer fogo, soltando pelas ventas. Jogando-o para lá e para cá, como uma Aes Sedai. — Ele fez um floreio com o manto. — Thom Merrilin, o herói misterioso, derrubando montanhas e erguendo reis. — O sorriso virou uma sonora gargalhada. — Rand al'Thor vai ter é sorte se a próxima Era se lembrar do nome dele.

Elayne estava certa, não era coisa de sua cabeça. Aquele rosto, aquela risada contagiante… Ela se lembrava do homem. Mas de onde? Thom precisava continuar falando.

— Sempre acontece assim? Acho que ninguém tem dúvidas de que, por exemplo, Artur Asa-de-gavião conquistou um império. O mundo inteiro, ou quase.

— Asa-de-gavião, jovem Senhorita? Ele conquistou um império, sem dúvida, mas acha mesmo que fez tudo que os livros, histórias e epopeias afirmam? Da forma como descrevem? Que matou os cem melhores homens do exército inimigo, um a um? Que os dois exércitos simplesmente ficaram ali parados enquanto um dos generais, um rei, duelava com cem homens?

— Os livros dizem que sim.

— Não dá tempo entre o nascer e o pôr do sol para um único homem lutar cem duelos, garota. — Elayne quase o interrompeu… *garota*? Ela era a Filha-herdeira de Andor, não uma *garota*. Mas Thom parecia muito envolvido no discurso. — E isso foi só mil anos atrás. Vamos pensar ainda mais no passado, nas histórias mais antigas que conheço, da Era antes da Era das Lendas. Será que Mosk e Merk lutaram mesmo com lanças de fogo, e será que eram gigantes? Elsbet foi mesmo rainha do mundo inteiro? E Anla, foi mesmo irmã dela? Será que Anla era a Sábia Conselheira, ou será que era outra pessoa? É o mesmo que perguntar de que tipo de animal vem o marfim, ou de que tipo de planta cresce a seda. Talvez a seda também venha de algum animal.

— Não sei dessas outras questões — disse Elayne, um pouco séria, ainda com o ranço de ter sido chamada de garota — mas você pode perguntar ao Povo do Mar sobre o marfim e a seda.

Thom riu outra vez — como ela esperava, embora a risada ainda

não fizesse mais do que enfatizar a certeza de que o conhecia — mas, em vez de chamá-la de tola, como Elayne achava que aconteceria, o homem respondeu:

— Prática e direta, como a mãe. Com os dois pés no chão e poucos devaneios fantasiosos.

Ela ergueu um pouco o queixo e assumiu uma expressão mais fria. É certo que aceitara ser apenas a Senhorita Trakand, mas isso era demais. Aquele era um senhor agradável, e ela queria resolver o enigma que o envolvia, mas também era um menestrel, afinal de contas, e não deveria falar de uma rainha em tom tão íntimo. Era estranho e revoltante, mas o homem parecia estar se divertindo. Se divertindo!

— Os Atha'an Miere também não sabem — continuou. — Eles só veem umas poucas milhas das terras para além do Deserto Aiel, ao redor do punhado de portos onde têm permissão de atracar. Esses lugares possuem muralhas altas, tão bem vigiadas que eles sequer podem subir para ver o que há do outro lado. Se um de seus navios… Ou melhor, se qualquer navio, já que só o Povo do Mar tem permissão de ir até lá, aportar em qualquer outro lugar, o tal navio e a tripulação não são vistos outra vez. E isso é praticamente tudo o que sei, depois de passar mais anos do que gosto de lembrar fazendo perguntas. Os Atha'an Miere guardam seus segredos, mas não acho que saibam muita coisa. Pelo que consegui descobrir, os cairhienos eram tratados da mesma forma quando ainda tinham o direito de cruzar o Caminho da Seda, pelo Deserto. Os mercadores cairhienos nunca viram nada além de uma cidade murada, e os que desviaram de seu caminho nunca mais voltaram.

Elayne percebeu que analisava o homem da mesma forma que analisara os golfinhos. Que tipo de homem era aquele? Já devia ter rido dela umas duas vezes — e *estava* se divertindo, por mais que ela odiasse admitir — mas, em vez disso, falava com a seriedade de… Bem, de um pai falando com uma filha.

— Pode ser que você encontre algumas respostas neste navio, Thom. Eles estavam indo para o leste antes de convencermos a Mestra das Velas a nos levar até Tanchico. Estavam indo para Shara, a leste de Mayene pelo que disse o Mestre de Cargas. Isso deve ser depois do Deserto.

Thom a encarou por um instante.

— Shara, você disse? Nunca ouvi esse nome. Shara é uma cidade, um país, ou os dois? Talvez eu aprenda um pouco mais.

O que foi que eu falei?, perguntou-se a jovem. *Eu disse algo que o fez pensar. Luz! Contei a ele que convencemos Coine a mudar os planos.* Poderia não fazer diferença alguma, mas mesmo assim repreendeu a si mesma. Uma palavra descuidada a esse bom senhor talvez não fosse

prejudicá-las, mas um deslize assim poderia matá-la em Tanchico, e a Nynaeve também, sem falar no caçador de ladrões e no próprio Thom. Se ele fosse mesmo um bom senhor.

— Thom, por que você veio com a gente? Só porque Moiraine pediu?

O homem sacudiu os ombros, e Elayne percebeu que ele estava rindo sozinho.

— Quanto a isso, quem é que pode dizer? Não é fácil resistir a um pedido de uma Aes Sedai. Talvez tenha sido a perspectiva dessa sua companhia agradável durante a viagem. Ou talvez eu tenha decidido que Rand já tem idade suficiente para se cuidar sozinho, por um tempo.

Thom riu alto, e ela teve que rir junto. A ideia de este senhorzinho de cabeça branca cuidando de Rand. A sensação de que podia confiar nele veio outra vez, mais forte do que nunca, enquanto o menestrel olhava para ela. Não porque o homem era capaz de rir de si mesmo, ou não só por causa disso. Não tinha qualquer motivo além do fato de que, ao olhar para aqueles olhos azuis, não conseguia se convencer de que aquele homem faria qualquer mal a ela.

O ímpeto de puxar o bigode dele outra vez era quase incontrolável, mas Elayne forçou as mãos a ficarem imóveis. Afinal de contas, não era uma criança. Uma criança. Ela abriu a boca — e de repente a cabeça esvaziou-se de tudo o mais.

— Por favor, Thom, me dê licença — disse, mais do que depressa. — Eu preciso… Com licença.

Ela disparou depressa em direção à popa, sem esperar resposta. O homem deve ter pensado que o balanço do navio a deixada de estômago embrulhado. O *Bailador* ia para cima e para baixo cada vez mais rápido, abrindo caminho mais depressa entre as grandes ondas do mar enquanto o vento refrescava o convés.

Havia dois homens diante da roda no convés da popa, e era necessária a força dos dois para manter a embarcação em curso. A Mestra das Velas não estava por perto, mas a Chamadora de Ventos, sim, apoiada no gradil em frente aos condutores, seminua, assim como os homens, estudando o céu onde nuvens intumescidas pareciam mais intensas do que o oceano. Pela primeira vez, não foi a vestimenta de Jorin — ou a falta dela — que incomodou Elayne. O brilho de uma mulher tocando *saidar* a envolveu, claramente visível apesar da luz ofuscante. Fora isso o que sentira, o que a atraíra. Uma mulher canalizando.

Elayne parou perto do convés da popa para observar o que a mulher fazia. Os fluxos de Ar e Água que a Chamadora de Ventos urdia eram delgados, mas a trama era intrincada, quase delicada, e tocava as águas até onde os olhos podiam ver, uma teia que o ligava

ao céu. O vento aumentou mais e mais. Os condutores mantinham a firmeza, e o *Bailador* voava mar adentro. A urdidura parou, o brilho tênue de *saidar* desapareceu, e Jorin desabou no gradil, apoiada nas próprias mãos.

Elayne subiu as escadas em silêncio, mas a mulher do Povo do Mar comentou em voz suave, sem virar a cabeça, assim que ela se aproximou o suficiente para ouvir:

— No meio do trabalho, pensei que você estivesse me observando. Não podia parar, pois poderia ter acontecido uma tempestade que nem o *Bailador* seria capaz de contornar. O Mar das Tempestades tem um nome muito apropriado, e já descarrega muitos ventos ruins sem que eu precise ajudar. Eu não tinha a menor vontade de fazer isso, mas Coine disse que precisamos ir depressa. Por vocês, e pelo Coramoor. — Ela ergueu os olhos e encarou o céu. — Esse vento vai durar até amanhã, se aprouver à Luz.

— É por isso que o Povo do Mar não leva Aes Sedai? — perguntou Elayne, sentando-se no gradil, ao lado da mulher. — Para que a Torre não descubra que as Chamadoras de Ventos conseguem canalizar. É por isso que foi você quem deu a palavra final em relação à nossa viagem, e não sua irmã. Jorin, a Torre não vai tentar impedir vocês. Não existe qualquer lei na Torre que impeça uma mulher de canalizar, mesmo que não seja Aes Sedai.

— Sua Torre Branca vai interferir. Vai tentar vir atrás dos nossos navios, onde somos livres da terra e dos homens da terra. Vai tentar nos atar a ela e nos afastar do mar. — Ela soltou um suspiro pesado. — Não tem como chamar de volta a onda que já passou.

Elayne desejou poder dizer à mulher que não era assim, mas a Torre ia mesmo atrás de mulheres e meninas que pudessem aprender a canalizar para aumentar o número de Aes Sedai — atualmente em declínio, em comparação ao que um dia fora — e também por causa do perigo de aprender sem orientação. Na verdade, uma mulher capaz de aprender a tocar a Fonte Verdadeira costumava ir parar na Torre independentemente de sua vontade, pelo menos até obter treinamento suficiente para não matar a si mesma ou outros por acidente.

Depois de um instante, Jorin prosseguiu:

— Não somos todas nós. Só algumas. Mandamos algumas meninas para Tar Valon, para que as Aes Sedai não venham procurar entre nós. Nenhum navio leva Aes Sedai se a Chamadora de Ventos for capaz de urdir o vento. Quando vocês se apresentaram, achei que deviam me conhecer, mas não disseram nada e pediram passagem, então pensei que talvez não fossem Aes Sedai, apesar dos anéis. Que esperança mais tola. Eu devia ter sentido a força das duas. E agora a Torre Branca vai saber.

— Não posso prometer guardar seu segredo, mas farei todo o

possível. — A mulher merecia mais. — Jorin, juro pela honra da Casa Trakand, de Andor, que farei o possível para proteger seu segredo de qualquer um que possa fazer mal a você ou ao seu povo. Se tiver que revelá-lo a alguém, farei tudo o que estiver ao meu alcance para proteger seu povo de qualquer interferência. A Casa Trakand tem muita influência, mesmo na Torre. — *E farei a mãe usar essa influência se for preciso. De alguma forma.*

— Tudo ficará bem, se aprouver à Luz — respondeu Jorin, em um tom fatalístico. — Tudo ficará bem, e todos ficarão bem, e tudo que for coisa ou criatura ficará bem, se aprouver à Luz.

— Tinha uma *damane* naquele navio Seanchan, não tinha? — A Chamadora de Ventos a encarou com um olhar intrigado. — Uma das mulheres prisioneiras capazes de canalizar.

— Você é capaz de enxergar os detalhes mais profundos, para alguém tão jovem. É por isso que de início pensei que não fosse Aes Sedai, porque é muito jovem. Tenho filhas mais velhas do que você, eu acho. Não sabia que a mulher era prisioneira. Saber disso me faz querer ter sido capaz de salvá-la. Já tínhamos ouvido falar dos Seanchan e de seus navios com velas acanaladas, de como eles exigiam juramentos estranhos e puniam os que não eram capazes de concedê-los. O *Bailador* ultrapassou a embarcação Seanchan com facilidade, a princípio. Mas então a… *damane*? Ela quebrou dois dos nossos mastros, e a tripulação embarcou com espadas. Consegui botar fogo na embarcação Seanchan. Para mim, é muito difícil urdir Fogo para fazer qualquer coisa além de acender um lampião, mas aprouve à Luz que fosse o suficiente, e Toram conduziu a tripulação para lutar com os Seanchan e mandá-los de volta ao próprio convés. Soltamos os ganchos de bordo, e o navio saiu à deriva, em chamas. Estavam muito ocupados em protegê-lo para se incomodar com nosso afastamento atribulado. Mas eu me arrependi de vê-lo incendiar e naufragar, acho que era um excelente navio para mares violentos. Agora me arrependo porque deveríamos ter salvado a mulher, a *damane*. Mesmo que tenha danificado o *Bailador*, talvez não tivesse feito isso se estivesse solta. Que a Luz ilumine sua alma, e que as águas a levem em paz.

Contar a história deixara a mulher triste. Ela precisava ser distraída.

— Jorin, por que os Atha'an Miere só dão nomes masculinos aos navios? Os nossos nomes são sempre femininos… Acho que não faz muita diferença, mas por quê?

— Os homens vão dar uma explicação diferente — explicou a Chamadora de Ventos, sorrindo — vão falar de força, grandeza, essas coisas, mas a verdade é a seguinte: um navio tem vida própria, é como um homem; tem o coração de um verdadeiro homem. — Ela esfregou o gradil com carinho, como se afagasse um ser vivo, alguém que

pudesse sentir seu cuidado. — Trate-o bem, cuide dele direito, e o verá lutar por você com o mais terrível dos mares. O navio lutará por sua vida mesmo depois que o mar tiver desferido o golpe de morte. Negligencie-o, ignore os pequenos avisos que ele emite quando oferece perigo, e o navio afundará mesmo em um mar plano sob o céu azul.

Elayne esperou que Rand não fosse assim, tão caprichoso. *Então por que ele fica pulando para lá e para cá, ora feliz em me ver ir embora ora mandando Juilin Sandar atrás de mim?* Disse a si mesma para parar de pensar no rapaz. Rand estava muito longe. Nada podia ser feito em relação a ele, naquele momento.

Olhou por cima do ombro em direção à proa. Thom não estava mais lá. Tinha certeza de que encontrara a chave daquele enigma logo antes de sentir a Chamadora de Ventos canalizando. Algo a ver com o sorriso dele. O que quer que fosse, já não estava mais lá. Bem, pretendia encontrar a resposta outra vez antes que eles chegassem a Tanchico, mesmo que tivesse de montar guarda no homem. Mas ele ainda estaria lá de manhã.

— Jorin, quanto tempo falta até chegarmos em Tanchico? Ouvi dizer que os forcadores são os navios mais velozes do mundo, mas quão rápidos são?

— Em Tanchico? Para servir ao Coramoor, não vamos fazer paradas em nenhum porto no caminho. Talvez dez dias, se eu conseguir tecer bem os ventos, se aprouver à Luz que eu encontre as boas correntes. Talvez até em sete ou oito, com a graça da Luz.

— Dez dias? — repetiu Elayne, surpresa. — Não pode ser.

Ela vira os mapas, afinal.

O sorriso da Chamadora era metade orgulho, metade satisfação.

— Como você mesma disse, são os navios mais velozes do mundo. O segundo mais veloz leva esse tempo e mais metade para cruzar qualquer trecho, e a maioria leva mais que o dobro de dias. As embarcações que navegam perto da costa e ancoram nas águas rasas toda noite… — a mulher fungou, com desdém — levam dez vezes mais.

— Jorin, você me ensinaria a fazer o que acabou de fazer?

A Chamadora de Ventos a encarou, os olhos negros cintilando à luz fraca.

— Ensinar você? Mas você é Aes Sedai.

— Jorin, nunca urdi um fluxo com a metade da espessura desses que você estava manipulando. E com esse alcance! Estou impressionada.

A Chamadora de Ventos encarou Elayne por mais um instante, estupefata, parecendo tentar gravar o rosto da moça na memória. Enfim beijou os dedos da mão direita e pressionou-os aos lábios de Elayne.

— Se aprouver à Luz, ambas aprenderemos.

21



Dentro do Coração

A nobreza tairena lotava a grande câmara subterrânea, cujas imensas colunas de pedra vermelha polida, cada uma com dez pés de espessura, avultavam-se na escuridão acima dos lustres dourados, pendendo de correntes também douradas. Grão-lordes e Grã-ladies estavam ordenados em círculo, uma massa compacta de gente sob o enorme domo no coração da câmara, os menos nobres mais atrás. Havia fileiras e mais de fileiras de gente entre a selva de colunas, todos em seus melhores veludos e rendas, com mangas largas, golas bufantes e chapéus pontudos, todos murmurando, inquietos, os grasnados nervosos ecoando pelo teto alto. Apenas os Grão-lordes já haviam sido convocados àquele lugar, o Coração da Pedra, e ali compareciam não mais que quatro vezes por ano, atendendo ao mesmo tempo às demandas da lei e dos costumes. Todos os que não se encontravam em algum lugar do interior tinham vindo, convocados por seu novo senhor, que criava novas leis e quebrava os costumes.

A multidão amontoada abriu caminho para Moiraine assim que viram quem era, de forma que ela e Egwene avançaram com bastante espaço entre as pessoas. A ausência de Lan irritava Moiraine. Não era típico do homem desaparecer quando ela poderia precisar dele. Lan costumava tratá-la como se ela fosse incapaz de se defender sem um guardião, inclusive. Se não pudesse sentir o elo que os unia e saber que ele não estava muito distante da Pedra, teria ficado preocupada.

Lan lutava contra as cordas que Nynaeve amarrava nele com o mesmo vigor com que combatera os Trollocs na Praga, mas, por mais que negasse, a jovem o prendera com tanta força quanto a ela própria, embora de outras formas. Tentar desfazer aqueles elos era o mesmo que se dispor a romper aço com as mãos. Moiraine não era ciumenta,

não exatamente, mas Lan fora seu braço armado, escudo e companheiro por muitos anos para que abrisse mão dele assim, tão fácil. *Fiz o que tinha de fazer. Se eu morrer, ela ficará com ele. Mas não antes disso. Onde está esse homem? E fazendo o quê?*

Uma mulher de vestido vermelho rendado, uma Senhora da Terra com cara de cavalo, chamada Leitha, ergueu as saias com um zelo um pouco excessivo, e Moiraine a encarou. Fez isso muito brevemente e sem reduzir o passo, mas a mulher estremeceu e baixou os olhos. A Aes Sedai assentiu para si mesma. Conseguia entender que aquelas pessoas odiavam as Aes Sedai, mas não toleraria grosserias descaradas além do menosprezo velado. Além do mais, o restante se retraiu um pouco mais depois de ver Leitha baixar o rosto.

— Tem certeza de que ele não comentou nada sobre o que pretende anunciar? — perguntou, baixinho.

No meio do burburinho, ninguém a três passadas de distância seria capaz de distinguir uma palavra. Os tairenos estavam a essa distância. Ela não gostava de ser entreouvida.

— Nada — respondeu Egwene, também baixinho. Soava tão irritada quanto Moiraine.

— Houve rumores.

— Rumores? Que tipo de rumores?

A garota não era muito boa em controlar a expressão ou a voz, e claramente não ouvira os boatos sobre os acontecimentos em Dois Rios. Mas pensar o mesmo de Rand seria como deixar o cavalo solto e torcer para ele não fugir.

— Egwene, deveria encorajá-lo a dividir seus pensamentos com você. Ele precisa de um ouvido amigo. Pode ser de alguma ajuda falar dos problemas com alguém de confiança.

A Aceita lançou um olhar de esguelha a Moiraine. Estava se tornando sofisticada demais para métodos tão simples. Ainda assim, a Aes Sedai dissera a verdade nua e crua: o rapaz de fato precisava de alguém para ouvi-lo, alguém que, ao fazê-lo, suavizasse o peso de seus fardos. E isso poderia funcionar.

— Ele não divide nada com ninguém, Moiraine. Esconde as dores que sente, espera ser capaz de lidar com elas antes que alguém perceba. — A raiva faiscou no rosto de Egwene. — Aquela mula cabeça de lã!

Moiraine sentiu uma leve compaixão. Não dava para esperar que a garota aceitasse ver Rand e Elayne passeando de braços dados e trocando beijos pelos cantos, quando pensavam não estar sendo vistos. E Egwene não sabia nem da metade. A pena não durou. Havia muitas outras coisas importantes com que se preocupar do que uma garota choramingando pelo que não poderia ter, mesmo se quisesse.

Àquela altura, Elayne e Nynaeve deviam estar a bordo do

forcador, fora do caminho. A viagem esclareceria se as suspeitas que tinha acerca das Chamadoras de Ventos estavam corretas. Mas aquilo era um ponto menos importante. Na pior das hipóteses, as duas tinham dinheiro o bastante para comprar um navio e contratar uma tripulação — o que talvez fosse necessário, dados os rumores em relação a Tanchico — com bastante de sobra para os subornos, uma necessidade tão frequente para lidar com os oficiais tarabonianos. O quarto de Thom Merrilin estava vazio, e os informantes de Moiraine relataram tê-lo ouvido resmungando sobre Tanchico ao sair da Pedra. O menestrel garantiria que as moças arrumariam uma boa tripulação e encontrariam os oficiais certos. O suposto plano para Mazrim Taim era a mais provável das duas possibilidades, mas suas mensagens à Amyrlin decerto tinham dado conta disso. As duas jovens estariam mais aptas a lidar com a chance muito menos provável de um perigo misterioso oculto em Tanchico, além de não a perturbarem mais e estarem longe de Rand. Moiraine só achava ruim que Egwene tivesse se recusado a ir com as duas. Tar Valon teria sido o melhor destino para as três, mas Tanchico estava de bom tamanho.

— Falando em cabeça de lã, você pretende seguir em frente com esse plano de ir para o Deserto?

— Pretendo — respondeu a garota, com firmeza.

Egwene precisava voltar à Torre, treinar sua força. *O que Siuan tinha na cabeça? Quando eu perguntar, ela deve responder com um dos seus ditados sobre barcos e peixes.*

Pelo menos Egwene também ficará fora do caminho, e a garota Aiel vai cuidar dela. Talvez as Sábias possam mesmo ensinar a ela algo sobre os Sonhos. A carta que recebera fora muito surpreendente, mas não podia se dar ao luxo de seguir quase nada do que fora pedido. A longo prazo, a viagem de Egwene até o Deserto poderia ser útil.

A última fileira de tairenos abriu passagem, formando um pequeno vão, e ela e Egwene encararam a área livre sob a imensa abóbada. A inquietação dos nobres era mais evidente, ali na frente. Muitos olhavam os próprios pés, como crianças emburradas, outros encaravam o nada, mirando tudo, menos o ponto onde as duas estavam. Era ali que ficava *Callandor,* antes de Rand tomar posse dela. Ali, sob aquele domo, intocada por qualquer mão por mais de três mil anos, intocável por qualquer mão que não a do Dragão Renascido. Os tairenos não gostavam de admitir a existência do Coração da Pedra.

— Coitada — murmurou Egwene.

Moiraine acompanhou o olhar da moça. A Grã-lady Alteima, já no vestido rufado, capa e chapéu de um branco reluzente que era moda das viúvas tairenas, embora o marido ainda persistisse, devia ser a mais composta de todas as nobres. Era uma mulher esguia e encantadora — ainda mais por conta do sorrisinho triste — com

grandes olhos castanhos e cabelos negros e compridos até a cintura. Uma mulher alta, embora Moiraine admitisse que tendia a julgar essas coisas de acordo com a própria altura, e de seios um tanto fartos. Os cairhienos não eram um povo de estatura alta, e a Aes Sedai era considerada baixa mesmo entre eles.

— Sim, coitada — disse, mas não por compaixão.

Era bom ver que Egwene ainda não tinha sofisticação suficiente para sempre ver o que havia por sob a superfície. A garota já era muito menos maleável do que deveria continuar a ser por muitos anos. Precisava ser moldada antes de endurecer.

Thom falhara com Alteima. Ou talvez tivesse se obrigado a não ver, pois parecia sentir uma estranha relutância em enfrentar mulheres. A Grã-lady Alteima era muito mais perigosa do que o marido ou o amante, ambos manipulados por ela sem notarem. Talvez fosse mais perigosa do que qualquer um em Tear, homem ou mulher. Ela em breve encontraria outros a quem usar. Era o estilo de Alteima se manter nos bastidores e manejar os cordames. Algo precisava ser feito em relação a ela.

Moiraine correu os olhos pelas fileiras de Grão-lordes e Grã-ladies até encontrar Estanda, vestida em sedas amarelas brocadas, com um babado imenso de renda marfim e um pequenino chapéu combinando. Uma rigidez marcava a beleza de seu rosto, e os olhares que ela volta e meia disparava a Alteima eram duros como ferro. O sentimento de uma pela outra ultrapassava a mera rivalidade. Se fossem homens, havia muito já teriam derramado sangue em um duelo. Se esse antagonismo pudesse ser reforçado, Alteima ficaria ocupada demais para arranjar problemas para Rand.

Por um instante, Moiraine se arrependeu de ter mandado Thom embora. Não gostava de ter que perder tempo com aquelas questões menores. Mas o menestrel tinha muita influência sobre Rand, e o rapaz precisava depender da orientação dela. Somente dela. A Luz sabia que ele já era difícil o bastante sem interferência. Thom estava ajudando o rapaz a se aquietar e governar Tear, mas o Dragão deveria estar buscando feitos maiores. Contudo, por enquanto, o assunto estava encerrado. A questão de pôr Thom Merrilin na linha podia ser contornada mais tarde. Rand era o dilema, no momento. O que pretendia anunciar?

— Onde é que ele está? Pelo que vejo, já aprendeu a primeira arte dos reis: fazer os outros esperarem.

Não percebeu que falara em voz alta até notar o olhar surpreso de Egwene. Na mesma hora, suavizou a irritação no rosto. Uma hora Rand apareceria, e ela descobriria o que ele queria fazer. Junto com todo mundo. Moiraine quase rangeu os dentes. Aquele garoto cego e tolo, avançando impetuosamente no meio da noite, sem se importar

com os desfiladeiros, sem jamais pensar que poderia arrastar o mundo junto consigo. Se ao menos pudesse evitar que ele voltasse correndo para salvar a própria aldeia. Ele iria querer, mas não podia se dar ao luxo de fazê-lo agora. Talvez não soubesse do acontecido, dava para ter essa esperança.

Mat estava diante delas, do outro lado do círculo, despenteado e com a postura meio curvada, as mãos nos bolsos do casaco verde de gola alta, que usava meio desabotoado, como de costume, e as botas estavam todas arranhadas. Era um contraste com a elegância estudada à sua volta. Ele se remexeu, nervoso, quando notou que Moiraine o encarava, depois escancarou um de seus sorrisos desaforados. Pelo menos estava ali, à vista dela. Era muito exaustivo manter o olho vivo em Mat Cauthon, ele se esquivava fácil de seus espiões. Jamais dava indícios de notar a presença deles, mas os agentes de Moiraine relatavam que o rapaz escapava sorrateiro sempre que se aproximavam demais.

— Acho que ele dorme de casaco — comentou Egwene, com desaprovação na voz. — E de propósito. Onde será que está Perrin? — Ela subiu nas pontas dos pés, tentando perscrutar por sobre o ajuntamento de cabeças. — Não consigo encontrá-lo.

Franzindo o cenho, Moiraine fez uma varredura na multidão, ainda que não fosse capaz de distinguir muita coisa atrás da primeira fileira. Lan poderia estar lá atrás, entre as colunas. Mas não iria se esforçar muito nem erguer-se nas pontas dos pés, feito uma criança ansiosa. Lan ouviria um belo sermão quando pusesse as mãos nele. Com Nynaeve puxando para um lado e os *ta'veren* — Rand, pelo menos — aparentemente puxando para o outro, ela às vezes se perguntava como andava a força do elo entre eles dois. Pelo menos o tempo que ele passara com Rand fora útil, deu a ela mais uma corda para amarrar o jovem.

— Talvez ele esteja com Faile — continuou Egwene. — Ele não teria fugido, Moiraine. Perrin tem um senso de dever muito forte.

Quase tão forte quanto o de um Guardião, Moiraine sabia, por isso que não mantinha seus olhos-e-ouvidos tão atentos a ele como fazia com Mat.

— Faile tem tentado convencê-lo a ir embora, garota. — Era muito provável que Perrin estivesse com ela, quase sempre estava. — Não faça essa cara de surpresa. Eles conversam e discutem muito em locais onde podem ser ouvidos.

— Minha surpresa não é por você saber — retrucou Egwene, em um tom seco — mas por Faile estar tentando dissuadi-lo de algo que ele sabe que tem de fazer.

— Talvez ela não acredite nisso tanto quanto ele.

A própria Moiraine a princípio não acreditou, nem percebeu. Três

ta'veren, todos da mesma idade, saídos da mesma aldeia. Ela só podia estar cega para não ter percebido que estavam conectados. Tudo ficara muito complicado depois que descobriu isso. Era como tentar equilibrar três daquelas bolas coloridas de Thom em uma única mão — e com os olhos vendados. Já vira Thom fazer isso, mas não sentia vontade de tentar. Não havia qualquer orientação a respeito da forma como eles se conectavam ou do que deveriam fazer, as Profecias nunca mencionaram companheiros.

— Eu gosto dela — comentou Egwene. — Faile é boa para ele, é justo o que Perrin precisa. E se importa muito com ele.

— Creio que sim.

Se Faile começasse a criar muitos problemas, Moiraine teria uma conversinha com ela sobre os segredos que a jovem andava escondendo de Perrin. Ou deixaria seus olhos-e-ouvidos fazerem esse trabalho. Isso a sossegaria.

— Você fala como se não acreditasse. Eles se amam, Moiraine. Você não vê? Será que não é capaz nem de reconhecer um sentimento humano?

Moiraine lançou a ela um olhar firme, o suficiente para fazê-la parar de ficar na ponta dos pés, o que foi bem satisfatório. A garota sabia tão pouco e pensava que sabia tanto. Moiraine estava prestes a dizer isso a ela sem meias-palavras, mas arquejos assustados e temerosos se elevaram entre os tairenos.

A multidão abriu caminho depressa, mais do que ávida, os da frente empurrando sem piedade os que estavam mais atrás, formando um caminho largo até o espaço sob a abóbada. Rand caminhou por esse corredor a passos largos, olhando para a frente, imperioso, em um casaco vermelho bordado com arabescos dourados nas mangas, trazendo *Callandor* nas mãos feito um cetro. Porém, não era apenas para ele que os tairenos abriam caminho. Atrás vinham cem Aiel, trazendo nas mãos lanças e arcos com flechas encaixadas, as cabeças envoltas em *shoufas*, véus negros que escondiam tudo, menos os olhos. Moiraine pensou ter reconhecido Rhuarc na dianteira, logo atrás de Rand, mas apenas pelos movimentos. Estavam todos anônimos. Prontos para matar. Estava claro, independentemente de qual fosse o recado, que Rand pretendia reprimir qualquer resistência antes que houvesse chance de ganhar força.

Os Aiel pararam de repente, mas Rand seguiu em frente até ficar abaixo do centro do domo, depois passou os olhos pela multidão. Pareceu surpreso ao ver Egwene, talvez transtornado, mas lançou a Moiraine um sorriso que a deixou furiosa, e, a Mat um que fez os dois parecerem garotos quando este sorriu de volta. Os tairenos estavam pálidos, sem saber se encaravam Rand e *Callandor* ou os Aiel velados. Ambos podiam trazer a morte.

— O Grão-lorde Sunamon — começou Rand de repente, em um tom alto, fazendo o sujeito gordinho dar um salto — me garantiu um acordo com Mayene seguindo à risca minhas diretrizes. Ele deu a vida como garantia. — Rand riu como se contasse uma piada, e a maioria dos nobres o acompanhou. Mas não Sunamon, que parecia bem enjoado. — Em caso de falha — continua o rapaz — ele concorda que será enforcado, e vai aceitar seu destino.

Os risos pararam. O rosto de Sunamon assumiu um tom esverdeado, meio doente. Egwene lançou a Moiraine um olhar aflito enquanto agarrava a saia com ambas as mãos. A Aes Sedai apenas esperava: Rand não reunira todos os nobres em um raio de dez milhas para revelar um acordo, nem para ameaçar um gordo idiota. Ela se forçou a tirar as mãos das saias.

Rand foi se virando em círculo, ponderando os rostos que via.

— Por conta deste acordo, em breve haverá navios disponíveis para levar os grãos tairenos para oeste, à busca de novos mercados. — Ouviu-se alguns murmúrios apreciativos que logo foram sufocados. — Mas tem mais. Os exércitos de Tear entrarão em marcha.

Houve uma vibração de aplausos, gritos tumultuados ecoaram pelo teto. Os homens pulavam, até mesmo os Grão-lordes, sacudindo as mãos sobre as cabeças e jogando para cima os chapéus pontudos de veludo. As mulheres, sorrindo com o mesmo entusiasmo dos homens, beijavam nas bochechas os que iriam para a guerra e cheiravam delicadamente as pequenas garrafinhas de porcelana com sais, sem as quais mulher alguma vivia, fingindo ter ficado tontas com a notícia.

— Illian cairá! — gritou alguém, e centenas de vozes se seguiram como trovões:

— Illian cairá! Illian cairá! Illian cairá!

Moiraine viu os lábios de Egwene se mexendo, as palavras abafadas pelo júbilo da multidão. Mas conseguia lê-los.

— Não, Rand. Não, por favor. Não, por favor.

Do lado oposto do rapaz, Mat exibia uma carreta silenciosa e desaprovadora. Os dois e ela eram os únicos que não estavam comemorando, além dos Aiel, sempre observadores, e do próprio Rand. O rapaz exibia um sorriso desdenhoso que não chegava aos olhos. Suor fresco gotejava em seu rosto. Ela encontrou seu olhar sardônico e aguardou. Haveria mais, e ela suspeitava que não seriam notícias muito agradáveis.

Rand ergueu a mão esquerda. Aos poucos, o silêncio se abateu, os da frente ávidos em calar os de trás. Ele esperou o silêncio se tornar absoluto.

— Os exércitos marcharão para o norte, em direção a Cairhien. O Grão-lorde Meilan vai comandá-los, e, abaixo dele, os Grão-lordes Gueyam, Aracome, Hearne, Maraconn e Simaan. Os exércitos serão

financiados graças à generosidade do Grão-lorde Torean, o mais rico de todos, que vai acompanhá-los para verificar se seu dinheiro está sendo gasto com sabedoria.

O pronunciamento foi recebido com silêncio sepulcral. Ninguém se mexia, embora Torean, inexpressivo, parecia estar tendo problemas para manter-se de pé.

Moiraine teve de dedicar uma reverência mental a Rand, pelas escolhas. Mandar aqueles sete para fora de Tear fora uma jogada genial para desarticular as sete tramas mais poderosas contra ele, e nenhum daqueles homens confiava um no outro a ponto de operar tramas entre si. Thom Merrilin dera bons conselhos, seus espiões decerto haviam deixado escapar alguns dos bilhetes que o menestrel deslizara para dentro dos bolsos de Rand. Mas e o resto? Era loucura. O rapaz não poderia ter obtido essa resposta do outro lado daquele *ter'angreal*. Não era possível, sem dúvida.

Estava claro que Meilan concordava com ela, ainda que não pelos mesmos motivos. O homem deu um passo à frente, hesitante. Era esguio e forte, mas estava tão assustado que dava para ver todo o branco de seus olhos.

— Meu Lorde Dragão… — Ele parou, engoliu em seco e recomeçou, a voz um tantinho mais firme. — Meu Lorde Dragão, intervir em uma guerra civil é adentrar um pântano. Uma dúzia de facções disputam o Trono do Sol, com igual número de alianças em constante mudança e uma traição por dia. Além disso, os bandidos infestam Cairhien como pulgas em um javali selvagem. Camponeses famintos deixaram a terra seca. Obtive informações seguras de que eles têm comido folhas e cascas de árvores. Meu Lorde Dragão, um "pântano" não é o bastante sequer para começar a descrever…

Rand interrompeu o homem.

— Você não quer estender o domínio de Tear até a Adaga do Fratricida, Meilan? Muito bem. Já sei quem quero ver sentado no Trono do Sol. Você não vai para conquistar, Meilan, e sim para restaurar a ordem e a paz. E para dar de comer aos famintos. Há mais grãos nos celeiros do que Tear é capaz de vender, e os fazendeiros vão colher muitos outros este ano, a não ser que você me desobedeça. Os carroções transportarão os grãos para o norte atrás dos exércitos, e esses *camponeses*… esses *camponeses* não terão mais que comer casca de árvore, *Lorde* Meilan. — O alto Grão-lorde abriu a boca outra vez, e Rand girou *Callandor* para baixo, enfiando a ponta de cristal no chão diante dele. — Alguma pergunta, Meilan?

Balançando a cabeça, Meilan recuou até a multidão, como se tentasse se esconder.

— Sabia que ele não começaria uma guerra — disse Egwene,

enfática. — Sabia.

— Acha que isso vai trazer menos mortes? — murmurou Moiraine. O que o rapaz estava tramando? Pelo menos não tinha corrido para salvar sua aldeia enquanto os Abandonados faziam o que queriam com o resto do mundo. — Os corpos vão se empilhar da mesma forma, garota. Você não vai ver a menor diferença entre isso e uma guerra.

Um ataque a Illian e Sammael o faria ganhar tempo, mesmo que a coisa chegasse a um impasse. Tempo para conhecer o poder que tinha, talvez até para derrotar um de seus mais fortes inimigos e acovardar o resto. O que Rand ganharia com isso? Paz na terra onde ela nascera, cairhienos famintos alimentados. Em outro momento, Moiraine o teria aplaudido. Era humano e louvável — e, na presente situação, completamente insensato. Derramamento de sangue inútil, em vez do confronto com um inimigo que o destruiria à menor chance. Por quê? Lanfear. O que Lanfear dissera a ele? O que fizera? As possibilidades davam calafrios profundos em Moiraine. Rand precisaria ser mais vigiado do que nunca. Ela não permitiria que ele se voltasse para a Sombra.

— Ah, sim — comentou Rand, como se acabasse de se lembrar de algo. — Os soldados não entendem muito sobre esse negócio de alimentar os famintos, não é? Por isso, acho que o bom coração de uma mulher se faz necessário. Milady Alteima, lamento ter que atrapalhar o seu luto, mas será que a senhora poderia empreender a supervisão da distribuição de alimentos? A senhora terá uma nação inteira para alimentar.

E poder a ganhar, pensou Moiraine. Fora o primeiro deslize. À parte a decisão de Cairhien no lugar de Illian, sem dúvida. Alteima decerto retornaria a Tear em pé de igualdade com Meilan ou Gueyam, pronta para outras tramoias. Rand morreria a mando dela antes disso, se não tomasse cuidado. Talvez desse para organizar um acidente em Cairhien.

Alteima curvou-se em uma mesura graciosa, abrindo as saias brancas e exibindo apenas um toque de surpresa.

— Como meu Lorde Dragão ordenar, assim o farei. Será um enorme prazer servir ao Lorde Dragão.

— Tenho certeza disso — retrucou Rand, irônico. — Por mais que ame o marido, não deve querê-lo com você em Cairhien. As condições serão difíceis para um homem doente. Tomei a liberdade de transferi-lo para os cuidados da Grã-lady Estanda, que tomará conta dele enquanto a senhora estiver ausente e o mandará ao seu encontro, em Cairhien, quando ele estiver melhor.

Estanda abriu um sorriso contido e triunfal. Deu para ver o branco dos olhos de Alteima quando ela desmaiou de repente.

Moiraine balançou a cabeça de leve. O rapaz estava mesmo mais rígido que antes. Mais perigoso. Egwene começou a ir em direção à mulher caída, mas Moiraine pôs a mão em seu braço.

— Acho que ela está apenas tomada pela emoção. Veja bem, sei reconhecer esse tipo de coisa. As outras nobres estão cuidando dela.

Muitas nobres haviam se reunido em volta da mulher, dando tapinhas em seus pulsos e segurando sais aromáticos debaixo do nariz. Alteima deu uma tossidela e abriu os olhos, mas pareceu prestes a desmaiar outra vez quando viu Estanda parada de pé à sua frente.

— Acho que Rand fez uma coisa muito esperta — comentou Egwene, em um tom inexpressivo. — E muito cruel. Ele está certo em parecer envergonhado.

E parecia mesmo. De cara feia, encarava as pedras do chão abaixo das próprias botas. Talvez não fosse tão severo quanto tentava ser.

— Mas não foi por falta de merecimento — observou Moiraine. A garota era promissora em captar o que não compreendia, mas ainda precisava aprender a controlar as próprias emoções para ver o que tinha de ser feito tão bem quanto via o que desejava que fosse feito. — Vamos torcer para que ele tenha terminado com as espertezas por hoje.

Foram poucos no grande salão que entenderam exatamente o que havia acontecido, sabia-se apenas que o desmaio de Alteima irritara o Lorde Dragão. Uns poucos nos fundos ergueram clamores de "Cairhien cairá!", mas a manifestação não se sustentou.

— Sob sua liderança, Lorde Dragão, vamos conquistar o mundo! — gritou um homem de rosto encaroçado, em quem Torean se apoiava um pouco. Estean, filho mais velho de Torean. A semelhança nas feições era clara, mas o pai ainda resmungava sozinho.

Erguendo a cabeça depressa, Rand mostrou surpresa. Ou talvez irritação.

— Não irei com vocês. Vou… me ausentar por um tempo. — Aquilo sem dúvida trouxe o silêncio de volta. Todos os olhos pairavam sobre ele, mas a atenção do Dragão jazia em *Callandor*. A multidão se encolheu quando ele ergueu a espada de cristal diante do rosto. Suor escorria por sua face, muito mais do que antes. — A Pedra já guardava *Callandor* antes da minha chegada. A Pedra a guardará uma vez mais, até meu retorno.

De súbito, a espada transparente brilhou em suas mãos como se pegasse fogo. Ele elevou o cabo, girou-a e baixou-a de novo. Cravou-a no chão de pedra. Raios azulados se estenderam em arcos violentos em direção ao domo acima. A pedra ressoou alto, e a Pedra estremeceu, dançando, erguendo do chão o povo aos berros.

Moiraine empurrou para longe de si Egwene enquanto os tremores reverberavam pela câmara e equilibrou-se, ereta. *O que* Rand

fizera? E por quê? Estava indo embora? Era o pior dos pesadelos.

Os Aiel já estavam de pé outra vez. Todo o restante ainda estava deitado, atônito, ou apoiado de quatro. Exceto Rand. Ele estava ajoelhado, ambas as mãos envoltas no punho de *Callandor*, a lâmina a meio caminho do piso de pedras. A espada era outra vez de cristal transparente. O rosto dele brilhava de suor. O rapaz abriu um dedo de cada vez e envolveu o cabo com as mãos em concha, sem tocá-lo. Por um instante, Moiraine pensou que ele seguraria a espada novamente, mas, em vez disso, Rand se forçou a se levantar. Precisou se forçar, ela tinha certeza.

— Olhem para isso enquanto eu estiver longe. — A voz dele era mais suave, mais parecida com o tom que tinha quando o encontrara na aldeia, mas não menos firme ou confiante do que estivera momentos antes. — Olhem e lembrem-se de mim. Lembrem que voltarei para buscá-la. Se alguém quiser tomar meu lugar, basta tirá-la daqui. — Ele abanou um dedo para a audiência e abriu um sorriso quase malicioso. — Mas lembrem-se do preço do fracasso.

Ele girou nos calcanhares e marchou para fora do aposento levando os Aiel atrás. Encarando a espada que se erguia do chão do Coração, os tairenos se levantaram mais devagar. A maioria parecia pronta para correr, mas assustada demais para isso.

— Aquele homem! — grunhiu Egwene, espanando a poeira do vestido de linho verde. — Ele está louco? — Então pôs a mão na boca mais do que depressa. — Ah, Moiraine, ele não está, não é? Está? Não ainda.

— Queira a Luz que não — murmurou Moiraine. Não conseguia tirar os olhos da espada, assim como os tairenos. Que a Luz o acompanhe. Por que ele não podia continuar sendo o rapaz obediente que encontrara em Campo de Emond? Começou a ir atrás de Rand. — Mas vou descobrir.

Quase correndo, as duas logo alcançaram o grupo em um amplo corredor cheio de tapeçarias enfileiradas. Os Aiel, agora com os véus soltos, mas de um jeito que daria para os erguerem sem a menor dificuldade, caso fosse preciso, chegaram para o lado, sem reduzir o passo. Olharam para ela e Egwene com os rostos severos e impassíveis, mas com os olhares cautelosos que os Aiel sempre exibiam perto de Aes Sedai.

Ela não entendia como conseguiam ficar desconfortáveis ao lado dela e acompanhar Rand com tranquilidade. Era difícil saber mais do que alguns fragmentos a respeito deles. O povo respondia às perguntas sem o menor problema — mas nunca sobre algo que fosse de interesse dela. Seus informantes nada captavam, nem mesmo ela ouvia algo de útil ao bisbilhotar, e sua rede de olhos-e-ouvidos nem mais tentava. Não desde que uma mulher fora amarrada, amordaçada e presa pelos

tornozelos a uma ameia, deixada para encarar de olhos arregalados uma queda de quatrocentos pés, e não desde o homem que simplesmente desaparecera. O homem sumira. A mulher, que agora se recusava a sair do piso térreo, fora um lembrete constante até que Moiraine a mandasse para o interior.

Assim como os Aiel, Rand não reduziu o passo quando ela e Egwene se postaram uma de cada lado dele. O rapaz também tinha o olhar cauteloso, mas de um jeito diferente, com certa raiva exasperada.

— Pensei que você tinha ido embora — disse a Egwene. — Pensei que tinha ido com Elayne e Nynaeve. Deveria ter ido. Até Tanchico é… Por que ficou?

— Não vou ficar por muito mais tempo — retorquiu Egwene. — Estou indo para o Deserto com Aviendha, para Rhuidean, vou aprender com as Sábias.

Ele tropeçou quando a garota mencionou o Deserto, olhou para ela, indeciso, depois prosseguiu. Parecia controlado, até demais. Era como um bule de chá fervente tampado e com a biqueira fechada.

— Você se lembra de nadar na Floresta das Águas? — perguntou, baixinho. — Eu boiava de barriga para cima em uma piscininha e pensava que a coisa mais difícil a fazer era arar um campo, talvez tosquiar ovelhas. Tosquiar do amanhecer até a hora de dormir, quase sem parar para comer até ter terminado tudo.

— Fiar — respondeu Egwene. — Odiava isso mais do que esfregar o chão. Torcer os fios deixa os dedos tão doloridos.

— Por que você fez isso? — inquiriu Moiraine, antes que os dois pudessem prosseguir com as lembranças da infância.

Rand a olhou de esguelha, com um sorriso debochado feito os de Mat.

— Dava mesmo para eu mandar enforcar a mulher, por tentar matar um homem que estava tramando contra mim? Haveria mais justiça nisso do que no que fiz? — Ele tirou o sorriso do rosto. — Será que existe justiça em alguma coisa que eu faço? Sunamon vai para a forca se falhar. Porque eu mandei. E vai merecer, depois da forma como tentou levar vantagem, sem dar a mínima em ver o próprio povo morrendo de fome, mas não vai para a forca por isso. Será enforcado porque eu mandei. Porque eu mandei.

Egwene pousou a mão no braço dele, mas Moiraine não permitiria que Rand se esquivasse.

— Você sabe que não foi isso o que eu quis dizer.

Ele assentiu. Dessa vez abriu um sorriso sombrio, quase assustador.

— *Callandor*. Com ela nas mãos, posso fazer qualquer coisa. Qualquer coisa. Sei que posso fazer qualquer coisa. Mas agora é um

peso a menos em meus ombros. Você não entende, não é? — Moiraine não entendia, mas ficava irritada em saber que Rand percebia isso. Manteve o silêncio, e ele prosseguiu. — Talvez ajude se você souber que vem das Profecias:

> "Dentro do coração ele finca a espada,
> dentro do coração, para ganhar os corações.
> Aquele que a retirar seguirá logo atrás
> Que mão pode agarrar a lâmina temerosa?"

— Está vendo? Direto das Profecias.

— Está se esquecendo de uma coisa — retrucou Moiraine, severa. — Você empunhou *Callandor* em cumprimento à Profecia. As salvaguardas que a mantiveram à sua espera por mais de três mil anos já não existem. Ela já não é a Espada Que Não Pode Ser Tocada. Eu mesma poderia canalizar e soltá-la. Pior, qualquer um dos Abandonados poderia fazer isso. E se Lanfear retornar? Ela não pode usar *Callandor* mais do que eu posso, mas conseguirá pegá-la. — Rand não reagiu ao nome. Seria porque não a temia, e nesse caso estava sendo um tolo, ou por alguma outra razão? — Se Sammael, Rahvin ou qualquer outro dos homens Abandonados puser as mãos em *Callandor*, poderá empunhá-la tão bem quanto você. Pense em enfrentar o poder do qual abre mão sem sequer se preocupar. Pense nesse poder nas mãos da Sombra.

— Quase espero que eles tentem. — Um brilho ameaçador cintilou em seus olhos, que pareciam nuvens cinzentas de tempestade. — Tem uma surpresa à espera de qualquer um que tente tirar *Callandor* da Pedra com canalização, Moiraine. Nem pense em levá-la para Torre só por garantia, a armadilha não faz distinções. Basta o Poder para acioná-la e armar de novo, pronta para disparar outra vez. Não estou abrindo mão de *Callandor* para sempre. Só até… — Ele respirou fundo. — *Callandor* ficará aqui até que eu volte para buscá-la. Ficando aqui, lembrando a eles quem eu sou e o que sou, vai garantir meu retorno sem a companhia de um exército. Uma espécie de abrigo, com gente como Alteima e Sunamon para me dar as boas-vindas à casa. Isso se Alteima sobreviver à justiça que seu marido e Estanda aplicarão, e Sunamon sobreviver à minha. Luz, que confusão.

Ele não podia ou não queria tornar a armadilha seletiva? Moiraine estava determinada a não subestimar o que Rand talvez fosse capaz de fazer. *Callandor* pertencia à Torre, se ele não fosse manejá-la como deveria, e ficaria na Torre até que ele fosse capaz. "Só até" o quê? Rand ia dizer algo diferente de "até eu voltar". Mas o quê?

— E para onde é que você vai? Ou pretende manter isso em

segredo?

Já começava a murmurar o juramento de que não o deixaria fugir outra vez, que daria um jeito de fazê-lo voltar, caso o rapaz pretendesse sair correndo para Dois Rios, quando Rand a surpreendeu.

— Não é segredo, Moiraine. Pelo menos, não para você e Egwene. — Ele encarou Egwene e disse uma palavra: — Rhuidean.

A garota arregalou os olhos, pasma, como se nunca tivesse ouvido aquela palavra. Moiraine, aliás, não exibia uma expressão muito diferente. Houve um burburinho entre os Aiel, mas, quando ela olhou para trás, eles caminhavam a passos largos, os rostos inexpressivos. Desejou poder obrigá-los a ir embora, mas o grupo não obedeceria a sua ordem, e ela não pediria a Rand que os mandasse sair. Não a ajudaria pedir nada a ele, ainda mais sabendo que seu pedido poderia muito bem ser recusado.

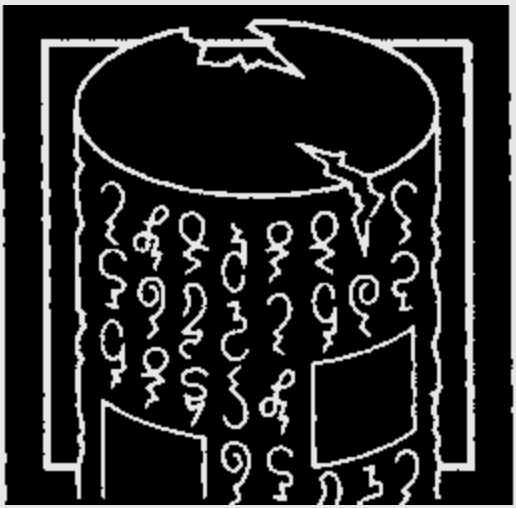
— Você não é um chefe de clã Aiel, Rand — disse, com firmeza — nem tem necessidade disso. Sua luta é deste lado da Muralha do Dragão. A não ser que… Isso é coisa das respostas que obteve no *ter'angreal*? Cairhien, *Callandor* e Rhuidean? Eu disse que essas respostas podem estar codificadas. Você pode estar interpretando errado, o que pode ser fatal. Para outros, não só para você.

— Você precisa confiar em mim, Moiraine. Como eu tantas vezes precisei confiar em você.

Aquele rosto poderia muito bem pertencer aos Aiel, pelo que ela conseguia ler nele.

— Vou confiar, por hora. Só não espere para pedir minha orientação quando for tarde demais. — *Não vou deixá-lo ir para a Sombra. Trabalhei muito duro para permitir isso. Custe o que custar.*

22



Fora da Pedra

Foi uma estranha procissão que Rand liderou para fora da Pedra em direção ao leste, com nuvens brancas encobrindo o sol do meio-dia e lufadas de ar revolvendo pela cidade. Por ordem dele, não houvera anúncio ou proclamação, mas aos poucos se espalhava a notícia de que *algo estava acontecendo*: os cidadãos paravam tudo o que estivessem fazendo e corriam para ganhar vantagem. Os Aiel estavam marchando pela cidade, para fora da cidade. Cada vez mais gente que não os vira chegar no meio da noite, que sequer acreditava que estivessem na Pedra, enfileirava-se nas ruas ao longo do trajeto, enchia as janelas ou até mesmo escalava os telhados de ripa, escarranchando-se nos topos e nos cantos. Burburinhos percorriam a multidão que contava a quantidade de Aiel. Aquelas poucas centenas não poderiam ter tomado a Pedra. O estandarte do Dragão ainda drapejava sobre a fortaleza. Ainda deveria haver milhares lá dentro. Junto com o Lorde Dragão.

Rand cavalgava tranquilo em camisa de manga, com a certeza de que nenhum dos curiosos o tomaria como alguém fora do comum. Um forasteiro com dinheiro suficiente para cavalgar — em um imponente garanhão sarapintado, o melhor dos puros-sangues tairenos — um homem rico viajando com as mais estranhas companhias, porém sem dúvida apenas mais um. Não era sequer líder da estranha comitiva, o título sem dúvida pertencia a Lan ou Moiraine, apesar de eles cavalgarem a certa distância dele, logo à frente dos Aiel. Os sussurros baixinhos de temor que acompanhavam sua passagem decerto eram dirigidos aos Aiel, não a ele. Aquele povo tairen poderia até tomá-lo

por um criado a conduzir o cavalo do mestre. Bem, não. Isso não. Não assim, na frente, como ele seguia. De todo modo, era um belo dia. Não estava abafado, apenas tépido. Ninguém esperava que ele fosse fazer justiça ou governar uma nação. Podia simplesmente aproveitar a viagem no anonimato, gozar da brisa escassa. Por um instante, podia esquecer a sensação das garças marcadas nas palmas das mãos, que seguravam as rédeas. *Pelo menos por mais um pouquinho*, pensou. *Só mais um pouquinho.*

— Rand — disse Egwene — acha mesmo que foi certo deixar os Aiel levarem todas aquelas coisas?

O rapaz se virou enquanto ela cravava os calcanhares na égua cinzenta, Bruma, e se aproximava dele pela lateral. Conseguira arranjar um vestido verde-escuro com saias justas e divididas, e uma fita de veludo verde prendia seus cabelos na altura da nuca.

Moiraine e Lan ainda se mantinham algumas passadas atrás. A mulher avançava sobre a égua branca, no vestido de montaria de saia inteira, feito de seda azul com listras verdes, os cabelos escuros presos em uma rede dourada. Lan estava montado no imenso cavalo negro de batalha, usando o manto furta-cor dos Guardiões, que sem dúvida arrancava tantos "oohs" e "aahs" quanto os Aiel. Quando a brisa balançava o manto, nuances de verde, marrom e cinza o percorriam. Parado, os tons do manto pareciam se mesclar aos de fundo, de modo que o olho enxergava *através* de Lan e de seu cavalo. Não era uma visão confortável.

Mat também fazia parte do cortejo, afundado na sela com um semblante resignado, tentando manter distância do Guardião e da Aes Sedai. Escolhera um capão castanho desinteressante, um animal que chamava de Pips. Era preciso atenção para perceber o peito estufado e a cernelha robusta, promessas de que Pips, com seu nariz achatado, não deixava a dever ao garanhão de Rand ou ao de Lan em termos de força e velocidade. A decisão de Mat em acompanhá-los fora surpreendente, e Rand ainda não entendia o motivo. Por amizade, talvez, mas, por outro lado, talvez não. Mat às vezes fazia as coisas por motivos que só ele entendia.

— Sua amiga Aviendha não explicou sobre "o quinto"? — perguntou ele.

— Ela mencionou alguma coisa, mas… Rand, você não acha que ela… *pegou*… coisas também?

Atrás de Moiraine e Lan, atrás de Mat, atrás de Rhuarc, que liderava os Aiel, os homens do Deserto caminhavam em fileiras compridas de cada um dos lados das mulas de carga, uma atrás da outra, quatro lado a lado. Quando os Aiel dominavam um clã inimigo no Deserto, era costume — ou talvez fosse lei, Rand não entendia muito bem — que levassem consigo um quinto de tudo o que havia,

exceto pela comida. Eles não viam motivo para deixar de fazer o mesmo com a Pedra. Não que as mulas estivessem levando mais do que a menor fração da fração de um quinto dos tesouros de Tear. Rhuarc dizia que a ganância matara mais homens do que o aço. Os grandes cestos de vime, cobertos com carpetes e tapeçarias enrolados, não iam muito carregados. Adiante, haveria uma dura travessia pela Espinha do Mundo e uma árdua viagem pelo Deserto.

Quando é que conto para eles?, perguntou-se o rapaz. *Logo, tem de ser logo.* Moiraine sem dúvida consideraria um lance ousado, audacioso. Ela pensava que conhecia o plano dele todo e não fazia questão de esconder a desaprovação. Sem dúvida queria ver tudo acabado o quanto antes. Mas os Aiel… *E se eles se recusarem? Bem, se isso acontecer, paciência. Preciso fazer.* Quanto ao quinto… achava que não teria sido possível impedir os Aiel de levarem, mesmo que quisesse, o que não foi o caso. Aquele povo merecia as recompensas, e ele não se deu ao trabalho de ajudar os lordes tairenos a defenderem o que passaram gerações arrancando do povo.

— Eu vi que ela mostrou uma tigela de prata a Rhuarc — disse Rand, em voz alta. — Pelo barulho que o saco fez quando ela enfiou a tigela, havia mais prata lá dentro. Ou talvez ouro. Você desaprova?

— Não. — A palavra saiu lenta, com um toque de dúvida, mas depois Egwene firmou a voz. — Eu só não tinha pensado que ela era… Os tairenos não levariam apenas um quinto, se fosse o contrário. Teriam arrematado tudo que não fosse trabalho de cantaria e roubado todos os carroções para transportar a pilhagem. Não é porque os costumes de um povo são diferentes que devem ser considerados errados, Rand. Você deveria saber disso.

Rand riu baixinho. Era quase como antigamente: ele estava pronto para explicar por que e como Egwene estava errada, e ela tomava a dianteira e respondia toda a explicação não dita. O garanhão deu alguns passos dançantes, captando o humor do cavaleiro. Rand deu um tapinha no pescoço arqueado e malhado. Era um bom dia.

— É um belo cavalo — comentou a jovem. — Que nome você deu a ele?

— Jeade'en — respondeu ele, cauteloso, perdendo um pouco do bom humor.

Tinha certa vergonha do nome, de suas razões para escolhê-lo. *As Jornadas de Jain, o Viajante* sempre fora um de seus livros favoritos, e o grande peregrino dera a seu cavalo o nome de Jeade'en — que na Língua Antiga significava Verdadeiro Descobridor — pois o animal sempre conseguia encontrar o caminho de casa. Seria bom pensar que Jeade'en poderia um dia levá-lo de volta para casa. Bom, mas pouco provável, e ele não queria que ninguém suspeitasse qual era o motivo do nome. Não havia mais lugar em sua vida para fantasias infantis.

Não havia muito lugar para qualquer coisa que não o que ele precisava fazer.

— Um bom nome — disse Egwene, distraída.

Rand sabia que ela também lera o livro, e em parte esperava que a amiga reconhecesse o nome, mas ela parecia matutar sobre outra coisa, mordendo o lábio inferior, pensativa.

Ele ficou satisfeito com o silêncio. Os últimos vestígios da cidade deram lugar a fazendas de campo isoladas, todas em estado deplorável. Nem mesmo os Congar ou os Coplin, famosos em Dois Rios pela preguiça, entre outras coisas, deixariam que o lugar ficasse tão decadente quanto essas casas de pedra bruta, com as paredes inclinadas, parecendo prestes a desabar sobre as galinhas que ciscavam a terra. Celeiros vergados se inclinavam por cima de loureiros e benjoeiros. Os telhados de ripas partidas e rachadas pareciam cheios de vazamentos. Cabras baliam, desconsoladas, em currais de pedra que pareciam ter sido erguidos às pressas ainda aquela manhã. Homens e mulheres descalços, de ombros caídos, carpiam campos abertos, sem olhar para cima nem mesmo para ver o grande grupo passar. Os cantos dos sabiás e bicos-vermelhos, que chilreavam nos pequenos arbustos, não era o suficiente para aliviar a sensação de opressão e melancolia.

Preciso fazer algo a respeito disso. Eu… Não, não agora. Vamos por partes. Já fiz o que podia por essas pessoas, nessas poucas semanas. Não há mais nada que possa fazer, por ora. Tentou não olhar para as fazendas caindo aos pedaços. Será que os bosques de oliveiras do sul estavam tão ruins quanto aquilo? O povo que trabalhava neles sequer era dono das terras, tudo pertencia aos Grão-lordes. *Não. A brisa. É bom como ela alivia o calor. Posso aproveitar mais um pouquinho. Tenho que contar a eles logo.*

— Rand — chamou Egwene, de supetão — quero falar com você. — Pela expressão dela, parecia sério. Aqueles olhos escuros cravados nele o faziam lembrar um pouco de Nynaeve, quando estava prestes a passar um sermão. — Quero conversar sobre Elayne.

— O que tem ela? — perguntou, desconfiado.

Tocou a bolsa, onde havia duas cartas amassadas contra um objeto pequeno e rígido. Se ambas não tivessem a mesma caligrafia fluida e elegante, ele não teria acreditado que haviam sido escritas pela mesma mulher. Depois de tantos beijos e carinhos. Era mais fácil entender os Grão-lordes do que as mulheres.

— Por que você deixou que ela fosse embora daquele jeito?

Intrigado, Rand a encarou.

— Ela quis ir. Se eu quisesse impedir, teria que amarrá-la. Além do mais, Elayne ficará mais segura em Tanchico do que perto de mim. Ou de Mat, se estivermos mesmo atraindo essas bolhas de mal, como

Moiraine disse. E você também ficaria melhor lá.

— Não estou falando disso. É claro que ela quis ir. E você não tinha direito de impedi-la. Mas por que não disse que queria que ela ficasse?

— Ela quis ir — repetiu o rapaz, e ficou ainda mais confuso ao ver Egwene revirar os olhos, como se ele estivesse falando abobrinhas.

Se não teria direito de impedir Elayne, e ela queria ir, por que deveria tentar convencê-la do contrário? Ainda mais se ela ficasse mais segura longe.

Logo atrás dele, Moiraine falou:

— Está pronto para me contar o próximo segredo? Está bem claro que você anda escondendo alguma coisa de mim. Pelo menos vou poder preveni-lo, caso esteja nos guiando para um precipício.

Rand suspirou. Não ouvira ela e Lan se aproximando. E nem Mat, embora o rapaz ainda mantivesse distância da Aes Sedai. O rosto de Mat era um misto de reflexão, dúvida, relutância e determinação sombria alternados, sobretudo quando olhava para Moiraine. Ele nunca olhava direto para ela, só a observava pelo canto do olho.

— Tem certeza de que quer vir, Mat? — perguntou Rand.

O rapaz deu de ombros e abriu um sorriso falso, que não foi dos mais confiantes.

— Quem abriria mão da chance de ver a droga de Rhuidean? — Egwene ergueu as sobrancelhas para ele. — Ah, desculpe o linguajar, *Aes Sedai*. Já ouvi você falar coisa pior, e aposto que por muito menos.

Egwene o encarou, indignada, mas a vermelhidão em seu rosto revelava que Mat acertara em cheio.

— Fique feliz por Mat *estar* aqui — disse Moiraine a Rand, com a voz fria, mas não satisfeita. — Você cometeu um erro grave em deixar Perrin ir embora e esconder a partida dele de mim. O mundo repousa sobre seus ombros, mas ambos devem estar prontos para lhe oferecer ajuda, ou você cairá, e o mundo cairá junto.

Mat se encolheu, e Rand pensou que o rapaz estivera prestes a dar meia-volta com o capão para ir embora naquele instante.

— Sei qual é o meu dever — disse a ela. *E sei qual é o meu destino*, pensou, mas não disse em voz alta, não precisava de compaixão. — Um de nós tinha que voltar, Moiraine, e Perrin quis ir. Você está disposta a abrir mão de qualquer coisa para salvar o mundo. Eu… Eu faço o que é preciso.

O Guardião assentiu, mas não disse uma palavra. Lan jamais discordava de Moiraine na frente dos outros.

— E o próximo segredo? — insistiu a Aes Sedai.

Não desistiria até deslindar o que era, e Rand já não tinha motivos para esconder. Não aquela parte.

— Pedras-portais — foi tudo que disse — se tivermos sorte.

— Ah, Luz! — ganiu Mat. — Maldita Luz chamejante! Não me venha com essa careta, Egwene! Sorte? Uma vez já não basta, Rand? Você quase matou a gente, está lembrado? Não, pior que isso. Eu preferia voltar até uma daquelas fazendas e passar o resto da vida empregado como lavador de porcos.

— Você pode seguir seu caminho se quiser, Mat — retrucou Rand. O rosto calmo de Moiraine era uma máscara cobrindo a fúria, mas ele ignorou o olhar congelante que tentava silenciar sua língua. Até mesmo Lan parecia ter um ar desaprovador, apesar de as feições duras não terem mudado muito. O Guardião acreditava que o dever vinha antes de qualquer coisa. Rand cumpriria seu dever, mas seus amigos… Não gostava de obrigar os outros a fazerem o que quer que fosse, não faria isso com seus amigos. Isso, pelo menos, poderia evitar. — Não tem motivo para você vir para o Deserto.

— Ah, tem sim. Pelo menos… Ah, que me queime! Eu tenho uma vida para desperdiçar, não tenho? Por que não desse jeito? — Mat soltou uma risada nervosa, meio louca. — Malditas Pedras-portais! Luz!

Rand franziu o cenho. Todos diziam que ele acabaria louco, mas era o amigo quem parecia à beira da insanidade.

Egwene piscou para Mat, preocupada, mas inclinou-se na direção de Rand.

— Rand, Verin Sedai me contou um pouco sobre as Pedras-portais. Ela contou sobre a… viagem que você fez. Você tem certeza?

— É o que preciso fazer, Egwene.

Tinha que avançar depressa, e não havia forma mais rápida do que as Pedras-portais, vestígios de uma Era mais antiga que a Era das Lendas. Ao que parecia, nem mesmo os Aes Sedai da Era das Lendas as compreendiam. Mas não havia caminho mais rápido. Se funcionasse como ele esperava.

Moiraine escutara a conversa com paciência. Especialmente a parte de Mat, embora Rand não entendesse por quê. Ela então disse:

— Verin também me contou sobre sua viagem com as Pedras-portais. Disse que havia apenas algumas pessoas e cavalos, não centenas, e que, embora você não tenha quase matado todo mundo, como Mat disse, parece ter sido uma experiência que ninguém quer repetir. E que não teve o resultado que você esperava. Também foi necessária uma grande quantidade de Poder, quase o bastante para matar pelo menos você, pelo que Verin disse. Mesmo que você deixe a maioria dos Aiel para trás, tem coragem de arriscar?

— Eu preciso — respondeu ele, tateando a bolsa no cinto, sentindo o objeto pequeno e compacto entre as cartas.

Mas Moiraine prosseguiu como se ele não tivesse dito uma

palavra.

— Tem certeza de que *existe* uma Pedra-portal no Deserto? Verin sem dúvida sabe mais sobre isso do que eu, mas nunca ouvi falar em uma. Se existe, será que vai nos levar mais para perto de Rhuidean do que estamos agora?

— Uns seiscentos anos atrás, mais ou menos — começou ele — um mascate tentou dar uma espiada em Rhuidean. — Em outro momento, teria sido um prazer dar aula para Moiraine, para variar um pouco. Não dessa vez. Havia muito que ele não sabia. — Parece que esse sujeito não viu nada, mas alegou ter visto uma cidade dourada sobre as nuvens, flutuando acima das montanhas.

— Não há cidades no Deserto — disse Lan — nem nas nuvens, nem no chão. Eu já lutei contra os Aiel. Eles não têm cidades.

Egwene assentiu.

— Aviendha me disse que nunca tinha visto uma cidade antes de sair do Deserto.

— Pode até ser — retorquiu Rand — mas o mascate também viu alguma coisa se projetando pela lateral de uma das montanhas. Uma Pedra-portal. Ele a descreveu com exatidão. Não existe nada parecido com uma Pedra-portal. Quando descrevi uma para o bibliotecário-chefe da Pedra… — o que fez sem nomear o que buscava, mas não acrescentou essa informação — ele reconheceu na hora, mesmo sem saber o que era. Foi o suficiente para me mostrar quatro delas em um antigo mapa de Tear…

— Quatro? — Moiraine soou surpresa. — Todas em Tear? Pedras-portais não são tão comuns assim.

— Quatro — respondeu Rand, confiante. O bibliotecário velho e ossudo estava certo, chegara até a desenterrar um manuscrito amarelado que descrevia os esforços para mover os "artefatos desconhecidos de uma Era antiga" até a Grande Posse. Todas as tentativas foram fracassadas, e os tairenos enfim desistiram. Aquilo era uma confirmação para Rand, as Pedras-portais eram resistentes ao deslocamento. — Uma delas fica a menos de uma hora de viagem de onde estamos — prosseguiu. — Os Aiel permitiram que o mascate fosse embora, pois era um mascate, e ele partiu com uma das mulas e o máximo de água que conseguiu levar nas costas. O homem deu um jeito de viajar até um *pouso* na Espinha do Mundo, onde conheceu um sujeito chamado Soran Milo, que estava escrevendo um livro chamado *Os assassinos do véu negro*. O bibliotecário trouxe uma cópia surrada quando pedi livros sobre os Aiel. Parece que Milo baseou o livro inteiro nos Aiel que iam ao *pouso* fazer negócios. De todo modo, Rhuarc disse que o homem entendeu tudo errado, mas não tem como uma Pedra-portal ser nada além de uma Pedra-portal.

Ele examinara outros mapas e manuscritos, dezenas deles, com a

desculpa de que estudava Tear e sua história, tentando aprender sobre a terra. *Ninguém* poderia ter imaginado o que ele pretendia até poucos minutos antes.

Moiraine fungou, e Aldieb, a égua branca, deu alguns passos coiceados, captando a irritação da cavaleira.

— Uma suposta história contada por um suposto mascate que alegou ter visto uma cidade dourada flutuando nas nuvens. Rhuarc já viu essa Pedra-portal? Ele já esteve em Rhuidean. Mesmo que esse mascate tenha ido para o Deserto, e mesmo que tenha visto uma Pedra-portal, poderia ter sido em qualquer lugar. Os homens costumam tentar aumentar as verdades quando contam histórias. Uma cidade flutuando nas nuvens?

— Como é que você sabe que não existe? — indagou Rand.

Rhuarc rira de todas as coisas erradas que Milo escrevera sobre os Aiel, mas não falara muito abertamente sobre Rhuidean. Não, mais do que isso. Ou melhor, menos: os Aiel haviam se recusado até mesmo a comentar os trechos do livro que supostamente mencionavam o lugar. Rhuidean, nas terras dos Aiel Jenn, o clã que não é, era quase tudo que Rhuarc falava a respeito. Rhuidean não era um lugar a ser mencionado.

A Aes Sedai não demonstrou muita satisfação com a observação petulante, mas Rand não se incomodou. A própria mulher guardara segredos demais e por muitas vezes o obrigara a confiar nela às cegas. Era a vez dela. Moiraine precisava aprender que ele não era um cachorrinho. *Vou aceitar o conselho dela quando achar que devo, mas não vou mais dançar guiado pelos cordéis de Tar Valon.* Rand morreria em seus próprios termos.

Egwene chegou mais perto com a égua cinza, seguindo quase que com o joelho colado ao dele.

— Rand, você quer mesmo arriscar nossas vidas por uma… possibilidade? Rhuarc não contou nada a você, contou? Quando pergunto a Aviendha sobre Rhuidean, ela fica com a boca mais fechada que uma noz.

Mat parecia enjoado.

Rand manteve a expressão impassível, sem deixar transparecer o lampejo de vergonha. Não era sua intenção assustar os amigos.

— Existe uma Pedra-portal lá — repetiu.

Esfregou outra vez o objeto compacto na bolsa. Tinha que funcionar.

Os mapas do bibliotecário eram antigos, mas foram de alguma ajuda. Os pastos por onde cavalgavam ainda eram florestas quando os mapas foram desenhados, mas restavam algumas árvores, bosques irregulares e esparsos de carvalhos brancos, pinheiros, avencas e árvores altas e solitárias que ele não reconhecia, com troncos

retorcidos e espichados. Rand conseguia distinguir o formato da terra sem dificuldade, a maioria das colinas já estava coberta por mato alto.

Nos mapas, dois cumes altos e inclinados, um bem próximo do outro, apontavam para o amontoado de colinas arredondadas onde estava a Pedra-portal. Isso se os mapas estivessem bem-feitos. E se o bibliotecário tivesse de fato reconhecido a descrição que ele dera. E se a marcação do losango verde indicasse mesmo as ruínas antigas, como o homem alegava. *Por que ele mentiria? Estou ficando muito desconfiado. Não, preciso ser desconfiado. Tão desconfiado quanto uma víbora, e igualmente frio.* Mas não gostava disso.

A norte, só conseguia enxergar colinas, sem árvore alguma, todas salpicadas de silhuetas em movimento que deveriam ser cavalos. As manadas dos Grão-lordes, pastando no local onde ficava o antigo bosque Ogier. Desejou que Perrin e Loial tivessem partido em segurança. *Ajude-os, Perrin*, pensou. *Dê um jeito de ajudá-los, porque eu não posso.*

O bosque Ogier indicava que os cumes deveriam estar próximos, e logo os avistou um pouco ao sul. Pareciam duas flechas, uma passando por dentro da outra, com as poucas árvores ao longo do topo formando uma linha fina no céu. Depois disso, um amontoado de colinas baixas e arredondadas que mais pareciam bolhas cobertas de grama. Mais colinas do que no antigo mapa. Muitas mais, apesar de o pedaço de papel abranger menos de uma milha quadrada. Se não correspondiam às do mapa, ao lado de qual estaria a Pedra-portal?

— Os Aiel estão em grande número — comentou Lan, baixinho — e têm olhos aguçados.

Com um aceno de gratidão, Rand puxou a rédea de Jeade'en e recuou para expor o problema para Rhuarc. Ele apenas descreveu a Pedra-portal, sem dizer o que era. Haveria tempo suficiente para isso quando ela fosse encontrada. Agora sabia guardar segredos. De todo modo, Rhuarc decerto não tinha ideia do que era uma Pedra-portal. Poucos tinham, exceto pelas Aes Sedai. Ele também não sabia, até que alguém lhe explicara.

Avançando ao lado do garanhão malhado, o Aiel franziu o rosto de leve — o equivalente a uma careta de preocupação, em qualquer outro homem — depois assentiu.

— Podemos encontrar isso. — E elevou a voz. — *Aethan Dor! Far Aldazar Din! Duadhe Mahdi'in! Far Dareis Mai! Seia Doon! Sha'mad Conde!*

Enquanto o homem gritava, os integrantes das sociedades guerreiras nomeadas avançaram, até que um bom quarto dos Aiel se postou ao redor dele e de Rand. Escudos Vermelhos. Irmãos da Águia. Buscadores das Águas. Donzelas da Lança. Olhos Negros. Andarilhos do Trovão.

Rand reconheceu a amiga de Egwene, Aviendha, uma mulher alta e bonita de olhar arrogante e sisudo. As Donzelas haviam vigiado a porta de seu quarto, mas ele achou que nunca vira aquela mulher antes de os Aiel se reunirem para deixar a Pedra. Ela correspondeu o olhar, orgulhosa como um gavião de olhos verdes, depois girou a cabeça e voltou a atenção ao chefe de clã.

Bem, eu quis mesmo ser normal outra vez, pensou, um pouco pesaroso. Os Aiel sem dúvida lhe permitiam isso. Até mesmo ao chefe de clã ofereciam apenas uma atenção respeitosa, sem a deferência elaborada que um lorde cobraria, e uma obediência que parecia existir entre iguais. Rand não esperava que lhe dessem algo mais.

Rhuarc deu instruções em poucas palavras, e os Aiel que escutavam se dispersaram à frente, pelo trecho de colinas, correndo a um passo tranquilo. Alguns colocando o véu, só por garantia. O restante aguardou, de pé ou acocorados ao lado das mulas de carga.

Representavam quase todos os clãs — exceto os Aiel Jenn, naturalmente; Rand não entendia muito bem se o Jenn existia ou não, pois, pelas raras menções que os Aiel faziam, podia ser uma coisa ou a outra — incluindo alguns que disputavam rixas de sangue e outros que com frequência lutavam entre si. Era o máximo que sabia sobre eles. Já não era a primeira vez que se perguntava o que os mantivera unidos por tanto tempo. Seriam apenas as profecias da queda da Pedra e da busca por Aquele Que Vem Com a Aurora?

— Mais do que isso — respondeu Rhuarc, e Rand percebeu que expressara os pensamentos em voz alta. — A profecia nos levou além da Muralha do Dragão, e o nome que não é pronunciado nos conduziu até a Pedra de Tear. — O nome a que ele se referia era "Povo do Dragão", uma denominação secreta para os Aiel. Apenas os chefes dos clãs e as Sábias o conheciam ou usavam, e parecia que o faziam com pouca frequência e apenas entre si. — Quanto ao resto? Ninguém pode derramar o sangue de outro da mesma sociedade, é claro, mas misturar Shaarad com Goshien, Taardad e Nakai com Shaido… Até eu teria dançado as lanças com os Shaido, se as Sábias não tivessem obrigado todos que cruzaram a Muralha do Dragão a jurar pela água que deste lado das montanhas tratariam qualquer Aiel como se fosse da mesma sociedade. Até esses Shaido sorrateiros… — Ele deu de ombros, bem de leve. — Está vendo? Não é fácil, nem para mim.

— Esses Shaido são seus inimigos? — Rand se atrapalhou com a denominação. Na Pedra, os Aiel se dividiam em sociedades, não clãs.

— Nós evitamos as rixas de sangue — explicou Rhuarc — mas os Taardad e os Shaido nunca foram próximos. Alguns ramos às vezes atacam os outros de repente, roubam cabras ou gado. Mas os juramentos frearam três rixas de sangue e mais de dez antigas discórdias entre clãs ou ramos. Vai ser um pouco mais fácil por

estarmos indo para Rhuidean, mesmo que alguns nos deixem antes disso. É proibido derramar o sangue dos que estejam a caminho de Rhuidean ou vindo de lá. — O Aiel encarou Rand com o rosto inexpressivo. — Pode ser que em breve nenhum de nós derrame o sangue do outro.

Era impossível dizer se ele considerava a perspectiva agradável.

Uma das Donzelas deu um berro assustador. Ela estava parada no topo de uma colina, gesticulando com os braços.

— Parece que elas encontraram sua coluna de pedra — disse Rhuarc.

Juntando as rédeas, Moiraine lançou a Rand um olhar firme quando ele passou por ela, ávido, os calcanhares cravados em Jeade'en para fazê-lo galopar. Egwene guiou a égua para perto de Mat, inclinada sobre a sela, com uma das mãos no cepilho alto do amigo, para conversar bem de perto. Parecia tentar fazê-lo contar alguma coisa ou admitir algo. Pela veemência nos gestos de Mat, ou ele era inocente feito uma criança, ou estava mentindo descaradamente.

Pulando para fora da sela, Rand subiu correndo a colina baixa para examinar o que a Donzela — Aviendha — encontrara meio enterrado no chão, encoberto pela grama alta. Uma coluna de pedra cinza desgastada com pelo menos três braças de comprimento e uma passada de espessura. Símbolos estranhos cobriam cada polegada exposta, e todos eram envolvidos por uma linha estreita com o que Rand pensou serem palavras. Mesmo que pudesse ler a língua — se é que era uma língua — a inscrição — se é que era isso mesmo — já estava ilegível de tão desgastada. Os símbolos, conseguia distinguir um pouco mais. Mas só alguns, muitos podiam muito bem ser marcas da chuva e do vento.

Ele foi puxando a grama aos punhados para ver melhor e olhou para Aviendha. A jovem deixara a *shoufa* solta sobre os ombros, desnudando os cabelos avermelhados, e o observava com uma expressão severa e inexpressiva.

— Você não gosta de mim — constatou ele. — Por quê?

Havia um símbolo que ele precisava achar, o único que conhecia.

— Não gosto de você? — retrucou ela. — Você pode ser Aquele Que Vem Com a Aurora, um homem destinado. Quem pode gostar ou não gostar disso? Além do mais, você caminha livre, um aguacento, apesar do rosto, mas vai para Rhuidean atrás de honra, enquanto eu…

— Enquanto você o quê? — perguntou ele, quando a mulher parou de falar.

Foi procurando devagar pela pedra. Onde estava? Duas linhas onduladas cruzadas em um ângulo, como um garrancho. *Luz, se isso estiver enterrado, levaremos horas para virar.* De repente, riu. Não horas.

Poderia canalizar e erguer a coisa do chão, ou Moiraine o faria, ou Egwene. Uma Pedra-portal oferecia resistência para ser movida, mas sem dúvida ele seria capaz de tirá-la do lugar. Porém, canalizar não ajudaria a encontrar as linhas onduladas. Apenas sentir o caminho traçado na pedra adiantaria alguma coisa.

Em vez de responder, a mulher Aiel se acocorou, tranquila, as lanças curtas sobre os joelhos.

— Você tratou Elayne mal. Eu não ligaria, mas Elayne é quase irmã de Egwene, que é minha amiga. Só que Egwene ainda gosta de você, então, por ela, vou tentar.

Ainda correndo os dedos pela pedra, ele balançou a cabeça. De novo aquela história de Elayne. Às vezes, achava que as mulheres pertenciam a uma guilda, feito os artesãos das cidades. Se agisse mal com uma, as outras dez que encontrasse pela frente saberiam e desaprovariam.

Os dedos pararam e retornaram ao trechinho que acabara de examinar. Estava desgastado de forma quase irreconhecível, mas teve certeza de que eram as linhas onduladas. Representavam uma Pedra-portal na Ponta de Toman, não no Deserto, mas ficavam no ponto que havia sido a base da coluna, quando ela ficava de pé. Os símbolos do topo representavam mundos, os da base, Pedras-portais. Com um símbolo do topo e um da base, ele supostamente poderia viajar para determinada Pedra-portal em determinado mundo. Com apenas um da base, sabia que poderia alcançar uma Pedra-portal no seu mundo. A Pedra-portal perto de Rhuidean, por exemplo. Se soubesse o símbolo referente a ela. Agora precisava de sorte, daquele empuxo *ta'veren* manipulando a sorte a seu favor.

Uma mão tocou seu ombro, e Rhuarc disse, com voz relutante:

— Essas duas são usadas para simbolizar Rhuidean, nos escritos antigos. Há muito tempo, nem mesmo o nome era escrito. — Ele traçou dois triângulos, cada um contornando o que pareciam ser raios forcados, um apontado para a esquerda, o outro, para a direita.

— Você sabe o que é isso? — perguntou Rand. O Aiel desviou o olhar. — Que me queime, Rhuarc, preciso saber. Sei que você não quer falar a respeito, mas precisa me dizer. Diga, Rhuarc. Já viu uma dessas?

O homem respirou fundo antes de responder:

— Já vi uma igual. — Cada palavra saiu arrastada. — Quando um homem vai para Rhuidean, as Sábias e os homens do clã o aguardam nas encostas de Chaendaer, perto de uma pedra parecida com essa. — Aviendha se levantou e foi embora, rígida. Rhuarc a encarou de cara feia. — Não sei de mais nada, Rand al'Thor. Que eu jamais veja sombra se souber de qualquer outra coisa.

Rand analisou a inscrição indecifrável ao redor dos triângulos.

Qual delas? Apenas uma o levaria para onde desejava ir. A segunda poderia deixá-lo do outro lado do mundo ou no fundo do oceano.

O restante dos Aiel se reunira ao pé da colina, levando as mulas de carga. Moiraine e os outros desceram dos cavalos e subiram a encosta suave, conduzindo os animais. Mat levava Jeade'en junto com seu próprio capão castanho, mantendo o garanhão bem distante do Mandarb de Lan. Agora que estavam sem seus donos, os dois se encaravam com ferocidade.

— Você não sabe mesmo o que está fazendo, sabe? — protestou Egwene. — Moiraine, impeça-o. Podemos cavalgar até Rhuidean. Por que está deixando ele ir adiante com isso? Por que não fala alguma coisa?

— O que você sugere que eu faça? — retorquiu a Aes Sedai, em tom seco. — Não posso puxá-lo pelas orelhas. Podemos estar prestes a ver se os Sonhos são mesmo úteis.

— Sonhos? — indagou Egwene, ríspida. — O que os Sonhos têm a ver com isso?

— Será que vocês duas podem ficar quietas? — Rand tentava soar paciente. — Estou tentando decidir.

Egwene o encarou, indignada. Moiraine não exibia emoção alguma, mas observava com atenção.

— Temos que fazer desse jeito? — perguntou Mat. — O que é que você tem contra cavalgar? — Rand apenas o encarou, e o rapaz deu de ombros, constrangido. — Ah, que me queime. Se está tentando decidir… — Segurando as rédeas dos dois cavalos, ele tirou uma moeda do bolso, um marco de ouro de Tar Valon, e suspirou. — Tinha que ser a mesma moeda, não é? — Ele a rolou para o dorso da mão. — Eu… tenho sorte às vezes, Rand. Deixe minha sorte decidir. Cara, a que está apontando para a direita, chama, a outra. O que me diz?

— Isso é a coisa mais ridícula… — começou Egwene, mas Moiraine a silenciou com um toque no braço.

Rand assentiu.

— Por que não?

Egwene resmungou qualquer coisa. Ele só conseguiu ouvir "homens" e "garotos", mas a frase não parecia um elogio.

A moeda girou no ar acima do polegar de Mat, brilhando meio fosca sob o sol. Lá no alto, Mat a agarrou de volta e a devolveu ao dorso da outra mão com um tapa, depois hesitou.

— Mas que maldição a gente ter que ficar confiando em uma moeda, Rand.

Rand pôs a palma em um dos símbolos, sem olhar.

— Este aqui — disse. — Você escolheu este.

Mat espiou a moeda e piscou os olhos.

— Isso mesmo. Como é que você sabia?

— Mais cedo ou mais tarde, tem que funcionar para mim.

Nenhum deles entendia, Rand sabia, mas não se importava. Ergueu a mão e olhou para o que ele e Mat haviam escolhido. O triângulo apontando para a esquerda. O sol já passara do ápice. Precisava acertar. Bastava um erro, e todos perderiam tempo, em vez de ganhar. Essa devia ser a pior consequência. Tinha que ser.

De pé, Rand revirou a bolsa e puxou o pequeno objeto sólido, uma pedra verde-escura entalhada que cabia sem dificuldade na palma da mão, um homem de cara e corpo redondos, sentado de pernas cruzadas com uma espada sobre os joelhos. Esfregou o polegar na cabeça careca da figura.

— Reúna todos aqui perto. Todos. Rhuarc, mande-os trazer os animais de carga para cá. Todo mundo tem que ficar o mais próximo possível de mim.

— Por quê? — indagou o Aiel.

— Estamos indo para Rhuidean. — Rand jogou a escultura para o ar e logo a pegou de novo, então inclinou-se para tocar a Pedra-portal. — Para Rhuidean. Agora mesmo.

Rhuarc o encarou com um olhar longo e inexpressivo, depois se endireitou para chamar os outros Aiel.

Moiraine deu um passo e aproximou-se da encosta gramada.

— O que é isso? — perguntou, curiosa.

— Um *angreal* — disse Rand, virando-o nas mãos. — Um que funciona com homens. Encontrei na Grande Posse quando estava procurando aquele batente de porta. Foi a espada que me fez pegá-lo, então eu soube. Se você está se perguntando como pretendo canalizar Poder suficiente para levar todo mundo, incluindo Aiel, mulas de carga e tudo o mais, a resposta é isso aqui.

— Rand — começou Egwene, preocupada — não tenho a menor dúvida de que você pensa estar fazendo o que é melhor, mas tem certeza de que quer mesmo fazer isso? Tem certeza de que esse angreal é forte o suficiente? Nem dá para saber se é mesmo um angreal. Acredito em você se diz que é, mas essas coisas variam, Rand. Pelo menos, os que as mulheres usam variam. Alguns são mais potentes que outros, e não dá para se guiar pelo tamanho ou pela forma.

— É claro que tenho certeza — mentiu.

Não houvera meio de testar, não para esse objetivo, não sem que metade de Tear soubesse que ele estava tramando alguma coisa, mas ele achava que iria funcionar. Por pouco. E, como era pequeno, ninguém perceberia que já não estava na Pedra, a não ser que decidissem inventariar a Posse. O que era pouco provável.

— Você deixa *Callandor* para trás e traz isso — resmungou

Moiraine. — Parece que está sabendo bastante sobre como usar Pedras-portais. Mais do que eu pensei.

— Verin me explicou muitas coisas — retrucou ele.

E era verdade, mas fora Lanfear quem explicara primeiro. Naquela época, ele a conhecia como Selene, mas não pretendia contar isso a Moiraine, muito menos sobre a oferta de ajuda da mulher. A Aes Sedai recebera a notícia do aparecimento de Lanfear com tranquilidade até demais, mesmo para ela. E mantinha aquele olhar ponderador, como se o pesasse em sua balança mental.

— Tome cuidado, Rand al'Thor — disse Moiraine, em sua voz gélida e musical. — Qualquer *ta'veren* molda o Padrão a um ângulo ou outro, mas um *ta'veren* como você pode abrir um rasgão na Renda da Era que durará toda a eternidade.

Ele desejou saber o que a Aes Sedai estava pensando. Desejou saber o que *ela* estava planejando.

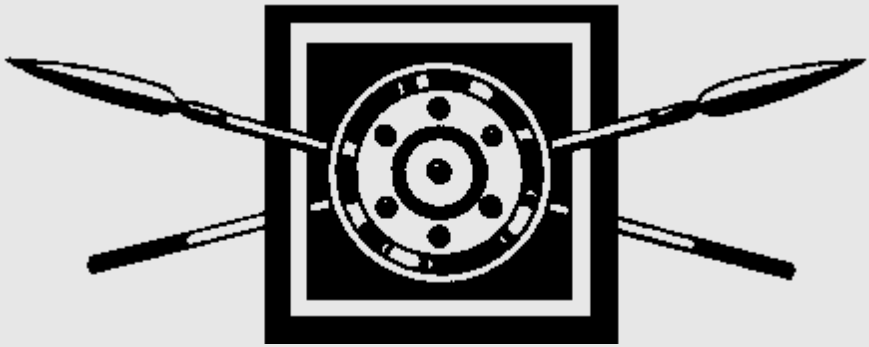
Os Aiel subiram a colina com as mulas de carga, tomando toda a encosta ao se amontarem em um círculo em torno dele e da Pedra-portal, os ombros colados uns nos outros, menos em Moiraine e Egwene. Para as duas, eles deixaram um pouco mais de espaço. Rhuarc assentiu, como se dissesse: *Pronto, agora está nas suas mãos*.

Ele ergueu o *angreal* verde e brilhante e pensou em mandar os Aiel deixarem os animais para trás, mas não sabia se eles o fariam, e também queria chegar ao fim da jornada com todos, ter a sensação de que os tratara com respeito. Boa vontade talvez fosse um recurso escasso no Deserto. Os Aiel o observavam com os rostos imperturbáveis. Alguns, no entanto, haviam posto os véus. Mat, rolando sem cessar o marco de Tar Valon por entre os dedos, e Egwene, com o rosto empapado de suor, eram os únicos que pareciam nervosos. Não havia motivo para esperar mais. Rand precisava agir mais depressa do que qualquer um pensava que ele poderia.

Envolveu a si mesmo no Vazio e tentou tocar a Fonte Verdadeira, aquela luz trêmula e nauseante que estava sempre ali, espreitando atrás de si. O Poder o preencheu, um sopro de vida, um vento que arranca carvalhos do solo, um vento de verão com aroma doce de flores, o bafo fétido que emana de um monte de esterco. Flutuando no Vazio, ele fixou os olhos no triângulo reluzente diante de si e alcançou o *angreal*, sorvendo a torrente furiosa de *saidin*. Tinha que levar todos. Tinha que funcionar. Agarrado à figura, ele sugou o Poder Único, puxou-o para dentro de si até ter certeza de que iria explodir. Puxou mais. Mais.

O mundo piscou e cessou de existir.

23



Além da Pedra

Egwene cambaleou, passando os braços em volta do pescoço de Bruma quando o chão se inclinou sob seus pés. Ali à volta, os Aiel tentavam conter as mulas de carga, que zurravam enquanto deslizavam por uma encosta de pedras íngreme, onde nada crescia. O calor que ela se lembrava de ter sentido em *Tel'aran'rhiod* a golpeava. O ar quente emanava do solo ardente sob os pés, penetrando as solas dos sapatos, o vapor reluzindo diante de seus olhos. Sentiu a pele pinicar por um instante, e logo o suor começou a brotar de todos os poros, empapou o vestido e começou a evaporar na mesma hora.

Os Aiel, muito altos, e as mulas que se debatiam quase a impediam de ver os arredores, mas Egwene conseguia vislumbrar algumas cenas nos espaços entre eles. Uma espessa coluna inclinada de pedra cinza emergia do solo a menos de três passadas. Fora de tal modo erodida pela areia soprada pelo vento que não havia como saber se era igual à Pedra-portal em Tear. Montanhas escarpadas, todas com encostas retas, como se entalhadas por machados gigantes, tostavam sob o sol ardente do céu sem nuvens. Ainda assim, bem abaixo deles, no meio do vale comprido e árido, pairava uma massa de névoa densa, intumescida como as nuvens. O sol escaldante deveria tê-la dissipado em questão de segundos, mas a névoa continuava intocada. Para além daquele cinza turvo erguiam-se topos de torres, alguns espiralados, outros interrompidos de repente, como se ainda não tivessem sido terminados.

— O mascate tinha razão — murmurou para si mesma. — Uma cidade nas nuvens.

Agarrado à rédea do capão, Mat olhava tudo à volta com os olhos arregalados.

— Conseguimos! — Ele riu para ela. — Conseguimos, Egwene, e sem nenhuma… Que me queime, conseguimos! — Ele soltou o laço na

gola da camisa. — Luz, como está quente. Que me queime, está quente mesmo!

De súbito, Egwene percebeu que Rand estava ajoelhado, mantendo a cabeça baixa, apoiado no chão por uma das mãos. Puxando a égua, foi avançando por entre os Aiel até o amigo, enquanto Lan o ajudava a se levantar. Moiraine já estava lá, analisando Rand e parecendo calma — mas a leve contração nos cantos dos lábios indicava que ela estava com vontade de esbofetear as orelhas dele.

— Consegui — disse Rand, ofegante, olhando em volta.

Ele só se mantinha de pé graças ao Guardião. Seu rosto estava esgotado e tenso, parecia um homem no leito de morte.

— Você chegou bem perto — retrucou Moiraine em um tom frio. Muito frio. — O *angreal* não deu conta da tarefa. Não repita isso. Se for para correr riscos, que sejam calculados e com um objetivo firme. Só se for assim.

— Eu não corro riscos, Moiraine. Isso é com Mat. — Rand fez força para abrir a mão. O *angreal*, o homenzinho gordo, cravara a ponta da espada em sua carne, bem em cima da marca da garça. — Talvez você tenha razão. Talvez eu precisasse mesmo de um *angreal* um pouco mais forte. Só um pouquinho, quem sabe… — Ele soltou uma risada irritada. — Funcionou, Moiraine. É o que importa. Fui mais rápido que eles. Funcionou.

— É o que importa — repetiu Lan, assentindo com a cabeça.

Egwene fez um muxoxo de reprovação. Homens. Um quase se matava, depois tentava fazer piada, e o outro lhe dizia que fora a decisão certa. Será que eles nunca cresciam?

— A fadiga da canalização não é como outros tipos de cansaço — explicou Moiraine. — Não posso livrar você dela por completo, não depois do tanto que você canalizou, mas vou fazer o possível. Talvez o que restar possa servir de lembrança para que tenha mais cuidado no futuro. — Ela *estava* com raiva; havia um toque muito nítido de satisfação em sua voz.

O brilho de *saidar* envolveu a Aes Sedai quando ela se levantou e tomou a cabeça de Rand nas mãos. O rapaz soltou um arquejo trêmulo, tremeu incontrolavelmente, depois deu um solavanco e se livrou dela e de Lan.

— Peça, Moiraine — disse Rand, em um tom frio, enfiando o *angreal* de volta na bolsa do cinto. — Primeiro, peça. Não sou seu cachorrinho, para você fazer o que quiser, a hora que quiser. — Ele esfregou as mãos para limpar um filete de sangue.

Egwene fez outro muxoxo de irritação. Infantil, e ainda por cima ingrato. Rand passara a se aguentar em pé, embora os olhos ainda parecessem cansados, e ela não precisava ver a palma da mão dele

para saber que o furinho desaparecera como se jamais tivesse existido. Um completo ingrato. Surpreendentemente, Lan não o repreendeu por falar com Moiraine daquele jeito.

Ocorreu a ela que os Aiel, tendo acalmado as mulas, estavam em silêncio absoluto. Olhavam para fora do grupo com desconfiança. Não se voltavam para o vale ou a cidade coberta de névoa, que devia ser Rhuidean, mas para dois acampamentos, um de cada lado, talvez a meia milha de distância. Os dois agrupamentos, com dezenas e mais dezenas de tendas baixas e abertas dos lados, cada uma maior do que a outra, avançavam encosta acima e quase desapareciam no meio da montanha. Ainda assim, dava para ver com clareza os Aiel marrom-acinzentados ao redor das tendas, as lanças curtas e arcos de chifre encaixados nas flechas, uns já com véus nos rostos, outros ainda colocando-os. Pareciam suspensos nas pontas dos pés, prontos para atacar.

— A paz de Rhuidean — gritou uma voz feminina do alto da encosta, e Egwene pôde sentir o alívio da tensão nos Aiel à sua volta. Os que estavam entre as tendas começaram a baixar os véus, embora ainda observassem com cautela.

Notou que havia um terceiro acampamento mais adiante, bem menor, com algumas tendas baixas em um pequeno trecho plano. Quatro mulheres vinham andando de lá, serenas e altivas, com saias pesadas e escuras e blusas brancas soltas, xales marrons ou cinza nos ombros — apesar do calor que começava a deixar Egwene meio tonta — e muitos colares e braceletes de marfim e ouro. Duas tinham os cabelos brancos, e uma, da cor do sol, caindo pelas costas até a cintura e presos por lenços amarrados na testa.

Egwene reconheceu uma das mulheres de cabelos brancos: Amys, a Sábia que encontrara em *Tel'aran'rhiod*. Mais uma vez ficou impressionada com o contraste entre as feições de Amy, escurecidas pelo sol, e seus cabelos brancos. A Sábia não parecia velha o bastante para aquele grisalho. A segunda mulher de cabelos brancos tinha o rosto mais enrugado, quase de avó, e uma das outras, com mechas grisalhas nos cabelos, parecia tão velha quanto. Tinha certeza de que todas as quatro eram Sábias, muito provavelmente as mesmas que haviam assinado a carta para Moiraine.

As mulheres Aiel pararam na subida da encosta, ainda a dez passadas do grupo ao redor da Pedra-portal, e a que tinha jeito de avó estendeu as mãos abertas e disse, com uma voz envelhecida porém poderosa:

— Que a paz de Rhuidean esteja com vocês. Quem vem a Chaendaer pode retornar a seus fortes em paz. Não haverá derramamento de sangue.

Com isso, os Aiel de Tear começaram a se separar, distribuindo

depressa os animais de carga e os conteúdos dos cestos. Já não estavam divididos em sociedades. Egwene viu Donzelas separando-se entre os diversos grupos, e alguns deles começaram a contornar a montanha, evitando uns aos outros e os acampamentos, com ou sem paz de Rhuidean. Outros avançaram em direção a algum dos grandes agrupamentos de tendas, onde enfim as armas foram baixadas.

Nem todos estavam certos da paz de Rhuidean. Lan soltou o cabo da espada ainda embainhada, embora Egwene não o tivesse visto pôr as mãos nela, e Mat mais que depressa deslizou um par de facas de volta para dentro das mangas. Rand estava parado com os polegares enfiados atrás do cinto, mas o alívio em seus olhos era claro.

Egwene procurou Aviendha para fazer algumas perguntas antes de se aproximar de Amys. Sem dúvida ali, em sua própria terra, a Aiel falaria um pouco mais abertamente sobre as Sábias. Avistou a Donzela, levando um grande saco de juta que tilintava e duas tapeçarias de parede enroladas sobre o ombro enquanto avançava, a passos decididos, em direção a um dos acampamentos.

— Você vai ficar, Aviendha — berrou a Sábia de cabelos grisalhos.

Aviendha parou na mesma hora, sem olhar para ninguém.

Egwene fez menção de caminhar até ela, mas Moiraine murmurou:

— É melhor não interferir. Duvido que ela queira compaixão ou que pense que é qualquer outra coisa que você está oferecendo.

Egwene assentiu, por instinto. Aviendha parecia mesmo querer ficar sozinha. O que as Sábias queriam com ela? A jovem teria violado alguma regra, alguma lei?

Ela própria não teria se incomodado em ter mais companhia. Sentia-se muito exposta, ali, parada, sem nenhum Aiel à volta, com tantos observando por entre as tendas. Os Aiel que tinham ido à Pedra haviam sido educados, mesmo que não exatamente simpáticos, mas os vigias não pareciam nem uma coisa nem outra. Sentia a tentação de abraçar *saidar*. Apenas Moiraine, fria e serena como sempre, apesar do suor no rosto, e Lan, tão impassível quanto as rochas ao redor, evitavam que o fizesse. Se houvesse algum perigo, eles saberiam. Enquanto aceitassem a situação, ela também aceitaria. No entanto, queria que os Aiel parassem de encará-los.

Rhuarc subiu a encosta com um sorriso.

— Estou de volta, Amys, mas aposto que não do jeito que você esperava.

— Eu sabia que você estaria aqui hoje, sombra do meu coração. — Ela se espichou para tocar o rosto dele, deixando o xale marrom cair por sobre os braços. — Minha esposa-irmã manda lembranças.

— Foi isso que você quis dizer sobre os Sonhos — disse Egwene, baixinho, para Moiraine. Lan era o único perto o bastante para escutar. — Foi por isso que estava disposta a deixar Rand tentar nos trazer até aqui pela Pedra-portal. Elas sabiam disso e contaram a você naquela carta. Não, isso não faz sentido. Se tivessem mencionado uma Pedra-portal, você não teria tentado dissuadir Rand. Mas elas sabiam que estaríamos aqui hoje.

Moiraine assentiu, sem tirar os olhos das Sábias.

— Elas escreveram que nos encontrariam aqui, em Chaendaer, hoje. Achei… improvável… até Rand mencionar as Pedras. Quando ele se mostrou certo de que havia uma aqui, mesmo comigo tentando dissuadi-lo… Digamos apenas que de repente pareceu *muito* provável que chegaríamos a Chaendaer ainda hoje.

Egwene inspirou o ar quente. Então essa era uma das coisas que os Sonhadores podiam fazer. Mal podia esperar para começar a aprender. Queria ir atrás de Rhuarc e se apresentar para Amys — se reapresentar — mas Rhuarc e Amys se olhavam de uma forma que excluía intrusos.

De cada um dos acampamentos saíra um homem. Um era alto, de ombros largos, cabelos de fogo, perto da meia-idade, o outro, mais velho e mais moreno, tinha a mesma altura, embora fosse mais magro. Os dois pararam a poucos passos de Rhuarc e das Sábias, um de cada lado. O mais velho, de rosto curtido, não trazia arma visível além da faca de cintura de lâmina grossa, mas o outro portava lanças e broquel de couro e mantinha na cabeça erguida uma expressão de desprezo, feroz e orgulhosa, direcionada a Rhuarc, que o ignorou e virou-se para o homem mais velho.

— Vejo você, Heirn. Será que algum dos chefes dos ramos decidiu que já morri? Quem é que está querendo ocupar meu lugar?

— Vejo você, Rhuarc. Ninguém do Taardad adentrou Rhuidean, nem deseja. Amys disse que viria encontrar vocês aqui hoje, e as outras Sábias viajaram com ela. Trouxe esses homens do ramo Jindo para garantir que chegariam em segurança.

Rhuarc assentiu, solene. Egwene teve a sensação de que algo importante acabara de ser dito — ou insinuado. As Sábias não olharam para o homem de cabelos de fogo, nem Rhuarc ou Heirn, mas, a julgar pelo vermelho que surgiu nas bochechas do sujeito, todos poderiam muito bem estar com os olhos fixos nele. Egwene olhou para Moiraine e recebeu um meneio mínimo de cabeça em resposta: a Aes Sedai também não estava entendendo.

Lan inclinou-se entre as duas e falou baixinho.

— Uma Sábia é capaz de ir em segurança a qualquer lugar, a qualquer forte, independente do clã. Acho que nem mesmo uma rixa de sangue atinge uma Sábia. Este tal de Heirn veio proteger Rhuarc de

quem quer que sejam as pessoas do outro acampamento, mas não seria honroso admitir isso. — Moiraine ergueu uma sobrancelha apenas um milímetro, então ele acrescentou: — Não sei muita coisa sobre eles, mas era frequente lutarmos um contra os outros antes de nos conhecermos. Você nunca me perguntou sobre os Aiel.

— Vou corrigir isso — retrucou a Aes Sedai, em um tom seco.

Virar-se de volta para olhar as Sábias e os três homens foi o suficiente para deixar Egwene tonta. Lan empurrou um cantil de couro desarrolhado em suas mãos, e ela inclinou a cabeça para beber, agradecida. A água estava tépida e cheirava a couro, mas, naquele calor, parecia fresca como se saída da nascente. Ofereceu o cantil meio vazio para Moiraine, que bebeu com parcimônia e o devolveu. Egwene ficou satisfeita em beber o resto de um gole só, de olhos fechados. Sentiu um líquido escorrendo por sua cabeça, e abriu os olhos depressa. Lan esvaziava outro cantil em cima dela, e o cabelo de Moiraine já estava pingando.

— Este calor pode matar, quando não se está acostumado — explicou o Guardião, enquanto molhava um par de lenços de linho branco que puxara do casaco.

Sob suas instruções, ela e Moiraine amarraram os lenços encharcados ao redor da testa. Rand e Mat faziam o mesmo. Lan deixou a própria cabeça desprotegida. Nada parecia perturbar aquele homem.

O silêncio entre Rhuarc e os Aiel que o acompanhavam se prolongou, mas o chefe de clã enfim virou-se para o homem de cabelos de fogo.

— Então os Shaido estão sem chefe de clã, Couladin?

— Suladric está morto — respondeu o homem. — Muradin adentrou Rhuidean. Se ele falhar, eu irei.

— Você não pediu, Couladin — disse a Sábia que parecia uma avó, com aquela voz aguda porém firme. — Se Muradin falhar, peça. Somos quatro, o bastante para dizer sim ou não.

— Eu tenho esse direito, Bair — retrucou Couladin, irritado.

Tinha o olhar de um homem que não estava acostumado a ser impedido.

— Você tem o direito de pedir — retrucou a voz fina da mulher — e nós, de responder. Creio que não terá permissão de entrar, seja lá o que acontecer com Muradin. Você está estragado por dentro, Couladin.

A velha mexeu o xale cinza, encobrindo outra vez os ombros angulosos, como se sugerindo que estava falando mais do que o necessário.

O rosto do homem de cabelos de fogo ficou vermelho.

— Meu irmão-primeiro voltará marcado como chefe de clã, e

levaremos os Shaido a conquistar grandes honras! Pretendemos…! — Ele fechou a boca mais do que depressa, quase tremendo.

Egwene pensou que ficaria de olho no homem se o visse por perto. O sujeito a fazia lembrar dos Congar e Coplin da aldeia, sempre convencidos e arrumando confusões. Sem dúvida nunca vira um Aiel tão inflamado.

Amys parecia já tê-lo dispensado.

— Há uma pessoa que veio com você, Rhuarc — disse.

Egwene esperava que a mulher falasse com ela, mas os olhos de Amys foram direto para Rand. Moiraine obviamente não demonstrou surpresa. Egwene se perguntou o que haveria naquela carta das quatro Sábias que a Aes Sedai não tinha revelado.

Rand foi pego de surpresa e hesitou por um instante, mas então avançou pela colina a passos largos e postou-se ao lado de Rhuarc, olhando as mulheres nos olhos. O suor colava a camisa branca ao corpo e empapava as calças com manchas escuras. Com um pedaço de pano branco torcido e amarrado em volta da cabeça, ele decerto não parecia tão grandioso quanto lá no Coração da Pedra. Fez uma mesura estranha, com a mão esquerda no joelho e a direita espalmada para cima.

— Por direito do sangue — disse — peço permissão para adentrar Rhuidean, pela honra de nossos ancestrais e pela memória do que foi.

Amys piscou, claramente surpresa, e Bair murmurou:

— Uma forma antiga, mas o pedido foi feito. Respondo que sim.

— Eu também respondo que sim, Bair — disse Amys. — Seana?

— Esse homem não é Aiel — interveio Couladin, cheio de raiva. Egwene suspeitou que o sujeito passasse quase o tempo todo irritado. — Para ele, é a morte estar nesta terra! Por que Rhuarc o trouxe aqui? Por que…?

— Você deseja ser uma Sábia, Couladin? — perguntou Bair, fazendo uma cara feia que acentuava as rugas do rosto. — Ponha um vestido e venha falar comigo, que vejo se você pode ser treinado. Até lá, permaneça em silêncio quando as Sábias estão falando!

— Minha mãe era Aiel — respondeu Rand, com a voz tensa.

Egwene o encarou. Ela mal saíra do berço quando Kari al'Thor morrera, mas, se a mulher de Tam tivesse sido Aiel, ela decerto teria ouvido falar disso. Olhou para Moiraine. A Aes Sedai observava com o rosto plácido e calmo. Até que Rand se parecia bastante com os homens de Aiel. Era alto, de olhos azuis acinzentados e cabelos ruivos, mas a ideia era ridícula.

— Sua mãe, não — disse Amys, devagar. — Seu pai. — Egwene balançou a cabeça. A coisa beirava a loucura. Rand abriu a boca, mas Amys não o deixou falar. — Seana, o que você diz?

— Sim — respondeu a mulher de mechas grisalhas. — Melaine?

A última das quatro, uma bela mulher de cabelos loiro-acobreados, não mais de dez ou quinze anos mais velha que Egwene, hesitou:

— Precisa ser feito — respondeu por fim, relutante. — Respondo que sim.

— Você obteve sua resposta — disse Amys, dirigindo-se a Rand. — Pode adentrar Rhuidean, e…

Ela parou de repente, quando Mat se levantou e imitou, desajeitado, a mesura de Rand.

— Também peço para adentrar Rhuidean — disse, trêmulo.

As quatro Sábias o encararam. Rand virou a cabeça para o lado em um solavanco de surpresa. Egwene pensou não haver ninguém mais chocado que ela, mas Couladin provou que estava errada. Com uma careta de desdém, ele ergueu uma das lanças para golpear o peito de Mat.

O brilho tênue de *saidar* rodeou Amys e Melaine, e o homem com cabelos cor de fogo foi erguido por fluxos e arremessado cerca de doze passadas para trás.

Egwene observava, de olhos arregalados. Elas podiam canalizar. Pelo menos duas delas. De repente, as feições suaves e joviais de Amys, emolduradas pelos cabelos brancos, saltaram aos olhos de Egwene pelo que realmente eram: algo muito próximo do ar etéreo das Aes Sedai. Moiraine estava completamente imóvel. Egwene, porém, era quase capaz de ouvir os pensamentos dela. Estava claro que aquilo era tão surpreendente para a Aes Sedai quanto para ela própria.

Couladin ergueu-se o bastante para permanecer agachado.

— Vocês aceitam esse estrangeiro como se fosse um de nós — disse, com a voz rouca, apontando para Rand com a lança que tentara usar contra Mat. — Se é isso o que dizem, então que seja. Ele ainda é um aguacento fraco, e Rhuidean vai matá-lo. — A lança balançou na direção de Mat, que tentava tirar uma faca da manga sem que ninguém notasse. — Mas ele… É a morte para ele, estar aqui, e é sacrilégio que ele sequer *peça* para adentrar Rhuidean. Ninguém além dos do sangue podem entrar. Ninguém!

— Volte para sua tenda, Couladin — retrucou Melaine, com frieza. — E você, Heirn. Você também, Rhuarc. Este é um assunto das Sábias e de mais nenhum homem, a não ser os que pediram. Vão!

Rhuarc e Heirn assentiram e foram em direção ao grupo menor de tendas, caminhando juntos. Couladin olhou feio para Rand, Mat e as Sábias, depois virou-se de repente e saiu a passos firmes em direção ao acampamento maior.

As Sábias se entreolharam. Egwene diria que pareciam

perturbadas, embora tivessem quase tanto talento quanto as Aes Sedai em manter as expressões impassíveis quando queriam.

— Não é permitido — respondeu Amys, enfim. — Meu jovem, você não sabe o que fez. Volte com os outros.

Ela olhou para Egwene, Moiraine e Lan, agora sozinho com os cavalos, perto da Pedra-portal erodida pelo vento. Egwene não conseguiu identificar nada naquele olhar.

— Eu não posso. — Mat soava desesperado. — Já vim até aqui, mas isso não conta, não é? Preciso ir a Rhuidean.

— Não é permitido — retrucou Melaine, com rispidez, os longos cabelos louro-acobreados balançando enquanto fazia que não com a cabeça. — Você não tem sangue Aiel nas veias.

Rand estivera observando Mat o tempo todo.

— Ele vem comigo — disse, de repente. — Vocês me deram permissão, e ele vem comigo quer deixem ou não.

Rand olhou de volta para as Sábias, não de forma desafiadora, apenas firme e decidida. Egwene o conhecia daquele jeito: Rand não cederia, independente do que elas dissessem.

— Não é permitido — retrucou Melaine com firmeza, dirigindo-se às irmãs. Puxou o xale para cobrir a cabeça. — A lei é clara. Mulher alguma pode ir a Rhuidean mais de duas vezes, homem algum, mais de uma, e ninguém que não tenha o sangue Aiel.

Seana balançou a cabeça.

— Muita coisa já mudou, Melaine. Os costumes antigos…

— Se ele é o escolhido — disse Bair — a Hora da Mudança está chegando. Há Aes Sedai em Chaendaer, e também *Aan'allein,* com o manto furta-cor. Será que ainda podemos nos prender aos dias de outrora? Mesmo sabendo a mudança que nos aguarda?

— Não podemos nos prender — disse Amys. — Tudo se apoia no limiar da mudança. Melaine? — A mulher de cabelos acobreados olhou para as montanhas ao redor, para a cidade oculta pela névoa, depois suspirou e assentiu. — Está feito — disse Amys, virando-se para Rand e Mat. — Vocês — começou, depois parou. — Como é que se chamam?

— Rand al'Thor.

— Mat. Mat Cauthon.

Amys assentiu.

— Você, Rand al'Thor, vai para o coração de Rhuidean, para o próprio centro. Se deseja ir com ele, Mat Cauthon, que seja, mas saiba que a maioria dos homens que lá adentram não retorna, e alguns voltam loucos. Vocês não podem levar comida ou água, em memória de nossas peregrinações depois da Ruptura. Devem entrar em Rhuidean desarmados, com apenas as mãos e corações, para honrar o Jenn. Se tiverem armas, depositem-nas no chão diante de nós. Elas

estarão aqui quando voltarem. Se voltarem.

Rand desembainhou a faca de cintura e deitou-a aos pés de Amys, então, depois de um instante, acrescentou a estatueta de pedra verde do homenzinho redondo.

— É o melhor que posso fazer — disse.

Mat começou com a faca de cintura e prosseguiu, puxando facas das mangas, de dentro do casaco e até uma da nuca, formando uma pilha que pareceu impressionar até as Aiel. Ele pareceu prestes a parar, então olhou as mulheres e tirou mais duas, uma de cada bota.

— Esqueci essas — disse, abrindo um enorme sorriso e dando de ombros.

Os olhares imóveis das Sábias fizeram o sorriso desaparecer.

— Estão jurados a Rhuidean — disse Amys, em um tom formal, olhando por cima das cabeças dos homens.

— Rhuidean pertence aos mortos — responderam as outras três, juntas.

— Não podem falar com os vivos até retornarem — entoou a mulher.

— Os mortos não falam com os vivos — responderam as outras, uma vez mais.

— Não podemos vê-los até retornarem para o meio dos vivos.

Amys cobriu os olhos com o xale, e, uma a uma, as outras três fizeram o mesmo. De rostos cobertos, todas falaram, em uníssono:

— Saiam do meio dos vivos, e não nos assombrem com lembranças do que se perdeu. Não falem do que os mortos veem.

As quatro permaneceram ali, em silêncio, segurando os xales e esperando.

Rand e Mat se entreolharam. Egwene queria ir até eles, falar com os dois — que exibiam a expressão firme demais que os homens fazem quando não querem mostrar que estão incomodados ou assustados — mas isso poderia quebrar a cerimônia.

Enfim, Mat soltou uma risada.

— Bem, suponho que os mortos possam conversar entre si, ao menos. Será que isso conta como… Não importa. Você acha tem problema irmos a cavalo?

— Acho que tem — respondeu Rand. — Acho que teremos que ir a pé.

— Ah, que queime meus pés doloridos. Então é melhor irmos andando de uma vez. Vamos levar metade da tarde para chegar lá. Se tivermos sorte.

Rand abriu um sorriso reconfortante para Egwene quando começaram a descer a montanha, como se para convencê-la de que não havia perigo algum. O sorriso escancarado de Mat era o tipo que ele usava quando fazia algo especialmente idiota, como tentar dançar

em cima de um telhado.

— Você não vai fazer nenhuma… *loucura*… vai? — perguntou Mat. — Pretendo voltar vivo.

— Eu também — respondeu Rand. — Eu também.

As vozes dos dois foram sumindo, e eles ficavam menores à medida que desciam. Quando se reduziram a figuras minúsculas e quase indistinguíveis, as Sábias baixaram os xales.

Alisando o vestido e desejando não estar tão suada, Egwene subiu a curta distância até elas, levando Bruma.

— Amys? Sou Egwene al'Vere. Você disse que eu deveria…

Amys ergueu a mão para interrompê-la e olhou para Lan, que seguia com Mandarb, Pips e Jeade'en atrás de Moiraine e Aldieb.

— Isso é assunto de mulheres, *Aan'allein*. Você precisa se afastar. Vá para as tendas. Rhuarc lhe oferecerá água e sombra.

Lan aguardou o leve aceno de cabeça de Moiraine antes de curvar-se em uma mesura e seguir para onde Rhuarc fora. O manto furta-cor que pendia de suas costas às vezes lhe conferia a aparência de uma cabeça e braços sem corpo flutuando diante dos três cavalos.

— Por que o chama assim? — perguntou Moiraine, quando Lan já não podia ouvi-las. — Homem Único. Vocês o conhecem?

— Nós o conhecemos, Aes Sedai. — Amys fez o título soar como um tratamento entre iguais. — O último dos Malkieri. O homem que não abrirá mão de sua guerra contra a Sombra, embora sua nação tenha há muito sido destruída por ela. É um homem de muita honra. Soube pelo sonho que, se você viesse, era quase certo que *Aan'allein* também viria, mas não sabia que ele a obedecia.

— Ele é meu Guardião — disse Moiraine, simplesmente.

Egwene achou que a Aes Sedai estava incomodada, apesar do tom, e sabia por quê. Era *quase* certo que Lan viria com Moiraine? Lan sempre seguia a mulher, ele a seguiria até o Poço da Perdição sem pestanejar. Mas quase tão interessante para Egwene era o "*se você viesse*". As Sábias sabiam ou não que estavam a caminho? Talvez a interpretação dos Sonhos não fosse tão direta quanto imaginava. Estava prestes a perguntar quando Bair se pronunciou:

— Aviendha? Venha cá.

Aviendha estava acocorada, inclinada com os braços ao redor dos joelhos, encarando o chão, desconsolada. Levantou-se devagar. Se Egwene não conhecesse bem a amiga, diria que ela estava com medo. Aviendha foi se arrastando até as Sábias e deitou a bolsa e as tapeçarias no chão, a seus pés.

— Está na hora — disse Bair, com delicadeza. Ainda assim, não havia condescendência nos olhos azul-claros. — Você correu com as lanças o quanto pôde. Mais do que deveria.

Aviendha ergueu a cabeça, desafiadora.

— Sou uma Donzela da Lança. Não quero ser Sábia. Não serei!

Os rostos das Sábias endureceram. Egwene lembrou-se do Círculo das Mulheres, em casa, confrontando uma mulher que se metia em alguma confusão.

— Você já foi tratada com mais gentileza do que se fazia no meu tempo — disse Amys, com a voz dura como pedra. — Eu também recusei meu chamado. Minhas irmãs de lança quebraram minhas lanças diante de meus olhos. Levaram-me até Bair e Coedelin com mãos e pés amarrados, completamente nua.

— E uma bonequinha linda enfiada debaixo do braço — completou Bair, em um tom seco — para lembrar o quanto estava sendo infantil. Se bem me lembro, você fugiu nove vezes no primeiro mês.

Amys assentiu, de cara feia.

— E a cada vez me fizeram chorar feito uma garotinha. No segundo mês, fugi apenas cinco. Pensava que tinha tanta força e dureza quanto uma mulher era capaz de ter. Mas não era esperta, levei meio ano para aprender que você, Bair, era mais forte e mais dura do que eu jamais poderia ser. Por fim, aprendi qual era meu dever, minha obrigação com os outros. Assim como você aprenderá, Aviendha. Você não é criança. Já está na hora deixar de lado as bonecas e as lanças e se tornar a mulher que está destinada a ser.

De repente, Egwene soube por que sentira uma afinidade tão grande com Aviendha desde a primeira vez que a vira, soube por que Amys e as outras queriam que ela se tornasse Sábia. Aviendha podia canalizar. Assim como ela própria, Elayne e Nynaeve — e até Moiraine — aquela Aiel era uma das raras mulheres que não apenas podiam ser treinadas a canalizar, mas que nasciam com a habilidade, de modo que um dia tocavam a Fonte Verdadeira, sabendo ou não o que estavam fazendo. O rosto de Moiraine estava tranquilo e plácido, mas Egwene viu a confirmação em seus olhos. A Aes Sedai sem dúvida soubera desde a primeira vez que se aproximou da Aiel. Egwene percebeu que sentia aquela mesma afinidade com Amys e Melaine, mas não com Bair e Seana. Apenas as duas primeiras eram capazes de canalizar, tinha certeza. E agora sentia o mesmo com Moiraine. Era a primeira vez que sentia uma coisa dessas. A Aes Sedai era uma mulher distante.

Algumas das Sábias, pelo menos, pareciam ver algo mais no rosto de Moiraine.

— Você pretendia levá-la para sua Torre Branca — disse Bair — para torná-la uma de vocês. Ela é Aiel, Aes Sedai.

— Com o treinamento correto, pode se tornar muito forte — retorquiu Moiraine. — Tanto quanto Egwene. Na Torre, ela pode alcançar essa força.

— Também podemos treiná-la, Aes Sedai. — A voz de Melaine era bastante suave, mas havia um toque de desprezo nos olhos verdes e resolutos. — E melhor. Já conversei com Aes Sedai. Vocês mimam as mulheres, na Torre. A Terra da Trindade não é lugar para isso. Conosco, Aviendha logo aprenderá do que é capaz. Com vocês, passaria anos na fase das brincadeiras.

Egwene lançou a Aviendha um olhar preocupado. A jovem encarava os próprios pés, a rebeldia desaparecera. Se as Sábias achavam que as mulheres treinadas na Torre era *mimadas*… Trabalhara mais duro e fora mais disciplinada como noviça do que em toda a vida. Sentiu uma pontada genuína de compaixão pela Aiel.

Amys estendeu as mãos, e Aviendha, relutante, entregou as lanças e o broquel, encolhendo-se quando a Sábia os jogou no chão com violência. Bem devagar, Aviendha foi deslizando o estojo do arco das costas e o entregou, depois desafivelou o cinto que continha a aljava e a faca embainhada. Amys pegou cada objeto ofertado e atirou no chão, como lixo. A cada vez, Aviendha estremecia. Uma lágrima tremulava no canto do olho verde-azulado.

— Precisa tratá-la desse jeito? — inquiriu Egwene, irritada. Amys e as outras a olharam, impassíveis, mas ela não seria intimidada. — Estão tratando coisas importantes para ela como se fossem lixo.

— Ela precisa vê-las como lixo — disse Seana. — Quando retornar, se retornar, vai queimá-las e espalhar as cinzas. O metal, dará para um ferreiro fazer objetos simples, mas não armas. Nem mesmo uma faca de cozinha. Fivelas, panelas, quebra-cabeças para crianças. Coisas que ela mesma vai passar adiante, com as próprias mãos, depois de prontas.

— A Terra da Trindade não é delicada, Aes Sedai — disse Bair. — Aqui, a delicadeza definha.

— O *cadin'sor*, Aviendha. — Amys apontou para as armas descartadas. — Suas roupas novas aguardarão seu retorno.

Aviendha se despiu com movimentos mecânicos, jogando casaco, calças, botas macias, tudo na pilha. Então parou, nua, sem mexer um dedo sequer, embora Egwene sentisse que os próprios pés estavam prestes a explodir em bolhas dentro dos sapatos. Lembrou-se de quando assistira à incineração das roupas que usara para ir à Torre Branca, rompendo os elos com sua vida pregressa, mas não fora assim, desse jeito. Não tão duro.

Quando Aviendha começou a juntar o saco e as tapeçarias de parede à pilha, Seana os tomou de sua mão.

— Isso você pode pegar de volta. Se retornar. Se não, irão para a sua família, como recordação.

Aviendha assentiu. Não parecia com medo. Parecia relutante,

irada, até mesmo emburrada, mas não com medo.

— Em Rhuidean — disse Amys — você encontrará três aros, dispostos da seguinte forma. — Ela desenhou três linhas no ar, que se uniam ao centro. — Entre em qualquer um. Verá seu futuro diante de si, e de novo, e de novo, com variações. Sua vida não será toda guiada por eles, pois se juntam e desvanecem como histórias ouvidas há muito tempo, e é melhor assim. Mas você se lembrará o bastante para saber de algumas coisas necessárias a você, por mais que as menospreze, e outras desnecessárias, por serem esperanças alimentadas. Isso é o começo, para ser considerada sábia. Algumas mulheres jamais retornam dos aros, talvez não sejam capazes de encarar o futuro. Algumas que sobrevivem aos aros não sobrevivem à segunda viagem a Rhuidean, ao coração. Você não está abrindo mão de uma vida difícil e perigosa por uma mais branda, e sim por uma ainda mais difícil e mais perigosa.

Um *ter'angreal*. Amys estava descrevendo um *ter'angreal*. Que tipo de lugar era essa Rhuidean? Egwene percebeu que queria ir até lá para descobrir. Era bobagem. Não estava ali para correr riscos desnecessários com *ter'angreal* sobre os quais nada sabia.

Melaine tomou o queixo de Aviendha nas mãos e virou o rosto da jovem para si.

— Você tem a força — disse, com uma convicção tranquila. — Suas armas agora são a mente forte e o coração forte, mas você deve manejá-los com a segurança com que sempre manejou a lança. Lembre-se delas, use-as, e serão suficientes para você.

Egwene estava surpresa. Das quatro, a mulher de cabelos dourados seria a última que imaginaria ser capaz de demonstrar compaixão.

Aviendha assentiu e até conseguiu abrir um sorriso.

— Vou chegar em Rhuidean antes desses homens. Eles não sabem correr.

Cada uma das Sábias beijou-a com delicadeza, uma vez em cada face, e murmurou:

— Volte para nós.

Egwene apertou a mão de Aviendha e foi correspondida. Então a Aiel desceu a montanha aos saltos. Parecia que iria mesmo alcançar Rand e Mat. Egwene a observou ir, preocupada. Era como ser elevada a Aceita, pelo que via, porém sem qualquer treinamento como noviça, sem ninguém para consolá-la no fim. Como teria sido ser elevada a Aceita em seu primeiro dia na Torre? Achava que teria enlouquecido. Fora assim com Nynaeve, por conta da força da mulher. Achava que ao menos um pouco do desprezo da amiga pelas Aes Sedai vinha dessa experiência. *Volte para nós*, pensou. *Seja firme.*

Quando Aviendha desapareceu de vista, Egwene suspirou e virou-

se de volta para as Sábias. Tinha seus próprios motivos para estar ali, e adiar as coisas não ajudaria em nada.

— Amys, em *Tel'aran'rhiod* você me disse que eu deveria vir até você para aprender. Aqui estou.

— Pressa — respondeu a mulher de cabelos brancos. — Tínhamos pressa porque Aviendha lutou por tanto tempo contra sua *toh* e porque temíamos que os Shaido pudessem pôr os véus, mesmo aqui, se não mandássemos Rand al'Thor a Rhuidean antes que pudessem pensar.

— Acredita que teriam tentado matá-lo? — perguntou Egwene. — Mas vocês mandaram gente para a Muralha do Dragão atrás dele. Aquele Que Vem Com a Aurora.

Bair mexeu no xale.

— Talvez ele seja. Veremos. Se ele viver.

— Ele tem os olhos da mãe — disse Amys — e muito de suas feições, além de alguns traços do pai, mas Couladin só vê nele as roupas e o cavalo. Os outros Shaido também teriam visto isso, e talvez até os Taardad. Estrangeiros não podem pisar neste solo, e agora há cinco de vocês. Não, quatro. Rand al'Thor não é estrangeiro, independente de onde tenha crescido. Mas já permitimos a entrada de um em Rhuidean, o que também é proibido. As mudanças vêm como avalanches, independentemente de nossa vontade.

— São necessárias — disse Bair, sem soar feliz. — O Padrão nos finca onde deseja.

— Vocês conheceram os pais de Rand? — perguntou Egwene, com cautela.

Fosse lá o que as mulheres dissessem, ela ainda via Tam e Kari al'Thor como pais de Rand.

— Essa história é dele — respondeu Amys — se ele quiser ouvir.

Pela firmeza de seus lábios, ficava claro que a mulher não diria outra palavra sobre o assunto.

— Venha — disse Bair. — Não há motivo para pressa, agora. Venha. Oferecemos água e sombra.

Os joelhos de Egwene quase cederam à menção de sombra. O lenço em sua testa, antes encharcado, estava quase seco. Sentia o topo da cabeça assando, e o restante do corpo estava quase lá. Moiraine parecia igualmente grata em acompanhar as Sábias até um dos pequenos grupos de tendas baixas e abertas nas laterais.

Um homem alto de sandálias e túnica branca com capuz tomou os cavalos delas pelas rédeas. As feições Aiel pareciam estranhas dentro do capuz fundo e macio, e ele mantinha os olhos baixos.

— Dê água para os animais — disse Bair, antes de se abaixar para entrar na tenda baixa e sem paredes, e o homem fez uma mesura por trás dela, tocando a própria testa.

Egwene hesitou em deixar o homem levar Bruma para longe. Ele

parecia seguro, mas o que um Aiel sabia sobre cavalos? De todo modo, achava que o sujeito não poderia fazer mal aos animais, e o interior da tenda parecia muitíssimo mais escuro e agradável. E estava mesmo, além de oferecer um frescor delicioso em comparação com o lado de fora.

O teto da tenda formava uma ponta em torno de um buraco, mas mesmo ali quase não havia espaço para ficarem de pé. Como se para compensar as cores pardas que os Aiel vestiam, grandes almofadas vermelhas com borlas douradas jaziam espalhadas sobre tapetes coloridos, dispostos em camadas suficientes para acolchoar o chão duro que havia por baixo. Egwene e Moiraine imitaram as Sábias, afundando no tapete e apoiando o cotovelo em uma almofada. Dispuseram-se em um círculo, quase perto o bastante umas das outras para se tocarem.

Bair soou um pequeno gongo de latão, e duas jovens entraram com bandejas de prata, inclinando-se com movimentos graciosos, vestidas de branco, com capuzes na cabeça e olhando para baixo, assim como o homem que levara os cavalos. Ajoelhando-se no centro da tenda, uma delas serviu uma pequena caneca de prata com vinho para cada uma das mulheres reclinadas nas almofadas, enquanto a outra servia canecas maiores com água. As duas saíram sem dizer uma palavra, curvando-se em mesuras, deixando as bandejas e jarras reluzentes e cobertas de gotinhas de condensação.

— Eis água e sombra — disse Bair, erguendo a água — dadas de bom grado. Que não haja obstáculos entre nós. Todas são bem-vindas, assim como irmãs-primeiras são bem-vindas.

— Que não haja obstáculos — murmuraram Amys e as outras duas. Depois de um gole d'água, as mulheres Aiel se apresentaram formalmente: Bair, do ramo Haido dos Aiel Shaarad; Amys, do ramo dos Nove Vales dos Aiel Taardad; Melaine, do ramo Jhirad dos Aiel Goshien; e Seana, do ramo Penhasco Negro dos Aiel Nakai.

Egwene e Moiraine seguiram o ritual, embora Moiraine tenha apertado os lábios quando a jovem se intitulou Aes Sedai da Ajah Verde.

O clima na tenda se alterou visivelmente, como se a água e os nomes compartilhados tivessem derrubado uma muralha. Sorrisos das mulheres Aiel, um súbito alívio na tensão, e foi o fim das formalidades.

Egwene ficou mais grata pela água do que pelo vinho. A tenda podia estar mais fresca do que o lado de fora, mas só de respirar ela já ficava com a garganta seca. A um gesto de Amys, ela serviu uma segunda caneca com avidez.

As pessoas de branco tinham sido uma surpresa. Era bobagem, mas percebeu que pensava que, exceto pelas Sábias, os Aiel fossem

todos como Rhuarc e Aviendha: guerreiros. Sem dúvida havia ferreiros, tecelões e outros artesãos, tinha de haver. Por que não serviçais? Só que Aviendha desdenhara dos serviçais da Pedra e evitara que eles fizessem tudo o que ela fosse capaz de fazer sozinha. Aquela gente de comportamento humilde não agia nem um pouco como Aiel. Ela não se lembrava de ter visto ninguém de branco nos dois acampamentos grandes.

— São só as Sábias que têm serviçais? — perguntou.

Melaine engasgou com o vinho.

— Serviçais? — perguntou, ofegante. — Elas são *gai'shain*, não serviçais — respondeu, como se isso explicasse tudo.

Moiraine franziu o cenho de leve por sobre a caneca de vinho.

— *Gai'shain*? Como se traduz isso? "Os que juraram paz na batalha"?

— São apenas *gai'shain* — disse Amys. Pareceu perceber que as outras não haviam compreendido. — Desculpem, mas vocês sabem do *ji'e'toh*?

— Honra e obrigação — respondeu Moiraine, prontamente. — Ou talvez honra e dever.

— Sim, são essas as palavras. Mas o significado. Vivemos pelo *ji'e'toh*, Aes Sedai.

— Não tente explicar tudo a elas, Amys — advertiu Bair. — Uma vez passei um mês inteiro tentando explicar o *ji'e'toh* a uma aguacenta, e no fim ela estava com mais dúvidas do que no início.

Amys assentiu.

— Vou falar o básico. Se quiser que eu explique, Moiraine.

Egwene preferia começar a falar de Sonhos e do treinamento, mas, para sua irritação, a Aes Sedai respondeu:

— Sim, por favor.

Com um aceno de cabeça para Moiraine, Amys começou:

— Vou seguir apenas a linha do *gai'shain*. Na dança das lanças, a maior *ji*, ou seja, honra, é recebida ao tocar um inimigo armado sem matá-lo ou machucá-lo.

— É a maior honra porque é muito difícil — explicou Seana, com os olhos cinza-azulados apertados em ironia — e por isso é muito raro de acontecer.

— A menor honra vem da morte — prosseguiu Amys. — Uma criança ou um tolo são capazes de matar. A meio caminho está a captura de um prisioneiro. Estou simplificando, veja bem. Há muitos graus. Os *gai'shain* são prisioneiros capturados, embora um guerreiro que tenha sido tocado pode às vezes exigir que seja levado como *gai'shain* para reduzir a honra de seu inimigo e sua própria perda.

— As Donzelas da Lança e os Cães de Pedra são bem conhecidos por isso — acrescentou Seana, arrancando de Amys um olhar

penetrante.

— Sou eu que estou contando, ou você? Continuemos. Alguns não podem ser levados como *gai'shain*, é claro. Uma Sábia, um ferreiro, uma criança, uma mulher com filhos ou uma que tenha filhos com menos de dez anos. Um *gai'shain* tem uma *toh* para com seu captor. Para os *gai'shain*, isso significa servir durante um ano e um dia, obedecendo com humildade, sem tocar em qualquer arma e sem praticar atos de violência.

Egwene ficou instintivamente interessada.

— Eles não tentam fugir? Eu sem dúvida tentaria. — *Nunca mais deixarei que me façam prisioneira de novo!*

As Sábias pareceram chocadas.

— Já aconteceu — respondeu Seana, rígida — mas não há honra nisso. Um *gai'shain* fugitivo seria devolvido por seu ramo para recomeçar o período de um ano e um dia. A perda da honra é tão grande que um irmão-primeiro ou irmã-primeira pode ir como *gai'shain* também, para dispersar a *toh* do ramo. Mais de um, se sentirem que a perda de *ji* é muito grande.

Moiraine parecia absorver tudo com muita calma, bebericando a água, mas Egwene precisava de muito esforço para não sacudir a cabeça. Os Aiel eram loucos, não havia como negar. E a coisa piorava.

— Alguns *gai'shain* agora fazem dessa humildade uma demonstração de arrogância — explicou Melaine, em tom desaprovador. — Pensam que assim podem obter honra, levando a obediência e a submissão ao ponto da zombaria. É uma novidade, e muito idiota. Não tem lugar no *ji'e'toh*.

Bair riu, um som forte e assustador, comparado à voz aguda normal.

— Idiotas não são nenhuma novidade. Quando eu era menina, os Shaarad e os Tomanelle todas as noites roubavam o gado e as cabras um do outro, então Chenda, a senhora do teto da Faixa do Mainde, foi empurrada por um jovem Haido Buscador das Águas durante uma incursão. A mulher foi até ao Vale Dobrado e exigiu que o rapaz a fizesse de *gai'shain*, pois não permitiria que ele ganhasse a honra de tê-la tocado, já que *tinha uma faca de cozinha nas mãos durante o ocorrido*. Uma faca de cozinha! Era uma arma, alegava a mulher, como se fosse uma Donzela. O rapaz não teve escolha a não ser atender à exigência, apesar de toda a zombaria quando isso aconteceu. Não dá para mandar uma senhora do teto de volta, descalça, para seu forte. Antes que o ano e o dia se passassem, os ramos Haido e Jenda trocaram lanças, e o rapazote logo se casou com a filha mais velha de Chenda. E com a segunda-mãe ainda lhe servindo como *gai'shain*. O garoto tentou dá-la à esposa como parte do dote, mas as duas mulheres alegaram que ele estava tentando lhes roubar a honra. Ele quase

precisou tomar a própria esposa como *gai'shain*. Haido e Jenda quase se atacaram outra vez, antes que a *toh* fosse dispensada.

As mulheres Aiel quase rolavam de tanto rir, e Amys e Melaine secavam as lágrimas dos olhos.

Egwene entendeu pouca coisa da história — e com certeza não o motivo da graça — mas tentou dar uma risada educada.

Moiraine deixou a água de lado e pegou a pequena caneca de vinho.

— Ouvi homens contarem sobre lutas com os Aiel, mas nunca tinha ouvido falar disso. Sem dúvida não de um Aiel se rendendo por ter sido tocado.

— Não é rendição — retrucou Amys, enfática. — É *ji'e'toh*.

— Ninguém pediria para servir como *gai'shain* a um aguacento — disse Melaine. — Os estrangeiros não conhecem o *ji'e'toh*.

As Aiel trocaram olhares. Estavam incomodadas. *Por quê?*, perguntou-se Egwene. *Ah.* Para aquela gente, desconhecer o *ji'e'toh* devia ser como não ter honra ou boas maneiras.

— Há homens e mulheres honrados entre nós — disse Egwene. — A maioria. Sabemos distinguir certo e errado.

— É claro que sabem — murmurou Bair, em um tom que informava que aquilo estava longe de ser a mesma coisa.

— Vocês enviaram uma carta para mim em Tear — disse Moiraine — fizeram isso antes mesmo de eu chegar lá. Disseram muitas coisas, e algumas se provavam verdadeiras. Incluindo o pedido, ou melhor, a ordem para que eu as encontrasse aqui hoje. Praticamente exigiram minha presença. Mesmo assim, mais cedo, disseram "se eu viesse". Quanta certeza vocês realmente tinham do que escreveram?

Amys suspirou e deixou de lado a caneca de vinho, mas foi Bair quem falou.

— Muita coisa é incerta, até para uma Andarilha dos Sonhos. Amys e Melaine são as melhores de nós, e nem mesmo elas enxergam tudo o que é ou tudo o que pode ser.

— O presente é muito mais claro do que o futuro, mesmo em *Tel'aran'rhiod* — explicou a Sábia de cabelos acobreados. — O que *está* acontecendo ou começando a acontecer é mais fácil de ver do que o que *vai* ou *pode* acontecer. Não vimos nada sobre Egwene ou Mat Cauthon. E a vinda do jovem que se apresenta como Rand al'Thor era uma mera possibilidade. Se ele não viesse, era certo que morreria, e os Aiel também. Mas ele veio, e, se sobreviver a Rhuidean, pelo menos alguns dos Aiel sobreviverão. Isso sabemos. Se vocês não tivessem vindo, ele teria morrido. Se *Aan'allein* não tivesse vindo, você teria morrido. Se você não passar pelos aros… — Ela parou de repente,

como se tivesse mordido a língua.

Egwene inclinou-se para a frente, concentrada. Moiraine tinha que entrar em Rhuidean? Mas a Aes Sedai pareceu não perceber, e Seana falou depressa, para encobrir o deslize de Melaine.

— Não há ninguém com a trajetória do futuro estabelecida. O Padrão faz a mais fina renda parecer um tecido rústico e áspero, ou um emaranhado de cordões. Em *Tel'aran'rhiod,* é possível ver algumas formas de tessitura do destino. Nada mais.

Moiraine tomou um gole de vinho.

— Em geral é difícil traduzir a Língua Antiga. — Egwene a encarou. A Língua Antiga? Mas e os aros, o *ter'angreal*? Moiraine, porém, prosseguiu: — *Tel'aran'rhiod* significa o Mundo dos Sonhos, ou talvez o Mundo Invisível. Nenhuma das duas expressões é muito exata, é mais complexo do que isso. *Aan'allein*. Homem Único, mas também O Homem Que É um Povo Inteiro, além de mais duas ou três traduções. E tem as palavras corriqueiras que usamos, mas nunca pensamos no que significam na Língua Antiga. Guardiões são chamados de "Gaidin", cujo significado era "irmãos de batalha". Aes Sedai significava "servo de todos". E "Aiel" era "Dedicado", na Língua Antiga. Uma palavra mais forte do que isso, que sugere um juramento incrustado em seu cerne. Sempre me perguntei a que os Aiel são dedicados. — Os rostos das Sábias pareciam duros e inexpressivos como aço, mas Moiraine prosseguiu. — E "Aiel Jenn", que é "O verdadeiro dedicado", mas na verdade algo mais forte do que isso. Talvez "o único verdadeiro dedicado". O único verdadeiro Aiel?

Ela encarou as outras com uma expressão questionadora, como se as Sábias não tivessem adquiridos olhares de pedra de repente. Nenhuma falou.

O que Moiraine estava fazendo? Egwene não pretendia permitir que a Aes Sedai arruinasse suas chances de aprender o que as Sábias tivessem a ensinar.

— Amys, podemos falar de Sonhos agora?

— Hoje à noite teremos bastante tempo — respondeu Amys.

— Mas…

— À noite, Egwene. Você pode ser Aes Sedai, mas terá de virar aluna de novo. Ainda nem consegue pegar no sono quando deseja, nem tem o sono leve o bastante para saber o que verá quando acordar. Quando o sol começar a se pôr, começarei a lhe ensinar.

Abaixando a cabeça, Egwene espiou pela beirada do tecido da tenda. Naquela penumbra profunda, a luz lá de fora parecia golpeá-la por entre o ar quente e tremeluzente. O sol não estava nem a meio caminho do topo das montanhas.

De súbito, Moiraine se levantou, levou as mãos às costas e começou a desamarrar o vestido.

— Presumo que eu deva ir como Aviendha foi — disse, não como uma pergunta.

Bair lançou a Melaine um olhar duro, que a mulher mais jovem encarou por apenas um instante antes de baixar os olhos. Seana respondeu, em uma voz resignada:

— Não deveriam ter contado a você. Agora, está feito. Mudança. Um dos que não tem o sangue foi para Rhuidean, e agora outro.

Moiraine parou.

— Faz alguma diferença eu saber?

— Talvez faça uma grande diferença — disse Bair, relutante — talvez nenhuma. É comum guiarmos, mas nunca contamos. Quando a vimos indo até os aros, era sempre você quem mencionava, exigindo o direito, embora não tenha o sangue. Agora uma de nós mencionou primeiro. Já estão havendo mudanças em relação a tudo o que vimos. Quem é que pode dizer quais são?

— E o que vocês viram que acontece caso eu não vá?

O rosto enrugado de Bair continuava inexpressivo, mas havia compaixão nos pálidos olhos azuis.

— Já falamos demais, Moiraine. O que uma Andarilha dos Sonhos vê é o que é provável que aconteça, não o que é certo. Os que caminham com muito entendimento sobre o futuro inevitavelmente encontram calamidades, seja por complacência em relação ao que pensam que virá ou por seus esforços para mudar a situação.

— É por clemência dos anéis que as lembranças esvanecem — disse Amys. — Uma mulher sabe de certas coisas, bem poucas, que vão acontecer. Outras, ela não reconhecerá até ver a decisão diante de si, se for o caso. A vida é feita de incerteza e luta, escolha e mudança. Se houvesse mulher capaz de entender como sua vida é urdida no Padrão da mesma forma que entende como um fio é cerzido em um carpete, ela levaria a vida de um animal. Isso se não enlouquecesse. A humanidade foi talhada para incerteza, luta, escolha e mudança.

Moiraine ouvia sem demonstrar impaciência, mas Egwene suspeitou que a Aes Sedai se sentisse dessa forma. Ela estava acostumada a discursar, não a ouvir discursos. Ficou em silêncio enquanto Egwene a ajudava a tirar o vestido, sem falar nada até ajoelhar-se, nua, na beirada do carpete, encarando a descida da montanha em direção à cidade enevoada no vale. Então, disse:

— Não deixem Lan ir atrás de mim. Se ele me vir, vai tentar.

— Tudo vai ser como será — respondeu Bair. A voz aguda era fria e categórica.

Depois de um instante, Moiraine meneou a cabeça, de má vontade, e saiu da tenda para debaixo do sol inclemente. No mesmo instante começou a correr, descalça, descendo a colina ardente.

Egwene fez uma careta. Rand e Mat, Aviendha, e até Moiraine, todos indo para Rhuidean.

— Ela vai… sobreviver? Se vocês sonharam com isso, devem saber.

— Existem alguns lugares em *Tel'aran'rhiod* onde não se pode entrar — respondeu Seana. — Rhuidean. *Pousos* Ogier. E alguns outros. O que acontece lá não pode ser visto pelos olhos de uma Andarilha dos Sonhos.

Aquilo não era resposta — elas poderiam tê-la visto saindo de Rhuidean —, mas estava claro que era o máximo que conseguiria arrancar.

— Muito bem. Eu também devo ir? — Ela não apreciava a ideia de passar pela experiência dos anéis, seria como ser elevada a Aceita outra vez. Mas, se todo mundo estava indo…

— Não seja tola — respondeu Amys, com vigor.

— Não vimos nada disso para você — acrescentou Bair, em um tom mais suave. — Nem sequer vimos você.

— E eu não deixaria, se você pedisse — Amys prosseguiu. — Precisa da permissão de quatro, e eu não daria. Você veio para aprender a caminhar pelos sonhos.

— Nesse caso — disse Egwene, acomodando-se de volta na almofada — me ensinem. Deve haver algum ponto por onde começar ainda antes do anoitecer.

Melaine franziu o cenho para ela, mas Bair deu uma risadinha seca.

— Ela é tão ávida e impaciente como você, quando decidiu aprender, Amys.

Amys assentiu.

— Espero que ela consiga preservar a avidez e abandonar a impaciência, para seu próprio bem. Ouça o que eu digo, Egwene. Embora seja difícil, você precisa esquecer que é Aes Sedai, se quiser aprender. Precisa escutar, recordar e seguir nossas orientações. Acima de tudo, não pode adentrar *Tel'aran'rhiod* outra vez até que uma de nós lhe dê permissão. É capaz de aceitar isso?

Não seria difícil esquecer que era Aes Sedai, já que não era mesmo. Quanto ao resto, parecia abominável, como voltar a ser noviça.

— Posso aceitar. — Torceu para não ter soado indecisa.

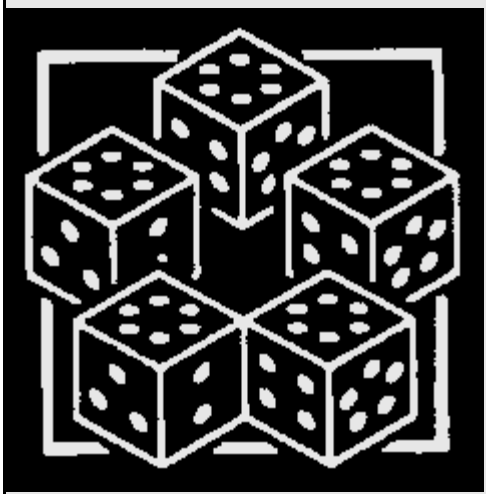
— Bom — disse Bair. — Agora vou falar sobre os caminhos dos sonhos e *Tel'aran'rhiod* de forma bem geral. Quando terminar, você repetirá tudo o que eu disse. Se falhar em detalhar todos os pontos, esfregará as panelas no lugar da *gai'shain,* hoje à noite. Se sua memória estiver fraca a ponto de você não conseguir repetir o que eu disser depois de ouvir pela segunda vez… Bem, vamos debater o que

acontecerá quando isso acontecer. Preste atenção.

"Quase qualquer um pode tocar *Tel'aran'rhiod*, mas poucos podem de fato adentrá-lo. De todas as Sábias, apenas nós quatro somos capazes de caminhar pelos sonhos, e faz quase quinhentos anos que sua Torre não produz uma Andarilha dos sonhos. Não é uma coisa ligada ao Poder Único, embora as Aes Sedai acreditem que seja. Não sou capaz de canalizar, nem Seana, mas caminhamos pelos sonhos tão bem quanto Amys ou Melaine. Muitas pessoas roçam o Mundo dos Sonhos durante o sono. Como o contato é tênue, acordam com dores quando deveriam ter ossos quebrados ou ferimentos mortais. Uma Andarilha adentra o sonho por completo, por isso acorda com ferimentos reais. Para quem entra no sonho por completo, seja ou não Andarilha, morrer lá é o mesmo que morrer aqui. Mas há como adentrar o sonho de forma completa demais, perdendo o contato com a carne. Não há caminho de volta, e a carne definha. Dizem que havia gente que era capaz de adentrar o sonho em carne, saindo completamente deste mundo. Isso era algo maligno, pois eles praticavam o mal. Você jamais deve tentar uma coisa dessas, mesmo que acredite ser possível, pois cada vez perderá uma parte do que a torna humana. Deve aprender a adentrar *Tel'aran'rhiod* quando desejar, com a intensidade que desejar. Deve aprender a encontrar o que precisa e a interpretar o que vê, a adentrar os sonhos de alguém próximo para ajudar a curá-lo, a reconhecer os que no sonho são concretos o bastante para machucá-la, a…"

Egwene escutou com muita atenção. Era fascinante e deixava entrever coisas que jamais suspeitara serem possíveis. E, além disso, ela não tinha intenção alguma de esfregar panelas. De certo modo, não era justo. Fosse lá o que Rand, Mat e as outras tivessem que enfrentar em Rhuidean, ninguém os mandaria esfregar panelas. *E eu* concordei *com isso!* Simplesmente não era justo. Por outro lado, tinha suas dúvidas de que os outros aprenderiam mais em Rhuidean do que ela com aquelas mulheres.

24



Rhuidean

A pedrinha lisa na boca de Mat já não estava mais ajudando a produzir saliva havia algum tempo. Ele a cuspiu, agachou-se ao lado de Rand e encarou a enorme muralha cinzenta cerca de trinta passadas diante deles. Névoa. Torcia para que ao menos estivesse mais fresco lá. Um pouco de água também cairia bem. Os lábios estavam rachando. Puxou o lenço que envolvia a cabeça e enxugou o rosto, mas já não havia muito suor para empapar o tecido. Não restava muito suor em seu corpo. Um lugar para se sentar. Os pés dentro das botas pareciam salsichas cozidas. Aliás, ele sentia o corpo inteiro bastante cozido. A névoa se estendia à esquerda e à direita para mais de uma milha, avolumando-se por cima de sua cabeça como um paredão imenso. Um paredão de névoa densa no meio de um vale árido e escaldante. Devia haver água por lá.

Por que é que ela não se dissipa, com esse calor? Não gostava nada daquilo. Estava ali por ter brincado com o Poder, e pelo visto teria de brincar outra vez. Quero me livrar do Poder e das Aes Sedai. Que me queime, eu quero! Qualquer coisa para passar mais um minuto sem ter que pensar em entrar naquela névoa.

— Foi *mesmo* aquela amiga Aiel de Egwene que eu vi correndo — grasnou. Correndo! Naquele calor. Só de pensar nisso, os pés doíam ainda mais. — Aviendha. Seja lá que nome for.

— Se você diz — respondeu Rand, observando a neblina. Parecia falar com a boca cheia de poeira, tinha o rosto queimado pelo sol e bamboleava sem firmeza, agachado. — Mas o que ela estaria fazendo ali embaixo? E *nua*?

Mat deixou para lá. Rand não a vira — mal tirara os olhos do nevoeiro ondulante desde que começaram a descer a montanha — e tampouco acreditava que Mat a vira. Correndo feito uma louca e mantendo distância dos dois. Rumando para aquela névoa estranha, ao que parecia. O amigo não demonstrava estar mais ansioso do que ele para adentrá-la. Perguntou-se se estava com uma cara tão ruim quanto a de Rand. Tocando o rosto, estremeceu. Achava que sim.

— Vamos passar a noite toda aqui fora? Este vale é muito fundo. Daqui a umas horas estará escuro aqui. Talvez refresque um pouco, mas acho que não quero topar com as criaturas que passeiam por aqui à noite. Deve ter leões. Ouvi dizer que tem leões no Deserto.

— Tem certeza de que quer fazer isso, Mat? Você ouviu o que as Sábias disseram. Pode acabar morrendo lá, ou enlouquecendo. Pode voltar para as tendas, se quiser. Deixou garrafas e uma bolsa d'água na sela de Pips.

Mat desejou que Rand não o tivesse lembrado disso. Era melhor não pensar em água.

— Que me queime, não, não quero voltar. *Preciso ir*. E você? Já não está de bom tamanho ser o maldito Dragão Renascido? Tinha que virar um chefe de clã Aiel também? Por que veio para cá?

— Porque preciso, Mat. Preciso. — Havia resignação na voz ressecada, mas também algo mais. Uma pontada de ansiedade. O homem estava mesmo louco, *queria* fazer aquilo.

— Rand, talvez essa seja a resposta que dão para todos. Estou falando daquelas pessoas que parecem com cobras. Vá para Rhuidean. Talvez a gente nem tenha que estar aqui, na verdade. — Não acreditava realmente nisso, mas com aquela névoa o encarando de frente…

Rand virou-se para olhá-lo, sem dizer palavra. Enfim, falou:

— Eles nunca mencionaram Rhuidean para mim, Mat.

— Ah, que me queime — resmungou.

De uma forma ou de outra pretendia encontrar um caminho de volta por aquele batente de porta torto em Tear. Sem pensar, pescou o marco de ouro de Tar Valon do bolso do casaco, rolou-o pelos dedos e o guardou de volta. Aquele povo venenoso lhe daria mais algumas respostas, quisessem ou não. De algum jeito.

Sem mais uma palavra, Rand se levantou e começou a caminhar em direção ao nevoeiro com passos hesitantes, os olhos fixos à frente. Mat correu atrás dele. *Que me queime. Que me queime.* Não *quero fazer isso.*

Rand deslizou de uma vez para dentro da névoa densa, mas Mat hesitou por um instante antes de ir atrás. No fim das contas, só podia ser o Poder que sustentava o nevoeiro, com as beiradas fervilhantes, mas sem nunca avançar nem recuar uma polegada sequer. A porcaria

do Poder, e nenhuma porcaria de opção. O primeiro passo foi um alívio, fresco e úmido. Ele abriu a boca para deixar a névoa umedecer sua língua. Três passos depois, e começou a se preocupar. À frente de seu nariz havia apenas um cinza indistinto. Não conseguia distinguir sequer uma sombra que pudesse ser o amigo.

— Rand?

O som poderia não ter saído de sua boca, a neblina parecia engoli-lo antes de alcançar os próprios ouvidos. Não tinha nem mais certeza da direção que seguia, e costumava ter um bom senso de orientação. Poderia haver qualquer coisa diante dele. Ou sob seus pés. Não conseguia ver os próprios pés, a névoa o encobria por completo da cintura para baixo. Apesar disso, apertou o passo. E de repente adentrou uma luz peculiar, sem sombra, ao lado de Rand.

O nevoeiro formava um imenso domo oco a encobrir o céu, e do lado de dentro havia uma superfície borbulhante que reluzia em um tom de azul pálido. Rhuidean nem de perto era tão grande quanto Tear ou Caemlyn, mas as ruas vazias eram as mais largas que ele já vira, com amplas faixas de terra batida no centro, como se ali um dia tivesse havido árvores e grandes fontes com estátuas. Imensas construções flanqueavam as ruas, palácios estranhos com paredes planas de mármore, cristal e vidro trabalhado elevando-se por centenas de pés, formando degraus de escadas e paredões. Não havia sequer um prédio pequeno, nada que pudesse ter sido uma simples taverna, estalagem ou estábulo. Apenas palácios imensos, com colunas reluzentes de cinquenta pés de espessura, vermelhas, brancas ou azuis, escalando o céu a cem passadas de altura, e torres grandiosas, caneluradas e espiraladas, algumas perfurando as nuvens fulgurantes acima.

Apesar de todo o esplendor, a cidade jamais fora concluída. Muitas das imensas estruturas terminavam em paredes incompletas, feito construções abandonadas. Vidros coloridos formavam imagens em algumas das imensas janelas: homens e mulheres serenos e majestosos de trinta pés ou mais de altura, sóis nascentes e céus noturnos estrelados. Outros prédios tinham janelas escancaradas, os interiores vazios. Incompletos e abandonados havia muito. Não jorrava água das fontes. O silêncio cobria a cidade tão completamente quanto o domo de névoa. O ar era mais frio do que do lado de fora, mas tinha a mesma aridez. A poeira arranhava as solas dos pés nas pedras lisas e claras do pavimento.

Mesmo assim, Mat foi até a fonte mais próxima a passos rápidos, apenas por desencargo de consciência, e inclinou-se na borda branca, que batia na altura da cintura. Três mulheres nuas, duas do tamanho dele, equilibrando na cabeça um peixe estranho, de boca aberta, espiavam uma bacia larga e empoeirada, não menos seca do que sua

boca.

— É claro — disse Rand, atrás dele. — Eu devia ter pensado nisso antes.

Mat olhou para trás por sobre o ombro.

— Pensado em quê? — Rand encarava a fonte, sacudindo-se em uma risada silenciosa. — Componha-se, Rand. Você não enlouqueceu no último minuto. Devia ter pensado em quê?

Um gorgolejo oco fez Mat olhar a fonte de novo. De repente começou a jorrar água pela boca do peixe, uma torrente da espessura da perna de Mat. Correu até a bacia e postou-se sob o aguaceiro, inclinando a cabeça para trás e escancarando a boca. A água era doce e fria, fria o bastante para fazê-lo tremer, mais doce que vinho. Encharcou seus cabelos, casaco, calças. Ele bebeu até achar que ia se afogar, então saiu cambaleando para se apoiar, arfante, na perna de pedra de uma das mulheres.

Rand ainda estava parado, encarando a fonte, o rosto vermelho e os lábios rachados, rindo baixinho.

— Nada de água, Mat. Disseram que não podíamos trazer água, mas ninguém falou sobre o que já existia aqui.

— Rand? Você não vem beber?

Rand levou um susto, depois entrou na bacia, agora com água até os tornozelos, e patinhou até onde Mat estivera, bebendo da mesma forma, os olhos fechados e a cabeça inclinada para cima, para deixar a água escorrer pelo corpo.

Mat o observou, preocupado. Não estava exatamente louco, ainda não. Mas por quanto tempo Rand teria ficado ali parado, rindo, com a sede petrificando a garganta, se ele não o tivesse chamado? Mat deixou-o ali e saiu da fonte. Um pouco da água que ensopava as roupas se infiltrara para dentro das botas. Ignorou o barulho que fazia a cada passo, não sabia se conseguiria calçar as botas outra vez, caso as tirasse. Além do mais, era uma sensação agradável.

Espiando a cidade, ele se perguntou o que estava fazendo ali. Aquela gente dissera que ele morreria se não fosse, mas será que apenas estar em Rhuidean era o suficiente? *Será que preciso fazer alguma coisa? O quê?*

As ruas vazias e os palácios inacabados não formavam sombras sob a pálida luz azul-celeste. Sentiu um leve arrepio. Todas aquelas janelas vazias a observá-lo, todas as fileiras espremidas de construções abandonadas. Poderia haver qualquer coisa escondida ali, e, em um lugar como aquele, qualquer coisa poderia ser… *Qualquer coisa mesmo, maldição.* Desejou pelo menos ainda ter as facas nas botas. Mas aquelas mulheres, aquelas Sábias, haviam olhado para ele como se soubessem que escondia alguma coisa. E haviam canalizado, uma ou todas. Não era sensato contrariar mulheres capazes de canalizar, se

fosse possível evitar. *Que me queime, se eu pudesse me livrar das Aes Sedai, nunca mais pediria nada na vida. Bem, pelo menos não por um bom tempo. Luz, será que tem alguma coisa escondida aqui?*

— O coração só pode ficar para aquele lado, Mat.

Rand saía da bacia, encharcado.

— O coração?

— As Sábias disseram que devo ir até o coração. Elas deviam estar se referindo ao centro da cidade. — Rand olhou de novo para a fonte, e o fluxo de água de repente se reduziu a um filete, depois cessou. — Tem um oceano de água boa lá embaixo. Bem fundo. Tão fundo que quase não consegui encontrar. Se eu conseguisse trazer tudo para cima… De qualquer forma, não há por que desperdiçar. Podemos voltar para tomar mais quando estiver na hora de ir embora.

Mat mudou de posição, incomodado. *Idiota! De onde você achou que isso tinha vindo? É claro que o desgraçado canalizou. Ou você pensou que a água tinha simplesmente começado a jorrar depois de sabe a Luz quanto tempo?*

— Centro da cidade. É claro. Vá na frente.

Os dois seguiram pelo meio da rua larga, caminhando ao longo de faixas de terra batida, passando por outras fontes secas, algumas só com a bacia de pedra e uma base de mármore onde as estátuas deveriam estar. Não havia nada quebrado na cidade, ela era apenas… incompleta. Os palácios se avultavam dos dois lados, como paredões. Tinha que haver coisas dentro deles. Mobílias, talvez, se não tivessem apodrecido. Talvez ouro. Facas. Facas não enferrujariam, com o ar seco, por mais tempo que tivessem passado ali.

Pode haver um chamejado de um Myrddraal lá dentro, até onde você sabe. Luz, por que eu tinha que pensar nisso? Se pelo menos tivesse pensado em trazer consigo um bastão, quando deixou a Pedra. Talvez pudesse ter convencido as Sábias de que era apenas um cajado. Mas não adiantava mais pensar nisso. Uma árvore serviria, se ele pudesse dar um jeito de arrancar e limpar um bom galho. *Se*, mais uma vez. Ele se perguntou se as pessoas que tinham construído a cidade haviam conseguido plantar alguma árvore. Trabalhara tempo suficiente na fazenda do pai para saber reconhecer um solo bom. As faixas compridas de terra exposta eram fracas, ruins para plantar qualquer coisa além de ervas, e mesmo assim não muitas. No momento, nenhuma.

Depois de caminharem uma milha, a rua terminou de repente em uma grande praça, talvez da extensão do trecho que haviam percorrido, toda rodeada por aqueles palácios de mármore e cristal. Era surpreendente, mas havia uma enorme árvore na praça. Tinha uns cem pés de altura, espalhando os galhos grossos e folhosos sobre a camada de pedras brancas e empoeiradas do pavimento, próxima ao

que pareciam anéis concêntricos feitos de colunas de vidro transparente e brilhante, finos como agulhas, se comparados à altura, que era quase igual à da árvore. Ele teria se perguntado como uma árvore poderia crescer ali, sem a luz do sol, se não estivesse muito ocupado encarando a mixórdia impressionante que ocupava o restante da praça.

Cada rua que Mat conseguia ver ia até os aros em coluna, mas nos trechos entre elas havia estátuas dispostas ao acaso, em diversos tamanhos, de proporções reais ou até a metade disso, feitas de pedra, cristal ou metal, apoiadas diretamente na calçada. Por entre elas havia… À primeira vista, ele não soube como chamar. Um aro liso prateado, de dez pés de comprimento, fino como uma lâmina. Um plinto de cristal afilado de uma passada de altura que poderia ter sustentado uma das estátuas menores. Uma torre de metal negro e reluzente, fina como uma lança e do comprimento de uma, mas apoiada de pé, como se estivesse fincada. Centenas de objetos, talvez milhares, de todas as formas e materiais imagináveis, preenchiam a enorme praça, e havia menos de doze pés de distância entre cada um.

Foi a lança negra de metal, erguida de forma tão estranha que de súbito revelou o que todos aqueles objetos deveriam ser. *Ter'angreal*. Algum tipo de coisa a ver com o Poder, pelo menos. Alguns só podiam ser isso. Aquele batente de porta torto no Grande Porão da Pedra também ficava inclinado, quase caindo.

Estava prestes a se virar e ir embora, mas Rand continuou, mal olhando para o que havia no caminho. O rapaz fez uma pausa e encarou duas estatuetas que destoavam do resto. Duas figuras de talvez um pé de altura, um homem e uma mulher, cada um segurando uma esfera de cristal no ar, acima de uma das mãos. Ele se inclinou um pouco, como se fosse tocá-las, mas se endireitou tão depressa que Mat achou que poderia ter sido imaginação sua.

Depois de um minuto, Mat foi atrás, correndo para alcançá-lo. Quanto mais perto chegavam dos anéis de colunas cintilantes, mais tenso ficava. Todas aquelas coisas ao redor deviam ter algo a ver com o Poder, e também as colunas. Ele simplesmente sabia. Aquelas hastes altas e de uma finura absurda reluziam à luz azulada, ofuscando a vista. *Elas só disseram que eu tinha que vir para cá. Bem, estou aqui. Não disseram nada sobre a droga do Poder.*

Rand parou tão de repente que Mat avançou mais três passos para perto dos aros em coluna sem perceber. O amigo olhava para a árvore, notou. A árvore. Mat percebeu que chegava mais e mais perto, como se estivesse sendo puxado. Não havia árvore com aquelas folhas em forma de trevo. Não havia árvores assim, apenas uma, que era lendária.

— *Avendesora* — disse Rand, baixinho. — A Árvore da Vida. Está

aqui.

Sob os galhos espalhados, Mat deu um salto para pegar uma das folhas, os dedos esticados chegaram bem perto do galho mais baixo. Ficou satisfeito em adentrar aquele teto de folhas e recostar-se no tronco robusto. Depois de um instante, deslizou e sentou-se, encostando-se nele. As histórias antigas eram verdade. Ele sentia… alegria. Paz. Bem-estar. Até os pés já não incomodavam tanto.

Rand sentou-se perto dele, as pernas cruzadas.

— Dá para acreditar nas histórias. Ghoetam, que ficou sentado debaixo de *Avendesora* por quarenta anos para ganhar sabedoria. Neste exato instante, dá para acreditar.

Mat deixou a cabeça pender para trás e encostar no tronco.

— Mas não sei se eu confiaria nos pássaros para trazerem comida. Em algum momento ele teria que se levantar. — *Mas uma horinha não seria nada mau. Ou mesmo o dia inteiro.* — Mesmo assim, não faz sentido. Que tipo de comida os pássaros poderiam trazer? Que pássaros?

— Talvez Rhuidean não tenha sido sempre assim, Mat. Talvez… Não sei. Talvez *Avendesora* ficasse em algum outro lugar, antigamente.

— Em algum outro lugar — murmurou Mat. — Eu não me incomodaria de estar em algum outro lugar. — *Mas… é… bom.*

— Algum outro lugar? — Rand se virou para olhar as colunas compridas e finas, que reluziam bem próximas. Então suspirou. — O dever é mais pesado que a montanha.

Era parte de um ditado que ele aprendera nas Terras da Fronteira.

— A morte é mais leve que a pluma. O dever, mais pesado que a montanha. — Soava como uma grande bobagem para Mat, mas Rand estava se levantando, então ele o imitou, relutante. — O que acha que vamos encontrar lá?

— Acho que tenho de seguir sozinho a partir daqui — disse Rand, devagar.

— Como assim? — inquiriu Mat. — Eu já vim até aqui, não vim? Não vou embora agora, de repente. — *Mas bem que eu queria!*

— Não é isso, Mat. Se você entrar, sai de lá como um chefe de clã ou morre. Ou sai louco. Não acredito que exista alternativa. A não ser que as Sábias entrem lá.

Mat hesitou. *Morrer e viver de novo.* Foi o que eles disseram. No entanto, não tinha a menor intenção de tentar ser chefe de clã Aiel. Os Aiel provavelmente enfiariam as lanças nele.

— Vamos deixar na mão da sorte — disse, pescando do bolso o marco de Tar Valon. — Essa está virando minha moeda da sorte. Chama, eu vou com você. Cara, fico aqui fora. — Ele girou a moeda depressa, antes que Rand pudesse fazer objeções.

De alguma forma, não conseguiu agarrá-la. A moeda deu uma

guinada, caiu no chão, quicou duas vezes… E caiu de pé.

Ele cravou em Rand um olhar acusatório.

— Você faz esse tipo de coisa de propósito? Não sabe se controlar?

— Não. — A moeda caiu, revelando um rosto etéreo de mulher rodeado por estrelas. — Parece que dessa vez você fica de fora, Mat.

— Você canaliz…? — Queria que Rand não canalizasse perto dele. — Ah, que me queime, se quer que eu fique de fora, eu fico. — Agarrou a moeda e meteu-a de volta no bolso. — Escute, você entra, faz o que tem que fazer e volta. Quero dar o fora desse lugar, não vou ficar aqui para sempre girando os dedos e esperando. E nem pense que vou entrar para resgatar você, então é melhor tomar cuidado.

— Eu não pensaria isso de você, Mat — disse Rand.

Ele encarou o amigo, desconfiado. Por que estava rindo?

— Desde que você compreenda que não vou. Aaah, vá logo e vire um chefe Aiel. Você já tem cara, mesmo.

— Não entre lá, Mat. Aconteça o que acontecer, não entre. — Rand esperou o amigo assentir com a cabeça e se virou.

Mat ficou ali parado, observando-o caminhar por entre as colunas reluzentes. Pareceu sumir sob a luz ofuscante quase na mesma hora. *Ilusão de ótica*, Mat disse a si mesmo. Era só isso. *Uma porcaria de uma ilusão de ótica.*

Começou a examinar a coleção de objetos, mantendo a distância, olhando e se esforçando para avistar Rand outra vez.

— Olhe lá o que vai fazer — gritou. — Se me deixar sozinho no Deserto com Moiraine e os malditos Aiel, estrangulo você, Dragão Renascido ou não! — Depois de um minuto, acrescentou: — Não vou entrar aí para salvar sua pele se você se meter em confusão! Está me ouvindo? — Não houve resposta. *Se ele não aparecer aqui fora em uma hora…* — É um louco só por entrar aí — resmungou. — Bom, não serei eu que livrarei a pele dele do fogo. Ele é quem sabe canalizar. Se enfiar a droga da cabeça em um ninho de vespas, sabe canalizar para se livrar. — *Vou dar uma hora.*

Então iria embora, estando Rand de volta ou não. Iria simplesmente se virar e ir embora. Simplesmente iria embora. Era isso o que faria. Ah, iria.

Pela forma como as finas lanças de vidro captavam a luz azulada, refratando e refletindo, só encará-las era o bastante para ficar com dor de cabeça. Mat se virou e foi andando pelo caminho por onde viera, encarando com desconfiança os *ter'angreal* — ou o que fossem — que preenchiam a praça. O que estava fazendo ali? Por quê?

De repente parou onde estava e encarou um dos estranhos objetos. Um largo batente de porta feito de pedra vermelha polida,

retorcido de um jeito que ele não conseguia entender muito bem, de modo que o olho parecia escorregar ao tentar acompanhar a linha do objeto. Foi se aproximando bem devagar, passando por entre torres facetadas reluzentes, da altura de sua cabeça, e molduras baixas douradas preenchidas com o que pareciam folhas de vidro. Quase não as notava, não tirava os olhos do batente.

Era igual. A mesma pedra vermelha polida, o mesmo tamanho, os mesmos cantos esquisitos. Ao longo de cada ripa corriam três fileiras de triângulos com as pontas para baixo. O de Tear tinha isso? Não conseguia se lembrar. Da outra vez, não estava tentando decorar cada detalhe. *Era* igual, só podia ser. Talvez não entrasse no outro de novo, mas e naquele…? Outra chance de encontrar aqueles caras de cobra, de fazê-los responderem mais algumas perguntas.

Espremendo os olhos por conta da claridade, espiou outra vez as colunas. Uma hora, fora o que dera a Rand. Em uma hora, poderia entrar e sair daquela coisa com tempo de sobra. Talvez nem funcionasse, já que usara o gêmeo. *Os dois* são *iguais.* Por outro lado, talvez funcionasse. Era só mais uma esfregadinha no Poder.

— Luz — murmurou. — *Ter'angreal*. Pedras-portais. Rhuidean. Que diferença pode fazer ir mais uma vez?

Deu um passo para dentro. Atravessou uma muralha de luz branca ofuscante, um rugido tão imenso que aniquilava o som.

Piscando, analisou os arredores e engoliu o xingamento mais vil que conhecia. Onde quer que estivesse, não era o lugar para onde fora da outra vez.

O batente retorcido jazia no centro de um imenso aposento que parecia ter formato de estrela, pelo que pôde distinguir em meio à floresta de colunas espessas, cada uma com oito caneluras profundas e extremidades amarelas pontiagudas emanando uma luz suave. Todas eram pretas e brilhantes, exceto pelas pontinhas reluzentes, erguendo-se de um chão branco e fosco e se avultando na escuridão acima de sua cabeça, em um ponto tão alto que até as faixas amarelas esvaneciam. Colunas e chão quase pareciam feitos de vidro, mas, quando ele se inclinou para esfregar o chão, percebeu que era pedra. Pedra empoeirada. Limpou a mão no casaco. O ar cheirava a bolor, e as únicas marcas que havia na poeira eram de suas próprias pegadas. Fazia muito tempo que alguém pisava.

Desapontado, virou-se de volta para o *ter'angreal*.

— Quanto tempo.

Mat deu um giro, agarrando a manga do casaco em busca da faca que estava no chão da montanha. O homem parado de pé entre as colunas não se parecia em nada com o povo com jeito de serpentes. Ele fez Mat se arrepender de ter entregado as últimas facas às Sábias.

O sujeito era alto, mais alto que um Aiel, e vigoroso, mas com

ombros largos demais para o quadril fino, e a pele mais branca que o papel mais delicado. Tiras de couro claro enfeitadas com tachas de prata cruzavam os braços e o peito nu, e um saiote pregueado caía até os joelhos. Os olhos grandes demais e quase sem cor estavam cravados fundo no rosto de maxilar estreito. Os cabelos curtos e avermelhados apontavam para cima, feito uma escova, e as orelhas, coladas à cabeça, eram meio pontudas. Ele se inclinou na direção de Mat, inspirando, abrindo a boca para sorver mais ar e mostrando os dentes pontiagudos. A impressão que o homem dava era a de uma raposa prestes e pular em cima de uma galinha encurralada.

— Quanto tempo — disse ele, endireitando-se. A voz era bruta, quase um rosnado. — Você aceita os tratados e acordos? Está trazendo ferro, instrumentos musicais ou aparatos para produzir luz?

— Não tenho nada disso — respondeu Mat, lentamente. Não era o mesmo lugar, mas o sujeito perguntava as mesmas coisas. E se comportava da mesma forma, sempre cheirando e cheirando. *Revirando todas as minhas experiências, não é, maldição? Ora, que seja. Talvez ele dê uma avivada na minha memória, para que eu possa lembrar também.* Ele se perguntou se estava falando na Língua Antiga outra vez. Era incômodo não saber, não ser capaz de dizer. — Se puder me levar aonde eu possa ter respostas para algumas perguntas, mostre o caminho. Se não, vou seguir adiante e peço desculpas por incomodar.

— Não! — Os olhos grandes e descoloridos piscaram, agitados. — Você não pode ir. Venha. Vou levá-lo aonde vai encontrar o que precisa. Venha. — O homem se afastou, gesticulando com as duas mãos. — Venha.

Olhando de relance para o *ter'angreal*, Mat foi atrás. Desejou que o homem não tivesse aberto um sorriso enorme naquele instante. Talvez estivesse só querendo tranquilizá-lo, mas aqueles dentes… Decidiu que nunca mais deixaria para trás *todas* as facas, nem pelas Sábias, nem pelo Trono de Amyrlin em pessoa.

O grande batente de porta de cinco lados mais parecia a boca de um túnel, pois o corredor adiante era exatamente do mesmo tamanho e forma, com as faixas de brilho tênue e amarelado correndo pelas dobras, margeando o chão e o teto. Parecia estender-se indefinidamente para a frente, esvanecendo e escurecendo a distância, interrompido em intervalos por outros grandes batentes de porta de cinco lados. O homem de saia não assumiu a liderança até que ambos estivessem no corredor, e mesmo assim continuava olhando por cima do ombro largo, como se para certificar-se de que Mat ainda estava lá. O ar não estava mais bolorento. Em vez disso, guardava um leve toque de algo desagradável, algo um tanto familiar, mas não tão forte que ele pudesse reconhecer.

Ao passar pelo primeiro batente, Mat deu uma espiada e suspirou.

Para além das colunas negras em forma de estrela, um batente de porta retorcido de pedra vermelha jazia em um chão de vidro fosco, onde a poeira revelava as pegadas de um par de botas que saía do *ter'angreal* em direção ao corredor, conduzido por pegadas de pés descalços. Ele olhou por cima do ombro. Em vez de terminar cinquenta passadas atrás em outro aposento como aquele, o corredor continuava até onde a vista alcançava, uma imagem espelhada do que havia adiante. O guia abriu o sorriso de dentes pontudos. O sujeito parecia faminto.

Sabia que deveria esperar algo daquele tipo, depois do que vira do outro lado do batente de porta da Pedra. Aquelas torres se movendo de onde deveriam estar para onde, por questão de lógica, não poderiam estar. Se as torres se mexiam, por que não os aposentos? *Eu devia ter ficado lá fora esperando Rand, é isso que eu devia ter feito. Eu devia ter feito muitas coisas.* Pelo menos, se todas as entradas à frente eram iguais, não teria problemas em encontrar o *ter'angreal* outra vez.

Espiou a entrada seguinte e viu as colunas negras, o *ter'angreal* de pedra vermelha e suas pegadas e as do guia na poeira. Quando o homem de mandíbula estreita olhou outra vez por sobre o ombro, Mat abriu um sorriso cheio de dentes.

— Nunca pense que pegou um filhote na armadilha. Se tentar levar a melhor, arranco seu couro para fazer um forro de sela.

O sujeito levou um susto, arregalou os olhos pálidos, depois deu de ombros e ajustou as tiras cravejadas de prata no peito, o sorriso debochado parecia ter como objetivo enfatizar o que estava fazendo. De súbito, Mat se pegou imaginando de onde viria aquele couro claro. Sem dúvida não… *Ah, Luz, acho que é.* Conseguiu dar um jeito de se impedir de engolir em seco, mas por pouco.

— Vá guiando, seu filho de uma cabra. Seu couro não vale essa prata cravejada. Pode me levar aonde eu quero ir.

O homem soltou um rosnado e apertou o passo, mantendo as costas eretas. Mat não se importou se o sujeito estava ofendido. Mas continuava desejando ter pelo menos uma faca. *Que me queime se vou deixar um descerebrado com cara de raposa arrancar meu couro para fazer arreio.*

Não dava para dizer por quanto tempo os dois caminharam. O corredor nunca mudava, continuava com as mesmas paredes inclinadas e faixas amarelas reluzentes. Cada porta exibia o aposento idêntico, o *ter'angreal*, as pegadas, tudo o mais. A mesmice acabou fazendo-o perder a noção do tempo. Mat ficou preocupado em saber quanto havia se passado. Sem dúvida mais do que a hora que estabelecera. As roupas agora estavam apenas úmidas, as botas já não emitiam aquele barulho de couro molhado. Mas continuou andando,

olhando as costas do guia e andando.

De súbito o corredor terminou à frente, em mais um batente de porta. Mat piscou. Poderia jurar que um instante antes o corredor se estendia até onde a vista alcançava. Mas andara observando mais o sujeito dos dentes pontudos do que o que havia adiante. Olhou para trás e quase soltou um xingamento. O corredor seguia até que as faixas amarelas reluzentes pareciam se juntar em um ponto. E não havia qualquer abertura visível em nenhum trecho ao longo.

Quando se virou, estava sozinho diante do grande batente de cinco lados. *Que me queime, queria que eles não fizessem isso.* Respirou fundo e adentrou.

Era outro aposento de piso branco em formato de estrela, não tão grande quanto o anterior — ou anteriores — mas com as mesmas colunas. Havia uma estrela de oito pontas com um pedestal preto de vidro em cada ponta, parecendo um pedaço de duas braças de altura tirado de uma daquelas colunas. Faixas amarelas cintilantes percorriam as extremidades pontiagudas do aposento e dos pedestais. O cheiro desagradável era mais forte no ambiente, agora o reconhecia. O cheiro do covil de um animal selvagem. Mal reparou, no entanto, pois a câmara estava vazia exceto por ele.

Mat se virou lentamente e franziu o cenho para os pedestais. Sem dúvida alguém deveria estar nos topos, quem quer que fosse responder às perguntas. Estava sendo enganado. Se conseguira chegar até ali, conseguiria obter algumas respostas.

De repente, deu um giro e procurou não os pedestais, mas as paredes lisas e cor de cinza. O batente de porta desaparecera, não havia saída.

No entanto, antes que ele completasse a segunda volta, surgiu alguém em cima de cada um dos pedestais, pessoas como o guia, mas vestidas de forma diferente. Quatro eram homens, e o restante, mulheres, com os cabelos eriçados formando um topete e descendo pelas costas. Todos usavam saias compridas e brancas que escondiam os pés. As mulheres usavam blusas brancas que caíam abaixo dos quadris, com golas altas de renda e babados claros nos punhos. Os homens usavam ainda mais tiras do que o guia, e eram mais largas e cravejadas de ouro. Cada arreio sustentava um par de facas desembainhadas no peito de cada homem. De bronze, achou ele, pela cor, mas teria dado todo o ouro em sua posse por apenas uma delas.

— Fale — disse uma das mulheres, a voz soando como um rosnado. — Pelo antigo tratado, aqui o acordo é feito. Do que necessita? Fale.

Mat hesitou. Não fora assim que o povo das cobras havia falado. Todos o encaravam feito raposas encarando o jantar.

— Quem é a Filha das Nove Luas, e por que tenho que me casar

com ela?

Esperou que eles contassem como uma pergunta só.

Ninguém respondeu. Nenhum deles falou. Apenas continuaram a encará-lo com aqueles olhos descoloridos.

— Vocês deviam me responder — disse. Silêncio. — Que seus ossos virem cinzas, me respondam! Quem é a Filha das Nove Luas, e por que tenho que me casar com ela? Como é que vou morrer e nascer outra vez? O que significa que tenho que abrir mão de metade da luz do mundo? Essas são minhas três perguntas. Falem alguma coisa!

Silêncio mortal. Ele ouvia a própria respiração, o sangue pulsando nos próprios ouvidos.

— Não tenho a menor intenção de me casar. E também não tenho intenção de morrer, vivendo de novo ou não. Ando por aí com esses buracos na memória, buracos na vida, e vocês ficam me encarando feito idiotas. Se eu pudesse escolher, preencheria esses buracos, mas pelo menos respostas às minhas perguntas poderiam preencher alguns buracos no futuro. Vocês têm que me responder…!

— Feito — grunhiu um dos homens, e Mat piscou.

Feito? O que foi feito? O que ele quis dizer?

— Que seus olhos queimem — resmungou. — Que suas almas queimem! Vocês são ruins como as Aes Sedai. Bem, quero um jeito de me livrar das Aes Sedai e do Poder, e quero me afastar de vocês e voltar para Rhuidean, já que não vão me responder. Abram uma porta e me deixem…

— Feito — disse outro homem.

— Feito — ecoou uma das mulheres.

Mat observou as paredes, depois cravou os olhos, irritado, em cada um deles, de pé nos pedestais, encarando-o de cima.

— Feito? O que é que foi feito? Não estou vendo porta nenhuma. Seus mentirosos filhos de umas cab…

— Tolo — disse uma mulher, em um rosnado sussurrado, e outros repetiram. Tolo. Tolo. Tolo.

— Foi sábio pedir para ir embora sem determinar preço, nem termos.

— Mas tolo por não acordar o valor antes.

— Vamos decidir o preço.

Eles falavam tão depressa que Mat não sabia quem estava falando o quê.

— O que foi pedido será concedido.

— O preço será pago.

— Que se queimem — gritou ele — do que vocês estão falando…

A escuridão se fechou à volta dele, total e completa. Algo envolvia sua garganta. Ele não conseguia respirar. Ar. Não conseguia…

25



A rota para a Lança

Rand não hesitou ao alcançar a primeira fileira de colunas, forçando-se a caminhar por entre elas. Não podia mais voltar, não podia mais olhar para trás. *Luz, o que é que vai acontecer aqui? O que é que isso realmente faz?*

Límpidas como o vidro mais delicado, talvez com um pé de espessura e a três passadas ou mais de distância, as colunas eram uma floresta de luzes ofuscantes que ondeavam em cascata, clarões e estranhos arco-íris. O ar era mais frio ali, o bastante para fazê-lo querer um casaco, mas a mesma poeira arenosa cobria as pedras brancas e lisas debaixo das botas. Nem a mais leve brisa soprava, mas algo fazia cada pelo em seu corpo se eriçar, mesmo sob a camisa.

À frente e à direita, viu outro homem, nos mesmos tons de cinza e marrom dos Aiel, parado, rígido feito uma estátua sob a luz intermitente. Devia ser Muradin, irmão de Couladin. Parado e rígido, *alguma coisa* estava acontecendo. Era estranho, mas, mesmo com o fulgor da luz, Rand não conseguia distinguir as feições do Aiel com clareza. De olhos arregalados, rosto contraído, a boca trêmula quase em um rosnado. Fosse lá o que o homem estivesse vendo, não estava gostando. Mas Muradin já sobrevivera até ali, pelo menos. Se ele era capaz, Rand também seria. O homem estava no máximo seis ou sete passadas à frente dele. Perguntando-se por que ele e Mat não haviam visto Muradin entrar, avançou mais um passo.

Andava atrás de um par de olhos, sentindo um corpo, mas sem controlá-lo. O dono dos olhos acocorou-se por entre os pedregulhos de

uma encosta árida, sob o céu ensolarado, olhando para estranhas estruturas de pedra inacabadas — *Não!* Menos *que inacabadas. Isso é Rhuidean, mas sem névoa, bem no comecinho.* O sujeito olhava com desdém. Ele era Mandein, jovem para um chefe de clã, com quarenta anos. A noção de separação se esvaiu, a aceitação veio. Era Mandein.

— Você precisa concordar — disse Sealdre, mas ele a ignorou por ora.

Os Jenn haviam construído coisas que puxavam a água e a despejavam em grandes bacias de pedra. Ele já entrara em batalhas por menos água do que cabia em um daqueles tanques, com gente que andava por aí como se a água fosse algo insignificante. Uma estranha floresta de vidro se erguia no centro da atividade, cintilando sob o sol, e, perto dela, estava a árvore mais alta que já vira, com pelo menos três braças de altura. Parecia que cada uma das estruturas de pedra era projetada para abrigar uma fortaleza inteira, um ramo inteiro, depois de prontas. Loucura. Essa Rhuidean era indefensável. Não que alguém fosse atacar os Jenn, naturalmente. A maioria os evitava como evitavam os malditos Perdidos, que vagavam à procura das canções que alegavam poder trazer de volta os dias antigos.

Uma procissão saía furtiva de Rhuidean em direção à montanha, poucas dezenas de Jenn e duas liteiras, cada uma carregada por oito homens. Nelas havia madeira suficiente para doze cadeiras de chefe. Ouvira dizer que ainda havia Aes Sedai entre os Jenn.

— Você deve concordar com o que eles pedirem, marido — disse Sealdre.

Ele olhou a mulher, desejando ter um instante para passar as mãos por seus longos cabelos louros, vendo a menina risonha que deitara a coroa nupcial a seus pés e o pedira em casamento. Mas ela agora estava séria, atenta e preocupada.

— Os outros virão? — perguntou.

— Alguns. A maioria. Conversei com minhas irmãs em sonho, e todas sonhamos o mesmo. Os chefes que não vierem, os que não concordarem… seus ramos vão morrer, Mandein. Virarão pó em três gerações, e seus fortes e gado passarão a pertencer a outros ramos. Eles perderão seus nomes.

Ele não gostava que ela falasse com as Sábias de outros ramos, nem mesmo em sonhos. Mas os sonhos das Sábias diziam a verdade. Quando elas sabiam, era verdade.

— Fique aqui — disse. — Se eu não voltar, ajude nossos filhos e filhas a manterem o ramo unido.

Ela tocou sua face.

— Vou fazer isso, sombra da minha vida. Mas não esqueça. Você precisa concordar.

Mandein acenou, e uma centena de silhuetas veladas o seguiram

encosta abaixo, sumindo de rochedo em rochedo, arcos e lanças prontos, marrom e cinza misturados à terra árida, desaparecendo até da vista dele. Eram todos homens, deixara com Sealdre as mulheres do ramo que carregavam a lança junto aos homens. Caso alguma coisa desse errado, e ela decidisse fazer algo insensato para salvá-lo, os homens provavelmente a seguiriam. As mulheres a levariam de volta ao forte, sem ligar para seu desejo, assegurando a proteção do forte e do ramo. Esperava que elas fossem capazes. Elas às vezes conseguiam ser mais ferozes do que qualquer homem, mas também mais tolas.

A procissão vinda de Rhuidean já parara no baixio de barro rachado quando ele alcançou a encosta mais baixa. Fez um gesto para que os homens se abaixassem e prosseguiu sozinho, baixando o véu. Estava ciente de que havia outros homens percorrendo a montanha, à esquerda e à direita, e avançando pelo solo seco, vindos de outras direções. Quantos seriam? Cinquenta? Talvez cem? Esperava que alguns rostos estivessem ausentes. Sealdre estava certa, como de costume. Alguns não tinham dado atenção ao sonho de suas Sábias. Havia rostos que ele nunca vira antes, e rostos de homens que tentara matar e de outros que haviam tentado matá-lo. Pelo menos nenhum usava o véu. Matar alguém na frente de um Jenn era quase tão ruim quanto matar um Jenn. Desejou que os outros se lembrassem disso. Se um cometesse uma traição, os véus seriam erguidos. Os guerreiros trazidos por cada chefe viriam das montanhas, e a terra ressecada ficaria encharcada de sangue. De certo modo, esperava a qualquer momento sentir uma lança entre as costelas.

Mesmo tentando ficar atento a uma centena de possibilidades de morte, foi difícil não encarar as Aes Sedai quando os carregadores baixaram ao chão as cadeiras com entalhes ornamentados. Mulheres de cabelos tão brancos que pareciam quase transparentes. Rostos etéreos com peles que poderiam ser rasgadas pelo vento. Ouvira dizer que os anos não afetavam as Aes Sedai. Qual seria a idade das duas? O que elas já haviam visto? Será que se lembravam de quando seu avô, Comran, encontrou pela primeira vez os *pousos* Ogier na Muralha do Dragão e começou a negociar com eles? Ou talvez de quando o avô de Comran, Rhodric, liderou os Aiel para matar os homens vestidos em camisas de ferro que haviam cruzado a Muralha do Dragão? As Aes Sedai voltaram os olhos para ele — azul penetrante e castanho muito, muito escuro, o primeiro par de olhos escuros que vira — e pareceram ver dentro de seu crânio, dentro de seus pensamentos. Sabia que fora escolhido, mas não sabia por quê. Com esforço, desviou o olhar dos das mulheres, que o conheciam mais do que conhecia a si mesmo.

Um homem encovado de cabelos brancos, alto, mas curvado, veio andando do grupo de Jenn. Era flanqueado por duas mulheres grisalhas que poderiam ser irmãs, com os mesmos pares de olhos

verdes e o mesmo jeito de inclinar a cabeça ao olhar para alguma coisa. Os outros Jenn encaravam o chão, inquietos, em vez de olhar para os Aiel, mas não esses três.

— Sou Dermon — disse o homem, com a voz forte e profunda. O escrutínio em seus olhos azuis era firme como o de qualquer Aiel. — Essas são Mordaine e Narisse. — Ele apontou para as mulheres a seu lado, uma de cada vez. — Falamos por Rhuidean e pelos Aiel Jenn.

Uma inquietude percorreu os homens à volta de Mandein. A maioria, como ele, não gostava que os Jenn alegassem ser Aiel.

— Por que nos chamou aqui? — inquiriu, embora sentisse a língua queimar ao admitir ter sido convocado.

Em vez de responder, Dermon perguntou:

— Por que não porta espada? — A frase ocasionou murmúrios irritados.

— É proibido — vociferou Mandein. — Até os Jenn deviam saber disso. — Ergueu as lanças e tocou a faca em sua cintura e o arco nas costas. — Essas armas bastam para um guerreiro.

Os murmúrios tornaram-se aprovativos, incluindo alguns vindos dos homens que haviam jurado matá-lo. Ainda matariam, se tivessem chance, mas aprovaram o que ele dissera. E pareciam satisfeitos em deixá-lo falar, com aquelas Aes Sedai observando.

— Você não sabe por quê — disse Mordaine, e Narisse acrescentou:

— Há muito que você não sabe. Mas precisa saber.

— O que vocês querem? — inquiriu Mandein.

— Vocês. — Dermon passou os olhos pelos Aiel, dirigindo as palavras a todos. — Seja quem for o líder entre vocês, ele deve ir a Rhuidean para saber de onde viemos e por que vocês não portam espadas. Quem não puder aprender, não poderá viver.

— Suas Sábias falaram com vocês — disse Mordaine — ou não estariam aqui. Sabem que preço pagam os que se recusam.

Charendin foi abrindo caminho para avançar, os olhos cravados ora em Mandein, ora nos Jenn. Fora Mandein quem pusera aquela cicatriz franzida em seu rosto, e os dois quase se mataram três outras vezes.

— Basta ir até vocês? — indagou Charendin. — Quem de nós for até vocês comandará os Aiel?

— Não. — A palavra saiu feito um sussurro, mas com força suficiente para chegar a todos os ouvidos. Veio da Aes Sedai de olhos escuros, sentada na cadeira entalhada com um cobertor sobre as pernas, como se sentisse frio sob o sol escaldante. — Esse virá depois — disse. — A pedra que nunca cai cairá para anunciar sua chegada. Saído do sangue, mas não criado no sangue, ele virá de

Rhuidean ao amanhecer e unirá todos com elos que não poderão ser desfeitos. Ele os trará de volta e os destruirá.

Alguns chefes dos ramos fizeram menção de partir, mas nenhum avançou mais que alguns passos. Cada um escutara a Sábia de seu ramo. *Concordem, ou seremos destruídos como se nunca tivéssemos existido. Concordem, ou causaremos nossa própria destruição.*

— Que belo truque — gritou Charendin. Baixou a voz diante dos olhares das Aes Sedai, mas ainda falava com raiva. — Vocês querem ter controle sobre os ramos. Os Aiel não se ajoelham diante de homens ou mulheres. — Ele virou a cabeça de repente, evitando encarar as Aes Sedai. — De ninguém — murmurou.

— Não buscamos controle — retrucou Narisse.

— Nossos dias estão definhando — disse Mordaine. — Chegará o dia em que não haverá mais Jenn, e restarão apenas vocês para lembrar os Aiel. Vocês precisam permanecer, ou tudo será em vão e estará perdido.

A insipidez de sua voz, firme e tranquila, silenciou Charendin, mas Mandein ainda tinha uma pergunta.

— Por quê? Se você sabe da ruína, por que fazer isso? — Apontou para as estruturas que se erguiam a distância.

— É nosso propósito — respondeu Dermon, calmo. — Procuramos este lugar por longos anos, e agora o preparamos, ainda que não para o propósito que imaginávamos. Fazemos o que é necessário e mantemos a fé.

Mandein observou o rosto do homem. Não havia medo.

— Vocês são Aiel — disse, e quando alguns dos outros chefes arquejaram, ergueu a voz. — Vou até os Aiel Jenn.

— Não se pode entrar em Rhuidean armado — disse Dermon.

Mandein riu alto da temeridade do homem. Pedir a um Aiel que fosse desarmado. Ele largou as armas e deu um passo adiante.

— Leve-me até Rhuidean, Aiel. Farei frente à sua coragem.

Rand piscou os olhos sob a luz trêmula. Ele *tinha sido* Mandein, podia sentir o desprezo pelos Jenn dando lugar à admiração. Eram os Jenn Aiel, ou não eram? Pareciam iguais, altos, de olhos claros e rostos queimados pelo sol, vestidos nas mesmas roupas, mas sem os véus. Porém não portavam armas, apenas facas simples de cintura, próprias para o trabalho. Não havia algo como um Aiel sem armas.

Adentrara as colunas mais longe do que um simples passo poderia levar, estava mais perto de Muradin do que antes. O olhar fixo do Aiel se transformara em uma careta lúgubre.

Quando Rand se aproximou, a terra granulosa do chão arranhou as solas de suas botas.

Seu nome era Rhodric, e tinha quase vinte anos. O sol brilhava forte no céu, mas mantinha o véu erguido e os olhos alertas. As lanças estavam prontas — uma na mão direita, três no pequeno broquel de couro de boi — e ele também. Jeordam estava no baixio de grama marrom ao sul das colinas, onde a maior parte dos arbustos era frágil e murcha. O velho tinha cabelos brancos, feito aquela coisa chamada neve de que os antigos falavam, mas tinha olhos argutos, então observar os cavadores do poço erguendo bolsas cheias d'água não ocupava toda a sua atenção.

Montanhas se erguiam a norte e a leste. A cadeia a nordeste era alta, pontuda e de cumes brancos, mas parecia pequena se comparada às montanhas do leste. Elas faziam parecer que o mundo tentava tocar os céus, e talvez tentasse. Aquele branco seria neve? Não pretendia descobrir. Diante das circunstâncias, os Jenn teriam que virar a leste. Haviam trilhado rumo ao norte ao longo daquela muralha montanhosa por longos meses, arrastando penosamente os carroções atrás de si, tentando denegar os Aiel que os seguiam. Pelo menos encontraram água ao cruzar um rio, ainda que não muita. Já fazia anos que Rhodric não via um rio que não pudesse cruzar, a maioria era apenas barro seco e rachado, distante das montanhas. Torcia para que as chuvas viessem outra vez, que o verde crescesse outra vez. Lembrava-se de quando o mundo era verde.

Ouviu os cavalos antes de vê-los, três homens cavalgando pelas colinas marrons em camisas de couro com discos de metal costurados ao longo de todo o comprimento, dois com lanças. Conhecia o comandante. Era Garam, filho do chefe da cidade. Acabara de desaparecer pelo caminho de onde os outros vinham, não muito mais velho que ele. Eram cegos, esses cidadãos. Não viram os Aiel que se remexeram depois de sua passagem, logo voltando a ser quase invisíveis sobre a terra ressequida. Rhodric baixou o véu. Não haveria matança, a não ser que os cavaleiros começassem. Não se arrependia — não exatamente — mas não podia confiar em homens que viviam em casas e cidades. Houvera muitas batalhas com esses tipos. As histórias diziam que fora sempre assim.

Garam puxou as rédeas e ergueu a mão direita em saudação. Era um homem pequeno e de olhos escuros, assim como os dois acompanhantes, mas todos os três pareciam fortes e aptos.

— Ei, Rhodric. Seu povo já terminou de encher os cantis?

— Vejo você, Garam. — Manteve a voz firme e inexpressiva. Aquilo o incomodava, ver homens montados em cavalos era ainda pior do que vê-los portando espadas. Os Aiel possuíam animais de carga, mas havia algo de pouco natural em sentar-se em cima de um cavalo. As pernas de um homem bastavam. — Estamos perto. Seu pai retira a permissão para pegarmos água de suas terras? — Nenhuma outra terra

jamais concedera permissão. A água tinha de ser disputada se houvesse homens por perto, assim como tudo o mais. E, se havia água, havia homens por perto. Não seria fácil derrubar aqueles três sozinho. Mudou de posição, pronto para dançar e provavelmente morrer.

— Não retira — disse Garam. Nem percebera que Rhodric se remexera. — Temos uma nascente forte na cidade, e meu pai diz que, quando vocês forem embora, teremos os novos poços que cavaram até irmos embora também. Mas seu avô parecia querer saber se os outros começaram a se mudar, e começaram. — Ele se inclinou para a frente, com um cotovelo apoiado na sela. — Diga, Rhodric, eles são o mesmo povo que vocês?

— Eles são os Aiel Jenn. Nós somos os Aiel. Somos iguais, mas diferentes. Não posso explicar mais nada, Garam. — Ele mesmo não entendia muito bem.

— Para que lado estão indo? — perguntou Jeordam.

Rhodric curvou-se em uma mesura tranquila para seu avô. Ouvira o som de passos, o som de uma bota macia, e sabia que pertenciam a um Aiel. Mas os cidadãos não tinham notado a aproximação de Jeordam, e puxaram as rédeas com um solavanco, surpresos. Apenas o gesto lento de Garam impediu os outros dois de puxarem as lanças. Rhodric e seu avô aguardaram.

— Leste — disse Garam, depois de assumir o controle sobre o cavalo outra vez. — Cruzando a Espinha do Mundo. — Ele apontou para as montanhas que penetravam o céu.

Rhodric estremeceu, mas Jeordam disse, tranquilo:

— O que há do outro lado?

— O fim do mundo, pelo que sei — respondeu Garam. — Não sei muito bem se existe como atravessar a montanha. — Ele hesitou. — Os Jenn levam Aes Sedai com eles. Dezenas, pelo que ouvi dizer. Não acha desconfortável viajar perto de Aes Sedai? Ouvi dizer que o mundo era diferente, mas elas o destruíram.

As Aes Sedai deixavam Rhodric muito nervoso, mas ele manteve o rosto impassível. Eram apenas quatro, não dezenas, mas o bastante para fazê-lo recordar as histórias de que os Aiel haviam decepcionado as Aes Sedai de alguma forma que ninguém entendia. As Aes Sedai deviam saber, quase não saíram dos carroções dos Jenn durante o ano que se passara desde sua chegada, mas, quando saíam, olhavam os Aiel com tristeza. Rhodric não era o único que tentava evitá-las.

— Nós vigiamos os Jenn — disse Jeordam. — São eles que viajam com Aes Sedai.

Garam assentiu, como se aquilo fizesse diferença, depois inclinou-se outra vez para a frente e baixou a voz.

— Meu pai tem uma conselheira Aes Sedai, embora tente esconder isso da cidade. Ela disse que devemos sair dessas colinas e

rumar para o leste. Disse que os rios secos voltarão a correr, e que vamos construir uma grande cidade ao lado de um. Ela disse muitas coisas. Ouvi dizer que as Aes Sedai planejam erguer uma cidade, que encontraram Ogiers que vão erguê-la para elas. Ogiers! — Ele balançou a cabeça, saindo das lendas e voltando à realidade. — Acham que elas querem governar o mundo outra vez? As Aes Sedai? Acho que deveríamos matar todas antes que elas nos destruam de novo.

— Devem fazer o que acharem melhor. — A voz de Jeordam não dava pista de seus pensamentos. — Preciso aprontar meu povo para cruzar essas montanhas.

O homem de cabelos escuros se endireitou sobre a sela, claramente decepcionado. Rhodric suspeitou que ele quisesse a ajuda dos Aiel para matar as Aes Sedai.

— A Espinha do Mundo — disse Garam, de repente. — Tem outro nome. Alguns a chamam de Muralha do Dragão.

— Um nome apropriado — retrucou Jeordam.

Rhodric encarou as montanhas que se agigantavam a distância. Um nome apropriado para os Aiel. Seu próprio nome secreto, jamais revelado a ninguém, era Povo do Dragão. Ele não sabia por quê, só sabia que o nome não era pronunciado em voz alta, a não ser quando alguém recebia as lanças. O que havia para além da Muralha do Dragão? Pelo menos haveria gente com quem lutar. Sempre havia. No mundo inteiro, havia apenas Aiel, Jenn e inimigos. Apenas isso. Aiel, Jenn e inimigos.

A respiração de Rand saiu profunda e arranhada, como se ele tivesse passado A respiração de Rand saiu profunda e arranhada, como se ele tivesse passado horas sem respirar. Raios de luz ofuscantes subiam depressa pelas colunas à volta. As palavras ainda ecoavam em sua mente. Aiel, Jenn e inimigos, assim era o mundo. Aquele lugar não era o Deserto, sem dúvida. Ele tinha visto — e vivido — uma época antes de os Aiel chegarem à Terra da Trindade.

Estava ainda mais próximo de Muradin. Os olhos do Aiel se remexiam, incomodados, e ele parecia lutar para não dar o próximo passo.

Rand seguiu em frente.

Jeordam acocorou-se, confortável, na encosta coberta de branco, ignorando o frio e observando cinco pessoas caminharem a passos pesados em direção a ele. Três homens de mantos e duas mulheres em vestidos robustos atravessando a neve com dificuldade. O inverno deveria ter acabado havia tempos, segundo os antigos, mas eles contavam histórias sobre as estações não estarem se comportando da

forma habitual. Diziam também que nos velhos tempos a terra se sacudia, e as montanhas se erguiam ou afundavam, como quando alguém joga uma pedra em um laguinho no verão. Jeordam não acreditava. Tinha dezoito anos, nascera nas tendas, e aquela era a única vida que conhecia. A neve, as tendas e o dever de proteger.

Baixou o véu e levantou-se devagar, apoiado na lança longa para não assustar o povo no carroção, mas mesmo assim eles pararam de repente, encarando a lança, o arco atravessado em suas costas e a aljava na cintura. Nenhum parecia mais velho do que ele.

— Precisam de nós, Jenn? — gritou.

— Você nos chama assim para zombar — gritou de volta um homem alto de nariz pontudo — mas é verdade. *Somos* os únicos verdadeiros Aiel. Vocês abriram mão do Caminho.

— Isso é mentira! — bradou Jeordam, de repente. — Nunca ergui uma espada! — Ele respirou fundo para se acalmar. Não estava ali para se irritar com os Jenn. — Se estiverem perdidos, seus carroções estão para o lado de lá. — Apontou para o sul com a lança.

Uma mulher tocou o braço do homem de nariz pontudo e falou baixinho. Os outros assentiram, e, por fim, o homem fez o mesmo, embora relutante. Ela era bonita, tinha mechas de cabelo loiro escapando pelo xale escuro que envolvia o pescoço. Olhando para Jeordam, a mulher disse:

— Não estamos perdidos.

De repente ela o perscrutou, como se o visse pela primeira vez, e apertou o xale no corpo.

Ele assentiu, não achava que estivessem. Os Jenn sempre davam um jeito de evitar qualquer um que viesse das tendas, mesmo quando precisavam de ajuda. Os poucos que não evitavam se aproximavam apenas por desespero, em busca da ajuda que não podiam encontrar em nenhum outro lugar.

— Venham comigo.

As tendas de seu pai ficavam a uma milha de caminhada pelas colinas, contornos baixos parcialmente cobertos pela última nevada, que se agarrava às encostas. Seu povo olhava receoso para os recém-chegados, mas isso não os fez parar o que faziam, estivessem cozinhando, cuidando das armas, ou brincando de guerra de neve com uma criança. Jeordam tinha orgulho de seu ramo, formado por quase duzentos, o maior dos dez acampamentos espalhados ao norte dos carroções. Mas os Jenn não pareciam muito impressionados. Ele ficava irritado em ver que havia muitos mais Jenn que Aiel.

Lewin saiu de sua tenda, um homem alto, grisalho e de feições severas. Ele nunca sorria, pelo que diziam, e Jeordam nunca o vira sorrir. Talvez o homem sorrisse, antes de a mãe de Jeordam morrer por causa de uma febre, mas o rapaz achava que não.

A mulher de cabelos loiros — seu nome era Morin — contou uma história bem parecida com a que Jeordam esperava. Os Jenn haviam feito negócios com uma aldeia, um lugar com uma muralha de troncos, e os homens da aldeia voltaram durante a noite e tomaram de volta o que haviam trocado, além de levarem outras coisas. Os Jenn sempre achavam que podiam confiar no povo que morava em casas, achavam que o Caminho os protegeria. Os mortos foram enumerados — pais, uma mãe, irmãos-primeiros. Os reféns — irmãs-primeiras, uma irmã-da-mãe, uma filha. A última surpreendeu Jeordam. Foi Morin quem falou em tom amargo sobre uma filha de cinco anos levada para ser criada por alguma outra mulher. Analisando-a mais de perto, somou alguns anos à idade que pensara que Morin tivesse.

— Vamos trazê-los de volta — prometeu Lewin. Pegou uma pilha de lanças que lhe foi entregue e empurrou-as no chão, de ponta para baixo. — Podem ficar conosco, se desejarem, desde que estejam dispostos a defender a si mesmos e aos outros. Se ficarem, não poderão voltar aos carroções. — O sujeito de nariz pontudo se virou e retornou por onde haviam vindo. Lewin prosseguiu, era raro que apenas um fosse embora nesse momento. — Os que desejarem vir conosco até essa aldeia, peguem uma lança. Mas lembrem-se, se usarem a lança contra um homem, terão que ficar conosco. — Sua voz e seus olhos estavam petrificados. — Terão morrido para os Jenn.

Um dos homens restantes hesitou, mas cada um deles enfim puxou uma lança do chão. Morin também. Jeordam a encarou, boquiaberto, e até Lewin piscou.

— Não precisa pegar uma lança só para ficar — disse Lewin — ou para que tragamos seus familiares de volta. Pegar uma lança indica disposição para lutar, não apenas para se defender. Pode baixar, não precisa ter vergonha.

— Eles levaram minha filha — respondeu Morin.

Para espanto de Jeordam, Lewin mal pausou antes de assentir.

— Para tudo existe uma primeira vez. Para tudo. Então que seja.

O pai começou a dar pancadinhas nos ombros dos homens, caminhando pelos acampamentos e convocando-os a visitar a tal aldeia murada com troncos. Jeordam foi o primeiro. Desde que passou a ter idade suficiente para segurar uma lança, o pai sempre o escolhia em primeiro lugar. E nunca teria feito o contrário.

Morin estava tendo problemas com a lança, cujo cabo se embolara em suas longas saias.

— Você não precisa ir — disse Jeordam. — Nenhuma mulher nunca foi. Traremos sua filha de volta.

— Quero tirar Kirin de lá pessoalmente — respondeu ela, feroz. — Vocês não vão me impedir.

Que mulher teimosa.

— Nesse caso, deverá se vestir assim. — Ele apontou para o casaco e as calças que usava. — Não dá para cruzar as terras no meio da noite usando um vestido. — Então tomou a lança da mão da mulher antes que ela pudesse reagir. — Não é fácil aprender a lança. — Os dois homens que tinham vindo com ela, desajeitados ao receberem instruções, quase tropeçando nos próprios pés, eram prova disso. Jeordam pegou um machadinho e cortou um pedaço do cabo, deixando apenas quatro pés e mais quase um pé de lâmina. — Espete as pessoas com ela. Nada mais que isso. Só espete. O cabo também é usado para bloquear, mas vou encontrar alguma coisa para você usar de escudo na outra mão.

Ela o encarou de um jeito estranho.

— Quantos anos você tem? — perguntou, revelando ainda mais estranheza.

Jeordam lhe disse, e a mulher apenas assentiu, pensativa.

Depois de um instante, ele perguntou:

— Algum desses homens é seu marido?

Os dois Jenn ainda tropeçavam nas próprias lanças.

— Meu marido já está de luto por Kirin. Dá mais importância às árvores do que à própria filha.

— Árvores?

— As Árvores da Vida. — Jeordam ficou olhando para ela, atônito, e a mulher balançou a cabeça. — Três arvorezinhas plantadas em barris. Eles cuidam delas quase tão bem quanto de si mesmos. Pretendem plantá-las quando encontrarem um lugar seguro, dizem que os dias antigos retornarão quando isso acontecer. Eles. Eu disse eles. Está certo. Não sou mais Jenn. — Morin ergueu a lança de cabo encurtado. — Isso aqui agora é meu marido. — Encarando-o de perto, ela perguntou: — Se alguém levasse um filho seu, você ficaria falando do Caminho da Folha e do sofrimento que foi enviado para nos testar? — Jeordam balançou a cabeça, e a mulher completou: — Foi o que pensei. Você será um pai excelente. Agora me ensine a usar a lança.

Uma mulher estranha, porém bonita. Ele tomou a lança e começou a ensiná-la, explicando tudo o que fazia. A lança ficava ainda mais ágil e ligeira com o cabo curto.

Morin o observava com aquele sorriso estranho, mas a lança requeria toda a atenção de Jeordam.

— Vi seu rosto no sonho — disse a mulher, baixinho, mas ele não escutou.

Com uma lança daquelas, era mais rápido do que um homem com uma espada. No olho da mente, via os Aiel derrotando todos os homens com espadas. Ninguém ofereceria resistência. Ninguém.

Luzes cegantes piscaram pelas colunas de vidro. Muradin estava apenas um passo ou dois adiante, os dentes arreganhados, rosnando em silêncio. As colunas os levavam de volta para a história Aiel perdida no tempo. Os pés de Rand se moviam por vontade própria. Em frente. E voltando no tempo.

Lewin arrumou o véu no rosto e espiou o pequeno acampamento onde o carvão que sobrara de uma fogueira extinta ainda ardia sob uma panela de ferro. O vento trazia cheiro de cozido meio queimado. Montinhos de cobertores jaziam em volta do carvão ao luar. Não havia cavalos à vista. Desejou ter trazido um pouco de água, mas apenas as crianças tinham permissão de beber água fora das refeições. Ele se lembrou vagamente de um tempo em que havia mais água, quando os dias não eram tão quentes e secos, e o vento não soprava o tempo inteiro. A noite trazia apenas um pequeno alívio, trocando o sol vermelho, ardente e ígneo pelo frio. Apertou contra o corpo a capa feita de peles de cabra-selvagem que usava como cobertor.

Os companheiros tropeçaram mais para perto, enrolados em trouxas, como ele, chutando pedras e resmungando até ele ter certeza de que acordariam os homens embaixo. Lewin não reclamou, estava tão pouco acostumado quanto eles. Véus cobriam suas faces, mas ele podia distinguir quem era quem. Luca, cujos ombros tinham o dobro da largura dos outros, gostava de pregar peças. Gearan, desengonçado feito uma cegonha, o melhor corredor entre carroções. Charlin e Alijha, idênticos como reflexos, exceto pelo hábito de Charlin de inclinar a cabeça quando fica preocupado, como fazia no momento. A irmã deles, Colline, estava no acampamento lá embaixo. Assim como Maigran, irmã de Lewin.

Quando as mochilas das garotas foram encontradas no chão, destroçadas por uma luta, todos os outros se puseram de luto e seguiram em frente, como haviam feito tantas vezes. Até mesmo o avô de Lewin. Se Adan soubesse o que os cinco planejavam, teria impedido. Adan só fazia resmungar sobre manter a lealdade a Aes Sedai que Lewin jamais vira e tentar manter os Aiel vivos. Os Aiel como um povo, mas nenhum em particular. Nem mesmo Maigran.

— Eles estão em quatro — sussurrou Lewin. — As garotas estão deste lado da fogueira. Vou acordá-las sem fazer barulho, e nós as levaremos embora enquanto os homens estão dormindo. — Os amigos se entreolharam e assentiram. Achava que o grupo deveria ter bolado um plano antes, mas só conseguiam pensar em resgatar as garotas e em como sair dos carroções sem serem vistos. Não tinha certeza de que seriam capazes de seguir aqueles homens ou encontrá-los antes que retornassem à aldeia de onde haviam saído, um ajuntamento de

cabanas toscas de onde os Aiel foram expulsos a paus e pedras. Não haveria nada a fazer se os captores tivessem chegado tão longe.

— E se eles acabarem acordando? — perguntou Gearan.

— Não vou abandonar Colline — disse Charlin, bruscamente, e seu irmão acrescentou, mais baixo:

— Vamos levá-la de volta, Gearan.

— Vamos mesmo — concordou Lewin.

Luca cutucou a costela de Gearan, que assentiu.

Caminhar no escuro não era tarefa fácil. Galhos finos e secos se quebravam sob seus pés, pedras e seixos rolavam pela encosta ressequida diante deles. Quanto mais Lewin tentava se movimentar em silêncio, mais barulho parecia fazer. Luca caiu em um espinheiro que se despedaçou com um estalido alto, mas conseguiu se reerguer com apenas um arquejo. Charlin escorregou e foi deslizando para baixo, até a metade do caminho. No entanto, nada se movia no acampamento.

Lewin parou bem próximo aos homens que dormiam, trocou olhares ansiosos com os amigos, então adentrou o acampamento nas pontas dos pés. A própria respiração ressoava em seus ouvidos feito um trovão, alta como os roncos que vinham de uma das quatro saliências. Ele congelou quando os roncos altos pararam e uma das saliências se ergueu. O homem se ajeitou, o ronco recomeçou, e Lewin pôde respirar outra vez.

Com muito cuidado, agachou-se ao lado de um dos montinhos menores e levantou um cobertor de lã bruta, duro de terra. Maigran o encarou, o rosto ferido e inchado, o vestido todo rasgado, em trapos. Ele tapou a boca da menina com a mão para impedi-la de gritar, mas ela apenas continuou a encará-lo, atônita, sem nem piscar.

— Vou retalhar você feito um porco, garoto. — Um dos montinhos mais altos tombou para o lado, e um homem de barba desgrenhada e roupas imundas pôs-se de pé, segurando uma faca comprida que brilhava de leve sob o luar, captando o cintilar vermelho dos carvões. O homem chutou os montinhos de ambos os lados, gerando grunhidos e agitação. — Feito um porco. Você guincha, garoto, ou seu povo só sabe correr?

— Corra — disse Lewin, mas a irmã apenas o encarou, paralisada. Frenético, ele agarrou a menina pelos ombros e tentou puxá-la até onde os outros aguardavam. — Corra!

Ela saiu de debaixo dos cobertores, rígida, quase um peso morto. Colline estava acordada — ele conseguia ouvi-la choramingar — mas ela parecia apertar os cobertores sujos ainda mais contra o corpo, tentando se esconder sob eles. Maigran continuava parada, olhando para o nada, vendo nada.

— Parece que nem isso vocês sabem fazer.

Abrindo um sorriso largo, o homem começou a contornar a fogueira, mantendo a faca abaixada. Os outros estavam sentados nos cobertores, rindo e assistindo à cena.

Lewin não sabia o que fazer. Não podia deixar a irmã. Só poderia morrer. Talvez isso desse a Maigran uma chance de correr.

— Corra, Maigran! Por favor, corra! — A garota não se mexeu. Não parecia sequer ouvi-lo. O que haviam feito com ela?

O homem barbado se aproximou com muita calma, rindo, saboreando cada passo lento.

— Nãããããããooooooo! — Charlin irrompeu da escuridão com violência, abraçando o homem com a faca e derrubando-o no chão.

Os outros levantaram-se depressa. Um, cuja cabeça raspada reluzia à luz fraca, ergueu uma espada para golpear Charlin.

Lewin não entendeu bem como a coisa aconteceu. De alguma forma, conseguira erguer o caldeirão pesado pelo cabo de ferro e balançá-lo. Golpeou a cabeça raspada com um baque alto. O homem desabou, como se os ossos tivessem se liquefeito. Lewin cambaleou, tonto, tentando evitar o fogo, e caiu bem ao lado do homem, largando o panelão. Um homem escuro de cabelos trançados ergueu outra espada, pronto para furá-lo. Ele recuou de costas, feito uma aranha, os olhos cravados na lâmina afiada da espada, as mãos, frenéticas, buscando algo para conter o golpe do homem, um pedaço de pau, qualquer coisa. Sentiu a palma da mão tocar uma madeira redonda. Girou-a com força e a empurrou para cima do homem rosnento. Ele arregalou os olhos escuros, e seu punho largou a espada. O sangue jorrava da boca. Não era um pedaço de pau. Era uma lança.

As mãos de Lewin soltaram o cabo assim que percebeu o que era. Tarde demais. Rastejou para trás, tentando evitar que o homem caísse por cima dele, e o encarou, trêmulo. Um homem morto. Um homem morto por ele. O vento estava muito frio.

Depois de um tempo, começou a se perguntar por que nenhum dos outros o havia matado. Ficou surpreso em ver o restante dos amigos ali, em volta do carvão. Gearan, Luca e Alijha, ofegantes e de olhos arregalados por cima dos véus. Colline ainda soluçava e fungava sob o cobertor, e Maigran encarava os homens, paralisada. Charlin estava encolhido, ajoelhado, em posição fetal. Todos os quatro aldeões… Lewin olhou os corpos inertes e ensanguentados, um a um.

— Nós… os matamos. — A voz de Luca tremia. — Nós… Que a misericórdia da Luz esteja conosco.

Lewin rastejou até Charlin e tocou seu ombro.

— Está ferido?

O amigo desabou. As mãos, úmidas e vermelhas, agarravam-se ao cabo da faca cravada na barriga.

— Está doendo, Lewin — sussurrou. Ele estremeceu uma vez, e os

olhos pararam de ver.

— O que vamos fazer? — perguntou Gearan. — Charlin está morto, e nós… Luz, o que foi que fizemos? O que vamos fazer?

— Vamos levar as garotas de volta para os carroções. — Lewin não conseguia parar de encarar o olhar vidrado de Charlin. — Vamos fazer isso.

Reuniram tudo o que tinha utilidade, que era basicamente o panelão e as facas. Era difícil encontrar objetos de metal.

— Podemos muito bem fazer isso — disse Alijha, de repente. — Eles com certeza roubaram isso de alguém igual a nós.

Quando Alijha fez menção de pegar uma das espadas, Lewin o deteve.

— Não, Alijha. Isso é uma arma, feita para matar. Não tem outra finalidade. — Alijha ficou em silêncio, mas os olhos percorreram os quatro corpos e se fixaram nas lanças que Luca enrolava nos cobertores, para carregar o corpo de Charlin. Lewin se recusava a encarar os aldeões. — Uma lança pode pôr comida nas panelas, Alijha. Uma espada, não. É proibida pelo Caminho.

Alijha permaneceu em silêncio, mas Lewin pensou ter visto um olhar de desprezo por trás do véu. Ainda assim, quando todos enfim adentraram a noite, as espadas jaziam ao lado das fogueiras apagadas e dos homens mortos.

Foi uma longa caminhada de volta pela escuridão, carregando Charlin na maca improvisada, as rajadas de vento por vezes erguendo nuvens sufocantes de poeira. Maigran ia na frente, cambaleante, os olhos fixos adiante. Não sabia onde estava, nem quem eles eram. Colline parecia com medo, mesmo do próprio irmão, e pulava quando alguém a tocava. Não fora assim que Lewin imaginara o retorno. Em sua cabeça, as meninas estariam sorridentes, felizes em retornar aos carroções. Todos estariam gargalhando. Não carregando o corpo de Charlin. Não silenciados pelas lembranças do que haviam feito.

As luzes das fogueiras surgiram ao longe, depois os carroções, os arreios já estendidos para que os homens tomassem seus lugares ao nascer do sol. Ninguém deixava o abrigo dos carroções depois de anoitecer, por isso Lewin se surpreendeu ao ver três silhuetas correndo em direção a eles. Os cabelos brancos de Adan se destacavam na escuridão. As outras duas eram Nerrine, mãe de Colline, e Saralin, mãe dele e de Maigran. Lewin baixou o véu com um pressentimento ruim.

As mulheres correram para as filhas, com braços amorosos e murmúrios doces. Colline rendeu-se ao abraço da mãe com um suspiro delicado, Maigran mal pareceu notar Saralin, que encarava os hematomas no rosto da filha quase aos prantos.

Adan franziu o cenho para os jovens, as rugas permanentes de

preocupação formando sulcos profundos na face.

— Em nome da Luz, o que aconteceu? Quando vimos que vocês também tinham ido embora… — A voz do homem foi morrendo quando ele viu a maca que levava Charlin. — O que aconteceu? — perguntou ele outra vez, como se temesse a resposta.

Lewin abriu a boca devagar, mas Maigran falou primeiro:

— Eles os mataram. — Ela fixava o olhar em algo a distância e falava com a voz sincera de uma criança. — Os homens maus machucaram a gente. Eles… Depois Lewin chegou e matou todos.

— Não diga esse tipo de coisa, criança — retrucou Saralin, com delicadeza. — Você… — Ela parou, encarando a filha nos olhos, depois virou-se para olhar Lewin, indecisa. — Isso é…? Isso é verdade?

— Foi necessário — respondeu Alijha, com a voz cheia de pesar. — Eles tentaram nos matar. Mataram Charlin.

Adan deu um passo atrás.

— Vocês… mataram? Mataram *homens*? Mas e o Pacto? Nós não machucamos ninguém. Ninguém! Não há motivo para justificar a morte de outro ser humano. Nenhum!

— Eles levaram Maigran, avô — retrucou Lewin. — Levaram Maigran e Colline e as machucaram. Eles…

— Não há motivo! — vociferou Adan, tremendo de raiva. — Precisamos aceitar o que vem. Os sofrimentos são enviados para testar nossa lealdade. Nós aceitamos e resistimos! Não matamos! Vocês não se desgarraram do Caminho, vocês o abandonaram. Não são mais Da'shain. Foram corrompidos, e não permitirei que os Aiel sejam corrompidos por vocês. Deixem-nos, estranhos. Assassinos! Vocês não são bem-vindos nos carroções dos Aiel. — O homem deu as costas ao grupo e foi embora pisando firme, como se eles já não existissem. Saralin e Nerrine foram atrás em disparada, levando as meninas.

— Mãe — chamou Lewin, encolhendo-se quando ela virou o rosto para trás, encarando-o com olhos frios. — Mãe, por favor…

— Quem é você para se dirigir a mim dessa forma? Esconda seu rosto de mim, estranho. Já tive um filho, um dia, de rosto igual ao seu. Não desejo vê-lo em um assassino.

Ela levou Maigran atrás dos outros.

— Ainda sou Aiel — gritou Lewin, mas eles não olharam para trás. Pensou ter ouvido Luca chorando. O ventou soprou, remexendo a terra, e ele cobriu o rosto com o véu. — Eu sou Aiel!

O movimento rápido de luzes atingiu os olhos de Rand. A dor da perda de Lewin ainda o dominava, e sua mente se revolvia, furiosa. Lewin não estava armado. Não sabia como usar uma arma. A matança o aterrorizava. Não fazia sentido.

Estava quase ao lado de Muradin, mas o homem não o percebera. Muradin mantinha a boca contraída num rosnado, um riso forçado, e seu corpo tremia, como se ele quisesse correr.

Os pés de Rand o levaram em frente, e de volta.

26



Os dedicados

Em frente, e de volta.

Adan estava caído no vale de areia, agarrado aos filhos chorosos de seu filho morto, apertando os olhos deles no casaco esfarrapado. Lágrimas também corriam por seu rosto, mas silenciosas, enquanto observava a fronteira com cautela. Aos cinco e seis anos, Maigran e Lewin tinham o direito de chorar. Adan surpreendeu-se em ver que ainda restavam a ele algumas lágrimas.

Alguns carroções estavam pegando fogo. Os mortos jaziam onde haviam caído. Os cavalos já tinham sido retirados, exceto pelos ainda presos a alguns carroções, que tinham sido esvaziados no chão. Pela primeira vez, não notou os objetos encaixotados que as Aes Sedai haviam entregado aos cuidados dos Aiel, jogados de qualquer jeito no chão de terra. Não era a primeira vez que via aquilo, ou mesmo Aiel mortos, mas dessa vez não se importava. Os homens com espadas, lanças e arcos, os homens que haviam executado a matança, levavam os carroções vazios. Com mulheres. Viu Rhea, sua filha, sendo jogada em um deles junto às outras, onde ficavam, imprensadas feito animais, presas por assassinos às gargalhadas. A última de seus filhos. Elwin morrera de fome aos dez anos, Sorelle, aos vinte, da febre que os sonhos prenunciaram, e Jaren se atirou de um penhasco um ano antes, aos dezenove, quando descobriu que podia canalizar. Marind morrera aquela manhã.

Adan quis gritar. Quis correr até lá e impedi-los de levar sua última filha. Dar um jeito de impedi-los. E se surgisse de repente? Eles o matariam e levariam Rhea mesmo assim. Poderiam matar as

crianças, também. Alguns daqueles corpos espalhados no próprio sangue eram pequeninos.

Maigran agarrou-se a ele como se pressentisse que o avô poderia deixá-la, e Lewin se enrijeceu, como se quisesse abraçá-lo forte, mas se achasse velho demais. Adan alisou os cabelos dos dois e manteve os rostinhos apertados no casaco. Mas obrigou-se a assistir à cena, até os carroções seguirem caminho, rodeados de cavaleiros aos berros, até depois que os cavalos já estavam quase sumindo de vista rumo às montanhas fumegantes que se enfileiravam no horizonte.

Só então se levantou e soltou as crianças.

— Esperem por mim aqui — disse a elas. — Esperem até eu voltar.

Agarrados um ao outro, os dois o encararam com os rostos lívidos e molhados de lágrimas e assentiram, ainda em dúvida.

Ele caminhou até um dos corpos e o rolou para o lado com delicadeza. Siedre poderia estar dormindo, o rosto era o mesmo que ele via a seu lado todas as manhãs ao acordar. Era sempre uma surpresa notar os fios cinza nos cabelos acobreados. Ela era seu amor, sua vida, sempre jovem e nova para ele. Adan tentou não olhar o sangue que empapava a frente do vestido e a ferida aberta debaixo dos seios.

— O que vai fazer agora, Adan? Diga! O quê?

Ele afastou os cabelos de Siedre do rosto — ela gostava de se arrumar — e pôs-se de pé, virando devagar para confrontar o bando de homens raivosos e assustados. Sulwin era o líder, um homem alto e de olhos fundos. Ele deixara os cabelos crescerem, como se para disfarçar que era Aiel. Vários homens tinham feito o mesmo. Não fazia diferença, nem para esses últimos invasores, nem para os que haviam vindo antes.

— Vou enterrar nossos mortos e seguir em frente, Sulwin. — Ele voltou os olhos para Siedre outra vez. — O que mais há para fazer?

— Seguir em frente, Adan? Como é que podemos seguir em frente? Não temos cavalos. Quase não temos água nem comida. Tudo o que temos são carroções cheios de coisas que as Aes Sedai nunca mais vão voltar para pegar. O que são essas coisas, Adan? O que são, para termos de dar nossas vidas para levá-las pelo mundo, com medo até de tocá-las? Não podemos seguir em frente como antes!

— Podemos! — Gritou Adan. — E iremos! Temos pernas, temos costas. Vamos puxar os carroções, se for preciso. Seremos leais ao dever!

Ficou espantado ao ver o próprio punho em riste. Um punho. A mão tremia quando ele a abriu e baixou novamente.

Sulwin deu um passo atrás, depois recusou-se a ceder, mantendo-se firme com seus companheiros.

— Não, Adan. Nossa missão é encontrar um lugar seguro, e alguns de nós querem fazer isso. Meu avô contava histórias que ouvia quando garoto, de quando vivíamos seguros, e as pessoas vinham nos ouvir cantar. Queremos encontrar um lugar onde possamos viver em segurança e cantar outra vez.

— Cantar? — zombou Adan. — Também já ouvi essas velhas histórias, de que o canto dos Aiel era uma coisa magnífica, mas você, assim como eu, não conhece essas antigas canções. Elas já se foram. Não vamos abandonar o dever que temos com as Aes Sedai para sair em busca de algo que está perdido para sempre.

— Alguns de nós vão, Adan. — Os outros atrás de Sulwin assentiram. — Queremos encontrar este lugar seguro. E as canções. Nós vamos!

Um barulho fez Adan virar a cabeça. Outros comparsas de Sulwin estavam descarregando um dos carroções, e um caixote imenso desabara, abrindo um pouco e revelando o que parecia ser um batente de porta de pedra vermelha, escura e polida. Outros carroções estavam sendo esvaziados, por pessoas que não os amigos de Sulwin. Pelo menos um quarto das pessoas que via estava trabalhando duro para esvaziar os carroções de tudo o que não fosse água ou comida.

— Não tente nos impedir — advertiu Sulwin.

Adan abriu a mão que se fechara em punho outra vez.

— Vocês não são Aiel — disse. — Traíram tudo. Seja lá o que forem, não são mais Aiel!

— Nós seguimos o Caminho da Folha tão bem quanto você, Adan.

— Vão embora! — gritou o homem. — Vão! Vocês não são Aiel! Estão perdidos! Perdidos! Não quero mais olhar para vocês! Sumam!

Sulwin e os outros saíram correndo, aos tropeços, para bem longe dele.

Seu coração pesava mais e mais à medida que ia inspecionando os carroções e mortos que jaziam em meio à confusão. Tantos mortos, tantos feridos gemendo enquanto eram tratados. Sulwin e seus perdidos estavam ocupados em descarregar os carroções. Os homens que portavam espadas haviam aberto os caixotes, até que perceberam que não havia ouro ou comida dentro. Comida era mais preciosa que ouro. Adan analisou o batente de pedra, as pilhas de estatuetas de pedra amontoadas, as figuras estranhas de cristal ao lado dos vasos com mudas de árvores de cora, sem utilidade alguma para Sulwin e os outros. Havia propósito para algum daqueles objetos? Era para isso que estavam sendo leais? Se era, então que fosse. Poderiam salvar alguns. Não havia como dizer quais deles as Aes Sedai consideravam mais importantes, mas poderiam salvar alguns.

Viu Maigran e Lewin puxando a saia da mãe. Estava feliz em ver Saralin viva para cuidar deles. Seu último filho, marido dela, pai das

crianças, morrera naquela manhã, atingido pela primeira flecha. Poderiam salvar alguns. Ele salvaria os Aiel, não importava o custo.

Ele se ajoelhou e tomou Siedre nos braços.

— Ainda somos leais, Aes Sedai — sussurrou. — Por quanto tempo teremos que ser leais?

Então apoiou a cabeça entre os seios de sua esposa e chorou.

Lágrimas ardiam nos olhos de Rand. Em silêncio, apenas movendo os lábios, disse:

— *Siedre.*

O Caminho da Folha? Aquela não era uma crença Aiel. Ele não conseguia pensar direito. Mal conseguia pensar, na verdade. As luzes giravam cada vez mais depressa. A boca de Muradin, a seu lado, estava aberta em um uivo silencioso. O Aiel estava com os olhos arregalados, como se testemunhasse a morte de tudo. Juntos, os dois deram um passo à frente.

Jonai estava parado na beirada do despenhadeiro, olhando para oeste por sobre a água iluminada pelo sol. Comelle ficava a cem léguas naquela direção. Ficara. A cidade se estendia pelas montanhas que davam para o mar. Cem léguas a oeste, onde o mar agora corria. Se Alnora ainda estivesse viva, talvez fosse mais fácil suportar aquilo. Sem os sonhos dela, ele mal sabia aonde ir ou o que fazer. Sem ela, ele pouco se importava em viver. Sentia cada fio de cabelo grisalho ao se arrastar penosamente de volta aos carroções, que aguardavam a uma milha de distância. Menos carroções agora, e deteriorados. Menos gente, também, alguns poucos milhares, e antes havia dezenas. Mas ainda eram muitos, para os carroções que restavam. Ninguém mais cavalgava, exceto as crianças pequenas demais para caminhar.

Adan o encontrou no primeiro carroção. Era um jovem alto, de olhos azuis bastante cautelosos. Jonai sempre esperava ver Willim, quando se virava depressa. Mas Willim fora mandado embora, claro, anos antes, quando começou a canalizar, mesmo tentando se conter. Ainda havia muitos homens capazes de canalizar no mundo, e eles precisavam mandar embora os meninos que exibiam os sinais. Era preciso. Mas desejava ter os filhos de volta. Quando foi que que Esole morrera? Tão pequeno para jazer em uma cova cavada às pressas, corroído por uma doença que Aes Sedai nenhuma podia Curar.

— Os Ogier chegaram, pai — disse Adan, animado. Jonai suspeitou que o filho sempre tivesse achado que as histórias de Ogier eram apenas histórias. — Vieram do norte.

Adan o conduziu a um bando sujo e enlameado de não mais de cinquenta Ogiers, com rostos fundos, olhos tristes e orelhas peludas esmorecidas. Ele se acostumara com as feições tensas e exauridas e as

roupas remendadas do próprio povo, mas ver o mesmo nos Ogier o deixara chocado. No entanto, tinha gente de quem cuidar e seu dever com as Aes Sedai. Quanto tempo fazia que não via uma Aes Sedai? Logo depois que Alnora morrera. Tarde demais para Alnora. A mulher havia Curado os doentes que ainda viviam, recolhido alguns dos *sa'angreal* e seguido seu caminho, dando uma risada amarga quando ele perguntou em que lugar poderiam ficar seguros. O vestido dela estava remendado e gasto na bainha. Jonai não soube dizer se a mulher estava lúcida. Ela afirmou que um dos Abandonados estava preso, mas apenas em parte, ou talvez na verdade nem estivesse. Ishamael ainda tocava o mundo, dissera a mulher. Só podia estar tão louca quanto os Aes Sedai homens restantes.

Voltou o pensamento outra vez aos Ogier, parados ali, com as pernas compridas bamboleando. Suas ideias vagavam demais, desde a morte de Alnora. Eles tinham pães e tigelas nas mãos. Jonai ficou chocado em sentir uma pontada de raiva por alguém ter compartilhado o parco estoque de comida. Quantas pessoas de seu povo daria para alimentar com o que cinquenta Ogier consumiam? Não. O certo era dividir. Dar, de graça. Cem pessoas? Duzentas?

— Vocês têm mudas de cora — disse um dos Ogier. Os dedos grossos percorreram delicadamente os trevos das duas plantas em vasos presos a um carroção.

— Alguns — respondeu Adan, com rudeza. — Elas morrem, mas o povo antigo corta novas antes de morrerem de vez. — Ele não tinha tempo para árvores. Tinha um povo para cuidar. — Como estão as coisas no norte?

— Ruins — respondeu uma mulher Ogier. — As Terras Praguejadas cresceram para o sul, e há Myrddraal e Trollocs.

— Pensei que estivessem todos mortos.

Então não deviam ir para o norte. Não podiam ir para lá. E o sul? O Mar de Jeren ficava dez dias a sul. Ou será que ainda ficava? Estava cansado. Tão cansado.

— Vocês vieram do leste? — perguntou outro Ogier. Ele limpou a tigela com uma ponta de pão e engoliu. — Como estão as coisas por lá?

— Ruins — respondeu Jonai. — Mas talvez não tanto para vocês. Dez, não, vinte dias atrás, umas pessoas pegaram um terço dos nossos cavalos antes de conseguirmos fugir. Tivemos que abandonar os carroções. — Aquilo o afligia. Carroções deixados para trás, junto com o que havia neles. As coisas que as Aes Sedai haviam entregado aos cuidados dos Aiel, abandonadas. E não era a primeira vez, o que só tornava tudo pior. — Quase todo mundo que conhecemos leva coisas, leva o que deseja. Mas talvez não ajam assim com os Ogier.

— Talvez — disse uma mulher Ogier, como se não acreditasse.

Jonai também não sabia muito bem se acreditava, não havia lugar seguro. — Sabe onde fica algum dos *pousos*?

Jonai a encarou.

— Não. Não, não sei. Mas sem dúvida vocês vão conseguir encontrar.

— Já viajamos para tão longe, por tanto tempo — disse um Ogier, nos fundos do aglomerado.

— A terra já mudou tanto — acrescentou outro, em um ressoar lamentoso.

— Acho que precisamos encontrar um *pouso* logo, ou vamos morrer — completou a primeira Ogier. — Sinto uma… Saudade em meus ossos. Precisamos encontrar um *pouso*. Precisamos.

— Não posso ajudá-los — respondeu Jonai com tristeza.

Sentia um aperto no peito. A terra mudava tanto que já estava irreconhecível, a planície percorrida no ano anterior poderiam ser as montanhas de hoje. As Terras Praguejadas cresciam. Myrddraal e Trollocs ainda vivos. Gente roubando, gente com cara de animais, gente que não reconhecia Da'shain, que sequer os conhecia. Ele mal conseguia respirar. Os Ogier, perdidos. Os Aiel, perdidos. Tudo perdido. O aperto tornou-se dor, e ele caiu de joelhos e se encolheu, agarrando o peito. Um punho comprimia seu coração com força.

Adan ajoelhou-se ao lado dele, preocupado.

— Pai, o que houve? Qual é o problema? O que posso fazer?

Jonai conseguiu agarrar a gola puída do filho e puxou seu rosto para perto.

— Leve… o povo… para o sul. — Precisou se forçar a expelir as palavras, entre espasmos que pareciam rasgar o coração.

— Pai, é o senhor que…

— Escute! Escute! Leve-os… para o sul. Leve… os Aiel… para a segurança. Mantenha… o Pacto. Cuide… do que as Aes Sedai… nos deram… até… elas voltarem para buscar. O Caminho… da Folha. Você precisa…

Ele tinha tentado. Solinda Sedai precisava entender. Ele tinha tentado. Alnora.

Alnora. O nome foi morrendo, e a dor no peito de Rand, aliviando. Não fazia sentido. Nenhum sentido. Como esse povo poderia ser Aiel?

As colunas piscavam em lampejos cegantes. O ar revolvia e turbilhonava.

Ao lado dele, Muradin mantinha a boca esticada, em um esforço para gritar. O Aiel agarrou o véu, agarrou o próprio rosto, deixando arranhões profundos e ensanguentados.

À frente.

Jonai correu pelas ruas vazias, tentando não olhar os prédios depredados e as árvores cora mortas. Todas mortas. O último dos compridos carros jo abandonados fora arrastado para longe. Os abalos secundários ainda agitavam o solo sob seus pés. Ele usava as roupas de trabalho, o *cadin'sor*, naturalmente, embora o trabalho que recebera não fosse nada para o qual tivesse sido treinado. Tinha sessenta e três anos, estava no auge da vida, ainda sem idade para cabelos brancos, mas se sentia um velho cansado.

Ninguém questionou seu ingresso no Salão dos Servos, não havia vivalma na enorme entrada colunada para fazer perguntas ou dar as boas-vindas. Muita gente se agitava do lado de dentro, os braços cheios de papéis ou caixas, os olhos ansiosos, mas ninguém sequer olhou para ele. Havia uma sensação de pânico nas pessoas, que aumentava de forma perceptível cada vez que o chão tremia. Angustiado, ele cruzou a antessala e subiu as escadas correndo. A lama sujou a pedra branca marmorizada. Ninguém podia perder tempo. Talvez ninguém se importasse.

Não havia necessidade de bater à porta que procurava. Não era nenhuma das grandes portas douradas que davam para um salão central, mas uma porta lisa e discreta. Mas ele entrou sem fazer barulho, e ficou feliz por ter feito isso. Havia meia dúzia de Aes Sedai ao redor da mesa comprida, e pareciam não perceber o tremor do edifício. Eram todas mulheres.

Ele sentiu um arrepio ao pensar se algum dia os homens poderiam participar de uma reunião como aquela. Quando viu o que havia na mesa, o arrepio transformou-se em tremor. Uma espada de cristal — talvez um objeto do Poder, talvez apenas um enfeite, não tinha como dizer — fixava o estandarte do Dragão de Lews Therin Fratricida, estirado feito uma toalha de mesa e espalhado no chão. Seu coração enrijeceu. O que aquilo estava fazendo ali? Por que não fora destruído, junto com a memória daquele homem amaldiçoado?

— De que adiantam suas Previsões — quase gritava Oselle — se não pode dizer quando? — Ela balançava os longos cabelos negros ao tremer de raiva. — O mundo depende disso! O futuro! A própria Roda!

Deindre, de olhos escuros, a encarou com uma calma mais corriqueira.

— Eu não sou o Criador. Só posso dizer o que Prevejo.

— Paz, irmãs. — Solinda era a mais calma de todas, o antigo vestido de estraite era uma névoa azul-clara. Os cabelos acobreados que caíam por sobre os quadris eram quase da cor dos dele. Seu avô servira a ela quando jovem, mas a mulher parecia mais moça do que ele, pois era Aes Sedai. — O tempo de disputas entre nós passou. Jaric

e Haindar estarão aqui amanhã.

— O que significa que não podemos nos permitir cometer erros, Solinda.

— Temos que saber…

— Há alguma chance de…?

Jonai parou de escutar. Elas o veriam quando estivessem prontas. Não era o único no salão, além das Aes Sedai. Someshta estava encostado na parede perto da porta, uma forma gigantesca que parecia feita de vinhas e folhas. Mesmo sentado, a cabeça dele batia um pouco acima da de Jonai. Uma fissura seca, chamuscada de marrom e preto, corria pelo rosto do Nym e formava um sulco na grama verde de seus cabelos. Quando ele encarou Jonai, os olhos de avelã demonstraram preocupação.

O homem assentiu para ele, e o Nym tocou a fissura e franziu o cenho.

— Conheço você? — perguntou, baixinho.

— Sou seu amigo — respondeu Jonai, com tristeza. Não via Someshta havia anos, mas tinha ouvido falar. A maioria dos Nym estava morta, pelo que ouvira. — O senhor me carregou nos ombros quando eu era pequeno. Não se lembra?

— Cantoria — respondeu Someshta. — Havia cantoria? Tanta coisa já se foi. As Aes Sedai dizem que algumas retornarão. Você é um Filho do Dragão, não é?

Jonai estremeceu. Aquele nome já causara problemas, ainda mais porque não era verdadeiro. Mas quantos cidadãos agora acreditavam que os Aiel Da'shain um dia haviam servido apenas ao Dragão, nenhum outro Aes Sedai?

— Jonai?

Ele se virou ao ouvir a voz de Solinda e ajoelhou-se enquanto ela se aproximava. As outras ainda debatiam, porém em um tom mais baixo.

— Está tudo pronto, Jonai? — indagou a mulher.

— Tudo, Aes Sedai. Solinda Sedai… — Ele hesitou e respirou fundo. — Solinda Sedai, alguns de nós desejam permanecer. Ainda podemos servir.

— Você sabe o que aconteceu com os Aiel em Tzora? — Jonai assentiu, e a mulher deu um suspiro e estendeu o braço para afagar seus cabelos curtos, como se ele fosse uma criança. — É claro que sabe. Vocês Da'shain têm mais coragem do que… Dez mil Aiel de braços dados, cantando, tentando fazer um louco se lembrar de quem eram e de quem ele havia sido, tentando transformá-lo com seus corpos e uma canção. Jaric Mondoran os matou. Ele ficou ali parado, olhando, como se aquilo fosse um quebra-cabeças, matando todos, e os Aiel continuaram apertando as fileiras e cantando. Ouvi dizer que

ele escutou o último Aiel por quase uma hora, antes de aniquilá-lo. Depois disso, Tzora ardeu em chamas, um fogaréu que consumiu pedra, metal e carne. Há uma folha de vidro onde um dia existiu a segunda maior cidade do mundo.

— Muita gente teve tempo de fugir, Aes Sedai. Os Da'shain ganharam tempo para fugir. Não temos medo.

Solinda apertou a mão nos cabelos no homem, cheia de pesar.

— Os cidadãos já fugiram para Paaren Disen, Jonai. Além do mais, os Da'shain ainda têm um papel a desempenhar, se pelo menos Deindre conseguisse ver o suficiente para dizer o que é. Pretendo salvar algo daqui, e esse algo é você.

— Como quiser — respondeu ele, relutante. — Vamos cuidar do que vocês nos confiaram até que voltem para buscar.

— É claro. As coisas que demos a vocês. — Ela sorriu para ele e abriu a mão, alisando os cabelos mais uma vez antes de entrelaçar os dedos na outra mão. — Vocês levarão as… coisas… para um lugar seguro, Jonai. Continuem andando, sempre andando, até encontrarem um local seguro, onde ninguém possa lhes fazer mal.

— Como quiser, Aes Sedai.

— E Coumin, Jonai? Ele está mais calmo?

A única alternativa era contar a ela. Preferia arrancar a própria língua.

— Meu pai está escondido em algum lugar da cidade. Ele tentou nos convencer a… resistir. Ele não escuta, Aes Sedai. Não escuta. Encontrou uma lança de choque em algum lugar e…

Jonai não conseguia continuar. Achou que a mulher fosse ficar irritada, mas os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Mantenha o Pacto, Jonai. Se os Da'shain perderem todo o resto, garanta a continuidade do Caminho da Folha. Prometa isso.

— Claro, Aes Sedai — respondeu, chocado. O Pacto era os Aiel, e os Aiel eram o Pacto. Abandonar o Caminho seria abandonar sua essência. Coumin era uma aberração. O pai estava estranho desde que Jonai era criança, pelo que diziam, quase não era Aiel, embora ninguém soubesse por quê.

— Então vá, Jonai. Quero você longe de Paaren Disen até amanhã. E não se esqueça: continue andando. Proteja os Aiel.

Ele fez uma mesura onde estava, ajoelhado, mas Solinda já voltara para o debate.

— Podemos confiar em Kodam e seus companheiros, Solinda?

— Temos que confiar, Oselle. Eles são jovens e inexperientes, mas ainda não foram tocados pela mácula, e… não temos escolha.

— Então faremos o que for preciso. A espada deve esperar. Someshta, temos uma tarefa para o último dos Nym, se você puder cuidar disso. Já pedimos bastante a você, mas agora precisamos pedir

mais.

Jonai retirou-se com uma mesura formal enquanto o Nym se levantava, a cabeça roçando no teto. Já imersas nos próprios planos, as Aes Sedai não olharam para ele, que lhes dispensou a última honraria mesmo assim. Achava que não as veria nunca mais.

Ele saiu correndo do Salão dos Servos e seguiu até a cidade, onde a grande multidão aguardava. Milhares de carroções estendiam-se em dez fileiras, por mais de duas léguas, carroções abarrotados de comida e barris de água, carroções carregados com os caixotes que as Aes Sedai haviam confiado aos Aiel — *angreal*, *sa'angreal* e *ter'angreal*, todas as coisas que tinham de ser mantidas longe das mãos dos homens, que enlouqueciam quando manejavam o Poder Único. Antes havia outras formas de carregá-los: carros jo, saltadores, moscardos e imensas asas sho. Agora, tinham de se contentar com carroções e cavalos reunidos a muito custo. Havia gente entre os carroções. Estavam em número suficiente para encher uma cidade, mas talvez fossem todos os Aiel vivos que restavam no mundo.

Cem vieram ao seu encontro, homens e mulheres, representantes que exigiam saber se as Aes Sedai haviam concedido permissão para que alguns ficassem.

— Não — disse. Alguns franziram o rosto, relutantes, e ele acrescentou: — Temos que obedecer. Somos Aiel Da'shain e obedecemos os Aes Sedai.

Eles se dispersaram lentamente de volta para os carroções, e Jonai pensou ter ouvido alguém mencionar o nome de Coumin, mas não podia deixar que aquilo o atormentasse. Correu até o próprio carroção, na dianteira de uma das fileiras centrais. Os cavalos estavam nervosos com os tremores intervalados do chão.

Os filhos já estavam sentados — Willim, de quinze, com as rédeas, e Adan, de dez, ao lado dele, ambos com sorrisos escancarados de nervosismo e empolgação. A pequena Esole brincava com uma boneca em cima da lona que cobria os pertences da família — e o mais importante, a carga das Aes Sedai. Não havia espaço para ninguém além dos jovens e dos muito velhos. Havia uma dúzia de mudas de cora com raízes em potes de barro, acomodados atrás do assento do carroção, para serem plantados quando encontrassem um local seguro. Uma coisa tola de levar, talvez, mas cada carroção continha potes com as mudas. Era algo de um tempo havia muito acabado, símbolo de um tempo melhor por vir. O povo precisava de esperança e de símbolos.

Alnora aguardava ao lado dos animais, os cabelos negros e brilhosos caindo por sobre os ombros, fazendo com que Jonai se lembrasse da primeira vez que a vira, quando menina. Mas no momento havia rugas de preocupação em volta dos olhos da esposa.

Tentou abrir um sorriso, escondendo a preocupação no próprio

coração.

— Tudo vai ficar bem, esposa do meu coração. — Ela não respondeu, e Jonai acrescentou: — Você sonhou?

— Há algum tempo que não acontece — murmurou a mulher. — Tudo vai ficar bem, tudo vai ficar bem, e toda sorte de coisas vai ficar bem. — Com um sorriso trêmulo, ela tocou seu rosto. — Com você, eu sei que vai ser assim, marido do meu coração.

Jonai acenou por cima da cabeça, e o sinal ondulou pelas fileiras. Lentamente, os carroções começaram a se movimentar, e os Aiel começaram a deixar Paaren Disen.

Rand balançou a cabeça. Era demais. Lembranças juntas, amontoadas. O ar parecia repleto de relâmpagos difusos. O vento levantava a poeira e a transformava em redemoinhos dançantes. Muradin tinha sulcos profundos na face. Agora, suas unhas penetravam os olhos. À frente.

Coumin ajoelhou-se na beira do chão arado vestindo as roupas de trabalho — um casaco liso cinza-amarronzado, calças e botas macias de cadarço. Estava ao lado de outros vestidos como ele, rodeando o campo, dez homens dos Aiel Da'shain a dois braços de distância um do outro e um Ogier formavam um círculo. Dava para ver o campo seguinte, com pessoas dispostas da mesma forma, à frente dos soldados com lanças de choque largadas em cima dos carros jo blindados. Um moscardo zunia, patrulhando acima, uma vespa de metal mortífera com dois homens dentro. Ele tinha dezesseis anos, e as mulheres haviam decidido que sua voz enfim estava grave o suficiente para que participasse das canções de semeadura.

Os soldados o deixavam fascinado, humanos e Ogier — talvez fosse o mesmo fascínio exercido por uma cobra venenosa multicolorida. Eles *matavam*. O avô de seu pai, Charn, alegava que nos tempos de outrora não havia soldados, mas Coumin não acreditava. Se não havia soldados, quem impedia os Cavaleiros da Noite e os Trollocs de matarem todo mundo? É claro que Charn dizia que naquela época também não havia Myrddraals ou Trollocs. Nenhum Abandonado, nenhum Forjado das Sombras. Muitas histórias que ele contava eram de uma época antes dos soldados, dos Cavaleiros da Noite e dos Trollocs, quando dizia que o Senhor do Túmulo estava preso bem longe e ninguém sabia seu nome ou conhecia a palavra "guerra". Coumin não conseguia imaginar um mundo desses, a guerra já era antiga quando nascera.

Ele gostava das histórias de Charn, mesmo sem acreditar nelas, mas algumas rendiam ao velho umas broncas e caras feias. Como quando alegou ter servido a um dos Abandonados. Não qualquer

Abandonado, mas Lanfear em pessoa. E também disse que servira a Ishamael. Se Charn precisava inventar histórias, Coumin preferia que dissesse que serviu ao próprio Lews Therin, o grande líder. Decerto todos perguntariam por que não estava servindo ao Dragão agora, mas isso já melhoraria as coisas. Coumin não gostava da forma como os cidadãos encaravam Charn, quando ele dizia que Lanfear nem sempre fora má.

Um burburinho no extremo do campo revelou que o Nym se aproximava. A grande figura, de cabeça, ombros e peito mais altos que qualquer Ogier, pisou no chão cheio de sementes, e Coumin não precisou olhar para saber que ele deixava pegadas cheias de brotos. Era Someshta, rodeado por nuvens de borboletas brancas, amarelas e azuis. Murmúrios entusiasmados surgiram entre os cidadãos e os donos dos campos, ali reunidos para assistir. Cada campo teria seu próprio Nym.

Coumin se perguntou se poderia falar com Someshta sobre as histórias de Charn. Tinha conversado uma vez com o Nym, e Someshta já tinha idade para saber se Charn dizia ou não a verdade — os Nym eram mais velhos que todos. Alguns diziam que eles não morriam, pelo menos não enquanto as plantas continuavam crescendo. Mas aquela não era hora de pensar em questionar um Nym.

O Ogier começou, como era apropriado, ficando de pé para cantar, os sons graves ressoavam feito o ribombar da terra. Os Aiel se levantaram, e vozes masculinas se elevaram na própria canção, e mesmo os mais graves eram um tom mais agudo que o do Ogier. Ainda assim, as canções se entrelaçaram, e Someshta trançou as tramas em sua dança, deslizando pelo campo em passos impetuosos, os braços abertos, as borboletas voejando ao redor, pousando nos dedos espalmados.

Coumin conseguia ouvir as canções de semeadura nos outros campos, as mulheres batendo palmas para encorajar os homens, no ritmo da batida de uma nova vida, mas aquele conhecimento estava longe dele. A música o arrebatou, e Coumin quase sentiu que era a ele, não aos sons que emitia, que Someshta urdia sob o solo e ao redor das árvores. Já não eram sementes. Brotos de zemai cobriam o campo, maiores onde o pé do Nym pisara. Praga nenhuma tocaria aquelas plantas, inseto algum. Depois de cantadas, elas cresceriam até o dobro da altura de um homem e encheriam os celeiros. Fora para isso que ele nascera, para aquela e as outras canções de semeadura. Não lamentava o fato de os Aes Sedai o terem recusado aos dez anos de idade, alegando que ele não tinha o poder. Seria maravilhoso se tornar Aes Sedai, mas sem dúvida não mais incrível do que aquele momento.

A canção foi morrendo aos poucos, os Aiel conduzindo o final. Someshta dançou mais alguns passos depois que as vozes cessaram, e

a canção ainda parecia pairar de leve no ar, enquanto ele se movia. Então o Nym parou, e estava acabado.

Coumin ficou surpreso em ver que o povo da cidade fora embora, mas não teve tempo para se perguntar aonde tinham ido ou por quê. As mulheres vinham, risonhas, parabenizar os homens. Ele era um dos homens agora, não mais um garoto, embora as mulheres se alternassem entre beijos em seus lábios e afagos nos cabelos curtos e ruivos.

Foi então que viu o soldado, apenas algumas passadas à frente, a observá-los. Deixara em algum lugar a lança de choque e a capa de batalha de tecido fluido, mas ainda usava o capacete — parecia a cabeça de algum inseto monstruoso cujo maxilar escondia a face do homem, mesmo com a viseira antichoque levantada. Como se percebesse que ainda chamava a atenção, o soldado arrancou o capacete, revelando um rapaz jovem e escuro, não mais de quatro ou cinco anos mais velho que Coumin. Os olhos castanhos do soldado, sem nunca piscar, encontraram os dele, e Coumin sentiu um tremor. O rosto era apenas quatro ou cinco anos mais velho, mas aqueles olhos… O soldado devia ter sido selecionado para começar o treinamento aos dez. Coumin ficou feliz de os Aiel serem poupados da seleção.

Um dos Ogier, se aproximou. Era Thomada, com as orelhas peludas inclinadas para frente, curiosas.

— Trouxe notícias, homem da guerra? Percebi a animação nos carros jo, enquanto cantávamos.

O soldado hesitou.

— Acho que posso dizer, embora não tenha sido confirmado. Fomos informados de que Lews Therin conduziu os Companheiros a um ataque em Shayol Ghul, hoje de manhã cedo. Algo está atrapalhando a comunicação, mas a informação é de que o Bore foi selado com a maior parte dos Abandonados do lado de lá. Talvez todos.

— Então acabou. — Thomada suspirou. — Enfim acabou, que a Luz seja louvada.

— Sim. — O soldado olhou em volta, parecendo perdido de repente. — Acho que sim. Eu acho… — Ele olhou as próprias mãos, depois deixou-as desabar outra vez ao lado do corpo. Parecia cansado. — O povo local mal podia esperar para comemorar. Se a notícia for verdade, a comemoração pode durar dias. Será que…? Não, não vão querer soldados se juntando a eles. E vocês?

— Para hoje à noite, talvez — respondeu Thomada. — Mas temos mais três cidades para visitar antes de completar o circuito.

— É claro. Vocês ainda têm trabalho a fazer. Ainda têm isso. — O soldado olhou outra vez ao redor. — Ainda há Trollocs. Mesmo que os Abandonados tenham ido embora, ainda há Trollocs. E Cavaleiros da

Noite. — Assentindo para si mesmo, o homem começou a voltar para os carros jo.

Thomada não parecia nem um pouco animado, mas Coumin sentia-se tão atônito quanto o jovem soldado. A guerra tinha terminado? Como seria o mundo, sem guerra? De súbito, precisou falar com Charn.

Os sons da festança vieram encontrá-lo antes que chegasse à cidade — risos, cantoria. Os sinos da torre da prefeitura começaram a ressoar, exuberantes. O povo dançava nas ruas, homens, mulheres e crianças. Coumin abria caminho entre eles, à procura. Charn escolhera ficar em uma das estalagens onde os Aiel estavam hospedados, em vez de participar da cantoria — nem as Aes Sedai podiam fazer algo pelas dores em seus velhos joelhos — mas decerto sairia para ver isso.

De repente Coumin sentiu algo golpear sua boca, e as pernas cederam. Ele desabou de joelhos antes de perceber que estava caído. A mão que levou à boca retornou ensanguentada. Olhou para cima e deparou-se com um cidadão enraivecido de pé diante dele, alisando o punho.

— Por que você fez isso? — perguntou.

O cidadão cuspiu nele.

— Os Abandonados estão mortos. Mortos, está me ouvindo? Lanfear não vai mais proteger você. Extirparemos todos vocês que serviam aos Abandonados enquanto fingiam estar do nosso lado e trataremos todos que nem tratamos aquele velho maluco.

Uma mulher puxava o braço do homem.

— Venha, Thoma. Vamos embora, e segure essa sua língua besta! Quer que os Ogier venham atrás de você?

Parecendo desconfiado de repente, o homem deixou que ela o puxasse em direção à multidão.

Coumin levantou-se com dificuldade e começou a correr, sem dar atenção ao sangue que jorrava pelo queixo.

A estalagem estava vazia, silenciosa. Nem mesmo o estalajadeiro estava lá, e nem a cozinheira e suas ajudantes. Coumin correu pelo edifício, gritando:

— Charn? Charn? *Charn?*

Nos fundos, talvez. Charn gostava de sentar-se debaixo das árvores de maçã-picante atrás da estalagem e contar histórias sobre sua juventude.

Coumin correu até a porta dos fundos, tropeçou e caiu de cara no chão. Era uma bota descalçada que estava no caminho. Uma das botas vermelhas que Charn usava o tempo inteiro, agora que não participava mais da cantoria. Algo fez Coumin olhar para cima.

O corpo de Charn, de cabelos brancos, pendia de uma corda amarrada na cumeeira, um pé sem a bota que ele descalçara aos

chutes, os dedos de uma das mãos agarrados com força ao pescoço, tentando soltar a corda.

— Por quê? — perguntou Coumin. — Somos Da'shain. Por quê?

Não havia ninguém para responder. Ele apertou a bota contra o peito, ajoelhou-se e ficou ali, encarando Charn, enquanto o som da festança o envolvia.

Rand estremeceu. A luz das colunas era um azul enevoado e tremulante que parecia sólido, parecia agarrar seus nervos e arrancá-los da pele. O vento uivou, um redemoinho vasto a sugá-lo para dentro. Muradin conseguira pôr o véu, e as órbitas ensanguentadas encaravam às cegas por cima do tecido negro. O Aiel mastigava alguma coisa, uma espuma sangrenta escorria pelo peito. À frente.

Charn descia pela lateral da rua ampla e lotada, andando debaixo das árvores de cora, os trevos espalhando paz e alegria nas sombras dos prédios prateados que tocavam o céu. Uma cidade sem coras seria triste como um descampado. Carros jo zuniam baixinho pela rua, e grandes asas sho brancas disparavam pelo céu, levando cidadãos a Comelle, Tzora ou algum outro lugar. Era raro ele usar as asas — se precisasse ir para muito longe, em geral uma Aes Sedai viajava junto — mas naquela noite iria para M'jinn. Era seu vigésimo-quinto dia do nome, e naquela noite pretendia aceitar o último pedido de casamento de Nalla. Ele se perguntou se ela ficaria surpresa. Passara um ano se esquivando com evasivas, sem querer sossegar. Isso significaria passar a servir a Zorelle Sedai, a quem Nalla servia, mas Mierin Sedai já concedera sua bênção.

Ele fez uma curva e só teve tempo de ver um homem escuro, de ombros largos, com uma barba fina e elegante, antes que o ombro do homem o arremessasse pelo ar e ele caísse de costas, batendo a cabeça na calçada, vendo estrelas. Ficou ali, parado, atordoado.

— Tome cuidado por onde anda — reclamou o homem barbado, irritado, ajustando o casaco vermelho sem mangas e sacudindo a renda nos punhos.

Os cabelos negros que caíam sobre os ombros estavam presos atrás da cabeça. Era a última moda, e o mais perto que alguém que não tivesse prestado juramento ao Pacto chegaria de imitar um Aiel.

A mulher de cabelos claros ao lado do homem pôs a mão no braço dele, o vestido de estraite branco brilhante foi escurecendo com o súbito constrangimento.

— Jom, olhe o cabelo dele. Ele é Aiel, Jom.

Apalpando a cabeça para ver se estava quebrada, Charn tocou os cabelos curtos e acobreados. Em vez de sacudir a cabeça, deu um puxão no rabo comprido atrás da nuca. *Uma contusão*, pensou, *nada*

grave.

— É verdade. — A irritação do homem deu lugar à consternação. — Peço perdão, Da'shain. Eu é que deveria tomar cuidado por onde ando. Deixe que eu o ajudo a se levantar. — O homem já fazia jus às palavras, erguendo Charn. — Está tudo bem? Posso chamar um saltador para levá-lo aonde quiser.

— Não estou ferido, cidadão — disse Charn, em um tom brando. — A culpa foi minha, de verdade. — E tinha sido, correndo daquele jeito. Poderia ter machucado o homem. — Eu machuquei o senhor? Por favor, me perdoe.

O homem abriu a boca para protestar — os cidadãos sempre faziam isso, pareciam achar que os Aiel eram feitos de vidro — mas, antes que ele conseguisse falar, o chão se agitou sob seus pés. O ar também, em ondas difusas. O homem olhou em volta, desconfiado, e envolveu o próprio corpo e o da esposa com o manto estiloso, de modo que a impressão era de ver duas cabeças sem corpos.

— O que é isso, Da'shain?

Outros que tinham visto os cabelos de Charn se reuniram ao redor dele, ansiosos, fazendo as mesmas perguntas, mas ele os ignorou sem nem se preocupar se estaria sendo rude. Começou a empurrar a multidão para abrir passagem, mantendo o olhar fixo no Sharom — a esfera branca de mil pés de diâmetro flutuava tão alta quanto os domos azuis e prateados do Collam Daan.

Mierin dissera que aquele era o dia. Dissera que tinha encontrado uma nova fonte de Poder Único. Aes Sedai homens e mulheres seriam capazes de tocar a mesma fonte, e não metades separadas. O que homens e mulheres poderiam fazer unidos seria ainda maior. E, naquele dia, ela e Beidomon a tocariam pela primeira vez — a última que homens e mulheres trabalhariam juntos manejando Poderes diferentes. Naquele mesmo dia.

Algo que parecia uma pequena lasca branca jorrou do Sharom em um jato de fogo negro, depois foi caindo, parecendo lenta e insignificante. Então um esguicho de centenas de gotas voou por todos os lados em volta da imensa esfera. O Sharom se quebrou como um ovo e começou a cair, desabar, um inferno de obsidianas. A escuridão tomou o céu, engolindo o sol em uma noite artificial, como se a luz daquelas chamas fosse a escuridão. Pessoas gritavam, gritavam em todo lugar.

No primeiro jato de fogo, Charn arrancou em disparada em direção a Collam Daan, mas sabia que era tarde demais. Jurou servir aos Aes Sedai, mas estava atrasado. As lágrimas escorriam por seu rosto enquanto corria. Piscando para afastar os borrões que atrapalhavam sua visão, Rand apertou a cabeça com ambas as mãos. A imagem ainda flutuava em sua mente, aquela esfera gigante caindo,

preta e incandescente. *Será que vi mesmo o buraco sendo aberto na prisão do Tenebroso? Será?* Ficou parado na beirada das colunas de vidro, encarando *Avendesora. Uma árvore cora. Uma cidade é uma selva sem árvores cora. E agora existe apenas uma.* As colunas cintilavam no tênue brilho azul formado pelo domo de névoa acima, embora mais uma vez a luz parecesse ser apenas reflexos brilhantes. Não havia sinal de Muradin, mas ele não achava que o Aiel tivesse saído da floresta de vidro. Ou que algum dia sairia.

De repente algo chamou sua atenção, na parte mais baixa dos galhos da Árvore da Vida. Uma silhueta oscilava lentamente. Era um homem, suspenso em uma estaca entre dois galhos por uma corda amarrada ao pescoço.

Com um rugido sem palavras, ele correu até a árvore, agarrando *saidin*, a espada de fogo surgindo em sua mão enquanto saltava, rompendo a corda. Ele e Mat caíram no chão de pedras brancas coberto de terra com dois baques surdos. A estaca se soltou e desabou ao lado deles com um claque. Não era uma estaca, era uma lança estranha de cabo preto com uma lâmina curta de espada no lugar da lâmina normal, o metal levemente curvo e afiado de um lado só. Rand não teria dado a mínima nem se fosse feita de ouro e *cuendillar* e cravejada de safiras e gotas de fogo.

Largou a espada e o Poder, soltou a corda do pescoço de Mat e apertou a orelha contra o peito do amigo. Nada. Desesperado, rasgou o casaco e a camisa de Mat, rompendo o cordão de couro com um medalhão de prata que repousava no peito do jovem. Atirou longe o medalhão e escutou outra vez. Nada. O coração não batia. Morto. *Não! Ele estaria bem se eu não o tivesse deixado me seguir até aqui. Não posso deixá-lo morrer!*

Com toda a força que tinha, esmurrou o peito de Mat, depois escutou. Nada. Golpeou mais uma vez, escutou. Sim. Um sinal. Um pulso fraco. Tão fraco, tão lento. E enfraquecendo mais. Porém Mat *ainda* estava vivo, apesar da forte marca roxa ao redor do pescoço. Talvez ainda pudesse continuar vivo.

Rand encheu os pulmões e soprou ar com dificuldade para dentro da boca de Mat, o mais forte que pôde. De novo. E de novo. Então foi para cima do amigo, mantendo uma perna de cada lado do corpo inerte, agarrou a cintura dele pelas calças e puxou para cima, erguendo os quadris de Mat do chão. Para cima e para baixo, três vezes, depois soprou ar outra vez para dentro da boca do amigo. Poderia ter canalizado, talvez assim fosse capaz de fazer alguma coisa. A lembrança daquela garota na Pedra o impediu. Queria Mat vivo. Vivo, não feito uma marionete comandada pelo Poder. Uma vez, em Campo de Emond, vira Mestre Luhhan ressuscitar um garoto encontrado boiando nas águas do Fonte de Vinho. Então soprava ar e

puxava, soprava ar e puxava, rezando.

De súbito Mat deu um salto, tossindo. Rand ajoelhou-se ao lado dele, levou as duas mãos à garganta do amigo e rolou para o lado, sugando o ar em um chiado agoniado.

Mat levou uma das mãos ao pedaço de corda e estremeceu.

— Esses malditos… filhos de umas… cabras — resmungou com a voz rouca. — Tentaram… me matar.

— Quem? — perguntou Rand, olhando ao redor, desconfiado. Os palácios inacabados em volta da grande praça o encararam de volta. Era certo que Rhuidean estava vazia, exceto pelos dois. A não ser que Muradin ainda estivesse vivo em algum lugar.

— O povo… do outro lado… daquele… batente retorcido. — Engolindo em seco, cheio de dor, Mat se sentou e soltou uma respiração profunda e instável. — Tem um aqui também, Rand. — Ele ainda soava como se tivesse a garganta ferida.

— Você conseguiu passar? Eles responderam alguma pergunta? — Aquilo poderia ser útil. Estava desesperado por mais respostas. Tinha mil perguntas, e pouquíssimas respostas.

— Nenhuma resposta — respondeu Mat, com a voz rouca. — Eles trapacearam. E tentaram me matar. — Apanhou o medalhão, uma cabeça de raposa prateada quase do tamanho da palma da mão, e um instante depois a enfiou no bolso, abrindo um sorriso. — Pelo menos tirei alguma coisa deles. — Puxando a estranha lança para si, passou os cinco dedos pelo cabo negro. Em sua extensão corria uma linha com alguma inscrição esquisita em letra cursiva, margeada por um par de pássaros gravados em um metal ainda mais escuro que a madeira. *Corvos*, pensou Rand. Havia outro par deles gravado na lâmina. Com uma risada seca e amarga, Mat levantou-se, meio apoiado no cabo da lança, cuja lâmina de espada despontava na mesma altura que sua cabeça. Não se deu ao trabalho de amarrar a camisa ou abotoar o casaco. — Também vou ficar com isso. A charada é deles, mas vou ficar.

— A charada?

Mat assentiu.

— A inscrição diz o seguinte:

> “Eis o que foi acordado, tratado saído a contento.
> O pensamento é a flecha do tempo, a lembrança jamais se apaga.
> O que foi pedido está dado. O preço assim se paga.”

Depois de recitar, Mat continuou:

— Bela charada, não é? Vou fazer aqueles espertinhos provarem do próprio veneno, se tiver chance. Vou mostrar a eles o que é

“pensamento e lembrança”. — Mat estremeceu e passou a mão pelos cabelos. — Luz, minha cabeça está doendo demais. Está girando como mil pedacinhos de sonho, e cada um é uma agulha. Você acha que Moiraine faria algo a respeito, se eu pedisse?

— Tenho certeza de que sim — respondeu Rand, devagar. Mat devia estar sentindo muita dor, se queria a ajuda da Aes Sedai. Olhou outra vez o cabo escuro da lança. A maior parte da inscrição estava encoberta pela mão de Mat, mas não tudo. O que quer que fosse, não tinha ideia do que dizia. Como era que Mat sabia? As janelas vazias de Rhuidean o encaravam, com um ar zombeteiro. Ainda escondemos muitos segredos, pareciam dizer. Mais do que você imagina. Piores do que imagina. — Vamos voltar, Mat. Não me importo se tivermos de cruzar o vale à noite. Como você disse, estará mais fresco. Não quero mais ficar aqui.

— Por mim está ótimo — respondeu Mat, tossindo. — Desde que a gente tome mais um gole da água daquela fonte.

Rand acompanhou o passo de Mat, a princípio lento e claudicante, com a estranha lança servindo de bengala. Parou uma vez para olhar as duas estatuetas de um homem e uma mulher segurando esferas de cristal, mas deixou-as lá. Não ainda. Não por um bom tempo, se tivesse sorte.

Depois que deixaram a praça para trás, os palácios inacabados erguidos ao longo da rua ganharam um aspecto ameaçador, com os topos denteados parecendo as muralhas de imensas fortalezas. Rand abraçou *saidin*, embora não visse ameaça real. Mas sentia, como se olhos assassinos o vigiassem pelas costas. Rhuidean jazia, vazia e pacífica, sem sombras sob o tênue brilho azul do teto de névoa. A terra nas ruas se encrespava com o vento… O vento. Não havia vento.

— Ah, que me queime — resmungou Mat. — Acho que estamos com problemas, Rand. É isso o que ganho, ficando perto de você. Você sempre me arruma problemas.

As ondas vieram mais rápidas, ajuntando-se e formando camadas mais espessas, trêmulas e quietas.

— Você consegue andar mais depressa? — perguntou Rand.

— Andar? Sangue e cinzas, eu consigo correr. — Inclinando a lança junto ao peito, Mat fez jus às palavras e irrompeu em um trote.

Correndo a seu lado, Rand formou outra vez a espada, sem saber o que poderia fazer com ela contra camadas de terra ondulante, sem saber se seria mesmo necessária. Era apenas terra. *Não, mas que desgraça, não é. É uma daquelas bolhas. O mal do Tenebroso, flutuando pelo Padrão atrás de malditos* ta’veren. *Sei que é isso.*

Ao redor deles, a poeira levantava e tremia, cada vez mais espessa, agrupando-se. De súbito, bem diante dos dois, uma silhueta se ergueu na bacia de uma fonte seca, um sólido contorno masculino,

escuro e sem feições, com dedos como garras afiadas. Sem fazer barulho, a coisa saltou para cima deles.

Rand se moveu instintivamente — a Lua Nasce Sobre a Água — e a lâmina de Poder retalhou a figura escura. Em um segundo era apenas uma nuvem de poeira grossa pairando sobre a calçada.

Mas ela foi substituída por outras, silhuetas negras e sem rosto irrompendo ligeiras por todos os lados, nenhuma idêntica, mas todas com garras estendidas. Rand dançou as formas entre elas, a espada tecendo padrões intrincados no ar, deixando para trás partículas de pó flutuantes. Mat usou a lança como porrete, rodopiando-a em um borrão indistinto, mas valendo-se da lâmina da espada, como se sempre tivesse usado a arma. As criaturas morreram — ou pelo menos retornaram ao pó — mas eram muitas, e muito ágeis. Sangue escorria pelo rosto de Rand, e a antiga ferida na lateral do corpo ardia a ponto de abrir. O rosto de Mat também estava todo vermelho, assim como o peito. Eram muitas, e muito ágeis.

Você não faz a décima parte do que já é capaz. Foi o que Lanfear dissera. Ele riu ao dançar as formas. Aprender com um dos Abandonados. Poderia fazer isso, mas não do jeito que ela pretendia. Sim, poderia. Canalizava, urdia fios de Poder e mandava um redemoinho para o centro de cada silhueta negra. Elas explodiam em nuvens de poeira que o faziam tossir. Até onde ele pôde ver, a poeira se assentava no ar.

Mat, ferido e arfante, apoiou-se na lança de cabo escuro.

— Foi você que fez isso? — indagou, sem fôlego, limpando o sangue dos olhos. — Já não era sem tempo. Se sabia fazer, por que não fez logo de cara, maldição?

Rand começou a rir outra vez. *Porque não pensei nisso. Porque* não sabia *até fazer*. Porém, a risada congelou na boca. A poeira se agitou no ar e, ao tocar o chão, começou a ondear.

— Corra — disse. — Temos que sair daqui. Corra!

Lado a lado, os dois dispararam pela névoa, golpeando qualquer filete de poeira que se adensava, chutando, fazendo qualquer coisa que as impedisse de se juntarem. Rand mandou redemoinhos em todas as direções, em um turbilhão ensandecido. A poeira espalhada começou a tremer e se reunir de volta na mesma hora, antes mesmo de tocar o solo. Os dois continuaram correndo pelo nevoeiro e o atravessaram, irrompendo em uma luz fraca, com sombras cortantes.

Cheio de dor na lateral do corpo, Rand deu uma guinada, pronto para lançar raios, fogo, ou qualquer coisa. Nada passou pelo nevoeiro atrás deles. Talvez a névoa fosse uma muralha contra aquelas criaturas escuras. Talvez as contivesse. Talvez… Não sabia. Não se importava, na verdade, desde que as coisas não os seguissem.

— Que me queime — resmungou Mat, com a voz

áspera — ficamos lá a noite inteira. O sol já está quase nascendo. Não achei que tivesse passado tanto tempo.

Rand encarou o céu. O sol ainda não despontara nas montanhas. Uma nuvem tão brilhante que fazia os olhos doerem delineava os picos dentados. Sombras compridas cobriam o chão do vale. *Ele emergirá de Rhuidean ao amanhecer, e unirá a todos com elos que não poderão ser desfeitos. Ele os trará de volta e os destruirá.*

— Vamos subir a montanha — disse, baixinho. — Eles estarão esperando por nós. — *Por mim.*

27



Por dentro dos Caminhos

A escuridão dos Caminhos reduzia a luz do lampião de Perrin a uma poça de luz angulosa em volta dele e de Gaul. O rangido da sela e o estalido arenoso dos cascos na pedra pareciam não ir além do limite da luz. Não havia cheiro no ar, nada. O Aiel caminhava tranquilamente a passos largos ao lado de Galope, mantendo um olho no brilho fraco do lampião do grupo de Loial, mais adiante. Perrin recusava-se a pensar nele como o "grupo de Faile". Os Caminhos não pareciam incomodar Gaul, apesar da má fama. O próprio Perrin não conseguia parar de escutar, como fizera por quase dois dias — ou o que pareceram dois dias, naquele lugar sombrio. Suas orelhas seriam as primeiras a captar o som que indicava que todos morreriam, ou pior, o som do vento soprando onde vento algum jamais soprara. Nenhum vento além de *Machin Shin*, o Vento Negro devorador de almas. Não conseguia parar de pensar que viajar pelos Caminhos era uma loucura, mas a definição de asneira mudava de acordo com a necessidade.

A fraca luz à frente parou, e Perrin puxou a rédea bem no meio do que parecia uma antiga ponte de pedra subindo em arco em meio à escuridão total e completa, antiga por conta das fendas nas laterais, dos buracos e crateras rasas que pontilhavam o chão gasto. Ela devia ter aguentado firme por quase três mil anos, mas parecia prestes a desabar. Talvez caísse naquele exato instante.

O cavalo de carga correu atrás de Galope: os animais relincharam uns para os outros e reviraram os olhos, inquietos, para a escuridão ao

redor. Perrin sabia como os cavalos se sentiam. A companhia de mais algumas pessoas aliviaria um pouco o peso daquela noite sem fim. Mesmo assim, nem se estivesse sozinho teria se aproximado das lanternas à frente. Não arriscaria repetir o ocorrido na primeira Ilha, logo depois de adentrar o Portal dos Caminhos em Tear. Coçou a barba cacheada, irritado. Não sabia ao certo o que esperar, mas não…

O lampião pendurado à haste balançou quando ele desceu da sela e conduziu Galope e o cavalo de carga ao Guia, uma tábua alta de pedra branca coberta de riscos prateados que lembravam vagamente vinhas e folhas, todas esburacadas como se tivessem sido corroídas por ácido. Não conseguiu ler, naturalmente — Loial tinha de fazer isso, era uma inscrição Ogier — e depois de um momento ficou caminhando ao redor, analisando a Ilha. Era igual às outras que vira, com um muro de pedras brancas na altura de seu peitoral decorado com um padrão intrincado de curvas e círculos simples encaixados. Aqui e ali, pontes perfuravam o muro, perpassando a escuridão, e rampas sem gradil corriam para cima ou para baixo sem que ele pudesse ver o que as sustentava. Havia rachaduras por todos os lados, buracos desiguais e crateras rasas, como se a pedra estivesse apodrecendo. O movimento dos cavalos produziu um som arranhado de pedra se soltando por baixo dos cascos. Gaul espiou a escuridão sem aparentar aflição, mas, por outro lado, não sabia o que poderia haver por ali. Perrin sabia, e muito bem.

Quando Loial e as outras chegaram, Faile saltou da égua negra na mesma hora e caminhou a passos firmes até Perrin, os olhos fixos em seu rosto. Ele já estava se arrependendo de tê-la deixado preocupada, mas a mulher não parecia nem um pouco preocupada. Não saberia dizer que expressão havia naquele rosto além de firmeza.

— Decidiu falar direto comigo, em vez de…?

O tapa cheio o fez ver estrelas.

— O que você estava pensando… — Faile praticamente cuspiu as palavras. — Correndo para dentro feito um javali selvagem? Você não tem consideração. Nenhuma!

Ele respirou fundo, bem devagar.

— Já pedi a você para não fazer isso.

Os olhos escuros e oblíquos da moça se arregalaram, como se ele tivesse dito algo enervante. Perrin ainda esfregava o rosto quando o segundo tapa veio pelo outro lado, quase deslocando sua mandíbula. Os Aiel observavam com interesse, e Loial os olhava com as orelhas caídas.

— Já disse para não fazer isso — grunhiu.

A mão em punho dela não era muito grande, mas o soco repentino na boca do estômago o fez perder quase todo o ar dos pulmões. Perrin se dobrou ao meio, de lado, e Faile se preparou para um novo soco. Com um rosnado, ele a puxou pelo pescoço e…

Bem, a culpa era dela. Já tinha pedido para não ser estapeado,

avisara. A culpa era dela. No entanto, ficou surpreso por Faile não ter tentado puxar uma das facas — parecia levar tantas quanto Mat.

Ela tinha ficado furiosa, naturalmente. Furiosa com Loial, por tentar intervir — sabia se cuidar sozinha, muito obrigada. Furiosa com Bain e Chiad por *não* intervirem — e ficara surpresa quando as duas disseram ter pensado que ela não esperaria interferências em uma briga que havia começado. *Quando você começa a briga*, dissera Bain, *deve aceitar as consequências, ganhando ou perdendo.* Mas Faile não parecia mais nem um tantinho irritada com ele. Isso o afligia. A mulher apenas o fitava, os olhos negros brilhando com lágrimas não vertidas, o que o fez sentir-se culpado, o que por consequência o deixou com raiva. Por que deveria se sentir culpado? Tinha que ficar ali parado e deixar que ela o enchesse de sopapos como bem entendesse? Faile montara em Andorinha e ficara lá sentada, de costas rijas, recusando-se a se apoiar direito no cavalo, encarando-o com uma expressão indecifrável. Isso o deixava muito nervoso. Quase desejou que Faile tivesse puxado uma faca. Quase.

— Estão se mexendo outra vez — disse Gaul.

Perrin voltou depressa ao presente. A outra luz *estava* se mexendo. Agora parara. Um deles percebera que sua luz ainda não estava seguindo. Decerto Loial. Faile talvez não se importasse se ele se perdesse, e por duas vezes as Aiel tinham tentado convencê-lo a se juntar a elas mais à frente. Perrin não precisara do mínimo meneio de cabeça de Gaul para recusar. Cravara os calcanhares em Galope, que avançou, conduzindo o cavalo de carga.

Esse Guia era ainda mais esburacado que a maioria dos que vira antes, mas seguiu cavalgando sem prestar muita atenção. A luz das outras lanternas já começava a descer uma das rampas pouco íngremes, e ele foi atrás, com um suspiro. Odiava as rampas. Ladeado apenas pela escuridão, o chão começou a fazer uma curva para baixo, dando a volta, com nada distinguível além da luz contida da lanterna que balançava sobre sua cabeça. Algo lhe dizia que uma queda dali de cima seria infinita. Galope e o cavalo de carga se mantiveram no centro, sem pressa, e até Gaul evitava a beirada. Pior, quando a rampa terminava, em outra Ilha, não havia como escapar da conclusão de que ela estava exatamente sob a que haviam acabado de sair. Gostou de ver Gaul olhando para cima, de não ser o único a se perguntar o que sustentava aquelas Ilhas no alto e se era mesmo firme.

Mais uma vez, as lanternas de Loial e Faile pararam perto do Guia, então ele puxou a rédea de novo, logo na saída da rampa. Dessa vez, porém, o grupo da frente não se moveu. Depois de alguns instantes, a voz de Faile chamou:

— Perrin.

Ele e Gaul se entreolharam, e o Aiel deu de ombros. A mulher não

falava com Perrin desde que ele…

— Perrin, venha cá. — Não era bem um tom peremptório, mas também não parecia pedir.

Bain e Chiad estavam agachadas, tranquilas, junto ao Guia, e Loial e Faile assentaram os cavalos ali perto, com os lampiões em mãos. O Ogier segurava as rédeas dos cavalos de cargas, e as orelhas peludas se contorciam enquanto olhava de Faile para Perrin, depois de volta para Faile. A jovem, por outro lado, parecia absorta em ajustar as luvas de cavalgada, de couro verde macio e com falcões dourados bordados no dorso. Também trocara de vestido. O novo tinha o mesmo corte, com gola alta e saias divididas, mas era de uma seda brocada verde-escura, e parecia enfatizar o busto. Perrin nunca a vira naquele vestido.

— O que é que você quer? — perguntou, desconfiado.

Faile olhou para cima, como se estivesse surpresa em vê-lo, inclinou a cabeça, pensativa, depois sorriu, como se acabasse de lhe ocorrer a resposta.

— Ah, sim. Queria saber se você aprendia a vir quando chamo.

Ela alargou o sorriso, decerto porque ouvira o ranger dos dentes de Perrin, que esfregou o nariz. Havia um cheiro fraco de ranço por ali.

Gaul deu uma risadinha baixa.

— É feito tentar entender o sol, Perrin. Ele apenas existe, não é para ser compreendido. Você não pode viver sem ele, mas tem um preço. Assim são as mulheres.

Bain se inclinou para cochichar no ouvido de Chiad, e as duas gargalharam. Pelo jeito como olhavam para ele e Gaul, Perrin achou que não gostaria de ouvir o que as mulheres tinham achado tão engraçado.

— Não é nada disso — ressoou Loial, as orelhas se remexendo, impacientes. Ele disparou um olhar acusatório para Faile, o que não a deixou nem um pouco desconcertada. A mulher abriu um sorriso vago em resposta e retornou às luvas, ajeitando cada dedo mais uma vez. — Me desculpe, Perrin. Ela insistiu em chamar. É que chegamos. — Ele apontou para a base do Guia, atravessado por uma rachadura branca, não em direção à ponte ou à rampa, mas à escuridão. — Aqui é o Portal dos Caminhos de Manetheren, Perrin.

Perrin assentiu, sem dizer uma palavra. Não iria sugerir que seguissem adiante, para que Faile não o acusasse de tentar tomar a liderança. Esfregou o nariz outra vez, absorto — aquele cheiro de ranço, quase imperceptível, era irritante. Não daria sequer a sugestão mais sutil. Se Faile queria liderar, que liderasse. Mas a mulher subiu na sela, brincando com as luvas, obviamente esperando que ele se pronunciasse para que pudesse fazer alguma observação mordaz. Faile

gostava disso, mas Perrin preferia dizer o que de fato pensava. Irritado, girou Galope, com a intenção de prosseguir sem ela e Loial. A linha levava ao Portal dos Caminhos, e ele poderia pegar a folha de *Avendesora* sozinho e abrir o Portal.

De repente, seu ouvido captou um som abafado de cascos na escuridão, e o cheiro fétido fez sentido.

— Trollocs! — gritou.

Gaul deu um rodopio suave e deslizou uma lança na malha do peitoral de um Trolloc com focinho de lobo que irrompeu na luz erguendo uma espada em forma de foice. Com o mesmo movimento tranquilo, o Aiel puxou de volta a lâmina e desviou, deixando a enorme massa desabar no chão. Mas outros vieram, com seus focinhos de bode e presas de javali, bicos cruéis e chifres retorcidos, trazendo espadas curvas, machados com ponteiras e lanças enganchadas. Os cavalos se agitavam e relinchavam.

Erguendo o lampião bem alto — a ideia de encarar aquelas coisas na escuridão o fazia suar frio — Perrin agarrou uma arma e virou-se para um rosto distorcido por um focinho cheio de dentes afiados. Ficou surpreso ao perceber que fora o martelo que desamarrara dos alforjes, mas, mesmo sem a ponta afiada do machado, dez libras de aço no braço de um ferreiro ainda serviam para afastar os Trollocs, que saíam cambaleantes, guinchando e agarrando os rostos destruídos.

Loial acertou a haste do lampião em uma cabeça com chifres de bode, e o lampião se quebrou. Banhado em óleo fervente, o Trolloc disparou escuridão adentro, uivando. O Ogier continuou rodopiando a haste pesada — uma vara em suas mãos gigantescas, mas que produzia o ruído de ossos sendo partidos ao atingir o alvo. Uma das facas de Faile irrompeu em olhos demasiado humanos sobre um focinho com presas afiadas. Os Aiel dançavam com as lanças, já tendo encontrado tempo para erguer os véus. Perrin golpeava, golpeava e golpeava. Um redemoinho de morte que durou… Um minuto? Cinco? Parecia uma hora. Mas de repente viram os Trollocs caídos, e os que ainda não estavam mortos se contorciam em espasmos.

Perrin sugou o ar para dentro dos pulmões. Sentia como se o peso do martelo fosse arrancar o braço direito. Havia uma sensação de queimação no rosto, e algo úmido escorria pela lateral do corpo e pela perna, onde fora ferido pelo aço dos Trollocs. Cada Aiel tinha pelo menos uma mancha úmida e escura nas roupas marrons e cinza, e Loial tinha um talho profundo na coxa. Os olhos de Perrin passaram por todos, em busca de Faile. Se ela estivesse ferida… A mulher estava sentada na égua negra, com uma faca nas mãos, pronta para atirá-la. Conseguira tirar as luvas e enfiá-las atrás do cinto. Perrin não viu uma única ferida em seu corpo. Não teria conseguido identificar o sangue de Faile em meio ao cheiro de todos os outros — de humanos, Ogier,

Trollocs — mas conhecia o aroma da garota, que não exalava cheiro de dor e feridas. As luzes brilhantes machucavam os olhos dos Trollocs, que não se adaptavam muito depressa. Era provável que a única razão pela qual estivessem vivos, e os Trollocs, mortos, fosse a passagem abrupta da escuridão para a luz.

Foi todo o tempo que tiveram. Um instante de trégua, o suficiente para olhar em volta e respirar. Com um estrondo como cem libras de ossos triturados em um gigantesco moedor de carne, um Desvanecido irrompeu na luz, a mirada sem olhos era uma encarada da morte, a espada negra cintilando como um raio. Os cavalos relincharam, tentando fugir em disparada.

Gaul quase não conseguiu aparar o golpe da lâmina com o broquel, e uma lasca da lateral se soltou como se as camadas de couro de boi curtido fossem de papel. Ele golpeou, esquivou-se de um golpe — por pouco — e golpeou outra vez. Flechas brotaram no peito do Myrddraal. Bain e Chiad haviam prendido as lanças nos arreios às costas, onde estavam os estojos com os arcos, e usavam os arcos de chifre curvados. Mais flechas alfinetaram o peitoral do Meio-homem. A lança de Gaul saltava e golpeava. De repente, uma das facas de Faile irrompeu no rosto de verme, liso e branco. O Desvanecido não sucumbia, não desistia de tentar matar. Só conseguiam evitar que aquela espada se cravasse em seus corpos graças às guinadas frenéticas.

Perrin arreganhou os dentes em um rosnado inconsciente. Odiava Trollocs como um inimigo de sangue, mas um Desnascido…? Para matar um Desnascido, valeria a pena morrer. *Cravar meus dentes naquela garganta…*! Sem perceber se ficava no caminho das flechas de Bain e Chiad, conduziu Galope para perto das costas do Desnascido, forçando a aproximação do cavalo relutante com as rédeas e os joelhos. A criatura rodopiou para longe de Gaul no último instante, parecendo ignorar a ponta de uma lança sendo fincada entre seus ombros e despontando abaixo da garganta, encarando Perrin com a expressão sem olhos que aterrorizava a alma de qualquer homem. Tarde demais. O martelo de Perrin desceu, destroçando de uma vez só a cabeça e o rosto sem olhos.

Mesmo abatido e praticamente sem cabeça, o Myrddraal ainda se debatia com violência, golpeando a esmo com a espada forjada em Thakan'dar. Galope dançava para trás, relinchando, nervoso, e Perrin sentiu-se como se fosse ensopado em água congelante. Aquela lâmina negra causava feridas que até mesmo Aes Sedai tinham dificuldade em Curar, e ele avançara sem se preocupar. *Meus dentes naquela… Luz, preciso manter o controle. Preciso!*

Ainda ouvia os sons abafados da escuridão no extremo oposto da Ilha, o clangor de patas ferradas, o raspar de botas, respirações

entrecortadas e murmúrios guturais. Mais Trollocs. Quantos, não sabia precisar. Pena que não estivessem ligados ao Myrddraal, mas talvez hesitassem em atacar, sem ele a conduzi-los. Trollocs sozinhos quase sempre eram covardes, preferiam apostas certas e mortes fáceis. Porém, mesmo na falta de um Myrddraal, acabariam por organizar um retorno.

— O Portal dos Caminhos — disse Perrin. — Precisamos sair antes que decidam o que fazer sem isso. — Ele apontou com o martelo ensanguentado para o Desvanecido, que ainda se debatia. Faile puxou a rédea de Andorinha na mesma hora para dar meia-volta, e ele ficou tão surpreso que disse, sem pensar: — Não vai discutir?

— Não discuto quando você é sensato — retrucou a moça, de repente. — Não quando você é sensato. Loial?

O Ogier guiou o grupo montado no animal alto e de boletos peludos. Perrin seguiu com Galope atrás de Faile e Loial, o martelo na mão, os Aiel a seu lado, todos com os arcos preparados. A mescla de cascos e botas os acompanharam na escuridão, além de murmúrios duros em um idioma bruto demais para as línguas humanas. Os Trollocs voltavam, reunindo coragem, os murmúrios cada vez mais próximos.

Outro som flutuou até Perrin, parecia um roçar de seda contra seda. Sentiu os ossos se arrepiarem. O som crescia, era a respiração de um gigante, subindo, descendo, subindo mais.

— Corram! — gritou. — Corram!

— Estou correndo — vociferou Loial. — Eu… Esse som! É…? Que a Luz ilumine nossas almas, e que a mão do Criador nos proteja! Está abrindo! Está abrindo! Tenho que ser o último. Saiam! Saiam! Mas não tão… não, Faile!

Perrin arriscou uma olhadela por cima do ombro. Dois portões iguais se abriam. Pareciam feitos de folhas vivas e revelavam a visão enevoada de um campo montanhoso. Loial desceu da montaria para remover a folha de *Avendesora* e destrancar o portão, e Faile tomou as rédeas dos animais de carga e do imenso animal do Ogier.

— Venham comigo! Rápido! — gritou, apressada, cravando as botas nas costelas de Andorinha, e a égua tairena deu um salto em direção à abertura.

— Vão atrás dela — disse Perrin, aos Aiel. — Corram! Vocês não podem lutar contra isso. — Sabiamente, eles hesitaram apenas uma fração de segundos antes de desaparecer. Gaul ia agarrado à guia do cavalo de carga. Galope veio lado a lado com Loial. — Você consegue dar um jeito de trancar a passagem? Bloqueá-la?

Os murmúrios ásperos revelavam uma tensão frenética — os Trollocs também haviam reconhecido o som. *Machin Shin* estava chegando. Para viver, era preciso sair dos Caminhos.

— Consigo — disse Loial. — Consigo. Mas saia daqui! Saia!

Perrin levou Galope de costas depressa de volta em direção ao Portão, mas, antes de perceber o que fazia, jogou a cabeça para trás e liberou um uivo provocativo e desafiador. *Tolo, tolo, tolo!* Ainda assim, manteve os olhos fixos na escuridão profunda e recuou com Galope até o Portal dos Caminhos. Uma onda gélida percorreu todo o seu corpo, até os fios de cabelo, e o tempo se alongou. O solavanco da saída dos Caminhos o atingiu, como se passasse de um galope intenso à parada em um passo só.

Os Aiel ainda se viravam para encarar o Portal dos Caminhos, espalhados pela encosta com as flechas encaixadas nos arcos, em meio a arbustos baixos e árvores atrofiadas, pinheiros, abetos e folhas-de-couro deformados pelo vento. Faile se levantava de onde rolara da sela de Andorinha, a égua negra apertando-a com o focinho. Sair de um Portal dos Caminhos era no mínimo tão ruim quanto entrar, ela teve sorte de não quebrar o pescoço, e a égua também. O imenso cavalo de Loial e os animais de carga tremiam como se tivessem levado um murro na cara. Perrin abriu a boca, e Faile cravou os olhos nele, desafiando-o a fazer qualquer comentário que fosse, muito menos um solidário. Ele fez uma careta irônica e, sabiamente, permaneceu em silêncio.

De repente, Loial foi expelido com violência do Portal dos Caminhos, saltando de um espelho fosco e prateado com o próprio reflexo avultando-se por trás, e rolou pelo chão. Quase na cola dele surgiram dois Trollocs — um com chifres e focinhos de carneiro, outro com bico de águia e cristas emplumada, mas, antes que mais da metade de seus corpos aparecesse do outro lado, a superfície reluzente transformou-se em negro profundo, borbulhante e intumescido, agarrando-se a eles.

Vozes sussurraram na cabeça de Perrin, mil vozes insanas balbuciando em seu crânio. *Sangue amargo. Tão amargo. Beba o sangue e quebre o osso. Quebre o osso e sugue o tutano. Tutano amargo, gritos doces. Melodia de gritos. Cante os gritos. Almas diminutas. Almas pungentes. Devore todas. Dor tão doce.* E continuava, e continuava.

Ganindo e uivando, os Trollocs tentavam golpear o negrume que ebulia à sua volta, arranhando-o para tentar se libertar enquanto eram sugados com mais e mais força, até que restou apenas uma mão peluda, agarrando o nada em frenesi, depois apenas a escuridão saliente, perscrutadora. Bem lentamente, os portões surgiram, deslizando juntos, espremendo a escuridão de volta para dentro. As vozes na cabeça de Perrin enfim cessaram. Loial correu à frente, bem depressa e pôs não um, mas dois trevos entre as ervas-pinheirinhas e vinhas. O Portal dos Caminhos tornou-se pedra outra vez, um trecho de muro de pedra com entalhes intrincados, isolado em meio a uma

montanha com árvores esparsas. Entre as ervas-pinheirinhas e vinhas havia não uma, mas duas folhas de *Avendesora*. Loial recolocara o trevo de dentro do lado de fora.

O Ogier soltou um suspiro profundo de alívio.

— É o melhor que consigo fazer. Agora só pode ser aberto por este lado. — Lançou a Perrin um olhar ao mesmo tempo ansioso e firme. — Eu poderia ter trancado a porta para sempre se não tivesse recolocado as folhas, mas não vou estragar um Portal dos Caminhos, Perrin. Nós cultivamos e cuidamos dos Caminhos. Talvez eles um dia possam ser purificados. Não posso arruinar um Portal dos Caminhos.

— Está bom assim — respondeu Perrin.

Será que os Trollocs estavam indo para aquele Portal dos Caminhos, ou fora apenas obra do acaso? De todo modo, estava bom daquele jeito.

— Isso foi…? — começou Faile, insegura, depois parou para engolir em seco.

Até os Aiel pareciam abalados, para variar.

— *Machin Shin* — respondeu Loial. — O Vento Negro. Uma criatura da Sombra, ou uma coisa criada pela própria mácula dos Caminhos… ninguém sabe. Sinto pena dos Trollocs. Mesmo sendo o que são.

Perrin não sabia ao certo se sentia pena, nem mesmo com uma morte dessas. Já vira o que Trollocs deixavam para trás quando punham as mãos em humanos. Trollocs comiam qualquer coisa, desde que fosse carne, e às vezes gostavam de dilacerar a carne ainda viva. Não se permitiria sentir pena deles.

Os cascos de Galope trituraram a terra arenosa quando Perrin o virou para ver onde estavam.

Montanhas cobertas por nuvens se erguiam ao redor. Eram as nuvens sempre presentes que lhe conferiam o nome — Montanhas da Névoa. O ar era frio àquela altitude, mesmo no verão, sobretudo se comparado a Tear. O sol de fim de tarde já se assentava nos cumes a oeste, cintilando nos córregos que desciam para o rio que corria no fundo do extenso vale abaixo. O Manetherendrelle tinha esse nome depois que deixava as montanhas e descia para bem longe, a oeste e sul, mas Perrin crescera chamando o intervalo que corria pela divisa sul de sua cidade de Rio Branco — um trecho de corredeiras intransponíveis e águas revoltas e espumosas. O Manetherendrelle. Águas da Casa da Montanha.

Tanto onde as pedras nuas surgiam no vale abaixo quanto nas encostas circundantes, o rio reluzia feito cristal. Já existira uma cidade, ali, cobrindo vale e montanhas. Manetheren, cidade de torres sublimes e fontes exuberantes, capital da grande nação de mesmo nome, talvez a mais bela do mundo, segundo as antigas histórias

Ogier. Agora não restava um resquício sequer, exceto pelo Portal dos Caminhos quase indestrutível, situado no bosque Ogier. O lugar fora queimado até virar terra árida mais de dois mil anos antes, enquanto as Guerras dos Trollocs ainda devastavam tudo, destruído pelo Poder Único após a morte de seu último rei, Aemon al Caar al Thorin, que pereceu em sua última batalha sangrenta contra a Sombra. Campo de Aemon fora o nome que os homens deram ao lugar, onde agora fica a aldeia chamada Campo de Emond.

Perrin estremeceu. Aquilo fora há muito tempo. Os Trollocs haviam voltado apenas uma vez desde então, em uma Noite Invernal mais de um ano antes, na véspera da noite em que ele, Rand e Mat foram obrigados a fugir com Moiraine escuridão adentro. Agora parecia ter acontecido havia muito tempo. Não poderia acontecer outra vez, com o Portal dos Caminhos trancado. É com Mantos-brancos que tenho que me preocupar, não com Trollocs.

Um par de gaviões de asas brancas sobrevoaram o extremo oposto do vale. Os olhos de Perrin quase não perceberam o traço de uma flecha subindo. Um dos gaviões rodopiou e caiu, e o rapaz franziu o cenho. Por que alguém daria uma flechada em um gavião, ali nas montanhas? Em uma fazenda, se o bicho estivesse atrás das galinhas ou dos gansos, tudo bem; mas ali? Por que haveria alguém por ali? O povo de Dois Rios evitava as montanhas.

O segundo gavião desceu em uma arremetida de asas brancas como a neve em direção ao ponto onde o companheiro caíra, mas logo subiu de volta, desesperado. Uma nuvem negra de corvos irrompeu das árvores, uma multidão ensandecida rodeando a ave, e, quando se acalmaram outra vez, o gavião havia desaparecido.

Perrin forçou-se a respirar. Já tinha visto corvos e outros pássaros atacarem um gavião que chegara perto demais de seus ninhos, mas não podia acreditar que dessa vez fosse só isso. As aves tinham surgido de onde viera a flecha. Corvos. A Sombra usava animais como espiões, às vezes. Em geral, ratos e outros que se alimentavam de morte. Sobretudo corvos. Tinha lembranças vívidas de fugir de fileiras de corvos que o caçavam como se tivessem inteligência.

— O que está olhando? — perguntou Faile, protegendo os olhos com as mãos para espiar pelo vale. — Aquilo eram pássaros?

— Só pássaros — respondeu.

Talvez fossem apenas pássaros. Não posso assustar todo mundo até ter certeza. Não com todos ainda abalados por causa do Machin Shin.

Percebeu que ainda segurava o machado ensanguentado, escorregadio com o sangue negro do Myrddraal. Os dedos encontraram sangue seco na bochecha, endurecendo na barba rente. Quando desceu do cavalo, sentiu dor na perna e no lado direito do corpo. Encontrou uma camisa nos alforjes e limpou o machado antes

que o sangue do Desvanecido causticasse o metal. Em um instante descobriria se havia algo a temer nas montanhas. Se fosse algo além de homens, os lobos saberiam.

Faile começou a desabotoar o casaco dele.

— O que você está fazendo? — perguntou Perrin.

— Cuidando de suas feridas — respondeu a mulher, de um jeito brusco. — Não deixarei que sangre até a morte na minha frente. Isso seria bem típico de você, morrer e me deixar o trabalho de enterrá-lo. Não tem um pingo de consideração. Fique parado.

— Obrigado — disse Perrin, baixinho, e ela o encarou, surpresa.

Faile o fez se despir quase inteiro, deixando apenas as cuecas, para lavar as feridas e esfregá-las com o unguento que pegou nos alforjes. Perrin não conseguia ver o talho no próprio rosto, naturalmente, mas parecia pequeno e superficial, ainda que incômodo, por estar muito perto dos olhos. Mas o corte no lado esquerdo do corpo era mais comprido que sua mão, estendido ao longo de uma costela, e o buraco que a lança infligira em sua coxa direita estava bem profundo. Nesse, Faile precisou dar pontos com agulha e linha tiradas do conjunto de costura. Perrin aceitou os pontos com resignação — era ela quem se encolhia a cada agulhada. Enquanto trabalhava, a mulher resmungava, entre dentes, irritada, sobretudo ao esfregar o creme escuro e ardido na bochecha do rapaz. Era quase como se as feridas estivessem em seu corpo, e a culpa fosse dele, mas mesmo assim enrolou as ataduras nas costelas e na coxa com a mão gentil. Era um contraste impressionante, o toque suave e os resmungos furiosos. Muito confuso.

Enquanto ele vestia uma camisa limpa e uma calça reserva que pegara nos alforjes, Faile continuava passando o dedo pelo talho na lateral do casaco. Duas polegadas para a esquerda e ele não teria deixado aquela Ilha. Batendo os pés para ajeitá-los dentro das botas, Perrin esticou o braço para pegar o casaco — e Faile o atirou em cima dele.

— Nem pense que vou costurar isso para você. Já costurei tudo o que queria! Está me ouvindo, Perrin Aybara?

— Eu não pedi…

— Nem pense nisso! E chega! — A mulher saiu pisando firme para ajudar os Aiel a cuidarem uns dos outros e de Loial. Era um estranho grupo: o Ogier com as calças largas arriadas, Gaul e Chiad se olhando feito gatos estranhos, Faile passando o unguento e aplicando ataduras enquanto disparava olhares acusadores para ele. O que teria feito dessa vez?

Perrin balançou a cabeça. Gaul tinha razão, concluiu: era como tentar entender o sol.

Mesmo sabendo o que tinha de fazer, estava relutante, ainda mais

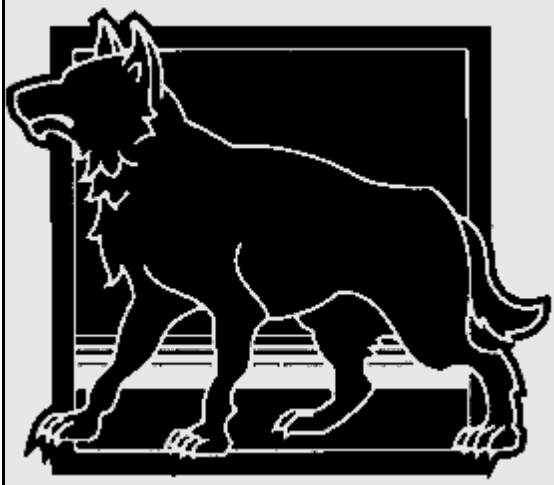
depois do que acontecera nos Caminhos, com os Desvanecidos. Já vira um homem que se esquecera de que era humano. O mesmo poderia acontecer com ele. *Idiota. Você só precisa aguentar mais uns dias. Só até encontrar os Mantos-brancos.* E tinha que saber. Aqueles corvos.

Enviou as perguntas mentais pelo vale, em busca dos lobos. Sempre havia lobos onde não havia homens, e, se eles estivessem por perto, poderiam conversar. Os lobos evitavam os homens, ignorando-os o quanto fosse possível, mas odiavam os Trollocs, criaturas não naturais, e desprezavam os Myrddraal com um ódio profundo e incontrolável. Se houvesse criaturas da Sombra nas Montanhas da Névoa, os lobos poderiam avisá-lo.

Mas não encontrou lobos. Nenhum. Deveriam estar por aí, nessa selva inóspita. Via cervos pastando pelo vale. Talvez apenas não houvesse lobo por perto. Eles conseguiam conversar a certa distância, mas até uma milha já era longe demais. Talvez a distância limite fosse ainda menor nas montanhas. Talvez fosse isso.

Seu olhar varreu os picos cobertos de nuvens e pousou no extremo oposto do vale, de onde os corvos haviam saído. Talvez encontrasse lobos no dia seguinte. Não queria pensar nas alternativas.

28



Para a Torre de Ghenjei

Com a noite chegando, não restou escolha senão acampar na montanha próxima ao Portal dos Caminhos. Em dois grupos separados, por insistência de Faile.

— Chega — protestou Loial, em um rosnado insatisfeito. — Já saímos dos Caminhos, e mantive minha promessa. Agora, chega.

Faile assumiu uma de suas expressões teimosas, com o queixo erguido e as mãos na cintura.

— Deixa para lá, Loial — disse Perrin. — Eu posso acampar ali.

Loial olhou de soslaio para Faile, que se virara para as duas Aiel assim que ouviu Perrin concordar, depois balançou a cabeça enorme e fez menção de ir se juntar a Perrin e Gaul. Perrin o impediu com um gesto discreto, que torceu para que nenhuma das mulheres tivesse percebido.

Ele se afastou um tantinho, menos de vinte passadas. O Portal dos Caminhos estava trancado, mas ainda havia os corvos e mais o que quer que eles prenunciassem. Queria ficar por perto, para o caso de haver necessidade de intervir. Se Faile quisesse reclamar, que reclamasse. Estava tão firme em ignorar os protestos da mulher que ficou aborrecido quando ela não protestou.

Ignorando as pontadas na perna e na lateral do corpo, ele soltou a sela de Galope, descarregou o outro cavalo, prendeu os dois animais e deu um saco de ração com punhados de aveia e cevada a cada um. Não havia pastagem por ali, obviamente, mas o que havia ao redor… Ele amarrou a corda no arco, apoiou-o ao lado da aljava e soltou o machado do passante do cinto.

Gaul o ajudou a fazer uma fogueira, e, em silêncio, os dois comeram pão e queijo com tiras de carne e beberam água. O sol já deslizava por trás das montanhas, transformando os picos em silhuetas negras e avermelhando os cantos das nuvens. Sombras cobriam o vale, e o ar começava a esfriar.

Perrin limpou o farelo das mãos e puxou o manto de lã verde e quente de dentro dos alforjes. Talvez estivesse mais acostumado com o calor de Tear do que pensara. As mulheres não comiam em silêncio ao redor de sua fogueira oculta pelas sombras: dava para ouvir as gargalhadas, e os trechinhos de conversa que Perrin conseguia pescar deixavam suas orelhas quentes. Elas conversavam sobre tudo, não tinham papas na língua. Loial se afastara o máximo possível das três sem sair do alcance da luz e tentava mergulhar em um livro. As mulheres nem deviam perceber que estavam deixando o Ogier constrangido, deviam pensar que estavam falando baixinho, que Loial não estava ouvindo.

Resmungando sozinho, Perrin sentou-se outra vez diante do fogo, de frente para Gaul. O Aiel parecia não notar o frio.

— Você conhece alguma história engraçada?

— História engraçada? Não consigo pensar em nenhuma assim, de repente. — Gaul olhou de soslaio a outra fogueira, ouvindo as risadas. — Eu entenderia, se pudesse. Como o sol, lembra?

Perrin soltou uma gargalhada alta e respondeu, no mesmo tom:

— Sei. Mulheres! Há!

A diversão do outro acampamento pareceu esmorecer por um instante, depois avivou-se outra vez. Elas deviam ter aprendido a lição. Os outros também sabiam rir. Perrin encarou a fogueira com um olhar desanimado. Suas feridas doíam.

Depois de um instante, Gaul comentou:

— Isso aqui está começando a parecer mais com a Terra da Trindade do que com a maioria das terras aguacentas. Ainda tem bastante água e muitas árvores grandes demais, mas não é tão estranho quanto os lugares que vocês chamam de florestas.

O solo ali era pobre, era o local onde Manetheren morrera em meio às chamas, e as árvores muito esparsas tinham troncos grossos e atarracados deformados pelo vento. Nenhuma tinha mais de trinta passadas de altura. Perrin achava que era o lugar mais desolado que já tinha visto.

— Queria um dia conhecer sua Terra da Trindade, Gaul.

— Talvez você conheça, quando sairmos daqui.

— Talvez.

Não havia grandes chances, era óbvio. Nenhuma, na realidade. Ele poderia ter dito isso ao Aiel, mas não queria falar sobre o assunto, muito menos pensar nele.

— Era aqui que Manetheren ficava? Você tem sangue de Manetheren?

— Isso aqui era Manetheren — respondeu Perrin. — E sim, acho que tenho. — Era difícil acreditar que as pequenas aldeias e fazendas tranquilas de Dois Rios abrigavam o resquício do sangue de Manetheren, mas fora o que Moiraine dissera. Segundo ela, o sangue antigo corria forte em Dois Rios. — Mas isso faz muito tempo, Gaul. Somos fazendeiros e pastores, não uma grande nação. Não somos grandes guerreiros.

Gaul abriu um leve sorriso.

— Se você diz. Já o vi dançar as lanças, assim como Rand al'Thor e o rapaz chamado Mat. Mas, se você diz…

Perrin mudou de posição, incomodado. Quanto ele mudara desde que deixara a aldeia? E Rand e Mat? Não estava se referindo a seus olhos, aos lobos, ou a Rand canalizar; não era nisso que pensava. Quanto do que existia dentro deles mudara? Mat era o único que ainda parecia o mesmo, quase igual.

— Você sabe sobre Manetheren?

— Sabemos mais sobre o mundo do que você imagina. E menos do que pensávamos. Muito antes de cruzar a Muralha do Dragão, li alguns livros trazidos por mascates. Eu já sabia que havia "navios", "rios" e "florestas", ou pensava que sabia. — Gaul fazia as palavras parecerem pertencer a uma língua estranha. — Era assim que eu imaginava uma "floresta". — Ele indicou as árvores esparsas, muito mais baixas do que o normal. — Acreditar em algo não o torna real. E quanto ao Cavaleiro da Noite e as crias do Mata-folhas? Acha que foi coincidência eles estarem perto deste Portal dos Caminhos?

— Não. — Perrin suspirou. — Vi corvos lá embaixo, no vale. Talvez fossem só corvos, mas prefiro não arriscar. Não depois dos Trollocs.

Gaul assentiu.

— Podiam ser Olhos da Sombra. Se você se preparar para o pior, todas as surpresas são boas.

— Seria ótimo ter uma boa surpresa. — Perrin tentou sentir os lobos mais uma vez e, mais uma vez, não conseguiu. — Talvez eu descubra alguma coisa hoje à noite. Talvez. Se algo acontecer por aqui, pode ser que você precise me acordar aos chutes. — Percebeu que aquilo soava estranho, mas o Aiel apenas assentiu outra vez. — Gaul, você nunca mencionou meus olhos, sequer deu atenção a eles. Assim como todos os outros Aiel.

Sabia que seus olhos brilhavam amarelos à luz da fogueira.

— O mundo está mudando — respondeu Gaul, baixinho. — Rhuarc, Jheran, que é o chefe do meu clã, e as Sábias também, todos tentaram disfarçar, mas pareciam preocupados quando

nos mandaram até a Muralha do Dragão em busca d'Aquele Que Vem Com a Aurora. Acho que talvez a mudança não seja como sempre acreditamos que seria. Não sei qual vai ser a diferença, mas sei que vai ser diferente. O Criador nos colocou na Terra da Trindade para nos moldar e também para pagarmos por nossos pecados, mas para o que fomos moldados? — Ele balançou a cabeça com pesar. — Colinda, a Sábia do forte das Águas Quentes, diz que penso demais para um Cão de Pedra, e Bair, a Sábia mais velha dos Shaarad, fica ameaçando me mandar para Rhuidean quando Jheran morrer, independente de minha vontade. Considerando isso tudo, Perrin, que importância tem a cor dos olhos de um homem?

— Queria que todo mundo pensasse assim.

As risadas enfim cessaram na outra fogueira. Uma das Aiel, Perrin não soube dizer qual, assumira o primeiro turno de vigia, de costas para a luz, e as outras mulheres tinham se recolhido para dormir. Fora um dia cansativo. Seria fácil cair no sono, entrar no sonho de que ele precisava. Esticou-se junto ao fogo e enrolou o manto no corpo, então virou-se para Gaul.

— Não esqueça. Pode me acordar aos chutes, se for preciso.

O sono o envolveu ainda enquanto Gaul assentia, e o sonho veio ao mesmo tempo.

Era dia, e ele estava sozinho perto do Portal dos Caminhos, que parecia um enorme muro com entalhes elegantes, destoando da paisagem da montanha. Não fosse por isso, não haveria qualquer sinal de presença humana na encosta. O céu estava limpo e claro, e uma brisa suave que soprava do vale trazia o aroma de cervos e coelhos, pombas e codornas, além de mil odores distintos — de água, terra e árvores. Era o sonho de lobo.

Por um instante, Perrin foi tomado pela sensação de *ser* um lobo. Tinha patas, e… *Não!* Passou as mãos pelo corpo e ficou aliviado ao encontrar apenas o próprio contorno, vestido com o casaco e o manto. E usando o largo cinturão onde sempre prendia o machado, mas era o cabo do martelo que estava preso no passante.

Ele franziu o cenho e ficou surpreso ao ver o machado tremeluzir no lugar do martelo, indistinto e enevoado. De repente, voltou a ser o martelo. Umedecendo os lábios, Perrin torceu para que permanecesse assim. O machado podia ser uma arma melhor, mas ele preferia o martelo. Não se lembrava de algo assim já ter acontecido, essa mudança de algum item do cenário, mas sabia pouco a respeito daquele lugar estranho. Isso se pudesse mesmo ser chamado de lugar. Era um sonho de lobo, e coisas esquisitas aconteciam ali — decerto tão esquisitas quanto em qualquer sonho comum.

Como se o pensamento fosse capaz de desencadear mais uma

estranheza, um trecho do céu por trás das montanhas escureceu de repente, transformando-se em uma janela para outro lugar. Rand estava ali no meio, de braços erguidos, provocando vendavais e gargalhando feito louco. Pequenas silhuetas douradas e vermelhas, muito parecidas com o estranho desenho no estandarte do Dragão, corriam pelo vento. Rand era observado por olhos escondidos, e não havia como dizer se o rapaz os notava. A estranha "janela" piscou e desapareceu, logo substituída por outra, mais adiante, que mostrava Nynaeve e Elayne avançando sorrateiras por uma paisagem louca com construções retorcidas e sombreadas, à caça de alguma besta perigosa. Perrin não fazia ideia de como sabia que era perigosa, mas sabia. A outra "janela" desapareceu, e mais uma mancha negra se espalhou pelo céu. Mat apareceu naquela, parado diante da bifurcação de uma estrada. O rapaz girou uma moeda e começou a avançar por uma das vias, e de repente usava um chapéu de aba larga, caminhava apoiado em um cajado e portava uma espada de lâmina curta. Mais uma "janela", e Egwene e uma mulher de cabelos brancos e compridos o encararam, surpresas, enquanto a Torre Branca se desintegrava atrás delas, pedra por pedra. Então as duas também desapareceram.

Perrin respirou fundo. Já vira coisas parecidas por ali, no sonho de lobo, e achava que as visões eram reais, ou pelo menos que tinham algum significado. O que quer que fossem, os lobos nunca as notavam. Moiraine tinha sugerido que o sonho de lobo era o mesmo que uma coisa chamada *Tel'aran'rhiod*, mas não chegara a falar mais sobre o assunto. Perrin já ouvira Egwene e Elayne conversando sobre sonhos, mas Egwene já sabia demais sobre ele e os lobos, talvez tanto quanto Moiraine. Não podia conversar sobre aquilo, nem mesmo com ela.

Havia uma pessoa com quem ele poderia ter conversado. Gostaria de poder encontrar Elyas Machera, o homem que o apresentara aos lobos. Elyas devia saber sobre aquelas coisas. Ao pensar no homem, sentiu por um instante que ouvia o próprio nome sussurrado no vento, mas, quando prestou mais atenção, encontrou apenas ventania. Era um som solitário. Ele estava só, ali.

— Saltador! — chamou, repetindo mentalmente: *Saltador!*

O lobo tinha morrido, mas não estava morto ali. O sonho de lobo era aonde os lobos iam depois da morte, para aguardar o renascimento. Na verdade, para os lobos era mais do que isso: eles pareciam ter alguma consciência do sonho, mesmo quando acordados. Para eles, um mundo era quase tão real — talvez tão real — quanto o outro.

— Saltador!

Saltador! Mas Saltador não veio.

Aquilo tudo era inútil. Ele estava ali por uma razão, e era melhor seguir em frente. Na melhor das hipóteses, levaria horas para descer

até o local onde avistara os corvos.

Deu um passo — a terra ao redor perdeu o foco — e seus pés pisaram ao lado de um pequeno córrego escondido por cicutas atrofiadas e arbustos de salgueiro, enquanto topos imensos e enevoados despontavam acima. Ele ficou um instante parado, observando, estupefato. Estava no extremo oposto do vale, na direção do Portal dos Caminhos. Na verdade, estava no ponto exato em que queria estar, no lugar de onde vira os corvos saindo e de onde fora lançada a flecha que matou o primeiro gavião. Aquilo nunca acontecera. Será que estava aprendendo mais sobre os sonhos de lobo — Saltador sempre o chamava de ignorante — ou será que aquele era diferente?

Foi mais cauteloso ao dar o passo seguinte, mas foi apenas um passo. Não havia sinal do arqueiro ou dos corvos, nenhuma pegada, pena ou cheiro. Perrin não sabia ao certo o que tinha esperado. Não haveria pista, a menos que eles também tivessem passado pelo sonho. Porém, se encontrasse lobos por ali, poderia conseguir alguma ajuda para achar seus irmãos e irmãs no mundo desperto, e esses lobos poderiam dizer se havia crias da Sombra nas montanhas. Talvez ouvissem seu chamado, se ele fosse mais para o alto da montanha.

Com os olhos fixos no topo mais alto das montanhas que margeavam o vale, logo abaixo das nuvens, deu um passo adiante. O mundo virou um borrão, e ele se viu de pé na encosta da montanha, com a massa de nuvens a menos de cinco braças de sua cabeça. Sem se dar conta do que fazia, deu risada. Aquilo era divertido. Dali de cima, dava para ver toda a extensão do vale.

— Saltador!

Sem resposta.

Pulou até a montanha seguinte, chamando, e depois até a próxima e a seguinte, sempre rumo a leste, na direção de Dois Rios. Saltador não respondia. E, o que era mais preocupante, Perrin também não sentia qualquer outro lobo. Sempre havia lobos no sonho de lobo. Sempre.

Ele avançou de pico em pico, movendo-se em um borrão indistinto, chamando, procurando. As montanhas ao redor estavam vazias, exceto por cervos e outras caças. Ainda assim, volta e meia via sinais de homens. Sinais antigos. Por duas vezes, encontrou enormes figuras entalhadas ocupando quase um lado inteiro da encosta, e, em outro ponto, estranhas letras angulosas de duas braças de altura haviam sido gravadas em um despenhadeiro — um trabalho bem fino e suave. O tempo desgastara as feições dos rostos das figuras entalhadas, e olhos menos aguçados que os dele talvez tivessem tomado as letras por obra do vento e da chuva. Montanhas e desfiladeiros deram lugar às Colinas de Areia, imensos morros

ondulantes com uma cobertura esparsa de grama grossa e arbustos tenazes, que, antes da Ruptura, formavam a costa de um grande mar. De repente, ao olhar para o topo de um monte de areia, Perrin viu outro homem.

O sujeito estava longe demais para ele enxergar com clareza, era apenas um homem alto de cabelos escuros, não um Trolloc ou qualquer coisa do tipo. Estava usando casaco azul e levava um arco nas costas. Parecia inclinando sobre algo encoberto pelos arbustos baixos do chão. Mas havia alguma coisa familiar naquele homem.

O vento soprou, e Perrin captou o cheiro fraco do homem. Um aroma frio — era a única forma de descrever. Frio e não exatamente humano. De repente, o rapaz notou que segurava o próprio arco, já com uma flecha encaixada, e uma aljava cheia pesava em seu cinto.

O outro homem olhou para cima e viu Perrin. Ele hesitou por uma fração de segundo, depois se virou e se transformou em um raio, que desapareceu entrecortando as montanhas.

Perrin saltou para onde o homem estivera e examinou o que o sujeito andara observando. Foi atrás dele sem nem pensar, deixando para trás o corpo meio esfolado de um lobo. Um lobo morto no sonho de lobo. Aquilo era impensável. O que poderia causar a morte de um lobo naquele lugar? Algo maligno.

Sua presa corria à frente dando passos que cobriam milhas, quase sempre no limite do alcance da visão. Saiu das colinas e seguiu pela emaranhada Floresta do Oeste, com as fazendas espaçadas. Passou por pastos limpos, campos de cerca-viva e pequenos arbustos, indo além de Colina da Vigília. Era estranho ver as casas de sapê da aldeia cobrindo a montanha, mas não ver gente nas ruas. As casas de fazenda pareciam abandonadas. Ele manteve os olhos no homem que fugia à sua frente. Acostumara-se de tal forma àquela perseguição que não se surpreendeu quando um passo o levou à margem sul do Rio Taren, e o seguinte o deixou no meio de colinas áridas, sem árvores ou grama. Corria para norte e leste, avançando por cima de córregos, estradas, aldeias e rios, concentrado apenas no homem à frente. A terra ia ficando plana e gramada, interrompida por moitas esparsas, sem qualquer sinal de presença humana. Então algo cintilou à frente, reluzindo sob o sol: uma torre de metal. A presa avançou em linha reta até ela e desapareceu. Dois saltos levaram Perrin até lá.

A torre de quarenta passadas de largura se elevava a duzentos pés, lustrosa feito aço reluzente. Podia muito bem ser uma coluna sólida de metal. Perrin a contornou duas vezes sem ver qualquer abertura, não havia sequer rachaduras ou marcas naquela superfície lisa e reluzente. Mas o cheiro pairava no ar, aquele fedor frio, inumano. A trilha acabava ali. O homem — se é que era homem — dera um jeito de entrar. Perrin só precisava encontrar o

caminho para segui-lo.

Pare! Não foi uma palavra, foi uma torrente de emoções que sua mente traduziu. *Pare!*

Ele se virou a tempo de ver um imenso lobo cinza, tão alto que batia em sua cintura, grisalho e cheio de cicatrizes, pousando como se acabasse de saltar do céu. Talvez tivesse, mesmo. Saltador sempre invejara as águias e sua capacidade de voar, e, ali, ele também podia navegar pelos céus. Olhos amarelos encontraram olhos amarelos.

— Por que eu tenho que parar, Saltador? Ele matou um lobo.

Homens já mataram lobos, e lobos mataram homens. Por que a raiva corrói sua garganta feito fogo, desta vez?

— Eu não sei — respondeu Perrin, pensando. — Talvez por ter sido aqui. Eu não sabia que era possível matar um lobo aqui. Pensei que os lobos estavam seguros no sonho.

Você persegue o Matador, Jovem Touro. Ele está aqui em carne e é capaz de matar.

— Em carne? Quer dizer que não está apenas em sonho? Como é que ele pode estar aqui em carne?

Eu não sei. É uma fraca lembrança de muito tempo atrás, que ressurge como muitas outras. Coisas da Sombra caminham pelo sonho, agora. Criaturas do Presa-do-coração. Não há lugar seguro.

— Bom, agora ele entrou. — Perrin analisou a torre lisa de metal. — Se eu descobrir como conseguiu, posso dar um fim nele.

Filhote tolo, fuçando um ninho de vespas. Este lugar é maligno. Todos sabem disso. E você adentraria o mal para caçar o mal. O Matador pode matar.

Perrin parou. Havia um senso de finalidade nas emoções que sua mente evocava ao pensar na palavra "matar".

— Saltador, o que acontece com um lobo que morre no sonho?

O lobo ficou em silêncio por um tempo. *Se morremos aqui, morremos para sempre, Jovem Touro. Não sei se o mesmo vale para você, mas acredito que sim.*

— Um lugar perigoso, arqueiro. A Torre de Ghenjei é um lugar ruim para a humanidade.

Perrin deu um giro, já erguendo o arco, até que viu a mulher parada a poucas passadas de distância, os cabelos loiros presos em uma trança grossa que batia na cintura, quase à moda das mulheres de Dois Rios, mas em um trançado mais intrincado. Suas roupas tinham um corte estranho; um casaco branco e curto e calças volumosas de algum material fino, amarelo-claro, preso aos tornozelos por cima de botas de cano curto. O manto escuro parecia esconder algo prateado que reluzia ao lado do corpo.

Ela se mexeu, e o brilho metálico desapareceu.

— Você tem olhos aguçados, arqueiro. Foi o que pensei da

primeira vez que o vi.

Por quanto tempo aquela mulher o estivera observando? Era constrangedor pensar que ela tivesse se aproximado sem que ele ouvisse. No mínimo, Saltador poderia tê-lo avisado. O lobo estava deitado na grama, que de tão alta chegava aos joelhos, mantendo o focinho enfiado entre as patas dianteiras, observando-o.

A mulher era vagamente familiar, embora Perrin tivesse certeza de que se lembraria, se já a conhecesse. Quem era ela, para estar no sonho de lobo? Ou será que ali também era o *Tel'aran'rhiod* de Moiraine?

— Você é Aes Sedai?

— Não, arqueiro. — A mulher riu. — Eu só vim para alertá-lo, apesar dos preceitos. Mesmo no mundo dos homens, já é difícil o bastante sair da Torre de Ghenjei. Aqui, é quase impossível. Você tem a coragem de um porta-estandarte, o que alguns afirmam ser difícil distinguir de pura tolice.

Impossível sair? Tinha certeza de que o sujeito — o Matador — entrara. Por que faria isso, se não tivesse como sair?

— Saltador também disse que é perigoso. Torre de Ghenjei? O que é isso?

Ela arregalou os olhos e encarou o lobo, que continuava estirado no chão, ignorando-a, observando Perrin.

— Você consegue falar com os lobos? Isso é uma coisa perdida nas lendas. Então foi assim que chegou aqui. Eu deveria ter percebido. A torre? É um portal, arqueiro, para os reinos dos Aelfinn e dos Eelfinn. — Ela pronunciou os nomes como se Perrin devesse reconhecê-los. Quando ele a encarou sem parecer entender, a mulher explicou: — Já jogou Cobras e Raposas?

— Toda criança já jogou. Pelo menos em Dois Rios. Mas todas desistem assim que crescem um pouco e percebem que não há como ganhar.

— Só dá para ganhar quebrando as regras — completou a mulher — "Coragem para fortificar, fogo para cegar, música para encantar, ferro para selar."

— É uma rima do jogo. Não estou entendendo. O que isso tem a ver com a torre?

— Esses são os caminhos para vencer as cobras e as raposas. O jogo remonta às antigas transações. Isso não importa, desde que você fique longe dos Aelfinn e dos Eelfinn. Eles não são tão maus quanto a Sombra, mas são tão diferentes da humanidade que chegam perto. Eles não são confiáveis, arqueiro. Fique longe da Torre de Ghenjei. Evite o Mundo dos Sonhos, se puder. Coisas obscuras passeiam por aqui.

— Como o homem que eu estava perseguindo? O Matador?

— Um bom nome para ele. Esse Matador não é velho, arqueiro, mas sua maldade é antiga. — Ela quase parecia se apoiar em um objeto invisível, talvez a coisa prateada que ele não conseguira ver direito. — Parece que estou revelando muito. Não sei nem por que falei, para começo de conversa. Ah, é claro. Você é um *ta'veren*, arqueiro?

— Quem é você? — Ela parecia saber bastante sobre a torre e o sonho de lobo. *Mas ficou surpresa em ver que eu conseguia falar com Saltador.* — Acho que já vi você em algum lugar.

— Já quebrei muitos preceitos, arqueiro.

— Preceitos? Que preceitos?

Uma sombra pousou no chão atrás de Saltador, e Perrin deu um giro ligeiro, irritado por ter sido pego de surpresa mais uma vez. Não havia ninguém ali. Mas ele tinha visto: era a sombra de um homem com os cabos de duas espadas se elevando acima dos ombros. Havia algo familiar naquela imagem.

— Ele tem razão — disse a mulher atrás de Perrin. — Eu não deveria estar falando com você.

Quando ele se virou de novo, ela havia desaparecido. Até onde a vista alcançava havia apenas grama e moitas espaçadas. E a torre prateada reluzente.

Ele franziu a testa para Saltador, que finalmente ergueu a cabeça.

— Nossa, eu fico surpreso por você não ser atacado por esquilos — resmungou Perrin. — O que achou dela?

Ela? Uma mulher? Saltador se levantou, olhando em volta. *Onde?*

— Eu estava conversando com ela. Bem aqui. Agora mesmo.

Você estava fazendo barulhos para o vento, Jovem Touro. Não havia mulher alguma aqui. Ninguém além de nós dois.

Perrin coçou a barba, irritado. A mulher estivera ali. Ele não falara sozinho.

— Coisas estranhas acontecem aqui — disse a si mesmo. — Ela concordou com você, Saltador. Me mandou ficar longe desta torre.

Ela é sábia. Havia um elemento de dúvida naquele pensamento, pois Saltador ainda não acreditava que existira uma "ela".

— Eu me afastei demais de onde pretendia ir — resmungou Perrin.

Explicou sua necessidade de encontrar lobos em Dois Rios ou nas montanhas acima, então contou sobre os corvos e os Trollocs nos Caminhos.

Quando terminou, Saltador permaneceu em silêncio por um bom tempo, mantendo o rabo frondoso baixo e rígido. Por fim… *Evite sua antiga casa, Jovem Touro.* A imagem que a mente de Perrin chamou de "casa" foi o território marcado por uma matilha. *Não há lobos lá, agora. Os que estavam lá e não fugiram estão mortos. O Matador caminha*

por lá, nos sonhos.

— Eu tenho que ir para casa, Saltador. Tenho que ir.

Cuidado, Jovem Touro. O dia da Última Caçada está chegando. Vamos correr juntos na Última Caçada.

— Vamos, sim — afirmou Perrin, com tristeza. Seria bom poder ir para aquele lugar depois de morrer. Ele já era metade lobo, ou pelo menos às vezes parecia ser. — Agora tenho que ir, Saltador.

Que você encontre boas caças, Jovem Touro, e fêmeas para lhe dar muitos filhotes.

— Adeus, Saltador.

Ele abriu os olhos sob a luz fraca dos carvões na encosta da montanha. Gaul estava acocorado bem no limiar da claridade, observando a noite. Faile estava acordada no outro acampamento, cumprindo seu turno de vigia. A lua pairava sobre as montanhas, transformando as nuvens em sombras peroladas. Perrin calculou que tivesse dormido por duas horas.

— Eu vigio um pouco — disse, jogando o manto para o lado. Gaul assentiu e se ajeitou no chão onde estava. — Gaul? — O Aiel levantou a cabeça. — Talvez a coisa esteja pior do que eu pensei em Dois Rios.

— Em geral é assim — respondeu Gaul, baixinho. — A vida é assim.

Muito tranquilo, o Aiel baixou a cabeça para dormir.

Matador. Quem era ele? O que era ele? Crias da Sombra no Portal dos Caminhos, corvos nas Montanhas da Névoa e aquele homem chamado Matador passeando em Dois Rios. Não podia ser coincidência, por mais que desejasse que fosse.

29



Volta para casa

A viagem até a Floresta do Oeste — que no sonho de lobo fora feita em no máximo meia dúzia de passos — saindo das montanhas e cruzando as Colinas de Areia, levou três longos dias a cavalo. Os Aiel não tinham problemas em acompanhá-los a pé, mas, na verdade, os animais não conseguiam avançar muito depressa com tantas ondulações no terreno. As feridas de Perrin coçavam demais enquanto cicatrizavam. O unguento de Faile parecia estar funcionando.

No geral, foi uma viagem silenciosa, interrompida mais pelos rosnados das raposas à caça ou pelos gritos dos gaviões do que pela voz humana. Pelo menos não viram mais corvos. Mais de uma vez, Perrin pensou que Faile parecia prestes a se aproximar em sua égua e dizer alguma coisa, mas acabava se contendo. Ficou feliz por isso. Queria falar com ela mais do que tudo, mas e se acabassem em sua água fazendo as pazes? Censurou-se por querer fazer as pazes. Faile o enganara e fizera o mesmo com Loial. A mulher tornaria tudo pior, muito mais difícil. Perrin queria poder beijá-la outra vez. Queria que Faile se cansasse dele e fosse embora. Por que ela tinha que ser tão teimosa?

Faile e as duas Aiel avançavam em silêncio. Bain e Chiad caminhavam uma de cada lado de Andorinha, e volta e meia uma das duas seguia na frente. As três às vezes cochichavam entre si, depois faziam tanta questão de não olhar para Perrin que seria mais óbvio se atirassem pedras. A pedido dele, Loial ainda seguia com as mulheres, embora estivesse claro que a situação o incomodava demais. As orelhas do Ogier se contorciam como se ele desejasse nunca ter ouvido

falar nos humanos. Gaul parecia achar a coisa toda muito engraçada. Sempre que Perrin olhava para o Aiel, notava que o homem parecia estar se divertindo.

Perrin viajava imerso em preocupações, mantendo o arco encordoado passado no cepilho alto da sela. Será que o tal de Matador vagava por Dois Rios apenas no sonho de lobo, ou também estava lá no mundo real? Suspeitava da última alternativa, achava que fora o tal de Matador que acertara o gavião sem motivo aparente. Era mais uma complicação que preferia não ter, ainda mais com os Filhos da Luz já envolvidos na história.

Sua família morava em uma grande fazenda a mais de um dia de viagem de Campo de Emond, quase na Floresta das Águas. Lá viviam o pai, a mãe, as irmãs e o irmãozinho caçula. Paetram estava com nove anos, sem dúvida protestando com mais vigor do que nunca ao ser chamado de "irmãozinho". Deselle fizera doze anos e já devia estar uma mocinha, e Adora, com dezesseis, com certeza estava pronta para trançar os cabelos. Lá também viviam, junto com os filhos, o tio Eward, irmão de seu pai, e a tia Magde, ambos corpulentos e muito parecidos. A tia Neain, que visitava o túmulo de tio Carlin todas as manhãs, morava lá com os filhos. Também tinha a tia-avó Ealsin, que nunca se casara, de faro aguçado e olhar mais ainda, sempre descobrindo o que todos estavam aprontando em um raio de milhas. Quando era aprendiz de Mestre Luhhan, Perrin os via apenas nos dias de festa, já que a distância era grande demais para visitá-los com frequência, e sempre havia trabalho a fazer. Se os Mantos-brancos estivessem à caça dos Aybaras, seria fácil encontrá-los. Tinha que se preocupar com a família, não com esse Matador. Era o máximo que podia fazer. Proteger sua família e Faile. Isso vinha em primeiro lugar. Depois vinham a aldeia e os lobos, e, por último, o tal de Matador. Não tinha como um único homem dar conta de tudo.

A Floresta do Oeste crescia sobre um solo pedregoso entremeado por afloramentos cobertos de amoreiras silvestres, uma terra dura, de árvores robustas, com poucas fazendas ou trilhas. Quando menino, Perrin percorrera aquelas matas densas. Às vezes ia sozinho, outras, com Mat e Rand. Os três caçavam com arco ou funda, montavam armadilhas para coelhos ou apenas vagavam por simples prazer. Esquilos com rabos peludos guinchavam nas árvores, tordos-pintados chilreavam nos galhos, tordos-negros e codornas-de-costas-azuis cantavam de detrás dos arbustos à frente dos viajantes — tudo o fazia lembrar-se de casa. Até mesmo o cheiro da terra levantada pelos cascos dos cavalos era familiar.

Perrin poderia ter seguido direto até Campo de Emond, mas desviou um pouco mais para o norte, pela floresta, cruzando a faixa de terra larga e acidentada chamada Estrada da Pedreira só quando o sol

descia em direção aos topos das árvores. Porque da "pedreira" ninguém em Dois Rios sabia. Na verdade nem parecia uma estrada, era só um trechinho mirrado que a pessoa nem notava que não tinha árvores, até avistar os sulcos formados pelos inúmeros carros e carroções. Às vezes surgiam resquícios de um antigo pavimento no chão. Talvez aquela estrada já tivesse conduzido a uma pedreira de Manetheren.

A fazenda que Perrin buscava não ficava longe da estrada, por detrás das fileiras de macieiras e pereiras já cheias de frutas. Sentiu o cheiro da fazenda antes de vê-la. Cheiro de carvão. Não era recente, mas um ano inteiro não seria o bastante para suavizar aquele odor.

Freou o cavalo na beirada das árvores e ficou ali parado, examinando a situação antes de se forçar a seguir até o que fora a fazenda al'Thor, puxando o cavalo de carga atrás do seu. Apenas o redil das ovelhas, com paredes de pedra, continuava de pé. O portão gradeado estava aberto e preso apenas a uma dobradiça. A chaminé, negra de fuligem, formava uma sombra torta nas vigas chamuscadas e caídas da casa. O celeiro e a estufa de cura de tabaco estavam reduzidos a cinzas. As ervas daninhas haviam tomado o campo de tabaco e a horta, que parecia ter sido pisoteada. Tudo o que não era chicória ou rabo-de-gato estava destruído e amarronzado.

Ele nem sequer pensou em encaixar uma flecha no arco. O incêndio ocorrera semanas antes, e a madeira queimada estava oleosa e fosca por conta das chuvas. A trepadeira-sufocante levava quase um mês para crescer até aquela altura e já tinha até envolvido o ancinho e o arado que jaziam ao lado do campo, tão enferrujados que dava para ver os pontos vermelhos por sob as folhas brancas estreitas.

Mas os Aiel vasculharam o lugar com cautela, de lanças prontas e olhos atentos, percorrendo o chão e cutucando as cinzas. Quando Bain emergiu das ruínas da casa, olhou para Perrin e balançou a cabeça. Pelo menos Tam al'Thor não morrera ali dentro.

Eles sabem. Eles sabem, Rand. Você devia ter vindo. Era quase impossível não fazer Galope sair correndo e seguir direto até a fazenda de sua família. Ou pelo menos tentar: até mesmo Galope cairia morto antes de conseguir cavalgar por tanto tempo. Talvez aquilo fosse obra de Trollocs. Se fosse, talvez sua família ainda estivesse na fazenda, trabalhando, em segurança. Respirou fundo, mas o cheiro de queimado obliterava qualquer outro odor.

Gaul parou ao lado dele.

— Seja lá quem tenha feito isso, já está bem longe. Mataram algumas ovelhas e afugentaram o resto. Alguém veio depois para reunir o bando e levá-lo para o norte. Dois homens, acho, mas as pegadas estão muito velhas para ter certeza.

— Temos alguma pista de quem foi?

Gaul balançou a cabeça. Poderiam ter sido Trollocs. Era estranho desejar uma coisa dessas. E tolo. Os Mantos-brancos sabiam o nome dele e parecia que também sabiam o de Rand. *Eles sabem o meu nome.* Perrin olhou para as cinzas da fazenda dos al'Thor e guiou Galope com as mãos tremendo nas rédeas.

Loial descera do cavalo ao chegar no limite do pomar, mas sua cabeça permanecia escondida entre galhos. Faile avançou em direção a Perrin, analisando o rosto do rapaz. Sua égua pisava com delicadeza.

— Isso aqui é…? Você conhece as pessoas que moravam aqui?

— Rand e o pai dele.

— Ah. Pensei que pudesse ser… — O alívio e a compaixão na voz dela eram suficientes para concluir a frase. — Sua família mora aqui por perto?

— Não — respondeu Perrin, com certa rudeza, e Faile se retraiu como se tivesse levado um tapa.

Mas a jovem continuou a observá-lo, à espera. O que ele precisava fazer para afastá-la? Se não conseguira até então, devia estar além do seu poder.

As sombras já se alongavam, o sol deitava nos topos das árvores. Ele deu meia-volta com Galope, dando as costas para ela com grosseria.

— Gaul, teremos que acampar aqui por perto, essa noite. Quero partir cedo, amanhã. — Ele olhou sorrateiro por cima do ombro. Faile ia de volta até Loial, sentada rígida na sela. — Em Campo de Emond, devem saber… — Onde estavam os Mantos-brancos, para que ele pudesse se entregar antes que machucassem sua família. Isso se estivesse tudo bem com sua família. Se a fazenda onde ele nascera já não estivesse igual à da família de Rand. Não. Tinha que ter chegado a tempo de impedir aquilo. — Devem saber como estão as coisas.

— Então sairemos cedo. — Gaul hesitou. — Você não vai conseguir afastá-la. Aquela ali é quase *Far Dareis Mai*, e, por mais que corra, é impossível fugir de uma Donzela que ama você.

— Pode deixar que eu cuido de Faile. — Ele suavizou a voz. Não era de Gaul que queria se livrar. — Partiremos bem cedo. Enquanto Faile ainda estiver dormindo.

Ambos os acampamentos sob as macieiras se aquietaram durante a noite. Várias vezes uma ou outra das Aiel se levantava e observava a pequena fogueira onde ele e Gaul estavam sentados, mas o piar de uma coruja e as pisadas dos cavalos eram os únicos sons nos arredores. Perrin não conseguiu dormir. Ainda faltava uma hora para clarear e a lua cheia ainda estava chegando ao horizonte quando ele e Gaul partiram. O Aiel avançava silencioso com as botas macias, e os cascos dos cavalos também faziam pouco barulho. Bain, ou talvez Chiad, os viu partir. Perrin não soube dizer quem era, mas a Aiel não

acordou Faile, e ele ficou grato.

O sol já estava bastante alto quando saíram da Floresta do Oeste, ainda um pouco abaixo da aldeia, despontando por entre caminhos e trilhas de carroças, a maioria ladeada por cercas-vivas ou muros baixos de pedra bruta. A fumaça formava colunas suaves sobre as chaminés das casas de fazenda. Pelo cheiro, as donas de casa estavam preparando o café. Homens ponteavam os campos de tabaco e cevada, e meninos vigiavam os rebanhos de ovelhas de cara negra dispersos pelos pastos. Alguns notavam a passagem deles, mas Perrin manteve o passo de Galope ligeiro, na esperança de que ninguém se aproximasse o bastante para reconhecê-lo ou perceber a estranheza das roupas e das lanças de Gaul.

As ruas em Campo de Emond deviam estar movimentadas àquela hora, então Perrin deu a volta a leste, passando longe da vila, das ruas de terra batida e dos telhados de palha aglomerados ao redor do Campo, onde a própria Fonte de Vinho manava do afloramento de uma pedra com força suficiente para derrubar um homem, dando origem ao rio de mesmo nome. A destruição que ele se lembrava de ter visto na Noite Invernal, no ano anterior, com casas incendiadas e telhados chamuscados, desaparecera: tudo fora reformado e reconstruído. Parecia até que os Trollocs nunca tinham passado por ali. Ele rezou para que ninguém tivesse que passar por aquilo outra vez. A Estalagem Fonte de Vinho ficava praticamente no ponto mais a leste de Campo de Emond, entre a Ponte das Carroças de madeira robusta, que cruzava o rio, e uma antiga fundação de pedra, um lugar gigantesco com um enorme carvalho crescendo no meio. Havia mesas dispostas sob os grandes galhos da árvore, onde o povo se sentava nas tardes amenas e assistia a partidas de boleada. Àquela hora da manhã, as mesas estavam vazias, naturalmente. Havia apenas algumas casas mais a leste. O primeiro andar da estalagem era todo de pedra, e o segundo andar era de paredes caiadas, dando para um telhado vermelho de onde despontavam várias chaminés. Era o único telhado de telhas em um raio de milhas.

Amarrando Galope e o cavalo de carga a um poste próximo à porta da cozinha, Perrin observou o estábulo de telhado de palha. Dava para ouvir homens trabalhando lá. Deviam ser Hu e Tad, limpando esterco das baias onde Mestre al'Vere guardava o grande grupo de Dhurran que alugava para puxar cargas pesadas. Também ouvia sons vindos do outro lado da estalagem, o burburinho de vozes no Campo, o grasnido dos gansos, o ranger de um carroção. Deixou a carga nos cavalos, seria uma parada ligeira. Acenou para que Gaul o seguisse e correu para dentro, carregando o arco, antes que os dois cavalariços aparecessem.

A cozinha estava vazia, com os dois fogões de ferro e todas as

lareiras, exceto uma, apagados, embora o aroma de pão assado ainda pairasse no ar. Pão e torta de mel. A estalagem quase não recebia hóspedes, a não ser pelos mercadores que vinham de Baerlon para comprar lã e tabaco ou algum mascate que vinha a cada mês se a neve não impedisse o acesso à estrada. Também tinha o povo da aldeia, que chegava no fim do dia para tomar um trago e comer alguma coisa, mas eles decerto estavam trabalhando duro àquela hora. Porém, devia haver alguém lá, então Perrin avançou nas pontas dos pés pelo pequenino corredor que levava da cozinha até o salão e abriu uma fresta da porta para espiar lá dentro.

Já vira aquele salão quadrado mil vezes, com a lareira feita de seixos de rio ocupando metade da extensão, o lintel da altura do ombro de um homem, a caixa polida de tabaco e o estimado relógio de Mestre al'Vere apoiados na cornija. Mas, de alguma forma, tudo parecia menor. As cadeiras de espaldar alto diante da lareira abrigavam as reuniões do Conselho da Aldeia. Os livros de Brandelwyn al'Vere jaziam em uma prateleira oposta à lareira — Perrin já fora incapaz de imaginar que houvesse mais livros em um lugar só do que aquelas poucas dezenas de exemplares surrados — e os barris de cerveja e vinho estavam empilhados na outra parede. Coceira, o gato amarelo da estalagem, dormia esparramado sobre um deles, como de costume.

Exceto pelo próprio Bran al'Vere e sua esposa, Marin, que poliam a prata e o peltre da estalagem em uma das mesas, vestidos em aventais brancos e compridos, o salão estava vazio. Mestre al'Vere era um homem robusto e gorducho, com esparsos cabelos grisalhos cobrindo o topo da cabeça. A senhora al'Vere era magra e tinha porte de mãe; sua trança grossa e grisalha estava jogada por cima de um dos ombros. Ela exalava cheiro de assado e um aroma mais discreto de rosas. Perrin lembrava-se deles como pessoas sorridentes, mas os dois pareciam concentrados, e o Prefeito estava com a testa franzida de um jeito que com certeza nada tinha a ver com a taça de prata em suas mãos.

— Mestre al'Vere? — Ele empurrou a porta e entrou. — Senhora al'Vere. Sou eu, Perrin.

Eles se levantaram de um salto, derrubando as cadeiras e fazendo Coceira dar um pulo. A Senhora al'Vere cobriu a boca com a mão. Ela e o marido ficaram tão boquiabertos ao vê-lo quanto ao notar Gaul. Foi o bastante para Perrin trocar o arco de mão, constrangido. Ainda mais quando Bran correu até uma das janelas da frente — o homem se movia com uma leveza surpreendente para alguém de seu tamanho — e afastou as cortinas de verão para espiar, como se esperasse ver mais Aiel do lado de fora.

— Perrin — murmurou a Senhora al'Vere, incrédula. — É você

mesmo. Quase não o reconheci, com essa barba, e esses… Seu rosto! Você se mach…? Egwene está com você?

Perrin tocou o corte meio cicatrizado na bochecha, constrangido, desejando ter se lavado ou pelo menos deixado o arco e o machado na cozinha. Não tinha pensado que eles poderiam ficara assustados com sua aparência.

— Não. Isso não tem nada a ver com ela. Egwene está em segurança. — Estaria mais se tivesse voltado para Tar Valon do que se tivesse permanecido em Tear com Rand, mas, de todo modo, estava em segurança. Imaginou que devia à mãe de Egwene algo mais do que aquela declaração seca. — Senhora al'Vere, Egwene está estudando para ser Aes Sedai. Nynaeve também.

— Eu sei — respondeu ela, baixinho, tocando o bolso do avental. — Ela me mandou três cartas de Tar Valon. Pelo que escreveu, enviou outras. E Nynaeve mandou pelo menos uma, mas só chegaram essas três de Egwene. Ela contou um pouco sobre o treinamento, que parece muito rígido, devo dizer.

— É o que ela quer fazer.

Três cartas? A culpa o fez encolher os ombros, constrangido. Não escrevera nenhuma carta desde os bilhetes que deixara para sua família e Mestre Luhhan na noite em que Moiraine o levou embora de Campo de Emond. Nenhuma.

— Parece que sim, mesmo não sendo o que imaginei para o futuro dela. Não é algo que eu possa contar para muita gente, não é? De todo modo, Egwene disse que fez amigas. Parecem ser boas meninas. Elayne e Min. Você as conhece?

— Sim, conheço. Acho que dá para dizer que são boas meninas.

Quanto Egwene dissera naquelas cartas? Não muito, evidentemente. A Senhora al'Vere que pensasse o que quisesse, ele não tinha a menor intenção de preocupá-la com coisas a respeito das quais ela nada poderia fazer. O passado ficara no passado. Egwene estava segura o bastante.

Percebendo de repente que Gaul estava parado ali, Perrin mais do que depressa fez as apresentações. Bran piscou quando ele disse que Gaul era Aiel e franziu o cenho para as lanças e o véu negro preso à *shoufa,* caído sobre o peito, mas sua esposa disse apenas:

— Mestre Gaul, seja bem-vindo a Campo de Emond e à Estalagem Fonte de Vinho.

— Que a senhora sempre encontre água e sombra, senhora do teto — respondeu Gaul educadamente. — Peço permissão para defender seu teto e seu forte.

A mulher hesitou por apenas um instante, antes de responder, como se estivesse muito acostumada àquele linguajar.

— É uma oferta muito cortês. Mas devo ser eu a decidir quando

essa proteção é ou não necessária.

— Como quiser, senhora do teto. Sua honra é minha. — De dentro do casaco, Gaul tirou um saleiro de ouro, uma pequena tigela equilibrada nas costas de um leão esculpido com muita elegância, e o estendeu a ela. — Ofereço este pequeno presente para seu teto.

Marin al'Vere aceitou o objeto como faria com qualquer presente, quase sem demonstrar o choque. Perrin duvidou de que houvesse alguma peça similar àquela em toda Dois Rios, e decerto não em ouro. Havia pouquíssimas moedas de ouro em Dois Rios, quanto mais ornamentos. Torceu para que a mulher jamais descobrisse que aquilo tinha sido saqueado da Pedra de Tear. Ele podia apostar que o objeto vinha de lá.

— Meu rapaz — disse Bran — talvez eu devesse dizer "seja bem-vindo de volta", mas por que foi que você voltou?

— Fiquei sabendo dos Mantos-brancos, senhor — respondeu Perrin, simplesmente.

O Prefeito e a esposa trocaram olhares soturnos, e Bran continuou:

— Mais uma vez, por que foi que você voltou? Você não pode impedir nada, meu rapaz, nem mudar o que já aconteceu. É melhor ir embora. Se não tiver um cavalo, eu lhe dou um. Se tiver, monte nele e siga para o norte. Achei que os Mantos-brancos estivessem vigiando a Barca do Taren… foram eles que enfeitaram seu rosto?

— Não. Foi…

— Então não importa. Se passou por eles quando chegou, pode passar por eles de volta, na saída. O acampamento principal está lá para cima, em Colina da Vigília, mas as patrulhas podem aparecer em qualquer lugar. Vá logo, meu rapaz.

— Não se demore, Perrin — acrescentou a Senhora al'Vere, em um tom baixo, porém firme, naquela voz que em geral conseguia fazer com que os outros a obedecessem. — Nem mesmo uma hora. Vou preparar um embrulho para você levar. Pão fresco e queijo, um pouco de presunto e rosbife, uns picles. Você precisa ir, Perrin.

— Eu não posso. Vocês sabem que eles estão atrás de mim, ou não me mandariam embora. — Os dois não tinham tecido comentários a respeito de seus olhos, nem para perguntar se ele estava doente. A Senhora al'Vere quase não parecera surpresa. Eles sabiam. — Se eu me entregar, posso impedir algumas coisas. Posso ajudar minha família…

Ele deu um salto quando a porta se abriu com um baque e Faile adentrou, seguida de Bain e Chiad.

Mestre al'Vere passou a mão pela cabeça careca. Mesmo assimilando as roupas femininas das Aiel e obviamente julgando que as jovens eram como Gaul, não pareceu muito perplexo por serem mulheres. Sobretudo, parecia irritado com a invasão. Coceira se

sentou para observar os estranhos, desconfiado. Perrin se perguntou se o gato também o considerava um estranho. E também como as três o haviam encontrado e onde estava Loial. Qualquer coisa para evitar a questão de como lidaria com Faile naquele momento.

A mulher lhe deu pouco tempo para ponderar, plantando-se diante de Perrin com as mãos na cintura. Estava fazendo aquele truque feminino de parecer mais alta só porque estava furiosa.

— Se entregar? Se entregar! Você estava planejando isso desde o início? Estava, não estava? Seu idiota! Seu cérebro congelou, Perrin Aybara. Já era mesmo só músculo e cabelo, mas agora não é nem isso. Se os Mantos-brancos estão mesmo atrás de você, vão enforcá-lo quando você se render. Mas por que estariam atrás de você?

— Porque eu matei Mantos-brancos. — Olhando para baixo, ele ignorou o arquejo da Senhora al'Vere. — Aquela noite em que eu conheci você, e duas vezes antes. Eles sabem disso, Faile, e acham que sou um Amigo das Trevas. — A mulher acabaria sabendo, mais cedo ou mais tarde. Depois de ter revelado isso, Perrin poderia ter explicado por que assassinara aqueles homens, se os dois estivessem sozinhos. Pelo menos dois Mantos-brancos, Geofram Bornhald e Jaret Byar, suspeitavam de sua ligação com os lobos. Nem de longe suspeitavam de tudo, mas aquele pouco já bastava para eles. Um homem que corria com os lobos só podia ser Amigo das Trevas. Talvez um, ou ambos, estivesse com os Mantos-brancos de Campo de Emond. — É isso o que acham.

— Você é tão Amigo das Trevas quanto eu — sussurrou Faile, com rispidez. — O sol é mais Amigo das Trevas do que nós.

— Não faz diferença, Faile. Eu tenho que fazer o que é preciso.

— Seu idiota cabeça-oca! Você não *tem* que fazer nada! Seu cérebro de ganso! Se tentar, eu mesma enforco você!

— Perrin — interveio a Senhora al'Vere, baixinho — será que pode nos apresentar a essa jovem que tem você em tão boa conta?

O rosto de Faile ficou completamente vermelho quando ela percebeu que estava ignorando o Senhor e a Senhora al'Vere, e a jovem começou uma série de mesuras elaboradas e pedidos desculpas com floreios. Bain e Chiad repetiram o gesto de Gaul, pedindo permissão para defender o teto da Senhora al'Vere e dando a ela uma pequena tigela de ouro com desenhos de folhagens e um pimenteiro de prata maior que os dois punhos de Perrin, com uma criatura exótica no topo, metade cavalo, metade peixe.

Bran al'Vere encarou, franziu o rosto, esfregou a cabeça e resmungou sozinho. Perrin captou a palavra "Aiel" mais de uma vez, em um tom incrédulo. O Prefeito continuava espiando pelas janelas. Não devia estar pensando em encontrar mais Aiel, pois ficara surpreso em saber que Gaul era um. Talvez estivesse preocupado com os

Mantos-brancos.

Marin al'Vere, por outro lado, aceitou tudo sem problemas, tratando Faile, Bain e Chiad como quaisquer jovens viajantes que aparecessem na estalagem, comiserando-se delas pelo cansaço da viagem, elogiando Faile pelo vestido de montaria — que naquele dia era de seda azul-escuro — e dizendo às Aiel o quanto admirava a cor e o brilho de seus cabelos. Perrin suspeitou que Bain e Chiad não soubessem muito bem o que pensar da mulher, mas, em pouco tempo, com uma espécie de firmeza tranquila e maternal, a senhora al'Vere acomodou as três a uma mesa e trouxe toalhas molhadas para limparem a poeira da viagem das mãos e dos rostos enquanto bebericavam o chá servido em um grande bule rajado de vermelho de que ele se lembrava muito bem.

Poderia ter sido divertido ver aquelas mulheres ferozes — inclusive Faile — ávidas por assegurar à Senhora al'Vere que estavam mais do que confortáveis, perguntando se não havia nada que pudessem fazer para ajudar, dizendo que ela estava tendo trabalho demais. Todas mantinham os olhos arregalados, feito crianças, e, como crianças, eram incapazes de resistir à mulher mais velha. Teria sido divertido se a senhora al'Vere não tivesse incluído ele e Gaul na recepção, arrastando-os com a mesma firmeza até a mesa, insistindo para que limpassem as mãos e o rosto antes de tomar uma xícara de chá. Gaul exibia um sorriso malicioso. Os Aiel tinham um senso de humor estranho.

Por mais surpreendente que parecesse, a mulher não chegou a olhar o arco e o machado de Perrin e nem as armas dos Aiel. Era raro ver alguém com sequer um arco em Dois Rios, e ela sempre insistia para que esses objetos fossem postos de lado antes de qualquer um se sentar a uma de suas mesas. Sempre. Daquela vez, porém, simplesmente ignorara as armas.

Outra surpresa veio quando Bran empurrou uma caneca de prata com conhaque de maçã para perto de Perrin, não com o traguinho que os homens costumavam beber na estalagem, que mal chegava à junta do polegar, mas cheia até a metade. Antes de ele ir embora, o máximo que lhe ofereciam era cidra de maçã, quando não leite ou às vezes um vinho bem aguado. E apenas metade da caneca, junto com as refeições, ou uma inteira em dias de festa. Era gratificante ser reconhecido como adulto, mas ele apenas segurou a caneca. Já estava acostumado com vinho, mas era raro beber qualquer coisa mais forte.

— Perrin — disse o Prefeito, sentando-se em uma cadeira ao lado da esposa — ninguém acredita que você seja um Amigo das Trevas. Ninguém com juízo. Não há motivo para você se deixar ser enforcado.

Faile assentiu com vigor em concordância, mas Perrin a ignorou.

— Eu não vou mudar de ideia, Mestre al'Vere. Os Mantos-brancos

estão atrás de mim e, se não conseguirem me pegar, podem acabar atacando o próximo Aybara que virem pela frente. Eles não precisam de muito para decidir que alguém é culpado. Não são pessoas agradáveis.

— Sabemos disso — retrucou a Senhora al'Vere, baixinho.

O marido encarou as mãos pousadas em cima da mesa.

— Perrin, sua família se foi.

— Se foi? Quer dizer que a fazenda já foi incendiada? — Perrin cerrou o punho na caneca de prata. — Eu esperava chegar a tempo. Acho que devia ter imaginado. Muito tempo se passou antes de eu ouvir as notícias. Talvez eu consiga ajudar meu pai e o tio Eward a reconstruírem o lugar. Com quem eles estão? Quero vê-los primeiro, ao menos.

Bran fez uma careta, e a esposa afagou seu ombro, confortando-o. Porém, estranhamente, ela manteve os olhos em Perrin, cheios de tristeza e consolo.

— Eles morreram, meu rapaz — disse Bran, sem rodeios.

— Morreram? Não. Não pode ser. — Perrin franziu a testa quando o líquido espirrou de repente, e encarou a caneca amassada como se não soubesse de onde ela viera. — Me desculpem. Eu não queria… — Ele forçou a prata achatada, tentando puxá-la de volta para a forma original. O que não daria certo. Claro que não. Com muito cuidado, depositou o objeto no centro da mesa. — Vou repor isso aqui. Posso… — Ele limpou a mão no casaco e de repente percebeu que alisava o machado que pendia do cinto. Por que todos o estavam encarando daquele jeito estranho? — Tem certeza? — Sua voz soava distante. — Adora e Deselle? Paet? Minha mãe?

— Todo mundo — respondeu Bran. — Seus tios e tias também, e seus primos. Todos da fazenda. Eu ajudei a enterrá-los, meu rapaz. Na colina baixa, aquela com as macieiras.

Perrin enfiou o polegar na boca. Que coisa idiota se cortar com o próprio machado.

— Minha mãe gosta de flor de macieira. Os Mantos-brancos. Por que eles…? Que me queime, Paet tinha só nove anos. As meninas…

Sua voz estava inexpressiva. Perrin achou que deveria haver alguma emoção naquelas palavras. Qualquer emoção.

— Foram Trollocs — disse a Senhora al'Vere, mais do que depressa. — Eles voltaram, Perrin. Não como fizeram quando você foi embora, não atacaram a aldeia. Foram para o campo. A maioria das fazendas sem vizinhos próximos foi abandonada. Ninguém sai de casa à noite, nem se for para algum lugar perto da aldeia. E é a mesma coisa descendo, para Trilha de Deven, e subindo, para Colina da Vigília, talvez até Barca do Taren. Os Mantos-brancos, por piores que sejam, são nossa única proteção de verdade. Fiquei sabendo que

salvaram duas famílias que tiveram as fazendas atacadas pelos Trollocs.

— Eu queria… eu esperava… — Ele não conseguia se lembrar muito bem do que queria. Tinha algo a ver com Trollocs. Ele não queria se lembrar. Os Mantos-brancos estavam protegendo Dois Rios? Era quase suficiente para fazê-lo rir. — O pai de Rand. A fazenda de Tam. Aquilo também foi obra dos Trollocs?

A Senhora al'Vere abriu a boca, mas Bran a interrompeu.

— Ele merece saber a verdade, Marin. Foram os Mantos-brancos, Perrin. Na casa dos Cauthon também.

— A família de Mat. A família de Rand, de Mat e a minha. — Que estranho. Ele soava como se estivesse refletindo sobre se ia ou não chover. — Eles também estão mortos?

— Não, meu rapaz. Não. Abell e Tam estão escondidos em algum lugar da Floresta do Oeste. E a mãe e as irmãs de Mat… elas também estão vivas.

— Estão escondidas?

— Não há necessidade de entrarmos nesse assunto — interveio a Senhora al'Vere, de repente. — Bran, sirva outra dose de conhaque para ele. E trate de beber dessa vez, Perrin. — O homem ficou sentado onde estava, mas a mulher olhou feio para o marido e prosseguiu. — Eu ofereceria uma cama, mas não é seguro. Tem gente que vai sair correndo à procura de Lorde Bornhald se souber que você está aqui. Eward Congar e Hari Coplin bajulam os Mantos-brancos feito cachorrinhos, ávidos por agradar e apontar nomes. E Cenn Buie não é muito melhor. Wit Congar também faz fofoca, se Daise não puser um freio nele. Ela é a Sabedoria, agora. Perrin, é melhor você ir embora. Acredite em mim.

Perrin balançou a cabeça devagar: era demais para absorver. Daise Congar, a nova Sabedoria? A mulher parecia um touro. Mantos-brancos protegendo Campo de Emond. Hari, Eward e Wit cooperando. Não dava para esperar muita coisa dos Congar e Coplin, mas Cenn Buie era do Conselho da Aldeia. Lorde Bornhald. Então Geofram Bornhald estava lá. Faile o observava com olhos grandes e chorosos. Por que a mulher estava à beira das lágrimas?

— Tem mais, Brandelwyn al'Vere — disse Gaul. — Seu rosto está dizendo que tem.

— Tem, sim — concordou Bran. — Não, Marin — acrescentou com firmeza, quando a mulher balançou a cabeça de leve. — Ele merece saber a verdade. Toda a verdade.

A senhora al'Vere cruzou os braços e suspirou. Ela quase sempre conseguia o que queria, exceto quando Bran assumia uma expressão firme, como agora, com as sobrancelhas contraídas para baixo, duras feito arado.

— Que verdade? — indagou Perrin.

Sua mãe gostava de flores de macieira.

— Antes de tudo, preciso dizer que Padan Fain está com os Mantos-brancos — disse Bran. — Ele agora se chama Ordeith e não responde mais pelo próprio nome, mas é ele. Continua olhando de cima para os outros.

— Ele é Amigo das Trevas — comentou Perrin, distraído. Na primavera, Adora e Deselle sempre punham flores de macieira nos cabelos. — Foi ele mesmo quem disse. Ele é que trouxe os Trollocs aqui, na Noite Invernal.

Paet gostava de escalar as macieiras. Ele atirava maçãs lá de cima nos passantes distraídos.

— Ah, é mesmo? — perguntou o Prefeito, com uma carranca. — Que coisa interessante. Ele tem alguma autoridade com os Mantos-brancos. A primeira vez que ouvimos dizer que estavam aqui foi depois que incendiaram a fazenda de Tam. Aquilo foi obra de Fain, foi ele quem liderou os Mantos-brancos que botaram fogo. Tam flechou quatro ou cinco antes de conseguir entrar na floresta, e chegou à fazenda dos Cauthon bem a tempo de impedir que pegassem Abell. Mas prenderam Natti e as meninas. Junto com Haral Luhhan e Alsbet. Acho que Fain teria enforcado todos, mas Lorde Bornhald não permitiu. Só que também não os liberta. Eles não estão feridos, pelo que pude descobrir, mas estão sendo mantidos no acampamento dos Mantos-brancos, bem no alto de Colina da Vigília. Por alguma razão, Fain odeia você, Rand e Mat. Ofereceu cem moedas de ouro por qualquer um que tivesse relação com os três, e duzentas por Tam ou Abell. Lorde Bornhald parece especialmente interessado em você. Quando uma patrulha dos Mantos-brancos vem até aqui, ele geralmente vem junto e faz perguntas a seu respeito.

— Sim — disse Perrin. — É claro que ele faz isso. — Perrin, de Dois Rios, que corria com os lobos. Amigo das Trevas. Fain devia ter contado o restante. *Fain está com os Filhos da Luz?* Era um pensamento distante. Mas era melhor que pensar em Trollocs. Encarou as mãos e franziu a testa, forçando-se a mantê-las firmes no tampo da mesa. — Eles protegem vocês dos Trollocs.

Marin al'Vere inclinou-se para perto dele, franzindo o cenho.

— Perrin, nós precisamos dos Mantos-brancos. Sim, eles incendiaram a fazenda de Tam e a de Abell, prenderam gente e marcham por aí como se fossem donos de tudo, mas Alsbet, Natti e os outros não estão feridos, apenas presos, e isso a gente pode dar um jeito de consertar. A Presa do Dragão foi rabiscada em algumas portas, mas ninguém além dos Congar e dos Coplin dá atenção, e é provável que eles é que tenham feito os rabiscos. Tam e Abell podem ficar escondidos até os Mantos-brancos irem embora. Mais cedo ou mais

tarde, eles vão ter que ir. Mas, enquanto houver Trollocs por aqui, precisaremos deles. Por favor, entenda isso. Não é que a gente não prefira ter você aqui, em vez deles, mas precisamos deles. E não queremos que você seja enforcado.

— A senhora chama isso de proteção, senhora do teto? — perguntou Bain. — Se a senhora pedir a um leão que a proteja dos lobos, estará escolhendo apenas terminar em uma barriga, em vez de outra.

— Vocês não são capazes de se proteger sozinhos? — acrescentou Chiad. — Já vi Perrin lutar, assim como Mat Cauthon e Rand al'Thor. Eles têm o mesmo sangue que vocês.

Bran deu um suspiro profundo.

— Somos fazendeiros, gente simples. Lorde Luc fala de organizar homens para lutar contra os Trollocs, mas isso significa que deixaríamos nossas famílias desprotegidas enquanto partimos com ele, e ninguém gosta muito da ideia.

Perrin estava confuso. Quem era Lorde Luc? Ele perguntou, e a Senhora al'Vere respondeu:

— Ele chegou na mesma época que os Mantos-brancos. É um Caçador da Trombeta. Sabe a história da *Grande Caçada*? Lorde Luc acha que a Trombeta de Valere está em algum lugar das Montanhas da Névoa, acima de Dois Rios. Mas abandonou a caçada por conta dos nossos problemas. Lorde Luc é um grande cavalheiro, um homem muito refinado.

Alisando os cabelos, ela abriu um sorriso de aprovação. Bran a olhou de esguelha e soltou um grunhido azedo.

Caçadores da Trombeta. Trollocs. Mantos-brancos. Dois Rios nem parecia o mesmo lugar que ele deixara.

— Faile também é uma Caçadora da Trombeta. Você conhece esse Lorde Luc, Faile?

— Para mim, já chega — anunciou a jovem. Perrin franziu o cenho enquanto ela se levantava, dava a volta na mesa e se colocava ao lado dele. Faile agarrou sua cabeça e puxou o rosto dele contra sua barriga. — Sua mãe morreu — disse, baixinho. — Seu pai morreu. Suas irmãs morreram, e seu irmão também. Sua família está morta, e você não pode mudar isso. E vai poder fazer menos ainda se morrer também. Permita-se chorar a perda deles. Não guarde tudo aí dentro, só vai apodrecer.

Perrin a segurou pelos braços com a intenção de afastá-la, mas por alguma razão suas mãos se apertaram até que aqueles punhos agarrados a ela fossem as únicas coisas a sustentá-lo. Foi só naquele momento que percebeu que estava chorando, soluçando no vestido de Faile feito um bebê. O que ela pensaria dele? Abriu a boca para dizer que estava tudo bem, para se desculpar por ter sucumbido à tristeza,

mas o que saiu foi:

— Não consegui chegar mais depressa. Não consegui… Eu… — Ele trincou os dentes para se calar.

— Eu sei — murmurou ela, afagando seus cabelos como se ele fosse uma criança. — Eu sei.

Perrin queria parar, mas quanto mais Faile sussurrava em compreensão, mais ele soluçava, como se aquelas mãos macias em seus cabelos estivessem arrancando as lágrimas de seus olhos.

30



Depois do carvalho

Com Faile segurando sua cabeça sob os seios, Perrin perdeu a noção de por quanto tempo chorou. Imagens de sua família perpassavam seus pensamentos; o pai sorrindo enquanto o ensinava a erguer um arco, a mãe cantando e enrolando lã, Adora e Deselle implicando com ele na primeira vez em que se barbeou, Paet arregalando os olhos para um menestrel no Dia do Sol, muito tempo atrás. Imagens de túmulos frios e solitários enfileirados. Ele chorou até esgotar as lágrimas. Quando enfim se afastou, os dois estavam sozinhos, exceto por Coceira, que se lambia em cima do barril de cerveja. Ficou feliz em ver que os outros não haviam permanecido para assistir à cena. Faile ter visto já era ruim o bastante. De certa forma, estava feliz por ela ter ficado. Só queria que ela não tivesse visto nem ouvido.

Faile segurou as mãos dele e sentou-se na cadeira ao lado. Era tão linda, com aqueles olhos levemente oblíquos, grandes e escuros, e as maçãs do rosto altas. Perrin não sabia como poderia se redimir depois da forma como a tratara naqueles últimos dias. Sem dúvida a mulher encontraria uma forma de fazê-lo pagar.

— Você desistiu da ideia de se entregar para os Mantos-brancos? — perguntou ela.

Sua voz não dava indícios de que acabara de assisti-lo chorar feito um bebê.

— Parece que não adiantaria de nada. Não importa o que eu faça, eles irão atrás dos pais de Rand e Mat. Minha família… — Ele soltou depressa as mãos dela, mas Faile sorriu, em vez de contrair o

rosto. — Preciso libertar Mestre Luhhan e a mulher dele, se puder. E a mãe e as irmãs de Mat. Prometi a ele que cuidaria delas. E quero dar um jeito nos Trollocs. — Talvez aquele Lorde Luc tivesse algumas ideias. Pelo menos o Portal dos Caminhos estava bloqueado, nada mais viria dos Caminhos. E ele queria mesmo fazer algo em relação aos Trollocs. — Não imagino nada disso acontecendo se eu deixar que eles me enforquem.

— Fico feliz que você veja isso — respondeu a mulher, em um tom seco. — Mais alguma ideia idiota a respeito de me mandar embora?

— Não.

Ele se preparou para a briga, mas Faile apenas assentiu, como se aquela resposta fosse tudo o que desejasse e esperasse ouvir. Como se fosse uma besteira, nada por que valesse a pena discutir. Faile o faria pagar caro.

— Somos cinco, Perrin, seis se Loial estiver disposto a lutar. E, se conseguirmos encontrar Tam al'Thor e Abell Cauthon… Eles são tão bons no arco quanto você?

— Melhores — respondeu Perrin, e falava a verdade. — Muito melhores.

Ela assentiu de leve com a cabeça, um pouco descrente.

— Já somos oito. É um começo. Talvez outros se juntem a nós. E também tem o Lorde Luc. Ele deve querer assumir a liderança, mas, se não for um completo idiota, não tem problema. Só que nem todo mundo que fez o Juramento do Caçador é razoável. Conheci alguns que acham que sabem de tudo, além de serem teimosos feito mulas.

— Disso eu sei. — Faile lançou a ele um olhar penetrante, mas Perrin conseguiu manter a seriedade. — Sei que você conheceu alguns assim, foi o que quis dizer. Vi dois deles, uma vez, lembra?

— Ah, aqueles. Bom, vamos torcer para que Lorde Luc não seja um mentiroso que gosta de contar vantagem. — Os olhos de Faile assumiram um brilho determinado, e ela segurou firme a mão de Perrin. Não de um jeito incômodo, mas como se tentasse juntar as forças dos dois. — Você vai querer visitar a fazenda da sua família, a sua casa. E eu vou com você, se deixar.

— Quando eu puder, Faile. — Mas não agora. Não ainda. Se olhasse aqueles túmulos sob as macieiras agora… Era estranho. Sempre se achara muito forte, mas percebia que na verdade não era nem um pouco forte. Bem, já terminara de chorar feito um bebê. Já passava da hora de fazer alguma coisa. — Vamos por partes. Acho que, primeiro, precisamos encontrar Tam e Abell.

Mestre al'Vere enfiou a cabeça para dentro do salão e adentrou o aposento ao vê-los sentados, separados.

— Tem um Ogier na cozinha — disse a Perrin, com um olhar

perplexo. — Um Ogier. Tomando chá. Mesmo a maior caneca parece… — Ele ergueu dois dedos como se segurasse um dedal. — Marin pode até conseguir fingir que todos os dias aparece um Aiel por aqui, mas quase desmaiou quando viu esse tal de Loial. Dei a ela uma dose dupla de conhaque, e Marin virou tudo como se fosse água. Quase tossiu até morrer, ela não tem hábito de beber nada além de vinho. Acho que teria tomado mais, se eu tivesse dado. — Ele apertou os lábios e fingiu interesse em um ponto inexistente no longo avental branco. — Está melhor agora, meu rapaz?

— Estou bem, sim, senhor — respondeu Perrin, mais do que depressa. — Mestre al'Vere, não podemos ficar aqui por mais muito tempo. Alguém pode contar aos Mantos-brancos que vocês me deram abrigo.

— Ah, não tem muita gente que faria uma coisa dessas. Nem todos os Coplin são assim. E dá para contar até com alguns dos Congar.

Mas ele não sugeriu que ficassem.

— Sabe onde consigo encontrar Mestre al'Thor e Mestre Cauthon?

— Eles ficam em algum lugar da Floresta do Oeste — respondeu Bran, com certa cautela. — É só o que eu sei com certeza. Estão sempre mudando de esconderijo. — Ele entrelaçou os dedos sobre a barriga volumosa e inclinou a cabeça grisalha para o lado. — Então vocês não vão embora? Bem. Eu disse a Marin que não iriam, mas ela não acreditou. Minha esposa acha que é melhor vocês irem… Acha que seria melhor para você… E, como a maioria das mulheres, Marin tem certeza de que você vai acabar fazendo o que ela quer, se pedir muitas vezes.

— Ora, Mestre al'Vere — respondeu Faile, em um tom doce — eu, por exemplo, sempre vi os homens como criaturas razoáveis que só precisam que lhes mostrem o caminho certo uma única vez.

O Prefeito brindou a moça com um sorriso bem-humorado.

— Então vai convencer Perrin a ir embora? Marin tem razão, é o melhor a fazer, se ele quiser evitar a forca. A única razão para ficar é que às vezes um homem é incapaz de correr. Não é mesmo? Bem, você com certeza sabe o que é melhor. — Ele ignorou o olhar azedo da moça. — Venha comigo, rapaz. Vamos dar as boas novas a Marin. Prepare-se para a luta e mantenha-se firme em seus propósitos, pois ela não vai desistir fácil.

Na cozinha, Loial e os Aiel estavam sentados no chão de pernas cruzadas. Não havia na estalagem cadeira em que o Ogier coubesse, e ele estava sentado com um braço apoiado na mesa da cozinha. Mesmo naquela posição, era alto o bastante para encarar Marin al'Vere de frente. Bran exagerara no tamanho da caneca nas mãos de Loial, mas, ao olhar mais atentamente, Perrin reparou que era uma tigela de sopa

esmaltada em branco.

A Senhora al'Vere ainda estava se esforçando para fingir que Aiel e Ogier eram visitantes habituais, correndo de um lado a outro com uma bandeja de pão, queijo e picles, certificando-se de que todos estavam comendo, mas seus olhos se arregalavam cada vez que pousavam em Loial, embora o Ogier tentasse deixá-la confortável fazendo elogios à comida. As orelhas peludas se remexiam nervosas toda vez que a mulher o encarava, e Marin dava um pulinho a cada vez que isso acontecia, então balançava a cabeça, e a grossa trança grisalha se sacudia vigorosamente. Em algumas horas, um acabaria nocauteando o outro com tantas sacudidelas.

Ao ver Perrin, Loial soltou um suspiro grave e profundo de alívio e pousou a caneca — a tigela — de chá sobre a mesa. No entanto, no instante seguinte, seu enorme rosto pareceu murchar de tristeza.

— Lamento muito a sua perda, Perrin. E compartilho da sua dor. A Senhora al'Vere… — as orelhas se remexiam como doidas, mesmo sem ele olhar para a mulher, e Marin levou outro susto — … estava me contando que você vai embora, agora que não tem mais nada que o prenda aqui. Se quiser, posso cantar para as macieiras antes de irmos.

Bran e Marin trocaram olhares surpresos, e o Prefeito até limpou a orelha com o dedo.

— Obrigado, Loial. Ficarei muito grato, e podemos fazer isso, quando houver tempo. Mas tenho trabalho a fazer antes de ir. — A Senhora al'Vere pousou a bandeja na mesa com um estalido e o encarou, mas ele prosseguiu, explicando seus planos: encontrar Tam e Abell e resgatar os prisioneiros dos Mantos-brancos. Não mencionou os Trollocs, mas também, seus planos para eles ainda eram vagos. Talvez não *tão* vagos. Não pretendia ir embora enquanto ainda houvesse um Trolloc ou Myrddraal vivo em Dois Rios. Enganchou os dedos no cinto para evitar alisar o machado. — Não vai ser fácil — concluiu. — Apreciarei muito sua companhia, mas vou entender se você quiser ir embora. Essa luta não é sua, e você já passou por problemas demais ficando perto do povo de Campo de Emond. E não vai dar para escrever muito do seu livro, por aqui.

— Aqui ou lá, acho que a luta é a mesma — respondeu Loial. — O livro pode esperar. Talvez eu escreva um capítulo sobre você.

— Eu disse que o acompanharia — respondeu Gaul, mesmo sem ser perguntado — e não estava pensando em ficar apenas até a jornada parecer mais difícil. Tenho uma dívida de sangue com você.

Bain e Chiad encararam Faile com uma expressão indagativa e, quando ela assentiu, as duas expressaram sua decisão de ficar.

— Tolos e teimosos — resmungou a Senhora al'Vere — todos

vocês. É muito provável que acabem enforcados, isso se viverem para tanto. Sabem disso, não sabem? — Quando o grupo apenas a encarou, ela desamarrou o avental e passou-o por cima da cabeça. — Bem, se forem burros o bastante para ficar, acho melhor mostrar a vocês onde se esconder.

O marido a olhou com surpresa diante da rendição repentina, mas se recuperou depressa.

— Pensei no antigo hospital, Marin. Ninguém mais vai lá, e acho que o teto ainda está quase todo inteiro.

Desde que Perrin era garotinho, o lugar que chamavam de novo hospital, para onde eram levadas as pessoas que pegavam alguma doença contagiosa, ficava a leste da aldeia, para além do moinho do Mestre Thane. O antigo, na Floresta do Oeste, fora quase todo destruído em um vendaval. Perrin se lembrava do lugar meio tomado por trepadeiras e arbustos espinhentos, com pássaros empoleirados no que restara do sapê do telhado e uma toca de texugo debaixo da escada dos fundos. Daria um bom esconderijo.

A Senhora al'Vere lançou a Bran um olhar penetrante, parecendo surpresa por ele ter pensado nisso.

— Acho que pode funcionar, sim. Pelo menos por esta noite. Vou levá-los para lá.

— Não precisa, Marin. Posso conduzi-los sem problemas, se Perrin não se lembrar do caminho.

— Às vezes você se esquece de que é o Prefeito, Bran. Você chama a atenção, o povo sempre quer saber para onde você está indo e o que está fazendo. Por que não fica aqui, e, se alguém aparecer, dá conta de mandá-los embora achando que tudo está nos conformes? Tem cozido de carneiro na panela e uma sopa de lentilha que é só aquecer. Mas não mencione o hospital a ninguém, Bran. É melhor que ninguém nem se lembre de que ele existe.

— Eu não sou idiota, Marin — retrucou o homem, rígido.

— Eu sei que não, meu bem. — Ela afagou o rosto do marido, mas o olhar terno se endureceu ao desviar de Bran para o restante do grupo. — Como vocês dão trabalho — murmurou antes de começar a dar as instruções.

Eles viajariam em grupos menores, para não chamar atenção. Marin cruzaria a aldeia sozinha e os encontraria na floresta, do outro lado. Os Aiel garantiram que conseguiriam encontrar o carvalho fendido por um raio que ela descrevera e deslizaram, sorrateiros, pela porta dos fundos. Perrin conhecia o carvalho, uma árvore imensa a uma milha dos limites da aldeia, uma árvore que parecia ter sido cortada ao meio por um machado, mas que de alguma forma continuava viva e até dando flores. Tinha certeza de que conseguiria seguir direto até o hospital sem maiores problemas, mas a Senhora

al'Vere insistiu para que todos fossem ao ponto de encontro.

— Se sair vagando por aí sozinho, Perrin, sabe a Luz com o que pode topar. — Ela olhou para Loial, de pé, com os cabelos desgrenhados roçando as vigas do teto, e suspirou. — Queria que pudéssemos fazer algo em relação à sua altura, Mestre Loial. Sei que está quente, mas o senhor se importaria de usar seu manto com o capuz levantado? Mesmo hoje em dia, a maioria se convence rápido de que não viu alguma coisa, se não for o esperado. Mas, se alguém vir o rosto do senhor… Não que o senhor não seja bonito, disso não tenho dúvidas, mas o senhor nunca passaria por gente de Dois Rios.

O sorriso de Loial ia de orelha a orelha.

— O dia não está nem um pouco quente para um manto, Senhora al'Vere.

Agarrando um xale leve de tricô com franjados azuis, Marin acompanhou Perrin, Faile e Loial até o estábulo para vê-los partir, e, por um instante, pareceu que todos os seus esforços em manter segredo haviam ido por água abaixo. Cenn Buie, que parecia feito de velhas raízes retorcidas, examinava os cavalos com olhos apertados. Dava atenção especial ao enorme cavalo de Loial, tão grande quanto os Dhurran de Bran. Cenn coçou a cabeça, encarando a imensa sela do cavalão.

Seus olhos se arregalaram quando viram Loial, e ele ficou boquiaberto.

— Tr-Tr-Trolloc! — conseguiu enfim dizer.

— Não seja um velho tolo, Cenn Buie — retorquiu Marin, com firmeza, dando um passo para o lado para chamar a atenção do telhador para si. Perrin manteve a cabeça baixa, analisando o arco, e não se moveu. — Eu ficaria parada diante da minha própria porta se fosse um Trolloc? — Ela deu uma fungada desdenhosa. — Mestre Loial é um Ogier, como você saberia se não fosse um bestalhão intratável que prefere ficar reclamando por aí em vez de ver o que está bem diante do próprio nariz. Ele está de passagem, e não tem tempo para ser incomodado por gente da sua espécie. Retorne aos seus afazeres e deixe nossos hóspedes em paz. Você sabe muito bem que Corin Ayellin está há meses atrás de você por conta do trabalho porco que fez no telhado dela.

Cenn reproduziu a palavra "Ogier" sem fazer qualquer som, piscando várias vezes. Por um instante, pareceu que o homem se pronunciaria em defesa do trabalho que fizera, mas logo encarou Perrin e apertou os olhos.

— Ele! É ele! Estão atrás de você, sua cria de patife, fugindo com Aes Sedai e virando Amigo das Trevas. Foi naquela época que os Trollocs apareceram por aqui. Agora você está de volta, e eles também. Vai me dizer que é coincidência? Qual é o problema com os

seus olhos? Está doente? Arrumou alguma doença e trouxe para cá, para matar todos nós? Como se os Trollocs não fossem o bastante! Os Filhos da Luz vão dar um jeito em você. Veja só se não vão.

Perrin sentiu Faile ficando tensa e mais do que depressa pôs uma das mãos em seu braço, ao perceber que a mulher estava puxando uma faca. O que ela pensava que estava fazendo? Cenn era um velho imbecil e irascível, mas não havia motivo para facas. Faile sacudiu a cabeça, exasperada, mas pelo menos deixou a situação se desenrolar.

— Já chega, Cenn — retrucou Marin, ríspida. — Guarde o que viu para si mesmo. Ou será que começou a correr para os Mantos-brancos com histórias, feito Hari e seu irmão, Darl? Tenho as minhas suspeitas sobre por que os Mantos-brancos vieram revirar os livros de Bran. Levaram seis com eles e passaram um sermão em Bran sobre blasfêmia debaixo do nosso próprio teto. Blasfêmia, é inacreditável! E tudo porque não concordaram com o que estava em um dos livros. Você tem sorte de eu não mandá-lo repor os que foram levados. Os Mantos-brancos cavoucaram a estalagem inteira feito doninhas. Estavam procurando mais *textos blasfemantes*, pelo que disseram, como se alguém fosse esconder um livro. Reviraram todos os colchões das camas e bagunçaram meus armários de lençóis. E tem é sorte de eu não arrastar você pela orelha para colocar tudo de volta no lugar.

Cenn se encolhia um pouco mais a cada frase da mulher, até dar a impressão de que tentava puxar os ombros ossudos por cima da cabeça.

— Eu não contei nada a eles, Marin — protestou. — Só porque um homem menciona… quer dizer, eu só disse… por acaso, só assim, de passagem… — Ele estremeceu, ainda evitando o olhar da mulher, mas recobrando um pouco dos modos de antes. — Pretendo levar isso ao Conselho, Marin. Estou falando desse aí. — Ele apontou um dedo torto para Perrin. — Enquanto ele estiver por aqui, estamos todos correndo perigo. Se os Filhos descobrirem que vocês estão dando abrigo a ele, podem culpar todos nós. Aí não vai bastar revirar armários.

— Isso é assunto do Círculo das Mulheres. — Marin ajeitou o xale em volta dos ombros e virou-se para encarar o telhador. O homem era um pouco mais alto do que ela, mas o súbito ar de grave formalidade deu vantagem à mulher. Ele tartamudeou, mas Marin atropelou suas tentativas de emitir alguma palavra. — É assunto do Círculo, Cenn Buie. Se pensa que não, ou se ousar pensar em me chamar de mentirosa, vá segurando essa sua língua. Se soprar qualquer palavra dos assuntos do Círculo das Mulheres, seja para quem for, incluindo o Conselho da Aldeia…

— O Círculo não tem o direito de interferir nos assuntos do Conselho! — gritou Cenn.

Marin não o deixou falar.

— … E veja lá se sua mulher não vai deixar você dormindo no celeiro. E comendo as sobras das vacas leiteiras. Acha que o Conselho tem prioridade sobre o Círculo? Vou mandar Daise Congar persuadir você do contrário, se é isso que está querendo.

Cenn se encolheu, e com razão. Se Daise Congar era a Sabedoria, a mulher provavelmente enfiaria misturas amargas pela goela dele todos os dias pelo próximo ano, e Cenn era franzino demais para impedi-la. Alsbet Luhhan era a única mulher em Campo de Emond maior que Daise, que tinha inclinação a ser perversa e um gênio difícil. Perrin não conseguia imaginá-la como Sabedoria. Nynaeve decerto teria um ataque quando descobrisse quem a substituíra. A mulher sempre acreditara que era a única que agia com bom senso.

— Não tem motivo para grosseria, Marin — murmurou Cenn, botando panos quentes. — Se quiser que eu fique quieto, eu fico. Mas, com ou sem Círculo das Mulheres, você está correndo o risco de que os Filhos destruam todos nós.

Marin apenas ergueu as sobrancelhas, e, depois de um instante, Cenn foi embora, ainda resmungando entre dentes.

— Muito bem — disse Faile, quando Cenn dobrou a curva da estalagem e desapareceu. — Acho que preciso fazer umas aulas com a senhora. Quando lido com Perrin, não tenho nem a metade do talento que a senhora tem com Mestre al'Vere e aquele sujeito.

Ela sorriu para Perrin, mostrando que estava brincando. Pelo menos, ele esperou que fosse isso.

— Você precisa saber quando levá-los na rédea curta — respondeu a mulher mais velha, absorta — e quando não há nada a fazer senão deixá-los livres. Deixar que façam o que querem quando a coisa não tem importância torna mais fácil controlá-los quando tem. — Ela franziu a testa na direção de Cenn, sem prestar muita atenção ao que estava dizendo, exceto talvez quando acrescentou: — E alguns deveriam ser amarrados a uma baia e largados por lá.

Perrin logo se meteu na conversa. Faile não estava precisando de conselhos desse tipo.

— A senhora acha que ele vai segurar a língua, Senhora al'Vere?

A mulher respondeu, hesitante:

— Acredito que sim. Cenn é meio irritante desde que nasceu, e a coisa só piora com a idade, mas ele não é como Hari Coplin e seu bando.

Ela não parecia ter certeza do que dissera.

— Seria melhor irmos logo — disse Perrin.

Ninguém discutiu.

O sol estava mais alto do que ele esperava, já passado da altura

do meio-dia, o que significava que a maioria do povo já estaria em casa para comer. Os poucos ainda na rua, na maioria garotos cuidando de ovelhas ou vacas, estavam ocupados comendo o que haviam trazido em embrulhos de pano, muito absortos na própria comida e muito longe das trilhas das carroças para prestar atenção em quem estivesse passando. Ainda assim, Loial foi alvo de alguns olhares, apesar do capuz que escondia seu rosto. Mesmo em cima de Galope, Perrin batia abaixo do peito do Ogier, na imensa montaria. Para quem os via a distância, o grupo deveria parecer composto de um adulto com duas crianças, todos em cima de pôneis, conduzindo pôneis de carga, o que sem dúvida não era uma visão corriqueira, mas Perrin esperou que o povo pensasse que não passavam disso. O falatório atrairia atenção. Precisava evitá-la até libertar a Senhora Luhhan e os outros. Se pelo menos Cenn se mantivesse quieto. Perrin também manteve o capuz do manto levantado. Aquilo era mais uma coisa que poderia atrair falatório, mas não tanto quanto se alguém notasse sua barba e percebesse que ele não era uma criança. Pelo menos o dia não estava quente demais. Depois de Tear, o clima quase parecia de primavera, e não de verão.

Perrin não teve problemas para encontrar o carvalho rachado, as duas metades pendendo uma para cada lado feito uma enorme tesoura, com o lado de dentro preto e duro como ferro, e o chão limpo sob os enormes galhos que se espalhavam. Cruzar a aldeia era um caminho muito mais curto do que dar a volta, por isso a Senhora al'Vere já estava aguardando, remexendo o xale, um tantinho impaciente. Os Aiel também estavam lá, acocorados no chão adubado com folhas de carvalho velhas e cascas de noz mastigadas pelos esquilos. Gaul mantinha-se afastado das duas mulheres. As Donzelas e o Cão de Pedra se observavam quase com tanta atenção quanto olhavam a floresta ao redor. Perrin não teve dúvidas de que os Aiel tinham dado um jeito de chegar ali sem serem vistos. Desejou ter a mesma habilidade. Era capaz de avançar furtivamente nas florestas, mas para os Aiel parecia não fazer diferença se era floresta, campo ou cidade. Quando não queriam ser vistos, encontravam uma forma.

A Senhora al'Vere insistiu para que percorressem o restante do caminho a pé, alegando que era muito cheio de vegetação para cavalgar. Perrin não concordou, mas desceu da montaria mesmo assim. Sem dúvida não seria confortável conduzir o pessoal a cavalo estando a pé. De qualquer modo, sua cabeça estava nos vários planos. Precisava dar uma olhada no acampamento dos Mantos-brancos na Colina da Vigília antes de decidir como resgataria a Senhora Luhhan e os outros. E onde Tam e Abell estariam escondidos? Nem Bran e nem a Senhora al'Vere tinham dito. Talvez não soubessem. Se Tam e Abell ainda não tinham libertado os prisioneiros, era porque não era tarefa

fácil. Mas precisava dar um jeito de fazer isso. Depois poderia voltar a atenção aos Trollocs.

Fazia anos que ninguém da aldeia seguia por aquelas bandas, e a trilha desaparecera, mas as árvores altas mantinham a vegetação rasteira. Os Aiel deslizavam furtivos perto dos outros, cedendo à insistência da Senhora al'Vere de que todos permanecessem juntos. Loial murmurava em aprovação ao ver os grandes carvalhos ou abetos e folhas-de-couro especialmente altas. Volta e meia ouviam o cantarolar de um tordo ou um pisco-de-peito-ruivo no alto das árvores, e Perrin chegou a sentir o cheiro de uma raposa que os observava passar.

De súbito, sentiu um odor humano que não estava ali instantes antes e ouviu um fraco farfalhar. Os Aiel ficaram tensos e se agacharam, com as lanças a postos. Perrin levou a mão à aljava.

— Fiquem calmos — disse a Senhora al'Vere, com urgência, fazendo gestos para que as armas fossem baixadas. — Por favor, fiquem calmos.

De repente, surgiram dois homens diante do grupo. Um alto, moreno e magro à esquerda, outro baixo, troncudo e grisalho à direita. Os dois traziam arcos com flechas encaixadas, prontos para erguer e atirar, as aljavas de contrapeso para as espadas na cintura. Ambos usavam mantos que pareciam esvanecer nas folhagens ao redor.

— Guardiões! — exclamou Perrin. — Por que não contou que havia Aes Sedai por aqui, Senhora al'Vere? Mestre al'Vere também não as mencionou. Por quê?

— Porque ele não sabe — respondeu a mulher, apressada. — Não menti quando disse que esse era um assunto do Círculo das Mulheres. — Ela voltou a atenção aos dois Guardiões, que ainda não haviam relaxado a postura. — Tomas, Ihvon, vocês me conhecem. Baixem esses arcos. Sabem que eu não traria aqui alguém que quisesse fazer mal.

— Um Ogier — disse o homem grisalho — três Aiel, um homem de olhos amarelos, sem dúvida o que os Mantos-brancos estão procurando, e uma jovem feroz com uma faca. — Perrin olhou para Faile, que portava uma faca pronta para atirar, mas dessa vez ele concordava. Aqueles homens podiam ser Guardiões, mas ainda não davam sinais de que iriam baixar os arcos, e os rostos poderiam ter sido esculpidos em bigornas. Os Aiel se mostravam prontos para começar a dançar as lanças, sem nem esperar para subir os véus. — Um grupo estranho, Senhora al'Vere — prosseguiu o Guardião mais velho. — Vejamos. Ihvon?

O homem mais magro assentiu e desapareceu na vegetação baixa. Perrin mal ouviu o sujeito caminhar. Os Guardiões se deslocavam

silenciosos como a própria morte, quando queriam.

— O que a senhora quer dizer com "assunto do Círculo das Mulheres"? Sei que os Mantos-brancos causariam problemas se soubessem sobre as Aes Sedai, por isso a senhora não disse nada a Hari Coplin, mas por que guardar segredo do Prefeito? E de nós?

— Porque foi o combinado — respondeu a Senhora al'Vere, irritada. A irritação parecia dirigida igualmente a Perrin e ao Guardião que ainda os vigiava (não havia palavra melhor para descrever o que o homem fazia) e um pouco ainda sobrava para as Aes Sedai. — Eles estavam em Colina da Vigília quando os Mantos-brancos chegaram. Ninguém por lá sabia quem eram, exceto o Círculo local, que os mandou até aqui, para serem escondidos por nós. De todos, Perrin. A melhor forma de manter um segredo é revelá-lo a poucos. Que a Luz me proteja, conheço duas mulheres que deixaram de compartilhar a cama com os maridos por medo de falarem durante o sono. Concordamos em manter isso em segredo.

— E por que mudou de opinião? — perguntou o Guardião de cabelos grisalhos, com a voz severa.

— Por razões que considero boas e suficientes, Tomas. — Pela forma como Marin mexeu no xale, Perrin suspeitou que a mulher esperasse que o Círculo e as Aes Sedai também pensassem assim. Corria à boca pequena que o Círculo conseguia ser ainda mais severo com suas integrantes do que com o restante da aldeia. — Que lugar melhor para esconder você, Perrin, do que com as Aes Sedai? Está claro que você não tem medo delas, não depois de ter saído daqui com uma. E… Bem, você logo vai descobrir. Só precisa confiar em mim.

— Existem Aes Sedai e Aes Sedai — retrucou Perrin.

Mas as que ele considerava piores, as da Ajah Vermelha, não formavam elos com Guardiões. A Ajah Vermelha não gostava muito de homens. Esse Tomas tinha olhos escuros e resolutos. O grupo poderia atacá-lo ou simplesmente ir embora, mas o Guardião sem dúvida cravaria uma flecha no primeiro que fizesse algo que ele desaprovasse, e Perrin apostava que o homem tinha mais flechas à mão para encaixar no arco sem dificuldade. Os Aiel pareciam pensar o mesmo: estavam prontos para agir, mas também davam a impressão de que poderiam permanecer parados ali até o sol congelar. Perrin deu um tapinha no ombro de Faile.

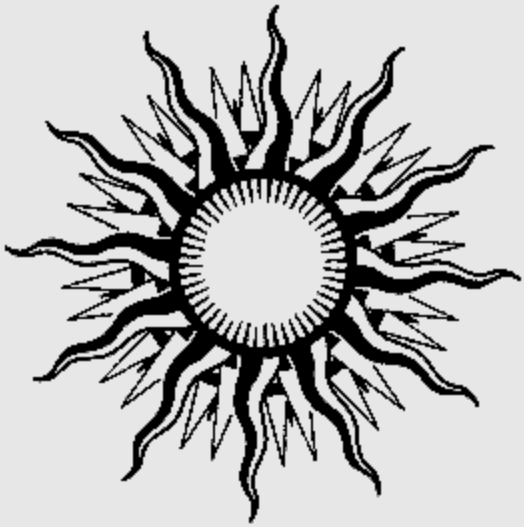
— Vai ficar tudo bem.

— É claro que vai — respondeu a mulher, com um sorriso. Ela guardara a faca. — Se a Senhora al'Vere diz, confio nela.

Perrin torceu para que Faile tivesse razão. Não confiava em tanta gente quanto antes. E muito menos nas Aes Sedai. Talvez nem mesmo em Marin al'Vere. Mas quem sabe essas Aes Sedai não o ajudariam a derrotar os Trollocs? Confiaria em qualquer um que fizesse isso. Mas

até onde poderia confiar naquelas mulheres que lidavam com o Poder? Elas tinham suas próprias razões para fazer o que faziam. Dois Rios era a casa dele, mas, para elas, podia ser apenas uma pedra no tabuleiro. Mas Faile e Marin al'Vere pareciam confiar, e os Aiel aguardavam. Ele não parecia ter muitas opções.

31



Garantias

Ihvon retornou em poucos minutos.

— Pode seguir em frente, Senhora al'Vere — foi tudo o que disse antes de desaparecer outra vez com Tomas nos arbustos, sem fazer farfalhar sequer uma folha.

— Eles são muito bons — murmurou Gaul, ainda olhando em volta, desconfiado.

— Até uma criança poderia se esconder aí — disse Chiad, batendo em um ramo de frutinhas vermelhas. Mesmo assim, a mulher observava a vegetação rasteira com a mesma atenção de Gaul.

Nenhum dos Aiel parecia ansioso para prosseguir. Não estavam exatamente relutantes, e com certeza não se sentiam amedrontados, mas não pareciam ansiosos. Perrin esperava um dia descobrir o que os Aiel sentiam em relação às Aes Sedai. Um dia. Ele próprio não se sentia particularmente entusiasmado, naquele momento.

— Vamos lá encontrar essas suas Aes Sedai — falou para a Senhora al'Vere, em um tom áspero.

O antigo hospital estava ainda mais destruído do que ele se lembrava, um único andar torto feito um bêbado, com metade dos quartos a céu aberto e um tupelo-negro de quarenta pés despontando de dentro de um deles. A floresta era densa em volta das ruínas. Uma grossa rede de trepadeiras e arbustos espinhentos serpenteava pelas paredes, cobrindo de verde o que restava do sapê do teto, e Perrin considerou que talvez fosse aquilo que sustentasse a construção. Mas a porta da frente estava intacta. Dava para sentir cheiro de cavalos e um

aroma suave de feijões e presunto, mas, estranhamente, não havia odor de lenha queimada.

Eles amarraram os animais em galhos baixos e seguiram a Senhora al'Vere para dentro, onde as janelas encobertas pelas trepadeiras deixavam passar apenas uma luz fraca. O salão da frente era grande e estava sem mobília, com sujeira nos cantos e algumas teias de aranha que haviam escapado de uma limpeza que claramente fora feita às pressas. Havia quatro rolos de cobertor jogados no chão, com selas, alforjes e trouxas muito bem amarradas apoiados na parede, e um pequeno caldeirão no fogão de pedra da sala exalava aromas de cozinha, apesar da ausência de fogo. Um caldeirão ainda menor parecia estar cheio de água para chá, já quase fervente. Duas Aes Sedai os aguardavam. Marin al'Vere curvou-se em uma mesura apressada e deu início a uma cascata ansiosa de apresentações e explicações.

Perrin apoiou o queixo no arco. Reconhecia as Aes Sedai. Uma delas era Verin Mathwin, roliça e de rosto quadrado, com mechas grisalhas nos cabelos castanhos, apesar das feições suaves e etéreas de Aes Sedai. Ela era da Ajah Marrom, e, como todas as Marrons, metade do tempo parecia perdida na busca por conhecimento, fosse novo ou antigo e distante. Às vezes, porém, seus olhos escuros traíam aquela vaga expressão sonhadora. Como naquele momento, em que ela os cravava nele, por trás de Marin, feito dois pregos. A mulher era uma das duas Aes Sedai além de Moiraine que com certeza sabiam sobre Rand, e Perrin suspeitava que a mulher soubesse mais a respeito dele mesmo do que deixava transparecer. Os olhos da Aes Sedai assumiram outra vez aquela leve expressão vaga enquanto ela escutava Marin, mas no instante anterior haviam julgado a presença de Perrin ali, pesando-a e avaliando-a em relação a seus próprios planos. Ele precisaria ser muito cauteloso perto de Verin.

Não conhecia a outra, uma mulher escura e esguia, usando um vestido de montaria de seda de um tom de verde profundo que contrastava bastante com o marrom simples de Verin, que tinha manchas de tinta nos punhos. Vira aquela Aes Sedai apenas uma vez. Alanna Mosvani era da Ajah Verde, se não lhe falhava a memória. Era uma bela mulher, com longos cabelos negros e olhos escuros e penetrantes. Aqueles olhos também o perscrutavam enquanto a dona escutava Marin. Lembrou-se de algo que Egwene dissera. *Algumas Aes Sedai que não deveriam saber sobre Rand demonstram interesse demais por ele. Elaida, por exemplo, e Alanna Mosvani. Acho que não confio em nenhuma das duas.* Talvez fosse melhor guiar-se por Egwene até descobrir algo diferente.

Marin chamou sua atenção ao dizer, ainda apreensiva:

— Você estava perguntando sobre ele, Verin Sedai. Perrin.

Perguntou sobre os três rapazes, mas Perrin estava entre eles. E na hora pareceu que a maneira mais fácil de evitar que ele acabasse morto era trazê-lo até você. Não havia tempo de perguntar. Diga que compreen…

— Está tudo bem, Senhora al'Vere — interrompeu Verin, em um tom tranquilizador. — A senhora tomou a decisão certa. Perrin está em boas mãos. Além disso, vou adorar a oportunidade de aprender mais sobre os Aiel, e é sempre um prazer conversar com um Ogier. Precisarei tirar umas dúvidas com o senhor, Loial. Descobri umas coisas fascinantes em livros Ogier.

Loial abriu um sorriso, pois qualquer coisa que tivesse a ver com livros o agradava. Gaul, por outro lado, trocava olhares cautelosos com Chiad.

— Não tem problema, desde que você não faça isso de novo — interveio Alanna, com firmeza. — A não ser que… você está sozinho? — perguntou a Perrin, em um tom que exigia uma resposta imediata. — Os outros dois também voltaram?

— Por que vocês estão aqui? — inquiriu ele, em resposta.

— Perrin! — exclamou a Senhora al'Vere, com irritação. — Olhe os modos! Você pode ter adquirido uns hábitos grosseiros aí pelo mundo, mas vai ter que deixar tudo de lado, agora que voltou para casa.

— Não se preocupe — interveio Verin. — Perrin e eu somos velhos amigos. Eu o compreendo.

Por um instante, os olhos escuros da Aes Sedai cintilaram para o rapaz.

— Vamos cuidar dele. — As palavras frias de Alanna pareciam abertas à interpretação.

Verin sorriu e deu um tapinha no ombro de Marin.

— É melhor a senhora ir voltando para a aldeia. Não queremos que ninguém fique imaginando o motivo de seu passeio pela floresta.

A Senhora al'Vere assentiu. Parando por um instante ao lado de Perrin, ela pôs uma das mãos em seu ombro e disse, gentilmente:

— Você sabe que tem a minha compaixão. Não se esqueça de que morrer não vai ajudar em nada. Faça o que as Aes Sedai mandarem.

Perrin murmurou algo evasivo em resposta, mas a mulher pareceu satisfeita.

Depois que a Senhora al'Vere foi embora, Verin disse:

— Você também tem a nossa compaixão, Perrin. Teríamos feito alguma coisa, se pudéssemos.

Ele não queria pensar na família, naquele momento.

— Você ainda não respondeu minha pergunta.

— Perrin! — Faile conseguiu reproduzir o tom da Senhora al'Vere quase à perfeição, mas ele não deu atenção.

— Por que estão aqui? Está parecendo coincidência demais. Mantos-brancos, Trollocs e vocês duas aparecendo aqui na mesma hora.

— Não é coincidência — respondeu Verin. — Ah, a água para o chá está pronta. — A água parou de ferver quando ela jogou um punhado de folhas no bule, indicando a Faile o lugar para apanhar canecas de metal, em uma das trouxas encostadas na parede. Alanna, de braços cruzados, não tirava os olhos de Perrin. Seu olhar era quente, em comparação com a frieza de seu rosto. — A cada ano — prosseguiu Verin — encontramos menos garotas capazes de aprender a canalizar. Sheriam acredita que talvez tenhamos passado os últimos três mil anos reduzindo a incidência dessa habilidade na humanidade ao amansarmos todos os homens capazes de canalizar que encontrávamos. A prova disso, segundo ela, é que agora encontramos pouquíssimos homens assim. Ora, até uns trezentos anos atrás havia registro de dois ou três por ano, e há quinhentos anos…

Alanna pigarreou.

— E o que mais podemos fazer, Verin? Deixar que eles enlouqueçam? Seguir as ideias loucas das Brancas?

— Creio que não — respondeu Verin, com a voz calma. — Mesmo se pudéssemos encontrar mulheres dispostas a conceber filhos de homens amansados, não há garantia de que as crianças também seriam capazes de canalizar, ou que seriam meninas. O que eu sugeri foi que, se quisessem aumentar os números, as Aes Sedai é que deveriam começar a ter filhos. E que as que apresentaram as ideias deviam começar dando o exemplo. Alviarin não ficou contente.

— E nem poderia — respondeu Alanna, rindo. O súbito brilho de diversão, que fez o olhar escuro e impetuoso se dissipar por um instante, foi surpreendente. — Queria ter visto a cara dela.

— A expressão que ela fez foi… interessante — respondeu a irmã Marrom, contemplativa. — Fique calmo, Perrin. Já vou dar o resto da resposta. Chá?

Tentando acalmar a expressão irritada, ele acabou sentado no chão, com o arco ao lado e uma caneca de metal cheia de chá forte na mão. Todos estavam sentados em círculo no centro do salão. Alanna retomou a explicação sobre a presença delas, talvez para evitar a tendência da outra Aes Sedai em se desviar do assunto.

— Aqui em Dois Rios, um lugar que suspeito que não recebia a visita de uma Aes Sedai há mil anos, Moiraine encontrou duas mulheres não apenas capazes de aprender a canalizar, mas nascidas com a habilidade. Ela também ouviu falar de uma outra, que morreu por não ter conseguido aprender sozinha.

— Isso sem falar nos três *ta'veren* — murmurou Verin, tomando o chá.

— Você faz alguma ideia — prosseguiu Alanna — de quantas cidades e aldeias normalmente temos que visitar para encontrar três meninas nascidas com a habilidade? O que me espanta é que tenhamos levado tanto tempo para voltar aqui e procurar mais. O sangue antigo é muito forte em Dois Rios. Chegamos em Colina da Vigília apenas uma semana antes de os Filhos aparecerem e tomamos o cuidado de não revelar quem éramos para ninguém fora do Círculo das Mulheres, mas mesmo assim encontramos quatro garotas que podem ser treinadas, além de uma criança que acho que nasceu com a habilidade.

— É difícil ter certeza — acrescentou Verin — pois a menina só tem doze anos. Nenhuma delas tem nem de longe o potencial de Egwene ou de Nynaeve, mas ainda assim o número não é menos que impressionante. E pode ser que tenha mais duas ou três nos arredores de Colina da Vigília. Ainda não tivemos a oportunidade de examinar as garotas aqui, ou mais para o sul. A Barca do Taren foi uma decepção, devo dizer. Muitos cruzamentos de linhagens sanguíneas com o exterior, acho.

Perrin teve de admitir que fazia sentido. Mas aquilo não respondia todas as perguntas, nem sanava todas as dúvidas. Ele mudou de posição, esticando a perna. A ferida da lança em sua coxa ainda doía.

— Não entendo por que vocês estão escondidas. Tem Mantos-brancos prendendo gente inocente, e vocês ficam aqui, sentadas. Trollocs devastam Dois Rios de cima a baixo, pelo que parece, e vocês ficam aqui, sentadas. — Loial resmungou algo entre dentes, um murmúrio. Perrin pescou "irritar Aes Sedai" e "ninho de vespas", mas continuou a martelar suas ideias. — Por que não estão fazendo nada? Vocês são Aes Sedai! Que me queime, por que não estão fazendo nada?

— Perrin! — sibilou Faile, contrariada, antes de abrir um sorriso escusatório para Verin e Alanna. — Por favor, perdoem Perrin. Moiraine Sedai o mimou muito. Ela é um pouco tranquila demais, eu acho, e o deixa fazer o que quer. Por favor, não se irritem com ele. Ele vai melhorar. — Ela cravou nele um olhar penetrante, indicando que o recado era tanto para ele quanto para as Aes Sedai, talvez até mais. Perrin devolveu o olhar de cara fechada. Faile não tinha o direito de interferir.

— Tranquila demais? — indagou Verin, piscando. — Moiraine? Nunca percebi.

Alanna fez um gesto para que Faile se calasse.

— Naturalmente, você não entende — retrucou a Aes Sedai, em um tom severo. — Não entende as restrições sob as quais trabalhamos. Os Três Juramentos não são apenas palavras. Eu trouxe dois Guardiões

para este lugar. — As Verdes eram a única Ajah na qual uma mulher podia estabelecer elos com mais de um Guardião. Perrin já ouvira de umas poucas que tinham três ou quatro. — Os Filhos pegaram Owein cruzando um campo aberto. Senti todas as flechas que o acertaram, até ele morrer. Eu o senti morrer. Se estivesse lá, eu poderia ter defendido a nós dois com o Poder, mas não posso usar o Poder para vingança. Os Juramentos não permitem. Os Filhos são quase tão vis quanto homens conseguem ser vis. São quase Amigos das Trevas, mas não são exatamente Amigos das Trevas, e é por essa razão que estão protegidos do Poder, exceto em defesa própria. Por mais que a gente tente aumentar um pouco a verdade, não dá para aumentar demais.

— Quanto aos Trollocs — acrescentou Verin — destruímos alguns deles, e também dois Myrddraal, mas existem limites. Os Meios-homens conseguem sentir a canalização, de certo modo. Se conseguirmos atrair cem Trollocs para nós, há pouco que podemos fazer além de correr.

Perrin coçou a barba. Ele deveria ter esperado isso, deveria saber. Já tinha visto Moiraine enfrentar Trollocs, e fazia alguma ideia do que ela era capaz. Percebeu que estivera pensando em como Rand matara todos os Trollocs na Pedra, só que Rand era mais forte do que qualquer uma daquelas Aes Sedai, talvez até mais do que as duas juntas. Bem, com a ajuda delas ou não, ele ainda pretendia acabar com cada Trolloc em Dois Rios. Depois de resgatar a família de Mat e os Luhhan. Se pensasse no assunto com bastante cuidado, encontraria um jeito. A dor na coxa estava terrível.

— Você está ferido. — Alanna apoiou a caneca no chão, ajoelhou-se diante dele e tomou sua cabeça nas mãos. Um arrepio percorreu seu corpo. — Isso. Estou vendo. Você não conseguiu esse corte se barbeando, pelo que parece.

— Foram os Trollocs, Aes Sedai — respondeu Bain. — Quando saímos dos Caminhos, nas montanhas. — Chiad tocou seu braço, e Bain parou.

— Eu tranquei o Portal dos Caminhos — acrescentou Loial, mais do que depressa. — Ninguém vai usá-lo até que seja aberto do lado de cá.

— Imaginei que eles estivessem vindo por lá — murmurou Verin, meio que para si mesma. — Bem que Moiraine sugeriu que estivessem usando os Caminhos. Mais cedo ou mais tarde, isso vai nos trazer problemas de verdade.

Perrin se perguntou o que ela achava que a situação atual era.

— Os Caminhos — comentou Alanna, ainda segurando a cabeça dele. — *Ta'veren*! Jovens heróis! — Ela fez as palavras soarem ao mesmo tempo como uma aprovação e um xingamento.

— Eu não sou herói — retrucou Perrin, impassível. — Os

Caminhos eram o meio mais rápido para chegar aqui. Só isso.

A irmã Verde prosseguiu, como se ele não tivesse dito nada.

— Eu nunca vou entender por que o Trono de Amyrlin deixou vocês três irem embora. Elaida está tendo ataques por causa dos três, e não é a única, só a mais veemente. Com os selos se enfraquecendo e a Última Batalha chegando, não precisamos de três *ta'veren* correndo à solta por aí. Eu teria amarrado uma corda em cada um e até mesmo estabelecido um elo, se fosse preciso. — Perrin tentou se afastar, mas ela apertou ainda mais as mãos e sorriu. — Ainda não abandonei os costumes a ponto de estabelecer um elo com um homem contra sua vontade. Ainda não. — Ele não sabia ao certo até que ponto aquilo era sério, pois não conseguia enxergar o sorriso dela. Alanna tocou o corte meio cicatrizado em seu rosto. — Já tem muito tempo que esse aqui foi feito. Até a Cura vai deixar cicatriz.

— Eu não preciso ficar bonito — murmurou em resposta. Só precisava ficar bem para fazer o que tinha de fazer.

Faile soltou uma risada alta.

— Quem foi que disse isso?

Foi uma surpresa vê-la trocando sorrisos com Alanna.

Perrin franziu o cenho e ficou se perguntando se as mulheres estavam caçoando dele, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, a Cura o atingiu como um raio congelante. Tudo o que pôde fazer foi arquejar. Os poucos instantes até Alanna soltá-lo pareceram intermináveis.

Quando recuperou o fôlego, a irmã Verde segurava a cabeça com cabelos de fogo de Bain, Verin cuidava de Gaul, e Chiad testava o braço esquerdo, girando-o para frente e para trás com uma expressão satisfeita.

Faile tomou o lugar de Alanna ao lado de Perrin e passou o dedo em seu rosto, ao longo da cicatriz abaixo do olho.

— Uma marquinha charmosa — disse ela, com um leve sorriso.

— O quê?

— Ah, só uma coisa que as mulheres domanesas fazem com maquiagem. Foi só um comentário.

Apesar do sorriso dela, ou talvez por causa dele, Perrin fechou a cara, desconfiado. Faile *estava* caçoando, mas ele não entendia bem como.

Ihvon chegou, sussurrou algo no ouvido de Alanna e desapareceu assim que ela sussurrou em resposta. O homem quase não fez barulho, mesmo no chão de madeira. Poucos instantes depois, o roçar de botas nos degraus anunciou novas chegadas.

Perrin se levantou de um salto quando Tam al'Thor e Abell Cauthon surgiram ao pé da porta, com os arcos nas mãos, as roupas amarrotadas e as barbas grisalhas e por fazer típicas de homens que

andaram dormindo mal. Os dois tinham estado caçando; quatro coelhos pendiam do cinto de Tam e três do de Abel. Era óbvio que já esperavam encontrar as Aes Sedai e alguns visitantes, mas cravaram olhos estupefatos em Loial, que tinha a altura de uma pessoa e meia, além de orelhas peludas e um nariz enorme que quase parecia um focinho. Um lampejo de reconhecimento perpassou o rosto impassível e enrugado de Tam ao ver os Aiel.

No entanto, o olhar contemplativo do pai de Rand se deteve neles por apenas um instante antes de pousar em Perrin, com uma expressão de surpresa quase tão grande quanto a que fizera ao ver Loial. Tam era um homem robusto e de peitoral largo e, apesar do cabelo quase todo grisalho, parecia alguém que só seria derrubado por um terremoto e que precisaria de muito mais do que isso para ficar atônito.

— Perrin, meu rapaz! Rand está com você?

— E Mat? — acrescentou Abell, ansioso.

O homem parecia um Mat mais velho e grisalho, porém de olhos mais sérios. Não estava muito enrijecido pela idade e se movia com agilidade.

— Eles estão bem — respondeu Perrin. — Estão em Tear. — Ele captou a expressão de Verin com o canto do olho. A mulher sabia muito bem o que Tear significava para Rand. Alanna parecia mal prestar atenção. — Eles teriam vindo comigo se a gente soubesse que as coisas estavam tão ruins assim. — Era verdade, Perrin tinha certeza. — Mat passa o tempo beijando as moças e jogando dados, que ganha sempre. Rand… bem, da última vez que o vi, ele estava usando um casaco chique e tinha uma loira bonita nos braços.

— Isso é a cara do meu Mat — comentou Abell, com uma risadinha.

— Talvez tenha sido melhor eles não terem vindo — acrescentou Tam, mais devagar — por causa dos Trollocs. E dos Mantos-brancos… — Ele deu de ombros. — Vocês estão sabendo que os Trollocs voltaram? — Perrin assentiu. — Aquela Aes Sedai estava certa? Moiraine. Eles estavam mesmo atrás de vocês, naquela Noite Invernal? Chegaram a descobrir por quê?

A irmã Marrom lançou a Perrin um olhar de advertência. Alanna parecia absorta em revirar os próprios alforjes, mas o rapaz achava que agora ela estava escutando. No entanto, não foi aquilo que o fez hesitar. Simplesmente não havia como dizer a Tam que o filho dele era capaz de canalizar, que Rand era o Dragão Renascido. Como contar uma coisa dessas a um homem? Em vez disso, respondeu:

— O senhor vai ter que perguntar isso a Moiraine. As Aes Sedai não revelam nada além do necessário.

— Eu percebi — respondeu Tam, em um tom seco.

As duas Aes Sedai definitivamente estavam ouvindo, e não escondiam mais. Alanna arqueou uma sobrancelha gélida para Tam, e Abell mudou de posição como se pensasse que Tam estava contando demais com a própria sorte. Mas era preciso mais que um olhar para incomodar Tam.

— Podemos conversar lá fora? — perguntou Perrin aos dois homens. — Quero tomar um pouco de ar fresco. — Ele queria falar sem Aes Sedai bisbilhotando e observando, mas não podia dizer isso.

Tam e Abell concordaram, talvez tão ansiosos quanto ele para fugir do escrutínio de Verin e Alanna, mas antes de tudo havia a questão dos coelhos, que foram todos entregues a Alanna.

— Pretendíamos ficar com dois — comentou Abell — mas parece que vocês têm mais bocas para alimentar.

— Não há necessidade disso. — A irmã Verde soou como se já tivesse dito essa mesma frase várias vezes.

— Gostamos de pagar pelo que recebemos — respondeu Tam, no mesmo tom. — As Aes Sedai fizeram a gentileza de aplicar um pouco de sua Cura em nós — acrescentou para Perrin — e queremos acumular crédito para caso precisemos de novo.

Perrin assentiu. Entendia que alguém não quisesse aceitar um presente de uma Aes Sedai. "Aes Sedai com uma oferta é isca na certa", o antigo ditado lembrava muito bem. Ora, ele sabia que era verdade. Mas de fato não fazia muita diferença entre aceitar o presente ou pagar por ele, pois as Aes Sedai sempre davam um jeito de fisgar a pessoa. Verin o observava com um sorrisinho, como se soubesse o que ele estava pensando.

Quando os três homens começaram a se dirigir para fora, levando os arcos, Faile se levantou para ir atrás. Perrin balançou a cabeça, e ficou surpreso ao ver que ela se sentou de volta. Ficou se perguntando se a moça estava doente.

Depois de pararem para que Tam e Abell admirassem Galope e Andorinha, os três caminharam até um ponto sob as árvores. O sol pendia para oeste, alongando as sombras. Os homens mais velhos fizeram algumas piadas sobre a barba de Perrin, mas não mencionaram os olhos. Por mais estranho que parecesse, a omissão não o incomodou. Ele tinha preocupações mais importantes do que alguém estranhar seus olhos.

Respondendo à pergunta de Abell, se "aquela coisa" servia para coar sopa, ele esfregou a barba e disse, em um tom suave:

— Faile gosta.

— Aaah… — respondeu Tam, com uma risadinha. — É a garota, não é? Parece bem enérgica, rapaz. Vai fazer você passar noites em claro tentando distinguir o reto do torto.

— Só tem um jeito de lidar com esse tipo — comentou Abell,

assentindo. — Deixe-a pensar que está no comando. Assim, quando for uma questão importante e você discordar dela, a moça vai ficar tão surpresa que, quando se recuperar do choque, vai ser tarde demais para começar a perturbá-lo para mudar de ideia.

Perrin achou aquilo muito parecido com o que a Senhora al'Vere dissera a Faile sobre como lidar com os homens. Ele se perguntou se Abell e Marin algum dia já haviam comparado suas ideias. Era provável que não. Talvez valesse a pena tentar com Faile. Mas a mulher parecia acabar sempre fazendo o que queria, de qualquer modo.

Olhou por cima do ombro. O hospital estava quase encoberto pelas árvores. Eles com certeza estavam protegidos dos ouvidos das Aes Sedai. Escutou atentamente e respirou fundo. Um pica-pau martelou em algum lugar ao longe. Havia esquilos nos galhos frondosos acima, e uma raposa passara por ali com sua caça, um coelho, não fazia muito tempo. Além deles três, não havia qualquer odor humano, nada que indicasse um Guardião escutando à espreita. Talvez Perrin estivesse sendo cauteloso demais, mas, com ou sem motivos, não podia deixar passar a coincidência das duas Aes Sedai serem mulheres que ele já conhecera, uma delas alguém em quem Egwene não confiava, a outra, alguém em quem *ele* não sabia ao certo se confiava.

— Vocês ficam aqui? — perguntou. — Com Verin e Alanna?

— Quase nunca — respondeu Abell. — Como é que um homem conseguiria dormir sob o mesmo teto que uma Aes Sedai? Ou o que sobrou do teto.

— Achamos que esse seria um bom esconderijo — comentou Tam — mas elas chegaram primeiro. Acho que esses Guardiões teriam matado nós dois se Marin e algumas outras do Círculo das Mulheres não estivessem aqui, quando chegamos.

Abell fez uma careta.

— Acho que o que os impediu foi as Aes Sedai terem descoberto quem éramos. Quem eram nossos filhos, quer dizer. Elas demonstram interesse demais por vocês, para o meu gosto. — Ele hesitou, passando o dedo pelo arco. — Aquela Alanna deixou escapar que vocês são *ta'veren*. Todos os três. Ouvi dizer que Aes Sedai não conseguem mentir.

— Não vi nenhum sinal disso em mim — respondeu Perrin, em um tom amargo. — Nem em Mat.

Tam olhou para ele ao não ouvir menção a Rand. Perrin precisava aprender a mentir melhor, se quisesse guardar os próprios segredos e os dos outros. Mas o homem disse apenas:

— Talvez vocês só não saibam o que procurar. Como foi que você passou a viajar com um Ogier e três Aiel?

— O último mascate que vi disse que havia Aiel deste lado da Espinha do Mundo — explicou Abell — mas não acreditei. Ele contou que ouviu dizer que havia Aiel em Murandy, por incrível que pareça, ou talvez em Altara. Não tinha muita certeza de onde, exatamente, mas era bem longe do Deserto.

— Essas coisas não têm nada a ver com ser *ta'veren* — respondeu Perrin. — Loial é um amigo que veio me ajudar. Gaul também é um amigo, acho. Bain e Chiad vieram com Faile, não comigo. É tudo meio complicado, mas simplesmente aconteceu. Não tem nada a ver com essa história de *ta'veren*.

— Bom, seja qual for a razão — retrucou Abell — as Aes Sedai estão interessadas em vocês três. Tam e eu viajamos até Tar Valon, no ano passado, até a Torre Branca, pois queríamos descobrir onde vocês estavam. Foi difícil fazer uma delas admitir que sabia seus nomes, mas ficou claro que as mulheres escondiam alguma coisa. A Curadora das Crônicas nos despachou em um barco rio abaixo com os bolsos cheios de dinheiro e as cabeças cheias de garantias vazias antes mesmo de conseguirmos nos despedir. Eu não gosto da ideia de que a Torre possa estar usando Mat de alguma forma.

Perrin desejou poder dizer ao pai de Mat que nada daquilo estava acontecendo, mas não sabia ao certo se conseguiria contar tamanha mentira com a cara lavada. Moiraine não estava de olho em Mat porque gostava do sorriso dele, mas o rapaz estava tão profundamente atrelado à Torre quanto o próprio Perrin, talvez até mais. Os três estavam amarrados, e a Torre movia os cordéis.

Um silêncio se abateu sobre eles, até que Tam disse, baixinho:

— Rapaz, sobre a sua família. Tenho notícias tristes.

— Eu sei — respondeu Perrin, mais do que depressa, e o silêncio se abateu outra vez, cada um a encarar as próprias botas. Era um silêncio necessário. Eles precisavam de alguns instantes para se afastar das emoções dolorosas e do constrangimento de tê-las desveladas diante de todos.

Eles ouviram asas batendo, e Perrin olhou para cima e viu um grande corvo pousando em um carvalho a cinquenta passadss de distância, com os olhos negros e miúdos perscrutando, penetrantes, os três homens. Sua mão voou até a aljava, mas, no momento em que levava a flecha ao rosto, outras duas derrubaram o corvo do poleiro. Tam e Abell já estavam encaixando novas flechas nos arcos, os olhos varrendo as árvores e o céu à procura de mais pássaros negros. Não havia nada.

A flechada de Tam acertara o corvo na cabeça, o que não era surpresa ou acidente. Perrin não mentira quando dissera a Faile que aqueles dois homens eram melhores do que ele com o arco. Ninguém em Dois Rios era páreo para a pontaria de Tam.

— Criaturas imundas — resmungou Abell, pisando no pássaro para soltar a flecha. Limpou a ponta na terra e devolveu-a à aljava. — Estão para tudo que é lado, hoje em dia.

— As Aes Sedai nos contaram o que são — explicou Tam — explicaram que eles espionam para os Desvanecidos, e nós espalhamos a notícia. O Círculo das Mulheres também. Mas ninguém deu muita bola até eles começarem a atacar as ovelhas, arrancando os olhos e até matando algumas. A tosquia já vai ser ruim o bastante sem isso, esse ano. Não que importe muito, acho. Com esses Mantos-brancos e Trollocs, duvido que vá aparecer algum mercador atrás da nossa lã, este ano.

— Algum idiota ficou doido por causa disso — acrescentou Abell. — Talvez mais de um. Encontramos todo tipo de animais mortos. Coelhos, cervos, raposas, até um urso. Foram mortos e largados para apodrecer. Não tiraram nem a pele da maioria. Foi um homem, ou mais de um, e não Trollocs. Encontrei pegadas. Um homem grande, mas pequeno demais para ser um Trolloc. Uma vergonha e um desperdício.

Matador. Matador estava ali, e não apenas no sonho de lobo. Matador e Trollocs. O homem no sonho tinha sido familiar. Perrin arrastou terra e folhas com a bota por cima do corvo morto. Haveria tempo para lidar com os Trollocs depois. Uma vida inteira, se fosse preciso.

— Eu prometi a Mat que cuidaria de Bo e de Eldrin, Mestre Cauthon. Será que vai ser muito difícil libertar as duas e os outros?

— Difícil. — Abell suspirou, deixando o rosto desabar. Ele de repente pareceu muito mais velho. — Difícil demais. Cheguei perto o bastante para dar uma olhada em Natti, depois que a levaram. Andei ao redor da tenda onde estão todos presos. Consegui vê-la, mas havia uns duzentos Mantos-brancos entre nós. Fui um pouco descuidado, e um deles acertou uma flecha em mim. Se Tam não tivesse me arrastado cá, de volta para as Aes Sedai…

— É um acampamento bem grande — comentou Tam — fica bem abaixo de Colina da Vigília. Setecentos ou oitocentos homens. Patrulhas noite e dia, com a maior concentração na descida de Colina até Campo de Emond. Se estivessem mais espalhados, seria mais fácil para nós, mas, a não ser por algumas centenas de homens que ficaram em Barca do Taren, os Filhos basicamente entregaram o restante de Dois Rios para os Trollocs. As coisas estão ruins lá em Trilha de Deven, pelo que ouvi dizer. Toda noite uma fazenda é incendiada. O mesmo entre Colina da Vigília e o Rio Taren. Trazer Natti e os outros vai ser difícil, e depois ainda vamos ter que torcer para as Aes Sedai deixarem que todos fiquem aqui. Aquelas duas não gostam muito que os outros saibam onde estão.

— Tenho certeza de que alguém vai escondê-los — protestou Perrin. — Não vão me dizer que todo mundo virou as costas para vocês. Ninguém acredita realmente que vocês sejam Amigos das Trevas.

Assim que disse aquilo, Perrin lembrou-se de Cenn Buie.

— Não, isso não — concordou Tam — a não ser por alguns idiotas. Muita gente nos dá refeições ou nos deixa passar a noite no celeiro, às vezes até cedem uma cama, mas você precisa entender que todos ficam desconfortáveis em ajudar alguém que está sendo caçado pelos Mantos-brancos. E não se pode culpá-los. As coisas estão difíceis demais, a maioria dos homens está tentando cuidar de suas famílias da melhor forma que pode. Pedir que alguém acolha Natti e as meninas, Haral e Alsbet… bom, pode ser pedir demais.

— Eu pensava melhor do povo de Dois Rios — resmungou Perrin.

Abell abriu um sorriso fraco.

— A maioria do pessoal está se sentindo meio imprensada entre duas pedras de moinho, Perrin. Estão só torcendo para não serem moídos entre Mantos-brancos e Trollocs até virarem farinha.

— Deveriam parar de torcer e fazer alguma coisa. — Por um instante, Perrin sentiu vergonha. Não morava ali havia um tempo, não fazia ideia de como estavam as coisas. Mesmo assim, tinha razão. Enquanto o povo se escondesse atrás dos Filhos da Luz, teria de tolerar que eles fizessem o que quisessem, fosse confiscar livros ou prender mulheres e crianças. — Amanhã vou dar uma olhada nesse acampamento dos Mantos-brancos. Deve haver algum jeito de libertar o pessoal. Assim que eles estiverem livres, podemos nos preocupar com os Trollocs. Certa vez, um Guardião me contou que os Trollocs chamam o Deserto Aiel de “Campo da Morte”. Quero que também chamem Dois Rios assim.

— Perrin — começou Tam, depois parou, parecendo perturbado.

Perrin sabia que seus olhos refletiam a luz, mesmo ali nas sombras sob o carvalho. Sentiu o rosto duro feito pedra.

Tam suspirou.

— Primeiro vamos cuidar de Natti e dos outros. Depois decidimos o que fazer com os Trollocs.

— Não deixe que isso o consuma por dentro, garoto — murmurou Abell. — Se a gente deixar, o ódio cresce até queimar tudo o mais dentro da gente.

— Não tem nada me consumindo — respondeu Perrin, com a voz firme. — Só quero fazer o que é preciso.

Ele passou o polegar pela extremidade do machado. Fazer o que era preciso.

Dain Bornhald se endireitou na sela enquanto o cento que levara

para a patrulha se aproximavam de Colina da Vigília. Agora eram menos de cem. Onze selas levavam corpos amarrados e envoltos em mantos, e vinte e três outros homens estavam feridos. Os Trollocs tinham armado uma emboscada muito boa, e era provável que se saíssem bem-sucedidos contra soldados menos bem treinados, menos resistentes que os Filhos. O que o deixava incomodado era que aquela era a terceira patrulha a sofrer um ataque poderoso. Não fora um encontro fortuito, não ocorrera durante os incêndios e matanças dos Trollocs, fora um ataque planejado. E isso acontecera apenas a patrulhas que ele liderava. Os Trollocs tentavam evitar os outros. Era algo que levantava questões preocupantes, e as explicações que ele encontrava não forneciam muitas soluções.

O sol estava se pondo. Umas poucas luzes já surgiam na aldeia que cobria a colina de cima a baixo com telhados de palha. O único de telhas ficava bem no cume, era da estalagem Javali Branco. Fosse outra noite, ele teria ido até lá tomar uma caneca de vinho, apesar do silêncio nervoso que se abatia no local com a chegada de um Manto-branco com um raio de sol dourado. Ele quase não bebia, mas às vezes gostava de ficar na companhia de outras pessoas além dos Filhos. Depois de um tempo, eles pareciam se esquecer um pouco de sua presença e voltavam a rir e conversar entre si. Mas apenas se fosse outra noite. Naquela, queria ficar sozinho para pensar.

Havia atividade entre os cerca de cem carroções coloridos agrupados a menos de uma milha do cume da montanha. Homens e mulheres vestidos em tons ainda mais coloridos que os carroções examinavam cavalos e arreios, guardando as cargas que haviam passado semanas no chão do acampamento. Parecia que o Povo Errante pretendia fazer jus ao próprio nome, e provavelmente partir à primeira luz do dia.

— Farran! — O robusto centurião cravou os calcanhares no cavalo para se aproximar, e Bornhald inclinou a cabeça em direção à caravana Tuatha'an. — Informe ao Buscador que, se ele quiser mover seu povo, que sigam para o sul. — Seus mapas informavam que não havia como cruzar o Taren exceto por Barca do Taren, mas, assim que cruzou o rio, começou a perceber como os mapas eram velhos. Ninguém deixaria Dois Rios para levar seus homens a uma armadilha, não enquanto ele pudesse impedir. — E, Farran? Não há necessidade de botas ou punhos, está bem? Basta usar palavras. Este Raen tem ouvidos.

— O senhor é quem manda, Lorde Bornhald. — O centurião soou apenas um pouco desapontado.

Farran levou o punho com manoplas ao coração e seguiu em direção ao acampamento Tuatha'an. Não gostava da ordem, mas obedeceria. Por mais que desprezasse o Povo Errante, era um bom

soldado.

A visão do próprio acampamento trouxe um instante de orgulho para Bornhald, as fileiras compridas e organizadas de tendas brancas em formato de triângulo, as fileiras de piquetes para os cavalos ordenadas com precisão. Mesmo ali, naquele canto do mundo abandonado pela Luz, os Filhos se cuidavam, sem jamais se permitir afrouxar a disciplina. Era mesmo um lugar abandonado pela Luz. Os Trollocs eram a prova. Se incendiavam fazendas, significava apenas que parte do povo ali era pura. Parte. O restante se curvava em mesuras, dizendo "sim, meu senhor", "como quiser, meu senhor" e depois faziam, teimosamente, o que queriam assim que ele virava as costas. Além do mais, estavam escondendo uma Aes Sedai. No segundo dia que passaram ao sul do Taren, mataram um Guardião. O manto furta-cor era prova suficiente. Bornhald odiava Aes Sedai, mulheres mexendo com o Poder como se uma Ruptura do Mundo já não tivesse sido suficiente. Fariam tudo de novo, se ninguém as impedisse. O bom humor momentâneo evaporou feito neve na primavera.

Seus olhos buscaram a tenda onde os prisioneiros estavam sendo mantidos, de onde só saíam por um breve período diário para se exercitar, e um de cada vez. Ninguém tentaria fugir se tivesse que deixar os outros para trás. Não que fossem conseguir correr mais de doze passadas — havia um guarda em cada extremidade da tenda, e, a doze passadas para todas as direções, havia mais pelo menos vinte Filhos — mas Bornhald queria o mínimo de confusão possível. Confusão gera confusão. Se fosse preciso tratar os prisioneiros com brutalidade, talvez houvesse ressentimentos na aldeia a ponto de algo acabar precisando ser feito. Byar era um idiota. Ele — e outros, sobretudo Farran — queriam interrogar os prisioneiros. Bornhald não era um Questionador e nem gostava de usar os métodos deles. Não pretendia deixar Farran chegar perto daquelas garotas, mesmo que fossem Amigas das Trevas, como Ordeith alegava.

Amigas das Trevas ou não, Bornhald cada vez mais se dava conta de que só estava atrás de um Amigo das Trevas. Mais do que Trollocs e do que Aes Sedai, queria Perrin Aybara. Não conseguia dar crédito às histórias do homem correndo com os lobos que Byar contara, mas ele afirmara com toda clareza que Aybara atraíra o pai de Bornhald para uma armadilha dos Amigos das Trevas. Perrin levara Geofram Bornhald à morte em Ponta de Toman pelas mãos de Amigos das Trevas Seanchan e suas aliadas Aes Sedai. Talvez, se nenhum dos Luhhan abrisse o bico logo, deixaria Byar fazer o que quisesse com o ferreiro. O homem, ou a mulher, que teria de assistir, acabaria cedendo. Um deles revelaria como encontrar Perrin Aybara.

Quando ele desceu do cavalo diante da tenda, viu Byar, rígido e

magricela, mais parecendo um espantalho, à sua espera. Bornhald lançou um olhar de desgosto na direção de um grupo muito menor de tendas, mais afastado do resto. O vento vinha daquela direção, e dava para sentir o cheiro do outro acampamento. Eles não cuidavam nem das fileiras de piquetes, nem de si mesmos.

— Ordeith voltou, ao que parece.

— Sim, milorde Bornhald. — Byar fez uma pausa, e Bornhald o encarou com um olhar questionador. — Relataram uma escaramuça com Trollocs ao sul. Dois mortos. Seis feridos, pelo que dizem.

— E quem foram os mortos? — perguntou Bornhald, baixinho.

— O Filho Joelin e o Filho Gomanes, milorde Bornhald. — A expressão encovada de Byar não se alterou.

Bem devagar, Bornhald removeu as manoplas com dorso de aço. Aqueles dois haviam sido enviados para acompanhar Ordeith, para ver o que ele fazia em suas incursões para o sul. Sempre cauteloso, ele não ergueu a voz.

— Meus cumprimentos ao Mestre Ordeith, Byar, e… não! Nada de cumprimentos. Diga a ele, nestas palavras, que quero ver seus ossos magros na minha frente agora mesmo. Diga isso, Byar, e traga-o aqui nem que tenha de prendê-lo junto com aquela gente nojenta que desgraça os Filhos. Vá.

Bornhald conteve a raiva até adentrar a tenda e baixar a aba, então varreu os mapas e o estojo de escrita de cima da mesa com um rosnado. Ordeith devia tomá-lo por um imbecil. Já duas vezes enviara homens para acompanhar o sujeito, e por duas vezes eles foram as únicas mortes em uma "escaramuça com Trollocs" que não deixara qualquer outro ferido como prova. Sempre ao sul. O homem estava obcecado com Campo de Emond. Ora, ele mesmo teria estabelecido acampamento por lá, não fosse por… Bem, não servia de nada pensar naquilo. Estava com os Luhhan. Eles lhe entregariam Perrin Aybara, de um jeito ou de outro. Colina da Vigília era um lugar muito melhor, caso precisasse seguir para Barca do Taren depressa. Os aspectos militares deviam ficar acima das motivações pessoais.

Pela milésima vez, Bornhald se perguntou por que o Senhor Capitão Comandante o enviara até ali. O povo não era diferente do que já vira em centenas de outros lugares. A diferença era que apenas o povo de Barca do Taren demonstrava entusiasmo em eliminar os Amigos das Trevas que caminhavam entre os moradores. Os outros ficavam olhando, teimosos e rabugentos, ao ver a Presa do Dragão rabiscada em uma porta. O povo de uma aldeia sempre sabia quem eram seus indesejáveis. Com um pouco de encorajamento, estavam sempre prontos a se purificar, e quaisquer Amigos das Trevas sem dúvida seriam varridos com os outros que o povo quisesse ver longe. Mas não ali. A marca preta de uma presa arranhada em uma porta

poderia muito bem ser uma nova pintura, considerando o pouco efeito que causava. E os Trollocs. Será que Pedron Niall sabia que os Trollocs viriam, quando escreveu aquelas ordens? Como poderia saber? No entanto, se não sabia, por que enviara Filhos em número suficiente para conter uma pequena rebelião? E por que, sob a Luz, o Senhor Capitão Comandante dera a ele a responsabilidade de cuidar de um assassino louco?

A borda da tenda se abriu, e Ordeith adentrou. O fino casaco cinza tinha bordados em prata, mas estava bastante manchado. O pescoço franzino também estava sujo, esticando-se para fora da gola, o que o fazia parecer uma tartaruga.

— Boa noite para o senhor, milorde Bornhald. Uma noite excelente e esplêndida. — O sotaque de Lugard estava forte.

— O que houve com o Filho Joelin e o Filho Gomanes, Ordeith?

— Uma coisa terrível, milorde. Quando avançamos para os Trollocs, o Filho Gomanes bravamente… — Bornhald o acertou na cara com as manoplas. Cambaleante, o homem ossudo levou a mão ao lábio ferido, depois examinou o vermelho que escorria nos dedos. O sorriso em seu rosto já não era de zombaria. Era traiçoeiro. — Está se esquecendo de quem assinou minha comissão, fidalgote? Pedron Niall pode enforcar o senhor nas tripas da sua mãe a uma só palavra minha, e isso depois de esfolar os dois ainda vivos.

— Isso se você viver para dizer alguma coisa, não é?

Ordeith soltou um rosnado, agachando-se feito um selvagem e espumando bolhas de saliva. Depois de um tempo se sacudiu, e, bem devagar, endireitou a postura.

— Precisamos trabalhar juntos. — O sotaque de Lugard desaparecera, substituído por um tom mais grandioso e autoritário. Bornhald preferia o sotaque de escárnio de Lugard do que aquele, levemente bajulador, com um desprezo quase velado. — A Sombra nos envolve por toda parte, neste lugar. Não apenas Trollocs e Myrddraal. Eles são o menor dos males. Três males foram gerados aqui, Amigos das Trevas criados para abalar o mundo, sua criação foi supervisionada pelo próprio Tenebroso por mil anos ou mais. Rand al'Thor. Mat Cauthon. Perrin Aybara. Você sabe os nomes deles. Neste lugar, há forças que vão perturbar o mundo. Criaturas da Sombra caminham pela noite, maculando os corações dos homens, corrompendo os sonhos. Flagele esta terra. Flagele-a, e eles virão. Rand al'Thor. Mat Cauthon. Perrin Aybara. — Sua voz pronunciou o último nome quase como uma carícia.

Bornhald soltou um suspiro entrecortado. Não sabia ao certo como Ordeith descobrira o que ele queria naquele lugar. Um dia, o homem simplesmente revelara que já sabia.

— Eu encobri o que você fez na fazenda dos Aybara…

— Flagele tudo. — Havia um toque de loucura naquela voz majestosa, e a testa de Ordeith pingava de suor. — Fustigue tudo, e os três virão.

Bornhald ergueu a voz.

— Eu encobri porque foi preciso. — Não tivera escolha. Se a verdade viesse à tona, teria de lidar com mais do que olhares emburrados. A última coisa de que precisava era uma rebelião declarada para se somar aos Trollocs. — Mas não vou perdoar a morte de Filhos. Está me ouvindo? O que você está fazendo, que precisa se esconder dos Filhos?

— O senhor duvida de que a Sombra vá fazer o que for preciso para me impedir?

— O quê?

— O senhor duvida? — Ordeith inclinou-se para a frente, com o olhar intenso. — O senhor viu os Homens Cinza.

Bornhald hesitou. Cinquenta Filhos à sua volta, no meio de Colina da Vigília, e ninguém percebera os dois com adagas. Ele olhara direto para eles e não os vira. Até Ordeith matá-los. O sujeitinho franzino ganhara bastante respeito dos homens com aquilo. Mais tarde, Bornhald cavou um buraco bem fundo para enterrar as adagas. Aquelas lâminas pareciam de aço, mas seu toque causticava como metal incandescente. A primeira leva de terra jogada por cima delas ardera com muitos chiados.

— Acha que estavam atrás de você?

— Ah, sim, milorde Bornhald. Estavam atrás de mim. Farão o que for preciso para me impedir. A própria Sombra quer me deter.

— Isso ainda não é desculpa para a matança de…

— Preciso fazer o que faço em segredo. — Foi um sussurro, quase um sibilo. — A Sombra consegue penetrar as mentes dos homens para me descobrir, consegue penetrar os pensamentos e sonhos dos homens. O senhor gostaria de morrer em um sonho? Pode acontecer.

— Você está… louco.

— O senhor me dê carta branca, e eu lhe entrego Perrin Aybara. É isso que requerem as ordens de Pedron Niall. Carta branca para mim, e coloco Perrin Aybara nas suas mãos.

Bornhald ficou em silêncio por um longo instante.

— Não quero olhar para a sua cara — disse, por fim. — Saia daqui.

Depois que Ordeith foi embora, Bornhald estremeceu. O que o Senhor Capitão Comandante estaria aprontando junto com aquele homem? Mas, se isso fosse trazer Aybara para suas mãos… Jogou as manoplas no chão e começou a vasculhar os próprios pertences. Guardara um frasco de conhaque em algum lugar.

O homem que se intitulava Ordeith, que às vezes até pensava em si mesmo como Ordeith, esgueirou-se furtivo pelas tendas dos Filhos da Luz, observando os homens de manto branco com um olhar cauteloso. Eram instrumentos úteis, instrumentos ignorantes, mas nada confiáveis. Sobretudo Bornhald, que teria de ser descartado se começasse a causar muitos problemas. Seria bem mais fácil de lidar com Byar. Mas não ainda. Havia outras questões mais importantes. Alguns dos soldados assentiam com um olhar respeitoso quando ele passava. Ordeith mostrava os dentes no que os homens pensavam ser um sorriso amistoso. Instrumentos imbecis.

Seus olhos, famintos, percorreram a tenda que abrigava os prisioneiros. Eles podiam esperar. Mais um pouquinho. Só mais um pouquinho. Eram apenas um aperitivo, de todo modo. Isca. Deveria ter se refreado na fazenda Aybara, mas Con Aybara tinha rido na cara dele, e Joslyn o chamara de idiota de mente suja por ter acusado o filho dela de ser Amigo das Trevas. Bom, eles tinham aprendido a lição, tinham gritado e queimado. Sem perceber, Ordeith soltou uma risadinha entre dentes. Aperitivos.

Podia sentir que um daqueles que odiava estava em algum ponto ao sul, seguindo na direção de Campo de Emond. Mas qual? Não importava. Rand al'Thor era o único importante de verdade. Saberia se fosse Rand al'Thor. Os boatos ainda não o haviam atraído, mas isso logo aconteceria. Ordeith sentiu um arrepio de desejo. Tinha de ser assim. Mais histórias teriam que atravessar os guardas de Bornhald em Barca do Taren, mais informes sobre a limpa em Dois Rios tinham que ser enviados, para que aquilo tudo chegasse aos ouvidos de Rand al'Thor e se fixasse em seu cérebro. Primeiro, al'Thor, depois, a Torre, pelo que haviam tirado dele. Tomaria de volta tudo o que era seu por direito.

Tudo estivera caminhando em um compasso perfeito, como um bom relógio, mesmo com os impedimentos de Bornhald. Até que aquele novo obstáculo viesse, trazendo seus Homens Cinza. Ordeith passou os dedos ossudos pelo cabelo ensebado. Por que não podia ao menos ter os próprios sonhos? Não era mais uma marionete manejada por Myrddraal e Abandonados, ou até pelo próprio Tenebroso. Agora, puxava as próprias cordas. Eles não tinham como impedi-lo, não tinham como matá-lo.

— Nada pode me matar — murmurou, com uma careta de desprezo. — Não a mim. Tenho sobrevivido desde as Guerras dos Trollocs.

Bem, parte dele tinha, mesmo. Soltou uma risada estridente, ouvindo a loucura naquele cacarejo, consciente dela, sem se importar.

Um jovem oficial Manto-branco franziu o cenho para ele. Dessa vez, os dentes arreganhados de Ordeith não estampavam sorriso

algum, e o rapaz de face peluda recuou. Ordeith seguiu apressado, se esgueirando.

Moscas zuniam em volta das tendas, e olhos sombrios e cheios de suspeita desviaram dos seus. Os Mantos-brancos ali eram uns porcos. Mas as espadas eram afiadas, e a obediência, imediata e incondicional. Bornhald achava que aqueles homens ainda lhe pertenciam. Pedron Niall também acreditava nisso, acreditava que Ordeith era uma criatura que ele subjugara. Imbecis.

Balançando a lona da tenda, Ordeith entrou para examinar seu prisioneiro, estirado entre dois ganchos de parede grossos o suficiente para sustentar uma junta de carroças. A corrente de aço bom estremeceu quando ele conferiu os elos, mas tomara o cuidado de calcular quanto era necessário, depois dobrara a conta. Ainda bem que o fizera. Uma volta a menos, e aqueles robustos elos de aço teriam se rompido.

Com um suspiro, sentou-se na beirada da cama. Os lampiões já estavam acesas, mais de uma dúzia, sem deixar sombra em lugar algum. Do lado de dentro, a tenda estava iluminada como se fosse meio-dia.

— Pensou na minha proposta? Aceite, e sai daqui livre. Recuse e… bem, sei como machucar os da sua laia. Posso fazer você gritar em uma morte sem fim. Morte sem fim, gritos sem fim.

Um solavanco fez as correntes tilintarem. As estacas, cravadas firmemente no chão, rangeram.

— Muito bem. — A voz do Myrddraal era como o sibilo seco e decrépito de uma serpente. — Eu aceito. Me solte.

Ordeith sorriu. A criatura achava que ele era idiota. Ah, ela aprenderia a lição. Todos aprenderiam.

— Primeiro, vamos concluir… digamos, nosso acordo? — Enquanto ele falava, o Myrddraal começou a suar.

32



Perguntas a serem feitas

— Em breve partiremos para Colina da Vigília — anunciou Verin, na manhã seguinte, com o sol nascente perolizando o céu lá fora — então nada de enrolação. — Perrin ergueu os olhos do mingau frio e encontrou um olhar firme, que indicava que a Aes Sedai não esperava discussão. Depois de um instante, ela acrescentou, pensativa: — Não pense que isso significa que vou ajudar em qualquer insensatez. Você é um jovem traiçoeiro. Não vá tentando me enrolar.

Tam e Abell pararam com as colheres a meio caminho da boca, trocando olhares surpresos. Estava óbvio que, antes de Perrin chegar, eles tinham seguido seu caminho e as Aes Sedai, o delas. Depois de um instante, os dois voltaram a comer, embora mantivessem os cenhos franzidos. Não expressaram qualquer objeção. Mesmo assim, Tomas, cujo manto de Guardião já estava guardado nos alforjes, lançou a eles — e a Perrin — um olhar duro, como se antecipasse uma discussão e quisesse impedi-la. Os Guardiões faziam tudo o que fosse necessário para que as Aes Sedai conseguissem o que queriam.

Verin queria se intrometer na história, é claro — Aes Sedai sempre faziam isso — mas sem dúvida era melhor tê-la à vista do que pelas costas. Quando as Aes Sedai decidiam meter o dedo nas coisas, era quase impossível evitar que se envolvessem. A única coisa a fazer era tentar usá-las enquanto elas o usavam, ficar atento, à espera da oportunidade de pular fora se elas decidissem enfiá-lo de cabeça, feito um furão, em uma toca de coelho. Às vezes, a toca se revelava o covil de um texugo, o que era ainda mais difícil para o furão.

— Você também seria bem-vinda — disse Perrin a Alanna, mas a

mulher respondeu com um olhar gélido que o fez se calar.

A Verde rejeitara o mingau e se sentara diante de uma das janelas encobertas por trepadeiras, admirando a paisagem por trás da moldura folhosa.

Perrin não sabia dizer se a mulher aprovava seus planos de fazer um reconhecimento da área. Era quase impossível dizer o que ela pensava. Aes Sedai deveriam ser a própria expressão da serenidade, e Alanna era, mas às vezes, quando menos se esperava, apareciam lampejos de seu gênio difícil e humor imprevisível, como relâmpagos estourando e desaparecendo. Às vezes, ela o encarava de um jeito que, se não fosse Aes Sedai, o faria pensar que a mulher o estivava admirando. Outras vezes, era como se ele fosse algum mecanismo complicado que Alanna queria desmontar para descobrir como funcionava. Até Verin era melhor, nesse ponto. Na maioria das vezes, a Marrom era apenas indecifrável. De vez em quando a mulher dava nos nervos, mas pelo menos Perrin não precisava ficar se perguntando se ela saberia como encaixar suas peças de volta, depois que o desmontasse.

Desejou poder fazer Faile ficar por lá — não era a mesma coisa que deixá-la para trás, só queria mantê-la a salvo dos Mantos-brancos — mas a mulher já estava com a mandíbula cerrada e um brilho perigoso nos olhos oblíquos.

— Estou ansiosa para conhecer um pouco da sua terra. Meu pai cria ovelhas. — O tom era decisivo: Faile só ficaria lá se fosse amarrada.

Por um instante, Perrin quase considerou fazer isso, mas o perigo dos Mantos-brancos não devia ser tão grande assim, já que ele pretendia apenas observar naquele dia.

— Pensei que ele fosse mercador — retrucou.

— Ele cria ovelhas também.

Duas manchas carmesim brotaram nas bochechas da jovem. Talvez o pai dela fosse um homem pobre, não um mercador. Perrin não entendia por que Faile mentiria sobre isso, mas, se era o que ela queria fazer, não tentaria impedi-la. Mas, envergonhada ou não, continuava teimosa.

Ele se lembrou do método de Mestre Cauthon.

— Não sei o quanto você vai ver. Acho que algumas fazendas já devem estar na época da tosquia. Não deve ser nem um pouco diferente do que o seu pai faz. De qualquer modo, ficarei feliz com a sua companhia. — O espanto no rosto da moça ao perceber que ele não discutiria quase fez valer a pena a preocupação de levá-la. Talvez Abell tivesse razão.

No entanto, Loial era um problema bem diferente.

— Mas eu quero ir — protestou o Ogier, quando disseram que ele

não poderia. — Quero ajudar, Perrin.

— Você vai se destacar muito, Mestre Loial — explicou Abell.

— Precisamos evitar atrair ainda mais atenção — acrescentou Tam.

As orelhas de Loial desabaram, desalentadas.

Perrin puxou o amigo para o lado, o mais para longe dos outros que o salão permitia. Os cabelos desgrenhados do Ogier roçaram as vigas do teto, até que o rapaz fez um gesto para que ele se abaixasse. Perrin sorriu, apenas para tentar alegrá-lo. Esperou que fosse nisso que todos acreditassem.

— Quero que fique de olho em Alanna — disse, quase em um sussurro. Loial levou um susto, e Perrin agarrou a manga do Ogier, ainda sorrindo feito bobo. — Mostre os dentes, Loial. Não estamos falando nada importante, certo? — O Ogier conseguiu abrir um sorriso hesitante. Teria de bastar. — As Aes Sedai têm suas próprias razões para fazer o que fazem, Loial. — E podia ser o que as pessoas menos esperavam, ou o total oposto do que acreditavam que seria. — Quem é que sabe o que ela pode enfiar na cabeça? Já tive surpresas o bastante desde que voltei para casa, e não quero somar ao montante nada que venha dela. Não espero que você a impeça de fazer o que quer que seja, só fique de olho em qualquer coisa fora do comum.

— Obrigado por isso — resmungou Loial em um tom amargo, as orelhas se remexendo. — Não acha melhor só deixar as Aes Sedai fazerem o que quiserem? — Era fácil para ele dizer, já que as mulheres não conseguiam canalizar dentro de um *pouso* Ogier. Perrin apenas o encarou. Depois de um instante, Loial deu um suspiro. — Acho que não. Ah, está bem. Não dá para dizer que andar com você não seja… interessante. — A enorme criatura se endireitou, esfregou o dedo grosso no nariz e se dirigiu aos outros: — Acho que eu atrairia olhares demais, mesmo. Bom, pelo menos vou ter chance de trabalhar em meus escritos. Faz dias que não escrevo nada do livro.

Verin e Alanna trocaram olhares indecifráveis, depois voltaram rostos com expressões idênticas para Perrin, sem piscar. Não havia como dizer o que as duas pensavam.

Os animais de carga tiveram de ser deixados para trás, naturalmente. Cavalos de carga sem dúvida atrairiam comentários sobre uma viagem longa, e ninguém de Dois Rios viajava para muito longe de casa, mesmo nas melhores estações. Alanna os observou selar as montarias com um sorriso sutil de satisfação, decerto pensando que os animais e os cestos de palha o prenderiam ao antigo hospital, a ela e a Verin. Se fosse o caso, a Verde teria uma bela surpresa. Perrin já vivera muito tempo de apenas um alforje, desde que saíra de casa. Aliás, já vivera da bolsa do cinto e dos bolsos dos casacos.

Ao se levantar, depois de ajeitar a cilha da sela de Galope, levou

um susto. Verin o observava com uma expressão astuta, nem um pouco vaga, como se soubesse o que ele estava pensando e se divertisse com aquilo. Já era ruim o bastante quando Faile fazia esse tipo de coisa, mas era cem vezes pior quando a expressão vinha de uma Aes Sedai. No entanto, a mulher parecia intrigada com o martelo amarrado junto ao rolo do cobertor e os alforjes. Perrin ficou contente em ver que havia alguma coisa que ela parecia não compreender. Por outro lado, podia ter evitado deixá-la tão desconfiada. Que fascínio poderia um martelo exercer sobre uma Aes Sedai?

Com apenas os animais de cavalgada para preparar, não demorou muito para estarem prontos para partir. Verin tinha um capão castanho comum, tão simplório para um olhar destreinado quanto as vestimentas da dona, mas o peito pronunciado e as ancas robustas sugeriam a mesma resistência do cavalo de seu Guardião, um cinzento de olhar feroz, alto e elegante. Galope bufou para o outro garanhão até Perrin dar uns tapinhas no pescoço dele. O cinza tinha mais disciplina — e a mesma prontidão para lutar, se Tomas permitisse. O Guardião controlava o animal tanto com os joelhos quanto com as rédeas, e os dois quase pareciam um só.

Mestre Cauthon observava o cavalo de Tomas com interesse — não era muito comum ver animais treinados para a guerra por aquelas bandas — mas o de Verin ganhou um aceno de cabeça aprovativo à primeira olhada. Abel era o melhor avaliador de cavalos que havia em Dois Rios. Sem dúvida fora ele quem escolhera os animais que ele e Tam usavam, cavalos de couro espesso, não tão grandes quanto os outros, porém robustos e com uma marcha que indicava boa velocidade e resistência.

Os três Aiel deslizaram à frente do grupo com elegância quando chegou a hora de rumar para o norte. Deram passos largos que os fizeram desaparecer depressa no meio da mata, ainda banhada nas compridas sombras da manhã, sob o brilho do sol nascente. De vez em quando dava para ver um lampejo de marrom e cinza por entre as árvores. Era provavelmente de propósito, para informar aos outros que estavam lá. Tam e Abell assumiram a liderança, mantendo os arcos atravessados no cepilho alto das selas, com Perrin e Faile atrás e Verin e Tomas cuidando da retaguarda.

Perrin preferia não ter o olhar de Verin fixado às suas costas. Sentia os olhos da mulher perfurando suas omoplatas. Perguntou-se se ela sabia sobre os lobos. Não era um pensamento confortável. Supunha-se que as Marrons sabiam coisas que as outras Ajahs desconheciam, coisas obscuras e conhecimentos antigos. Talvez Verin soubesse como ele poderia evitar se perder, perder para os lobos o que possuía de humano. Exceto por reencontrar Elyas Machera, talvez a Marrom fosse sua melhor opção. Perrin só precisava confiar nela. A

mulher faria uso de qualquer informação que tivesse, e com toda certeza seria de forma a ajudar a Torre Branca, ou talvez para ajudar Rand. O único problema era que ajudar Rand talvez não trouxesse o que Perrin queria. Tudo teria sido muito mais simples sem Aes Sedai por perto.

Seguiram em silêncio, a não ser pelos sons da floresta, pelos esquilos, pica-paus e eventuais cantorias de pássaros. Em dado momento, Faile olhou para trás.

— Ela não vai fazer mal a você — afirmou, o tom suave contrastando com o brilho feroz em seus olhos escuros.

Perrin piscou. Faile queria protegê-lo. Das Aes Sedai. Nunca compreenderia aquela mulher, nem saberia o que esperar em seguida. Ela às vezes era tão confusa quanto as Aes Sedai.

Saíram da Floresta do Oeste talvez quatro ou cinco milhas a norte de Campo de Emond, com o sol alto, brilhando nos topos das árvores para o leste. Grupos de árvores isolados, formados quase apenas de folhas-de-couro, pinheiros e carvalhos, se espalhavam entre eles e os campos mais próximos de cevada, aveia, tabaco e grama alta para feno. Por estranho que fosse, não havia gente à vista, nem fumaça se erguendo das chaminés das fazendas para além dos campos. Perrin conhecia o pessoal que morava por ali. Os al'Lora ocupavam duas das casas grandes, os Barstere, as outras. Gente trabalhadora. Se houvesse alguém naquelas casas, já estariam ocupados com suas tarefas desde muito cedo. Gaul acenou nos limites de um dos aglomerados de árvores, depois desapareceu por entre os troncos.

Perrin cravou os calcanhares em Galope e aproximou-se de Tam e Abell.

— Será que a gente não devia ficar debaixo das árvores pelo máximo de tempo possível? Seis pessoas a cavalo não vão passar despercebidas.

Os animais avançavam a uma velocidade constante.

— Não tem muita gente aqui para reparar em nós, rapaz — retrucou o Mestre al'Thor. — Basta ficarmos longe da Estrada do Norte. Muitas fazendas foram abandonadas, aqui tão perto da floresta. De qualquer forma, ninguém viaja sozinho esses dias, nem vai para muito longe da porta de casa. Ninguém iria dar muita atenção a dez pessoas viajando juntas, nesses tempos, embora a maioria viaje com carroções, quando muito.

— Vamos levar quase o dia todo para chegar em Colina da Vigília nesse passo — explicou Mestre Cauthon — isso já sem tentar cobrir a distância pela floresta. Pela estrada seria um pouco mais rápido, mas também teríamos mais chances de topar com algum Manto-branco. Mais chances de alguém querer nos entregar para levar a recompensa.

Tam assentiu.

— Mas também temos amigos por esses lados. Calculamos uma parada na fazenda de Jac al'Seen, lá pelo meio-dia, para dar um descanso para os cavalos e esticar as pernas. E chegaremos em Colina da Vigília ainda com luz suficiente para enxergar.

— Vai ter luz suficiente — comentou Perrin, distraído. Sempre havia luz suficiente para ele. Girou em cima da sela para espiar as fazendas atrás. Abandonadas, mas não incendiadas ou saqueadas, pelo que ele podia ver. Cortinas ainda pendiam nas janelas. Janelas intactas. Os Trollocs gostavam de destruir as coisas, e as casas vazias eram sempre um convite. Ervas daninhas já haviam crescido bastante por entre a cevada e a aveia, mas os campos não haviam sido devastados. — Os Trollocs chegaram a atacar Campo de Emond?

— Não, não houve ataques — respondeu Mestre Cauthon, em um tom agradecido. — Mas, veja bem, não teria sido fácil para eles, se atacassem. O povo aprendeu a ficar de olho vivo, naquela Noite Invernal antes da última. Atrás de cada porta tem um arco, lanças e tudo o mais. Além disso, os Mantos-brancos descem com a ronda até Campo de Emond a cada dois, três dias. Por mais que eu odeie admitir, eles afugentam os Trollocs.

Perrin balançou a cabeça.

— O senhor tem alguma ideia de quantos Trollocs são?

— Um já é demais — resmungou Abell.

— Talvez duzentos — respondeu Tam. — Talvez mais. Deve ter mais. — Mestre Cauthon parecia surpreso. — Pense só, Abell. Não sei quantos os Mantos-brancos mataram, mas os Guardiões alegam que eles e as Aes Sedai deram cabo de quase cinquenta, além de dois Desvanecidos. E, pelo que ouvimos, isso não reduziu o número de incêndios. Acho que deve ser mais, mas você faça suas contas.

O outro homem assentiu, pesaroso.

— Então por que não atacaram Campo de Emond? — perguntou Perrin. — Se duzentos ou trezentos viessem no meio da noite, poderiam incendiar a aldeia inteira e desaparecer antes que os Mantos-brancos em Colina da Vigília ficassem sabendo. Seria ainda mais fácil atacar Trilha de Deven. Vocês disseram que os Mantos-brancos não descem tão longe.

— Sorte — murmurou Abell, mas parecia preocupado. — Foi isso. Tivemos sorte. O que mais poderia ter sido? Onde é que você quer chegar, garoto?

— Ele está tentando dizer — interveio Faile, aproximando-se dos homens — é que deve haver uma razão. — Andorinha era bem mais alto que os cavalos de Dois Rios, de modo que a moça encarava Tam e Abell de frente, com um olhar firme. — Já vi as consequências dos ataques dos Trollocs em Saldaea. Eles saqueiam o que não é incendiado, matam ou sequestram pessoas e animais das fazendas,

tudo e todos que não estiverem protegidos. Vilas inteiras desapareceram, em anos ruins. Eles procuram o local mais debilitado, onde a matança possa ser maior. Meu pai… — Ela se refreou, respirou fundo e continuou. — Perrin notou o que vocês já deveriam ter notado. — Ela lhe dirigiu um sorriso orgulhoso. — Se os Trollocs não atacaram suas aldeias, deve ter algum motivo.

— Já pensei nisso — murmurou Tam — mas não consigo imaginar qual seja. Até que a gente saiba, sorte é uma resposta tão boa quanto qualquer outra.

— Talvez seja uma isca — falou Verin, juntando-se a eles. Tomas ainda estava um pouco mais para trás, os olhos escuros vasculhando o campo por onde passavam, implacáveis como os de um Aiel. O Guardião também observava o céu, pois sempre havia a possibilidade de um corvo aparecer. Quase sem parar, o olhar de Verin passou de Perrin para os dois homens mais velhos. — Notícias de problemas incessantes, notícias de Trollocs, tudo isso vai atrair as atenções para Dois Rios. Andor sem dúvida vai enviar soldados para enfrentar os Trollocs tão longe ao sul, e talvez outras nações façam o mesmo. Isso se os Filhos estiverem permitindo que qualquer notícia corra, é claro. Suponho que os guardas da Rainha Morgase não fiquem muito mais animados com a perspectiva de encontrar tantos Mantos-brancos do que ficariam com encontrar Trollocs.

— Guerra — murmurou Abell. — O que temos já é bastante ruim, mas você está falando de guerra.

— Pode ser — respondeu Verin, complacente. — Pode ser.

Com a testa franzida de preocupação, ela tirou do bolso uma caneta de ponta de aço e um pequeno livro com encadernação em tecido, depois abriu um estojinho de couro preso ao cinto que continha tinta e areeiro. Limpou a caneta na manga, absorta, e começou a rabiscar nas páginas, apesar do desconforto de escrever montada a cavalo. Parecia alheia a qualquer preocupação que pudesse ter causado. E talvez estivesse, mesmo.

Mestre Cauthon continuou murmurando "guerra" entre dentes, espantado, e Faile, com olhos tristes, tocou o braço de Perrin em um gesto reconfortante.

Mestre al'Thor apenas grunhiu. Perrin ouvira dizer que o homem já estivera em uma guerra, mas não sabia exatamente onde ou como. Sabia apenas que, quando jovem, o pai de Rand fora para algum lugar fora de Dois Rios, de onde retornou anos depois com uma esposa e um filho, Rand. Pouca gente de Dois Rios saía de lá. Perrin duvidava de que alguém da cidade soubesse o que significava uma guerra, a não ser pelo que ouviam dos mascates, mercadores e dos guardas e condutores dos carroções. Porém, ele sabia. Já presenciara uma guerra, lá em Ponta de Toman. Abell estava certo. O que tinham já era

bastante ruim, mas não chegava sequer perto de uma guerra.

Manteve-se calmo. Talvez Verin estivesse certa, mas talvez só quisesse que os outros parassem de especular. Se a investida dos Trollocs em Dois Rios fosse isca para uma armadilha, só podia ser para Rand. Nesse caso as Aes Sedai já saberiam. Esse era um dos problemas com Aes Sedai: elas iam soltando "ses" e "talvezes" até que todos tivessem certeza de que elas haviam afirmado claramente o que fora apenas sugerido. Bem, se os Trollocs — ou quem os tivesse mandado. Um dos Abandonados, talvez? — quisessem pegar Rand em uma armadilha, teriam de lidar com Perrin preso nela, em vez disso. Um simples ferreiro em vez do Dragão Renascido. E ele não pretendia cair em armadilha alguma.

Cavalgaram em silêncio pelo resto da manhã. Naquela região, as fazendas eram esparsas, com às vezes uma milha ou mais de distância entre uma e outra. Todas estavam abandonadas, com os campos sufocados de ervas e as portas dos celeiros se balançando ao sabor das brisas errantes. Apenas uma fora incendiada, e dela nada restava além de chaminés, dedos negros de fuligem avultando-se em meio às cinzas. Os que morreram ali — os Ayellin, primos dos que moravam em Campo de Emond — tinham sido enterrados perto das pereiras atrás da casa. Os poucos que haviam sido encontrados. Abell teve de ser pressionado para falar a respeito, e Tam não se pronunciou. Pareciam pensar que aquilo o deixaria chateado. Perrin sabia o que os Trollocs comiam. Qualquer tipo de carne. Passou o dedo pelo machado, distraído, até que Faile pegou sua mão. Por alguma razão, era ela quem parecia perturbada. Achava que ela soubesse mais a respeito de Trollocs.

Os Aiel conseguiam ficar fora de vista até nos trechos entre os aglomerados de árvores, a menos que desejassem ser vistos. Quando Tam começou a traçar um ângulo em direção ao leste, Gaul e as duas Donzelas acompanharam o grupo.

Como Mestre Cauthon previra, a fazenda dos al'Seen surgiu ao longe antes de o sol alcançar a altura máxima. Não havia outra fazenda à vista, embora algumas colunas de fumaça bem espaçadas se erguessem a norte e a leste. Por que aquelas pessoas insistiam em ficar, mesmo isoladas daquele jeito? Se os Trollocs viessem, a única esperança seria de que os Mantos-brancos por acaso estivessem próximos.

Enquanto a grande fazenda ainda parecia pequena, a distância, Tam puxou a rédea e acenou para que os Aiel se juntassem a eles, então sugeriu que encontrassem um lugar onde ficar até que os outros saíssem da fazenda.

— Ninguém vai comentar sobre mim ou Abell, mas vocês três vão gerar o falatório mais intenso do mundo.

Isso era para dizer o mínimo, considerando as roupas estranhas, as lanças e o fato de que entre os Aiel havia duas mulheres. Um coelho balançava ao lado da aljava de cada um, embora Perrin não entendesse como os Aiel haviam arrumado tempo para caçar e ainda se manter à frente dos cavalos. Aliás, eles pareciam menos cansados que os cavalos.

— Muito bem — disse Gaul. — Vou arrumar um lugar para comer e fico atento, esperando vocês saírem.

Ele se virou na mesma hora e começou a caminhar a passos largos. Bain e Chiad se entreolharam. Depois de um instante, Chiad deu de ombros, e as duas foram atrás.

— Eles não estão juntos? — perguntou o pai de Mat, coçando a cabeça.

— É uma longa história — respondeu Perrin.

Era melhor do que dizer ao homem que Chiad e Gaul podiam decidir matar um ao outro por uma rixa. Torcia para que o juramento de água contivesse os dois. Precisava se lembrar de perguntar a Gaul o que era um juramento de água.

A fazenda dos al'Seen era tão grande quanto as outras de Dois Rios, com três celeiros altos e cinco galpões de cura de tabaco. O redil de paredes de pedra, cheio de ovelhas de caras pretas, tinha a largura de alguns pastos, e pátios gradeados separavam as vacas leiteiras de manchas brancas do gado preto de corte. Porcos grunhiam contentes, chafurdando na lama; galinhas circulavam por todo lado e gansos brancos nadavam em um laguinho de bom tamanho.

A primeira coisa estranha que Perrin notou foram os garotos nos telhados de palha da casa e dos celeiros. Eram oito ou nove, e portavam arcos e aljavas. Deram gritos de aviso assim que avistaram os cavaleiros, e as mulheres entraram apressadas com as crianças e estreitaram os olhos para ver quem estava chegando. Os homens se reuniram no pátio da fazenda, alguns com arcos, outros com ancinhos e foices erguidos como se fossem armas. Muita gente. Muita mesmo, até para uma fazenda tão grande. Perrin lançou a Mestre al'Thor um olhar indagativo.

— Jac acolheu o pessoal de seu primo, Wit — explicou Tam — porque a fazenda de Wit ficava muito perto da Floresta do Oeste. Daí veio o pessoal de Flann Lewin, depois que a fazenda deles foi atacada. Os Mantos-brancos expulsaram os Trollocs antes que mais do que os celeiros fossem incendiados, mas Flann decidiu que era hora de ir. Jac é um bom homem.

Quando adentraram o pátio da fazenda, Tam e Abell foram reconhecidos, e os homens e mulheres se aglomeraram à volta deles com sorrisos e cumprimentos enquanto todos desciam dos cavalos. Ao ver a cena, as crianças saíram correndo da casa, seguidas das mulheres

que tomavam conta delas e de outras, que saíam da cozinha ainda limpando as mãos nos aventais. Todas as gerações estavam representadas, desde Astelle al'Seen, de cabeça branca e corcunda, mas usando o cajado mais para afastar os outros do que para se apoiar, até um bebê todo enroladinho nos braços de uma mulher muito robusta e de sorriso contagiante.

Perrin passou os olhos pela mulher robusta e sorridente e seguiu para outra pessoa, então virou a cabeça para trás de repente. Quando deixou Dois Rios, Laila Dearn era uma garota magricela, capaz de dançar com três rapazes quase ao mesmo tempo. Apenas os olhos e o sorriso eram os mesmos. Ele sentiu um calafrio. Houve uma época em que sonhava em se casar com Laila, e ela de certa forma correspondia ao sentimento. A verdade era que a mulher se apegara à ideia por mais tempo que ele. Por sorte, Laila estava extasiada demais com o bebê e o rapaz ainda mais corpulento ao seu lado para prestar muita atenção em Perrin. Ele também reconheceu o homem. Natley Lewin. Então agora Laila era uma Lewin. Que estranho. Nat nunca dançava. Agradecendo à Luz por ter fugido, Perrin olhou em volta em busca de Faile.

Encontrou-a girando as rédeas de Andorinha, absorta, enquanto a égua fuçava seu ombro. Mas a mulher estava ocupada demais abrindo um sorriso de admiração para Wil al'Seen, um primo das bandas de Trilha de Deven, para reparar no animal, e Wil sorria de volta. Era um rapaz bonito. Bem, era um ano mais velho que Perrin, mas bonito a ponto de ter uma aparência meio juvenil. Quando Wil vinha a Campo de Emond para as danças, as garotas ficavam suspirando por ele. Do jeitinho que Faile estava fazendo. Tudo bem que a mulher não estava suspirando, mas seu sorriso era decididamente de aprovação.

Perrin se aproximou e envolveu-a com um dos braços, pousando a outra mão no machado.

— Como vai, Wil? — perguntou, esforçando-se ao máximo para sorrir.

Não havia motivo para deixar Faile pensar que estava com ciúmes. Não que estivesse.

— Tudo bem, Perrin. — Os olhos de Wil desviaram dos dele e saltaram para o machado, e uma expressão assustada invadiu seu rosto. — Tudo ótimo.

Evitando olhar para Faile outra vez, o rapaz saiu apressado para juntar-se à multidão ao redor de Verin.

Faile encarou Perrin, apertando os lábios, depois tocou sua barba com uma das mãos e balançou sua cabeça delicadamente.

— Perrin, Perrin, Perrin — murmurou baixinho.

Ele não entendeu bem o que ela quis dizer, mas achou que seria mais sábio não perguntar. A própria Faile parecia não saber se estava

irritada ou… talvez satisfeita? Era melhor não obrigá-la a se decidir.

Wil não foi o único a observar seus olhos disfarçadamente, claro. Parecia que todo mundo, jovem ou velho, homem ou mulher, levava um susto a primeira vez que reparava neles. A velha Senhora al'Seen o cutucou com o cajado e arregalou os olhos negros, surpresa, quando Perrin grunhiu. Talvez achasse que ele não fosse real. No entanto, ninguém disse uma palavra.

Os cavalos logo foram levados para um dos celeiros — Tomas levou o cinzento pessoalmente, já que o animal parecia não aceitar que ninguém mais encostasse em suas rédeas — e todos, exceto os meninos nos telhados, reuniram-se dentro da casa, lotando-a. Os adultos ocuparam o cômodo da frente, em duas fileiras, Lewin e al'Seen intercalados sem qualquer ordenação especial, as crianças nos colos das mães ou relegadas a espiar por entre as pernas dos adultos que se amontoavam nas entradas para observar.

Chá forte e cadeiras de espaldar alto com assentos de junco foram providenciados para os recém-chegados, mas Verin e Faile receberam almofadas bordadas. Foi considerável a empolgação em relação a Verin, Tomas e Faile. O lugar foi tomado de murmúrios que mais pareciam grasnados de gansos, e todos encararam os três como se eles portassem coroas ou fossem sair fazendo truques a qualquer instante. Estranhos eram sempre vistos com curiosidade em Dois Rios. A espada do Guardião suscitou sussurros que Perrin ouvia sem a menor dificuldade. Não era comum ver espadas por ali, pelo menos não antes da chegada dos Mantos-brancos. Alguns acharam que Tomas fosse um Manto-branco, outros, um lorde. Um garotinho que batia na cintura dos adultos mencionou Guardiões antes que os mais velhos o calassem com suas risadas.

Assim que os convidados se acomodaram, Jac al'Seen plantou-se diante da imensa lareira de pedra. Era um homem troncudo, de ombros quadrados, com menos cabelo que Mestre al'Vere, mas igualmente grisalho. Um relógio tiquetaqueava entre dois grandes cálices de prata na cornija atrás de sua cabeça, provas de seu sucesso como fazendeiro. O burburinho parou quando ele ergueu a mão, mas seu primo Wit, quase seu gêmeo, só que sem cabelo algum, e Flann Lewin, um varapau curtido de cabeça cinza, mandaram todos se calarem mesmo assim.

— Senhora Mathwin, Lady Faile — cumprimentou Jac, curvando-se em uma mesura desajeitada para cada uma — as senhoras são bem-vindas aqui, pelo tempo que quiserem. Mas preciso alertá-las. As senhoras sabem dos problemas que enfrentamos no campo. É melhor que rumem direto para Campo de Emond ou para Colina da Vigília e que fiquem por lá. São lugares grandes demais para serem importunados. Eu as aconselharia a não ficar em nenhuma parte de

Dois Rios, mas sei que os Filhos da Luz não estão deixando ninguém cruzar o Taren. Não sei por quê, mas é assim.

— Mas há tantas boas histórias no campo — respondeu Verin, piscando amigavelmente. — Eu perderia todas se ficasse em uma aldeia.

Sem mentir nem uma vez, a Marrom conseguira dar a impressão de que fora a Dois Rios em busca de antigas histórias, o mesmo que Moiraine fizera no que parecia tanto tempo atrás. O anel da Grande Serpente estava pendurado na bolsa do cinto, mas Perrin duvidava de que qualquer daquelas pessoas soubesse o que ele significava.

Elisa al'Seen alisou o avental branco e abriu um sorriso solene para Verin. Embora seus cabelos fossem menos grisalhos que o do marido, ela parecia mais velha que a Aes Sedai, com um rosto enrugado e maternal. E devia mesmo pensar que era.

— É uma honra receber uma verdadeira acadêmica sob o nosso teto, mas Jac tem razão — disse, com firmeza. — Vocês são muito bem-vindos aqui, mas, quando partirem, devem seguir para uma aldeia na mesma hora. Não é seguro ficar viajando por aí. E digo o mesmo para a senhorita, milady — acrescentou, dirigindo-se a Faile. — Trollocs não são coisa que duas mulheres devam enfrentar com apenas um punhado de homens para protegê-las.

— Vou pensar no assunto — respondeu Faile, muito calma. — Agradeço a consideração.

Ela bebericou o chá, tão despreocupada quanto Verin, que voltara a rabiscar o livrinho, apenas olhando para cima para sorrir na direção de Elisa e murmurar "o campo tem tantas histórias". Faile aceitou um biscoito amanteigado de uma garotinha al'Seen, que fez uma mesura e corou intensamente, encarando a jovem com os olhos arregalados de admiração.

Perrin sorriu para si mesmo. Toda vestida em seda verde de montaria, Faile era tomada pelo povo por uma nobre de berço, e ele tinha de admitir que ela representava o papel com muito esmero. Quando queria. A garota talvez não fosse tão admirada se flagrada durante uma de suas explosões de raiva, quando a língua podia fustigar o couro de um condutor de carroção.

A Senhora al'Seen virou-se para o marido, balançando a cabeça. Faile e Verin não seriam convencidas. Jac olhou para Tomas.

— O senhor consegue convencê-las a partir?

— Eu vou aonde ela manda — respondeu Tomas.

Mesmo sentado com uma xícara de chá na mão, o Guardião parecia prestes a desembainhar a espada.

Mestre al'Seen deu um suspiro e mudou o foco de sua atenção.

— Perrin, quase todos já encontramos você vez ou outra lá por Campo de Emond. De certo modo, conhecemos você. Ou pelo menos o

conhecíamos, antes de sua partida, no ano passado. Ouvimos algumas coisas preocupantes, mas imagino que Tam e Abell não estariam com você se fossem verdadeiras.

A esposa de Flann, Adine, uma mulher roliça de olhar complacente, fungou alto.

— Também ouvi umas coisas sobre Tam e Abell. E sobre os filhos deles, que fugiram com Aes Sedai. Com Aes Sedai! Uma dúzia delas! Vocês todos se lembram de como Campo de Emond queimou até o talo. Sabe a Luz em que tipo de coisa eles podem ter se metido. Ouvi dizer que sequestraram a menina dos al'Vere.

Flann balançou a cabeça, resignado, e lançou a Jac um olhar pesaroso.

— Se você acredita nisso — respondeu Wit, irônico — vai acreditar em qualquer coisa. Conversei com Marin al'Vere duas semanas atrás, e ela me disse que a filha foi embora por conta própria. E só havia uma Aes Sedai.

— O que é que você está sugerindo, Adine? — Elisa al'Seen pôs as mãos na cintura. — Fale de uma vez. — Havia mais do que um simples toque de desafio em sua voz.

— Eu não falei que acreditava — protestou Adine, com vigor — só falei que ouvi dizer. Algumas perguntas precisam ser feitas. Os Filhos não estão na cola daqueles três por terem sorteado os nomes no palitinho.

— Se você escutar, para variar um pouco, pode ter uma ou duas respostas — retrucou Elisa, com firmeza.

Adine se pôs a ajeitar as saias de novo, mas, embora resmungasse baixinho, segurou a língua.

— Alguém mais tem algo a dizer? — perguntou Jac, com uma impaciência muito mal disfarçada. Quando ninguém se pronunciou, ele prosseguiu. — Perrin, ninguém aqui acredita que você seja Amigo das Trevas, assim como não acreditamos que Tam ou Abell sejam. — Ele disparou um olhar duro a Adine, e Flann pôs a mão no ombro da esposa. A mulher ficou em silêncio, mas seus lábios se apertaram com tudo que não foi dito. Jac resmungou sozinho antes de continuar. — Mesmo assim, Perrin, acho que temos o direito de escutar o motivo para os Mantos-brancos estarem falando essas coisas. Eles acusam você, Mat Cauthon e Rand al'Thor de serem Amigos das Trevas. Por quê?

Faile abriu a boca, irritada, mas Perrin gesticulou para que ela ficasse em silêncio. A obediência o surpreendeu tanto que ele a encarou por um instante antes de responder. Talvez ela *estivesse mesmo* doente.

— Os Mantos-brancos não precisam de muita coisa, Mestre al'Seen. Se você não se desmanchar em mesuras e ficar fora do

caminho deles, então deve ser Amigo das Trevas. Se não disser o que eles querem nem pensar o que eles querem, deve ser Amigo das Trevas. Eu não sei por que eles pensam que Rand e Mat são. — Aquela era a pura verdade. Se os Mantos-brancos soubessem que Rand era o Dragão Renascido, seria o suficiente, mas não havia como eles saberem. A história de Mat o deixava muito confuso. Só podia ser coisa de Fain. — Quanto a mim, eu matei alguns deles. — Perrin ficou espantado ao notar que os arquejos que se ergueram no salão não o constrangeram, e nem a ideia do que tinha feito. — Eles mataram um amigo meu e teriam me matado. Eu não deixei. Simples assim.

— Dá para entender o motivo — respondeu Jac, devagar.

Mesmo com Trollocs à solta, o povo de Dois Rios não estava acostumado a matar. Alguns anos antes, uma mulher matara o marido porque queria se casar com outro homem. Pelo que Perrin sabia, tinha sido a última vez que alguém morreu por um ato de violência em Dois Rios. Até chegarem os Trollocs.

— Os Filhos da Luz têm muito talento para uma coisa: fazer um povo que viveu junto a vida inteira começar a suspeitar uns dos outros — interveio Verin.

Todos os camponeses a encararam, e alguns assentiram, depois de um instante.

— Ouvi dizer que tem um homem com eles — completou Perrin. — Padan Fain. O mascate.

— Ouvi falar nisso — respondeu Jac. — Também me disseram que ele usa outro nome, hoje em dia.

Perrin assentiu.

— Ordeith. Mas, seja Fain ou Ordeith, ele *é* Amigo das Trevas. Ele mesmo admitiu isso, admitiu ter trazido os Trollocs na Noite Invernal do ano passado. E ele anda com os Mantos-brancos.

— É muito fácil para você alegar isso — retrucou Adine Lewin, ríspida. — Dá para chamar qualquer um de Amigo das Trevas.

— E em quem você acredita? — indagou Tomas. — Naqueles que chegaram há algumas semanas, prenderam gente que você conhece e incendiaram suas fazendas? Ou em um jovem que cresceu bem aqui?

— Eu não sou Amigo das Trevas, Mestre al'Seen — disse Perrin — mas, se o senhor quiser que eu vá embora, eu vou.

— Não — respondeu Elisa, mais do que depressa, lançando um olhar significativo para o marido. E um congelante para Adine, o que a fez engolir o que estava prestes a dizer. — Não. Você pode ficar aqui pelo tempo que quiser. — Jac hesitou, depois assentiu em concordância. Ela se aproximou, baixou o olhar para Perrin e pousou as mãos em seus ombros. — Você tem a nossa compaixão — disse baixinho. — Seu pai era um homem bom. Sua mãe era minha amiga, e uma boa mulher. Sei que ela iria querer que você ficasse com a gente,

Perrin. Os Filhos quase não vêm para estas bandas e, se vierem, os meninos no telhado vão nos avisar a tempo de você se esconder no sótão. Você vai estar seguro aqui.

A mulher estava sendo sincera. De verdade. Perrin olhou para Mestre al'Seen, que assentiu outra vez.

— Obrigado — disse ele, com um nó na garganta. — Mas eu tenho… coisas a fazer. Preciso cuidar de algumas pendências.

Ela suspirou, afagando-o com delicadeza.

— É claro. Só tome cuidado para não acabar… se machucando. Bom, pelo menos eu posso ver você partir de barriga cheia.

Não havia mesas o suficiente para todos na casa, por isso a refeição do meio-dia foi entregue em tigelas de cozido de cordeiro com pedaços de pão e advertências para que ninguém derramasse nada no chão. Todos comeram onde estavam, sentados ou de pé. Antes do fim da refeição, um garoto magrelo com os punhos para fora da camisa e um arco maior do que ele irrompeu no salão. Perrin achou que fosse Win Lewin, mas não teve certeza. Os meninos cresciam muito depressa nessa idade.

— É o Lorde Luc — exclamou o garoto, animado. — Lorde Luc está chegando.

33



Uma nova trama no Padrão

O lorde em pessoa entrou logo atrás do garoto. Era um homem alto de meia-idade, com ombros largos, rosto severo e anguloso e cabelos vermelho-escuros com mechas grisalhas nas têmporas. Havia um toque de arrogância em seus olhos azul-escuros, e ele de fato parecia pertencer à nobreza. Estava vestido em um casaco verde com discretos bordados em arabescos dourados nas mangas e manoplas trabalhadas em fios-de-ouro. A bainha da espada também era envolta em ouro trabalhado, bem como as bocas das botas polidas. O homem conseguia tornar o simples ato de entrar pela porta algo grandioso. Perrin o desprezou logo à primeira vista.

Todos os al'Seen e Lewin correram para saudar o lorde, homens, mulheres e crianças amontoando-se à volta dele com sorrisos, mesuras e reverências, tagarelando uns por cima dos outros sobre a honra de sua presença, a grande honra da visita de um Caçador da Trombeta. Pareciam muito empolgados. Estar sob o mesmo teto que um lorde podia ser empolgante, mas estar com um que jurara caçar a lendária Trombeta de Valere — aquilo parecia saído de uma história. Perrin não se lembrava de ter visto o povo de Dois Rios bajulando ninguém, mas aquela gente estava bem perto disso.

O tal Lorde Luc claramente tomava aquilo como nada mais que o esperado, talvez menos. Aliás, como algo até cansativo. O povo da fazenda não parecia notar ou talvez simplesmente não reconhecesse a expressão meio cansada, o sorriso meio condescendente. Talvez todos só pensassem que era daquele jeito que lordes se portavam. Era bem verdade que muitos se comportavam assim, mas Perrin sentiu-se

irritado em assistir àquela gente — a sua gente — aceitar uma coisa daquelas.

Quando a comoção começou a diminuir, Jac e Elisa apresentaram os outros hóspedes — menos Tam e Abell, que já o conheciam — a Lorde Luc de Chiendelna, afirmando que o homem estava aconselhando o povo sobre como se proteger dos Trollocs, que os encorajava a enfrentar os Mantos-brancos e a se defender. Murmúrios de aprovação emergiam pelo salão. Se Dois Rios estivesse atrás de um rei, Lorde Luc teria o apoio de todos os al'Seen e Lewin. E o homem também sabia disso. Porém, o aparente fastio e a complacência não duraram muito.

À primeira olhadela no rosto plácido de Verin, Luc enrijeceu-se de leve, e seus olhos desceram às mãos da mulher tão depressa que muitos não teriam notado. O lorde quase deixou cair as luvas bordadas. Gorducha e de roupas simples, a mulher poderia ser apenas mais uma dona de casa camponesa, mas Luc sabia distinguir as feições etéreas de uma Aes Sedai. O canto de seu olho esquerdo estremeceu quando o homem ouviu a Senhora al'Seen apresentar a mulher como "Senhora Mathwin", "uma acadêmica de fora".

Verin sorriu para ele com uma expressão meio sonolenta.

— Muito prazer — murmurou a Marrom. — Casa Chiendelna. Onde fica? Parece um nome das Terras da Fronteira.

— Nada tão grandioso — respondeu Luc, mais do que depressa, curvando-se em uma ínfima mesura cautelosa. — Sou de Murandy, na verdade. Uma casa menor, porém antiga.

Luc pareceu pouco à vontade em tirar os olhos da mulher durante o restante das apresentações.

Mas o homem mal olhou para Tomas. Devia saber que ele era o Guardião da "Senhora Mathwin", mas descartou o homem sem titubear, com um desprezo tão claro quanto se houvesse sido declarado aos berros. Foi bem estranho. Por mais talento que Luc tivesse com a espada que levava, ninguém tinha habilidade o bastante para fazer pouco caso de um Guardião. Arrogância. O sujeito possuía a arrogância de dez homens. E provou isso pela forma como se comportou com Faile, pelo que Perrin viu.

O sorriso que Luc ofereceu a ela era sem dúvida mais do que confiante, era também amigável e íntimo. Na verdade, era amigável e íntimo demais. O lorde tomou a mão de Faile nas suas e fez uma mesura, encarando-a como se tentasse enxergar dentro de sua cabeça. Por um instante, Perrin achou que a namorada estivesse prestes a retribuir o gesto com arrogância, mas ela devolveu o olhar do lorde com as bochechas vermelhas, fingindo tranquilidade, e um leve meneio de cabeça.

— Eu também sou Caçadora da Trombeta, milorde — disse Faile,

soando um tantinho ofegante. — Acha que vai encontrá-la por aqui?

Luc pareceu surpreso e soltou a mão da mulher.

— Pode ser, milady. Quem é que sabe onde a Trombeta pode estar? — Faile pareceu um pouco surpresa, talvez desapontada, com a súbita perda de interesse do homem.

Perrin manteve a expressão neutra. Se ela quisesse sorrir para Wil al'Seen e corar para lordes idiotas, que fosse. Podia se fazer de idiota o quanto quisesse e olhar abobada para qualquer homem que aparecesse. Então Luc queria saber onde estava a Trombeta de Valere? Estava escondida na Torre Branca, era lá que estava. Ficou tentado a revelar ao homem, só para fazê-lo ranger os dentes de frustração.

Se Luc ficara surpreso em descobrir quem eram os outros convidados na casa al'Seen, sua reação ao ser apresentado a Perrin foi, para dizer o mínimo, peculiar. O homem levou um susto ao olhar seu rosto, a expressão foi de puro choque. Entretanto, a não ser por um leve tremor no canto do olho, toda a surpresa desapareceu em um instante, mascarada por trás da soberba senhoril. O problema era que não fazia sentido. Não foram os olhos amarelos que surpreenderam Luc, Perrin tinha certeza. Era mais como se o sujeito o conhecesse e estivesse espantado em vê-lo ali, mas ele nunca vira aquele tal de Luc na vida. Mais do que isso, Perrin teria apostado que Luc estava com medo dele. Não fazia sentido.

— Foi o Lorde Luc quem sugeriu que os garotos ficassem nos telhados — comentou Jac. — Se algum Trolloc chegar perto, os rapazes vão dar o alerta.

— E quanto tempo esse alerta lhes dá? — perguntou Perrin, em um tom seco. Aquele era um exemplo dos conselhos do grande Lorde Luc? — Os Trollocs enxergam no escuro feito gatos. Já vão estar aqui dentro, chutando as portas, antes que seus garotos consigam soltar sequer um berro de aviso.

— Nós fazemos o possível — vociferou Flann. — Pare de ficar tentando nos meter medo. Tem crianças escutando. Pelo menos o Lorde Luc oferece sugestões úteis. Ele estava na minha casa na véspera da vinda dos Trollocs, cuidando para que todos estivessem posicionados da melhor maneira possível. Sangue e cinzas! Se não fosse por ele, os Trollocs teriam matado todos nós.

Luc não pareceu ouvir o elogio feito a ele. Observava Perrin com atenção enquanto remexia as manoplas, inquieto, enfiando-as por detrás da fivela do cinturão, ornada com a cabeça dourada de um lobo. Faile também o encarava, mas com uma leve carranca. Ele a ignorava.

— Achei que tinham sido os Mantos-brancos que salvaram vocês, Mestre Lewin. Achei que uma patrulha dos Mantos-brancos tivesse chegado bem na hora e expulsado os Trollocs.

— Bom, eles chegaram. — Flann passou a mão nos cabelos grisalhos. — Mas o Lorde Luc… Se os Mantos-brancos não tivessem chegado, nós poderíamos… Pelo menos ele não tenta nos meter medo — murmurou.

— Então ele não mete medo em vocês — disse Perrin. — Bem, os Trollocs me metem medo. E os Mantos-brancos afugentam os Trollocs para vocês. Quando conseguem.

— Quer dar crédito aos Mantos-brancos? — Luc cravou em Perrin um olhar frio, como se atacasse uma fraqueza. — Quem você acha que é responsável pelos rabiscos da Presa do Dragão nas portas das casas? Tudo bem, as mãos deles nunca seguraram o carvão, mas eles estão por trás disso. Invadem as casas dessa boa gente fazendo perguntas e exigindo respostas como se estivessem debaixo do próprio teto. Eu acho que essa gente é dona de si mesma, não cães que os Mantos-brancos podem pôr na linha. Deixe que eles patrulhem o campo, e acho até muito bom, mas vá encontrá-los no portão e informe de quem é a terra onde estão pisando. É isso o que eu acho. Se você quiser ser um cãozinho dos Mantos-brancos, vá em frente, mas não se ressinta dessa gente pela liberdade que têm.

Perrin retribuiu o olhar de Luc.

— Eu não nutro afeição pelos Mantos-brancos. Eles querem me enforcar, ou será que não ficou sabendo?

O homem alto piscou como se não tivesse ouvido falar naquilo, ou como se talvez tivesse esquecido, na ânsia de brilhar aos olhos do povo.

— Então o que você está propondo, exatamente?

Perrin deu as costas ao homem e foi postar-se diante da lareira. Não queria discutir com Luc. Era melhor que todos ouvissem. Toda aquela gente já estava encarando-o, mesmo. Diria o que estava pensando, e ponto final.

— Vocês precisam depender dos Mantos-brancos, precisam esperar que eles mantenham os Trollocs longe, torcer para que eles cheguem a tempo caso os Trollocs ataquem. Por quê? Porque cada homem está tentando proteger sua própria fazenda, se puder, ou, se não puder, quer ficar o mais perto dela possível. Vocês estão espalhados em vários grupinhos, feito cachinhos de uva esperando para serem colhidos. Enquanto for assim, enquanto vocês tiverem que rezar para os Mantos-brancos conseguirem impedir que os Trollocs pisoteiem todos até virarem vinho, vocês não têm escolha a não ser deixar que perguntem o que quiserem e exijam as respostas que quiserem. É por isso que vocês precisam ficar parados, só assistindo a gente inocente ser levada embora. Ou será que alguém aqui acha que Haral e Alsbet Luhhan são Amigos das Trevas? Natti Cauthon? Bodewhin e Eldrin?

Abell lançou ao salão um olhar que desafiava qualquer um a deixar entrever que sim, mas não era necessário. Até Adine Lewin estava prestando atenção em Perrin. Luc se dividia entre franzir o cenho para ele e examinar as reações das pessoas aglomeradas no salão.

— Eu sei que eles não deveriam ter prendido Natti, Alsbet e todos os outros — interveio Wit — mas isso já acabou. — Ele passou a mão pela cabeça careca e olhou preocupado para Abell. — Quer dizer, só falta fazer com que soltem todo mundo. Mas eles não prenderam mais ninguém, pelo menos não que eu saiba.

— Acha mesmo que isso significa que já acabou? — perguntou Perrin. — Acha mesmo que vão se satisfazer com os Cauthon e os Luhhan? Com duas fazendas incendiadas? Quem de vocês vai ser o próximo? Talvez sejam levados por dizer a coisa errada, ou apenas para servir de exemplo. Podiam ser Mantos-brancos jogando tochas nesta casa, em vez de Trollocs. Ou talvez qualquer noite dessas a Presa do Dragão apareça rabiscada na porta. Sempre tem gente que acredita nesse tipo de coisa. — Vários olhares se voltaram para Adine, que remexeu os pés e deu de ombros. — Mesmo que isso signifique apenas ter de baixar a cabeça para todos os Mantos-brancos que aparecerem, vocês querem mesmo viver assim? Querem que seus filhos vivam assim? Vocês estão à mercê dos Trollocs, à mercê dos Mantos-brancos e à mercê de qualquer um que guarde rancor. Enquanto um deles tiver controle sobre vocês, todos os três terão. Vocês estão escondidos no porão torcendo para que um cão raivoso os proteja de outro, torcendo para que os ratos não apareçam no meio da noite e ataquem.

Jac trocou olhares preocupados com Flann e Wit, depois com os outros homens no salão, então respondeu, sem pressa:

— Se acha que estamos fazendo algo errado, o que é que sugere, então?

Perrin não esperava a pergunta — tinha certeza de que todos ficariam irritados — mas logo começou a explicar sua ideia.

— Reúnam o povo. Recolham as ovelhas, vacas, galinhas e tudo o mais. Juntem tudo e levem para um local seguro. Vão para Campo de Emond. Ou para Colina da Vigília, já que é mais perto, embora lá vocês vão ficar bem sob a mira dos Mantos-brancos. Enquanto houver vinte pessoas aqui e cinquenta lá, vocês serão presa para os Trollocs. Se centenas se juntarem, terão uma chance. E isso sem ter que abaixar a cabeça para os Mantos-brancos. — Aquilo gerou a explosão que ele esperava.

— Abandonar minha fazenda? — gritou Flann, por cima de Wit, que dizia:

— Você está louco!

As palavras se atropelavam, vindas deles, de seus irmãos e

primos.

— Ir para Campo de Emond? Aqui já estou longe demais para sequer conferir os campos todos os dias!

— As ervas daninhas vão tomar tudo!

— Já nem sei como vai ser a colheita, do jeito que está!

— … se a chuva vier…!

— … tentar reconstruir…!

— … tabaco vai apodrecer…!

— … ter que abandonar a tosquia…!

O baque do punho de Perrin socando o lintel da lareira silenciou a algazarra.

— Eu não vi nenhum campo destruído, nem queimado, nem sequer uma casa ou celeiro que tenha sido incendiado com gente dentro. É de gente que os Trollocs vêm atrás. E daí se eles incendiarem tudo? Vocês podem plantar uma nova safra. Pedra, argamassa e madeira podem ser reconstruídos. E isso, dá para reconstruir?

Ele apontou para o bebê de Laila, que apertou a criança contra o peito, cravando os olhos em Perrin como se ele é que fosse uma ameaça para seu filho. No entanto, os olhares que ela lançou ao marido e a Flann eram de terror. Um burburinho desconfortável se ergueu.

— Ir embora — murmurou Jac, balançando a cabeça. — Não sei, não, Perrin.

— A escolha é de vocês, Mestre al'Seen. A terra ainda vai estar aqui quando vocês voltarem. Os Trollocs não têm como levá-la embora. Mas será que dá para dizer o mesmo em relação às famílias de vocês?

O burburinho elevou-se a uma algazarra. Inúmeras mulheres confrontavam os maridos, a maioria com uma ou duas crianças a tiracolo. Nenhum dos homens parecia discutir.

— Um plano interessante — comentou Luc, analisando Perrin. Pela expressão do homem, não havia como dizer se ele aprovava. — Ficarei observando o desenrolar dos acontecimentos. Agora, Mestre al'Seen, preciso ir andando. Só passei para ver como vocês estavam. — Jac e Elisa o levaram até a porta, mas os outros estavam muito ocupados com os próprios debates para prestar atenção.

Luc foi embora com uma expressão irritada, e Perrin teve a sensação de que as partidas do homem em geral eram tão grandiosas quanto as chegadas.

Jac foi da porta direto até Perrin.

— Esse seu plano é muito audacioso. Devo admitir que não me entusiasmei muito com a ideia de abandonar minha fazenda, mas o que você disse faz sentido. Só não sei o que os Filhos vão pensar disso.

Para mim, eles parecem muito desconfiados. Se nos reunirmos, eles podem pensar que estamos todos tramando alguma coisa contra eles.

— Deixe que pensem — retrucou Perrin. — Uma aldeia cheia de gente pode seguir o conselho de Luc e mandá-los ir cuidar de seus assuntos em outro lugar. Ou é melhor ficarem vulneráveis só para garantir a boa-vontade dos Mantos-brancos, como já fazem?

— Não. Não, eu concordo. Você me convenceu. E a todo mundo, pelo que vejo.

E parecia mesmo verdade. O burburinho das discussões estava se aquietando, mas apenas porque todos pareciam estar entrando em acordo. Até Adine já gritava com as filhas, dando ordens para arrumar as coisas imediatamente. Ela até deu a Perrin um aceno de cabeça rabugento e aprovativo.

— Quando pretendem ir? — perguntou Perrin a Jac.

— Assim que todos conseguirem se aprontar. Podemos chegar à casa de Jon Gaelin, na Estrada do Norte, antes de anoitecer. Vou contar a Jon o que você disse, e também a todos de Campo de Emond. Melhor lá que em Colina da Vigília. Se quisermos sair do controle dos Mantos-brancos, assim como dos Trollocs, é melhor ficarmos longe das vistas deles. — Jac passou um dedo pela franja curta. — Perrin, eu não acredito que os Filhos fariam algum mal a Natti Cauthon, às meninas e aos Luhhan, mas fico preocupado. Se eles realmente pensarem que estamos tramando, quem é que sabe o que pode acontecer?

— Pretendo libertar todos eles assim que puder, Mestre al'Seen. Aliás, pretendo o mesmo para todos os outros que os Mantos-brancos levarem presos.

— Um plano audacioso — repetiu Jac. — Bom, é melhor eu fazer esse povo andar, se quiser chegar à casa de Jon antes de anoitecer. Vá com a Luz, Perrin.

— Um plano muito audacioso — concordou Verin, aproximando-se enquanto Mestre al'Seen saía apressado, dando ordens para que puxassem os carroções e embalassem tudo o que pudessem carregar.

A Marrom analisou Perrin com interesse, inclinando a cabeça para o lado, mas não parecia menos interessada do que Faile, a seu lado. A mulher o olhava como se nunca o tivesse visto.

— Não sei por que todo mundo fica repetindo isso — respondeu ele. — A respeito do plano, quer dizer. Aquele Luc estava falando um monte de bobagens. Desafiar Mantos-brancos no portão. Garotos no telhado vigiando Trollocs. Portas abertas para a desgraça. A única coisa que fiz foi chamar a atenção para isso. Eles deviam ter feito o que sugeri desde o início. Aquele homem… — Ele se refreou para não dizer que Luc o irritava. Não na frente de Faile: ela poderia ter a impressão errada.

— É claro — concordou Verin, serena. — Eu não tive oportunidade de ver isso em funcionamento, antes. Ou talvez tenha tido, mas na hora não sabia.

— Do que você está falando? Ver o que em funcionamento?

— Perrin, quando chegamos aqui, as pessoas estavam prontas para se agarrarem a este lugar a qualquer custo. Você os encheu de bom senso e determinação, mas acha que o mesmo teria acontecido se partisse de mim, Tam ou Abell? De todos nós, você é o que mais compreende como o povo de Dois Rios sabe ser teimoso. Você alterou o curso que os acontecimentos teriam seguido em Dois Rios sem sua presença. Com umas poucas palavras proferidas em um tom… irritado? *Ta'veren* realmente arrastam as vidas dos outros para dentro do próprio padrão. É fascinante. Espero ter oportunidade de observar Rand.

— Seja lá o que for — murmurou Perrin — é para o bem. Quanto mais gente reunida em um lugar só, maior a segurança.

— É claro. Rand está com a espada, imagino?

Perrin franziu o cenho, mas não havia motivo para não contar a ela. Verin sabia a respeito de Rand, e sabia o que Tear devia significar.

— Está.

— Tome cuidado com Alanna, Perrin.

— O quê? — As mudanças rápidas de assunto da Aes Sedai estavam começando a confundi-lo, sobretudo quando ela resolvia mandá-lo fazer algo que ele já havia pensado fazer, mas planejava manter em segredo. — Por quê?

O rosto de Verin não se alterou, mas seus olhos escuros de súbito assumiram um brilho aguçado, como os de um pássaro.

— Há muitos… esquemas na Torre Branca. Nem todos são malignos, nem de longe, mas às vezes é difícil saber até já ser tarde demais. E mesmo o mais benevolente com frequência permite o rompimento de alguns fios na trama, ou descarta alguns fios de junco na hora de fazer a cesta. Um *ta'veren* é um junco útil a um grande número de possíveis planos. — Tão de repente quanto começara a dar conselhos, Verin passou a olhar meio confusa para o tumulto à volta, mais à vontade com um livro ou com seus próprios pensamentos do que no mundo real. — Ah, minha nossa. Mestre al'Seen não perde tempo, não é mesmo? Vou lá ver se ele pode ceder alguém para pegar nossos cavalos.

Faile estremeceu quando a irmã Marrom se afastou.

— Às vezes as Aes Sedai me deixam meio… desconfortável — murmurou.

— Desconfortável? — perguntou Perrin. — Na maioria das vezes elas quase me matam de medo.

A jovem riu baixinho e começou a brincar com um botão do

casaco dele, dando muita atenção ao objeto.

— Perrin, eu… tenho sido… uma idiota.

— Como assim? — Faile o encarou, prestes a arrancar o botão de tanto torcê-lo, e ele acrescentou prontamente: — Você é uma das pessoas menos idiotas que eu conheço.

Ele fechou a boca antes que acabasse acrescentando um "quase sempre", e ficou contente quando ela sorriu.

— É muito bom ouvir isso de você, mas eu fui, sim. — Ela deu um tapinha no botão e começou a arrumar o casaco, o que não era preciso, e a alisar as lapelas, o que também não era preciso. — Você foi tão bobo — continuou, falando rápido — só porque aquele rapaz olhou para mim. Sério, ele é muito garotinho, nada parecido com você. Então pensei que você ficaria com ciúmes, só um pouquinho, se eu fingisse, só fingisse, estar interessada em Lorde Luc. Eu não devia ter feito isso. Você me perdoa?

Ele tentou ordenar o amontoado de palavras. Era bom que ela achasse Wil um garotinho — se tentasse deixar a barba crescer, decerto seria rala — mas ela não mencionara a forma como correspondera ao olhar de Wil. E, se tinha fingido estar atraída por Luc, por que corara daquele jeito?

— É claro que eu perdoo — disse ele. Um brilho perigoso surgiu nos olhos dela. — Quer dizer, não tem nada para perdoar. — O brilho cintilou mais forte. O que ela queria que ele dissesse? — E você, me perdoa? Quando eu estava tentando afastar você, disse coisas que não deveria ter dito. Você me perdoa por isso?

— Você *disse* coisas que precisam de perdão? — indagou Faile, em um tom doce, e Perrin soube que estava em apuros. — Não consigo pensar no que possa ter sido, mas levarei o pedido em consideração.

Em consideração? Ela soou bastante como uma nobre. Talvez o pai trabalhasse para algum lorde e ela tivesse podido estudar a maneira como as ladies falavam. Perrin não fazia ideia do que Faile tinha querido dizer. E nunca descobriria a tempo, tinha certeza.

Foi um alívio montar de volta na sela de Galope, em meio à confusão de grupos de carroções sendo erguidos, gente debatendo sobre o que podia ou não ser transportado e crianças perseguindo galinhas e gansos, amarrando suas pernas para levá-los. Uns garotos já conduziam o gado para o leste, e outros arrebanhavam as ovelhas para fora do redil.

Faile não fez menção ao que fora dito lá dentro. Apenas abriu um sorriso para ele e comparou a criação das ovelhas dali com as de Saldaea, e, quando uma das meninas veio lhe trazer um buquê de pequeninas flores vermelhas, rubor-do-coração, tentou enfiar algumas na barba dele, rindo de seus esforços para impedi-la. Em resumo, Faile

o deixara absolutamente chocado. Ele precisava de outra conversa com Mestre Cauthon.

— Vá com a Luz — disse Mestre al'Seen, quando eles estavam prontos para partir — e cuide dos garotos.

Quatro dos jovens rapazes haviam decidido ir com eles, montados em cavalos de pelagem tosca nem de longe tão bons quanto os de Tam e Abell. Perrin não sabia ao certo por que era ele quem deveria cuidar dos quatro. Eram todos mais velhos do que ele, ainda que por pouco. Um deles era Wil al'Seen, acompanhado do primo, Ban, um dos filhos de Jac — que tinha nariz pela família inteira — e dois dos Lewin, Tell e Dannil, tão parecidos com Flann que poderiam ser seus filhos, em vez de sobrinhos. Perrin tentara dissuadir os rapazes, sobretudo quando eles deixaram claro que queriam ajudar a resgatar os Cauthon e os Luhhan dos Mantos-brancos. Pareciam pensar que seria uma questão de cavalgar até o acampamento dos Filhos e exigir a soltura de todos. Oprimir a oposição, como disse Tell, o que quase fez Perrin ficar de cabelo em pé. Aquela gente tinha ouvido muitos contos de menestréis. Dado muita atenção a idiotas como Luc. Suspeitou que Wil tivesse mais alguma razão para ir, embora o rapaz tentasse fingir que Faile não existia, mas as outras já eram ruins o bastante.

Ninguém mais fez qualquer objeção. A única preocupação de Tam e Abell parecia ser a de que todos soubessem usar os arcos que carregavam e pudessem se manter em cima de um cavalo, enquanto Verin apenas observava e fazia anotações em seu caderninho. Tomas parecia estar se divertindo, e Faile estava ocupada trançando uma coroa com as flores de rubor-do-coração, que no final das contas entregou a Perrin. Com um suspiro, ele ajeitou as flores no cepilho da sela.

— Vou cuidar deles da melhor maneira que puder, Mestre al'Seen — prometeu.

A uma milha da fazenda al'Seen, Perrin pensou que perderia um ou dois ali mesmo, quando Gaul, Bain e Chiad surgiram de uma moita de repente, andando a passos largos para juntar-se ao grupo. Achou que os perderia para as lanças Aiel, já que Wil e seus amigos deram uma olhadela para os recém-chegados e logo começaram a encaixar flechas nos arcos. Sem reduzir o passo, os Aiel prepararam as lanças e ergueram os véus. Foram precisos alguns minutos para desfazer o mal-entendido. Gaul e as duas Donzelas pareceram achar tudo muito engraçado depois dos esclarecimentos e gargalharam animadamente, o que perturbou tanto os Lewin e al'Seen quanto a descoberta de que os três eram Aiel, ainda mais com duas mulheres guerreiras. Wil ensaiou um sorriso para Bain e Chiad, que se entreolharam e trocaram breves acenos de cabeça. Perrin não entendeu o que estava acontecendo, mas decidiu deixar quieto, a menos que Wil começasse a tentar ser

degolado. Interviria a tempo de impedir que uma das Aiel desembainhasse a faca. Talvez ensinasse uma ou duas coisinhas a Wil, a respeito de sorrisos.

Pretendia acelerar o passo até Colina da Vigília, mas, a cerca de uma milha a norte da casa dos al'Seen, avistou uma das fazendas soltando aquelas cortinas de fumaça pela chaminé. Tam estava mantendo o grupo bem afastado, de modo que as pessoas ao redor da fazenda eram apenas silhuetas. Menos para os olhos de Perrin, que conseguia ver as crianças no jardim. E Jac al'Seen era o vizinho mais próximo. Ou fora, até então. Ele hesitou, depois puxou a rédea de Galope em direção à fazenda. Era provável que não adiantasse de nada, mas tinha que tentar.

— O que é que você vai fazer? — perguntou Tam, franzindo o cenho.

— Dar a eles o mesmo conselho que dei a Mestre al'Seen. Não vai levar nem um minuto.

Tam assentiu, e os outros se viraram com ele. Verin analisava Perrin, pensativa. Os Aiel se separaram perto da fazenda para esperar mais ao norte, Gaul um pouco afastado das Donzelas.

Perrin não conhecia os Torfinn, nem eles o conheciam, mas, para sua surpresa, assim que a empolgação com os estranhos e os olhares curiosos na direção de Tomas, Verin e Faile cessaram, todos escutaram com atenção e depois começaram a puxar cavalos para dois carroções e para um par de carroças de rodas altas antes mesmo que ele e os outros partissem.

Por mais três vezes, Perrin parou quando a rota os levou perto das casas de fazenda, uma das vezes em um agrupado de cinco. Era sempre a mesma coisa. O povo reclamava que não podia simplesmente abandonar as fazendas, mas ele sempre partia deixando para trás um tumulto de pacotes e ajuntamento de animais de carga.

Algo mais aconteceu também. Ele não pôde impedir Wil, o primo ou os Lewin de conversar com os jovens das fazendas. O grupo deles aumentou em treze, Torfinn e al'Dai, Ahan e Marwin, todos armados com arcos e cavalgando uma seleção heterogênea de pôneis e cavalos de arado, ávidos por resgatar os prisioneiros dos Mantos-brancos.

Claro que nem tudo correu tão tranquilamente. Wil e os outros da fazenda al'Seen consideraram uma injustiça que ele avisasse os recém-chegados sobre os Aiel, estragando a diversão que esperavam ter ao vê-los pular de susto. Para Perrin, eles ainda se assustaram o bastante, e o jeito com que os rapazes perscrutavam cada arbusto e cada grupo de árvores deixava claro que pensavam haver mais Aiel, não importava o que ele dissesse. A princípio, Wil tentou dar uma de lorde para cima dos Torfinn e dos outros, alegando que fora o primeiro a se juntar a Perrin — um dos primeiros, pelo menos, admitiu quando Ban

e os Lewin cravaram os olhos nele — enquanto os outros haviam chegado depois.

Perrin deu um fim àquilo dividindo-os em dois grupos mais ou menos iguais e colocando Dannil e Ban no comando de cada um, embora no início também tivesse havido um pouco de resmungos a respeito. Os al'Dai achavam que os líderes deveriam ser escolhidos de acordo com a idade — Bili al'Dai era um ano mais velho que todos — enquanto outros indicavam Hu Marwin como o melhor rastreador e Jaim Torfinn como o melhor arqueiro. Além disso, Kenley Ahan já estivera na Colina da Vigília várias vezes, antes da vinda dos Mantos-brancos, e saberia circular pela aldeia. Eles pareciam pensar que tudo era uma brincadeira. A frase de Tell sobre oprimir a oposição foi repetida mais de uma vez.

Por fim, Perrin virou-se para eles com uma raiva fria, forçando todos a parar no prado entre dois bosques.

— Isso aqui não é um jogo, nem uma dança do Bel Tine. Vocês façam o que lhes for mandado, ou então voltem para casa. Eu não sei qual é a serventia de vocês, e não tenho intenção de acabar morto porque vocês acham que sabem o que estão fazendo. Agora façam uma fila e calem essas bocas. Estão parecendo o Círculo das Mulheres reunido dentro de um roupeiro.

Eles obedeceram, formando duas fileiras atrás de Ban e Dannil. Wil e Bili armaram caretas de insatisfação, mas guardaram para si quaisquer objeções que tivessem. Faile deu a Perrin um aceno de cabeça aprovativo, e Tomas também. Verin observou toda a cena com uma expressão plácida e indecifrável, decerto imaginando que estava assistindo a um *ta'veren* em ação. Perrin não viu necessidade de dizer à mulher que só tentara pensar no que teria dito um shienarano que ele conhecia, um soldado chamado Uno, embora sem dúvida Uno teria colocado a coisa em palavras mais duras.

Começaram a encontrar um número maior de fazendas à medida que se aproximavam de Colina da Vigília, cada vez menos distantes entre si, até aparecerem uma depois da outra, como era perto de Campo de Emond: uma miscelânea de gramados com cercas-vivas ou muros de pedra separados por alamedas, umas para pedestres, outras para carroças. Mesmo com as paradas nas quatro fazendas, ainda restava um pouco de luz do dia, então ainda havia homens trabalhando nos campos e garotos conduzindo ovelhas e gado dos pastos para dentro, para o pernoite. Ninguém deixava os animais do lado de fora, naqueles tempos.

Tam sugeriu que Perrin parasse de alertar as pessoas, e ele concordou, relutante. O povo rumaria de lá para Colina da Vigília, alertando os Mantos-brancos. Vinte e tantas pessoas cavalgando juntas por rotas secundárias atraíam olhares suficientes, embora a maioria

parecesse muito ocupada para dar mais que uma olhadela. Mas aquilo teria de ser feito mais cedo ou mais tarde, e quanto mais cedo, melhor. Enquanto o povo permanecesse no campo, precisando da proteção dos Mantos-brancos, os Filhos teriam vantagem sobre Dois Rios, algo de que talvez não quisessem abrir mão.

Perrin manteve o olhar atento para qualquer sinal de patrulhas de Mantos-brancos, mas, exceto por uma nuvem de poeira na direção na Estrada do Norte, rumo ao sul, não viu vestígios dos Filhos. Depois de um tempo, Tam sugeriu que descessem dos cavalos e os guiassem andando. A pé haveria menos chances de serem vistos, pois as cercas-vivas e até mesmo os muros baixos de pedra formariam uma barreira.

Tam e Abell conheciam um bosque que dava uma boa visão do acampamento dos Mantos-brancos, um emaranhado de carvalhos, tupelos e folhas-de-couro que cobria três ou quatro hidas a pouco mais de uma milha ao sul e a oeste de Colina da Vigília, com vista para um trecho de campo aberto. Eles entraram no bosque pelo sul, apressados. Perrin torceu para que ninguém os tivesse visto entrando, não queria ninguém se perguntando por que não saíram e espalhando o que vira.

— Fiquem aqui — disse a Wil e aos outros rapazes, enquanto o grupo amarrava os cavalos às árvores. — Mantenham os arcos à mão e fiquem a postos para correr se ouvirem um grito. Mas só se mexam se me ouvirem gritar. E se alguém fizer qualquer barulho, vou esmurrar a cabeça do sujeito feito uma bigorna. A gente está aqui para observar, não para ficar esbarrando feito touros cegos e atrair os Mantos-brancos.

Os rapazes tocaram os arcos e assentiram, nervosos. Talvez começassem a se dar conta do que estavam fazendo. Os Filhos da Luz não seriam muito amáveis se encontrassem gente de Dois Rios circulando armada.

— Você já foi soldado? — perguntou Faile baixinho, intrigada. — Alguns dos… guardas do meu pai falam desse jeito.

— Eu sou um ferreiro. — Perrin riu. — Mas já ouvi soldados falando. Parece que funciona.

Até Wil e Bili observavam os arredores, preocupados, sem ousar se mexer.

Ele e Faile foram atrás de Tam e Abell, esgueirando-se de árvore em árvore até onde os Aiel estavam agachados, perto do limite mais ao norte do bosque. Verin também estava lá, assim como Tomas, naturalmente. A folhagem formava uma tela fina que era o bastante para escondê-los, mas sem impedir a observação.

O acampamento dos Mantos-brancos se estendia pelo sopé de Colina da Vigília feito uma verdadeira aldeia. Centenas de homens, alguns com armaduras, se moviam por entre fileiras compridas de tendas brancas, além de filas de cavalos, cada uma com cinco animais

presos em estacas a leste e oeste. Cavalos sendo desselados e escovados indicavam o fim do dia das patrulhas, enquanto uma coluna dupla de talvez cem homens, limpos e arrumados, partia em direção à Floresta das Águas a passos vigorosos, segurando as lanças todas no mesmo ângulo. Guardas de mantos brancos marchavam para cima e para baixo, patrulhando os arredores do acampamento em pontos intervalados, com as lanças apoiadas nos ombros e os capacetes polidos reluzindo sob o sol poente.

Um estrondo chegou aos ouvidos de Perrin. Bem a oeste, vinte cavaleiros surgiram galopando, vindos dos lados de Campo de Emond, correndo em direção às tendas. Vinham da direção de onde Perrin e os outros haviam chegado. Se tivessem levado mais alguns minutos, sem dúvida teriam sido vistos. Uma trombeta soou, e homens começaram a se encaminhar para as fogueiras.

Um pouco adiante, de um dos lados, havia um acampamento bem menor, com as tendas desordenadas. Fosse lá quem vivesse ali, a maioria já fora embora. Apenas alguns cavalos, e espantando as moscas com os rabos, presos a uma corda curta amarrada em um piquete indicavam que houvera alguém por ali. Não Mantos-brancos. Os Filhos da Luz eram rígidos e ordenados demais para aquele acampamento.

Entre o bosque em que estavam e os dois acampamentos havia um grande trecho de grama e flores silvestres. Era muito provável que os fazendeiros locais usassem aquele trecho para pastagem. Mas não o faziam mais, já que a vegetação estava muito rasteira. Se os Mantos-brancos galopassem como aquela patrulha, poderiam cobrir o trecho em um minuto.

Abell chamou a atenção de Perrin para o acampamento maior.

— Está vendo aquela tenda perto do meio, com um homem montando guarda de cada lado? Está conseguindo ver? — Perrin assentiu. O sol baixo projetava sombras angulosas ao leste, mas ele enxergava bem. — É ali que estão Natti e as meninas. E os Luhhan. Já os vi entrando e saindo. Um de cada vez, e sempre com um guarda, até mesmo para ir à latrina.

— Já tentamos entrar à noite três vezes — comentou Tam — mas eles vigiam todo o perímetro do acampamento com muita atenção. Da última vez, quase não conseguimos fugir.

Tentar aquilo seria como enfiar a cabeça em um formigueiro querendo evitar ser atacado. Perrin sentou-se na base de uma grande folha-de-couro, apoiando o arco nos joelhos.

— Quero pensar um pouco sobre isso. Mestre al'Thor, o senhor pode acomodar Wil e os rapazes? Não deixe que nenhum deles meta na cabeça a ideia de sair correndo para casa. Eles provavelmente iriam direto para a Estrada do Norte, sem nem pensar, e daí meia centena

desses Mantos-brancos viriam até aqui para investigar. Se alguém tiver pensado em trazer comida, faça com que comam alguma coisa. Se tivermos que fugir, talvez seja preciso passar o resto da noite na sela.

Ele de repente percebeu que estava dando ordens, mas, quando tentou se desculpar, Tam abriu um sorriso e respondeu:

— Perrin, você assumiu a liderança lá na casa de Jac. Essa não é a primeira vez que sigo um homem mais jovem capaz de ver o que precisa ser feito.

— Você está indo bem, Perrin — completou Abell, antes que os dois homens mais velhos sumissem outra vez por entre as árvores.

Perplexo, Perrin coçou a barba. Ele tinha assumido a liderança? Agora, pensando bem, nem Tam, nem Abell haviam tomado qualquer decisão desde que o grupo deixara a fazenda dos al'Seen, apenas oferecido sugestões e deixado a escolha nas mãos dele. Além disso, nenhum dos dois o chamara de "rapaz" desde então.

— Interessante — comentou Verin, apanhando o caderninho.

Perrin desejou ter uma chance de ler o que ela escrevia ali.

— Vai me alertar outra vez sobre alguma tolice? — perguntou à Marrom.

Em vez de responder, Verin disse, em um tom meditativo:

— Vai ser ainda mais interessante ver o que você fará em seguida. Não posso dizer que está alterando as fundações do mundo, como Rand al'Thor, mas Dois Rios sem dúvida está se mexendo. Eu me pergunto se você tem alguma ideia de para onde está indo.

— Quero libertar os Luhhan e os Cauthon — respondeu ele, irritado. — Só isso! — Mas ainda tinha os Trollocs. Ele deixou a cabeça pender para trás, encostada no tronco da folha-de-couro, e fechou os olhos. — Só estou fazendo o que tenho que fazer. Dois Rios vai continuar onde sempre esteve.

— É claro — retrucou Verin.

Perrin a ouviu se afastar junto com Tomas, sandálias e botas fazendo o mesmo barulho suave no chão coberto de folhas do ano anterior. Abriu os olhos. Faile encarava as figuras se afastando, e não parecia muito satisfeita.

— Ela não vai deixar você em paz — resmungou.

A coroa de rubores-do-coração trançados que Perrin deixara sobre a sela pendia das mãos dela.

— Aes Sedai nunca deixam ninguém em paz — respondeu ele.

Faile o encarou com um olhar desafiador.

— Imagino que você esteja querendo resgatá-los hoje à noite.

Tinha de ser feito imediatamente. Porque ele andara passando o aviso adiante, e o povo sabia quem era o mensageiro. Talvez os Mantos-brancos não machucassem os prisioneiros. Talvez. Ele não confiava nem um pouco na misericórdia dos Filhos. Olhou para Gaul,

que assentiu.

— Tam al'Thor e Abell Cauthon se movimentam bem para aguacentos, mas acho que esses Mantos-brancos são rígidos demais para enxergar qualquer coisa que se mova no escuro. Imagino que estejam esperando os inimigos surgirem em grande número, bem onde possam ser vistos.

Chiad voltou os olhos cinzentos e bem-humorados para o Aiel.

— Está querendo andar feito o vento, Cão de Pedra? Vai ser divertido ver um Cão de Pedra tentando se mover a passos leves. Quando minha irmã de lança e eu resgatarmos os prisioneiros, pensaremos em voltar para salvar você, se estiver velho demais para encontrar o caminho.

Bain tocou o braço de Chiad, que encarou a mulher de cabelos de fogo com surpresa. Depois de um instante, seu rosto ruborizou de leve. As duas voltaram os olhos para Faile, de cabeça erguida e braços cruzados, ainda observando Perrin.

Ele deu um longo suspiro. Se dissesse que não queria que a namorada fosse, era quase certo que Bain e Chiad também não iriam. Ainda estavam se esforçando para deixar claro que seguiam Faile, não ele. Talvez a própria Faile estivesse fazendo o mesmo. Talvez ele e Gaul pudessem resolver tudo sozinhos, mas não conseguia enxergar um jeito de fazê-la ficar, se ela não quisesse. Faile, sendo quem era, provavelmente o seguiria escondida.

— Você vai ficar perto de mim — disse Perrin, com firmeza. — Quero resgatar prisioneiros, não deixar outros para trás.

Com uma risada, ela desabou ao lado dele, aninhando o ombro sob seu braço.

— Ficar perto de você parece uma ótima ideia.

Faile encaixou a coroa de flores vermelhas na cabeça dele, e Bain deu uma risadinha.

Perrin revirou os olhos. Via a ponta da coisa pendurada na testa. Devia estar parecendo um idiota, mas deixou o troço ali.

O sol descia, lento como uma bolha no mel. Abell trouxe um pouco de pão e queijo — no fim das contas, mais da metade dos aspirantes a heróis havia trazido algo para comer — e eles comeram e esperaram. A noite veio, iluminada por uma lua já alta, mas encoberta pelas nuvens que corriam. Perrin esperou. As luzes se apagaram no acampamento dos Mantos-brancos e em Colina da Vigília, deixando um punhado de janelas acesas do outro lado do monte escuro. Ele reuniu Tam, Faile e os Aiel. Via todos os rostos muito bem. Verin estava perto o bastante para escutar. Abell e Tomas permaneceram com o outro grupo de Dois Rios, mantendo todos em silêncio.

Ele se sentia meio estranho dando ordens, por isso manteve a simplicidade. Tam deveria preparar todo o grupo para sair em

cavalgada no instante em que Perrin retornasse com os prisioneiros. Os Mantos-brancos iriam atrás deles assim que descobrissem o que tinha acontecido, então precisavam de um lugar para se esconder. Tam conhecia um, uma casa de fazenda vazia nos limites da Floresta do Oeste.

— Tentem não matar ninguém, se conseguirem. — Perrin advertiu os Aiel. — Os Mantos-brancos já vão ficar bastante irritados por perderem os prisioneiros. Se também perderem homens, vão tacar fogo no sol.

Gaul e as Donzelas assentiram como se mal pudessem esperar. Que gente estranha. Os três desapareceram no meio da noite.

— Tome cuidado — disse Verin, baixinho, enquanto ele pendurava o arco nas costas. — *Ta'veren* não quer dizer imortal.

— Tomas poderia ajudar, você sabe.

— Acha que um a mais faria diferença? — perguntou ela, contemplativa. — Além do mais, eu preciso que ele faça outras coisas.

Balançando a cabeça, ele saiu do bosque. Passou a rastejar assim que se afastou dos arbustos, apoiado nos cotovelos e joelhos, quase colado ao chão. Faile, ao seu lado, o imitava. A grama e as flores silvestres tinham altura suficiente para cobri-los. Perrin ficou contente por ela não conseguir enxergar seu rosto. Estava desesperadamente apavorado. Não por si mesmo, mas se alguma coisa acontecesse a ela…

Como duas novas sombras formadas pelo luar, eles rastejaram pelo campo aberto, parando ao sinal de Perrin. Estavam a cerca de dez passadas de onde os guardas caminhavam para cima e para baixo, com os mantos reluzindo sob o brilho fraco da luz, bem perto da primeira fileira de tendas. Dois deles se encararam, quase na frente de Perrin, e pararam de repente.

— Tudo bem com a noite — anunciou um. — Que a Luz nos ilumine e proteja da Sombra.

— Tudo bem com a noite — repetiu o outro. — Que a Luz nos ilumine e proteja da Sombra.

Os dois se viraram e marcharam de volta, sem olhar para a esquerda nem para a direita.

Perrin deixou cada um dos homens caminhar cerca de doze passadas, depois tocou o ombro de Faile e se levantou, quase sem se permitir respirar. Também não ouvia muito da respiração dela. Quase nas pontas dos pés, os dois correram para o meio das tendas, agachando-se logo depois de passar pela primeira. Dentro delas, homens roncavam ou resmungavam durante o sono. Exceto por isso, o acampamento estava mergulhado em silêncio. O caminhar pesado das botas dos guardas era bem audível. O cheiro das fogueiras extintas pairava no ar, e também os odores de lona, cavalos e homens.

Silenciosamente, Perrin fez um gesto para que Faile o seguisse. Na escuridão, as cordas das tendas eram armadilhas para pés desatentos, mas seus olhos as enxergavam com clareza e Perrin foi traçando um caminho por entre elas.

Tinha memorizado a localização dos prisioneiros, então começou a avançar com cuidado na direção certa. Era perto do centro do acampamento. Longe para chegar e longe para sair.

O ruído de botas esmagando a terra e um grunhido de Faile o fizeram dar um giro bem a tempo de ser derrubado pela investida de uma imensa silhueta de manto branco, um homem tão musculoso quanto Mestre Luhhan. Dedos de ferro envolveram sua garganta enquanto os dois rolavam pelo chão. Perrin agarrou o queixo do homem com uma das mãos e forçou a cabeça para trás, tentando empurrá-lo. Querendo aliviar o aperto em sua garganta, socou as costelas do sujeito, arrancando grunhidos do oponente, mas nenhuma outra reação. O ruído do próprio sangue sendo bombeado invadiu suas orelhas, manchas escuras tomaram as laterais de sua visão. Perrin tentou apalpar o machado, mas sentia os dedos dormentes.

De repente, o homem deu um solavanco e desabou em cima dele. Perrin empurrou o corpo inerte para longe e encheu os pulmões com o ar doce da noite.

Faile largou no chão um pedaço de madeira e esfregou a lateral da cabeça.

— Ele achou que bastava me derrubar, aí não precisava mais se preocupar — sussurrou.

— Um idiota — sussurrou Perrin, de volta. — Mas um idiota bem forte. — Passaria dias sentindo aqueles dedos em seu pescoço. — Você está bem?

— Claro. Não sou uma bonequinha de porcelana.

De fato, ele achava que não.

Perrin arrastou depressa o homem inconsciente para junto de uma tenda, torcendo para que ninguém o encontrasse por um bom tempo, depois tirou o manto branco do sujeito e amarrou as mãos e os pés dele com cordas de arco reservas. Um lenço que encontrou no bolso do homem fez as vezes de mordaça. Não estava muito limpo, mas a culpa era dele mesmo. Erguendo o arco acima da cabeça, Perrin envolveu os ombros com o manto. Se mais alguém o notasse, o confundiria com um dos Filhos. O manto tinha um nó dourado de patente sob o raio de sol brilhante. Um oficial. Melhor ainda.

Ele caminhou por entre as tendas bem depressa e sem se esconder. Encoberto ou não, o sujeito poderia ser encontrado a qualquer instante, fazendo o alarme ser acionado. Faile avançava ligeira a seu lado, mais parecia uma sombra, observando o acampamento em busca de sinais de vida, tão alerta quanto ele. As

sombras da lua, sempre fluidas, obscureciam os espaços entre as tendas, até mesmo para os olhos de Perrin.

Ao aproximar-se da tenda da prisão, o rapaz reduziu o passo para não agitar os guardas. Havia um homem de manto branco no canto, e a ponta da lança de outro se erguia por cima do topo da tenda.

De repente, a ponta da lança desapareceu. Não houve som. Ela simplesmente caiu.

Um piscar de olhos depois, duas sombras escuras se transformaram em Aiel de véus no rosto, nenhum deles com a altura de Gaul. Antes que o guarda pudesse se mexer, uma das silhuetas saltou no ar e o chutou no rosto. O homem desabou de joelhos, cambaleante, e a outra Donzela deu um giro e o chutou também. O guarda caiu, meio mole. As Donzelas se agacharam e olharam em volta, de lanças a postos, para ver se haviam despertado alguém.

Quase partiram para cima de Perrin ao avistá-lo de manto branco, mas então viram Faile. Uma delas balançou a cabeça e sussurrou para a outra, que pareceu dar uma risada silenciosa.

Perrin disse a si mesmo que não deveria ficar irritado, mas Faile primeiro o salvara do estrangulamento e agora evitava que lhe cravassem uma lança bem no fígado. Para alguém que supostamente estava liderando uma missão de resgate, ele estava mesmo indo muito bem.

Afastou a lona da tenda e enfiou a cabeça lá dentro, onde estava ainda mais escuro do que do lado de fora. Mestre Luhhan dormia na entrada da tenda, com as mulheres aninhadas juntas mais para o fundo. Perrin tapou a boca de Haral Luhhan com uma das mãos e, quando os olhos do homem se abriram, fez sinal de silêncio.

— Acorde os outros — disse em voz baixa. — Sem barulho. Vamos tirar vocês daqui.

Mestre Luhhan finalmente o reconheceu e assentiu.

Ao sair da tenda, Perrin puxou o manto do guarda caído no chão. O homem ainda respirava, um ruído rouco, e estava cheio de bolhas de sangue no nariz quebrado, mas não acordou com seu toque. Precisavam correr. Gaul estava lá, vestindo o manto de outro guarda. Os três Aiel vigiavam as outras tendas, cautelosos. Faile praticamente dançava de tanta impaciência.

Quando Mestre Luhhan trouxe a esposa e as outras mulheres para fora, todas olhando em volta na escuridão, nervosas, Perrin apressou-se em cobrir o ferreiro com um dos mantos. Mal cabia nele — Haral Luhhan parecia feito de troncos de árvores — mas teria de servir. O outro manto foi posto sobre os ombros de Alsbet Luhhan. Ela não era tão grande quanto o marido, mas, mesmo assim, era tão grande quanto a maioria dos homens. O rosto redondo a princípio expressou surpresa, mas depois ela assentiu, puxou o capacete cônico da cabeça

do guarda caído e o encaixou na sua, espremendo-o por cima da trança grossa. Eles amarraram os dois guardas, depois os amordaçaram com tiras de cobertor e os deixaram no interior da tenda.

Voltar pelo caminho por onde tinham vindo seria impossível, como Perrin sabia desde o início. Mesmo se Mestre e a Senhora Luhhan pudessem avançar sem fazer barulho — o que ele duvidava — Bo e Eldrin estavam agarradas uma à outra, chocadas e incrédulas com o resgate. Apenas os balbucios suaves da mãe impediam que as duas irrompessem em lágrimas prematuras de alívio. Ele previra isso antes de chegarem ao acampamento. Precisariam de cavalos, tanto para sair depressa dali quanto para levar todos, mais tarde. Havia cavalos nas fileiras de piquetes.

Os Aiel desapareceram adiante, e ele seguiu atrás com Faile e os Cauthon. Haral e Alsbet tomaram a retaguarda. À primeira vista, pelo menos, pareciam três Mantos-brancos escoltando quatro mulheres.

Os cavalos amarrados aos piquetes estavam sendo vigiados, mas apenas do lado mais distante das tendas. Afinal de contas, por que protegê-los dos homens que os conduziam? Aquilo sem dúvida facilitou o trabalho de Perrin. Eles simplesmente caminharam até a fileira de animais mais próxima das tendas, que estavam todos presos por uma corda que fazia as vias de focinheira, e soltaram um para cada, menos para os Aiel. A parte mais difícil foi ajudar a Senhora Luhhan a montar sem sela. Perrin e Mestre Luhhan tiveram que ajudar, e a mulher ficava tentando puxar as saias para baixo para cobrir os joelhos. Natti e as meninas subiram sem dificuldade, assim como Faile, naturalmente. Os guardas que supostamente vigiavam os cavalos seguiam com as rondas calculadas, gritando uns para os outros que a noite estava tranquila.

— Quando eu mandar — começou Perrin, então alguém no acampamento gritou. Depois gritou outra vez, mais alto. Uma corneta soou, e homens saíram das tendas aos berros. Não fazia diferença se haviam descoberto que os prisioneiros tinham fugido ou encontrado o homem inconsciente que os atacara. — Venham comigo! — urrou, cravando os calcanhares no capão escuro que escolhera para si. — Cavalguem!

Foi uma correria frenética, mas ele tentou ficar de olho em todos. Mestre Luhhan cavalgava quase tão mal quanto a esposa. Os dois ficavam quicando, quase caindo, enquanto os cavalos disparavam. Bo ou Eldrin, uma das duas, gritava com toda a força, e era impossível saber se de empolgação ou de terror. Por sorte, os guardas não estavam esperando problemas vindo de dentro do acampamento. Um homem de manto branco que perscrutava a escuridão se virou bem a tempo de sair do caminho dos cavalos em disparadas, soltando um

grito quase tão estridente quanto o da menina dos Cauthon. Mais cornetas urraram atrás deles, e gritos que agora com certeza soavam como ordens martelaram a noite bem antes que o grupo chegasse ao abrigo do matagal. Não que o abrigo fosse lhes dar muito mais cobertura.

Tam deixara todos montados e preparados, conforme Perrin instruíra. Ou ordenara. Perrin pulou direto do capão para Galope. Verin e Tomas eram os únicos que não quicavam nas selas, uma vez que seus cavalos eram os únicos que não dançavam com o nervosismo dos cavaleiros. Abell tentava abraçar a mulher e as filhas de uma só vez, todas as três, e o grupo ria e chorava ao mesmo tempo. Mestre Luhhan tentava cumprimentar todos que encontrava. Todos exceto os Aiel, Verin e seu Guardião cumprimentavam os outros, como se estivesse tudo terminado.

— Ora, Perrin, é *mesmo* você! — exclamou a Senhora Luhhan. O rosto redondo ficava estranho sob o capacete, torto por conta da trança. — O que é isso no seu rosto, meu jovem? Sou mais do que grata, mas você não pense que vai sentar à minha mesa parecendo um…

— Não há tempo para isso — interrompeu Perrin, ignorando o choque no rosto da mulher. Não era alguém que costumasse ser interrompida, mas o som das cornetas dos Mantos-brancos era mais do que um alerta. Tinha se tornado um grito curto e repetitivo, agudo e insistente. Algum tipo de comando. — Tam, Abell, levem Mestre Luhhan e as mulheres para aquele esconderijo que vocês conhecem. Gaul, vá com eles. Faile também. — Isso incluía automaticamente Bain e Chiad. — E Hu e Jaim. — Seria suficiente para se manterem a salvo. — Avancem em silêncio. Isso será melhor que a rapidez, pelo menos por um tempo. Mas vão agora mesmo.

Os que ele nomeou partiram para oeste sem discutir, embora a Senhora Luhhan, agarrada com ambas as mãos à crina de seu cavalo, tivesse disparado um olhar firme para ele. Foi a aquiescência de Faile que o espantou, tanto que ele levou um instante para perceber que chamara Mestre al'Thor e Mestre Cauthon pelos primeiros nomes.

Verin e Tomas tinham ficado para trás, e ele encarou a mulher com um olhar penetrante.

— Alguma chance de você me dar uma ajudinha?

— Talvez não do jeito que você imagina — retrucou a Aes Sedai, muito calma, como se o acampamento dos Mantos-brancos não estivesse uma balbúrdia a uma milha de distância. — Meus motivos de hoje não são diferentes dos de ontem. Mas acho que pode chover em… ah… cerca de meia hora. Talvez menos. Acho que vai ser um pé d'água daqueles.

Meia hora. Perrin grunhiu e virou-se para os rapazes de Dois Rios

que continuavam lá. Estavam todos praticamente tremendo de tanta vontade de fugir e seguravam os arcos com os punhos brancos nas juntas. Torceu para que todos tivessem se lembrado de trazer cordas reserva, pelo menos, já que iria chover.

Então anunciou a todos eles:

— Nós vamos atrair os Mantos-brancos para longe, para que a Senhora Cauthon, a Senhora Luhhan e os outros consigam fugir em segurança. Vamos levá-los para o sul, margeando a Estrada do Norte, até podermos despistá-los no meio da chuva. Se alguém quiser pular fora, é melhor começar a cavalgar. — Algumas mãos se remexeram nas rédeas, mas todos permaneceram sentados nas selas, olhando para ele. — Muito bem. Gritem feito loucos, para que nos escutem. Gritem até chegarmos à estrada.

Aos berros, Perrin virou Galope em direção à estrada. A princípio não teve muita certeza se os outros iriam seguir, mas uivos selvagens abafaram seus urros e o estrondo dos cascos de Galope. Se os Mantos-brancos não escutassem aquilo, deviam estar surdos.

Nem todos pararam de gritar quando chegaram ao caminho de terra batida da Estrada do Norte e se viraram para o sul, correndo ensandecidos pela noite. Alguns gargalhavam e comemoravam. Perrin soltou o manto branco dos ombros e o deixou cair. As cornetas soaram outra vez, um pouco mais fracas.

— Perrin — chamou Wil, inclinando-se sobre o pescoço do cavalo — o que vamos fazer agora? Qual é o próximo passo?

— Caçar Trollocs! — gritou Perrin, por cima do ombro.

Pelo jeito como as risadas redobraram, achou que os outros não tinham acreditado. Mas pôde sentir os olhos de Verin perfurando suas costas. A mulher sabia. O trovão no céu noturno ecoou os cascos dos cavalos.

34



Aquele Que Vem Com a Aurora

As sombras da alvorada ficavam mais curtas e pálidas enquanto Rand e Mat corriam pelo vale árido, escuro e quieto, deixando para trás Rhuidean, a cidade coberta de névoa. O ar seco prenunciava o calor, mas a brisa fraca parecia fria contra a pele de Rand, que estava sem casaco. Aquilo não duraria muito, em breve o dia escaldante se avultaria sobre eles. Os dois corriam o mais rápido que podiam, na esperança de ultrapassar o calor, mas Rand achava que não conseguiriam. O mais rápido que podiam não era lá muito veloz.

Mat mancava dolorosamente. Uma mancha escura se espalhava por metade do rosto, e o casaco pendia aberto, revelando a camisa desamarrada e colada ao peito por mais sangue seco. De vez em quando, o rapaz tocava o vergão grosso ao redor da garganta com cuidado. O ferimento já estava quase roxo. Grunhindo entre dentes, ele cambaleava bastante e se agarrava à estranha lança de cabo preto, apertando a cabeça. Mas não reclamava, o que era um mau sinal. Mat vivia reclamando dos menores desconfortos. Se estava em silêncio, significava que sentia dor de verdade.

Rand sentia como se algo se espalhasse por dentro da velha ferida meio cicatrizada na lateral do corpo, e os cortes no rosto e na cabeça ardiam. No entanto, enquanto avançava a um passo meio arrastado, inclinado para o lado que doía, quase não pensava nos próprios ferimentos. Estava muito consciente do sol que se erguia atrás de si e dos Aiel à espera na encosta nua da montanha à frente. Lá havia água e sombra, além de ajuda para Mat. O sol se erguia atrás deles e os Aiel estavam à frente. A aurora e os Aiel.

Aquele Que Vem Com a Aurora. Aquela Aes Sedai que ele vira, ou que sonhara que vira, antes de o povo chegar a Rhuidean — ela falara

como se fizesse uma Previsão. *Ele unirá todos vocês. Ele os unirá e destruirá.* Palavras ditas como uma profecia. Destruí-los. Segundo a Profecia, ele causaria outra vez a Ruptura do Mundo. A ideia o deixava horrorizado. Talvez conseguisse escapar dessa parte, ao menos, mas a guerra, a morte e a destruição já manavam de seus passos. Tear fora o primeiro lugar no que parecia muito tempo onde ele não deixara um rastro de caos, homens morrendo e aldeias incendiadas.

Rand percebeu que desejava poder montar em Jeade'en e fugir o mais depressa que o garanhão conseguisse levá-lo. Não era a primeira vez. *Mas não posso fugir*, pensou. *Tenho que fazer isso, porque não existe ninguém mais que possa. Ou eu faço, ou o Tenebroso vence.* Uma barganha difícil, mas era a única que havia. *Mas por que eu destruiria os Aiel? Como?*

O último pensamento o fez sentir um calafrio. Era como se já aceitasse que o faria, que deveria fazer. E não queria fazer mal aos Aiel.

— Luz! — exclamou, em um tom ríspido. — Não quero destruir ninguém. — Sentiu outra vez como se a boca estivesse cheia de terra.

Mat o encarou em silêncio. Com um olhar cauteloso.

Eu ainda não enlouqueci, pensou Rand, taciturno.

Mais acima, na encosta, os Aiel despertavam nos três acampamentos. A verdade nua e crua era que Rand precisava deles. Fora por isso que começara a contemplar aquela ideia, quando descobriu que o Dragão Renascido e Aquele Que Vem Com a Aurora poderiam muito bem ser a mesma pessoa. Precisava de gente em quem pudesse confiar, gente que o seguisse por outra razão que não medo ou sede de poder. Gente que não pretendesse usá-lo para seus próprios fins. Fizera o necessário, e agora os usaria. Porque precisava. Ainda não estava louco — não achava que estivesse — mas muitos pensariam que sim, antes de aquilo terminar.

A luz do sol, forte e ofuscante, ultrapassou os dois antes que começassem a subir para Chaendaer. O calor os açoitava feito um porrete. Rand subia o mais depressa possível a encosta irregular, com seus aclives, declives e afloramentos rústicos. Sua garganta já se esquecera da última vez que bebera algo, e o sol secava a camisa tão rápido quanto o suor a molhava. Mat também não precisava de incentivo para correr. Havia água, lá em cima. Bair estava parada diante das tendas baixas da Sábia, segurando uma bolsa de água brilhante de condensação. Lambendo os lábios rachados, Rand tinha certeza de poder ver o brilho.

— Onde é que ele está? O que foi que você fez com ele?

O urro fez Rand parar na mesma hora. O homem de cabelos de fogo, Couladin, estava em cima de uma saliência de granito que se

projetava da montanha. Havia outros do clã Shaido agrupados na base da saliência, todos encarando Mat e Rand. Alguns tinham os rostos velados.

— De quem você está falando? — gritou Rand, em resposta. Sua voz estava áspera de sede.

Os olhos de Couladin arregalaram-se, ultrajados.

— De Muradin, aguacento! Ele entrou dois dias antes de você, e mesmo assim você saiu primeiro. Ele não pode ter falhado se você sobreviveu! Você deve tê-lo matado!

Rand pensou ter ouvido um berro vindo das tendas da Sábia, mas, antes de sequer conseguir piscar, Couladin se espichou feito uma serpente e atirou uma lança para cima dele. Outras duas dispararam em seguida, vindas dos Aiel na base da saliência de granito.

Por instinto, Rand agarrou *saidin* e a espada forjada em fogo surgiu em suas mãos. Fez a lâmina rodopiar — Redemoinho na Montanha, um nome apropriado — fatiando em dois um par de cabos de lança. A lâmina negra de Mat apenas rodopiou e desviou a terceira.

— A prova! — uivou Couladin. — Eles adentraram Rhuidean armados! É proibido! Olhem como estão cobertos de sangue! Eles mataram Muradin! — Ao mesmo tempo em que falava, o homem arremessava outra lança. Dessa vez, foi uma entre dez outras.

Rand jogou-se para o lado, consciente de Mat saltando para o outro. Um instante antes de os dois tocarem o chão, as lanças se amontoaram onde Rand estivera parado e chocaram-se uma contra as outras. Ele rolou, levantou-se e viu as lanças cravadas no chão de pedras. Formaram um círculo perfeito que rodeava o ponto de onde ele saltara. Por um instante, até Couladin ficou atônito e paralisado.

— Parem! — gritou Bair, avançando correndo durante aquele segundo. A saia longa e pesada não atrapalhava seus movimentos, muito menos a idade. A Sábia foi descendo a encosta aos saltos, feito uma menina, apesar dos cabelos brancos. Tinha inclusive a fúria de uma menina. — A paz de Rhuidean, Couladin! — Sua voz aguda era como uma vara de ferro. — Já é a segunda vez que você tenta destruí-la. Mais uma, e será considerado fora da lei! Dou minha palavra! Você e qualquer um que erguer a mão! — Ela parou derrapando perto de Rand, encarando os Shaido com a bolsa d'água erguida feito um porrete, como se fosse acertá-los. — Quem duvidar de mim, que erga a arma! Quem fizer isto será privado de sombra, como dita o Acordo de Rhuidean, e terá negado abrigo, suporte e tenda. Seu próprio ramo vai caçá-lo feito uma besta selvagem.

Alguns dos Shaido logo desvelaram o rosto — alguns — mas Couladin não foi dissuadido.

— Eles estão armados, Bair! Entraram em Rhuidean armados! Isso é…!

— Silêncio! — Bair ergueu o punho para o homem. — Você se atreve a falar de armas? Você, que ia quebrar a Paz de Rhuidean e matar com a cara exposta? Eles não levaram arma nenhuma para lá, eu mesma garanto isso. — Ela deu as costas para o homem, em um movimento deliberado, mas o olhar que lançou a Mat e Rand não foi mais suave do que o dado a Couladin. A mulher fez uma careta para a estranha lança com lâmina de espada de Mat e murmurou: — Você encontrou isso em Rhuidean, rapaz?

— Eu ganhei, *velha* — rosnou Mat de volta, com a voz rouca. — Paguei por ela, e pretendo ficar com ela.

A Sábia fungou.

— Vocês dois parecem que acabaram de rolar em capim-navalha. O que…? Não, isso vocês me contam depois. — Ela encarou a espada de Rand, forjada no Poder, e estremeceu. — Livre-se disso. E mostre os sinais a eles, antes que o idiota do Couladin tente elevar os ânimos outra vez. Do jeito que ele é nervoso, o homem faria o clã inteiro quebrar as leis em um piscar de olhos. Rápido!

Rand a encarou por um instante, pasmo. Sinais? Então lembrou-se do que Rhuarc lhe mostrara, um dia, a marca de um homem que sobrevivera a Rhuidean. Deixou a espada desaparecer, desatou o laço do punho esquerdo da camisa e puxou a manga até o cotovelo.

Em volta do antebraço serpenteava uma imagem igual à do estandarte do Dragão, uma figura sinuosa de crina dourada, com escamas vermelhas e douradas. Já esperava por aquilo, sem dúvidas, mas ainda assim era um choque. A coisa parecia fazer parte de sua pele, como se a própria criatura inexistente tivesse se entranhado nele. O braço não lhe parecia diferente, mas as escamas cintilavam sob o sol como metal polido. Parecia que, se tocasse aquela crina dourada perto do pulso, sentiria cada fio de seus pelos.

Ergueu o braço assim que o descobriu, bem alto, para que Couladin e seu povo pudessem enxergar. Um burburinho se elevou entre os Shaido, e Couladin soltou um rosnado. O número de pessoas na saliência de granito aumentava, pois mais Shaido vinham correndo das tendas. Rhuarc permaneceu com Heirn e os Jindo um pouco mais acima, na encosta. Eles observavam os Shaido com desconfiança, e encaravam Rand com um ar de expectativa que o braço erguido não diminuiu. Lan estava parado a meio caminho entre os dois grupos, as mãos pousadas no cabo da espada, a expressão no rosto como a de uma tempestade prestes a cair.

Quando Rand começou a perceber que os Aiel queriam algo mais, Egwene e as outras três Sábias chegaram até ele, descendo a montanha. As mulheres Aiel pareciam desconcertadas por terem tido que correr, além de tão irritadas quanto Bair estivera. Amys cravou os olhos em Couladin, enquanto Melaine, com cabelos da cor do sol,

encarou Rand com ar de reprovação. Seana parecia furiosa. Egwene, com um lenço amarrado na cabeça e caído ao redor dos ombros, encarava Mat e ele, meio consternada, meio como se tivesse pensado que nunca mais os veria.

— Homem idiota — resmungou Bair. — *Todos* os sinais.

Ela atirou a bolsa d'água para Mat, agarrou o braço direito de Rand e puxou a manga, expondo um desenho espelhado da criatura em seu braço esquerdo. A mulher segurou o fôlego, depois o soltou em um longo suspiro. Parecia equilibrada no fio da navalha entre o alívio e a apreensão. Não havia dúvida: ela esperava ver a segunda marca, mas ficara com medo. Amys e as outras duas Sábias ecoaram o som que ela fez quase de forma idêntica. Era estranho ver um Aiel com medo.

Rand quase riu. Não que estivesse achando a situação engraçada. "Por duas e mais duas vezes ele será marcado." Era o que diziam as Profecias do Dragão. Uma garça marcada em cada palma, e agora isso. Uma das criaturas peculiares — Dragões, como chamava a Profecia — deveria representar "a memória perdida". Rhuidean sem dúvida fornecera isso, a história perdida das origens Aiel. A outra era para "cobrar o preço a ser pago". *Quando será que eu terei que pagar?*, perguntou-se. *E quantos terão que pagar comigo?* Sempre havia outros, mesmo quando ele tentava pagar sozinho.

Apreensiva ou não, Bair não parou antes de erguer o outro braço dele acima de sua cabeça e proclamar em voz alta:

— Contemplem o que nunca antes foi visto. Um *Car'a'carn* foi escolhido, um chefe dos chefes. Nascido de uma Donzela, ele veio de Rhuidean com a aurora, conforme a profecia, para unir os Aiel! O cumprimento da profecia começou!

A reação dos outros Aiel não foi nada do que Rand antevira. Couladin o encarou de cima, ainda mais cheio de ódio do que antes, se é que era possível, depois saltou da saliência, subiu a encosta a passos pesados e desapareceu por entre as tendas Shaido. Os próprios Shaido começaram a se dispersar, encarando Rand com semblantes indecifráveis antes de retornar às tendas. Heirn e os guerreiros do ramo Jindo fizeram o mesmo, sem hesitar. Dentro de instantes, restava apenas Rhuarc, com o olhar perturbado. Lan foi até o chefe do clã. Pela expressão, o Guardião parecia não dar muita importância a ele. Rand não sabia muito bem o que estava esperando, mas sem dúvida era algo diferente daquilo.

— Que me queime! — resmungou Mat.

Ele pareceu enfim notar que estava com a bolsa d'água nas mãos. Arrancando a tampa, ergueu a bolsa de couro, deixando verter quase tanta água no rosto quanto para dentro da boca. Quando enfim baixou-a de volta, olhou outra vez as marcas nos braços de Rand e

balançou a cabeça, repetindo “que me queime” enquanto empurrava a bolsa cheia d’água para o amigo.

Rand encarou os Aiel, consternado, mas ficou mais do que feliz em beber. Os primeiros goles fizeram a garganta doer, de tão seca que estava.

— O que aconteceu com vocês? — inquiriu Egwene. — Muradin atacou os dois?

— É proibido falar sobre o que acontece em Rhuidean — retorquiu Bair, em um tom ríspido.

— Não foi Muradin — respondeu Rand. — Onde está Moiraine? Achei que ela fosse ser a primeira a vir nos encontrar. — Ele esfregou o rosto. Flocos negros de sangue seco se soltaram em sua mão. — Pela primeira vez, não vou me importar se ela me Curar sem pedir permissão.

— Nem eu — concordou Mat, com a voz rouca. Ele cambaleou, se apoiou na lança e pressionou a testa com a base da palma. — Estou tonto.

Egwene fez uma careta.

— Acho que ela ainda está em Rhuidean. Mas, se vocês finalmente saíram, talvez ela chegue logo. Moiraine entrou logo depois de vocês. Aviendha também. Todos ficaram bastante tempo fora.

— Moiraine foi para Rhuidean? — perguntou Rand, incrédulo. — E *Aviendha*? Por que…? — De repente ele registrou o restante do que Egwene dissera. — Como assim, “bastante tempo”?

— Hoje é o sétimo dia — respondeu a jovem. — O sétimo dia desde que vocês desceram o vale.

Ele deixou a bolsa d’água cair. Seana a agarrou antes que mais do que um pouco do conteúdo, tão precioso no Deserto, escorresse pela encosta de pedra. Rand mal notou. Sete dias. Qualquer coisa poderia ter acontecido em sete dias. *Eles podem estar se aproximando, podem ter descoberto o que planejo. Preciso seguir em frente. E logo. Preciso continuar na dianteira. Não cheguei tão longe para falhar.*

Todos o encaravam, até Mat e Rhuarc, os rostos repletos de preocupação. E cautela. Não era de se admirar. Quem poderia dizer o que ele faria, ou se ainda estava são? Apenas a cara fechada de Lan não se alterou.

— Eu disse que era Aviendha, Rand. Nua como veio ao mundo. — A voz de Mat tinha um tom rouco e dolorido, e as pernas não pareciam muito firmes.

— Em quanto tempo será que Moiraine volta? — perguntou Rand.

Se a Aes Sedai saíra na mesma hora, deveria retornar em breve.

— Se ela não voltar até o décimo dia — respondeu Bair — não volta mais. Ninguém nunca voltou depois de dez dias.

Mais três dias, talvez. Mais três dias, e ele já perdera sete. *Deixe que venham, agora. Não vou fracassar!* Mal conteve o rosnado.

— Vocês conseguem canalizar. Uma de vocês, pelo menos. Vi como lidaram com Couladin. Podem Curar Mat?

Amys e Melaine trocaram olhares que ele só pôde classificar como pesarosos.

— Nós não seguimos esse caminho — respondeu Amys, pesarosamente. — Há Sábias que poderiam fazer o que você está pedindo, de certo modo, mas não estamos entre elas.

— Como assim? — perguntou ele, em um tom irritado. — Vocês canalizam como Aes Sedai. Por que não podem Curá-lo? Nem queriam que ele fosse para Rhuidean, para começo de conversa. Acham que podem deixá-lo morrer por causa disso?

— Eu vou sobreviver — argumentou Mat, mas seus olhos estavam contraídos de dor.

Egwene pôs a mão no braço de Rand.

— Nem todas as Aes Sedai conseguem Curar muito bem — explicou, com uma voz consoladora. — As melhores Curandeiras são todas da Ajah Amarela. Sheriam, a Mestra das Noviças, não consegue Curar nada mais sério que um hematoma ou um cortezinho. Não existem duas mulheres com os mesmos Talentos e habilidades.

O tom dela o irritou. Rand não era uma criancinha impertinente, para ser acalmado. Franziu o cenho para as Sábias. Se não podiam ou não queriam Curar, não importava. Mat e ele teriam de esperar Moiraine. Isso se a mulher já não tivesse sido morta por aquela bolha de mal, aquelas criaturas das cinzas. Àquela altura, já devia ter se dissipado, como acontecera com a de Tear. *Aquelas coisas não a derrubariam. Moiraine poderia canalizar e passar. Ela sabe o que está fazendo, não precisa ficar descobrindo tudo aos poucos, feito eu.* Mas então por que ainda não retornara? Por que fora, para começo de conversa, e por que ele não a vira? Que pergunta idiota. Centenas de pessoas podiam ter estado em Rhuidean sem serem vistas. Teria muitas perguntas e nenhuma resposta até ela retornar, suspeitava Rand. Se é que teria respostas depois.

— Existem ervas e pomadas — disse Seana. — Saia do sol, e vamos cuidar de seus ferimentos.

— Sair do sol — resmungou Rand. — Sim. — Ele estava sendo malcriado, mas não se importava. Por que Moiraine havia entrado em Rhuidean? Não confiava que ela pararia de empurrá-lo na direção que pensava ser a melhor, e que o Tenebroso o carregasse se tentasse discutir. Se ela estava na velha cidade, será que poderia ter afetado as visões dele? Tê-las alterado de alguma forma? Se a mulher sequer suspeitasse do que ele planejava…

Começou a caminhar em direção às tendas dos Jindo — era improvável que o pessoal de Couladin lhe oferecesse um canto para descansar — mas Amys o direcionou para a planície mais acima, onde ficavam as tendas das Sábias.

— Talvez eles ainda não se sintam muito confortáveis em ter você por perto — explicou.

Rhuarc, que se aproximava, assentiu em concordância.

Melaine olhou para Lan.

— Isso não é da sua conta, *Aan'allein*. Você e Rhuarc levem Matrim e…

— Não — interrompeu Rand. — Quero eles comigo. — Em parte porque desejava respostas do chefe do clã, e em parte por pura teimosia. As Sábias queriam mantê-lo em rédea curta, assim como Moiraine. Não estava disposto a tolerar aquilo. As mulheres se entreolharam, depois assentiram, como se aquiescessem a um pedido. Se pensavam que ele seria um bom menino porque ganhara um doce, estavam enganadas. — Pensei que você estaria com Moiraine — disse a Lan, ignorando as Sábias e seus acenos de cabeça.

Um lampejo de vergonha tomou a face do Guardião.

— As Sábias conseguiram esconder a partida dela até quase o pôr do sol — disse, rígido. — Então… me convenceram de que não adiantaria ir atrás. Disseram que, mesmo que eu fosse, não conseguiria encontrá-la até ela estar de volta. E que Moiraine já não precisaria de mim. Não tenho mais muita certeza se deveria ter dado ouvidos.

— Dado ouvidos! — Melaine bufou com desdém. Os braceletes de ouro e marfim chocalhavam enquanto ela ajustava o xale, irritada. — Não dá para pensar que um homem vá dizer algo sensato. Você muito provavelmente teria morrido, e acabaria por matá-la também.

— Melaine e eu tivemos de segurá-lo por metade da noite, até que ele escutasse — comentou Amys. Ela mantinha um sorrisinho ao mesmo tempo bem-humorado e azedo.

O rosto de Lan poderia ter sido talhado em nuvens carregadas. Não era de se admirar, já que as Sábias haviam usado o Poder nele. *O que* Moiraine estava fazendo lá?

— Rhuarc — começou Rand — como é que vou poder unir os Aiel? Eles não querem nem olhar na minha cara. — Ergueu os antebraços descobertos por um instante. As escamas dos Dragões cintilaram à luz forte do sol. — Isso aqui confirma que sou Aquele Que Vem Com a Aurora, mas todos praticamente evaporaram assim que mostrei as marcas.

— Uma coisa é saber que a profecia um dia será cumprida — respondeu o chefe de clã, medindo as palavras — outra é ver isso acontecendo bem diante dos próprios olhos. Dizem que você

vai reunir os clãs em um só povo outra vez, como era há muito tempo, mas lutamos uns contra os outros há tantos anos quanto lutamos contra o restante do mundo. E, para alguns de nós, há ainda mais.

Ele os unirá e os destruirá. Rhuarc também devia ter ouvido isso. Assim como os outros chefes dos clãs e as Sábias, se também haviam adentrado aquela floresta de colunas de vidro reluzente. Isso se Moiraine não tivesse arrumado uma visão especial para ele.

— Todo mundo vê as mesmas coisas dentro daquelas colunas, Rhuarc?

— Não! — interrompeu Melaine, em um tom brusco, os olhos feito aço verde. — Fique quieto, ou mande *Aan'allein* e Matrim embora. Você também terá que ir, Egwene.

— Não é permitido — começou a explicar Amys, em um tom levemente mais suave — falar sobre o que acontece dentro de Rhuidean, a não ser com os que já estiveram lá. — Só um tantinho mais suave, talvez. — Mesmo assim, poucos falam a respeito, e muito raramente.

— Pretendo mudar o que é permitido e o que não é — retrucou Rand, muito calmo. — Acostumem-se. — Viu Egwene resmungando sobre ele precisar levar uns tapas na orelha e abriu um sorriso para a amiga. — Egwene pode ficar também, já que pediu com tanta delicadeza.

A jovem mostrou a língua para ele, depois enrubesceu ao perceber o que fizera.

— Mudança — comentou Rhuarc. — Você sabe que ele traz mudança, Amys. Não saber o que muda, nem como, é o que nos deixa feito crianças sozinhas no escuro. Já que tem de ser, que comece agora. Nunca conversei com dois chefes de clã que tenham visto a coisa exatamente com os mesmos olhos, Rand, ou que tenham visto exatamente as mesmas coisas. Até mesmo a partilha da água e a reunião onde aconteceu o Acordo de Rhuidean. Se o mesmo vale para as Sábias, já não sei, mas suspeito que sim. Acho que é uma questão de linhagens de sangue. Acredito que eu tenha visto pelos olhos de meus ancestrais, e você, pelos dos seus.

Amys e as outras Sábias o encararam em silêncio, furiosas e emburradas. Mat e Egwene tinham a expressão igualmente confusa. Apenas Lan parecia sequer escutar. Seus olhos estavam perdidos em pensamentos, decerto cheios de preocupação com Moiraine.

O próprio Rand se sentia um pouco estranho. Ver pelos olhos de seus ancestrais. Ele já sabia fazia algum tempo que Tam al'Thor não era seu verdadeiro pai, que ele fora encontrado recém-nascido nas encostas do Monte do Dragão depois da última grande batalha da Guerra dos Aiel. Um recém-nascido ao lado da mãe morta, uma Donzela da Lança. Alegara ter sangue Aiel para ganhar acesso a

Rhuidean, mas apenas agora o fato lhe saltava aos olhos. Seus ancestrais. Aiel.

— Então você também viu Rhuidean começar a ser construída — disse. — E as duas Aes Sedai. Você… ouviu o que uma delas disse. — *Ele os destruirá.*

— Ouvi. — Rhuarc tinha um semblante resignado, como um homem que acabava de saber que precisaria amputar a perna. — Eu sei.

Rand mudou de assunto.

— O que foi "a partilha da água"?

As sobrancelhas do chefe de clã se ergueram, surpresas.

— Você não reconheceu? Bem, acho que não tinha mesmo como reconhecer. Você não cresceu ouvindo as histórias. Segundo as mais antigas, desde o dia em que a Ruptura do Mundo começou até o dia em que adentramos a Terra da Trindade, apenas um povo não nos atacou. Um povo nos concedeu água de graça, sempre que precisamos. Levamos muito tempo para descobrir quem eram. Agora, isso acabou. O compromisso de paz foi destruído, os assassinos da árvore cuspiram na nossa cara.

— Cairhien — disse Rand. — Está falando dos cairhienos, de *Avendoraldera*, e de Laman derrubando a Árvore.

— Laman teve a morte como punição — disse Rhuarc, em um tom inexpressivo. — Os que quebraram os juramentos morreram. — Ele olhou de esguelha para Rand. — Alguns, como Couladin, tomam isso como prova de que não podemos confiar em ninguém que não seja Aiel. Isso explica, em parte, por que ele odeia você. Em parte. Ele toma seu rosto e seu sangue por mentiras. Ou afirma que toma.

Rand balançou a cabeça. Moiraine às vezes falava sobre a complexidade da Renda de uma Era, o Padrão de uma Era urdido pela Roda do Tempo com os fios das vidas humanas. Se os ancestrais dos cairhienos não tivessem cedido água para os Aiel, trezentos anos antes, Cairhien nunca teria conquistado o direito de usar o Caminho da Seda para cruzar o Deserto, com uma muda de *Avendesora* para selar o acordo. Sem acordo, o Rei Laman não teria tido a Árvore para cortar. A Guerra dos Aiel não teria acontecido, e ele não teria nascido na encosta do Monte do Dragão nem sido levado embora e criado em Dois Rios. Quantos outros pontos como esse haviam acontecido, onde uma simples decisão para um lado ou outro afetou a trama do Padrão por milhares de anos? Mil vezes mil diminutos pontos de ramificação, vezes mil outra vez, tudo contorcendo o Padrão em um desenho diferente. Ele mesmo era um ponto de ramificação, talvez Mat e Perrin também. O que faziam ou deixavam de fazer reverberava pelos anos, pelas Eras.

Ele encarou Mat, que mancava ao subir a encosta, apoiado na lança, de cabeça baixa e olhos apertados de dor. *O Criador não devia estar pensando direito quando pôs o futuro nos ombros de três garotos fazendeiros. Não posso deixá-lo cair. Preciso carregar o fardo, custe o que custar.*

Ao chegarem às tendas baixas e sem paredes das Sábias, as mulheres se curvaram para entrar, murmurando sobre água e sombra. Elas praticamente puxaram Mat para dentro. Como prova do quanto sua cabeça e garganta doíam, o rapaz não só obedeceu como também o fez em silêncio.

Rand começou a segui-lo, mas Lan pousou a mão em seu ombro.

— Você a viu lá dentro? — perguntou o Guardião.

— Não, Lan. Sinto muito, mas não vi. Moiraine vai sair de lá sã e salva, se os outros saíram.

Lan grunhiu e recolheu a mão.

— Cuidado com Couladin, Rand. Conheço o tipo. A ambição o corrói por dentro. Ele sacrificaria o mundo para conquistá-lo.

— *Aan'allein* diz a verdade — comentou Rhuarc. — Os Dragões nos seus braços não valerão de nada se você morrer antes que os chefes dos clãs saibam. Vou me certificar de que alguns Jindo de Heirn estejam sempre perto de você até chegarmos a Pedras Frias. Mesmo lá, Couladin deve tentar arrumar confusão. E os Shaido, pelo menos, vão segui-lo. Talvez outros façam o mesmo. A Profecia de Rhuidean diz que você cresceria com gente que não é do sangue, mas Couladin não deve ser o único a enxergá-lo como um aguacento.

— Vou tentar me cuidar — retrucou Rand, em um tom seco.

Nas histórias, quando alguém cumpria uma profecia, todos gritavam "Vejam só!" e pronto, só restava lidar com os vilões. Na vida real parecia que não funcionava do mesmo jeito.

Quando adentraram a tenda, Mat já estava sentado em uma almofada vermelha com borlas douradas, sem casaco nem camisa. Uma mulher com robe branco de capuz já terminara de lavar o sangue de seu rosto e começava a fazer o mesmo no peito. Amys tinha um pilão de pedra entre os joelhos e misturava algum unguento enquanto Bair e Seana observavam de perto as ervas que ferviam em um bule de água quente.

Melaine fez uma careta para Lan e Rhuarc, depois fixou os olhos verdes e frios em Rand.

— Tire a roupa da cintura para cima — disse, áspera. — Os cortes na sua cabeça não parecem tão ruins, mas deixe-me ver o que está lhe deixando corcunda. — Ela golpeou um pequeno gongo de latão, e outra mulher de robe branco entrou pelos fundos da tenda, trazendo uma bacia de prata fumegante nas mãos e roupas por cima do braço.

Rand escolheu uma almofada e sentou-se, com a coluna ereta.

— Não é nada com que se preocupar — assegurou para a Sábia.

A segunda mulher de branco ajoelhou-se graciosamente a seu lado e, resistindo aos esforços do rapaz em aceitar o pedaço de pano úmido que ela torcera na bacia, começou a lavar o rosto dele com delicadeza. Rand se perguntou quem seria a mulher. Parecia Aiel, mas decerto não agia como tal. Os olhos cinza revelavam uma submissão determinada.

— É uma ferida antiga — disse Egwene à Sábia de cabelos dourados. — Moiraine nunca conseguiu Curá-la direito.

O olhar que a jovem lançou a Rand dizia que teria sido educado da parte dele contar isso. Mas, pelos olhares que as Sábias trocaram, ele julgou que a amiga já falara mais do que o suficiente. Uma ferida que uma Aes Sedai não fora capaz de Curar. Aquilo era um enigma para elas. Moiraine parecia saber mais sobre Rand do que ele próprio, e o rapaz tinha dificuldade de lidar com a Azul. Talvez fosse mais fácil com as Sábias, que não sabiam tanto sobre ele.

Mat estremeceu assim que Amys começou a esfregar o unguento nos cortes em seu peito. Se a sensação fosse tão ruim quanto o cheiro, Rand imaginou que o amigo tinha motivo para se encolher. Bair empurrou uma caneca de prata para o rapaz.

— Beba, *meu jovem*. Se alguma coisa pode ajudar com as dores de cabeça, são raízes de tomísia e de folha-de-prata.

Ele não hesitou antes de engolir tudo de uma vez. Em seguida, se arrepiou e fez careta.

— Tem gosto de sola de bota. — Mas fez uma mesura para a mulher, ainda sentado, com formalidade suficiente para um taireno, à exceção do torso nu e de ele ter aberto um sorriso de repente. — Agradeço, Sábia. E não vou perguntar se a senhora acrescentou alguma coisa para dar este… sabor… memorável. — O riso baixinho de Bair e Seana poderia ter sido porque tinham ou não acrescentado, mas, como sempre, Mat arranjara um jeito de amaciar as mulheres. Até Melaine deu um breve sorriso.

— Rhuarc — disse Rand — se Couladin está pensando em tornar as coisas mais difíceis, preciso me antecipar a ele. Como posso contar aos outros chefes de clãs? Sobre mim. Sobre isso. — Girou os braços envoltos pelos Dragões.

A mulher de robe branco, a seu lado, agora limpando o talho comprido em sua cabeça, evitava encarar as marcas.

— Não existe um protocolo — respondeu Rhuarc. — Como poderia existir um protocolo para algo que só vai acontecer uma vez? Quando é preciso haver reunião entre os chefes dos clãs, existem locais como os fortes da Paz de Rhuidean. O mais perto de Pedras Frias, de Rhuidean, é Alcair Dal. Você pode mostrar as provas para os chefes dos clãs e dos ramos lá.

— *Al'cair Dal*? — perguntou Mat, com um sotaque distinto. — A Bacia de Ouro?

Rhuarc assentiu.

— Um cânion redondo, mas não há nada de dourado por lá. Em uma das pontas tem uma saliência, e um homem de pé ali pode ser ouvido por qualquer um no cânion sem precisar erguer a voz.

Rand franziu o cenho para os Dragões em seus antebraços. Não fora o único a ser marcado de alguma forma em Rhuidean. Mat parara de volta e meia proferir algumas palavras na Língua Antiga sem saber o que estava dizendo. Desde Rhuidean, entendia o idioma, embora parecesse não perceber. Egwene observava Mat com uma expressão pensativa. Passara tempo demais com Aes Sedai.

— Rhuarc, pode enviar mensageiros aos chefes dos clãs? — perguntou Rand. — Quanto tempo leva para convocar todos para Alcair Dal? Como podemos garantir que eles irão?

— Mensageiros levarão semanas, e mais outras semanas até que todos se reúnam. — Rhuarc fez um gesto, indicando as quatro Sábias. — Elas podem falar com todos os chefes de clã em sonhos em uma só noite, com todos os chefes dos ramos. E todas as Sábias, para garantir que nenhum homem tome o sonho como apenas um sonho.

— Aprecio sua confiança de que podemos mover montanhas, sombra do meu coração — interveio Amys, com ironia, acomodando-se ao lado de Rand com o unguento — mas a coisa não é bem assim. Levaria muitas noites para fazer o que você está sugerindo, com pouco tempo de descanso no meio.

Rand tomou a mão da mulher assim que ela começou a esfregar a mistura de cheiro pungente em seu rosto.

— Pode fazer isso?

— Está tão ansioso assim para nos destruir? — inquiriu a Sábia, depois mordeu o lábio, irritada. A mulher de capuz branco do outro lado de Rand levou um susto.

Melaine bateu palmas duas vezes.

— Vão embora — disse com rispidez, e as mulheres de branco saíram, fazendo mesuras e levando as bacias e roupas.

— Você me irrita como um amaranto espinhoso arranhando a pele — disse Amys a Rand, em um tom amargo. — Não importa o que seja dito a elas, essas mulheres vão começar a falar sobre o que não deveriam saber.

Ela soltou a mão e começou a esfregar o unguento com mais energia do que deveria ser necessário. A ardência era pior que o cheiro.

— Não pretendia irritá-la — respondeu Rand — mas não temos tempo. Os Abandonados estão à solta, Amys, e se descobrirem onde eu estou ou o que estou planejando… — As mulheres Aiel não pareceram

surpresas. Será que já sabiam? — Nove ainda vivem. São muitos, e os que não querem me matar acham que podem me usar. Não tenho tempo. Se eu soubesse como trazer todos os chefes dos clãs para cá agora mesmo e fazê-los me aceitarem, faria.

— Qual é o plano? — A voz de Amys soou tão inflexível quanto o rosto.

— Vai pedir… mandar… os chefes seguirem para Alcair Dal?

A mulher o encarou por um longo instante. Quando enfim assentiu, foi de má vontade.

Má vontade ou não, um pouco da tensão em Rand se dissipou. Não havia como recuperar sete dias perdidos, mas talvez conseguisse evitar perder ainda mais. Porém, Moiraine, ainda em Rhuidean com Aviendha, o prendia àquele lugar. Não podia simplesmente abandoná-la.

— A senhora conheceu a minha mãe — disse.

Egwene inclinou-se para a frente, tão atenta quanto ele, e Mat balançou a cabeça.

Amys parou a mão que percorria o rosto dele.

— Conheci.

— Me fale dela. Por favor.

A Sábia voltou a atenção ao corte acima da orelha de Rand. Se uma carranca tivesse o poder de Curar, a pomada seria desnecessária. Enfim, disse:

— A história de Shaiel, como conheço, começa quando eu ainda era *Far Dareis Mai*, mais de um ano antes de eu abrir mão da lança. Havia muitas de nós juntas, quase chegando à Muralha do Dragão. Um dia vimos uma mulher, uma jovem aguacenta de cabelos loiros, toda vestida em sedas, levando cavalos de carga e cavalgando uma linda égua. Se fosse um homem, teríamos matado, é claro, mas ela não levava arma além de uma faca comum no cinto. Algumas quiseram botá-la para correr para a Muralha do Dragão, nua… — Egwene piscou, parecia continuamente surpresa com a dureza dos Aiel. Amys prosseguiu, sem pausar: — … mas a mulher parecia muito determinada na busca de algo. Curiosas, nós a seguimos, dia após dia, sem que ela visse. Os cavalos morreram, a comida acabou, a água também, mas ela não retrocedeu. Seguiu a pé, cambaleante, até que caiu e não conseguiu mais se levantar. Decidimos dar água a ela, depois perguntamos sua história. A mulher estava quase morrendo e levou um dia inteiro para conseguir falar.

— O nome dela era Shaiel? — perguntou Rand quando a mulher fez uma pausa. — De onde ela vinha? Por que veio para cá?

— Shaiel — respondeu Bair — foi o nome que ela adotou. Nunca nos deu outro nome durante todo o tempo em que a conheci. Na Língua Antiga, significa Mulher Que é Dedicada. — Mat assentiu,

parecendo não perceber o que acabara de fazer. Lan o observou, pensativo, por sobre uma caneca de prata cheia d'água. — Havia uma amargura em Shaiel, no início.

Agachada, apoiando-se nos calcanhares ao lado de Rand, Amys assentiu.

— Ela falava de uma criança abandonada, um filho que amava. Um marido que não amava. Mas não dizia onde. Acho que Shaiel nunca se perdoou por ter deixado a criança. Contava pouco além do necessário. Era por nós que andava procurando, pelas Donzelas da Lança. Uma Aes Sedai de nome Gitara Moroso, que tinha o dom da Previsão, dissera a ela que um desastre se abateria sobre suas terras e seu povo, talvez sobre o mundo, se ela não fosse viver com as Donzelas da Lança sem contar a ninguém aonde estava indo. Shaiel deveria se tornar uma Donzela e não poderia retornar à própria terra até que as Donzelas fossem para Tar Valon.

A Sábia balançou a cabeça, pensativa.

— É importante que você entenda como isso soava, na época. Donzelas indo para Tar Valon? Nenhum Aiel cruzara a Muralha do Dragão desde o dia em que chegamos à Terra da Trindade. Levaria mais quatro anos até que o crime de Laman nos trouxesse de volta às terras aguacentas. E sem dúvida ninguém que não fosse Aiel jamais se tornara uma Donzela da Lança. Algumas de nós pensamos que ela tinha enlouquecido com a insolação. Mas Shaiel era teimosa, e de alguma forma acabamos concordando em deixá-la tentar.

Gitara Moroso. Uma Aes Sedai com o dom da Previsão. Já ouvira aquele nome em algum lugar, mas onde? E tinha um irmão. Um meio-irmão. Quando pequeno, sempre se perguntava como seria ter um irmão ou irmã. Quem, e onde? Mas Amys prosseguiu.

— Quase toda garota sonha em se tornar Donzela e aprende a usar arco e lança pelo menos de forma rudimentar e a lutar com mãos e pés. Mesmo assim, as que dão o passo final e desposam a lança descobrem que não sabem nada. Foi ainda mais difícil para Shaiel. Ela sabia lidar bem com o arco, mas nunca correra mais do que uma milha nem vivera do que encontrasse no caminho. Uma garota de dez anos conseguia derrotá-la, e ela sequer sabia quais plantas indicavam a presença de água. Ainda assim, Shaiel perseverou. Em um ano fez os votos à lança, tornou-se uma Donzela e foi adotada pelo ramo Chumai dos Taardad.

E em algum momento, Shaiel partira para Tar Valon com as Donzelas, para morrer nas encostas do Monte do Dragão. Era uma meia resposta, e deixava novas perguntas. Se ao menos ele tivesse visto o rosto da mãe…

— Você parece um pouco com ela — comentou Seana, como se lesse os pensamentos dele. Ela se sentara de pernas cruzadas e bebia

de uma pequena caneca de vinho. — E menos com Janduin.

— Janduin? Meu pai?

— Isso — respondeu Seana. — Era o chefe do clã dos Taardad, na época, o mais jovem de que se tem lembrança. Mas tinha um jeito especial, um poder. As pessoas o escutavam e seguiam, até os que não eram do clã. Ele acabou com a rixa de sangue de duzentos anos entre os Taardad e os Nakai e fez alianças com eles e com os Reyn, com quem tinha quase uma rixa de sangue também. Quase conseguiu acabar com a desavença entre os Shaarad e os Goshien, e poderia ter levado Laman a não cortar a árvore. Por mais jovem que fosse, foi ele quem levou os Taardad, os Nakai, os Reyn e os Shaarad a tentar fazer Laman pagar sua dívida de sangue.

Foi. Então ele também tinha morrido. O rosto de Egwene estava cheio de compaixão. Rand ignorou, não queria compaixão. Como poderia sentir a perda de gente que sequer conhecera? Mas sentia.

— Como foi que Janduin morreu?

As Sábias trocaram olhares hesitantes. Por fim, Amys disse:

— Foi no início do terceiro ano da busca por Laman, quando Shaiel descobriu que estava grávida. Pela lei, ela deveria ter retornado à Terra da Trindade. Uma Donzela é proibida de carregar a lança quando carrega uma criança. Mas Janduin não conseguia proibi-la de nada. Se ela pedisse a lua em um colar, ele tentaria dar a ela. Então ela ficou e, na última luta, antes de Tar Valon, se perdeu, e a criança foi junto. Janduin não conseguiu se perdoar por não tê-la obrigado a obedecer a lei.

— Ele abriu mão de sua posição como chefe de clã — continuou Bair. — Ninguém nunca fizera tal coisa. Disseram que ele não podia fazer aquilo, mas Janduin simplesmente foi embora. Seguiu para o norte com os jovens, para caçar Trollocs e Myrddraal na Praga. É uma coisa que os homens mais desvairados fazem, assim como as Donzelas com mais coragem que juízo. Os que retornaram disseram que ele foi morto por um homem. Disseram que Janduin alegou que o homem parecia Shaiel e não ergueu a lança quando o sujeito partiu para cima dele.

Mortos, então. Ambos mortos. Ele nunca deixaria de amar Tam, nunca deixaria de pensar nele como pai, mas queria poder ter visto Janduin e Shaiel pelo menos uma vez.

Egwene tentou confortá-lo, naturalmente, como as mulheres sempre faziam. Não adiantaria tentar fazê-la compreender que ele perdera algo que nunca tivera. Como lembrança dos pais, tinha a risada baixinha de Tam al'Thor e a fraca memória das mãos suaves de Kari. Era tudo o que um homem poderia querer ou precisar. Mas sua amiga parecia decepcionada, até um pouco chateada com ele, e as Sábias de uma forma ou outra compartilhavam do sentimento, pelo

que deixava transparecer a careta de desaprovação de Bair e a fungada e remexida ostentosa no xale de Melaine. As mulheres nunca entendiam. Rhuarc, Lan e Mat, sim. Eles o deixaram sozinho, como queria.

Por alguma razão, Rand estava sem apetite quando Melaine trouxe comida, então foi se deitar na beirada da tenda, com uma das almofadas sob o cotovelo, de onde podia observar a encosta e a cidade enevoada. O sol inundava o vale e as montanhas vizinhas, incendiando as sombras. O ar que remoinhava para dentro da tenda parecia vir de um forno.

Mat se aproximou depois de um tempo, já com uma camisa limpa. Sentou-se ao lado de Rand sem dizer palavra, perscrutando o vale abaixo, a estranha lança apoiada no joelho. Vez ou outra passava o dedo pela inscrição cursiva entalhada no cabo preto.

— Como está a cabeça? — perguntou Rand, e Mat deu um salto.

— É… não está doendo mais. — Ele tirou os dedos do entalhe de repente e entrelaçou as mãos no colo. — Não muito, de todo modo. Seja lá o que elas tenham feito, funcionou.

Ele fez silêncio outra vez, e Rand o deixou quieto. Também não queria falar. Quase podia sentir o tempo passando, grãos de areia em uma ampulheta caindo um por um, de tão lentamente. Mas tudo também parecia tremular, a areia prestes a explodir em uma torrente. Bobagem. Estava apenas sendo afetado pela névoa quente que subia da rocha nua da montanha. Os chefes de clã não conseguiriam chegar a Alcair Dal mais cedo, mesmo se Moiraine surgisse diante dele naquele instante. De todo modo, aqueles homens eram apenas uma parte do plano, talvez a menos importante. Pouco depois, percebeu Lan agachado em cima da mesma saliência de granito que Couladin usara, sem dar atenção ao sol. O Guardião também estava vigiando o vale. Outro homem que não queria falar.

Rand também recusou a refeição do meio-dia, embora Egwene e as Sábias se revezassem para tentar fazê-lo comer. Pareciam aceitar a recusa com bastante calma, mas, quando ele sugeriu retornar a Rhuidean para procurar Moiraine — e também Aviendha — Melaine explodiu.

— Seu idiota! Homem nenhum pode ir duas vezes para Rhuidean. Nem você retornaria vivo! Ah, morra de fome, se quiser!

Ela arremessou na cabeça dele metade de um pedaço redondo de pão. Mat o pegou no ar e começou a comer com muita calma.

— Por que você me quer vivo? — perguntou Rand a ela. — Sabe o que aquela Aes Sedai disse diante de Rhuidean. Vou destruir vocês. Por que não estão tramando com Couladin para me matar?

Mat engasgou, e Egwene plantou as mãos na cintura, pronta para passar um sermão, mas Rand manteve a atenção em Melaine. Em vez

de responder, a Sábia cravou os olhos nele e saiu da tenda.

Foi Bair quem falou.

— Todo mundo pensa que conhece a Profecia de Rhuidean, mas o que o povo sabe é o que as Sábias e os chefes de clã vêm contando por gerações. Não são mentiras, mas não é a verdade completa. A verdade pode destruir até o homem mais forte.

— Qual é a verdade completa? — insistiu Rand.

Ela olhou para Mat, depois disse:

— Neste caso, a verdade completa, a verdade que apenas as Sábias e os chefes dos clãs conheciam, é que você é a nossa ruína. Nossa ruína e nossa salvação. Sem você, ninguém do povo vai sobreviver à Última Batalha. Talvez nem chegue à Última Batalha. Essa é a profecia e a verdade. Com você… "Ele derramará o sangue daqueles que se denominam Aiel como água na areia e os destruirá como a ramos secos, mas o que restar do restante ele salvará, e eles viverão." Uma profecia dura, mas esta nunca foi uma terra branda. — A mulher o encarou, sem hesitar. Uma terra dura, e uma mulher dura.

Ele se virou para o lado de novo e voltou a perscrutar o vale. Os outros haviam ido embora, exceto por Mat.

No meio da tarde ele enfim avistou uma silhueta subindo a montanha, escalando com cansaço e dificuldade. Aviendha. Mat tinha razão, a jovem *estava* nua como veio ao mundo. E também exibia efeitos do sol, Aiel ou não. Apenas o rosto e as mãos estavam escurecidos pelo sol, e o restante parecia bastante vermelho. Rand ficou contente em vê-la. A mulher não gostava dele, mas só porque achava que ele destratara Elayne. O mais simples dos motivos. Não pela profecia ou pela ruína, não pelos Dragões em seu braço ou porque ele era o Dragão Renascido. Por um motivo simples e humano. Rand quase ansiava por aqueles olhares frios e desafiadores.

Quando ela o viu, congelou, e não havia nada de frio em seus olhos azul-esverdeados. O olhar dela fez o sol parecer frio. Rand deveria ter sido transformado em cinzas ali mesmo onde estava.

— É… Rand? — murmurou Mat. — Acho que eu não viraria as costas para ela, se fosse você.

Um suspiro cansado escapou de seus lábios. Claro. Se ela tinha passado por aquelas colunas de vidro, sabia. Bair, Melaine, as outras — todas tiveram anos para se acostumar à ideia. Para Aviendha, era uma ferida nova e sem cicatriz. *Não é de se admirar que ela agora me odeie.*

As Sábias correram ao encontro de Aviendha e a levaram depressa para dentro de outra tenda. Quando Rand a viu outra vez, a mulher estava usando uma saia marrom pesada e uma blusa branca larga, com um xale passado nos braços. Não parecia muito feliz com as

roupas. Aviendha notou que ele a observava, e a ira em seu rosto — pura fúria animal — foi suficiente para fazê-lo desviar os olhos.

As sombras começavam a se espichar na direção das montanhas mais distantes quando Moiraine apareceu, caindo e se reerguendo, cambaleante, enquanto subia a encosta. Estava tão queimada de sol quanto Aviendha. Rand ficou espantado em ver que a Aes Sedai também estava sem roupa. As mulheres eram loucas, essa era a verdade.

Lan saltou da saliência de pedra e correu até ela, então tomou-a nos braços e subiu a encosta depressa, talvez mais depressa do que descera, xingando e gritando pelas Sábias, uma após a outra. A cabeça de Moiraine pendia sobre o ombro do Guardião. As Sábias vieram pegá-la, e Melaine barrou a passagem de Lan quando ele tentou segui-las para dentro da tenda. O Guardião foi deixado do lado de fora, andando de um lado para outro, a mão em punho socando a palma da outra.

Rand virou-se de costas e encarou o teto baixo da tenda. Três dias poupados. Deveria estar contente por Moiraine e Aviendha terem voltado, mas o alívio que sentia era pelos três dias poupados. Tempo era tudo. Ele precisava poder escolher o próprio caminho. Talvez ainda pudesse.

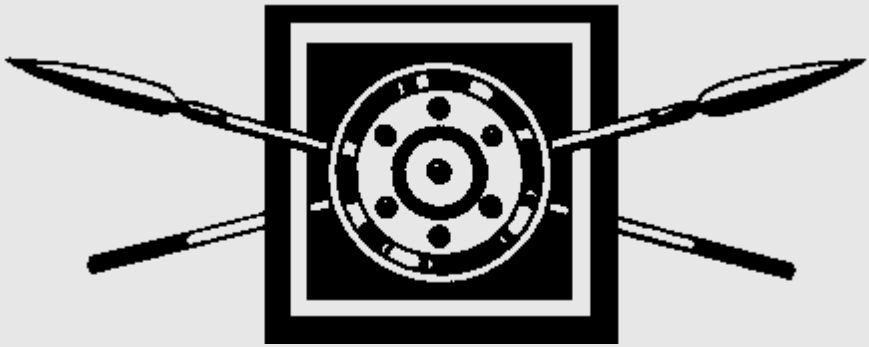
— O que você vai fazer agora? — perguntou Mat.

— Uma coisa que acho que você vai gostar. Vou quebrar as regras.

— Estava querendo saber se você ia pegar alguma coisa para comer. Porque eu estou com fome.

Rand soltou uma risada, mesmo sem querer. Alguma coisa para comer? Não daria a mínima se nunca mais comesse na vida. Mat o encarou como se ele estivesse louco, e aquilo só o fez gargalhar mais alto. Não estava louco. Pela primeira vez, *alguém* aprenderia o que significava ele ser o Dragão Renascido. Ele infringiria as regras de uma forma que *ninguém* esperava.

35



Lições severas

O Coração da Pedra em *Tel'aran'rhiod* era como Egwene se lembrava no mundo real: imensas colunas de pedra vermelha polida que subiam e subiam até chegar a um teto distante, e, sob o grande domo central, *Callandor* cravada nas pedras claras do chão. Só que não havia gente. Os lampiões dourados não estavam acesos, mas havia uma espécie de luz, ao mesmo tempo forte e fraca, que parecia emanar de todos os lugares e de lugar nenhum. Em geral, os ambientes fechados em *Tel'aran'rhiod* eram assim.

O que ela não esperava encontrar era a mulher de pé, do outro lado da espada reluzente de cristal, e espiando as sombras pálidas por entre as colunas. Egwene ficou surpresa com a forma como ela estava vestida. Pés descalços e calças largas de seda amarela com brocados. Acima do cinturão amarelo, mais escuro, a mulher estava nua, exceto pelas correntes douradas que pendiam do pescoço. Pequeninas argolas de ouro decoravam as orelhas em fileiras cintilantes, e, o mais espantoso de tudo, outra argola perfurava o nariz, e uma fina corrente de medalhões enfileirados ia da argola do nariz até uma das da orelha esquerda.

— Elayne? — indagou Egwene, em um arquejo, envolvendo o corpo com o xale como se fosse ela que estivesse sem blusa. Estava vestida como uma Sábia, desta vez, mas sem motivo aparente.

A Filha-herdeira deu um salto, e, quando parou de frente para Egwene, estava usando um recatado vestido verde-claro de gola alta e bordada, com mangas compridas cujas pontas cobriam as mãos. Sem brincos. Sem argola no nariz.

— É assim que as mulheres do Povo do Mar se vestem a bordo — explicou, mais do que depressa, com um rubor intenso no rosto. — Eu queria saber como é, e aqui pareceu o melhor lugar para testar. Afinal de contas, não dava para fazer isso no navio.

— E como é? — perguntou Egwene, curiosa.

— Bem frio, para dizer a verdade. — Elayne olhou as colunas ao redor. — E parece que todo mundo está olhando para você, mesmo quando não tem ninguém em volta. — Ela de repente começou a rir. — Pobres Thom e Juilin. Eles ficam sem saber para onde olhar. Metade da tripulação é de mulheres.

Analisando as colunas, Egwene deu de ombros, incomodada. Parecia mesmo que as duas estavam sendo observadas. Decerto porque eram as únicas pessoas na Pedra. Ninguém que tivesse acesso a *Tel'aran'rhiod* esperaria ver alguém por ali.

— Thom? Thom Merrilin? E Juilin Sandar? *Eles* estão com você?

— Ah, Egwene, Rand mandou os dois. Rand e Lan. Bom, Moiraine mandou Thom, na verdade, mas Rand mandou Mestre Sandar. Para nos ajudar. Nynaeve está bastante tensa com isso, com essa história do Lan, mas é claro que não demonstra.

Egwene conteve um sorrisinho. *Nynaeve,* tensa? O rosto de Elayne estava radiante, e o vestido mudara outra vez para um com decote *muito* mais baixo. Aparentemente, acontecera sem que ela percebesse. O *ter'angreal*, o anel de pedra retorcido, ajudava a Filha-herdeira a encontrar o Mundo dos Sonhos com tanta facilidade quanto Egwene tinha para fazê-lo, mas não conferia controle. Isso tinha que ser aprendido. Pensamentos aleatórios — como o que ela gostaria de usar para Rand — ainda eram capazes de alterar a aparência de Elayne.

— Como ele está? — A voz da Filha-herdeira era uma estranha mistura de desinteresse forçado e apreensão.

— Bem, acho que está… — Egwene deu o relatório completo. As Pedras-portais, Rhuidean, tudo o que sabia pelo que escutara e o que conseguia inferir a partir das conversas sobre ver com os olhos dos ancestrais. Falou da estranha criatura do estandarte do Dragão marcada nos antebraços de Rand, da revelação de Bair de que ele seria a ruína dos Aiel e da convocação dos chefes dos clãs para Alcair Dal. Amys e as outras Sábias deviam estar cuidando disso naquele instante, pelo menos ela torcia para que estivessem. Contou até a estranha história dos pais verdadeiros de Rand, só que em uma versão resumida. — Mas não sei, não. Desde que ouviu sobre isso, ele anda mais estranho do que nunca, e Mat não fica muito atrás. Não estou dizendo que Rand enlouqueceu, mas… Ele é tão duro quanto Rhuarc ou Lan, talvez mais, pelo menos em alguns aspectos. Acho que está planejando alguma coisa, algo que não quer que ninguém saiba. E está com pressa de pôr em prática. É preocupante. Às vezes, tenho a sensação de que ele não vê mais pessoas, só peças em um tabuleiro.

Elayne não parecia preocupada, pelo menos não com isso.

— Ele é o que é, Egwene. Um rei ou um general nem sempre pode se dar ao luxo de ver as pessoas. Quando um governante precisa fazer

o que é certo para a nação, às vezes alguns acabam feridos em prol do que for melhor para todos. Rand é um rei, Egwene, mesmo que sem nação. Isso sem contar Tear. E, se ele não fizer nada que machuque ninguém, vai acabar machucando todos.

Egwene fungou. Podia fazer sentido, mas ela não era obrigada a gostar da ideia. Pessoas eram pessoas e precisavam ser vistas como tal.

— E tem mais. Algumas Sábias conseguem canalizar. Não sei quantas, mas suspeito que mais do que umas poucas, até certo grau. Pelo que Amys contou, elas encontram todas as mulheres que nascem com a centelha. — Nenhuma Aiel morria tentando aprender sozinha a canalizar, tentando usar o Poder sem nem saber o que estava fazendo. Não existiam bravias entre as Aiel. Os homens que se descobriam capazes de canalizar enfrentavam um destino mais sombrio: rumavam para o norte, para a Grande Praga. Ou talvez mais além, para as Terras Devastadas e Shayol Ghul. Iam matar o Tenebroso, diziam. Nenhum sobrevivia por tempo suficiente para enlouquecer. — Parece que Aviendha é uma das que têm a centelha. Acho que ela será muito forte. Amys concorda.

— Aviendha? — repetiu Elayne, espantada. — Mas é claro. Eu deveria ter percebido. Senti a mesma afinidade com Jorin que senti com ela, à primeira vista. E com você, aliás.

— Jorin?

Elayne fez uma careta.

— Prometi que guardaria o segredo dela, mas solto a língua na primeira oportunidade. Bem, suponho que você não vá fazer mal a ela nem às suas irmãs. Jorin é Chamadora de Ventos do *Bailador das Ondas*, Egwene. Ela é capaz de canalizar, assim como algumas das outras que exercem a mesma função. — A Filha-herdeira olhou as colunas ao redor, e o decote de repente subiu de volta até o queixo. Ela ajustou um xale de renda escura que não estava lá um instante antes, cobrindo os cabelos e escondendo o rosto. — Egwene, você não pode contar a ninguém. Jorin tem medo de que a Torre as force a se tornar Aes Sedai ou que tente dar um jeito de controlá-las. Prometi que faria o possível para não deixar isso acontecer.

— Não vou contar — respondeu Egwene, devagar.

Sábias e Chamadoras de Vento. Havia mulheres capazes de canalizarem entre elas, e nenhuma tinha feito os Três Juramentos, nenhuma estava ligada ao Bastão dos Juramentos. Os Juramentos serviam para que as pessoas confiassem nas Aes Sedai, ou pelo menos para que não temessem seu poder, mas ainda era frequente as mulheres da Torre precisarem se deslocar em segredo. As Sábias — e Egwene apostava que o mesmo valia para as Chamadoras de Ventos — ocupavam lugar de honra em suas sociedades. Sem que precisassem jurar para supostamente manter a segurança. Era algo a

se pensar.

— Nynaeve e eu também estamos adiantadas, Egwene. Jorin está me ensinando a manipular o clima. Você não acreditaria no tamanho dos fluxos de Ar que ela consegue urdir! E, cá entre nós, a gente pôs o *Bailador das Ondas* para correr mais depressa do que nunca, o que é *bem* rápido. Devemos chegar em Tanchico em mais uns três dias, talvez dois, segundo Coine. Ela é a Mestra das Velas, a capitã. Dez dias de Tear até Tanchico, mais ou menos. Isso parando para falar com todos os navios dos Atha'an Miere que encontramos. Egwene, o Povo do Mar acha que Rand é o Coramoor.

— Ah, é?

— Coine interpretou errado algumas coisas que aconteceram em Tear. Ela está presumindo que as Aes Sedai servem a Rand, por exemplo. Nynaeve e eu achamos que era melhor não esclarecer o erro, mas, assim que ela contar para outra Mestra das Velas, todos vão espalhar a notícia e servir a Rand. Acho que farão qualquer coisa que ele pedir.

— Queria que os Aiel aceitassem a questão com a mesma facilidade — suspirou Egwene. — Rhuarc acha que alguns vão se recusar a reconhecê-lo, com ou sem Dragões de Rhuidean. Tem um sujeito, um homem chamado Couladin, que tenho certeza de que mataria Rand em um instante, se tivesse chance.

Elayne deu um passo à frente.

— Você não vai deixar isso acontecer. — Não era uma pergunta, nem um pedido. Havia um brilho penetrante nos olhos azuis e uma adaga desembainhada na mão da Filha-herdeira.

— Farei o melhor que posso. Rhuarc está fornecendo guarda-costas a ele.

Elayne pareceu ver a adaga pela primeira vez e levou um susto. A lâmina desapareceu.

— Você precisa me ensinar o que Amys estiver ensinando a você, Egwene. É desconcertante ver as coisas ficarem aparecendo e sumindo, ou perceber de repente que estou usando roupas diferentes. Simplesmente acontece.

— Vou ensinar. Quando tiver tempo. — Ela já estava em *Tel'aran'rhiod* havia tempo demais. — Elayne, se eu não estiver aqui quando for hora de nos encontrarmos outra vez, não se preocupe. Vou tentar, mas talvez eu não consiga vir. Não se esqueça de contar a Nynaeve. Se eu não vier, confira todas as noites seguintes. Não vou atrasar mais do que um ou dois dias, tenho certeza.

— Se você diz — respondeu Elayne, desconfiada. — Com certeza levaremos semanas para descobrir se Liandrin e as outras estão em Tanchico ou não. Thom acha que a cidade vai estar muito confusa. — Ela pousou os olhos em *Callandor*, enfiada no chão até a

metade. — Por que será que ele fez isso?

— Rand disse que isso vai prender os tairenos a ele. Enquanto souberem que está aí, saberão que ele vai voltar. Talvez ele saiba o que está dizendo. Espero que sim.

— Ah. Eu pensei que… talvez… ele estivesse irritado… com alguma coisa.

Egwene franziu o cenho para a amiga. Aquela súbita timidez não combinava nada com Elayne.

— Irritado com o quê?

— Ah, nada. Só passou pela minha cabeça. Egwene, entreguei duas cartas a Rand antes de ir embora de Tear. Você sabe como ele reagiu?

— Não, não sei. Você disse alguma coisa que possa tê-lo irritado?

— Claro que não. — Elayne deu uma risada alegre, mas pareceu forçada. O vestido de súbito transformou-se em um novo, de lã escura, pesado o bastante para um inverno rigoroso. — Eu teria que ser muito tonta para escrever alguma coisa que o deixasse irritado. — A jovem não tinha reparado, mas seus cabelos voavam para todos os lados, feito uma coroa insana. — Estou tentando fazer com que ele me ame, afinal de contas. Só tentando fazê-lo me amar. Ah, por que os homens não podem ser mais simples? Por que precisam causar tantas dificuldades? Pelo menos ele está longe de Berelain. — A lã voltou a ser seda, com um decote ainda mais profundo que o anterior. Seus cabelos cintilavam sobre os ombros, brilhando tão forte que quase apagavam o vestido. A Filha-herdeira hesitou, mordiscando o lábio inferior. — Egwene? Se você tiver chance, pode dizer a ele que eu estava falando sério quando disse que… Egwene? Egwene!

Algo agarrou Egwene. O Coração da Pedra definhou até escurecer por completo, como se ela estivesse sendo puxada pelos cabelos.

Egwene acordou de repente, com um arquejo. Estava com o coração aos saltos, encarando o teto baixo da tenda envolta pela noite. Apenas um tantinho de luar entrava pelas laterais abertas. Estava debaixo das cobertas — o Deserto era tão frio à noite quanto era quente durante o dia, e o braseiro que exalava o odor adocicado de adubo seco queimando não aquecia muito. Continuava exatamente onde se deitara para dormir. Mas o que a puxara de volta?

De súbito, deu-se conta de Amys, sentada de pernas cruzadas a seu lado, envolta em sombras. O rosto da Sábia, tomado pela escuridão, parecia tão sombrio e perigoso quanto a noite.

— Foi você que fez isso, Amys? — perguntou, cheia de raiva. — Você não tem o direito de sair me puxando. Eu sou uma Aes Sedai da Ajah Verde… — A mentira agora saía com facilidade de seus lábios. — E você não tem o direito…

Amys a interrompeu com uma voz sombria.

— Para além da Muralha do Dragão, na Torre Branca, você é Aes Sedai. Aqui, é uma aprendiz ignorante, uma criança tola rastejando em um ninho de cobras.

— Sei que disse que não entraria em *Tel'aran'rhiod* sem você — retrucou Egwene, tentando soar racional — mas…

Algo a puxou pelos tornozelos e a ergueu no ar de cabeça para baixo. Os cobertores rolaram para longe, o vestido desceu e se embolou em suas axilas. Ela pendia de cabeça para baixo, com o rosto na mesma altura do de Amys. Furiosa, abriu-se para *saidar* — e viu que estava blindada.

— Você queria ir sozinha — sibilou Amys, baixinho. — Foi avisada, mas quis ir. — Os olhos dela pareciam cintilar no escuro, mais e mais brilhantes. — Sem se importar com o que poderia estar à espera. Existem coisas nos sonhos que dilaceram o coração mais valente. — Em volta dos olhos que mais pareciam brasa azul, o rosto dela derreteu e se esticou. Escamas brotaram onde antes havia pele, e sua mandíbula se projetou, cheia de dentes afiados. — Coisas que *devoram* o coração mais valente — rosnou.

Aos berros, Egwene esmurrou em vão o escudo que a isolava da Fonte Verdadeira. Tentou socar aquela cara horrível, aquela coisa que não podia ser Amys, mas algo agarrava seus punhos e a prendia, tesa e trêmula, no ar. Tudo o que conseguia fazer era ganir, enquanto aquela bocarra se fechava ao redor de seu rosto.

Egwene sentou-se, gritando, agarrando as cobertas. Com esforço, conseguiu fechar a boca, mas não pôde fazer nada contra o tremor que a dominava. Estava na tenda — mas será que estava mesmo? Lá estava Amys, de pernas cruzadas na escuridão, envolta no brilho de *saidar* — será que era ela mesmo? Desesperada, Egwene abriu-se à Fonte e quase soltou um urro quando percebeu outra vez a barreira. Jogando os cobertores de lado, engatinhou até as mantas no chão e revirou as roupas dobradas com ambas as mãos. Tinha uma faca de cintura. Onde estava? Onde? Ali!

— Sente-se — disse Amys, em um tom duro — antes que eu lhe dê um calmante. Você não vai gostar do sabor.

Egwene virou-se e se apoiou nos joelhos, segurando a faca curta com as duas mãos, que teriam tremido se não estivessem agarradas no punho da arma.

— É você mesma, desta vez?

— Eu sou eu mesma, agora e antes. As lições severas são as melhores. Está pensando em me esfaquear?

Hesitante, Egwene embainhou a faca.

— Você não tem o direito de…

— Eu tenho todo o direito! Você me deu sua palavra. Eu não sabia que Aes Sedai podiam mentir. Se estou aqui para ensiná-la, preciso ter certeza de que vai fazer o que eu mandar. Não vou assistir uma aprendiz minha degolar a si mesma! — Amys deu um suspiro. O brilho tênue à sua volta se dissipou, assim como a barreira entre Egwene e *saidar*. — Não consigo mais manter a blindagem. Você é muito mais forte do que eu. Com o Poder Único. Você quase conseguiu destruir meu escudo. Mas, se não for capaz de manter sua palavra, não sei se vou querer instruí-la.

— Vou manter minha palavra, Amys. Prometo. Mas preciso encontrar minhas amigas em *Tel'aran'rhiod*. Também prometi isso a elas. Amys, elas podem precisar da minha ajuda, do meu aconselhamento. — Não era fácil enxergar o rosto de Amys na escuridão, mas Egwene não o viu se abrandar. — Por favor, Amys. Você já me ensinou tantas coisas. Acho que agora consigo encontrá-las onde estiverem. Por favor, não pare quando ainda há tanto para eu aprender. Faço o que você quiser.

— Trance o cabelo — disse a Sábia, em um tom impassível.

— Meu cabelo? — indagou Egwene, receosa.

Sem dúvida não seria problema algum, mas por quê? Ela o usava solto, caído por cima dos ombros, mas não fazia muito tempo desde que quase explodira de orgulho no dia em que o Círculo das Mulheres disse que ela já tinha idade para trançar os cabelos, como Nynaeve ainda fazia. Em Dois Rios, a trança era sinal de que uma menina já podia ser considerada mulher.

— Uma em cima de cada orelha. — A voz de Amys ainda era dura feito pedra. — Se não tiver fitas para amarrar as tranças, posso arranjar algumas. É assim que nossas garotinhas fazem com os cabelos. Garotinhas novas demais para manter a palavra. Quando me provar que é capaz de manter a sua, pode soltar os cabelos. Mas, se mentir para mim outra vez, farei você cortar as saias como um vestidinho de menina e carregar uma boneca. Quando decidir se comportar como uma mulher, será tratada como uma. Concorde com isso, ou não lhe ensino mais nada.

— Vou concordar se você me acompanhar quando eu precisar encontrar…

— Concorde, *Aes Sedai*! Não negocio com crianças, nem com quem não sabe manter a palavra. Você vai me obedecer, vai aceitar o que escolho dar a você e mais nada. Ou então vá embora e se mate sozinha. Eu. Não. Vou. Ajudar nisso!

Egwene ficou grata pela escuridão, que escondia sua careta emburrada. *Dera* sua palavra, mas aquilo era tão injusto. Ninguém estava tentando cercear Rand com regrinhas idiotas. Bem, talvez *ele* fosse diferente. De todo modo, não tinha certeza se trocaria as ordens

de Amys por ter Couladin querendo lhe cravar uma lança. Mat decerto não toleraria as regras dos outros. Ainda assim, *ta'veren* ou não, Mat não tinha nada para aprender. Só precisava viver. Era muito provável que se recusasse a aprender qualquer coisa, se lhe fosse dada a chance, a menos que tivesse algo a ver com comida ou jogatina. Egwene queria aprender. Às vezes parecia uma fome insaciável, por mais que absorvesse. Só que nada disso tornava a situação justa. *É assim que as coisas são*, pensou com pesar.

— Eu concordo — disse. — Farei como você quer, aceitarei o que me der e nada mais.

— Bom. — Depois de uma longa pausa, como se esperasse para ver se algo mais saía de Egwene, que sabiamente segurou a língua, Amys acrescentou: — Pretendo ser dura com você, Egwene, mas não sem propósito. Só de você achar que já lhe ensinei muita coisa mostra como sabia pouco. Você tem um talento forte para Sonhar, e é muito provável que um dia vá muito mais longe do que qualquer uma de nós. Mas, se não aprender o que posso lhe ensinar, o que nós quatro podemos lhe ensinar, jamais vai desenvolver plenamente esse talento. É mais provável que não viva o suficiente para isso.

— Vou tentar, Amys. — Ela achou que conseguira soar submissa o bastante. Por que a mulher não dizia o que ela queria ouvir? Se Egwene não pudesse adentrar *Tel'aran'rhiod* sozinha, Amys teria de ir também, quando ela fosse encontrar Elayne de novo. Ou talvez fosse Nynaeve, da próxima vez.

— Bom. Tem algo mais a dizer?

— Não, Amys.

A pausa foi mais longa desta vez. Egwene aguardou com toda a paciência que tinha, as mãos cruzadas sobre os joelhos.

— Então você é capaz de conter suas exigências quando quer — disse a Sábia, por fim — mesmo que fique se contorcendo feito um bode com coceira. Estou enganada quanto à causa? Posso sugerir uma pomada para isso, se for o caso. Não? Muito bem. Vou acompanhá-la quando você precisar encontrar suas amigas.

— Obrigada — disse Egwene, empertigada. Um bode com coceira, ora essa!

— Caso não tenha escutado da primeira vez que eu disse, o aprendizado não será fácil, nem rápido. Você acha que trabalhou nestes últimos dias. Agora prepare-se para se esforçar de verdade.

— Amys, vou aprender o quanto você puder me ensinar e vou trabalhar duro sempre que você quiser, mas, entre Rand e os Amigos das Trevas… ter tempo para aprender pode acabar se tornando um luxo, e minha bolsa pode acabar vazia.

— Eu sei — retrucou Amys, em um tom cansado. — Ele já está nos trazendo problemas. Venha. Você já perdeu tempo demais com

essa sua criancice. Há assuntos de mulher a serem discutidos. As outras estão esperando.

Pela primeira vez, Egwene percebeu que Moiraine não estava entre suas cobertas. Ela estendeu a mão para pegar o vestido, mas Amys interveio:

— Isso não vai ser necessário. Não vamos muito longe. Jogue uma manta nos ombros e venha. Já trabalhei muito por Rand al'Thor e ainda preciso fazer mais depois que terminarmos.

Enrolando um cobertor nos ombros, desconfiada, Egwene acompanhou a mulher mais velha pela noite. Estava *frio*. Com a pele arrepiada, ela foi saltando de pé em pé, descalça no chão de pedras que quase pareciam de gelo. Depois do calor do dia, a noite parecia fria como o meio de um inverno em Dois Rios. Sua respiração se transformava em névoa fina diante da boca, absorvida imediatamente pelo ar. Frio ou não, ainda era bem seco.

Nos fundos do acampamento das Sábias havia uma pequena tenda que Egwene não vira antes. Era baixa como as outras, mas estava presa com estacas nas beiradas. Para sua surpresa, Amys começou a tirar a roupa e fez um gesto para que ela o imitasse. Cerrando os dentes para não bater o queixo, Egwene aos poucos seguiu o exemplo de Amys. Depois que a Aiel se despiu por completo, ficou ali parada, como se a noite não estivesse congelante, respirando fundo e agitando os braços. Até que entrou. Egwene disparou atrás dela com vontade.

O calor a atingiu como uma pancada na testa. Começou a suar por todos os poros.

Moiraine já estava lá, assim como as outras Sábias e Aviendha, todas nuas e suadas, sentadas em torno de um grande caldeirão de ferro cheio até a boca de pedras escuras. Tanto o caldeirão quanto as pedras irradiavam calor. A Aes Sedai parecia quase recuperada de seu suplício, mas havia uma tensão em seus olhos que não estava presente antes.

Enquanto Egwene procurava, cautelosa, um lugar para se sentar — não havia mantas, apenas chão de pedras — Aviendha fechou as mãos em concha, apanhou um punhado de água de um caldeirão menor e jogou no maior. A água evaporou com um chiado, sem deixar sequer um pontinho úmido nas pedras. Aviendha mantinha uma expressão azeda. Egwene sabia como ela se sentia. As noviças da Torre também recebiam tarefas, e ela não sabia dizer se odiava mais esfregar o chão do que as panelas, ou se era o contrário. Aquela tarefa nem de longe parecia tão onerosa.

— Precisamos discutir o que fazer em relação a Rand al'Thor — disse Bair, depois que Amys também se sentou.

— Fazer em reação a ele? — indagou Egwene, alarmada. — Ele tem os sinais. É por ele que vocês estavam procurando.

— É ele — concordou Melaine, em um tom sombrio, afastando mechas longas de cabelo louro-avermelhado do rosto empapado. — Precisamos tentar garantir que o máximo de pessoas do nosso povo sobreviva à vinda dele.

— E não menos importante — completou Seana — precisamos garantir que ele sobreviva para cumprir o restante da profecia. — Melaine cravou os olhos nela, e Seana acrescentou, em um tom paciente: — Ou nenhum de nós vai sobreviver.

— Rhuarc tinha dito que colocaria alguns Jindo de guarda-costas — comentou Egwene. — Ele mudou de ideia?

Amys balançou a cabeça.

— Não mudou. Rand al'Thor está dormindo nas tendas dos Jindo, com cem homens acordados para garantir que ele também acorde amanhã. Mas os homens quase sempre veem as coisas de maneira diferente de nós. Rhuarc vai segui-lo, talvez discorde de decisões que considere erradas, mas não vai tentar guiá-lo.

— Você acha que ele precisa ser guiado? — Moiraine arqueou uma sobrancelha ao ouvir isso, mas Egwene a ignorou e prosseguiu: — Até agora, ele fez o que tinha de fazer sem orientação.

— Rand al'Thor não conhece nossos costumes — retrucou Amys. — Existem centenas de erros que poderia cometer para virar um chefe ou um clã contra si, para fazê-los enxergar um aguacento em vez d'Aquele Que Vem Com a Aurora. Meu marido é um homem bom e um excelente chefe, mas não é um apaziguador treinado para guiar homens em fúria a baixar suas lanças. Precisamos manter alguém próximo de Rand al'Thor para sussurrar em seus ouvidos quando ele estiver prestes a dar um passo em falso. — Ela fez um gesto para que Aviendha jogasse mais água nas pedras quentes. A mulher mais jovem obedeceu, calada e graciosa.

— E temos que vigiá-lo — acrescentou Melaine, com rispidez. — Precisamos ter alguma ideia do que ele pretende fazer antes que faça. O cumprimento da Profecia de Rhuidean começou, e não pode ser interrompido perto do fim, de maneira alguma. Mas pretendo garantir que o máximo possível da nossa gente sobreviva. Como isso vai acontecer depende das intenções de Rand al'Thor.

Bair inclinou-se em direção a Egwene. Era uma mulher ossuda e musculosa.

— Você o conhece desde a infância. Ele confia em você?

— Duvido — respondeu Egwene. — Ele não confia nas pessoas como antes. — Evitava olhar para Moiraine.

— Ela nos contaria, se ele confiasse? — inquiriu Melaine. — Não quero acirrar os ânimos, mas Egwene e Moiraine são Aes Sedai. O que elas buscam pode não ser o que buscamos.

— Já servimos às Aes Sedai, um dia — retrucou Bair

simplesmente. — Falhamos com elas naquela época. Talvez seja preciso servir de novo. — Melaine enrubesceu, claramente constrangida.

Moiraine não deu sinal de que vira, nem de que ouvira as palavras anteriores da mulher. Exceto por aquela tensão no olhar, a Azul parecia uma pedra de gelo.

— Vou ajudar como puder — disse, em um tom frio — mas tenho pouca influência com Rand. Hoje em dia, ele urde o Padrão a seu próprio modo.

— Então temos que vigiá-lo de perto e ter esperança. — Bair suspirou. — Aviendha, você vai encontrar Rand al'Thor todos os dias quando ele acordar. E não o deixará até que ele se deite à noite. Vai ficar mais colada nele que cabelos na cabeça. Receio que seu treinamento terá de ser feito como for possível. Vai ser um fardo para você fazer as duas coisas, mas não podemos evitar. Se conversar com Rand, sobretudo se escutá-lo, não terá problemas em permanecer perto dele. Poucos homens rejeitam uma bela mulher que os escuta. Talvez Rand deixe escapar alguma coisa.

A cada palavra, Aviendha se enrijecia mais e mais. Quando Bair terminou, ela retrucou, irritada:

— Eu não vou!

Fez-se um silêncio mortal, e todos os olhos voltaram-se para ela, mas a jovem os encarou de volta, desafiadora.

— Não vai? — retrucou Bair baixinho. — Não vai. — Ela parecia estranhar o gosto das palavras na boca.

— Aviendha — disse Egwene com delicadeza — ninguém está pedindo para você trair Elayne, só para falar com ele.

Se aquilo teve algum efeito, foi o de fazer a antiga Donzela da Lança parecer ainda mais ávida para encontrar uma arma.

— É essa a disciplina que as Donzelas aprendem, hoje em dia? — perguntou Amys, em um tom ríspido. — Se for, você vai descobrir que somos muito mais rígidas. Se houver alguma razão pela qual você não possa ficar perto de Rand al'Thor, fale. — A rebeldia de Aviendha esmoreceu um pouquinho, e ela emitiu um resmungo inaudível. A voz de Amys assumiu um tom cortante. — Fale, estou mandando!

— Eu não gosto dele! — gritou Aviendha. — Eu o odeio! Odeio!

Se Egwene não conhecesse a Aiel, teria pensado que a moça estava prestes a cair no choro. Mas as palavras a chocaram. Aviendha não podia estar falando sério.

— Não estamos pedindo para você amá-lo, nem para levá-lo para a cama — retorquiu Seana, em um tom ácido. — Estamos *mandando* você *escutar* o homem. E você vai obedecer!

— Criancice! — rosnou Amys. — Que tipo de mulher o mundo

está criando hoje em dia? Será que *nenhuma* de vocês cresce?

Bair e Melaine foram ainda mais duras. A mais velha ameaçou amarrar Aviendha ao cavalo de Rand, no lugar da sela — e soava como se pretendesse cumprir a promessa. Melaine sugeriu que, em vez de dormir, Aviendha pudesse passar a noite cavando buracos e os tapando de volta, para clarear as ideias. Egwene percebeu que as ameaças não tinham a intenção de coagi-la; aquelas mulheres esperavam e pretendiam ser obedecidas. Qualquer trabalho inútil que Aviendha acabasse tendo que fazer seria por pura teimosia de sua parte. A teimosia pareceu diminuir com os quatro pares de olhos de Sábias a encará-la. A jovem se agachou em uma posição mais defensiva, de joelhos, mas continuava firme.

Egwene inclinou-se e pousou a mão no ombro de Aviendha.

— Você me disse que éramos quase irmãs, e acho que somos. Faria isso por mim? Pense como se fosse cuidar dele para Elayne. Você também gosta dela, eu sei. Pode contar a ele que ela me contou que quis mesmo dizer o que disse nas cartas. Ele vai gostar de saber.

O rosto de Aviendha sofreu um espasmo.

— Eu faço — disse, assumindo uma postura derrotada. — Vigio Rand por Elayne. Por Elayne.

Amys se agitou.

— Bobagem. Você vai vigiá-lo porque nós mandamos, garota. Se pensa que tem outro motivo, vai descobrir que está redondamente enganada. Mais água. O vapor está se dissipando.

Aviendha jogou mais água nas pedras, como se estivesse atirando uma lança. Egwene ficou contente em ver a energia da amiga retornando, mas pensou em adverti-la quando as duas estivessem sozinhas. Era bom ter energia, mas havia algumas mulheres — essas quatro Sábias, por exemplo, e Siuan Sanche — com as quais era sensato se controlar. Dava para gritar o dia inteiro com o Círculo das Mulheres e mesmo assim acabar fazendo a vontade delas e desejando ter ficado de boca calada.

— Agora que isso está resolvido — continuou Bair — vamos desfrutar do vapor em silêncio, enquanto podemos. Algumas de nós ainda têm muito a fazer, hoje à noite e pelas noites que virão, se pretendemos convocar uma reunião em Alcair Dal para Rand al'Thor.

— Os homens sempre arrumam um jeito de dar trabalho às mulheres — comentou Amys. — Por que Rand al'Thor seria diferente?

Fez-se silêncio na tenda, exceto pela chiadeira quando Aviendha jogava mais água nas pedras quentes. As Sábias se sentaram com as mãos nos joelhos, respirando fundo. O calor úmido, a sensação purificante e escorregadia do suor na pele, era de fato muito agradável, até relaxante. Egwene pensou que valia a pena perder um pouco de sono.

Moiraine, contudo, não parecia relaxada. Encarava o caldeirão fumegante como se visse algo mais, bem ao longe.

— Foi ruim? — perguntou Egwene, baixinho, para não incomodar as Sábias. — Rhuidean, quer dizer.

Aviendha olhou para cima depressa, mas ficou em silêncio.

— As lembranças se esvaem — disse Moiraine, também baixinho. Não desviou os olhos que encaravam o nada, e sua voz quase anulava o calor do ar, de tão fria. — A maioria já se foi. De algumas, eu já sabia. De outras… há de ser o que a Roda tecer, somos apenas o fio do Padrão. Dediquei minha vida a encontrar o Dragão Renascido, encontrar Rand, e vê-lo pronto para lutar a Última Batalha. Verei isso acontecer, custe o que custar. Nada e nem ninguém pode ser mais importante do que isso.

Trêmula, apesar do suor, Egwene fechou os olhos. A Aes Sedai não queria ser confortada. Era um bloco de gelo, não uma mulher. Egwene se acomodou e tentou recapturar aquela sensação prazerosa. Suspeitava que momentos como esse seriam raros, nos próximos dias.

36



Desorientações

Os Aiel levantaram acampamento cedo e já estavam longe de Rhuidean quando o sol ainda por nascer formava um contorno anguloso nas montanhas distantes. Em três grupos, eles contornaram Chaendaer, descendo por planícies serrilhadas intercaladas com montes, elevações de pedra e colinas de topo achatado. A terra era cinza, marrom e todas as tonalidades intermediárias, algumas partes rajadas de espirais compridas em tons de vermelho e ocre. Volta e meia, um grande arco natural se avultava enquanto os grupos se moviam para norte e oeste, ou imensas e estranhas placas de pedra se equilibravam temerariamente, quase à beira da queda. Em cada ponto que Rand olhava, montanhas recortadas se erguiam a distância. Todos os destroços da Ruptura do Mundo pareciam reunidos ali, no lugar chamado de Deserto Aiel. Onde o solo duro não era de barro rachado, amarelo, marrom ou de algum tom intermediário, era de um material escuro e pedregoso, dividido em vários pontos por valas e depressões secas. A vegetação isolada era baixa e escassa, toda de arbustos espinhosos e galhos sem folhas cheios de espinhos. As poucas flores, brancas, vermelhas ou amarelas, eram surpreendentes naquele isolamento. De vez em quando, a grama grossa cobria alguns trechos do solo, e raramente se via uma árvore — em geral atrofiada e também com espinhos. Comparado a Chaendaer e ao vale de Rhuidean, o lugar era quase exuberante. O ar era tão limpo, e a terra tão árida que Rand achava que podia ver milhas e milhas ao longe.

Aquele ar, porém, não era menos seco, o calor não era menos implacável, e o sol era uma massa de ouro fundido no alto de um céu sem nuvens. Rand enrolara uma *shoufa* na cabeça, em uma tentativa

de se proteger do sol, e com frequência bebia da bolsa d'água na sela de Jeade'en. Por estranho que fosse, o casaco parecia ajudar. Ele não suava menos, mas a camisa permanecia molhada sob a lã vermelha, o que refrescava um pouco. Mat usava uma tira de tecido para amarrar um grande lenço branco na cabeça, feito um estranho gorro que descia pela nuca e protegia os olhos da claridade. Trazia consigo a estranha lança com lâmina de espada, a coronha enfiada no estribo.

O grupo deles consistia de cerca de quatrocentos Jindo. Rand e Mat cavalgavam à frente, lado a lado com Rhuarc e Heirn. Os Aiel caminhavam, naturalmente, levando as tendas e algumas pilhagens de Tear em mulas e cavalos de carga. Algumas Donzelas dos Jindo seguiam à frente como batedoras, e os Cães de Pedra iam atrás, vigiando a retaguarda. A coluna principal era cercada por olhos atentos, lanças a postos e arcos com flechas encaixadas. A Paz de Rhuidean supostamente valia até que todos os que tinham partido para Chaendaer retornassem os próprios fortes, mas, como Rhuarc explicara a Rand, já haviam acontecido mal-entendidos, e nem desculpas nem o preço do sangue traziam os mortos de volta dos túmulos. Rhuarc parecia achar que era ainda mais provável que algum mal-entendido ocorresse daquela vez, sem dúvida em parte por causa do grupo dos Shaido.

As terras dos Shaido ficavam depois das terras dos Taardad, na mesma direção de Chaendaer, e os Shaido avançavam em paralelo às terras dos Jindo, a cerca de um quarto de milha de distância. Segundo Rhuarc, Couladin deveria ter esperado mais um dia, para ver se o irmão voltaria. O fato de Rand ter visto Muradin depois de ele ter arrancado os próprios olhos não fazia diferença, dez dias era o tempo protocolar. Partir antes disso era abandonar quem tivesse adentrado Rhuidean. Ainda assim, Couladin pusera os Shaido para dobrar as tendas assim que viu os animais de carga dos Jindo sendo aprontados. Os Shaido viajavam com seus próprios batedores e vigias na retaguarda, aparentemente ignorando os Jindo, mas o espaço entre os dois grupos nunca aumentava mais do que trezentas passadas. Era comum haver testemunhas de talvez meia dúzia dos maiores ramos quando um homem reclamava a marca de um chefe de clã, e o povo de Couladin ultrapassava os Jindo em número: a vantagem era de pelo menos dois homens para um. Rand suspeitava que o terceiro grupo, entre os Shaido e os Taardad, fosse a razão pela qual o intervalo não se estreitava súbita e violentamente.

As Sábias caminhavam como qualquer Aiel, incluindo aqueles homens e mulheres estranhos de robes brancos, que Rhuarc chamava de *gai'shain*, conduzindo os cavalos de carga. Não eram bem servos, mas Rand não sabia se de fato entendera a explicação de Rhuarc sobre honra, obrigação e prisioneiros. Heirn fora ainda mais confuso, como

se tentasse explicar por que a água era molhada. Moiraine, Egwene e Lan seguiam com as Sábias, ou pelo menos as duas mulheres seguiam. O Guardião conduzia o cavalo de batalha um pouco para o lado dos Shaido, observando-os com a mesma atenção com que examinava a paisagem escarpada. Às vezes, Moiraine, Egwene ou ambas desciam para conversar um pouco com as Sábias. Rand teria dado sua última moeda para ouvir o que diziam. Elas com frequência olhavam em sua direção, de soslaio, decerto para que ele não notasse. Por alguma razão, Egwene usava os cabelos em duas tranças, amarrados por fitas vermelhas compridas, feito os de uma noiva. Ele não sabia por quê. Comentara sobre os cabelos dela antes de sair de Chaendaer — apenas mencionara — e a amiga quase arrancara sua cabeça.

— Elayne é a mulher para você.

Ele encarou Aviendha, confuso. O olhar desafiador estava de volta aos olhos verde-azulados, mas ainda misturado a desgosto. Ela estava esperando do lado de fora da tenda quando ele acordou, naquela manhã, e desde então não se afastara mais de três passadas. Estava claro que as Sábias a haviam mandado espionar, e ainda mais claro que não era para ele reparar. A Aiel era bonita, e ele era considerado tolo o bastante para não enxergar nada além disso. Sem dúvida era por essa razão que ela estava de saias e não portava arma além da faca de cintura. As mulheres pareciam pensar que a mente masculina carecia de sofisticação. Pensando bem, nenhum dos outros Aiel comentara sobre a mudança no vestuário de Aviendha, mas até Rhuarc evitava encará-la por muito tempo. Deviam saber por que ela estava lá, ou tinham um palpite sobre o plano das Sábias, e não queriam mencionar o assunto.

Rhuidean. Ele ainda não sabia por que a jovem tinha ido até lá. Rhuarc murmurou algo sobre "assuntos das mulheres", claramente relutante em conversar sobre aquilo perto dela. Considerando como a jovem estava colada em Rand, aquilo significava que não discutiriam coisa alguma. O chefe de clã sem dúvida estava escutando a conversa, assim como Heirn e todos os Jindo por perto. Às vezes, era difícil interpretar os Aiel, mas ele achava que todos pareciam estar achando graça. Mat assobiava baixinho, deixando bem claro que encarava tudo, menos os dois. Mesmo assim, era a primeira vez no dia que Aviendha falava com ele.

— Como assim? — indagou Rand.

As saias pesadas não a impediam de caminhar ao lado de Jeade'en. Não, Aviendha não caminhava. Perseguia. Se fosse um gato, estaria balançando o rabo.

— Elayne é uma aguacenta, como você. — Ela balançou a cabeça, arrogante. O rabo curto que os guerreiros Aiel usavam na nuca não estava mais lá. O lenço dobrado em torno das têmporas quase tapava

seus cabelos. — A mulher certa para você. Ela não é bonita? Tem a postura ereta, membros esguios e fortes, lábios vermelhos como uma fruta-do-amor suculenta. Seus cabelos são como fios de ouro, e os olhos, safiras azuis. A pele é mais macia que a seda mais delicada, os seios são lindos e redondos. Os quadris…

Rand a interrompeu bruscamente, com o rosto ardendo.

— Eu sei que ela é bonita. O que você está fazendo?

— Descrevendo Elayne. — Aviendha franziu o cenho para ele. — Você já a viu no banho? Não preciso descrevê-la se você já a tiver visto…

— Eu *não* vi!

Rand desejou não ter soado irritado. Rhuarc e os outros *estavam* escutando, os rostos impassíveis demais para quem não estava se divertindo. Mat revirou os olhos com um sorriso escancarado e malicioso.

A mulher deu de ombros e ajeitou o xale.

— Ela deveria ter providenciado isso. Mas eu vi, e vou agir como se fosse quase-irmã *dela*. — A ênfase parecia indicar que aquilo era o mesmo que *dele* poderia se dizer "quase-irmã" dele. Os costumes Aiel eram estranhos, mas isso era loucura! — Os quadris dela…

— Pare com isso!

Aviendha disparou um olhar de esguelha furioso para ele.

— Elayne é a mulher certa para você. Ela pôs o coração aos seus pés por uma grinalda matrimonial. Acha que existe alguém na Pedra de Tear que não saiba disso?

— Eu não quero falar sobre Elayne — retrucou, com firmeza. Ainda mais se ela pretendesse continuar da forma como começara. O pensamento fez seu rosto esquentar outra vez. A mulher não parecia se importar com *o que* dizia, nem com quem escutava!

— Tem mais é que corar, mesmo, por deixar a moça de lado quando ela desnudou o coração para você. — A voz de Aviendha era ríspida e desdenhosa. — Ela escreveu duas cartas, expondo tudo, como se tivesse se despido debaixo do teto de sua mãe. Você a atrai para os cantos para beijá-la, depois a rejeita. Elayne foi honesta em cada palavra daquelas cartas, Rand al'Thor! Egwene me contou. Ela foi honesta em cada palavra. O que é que você quer com ela, aguacento?

Rand esfregou a mão nos cabelos e precisou ajeitar a *shoufa*. Elayne fora honesta em cada palavra? Nas duas cartas? Era impossível. Uma contradizia a outra quase ponto a ponto! De repente, levou um susto. *Egwene* contara a ela? Sobre as cartas de Elayne? As mulheres conversavam sobre essas coisas? Planejavam juntas as melhores maneiras de confundir um homem?

Percebeu que sentia falta de Min. Min nunca o fizera parecer um idiota. Bem, não mais de uma ou duas vezes. E nunca o insultara.

Bem, ela o chamara de “pastor” algumas vezes. Mas Rand se sentia à vontade perto dela, confortável, de um jeito estranho. Ela jamais o fizera se sentir um completo idiota, como Elayne e Aviendha.

O silêncio dele pareceu irritar ainda mais a Aiel, se tal coisa fosse possível. Resmungando sozinha, caminhando a passos largos como se quisesse esmagar alguma coisa, ela arrumou e rearrumou o xale meia dúzia de vezes. Enfim os resmungos cessaram. Em vez disso, ela passou a encará-lo. Feito um abutre. Rand não sabia como ela não tropeçava e caía de cara no chão.

— Por que você está me olhando desse jeito?

— Estou escutando, Rand al’Thor, já que você quer que eu fique em silêncio. — Aviendha sorriu, rangendo os dentes. — Não gosta que eu escute você?

Ele olhou para Mat, que balançou a cabeça atrás dela. Era impossível entender as mulheres, ponto final. Rand tentou refletir sobre o que o aguardava, mas era difícil, com os olhos da mulher em cima dele. Seriam belos olhos, se não estivessem cheios de rancor, mas ele preferiria que Aviendha estivesse encarando outra coisa.

Protegendo os olhos do brilho do sol, Mat fazia o possível para não encarar Rand e a Aiel que caminhava a passos largos entre os cavalos dos dois. Não entendia por que Rand a aguentava. Aviendha era muito bonita, sem dúvida — mais do que bonita, ainda mais agora que usava um arremedo de roupas decentes — mas tinha uma língua ferina e um temperamento que fazia Nynaeve parecer dócil. Achava ótimo que Rand estivesse preso à mulher, e não ele.

Puxou o lenço da cabeça e enxugou o suor do rosto, depois amarrou-o de volta. O calor e o sol incessante nos olhos estavam começando a irritá-lo. Será que não havia uma única sombra naquela terra inteira? O suor fazia as feridas arderem. Ele recusara a Cura na noite anterior, quando Moiraine o acordara depois de ele finalmente conseguir pegar no sono. Uns poucos cortes eram um preço baixo para não ter o Poder usado em si, e o chá nojento das Sábias dera um alívio na dor de cabeça. Bem, de certo modo. Não acreditava que Moiraine fosse capaz de fazer algo a respeito da outra coisa que o afligia, e também não tinha intenção de contar a ela até que ele mesmo tivesse compreendido. Se é que contaria depois. Não queria nem pensar a respeito.

Moiraine e as Sábias o observavam. Observavam Rand, na verdade, mas a sensação era a mesma. Foi uma surpresa notar que a de cabelos dourados, Melaine, montara em Aldieb atrás da Aes Sedai e cavalgava desajeitada, segurando Moiraine pela cintura, enquanto as duas conversavam. Ele não sabia que os Aiel cavalgavam. Uma mulher muito bonita, Melaine, com aqueles olhos verdes impetuosos. Exceto,

naturalmente, pelo fato de que ela conseguia canalizar. Só mesmo um completo idiota para se meter com uma dessas. Remexendo-se na sela de Pips, lembrou a si mesmo que o que os Aiel faziam não era de sua conta.

Estive em Rhuidean. Fiz o que aquela gente traiçoeira disse que eu tinha de fazer. E o que ganhara com aquilo? *Essa porcaria de lança, um medalhão de prata e… Eu podia ir embora agora. Se tiver algum bom senso, eu vou.*

Ele poderia ir. Tentar encontrar sozinho a saída do Deserto, antes que morresse de sede ou insolação. Poderia, se Rand ainda não o estivesse puxando, segurando. A maneira mais fácil de descobrir seria simplesmente tentar ir embora. Encarando a paisagem sombria, ele fez uma careta. Um vento se elevou — parecia soprar de um forno superaquecido — e pequenos torvelinhos afunilados de poeira amarela subiram do chão rachado. A névoa quente fazia as montanhas ao longe cintilarem. Talvez fosse melhor ficar um pouquinho mais.

Uma das Donzelas que saíra como batedora voltou correndo e inclinou-se ao lado de Rhuarc, falando apenas em seu ouvido. A mulher abriu um sorriso para Mat, ao terminar, e ele se ocupou em puxar um carrapicho da crina de Pips. Lembrava-se muito bem dela, uma Donzela de cabelos ruivos chamada Dorindha, mais ou menos da idade de Egwene. Dorindha fora uma das que tentara convencê-lo a jogar O Beijo da Donzela. Cobrara a primeira prenda. Não que ele não quisesse cruzar os olhos com os da moça, e não que não pudesse, mas era importante tirar os carrapichos do cavalo, e tudo o mais.

— Mascates — anunciou Rhuarc, quando Dorindha voltou feito uma flecha por onde viera. — Carroções de mascates vindo nesta direção. — Ele não parecia satisfeito.

Mat, no entanto, se viu bastante animado. Um mascate poderia ser muito bem o que ele precisava. Se o sujeito conhecia o caminho de entrada, conhecia o de saída. Ele se perguntou se Rand suspeitava de suas ideias. O amigo estava tão impassível quanto qualquer Aiel.

Os Aiel apertaram um pouco o passo — o povo de Couladin seguiu o ritmo dos Jindo e do grupo das Sábias sem hesitar; decerto seus batedores também tinham levado a notícia. Todos caminhavam rápido o bastante para que os cavalos tivessem de manter um ritmo ligeiro. O sol não incomodava os Aiel, nem mesmo os *gai'shain* de robes brancos. Eles deslizavam pelo solo rachado.

A menos de duas milhas, os carroções surgiram em seu campo de visão. Dezoito deles, enfileirados. Todos pareciam exibir os sinais de desgaste de uma viagem difícil, com as rodas reserva surradas em todos os pontos. Apesar da camada de poeira amarela, os dois primeiros pareciam caixas brancas sobre rodas, ou mesmo casinhas, com degraus de madeira nos fundos e uma chaminé de metal

projetando-se do teto. Os três últimos, puxados por engates de vinte mulas, pareciam apenas imensos barris, também brancos, decerto cheios d'água. Os que iam no meio teriam se passado por carroções de mascates em Dois Rios, com rodas raiadas altas e pesadas e amontoados de panelas e outras coisas de metal tilintando nas grandes redes presas às coberturas de lona comprida.

Os condutores dos carroções frearam as rédeas assim que avistaram os Aiel, esperando que se aproximassem. Um homem pesado de casaco cinza-claro e chapéu escuro de aba larga desceu dos fundos do primeiro carroção e ficou observando, de vez em quando tirando o chapéu para secar a testa com um grande lenço branco. Se estava nervoso, já que encarava uns mil e quinhentos Aiel deslizando em sua direção, Mat não o culpava. O mais estranho eram as expressões nos rostos dos Aiel mais perto de Mat. Rhuarc, trotando adiante do cavalo de Rand, fechara a cara e estava com o rosto soturno, e Heirn tinha uma expressão capaz de detonar pedregulhos.

— Não entendo — comentou Mat. — Parece que vocês vão matar alguém. — Aquilo sem dúvida era o fim de todas as esperanças. — Pensei que houvesse três tipos de gente que vocês Aiel deixavam entrar aqui no Deserto: mascates, menestréis e o Povo Errante.

— Mascates e menestréis são bem-vindos — retrucou Heirn, em um tom áspero.

Se aquilo eram boas-vindas, Mat não queria ver os Aiel quando não estavam sendo hospitaleiros.

— E o Povo Errante? — perguntou, curioso. Quando Heirn manteve o silêncio, ele acrescentou: — Latoeiros? Os Tuatha'an?

O rosto do chefe de ramo ficou ainda mais rígido antes de ele voltar o olhar outra vez para os carroções. Aviendha fuzilou Mat com os olhos, como se ele fosse um idiota.

Rand aproximou Jeade'en de Pips.

— Se eu fosse você, não mencionaria os latoeiros perto dos Aiel — disse baixinho. — É… um assunto delicado.

— Se você diz. — Por que *latoeiros* eram um assunto delicado? — Para mim, parece que eles já estão bastante irritados com esse mascate. Mascate! Eu me lembro de mercadores que apareciam em Campo de Emond com menos carroções.

— Ele entrou no Deserto. — Rand deu uma risadinha. Jeade'en jogou a cabeça para trás e deu uns passos bambos. — Será que vai sair?

O sorriso de Rand não chegava aos olhos. Às vezes, Mat quase desejava que o amigo decidisse de uma vez se estava ou não louco e acabasse logo com tudo. Quase.

A trezentas passadas dos carroções, Rhuarc fez um gesto para que

o grupo parasse, e ele e Heirn prosseguiram sozinhos. Pelo menos, aquela parecia ter sido a intenção do homem, mas Rand cravou os calcanhares no garanhão sarapintado e foi atrás dos dois, e a centena de inevitáveis guarda-costas Jindo o acompanhou. E Aviendha, naturalmente, que estava colada em Rand como se estivesse amarrada à sela de Jeade'en. Mat foi cavalgando com os outros. Se Rhuarc mandasse o camarada fazer as malas, não pretendia perder a chance de ir junto.

Couladin veio trotando do grupo dos Shaido. Sozinho. Talvez tivesse a intenção de fazer o mesmo que Rhuarc e Heirn, mas Mat suspeitou que o homem chamava a atenção para o fato de que ia sozinho aonde Rand precisava de cem guardas. A princípio, pareceu que Moiraine também se aproximaria, mas ela e as Sábias trocaram algumas palavras e ficaram onde estavam. Só que observavam, atentas. A Aes Sedai desceu da montaria, mexendo em um objeto pequeno e reluzente, e Egwene e as Sábias se agruparam à volta dela.

Ao chegar perto, Mat viu que, apesar de ficar secando o rosto, o homem grande de casaco cinza não parecia incomodado, embora tivesse se sobressaltado quando Donzelas surgiram do nada e rodearam os carroções. Os condutores, sujeitos de rostos duros e mais do que uma boa cota de cicatrizes e narizes quebrados, pareciam prontos para se esconder sob os assentos. Comparados aos lobos Aiel, eles não eram mais que cachorros de rua selvagens. O mascate se recuperou depressa. Não era gordo, apesar do tamanho. Todo aquele peso eram músculos. Rand e Mat, em cima dos cavalos, foram alvo de seus olhares curiosos, mas ele distinguiu Rhuarc logo de primeira. O nariz curvo e aquilino e os olhos escuros e oblíquos conferiam um ar predatório ao rosto quadrado e moreno do homem, que não se suavizou quando ele abriu um sorriso largo e deslizou da cabeça o chapéu de aba larga, em uma mesura.

— Sou Hadnan Kadere, mascate — anunciou. — Procuro o Forte das Pedras Frias, bons senhores, mas faço negócios com qualquer um e com todos. Tenho muitos produtos excelentes…

Rhuarc cortou o homem feito uma faca afiada.

— Você está muito longe das Pedras Frias ou de qualquer forte. Como foi que chegou tão longe da Muralha do Dragão sem um guia?

— Eu não sei, bom senhor. — Kadere não fechou o sorriso, mas contraiu um pouco os cantos da boca. — Tenho viajado sem disfarce. Esta é minha primeira visita tão ao sul da Terra da Trindade. Pensei que talvez aqui não houvesse guias.

Couladin bufou alto e rodopiou uma das lanças preguiçosamente. Kadere encolheu os ombros, como se já sentisse o aço deslizando pelo corpo compacto.

— Sempre há guias — respondeu Rhuarc, com frieza. — Você

teve sorte de chegar tão longe sem um. Sorte de não estar morto, nem de precisar voltar nu em pelo para a Muralha do Dragão. — Kadere abriu um sorriso constrangido, cheio de dentes, e o chefe de clã continuou. — Teve sorte de nos encontrar. Se tivesse continuado por esse caminho por mais um ou dois dias, teria chegado até Rhuidean.

O rosto do mascate ficou cinza.

— Eu ouvi… — Ele parou para engolir. — Eu não sabia, bons senhores. Os senhores têm de acreditar, eu não faria tal coisa. Nem mesmo por acidente — acrescentou depressa. — Que a Luz ilumine minhas verdadeiras palavras, bons senhores, eu não faria!

— O que é bom — retrucou Rhuarc — pois as penalidades são severas. Você pode viajar comigo até as Pedras Frias. Não seria bom se perder. A Terra da Trindade pode ser um lugar perigoso para os que não a conhecem.

Couladin ergueu a cabeça, desafiador.

— Por que não comigo? — retrucou, em uma voz penetrante. — Os Shaido estão em maior número, Rhuarc. Por costume, ele viaja comigo.

— Você virou chefe do clã enquanto eu não estava olhando? — O Shaido de cabelos de fogo enrubesceu, mas Rhuarc não demonstrou qualquer sinal de satisfação, apenas prosseguiu com aquela voz impassível. — O mascate procura as Pedras Frias. Ele seguirá comigo. Os Shaido que estão com você podem negociar com ele enquanto viajamos. Os Taardad não estão tão famintos por mascates a ponto de querermos estes só para nós.

O rosto de Couladin ficou ainda mais sombrio, mas ele moderou o tom, ainda que o esforço o fizesse falar em um ganido.

— Acamparei perto das Pedras Frias, Rhuarc. Aquele Que Vem Com a Aurora diz respeito a *todos* os Aiel, não apenas aos Taardad. Os Shaido terão o lugar que merecem. Os Shaido também seguirão Aquele Que Vem Com a Aurora.

Mat percebeu que o homem não reconhecera que era de Rand que falava. Espiando os carroções, seu amigo parecia não escutar a conversa.

Rhuarc fez silêncio por um instante.

— Os Shaido serão hóspedes bem-vindos nas terras dos Taardad, se decidirem seguir Aquele Que Vem Com a Aurora. — Isso também era ambíguo.

Kadere passara o tempo todo esfregando o rosto, decerto vendo-se no meio de uma batalha entre Aiel. O homem pontuou o convite de Rhuarc com um suspiro pesado de alívio.

— Obrigado, bons senhores. Obrigado. — Sem dúvida, por não o terem matado. — Quem sabe os senhores gostariam de ver o que meus carroções têm a oferecer? Algo especial que possam estar querendo?

— Mais tarde — disse Rhuarc. — Passaremos a noite em Parada de Imre, e lá você pode mostrar suas mercadorias. — Couladin foi se afastando a passos firmes depois de ouvir o nome Parada de Imre, fosse lá o que fosse. Kadere começou a pôr o chapéu de volta na cabeça.

— Um chapéu — disse Mat, puxando as rédeas de Pips mais para perto do mascate. Se tinha de permanecer mais algum tempo no Deserto, pelo menos poderia proteger os olhos do maldito sol. — Dou um marco de ouro por um chapéu feito esse.

— Fechado! — gritou uma voz de mulher, rouca e melodiosa.

Mat olhou em volta e levou um susto. A única mulher à vista, além de Aviendha e as Donzelas, vinha caminhando do segundo vagão, mas sem dúvida não combinava com a voz, uma das mais encantadoras que ele já ouvira. Rand franziu o cenho para ela e balançou a cabeça, e havia motivo. A mulher era um pé mais baixa que Kadere e devia pesar o mesmo, ou mais. As camadas de gordura quase escondiam os olhos escuros, sem deixar entrever se eram ou não oblíquos, mas o nariz fazia o do mascate parecer pequeno. Usava um vestido de seda cor de creme todo justo no corpanzil, um xale de renda branca sobre a cabeça e elaborados pentes de marfim enfiados nos cabelos grossos e negros. Ela se movia com uma leveza inesperada, quase feito uma Donzela.

— Uma boa oferta — disse a mulher, naquele tom musical. — Sou Keille Shaogi, mascate. — Ela arrancou o chapéu de Kadere e empurrou-o para Mat. — É bem grosso, meu bom senhor, e quase novo. O senhor vai precisar de um assim para sobreviver à Terra da Trindade. Um homem pode morrer de repente, neste lugar. — Ela estalou os dedos gordos, para enfatizar a rapidez com que a morte poderia chegar. — A risada súbita tinha a mesma característica gutural e amorosa da voz. — Ou uma mulher. Um marco de ouro, o senhor disse. — Quando Mat hesitou, os olhos meio escondidos da mulher cintilaram, negros como os de um corvo. — É raro eu oferecer duas vezes a mesma barganha.

Uma mulher peculiar, para dizer o mínimo. Kadere não protestou, exceto por uma leve careta. Se Keille era sua parceira, não havia dúvida de quem mandava. E, se o chapéu evitasse que a cabeça de Mat torrasse, realmente valia o preço, em sua opinião. Antes de soltar o chapéu a mulher mordeu o marco taireno que ele lhe entregou. Incrivelmente, o chapéu serviu. E, ainda que aquela aba larga não refrescasse, pelo menos proporcionava uma sombra abençoada. Guardou o lenço no bolso do casaco.

— Algo para os outros? — A mulher robusta passou os olhos pelos Aiel. — Que bela criança — murmurou para Aviendha, com um esgar de dentes que talvez fosse um sorriso. Para Rand disse, com

doçura: — E o senhor? — A voz que saía daquele rosto era realmente dissonante, sobretudo quando assumia o tal tom aveludado. — Algo para protegê-lo desta terra desesperadora? — Virando Jeade'en para poder olhar os condutores dos carroções, Rand apenas balançou a cabeça. Com aquela *shoufa* enrolada no rosto, ele de fato parecia um Aiel.

— À noite, Keille — disse Kadere. — Abriremos os negócios à noite, em um lugar chamado Parada de Imre.

— Ah, abriremos, é? — Ela espiou a fileira de Shaido por um longo instante, depois encarou o grupo das Sábias por um instante ainda mais longo. Então se virou para o próprio carroção e falou por sobre o ombro, para o outro mascate: — Então por que é que você está atrasando esses bons senhores? Mexa-se, Kadere. Mexa-se.

Rand a encarou, balançando a cabeça outra vez.

Havia um menestrel ao fundo, perto do carroção dela. Mat piscou, pensando que o calor o estava afetando, mas o sujeito não desapareceu. Era um homem de meia-idade, com cabelos escuros, usando um manto coberto de retalhos. O homem observava a reunião, apreensivo, até que Keille o empurrou para dentro do carroção à frente. Kadere encarou o carroção branco da mulher com o rosto mais impassível do que o de um Aiel antes de seguir até o seu pisando firme. Sem dúvida, um bando esquisito.

— Você viu o menestrel? — perguntou Mat a Rand, que assentiu distraído, encarando a fileira de carroções como se nunca tivesse visto um. Rhuarc e Heirn já estavam retornando para o restante dos Jindo. A centena que rodeava Rand aguardava pacientemente, dividindo a atenção entre ele e qualquer coisa que pudesse esconder um ratinho que fosse. Os condutores começaram a pegar as rédeas, mas Rand não se mexeu. — Povo estranho esses mascates, você não acha, Rand? Mas imagino que seja preciso ser estranho para vir para o Deserto. Olhe só para nós. — O comentário fez Aviendha esboçar uma careta, mas Rand pareceu não ter ouvido. Mat queria que ele dissesse algo. Qualquer coisa. Aquele silêncio era enervante. — Você imaginava que escoltar um mascate fosse uma honra tão grande a ponto de fazer Rhuarc e Couladin brigarem? Entende alguma coisa desse *ji'e'toh*?

— Você é *mesmo* um imbecil — resmungou Aviendha. — Não teve nada a ver com o *ji'e'toh*. Couladin está tentando se comportar como um chefe de clã. Rhuarc não pode permitir isso até que… *a não ser que* ele vá para Rhuidean. Os Shaido roubariam ossos de um cachorro, roubariam os ossos *e* o cachorro, mas até eles merecem um chefe de verdade. E, graças a Rand al'Thor, temos que dar permissão a mil deles para assentarem as tendas em nossas terras.

— Os olhos dele — comentou Rand, sem desviar o olhar dos carroções. — Homem perigoso.

Mat franziu o cenho para ele.

— Os olhos de quem? De Couladin?

— De Kadere. Todo aquele suor, a cara branca. Mas os olhos dele não se alteraram. A gente sempre tem que prestar atenção nos olhos. Não na aparência.

— Claro, Rand. — Mat se remexeu na sela, meio erguendo as rédeas, como se fosse cavalgar. Talvez o silêncio não fosse tão ruim. — Temos que prestar atenção nos olhos.

Rand desviou a atenção para os topos dos montes e colinas mais próximos, girando a cabeça de um lado para outro.

— O risco é o tempo — murmurou. — O tempo prepara armadilhas. Preciso evitar as deles enquanto apronto a minha.

Não havia nada por lá que Mat pudesse distinguir além de alguns poucos arbustos espaçados e, vez ou outra, uma árvore mirrada. Aviendha franziu o cenho para os cumes, depois para Rand, ajustando o xale.

— Armadilhas? — perguntou Mat. *Luz, permita que ele me dê uma resposta que não seja louca.* — Quem é que está preparando armadilhas?

Por um instante, Rand o encarou como se não compreendesse a pergunta. Os carroções dos mascates começaram a avançar com uma escolta de Donzelas trotando ao lado, virando-se para seguir os Jindo que passavam a passos largos, seguidos pelos Shaido. Mais Donzelas dispararam na frente, para escoltá-los. Apenas os Aiel ao redor de Rand ficaram parados, embora o grupo das Sábias se movesse bem devagar, observando. Pelos gestos de Egwene, Mat achou que ela queria ir até eles e conferir como estavam.

— Não dá para ver, nem sentir — respondeu Rand, por fim. Ele inclinou-se um pouco em direção a Mat e sussurrou alto, como se estivesse fingindo. — Cavalgamos com o mal, agora, Mat. Tome cuidado.

O rapaz exibia aquele sorriso estranho outra vez, enquanto observava os carroções se arrastando.

— Acha que esse Kadere é *mau*?

— É um homem perigoso, Mat, os olhos sempre denunciam, mas quem é que pode dizer? Porém, que motivo eu tenho para me preocupar, com Moiraine e as Sábias olhando por mim? E não podemos nos esquecer de Lanfear. Será que algum homem já esteve sob olhares tão atentos? — De súbito, Rand se endireitou na sela. — Começou — murmurou ele. — Eu queria ter a sua sorte, Mat. Começou, e agora não dá para voltar atrás, não importa para que lado a espada caia. — Assentindo para si mesmo, ele arrancou com o cavalo sarapintado atrás de Rhuarc. Aviendha foi trotando ao lado, e os cem Jindo seguiram atrás.

Mat ficou bastante satisfeito em ir também. Melhor do que ser deixado ali, sem dúvida. O sol queimava no alto de um céu azul e cruel. Ainda havia um longo caminho pela frente até o pôr do sol. Tinha começado? O que ele queria dizer com isso? Tinha começado em Rhuidean. Ou melhor, em Campo de Emond, na Noite Invernal, um ano antes. “Cavalgando com o mal” e “não dá para voltar atrás”? E Lanfear? Rand estava caminhando no fio da navalha, agora. Sem sombra de dúvida. Tinha de haver um jeito de sair do Deserto antes que fosse tarde demais. De tempos em tempos, Mat examinava os carroções dos mascates. Antes que fosse tarde demais. Isso se já não fosse.

37



A Parada de Imre

O sol ainda estava alto no horizonte irregular a oeste quando Rhuarc informou que a Parada de Stand, onde pretendia passar a noite, estava a cerca de apenas uma milha.

— Por que já estamos parando? — perguntou Rand. — Ainda faltam horas para escurecer.

Foi Aviendha, caminhando ao lado de Jeade'en, do lado oposto ao chefe de clã, quem respondeu, no tom zombeteiro que ele esperava:

— Tem água na Parada Imre. É melhor acampar perto d'água, quando há oportunidade.

— E os carroções dos mascates não vão aguentar avançar muito mais — acrescentou Rhuarc. — Eles precisam parar quando as sombras se alongam, senão começam a quebrar as rodas e as pernas das mulas. Não quero deixá-los para trás. Não tenho como destacar homens para cuidar deles, e Couladin tem gente de sobra.

Rand se remexeu na sela. Agora flanqueados pelos *Duadhe Mahdi'in* dos Jindo, os Buscadores das Águas, os carroções seguiam, pesados, algumas centenas de passadas ao lado, balançando e levantando uma cortina alta de poeira amarelada. A maioria dos fossos era muito funda ou tinha paredões íngremes demais, forçando os condutores a contorná-los, por isso o comboio se contorcia feito uma cobra bêbada. Xingamentos eram ouvidos por toda a fileira vacilante, a maioria culpando as mulas pela coisa toda. Kadere e Keille ainda estavam em seus carroções pintados de branco.

— Não — disse Rand — você não quer mesmo fazer isso.

Ele riu baixinho, a contragosto.

Mat o encarava de um jeito estranho por sob a aba larga do novo chapéu. Rand abriu o que esperava ser um sorriso reconfortante, mas a expressão do rapaz não se alterou. *Ele vai ter de se cuidar sozinho*, pensou Rand. *Tem coisa demais acontecendo.*

Por falar em cuidar… Deu-se conta de que Aviendha, com o xale enrolado na cabeça feito uma *shoufa,* o observava com atenção.

Endireitou-se outra vez. Moiraine decerto a mandara para pajeá-lo, mas ele tinha a impressão de que a mulher estava esperando para vê-lo cair. Sem dúvida acharia engraçado se isso acontecesse, dado o humor dos Aiel. Queria pensar que ela apenas se ressentia por ter sido enfiada em um vestido e mandada para vigiá-lo, mas o brilho raivoso em seus olhos parecia ter uma motivação pessoal demais para isso.

Pela primeira vez, Moiraine e as Sábias *não* estavam observando Rand. A meio caminho entre os Jindo e os Shaido, Moiraine e Egwene caminhavam com Amys e as outras, todas as seis encarando algo que a Aes Sedai trazia nas mãos. O objeto captava a luz do sol poente e cintilava feito uma pedra preciosa. As mulheres de fato pareciam concentradas, como qualquer garota admirando uma bela joia. Lan cavalgava ao fundo, entre os *gai'shain* e os cavalos de carga, como se as mulheres o tivessem dispensado.

A cena deixou Rand incomodado. Já estava acostumado a ser o centro das atenções daquele grupo. O que teriam encontrado de mais interessante? Sem dúvida nada que fosse deixá-lo feliz, não com Moiraine envolvida, e decerto não com Amys ou as outras. Todas tinham planos para ele. Egwene era a única em quem ele confiava de verdade. *Luz, espero que eu ainda possa confiar nela.* A única pessoa em quem ele de fato podia confiar era em si mesmo. *Quando aparece o javali, é só você e a sua lança.* Dessa vez, a risada teve um toque de amargor.

— Acha a Terra da Trindade divertida, Rand al'Thor? — Aviendha mostrou brevemente os dentes brancos, em um sorriso. — Ria enquanto pode, aguacento. Quando esta terra começar a destruí-lo, você terá a punição adequada pela forma como tratou Elayne.

Por que a mulher não dava uma trégua?

— Você não mostra qualquer respeito pelo Dragão Renascido — retrucou Rand, bruscamente — mas podia tentar ter um pouco pelo *Car'a'carn*.

Rhuarc deu uma risadinha.

— Um chefe de clã não é um rei aguacento, Rand, nem o *Car'a'carn*. Existe respeito, embora as mulheres costumem demonstrar o mínimo possível. Qualquer um pode falar com um chefe. — Ainda assim, o homem mostrou uma carranca para a jovem do outro lado do cavalo de Rand. — Só que alguns forçam os limites da honra.

Aviendha decerto percebeu que a última frase fora para seus ouvidos. Seu rosto virou uma pedra. No entanto, ela seguiu caminhando sem dizer uma palavra, com os punhos cerrados ao lado do corpo.

Um par de Donzelas batedoras apareceu, correndo de volta até o grupo. Estava claro que as duas não estavam trabalhando juntas: uma

rumou direto para os Shaido, e a outra, para os Jindo. Rand a reconheceu, uma mulher de cabelos loiros chamada Adelin, vistosa, porém de feições severas, com uma cicatriz traçando uma linha fina na bochecha queimada de sol. Era uma das que tinham estado na Pedra, porém mais velha do que a maioria das outras Donzelas, talvez uns dez anos mais do que ele. O rápido olhar que a mulher lançou a Aviendha antes de se postar ao lado de Rhuarc, um misto de curiosidade e compaixão, fez Rand se arrepiar. Se Aviendha concordara em espionar para as Sábias, decerto não merecia compaixão. A companhia dele não era tão onerosa assim. Adelin o ignorou por completo.

— Há problemas na Parada de Imre — disse a Rhuarc, ligeira e áspera. — Não há ninguém por lá. Ficamos escondidas e não nos aproximamos.

— Bom — respondeu Rhuarc. — Informe as Sábias.

Sem nem perceber que erguia as lanças, o homem retornou ao grupo principal dos Jindo. Aviendha resmungou para si mesma e puxou as saias, obviamente querendo juntar-se a ele.

— Acho que elas já sabem — comentou Mat quando Adelin correu em direção ao grupo das Sábias.

Pela agitação das mulheres ao redor de Moiraine, Rand achou que o amigo estivesse certo. Todas pareciam falar ao mesmo tempo. Egwene protegia os olhos com a mão, fitando ou Adelin ou ele, e mantinha a outra mão na boca. Como elas tinham ficado sabendo era uma pergunta a ser respondida depois.

— Que tipo de problema? — perguntou a Aviendha. Ainda resmungando sozinha, a jovem não respondeu. — Aviendha? Que tipo de problema? — Nada. — Que a queime, mulher, você consegue responder uma pergunta simples! Que tipo de problema?

A moça enrubesceu, mas a resposta veio em um tom firme.

— Está com cara de ter sido um ataque às cabras ou às ovelhas. Dava para criar ambas em Imre para pasto, mas é mais provável que fossem cabras, por causa da água. Devem ter sido os Chareen, o ramo da Montanha Branca, ou os Jarra. Eles ficam mais perto daqui. Ou pode ter sido um ramo dos Goshien. Acho que os Tomanelle estão longe demais para isso.

— Vai haver luta? — Ele buscou *saidin*; a doce torrente de Poder o inundou. O ranço da mácula jorrou por seu corpo, e suor fresco brotou por todos os poros. — Aviendha?

— Não. Adelin teria nos contado se os invasores ainda estivessem lá. O rebanho e os *gai'shain* já estão a milhas daqui, a essa altura. Não podemos recuperar o rebanho porque temos que acompanhar você.

Ele se perguntou por que ela não dissera nada sobre resgatar os prisioneiros, os *gai'shain*, mas não gastou muito tempo nisso. O esforço

para manter-se de pé enquanto se agarrava a *saidin*, para não esmorecer e ser arrebatado, não deixava espaço para devaneios.

Rhuarc e os Jindo dispararam na frente, já cobrindo o rosto com o véu, e Rand seguiu mais devagar. Aviendha lhe lançava olhares impacientes, mas Rand conduzia Jeade'en apenas a um passo ligeiro. Não sairia galopando em direção a uma armadilha. Pelo menos Mat não estava com pressa. O rapaz hesitou, encarando os carroções dos mascates, antes de arrancar com Pips a meio galope. Rand não olhava para os carroções.

Os Shaido ficaram para trás, reduzindo o passo até que as Sábias recomeçassem a se movimentar. Claro. Aquela terra era dos Tardaad. Couladin não se importaria se houvesse um ataque ali. Rand torceu para que os chefes dos clãs pudessem se reunir logo em Alcair Dal. Como poderia unir um povo que não parava de brigar entre si? Essa agora era a menor de suas preocupações.

Quando a Parada de Imre enfim entrou em seu campo de visão, foi uma surpresa. Uns poucos rebanhos isolados de cabras com longos pelos brancos pastavam em trechos de grama dura e até nas folhas de arbustos espinhentos. De início, Rand não viu a construção de pedra bruta erigida na base de um monte alto. As pedras se mesclavam perfeitamente, e vários espinheiros haviam fincado raiz no teto coberto de poeira. Não era muito grande, tinha seteiras no lugar de janelas e apenas uma porta visível. Depois de um instante, ele avistou outra construção do mesmo tamanho, cravada em uma saliência umas vinte passadas acima. Uma fresta profunda corria pela saliência e seguia para trás da casa de pedra na base. Não havia outro caminho à vista para chegar até lá.

Rhuarc, parado a cerca de vinte passadas do monte, de véu baixado, era o único Jindo visível. Não significava que os outros não estivessem ali, claro. Rand cavalgou até ele e desceu do cavalo. O chefe de clã continuou a analisar as construções de pedra.

— As cabras — disse Aviendha, em um tom preocupado. — Saqueadores não teriam deixado nenhuma para trás. A maioria sumiu, mas está quase parecendo que o rebanho foi deixado solto.

— Por dias — concordou Rhuarc, desviando os olhos da construção — ou haveria mais. Por que ninguém aparece? Eles deveriam ver meu rosto e me reconhecer.

O homem arrancou à frente, sem fazer objeção quando Rand juntou-se a ele, guiando Jeade'en. Aviendha mantinha uma das mãos na faca de cintura, e Mat, cavalgando atrás, segurava a lança de cabo preto como se achasse que fosse precisar dela.

A porta era de madeira bruta, formada de tábuas pequenas e estreitas. Algumas das ripas robustas de suporte estavam partidas,

destruídas por machados. Rhuarc hesitou um instante antes de abrir. Mal olhou para dentro antes de correr os olhos pelo campo à volta.

Rand pôs a cabeça para dentro. Não havia ninguém. O interior, iluminado por feixes que entravam pelas seteiras, era composto de apenas um cômodo. Claramente não era uma habitação, somente um local para os pastores se abrigarem e se defenderem, em caso de ataque. Não se via mobília, nada de mesas ou cadeiras. Havia uma lareira aberta abaixo de um buraco no teto, com as paredes negras de fuligem. A ampla abertura da parte de trás exibia marcas de pegadas na fuligem da pedra cinzenta. O lugar fora saqueado. Roupas de cama, cobertores, panelas, tudo estava espalhado pelo chão de pedra, em meio a almofadas e travesseiros destruídos. Algum líquido fora derramado por cima de tudo, inclusive nas paredes e no teto, e agora estava seco e negro.

Quando percebeu o que era, Rand deu um salto para trás, e a espada forjada no Poder surgiu em suas mãos antes mesmo de ele pensar em invocá-la. Sangue. Tanto sangue. Um massacre ocorrera ali, algo mais brutal do que tudo que ele poderia imaginar. Nada se movia além das cabras.

Aviendha se afastou na mesma velocidade com que entrara.

— Quem? — inquiriu, incrédula, os grandes olhos azul-esverdeados cheios de fúria. — Quem faria uma coisa dessas? Cadê os mortos?

— Trollocs — murmurou Mat. — Para mim, parece coisa de Trollocs.

Ela soltou uma bufada de desdém.

— Trollocs não entram na Terra da Trindade, aguacento. Pelo menos, não avançam mais que algumas milhas para além da Praga, e muito raramente. Ouvi dizer que eles chamam a Terra da Trindade de Campo da Morte. Nós caçamos Trollocs, aguacento; não o contrário.

Nada se movia. Rand largou a espada e afastou *saidin*. Era difícil. A doçura do Poder era quase suficiente para suplantar a imundície da mácula; o júbilo absoluto era quase o bastante para que ele não se importasse. Mat tinha razão, independentemente do que Aviendha dissesse. Mas aquilo era coisa antiga, os Trollocs já não estavam ali. Trollocs no Deserto, em um lugar onde ele iria. Não era idiota a ponto de pensar que era coincidência. *Mas, se pensarem que eu sou, talvez acabem se descuidando.*

Rhuarc fez um gesto para que os Jindo entrassem — eles pareceram brotar do chão — e, algum tempo depois, surgiram os outros, os Shaido, os carroções dos mascates e o grupo das Sábias. Logo correu a notícia do que havia sido encontrado, e a tensão entre os Aiel aumentou. Eles se moviam como se aguardassem um ataque iminente, talvez vindo de si próprios. Batedores se dispersaram em

todas as direções. Soltando os arreios das mulas, os condutores dos carroções olhavam em volta, agitados, parecendo prontos para pular debaixo dos carroções ao primeiro berro.

Por um tempo o lugar mais parecia um formigueiro agitado. Rhuarc fez os mascates alinharem os carroções nos limites do acampamento dos Jindo. Couladin o encarou, furioso, pois aquilo significava que qualquer Shaido que quisesse negociar teria que ir até os Jindo, mas não discutiu. Talvez mesmo ele percebesse que, naquele momento, isso poderia levar todos a dançarem as lanças. As tendas dos Shaido estavam a cerca de um quarto de milha, com as Sábias no meio, como de costume. As Sábias examinaram o interior das construções, assim como Moiraine e Lan, mas, se haviam chegado a alguma conclusão, não revelaram a ninguém.

A água na Parada de Imre era um diminuto córrego atrás da fenda, alimentando um laguinho fundo e meio redondo, com cerca de duas passadas de diâmetro, que Rhuarc chamava de tanque. Suficiente para pastores, suficiente para os Jindo encherem alguns cantis. Nenhum Shaido se aproximou. Nas terras dos Taardad, os Jindo tinham preferência no direito à água. Parecia que as cabras conseguiam se hidratar apenas com as folhas grossas dos arbustos espinhentos. Rhuarc garantiu a Rand que haveria muito mais água na parada seguinte.

Kadere trouxe uma surpresa enquanto os condutores dos carroções soltavam as parelhas e apanhavam baldes dos carroções d'água. Ao sair do seu, Kadere veio acompanhado por uma jovem de cabelos escuros, em um vestido de seda e sandálias de veludo vermelho mais apropriadas para um palácio do que o Deserto. Um lenço fino enrolado quase como uma *shoufa* e um véu não a protegiam do sol, nem encobriam o rosto belo e pálido em formato de coração. Agarrada ao braço do mascate, ela rebolava, provocante, no caminho até o cômodo banhado de sangue; Moiraine e as outras haviam seguido para onde os *gai'shain* estavam erguendo o acampamento das Sábias. Quando a dupla saiu do cômodo, a jovem tremia delicadamente. Rand teve certeza de que era fingimento, bem como teve certeza de que ela pedira para ver a obra do carniceiro. A demonstração de repulsa durou no máximo dois segundos, e logo a mulher encarava os Aiel com interesse.

Parecia que o próprio Rand era uma das coisas que ela queria ver. Kadere estava pronto para levar a mulher de volta ao carroção, mas, em vez disso, ela o conduziu até Rand. Um sorriso sedutor era claramente visível por sob o véu diáfano.

— Hadnan andou me contando a seu respeito — disse a mulher, com a voz nebulosa. Ela podia estar de braços dados com o mascate, mas os olhos escuros perscrutavam Rand com audácia. — Você é o

homem de quem os Aiel andam falando. Aquele Que Vem Com a Aurora.

Keille e o menestrel saíram do segundo carroção e permaneceram lado a lado, observando a distância.

— Parece que sim — respondeu Rand.

— Que estranho. — O sorriso da mulher ganhou um tom perverso e malicioso. — Achei que seria mais bonito. — Tocando o rosto de Kadere, ela suspirou. — Esse calor horrível é desgastante. Não demore.

Kadere não falou até que a mulher tivesse subido os degraus e voltado ao carroção. O chapéu fora substituído por um lenço branco comprido amarrado no alto da cabeça, com as pontas caídas pelo pescoço.

— Perdoe Isendre, bom senhor. Ela as vezes é… muito atrevida. — A voz do homem era apaziguadora, mas os olhos eram como os de uma ave de rapina. Ele hesitou, depois prosseguiu. — Ouvi outras coisas. Ouvi dizer que o senhor tirou *Callandor* do Coração da Pedra.

Os olhos do homem nunca se alteravam. Se ele sabia sobre *Callandor*, sabia que Rand era o Dragão Renascido, que era capaz de manejar o Poder Único. E os olhos não se alteravam. Um homem perigoso.

— Ouvi dizer — retrucou Rand — que não se deve acreditar em nada do que se escuta e só na metade do que se vê.

— Uma regra sábia — respondeu Kadere, depois de um instante. — Contudo, para conquistar a grandeza, um homem tem de acreditar em algo. A crença e o conhecimento pavimentam a estrada para o sucesso. O conhecimento talvez seja o artigo mais valioso do mundo. Todos buscamos o cobre do conhecimento. Peço perdão, meu bom senhor. Isendre não é uma mulher paciente. Talvez tenhamos outra oportunidade de conversar.

Antes que o homem tivesse dado três passos, Aviendha ralhou, em um tom baixo e duro:

— Você pertence a Elayne, Rand al'Thor. Por acaso olha assim para todas as mulheres que aparecem na sua frente, ou só para as que andam seminuas? Se eu tirar a roupa, vai olhar desse jeito para mim? Você pertence a Elayne!

Ele se esquecera de que a jovem estava ali.

— Eu não *pertenço* a ninguém, Aviendha. E quanto a Elayne? Parece que ela não está conseguindo se decidir.

— Elayne desnudou o coração a você, Rand al'Thor. Mesmo que não tenha mostrado isso na Pedra de Tear, não mandou cartas que revelaram o que sente? Você é dela, e de mais ninguém.

Rand jogou as mãos para o alto com impaciência e afastou-se da

mulher a passos firmes. Pelo menos, tentou. Aviendha disparou atrás dele, uma sombra condenadora sob o fulgor do sol.

Espadas. Os Aiel podiam ter esquecido o motivo pelo qual não portavam espadas, mas mantinham o desprezo por elas. Espadas talvez a fizessem deixá-lo em paz. Procurou Lan no acampamento das Sábias e pediu que o Guardião lhe assistisse trabalhar as formas. Bair era a única das quatro à vista, e uma carranca acentuava as rugas de seu rosto. Egwene também não estava por perto. Moiraine exibia uma máscara de tranquilidade, com os olhos castanhos frios. Não tinha como dizer se ela aprovava.

Não estava ali para ofender os Aiel, então instalou-se com Lan entre as tendas das Sábias e as dos Jindo. Usou uma das espadas de treinamento que Lan levava na bagagem, com tornos atados frouxamente no lugar da lâmina. Mas o peso e as proporções estavam corretos, e ele pôde se perder nos movimentos da dança de forma em forma, a espada de prática ganhando vida em suas mãos, parecendo parte de seu corpo. Em geral era assim. Naquele dia, o sol era uma fornalha no céu, assando a umidade e a força. Aviendha acocorou-se de um dos lados, abraçando os joelhos junto ao peito e encarando-o.

Por fim, arfante, Rand baixou os braços.

— Você perdeu a concentração — comentou Lan. — É preciso mantê-la, mesmo que seus músculos virem água. O dia em que perdê-la será o dia de sua morte. E provavelmente nas mãos de um fazendeiro que vai estar tocando em uma espada pela primeira vez.

O Guardião de repente abriu um sorriso, o que parecia estranho naquele rosto empedernido.

— Sei. Bem, não sou mais um fazendeiro, não é? — Os dois haviam conquistado um público, ainda que a distância. Aiel estavam enfileirados no acampamento dos Shaido e no dos Jindo. O corpanzil cor de creme de Keille encontrava-se entre os Jindo, e o menestrel estava atrás dela, com seu manto de retalhos coloridos. Quem escolheria? Não queria que vissem que estava observando-os. — Como é que os Aiel lutam, Lan?

— Com firmeza — respondeu o Guardião, em um tom seco. — Nunca perdem a concentração. Olhe aqui. — Com a espada, o homem desenhou um círculo e setas no chão de terra seca e rachada. — Os Aiel mudam de tática de acordo com as circunstâncias, mas esta aqui é uma das preferidas. Eles se deslocam em colunas, divididos em quatro grupos. Quando encontram um inimigo, o primeiro grupo corre para pegá-lo, enquanto o segundo e o terceiro se afastam, um para cada lado, atacando os flancos e a retaguarda. O último grupo fica aguardando, na reserva, às vezes sem nem assistir à luta, a não ser pelo líder. Quando algum ponto fraco se abre, seja um espaço ou qualquer coisa, o grupo reserva ataca ali. Fim! — Ele

golpeou um círculo já cheio de setas trespassadas com a espada.

— Como é que alguém derrota isso? — perguntou Rand.

— Com dificuldade. Ao primeiro embate, considerando que só com muita sorte alguém avista os Aiel antes do ataque, é preciso mandar cavaleiros para impedir, ou pelo menos atrasar, o ataque aos flancos. Se mantiver a maioria de seu contingente atrás e derrotar o ataque, é possível se voltar contra os outros grupos, um de cada vez, e derrotá-los também.

— Por que você quer aprender a combater os Aiel? — gritou Aviendha, de repente. — Você não é Aquele Que Vem Com a Aurora, aquele que vai nos reunir e recuperar nossas antigas glórias? Além do mais, se quer saber como lutar contra um Aiel, pergunte a um Aiel, não a um aguacento. O jeito dele não funciona.

— Tem funcionado bastante bem com os homens das Terras da Fronteira, de tempos em tempos. — As botas macias de Rhuarc quase não faziam barulho no chão duro. Ele trazia um cantil debaixo do braço. — Sempre somos mais permissivos com alguém que sofre uma decepção, Aviendha, mas existe um limite para o luto. Você abriu mão da lança pela obrigação que tem para com o povo e o sangue. Um dia, sem dúvida, vai forçar um chefe de clã a fazer as suas vontades, em vez das dele. Mas se em vez disso você se tornar Sábia do menor forte do menor ramo dos Taardad, a obrigação permanece, e não pode ser cumprida com arroubos de mau-humor.

Uma Sábia. Rand sentiu-se um idiota. Era óbvio que fora por isso que a jovem adentrara Rhuidean. No entanto, ele nunca teria imaginado que Aviendha escolheria abrir mão da lança. Mas aquilo sem dúvida explicava por que ela fora escolhida para espioná-lo. De súbito surpreendeu-se imaginando se ela seria capaz de canalizar. Parecia que Min era a única mulher em sua vida, desde a Noite Invernal, que não canalizava.

Rhuarc arremessou o cantil cheio d'água para ele. A água tépida desceu pela garganta feito vinho frio. Rand tentou não derramar nada no rosto para não desperdiçar, mas foi difícil.

— Achei que você ia gostar de aprender a lança — comentou Rhuarc, quando Rand enfim baixou o cantil de couro meio vazio.

Pela primeira vez, Rand percebeu que o chefe de clã portava apenas duas lanças e um par de broquéis. Não eram lanças de treinamento, isso se tal coisa existia. Em cada uma delas havia uma lâmina afiada de um pé de comprimento.

Aço ou madeira, os músculos de Rand gritavam por descanso. As pernas pediam para que ele se sentasse, e a cabeça queria repousar em uma almofada. Keille e o menestrel tinham ido embora, mas Aiel de ambos os acampamentos ainda observavam. Eles o tinham visto treinar com uma espada, o que desprezavam, ainda que fosse de

madeira. Eram o povo dele. Rand não os conhecia, mas eram seu povo, e em mais de um sentido. Aviendha ainda o observava, encarando-o furiosa, como se o culpasse pela bronca que levara de Rhuarc. Não que ela tivesse qualquer coisa a ver com sua decisão de treinar, claro. Os Jindo e os Shaido o observavam, era isso.

— A montanha às vezes fica incrivelmente pesada — comentou, suspirando, e apanhou uma lança e um broquel de Rhuarc. — Quando é que a gente consegue aliviá-la um pouquinho?

— Quando morremos — Lan respondeu, simplesmente.

Forçando as pernas a se mexerem — e tentando ignorar Aviendha — Rand posicionou-se para enfrentar Rhuarc. Ainda não pretendia morrer. Não, não por um bom tempo.

Recostado em uma roda alta à sombra de um dos carroções dos mascates, Mat olhava a fileira de Jindo que observava Rand. Agora só via as costas dos homens. O rapaz era um idiota completo, pulando de um lado a outro naquele calor. Qualquer homem sensato procuraria sombra e algo para beber. Ele se ajeitou à sombra, espiou a caneca de cerveja que comprara de um dos condutores e fez uma careta. Cerveja quente feito sopa e com um gosto estranho. Pelo menos era líquido. A única outra compra, além do chapéu, fora um cachimbo de haste curta e fornilho trabalhado em prata, agora enfiado no bolso do casaco com a bolsinha de tabaco. Não estava com vontade de negociar. A menos que fosse uma passagem para fora do Deserto, artigo que os carroções dos mascates pareciam não oferecer no momento.

As vendas estavam firmes, ainda que não de cerveja. Os Aiel não se incomodavam com a temperatura do líquido, mas pareciam considerar a bebida fraca. A maioria era de Jindo, mas havia um fluxo constante de Shaido vindos do outro acampamento. Couladin e Kadere ficaram conversando aos sussurros por um longo tempo, mas não chegaram a acordo algum, pois Couladin fora embora de mãos vazias. Kadere decerto não apreciou ter perdido a negociação, e ficou encarando Couladin com aqueles olhos de gavião com tanta atenção que um Jindo precisou chamá-lo três vezes até ser ouvido.

Os Aiel não tinham muito dinheiro, mas os mascates aceitaram sem pestanejar tigelas de prata, estatuetas de ouro e belas tapeçarias de parede saqueadas de Tear, e das bolsas dos Aiel saíam pepitas de ouro e prata que chamaram a atenção de Mat. No entanto, um Aiel que perdesse nos dados podia muito bem resolver recorrer à lança. Ele ficou se perguntando onde estariam as minas. De onde um homem tirava ouro, outro também poderia tirar. Mas devia dar um trabalhão extrair o metal. Tragando uma grande golada de cerveja quente, ele se recostou de volta na roda do carroção.

Era interessante ver o que vendia e o que não vendia, e a que

preço. Os Aiel não eram estúpidos a ponto de trocar um saleiro de ouro, por exemplo, por um pedaço de tecido. Tinham noção do valor das coisas e eram duros na barganha, embora tivessem os próprios desejos. Os livros saíam depressa; nem todos os queriam, mas os que buscavam os volumes limpavam todos os carroções. Rendas e veludos desapareciam assim que eram expostos, vendidos por quantias assombrosas de ouro e prata, e adornos por não menos, mas as sedas mais delicadas não tinham saída. Era mais barato negociar seda a leste, ouvira um Shaido dizer a Kadere. Um condutor corpulento de nariz quebrado tentou convencer uma Donzela Jindo a levar um bracelete de marfim entalhado. A mulher puxou da bolsa um maior, mais grosso e ainda mais ornamentado, e sugeriu ao sujeito que lutassem pelo par. O homem hesitou antes de recusar, mostrando a Mat que era ainda mais burro do que aparentava. Agulhas e alfinetes eram comprados depressa, mas as panelas e a maioria das facas recebiam olhares de desprezo; os ferreiros Aiel faziam um trabalho melhor. Tudo trocava de mãos, de frascos de perfume e sais de banho a barris de conhaque. Vinho e conhaque eram vendidos a um bom preço. Mat ficou surpreso em ouvir Heirn pedir tabaco de Dois Rios, que os mascates não tinham.

Um condutor ficou tentando oferecer aos Aiel uma besta pesada, trabalhada em ouro, sem sucesso. A arma chamou a atenção de Mat, com todos aqueles leões dourados entalhados e pedras que pareciam rubis no lugar dos olhos — pedras pequenas, mas ainda assim rubis. Claro, com um bom arco longo de Dois Rios dava para disparar seis flechadas enquanto o homem com a besta ainda estava girando a manivela da arma para preparar o segundo disparo. Por outro lado, uma besta daquele tamanho tinha um alcance de umas cem passadas a mais. Com dois homens só ajudando a recarregar as flechas e lanceiros pesados para refrear a cavalaria…

Fazendo uma careta, Mat apoiou a cabeça nos raios da roda atrás de si. De novo aquilo. Precisava sair do Deserto e tomar distância de Moiraine, de qualquer Aes Sedai. Quem sabe voltar para casa por um tempo? Talvez conseguisse chegar a tempo de ajudar na questão dos Mantos-brancos. *Duvido muito, a não ser que eu use aqueles malditos Caminhos ou alguma droga de Pedra-portal.* De todo modo, aquilo não solucionaria seus problemas. Em primeiro lugar, não havia respostas em Campo de Emond para o que aquele povo traiçoeiro quisera dizer sobre ele se casar com a Filha das Nove Luas, nem sobre morrer e viver de novo. Ou sobre Rhuidean.

Esfregou o medalhão de cabeça de raposa que voltara a pendurar no pescoço por baixo do casaco. A pupila do olho da raposa era um minúsculo círculo cortado por uma linha sinuosa, um lado polido e brilhoso, o outro meio fosco. O antigo símbolo dos Aes Sedai, antes da

Ruptura. Pegou a lança de cabo preto com dois corvos gravados na lâmina de espada, que estava encostada a seu lado, e deitou-a nos joelhos. Outra obra de Aes Sedai. Rhuidean não fornecera respostas, apenas mais perguntas, e…

Antes de Rhuidean sua memória estava cheia de buracos. Antes, ao tentar forçar a memória, conseguia se lembrar de adentrar uma porta pela manhã e retornar à noite, mas de nada mais que acontecera entre isso. Agora havia algo no meio, preenchendo todos aqueles buracos. Devaneios, ou algo parecido. Era como se conseguisse se lembrar de danças, batalhas, ruas e cidades, mas nada que vira com os próprios olhos, nada de cuja existência tivesse certeza. Pareciam fragmentos da memória de cem homens diferentes. Talvez fosse melhor pensar que eram sonhos — um pouco melhor — porém tinha tanta certeza dessas lembranças quanto das próprias. A maioria era de batalhas, e às vezes elas chegavam sorrateiras, como acontecera com a besta. Ele se pegava olhando um ponto no chão e planejando como prepararia uma armadilha ali, ou como se defenderia de uma, ou como reuniria um exército para a batalha. Era insano.

Sem olhar, correu o dedo pela inscrição gravada no cabo negro da lança. Já conseguia lê-la com tanta facilidade quanto qualquer livro, embora tivesse levado a viagem inteira de volta a Chaendaer para perceber. Rand não comentara, mas Mat suspeitava que se entregara, lá em Rhuidean. Agora conhecia a Língua Antiga, peneirada de todos aqueles sonhos. *Luz, o que eles fizeram comigo?*

— *Sa souvraya niende misain ye* — disse em voz alta. — Estou perdido em minha própria mente.

— Um estudioso, no dia e na Era de hoje.

Mat olhou para cima e notou o menestrel a encará-lo, com olhos escuros e fundos. O sujeito era mais alto que a maioria, de meia-idade e provavelmente atraente às mulheres, mas tinha um jeito estranho e apreensivo de manter a cabeça inclinada, como se tentasse olhar os outros de rabo do olho.

— Só uma coisa que ouvi por aí — respondeu Mat. Precisava ser mais cuidadoso. Se Moiraine decidisse mandá-lo para a Torre Branca para estudo, nunca mais conseguiria sair de lá. — A gente ouve uns trechos das coisas e guarda na cabeça. Eu sei algumas frases. — Aquilo daria conta de quaisquer deslizes que ele fosse imbecil o bastante para cometer.

— Sou Jasin Natael. Menestrel. — Natael não fazia floreios com a capa como Thom; poderia estar se apresentando como carpinteiro ou consertador de rodas. — Posso me juntar a você? — Mat indicou o chão a seu lado com a cabeça, e o menestrel se agachou, enfiando a capa debaixo das pernas para se sentar. Parecia fascinado com os Jindo e os Shaido fervilhando à volta dos carroções, a maioria ainda

carregando lanças e broquéis. — Aiel — murmurou. — Não são como eu imaginava. Ainda não consigo acreditar.

— Já faz semanas que estou com eles — comentou Mat — e nem eu mesmo sei se acredito. Povo estranho. Se alguma das Donzelas convidar você para jogar O Beijo da Donzela, meu conselho é que recuse. Educadamente.

Natael franziu a testa para ele, indagativo.

— Você leva uma vida intrigante, ao que parece.

— Como assim? — perguntou Mat, receoso.

— Você não acha que é segredo, acha? São poucos os homens que viajam em companhia de… uma Aes Sedai. Aquela Moiraine Damodred. E também tem Rand al'Thor. O Dragão Renascido. Aquele Que Vem Com a Aurora. Quem sabe quantas profecias ele supostamente vai cumprir? Um companheiro de viagem incomum, sem dúvida.

Os Aiel tinham falado, estava claro. Qualquer um falaria. Ainda assim, era um pouco inquietante ver um estranho comentando sobre Rand com aquela tranquilidade.

— Por enquanto me interessa viajar com Rand. Se estiver curioso, converse com ele. Eu, por mim, prefiro nem pensar no assunto.

— Talvez eu converse. Mais tarde, quem sabe? Vamos falar de você. Soube que foi a Rhuidean, onde faz três mil anos que ninguém entra, a não ser os Aiel. Foi lá que conseguiu isso? — Ele tentou pegar a lança dos joelhos de Mat, mas deixou a mão cair quando o rapaz a desembainhou de leve. — Muito bem. Conte o que viu.

— Por quê?

— Sou um menestrel, Matrim. — Natael mantinha a cabeça inclinada para o lado daquele jeito, mas a voz guardava irritação por ter que se explicar. Ele ergueu uma ponta da capa com os retalhos coloridos, como se fosse uma comprovação. — Você viu o que ninguém viu, a não ser um punhado de Aiel. Que histórias posso criar com o que seus olhos viram? Posso até transformá-lo em herói, se desejar.

Mat bufou com desdém.

— Não quero ser nenhuma porcaria de herói.

Porém, não havia razão para permanecer em silêncio. Amys e aquele bando podiam tagarelar à vontade sobre não comentar o que acontecia em Rhuidean, mas ele não era Aiel. Além do mais, talvez fosse vantajoso ter alguém entre os mascates que nutrisse alguma boa vontade em relação a ele, alguém que pudesse falar em seu favor quando fosse preciso.

Contou a história desde a chegada à muralha de névoa até a saída, deixando alguns detalhes de fora. Não tinha qualquer intenção de contar a mais alguém sobre aquele *ter'angreal* de batente de porta

retorcido, e também preferia esquecer as nuvens de poeira formando as criaturas que tentaram matá-lo. Falar sobre a estranha cidade de imensos palácios sem dúvida seria suficiente, além de mencionar *Avendesora*.

Natael não mostrou interesse na Árvore da Vida, mas fez Mat repassar o restante diversas vezes, perguntando mais e mais detalhes, desde como exatamente ele se sentira transpondo a neblina e quanto tempo levara para alcançar a luz sem sombra da cidade até descrições de tudo o que Mat podia se lembrar de ter visto na imensa praça no coração da cidade. Essas partes, Mat revelou com relutância; qualquer deslize e acabaria falando sobre o *ter'angreal*, e quem saberia aonde aquilo poderia levar? Mesmo assim, tomou a cerveja quente até o fim e continuou falando até sentir a garganta seca. A forma como relatou fez a coisa toda parecer meio idiota, como se simplesmente tivesse entrado lá e esperado Rand, depois saído de novo, mas Natael parecia concentrado em escarafunchar até o último detalhe. O homem lembrava Thom, que era capaz de se concentrar em alguém como se quisesse espremer tudinho.

— Era isso que você deveria estar fazendo?

Mat deu um salto ao ouvir a voz de Keille, austera por sob o tom melífluo. A mulher o deixava tenso, e agora parecia prestes a arrancar seu coração e o do menestrel.

Natael levantou-se com dificuldade.

— Este jovem estava me contando coisas fascinantes sobre Rhuidean. A senhora não vai acreditar.

— Não estamos aqui por causa de Rhuidean. — As palavras saíram mais afiados que o nariz pontudo da mulher. Pelo menos agora ela só encarava Natael.

— Vou lhe contar…

— Não vai me contar nada.

— Não tente me calar!

Ignorando Mat, os dois se afastaram por entre os carroções, discutindo em voz baixa e gesticulando irritados. Keille parecia ter sido calada com palavras duras e já se fechara em uma careta silenciosa quando a dupla desapareceu no interior de seu carroção.

Mat estremeceu. Não conseguia se imaginar compartilhando um alojamento com aquela mulher. Seria como morar com um urso com dor de dente. Já Isendre… aquele rosto, aqueles lábios, aquele andar provocante. Se conseguisse afastá-la de Kadere, talvez a mulher descobrisse um herói. Para ela, as criaturas de poeira poderiam ter dez pés de altura. Mat daria cada detalhe que pudesse lembrar ou inventar, seria um herói jovem e bonito, muito mais atraente do que um mascate velho e enfadonho. Era uma ideia a ser considerada.

O sol deslizou para trás do horizonte, e pequenas fogueiras de

gravetos espinhosos formavam poças de luz amarela no meio das tendas. O cheiro de comida tomou o acampamento; carne de cabra assada com pimentas secas. O frio também dominou o lugar, o frio da noite do Deserto. Era como se o sol tivesse levado todo o calor consigo. Mat não imaginara que desejaria um manto pesado ao separar as roupas para sair da Pedra. Talvez os mascates tivessem um. Talvez Natael aceitasse apostar o dele nos dados.

Comeu junto à fogueira de Rhuarc, com Heirn e Rand. E Aviendha, claro. Os mascates estavam por perto, Natael ficou ao lado de Keille, e Isendre parecia quase enrolada em Kadere. Talvez fosse mais difícil separar Isendre do narigudo do que ele pensara — ou mais fácil. Enroscada no sujeito ou não, a mulher tinha os olhos escuros fixos em Rand, e em mais ninguém. Parecia até que ela já tinha furado as orelhas dele, marcado-o como uma ovelha de seu rebanho. Nem Rand nem Kadere pareciam notar; o mascate mal tirava os olhos de Rand. Aviendha percebia, e encarava Rand. Pelo menos o fogo provia algum calor.

Quando o assado de cabra acabou — e também um tipo de purê granuloso e amarelo, mais apimentado do que parecia — Rhuarc e Heirn encheram os cachimbos de haste curta, e o chefe de clã pediu uma canção a Natael.

Por um momento, o menestrel apenas piscou, confuso.

— Ora, é claro. É claro. Deixe-me pegar a harpa. — Sua capa se elevou com a brisa fria e seca enquanto ele sumia em direção ao carroção de Keille.

O sujeito sem dúvida era diferente de Thom Merrilin. Era raro Thom sair da cama sem a flauta, a harpa ou as duas. Mat encheu o cachimbo de prata de tabaco e já baforava alegremente quando Natael retornou e postou-se em uma pose digna de um rei. Isso sim lembrava Thom. Dedilhando um acorde, o menestrel começou: —

> Doces ventos, um toque primaveril.
> Doces chuvas, como lágrimas do céu.
> Doces, os anos passam jubilosos,
> sem o prenúncio das tempestades por vir,
> sem o prenúncio da fúria dos vendavais,
> chuvas de aço e trovões de batalha,
> guerra para os corações desunir.

Era “O Vau de Midean”. Uma canção antiga sobre Manetheren, por mais estranho que fosse. Falava de guerras anteriores às Guerras dos Trollocs. Natael fez justiça à música; nada como os recitais melodiosos de Thom, sem dúvida, mas as palavras suaves atraíram um bom número de Aiel à beira da luz da fogueira. O maligno Aedomon

liderou os saferianos por Manetheren sem levantar suspeitas, saqueando e incendiando, sempre avançando, até que o Rei Buiryn reuniu a força de Manetheren, e seus homens enfrentaram os saferianos no Vau de Midean. Resistiram, embora em número muito menor, por três dias de batalhas incessantes, enquanto o rio se avermelhava e os abutres enegreciam o céu. No terceiro dia, em número ainda menor, já com a esperança definhando, Buiryn e seus homens lutaram para cruzar o vau em uma viagem desesperada, abrindo caminho pela horda de Aedomon, tentando forçar o inimigo a recuar ao matar seu comandante. Porém, forças muito poderosas para se subjugar se abateram sobre eles, encurralando-os, reduzindo-os a um pequeno grupo. Eles continuaram a luta, protegendo seu rei e o estandarte da Águia Vermelha, recusando-se a se entregar mesmo quando a derrota era certa.

Natael cantou como a coragem daqueles homens tocou até o coração de Aedomon, e como, enfim, o vilão permitiu que os sobreviventes fossem libertos e retornou com seu exército para Safer, em honra deles. —

> De volta pelas águas cor de sangue,
> marchando de cabeça erguida.
> Sem rendição de braço ou espada,
> sem rendição de alma ou coração.
> Que a honra, ao final, seja deles,
> honra que se espalhará por todas as Eras.

Ele tangeu o último acorde, e os Aiel assobiaram em aprovação, rufando broquéis com as lanças, alguns evocando gritos ululantes.

Não fora daquele jeito, claro. Mat lembrava — *Luz, eu não quero!* Mas a memória veio mesmo assim — ele se lembrava de aconselhar Buiryn a não aceitar a oferta, e de receber a resposta de que a menor chance já era melhor do que nenhuma. Aedomon, com a barba negra e brilhosa pendendo por sob a malha de aço que lhe encobria o rosto, afastou os lanceiros, esperando até que os homens de Manetheren estivessem perto do vau e exaustos antes que os arqueiros escondidos se erguessem e a cavalaria avançasse. Quanto a retornar a Safer… Mat achava que não. Sua última lembrança do vau era a de tentar manter-se de pé, afundado até a cintura no rio com três flechas cravadas no corpo. Mas havia um fragmento posterior. Ver Aedomon, já de barba grisalha, derrotado em uma luta acirrada em uma floresta, caindo do cavalo empinado com uma lança cravada nas costas por um garoto sem armadura e de cara lisa. Aquilo era pior do que os buracos na memória.

— Não gostou da canção? — perguntou Natael.

Mat levou um instante para perceber que o homem estava falando com Rand, não com ele. Rand esfregou as mãos, encarando a fogueira diminuta antes de responder.

— Não sei muito bem se é sábio depender da generosidade de um inimigo. O que você acha, Kadere?

O mascate hesitou, lançando um olhar à mulher pendurada em seu braço.

— Eu não penso nessas coisas — disse por fim. — Penso em lucro, não em batalhas.

Keille soltou uma risada rouca. Pelo menos até ver o sorriso de Isendre, que traía o desprezo da jovem pela mulher que dava três dela. Logo em seguida os olhos escuros da senhora roliça adquiriram um brilho perigoso por detrás das camadas de gordura.

De súbito, gritos de advertência se ergueram na escuridão, mais à frente das tendas. Os Aiel ergueram os véus. Um instante depois, Trollocs brotaram da noite, com focinhos e cabeças chifrudas, avultando-se por sobre os humanos, urrando e balançando as espadas em forma de foice, golpeando com lanças curvas e tridentes farpados, entalhando com machados com ponteiras. Myrddraal circulavam por entre eles, feito serpentes mortíferas sem olhos. O ataque aconteceu em um segundo, mas os Aiel lutaram como se tivessem tido uma hora para se preparar, enfrentando a ameaça com as lanças ágeis.

Mat teve a vaga noção de que Rand invocara aquela espada flamejante, mas logo foi arrastado para o turbilhão, manejando sua arma negra tanto como lança quanto como bastão, golpeando e retalhando, o cabo a rodopiar. Pela primeira vez, ficou satisfeito em ter as lembranças dos sonhos. O manejo daquela arma lhe parecia familiar, e ele precisava de toda a habilidade que pudesse reunir. Era insano e caótico.

Trollocs surgiam e sucumbiam diante de sua lança ou de uma lança Aiel, ou disparavam de volta para a confusão de berros, uivos e clangor de metais. Myrddraal o enfrentavam, as espadas negras se chocando contra seu aço gravado com corvos, produzindo lampejos de luz azul que mais pareciam raios. Enfrentavam-no, e depois desapareciam no tumulto. Por duas vezes, uma lança curta passou como um raio por cima de sua cabeça para golpear um Trolloc prestes a atacá-lo pelas costas. Mat enfiou a espada curta no peito de um Myrddraal e soube que iria morrer quando a criatura não caiu, apenas sorriu com aqueles lábios sem sangue, com aquele olhar sem olhos que o fazia tremer de medo até os ossos. A criatura ergueu a espada negra. Um instante depois, o Meio-homem estremeceu ao ser perfurado por lanças Aiel, um solavanco que durou a fração de tempo necessária para Mat se afastar da coisa, que caiu ainda tentando golpeá-lo, golpear o que fosse.

Por dez vezes o cabo preto da lança, duro como ferro, desviou por pouco uma investida de Trollocs. Era obra de Aes Sedai, e ele achava aquilo ótimo. A raposa prateada em seu peito parecia pulsar, fria como gelo, como se para lembrá-lo de que também portava a marca das Aes Sedai. Que fosse, ele não ligava. Se fosse preciso trabalho de Aes Sedai para mantê-lo vivo, estava pronto para ir atrás de Moiraine feito um cachorrinho.

Não sabia dizer se a luta durara minutos ou horas, mas de súbito não se via um Myrddraal ou Trolloc ainda de pé, embora gritos e urros vindos da escuridão indicassem uma perseguição. Mortos e moribundos se amontoavam no chão, Aiel e Criaturas da Sombra. Os Meios-homens ainda se agitavam violentamente. Gemidos de dor preenchiam o ar. De repente, Mat percebeu que sentia os músculos moles feito água e que os pulmões estavam em chamas. Desabou de joelhos, ofegante, apoiado na lança. As chamas haviam transformado em fogueiras três carroções dos mascates, todos cobertos por lonas, um deles com um condutor preso à lateral por uma lança de Trolloc, e algumas tendas estavam pegando fogo. Gritos vindos do acampamento dos Shaido e brilhos fortes demais para serem fogueiras de acampamento indicavam que eles também haviam sido atacados.

Com a espada flamejante ainda nas mãos, Rand aproximou-se de Mat, ainda ajoelhado.

— Tudo bem com você?

Aviendha foi atrás, como uma sombra de Rand. Ela conseguira encontrar uma lança e um broquel e erguera um pedaço do xale no rosto, feito um véu. Até de saias a mulher parecia letal.

— Ah, estou bem — murmurou Mat, levantando-se com dificuldade. — Nada como uma dancinha com Trollocs para chamar o sono. Não é, Aviendha?

Descobrindo a face, a jovem lançou a ele um sorriso tenso. Decerto a mulher *gostara* da luta. Ele estava empapado de suor, e achou que toda aquela água fosse congelar em seu corpo.

Moiraine e Egwene surgiram com duas das Sábias, Amys e Bair, circulando entre os feridos. Por onde a Aes Sedai passava, pessoas tremiam ao serem Curadas, embora Moiraine às vezes mal mexesse a cabeça e logo seguisse em frente.

Rhuarc aproximou-se a passos firmes, com uma carranca.

— Más notícias? — perguntou Rand, baixinho.

O chefe de clã grunhiu.

— Além dos Trollocs, que deveriam estar a duzentas léguas ou mais de distância? Talvez. Uns cinquenta Trollocs atacaram o acampamento das Sábias. O bastante para subjugá-las, não fosse por Moiraine Sedai e pela sorte. No entanto, parece que os Shaido foram atacados por um número menor do que o que veio a nós. Só que,

como o acampamento deles é o maior, deveria ter sido o contrário. Quase dá para pensar que eles foram atacados só para não virem nos ajudar. Não que a ajuda deles fosse certa, não os Shaido, mas os Trollocs e Mensageiros da Noite talvez não saibam disso.

— E, se sabiam que havia uma Aes Sedai com as Sábias — comentou Rand — esse ataque também pode ter sido para afastá-la. Eu trago inimigos comigo, Rhuarc. Lembre-se disso. Não importa onde eu esteja, meus inimigos nunca estão longe.

Isendre enfiou a cabeça para fora do carroção principal. Um instante depois, Kadere saiu, passando por ela, que voltou para dentro, fechando a porta pintada de branco atrás do homem. O mercador encarou a carnificina, a luz nos carroções em chamas deixando sombras bruxuleantes em seu rosto. O grupo ao redor de Mat foi o que mais lhe chamou a atenção. Os carroções pareciam não interessá-lo nem um pouco. Natael também desceu do carroção de Keille, e da escada foi falando com a mulher que ainda estava do lado de dentro, com os olhos fixos em Mat e nos outros.

— Imbecis — resmungou Mat, meio que para si mesmo. — Escondidos dentro dos carroções, como se isso fosse fazer alguma diferença para um Trolloc. Poderiam ter sido tostados vivos, simples assim.

— Eles ainda estão vivos — comentou Rand, e Mat percebeu que o amigo também vira o grupo. — Isso é sempre importante, Mat, quem sobrevive. É como nos dados. Não dá para ganhar sem jogar, e não dá para jogar se estiver morto. Quem sabe dizer que jogo os mascates jogam? — Ele riu baixinho, e a espada flamejante desapareceu de suas mãos.

— Eu vou dormir um pouco — disse Mat, já virando as costas. — Me acorde se os Trollocs aparecerem outra vez. Ou melhor, deixe que me matem debaixo das cobertas. Estou muito cansado para acordar.

Rand definitivamente estava perdendo o controle. Talvez os acontecimentos da noite convencessem Keille e Kadere a ir embora. Se eles fossem, Mat pretendia ir junto.

Rand deixou Moiraine examiná-lo, murmurando sozinha, embora não estivesse machucado. Com tantos feridos, a Aes Sedai não podia gastar forças com o Poder Único para aliviar o cansaço dele.

— Você foi o alvo desse ataque — comentou ela, rodeada pelos gemidos dos feridos.

Os Trollocs estavam sendo arrastados pela noite, pelos cavalos de carga e as mulas dos mascates. Os Aiel pareciam ter a intenção de deixar os Myrddraal onde estavam até que parassem de se sacudir, para certificar-se de que de fato estavam mortos. O vento se ergueu

em uma rajada, como gelo seco.

— É mesmo? — indagou o rapaz.

Os olhos da Aes Sedai brilharam à luz da fogueira antes que ela se voltasse outra vez para os feridos.

Egwene aproximou-se dele, mas apenas para dizer, em um sussurro baixo e furioso:

— Seja lá o que você estiver fazendo para irritá-la, pare com isso!

O olhar que ela lançou a Aviendha, um pouco atrás de Rand, não deixava dúvida do que ela queria dizer, e a moça se afastou para ajudar Bair e Amys antes que ele pudesse explicar que não tinha feito nada. Egwene estava ridícula com aquelas duas tranças enroladinhas com fitas. Os Aiel também pareciam achar, e alguns abriam sorrisos quando ela dava as costas.

Cambaleante e trêmulo, ele procurou sua tenda. Nunca se sentira tão cansado. A espada quase não viera. Esperava que fosse o cansaço. Às vezes, falhava ao tentar tocar a Fonte, e às vezes o Poder não fazia o que ele queria, mas quase que desde o início a espada surgira praticamente sem que ele pensasse. Dessa vez, entre todas as outras… só podia ser o cansaço.

Aviendha insistiu em segui-lo até a tenda, e quando ele acordou na manhã seguinte, a jovem estava sentada do lado de fora, de pernas cruzadas, mas sem a lança e o broquel. Espiã ou não, Rand se alegrou em vê-la. Pelo menos sabia quem e o que Aviendha era, e o que sentia por ele.


Tanchico
N
Río Andahar
Palacio da Panarca
Círculo da Panarca
Península de Verana
Círculo do Rei
Península de Maseta
Grande Círculo
Península de Calpene
Baía de Tanchico
½
1 Km
escala
Oceano de Arryth

38



Rostos ocultos

O Jardim das Brisas de Prata não era bem um jardim, mas uma imensa adega, grande demais até para ser chamada assim. Ficava no topo de uma colina no meio de Calpene, a mais ocidental das três penínsulas de Tanchico, abaixo do Grande Círculo. Pelo menos uma parte do nome era por causa das brisas que sopravam no lado da construção em que colunas de mármore polido rajadas de verde e balaustradas substituíam a parede, exceto no andar mais alto. Cortinas douradas de seda impermeável podiam ser baixadas, em caso de chuva. A colina formava um declive acentuado daquele lado, e as mesas ao longo das balaustradas forneciam uma ampla visão do imenso ancoradouro para além dos domos e pináculos brancos, agora apinhado de mais navios do que nunca. Tanchico precisava de tudo, desesperadamente, de modo que ali se podia ganhar muito ouro — até que o ouro e o tempo se acabassem.

Com seus lampiões dourados e tetos marchetados com gregas de latão lustradas para emitir um brilho amarelado, além dos serviçais — homens e mulheres, escolhidos pela graça, beleza e discrição — o Jardim das Brisas de Prata já era a adega mais cara da cidade mesmo antes de os problemas começarem. Atualmente, o preço era ultrajante. Porém, ainda recebia visitas dos que negociavam altas somas, dos que negociavam poder e influência ou dos que pensavam negociar. Em alguns aspectos havia menos para se negociar do que antes, em outros, mais.

Muretas baixas cercavam cada uma das mesas, formando pequenas ilhas pelos azulejos verdes e dourados. As muretas eram

cobertas de entalhes delicados como renda, o que permitia ver por trás delas, impedindo assim que algum bisbilhoteiro escutasse sem ser visto, e tinham altura apenas o suficiente para ocultar os ocupantes da mesa de eventuais olhares dos passantes. Ainda assim, a clientela em geral permanecia mascarada, sobretudo nos últimos tempos, e alguns sentavam-se à mesa com um guarda-costas — também mascarado para evitar ser reconhecido, se o cliente fosse prudente, e sem língua, pelo que diziam os rumores, em nome de uma prudência ainda maior. Nenhum guarda estava visivelmente armado. A proprietária do Jardim das Brisas de Prata, uma mulher insinuante de idade indeterminada que se chamava Selindrin, não permitia a entrada de armas. A regra não era quebrada, ao menos não abertamente.

De sua mesa habitual, junto à balaustrada, Egeanin observava os navios no ancoradouro, especialmente os que estavam em movimento. Vê-los lhe dava vontade de estar em um convés, bradando ordens. A mulher jamais esperara que o dever a levasse àquele ponto.

Distraída, ajustou a máscara de veludo que encobria a metade superior do rosto. Sentia-se ridícula usando aquela coisa, mas era um acessório essencial para se misturar, até certo ponto. A máscara azul, para combinar com o vestido de seda de gola alta, o próprio vestido e os cabelos escuros, agora na altura dos ombros, eram o máximo de mudança que ela podia se forçar a assumir. Passar-se por taraboniana era desnecessário, pois Tanchico estava entupida de refugiados, boa parte estrangeiros varridos pelos conflitos. E, de todo modo, era mais do que conseguiria fazer. Aquelas pessoas eram animais; não tinham disciplina, nem ordem.

Pesarosa, Egeanin virou-se do ancoradouro para seu companheiro de mesa, um sujeito de rosto fino e sorriso ambicioso e dissimulado. O colarinho puído de Floran Gelb destoava do Jardim das Brisas de Prata, e ele não parava de secar as mãos no casaco. A mulher sempre marcava de encontrar ali os sujeitinhos ensebados com quem era forçada a lidar. Era uma recompensa para eles, além de um meio de desestabilizá-los.

— O que o senhor tem para mim, Mestre Gelb?

O homem secou as mãos mais uma vez, ergueu uma bolsa de juta tosca sobre a mesa e a encarou, ansioso. Egeanin depositou a bolsa a seu lado antes de abri-la. Dentro havia um *a'dam* de metal prateado, coleira e bracelete unidos por uma corrente de encaixes finos e bem-trabalhados. Ela fechou a bolsa e depositou-a no chão. Com esse, Gelb já recuperara três. Mais do que qualquer outro.

— Muito bem, Mestre Gelb. — Uma pequena bolsa cruzou a mesa no outro sentido, e o homem a fez desaparecer por baixo do casaco como se ela contivesse a coroa da Imperatriz, em vez de um punhado de prata. — O senhor tem mais alguma coisa?

— As mulheres. Essas que a senhora quer que eu procure? — Egeanin já estava acostumada com a fala rápida daquela gente, mas gostaria que o homem parasse de passar a língua nos lábios daquele jeito. Não prejudicava a compreensão, mas era desagradável.

Quase disse ao homem que não estava mais interessada. Mas era um dos motivos pelos quais estava em Tanchico, afinal. Talvez agora fosse o único.

— O que tem elas? — Bastou notar que estava pensando em se esquivar de suas obrigações para começar a falar com mais dureza do que pretendia, e Gelb se encolheu.

— Eu… eu acho que encontrei mais uma.

— Tem certeza? Já tivemos alguns… erros.

"Erros" era pouco. As quase doze mulheres que se pareciam vagamente com as descrições haviam se mostrado estorvos que ela dispensou assim que pôs os olhos em cada uma. Exceto aquela nobre, refugiada de propriedades incendiadas na guerra. Gelb sequestrara a mulher na rua, pensando que ganharia mais por entregá-la do que se revelasse sua localização. Em defesa dele, Lady Leilwin era muitíssimo parecida com uma das mulheres que Egeanin buscava, mas ela já especificara que as procuradas não tinham qualquer sotaque familiar e decerto não teriam sotaque taraboniano. Egeanin não queria matar a mulher, mas até em Tanchico alguém poderia dar ouvidos à história dela. Leilwin fora amarrada, amordaçada e posta em um dos barcos mensageiros na calada da noite — era jovem e bonita, e alguém encontraria melhor uso para ela do que um talho na garganta. Ainda assim, Egeanin não estava em Tanchico para encontrar serviçais para o Sangue.

— Nada de erros, Senhora Elidar — respondeu o homem, mais do que depressa, abrindo aquele sorriso cheio de dentes. — Não desta vez. Mas… preciso de um pouco de ouro. Para ter certeza. Para me aproximar. Quatro ou cinco coroas?

— Eu pago por resultados — retrucou Egeanin, com firmeza. — Depois dos seus… erros, o senhor tem sorte de receber qualquer pagamento meu.

Gelb passou a língua nos lábios, nervoso.

— A senhora disse… Logo quando começamos, a senhora disse que daria umas moedas para quem fizesse trabalhos *especiais*. — Um músculo da face do homem estremeceu, e seus olhos corriam de um lado a outro, como se alguém pudesse estar escutando a conversa por trás da parede rendada que rodeava três lados da mesa. Ele baixou a voz a um sussurro rouco. — Cavucar problemas, por assim dizer? Um sujeito que é camareiro de Lorde Brys me contou um boato sobre a Assembleia e a escolha da nova Panarca. Acho que deve ser verdade. O homem estava bêbado, e, quando percebeu o que tinha dito, quase

se borrou todo. Mesmo que não seja verdade, arrasaria Tanchico inteira.

— O senhor acha mesmo que há necessidade de arrumar problemas nessa cidade? — Tanchico era um jambo podre, prestes a desabar ao primeiro vento. Toda aquela terra miserável era igual. Por um instante, Egeanin ficou tentada a acreditar no tal "boato". Sua tarefa era negociar qualquer mercadoria ou informação que surgisse, e ela até vendera algumas, por ali. Mas lidar com Gelb a deixava enojada. E suas próprias dúvidas a amedrontavam. — Basta, Mestre Gelb. O senhor sabe como me contatar, caso encontre outra dessas. — Ela tocou o saco de tecido rústico.

Em vez de se levantar, o homem ficou sentado a encará-la, tentando ver por sob a máscara.

— De onde a senhora é, Senhora Elidar? Seu jeito de falar, todo suave e arrastado… peço perdão, não quero ofender… não consigo identificar o sotaque.

— Basta, Gelb.

Talvez fosse a voz de convés, ou talvez a máscara não tivesse escondido bem seu olhar frio, mas Gelb deu um salto, curvando-se em mesuras e gaguejando desculpas enquanto abria, desajeitado, a porta na parede rendada.

Egeanin ficou ali, sentada, depois que o homem foi embora, dando tempo para que ele saísse do Jardim das Brisas de Prata. Alguém o acompanharia até o lado de fora, para ter certeza de que ele não estava esperando para segui-la. Toda essa história de se esgueirar e se esconder a enojava. Egeanin quase desejava que algo acabasse com seu disfarce e a brindasse com um embate cara a cara.

Um novo navio deslizava pelo ancoradouro abaixo, um forcador do Povo do Mar com mastros imponentes e nuvens de vela. Ela já tinha examinado o modelo do barco, quando capturaram um. Teria dado quase qualquer coisa para dar uma volta em um forcador, embora imaginasse que seria preciso ter uma tripulação do Povo do Mar para guiar o navio. Os Atha'an Miere eram teimosos na hora de fazer os juramentos, e não seria a mesma coisa se ela tivesse que comprar uma tripulação. Comprar uma tripulação, que ideia! A quantidade de ouro que chegava para ela pelos barcos mensageiros estava lhe subindo à cabeça.

Egeanin pegou a bolsa de juta e começou a se levantar, depois sentou-se apressada ao ver um homem grande e de ombros largos deixando outra mesa. Os cabelos escuros na altura dos ombros e uma barba que deixava seu lábio superior descoberto emolduravam o rosto redondo de Bayle Domon. Ele não estava mascarado, naturalmente. O homem liderava uma dúzia de embarcações costeiras que entravam e saíam de Tanchico e parecia não se importar com quem soubesse onde

ele estava. A máscara. Egeanin não estava em seu juízo perfeito. Domon não a reconheceria por trás de uma máscara. Ainda assim, ficou esperando ele ir embora para deixar a mesa. Talvez ainda tivesse de lidar com Domon, se o homem se tornasse uma ameaça.

Selindrin aceitou o ouro oferecido com um sorriso insinuante e murmurou votos de poder recebê-la novamente. De cabelos escuros presos em dezenas de trancinhas, a proprietária do Jardim das Brisas de Prata usava uma seda branca colada ao corpo, quase fina o bastante para uma serviçal, e um daqueles véus transparentes que sempre deixavam Egeanin com vontade de perguntar às tarabonianas que danças elas apresentavam. As Dançarinas do Shea usavam véus quase idênticos e pouca coisa mais. Ainda assim a mulher era sagaz, pensou Egeanin, enquanto avançava em direção à rua. Do contrário, não teria conseguido circular em meio aos cardumes de Tanchico, servindo a cada facção sem ganhar a inimizade de nenhuma.

Um bom lembrete disso era o homem alto em um manto branco, grisalho nas têmporas, mas de rosto e olhos severos, que passou por Egeanin e foi cumprimentado por Selindrin. O manto de Jaichim Carridin ostentava um raio de sol dourado no peito, com três nós dourados embaixo e uma bengala carmesim atrás. Inquisidor da Mão da Luz, alto oficial dos Filhos da Luz. O mero conceito dos Filhos era um ultraje para Egeanin: um corpo militar que respondia apenas a si próprio. Mas Carridin e suas poucas centenas de soldados detinham certa influência em Tanchico, onde na maior parte do tempo parecia haver um vácuo de poder. A Guarda Civil já não patrulhava as ruas, e o exército — por mais que ainda fosse leal ao Rei — estava muito ocupado protegendo as fortalezas ao redor da cidade. Egeanin percebeu que Selindrin sequer olhou para a espada na cintura de Carridin. O homem definitivamente era poderoso.

Assim que pôs os pés na rua, os carregadores vieram correndo com sua cadeira do meio do grupo que aguardava os clientes, e os guarda-costas se fecharam em torno dela com as lanças. Eram um grupo desarmônico, alguns de elmos toscos, três usando camisas de couro costuradas com escamas de aço. Eram homens de rostos duros, possíveis desertores do exército, mas cientes de que a barriga cheia e a prata para gastar dependiam da segurança contínua da mulher. Até os carregadores da cadeira portavam facas robustas e porretes presos aos cinturões. Ninguém que parecesse ter dinheiro ousava sair às ruas sem guardas. De qualquer modo, se ela se desse ao trabalho de arriscar, apenas atrairia atenção para si mesma.

Os guardas forçaram caminho pela multidão sem problemas. O povo circulava pelas ruas estreitas que entrelaçavam as colinas da cidade, fazendo amplos desvios ao redor das liteiras cercadas por guarda-costas. Havia poucas carruagens à vista. Cavalos estavam se

tornando uma extravagância.

Surrada era a única descrição adequada para a massa fervilhante — surrada e frenética. Rostos surrados, roupas surradas e olhos muito brilhantes e frenéticos, desesperados, esperançosos, mesmo sabendo que não havia esperança. Muitos estavam resignados, agachados e encostados nas paredes, aninhados nos batentes das portas, agarrados às esposas, aos maridos, às crianças. Não apenas surrados, mas esfarrapados e inexpressivos. Às vezes, erguiam-se o bastante para pedir a algum passante por uma moeda, um pedaço de pão, qualquer coisa.

Egeanin manteve os olhos à frente, confiante de que os guarda-costas detectariam qualquer perigo. Corresponder ao olhar de um pedinte significava ter vinte deles rodeando sua cadeira, esperançosos. Jogar uma moeda significava cem amontoados, chorando e clamando. Ela já estava usando parte do dinheiro que os barcos mensageiros traziam para bancar uma cozinha que distribuía sopa, como se fosse uma do Sangue. Estremeceu ao pensar o que a descoberta daquela extrapolação de sua posição poderia significar. Bem como pôr um vestido brocado e raspar a cabeça.

Tudo isso poderia ser resolvido sem maiores problemas depois da queda de Tanchico, com todos alimentados, todos postos em seus devidos lugares. E ela poderia abandonar os vestidos e as coisas que não conhecia nem queria conhecer e voltar para seu navio. Ao menos Tarabon, e talvez até Arad Doman, estava prestes a desmoronar com um toque, feito seda carbonizada. Por que a Grã-lady Suroth estava se contendo? Por quê?

Jaichim Carridin descansava em sua cadeira, com o manto estendido por sobre os braços definidos, estudando os nobres tarabonianos que ocupavam as outras cadeiras do salão privativo. Eles permaneciam sentados, rígidos, em seus casacos bordados, com as bocas contraídas sob máscaras trabalhadas com capricho para se assemelhar a caras de gaviões, leões e leopardos. Jaichim tinha mais preocupações do que aqueles homens, mas conseguia manter a conduta tranquila. Fazia três meses que recebera a notícia de um primo encontrado esfolado vivo na própria cama, e dois desde que sua irmã mais nova, Dealda, fora levada de sua festa de casamento por um Myrddraal. O camareiro da família escrevera, incrédulo, assustado com toda a tragédia que se abatia sobre a Casa Carridin. Dois meses. Desejava que Dealda tivesse recebido a sorte de uma morte rápida. Diziam que as mulheres não mantinham a sanidade por muito tempo, nas mãos dos Myrddraal. Dois meses inteiros. Qualquer outro que não fosse Jaichim Carridin estaria suando sangue.

Cada homem segurava um cálice dourado de vinho, mas não

havia serviçais presentes. Selindrin servira os homens antes de se retirar, garantindo que eles não seriam incomodados. De fato, não havia mais ninguém ali, no andar mais alto do Jardim das Brisas de Prata. Dois homens que tinham vindo acompanhar os nobres — integrantes da Guarda do Rei, a menos que Carridin estivesse enganado — permaneciam postados ao pé da escada para assegurar que a privacidade não fosse perturbada.

Carridin bebericou o vinho. Nenhum dos tarabonianos tocara nas taças.

— Então — murmurou — o Rei Andric deseja que os Filhos da Luz ajudem a restaurar a ordem na cidade. Não é sempre que nos deixamos envolver nas questões internas de uma nação. — Ao que ele sabia, pelo menos, não abertamente. — Sem dúvida não consigo me lembrar de tal pedido. Não sei o que o Senhor Capitão Comandante vai dizer. — Pedron Niall diria que fizessem o necessário, que se certificassem de que os tarabonianos soubessem que estavam em dívida com os Filhos e de que a dívida fosse paga integralmente.

— Não há tempo para o senhor pedir instruções a Amador — disse um homem de máscara negra com estampa de leopardo, em tom de urgência. Ninguém se apresentara, mas Carridin não precisava que o fizessem.

— O que pedimos é necessário — completou outro, bruscamente. Dava para ver um bigode grosso por baixo da máscara de gavião, conferindo-lhe o aspecto de uma estranha coruja. — Você precisa entender que não estaríamos fazendo este pedido se não fosse de extrema necessidade. Precisamos de mais unidade, não de mais desunião, sim? Há muitos elementos que causam divisão, mesmo dentro de Tanchico. Eles precisam ser suprimidos, se quisermos que haja a menor esperança de impor a paz no campo.

— A morte da Panarca dificultou ainda mais a questão — acrescentou o primeiro sujeito.

Carridin ergueu uma sobrancelha, em dúvida.

— Já descobriram quem a matou?

Ele próprio supunha que Andric fosse o responsável, acreditando que a Panarca estivesse dando vantagens a um dos rebeldes requerentes ao trono. Talvez o Rei estivesse certo, mas Carridin descobrira, depois de convocar o máximo possível da Assembleia de Lordes — um bom número estava no campo com algum dos grupos de rebeldes — que a alta sociedade estava bastante reticente em ratificar a decisão do Rei. Mesmo que Lady Amathera não estivesse dividindo a cama com Andric, a eleição do Rei e da Panarca era o único poder real que a Assembleia possuía, e os nobres não pareciam querer abrir mão disso. As dificuldades em relação a Lady Amathera não deveriam vir à tona. Até a Assembleia percebia que a notícia poderia desencadear

motins.

— Um dos loucos Devotos do Dragão, sem dúvida — respondeu o homem que parecia uma coruja, dando um puxão violento no bigode. — Nenhum verdadeiro taraboniano faria mal à Panarca, sim? — Ele soava quase como se acreditasse mesmo no que dizia.

— É claro — respondeu Carridin, sereno. Tomou outro golinho de vinho. — Se vou proteger o Palácio da Panarca para a ascensão de Lady Amathera, preciso ouvir do Rei em pessoa. Do contrário, pode parecer que os Filhos da Luz estavam buscando poder em Tarabon, quando a única coisa que buscamos é, como vocês dizem, um fim à desunião, além da paz sob a Luz.

Um leopardo mais velho, de maxilar quadrado e cabelos loiros com mechas brancas, se pronunciou, em um tom frio:

— Ouvi dizer que Pedron Niall busca união contra os Devotos do Dragão. União subordinada a ele, não é?

— O Senhor Capitão Comandante não quer dominar nada — retrucou Carridin, no mesmo tom frio. — Os Filhos servem à Luz, assim como todos os homens de boa vontade.

— Não pode haver dúvida — interveio o primeiro leopardo — sobre Tarabon se sujeitar a Amador, de qualquer forma que seja. Não pode!

Murmúrios irritados em concordância ressoaram de praticamente todas as cadeiras.

— É claro que não — concordou Carridin, como se a ideia jamais tivesse passado por sua cabeça. — Se quiserem meu auxílio, eu dou, mas sob as condições que já expus. Se não quiserem, sempre haverá trabalho para os Filhos. Servir à Luz é um trabalho que nunca acaba, pois a Sombra está sempre à espreita.

— O senhor terá as garantias assinadas e seladas pelo Rei — disse um homem grisalho de máscara de leão, proferindo suas primeiras palavras.

Era, naturalmente, o próprio Andric, embora Carridin não devesse saber. O Rei não conseguia se reunir com um Inquisidor da Mão da Luz sem gerar falatório, muito menos visitar uma adega, ainda que fosse o Jardim das Brisas de Prata.

Carridin assentiu.

— Quando o documento estiver em minhas mãos, protegerei o Palácio da Panarca, e os Filhos eliminarão quaisquer… elementos divisores… que tentem interferir na investidura. Eu juro sob a Luz.

A tensão entre os tarabonianos pareceu se aliviar visivelmente. Os nobres baixaram os cálices como se quisessem mais vinho, até mesmo Andric.

Até onde o povo de Tarabon sabia, os Filhos seriam culpados pelas inevitáveis mortes, não o Rei, nem o exército de Tarabon. Uma

vez que Amathera recebesse a Coroa e o Cajado da Árvore, mais uns poucos da Assembleia poderiam até se unir aos rebeldes, mas se o restante admitisse que não a elegera, a novidade incendiaria Tanchico. Bem como quaisquer histórias contadas pelos fugitivos. Ora, os rebeldes eram capazes de espalhar todo tipo de mentiras traiçoeiras. E o Rei e a Panarca de Tarabon acabariam ambos se balançando nos cordéis que Carridin entregaria a Pedron Niall para usar como bem entendesse.

Não era um prêmio tão grandioso como teria sido quando o Rei de Tarabon ainda controlava mais do que umas poucas centenas de milhas quadradas ao redor de Tanchico, mas poderia voltar a ser. Com a ajuda dos Filhos — seriam necessárias pelo menos uma ou duas legiões, não apenas os quinhentos homens de que Carridin dispunha — os Devotos do Dragão ainda poderiam ser aniquilados, e os diversos rebeldes, derrotados. Até a guerra com Arad Doman poderia ser levada adiante com sucesso. Isso se os dois territórios sequer percebessem que ainda estavam lutando um contra o outro. Arad Doman estava em piores condições do que Tarabon, pelo que Carridin ouvira.

Na verdade, ele não dava a mínima se Tarabon sucumbiria ao domínio dos Filhos, ou Tanchico, ou nenhum dos dois. Havia protocolos a cumprir e coisas a fazer que eram sua obrigação, mas era difícil pensar em algo além do momento em que ele próprio seria degolado. Talvez ansiasse por isso. Já haviam se passado dois meses inteiros desde as últimas notícias.

Ele não ficou para beber com os tarabonianos, apenas se despediu do modo mais breve possível. Se os outros haviam se ofendido, precisavam demais dele para demonstrar. Selindrin o levou para baixo, e um jovem cavalariço vinha trotando com o cavalo até a porta dianteira quando ele chegou à rua. Carridin atirou um cobre para o garoto e pôs o cavalo a meio-galope com uma esporada. O povo em andrajos nas ruas emaranhadas abria caminho para ele, o que era bom — não sabia ao certo se notaria, caso pisoteasse alguém. Não que fosse ser uma grande perda. A cidade estava apinhada de pedintes, mal dava para respirar sem sentir o fedor de sujeira e suor velho e azedo. Tamrin tinha de varrê-los para fora dali, deixar os rebeldes do campo acabarem com eles.

Era no campo que estavam seus pensamentos, mas não nos rebeldes. Seria bem fácil lidar com eles depois que a notícia de que esse ou aquele era Amigo das Trevas começasse a se espalhar. E, quando conseguisse entregar alguns à Mão da Luz, veria esses poucos se postarem diante de todos e confessar adorar o Tenebroso, comer criancinhas, absolutamente qualquer coisa que a Mão lhes ordenasse. Os rebeldes não durariam muito depois disso, e os falsários ainda no

campo acordariam e se veriam sozinhos. Mas os Devotos do Dragão, homens e mulheres que de fato haviam se declarado em favor do Dragão Renascido, não desistiriam por conta de uma acusação de serem Amigos das Trevas. A maioria já os considerava assim, por jurarem seguir um homem capaz de canalizar.

O verdadeiro problema era o homem que haviam jurado seguir, o homem cujo nome sequer sabiam. Rand al'Thor. Onde ele estava? Havia cem bandos de Devotos do Dragão à solta, pelo menos dois grandes o bastante para serem considerados exércitos, todos lutando contra o exército do Rei — que ainda permanecia leal a Andric — ou contra os rebeldes — que estavam tão ocupados lutando entre si quanto contra Andric ou os Devotos do Dragão. Mas Carridin não fazia ideia de qual dos bandos estava com Rand al'Thor. Ele poderia estar na Planície de Almoth ou em Arad Doman, onde a situação era a mesma. Se estivesse, Jaichim Carridin seria um homem morto, com toda a certeza.

No palácio em Verana que requisitara como quartel-general dos Filhos, ele jogou as rédeas para um dos guardas de manto branco e avançou para o interior, sem retribuir as saudações. O proprietário daquela massa de domos claros, torres rendadas e jardins de sombras frescas e fartas apresentara uma reivindicação ao Trono da Luz, e ninguém mais se queixou da ocupação do palácio. Muito menos o proprietário: o que restava de sua cabeça ainda adornava uma lança no alto da Escada dos Traidores, em Maseta.

Dessa vez, Carridin mal olhou para os delicados tapetes tarabonianos, as mobílias ornadas em ouro e marfim, os pátios onde as fontes de água produziam um som de frescor. Amplos corredores com lampiões dourados e tetos altos, cheios de arabescos com delicados trabalhos em ouro, não o deixavam minimamente interessado. O palácio podia fazer jus aos mais refinados de Amadicia, quiçá aos maiores, mas o principal pensamento de Carridin naquele instante era o conhaque forte que ficava no aposento que ele definira como gabinete.

Estava atravessando um carpete de valor inestimável, todo em padronagens azuis, vermelhas e douradas, com os olhos fixos no armário entalhado que guardava um frasco prateado de conhaque de dupla destilação, quando de súbito percebeu que não estava sozinho. Uma mulher de vestido vermelho-claro colado ao corpo estava parada perto das janelas altas e estreitas que davam para um dos jardins arborizados, os cabelos cor de mel e trançados roçavam-lhe os ombros. Um pedaço de véu diáfano não era suficiente para esconder seu rosto. Jovem e bela, com uma boca de botão de rosa e grandes olhos castanhos, a mulher não era serviçal, nem se vestia como uma.

— Quem é você? — inquiriu Carridin, irritado. — Como veio

parar aqui? Vá embora de uma vez, ou vou jogar você na rua.

— Ameaças, Bors? Você deveria receber melhor seus convidados, sim?

Aquele nome o abalou dos pés à cabeça. Antes mesmo de pensar, já desembainhara a espada e avançara para a garganta da mulher.

Algo o deteve — o ar se transformou em uma geleia espessa — algo o fez desabar de joelhos e o envolveu do pescoço para baixo. A coisa apertou seu punho até os ossos estalarem. Carridin abriu a mão e a espada caiu. O Poder. A mulher estava usando o Poder Único nele. Uma bruxa de Tar Valon. E, se ela conhecia aquele nome…

— Você acaso se lembra — começou ela, aproximando-se — de uma reunião onde Ba'alzamon em pessoa apareceu e nos mostrou os rostos de Matrim Cauthon, Perrin Aybara e Rand al'Thor? — Ela praticamente cuspiu os nomes, sobretudo o último. Seu olhar era capaz de esburacar uma placa de aço. — Está vendo? Sei quem você é, sim? Você jurou a alma ao Grande Senhor das Trevas, Bors.

A mulher soltou uma risada repentina, que soava como o tilintar de sinos.

Suor brotou da face do homem. Não era apenas uma bruxa desprezível de Tar Valon. Uma Ajah Negra. A mulher era da Ajah Negra. Achara que um Myrddraal viria atrás dele. Pensara que ainda havia tempo. Mais tempo. Não ainda.

— Eu tentei matar o garoto — balbuciou. — Rand al'Thor. Eu tentei! Mas não consigo encontrá-lo. Não consigo! Disseram que matariam minha família se eu fracassasse, um a um. Prometeram que eu seria o último! Eu ainda tenho primos. Sobrinhos. Sobrinhas. Tenho mais uma irmã! Vocês precisam me dar mais tempo!

A mulher ficou ali parada, observando-o com os olhos castanhos e penetrantes, sorrindo com a boquinha carnuda, escutando-o revelar onde estava Vanora, onde ficava seu dormitório, como ela gostava de cavalgar sozinha na floresta para além de Carmera. Talvez, se ele gritasse, algum dos guardas viesse. Talvez a matassem. Ele escancarou a boca… e aquela geleia espessa e invisível jorrou para dentro, forçando sua mandíbula até os ouvidos zunirem. Com as narinas infladas ao máximo, Carridin sorvia o ar freneticamente. Ainda conseguia respirar, mas não podia gritar. Tudo o que saía eram ganidos abafados, feito o lamento de uma mulher por trás de uma parede. Ele queria gritar.

— Você é muito divertido — disse a mulher de cabelos cor de mel, por fim. — Jaichim. É um nome bom para um cachorro, eu acho. Quer ser meu cachorro, Jaichim? Se for um bom cãozinho, um dia posso deixar você assistir a Rand al'Thor morrer, sim?

Ele levou um momento para absorver o que a mulher estava

dizendo. Se teria a chance de assistir à morte de Rand al'Thor, então ela não iria… ela não iria matá-lo, esfolá-lo vivo, fazer as coisas que a mente dele maquinara e que tornariam a morte um alívio. Lágrimas rolaram por seu rosto. Soluços de alívio o sacudiram — ao menos o quanto era possível, preso como estava. A armadilha desapareceu de repente, e Carridin desabou no chão, de quatro, ainda soluçando. Não conseguia parar.

A mulher ajoelhou-se ao lado dele, entrelaçou uma das mãos em seus cabelos e puxou sua cabeça.

— Agora me escute, sim? A morte de Rand al'Thor é para o futuro, e você só vai assistir se for um bom cãozinho. Você vai transferir os Mantos-brancos para o Palácio da Panarca.

— C-c-como a s-s-senhora sabe d-d-disso?

A mulher sacudiu a cabeça dele de um lado para o outro, sem delicadeza.

— Um bom cachorro não questiona a dona. Eu jogo o graveto, você pega o graveto. Eu mando matar, você mata. Sim? Sim. — A mulher exibiu os dentes em um sorriso rápido. — Vai ser difícil tomar o Palácio? A Legião da Panarca está lá, mil homens, dormindo nos corredores, nas salas de exposição, nos pátios. Você não tem todo esse número de Mantos-brancos.

— Eles… — Carridin precisou parar e engolir. — Eles não vão criar problemas. Vão acreditar que Amathera foi escolhida pela Assembleia. É a Assembleia que…

— Não me mate de tédio, Jaichim. Não me importa se você matar a Assembleia inteira, desde que ocupe o Palácio da Panarca. Quando você se muda?

— É… vai levar três ou quatro dias para Andric dar a garantia.

— Três ou quatro dias — murmurou a mulher, meio que para si mesma. — Muito bem. Um pouco mais de atraso não vai prejudicar. — Ele já estava se perguntando sobre que atraso a mulher falava quando ela removeu o pouco de chão que ainda restava sob seus pés. — Você vai controlar o Palácio e expulsar os bons soldados da Panarca.

— Impossível — disse, arquejante, e a mulher deu um puxão tão forte em sua cabeça que ele não soube se o pescoço quebraria ou se o couro cabeludo seria arrancado primeiro. Não ousou resistir. Mil agulhas invisíveis o ferroavam, no rosto, no peito, nas costas, nos braços, nas pernas, no corpo inteiro. Invisíveis, mas sem dúvida não menos reais.

— Impossível, Jaichim? — perguntou a mulher, baixinho. — Impossível é uma palavra que eu não gosto de ouvir.

As agulhas se retorceram com mais força. Carridin ganiu, mas precisava explicar. O que a mulher queria *era* impossível. Ele arfava,

afobado.

— Quando Amathera for empossada como Panarca, vai controlar a Legião. Se eu tentar controlar o Palácio, ela vai mandar todos para cima de mim, e Andric vai ajudar. Não há como enfrentar a Legião da Panarca e o que Andric conseguir destacar das fortalezas circulares.

A mulher o analisou por tanto tempo que ele começou a suar. Não ousava se encolher, muito menos piscar. Aquelas mil agulhinhas não permitiam.

— Vamos resolver a questão da Panarca — respondeu ela, enfim.

As agulhas sumiram, e a mulher se levantou.

Carridin também se levantou, tentando manter o equilíbrio. Talvez conseguisse negociar, já que a mulher agora parecia disposta a escutar a voz da razão. Suas pernas tremiam por conta do choque, mas ele tentou impostar a voz com a maior firmeza possível.

— Mesmo que a senhora consiga influenciar Amathera…

Ela o interrompeu.

— Eu mandei você não perguntar, Jaichim. Um bom cachorro obedece a dona, sim? Eu prometo que, se você não me obedecer, vai implorar para que eu encontre um Myrddraal para jogar o graveto. Está entendendo?

— Estou — respondeu Carridin, em um tom sombrio. A mulher continuou a encará-lo, e, depois de um instante, ele compreendeu. — Vou fazer o que está mandando… senhora. — O sorriso da mulher, breve e aprovativo, o fez ruborizar. Ela se virou para a porta, dando-lhe as costas como se ele de fato fosse um cachorro, e sem dentes. — Qual… qual é o seu nome?

Desta vez, o sorriso foi doce e debochado.

— Sim. Um cachorro tem que saber o nome da dona. O meu é Liandrin. Mas esse nome jamais deve tocar a boca de um cachorro. Se isso acontecer, ficarei muito contrariada.

Quando a porta se fechou atrás dela, Carridin cambaleou até uma cadeira de espaldar alto com entalhes em marfim e se sentou. Deixou o conhaque onde estava; do jeito que sentia o estômago se revirar, acabaria vomitando. Que interesse Liandrin podia ter no Palácio da Panarca? Uma pergunta perigosa, talvez. Mas, ainda que os dois servissem ao mesmo mestre, ele não conseguia sentir nada além de repulsa por uma bruxa de Tar Valon.

A mulher não sabia tanto quanto pensava. Com as garantias do Rei em mãos, Carridin poderia manter Tamrin e o exército bem longe de seu pescoço com a ameaça de revelação, e Amathera também. No entanto, os dois ainda poderiam incitar a massa. E o Senhor Capitão Comandante talvez mostrasse mais do que desaprovação pela coisa toda, talvez acreditasse que ele estava atrás de poder para si. Carridin apoiou a cabeça nas mãos, antevendo Niall assinando a ordem de sua

morte. Seus próprios homens o prenderiam e enforcariam. Se conseguisse provocar a morte da bruxa… Mas a mulher prometera protegê-lo dos Myrddraal. Ele quis chorar outra vez. Liandrin sequer estava lá, mas o prendia com a mesma força de sempre, as mandíbulas de aço agarradas às duas pernas e um nó de forca amarrado a seu pescoço.

Tinha de haver uma saída, mas, para cada canto que olhava, ele só via mais armadilhas.

Liandrin percorreu os corredores como um fantasma, sem grandes dificuldades em evitar serviçais e Mantos-brancos. Ao sair por uma pequena porta dos fundos que dava para um beco estreito atrás do palácio, o homem alto e jovem de guarda a encarou com um misto de alívio e apreensão. O truquezinho de deixar os outros abertos às suas sugestões — só um pinguinho do açoite do Poder — não fora necessário com Carridin, mas não teve problemas em convencer aquele idiota a autorizar sua entrada. Sorrindo, ela fez um gesto para que o homem se aproximasse. O grosseirão desengonçado abriu um sorriso largo, como se esperasse um beijo. O sorriso congelou quando a faca de Liandrin atravessou seu olho.

Ela deu um salto ágil para trás quando o homem caiu. Assim, o guarda não falaria dela nem por acidente. Nem uma mísera gotinha de sangue sujara suas mãos. Ela desejou ter a habilidade de Chesmal para matar com o Poder, ou mesmo o talento inferior de Rianna. Era estranho que a capacidade de matar com o Poder, de parar um coração ou ferver o sangue nas veias, fosse tão intimamente ligada à Cura. Liandrin não era capaz de Curar mais do que arranhões ou hematomas — não que tivesse qualquer interesse nisso.

Sua liteira, coberta de verniz vermelho e com entalhes em ouro e marfim, a aguardava no fim da viela junto com os guarda-costas, uma dúzia de homens enormes com expressões de lobos famintos. Uma vez na rua, eles abriram caminho sem esforço pela multidão, as lanças golpeando quem não se afastasse depressa o bastante. Eram todos devotos do Grande Senhor das Trevas, sem dúvida, e, ainda que não soubessem muito bem quem ela era, sabiam que outros homens haviam desaparecido, homens que tinham falhado em servi-la de maneira apropriada.

A casa que Liandrin e as outras haviam ocupado, dois amplos andares de pedra, massa branca e teto reto em uma encosta na base de Verana, a península mais a leste de Tanchico, pertencia a um mercador que também prestara juramentos ao Grande Senhor. Liandrin preferiria um palácio. Um dia, talvez, possuísse o Palácio do Rei, em Maseta. Crescera invejando os palácios dos Lordes, mas por que deveria se contentar com um daqueles? Apesar de suas

preferências, no entanto, fazia mais sentido manterem-se um tempo escondidas. Não tinha como as idiotas de Tar Valon suspeitarem de sua presença em Tarabon, mas a Torre sem dúvida ainda estava atrás delas, e as menininhas de Siuan Sanche poderiam estar farejando por qualquer lugar.

Os portões se abriram para um pequeno pátio, com janelas apenas no andar superior. Liandrin deixou os guardas e carregadores do lado de fora e correu para dentro. O mercador fornecera alguns poucos serviçais — todos jurados ao Grande Senhor, garantiu o homem, mas um número pequeno demais para servir a onze mulheres que quase não saíam. Uma das servas, uma mulher bonita, robusta e de tranças escuras chamada Gyldin, varria os azulejos vermelhos e brancos do saguão de entrada quando Liandrin chegou.

— Onde estão as outras? — inquiriu a recém-chegada.

— Na sala de estar da frente.

Gyldin apontou para a porta dupla em arco à direita, como se Liandrin pudesse não saber onde a sala ficava.

Liandrin apertou os lábios. A mulher nunca fazia mesuras ou utilizava pronomes de tratamento. A bem da verdade, Gyldin não sabia quem Liandrin de fato era, mas sem dúvida deveria saber que era importante o suficiente para dar ordens e ser obedecida, para fazer aquele mercador gordo se curvar, se arrastar e mandar a família embora para alguma choupana.

— Você deveria estar limpando, sim? Não circulando por aí? Ora, então limpe! Tem poeira para tudo que é lado. Ora, sua vaca, se eu encontrar um grãozinho de poeira esta noite mando espancar você! — Liandrin cerrou os dentes com força. Passara tanto tempo imitando a forma como os nobre e ricos falavam que às vezes esquecia que seu pai vendia frutas em um carrinho. No entanto, em momentos de ira o linguajar da plebe lhe escapava. Era muita tensão. Muita espera. — Vá trabalhar! — gritou por fim, então entrou na sala de estar e bateu a porta atrás de si.

As outras não estavam *todas* lá, o que a deixou ainda mais irritada, mas havia o bastante delas. Eldrith Jhondar, de rosto redondo, estava sentada a uma mesa marchetada em lápis-lazúli sob uma tapeçaria presa a uma parede caiada, e, com muita atenção, tomava notas a partir de um manuscrito esfarrapado. Vez ou outra, a mulher, distraída, limpava a ponta da pena na manga do vestido de lã escura. Marillin Gemalphin estava sentada junto a uma das janelas estreitas, os olhos azuis e sonhadores fixos na diminuta fonte no pequeno pátio, afagando, absorta, as orelhas de um gato amarelo e magro, aparentemente alheia aos pelos que o bicho deixava em seu vestido de seda verde. Ela e Eldrith eram Marrons. Mesmo assim, caso Marillin algum dia descobrisse que Eldrith era a razão pela qual os

gatos de rua que ela trazia continuavam a desaparecer, haveria problemas.

Elas tinham sido Marrons. Às vezes era difícil lembrar que já não eram, ou que ela mesma já não era Vermelha. Muitas das características óbvias que as identificavam como integrantes das antigas Ajahs ainda permaneciam, mesmo agora que todas estavam abertamente comprometidas com a Ajah Negra. As duas antigas Verdes, por exemplo: de pele acobreada e pescoço longo feito o de um cisne, Jeaine Caide usava o vestido de seda mais fino e justo que conseguia arranjar — o de hoje era branco — e dava risada, dizendo que os vestidos teriam de servir, já que não havia qualquer coisa disponível em Tarabon para atrair a atenção dos homens. Jeaine era de Arad Doman, e as mulheres domanesas eram conhecidas por suas roupas escandalosas. Asne Zeramene, com os olhos escuros e oblíquos e o nariz pronunciado, parecia quase tímida e retraída em um traje cinza claro, de corte simples e gola alta, mas Liandrin já a ouvira se lamentar mais de uma vez por ter deixado os Guardiões para trás. Quanto a Rianna Andomeran… Os cabelos negros com uma mecha completamente branca por sobre a orelha emolduravam um rosto com a expressão confiante, fria e arrogante que apenas uma Branca era capaz de exibir.

— Pronto — anunciou Liandrin. — Jaichim Carridin deslocará os Mantos-brancos para o Palácio da Panarca e o ocupará para nós. Ele ainda não sabe que teremos convidados… é claro. — Algumas fizeram caretas; a mudança de Ajah não alterara os sentimentos de nenhuma delas em relação aos homens que odiavam mulheres capazes de canalizar. — Tem um detalhe interessante. O homem achou que eu tinha ido até lá para matá-lo. Por ter falhado em acabar com Rand al'Thor.

— Isso não faz sentido — comentou Asne, de cenho franzido. — Temos que prendê-lo, controlá-lo, não matá-lo. — De repente ela soltou uma risada baixa e suave, recostando-se de volta na cadeira. — Isso *se* houver um meio de controlá-lo. E olha que eu não me importaria de prendê-lo a mim. É um rapaz muito bonito, pelo pouco que vi.

Liandrin fungou. Não gostava nem um pouco de homens.

Rianna balançou a cabeça, preocupada.

— Faz sentido e é preocupante. As ordens que recebemos da Torre foram explícitas, mas também está claro que Carridin recebeu outras. Posso apenas pressupor que haja divergências entre os Abandonados.

— Os Abandonados — murmurou Jeaine, cruzando os braços com irritação. A seda fina e branca moldava os seios, deixando-os ainda mais à mostra. — De que adiantam as promessas de governarmos o

mundo quando o Grande Senhor retornar se acabarmos no meio das disputas entre Abandonados? Será que alguém acredita que temos condições de enfrentar qualquer um deles?

— Fogo devastador. — Asne olhou em volta, os olhos escuros desafiadores. — O fogo devastador pode destruir mesmo um dos Abandonados. E temos como produzi-lo.

Um dos *ter'angreal* que haviam levado da Torre, uma barra preta pregueada de um passo de comprimento, possuía esse fim. Nenhuma delas sabia por que haviam recebido ordem para levá-lo, nem mesmo Liandrin. Estavam às cegas com muitos dos *ter'angreal*: haviam recebido ordens de levá-los sem qualquer razão aparente, mas certas ordens tinham de ser cumpridas. Liandrin desejou que tivessem conseguido ficar com pelo menos um dos *angreal*.

Jeaine fungou alto, com desdém.

— Isso se alguma de nós conseguir controlá-lo. Ou você já se esqueceu de que eu quase morri na única vez em que nos atrevemos a tentar? Isso sem falar no buraco dos dois lados do navio, que foi aberto antes que eu conseguisse controlar o incêndio? Teria sido uma beleza se a gente naufragasse antes de chegar em Tanchico.

— Que necessidade temos de usar fogo devastador? — perguntou Liandrin. — Se conseguirmos controlar o Dragão Renascido, poderemos deixar os Abandonados pensando em como vão lidar conosco. — De repente ela notou mais uma presença na sala. Era a tal Gyldin, esfregando uma cadeira entalhada e de espaldar baixo, em um canto. — O que está fazendo aqui, mulher?

— Limpando. — A mulher de tranças escuras se endireitou, displicente. — A senhora me mandou limpar.

Liandrin quase a atacou com o Poder. Quase. Mas Gyldin decerto não sabia que elas eram Aes Sedai. O que a mulher teria ouvido? Nada de importante.

— Vá até o cozinheiro — mandou, com a voz gélida — e mande o homem bater em você. Bem forte! E vai ficar sem comer até limpar toda essa poeira. — Mais uma vez a mulher a fizera falar feito uma plebeia.

Marillin se levantou, encostando o nariz do gato amarelo no dela, e entregou a criatura a Gyldin.

— Dê a ele uma tigela de nata, depois que o cozinheiro terminar com você. E um pouco daquele cordeiro gostoso. Corte em pedaços pequenos, não restaram muitos dentes no bichano, pobrezinho. — Gyldin encarou a mulher sem piscar, e ela acrescentou: — Alguma coisa que você não tenha entendido?

— Eu entendi. — Gyldin apertou os lábios. Talvez enfim tivesse entendido que era uma servente, não uma igual.

Liandrin aguardou um instante depois que a mulher se retirou

com o gato aninhado nos braços, então abriu uma das portas com violência. O corredor estava vazio. Gyldin não estava bisbilhotando. Não confiava na mulher, por outro lado, não conseguia pensar em alguém em quem de fato confiasse.

— Precisamos nos ocupar de nossas ocupações — disse com firmeza, fechando a porta. — Eldrith, encontrou mais alguma pista nessas páginas? Eldrith?

A mulher roliça levou um susto, depois olhou em volta, piscando. Era a primeira vez que erguia a cabeça do manuscrito amarelo surrado, e parecia surpresa em ver Liandrin.

— O quê? Pista? Ah. Não. Já é uma dificuldade entrar na Biblioteca do Rei, se eu arrancasse uma mísera página, as bibliotecárias perceberiam na hora. Mas, se me livrasse delas, nunca encontraria nada. Aquele lugar é um labirinto. Não, encontrei isso com um livreiro perto do Palácio do Rei. É um tratado interessante sobre…

Abraçando *saidar*, Liandrin soprou as folhas para longe, espalhando-as pelo chão.

— A não ser que seja um tratado sobre como controlar Rand al'Thor, deixe que queime! O que foi que você descobriu sobre o que estamos buscando?

Eldrith fitou os papéis espalhados.

— Bom, está no Palácio da Panarca.

— Você descobriu isso dois dias atrás.

— E deve ser um *ter'angreal*. Controlar alguém capaz de canalizar requer o uso do Poder e, como é um uso especializado, isso significa que deve ser um *ter'angreal*. Deve estar na sala de exposições, ou talvez com a coleção da Panarca.

— Alguma novidade, Eldrith. — Com esforço, Liandrin impostou a voz em um tom menos estridente. — Encontrou alguma novidade? Qualquer uma?

A mulher de rosto redondo piscou, indecisa.

— Na verdade… não.

— Não importa — interveio Marillin. — Daqui a poucos dias, quando tiverem empossado sua preciosa Panarca, poderemos dar início à nossa busca, e encontraremos o *ter'angreal*, nem que tenhamos de vasculhar cada castiçal. Estamos muito perto, Liandrin. Prenderemos Rand al'Thor em uma coleira e o ensinaremos a sentar e a rolar.

— Ah, sim — concordou Eldrith, com um sorriso contente. — Numa coleira.

Liandrin torcia para que conseguissem. Estava cansada de esperar, cansada de se esconder. Que o mundo soubesse de uma vez quem ela era. Que o povo se ajoelhasse, como fora prometido quando trocou os

juramentos antigos pelos novos.

Egeanin percebeu que não estava sozinha assim que pôs os pés na cozinha da pequena casa, mas largou a máscara e a bolsa de juta sobre a mesa e caminhou até um balde d'água que jazia ao lado da lareira de tijolos. Quando se agachou para apanhar a concha de cobre, a mão direita passou depressa por um buraco fundo atrás do balde, onde dois tijolos haviam sido removidos. Ela deu um giro e se levantou com uma pequena besta nas mãos. Tinha não mais do que um pé de comprimento e pouco poder ou alcance, mas Egeanin sempre a mantinha preparada, e o pequeno borratão na ponta da lâmina afiada era suficiente para matar em um piscar de olhos.

Se o homem encostado displicentemente à parede do canto notara a besta, não deu sinal. Tinha cabelos claros e olhos escuros, era de meia-idade e bem-apessoado, embora muito magro para o gosto dela. Estava claro que a vira cruzar o pátio estreito até a janela com grades de ferro a seu lado.

— Me considera uma ameaça? — indagou o homem, depois de um instante.

Egeanin reconheceu o sotaque familiar de sua terra natal, mas não baixou a arma.

— Quem é você?

Como resposta, o homem enfiou dois dedos na bolsa do cinto, com muito cuidado — pareceu finalmente ter visto a arma — e retirou um objeto pequeno e liso. Ela fez um gesto para que ele o deixasse sobre a mesa e se afastasse outra vez.

Somente depois que o homem já estava de volta no canto foi que ela se aproximou para pegar o que ele deixara. Sem tirar os olhos nem a besta da direção dele, ergueu o objeto para ver melhor. Uma pequena placa de marfim com bordas de ouro e um corvo e uma torre gravados. Os olhos do corvo eram safiras negras. Um corvo, símbolo da família Imperial. Era a Torre dos Corvos, símbolo da justiça Imperial.

— Em geral isso seria suficiente — disse ela ao homem — mas estamos bem longe de Seanchan, em uma terra onde o bizarro é quase lugar-comum. Que outra prova o senhor pode oferecer?

Com um sorriso silencioso que revelava seu divertimento, o homem retirou o casaco, desamarrou o laço da camisa e a despiu. Em cada ombro havia uma tatuagem do corvo e da torre.

A maioria dos Inquiridores da Verdade ostentava corvos e a torre, mas nem mesmo alguém que ousasse roubar uma placa de Inquiridor marcaria o próprio corpo daquela forma. Usar os corvos significava marcar-se como propriedade da família Imperial. Havia uma antiga história sobre dois jovens tolos, um lorde e uma lady, que ficaram

muito bêbados e se tatuaram, uns trezentos anos antes. Quando a Imperatriz soube, mandou levar os dois até a Corte das Nove Luas e os pôs para esfregar o chão. Esse sujeito talvez fosse um de seus descendentes. A marca do corvo era para sempre.

— Peço desculpas, Inquiridor — disse a mulher, abaixando a besta. — Por que está aqui?

Não perguntou o nome do homem; qualquer que ele fornecesse poderia ou não ser o verdadeiro.

Ele deixou a mulher segurando a placa enquanto vestia a blusa, bem devagar. Um lembrete sutil. Egeanin era capitã, e ele era propriedade, mas também era um Inquiridor, e, aos olhos da lei, tinha autoridade para mandá-la para interrogatório. Aos olhos da lei, tinha o direito de mandá-la comprar a corda para se amarrar para interrogá-la ali mesmo, e ficaria esperando que ela retornasse com a encomenda. Fugir de um Inquiridor era crime. Recusar-se a cooperar com um Inquiridor era crime. Egeanin nunca cogitara cometer um crime, não mais do que cogitara trair o Trono de Cristal. Porém, se o homem fizesse as perguntas erradas, se exigisse as respostas erradas… a besta ainda estava ao alcance de suas mãos, e Cantorin estava bem longe. Ideias loucas. Ideias perigosas.

— Eu sirvo à Grã-lady Suroth e à *Corenne*, pela Imperatriz — anunciou ele. — Estou conferindo o progresso dos agentes que a Grã-lady designou para atuar nestas terras.

Conferindo? O que havia para ser conferido, ainda mais por um Inquiridor?

— Os barcos mensageiros não trouxeram notícias de sua vinda.

O sorriso do homem se alargou, e Egeanin corou. Óbvio que as tripulações não falariam sobre um Inquiridor. Mesmo assim ele respondeu, enquanto amarrava a camisa.

— Os barcos mensageiros não devem ser postos em risco com minhas viagens. Pedi passagem nas embarcações de um contrabandista local, um homem chamado Bayle Domon. O navio dele para em todos os pontos de Tarabon e Arad Doman, e também entre os dois lugares.

— Ouvi falar desse homem — respondeu ela, calma. — Foi tudo bem?

— Agora está tudo bem. Fico feliz por você, ao menos, ter entendido suas instruções corretamente. Entre os outros, apenas os Inquiridores foram capazes de entendê-las. É uma pena que não haja mais Inquiridores com a *Hailene*. — O homem ajeitou o casaco nos ombros, então tomou a placa de Inquiridor das mãos de Egeanin. — Houve certo constrangimento em relação ao retorno das *sul'dam* desertoras. Tais deserções não devem se tornar do conhecimento de todos. É melhor que essas mulheres tenham

simplesmente desaparecido.

Ela só conseguiu manter a expressão plácida porque teve um pouco de tempo para pensar. *Sul'dam* haviam sido deixadas para trás no fiasco de Falme, pelo que ouvira dizer. Algumas deviam ter desertado. A instrução, dada pela Grã-lady Suroth em pessoa, fora a de enviar de volta todas as que fossem encontradas, quisessem elas ou não, ou, caso não fosse possível, livrar-se delas. O que parecera apenas uma alternativa em último caso. Até agora.

— Lamento que estas terras não conheçam kaf — comentou o homem, tomando um lugar à mesa. — Mesmo em Cantorin, só o Sangue ainda toma kaf. Pelo menos a situação estava assim, quando fui embora. Talvez alguns navios de suprimentos tenham chegado de Seanchan. Mas chá está de bom tamanho. Faça um chá para mim.

Egeanin quase o derrubou da cadeira. O homem era propriedade. E Inquiridor. Ela coou o chá. Então serviu-o, permanecendo com o bule ao lado da cadeira para manter a xícara cheia. Ficou surpresa por ele não tê-la mandado pôr um véu e dançar em cima da mesa.

Enfim obteve permissão para se sentar, depois de apanhar pena, tinta e papel. Isso foi apenas para rascunhar mapas de Tanchico e suas defesas, desenhar todas as aldeias e cidades sobre as quais não sabia muita coisa. Listou as mais diversas forças no campo, enunciando o quanto sabia sobre seu tamanho e lealdade e o que deduzira de sua ordenação.

Quando Egeanin terminou, o homem enfiou tudo no bolso, mandou-a enviar o conteúdo do saco de juta no próximo barco mensageiro e saiu dando um daqueles sorrisos satisfeitos, dizendo que talvez conferisse o progresso dela dentro de algumas semanas.

Egeanin permaneceu sentada durante um bom tempo depois da saída do Inquiridor. Cada mapa que rascunhara e cada lista que fizera eram cópias de papéis enviados havia muito por barcos mensageiros. Mandá-la fazer tudo de novo sob sua inspeção talvez tivesse sido a punição do homem por ela tê-lo forçado a exibir as tatuagens. Os Guardas da Vigília da Morte exibiam seus corvos, mas era raro os Inquiridores o fazerem. Talvez tivesse sido isso. Pelo menos o homem não tinha descido ao porão antes de ela chegar. Ou será que tinha? Será que estava apenas esperando que ela falasse?

O robusto cadeado de ferro, aparentemente intocado, pendia da porta do corredor logo na saída da cozinha, mas corria à boca miúda que os Inquiridores conseguiam abrir cadeados sem chaves. Egeanin tirou a chave da bolsa do cinto, abriu o cadeado e desceu a escada estreita.

Uma luminária em uma prateleira clareava o porão empoeirado. Apenas quatro paredes de tijolos, sem nada que pudesse auxiliar a fuga. O leve odor vindo do balde de necessidades pairava no ar. Do

lado oposto do lampião, uma mulher em um vestido imundo estava sentada, melancólica, sobre alguns cobertores de lã crua. Ela ergueu a cabeça ao ouvir os passos de Egeanin, os olhos escuros cheios de medo e súplica. Tinha sido a primeira *sul'dam* que ela encontrara. A primeira e única. Egeanin praticamente parou de procurar, depois de encontrar Bethamin. E Bethamin estava naquele porão desde então, enquanto os barcos mensageiros iam e vinham.

— Alguém desceu aqui? — perguntou.

— Não. Ouvi uns passos lá em cima, mas… não. — Bethamin estendeu as mãos para ela. — Por favor, Egeanin. Isso tudo é um engano. Você me conhece há dez anos. Tire essa coisa de mim.

Uma coleira de prata envolvia seu pescoço, ligada por uma grossa corrente a um bracelete que estava preso a um pino alguns pés acima de sua cabeça. Prender a mulher naquilo fora quase um acidente, apenas um meio de contê-la por alguns instantes. Então Bethamin conseguira dar um jeito de derrubar Egeanin, em um movimento brusco, na tentativa de se libertar.

— Se você o trouxer até mim, eu tiro — respondeu Egeanin, cheia de raiva. Sentia raiva de muitas coisas, não de Bethamin. — Traga o *a'dam* aqui, e eu tiro.

Bethamin estremeceu e deixou as mãos caírem.

— É um engano — sussurrou. — Um engano terrível.

Mas a mulher não fez qualquer movimento em direção ao bracelete. A primeira tentativa de fuga a deixara se contorcendo no chão do andar superior, assolada pela náusea, e Egeanin ficara estupefata.

As *Sul'dam* controlavam as *damane*, mulheres capazes de canalizar, com o auxílio do *a'dam*. Eram as *damane* que podiam canalizar, não as *sul'dam*. No entanto, um *a'dam* só podia controlar uma mulher capaz de canalizar. Nenhuma outra mulher ou homem — os jovens rapazes com essa habilidade eram executados, naturalmente — apenas mulheres capazes de canalizar. As que tinham essa habilidade e eram encolaradas não conseguiam se deslocar mais do que alguns passos sem o bracelete no pulso de uma *sul'dam* para completar o elo.

Egeanin sentia-se bastante cansada ao subir as escadas e trancar a porta outra vez. Queria um pouco de chá, mas o pouco que o Inquiridor deixara estava frio, e ela não queria fazer mais. Em vez disso, sentou-se e tirou o *a'dam* de dentro da bolsa de juta. Para ela, era apenas um pedaço de prata muito bem soldada. Não podia usá-lo, e o objeto só podia feri-la caso alguém o usasse para golpeá-la.

O simples fato de se ligar a um *a'dam,* àquela altura, mesmo sem a capacidade de o objeto controlá-la, era o suficiente para que um arrepio percorresse sua espinha. Mulheres capazes de canalizar eram

animais perigosos, não pessoas. Elas é que tinham provocado a Ruptura do Mundo. Tinham de ser controladas, ou transformariam todos em suas propriedades. Fora isso que ela aprendera, o que era ensinado em Seanchan havia mil anos. Era estranho que o mesmo parecesse não ter acontecido por ali. Não. Essa era uma linha de pensamento perigosa e insensata.

Enfiou o *a'dam* de volta na bolsa e limpou as louças do chá para organizar a mente. Gostava de organização e sentia uma pequena satisfação em manter a cozinha limpa. Antes que reparasse, estava coando um chá para tomar. Não queria pensar em Bethamin, o que também era perigoso e insensato. Sentando-se de volta à mesa, misturou mel a uma xícara do chá mais preto que conseguiu coar. Não era kaf, mas servia.

Apesar das negações, apesar das justificativas, Bethamin sabia canalizar. Será que outras *sul'dam* também sabiam? Teria sido por isso que Grã-lady Suroth desejava a morte das que haviam sido deixadas para trás, em Falme? Era inconcebível. Era impossível. Os testes anuais em toda Seanchan identificavam cada menina que portava a centelha da canalização: todas foram removidas do rol de cidadãos, apagadas dos registros familiares, levadas para se tornarem *damane* encolaradas. Os mesmos testes haviam localizado as meninas capazes de aprender a usar o bracelete de *sul'dam*. Nenhuma mulher escapava de ser testada a cada ano, até ter idade para começar a canalizar, caso a centelha estivesse presente. Como uma garota sequer poderia ter sido tomada por *sul'dam* se, na verdade, era *damane*? Ainda assim, Bethamin estava no porão, presa a um *a'dam* como a uma âncora.

Uma coisa era certa. As possibilidades que se apresentavam eram potencialmente fatais. Aquilo envolvia o Sangue e os Inquiridores. Talvez até o Trono de Cristal. Será que a Grã-lady Suroth teria coragem de esconder uma informação daquelas da Imperatriz? Uma simples capitã de navio poderia ser torturada até a morte por exibir um olhar de desagrado diante de alguém de tal nível, ou passar a ser propriedade por um mero capricho. Precisava descobrir mais, se quisesse evitar a Morte das Dez Mil Lágrimas. Para começar, isso significava dar mais dinheiro a Gelb e a outros bisbilhoteiros covardes feito ele, encontrar mais *sul'dam* e ver se elas podiam ser contidas por *a'dam*. Além disso… Além disso, estava navegando por mares inexplorados, sem ninguém na proa para conduzir.

Tocando a besta, ainda preparada com o ferrolho letal, percebeu que havia outra certeza. Não permitiria que os Inquiridores a matassem. Não para simplesmente ajudar a Grã-lady Suroth a guardar segredo. Talvez por motivo nenhum. Era um pensamento assustadoramente próximo da traição, mas que não lhe saía da cabeça.

39



Uma taça de vinho

Quando Elayne chegou ao deque, com os pertences embrulhados em uma trouxa organizada, o sol poente parecia encostar na água logo além da entrada do porto de Tanchico. Além disso, nos últimos cabos grossos estavam sendo amarradas para acomodar o *Bailador das Ondas* a um embarcadouro cheio de navios enfileirados, apenas um de muitos ao longo da península mais ocidental da cidade. Alguns tripulantes recolhiam as últimas velas. Atrás dos cais compridos, a cidade se erguia sobre as montanhas, branca e reluzente, cheia de domos e pináculos, com cata-ventos polidos cintilando ao sol. Mais ou menos uma milha ao norte dava para distinguir muralhas altas e arredondadas. Era o Grande Círculo, se não lhe falhava a memória.

Ela pendurou a trouxa no mesmo ombro onde estava o alforje de couro e foi se juntar a Nynaeve, Coine e Jorin na prancha de embarque. Era um tanto estranho ver as irmãs vestidas outra vez, em blusas brilhosas de seda brocada combinando com as calças largas. Já estava acostumada com os brincos e pingentes de nariz, e a bela corrente de ouro que cruzava a face escura de cada uma das duas já quase não lhe causava aflição.

Thom e Juilin permaneciam afastados, carregando as próprias trouxas, os semblantes um tanto emburrados. Nynaeve tinha razão. Eles tinham tentado criticar suas escolhas desde que o real propósito da viagem, ou parte dele, lhes fora revelado, dois dias antes. Nenhum dos dois parecia pensar que duas jovens mulheres tinham competência — *competência!* — para caçar a Ajah Negra. Bastou uma ameaça de Nynaeve de transferi-los a outro navio do Povo do Mar,

navegando no sentido oposto, para cortar o mal pela raiz. Pelo menos depois que Toram e uma dúzia de tripulantes se uniram para obrigar os dois a entrar em um barquinho a remo para fazer a transferência de navios. Elayne lançou a eles um olhar indagativo. O ar emburrado indicava rebelião; aqueles dois ainda causariam mais problemas.

— Para onde vão agora, Coine? — perguntou Nynaeve, quando Elayne as alcançou.

— Para Dantora, para as Aile Jafar — respondeu a Mestra das Velas — depois seguiremos até Cantorin e as Aile Somera para espalhar as notícias do Coramoor, se aprouver à Luz. Mas preciso deixar Toram fazer negócios aqui, ou ele vai explodir.

O marido dela estava no cais, sem as estranhas lentes no aro de arame presas ao rosto, de dorso nu e cheio de anéis, conversando com muita empolgação com homens em calças brancas largas e casacos com ombros bordados em arabescos. Os homens de Tanchico usavam um quepe escuro e cilíndrico e um véu transparente cobrindo o rosto. Os véus conferiam um aspecto meio ridículo, sobretudo aos que tinham bastos bigodes.

— Que a luz permita que vocês viajem em segurança — desejou Nynaeve, ajeitando a trouxa nas costas. — Se detectarmos qualquer ameaça antes de vocês zarparem, mandaremos um aviso.

Coine e a irmã pareciam bastante tranquilas. Saber da Ajah Negra quase não as atormentava. Era Rand, o Coramoor, a notícia mais importante.

Jorin beijou as pontas dos dedos e apertou-os contra os lábios de Elayne.

— Queira a Luz que nos vejamos de novo.

— Queira a Luz — respondeu Elayne, imitando o gesto da Chamadora de Ventos.

Ainda era estranho, mas também era uma honra, um cumprimento usado somente entre familiares próximos ou amantes. Sentiria falta da mulher do Povo do Mar. Aprendera bastante, e também ensinara um pouquinho. Jorin com certeza estava muito melhor em urdir Fogo.

Quando chegaram à base da prancha de embarque, Nynaeve soltou um suspiro de alívio. Uma poção oleosa feita por Jorin havia acalmado seu estômago depois de dois dias no mar, mas, mesmo assim, a antiga Sabedoria passara a viagem de olhos e boca bem fechados, até Tanchico surgir à vista.

Os dois homens na mesma hora se posicionaram um à frente e um atrás das duas, sem qualquer instrução. Juilin tomou a liderança com a trouxa nas costas, segurando o cajado claro e da largura de um polegar com ambas as mãos, os olhos escuros alertas. Thom assumiu a retaguarda, exibindo uma expressão ameaçadora, apesar dos cabelos

brancos, da manqueira e do manto de menestrel.

Nynaeve apertou os lábios por um instante, mas não disse uma palavra, o que Elayne considerou bastante sábio. Antes de darem cinquenta passos pelo comprido cais de pedra, já tinha visto um sem-número de homens de aspecto faminto e olhos semicerrados a estudá-las, em meio aos nativos e forasteiros transportando caixotes, fardos e sacas para o desembarcadouro. Suspeitou que qualquer um deles estivesse disposto a degolá-la na esperança de que um vestido de seda pusesse dinheiro em seus bolsos. Os homens não a assustavam; ela podia dar conta de dois ou três, tinha certeza. No entanto, tanto ela quanto Nynaeve levavam os anéis da Grande Serpente nas bolsas, e seria inútil fingir que não possuíam ligação com a Torre Branca, se começassem a canalizar diante de cem homens. Era melhor que Juilin e Thom fizessem as caras mais bravas que pudessem. Não teria se incomodado se estivessem acompanhadas por mais uns dez deles.

De súbito, ouviu-se um estrondo vindo do convés de um dos navios menores.

— Vocês! São vocês mesmo!

Um homem largo e de rosto redondo, vestindo um casaco verde de seda, pulou no cais, ignorando o cajado erguido de Juilin e encarando Elayne e Nynaeve. Uma barba sem bigode o identificava como illianense, além do sotaque. O sujeito parecia vagamente familiar.

— Mestre Domon? — perguntou Nynaeve, depois de um instante, dando um puxão forte na trança. — Bayle Domon?

O homem assentiu.

— É. Pensei que nunca veria as duas de novo. Eu… Eu esperei o quanto pude em Falme, mas teve um momento em que era ir embora ou ver meu navio pegar fogo.

Elayne agora o reconhecia. O homem concordara em levá-las embora de Falme, mas o caos assolara a cidade antes que conseguissem chegar à embarcação. O casaco dava provas de que o homem não passara dificuldades, desde então.

— Que prazer ver o senhor outra vez — disse Nynaeve, em um tom frio — mas, se nos dá licença, temos que procurar hospedagem na cidade.

— Vai ser difícil. Tanchico está explodindo de gente. Mas, no caso, conheço um lugar onde minha conversa talvez valha de alguma coisa. Eu nem devia mesmo ficar mais tempo em Falme, mas, no caso, sinto que estou em dívida com as duas. — Domon fez uma pausa, franzindo o sobrolho com uma inquietação repentina. — E com vocês estando aqui… vai acontecer o mesmo que em Falme?

— Não, Mestre Domon — respondeu Elayne, quando Nynaeve hesitou. — É claro que não. E ficamos felizes em aceitar sua ajuda.

Uma parte dela esperou que Nynaeve protestasse, mas a mulher mais velha apenas assentiu, pensativa, e deu instruções aos homens. O manto de Thom fez Domon erguer as sobrancelhas — por um instante, Elayne quase achou que ele reconhecera o menestrel — mas a indumentária tairena de Juilin gerou uma carranca que foi retribuída à altura. Ainda assim, nenhum dos homens disse uma palavra. Talvez conseguissem manter a animosidade entre Tear e Illian fora de Tanchico. Se não, ela teria de lidar com os dois com muita firmeza.

Enquanto acompanhava o grupo pelo desembarcadouro, Domon contou o que lhe acontecera desde Falme. O homem de fato vinha prosperando.

— No caso, os coletores de impostos da Panarca só conhecem uns doze bons navios costeiros — comentou ele, rindo — mas nem sequer conhecem quatro de águas profundas.

O homem não podia ter ficado tão sincero em tão pouco tempo. Elayne ficou chocada ao ouvi-lo falar tão abertamente em um cais cheio de homens.

— É, no caso, eu faço contrabando mesmo, e ganho como nunca imaginei. Boto um décimo do que eu gastaria em impostos nos bolsos dos homens da alfândega e isso já deixa todo mundo de bico calado.

Dois tanchicanos com os tais véus e chapéus redondos passaram por eles, as mãos cruzadas nas costas. Cada um levava uma pesada chave de latão pendurada em uma corrente grossa no pescoço, que parecia simbolizar algum ofício. Os dois cumprimentaram Domon com um aceno de cabeça. Thom estava bem-humorado, mas Juilin tinha os olhos cravados tanto em Domon quanto nos dois sujeitos de Tanchico. Como caçador de ladrões, ele tinha um desprezo particular pelos que zombavam da lei.

— Mas nem acredito que vai durar muito mais tempo — comentou Domon, depois que os tanchicanos passaram. — No caso, as coisas estão ainda piores em Arad Doman do que aqui, e olha que já estão bem ruins por aqui. Talvez o Lorde Dragão nem tenha começado a próxima Ruptura do Mundo ainda, mas com certeza já rompeu Arad Doman e Tarabon.

Elayne quis responder com um comentário mordaz, mas o grupo chegava ao pé do cais, então ela aguardou em silêncio enquanto Domon contratava liteiras, carregadores e uma dúzia de homens com cajados pesados e rostos severos. Guardas com espadas e lanças estavam parados no fim do cais, e tinham jeito de guarda-costas, não de soldados. Do outro lado da rua larga, ao longo da fileira de desembarcadouros, centenas de rostos encovados e abatidos encaravam os guardas. Às vezes, alguns olhos titubeavam na direção dos navios, mas em geral se mantinham fixos nos homens que os impediam de chegar às embarcações. Lembrando-se do que Coine

dissera sobre o povo cercando sua embarcação, todos desesperados para comprar passagens para qualquer lugar longe de Tanchico, Elayne sentiu um calafrio. Quando aqueles olhos famintos encaravam os navios, a necessidade ardia dentro deles. Elayne permanecia rígida na cadeira, sacolejando ao passar pela multidão que se abria diante dos cutucões dos cajados, tentando não olhar para qualquer coisa em particular. Não queria ver aqueles rostos. Onde estava o rei deles? Por que não cuidava de seu povo?

Domon levou o grupo a uma estalagem de parede caiada logo abaixo do Grande Círculo, cuja placa acima do portão apresentava o lugar como o Jardim das Três Ameixeiras. O único jardim que Elayne via era um quintal de paredes altas, todo pavimentado de pedras que ficava na frente da estalagem, uma construção quadrada de três andares, sem janelas no térreo e cujas janelas de cima ostentavam exóticas grades de ferro. Do lado de dentro, homens e mulheres lotavam o salão, a maioria em trajes típicos de suas terras, e o burburinho de vozes quase abafava a melodia de um saltério.

Nynaeve arquejou quando viu a estalajadeira, uma bela mulher, não muito mais velha do que ela própria, de olhos castanhos, pequenas tranças cor de mel, e um véu que não escondia os lábios carnudos e rosados. Elayne também se assustou, mas não era Liandrin. Estava claro que a mulher — que se chamava Rendra — conhecia Domon muito bem. Com sorrisos receptivos para Elayne e Nynaeve e dando atenção demais ao fato de Thom ser um menestrel, ela forneceu ao grupo os dois últimos quartos a um preço que Elayne suspeitou ser menor que o habitual. Elayne certificou-se de que ela e Nynaeve pegassem o de cama maior. Já dividira a cama com a amiga, que se mexia demais.

Rendra também serviu o jantar em uma sala privada, que foi trazido por dois jovens serviçais com véus. Elayne se viu diante de um prato de cordeiro assado com geleia de maçã apimentada e algum tipo de feijão comprido e amarelado, preparado com pinhões. Não conseguiu tocar a comida. Todos aqueles rostos esfomeados… Domon não se fez de rogado, com seu contrabando e seu ouro. Thom e Juilin também não tiveram reservas.

— Rendra — chamou Nynaeve, baixinho — alguém aqui ajuda os pobres? Posso contribuir com um bom punhado de ouro, se for de alguma ajuda.

— Pode doar para a cozinha de Bayle — respondeu a estalajadeira, abrindo um sorriso para Domon. — O homem foge de todos os impostos, mas cobra de si mesmo. Para cada coroa que dá de suborno, devolve duas para a sopa e o pão dos pobres. Já até me convenceu a doar, e olhe que *eu* pago meus impostos.

— No caso, desembolso menos que os impostos — resmungou

Domon, curvando os ombros na defensiva. — Tenho mesmo lucros muito generosos, e que a Sorte me espicace se eu estiver mentindo.

— Que bom que o senhor gosta de ajudar os outros, Mestre Domon — comentou Nynaeve, depois que Rendra e os serventes se retiraram. Thom e Juilin se levantaram para conferir se eles tinham mesmo saído. Com uma meia mesura, Thom deixou Juilin abrir a porta; o corredor do lado de fora estava vazio. Nynaeve prosseguiu na mesma hora. — Talvez também precisemos da ajuda do senhor.

A faca e o garfo do illianense pararam de cortar um pedaço de cordeiro.

— Como? — perguntou o homem, desconfiado.

— Não sei exatamente, Mestre Domon. O senhor tem navios. Deve ter homens. Talvez precisemos de olhos e ouvidos. Pode muito bem haver integrantes da Ajah Negra em Tanchico, e temos que encontrá-las, se for o caso.

Nynaeve levou à boca uma garfada de feijão, como se tivesse dito a coisa mais trivial do mundo. Parecia estar contando a todo mundo sobre a Ajah Negra, ultimamente.

Domon ficou de queixo caído para a mulher, depois olhou incrédulo para Thom e Juilin, que retornavam às cadeiras. Quando os dois assentiram, ele empurrou o prato de lado e apoiou a cabeça nos braços. Ele estava prestes a ganhar um soco de Nynaeve, se a forma como ela apertava os lábios era algum indicativo, e Elayne não a culparia. Por que o homem precisaria olhar os outros dois para confirmar as palavras dela?

Por fim, Domon se endireitou.

— Vai acontecer outra vez. Falme, tudo de novo. Talvez, no caso, seja hora de eu me preparar para partir. Se eu levar meus navios de volta para Illian, também serei um homem rico por lá.

— Duvido que o senhor considere Illian um bom destino — retrucou Nynaeve, em um tom firme. — Fiquei sabendo que Sammael agora governa tudo por lá, ainda que não abertamente. O senhor talvez não faça bom proveito de sua riqueza, sob o domínio de um dos Abandonados. — Os olhos de Domon quase saltaram das órbitas, mas ela prosseguiu. — Não existem mais lugares seguros. O senhor pode correr feito um coelho, mas não pode se esconder. Será que não é melhor fazer o possível para lutar como um homem?

Nynaeve estava sendo muito dura. Ela sempre achava melhor intimidar os outros. Elayne sorriu e se inclinou para tocar o braço de Domon.

— Não é nossa intenção intimidá-lo, Mestre Domon, mas pode ser que precisemos mesmo de sua ajuda. Sei que o senhor é um homem corajoso, ou não teria esperado tanto tempo por nós, como fez em Falme. Ficaremos muito gratas.

— Vocês são muito boas nessa coisa toda — resmungou Domon. — Uma dá o açoite de um boiadeiro, a outra vem com o mel de uma rainha. Ah, muito bem. No caso, vou ajudar como puder. Mas de jeito nenhum vou ficar para ver outra Falme.

Thom e Juilin começaram a interrogar o capitão a respeito de Tanchico, durante o resto da refeição. Juilin, pelo menos, o fazia de modo indireto, sugerindo perguntas para Thom sobre quais distritos os ladrões, larápios e trapaceiros frequentavam, quais adegas usavam e quem comprava suas mercadorias roubadas. O caçador de ladrões argumentava que era comum tais grupos saberem mais do que se passava em uma cidade do que as próprias autoridades. Ele parecia não querer falar diretamente com o illianense. Domon, por sua vez, bufava sempre que respondia a uma das perguntas do taireno feita pelo menestrel. E só respondia *depois* que Thom as verbalizava.

Os questionamentos do próprio Thom não faziam sentido, pelo menos não vindos de um menestrel. Ele perguntava sobre nobres e facções, sobre quem era aliado de quem e quem se opunha a quem, sobre quem tinha quais objetivos declarados, no que suas ações resultavam e se os resultados eram diferentes do que supostamente desejavam. Não era nem de longe o tipo de pergunta que Elayne esperava ouvir dele, mesmo depois de todas as conversas no *Bailador das Ondas*. O homem estivera bastante disposto a conversar com ela — e até parecia gostar do papo — mas, de alguma maneira, toda vez que Elayne pensava que conseguiria cavar alguma coisa sobre o passado do menestrel, ele a irritava e a fazia ir embora. Domon respondia a Thom com mais vivacidade do que a Juilin. De toda forma, conhecia Tanchico muito bem, tanto os lordes e oficiais quanto a escória. Pelo que falava, parecia haver pouca diferença entre os dois grupos.

Depois que os dois homens espremeram o contrabandista até o talo, Nynaeve pediu a Rendra que trouxesse pena, papel e tinta e rascunhou uma lista descrevendo cada uma das irmãs Negras. Segurando as folhas com muito cuidado em uma das mãos enormes, Domon franziu o sobrolho, preocupado, como se os nomes fossem as próprias mulheres. Ainda assim, prometeu mandar seus homens que estavam no porto ficarem de olhos bem abertos. Quando Nynaeve lembrou a Bayle que todos deveriam tomar extremo cuidado, ele deu risada do mesmo modo que riria se a mulher o tivesse mandado não se ferir com a própria espada.

Juilin saiu na cola de Domon, rodopiando o bastão claro e dizendo que a noite era a melhor hora para encontrar ladrões e o povo que vivia dos ladrões. Nynaeve anunciou que estava se retirando para o quarto — *seu* quarto — para deitar um pouco. Parecia um tanto vacilante, e de súbito Elayne percebeu por quê. A mulher se

acostumara ao balanço do *Bailador,* e agora estava com dificuldade de caminhar no chão que *não* balançava. O estômago de Nynaeve não era uma companhia de viagem agradável.

Elayne acompanhou Thom até o salão, onde ele prometera a Rendra que se apresentaria. Por um milagre, a mulher encontrou um banco em uma mesa vazia, e bastaram alguns olhares frios para afastar os homens que de repente começaram a querer sentar ali. Rendra trouxe para ela uma caneca de prata com vinho, e a Filha-herdeira bebericou enquanto ouvia Thom tocar a harpa, entoando cantigas de amor como "A Primeira Rosa do Verão" e "O Vento que Balança o Salgueiro", além de outras canções divertidas, como "Apenas Uma Bota" e "O Velho Ganso Grisalho". A plateia vibrava, batendo nas mesas em aplausos. Depois de um tempo, Elayne também começou a imitá-los. Não chegara nem à metade do vinho, mas um belo atendente sorriu para ela e encheu sua caneca. Tudo era exótico e excitante. Durante toda a vida, não estivera mais de cinco vezes no salão de uma estalagem, e nunca bebendo e se divertindo como uma plebeia.

Agitando a capa para tremular os retalhos multicoloridos, Thom contou histórias, como "Mara e os Três Reis Tolos" e muitos contos de Anla, a Conselheira Sábia. Ele também recitou um longo trecho de *A Grande Caçada à Trombeta*, fazendo-o de modo que os cavalos pareceram empinar e os trompetes estrondearam ali mesmo no salão, e homens e mulheres lutaram, amaram e morreram. Ele seguiu noite adentro, cantando e recitando, com pequenas pausas aqui e ali para molhar a garganta com um gole de vinho enquanto os fregueses clamavam por mais. A mulher que antes tocava o saltério estava sentada em um canto, com o instrumento nos joelhos e uma expressão azeda no rosto. O povo jogava muitas moedas para Thom, que convocara um rapazote para apanhá-las, e era pouco provável que tivessem feito o mesmo pela música da mulher.

Tudo aquilo parecia combinar bastante com Thom, sobretudo a harpa e o recital. Bem, ele era um menestrel, mas parecia ser mais do que isso. Elayne poderia jurar que já ouvira o homem recitar *A Grande Caçada*, mas em Alto Canto, não em Simples. Como era possível? Ele era apenas um velho menestrel.

Enfim, já às altas horas da noite, Thom fez uma mesura e um último floreio com a capa e rumou para as escadas, em meio a uma algazarra de punhos golpeando as mesas. Elayne batia na dela com o mesmo vigor dos outros presentes.

Em seguida, tentou se levantar e escorregou, então caiu sentada de novo, franzindo o cenho para a caneca de prata. Estava cheia de vinho. Ela bebera um pouco, tinha certeza. Sentia-se tonta por algum motivo. Sim. Aquele jovem simpático com doces olhos castanhos tinha

enchido a caneca — quantas vezes? Não que isso importasse. Ela nunca bebera mais do que uma caneca de vinho. Estava assim por ter saído do *Bailador* e voltado à terra firme. Estava tendo a mesma reação de Nynaeve.

Ela se levantou com cuidado — recusando as mais solícitas ofertas de ajuda do jovem simpático — e conseguiu subir as escadas, apesar do balanço dos degraus. Sem parar no segundo andar, onde ficava o quarto dela e de Nynaeve, subiu até o terceiro e bateu à porta de Thom. O menestrel abriu uma fresta e espiou o corredor, desconfiado. Parecia levar uma faca nas mãos, que desapareceu depressa. Estranho. Ela agarrou o bigode comprido do homem.

— Eu me lembro — disse. Sua língua parecia não estar funcionando direito, as palavras saíam… embaralhadas. — Eu estava sentada no seu joelho e puxei o seu bigode… — Ela deu um puxão para demonstrar, e o homem se encolheu. — E minha mãe se apoiou no seu ombro e riu de mim.

— Acho melhor a senhorita voltar para o quarto — disse Thom, tentando soltar a mão dela. — Acho que está precisando dormir um pouco.

Ela se recusa a soltá-lo. Na verdade, parecia ter empurrado o homem de volta para dentro do quarto. Pelo bigode.

— Minha mãe também sentava no seu joelho. Eu vi. Eu me lembro.

— É melhor ir dormir, Elayne. A senhorita vai se sentir melhor de manhã. — Thom conseguiu soltar a mão da moça e foi tentando conduzi-la até a porta, mas ela deu um giro para contorná-lo. A cama não tinha colunas. Se houvesse uma coluna onde se segurar, talvez o quarto parasse de rodopiar.

— Quero saber por que a minha mãe se sentava no seu joelho. — O homem deu um passo atrás, e ela percebeu que estava tentando puxar seu bigode outra vez. — O senhor é um menestrel. Minha mãe não se sentaria no joelho de um menestrel.

— Vá dormir, criança.

— Eu não sou criança! — Ela bateu o pé com força e quase caiu. O chão estava mais baixo do que parecia. — Não sou criança. O senhor vai me contar. Agora!

Thom suspirou e balançou a cabeça. Por fim disse, em um tom formal:

— Eu nem sempre fui menestrel. Já fui bardo, por um tempo. Bardo da corte. Em Caemlyn, na verdade. Para a Rainha Morgase. Você era uma criança. Está apenas se lembrando do jeito errado, é só.

— O senhor era amante dela, não era? — O tremor nos olhos de Thom foi o bastante. — Era! Eu sempre soube de Gareth Bryne. Pelo menos, deduzia. Sempre torci para que ela se casasse com ele. Gareth

Bryne, o senhor e esse Lorde Gaebril, para quem Mat falou que ela agora olha toda derretida, e… quantos mais? Quantos? O que a faz diferente de Berelain, que joga na cama todo homem que cruza seu caminho? Ela é igualzinha… — A visão de Elayne ficou turva, e sua cabeça zuniu. Levou um instante para perceber que tinha levado um tapa. Um *tapa*! Ela se recompôs, desejando que o homem parasse de balançar. — Como você ousa? Eu sou a Filha-herdeira de Andor, e não serei…

— Você é uma garotinha que encheu a cara de vinho e está tendo um ataque de raiva — retrucou o menestrel. — E se eu ouvir você falar qualquer coisa desse tipo sobre Morgase, bêbada ou sóbria, vou lhe dar umas palmadas, não importa o quanto canalize! Morgase é uma boa mulher, tão boa quanto qualquer outra!

— Ah, é? — A voz de Elayne estremeceu, e ela percebeu que chorava. — Então por que ela… por quê? — Percebeu que enfiara o rosto no casaco dele, que alisava seus cabelos.

— Porque ser rainha é muito solitário — respondeu Thom, baixinho. — Porque a maioria dos homens que se sentem atraídos por uma rainha enxerga poder, não uma mulher. Eu via uma mulher, e ela sabia disso. Suponho que Bryne visse o mesmo, e esse tal de Gaebril também. Você precisa entender, criança. Todo mundo quer ter alguém na vida, alguém de quem gostar. Até uma rainha.

— Por que o senhor foi embora? — murmurou Elayne, apoiada no peito dele. — O senhor me fazia rir. Eu me lembro disso. E também a fazia rir. E me carregava no ombro.

— É uma longa história. — Thom soltou um suspiro sofrido. — Outra hora eu conto. Se você perguntar. Com sorte, vai ter se esquecido de tudo amanhã de manhã. Está na hora de ir para a cama, Elayne.

Ele a conduziu até a porta, e ela aproveitou a oportunidade para dar mais um puxão em seu bigode.

— Assim — disse, satisfeita. — Eu puxava bem assim.

— É, puxava mesmo. Consegue descer as escadas sozinha?

— Claro que consigo.

Ela lançou o olhar mais altivo que tinha, porém Thom pareceu mais inclinado do que nunca a acompanhá-la até o corredor. Para provar que não havia necessidade, Elayne avançou com muito cuidado até o topo da escada. Parado na porta, Thom ainda exibia uma careta de preocupação quando ela começou a descer.

Por sorte, Elayne não tropeçou até sair do alcance da vista do homem, mas passou direto pela porta de seu quarto e precisou voltar. Aquela geleia de maçã devia ter algo de errado, sabia que não devia ter comido tanto. Lini sempre dizia… Não conseguia lembrar o que Lini sempre dizia, mas era alguma coisa sobre comer doces demais.

Duas lamparinas queimavam no quarto, uma na mesinha redonda ao lado da cama e outra na cornija caiada acima da lareira de tijolos. Nynaeve estava estirada na cama, por cima das cobertas, toda vestida. E de braços abertos, Elayne notou.

Ela disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Rand deve me achar uma louca, Thom é um bardo e Morgase não é minha mãe, afinal de contas. — Nynaeve a encarou, curiosa. — Estou meio tonta, não sei por quê. Um rapaz simpático com lindos olhos castanhos se ofereceu para me trazer aqui em cima.

— Aposto que sim — comentou Nynaeve, irritada. Ela se levantou e passou o braço em torno dos ombros de Elayne. — Venha cá um instante. Tem uma coisa que você precisa ver. — Parecia haver um balde extra de água perto do lavatório. — Aqui. Vamos nos ajoelhar, para você ver melhor.

Elayne olhou, mas não havia nada no balde além de seu reflexo n'água. Ela ficou se perguntando por que estava com um sorriso tão grande. Então sentiu a mão de Nynaeve em sua nuca, e sua cabeça foi enfiada na água.

Ela sacudiu os braços e tentou se levantar, mas o punho de Nynaeve parecia uma barra de ferro. O correto era prender a respiração, quando se estava debaixo d'água. Elayne sabia disso. Só não conseguia se lembrar de como fazer. Só conseguia se debater, gorgolejar e sufocar.

Nynaeve puxou-a de volta, a água escorrendo pelo rosto, e Elayne encheu os pulmões.

— Como… você… ousa… — arquejou. — Eu sou… a Filha-herdeira… — Ela conseguiu emitir um ganido antes que sua cabeça retornasse à água, molhando tudo ao redor. Agarrar o balde com as duas mãos e empurrá-lo não adiantava. Bater os pés no chão não adiantava. Ia se afogar. Nynaeve ia afogá-la.

Depois de uma Era, retornou ao ar. Seu rosto estava cheio de fios de cabelo encharcados.

— Acho — começou, com a voz mais firme possível — que vou vomitar.

Bem a tempo, Nynaeve puxou a grande bacia esmaltada em branco do lavatório e segurou a cabeça de Elayne, que punha para fora tudo o que já comera na vida. Um ano depois — ou pelo menos algumas horas depois, de todo modo, parecera tempo demais — Nynaeve começou a lavar seu rosto, limpando a boca, banhando as mãos e os pulsos. No entanto, não havia nada de delicado na voz dela.

— Como você pôde fazer isso? Que ideia foi essa? Eu não ficaria surpresa se um homem bebesse até não conseguir parar em pé, mas você? E esta noite, ainda por cima.

— Eu só tomei uma caneca — resmungou Elayne.

Mesmo com aquele rapaz mantendo-a cheia, não podia ter sido mais de duas. Com certeza não.

— Uma caneca do tamanho de uma jarra. — Nynaeve fungou e a ajudou a se levantar. Puxou-a, na verdade. — Você consegue ficar acordada? Vou procurar Egwene, e ainda não tenho certeza se consigo sair de *Tel'aran'rhiod* sem alguém para me acordar.

Elayne piscou. As duas tinham procurado Egwene, sem sucesso, todas as noites desde que ela desaparecera de repente daquele encontro no Coração da Pedra.

— Ficar acordada? Nynaeve, é a minha vez de procurar, e é melhor que eu vá. Você sabe que só consegue canalizar se estiver irritada, e… — Então percebeu que a outra mulher estava envolta no brilho tênue de *saidar*. E achou que já estava assim havia algum tempo. Sua cabeça parecia cheia de palha, e o pensamento tinha que escavar para passar. Mal conseguia sentir a Fonte Verdadeira. — Acho que é melhor você ir. Eu fico acordada.

Nynaeve franziu a testa, mas acabou assentindo. Elayne tentou ajudá-la a se despir, mas seus dedos não estavam conseguindo soltar aqueles botõezinhos. Resmungando entre dentes, Nynaeve desabotoou tudo sozinha. Só de camisola, ela enroscou o retorcido anel de pedra no cordão de couro que usava no pescoço, ao lado de um anel masculino, pesado e dourado. Era o anel de Lan, e Nynaeve sempre o usava pendurado no pescoço.

Elayne puxou um banquinho baixo de madeira para o lado da cama enquanto Nynaeve se deitava outra vez no colchão. De fato sentia-se bastante sonolenta, mas não cairia no sono sentada ali. O problema parecia ser não cair no chão.

— Vou acordar você depois do que parecer uma hora.

Nynaeve assentiu, então fechou os olhos, as mãos agarradas aos dois anéis. Depois de um tempo, sua respiração se tornou profunda.

O Coração da Pedra estava bastante vazio. Espiando a escuridão por entre as grandes colunas, Nynaeve circulou *Callandor*, que brilhava sobre as pedras do piso, antes de perceber que ainda estava de camisola, o cordão de couro com os dois anéis pendurado no pescoço. Ela franziu o cenho e, depois de um instante, viu-se em um vestido de Dois Rios feito de boa lã castanha, além de usar sapatos pesados. Tanto Elayne quanto Egwene pareciam achar aquele tipo de coisa fácil, mas não era fácil para ela. Passara momentos constrangedores em visitas anteriores a *Tel'aran'rhiod*, a maioria depois de ter pensamentos aleatórios a respeito de Lan, mas trocar de roupa por vontade própria exigia concentração. Bastava isso — a lembrança de Lan — para o vestido passar a ser de seda, tão

transparente quanto o véu de Rendra. Berelain teria ficado envergonhada. E Nynaeve também ficou, ao pensar em Lan vendo-a daquele jeito. Foi um esforço trazer a lã castanha de volta.

E pior, a raiva passara — aquela garota idiota; será que não percebia o que acontecia quando alguém bebia vinho demais? Será que nunca estivera sozinha em um salão? Bem, provavelmente não — e a Fonte Verdadeira podia muito bem ter parado de existir. Talvez não importasse. Incomodada, encarou a floresta de imensas colunas de pedra vermelhas, que dobravam em uma curva em um ponto distante. O que fizera Egwene ir embora tão de repente?

A Pedra estava silenciosa, com um vazio oco. Ela ouvia o sangue pulsando nos próprios ouvidos. Mesmo assim, sentia um leve calafrio entre as omoplatas, como se alguém a observasse.

— Egwene? — O grito ecoou no silêncio entre as colunas. — Egwene? — Nada.

Ao esfregar as mãos na saia, percebeu que segurava um graveto retorcido com um calombo na ponta. Nossa, que coisa mais útil. No entanto, segurou o graveto com força. Uma espada seria melhor — por um instante, o graveto tremeluziu, quase virando uma espada — mas era algo que ela não sabia usar. Riu sozinha, pesarosa. Um porrete servia tanto quanto uma espada, por ali: ambos eram praticamente inúteis. Canalizar era a única defesa, além de correr. O que lhe deixava apenas uma escolha, no momento.

Queria correr, ainda mais com aquela sensação de ser observada, mas não se entregaria tão fácil. Porém, o que fazer? Egwene não estava ali. Estava em algum lugar do Deserto. Rhuidean, dissera Elayne. Onde quer que isso ficasse.

Entre um passo e outro, ela de súbito chegou à encosta de uma montanha, com o sol escaldante se erguendo sobre outras montanhas para além do vale abaixo, cozinhando o ar seco. O Deserto. Estava no Deserto. Por um instante, ficou surpresa com o sol, mas o Deserto ficava bem a leste, de modo que o sol poderia estar nascendo lá, e ainda ser noite em Tanchico. De toda forma, em *Tel'aran'rhiod* não fazia diferença. Até onde sabia, o dia e a noite ali não tinham qualquer relação com o que se passava no mundo real.

Sombras compridas e pálidas ainda cobriam quase que metade do vale, mas uma estranha massa de névoa se adensava lá embaixo, aparentemente inalterada pelo calor do sol. Grandes torres se elevavam na neblina, algumas pareciam inacabadas. Uma cidade. No Deserto?

Apertando os olhos, conseguiu distinguir outra pessoa no vale. Um homem, embora àquela distância só fosse possível enxergar alguém que parecia vestir calças e um casaco azul-claro. Decerto não era Aiel. O homem caminhava no limiar da neblina, vez ou outra

parando para cutucá-la. Ela não tinha certeza, mas parecia que a mão do homem sempre parava um pouco antes de chegar à neblina. Talvez aquilo não fosse uma névoa.

— Você tem que sair daqui — disse uma voz premente de mulher. — Se aquele ali vir você, vai acabar morta, ou pior.

Nynaeve deu um salto e rodopiou, o porrete erguido, quase perdendo o equilíbrio na encosta.

A mulher de pé um pouco acima dela usava um casaco branco curto e calças volumosas amarelo-claras espremidas acima de botas curtas. O manto se avolumou com uma lufada de vento seco. Foram os longos cabelos loiros, presos em uma trança intrincada, e o arco prateado nas mãos da mulher que fizeram um nome sair da boca incrédula de Nynaeve.

— *Birgitte*? — Birgitte, heroína de uma centena de histórias, e seu arco de prata que jamais falhava. Birgitte, uma das heroínas mortas que a Trombeta de Valere convocaria de volta da tumba para lutar na Última Batalha. — Impossível. Quem é você?

— Não temos tempo, mulher. Você tem que ir antes que ele a veja. — Em um movimento suave, ela puxou uma flecha de prata da aljava na cintura, encaixou-a, e a aproximou da orelha. A flecha de prata ficou apontada direto para o coração de Nynaeve. — Ande!

Nynaeve disparou.

Não soube ao certo como, mas viu-se em Campo de Emond, no meio do campo, encarando a estalagem Fonte de Vinho, com as chaminés e o teto de telhas vermelhas. Telhados de palha rodeavam o campo, onde a nascente Fonte de Vinho brotava de um afloramento de pedras. O sol estava bem alto ali, embora Dois Rios ficasse bem a leste do Deserto. Mesmo assim, apesar do céu sem nuvens, uma sombra escura se abatia sobre a aldeia.

Teve apenas um instante para se perguntar como o povo estaria passando sem ela. Captou um rápido movimento com o canto do olho, um lampejo prateado, e viu uma mulher se agachando atrás da curva da casa asseada de Ailys Candwin, perto do Rio Fonte de Vinho. Birgitte.

Nynaeve não hesitou. Correu até uma das pontes que cruzavam o córrego estreito e agitado. Seus sapatos pisoteavam as tábuas de madeira.

— Volte aqui — gritou. — Pode voltar aqui e me responder! Quem era aquele homem? Pode voltar aqui, ou vai mesmo virar uma heroína! Acerto um soco tão forte nessa sua cara que você vai pensar que viveu uma aventura!

Contornou a casa de Ailys, mas sem muita esperança de ver Birgitte. O que não esperava era ver um homem de casaco escuro trotando em sua direção, a menos de cem passadas, vindo pela rua de

terra batida. Prendeu a respiração. Lan. Não era ele, mas tinha o mesmo formato de rosto, os mesmos olhos. O homem parou, ergueu o arco, e disparou uma flechada. Na direção dela. Gritando, Nynaeve se jogou para o lado, desesperada para acordar.

Quando Nynaeve gritou e se sentou na cama, com os olhos arregalados, Elayne levantou-se de um salto, derrubando o banquinho.

— O que houve, Nynaeve? O que houve?

A mulher estremeceu.

— Parecia Lan. Parecia Lan, e tentou me matar. — Ela levou a mão trêmula ao braço esquerdo, onde gotejava sangue de um corte superficial, um pouco abaixo do ombro. — Se eu não tivesse pulado, teria acertado meu coração.

Elayne sentou-se na beirada da cama e examinou o corte.

— Não foi feio. Vou lavar e enfaixar para você. — A jovem desejou saber Curar. Tentar sem saber poderia piorar ainda mais a ferida. De qualquer jeito, não passava de um cortezinho. Sem mencionar que sua cabeça ainda parecia cheia de geleia. Geleia mole. — Não era Lan. Fique calma. Seja lá quem fosse, não era Lan.

— Eu sei — retrucou Nynaeve, em um tom ácido.

Relatou o que acontecera com a mesma voz nervosa. Não sabia ao certo se o homem que atirara nela em Campo de Emond e o homem que vira no Deserto eram a mesma pessoa. A própria Birgitte já tinha sido bastante inacreditável.

— Tem certeza? — indagou Elayne. — Birgitte?

Nynaeve suspirou.

— A única coisa de que tenho certeza é que não encontrei Egwene. E que não vou voltar hoje. — Ela socou a própria coxa. — Onde ela está? O que aconteceu com ela? Se tiver cruzado com aquele sujeito do arco… ah, Luz!

Elayne teve que pensar por um minuto; queria muito dormir, e seus pensamentos vagueavam.

— Ela disse que poderia não estar por lá quando fosse hora de encontrá-la de novo. Talvez seja por isso que tenha saído tão depressa. Seja lá por que não pôde… quer dizer… — Não estava conseguindo falar coisa com coisa, não conseguia se expressar direito.

— Espero que sim — disse Nynaeve, em um tom cansado. Ela encarou Elayne e acrescentou: — Melhor você ir para a cama. Está com cara de quem vai desmaiar.

Elayne ficou grata em ser ajudada a se despir. Lembrou-se de enfaixar o braço de Nynaeve, mas a cama estava tão convidativa que não conseguiu pensar em mais nada. De manhã talvez o quarto já tivesse parado de girar. O sono veio assim que a cabeça encostou no travesseiro.

De manhã, queria estar morta.

O sol mal despontara no céu, e o salão estava vazio, exceto por Elayne. Com a cabeça nas mãos, encarou a caneca que Nynaeve colocara em cima da mesa antes de sair para procurar o estalajadeiro. A cada inspiração sentia o cheiro, e seu nariz tentava se fechar. Sentia a cabeça… não era possível descrever. Se alguém se oferecesse para arrancá-la, Elayne seria capaz de agradecer.

— Tudo bem?

Ela deu um pulo ao ouvir a voz de Thom e quase não conseguiu conter um choramingo.

— Tudo muito bem, obrigada. — Falar fazia a cabeça latejar. Ele remexeu o bigode, desconfiado. — Suas histórias de ontem foram maravilhosas, Thom. Pelo menos o que eu me lembro delas. — Conseguiu esboçar uma risadinha de autocensura. — Receio que não me lembre de muita coisa, exceto de ficar sentada escutando. Acho que comi uma geleia de maçã estragada.

Não pretendia admitir que bebera todo aquele vinho, ainda não fazia ideia de quanto fora. Nem que fizera papel de idiota no quarto dele. Principalmente essa parte. O homem pareceu acreditar, pela forma aliviada como se sentou em uma cadeira.

Nynaeve apareceu, entregou um pano úmido a Elayne e se sentou. Também empurrou mais para perto a caneca com aquele negócio horroroso. Elayne, grata, pressionou o pano na testa.

— Algum de vocês viu Mestre Sandar agora de manhã? — perguntou a mulher mais velha.

— Ele não dormiu no quarto — respondeu Thom. — Pelo que devo ser grato, considerando o tamanho da cama.

Como se as palavras o tivessem invocado, Juilin surgiu à porta da frente, o rosto cansado e o casaco justo amarrotado. Tinha um hematoma sob o olho esquerdo, e os cabelos curtos e negros, que costumavam ficar esticados na cabeça, pareciam ter sido ajeitados às pressas com os dedos, mas ele sorriu ao se juntar ao grupo.

— Tem mais ladrões nesta cidade do que peixinhos em um junco, e eles abrem a boca se ganharem uma caneca de qualquer coisa. Conversei com dois homens que disseram ter visto uma mulher com mecha branca no cabelo em cima da orelha esquerda. Acho que acredito em um.

— Então elas estão aqui — disse Elayne, mas Nynaeve balançou a cabeça.

— Talvez. Várias mulheres podem ter uma mecha branca no cabelo.

— Ele não soube precisar a idade dela — completou Juilin, escondendo um bocejo com a mão. — Não tinha idade, pelo que ele disse. Brincou que talvez fosse Aes Sedai.

— Você vai com muita sede ao pote — retrucou Nynaeve, em um tom severo. — Não vai adiantar de nada se acabar nos expondo.

Juilin ruborizou.

— Estou sendo cuidadoso. Não quero que Liandrin ponha as mãos em mim outra vez. Não faço perguntas, só falo. Às vezes de mulheres que conheci. Dois homens morderam a isca da mecha branca, e nenhum dos dois sequer imaginou que fosse algo mais do que conversa fiada com uns goles de cerveja barata. Hoje à noite talvez algum outro nade até minha rede, só que dessa vez pode ser que a conversa seja sobre uma cairhiena frágil com olhos bem grandes e azuis. — Era Temaile Kinderode. — Pouco a pouco, vou estreitar os pontos onde elas foram vistas, até saber onde estão. Vou encontrá-las.

— Ou eu vou. — Thom parecia pensar que isso era muito mais provável. — Em vez de ladrões, será que elas não estão se metendo com nobres e políticos? Algum lorde dessa cidade vai começar a fazer algo que não lhe é habitual, o que vai me levar direto até elas.

Os dois homens se entreolharam. Em outro momento, Elayne teria esperado que um dos dois chamasse o outro para a briga. Homens! Primeiro, Juilin e Domon, agora, Juilin e Thom. Só faltava Thom e Domon entrarem em uma queda de braço, para completar. Homens! Era o único comentário em que conseguia pensar.

— Talvez eu e Elayne as encontremos sem a ajuda de vocês — retrucou Nynaeve, em um tom seco. — Vamos começar a procurar hoje mesmo. — Ela desviou os olhos para Elayne. — Pelo menos, eu vou. Elayne talvez precise descansar mais um pouco para se recuperar… da viagem.

Elayne ajeitou o pedaço de pano com muito cuidado, depois usou ambas as mãos para apanhar a caneca à sua frente. O líquido grosso e verde tinha um gosto pior do que o cheiro. Trêmula, se forçou a continuar engolindo. Quando a bebida bateu no estômago, por um instante ela se sentiu como um manto drapejando em um vento forte.

— Dois pares de olhos enxergam melhor do que um — disse a Nynaeve, batendo a caneca vazia na mesa com um tinido.

— E cem enxergam ainda melhor — apressou-se em dizer Juilin — e se aquela enguia illianense de fato mandar seu pessoal vasculhar, teremos pelos menos esse tanto de olhos, contando com os ladrões e larápios.

— Eu… *nós*… vamos encontrar essas mulheres para vocês, se for possível encontrá-las — completou Thom. — Não há necessidade de saírem da estalagem. Essa cidade oferece muitos perigos, mesmo sem Liandrin por perto.

— Além do mais — acrescentou Juilin — se elas estiverem por aqui, vão reconhecer as duas. Conhecem seus rostos. É melhor que fiquem aqui na estalagem, fora das vistas.

Elayne encarou os dois, estupefata. Um minuto antes tentavam derrubar um ao outro com olhares, agora haviam virado aliados. Nynaeve estava certa sobre os dois causarem problemas. Bem, a Filha-herdeira de Andor não se esconderia atrás de Mestre Juilin Sandar e de Mestre Thom Merrilin. Ela abriu a boca para dizer isso, mas Nynaeve falou primeiro.

— Vocês têm razão — respondeu ela, com voz calma. Elayne a encarou, incrédula. Thom e Juilin pareciam ao mesmo tempo surpresos e, o que era muito desagradável, satisfeitos. — Elas de fato nos conhecem — prosseguiu Nynaeve. — Mas já cuidei disso hoje de manhã, acho. Ah, chegou a Senhora Rendra com o nosso café.

Thom e Juilin trocaram olhares desconcertados, mas não conseguiram dizer nada com a estalajadeira sorrindo por detrás do véu.

— E aquilo que lhe pedi? — perguntou Nynaeve enquanto a mulher punha uma tigela de mingau de cereal com mel à sua frente.

— Ah, sim. Não será problema encontrar roupas que sirvam nas duas. E os cabelos… as duas têm cabelos tão lindos, tão compridos… bom, não vai demorar nem um pouco para ajeitar. — Ela passou os dedos pelas próprias tranças, compridas e douradas.

As caras que Thom e Juilin fizeram provocaram um sorriso no rosto de Elayne. Os dois podiam estar prontos para discutir, mas não teriam defesa contra o fato de serem ignorados. Já sentia a cabeça um pouco melhor a mistura horrenda de Nynaeve parecia estar fazendo efeito. Enquanto ela e Rendra discutiam sobre custos, cortes e tecidos — a estalajadeira queria copiar seu vestido justo, hoje em um tom verde-claro, e Nynaeve se opunha, mas estava meio indecisa — Elayne engoliu uma colher de mingau para tirar o gosto ruim da boca. Aquilo a fez lembrar de que estava com fome.

Tinha um problema que nenhum deles mencionara, um que Thom e Juilin desconheciam. Se a Ajah Negra estava em Tanchico, então o que representava perigo a Rand também estava. Algo capaz de atá-lo com seu próprio Poder. Encontrar Liandrin e as outras não era o bastante. Elas também teriam de identificar esse perigo. De repente, o apetite recém-adquirido foi embora por completo.

40



O caçador de Trollocs

Resquícios da chuva do início da manhã ainda gotejavam das folhas das macieiras, e um tentilhão roxo pulava sobre um galho onde cresciam frutos que não seriam colhidos naquele ano. O sol estava bem alto, mas escondido por detrás de espessas nuvens cinzentas. Sentado no chão, de pernas cruzadas, Perrin testou a corda de seu arco sem nem perceber. As cordas enceradas e bem-enroladas tendiam a afrouxar no clima úmido. A tempestade que Verin invocara para escondê-los da perseguição, na noite anterior, surpreendera até a própria Verin pela ferocidade, e chovera forte outras três vezes, nos seis dias subsequentes. Perrin achava que tinham sido seis dias. Não pensava direito desde aquela noite, só fora levado pelos acontecimentos, reagindo ao que se apresentava. O lado cego da lâmina do machado estava apertando a lateral de seu corpo, mas ele mal percebia.

Montes baixos e cobertos de grama marcavam as gerações de Aybaras enterrados ali. A mais antiga das lápides de madeira entalhada, rachada e pouco legível, era datada de quase trezentos anos antes, acima de covas indistinguíveis no solo liso. Mas eram os montinhos suavizados pelas chuvas, ainda quase sem grama, que apunhalavam seu coração. Gerações de Aybaras tinham sido enterradas ali, mas nunca quatorze de uma só vez. Tia Neain jazia acima da cova de tio Carlin, um pouco mais antiga, com os dois filhos ao lado. A tia-avó, Ealsin, estava na mesma fileira que o tio Eward e a tia Magde, com seus três filhos. A fileira mais comprida continha sua mãe e seu pai, além de Adora, Deselle e o pequeno Paet. Uma fileira extensa de montinhos de terra nua, ainda úmida, ainda quase sem grama. Perrin tocou as flechas que restavam na aljava e as contou. Dezessete. Muitas tinham sido danificadas, e só valia a pena consertá-las por causa das pontas de aço. Não tinha tempo para fazer as próprias ponteiras em breve teria que visitar o flecheiro de Campo de Emond. Buel Dowtry fazia boas flechas, bem melhores que as de Tam.

Um farfalhar baixo vindo de trás o fez fungar.

— O que é que foi, Dannil? — perguntou, sem se virar.

Um arquejar breve, um momento de surpresa e susto, antes que Dannil Lewin dissesse:

— A Lady está aqui, Perrin.

Ninguém se acostumava com o fato de ele saber quem estava perto antes de ver, ainda mais no escuro, mas Perrin já não ligava para o que os outros consideravam estranho.

Ele franziu o cenho, olhando por cima do ombro. Dannil parecia mais magro. Os fazendeiros não tinham o suficiente para alimentar grupos tão grandes, e, com as caçadas, as refeições ou eram banquetes ou eram inexistentes. Em geral, inexistentes.

— Que Lady?

— Lady Faile. E também Lorde Luc. Vieram de Campo de Emond.

Perrin se levantou devagar e caminhou a passos largos, forçando Dannil a se apressar para acompanhá-lo. Conseguiu não olhar para a casa. As vigas de madeira chamuscadas e as chaminés cheias de fuligem que um dia foram o lar onde ele cresceu. Porém, vasculhou as árvores em busca dos batedores, os que estavam mais próximos da fazenda. Como era tão próxima da Floresta das Águas, a terra ali tinha muitos carvalhos altos e cicutas, além de freixos e baios de bom tamanho. A folhagem espessa escondia bem os rapazes, e a lã grossa das roupas de fazenda ajudava. Então até ele teve dificuldade em localizá-los. Teria de conversar com os rapazes em breve; a função deles era garantir que ninguém se aproximasse sem ser anunciado. Nem mesmo Faile e aquele Lorde Luc.

O acampamento, disposto em um amplo matagal que ele um dia fingira ser uma selva distante, era um espaço bruto entre a vegetação rasteira, com alguns cobertores estendidos sobre cordas, para formar abrigos, e outros espalhados no chão entre as pequenas fogueiras. Os galhos também gotejavam por ali. A maioria dos quase cinquenta homens do acampamento, todos jovens, estava de barba. Fosse para imitar Perrin, ou porque era desagradável se barbear com água fria. Eram bons caçadores — os que não eram, Perrin mandara de volta para casa — porém, estavam desacostumados a passar mais de uma ou duas noites na natureza. E desacostumados com o que ele os estava mandando fazer.

Lá estavam eles, parados diante de Faile e Luc, encarando-os de boca aberta, apenas quatro ou cinco com o arco longo nas mãos. O restante dos arcos jazia sobre a roupa de cama, assim como quase todas as aljavas. Luc permanecia absorto, mexendo nas rédeas de um garanhão preto alto, com pinta de indolente. O sujeito de casaco vermelho era a personificação da arrogância, seus olhos azuis e frios ignoravam os homens à volta. O cheiro do sujeito se sobressaía entre

os outros, também frio e destacado, quase como se ele não tivesse nada em comum com aqueles homens, nem mesmo a humanidade.

Faile foi correndo até Perrin, escancarando um sorriso, as saias estreitas e divididas farfalhando, um barulho de seda cinza roçando seda. Tinha o perfume suave de um doce sabão herbóreo, misturado a seu próprio cheio.

— Mestre Luhhan disse que talvez encontrássemos você aqui.

Perrin queria perguntar o que a moça estava fazendo ali, mas viu-se abraçando Faile e dizendo, entre os cabelos dela:

— Que bom ver você. Eu estava com saudades.

Ela se afastou o suficiente para encará-lo.

— Você parece cansado.

Perrin ignorou o comentário. Não tinha tempo para se sentir cansado.

— Todos chegaram a salvo em Campo de Emond?

— Estão todos na estalagem Fonte de Vinho. — Faile de repente abriu um sorriso. — Mestre al'Vere encontrou uma antiga alabarda e disse que, se os Mantos-brancos quisessem pegá-los de volta, teriam de passar por cima dele. Está todo mundo na aldeia, Perrin. Verin, Alanna e os Guardiões. Estão fingindo ser outras pessoas, claro. E Loial. Ele causou uma comoção. Até mais do que Bain e Chiad. — O sorriso se transformou em uma carranca. — Loial me pediu para trazer um recado. Alanna desapareceu duas vezes sem dizer uma palavra, e estava sozinha em uma delas. Loial disse que Ihvon pareceu surpreso quando soube que a Aes Sedai não estava por lá. E que não era para eu deixar mais ninguém saber disso. — Ela analisou o rosto dele. — O que isso quer dizer, Perrin?

— Nada, talvez. Só que não posso ter certeza se dá para confiar nela. Verin me alertou sobre ela, mas será que posso confiar em Verin? Você disse que Bain e Chiad estão em Campo de Emond? Acho que isso significa que ele sabe a respeito delas. — Perrin inclinou a cabeça, indicando Luc. Alguns poucos homens haviam se aproximado dele, fazendo perguntas acanhadas, que o lorde respondia com um sorriso condescendente.

— Elas vieram com a gente — respondeu Faile, receosa. — Estão vigiando os arredores do acampamento. Acho que as duas não pensam muito bem dos seus sentinelas. Perrin, por que não quer que Luc saiba sobre os Aiel?

— Conversei com várias pessoas que tiveram as casas incendiadas. — Luc estava muito longe para ouvir, mas ele manteve a voz baixa. — Contando com a de Flann Lewin, Luc esteve em pelo menos cinco no dia do ataque, ou no dia anterior.

— Perrin, o sujeito é um imbecil arrogante em vários aspectos, ouvi dizer até que ele andou insinuando que teria direito a um dos

tronos das Terras da Fronteira, e, pelo que ele contou, é de Murandy. Mas você não pode acreditar que o homem seja Amigo das Trevas. Ele deu excelentes conselhos em Campo de Emond. Quando eu disse que todo mundo estava lá, quis dizer todo mundo mesmo. — Ela balançou a cabeça, espantada. — Centenas e mais centenas de pessoas vieram do norte e do sul, de todos os cantos, trazendo o gado e as ovelhas, todos falando dos avisos de Perrin Olhos-Dourados. Sua aldeiazinha está se preparando para se defender, caso seja preciso. E Luc andou por todos os cantos nos últimos dias.

— Perrin quem? — Ele ofegou, fazendo careta. Tentou mudar de assunto, dizendo: — Do sul? Mas isso aqui é o mais distante que já estive, ao sul. Não conversei com nenhum fazendeiro mais de uma milha abaixo do Rio Fonte de Vinho.

Faile deu uma risada e um puxão na barba dele.

— As notícias voam, meu belo general. Acho que metade dessa gente está esperando que você organize um exército e persiga os Trollocs até a Grande Praga. Vão contar histórias sobre você em Dois Rios pelos próximos mil anos. Perrin Olhos-Dourados, o caçador de Trollocs.

— Luz! — murmurou ele.

Caçador de Trollocs. Até então, fizera pouco para justificar a alcunha. Dois dias depois de libertar a Senhora Luhhan e os outros, no dia em que Verin e Tomas seguiram seu próprio caminho, chegaram às ruínas de uma fazenda ainda enfumaçada, ele e os quinze rapazes de Dois Rios que o seguiam. Depois de enterrar o que encontraram em meio às cinzas, foi bem simples ir atrás dos Trollocs. Mais ainda com ajuda das habilidades de rastreamento de Gaul e o faro do próprio Perrin. O odor ocre e fétido dos Trollocs não tivera tempo de se dissipar, não para ele. Alguns dos rapazes começaram a ficar relutantes ao perceber que ele estava falando sério em relação a caçar Trollocs. Se aquelas criaturas estivessem muito longe, Perrin suspeitava que a maioria dos rapazes teria fugido quando ninguém estivesse olhando. Mas a trilha levava a um matagal a pouco menos de três milhas de onde estavam. Os Trollocs não tinham se dado o trabalho de designar sentinelas — não havia Myrddraal para intimidá-los a deixarem de preguiça — e os homens de Dois Rios sabiam como chegar perto da presa sem fazer barulho. Trinta e dois Trollocs morreram, muitos sob os cobertores imundos, perfurados por flechas antes de conseguirem dar sequer um uivo, muito menos erguer uma espada ou um machado. Dannil, Ban e os outros estavam prontos para celebrar o grande triunfo… Até descobrirem o que estava cozinhando no imenso caldeirão sobre os resquícios da fogueira. A maioria bateu em retirada para vomitar, e mais de um começou a chorar bem ali, na frente de todos. Perrin cavou a cova sozinho. Apenas uma: não havia

como dizer o que pertencia a quem. Por mais calmo que se sentisse, não sabia ao certo se teria sido capaz de se manter tranquilo se os pedaços estivessem reconhecíveis.

Mais tarde, no mesmo dia, ninguém hesitou quando ele escolheu outra trilha fétida, embora alguns tivessem resmungado, perguntando-se o que ele estaria procurando. Até Gaul encontrar pegadas de cascos e botas grandes demais para serem de homens. Outro matagal, perto da Floresta das Águas, abrigava quarenta e um Trollocs e um Desvanecido. Tinha sentinelas bem posicionadas, mas a maioria estava roncando em seus postos. Não teria feito diferença, se estivessem todos acordados. Gaul matou os que estavam despertos, deslizando por entre as árvores feito uma sombra, e os homens de Dois Rios já formavam um grupo de quase trinta. Além do mais, os que não tinham visto o caldeirão tinham ouvido a respeito. Os homens gritavam enquanto atiravam, exibindo uma satisfação pouco menos selvagem do que os uivos guturais dos Trollocs. O Myrddraal de vestes negras tinha sido o último a morrer, um porco-espinho de flechas. Ninguém se deu ao trabalho de recolher qualquer ponteira cravada na criatura, mesmo depois de ela finalmente parar de se debater.

Naquela noite, caiu a segunda chuva. Foram horas de um pé d'água violento em um céu repleto de nuvens negras e turvas cortadas por relâmpagos. Perrin não sentia cheiro de Trollocs desde então, e as pegadas já tinham sido lavadas do chão. O grupo gastou a maior parte do tempo tentando evitar as patrulhas dos Mantos-brancos, que todos diziam ser mais numerosas do que antes. Os fazendeiros com quem Perrin tinha conversado afirmaram que as patrulhas pareciam mais interessadas em recuperar os prisioneiros e descobrir quem os libertara do que em caçar Trollocs.

Muitos dos homens estavam reunidos em volta de Luc. O Lorde era alto o bastante para que os cabelos acobreados se destacassem por sobre as cabeças escuras dos fazendeiros. Pelo que parecia, Luc falava enquanto os outros ouviam. E assentiam.

— Vamos ver o que ele tem a dizer — disse Perrin, fechando a cara.

Os homens de Dois Rios abriram caminho para Faile e ele sem que os dois tivessem que usar muito os cotovelos. Estavam todos atentos ao lorde de casaco vermelho, que realmente falava sem parar.

— … então a aldeia está bastante segura. Muita gente se reuniu para defendê-la. Devo dizer que gosto de dormir debaixo de um teto, quando tenho a chance. A Senhora al'Vere, na estalagem, faz refeições muito saborosas. E um dos melhores pães que já comi. Não existe nada melhor do que um pão quentinho com manteiga fresquinha… E depois botar os pés para cima, à noite, com uma bela caneca de vinho ou uma das excelentes cervejas pretas de Mestre al'Vere.

— Lorde Luc está dizendo que a gente devia ir para Campo de Emond, Perrin — comentou Kenley Ahan, esfregando o nariz vermelho com as costas da mão encardida.

O homem não era o único que não tinha conseguido se lavar com a frequência desejada, e nem o único resfriado.

Luc sorriu para Perrin do mesmo jeito que teria sorrido para um cachorro prestes a dar a patinha.

— A aldeia está *mesmo* segura, mas sempre há necessidade de mais respaldo.

— Estamos caçando Trollocs — retrucou Perrin, com frieza. — Nem todo mundo deixou as fazendas, e cada bando que encontramos significa menos fazendas incendiadas e mais gente com chance de ficar em segurança.

Wil al'Seen soltou uma risada. Já não estava tão bonito, com o nariz vermelho e inchado e uma barba falha crescendo por dias.

— Não *sentimos cheiro* de Trolloc há dias. Seja sensato, Perrin. Talvez a gente já tenha matado todos. — Houve murmúrios de aprovação.

— Não é minha intenção semear a discórdia. — Luc estendeu as mãos, com um ar de inocência. — Sem dúvida você obteve muitos bons resultados além desses de que ouvimos falar. Centenas de Trollocs mortos, imagino. Pode muito bem ser que tenham espantado todos. Posso garantir que as pessoas em Campo de Emond estão prontas para receber vocês como verdadeiros heróis. O mesmo vale para Colina da Vigília, para os que moram por aquelas bandas. Alguém aqui é de Trilha de Deven? — Wil assentiu, e Luc deu um tapinha em seu ombro, em um ato frívolo de camaradagem. — Um verdadeiro herói, sem sombra de dúvida.

— Quem quiser ir para casa, pode ir — respondeu Perrin, em um tom firme. Faile franziu a testa em advertência, encarando-o. Não era atitude de um general. Mas ele não queria um grupo com ninguém que não quisesse estar ali. Aliás, não queria nem ser general. — Eu não acredito que o trabalho esteja encerrado, mas a escolha é de vocês.

Ninguém discutiu. Wil parecia prestes a retrucar, mas outros vinte homens encararam o chão e arrastaram as botas no cobertor de folhas, caídas no ano anterior.

— Bem — começou Luc, com um ar despretensioso — se não têm mais Trollocs para caçar, talvez seja hora de voltarem as atenções aos Mantos-brancos. Eles não estão nada satisfeitos com essa história de o povo de Dois Rios decidir se defender sozinho. E fiquei sabendo que pretendem enforcar o bando de vocês como criminosos, pelo roubo dos prisioneiros.

Caretas de ansiedade dominaram as expressões de vários dos

rapazes de Dois Rios.

Foi então que Gaul apareceu, abrindo caminho entre a multidão, seguido de perto por Bain e Chiad. Não que os Aiel precisassem abrir caminho, claro. Os homens se afastaram assim que perceberam quem estava chegando. Luc franziu o cenho para Gaul, talvez com um pouco de desaprovação. O Aiel o encarou de volta, impassível. Wil, Dannil e os outros se animaram ao ver os Aiel. A maioria ainda acreditava que centenas deles estavam escondidos em algum ponto dos matagais e das florestas. Ninguém jamais questionou por que todos aqueles Aiel estariam se escondendo, e Perrin nunca tocava no assunto. Se a crença no reforço de algumas poucas centenas de Aiel os ajudava a manter a coragem, era melhor deixá-los pensar o que quisessem.

— O que foi que vocês encontraram? — perguntou Perrin.

Gaul estivera fora desde o dia anterior. O Aiel se deslocava com a rapidez de um homem a cavalo, e ia ainda mais depressa no meio da mata. Além disso, enxergava melhor.

— Trollocs — respondeu Gaul, como se reportasse a presença de ovelhas — seguindo pela Floresta das Águas, que, por sinal, é um nome bem apropriado. Estão indo em direção ao sul. São no máximo trinta, e acredito que pretendam acampar nos limites da floresta e atacar hoje à noite. Alguns homens ao sul ainda estão apegados às terras. — Ele abriu um sorriso repentino, meio perigoso. — Eles não me viram. Estarão desprevenidos.

Chiad inclinou-se para perto de Bain.

— Até que ele consegue correr bem, para um Cão de Pedra — sussurrou, alto o bastante para ser ouvida a vinte pés de distância. — Faz um pouco menos de barulho que um touro manco.

— E então, Wil? — perguntou Perrin. — Quer ir para Campo de Emond? Lá você vai poder fazer a barba, talvez até dar uns beijos em alguma garota. Tudo isso enquanto os Trollocs jantam, hoje à noite.

O rosto de Wil ficou de um tom vermelho-escuro.

— Hoje à noite, estarei onde você estiver, Aybara — respondeu, com a voz dura.

— Ninguém quer ir para casa enquanto ainda houver Trollocs por aí, Perrin — acrescentou Kenley.

Perrin olhou os outros à sua volta e viu apenas acenos de cabeça aprovativos.

— E você, Luc? Seria um prazer ter um lorde Caçador da Trombeta com a gente. Você pode nos mostrar como é que se faz.

Luc abriu um pequeno sorriso, um talho na rocha que não chegou aos frios olhos azuis.

— Infelizmente, as defesas de Campo de Emond ainda necessitam de mim. Preciso garantir a proteção de seu povo, caso os Trollocs apareçam por lá em um número maior do que trinta. Ou os Filhos da

Luz. Milady Faile? — Ele estendeu a mão para ajudá-la a montar, mas a jovem balançou a cabeça.

— Vou ficar com Perrin, Lorde Luc.

— Que pena — murmurou o homem, dando de ombros como se para expressar que gosto de mulher não se discute. Calçando as manoplas adornadas com lobos com gestos bruscos, ele montou na sela do garanhão negro em um movimento suave. — Boa sorte para você, Mestre Olhos-Dourados. Espero que vocês tenham muita sorte. — Com uma meia mesura para Faile, ele deu um rodopio pomposo no cavalo alto e enfiou as esporas nos flancos do animal, impelindo-o a um galope que forçou alguns dos homens a saltarem para o lado para abrir caminho.

Faile franziu o cenho para Perrin, sugerindo que faria um sermão sobre grosseria, quando os dois estivessem sozinhos. O rapaz prestou atenção aos sons do cavalo de Luc até não conseguir mais ouvir, depois virou-se para Gaul.

— Será que a gente consegue ultrapassar os Trollocs? Podemos ficar esperando em algum ponto, antes que eles cheguem aonde pretendem parar?

— A distância é razoável, se partirmos agora — respondeu Gaul. — Eles estão avançando sem pressa, em linha reta. Tem um Mensageiro da Noite com eles. Vai ser mais fácil surpreendê-los debaixo das cobertas do que tentar encarar o bando acordado. — Ele queria dizer que seria mais fácil para os homens de Dois Rios. O Aiel não cheirava a medo.

Mas sem dúvida alguns dos outros estavam com cheiro de medo. Ainda assim, ninguém sugeriu que um confronto com Trollocs alerta e despertos, ainda por cima com um Myrddraal, pudesse não ser o melhor plano. O grupo levantou acampamento assim que ele emitiu a ordem, apagando as fogueiras e espalhando as cinzas, reunindo as poucas panelas e juntando o estranho grupo de cavalos e pôneis. Eram quase setenta, contando os sentinelas — Perrin fez uma anotação mental de que precisava ter aquela conversa com eles — sem dúvida um número grande o suficiente para armar uma emboscada para trinta Trollocs. Ban al'Seen e Dannil ainda lideravam metade cada um — parecia a melhor forma de evitar discussões — e Bili al'Dai, Kenley e outros iam à frente de uns dez. Wil também. Ele não era um mau rapaz, quando conseguia tirar a cabeça das garotas.

Faile conduziu Andorinha para perto de Galope assim que o grupo arrancou em direção ao sul, com os Aiel na dianteira.

— Você não confia mesmo nele — comentou — Acha que é Amigo das Trevas.

— Confio em você, no meu arco e no meu machado — respondeu Perrin. A jovem assumiu uma expressão ao mesmo tempo triste e

satisfeita, mas aquilo era a pura verdade.

Durante duas horas, Gaul conduziu o grupo para o sul, antes de entrar na Floresta das Águas, um emaranhado de imensos carvalhos, pinheiros e folhas-de-couro, com baios frondosos e oleastros-vermelhos em forma de cone, freixos altivos de copas redondas, groselheiras e salgueiros-negros, nos troncos de trepadeiras. Mil esquilos chilreavam nos galhos, e sabiás, tentilhões e tordos-ruivos voavam por todos os lados. Perrin sentia cheiro de cervos e coelhos, além de raposas. Uma profusão de diminutos córregos cruzava a floresta, com poças e laguinhos com bordas de junco pontilhando o lugar, em geral encobertos, mas às vezes expostos. Alguns mediam menos de dez passadas, outros chegavam a quase cinquenta. O solo estava encharcado depois de tanta chuva, e os cascos dos cavalos chapinhavam na lama.

Gaul parou entre uma grande poça rodeada de carvalhos e um riacho estreito de um passo de largura, cerca de duas milhas para dentro da mata. Os Trollocs passariam por ali se continuassem seguindo pelo mesmo caminho. Os três Aiel desapareceram por entre as árvores para se certificar e trazer avisos da aproximação dos inimigos.

Deixando Faile e uns dez homens para vigiar os cavalos, Perrin posicionou os outros em um meio-círculo estreito, uma armadilha para onde os Trollocs decerto marchariam. Depois de garantir que todos os homens estavam bem escondidos e sabiam o que ele pretendia fazer, Perrin se posicionou no ponto central do lugar, ao lado de um carvalho com um tronco que tinha mais de largura do que ele de altura.

Ele afrouxou o passante do cinto que prendia o machado, encaixou uma flecha no arco e esperou. Uma brisa leve soprou em seu rosto, aumentou, depois diminuiu. Ele decerto conseguiria farejar os Trollocs muito antes de surgirem à vista. As criaturas deviam estar seguindo direto por aquele caminho. Perrin tocou o machado outra vez e esperou. Minutos se passaram. Uma hora. Mais. Quanto tempo até que as Criaturas da Sombra aparecessem? Se passassem muito mais tempo naquela umidade, as cordas dos arcos teriam de ser trocadas.

Os pássaros desapareceram por um instante, antes de os esquilos se calarem. Perrin respirou fundo e franziu o cenho. Nada. Com aquela brisa, sem dúvida conseguiria farejar os Trollocs assim que os animais os notassem.

Uma lufada de vento errante trouxe o odor pútrido, feito centenas de anos de suor e decomposição. Dardo meia-volta, Perrin gritou:

— Eles estão atrás de nós! Corram até mim! Dois Rios, venham a mim! — Estavam atrás dos cavalos. — Faile!

Gritos e guinchos irromperam de todos os lados, uivos e urros selvagens. Um Trolloc com chifres de carneiro saltou à vista a vinte passadas de distância, erguendo um arco comprido e curvo. Perrin levou o arco à orelha e disparou a flecha em um movimento suave, apanhando outra assim que soltou a primeira. A lança de ponta parruda acertou o Trolloc bem entre os olhos, e a criatura soltou um berro ao desabar. A flecha que ele soltara, do tamanho de uma lança pequena, atingiu a lateral de Perrin como um golpe de martelo.

O rapaz se curvou, ofegante com o choque, e largou o arco e a nova flecha. A dor se expandia a partir da ponteira da flecha de penas negras, que tremulava quando ele respirava, e cada movimento enviava novas ondas de dor.

Mais dois Trollocs saltaram por cima do companheiro morto, focinhos de lobo e chifres de bode, silhuetas envoltas em malha negra com o dobro da altura e largura de Perrin. Os dois partiram para cima do rapaz, urrando, as espadas curvas em riste.

Perrin obrigou-se a ficar de pé, rangeu os dentes, quebrou a parte da flecha grossa que estava para fora, soltou o machado e arrancou na direção dos dois. Percebeu vagamente que uivava. Uivava, cheio de uma fúria que deixava seus olhos vermelhos. As criaturas se avultaram por cima dele, as armaduras cravadas de pregos nos ombros e cotovelos, mas Perrin rodopiou o machado em frenesi, como se a cada golpe tentasse derrubar uma árvore. Por Adora. Por Deselle.

— Pela minha mãe! — gritou. — Que o queime! Pela minha mãe!

De súbito, percebeu que golpeava massas ensanguentadas no chão. Rosnando, obrigou-se a parar, tremendo tanto pelo esforço quanto pela dor na lateral do corpo. Agora havia menos gritos. Menos uivos. Será que sobrara alguém além dele?

— Venham a mim! Dois Rios, venham a mim!

— Dois Rios! — gritou alguém, em um urro frenético, saindo da mata úmida, e depois mais alguém:

— Dois Rios!

Dois. Apenas dois.

— Faile! — gritou ele. — Ah, Luz, Faile!

O lampejo de um movimento fluido por entre as árvores anunciou a vinda de um Myrddraal antes que ele pudesse ver a criatura com clareza, a armadura negra envolvendo o corpo feito uma serpente, o manto escuro sem se alterar com os movimentos. Ao se aproximar, o Meio-homem reduziu o passo a um caminhar sinuoso e confiante. A criatura sabia que Perrin estava ferido, sabia que era presa fácil. O olhar sem olhos na face branca o açoitava com golpes de medo.

— Faile? — repetiu a criatura, em um tom debochado. A voz fez o nome soar como carne queimada e desintegrada. — Sua Faile… estava uma delícia.

Rugindo, Perrin partiu para cima do Meio-homem. Uma espada de lâmina negra aparou o primeiro golpe. E o segundo. E o terceiro. O rosto da criatura, branco feito um verme, estava firme e concentrado, mas o Myrddraal se movia feito uma víbora, feito um raio. Por ora, Perrin mantinha o Meio-homem na defensiva. Por ora. O sangue pingava da lateral do corpo, que ardia como fogo das forjas. Perrin não conseguiria aguentar. E, quando sua força falhasse, aquela espada seria cravada em seu coração.

Seu pé resvalou na lama sob as botas, e o Desvanecido ergueu a lâmina. Então uma espada indistinta quase degolou aquela cabeça sem olhos, que desabou por cima de um dos ombros em uma fonte de sangue negro. Desferindo golpes cegos, o Myrddraal cambaleou para a frente, trôpego, recusando-se a morrer, o corpo instintivamente tentando matar.

Perrin saiu do caminho da criatura com dificuldade, mas sua atenção estava toda no homem que limpava a espada com frieza, usando um punhado de folhas. Era Ihvon, o manto furta-cor pendendo sobre os ombros.

— Alanna me mandou atrás de vocês. Quase não consegui, com tantos deslocamentos, mas setenta cavalos deixam bons rastros. — O Guardião magro e escuro mantinha a mesma compostura que teria se estivesse acendendo o cachimbo diante de uma lareira. — Os Trollocs não estavam ligados a esse… — Ele apontou com a espada para o Myrddraal; a criatura estava caída no chão, mas ainda golpeava a esmo. — É uma pena, mas, se você conseguir reunir seu povo, os Trollocs talvez não tenham disposição para tentar atacar todos sem o Sem-rosto para instigá-los. Eu diria que são uns cem, para começar. Um pouco menos, agora. Você retalhou esses aí.

Ihvon começou a inspecionar as sombras sob as árvores, muito calmo, apenas a espada em sua mão indicava que havia algo fora do comum.

Por um breve instante, Perrin ficou de queixo caído. Alanna queria falar com ele? Mandara Ihvon. Bem a tempo de salvar sua vida. Trêmulo, ele elevou a voz outra vez.

— Dois Rios, venham a mim! Pelo amor da Luz, venham a mim! Aqui! Venham! Aqui!

Dessa vez, continuou a berrar até surgirem rostos familiares, cambaleando por entre as árvores. Mais rostos sujos de sangue do que limpos. Rostos em choque, com os olhos arregalados. Alguns homens chegavam apoiados em outros, e uns tinham perdido os arcos. Os Aiel estavam entre eles. Pareciam ilesos, exceto por Gaul, que mancava de leve.

— Eles não vieram como o esperado — foi tudo o que disse o Aiel. A noite foi mais fria do que o esperado. Choveu mais do que o

esperado. Foi nesse tom.

Faile pareceu se materializar junto com os cavalos. Com metade dos cavalos, incluindo Galope e Andorinha, e nove dos onze homens que Perrin deixara com ela. Tinha um arranhão em uma das bochechas, mas estava viva. Perrin tentou abraçá-la, mas ela afastou seus braços, resmungando irritada sobre a flecha quebrada mesmo enquanto afastava o casaco de Perrin com cuidado, tentando examinar onde a lança robusta acertara.

Perrin observou os homens à sua volta. Ninguém mais chegou, mas ainda havia rostos ausentes. Kenley Ahan. Bili al'Dai. Teven Marwin. Forçou-se a nomear os ausentes, obrigou-se a contá-los. Vinte e sete. Vinte e sete não estavam lá.

— Trouxeram todos os feridos? — perguntou, a voz embotada. — Tem mais alguém por aí?

A mão de Faile tremeu ao lado dele. A jovem encarava a ferida com uma careta que era um misto de preocupação e fúria. Tinha o direito de estar irritada. Ele nunca deveria tê-la metido naquilo.

— Só os mortos — respondeu Ban al'Seen, com uma voz tão pesada quanto a expressão em seu rosto.

Wil parecia franzir o cenho para algo um pouco mais adiante.

— Eu vi Kenley — disse. — A cabeça dele estava enfiada no galho de um carvalho, mas o resto do corpo estava caído no chão. Eu vi. Ele não vai mais sofrer com o resfriado. — O rapaz fungou, parecendo assustado.

Perrin soltou um longo suspiro, mas logo desejou não ter suspirado. A dor que subiu pela lateral o fez cerrar os dentes. Faile, com um lenço de seda verde e dourado enrolado na mão, tentava puxar sua camisa para fora da calça. Ele afastou as mãos dela, apesar da cara feia que recebeu em resposta. Não havia tempo para cuidar de machucados.

— Coloquem os feridos nos cavalos — mandou, quando conseguiu falar. — Ihvon, eles vão nos atacar? — A floresta parecia quieta demais. — Ihvon?

O Guardião surgiu, conduzindo um capão cinza-escuro de olhar feroz. Perrin repetiu a pergunta.

— Talvez sim. Talvez não. Quando estão sem líder, os Trollocs matam quem for mais fácil. Sem um Meio-homem no comando, provavelmente vão preferir encontrar uma fazenda do que alguém que possa cravar flechas neles. Deixe um arco com uma flecha encaixada nas mãos de cada um que conseguir se manter de pé, mesmo os que não souberem usar. Eles podem considerar o preço da diversão muito alto.

Perrin sentiu um calafrio. Se os Trollocs de fato atacassem, se divertiriam tanto quanto ele em uma dança no Dia do Sol. Ihvon e os

Aiel eram os únicos realmente prontos para lutar. E Faile, com os olhos negros cintilando de fúria. Ele tinha de levá-la para um lugar seguro.

O Guardião não ofereceu o próprio cavalo para os feridos, o que fazia sentido. Era provável que o animal não deixasse mais ninguém montar em seu lombo, e, além disso, um cavalo treinado para a batalha com o próprio mestre na sela seria uma arma excelente, caso os Trollocs viessem outra vez. Perrin tentou montar Faile em Andorinha, mas ela o impediu.

— Você falou que os feridos iam a cavalo — sussurrou ela. — Lembra?

Para seu desgosto, a moça insistiu para que ele conduzisse Galope. Perrin esperou que os outros protestassem, depois de terem sido levados ao desastre, mas ninguém o fez. Havia cavalos suficientes, tanto para os incapazes de andar quanto para os incapazes de andar muito. Perrin admitiu, de má vontade, que estava no segundo grupo, então acabou montado. Metade dos outros cavaleiros teve de fazer o mesmo. Ele se sentou, rangendo os dentes para manter-se ereto.

Os que caminhavam ou cambaleavam, além de alguns que cavalgavam, permaneciam agarrados aos arcos como se eles fossem a salvação. Perrin levava um, e Faile também, mas o rapaz duvidava que ela soubesse sequer empunhar um arco longo de Dois Rios. Era a aparência que contava. A ilusão poderia garantir a segurança do grupo. Assim como Ihvon, alerta como um chicote enrolado, os três Aiel deslizavam à frente com elegância, aparentemente impassíveis, com as lanças nas costas, enfiadas nos arreios dos estojos dos arcos de chifre, que iam em mãos e a postos. Os outros, o próprio Perrin incluso, eram um bando de esfarrapados, nada que lembrasse o grupo que ele conduzira até ali, tão confiantes e cheios de orgulho. Ainda assim a ilusão teve o mesmo efeito da realidade. Na primeira milha que avançaram por entre a mata trançada, a brisa trouxe o fedor dos Trollocs, o odor de Trollocs seguindo-os, à espreita. Então o cheiro foi se esvaindo aos poucos e desapareceu enquanto os Trollocs se afastavam, iludidos por uma miragem.

Faile andava ao lado de Galope, com uma das mãos na perna de Perrin como se o segurasse no lugar. Vez ou outra, erguia a cabeça e olhava para ele com um sorriso encorajador, mas havia uma ruga de preocupação em sua testa. Perrin devolvia o sorriso da melhor forma possível, tentando fazê-la acreditar que estava tudo bem. Vinte e sete. Não conseguia parar de listar os nomes na cabeça. Colly Garren e Jared Aydaer; Dael al'Taron e Rend Chandin. Vinte e sete rapazes de Dois Rios mortos por conta de sua estupidez. Vinte e sete.

O grupo pegou a rota mais direta para sair da Floresta das Águas,

chegando a campo aberto em algum momento da tarde. Era difícil precisar a hora, com o céu ainda coberto de cinza e o terreno envolto em uma sombra tênue. À frente deles se estendia um pasto de grama alta pontilhado de árvores, além de ovelhas isoladas e umas poucas casas de fazenda ao longe. Não subia fumaça de nenhuma das chaminés. Se houvesse alguém naquelas casas, também haveria refeições cozinhando na lareira. A cortina de fumaça mais próxima se erguia a pelo menos cinco milhas dali.

— Vamos encontrar uma fazenda para passar a noite — sugeriu Ihvon. — Algum lugar coberto, para o caso de chover outra vez. Uma fogueira. Comida. — Ele encarou os homens de Dois Rios e acrescentou: — Água e curativos.

Perrin apenas assentiu. O Guardião sabia melhor do que ele a coisa certa a se fazer. O velho Bili Congar, com a cara cheia de cerveja, devia saber melhor que ele a coisa certa a se fazer. Perrin deixou Galope seguir o cinzento de Ihvon.

Antes de o grupo avançar pouco mais de uma milha, um fiapinho de música chegou aos ouvidos de Perrin, rabecas e flautas entoando melodias alegres. A princípio, imaginou que estava sonhando, mas então os outros também ouviram e trocaram olhares incrédulos, depois abriram sorrisos aliviados. Música significava pessoas, e, pelo som, eram pessoas alegres, celebrando. O fato de alguém poder ter algo a celebrar foi o bastante para animar um pouco a caminhada.

41



Entre os Tuatha’an

Um agrupamento de carroções surgiu à vista, um pouco afastado para o sul, feito casinhas sobre rodas, caixas altas de madeira pintadas e envernizadas em tons berrantes de vermelho, azul, verde e amarelo, todas dispostas em um círculo amplo e meio torto em torno de alguns carvalhos de galhos compridos. Era dali que vinha a música. Perrin já ouvira dizer que havia latoeiros, o Povo Errante, em Dois Rios, mas ainda não os vira por lá. Cavalos mancos pastavam pela grama comprida dos entornos.

— Vou dormir em outro lugar — disse Gaul, rígido, ao ver que Perrin pretendia seguir até os carroções, e se afastou depressa sem dizer outra palavra.

Bain e Chiad falaram com Faile baixinho, mas em tom urgente. Perrin captou o suficiente para entender que as duas estavam tentando convencê-la a passar a noite com elas em alguma moita apertada, em vez de com os “Perdidos”. Pareciam horrorizadas com a ideia de falar com os latoeiros, ainda mais comer ou dormir com eles. Faile apertava sua perna com a mão enquanto recusava, baixinho, em um tom firme. As duas Donzelas se entreolharam, os cenhos franzidos, olhos azuis e cinza se encarando com bastante preocupação, mas, antes que os carroções do Povo Errante ficassem muito próximos, elas saíram a passos rápidos atrás de Gaul. No entanto, pareciam ter recuperado um pouco do humor. Perrin ouviu Chiad sugerindo que as duas induzissem Gaul a participar de um jogo chamado O Beijo da Donzela. As duas estavam rindo quando saíram do alcance de seus ouvidos.

Homens e mulheres trabalhavam no campo, costurando, lavando roupas, dando banho em crianças, erguendo um carroção para trocar uma das rodas. Outras crianças corriam, brincando, ou dançavam ao som da melodia de uma dúzia de homens que tocavam flautas e rabecas. Dos mais velhos aos mais novos, as roupas eram ainda mais coloridas do que os tons dos carroções, em combinações espalhafatosas de doer os olhos, que só podiam ter sido escolhidas às cegas. Nenhum homem em sã consciência combinaria aqueles tons, e quase nenhuma mulher.

Quando o bando de maltrapilhos se aproximou dos carroções, um silêncio se abateu, o povo parou onde estava para olhar com uma expressão preocupada, as mulheres agarraram seus bebês, e as crianças correram para se esconder atrás dos adultos, espiando por detrás das pernas altas ou cobrindo os rostos debaixo das saias longas. Um homem magro, grisalho e baixo deu um passo à frente e curvou-se em uma mesura solene, com ambas as mãos no peito. Usava um casaco de gola alta azul-claro e calças largas, de um verde quase cintilante, enfiadas nas botas.

— Bem-vindos às nossas fogueiras. Você conhece a canção?

Por um instante, tentando não se curvar com a flecha cravada no corpo, Perrin só conseguiu encarar o homem. Ele o conhecia: era o Mahdi, ou o Buscador, daquele grupo. *Qual a chance disso acontecer?*, perguntou-se. *De todos os latoeiros do mundo, quais as chances de ser o justo os que eu conheço?* As coincidências o incomodavam. Quando o Padrão produzia coincidências, a Roda parecia forçar os acontecimentos. *Estou começando a ficar igual a uma droga de uma Aes Sedai.* Não era capaz de manejar o arco, mas lembrava-se do ritual.

— Suas boas-vindas aquecem meu espírito, Raen, assim como suas fogueiras aquecem o corpo, mas eu não conheço a canção.

Faile e Ihvon o encararam, surpresos, porém não menos que os homens de Dois Rios. A julgar pelos resmungos que ouviu de Ban, Tell e os outros, acabara de lhes dar mais uma razão para falatório.

— Então ainda buscamos — entoou o homem magro. — Como foi, assim há de ser, se lembrarmos, buscarmos e encontrarmos. — Com uma careta, ele examinou os rostos ensanguentados a confrontá-lo, desviando os olhos das armas. O Povo Errante não tocava nada que considerasse arma. — Bem-vindos às nossas fogueiras. Temos água quente, ataduras e cataplasma. Você sabe o meu nome — acrescentou, perscrutando Perrin. — É claro. Seus olhos.

A esposa de Raen se aproximara enquanto ele falava, uma mulher roliça, de cabelos grisalhos, mas de feições suaves, uma cabeça mais alta que o marido. A blusa vermelha, a saia amarelo-clara e o xale de franjas verdes faziam doer os olhos, mas a mulher tinha um jeito

maternal.

— Perrin Aybara! — exclamou a mulher. — Sabia que conhecia seu rosto. Elyas veio com você?

Perrin balançou a cabeça.

— Eu não o vejo há muito tempo, Ila.

— Ele leva uma vida de violência — observou Raen, com tristeza. — Assim como você. Uma vida de violência é uma vida manchada, ainda que longa.

— Não tente trazê-lo para o Caminho da Folha agora, Raen — retrucou Ila, com firmeza, mas delicadamente. — Ele está ferido. Todos estão.

— Onde é que estou com a cabeça? — murmurou Raen. Erguendo a voz, ele chamou: — Venham, povo. Venham ajudar. Eles estão feridos. Venham ajudar.

Homens e mulheres se aproximaram depressa, expressando sua compaixão enquanto ajudavam os feridos a descer dos cavalos e os guiavam até os carroções, carregando-os quando necessário. Wil e alguns dos outros ficaram preocupados em se separar, mas Perrin, não. Violência era algo fora de cogitação entre os Tuatha'an. Eles jamais ergueriam a mão contra alguém, mesmo que para salvar a própria vida.

Perrin descobriu que precisava da ajuda de Ihvon para descer do cavalo. Apear fez ondas de dor irradiarem pela lateral do corpo.

— Raen — disse, um pouco ofegante — vocês não deveriam estar aqui. Enfrentamos Trollocs a menos de cinco milhas deste ponto. Leve seu povo para Campo de Emond. Lá, eles estarão seguros.

Raen hesitou — e pareceu surpreso com isso — antes de balançar a cabeça.

— Mesmo que eu desejasse, Perrin, o povo não iria querer. Tentamos acampar longe até da menor aldeia, e não apenas porque os aldeões podem nos acusar falsamente de roubar seus objetos perdidos ou de tentar convencer seus filhos a encontrar o Caminho. Onde os homens constroem dez casas juntas, sempre há potencial para violência. Desde a Ruptura, os Tuatha'an sabem disso. A segurança está em nossos carroções e no deslocamento contínuo, na busca contínua pela canção. — Seu rosto foi tomado por uma expressão melancólica. — Ouvimos notícias de violência por todos os cantos, Perrin. Não só aqui em Dois Rios. O mundo está com ar de mudança, de destruição. Está claro que precisamos encontrar logo a canção. Senão, acho que nunca a encontraremos.

— Vocês vão encontrá-la — respondeu Perrin, baixinho. Talvez eles abominassem demais a violência para serem atropelados por um *ta'veren*. Talvez nem um *ta'veren* fosse capaz lutar contra o Caminho da Folha. Um dia, também se sentira atraído por aquela

vida. — Espero de verdade que vocês encontrem.

— O que será, será — respondeu Raen. — Todas as coisas morrem no devido tempo. Talvez até a canção. — Ila envolveu o marido em um abraço reconfortante, mas seus olhos estavam tão preocupados quanto os dele.

— Venham — chamou ela, tentando esconder a inquietação — vamos levar vocês para dentro. Os homens tagarelam até com os casacos pegando fogo. — Para Faile, ela disse: — Você é muito bonita, criança. Talvez deva tomar cuidado com Perrin. Só vejo esse rapaz na companhia de belas garotas. — Faile lançou a Perrin um olhar inexpressivo e pensativo, depois tentou disfarçar depressa.

Ele foi até o carroção de Raen — amarelo com remates vermelhos, raios das rodas em vermelho e amarelo, e aros vermelhos, além de baús vermelhos e amarelos amarrados do lado de fora, próximos a uma fogueira bem no meio do acampamento — mas, assim que pôs o pé no primeiro degrau de madeira dos fundos, seus joelhos cederam. Ihvon e Raen praticamente o carregaram para dentro, seguidos depressa por Faile e Ila, e o deitaram na cama embutida na parte da frente do carroção, com espaço apenas para a passagem até a porta de correr, que levava ao assento do condutor.

Parecia mesmo uma casinha, até com cortinas rosa-claras nas duas janelinhas de cada lado. Ele ficou olhando para o teto. Ali, também, os latoeiros abusavam das cores: o teto era pintado de verniz azul-celeste, e os armários altos, de verde e amarelo. Faile desafivelou o cinto dele e pegou o machado, enquanto Ila revirava um dos armários. Perrin não conseguia ficar interessado no que as duas estavam fazendo.

— Qualquer um pode ser surpreendido — disse Ihvon. — Aprenda com isso, mas não se abale demais. Nem Artur Asa-de-gavião ganhou todas as batalhas.

— Artur Asa-de-gavião. — Perrin tentou rir, mas o que acabou saindo foi um ganido. — Pois é — conseguiu dizer. — Eu com certeza não sou Artur Asa-de-gavião, sou?

Ila encarou o Guardião com uma careta — ou melhor, encarou a espada com uma careta: parecia considerá-la ainda pior do que o machado de Perrin. Então foi até a cama com um chumaço de gazes dobradas. Ao puxar a camisa de Perrin para longe do toco da flecha, a mulher estremeceu.

— Acho que não tenho competência para remover isso. Está muito fundo.

— Farpadas — comentou Ihvon, com naturalidade. — Os Trollocs não costumam usar arcos, mas, quando usam, as flechas são farpadas.

— Fora — mandou a mulher roliça com firmeza, contornando-o. — E você também, Raen. Cuidar dos doentes não é coisa de

homens. Por que não vão ver se Moshea já colocou aquela roda no carroção dele?

— Boa ideia — respondeu Raen. — Talvez tenhamos vontade de partir amanhã. Nesse último ano, as viagens foram bem difíceis — confessou a Perrin. — Fomos até Cairhien, voltamos para Ghealdan e depois subimos até Andor. Amanhã, eu acho.

Quando a porta se fechou atrás dele e de Ihvon, Ila virou-se para Faile, preocupada.

— Se for farpada, acho que não consigo mesmo remover. Se tiver que tentar, eu tento, mas, se houver alguém por perto que entenda mais dessas coisas…

— Tem uma pessoa em Campo de Emond — garantiu Faile. — Mas será que é seguro deixá-lo desse jeito até amanhã?

— Mais seguro do que eu cortá-lo, talvez. Posso preparar uma mistura para ele beber, para diminuir a dor, e fazer um cataplasma contra infecção.

Com os olhos cravados nas duas mulheres, Perrin chamou:

— Alô? Estão lembradas de mim? Estou bem aqui. Parem de falar como se eu não estivesse.

As duas o encararam por um instante.

— Não deixe que ele se mexa — disse Ila, a Faile. — Tudo bem ele falar, mas não permita que se mexa. Ele pode acabar se machucando ainda mais.

— Pode deixar — respondeu a jovem.

Perrin rangeu os dentes e fez o melhor que pôde para ajudá-las a remover o casaco e a camisa, mas o trabalho maior ficou com as duas. Sentia-se fraco como o ferro mais mal forjado, prestes a envergar à menor pressão. Quatro polegadas de flecha da espessura de um polegar despontavam bem acima de sua última costela, projetando-se de um corte inchado e cheio de sangue seco. As duas empurraram a cabeça dele de volta para o travesseiro; pareciam, por algum motivo, não desejar que ele assistisse à cena. Faile lavou a ferida enquanto Ila preparava o bálsamo, com pilão e almofariz — de pedra lisa e cinza, as primeiras coisas que vira no acampamento dos latoeiros que não eram de uma cor berrante. As duas passaram o bálsamo em torno da flecha e envolveram Perrin em ataduras, para fixar.

— Raen e eu dormiremos debaixo do carroção, esta noite — disse a mulher Tuatha'an, por fim, limpando as mãos. Olhando feio para o toco de flecha que brotava das ataduras, ela balançou a cabeça. — Cheguei a pensar que ele poderia encontrar o Caminho da Folha, um dia. Era um rapaz tranquilo, eu acho.

— O Caminho da Folha não é para todos — respondeu Faile, com delicadeza, mas Ila balançou a cabeça outra vez.

— Seria para todos, sim — retrucou, com a mesma delicadeza e

certa tristeza — se as pessoas o conhecessem.

Ela foi embora, e Faile permaneceu sentada na beirada da cama, secando o rosto dele com um pedaço de pano dobrado. Por algum motivo, Perrin estava suando bastante.

— Eu fiz uma asneira — disse ele, depois de um tempo. — Não, isso é muito pouco. Eu não sei a palavra certa.

— Você não fez asneira nenhuma — respondeu a jovem, com firmeza. — Você fez o que achou certo no momento. Não consigo imaginar como foi que eles apareceram atrás da gente. Gaul não costuma se enganar em relação à localização dos inimigos. Ihvon tinha razão, Perrin. Ninguém está livre de descobrir que as circunstâncias mudaram de repente. Você manteve todos unidos. Você nos liderou.

Ele sacudiu a cabeça com força, o que fez a lateral do corpo doer ainda mais.

— Ihvon nos liderou. O que eu fiz foi causar a morte de vinte e sete homens — respondeu, em um tom amargo, tentando sentar-se para encará-la. — Alguns eram meus amigos, Faile. E eu matei todos eles.

A jovem jogou o peso por cima dos ombros dele, para empurrá-lo de volta. A facilidade com que ela o segurava era prova de como estava fraco.

— Teremos bastante tempo para isso de manhã — disse, em um tom firme, observando-o com atenção — quando teremos que fazer você montar no cavalo. Ihvon não nos liderou. Na verdade, eu não acho que ele se importava com mais alguém além dele mesmo e de você. Esses homens teriam se dispersado para todos os lados, não fosse você, e aí todos teríamos sido caçados. Eles não ficariam unidos por Ihvon, um estranho. Quanto aos seus amigos… — Ela suspirou e se sentou outra vez. — Perrin, meu pai diz que um general pode cuidar dos vivos ou chorar pelos mortos, mas não pode fazer as duas coisas.

— Eu não sou general, Faile. Sou um ferreiro idiota que achou que poderia ter a ajuda de outras pessoas para ir atrás de justiça, ou talvez de vingança. Ainda quero isso, mas não quero mais usar ninguém.

— Você acha que os Trollocs vão embora porque você decidiu que não tem motivos genuínos o bastante? — A fúria na voz dela o fez erguer a cabeça, mas Faile empurrou-a de volta no travesseiro quase com brutalidade. — Eles vão ficar menos vis? Você precisa de uma razão mais genuína para lutar do que o que eles representam? Outra coisa que meu pai diz. O maior pecado que um general pode cometer, pior que asneiras, pior que perder, pior que qualquer coisa, é abandonar os homens que dependem dele.

Ouviu-se uma batida na porta, e um jovem latoeiro belo e esguio, vestido em um casaco de listras azuis e vermelhas, pôs a cabeça para

dentro. Abriu um sorriso para Faile, cheio de charme e dentes brancos, antes de olhar para Perrin.

— O meu avô disse que era você. Achei que era aqui onde Egwene disse que tinha nascido. — Ele fechou a cara de repente, em desaprovação. — Seus olhos. Estou vendo que foi mesmo atrás de Elyas, para correr com os lobos. Sempre soube que você nunca encontraria o Caminho da Folha.

Perrin o conhecia: era Aram, neto de Raen e Ila. Não gostava dele. O rapaz tinha o mesmo sorriso de Wil.

— Vá embora, Aram. Estou cansado.

— Egwene veio com você?

— Egwene agora é Aes Sedai, Aram — grunhiu — e arrancaria seu coração fora com o Poder Único, se você a tirasse para uma dança. Vá embora!

Aram piscou e bateu a porta depressa. Ficou do lado de fora.

Perrin deixou a cabeça desabar.

— Ele sorri demais — resmungou. — Não consigo tolerar um homem que sorri tanto.

Faile emitiu um som abafado, e ele a encarou, desconfiado. Ela estava mordendo o lábio inferior.

— Estou com alguma coisa na garganta — comentou ela, em uma voz abafada, levantando-se depressa. Correu até a grande prateleira sob o pé da cama, onde Ila preparara o cataplasma, e pôs-se de costas para ele, servindo água de uma jarra verde e vermelha em uma caneca azul e amarela. — Quer alguma coisa para beber? Ila deixou esse pó para a dor. Vai ajudar a dormir.

— Não quero pó nenhum — respondeu ele. — Faile, quem é o seu pai?

Ela enrijeceu as costas. Depois de um momento, virou-se de novo, segurando a caneca nas duas mãos, uma expressão indecifrável nos olhos oblíquos. Outro minuto se passou, então a jovem respondeu:

— Meu pai é Davram, da Casa Bashere, Lorde de Bashere, Tyr e Sidona, Guardião da Fronteira da Praga, Defensor da Terra do Coração, Marechal-General da Rainha Tenobia, de Saldaea. E tio dela.

— Luz! E aquela história toda de ele ser comerciante de madeira, ou mercador de peles? Acho que me lembro de você também dizer que ele trabalhava com pimenta-de-gelo.

— Não era mentira — respondeu ela, ríspida. Depois, em um tom mais brando: — Só não era… toda a verdade. As propriedades do meu pai realmente produzem serragem de madeira e madeira fina, pimenta-de-gelo, pele e muito mais. E os administradores realizam as vendas, então ele é mesmo comerciante. De certo modo.

— Por que foi que você não me contou? Ficou escondendo as coisas. Mentindo. Você é uma lady! — Perrin disparou um olhar

acusatório. Não estava esperando por isso. Que o pai dela fosse um pequeno mercador, um ex-soldado, talvez, mas não isso. — Luz, o que você está fazendo, correndo por aí fingindo ser Caçadora da Trombeta? Não me diga que o Lorde de Bashere e tudo o mais mandou você embora para procurar uma aventura.

Ainda segurando a caneca, Faile voltou e se sentou ao lado dele. Por alguma razão, parecia muito concentrada em seu rosto.

— Perrin, os meus dois irmãos mais velhos morreram. Um, lutando contra Trollocs, o outro, em uma queda do cavalo de caça. Com isso, virei a mais velha, e acabei tendo que estudar negócios e livros de contabilidade. Meus irmãos mais novos estavam virando soldados, se preparando para aventuras, e eu tinha que aprender a administrar as propriedades! Essa é a obrigação do mais velho. *Obrigação*! É enfadonho, frio, chato. Ficar afundada em papelada de escritório. — Ela continuou: — Quando meu pai levou Maedin, que é dois anos mais novo que eu, com ele para a Fronteira da Praga, para mim foi a gota d'água. As garotas de Saldaea não aprendem a lutar com espadas ou a enfrentar a guerra, mas meu pai nomeou um antigo soldado de seu primeiro comando como meu criado de libré, e Eran sempre teve prazer em me ensinar a usar facas e lutar com as mãos. Acho que isso o divertia. De todo modo, quando meu pai levou Maedin com ele, chegaram notícias convocando para a Grande Caçada à Trombeta, então eu… fui embora. Escrevi uma carta para minha mãe, explicando meus motivos, e… fui. E cheguei em Illian a tempo de fazer o juramento de Caçador… — Ela apanhou o pedaço de pano e limpou outra vez o suor do rosto dele. — Você devia mesmo dormir, se conseguir.

— Imagino que você seja a Lady Bashere, ou algo do tipo? — indagou ele. — Como foi que passou a gostar de um simples ferreiro?

— A palavra é "amar", Perrin Aybara. — A firmeza de sua voz contrastava com a gentileza do pano deslizando no rosto dele. — E acho que você não é um ferreiro tão comum assim. — O pedaço de pano parou. — Perrin, o que aquele sujeito quis dizer com "correndo com os lobos"? Raen também mencionou esse tal de Elyas.

Por um instante, Perrin ficou paralisado, sem respirar. No entanto, acabara de censurá-la por guardar segredos dele. Era isso o que ganhava por ser precipitado e nervoso. Girar um martelo na pressa fazia o sujeito acertar o próprio polegar. Deu um suspiro profundo e contou a ela. Como conhecera Elyas Machera e descobrira ser capaz de falar com os lobos. Como seus olhos mudaram de cor, ficaram mais aguçados, e como o mesmo acontecera com a audição e o olfato, ficando como os de um lobo. E contou sobre os sonhos de lobo. Sobre o que aconteceria se ele perdesse o contato com seu lado

humano.

— É tão fácil. Às vezes, ainda mais no sonho, esqueço que sou um homem, e não um lobo. Se em um desses momentos eu não me lembrar depressa, se eu perder o contato, vou *mesmo* virar lobo. Pelo menos na minha cabeça. Uma espécie de lobo distorcido. Não vai sobrar mais nada de *mim*. — Ele parou, esperando que Faile se encolhesse, que se afastasse.

— Se seus ouvidos são mesmo tão aguçados — respondeu ela, tranquila — é melhor eu prestar atenção nas coisas que falo perto de você.

Perrin segurou a mão dela, para que a jovem parasse de lhe dar tapinhas com o pano.

— Você ouviu alguma coisa que eu disse? O que é que o seu pai e a sua mãe vão pensar, Faile? Um ferreiro que é metade lobo. Você é uma lady! Luz!

— Eu ouvi cada palavra. Meu pai vai aprovar. Ele sempre disse que o sangue da nossa família está ficando fraco, que não é mais como antigamente. Sei que ele me acha incrivelmente mole. — Faile abriu um sorriso feroz até para um lobo. — E, é claro, minha mãe sempre quis que eu me casasse com um rei capaz de partir Trollocs em dois com um só golpe de espada. Acho que seu machado basta, mas será que você pode dizer a ela que é o rei dos lobos? Acho que não vai aparecer ninguém para disputar o trono. Na verdade, acho que partir Trollocs em dois já está de bom tamanho para minha mãe, mas acredito que ela vá preferir a coisa do rei.

— Luz! — exclamou Perrin, com a voz rouca. Faile soava quase séria. Não, soava séria. Se estivesse falando pelo menos *meio* sério, talvez os Trollocs fossem uma opção melhor do que conhecer os pais dela.

— Aqui — disse a jovem, levando a caneca de água até os lábios dele. — Você parece estar com a garganta seca.

Perrin engoliu e acabou se engasgando com o gosto amargo. Faile misturara o pó de Ila! Tentou parar, mas a namorada encheu sua boca com o líquido, e era uma questão de engolir ou engasgar. Quando conseguiu empurrar a caneca, Faile já esvaziara a metade por sua goela abaixo. Por que os remédios sempre tinham um gosto tão horrendo? Suspeitava que as mulheres fizessem isso de propósito. Apostava que os que elas tomavam não eram tão ruins assim.

— Eu falei que não queria isso. Argh!

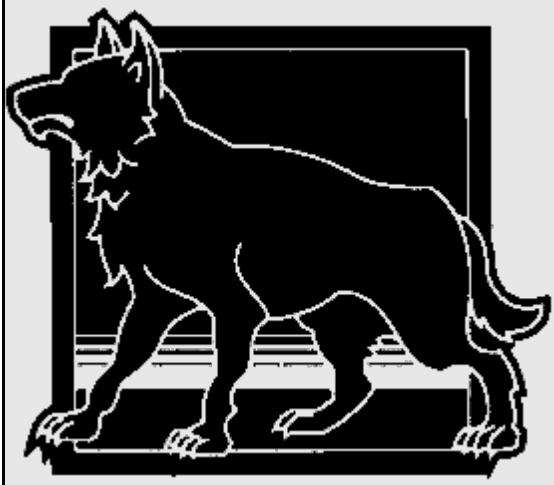
— Ah, foi? Acho que não ouvi. Mas, querendo ou não a bebida, você tem que dormir. — Ela afagou seus cabelos cacheados. — Durma, meu Perrin.

O rapaz tentou dizer a ela que tinha falado, sim, e que ela o ouvira, mas as palavras pareceram se enroscar na boca. Quis fechar os

olhos. Na verdade, não conseguia mais mantê-los abertos. A última coisa que ouviu foram os murmúrios delicados de Faile:

— Durma, meu rei dos lobos. Durma.

42



Uma folha a menos

Perrin estava parado perto dos carroções dos Tuatha'an, sob o sol forte, sozinho, sem flecha nem dor no corpo. No meio dos carroções havia lenha empilhada já pronta para ser acesa sob panelas de ferro penduradas em tripés, e roupas estavam penduradas nos varais. Não se via gente nem cavalos. Perrin não usava casaco ou blusa, e sim um comprido colete de ferreiro que deixava os braços à mostra. Aquele poderia ser qualquer sonho, talvez, exceto pela consciência de que era um sonho. E Perrin conhecia a sensação do sonho de lobo, a realidade e a concretude da grama alta ao redor de suas botas, da brisa que soprava do oeste e bagunçava seus cabelos cacheados, dos carvalhos e pinheiros espalhados pelo campo aberto. No entanto, os carroções berrantes dos latoeiros não pareciam reais, tinham um ar de insubstancialidade, passavam a sensação de que iriam piscar e desaparecer a qualquer momento. Os latoeiros nunca permaneciam muito tempo em um lugar. Nenhum solo os segurava.

Perguntando-se quanta influência a terra exercia sobre ele, Perrin pousou a mão no machado — e olhou para baixo, surpreso. O que pendia no passante do cinto era o pesado martelo de ferreiro, não o machado. Ele franziu a testa. Um dia teria escolhido esse caminho, até pensara que tinha, mas sem dúvida não era mais o caso. O machado. Escolhera o machado. A cabeça do martelo de súbito transformou-se em uma lâmina em meia-lua e uma ponteira grossa, então tremulou e reassumiu a forma do cilindro robusto de aço frio, depois flutuou entre as duas. Por fim, repousou como machado, e ele expirou lentamente. Isso nunca acontecera antes. Ali, conseguia alterar as

coisas com facilidade, pelo menos as que tinham relação com ele mesmo.

— E eu quero o machado — disse com firmeza. — O machado.

Ao olhar em volta, Perrin viu apenas uma casa de fazenda ao sul, com cervos pastando no campo de cevada, rodeado por um muro de pedra bruta. Não sentia a presença de lobos, e não chamou Saltador. O lobo poderia vir ou não, poderia nem ouvir, mas havia grandes chances de o Matador estar em algum canto por ali. Sentiu de repente o peso de uma aljava rústica, com o couro ainda coberto do pelo do animal, em seu cinturão do lado oposto ao machado, e em sua mão surgiu um arco longo robusto, com uma flecha de ponta chata já encaixada. Uma braçadeira comprida de couro cobria seu antebraço esquerdo. Nada se movia além dos cervos.

— Pouco provável que eu acorde logo — resmungou para si mesmo. Fosse o que fosse a tal coisa que Faile dera a ele, o nocauteara de vez. Perrin lembrava-se do que acontecera tão bem que era como se estivesse na sua frente. — Me empurrou aquele troço pela goela como se eu fosse um bebê — grunhiu. — *Mulheres!*

Deu uma de suas longas passadas — a paisagem ao redor ficou turva — e adentrou o pátio da fazenda. Havia duas ou três galinhas à solta, correndo como se fossem selvagens. O curral de ovelhas, com paredes de pedra, permanecia vazio, e os dois celeiros com telhado de palha estavam fechados com barras. Apesar das cortinas ainda nas janelas, a casa de dois andares parecia vazia. Se aquilo era um reflexo real do mundo desperto — e os sonhos de lobo, estranhamente, costumavam ser — então já não havia gente ali há dias. Faile tinha razão. Sua advertência se espalhara para além dos lugares onde ele tinha ido.

— Faile — murmurou, assombrado. Filha de um lorde. Não, não só um lorde. Três vezes lorde, general e tio de uma rainha. — Luz, e ela ainda é prima de uma rainha! — E amava um simples ferreiro. As mulheres eram estranhas e surpreendentes.

Procurando ver até onde as notícias tinham chegado, Perrin ziguezagueou por mais da metade do caminho até Trilha de Deven, uma milha ou mais a cada passada, retornando e entrecortando o caminho de ida. A maioria das fazendas que via mostravam o mesmo vazio. Em menos de uma a cada cinco havia sinais de algum habitante, como janelas e portas abertas, bonecas, argolas e cavalos esculpidos em madeira caídos na soleira de uma porta. Os brinquedos, em especial, faziam seu estômago revirar. Ainda que não tivessem acreditado no aviso dele, sem dúvida poderiam ter acreditado nas muitas fazendas incendiadas, pilhas de vigas de madeira desabadas, chaminés pretas de fuligem, mais parecendo dedos mortos e rígidos.

Ele se inclinou para ajeitar uma boneca de rosto vítreo e

sorridente e um vestido com bordado de flores — alguma mulher amava muito a própria filha, para ter todo aquele trabalho de costura — e piscou. A mesma boneca permanecia nos degraus de pedra bruta de onde acabara de apanhá-la. Quando estendeu o braço, a que estava em sua mão sumiu.

Lampejos negros no céu o distraíram de seu espanto. Corvos, um grupo de vinte ou trinta, voavam em direção à Floresta do Oeste. Em direção às Montanhas da Névoa, onde tinha visto o Matador pela primeira vez. Perrin observou com frieza enquanto os corvos se esvaneciam até virar pontinhos negros e desaparecer. Então partiu atrás deles.

A cada passada ligeira e comprida, avançava cinco milhas, a paisagem ao redor toda borrada, exceto nos momentos entre um passo e outro. Seguia pela Floresta do Oeste, rochosa e repleta de árvores, cruzando as Colinas de Areia, cheias de arbustos, adentrando as montanhas enevoadas onde abetos, pinheiros e folhas-de-couro revestiam os vales e as encostas. Avançou até chegar ao mesmo vale onde vira pela primeira vez o homem que Saltador chamava de Matador, até a encosta da montanha por onde retornara a Tear.

O Portal dos Caminhos permanecia ali, fechado, a folha de *Avendesora* aparentemente apenas uma entre uma miríade de folhas e trepadeiras entalhadas com detalhes intrincados. Árvores isoladas, encarquilhadas e marcadas pelo vento pontilhavam o solo esparso na pedra polida onde Manetheren fora incendiada. A luz do sol cintilava sobre as águas do Manetherendrelle, mais abaixo. Um vento fraco vindo do vale trazia cheiro de cervos, coelhos e raposas. Nada se movia, que ele pudesse ver.

Já a ponto de ir embora, parou. A folha de *Avendesora*. *Uma folha*. Loial trancara o Portal dos Caminhos colocando as duas folhas daquele lado. Ele se virou, e os pelos de sua nuca se eriçaram. Viu o Portal dos Caminhos aberto, duas massas iguais de folhagem viva revolvendo com a brisa, expondo aquela superfície prateada e opaca. Seu reflexo brilhava sobre ela. *Como assim?*, perguntou-se. *Loial trancou essa porcaria.*

Sem se dar conta de que cruzara a distância até a entrada, viu-se de súbito bem diante do Portal dos Caminhos. A folha de três pontas não estava no meio do emaranhado verdejante do lado de dentro dos dois portões. Era estranho pensar que, naquele mesmo instante, no mundo desperto, alguém — ou algo — estava passando bem onde ele se encontrava. Perrin tocou a superfície opaca e grunhiu. Poderia muito bem ser um espelho. Sua mão deslizou na superfície como deslizaria por sobre o vidro mais delicado.

De canto de olho, notou que de repente a folha de *Avendesora* voltara ao lugar, do lado de dentro, e deu um salto para trás no exato

instante em que o Portal dos Caminhos começou a se fechar. Alguém — ou algo — saíra… ou entrara. *Saiu. Só pode ter saído.* Queria duvidar que fossem mais Trollocs e Desvanecidos a caminho de Dois Rios. Os portões se fundiram, transformando-se outra vez em pedra entalhada.

A sensação de estar sendo observado foi a única advertência que teve. Saltou para o lado. Teve uma visão borrada de algo passando feito um raio onde seu peito estivera. Uma flecha. Tinha dado um daqueles saltos que transformavam o mundo ao redor em um borrão, e pousou em uma encosta ao longe. Então, saltou outra vez, saindo do vale de Manetheren e entrando em uma planície com imensos abetos. Depois, repetiu o movimento. Corria, pensando depressa, reprisando em sua mente o vale e aquele breve vislumbre da flecha. Tinha vindo *daquela* direção, e tinha *aquele* ângulo quando o alcançou, então só podia ter vindo de…

Um último salto o levou de volta a uma encosta acima da sepultura de Manetheren. Ficou agachado entre uns poucos pinheiros entortados pelo vento, o arco preparado para atirar. Abaixo dele, de entre as árvores mirradas e os pedregulhos, a flecha fora disparada. O Matador devia estar em algum ponto ali embaixo. Tinha de estar…

Sem pensar, Perrin saltou para longe, e as montanhas se transformaram em um borrão cinza, marrom e verde.

— Quase — grunhiu.

Quase repetira o erro da Floresta das Águas. Mais uma vez, pensara que um inimigo se deslocaria de acordo com sua vontade, que o esperaria onde Perrin desejasse.

Dessa vez, correu o mais depressa que pôde, apenas três saltos muito velozes até a beirada das Colinas de Areia, torcendo para não ter sido visto. Então deu a volta, saindo em um ponto mais alto da mesma encosta, bem acima, onde o ar era mais rarefeito, e as poucas árvores eram arbustos de troncos grossos, a cinquenta passadas de distância uma da outra ou mais. Estava bem no alto, onde um homem poderia se posicionar para vigiar outro que pretendesse chegar sorrateiro ao local de onde aquela flecha fora disparada.

E lá estava sua presa, cem passos abaixo, cabelos e casaco escuros. Um homem alto, acocorado ao lado de um afloramento de granito do tamanho de uma mesa, o arco na mão, analisando a encosta mais abaixo com uma paciência dedicada. Era a primeira vez que Perrin dava uma boa olhada no sujeito. Cem passadas era uma distância curta para seus olhos. O casaco daquele Matador tinha o estilo das Terras da Fronteira, e o rosto parecia tanto com o de Lan que os dois poderiam ser irmãos. Só que Lan não tinha irmãos — ou nenhum parente vivo, até onde Perrin sabia — e, ainda que tivesse, o sujeito não estaria ali. Pois bem, o homem era das Terras da Fronteira.

Talvez shienarano, embora seus cabelos fossem mais compridos, sem as laterais raspadas de forma a restar apenas o rabo de cavalo, e presos com uma corda de couro, como os de Lan. O homem não podia ser malkieri. Lan era o último malkieri vivo.

Fosse lá de onde o sujeito viesse, Perrin não sentiu remorso algum em preparar o arco e mirar a flecha de ponta larga para as costas do Matador. O homem tentara matá-lo em uma emboscada. Um disparo encosta abaixo seria complicado.

Talvez tivesse demorado demais, ou talvez o sujeito tivesse sentido o olhar frio que Perrin lhe direcionava, mas de súbito o Matador tornou-se um borrão, disparando para longe em direção ao leste.

Perrin soltou um palavrão e saiu atrás, três passadas até as Colinas de Areia, mais uma até a Floresta do Oeste. O Matador desapareceu por entre os carvalhos, as folhas-de-couro e a vegetação rasteira.

Perrin parou e escutou. Silêncio. Os esquilos e pássaros estavam imóveis. Inspirou profundamente. Um pequeno bando de cervos passara por ali havia pouco tempo. Também sentiu o leve traço de algo. Era humano, porém frio demais para ser um homem, desprovido demais de emoção. Um odor cuja familiaridade instigava seu pensamento. O Matador estava próximo. O ar parecia tão inerte quanto a floresta. Não havia qualquer brisa para informar de onde vinha aquele cheiro.

— Belo truque, Olhos-Dourados, trancar o Portal dos Caminhos.

Perrin ficou tenso, apurando os ouvidos. Não havia como dizer de que ponto daquele denso matagal viera a voz. Nem uma única folha se mexia.

— Se você soubesse quantos Forjados das Sombras morreram tentando sair dos Caminhos por ali, ficaria feliz. *Machin Shin* se refestelou naquele portão, Olhos-Dourados. Mas não foi um truque bom o bastante. Você mesmo viu: o portão agora está aberto.

Ali, à direita. Perrin deslizou pelas árvores, tão silencioso como quando caçara pelo lugar.

— No começo, foram só umas poucas centenas, Olhos-Dourados. Só o suficiente para desestabilizar aqueles imbecis dos Mantos-brancos e garantir a morte do renegado. — A voz do Matador se encheu de raiva. — Que a Sombra me consuma se aquele homem não tiver mais sorte que a Torre Branca. — De repente, o sujeito soltou uma risada. — Mas você, Olhos-Dourados… sua presença foi uma surpresa. Tem gente que quer ver sua cabeça em um espeto. Sua preciosa Dois Rios será arrasada de ponta a ponta, para que você seja arrancado de lá. O que me diz, Olhos-Dourados?

Perrin permanecia parado ao lado do tronco retorcido de um

grande carvalho. Por que o homem falava tanto? Por que estava falando? *Está me atraindo para ele.*

Colando as costas no tronco robusto do carvalho, ele examinou a floresta. Nenhum movimento. O Matador *queria* que ele se aproximasse. Com certeza era uma emboscada. E Perrin queria encontrar o homem e dilacerar a garganta dele. No entanto, poderia acabar morrendo, e, se isso acontecesse, ninguém saberia que o Portal dos Caminhos estava aberto, nem que os Trollocs estavam avançando às centenas, talvez aos milhares. Não entraria no jogo do Matador.

Com um sorriso infeliz, saiu do sonho de lobo, se forçando a acordar, e…

… Faile passou os braços ao redor de seu pescoço e mordiscou sua barba com os dentinhos brancos, enquanto as rabecas dos latoeiros entoavam uma melodia cálida e alegre ao redor das fogueiras. *O pó de Ila. Não consigo acordar!* A consciência de que estava sonhando se esvaneceu. Rindo, tomou Faile nos braços e a conduziu para as sombras, onde a grama era macia.

O despertar foi um processo lento, embalado pela dor indistinta na lateral do corpo. A luz do dia entrava pelas pequenas janelas. Luz clara. Manhã. Ele tentou se sentar e desabou de volta, com um grunhido.

Faile saltou de um banquinho baixo. Pelo aspecto dos olhos negros, não tinha dormido.

— Fique deitado — mandou. — Você já se debateu demais durante o sono. Não dei tudo de mim tentando impedir você de rolar e acabar enfiando esse troço ainda mais para dentro só para você fazer isso agora, acordado. — Ihvon permanecia parado, encostado na porta feito uma lâmina negra.

— Me ajude a levantar — pediu Perrin. Falar doía, mas respirar também, e ele precisava falar. — Preciso ir até as montanhas. Até o Portal dos Caminhos.

Faile pôs a mão na testa dele, franzindo o rosto.

— Sem febre — murmurou. Depois, mais alto: — Você vai para Campo de Emond, onde uma Aes Sedai vai poder Curá-lo. Você *não* vai se matar tentando cavalgar até as montanhas com uma flecha cravada no corpo. Está me escutando? Se eu ouvir mais uma palavra que seja sobre montanhas ou Portais dos Caminhos, vou mandar Ila preparar outra mistura para você voltar a dormir, e aí você viajar em cima de uma liteira. Talvez até fosse melhor, mesmo.

— Os Trollocs, Faile! O Portal dos Caminhos está aberto outra vez! Preciso impedi-los!

A mulher sequer hesitou antes de balançar a cabeça.

— Você não pode fazer nada em relação a isso, não no estado em

que se encontra. Você vai para Campo de Emond e ponto final.

— Mas…!

— Não me venha com "mas", Perrin Aybara. Nem mais uma palavra.

Ele rangeu os dentes. O pior era que a mulher estava certa. Se não conseguia se levantar sozinho de uma cama, como poderia ir até Manetheren montado em uma sela?

— Campo de Emond — concordou calmamente, mas Faile ainda fungou e resmungou algo sobre "cabeça-dura". O que ela queria? *Eu fui delicado, e que a Luz a queime por ser tão teimosa!*

— Então chegarão mais Trollocs — comentou Ihvon, pensativo. Não perguntou como Perrin sabia. Depois balançou a cabeça, como se dispensasse a informação. — Avisarei aos outros que você acordou. — Saiu depressa, fechando a porta atrás de si.

— Será que eu sou o único que vê o perigo? — resmungou Perrin.

— Eu vejo uma flecha cravada em você — retrucou Faile, com firmeza.

O lembrete trouxe uma pontada de dor. Perrin sufocou um ganido e ela meneou a cabeça, satisfeita. Satisfeita!

Queria se levantar e partir naquele instante. Quanto mais cedo fosse Curado, mais cedo poderia ir fechar o Portal dos Caminhos, e dessa vez seria definitivamente. Faile insistiu em lhe dar o café da manhã na boca, um caldo espesso com purê de vegetais, próprio para um bebezinho banguela. Uma colherada de cada vez, com pausas para limpar o queixo. E não permitiu que ele comesse sozinho. Quando ele protestava ou pedia que ela acelerasse o ritmo, Faile o fazia engolir de volta as palavras com mais uma colherada de papa. Não permitiu sequer que ele lavasse o próprio rosto. Quando começou a escovar seus cabelos e pentear a barba, Perrin já havia caído em um silêncio digno.

— Você fica lindo de mau humor — comentou ela. E beliscou seu nariz!

Ila, que naquela manhã usava blusa verde e saia azul, subiu no carroção trazendo o casaco e a camisa dele, ambos limpos e cerzidos. Para sua irritação, precisou da ajuda das duas mulheres para se vestir. Precisou de ajuda para se *sentar* para se vestir, o casaco desabotoado e a camisa para fora da calça, emboladinha em volta do toco da flecha.

— Obrigado, Ila — disse, passando os dedos pelos remendos caprichados. — A costura está excelente.

— Está mesmo — concordou a mulher. — Faile é muito habilidosa com a agulha.

A jovem enrubesceu, e Perrin abriu um sorriso, pensando em como ela fora firme em dizer que nunca remendaria as roupas dele. Um lampejo nos olhos da garota o fez segurar a língua. Às vezes, o

silêncio era a atitude mais sábia.

— Obrigado, Faile — disse, em vez de zombar, em um tom sério.

A jovem enrubesceu ainda mais.

Depois que as mulheres o puseram de pé, Perrin conseguiu chegar à porta sem maiores dificuldades, mas precisou se apoiar nas duas para descer os degraus de madeira. Pelo menos os cavalos estavam selados, e todos os rapazes de Dois Rios, reunidos, os arcos pendurados nas costas. De caras e roupas limpas, com apenas alguns curativos à mostra.

Uma noite com os Tuatha'an fora claramente suficiente para melhorar os ânimos do grupo, mesmo dos que ainda pareciam não conseguir caminhar nem cem passos. Os olhos mostravam apenas um resquício do esgotamento que era evidente na noite anterior. Wil tinha uma bela garota latoeira de olhos grandes em cada braço, é claro, e Ban al'Seen, com aquele nariz e uma atadura na cabeça que fazia o cabelo escuro ficar eriçado como um arbusto, estava de mãos dadas com uma terceira, de sorriso tímido. A maioria dos outros rapazes segurava tigelas com um cozido espesso de vegetais, que eles comiam com gosto.

— Isso é bom, Perrin — comentou Dannil, entregando a tigela vazia para uma mulher latoeira. Ela gesticulou, querendo saber se o varapau comeria mais, e ele balançou a cabeça, mas disse: — Acho que nunca me cansaria de comer isso, e você?

— Já estou satisfeito — respondeu Perrin, em um tom amargo. Purê de vegetais e caldo.

— As garotas latoeiras dançaram, ontem à noite — comentou Tell, irmão de Dannil, os olhos arregalados. — Todas as solteiras, e algumas das casadas! Você devia ter visto, Perrin.

— Já vi latoeiras dançando antes, Tell.

Aparentemente, não conseguira disfarçar o que sentira vendo as moças, pois Faile retrucou, em um tom seco:

— Você já viu a tiganza, foi? Um dia, se for bonzinho, eu danço a sa'sara para você. Aí vai ver o que é uma dança de verdade. — Ila soltou um arquejo ao reconhecer o nome, e Faile ficou ainda mais corada do que ficara no quarto.

Perrin apertou os lábios. Se essa sa'sara fizesse o coração bater mais forte do que o gingado lânguido dos quadris das latoeiras… tiganza, era isso? Definitivamente iria querer assistir a uma dança de Faile. Teve a prudência de não olhar para a jovem.

Raen chegou, vestindo o mesmo casaco verde-claro, porém com calças mais vermelhas do que qualquer uma que Perrin já tivesse visto. A combinação dava dor de cabeça.

— Por duas vezes você visitou nossas fogueiras, Perrin, e, pela segunda vez, vai embora sem uma festa de despedida. Precisa voltar

logo, para podemos corrigir esse erro.

Afastando-se de Faile e Ila — conseguia ao menos ficar de pé sozinho — Perrin pousou a mão no ombro do homem forte.

— Venham com a gente, Raen. Ninguém em Campo de Emond fará mal a vocês. Pelo menos é mais seguro do que aqui fora, com os Trollocs.

Raen hesitou, depois sacudiu o corpo, murmurando:

— Não sei como você consegue a proeza de me fazer sequer considerar esse tipo de coisa. — Ele se virou e disse, em voz alta: — Povo, Perrin nos chamou para ir com ele até sua aldeia, onde estaremos a salvo dos Trollocs. Quem deseja ir? — Rostos em choque o encararam de volta. Algumas mulheres puxaram as crianças para perto, que se esconderam debaixo das saias das mães, como se a mera ideia já as assustasse. — Entende, Perrin? — perguntou Raen. — Para nós, a segurança está no deslocamento, não nas aldeias. Garanto a você que não passamos duas noites no mesmo lugar, e viajamos o dia inteiro até parar de novo.

— Talvez isso não seja o bastante, Raen.

O Mahdi deu de ombros.

— Sua preocupação me comove, mas nós vamos ficar a salvo, se for o que a Luz desejar.

— O Caminho da Folha não existe apenas para que não haja violência — interveio Ila, com gentileza — mas para que aceitemos o que vem. A folha cai na hora certa, sem reclamar. A Luz vai nos proteger enquanto não for a nossa hora.

Perrin quis discutir, mas debaixo de toda a ternura e compaixão em seus rostos havia uma firmeza rígida. Achava que conseguiria forçar Bain e Chiad a usar vestidos e abandonar as lanças — ou até mesmo Gaul! — antes de fazer aquela gente ceder um tantinho que fosse.

Raen apertou a mão de Perrin, e, com isso, as mulheres começaram a dar abraços de despedida nos rapazes de Dois Rios e até em Ihvon, e os homens trocaram apertos de mãos, todos rindo e desejando boa viagem, esperando que retornassem. Quase todos. Aram permaneceu afastado em um canto, a testa franzida e as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. Na última vez em que o encontrara, Perrin achou que o homem parecia meio azedo, o que era estranho para um latoeiro.

Os homens não se contentaram em apertar a mão de Faile, também a abraçaram. Perrin conseguiu manter a expressão serena quando alguns dos rapazes mais jovens exageraram no entusiasmo, apenas cerrando um pouco os dentes. Conseguiu sorrir. Nenhuma mulher mais jovem que Ila o abraçou. Mesmo quando Faile permitia que algum magrela de casaco pomposo a abraçasse e tentasse dar uns

apertões em suas bochechas, parecia dar um jeito de vigiá-lo feito um cão de guarda. As mulheres sem cabelos grisalhos davam uma olhadela para o rosto dela e escolhiam outra pessoa. Enquanto isso, Wil parecia beijar todas as mulheres do acampamento. Ban também, com aquele nariz. Aliás, até Ihvon estava se divertindo. Seria bem feito para Faile se algum daqueles sujeitos quebrasse suas costelas.

Enfim os latoeiros se afastaram, exceto por Raen e Ila, abrindo um espaço em torno do pessoal de Dois Rios. O homem magro e grisalho se curvou em uma mesura formal, com as mãos no peito.

— Vocês vieram em paz. Partam agora em paz. Nossas fogueiras sempre os receberão. O Caminho da Folha é a paz.

— Que a paz esteja sempre com vocês — respondeu Perrin — e com todo o Povo. — *Luz, que assim seja.* — Eu encontrarei a canção, ou outro a encontrará, mas a canção será cantada, este ano ou em um ano por vir. — Ele se perguntou se algum dia tinha havido uma canção, ou se o início da jornada dos Tuatha'an fora em busca de outra coisa. Elyas dissera que eles não sabiam que canção era, mas saberiam quando a encontrassem. *Que encontrem segurança, ao menos.* — Assim como foi um dia, assim haverá de ser novamente, neste mundo sem fim.

— Mundo sem fim — responderam os Tuatha'an, em um murmúrio solene. — Mundo e tempo sem fim.

Alguns abraços e apertos de mão finais foram trocados enquanto Ihvon e Faile ajudavam Perrin a montar em Galope. Mais alguns beijos de Wil. E Ban. Ban! Mesmo com *aquele* nariz! Outros, os bastante feridos, foram erguidos nos cavalos. Os latoeiros acenavam como se dessem adeus a vizinhos que partiam em uma longa viagem.

Raen veio apertar a mão de Perrin.

— Você não quer reconsiderar? — indagou o rapaz de Dois Rios. — Lembro que disse uma vez que havia maldade solta no mundo. Está pior agora, Raen, e está aqui.

— Que a paz esteja convosco, Perrin — respondeu Raen, com um sorriso.

— E convosco — retrucou o rapaz, em um tom triste.

Os Aiel só apareceram quando o grupo já estava uma milha a norte do acampamento dos latoeiros. Bain e Chiad olharam para Faile antes de seguir adiante, até a posição de sempre. Perrin não sabia ao certo o que as duas pensavam que poderia acontecer com Faile no meio dos Tuatha'an.

Gaul postou-se ao lado de Galope, caminhando a passos largos sem esforço. O grupo não avançava muito depressa, com metade dos homens a pé. Ele lançou um olhar avaliativo a Ihvon, como de costume, antes de virar-se para Perrin.

— Sua ferida melhorou?

A ferida doía terrivelmente. Cada passo do cavalo dava um solavanco naquele toco de flecha.

— Estou ótimo — respondeu, sem cerrar os dentes. — Talvez consiga até dançar em Campo de Emond, hoje à noite. E você? Passou uma noite boa jogando O Beijo da Donzela? — Gaul tropeçou e quase caiu de cara no chão. — O que houve?

— Quem foi que você ouviu sugerir esse jogo? — perguntou o Aiel, baixinho, com o olhar fixo à frente.

— Chiad. Por quê?

— Chiad — resmungou Gaul. — A mulher é Goshien. Goshien! Eu devia levá-la de volta às Águas Quentes como *gai'shain*. — As palavras pareciam raivosas, mas não no tom singular do homem. — Chiad.

— Pode me dizer qual é o problema?

— Um Myrddraal tem menos astúcia que uma mulher — respondeu Gaul, impassível — e um Trolloc luta com mais honra. — Depois de um instante acrescentou, em um tom feroz e mais baixo: — E um bode é mais sensato.

Então apressou o passo e correu adiante para juntar-se às Donzelas. Não falou com elas, pelo que Perrin pôde perceber, apenas reduziu a marcha para caminhar ao lado das duas.

— Você entendeu alguma coisa? — perguntou Perrin a Ihvon.

O Guardião balançou a cabeça.

Faile fungou com desdém.

— Se ele está pensando em causar problemas a elas, as duas vão pendurá-lo de cabeça para baixo em um galho, para esfriar a cabeça.

— Você entendeu? — perguntou Perrin. Faile continuou andando, sem olhar para ele nem responder, o que Perrin interpretou como uma negativa. — Acho que talvez precise cruzar outra vez com o acampamento de Raen. Tem muito tempo que não vejo a tiganza. Foi… interessante.

Ela resmungou algo entre dentes, mas ele entendeu: "Você é que devia ser pendurado de cabeça para baixo!"

Perrin olhou para baixo e abriu um sorriso.

— Mas não vou precisar. Você prometeu dançar essa tal de sa'sara para mim. — Um rubor subiu pelo rosto da jovem. — É parecida com a tiganza? Quer dizer, se não for, não faz muito sentido.

— Seu idiota descerebrado! — gritou ela, de repente, cravando os olhos em Perrin. — Homens deitaram seus corações e fortunas aos pés de mulheres que dançaram a sa'sara. Se minha mãe suspeitasse que sei dançar…

Faile cerrou os dentes, como se tivesse falado demais, e voltou a olhar para a frente. O rubor a cobria por inteiro, desde os cabelos escuros até o decote do vestido.

— Não tem motivo para você dançar — murmurou ele. — Meu

coração e fortuna já estão inteirinhos a seus pés.

Faile tropeçou, depois riu baixinho e pressionou o rosto contra a panturrilha dele, coberta pela bota.

— Você é esperto demais — sussurrou. — Um dia vou dançar para você, e seu sangue vai ferver.

— Você já faz isso comigo — respondeu Perrin, e a jovem riu outra vez.

Ela enfiou o braço por trás do estribo e abraçou a perna dele enquanto caminhava.

Depois de um tempo, nem a ideia de Faile dançando — ele imaginou como seria, exagerando a dança das latoeiras, mas tinha que ser muito impressionante para superar — era capaz de competir com a dor na lateral do corpo. Cada passo de Galope era uma agonia. Ele se aguentava com as costas bem retas. Parecia doer um pouquinho menos se sentasse desse jeito. Além do mais, não queria estragar a injeção de ânimo que os Tuatha'an tinham dado ao grupo. Os outros homens também estavam empertigados nas selas, mesmo os que no dia anterior pareciam cabisbaixos e coxos. E Ban, Dannil e os outros caminhavam de cabeça erguida. Perrin não seria o primeiro a esmorecer.

Wil começou a assobiar "Voltando da Falha de Tarwin", e uns três ou quatro o acompanharam. Depois de um tempo, Ban começou a cantar, a voz grave e clara:

> "Minha casa espera por mim,
> e a moça que deixei para trás.
> Dos tesouros que esperam por mim,
> esse é o que desejo mais.
> De olhos alegres e um sorriso para adoçar,
> com abraços quentes e lindo caminhar,
> e beijos ferventes para me amansar.
> Tesouro maior em minha mente não há."

Outros se juntaram no segundo verso, e logo todos estavam cantando, até Ihvon. E Faile. Não Perrin, naturalmente. Muita gente já tinha dito que ele cantava igual a um sapo esmagado. Alguns até começaram a caminhar no compasso da canção.

> "Ora, a sombria Fenda de Tarwin eu vi,
> E uma horda de Trollocs conheci.
> De um Meio-homem um ataque sofri,
> e na cara fria da morte sorri.
> Mas uma linda garota espera por mim
> na macieira, para uma dança e beijos sem fim…"

Perrin balançou a cabeça. Um dia antes, eles estavam prontos para fugir e se esconder. Hoje, cantavam sobre uma batalha tão antiga que deixara em Dois Rios apenas a lembrança dessa canção. Talvez estivessem virando soldados. Teriam de virar, a menos que ele conseguisse fechar o Portal dos Caminhos.

Fazendas começaram a aparecer com mais frequência, mais próximas, até que o grupo se viu cruzando um trecho de terra batida entre campos margeados por cercas-vivas ou muros baixos de pedra bruta. Fazendas abandonadas. Ninguém ali era apegado à terra.

O grupo chegou à Estrada Velha, que corria a norte do Rio Branco, o Manetherendrelle, por Trilha de Deven até Campo de Emond. Enfim começaram a ver ovelhas nos pastos, agrupadas aos montes como se fossem rebanhos de doze homens reunidos, com dez pastores onde antes teriam visto um, metade deles homens feitos. Pastores levando arcos os observaram passar, cantando a plenos pulmões, sem saber muito bem o que pensar.

Perrin também não soube o que pensar de sua primeira visão de Campo de Emond, e, pelo jeito como a cantoria titubeou e morreu, nem os outros homens de Dois Rios.

As árvores, cercas e sebes mais próximas da aldeia haviam simplesmente desaparecido, sido cortadas. As casas mais a oeste de Campo de Emond um dia estiveram rodeadas das árvores da orla da Floresta do Oeste. Os carvalhos e folhas-de-couro entre as casas permaneciam, mas a floresta começava a quinhentos passos, a distância de uma flechada longa, e os machados ressoavam enquanto os homens trabalhavam para cortar ainda mais troncos. Fileiras e mais fileiras de estacas da altura da cintura de um homem, cravadas inclinadas no chão, rodeavam a aldeia a curta distância das casas, formando um cercado contínuo de pontas afiadas, exceto onde passava a estrada. Nos intervalos entre as estacas havia homens parados feito guardas, alguns vestindo partes de armaduras antigas ou camisas de couro com discos de aço enferrujado costurados, uns poucos usando quepes velhos e amassados, com lanças de caça, alabardas desenterradas dos sótãos ou ganchos presos a bastões compridos. Mais homens, e também alguns garotos, todos com arcos nas mãos, vigiavam do alto de alguns dos telhados de sapê. Levantaram-se ao avistar Perrin e os outros chegando e gritaram para os que estavam embaixo.

Ao lado da estrada, atrás das estacas, havia uma geringonça feita de madeira e uma corda grossa retorcida e, bem perto, uma pilha de pedras maiores que uma cabeça humana. Ihvon percebeu a cara fechada de Perrin, enquanto se aproximavam.

— Catapultas — comentou o Guardião. — Já são seis. Seus carpinteiros souberam o que fazer, quando Tomas e eu mostramos como eram as máquinas. As estacas impedirão a investida dos Trollocs ou dos Mantos-brancos, qualquer um dos dois. — Pelo tom, o homem poderia estar falando sobre a possibilidade de mais chuvas.

— Eu disse que sua aldeia estava se preparando para se defender sozinha. — Faile soava firme e orgulhosa, como se a aldeia fosse dela. — Um povo forte, para uma terra tão branda. Quase poderiam ser de Saldaea. Moiraine sempre disse que o sangue de Manetheren ainda corre forte por aqui.

Perrin só conseguiu balançar a cabeça.

As ruas de terra batida estavam quase apinhadas o bastante para uma cidade, os espaços entre as casas, repletos de carros e carroções. Dava para ver ainda mais gente atrás das portas abertas e janelas sem cortinas. A multidão abriu espaço para Ihvon e os Aiel, e murmúrios e sussurros os acompanharam pela rua.

— É Perrin Olhos-Dourados.

— Perrin Olhos-Dourados.

Queria que o povo não fizesse aquilo. Aquela gente o conhecia, ao menos alguns deles. O que pensavam que estavam fazendo? Lá estava Neysa Ayellin, com sua cara de cavalo, que lhe dera umas palmadas no bumbum aos dez anos de idade, naquela vez em que Mat o convencera a roubar uma de suas tortas de groselha. E Cilia Cole, com bochechas rosadas e olhos grandes, a primeira garota que beijara, ainda roliça e atraente. E Pel Aydaer, com seu cachimbo e sua cabeça careca, que ensinara Perrin a caçar trutas com as mãos. Além da própria Daise Congar, uma mulher alta e corpulenta que fazia Alsbet Luhhan parecer meiga, e seu marido, Wit, um homem magrelo, sempre sobrepujado pela esposa. Todos o encaravam e sussurravam para o povo de fora, que talvez não soubesse quem ele era. Quando o velho Cenn Buie ergueu um garoto nos ombros, apontando para Perrin e falando de um jeito animado, o rapaz grunhiu. Estavam todos loucos.

O povo da aldeia acompanhou seu grupo, uma marcha que suscitou uma onda de murmúrios. Galinhas corriam por todos os cantos, por entre os pés das pessoas. Os gritos de bezerros e guinchos de porcos nos currais competiam com o barulho dos humanos. Ovelhas se apinhavam pelo campo comunitário, e vacas leiteiras malhadas pastavam a grama na companhia de gansos cinza e brancos.

Bem no meio do campo comunitário havia um poste comprido com um estandarte branco de bordas vermelhas no topo. O tecido tremulava devagar, exibindo a cabeça vermelha de um lobo. Perrin encarou Faile, mas a jovem balançou a cabeça, tão surpresa quanto ele.

— Um símbolo.

Perrin não tinha ouvido Verin se aproximar, mas agora percebia os sussurros baixinhos de "Aes Sedai" ao redor dela. Ihvon não parecia surpreso. O povo a encarava, assombrado.

— O povo precisa de símbolos — prosseguiu Verin, pousando a mão no ombro de Galope. — Quando Alanna contou aos aldeões o quanto os Trollocs temiam os lobos, todo mundo começou a achar esse estandarte uma ótima ideia. Você não concorda, Perrin? — Haveria uma frieza na voz dela? Seus olhos escuros o encaravam, feito os de um pássaro. Um pássaro prestes a apanhar um verme?

— Fico me perguntando o que a Rainha Morgase vai pensar disso — comentou Faile. — Isso aqui faz parte de Andor. Rainhas não gostam muito de ver estandartes estranhos sendo erguidos em seus domínios.

— São só linhas num mapa — retrucou Perrin. Era bom estar parado. A flecha parecia ter diminuído um pouquinho o latejar. — Eu nem sabia que essa terra era parte de Andor antes de ir a Caemlyn. E duvido que muita gente por aqui saiba.

— Os governantes têm a tendência de acreditar nos mapas, Perrin. — Não havia dúvidas quanto à frieza na voz de Faile. — Quando eu era pequena, havia algumas partes de Saldaea que não viam um coletor de impostos há cinco gerações. Quando meu pai conseguiu desviar a atenção da Praga por um tempinho, Tenobia garantiu que o povo de lá soubesse quem era a rainha.

— Isso aqui é Dois Rios — respondeu ele, abrindo um sorriso — não Saldaea. — Eles pareciam muito ameaçadores, esse povo de Saldaea. Quando Perrin virou-se de volta para Verin, o sorriso transformou-se em uma careta de desgosto. — Pensei que você estivesse… escondendo… quem é. — Não sabia o que era mais perturbador: uma Aes Sedai em segredo, ou uma Aes Sedai às claras.

A mão da mulher pairou a um milímetro do toco de flecha quebrada que se projetava da lateral do corpo de Perrin. O entorno da ferida começou a formigar.

— Ah, isso não é bom — murmurou. — Acertou a costela e infeccionou, apesar do cataplasma. Acho que vou precisar de Alanna. — Ela piscou e recolheu a mão. O formigamento também desapareceu. — O quê? Escondendo? Ah. Com tudo o que veio à tona, não conseguimos mais permanecer escondidas. Acho que poderíamos ter… ido embora. Mas você não iria querer isso, não é mesmo? — Lá estava outra vez aquele olhar penetrante e avaliador, feito o de um pássaro.

Perrin hesitou, mas enfim soltou um suspiro.

— Acho que não.

— Ah, que bom ouvir isso — respondeu a mulher, com um

sorriso.

— Por que você veio para cá, Verin, de verdade?

A Aes Sedai pareceu não ouvi-lo. Ou não quis ouvir.

— Agora temos que ver esse seu problema. E esses outros rapazes também precisam de cuidados. Alanna e eu vamos tratar dos piores, mas…

Os outros homens ficaram tão atônitos com o que encontraram quanto ele. Ban coçou a cabeça ao olhar o estandarte, e alguns ficaram apenas olhando ao redor, estupefatos. Mas a maioria encarava Verin, todos apreensivos e de olhos arregalados. Sem dúvida haviam ouvido os sussurros de "Aes Sedai". O próprio Perrin percebeu que não escapava totalmente àqueles olhares, já que estava de conversa com uma Aes Sedai, como se fosse qualquer mulher da aldeia.

Verin devolveu o olhar do grupo, então, de súbito, sem nem olhar, esticou o braço para trás e apanhou uma garota de uns dez ou doze anos dentre os espectadores. A garota, de cabelos longos e escuros presos com fitas azuis, enrijeceu com o choque.

— Você conhece Daise Congar, garota? — perguntou Verin. — Bom, vá atrás dela e diga que tem homens feridos precisando de umas ervas da Sabedoria. E mande-a se apressar. Diga que não tenho paciência para a empáfia dela. Entendeu? Agora vá.

Perrin não reconheceu a garota, mas era evidente que ela conhecia Daise, pois se encolheu com a mensagem. Ainda assim, Verin era Aes Sedai. Depois de um instante avaliando o que era pior — Daise Congar ou uma Aes Sedai — a menina disparou pela multidão.

— Alanna vai dar um jeito em você — disse Verin, encarando-o outra vez.

Perrin desejou que as palavras dela não dessem margem a tantas interpretações.

43



Cuidar dos vivos

Verin tomou a rédea de Galope e conduziu-o até a estalagem Fonte de Vinho, a multidão se abrindo como uma onda para lhe dar passagem. Dannil, Ban e os outros vinham em seguida, a cavalo e a pé, já com os parentes se aproximando. Por mais pasmos que estivessem com as mudanças em Campo de Emond, os rapazes ainda exibiam seu orgulho ao avançar, fosse mancando ou empertigando-se nas selas; haviam enfrentado Trollocs e retornado para casa. As mulheres, porém, tocavam os filhos, sobrinhos e netos, com frequência engolindo o choro, e seus gemidos baixos formavam um murmúrio suave e dolorido. Homens de olhos apertados tentavam esconder as preocupações por detrás de sorrisos orgulhosos, com tapinhas nos ombros e exclamações a respeito das barbas recém-surgidas, mas seus abraços por vezes acabavam se tornando uma busca por consolo. As namoradas iam, às pressas, ao encontro deles, em meio a beijos e gritos, exibindo a mesma dose de alegria e comiseração, e irmãos e irmãs mais novos, confusos, alternavam ataques de choro e agarravam, com olhos arregalados de admiração, o irmão que todos pareciam considerar um herói.

Foram as outras vozes que Perrin desejou não ouvir.

— Onde está Kenley? — A Senhora Ahan era uma bela mulher, com mechas brancas na trança quase negra, mas perscrutava os rostos com o cenho franzido, tomado pelo medo, enquanto via outros olhares se desviarem do dela. — Onde está o meu Kenley?

— Bili! — chamou, indeciso, o velho Hu al'Dai. — Alguém viu Bili al'Dai?

— … Hu…!
— … Jared…!
— … Tim…!
— … Colly…!

Na frente da estalagem, Perrin desceu da sela, precisando escapar de todos aqueles nomes, sem nem sequer ver que mãos o haviam resgatado.

— Me leve para dentro! — exclamou ele. — Para dentro!
— … Teven…!
— … Haral…!
— … Had…!

A porta cortou o som dos lamentos desconsolados e dos gritos da mãe de Dael al'Taron pedindo que lhe dissessem onde estava seu filho.

No caldeirão de um Trolloc, pensava Perrin enquanto era colocado em uma cadeira no salão. *Na barriga de um Trolloc, onde eu o coloquei, Senhora al'Taron. Onde eu o coloquei.* Faile segurou seu rosto e o observou, preocupada. *Cuidar dos vivos*, ele pensou. *Depois eu choro pelos mortos. Depois.*

— Eu estou bem — disse a ela. — Só fiquei um pouco tonto com a descida. Nunca fui muito bom cavaleiro.

Ela não parecia acreditar.

— Você não pode fazer alguma coisa? — inquiriu Faile a Verin.

A Aes Sedai balançou a cabeça calmamente.

— Acho melhor não, criança. Uma pena que nenhuma de nós seja Amarela, mas Alanna ainda é bem melhor Curandeira do que eu. Meus Talentos estão em outras áreas. Ihvon foi buscá-la. Seja paciente, criança.

O salão havia sido transformado em uma espécie de arsenal. Exceto diante da lareira, as paredes todas haviam se transformado em uma massa sólida de lanças de todos os tipos penduradas, com algumas alabardas no meio, além de varões com lâminas em formatos estranhos, muitas esburacadas e descoloridas onde ferrugens antigas haviam sido removidas. E, mais surpreendente, um barril próximo ao pé da escada continha espadas amontoadas, a maioria sem bainha; cada uma diferente da outra. Cada sótão em um raio de cinco milhas decerto fora revirado em busca de relíquias acumulando poeira por gerações. Perrin suspeitava de que não houvesse sequer cinco espadas em todo o território de Dois Rios. Pelo menos não antes da chegada dos Mantos-brancos e Trollocs.

Gaul arrumou um cantinho e ficou ali, perto das escadas que levavam aos quartos da estalagem e aos aposentos dos al'Vere, observando Perrin, mas também claramente atento a Verin e a todos os seus movimentos. Do outro lado do salão, observando Faile e todos os outros, as duas Donzelas apoiaram suas lanças na dobra do cotovelo

e assumiram uma postura relaxada, que parecia displicente, porém muito segura. Os três jovens que haviam-no carregado para dentro moviam-se perto da porta, encarando Perrin, a Aes Sedai e os Aiel com olhos igualmente arregalados. Isso era tudo.

— Os outros — disse Perrin. — Eles precisam…

— Eles vão receber cuidados — interrompeu Verin, com delicadeza, sentando-se diante de outra mesa. — Vão querer ficar com as famílias. É bem melhor ter por perto seus entes queridos.

Perrin sentiu uma pontada de dor — um lampejo dos túmulos sob as macieiras lhe veio à mente — mas ele a repeliu. *Cuidar dos vivos*, lembrou a si mesmo severamente. A Aes Sedai pegou sua pena e tinta e começou a rabiscar anotações naquele livrinho, com uma caligrafia precisa. Ele se perguntou se para ela fazia diferença quantas pessoas de Dois Rios morreriam, contanto que ele permanecesse vivo para ser usado nos planos que a Torre Branca tinha para Rand.

Faile lhe apertou a mão, mas foi com a Aes Sedai que ela falou:

— Não é melhor levá-lo para uma cama?

— Ainda não — respondeu Perrin, irritado. Verin ergueu os olhos e abriu a boca, e ele repetiu, em um tom mais firme: — Ainda não. — A Aes Sedai deu de ombros e retornou às anotações. — Alguém sabe onde está Loial?

— O Ogier? — perguntou um dos três parados na porta. Dav Ayellin era mais troncudo que Mat, mas tinha aquele mesmo brilho nos olhos escuros. Tinha também o mesmo aspecto amarrotado e despenteado de Mat. Nos velhos tempos, as travessuras que Mat não aprontava acabavam nas mãos de Dav, embora em geral Mat as liderasse. — Está lá fora com os homens, abrindo a Floresta do Oeste. A cada árvore que cortamos, parece que é um irmão dele que está sendo derrubado, mas ele derruba três de uma vez com aquele machado monstruoso que mandou Mestre Luhhan fazer. Se quiser que ele venha, eu vi Jaim Thane correndo para contar a eles que você chegou. Aposto que vão todos vir dar uma olhada em você. — Espiando o cotoco de flecha, ele se contraiu e esfregou a lateral do próprio corpo em solidariedade. — Está doendo muito?

— O bastante — respondeu Perrin, curto e grosso. Vir dar uma olhada nele. *E eu sou o quê, um menestrel?* — E Luc? Não quero vê-lo, mas ele está aqui?

— Receio que não. — O segundo homem, Elam Dowtry, esfregou o nariz comprido. Apesar do casaco de lã de fazendeiro e do topete, ele portava uma espada no cinto; o cabo fora envolto recentemente em couro cru, e a bainha de couro estava descamada e puída. — Lorde Luc está caçando a Trombeta de Valere, eu acho. Ou talvez Trollocs.

Dav e Elam eram amigos de Perrin, ou haviam sido, companheiros de caça e pesca, ambos de idade bastante próxima à

dele, mas os sorrisos emocionados os faziam parecer mais jovens. Tanto Mat quanto Rand poderiam se passar por pelo menos cinco anos mais velhos. Talvez ele também pudesse.

— Espero que ele volte logo — prosseguiu Elam. — Está me ensinando a usar uma espada. Você sabia que ele é Caçador da Trombeta? E seria rei, se valessem seus direitos. De Andor, ouvi dizer.

— Andor tem rainhas — resmungou Perrin, distraído, encarando Faile —, não reis.

— Então ele não está aqui — disse ela. Gaul se remexeu sutilmente; de olhos azuis e gélidos, parecia pronto para ir atrás de Luc. Perrin não teria se surpreendido se Bain e Chiad baixassem os véus ali mesmo onde estavam.

— Não — disse Verin, distraída, manifestando mais interesse nas anotações do que no que estava dizendo. — Não que ele não ajude de vez em quando, mas sempre dá um jeito de arrumar confusão quando está presente. Ontem, sem que ninguém soubesse, ele conduziu uma delegação até uma patrulha de Mantos-brancos e disse que Campo de Emond estava fechado para eles. Aparentemente mandou que não se aproximassem mais de dez milhas. Eu não aprovo os Mantos-brancos, mas suponho que não tenham aceitado isso muito bem. Não é sensato hostilizá-los mais que o estritamente necessário. — Ela franziu o rosto para o que havia escrito e esfregou o nariz, aparentemente sem perceber que o sujara de tinta.

Perrin não estava ligando muito para como os Mantos-brancos aceitavam qualquer coisa.

— Ontem. — Ele suspirou. Se Luc tinha voltado para a aldeia no dia anterior, não seria muito provável que tivesse qualquer coisa a ver com a chegada inesperada dos Trollocs. Quanto mais Perrin pensava em como aquela emboscada se desenrolara, mais pensava que os Trollocs deviam estar à espera do grupo. E mais sentia vontade de culpar Luc. — Para transformar pedra em queijo não basta só querer — murmurou ele. — Mas esse sujeito ainda me cheira a queijo.

Dav e os outros dois se entreolharam, desconfiados. Perrin supôs que não estava soando muito sensato.

— Foi um bando de Coplin, basicamente — afirmou o terceiro rapaz com uma voz profunda e assustada. — Darl, Hari, Dag e Ewal. E Wit Congar. Daise deu uma bronca nele.

— Ouvi dizer que todos eles gostavam dos Mantos-brancos. — Perrin achou que o sujeito de voz grave era familiar. Era uns dois ou três anos mais moço que Elam e Dav, além de uma polegada mais alto, de rosto magro, mas ombros largos.

— Gostavam. — O sujeito deu uma risada. — Você sabe como eles são. Tendem a simpatizar com qualquer coisa que cause problemas aos outros. Desde que Lorde Luc começou o falatório,

ficaram todos a favor de marchar até Colina da Vigília e mandar os Mantos-brancos caírem fora de Dois Rios. Ou, pelo menos, ficaram a favor de alguém marchar até lá. Acho que não pretendiam estar na dianteira do grupo.

Se aquele rosto fosse mais redondo e aquele corpo meio pé mais baixo…

— Ewin Finngar! — exclamou Perrin. Não podia ser; Ewin era uma praga gordinha, que vivia guinchando e tentando se meter nas reuniões dos mais velhos. E aquele rapaz ali, quando parasse de crescer, teria o tamanho de Perrin ou mais. — É você?

Ewin assentiu, escancarando um sorriso.

— Ouvimos falar de você, Perrin, enfrentando Trollocs e vivendo todo tipo de aventuras pelo mundo, ao que dizem — comentou o rapaz, com aquela voz surpreendentemente grave. — Ainda posso chamar você de Perrin, não posso?

— Luz, pode! — exclamou ele. Estava mais do que cansado daquela história de Olhos-Dourados.

— Queria ter ido com você no ano passado. — Dav esfregou as mãos, ansioso. — Voltar para casa com Aes Sedai, e Guardiões, e um Ogier. — Ele falava como se fossem troféus. — Eu só faço pastorear e ordenhar vacas, pastorear e ordenhar vacas. E capinar, e cortar lenha. Você tirou a sorte grande.

— Como é que foi? — perguntou Elam, esbaforido. — Alanna Sedai disse que vocês foram até a Grande Praga, e ouvi dizer que viram Caemlyn e Tear. Como é uma cidade? É mesmo dez vezes maior que Campo de Emond? Você viu algum palácio? Há Amigos das Trevas nas cidades? A Praga é mesmo cheia de Trollocs, e Desvanecidos, e Guardiões?

— Foi um Trolloc que deixou essa cicatriz em você? — Com voz de touro ou não, Ewin conseguiu emitir uma espécie de guincho de empolgação. — Eu queria ter uma cicatriz. Você viu alguma rainha? Ou rei? Acho que eu ia preferir ver uma rainha, mas um rei também seria incrível. Como é a Torre Branca? É grande feito um palácio?

Faile sorria, bem-humorada, mas Perrin piscava diante da enxurrada de perguntas. Teriam eles se esquecido dos Trollocs na Noite Invernal, se esquecido dos Trollocs no campo naquele exato momento? Elam agarrou o punho da espada como se quisesse partir para a Praga imediatamente, Dav pôs-se nas pontas dos pés, os olhos brilhando, e Ewin quase agarrou a gola de Perrin. Aventura? Que idiotas. No entanto, tempos difíceis estavam por vir, mais difíceis do que Dois Rios viu até então, temia. Não faria mal se demorasse um pouquinho mais até que descobrissem a verdade.

A lateral de seu corpo doía, mas ele tentou responder. Os rapazes se decepcionaram ao saber que ele nunca tinha visto a Torre Branca,

nem um rei ou uma rainha. Ele achava que Berelain poderia se passar por rainha, mas na presença de Faile não havia meio de mencionar a mulher. Outros assuntos que ele evitou: Falme, o Olho do Mundo, os Abandonados, *Callandor*. Eram assuntos perigosos, que levavam inevitavelmente ao Dragão Renascido. Ele pôde contar um pouco sobre Caemlyn, no entanto, e sobre Tear, as Terras da Fronteira e a Praga. Era estranho o que o grupo aceitava e o que não aceitava. A paisagem corrompida da Praga, que parecia apodrecer a vista de todos, eles engoliram, e os soldados shienaranos de rabos de cavalo, e os *pousos* Ogier onde as Aes Sedai não conseguiam manejar o Poder e os Desvanecidos eram relutantes em adentrar. Já o tamanho da Pedra de Tear e a imensidão das cidades…

Sobre suas próprias supostas aventuras, ele disse:

— Basicamente, venho tentando não ter a cabeça decepada. É isso o que as aventuras são. Isso, e encontrar um lugar para dormir à noite e algo para comer. Viver aventuras dá bastante fome, e inclui dormir com muito frio, ou molhado, ou os dois.

Eles pareceram não gostar muito, nem acreditar mais do que acreditavam que a Pedra era do tamanho de uma pequena montanha. Ele lembrou a si mesmo que também conhecia pouquíssimo do mundo antes de deixar Dois Rios. Não foi de muita ajuda. Jamais havia se impressionado daquele jeito. Ou já? O salão estava quente. Ele teria tirado o casaco, mas se mexer demandava esforço demais.

— E Rand e Mat? — inquiriu Ewin. — Se tudo se resume a sentir fome e pegar chuva, por que eles também não voltaram para casa?

Tam e Abell haviam entrado, Tam com uma espada presa no cinturão do casaco, ambos portando arcos — por mais estranho que fosse, a espada parecia apropriada a Tam, com ou sem casaco de fazendeiro — então ele contou o mesmo que tinha contado antes: Mat em jogatinas e bebedeiras nas tavernas, atrás de garotas, e Rand de casaco chique, com uma bela loura nos braços. Descreveu Elayne como uma lady, imaginando que eles jamais acreditariam que se tratava da Filha-herdeira de Andor, e as expressões de incredulidade dos homens comprovaram suas suspeitas. Ainda assim tudo pareceu satisfatório, o tipo de coisa que eles queriam ouvir, e a descrença se esvaiu um pouco quando Elam apontou que Faile era uma lady e parecia gostar mesmo de Perrin. Isso o fez abrir um sorriso; ele se perguntou o que os homens diriam se soubessem que ela era prima de uma rainha.

Faile, por alguma razão, já não parecia mais estar se divertindo. Virou-se para os homens com um olhar de fazer frente ao mais altivo de Elayne, obstinado e impassível.

— Vocês já o atormentaram demais. Ele está ferido. Saiam daqui, agora.

Espantosamente, os homens curvaram-se em mesuras desajeitadas — Dav entortou a perna de um jeito estranho, parecendo um completo idiota — murmuraram pedidos de desculpa afobados — para ela, não para ele! — e viraram-se para sair. A partida foi retardada pela chegava de Loial, que inclinou-se para passar pelo batente, os cabelos desgrenhados roçando a viga de cima. Os homens encararam o Ogier quase como se o estivessem vendo pela primeira vez — depois olharam para Faile e partiram, apressados. Aquele seu olhar frio de lady funcionava muito bem.

Quando Loial se empertigou, sua cabeça quase bateu no teto. Os espaçosos bolsos do casaco exibiam, como de costume, o formato quadrado dos montes de livros, mas ele trazia um imenso machado. O cabo era quase da altura de Perrin, e a cabeça, do formato da de um machado de cortar madeira, era pelo menos do tamanho de seu machado de batalha.

— Você está ferido — disse ele, com a voz estrondosa, assim que seu olhar parou em Perrin. — Me disseram que tinha voltado, mas não que estava ferido, senão eu teria vindo mais depressa.

O machado deu um susto em Perrin. Entre os Ogier, a expressão "pôr um cabo longo no machado" significava estar com pressa ou com raiva — os Ogier, por alguma razão, pareciam não conseguir enxergar diferença entre as duas coisas. Loial de fato parecia irritado, com as orelhas peludas para trás e as sobrancelhas caídas por cima das imensas bochechas, contraídas em uma carranca. Por ter de cortar árvores, sem dúvida. Perrin queria ficar sozinho com ele e descobrir se tinha visto algo mais a respeito do comportamento de Alanna. Ou de Verin. Ele esfregou o rosto e ficou surpreso em encontrá-lo seco; sentia como se estivesse suando.

— Ele também é teimoso — disse Faile, virando-se para Perrin com o mesmo olhar controlador que havia usado com Dav, Elam e Ewin. — Você deveria estar na cama. Onde está Alanna, Verin? Se ela é quem vai Curá-lo, onde ela está?

— Ela vai vir. — A Aes Sedai não ergueu o olhar. Estava outra vez com o livrinho, de cenho franzido, pensativa, a caneta suspensa.

— Ele ainda deveria estar numa cama!

— Vou ter tempo para isso depois — retrucou Perrin com firmeza. Sorriu para ela, para suavizar as palavras, mas o sorriso só conseguiu deixá-la preocupada e resmungando "teimoso" entre dentes. Ele não podia perguntar a Loial sobre a Aes Sedai na frente de Verin, mas havia outra coisa pelo menos tão importante quanto. — Loial, o Portal dos Caminhos está aberto, e os Trollocs estão vindo. Como pode uma coisa dessas?

As sobrancelhas do Ogier afundaram ainda mais, e suas orelhas murcharam.

— Culpa minha, Perrin — respondeu ele, com o vozeirão, em tom de pesar. — Eu coloquei as duas folhas de *Avendesora* do lado de fora. Assim tranquei o Portal dos Caminhos por dentro, mas por fora qualquer um ainda poderia abrir. Os Caminhos permaneceram obscuros por muitas gerações, mas ainda assim nós os cultivamos. Não tive coragem de destruir o Portal. Me desculpe, Perrin. É tudo culpa minha.

— Eu nem acreditava que um Portal dos Caminhos *pudesse* ser destruído — disse Faile.

— Não quis dizer exatamente destruir. — Loial apoiou o corpo no machado de cabo longo. — Uma vez um Portal dos Caminhos foi destruído, menos de quinhentos anos depois da Ruptura, segundo Damelle, filha de Ala, filha de Soferra, porque o Portal ficava perto de um *pouso* que havia sucumbido à Praga. Existem dois ou três Portais perdidos na Praga. Mas ela escreveu que foi muito difícil e requereu o trabalho conjunto de treze Aes Sedai com um *sa'angreal*. Outra tentativa sobre a qual ela escreveu, com apenas nove Aes Sedai, durante as Guerras dos Trollocs, danificou o Portal de tal forma que as Aes Sedai foram arrastadas… — Ele parou, as orelhas retorcidas de constrangimento, e cutucou o narigão. Todos o encaravam, até Verin e os Aiel. — Às vezes eu me empolgo. O Portal dos Caminhos. Sim. Eu não consigo destruí-lo, mas, se eu remover completamente as duas folhas de *Avendesora*, elas vão morrer. — Ele fez uma careta, pensativo. — O único meio de abrir outra vez o Portão é os Anciões trazerem o Talismã do Crescimento. Embora eu suponha que uma Aes Sedai consiga fazer um buraco nele. — Dessa vez ele estremeceu. Danificar um Portal dos Caminhos talvez fosse para ele o mesmo que despedaçar um livro. Um instante depois a expressão sombria retornou a seu rosto. — Vou para lá agora.

— Não! — disse Perrin bruscamente. A ponta da flecha latejava, mas na verdade já não doía mais. Ele estava falando demais; tinha a garganta seca. — Há Trollocs lá, Loial. Podem meter um Ogier num caldeirão tanto quanto um humano.

— Mas, Perrin, eu…

— Não, Loial. Como é que você vai escrever seu livro se for embora e acabar morrendo?

As orelhas de Loial se contorceram.

— É minha responsabilidade, Perrin.

— A responsabilidade é minha — disse Perrin, com delicadeza. — Você me falou o que estava fazendo com o Portal dos Caminhos, e eu não sugeri nada diferente. Além do mais, do jeito que você pula toda vez que alguém menciona a sua mãe, não quero que ela venha atrás de mim. Eu vou, assim que Alanna me Curar e tirar essa flecha do meu corpo. — Ele limpou a testa, depois franziu o

cenho e olhou a mão. Sem suor. — Posso beber um pouco d'água?

Em um instante Faile estava a seu lado, os dedos frios onde antes estivera a mão dele.

— Ele está ardendo em febre! Verin, não podemos esperar Alanna. Você precisa…!

— Estou aqui — anunciou a Aes Sedai de pele escura, surgindo pela porta dos fundos do salão, com Marin al'Vere e Alsbet Luhhan a seu lado e Ihvon logo atrás. Perrin sentiu a fisgada do Poder antes que a mão de Alanna substituísse a de Faile, e ela acrescentou, em um tom frio e sereno: — Leve-o para a cozinha. A mesa lá é bem grande para que possamos deitá-lo. Rápido. Não temos muito tempo.

Perrin ficou tonto, e de súbito percebeu que estava sendo erguido e carregado por Loial, que havia apoiado o machado ao lado da porta.

— O Portal dos Caminhos é meu, Loial. — *Luz, mas que sede.* — Minha responsabilidade.

O toco de flecha de fato não doía tanto quanto antes, mas seu corpo inteiro estava dolorido. Loial o levava a algum lugar, abaixando-se ao passar pelas portas. Havia a Senhora Luhhan mordendo o lábio, os olhos apertados como se fosse chorar. Ele se perguntou por quê. Ela nunca chorava. A Senhora al'Vere também parecia preocupada.

— Senhora Luhhan — murmurou ele — minha mãe diz que eu posso ser aprendiz de Mestre Luhhan. — Não. Aquilo foi muito tempo antes. Era… o que era? Ele não se lembrava direito.

Estava deitado em uma superfície rígida, escutando Alanna falar:

— … tem farpas tanto no osso quanto na carne, e a ponta da flecha está retorcida. Preciso realinhá-la com a primeira ferida e puxá-la. Se ele não morrer de choque, posso Curar o estrago causado, bem como todo o resto. Não tem outro jeito. Ele está à beira do colapso. — Nada a ver com ele.

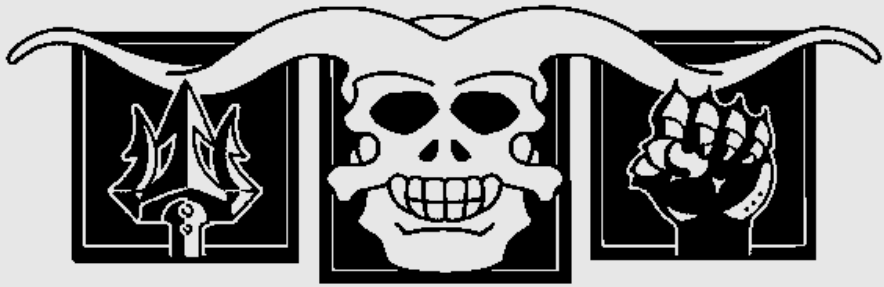
Faile sorria para ele, trêmula, com o rosto de cabeça para baixo. Algum dia pensara que ela tinha a boca grande demais? Era do tamanho ideal. Ele queria tocar o rosto dela, mas a senhora al'Vere e a senhora Luhhan por alguma razão seguravam seus punhos, prendendo-o com o peso do corpo. Havia também alguém apoiado em suas pernas, e as imensas mãos de Loial lhe engoliam os ombros, pressionando-os com força contra a mesa. Mesa. Isso. A mesa da cozinha.

— Morda, querido — disse Faile de longe. — Vai doer.

Ele queria perguntar o que ia doer, mas ela enfiou um pedaço de pau enrolado em couro em sua boca. Ele cheirou o couro, o benjoeiro e ela. Será que ela iria caçar com ele, correndo pelas infinitas planícies gramadas atrás de infinitas hordas de cervos? Um frio congelante o fez estremecer; ele reconheceu vagamente a sensação do Poder Único.

Então veio a dor. Ele ouviu a madeira estalar entre seus dentes antes de a escuridão dominar tudo.

44



Irrompe a tempestade

Perrin abriu os olhos devagar, encarando o teto branco caiado. Levou um instante para perceber que estava em uma cama com quatro colunas, deitado em um colchão de penas com um travesseiro de plumas de ganso. Uma miríade de aromas dançava em seu nariz: as plumas, a lã do cobertor, um assado de ganso, pão e tortas de mel assando. Um dos quartos da estalagem Fonte de Vinho. A luz inconfundível da manhã entrava pelas cortinas brancas das janelas. Manhã. Ele se virou de lado, desajeitado. Seus dedos tocaram a pele curada, mas ele se sentia mais fraco do que nunca desde que fora atingido. Um preço pequeno demais, no entanto, e uma troca bem justa. Também sentia a garganta seca.

Quando ele se mexeu, Faile saltou de uma cadeira ao lado da pequena lareira de pedras, deixando cair um cobertor vermelho, e se espreguiçou. A moça havia trocado o vestido por outro mais escuro, com uma saia estreita de montaria, e a seda cinza amarrotada revelava que ela havia dormido naquela cadeira.

— Alanna falou que você precisava dormir — disse ela. Ele estendeu a mão em direção à jarra branca que havia na mesinha ao lado da cama e ela correu para servir um copo d'água e segurou-o para que ele bebesse. — Você vai ter de ficar quieto por mais uns dois ou três dias, até recuperar as forças.

As palavras soavam normais, exceto por uma estranheza no tom que ele quase não notou, uma leve tensão nos olhos dela.

— O que foi que houve?

Ela recolocou a caneca com cuidado na mesinha de cabeceira e ajeitou o vestido.

— Não houve nada. — A tensão sob sua voz era ainda mais aparente.

— Faile, não minta para mim.

— Não estou mentindo! — retrucou ela, bruscamente. — Vou mandar vir seu café da manhã e tem sorte que eu faça isso, mesmo

com você me chamando de…

— Faile. — Ele pronunciou o nome dela da forma mais severa possível, e ela hesitou; o olhar firme e arrogante virou uma ruga na testa, depois retornou. Ele a encarou com firmeza; ela não iria se safar dessa usando com ele o truque daquela sua altivez de lady.

Enfim, ela suspirou.

— Acho que você tem o direito de saber. Mas vai continuar na cama até Alanna e eu permitirmos que levante. Loial e Gaul se foram.

— Se foram? — Ele piscou, confuso. — Como assim, se foram? Eles *foram embora*?

— De certo modo. Os vigias os viram partindo hoje de manhã, assim que o sol nasceu, indo em direção à Floresta do Oeste. Nenhum deles achou nada demais; sem dúvida ninguém tentou impedi-los, um Ogier e um Aiel. Ouvi essa história faz menos de uma hora. Eles estavam conversando sobre árvores, Perrin. Sobre como o Ogier cantava para as árvores.

— Árvores? — grunhiu Perrin. — É aquele maldito Portal dos Caminhos! Que me queime, eu falei para ele não… Eles vão acabar morrendo antes de chegar lá!

Ele atirou o cobertor para longe, sentou-se na cama com os pés no chão e em seguida pôs-se de pé, cambaleante. Não estava vestindo nada, percebeu, nem as roupas de baixo. No entanto, se elas achavam que iriam mantê-lo preso debaixo de um cobertor, estavam redondamente enganadas. Ele podia ver seus trajes dobradinhos na cadeira de espaldar alto próxima à porta, com as botas do lado e o machado pendendo do cinto em um gancho na parede. Cambaleou até as roupas e começou a se vestir, o mais depressa possível.

— O que está fazendo? — indagou Faile. — Volte já para a cama! — Com uma das mãos na cintura, ela apontou para a cama, como se o dedo erguido pudesse transportá-lo até lá.

— Eles não devem ter ido muito longe. Não a pé. Gaul não monta e Loial sempre disse que confiava mais nos próprios pés do que em qualquer cavalo. Com Galope eu os alcanço até no máximo o meio-dia. — Puxando a camisa pela cabeça, ele vestiu-a, deixando-a solta para fora da calça e sentou-se para calçar as botas. Desabou na cadeira, na realidade.

— Você enlouqueceu, Perrin Aybara! Que chance tem de encontrar os dois naquela floresta?

— Eu até que não sigo rastros assim tão mal. Consigo encontrar os dois. — Ele sorriu, mas ela não aceitou.

— Você pode acabar morto, seu imbecil cabeludo! Olhe só para você. Mal consegue ficar de pé. Iria desabar da sela antes de cavalgar uma milha!

Disfarçando o esforço, ele se levantou e bateu o pé para ajeitar as

botas. Galope faria todo o trabalho; ele só teria de se segurar.

— Bobagem. Estou forte feito um cavalo. Pare de tentar me intimidar. — Ele deu de ombros para ajeitar o casaco ao corpo e pegou o machado e o cinto. Faile segurou-lhe o braço quando ele abriu a porta e foi levada junto, tentando em vão puxá-lo de volta.

— Às vezes você tem o cérebro de um cavalo — disse ela, arfando. — Pior ainda! Perrin, você tem que me escutar. Você tem…

O quarto ficava a apenas poucos passos das escadas que levavam ao salão vazio no estreito corredor, e foram as escadas que o traíram. Quando ele dobrou o joelho para descer aquele primeiro degrau, a perna não parou de dobrar; ele se desequilibrou para a frente, tentando, sem sucesso, agarrar o corrimão, puxando Faile junto, aos berros. Os dois saíram rolando, batendo nas escadas, até desabar com um baque contra o barril no chão, Faile completamente estirada por cima dele. O barril cambaleou e girou, fazendo chocalhar as espadas que estavam dentro, antes de assentar com um tinido final.

Perrin levou um instante até reunir fôlego para conseguir falar.

— Tudo bem com você? — perguntou, ansioso. Ela jazia esparramada sobre o peito dele. Ele a sacudiu delicadamente. — Faile, você está…?

Ela ergueu a cabeça devagar e afastou umas mechinhas de cabelo escuro do rosto, depois o encarou atentamente.

— Está tudo bem com *você*? Porque, se estiver, talvez eu seja bastante violenta…

Perrin bufou; ela decerto estava menos ferida do que ele. Cauteloso, tocou o ponto onde antes estivera a flecha, mas o local não estava pior do que o restante. Naturalmente, o restante estava doendo da cabeça aos pés.

— Saia de cima de mim, Faile. Preciso pegar Galope.

Em vez disso, ela agarrou a gola dele com ambas as mãos e aproximou-se até seus narizes quase se tocarem.

— Escute aqui, Perrin — disse ela, em tom de urgência. — Você… não… pode… fazer… tudo. Se Loial e Gaul foram trancar o Portal dos Caminhos, você tem que deixar. Seu lugar é aqui. Mesmo que estivesse forte o bastante, e não está! Está me ouvindo? Você não está forte o bastante! Mas, mesmo que estivesse, não deveria ir atrás deles. Você não pode fazer tudo!

— Ora, o que é que vocês dois estão fazendo? — perguntou Marin al'Vere. Limpando as mãos no comprido avental branco, ela vinha da porta dos fundos do salão na direção deles. As sobrancelhas da mulher pareciam tentar escalar os cabelos. — Eu esperava ver Trollocs depois de toda essa algazarra, mas não isso. — Ela soava meio escandalizada, meio bem-humorada.

Perrin percebeu que, com Faile deitada por cima dele daquele

jeito, as cabeças juntinhas, os dois pareciam um casal aos beijos. No chão do salão.

Um rubor subiu pelas bochechas de Faile, e ela se levantou mais que depressa, espanando o vestido.

— Ele é teimoso feito um Trolloc, Senhora al'Vere. Eu avisei que estava muito fraco para se levantar. Ele precisa voltar para a cama imediatamente. Tem de aprender que não pode fazer tudo sozinho, ainda mais quando não consegue nem descer um lance de escadas.

— Ah, querida — disse a Senhora al'Vere, balançando a cabeça — esse não é o jeito certo. — Ela se aproximou da mulher mais jovem e sussurrou, baixinho, embora Perrin pudesse ouvir cada palavra. — Ele era um rapazinho fácil de levar, na maioria das vezes, se a gente lidasse com ele da maneira certa, mas era só tentar forçá-lo que ele empacava feito qualquer mula de Dois Rios. Os homens não mudam tanto assim, só ficam mais altos. Se você cismar em dizer o que ele *tem* e o que *não tem* de fazer, ele decerto vai pôr as orelhas para trás e travar as patas no chão. Deixe-me mostrar. — Marin virou-se para ele com um sorriso radiante, ignorando sua carranca. — Perrin, você não acha os meus colchões de penas de ganso melhores que esse chão? Vou levar para você um pedaço da minha torta de rim assim que o colocarmos de volta na cama. Deve estar com fome, depois de ficar sem jantar ontem à noite. Aqui. Posso ajudar você a se levantar?

Ele empurrou as mãos das duas e levantou-se sozinho. Bem, com a ajuda da parede. Achou que talvez tivesse distendido metade dos músculos do corpo. Teimoso feito uma mula? Ele jamais agira assim na vida.

— Senhora al'Vere, a senhora poderia mandar Hu ou Tad selar Galope?

— Quando você estiver melhor — disse ela, tentando virá-lo em direção às escadas. — Não acha que seria bom descansar só mais um pouquinho? — Faile lhe tomou o outro braço.

— Trollocs! — O grito veio do lado de fora, abafado pelas paredes e ecoado por uma dúzia de vozes. — Trollocs! Trollocs!

— Você não tem de se preocupar com isso hoje — disse a Senhora al'Vere, ao mesmo tempo firme e delicada. Aquilo o fez querer ranger os dentes. — As Aes Sedai vão cuidar de tudo. Daqui a um ou dois dias você já vai estar de pé. Vai ver só.

— Meu cavalo — retrucou Perrin, tentando se libertar. As duas agarravam com força as mangas de seu casaco; ele só conseguia balançar os braços para a frente e para trás. — Pelo amor da Luz, podem parar de me puxar e me deixar pegar meu cavalo? Me soltem.

Olhando para ele, Faile deu um suspiro e soltou-lhe o braço.

— Senhora al'Vere, a senhora poderia mandar selar e trazer o

cavalo dele?

— Mas, minha querida, ele realmente precisa…

— Por gentileza, Senhora al'Vere — disse Faile, com firmeza. — E o meu também. — As duas mulheres se entreolharam como se ele não existisse. Por fim, a Senhora al'Vere assentiu.

Perrin franziu o cenho pelas costas da mulher enquanto ela corria pelo salão e desaparecia rumo à cozinha e ao estábulo. O que Faile dissera de diferente dele? Voltando a atenção para ela, ele disse:

— Por que foi que você mudou de ideia?

Enfiando a camisa dele para dentro da calça, ela resmungou, entre dentes. Sem dúvida Perrin não escutava tão bem a ponto de entender.

— Não é para eu falar, é? Quando ele estiver sendo teimoso demais para enxergar com clareza, eu devo guiá-lo com doçura e sorrisos, não é? — Ela lhe disparou um olhar que certamente não continha doçura alguma, depois abruptamente abriu um sorriso tão doce que ele quase deu para trás. — Meu querido — ela quase arrulhou, endireitando-lhe o casaco — o que quer que esteja acontecendo lá fora, espero muito que você permaneça em sua sela, e o mais longe dos Trollocs que puder. Ainda não está muito em condições de enfrentar um Trolloc, não é? Talvez amanhã. Por favor, lembre que você é um general, um líder, e um verdadeiro símbolo para o seu povo, assim como aquele estandarte lá fora. Se permanecer à vista do povo, vai dar uma injeção de ânimo em todo mundo. E é muito mais fácil enxergar o que precisa ser feito e dar ordens quando você mesmo não está no campo de batalha. — Ela pegou o cinto dele do chão e afivelou-o em sua cintura, ajeitando com cuidado o machado em seus quadris. E também piscou para ele! — Por favor, diga que vai fazer isso. Por favor?

Ela estava certa. Ele não duraria dois minutos diante de um Trolloc. Diante de um Desvanecido, era mais provável que durasse dois segundos. E, por mais que odiasse admitir, não duraria duas milhas na sela atrás de Loial e Gaul. *Ogier estúpido. Você é um escritor, não um herói.*

— Está bem — disse ele. Um impulso malicioso tomou conta de si. A forma como ela e a Senhora al'Vere estavam falando por cima dele e dando piscadelas como se ele fosse um imbecil. — Não consigo recusar nada quando você sorri assim, tão linda.

— Fico *muito* feliz. — Ainda sorrindo, ela alisou o casaco dele e removeu umas bolinhas que ele não conseguia ver. — Porque, se você recusar, e ainda conseguir sobreviver, vou fazer com você o mesmo que fez comigo naquele primeiro dia nos Caminhos. Acho que você ainda não está com força suficiente para me impedir. — Ela abriu aquele sorriso radiante para ele, todo doce e primaveril. — Está

entendendo?

A contragosto, ele soltou uma risadinha.

— Parece que é melhor deixar que eles me matem. — Ela não pareceu achar graça.

Hu e Tad, os cavalariços desengonçados, levaram Galope e Andorinha logo depois que o casal saiu. Todos os outros estavam reunidos no extremo oposto da aldeia, para além do Campo, com suas ovelhas, vacas e gansos, e o estandarte vermelho e branco com a cabeça do lobo balançava ao sabor da brisa da manhã. Assim que ele e Faile montaram nos cavalos, os cavalariços saíram correndo pela mesma direção, sem dizer uma palavra.

O que quer que estivesse acontecendo, estava claro que não se tratava de um ataque. Ele via mulheres e crianças entre a multidão, e os gritos de "Trolloc" haviam se esvaído a um murmúrio, que ecoava feito o grasnido de gansos. Ele avançou devagar, tentando não balançar em cima da sela; Faile seguia bem perto com Andorinha, de olho nele. Se havia sido capaz de mudar de ideia uma vez sem motivo aparente, poderia fazê-lo de novo, e ele não queria discutir se deveria ou não estar ali.

A multidão balbuciante de fato parecia composta de toda a população de Campo de Emond, tanto aldeões quanto fazendeiros, todos espremidos, ombro com ombro, mas o grupo abriu caminho para ele e Faile ao reconhecê-lo. Perrin virou assunto do burburinho, em geral com o nome de Olhos-Dourados. Também pescou a palavra "Trollocs", mas em um tom mais de fascinação do que de medo. De cima da sela de Galope ele tinha uma boa visão de suas cabeças.

A massa de gente aglomerada se estendia por todo o trecho depois das últimas casas até as sebes de estacas espinhosas. Os limites da floresta, quase seiscentos passos para além de um campo de tocos quase no nível do chão, estava silenciosa, sem homens com machados. Eles formavam um círculo de peitorais suados e desnudos em torno de Alanna, Verin e dois homens. Jon Thane, o moleiro, limpava uma mancha de sangue das costelas, com a lanterna apontada para o peito para enxergar o que as próprias mãos faziam. Alanna se empertigava diante do outro homem, um sujeito de cabelos grisalhos que Perrin não reconheceu e que pulou de pé e dançou um passinho, hesitante. Tanto ele quanto o moleiro encaravam as Aes Sedai com espanto.

Havia gente demais em torno das Aes Sedai para que o povo pudesse abrir espaço para Galope e Andorinha, mas havia uns espaços livres em volta de Ihvon e Tomas, um de cada lado de seus cavalos de batalha. O povo não queria chegar muito perto daqueles animais de olhos ferozes, ambos com cara de quem só estava aguardando uma oportunidade de pisotear e abocanhar.

Perrin conseguiu aproximar-se de Tomas sem muito esforço.

— O que foi que houve?

— Um Trolloc. Só um. — Apesar do tom displicente do Guardião grisalho, seus olhos escuros não pararam em Perrin e Faile, perscrutando com igual atenção Verin e a linha das árvores. — Eles não são muito espertos sozinhos. São safos, mas não espertos. O grupo cortando árvores o espantou antes que ele fizesse mais do que tirar um pouco de sangue.

Das árvores surgiram as duas mulheres Aiel, correndo, as cabeças envoltas em *shoufas* e véus de modo que ele não conseguia dizer quem era quem. Elas reduziram o passo e seguiram serpenteando entre as estacas pontudas, depois deslizaram com destreza pelo meio da multidão, e o povo foi abrindo caminho como pôde naquela balbúrdia. Quando chegaram perto de Faile, as mulheres já haviam tirado os véus, e ela se inclinou para escutá-las.

— Talvez uns quinhentos Trollocs — disse Bain — provavelmente não mais de uma ou duas milhas atrás de nós. — Sua voz era firme, mas os olhos azul-escuros cintilavam, ávidos. Os cinza de Chiad também.

— Como eu imaginei — disse Tomas, calmamente. — Aquele ali provavelmente se afastou do grupo, na esperança de arrumar algo para comer. O resto deve vir em breve. — As Donzelas assentiram.

Perrin apontou consternado para a multidão.

— Então essa gente não deveria estar aqui. Por que vocês não os afastaram?

Foi Ihvon, aproximando o cinzento do grupo, quem respondeu:

— O seu povo não está querendo escutar ninguém de fora, não quando estão com a atenção toda voltada para as Aes Sedai. Sugiro que veja o que pode fazer.

Perrin tinha certeza de que eles poderiam ter imposto algum tipo de ordem, se tivessem realmente tentado. Verin e Alanna sem dúvida poderiam. *Então por que esperaram e deixaram a coisa na minha mão, se estavam prevendo Trollocs?* Seria muito fácil pôr tudo na conta de um *ta'veren* — fácil e tolo. Ihvon e Tomas não deixariam Trollocs matarem o povo — nem Verin nem Alanna — enquanto ficavam esperando que um *ta'veren* lhes dissesse o que fazer. As Aes Sedai o estavam manipulando, colocando todos em risco, talvez até a si próprias. Mas com que objetivo? Ele e Faile se entreolharam, e ela assentiu sutilmente, como se soubesse o que ele estava pensando.

Agora não havia tempo para tentar descobrir. Ele perscrutou a multidão e avistou Bran al'Vere entre Tam al'Thor e Abell Cauthon. O Prefeito trazia uma lança comprida nos ombros e usava um elmo redondo amassado. Um colete de couro bem apertado com discos de aço costurados por toda parte lhe comprimia o peitoral.

Todos os três olharam para cima quando Perrin conduziu Galope

pela multidão até eles.

— Bain disse que os Trollocs estão vindo nesta direção, e os Guardiões estão achando que vamos ser atacados em breve. — Ele precisou gritar por conta do zunido incessante de vozes. Alguns dos que estavam mais perto ouviram e se calaram; o silêncio se espalhou com os murmúrios de "Trollocs" e "ataque".

Bran piscou.

— Pois é. Tinha que acontecer, não tinha? Sim, bom, nós sabemos o que fazer. — O homem poderia ter sido uma figura cômica, com a costura do colete prestes a arrebentar e o elmo balançando quando ele mexia a cabeça, mas na verdade parecia apenas determinado. Erguendo a voz, ele anunciou: — Perrin disse que os Trollocs vão chegar em breve. Vocês todos sabem os seus lugares. Vamos lá, agora. Vamos lá.

A multidão começou a circular, as mulheres levando as crianças de volta para as casas, os homens fervilhando por todas as direções. A confusão pareceu aumentar, em vez de diminuir.

— Vou cuidar para que os pastores venham — disse Abell a Perrin e sumiu no meio da multidão.

Cenn Buie abriu caminho por entre o povo, usando uma alabarda para arrebanhar o carrancudo Hari Coplin, o irmão de Hari, Darl, e o velho Bili Congar, que cambaleava como se estivesse cheio de cerveja já pela manhã, o que decerto era o caso. Dos três, era Bili quem segurava a lança como se pretendesse usá-la. Cenn tocou a testa quando viu Perrin, em uma espécie de saudação. Vários homens fizeram o mesmo. Aquilo o deixava desconfortável. Dannil e os outros rapazes eram uma coisa, mas esses homens tinham pelo menos metade a mais que a idade dele.

— Você está indo bem — disse Faile.

— Eu queria saber o que Verin e Alanna estão tramando — resmungou ele. — E não estou falando de agora. — Duas das catapultas que os Guardiões haviam montado ficavam naquele canto da aldeia, geringonças quadradas mais altas que um homem, feitas de vigas robustas de madeira e cordas grossas e retorcidas. De cima dos cavalos, Ihvon e Tomas viam as pesadas vigas de madeira sendo suspensas. As duas Aes Sedai estavam mais interessadas nas imensas pedras, de quinze ou vinte libras cada, que eram carregadas em suportes nas extremidades das alavancas.

— Elas querem que você lidere — respondeu Faile, baixinho. — Foi para isso que você nasceu, eu acho.

Perrin bufou. Ele tinha nascido para ser ferreiro.

— Eu ficaria bem mais confortável se soubesse por que elas querem isso. — As Aes Sedai o encaravam; Verin, de cabeça inclinada, feito um pássaro, Alanna com um olhar mais direto e um sorrisinho.

Estariam as duas querendo a mesma coisa, pela mesma razão? Esse era um dos problemas com Aes Sedai. Havia sempre mais perguntas que respostas.

A ordem se impôs com surpreendente rapidez. Ao longo do lado oeste da aldeia, cerca de cem de homens se apoiavam em um dos joelhos bem atrás das estacas erguidas, batendo os dedos, inquietos, nas lanças, alabardas e armas feitas com foices ou machados curvos. Aqui e ali algum deles usava um capacete ou um pedaço de armadura. Atrás, o dobro de homens formava duas fileiras, segurando bons arcos longos de Dois Rios, cada um com um par de aljavas no cinto. Uns rapazinhos vieram correndo das casas com pacotes de mais flechas, que os homens acomodaram no chão a seus pés, com as pontas para baixo. Tam parecia no comando, alinhando as fileiras e dizendo algumas palavras a cada homem, mas Bran marchava com ele, oferecendo o próprio apoio. Perrin viu que ele não era nem um pouco necessário ali.

Para sua surpresa, Dannil, Ban e todos os outros rapazes que haviam cavalgado com ele surgiram da aldeia a galope, rodeando Perrin e Faile, todos com os arcos a postos. Estavam meio estranhos, de certa forma. Aparentemente as Aes Sedai haviam Curado os que tinham ferimentos mais graves, deixando os menos feridos para os cataplasmas e unguentos de Daise, portanto os rapazes que mal conseguiam montar em uma sela no dia anterior agora caminhavam animadamente, enquanto Dannil, Tell e outros ainda mancavam ou usavam ataduras. Mesmo surpreso em vê-los, ficou aborrecido ao notar o que portavam. Leof Torfinn, com a bandagem que lhe envolvia a cabeça formando um gorro claro acima dos olhos fundos, trazia o arco pendurado nas costas e um cajado comprido com uma versão menor do estandarte de bordas vermelhas e cabeça de lobo.

— Acho que uma das Aes Sedai mandou fazer — disse Leof quando Perrin perguntou onde ele conseguira aquilo. — Milli Ayellin trouxe para o pai de Will, mas Wil não quis carregar. — Wil al'Seen arqueou um pouco os ombros.

— Eu também não ia querer — retrucou Perrin, secamente. Todos riram como se ele tivesse contado uma piada, até mesmo Wil, depois de um minuto.

A cerca de estacas parecia bastante forte, mas por outro lado parecia um esforço risível para afastar os Trollocs. Talvez até fosse funcionar, mas ele não queria Faile ali se eles conseguissem ultrapassar. Quando ele a encarou, no entanto, ela exibia outra vez aquele olhar, como se pudesse ler seus pensamentos. E não estivesse gostando. Se ele tentasse mandá-la embora, ela iria discutir, empacar e se recusar a agir com sensatez. No estado fraco em que ele se encontrava, ela decerto teria mais chance de levá-lo de volta para a

estalagem do que o contrário. Pela forma como permanecia sentada na sela, tão ferozmente, era provável que *ela o* defendesse caso os Trollocs avançassem. Ele teria de ficar de olho nela; era só o que podia fazer.

De repente Faile sorriu, e Perrin coçou a barba. Talvez ela conseguisse *mesmo* ler os pensamentos dele.

O tempo passou, o sol veio avançando devagar, o calor do dia aumentou. De vez em quando uma mulher chamava de dentro das casas para perguntar o que estava acontecendo. Volta e meia algum homem resolvia se sentar, mas Tam ou Bran se postava diante do sujeito antes que ele conseguisse cruzar as pernas, convocando-o de volta para as fileiras. Não mais de uma ou duas milhas, Bain dissera. Ela e Chiad estavam sentadas perto das estacas, jogando algum jogo que aparentemente envolvia uma faca no chão no meio das duas. Sem dúvida, se os Trollocs estivessem vindo, já teriam chegado, àquela altura. Ele estava começando a ter dificuldade de se sentar ereto. Ciente dos olhos atentos de Faile, manteve as costas rijas.

Uma corneta soou, alta e aguda.

— Trollocs! — gritaram meia dúzia de vozes e uma torrente de formas bestiais em malhas negras irrompeu da Floresta do Oeste, uivando e avançando pelo chão repleto de tocos, balançando espadas em forma de foice, machados com ponteiras, lanças e tridentes.

Três Myrddraal vinham em seguida, montados em cavalos negros. Disparavam de um lado a outro, como se conduzissem o fluxo de Trollocs a sua frente. O manto negro mortal permanecia imóvel, não importava o quanto eles se movimentassem e girassem nas selas. A corneta continuava soando, seus berros agudos e instigantes.

Vinte flechas foram atiradas assim que o primeiro Trolloc apareceu e o disparo mais forte caiu a quase cem passos de distância.

— Esperem, seus desmiolados! — gritou Tam. Bran pulou e lançou um olhar surpreso, não menos incrédulo do que os dos amigos e vizinhos de Tam; alguns resmungaram sobre não aceitar quietos esse tipo de coisa, com ou sem Trollocs. Tam, porém, ignorou os protestos. — Segurem até eu dar a ordem, do jeito que mostrei a vocês! — Então, como se não houvesse centenas de Trollocs guinchantes galopando em direção a ele, Tam virou-se com toda a calma para Perrin. — Trezentos passos?

Perrin assentiu rapidamente. O homem estava perguntando a ele? Trezentos passos. Em quanto tempo um Trolloc percorria trezentos passos? Ele soltou o machado do cinto. A corneta soava sem parar. Os lanceiros permaneciam acocorados atrás das estacas, como se forçando a si mesmos a não recuar. Os Aiel velaram as faces.

A horda urrante avançava, cabeças com chifres e caras com focinhos ou bicos, cada criatura com uma vez e meia a altura de um

homem, cada uma ganindo por sangue. Quinhentos passos. Quatrocentos. Alguns corriam mais à frente. Eram rápidos como cavalos. O Aiel estava certo? Haveria somente quinhentos? Pareciam milhares.

— Preparar! — gritou Tam, e duzentos arcos foram erguidos. Os rapazes junto a Perrin mais que depressa entraram em forma diante dele, imitando os mais velhos, alinhados com aquele estandarte estúpido.

Trezentos passos. Perrin via aqueles rostos disformes, contorcidos de fúria e frenesi, como se estivessem em cima dele.

— Disparar! — gritou Tam. As cordas dos arcos estalaram como um gigantesco açoite. Com dois estrondos de madeira contra madeira coberta de couro, as catapultas dispararam.

Flechas de pontas largas caíram sobre os Trollocs. As criaturas monstruosas foram derrubadas, porém algumas se reergueram e avançaram, cambaleantes, impulsionadas pelos Desvanecidos. O som da corneta se misturava a seus urros guturais, fomentando a matança. As pedras das catapultas caíam por cima deles — e explodiam em fogo e estilhaços, abrindo buracos no meio do aglomerado. Perrin não foi o único a pular de susto; então era isso o que as Aes Sedai estavam fazendo com as catapultas. Ele se perguntou, ansioso, o que aconteceria se elas deixassem cair uma daquelas pedras que preparavam para lançar.

Outra saraivada de flechas foi disparada, e outra, e mais outra, e de novo e de novo, e mais pedras das catapultas, ainda que em um ritmo mais lento. Explosões de fogo dilaceravam os Trollocs. Choviam neles pontas largas de flechas. E eles avançavam; ganindo, uivando, caindo e morrendo, mas sempre avançando. Agora estavam mais perto, tão perto que os arqueiros se dispersaram, não mais atirando ao mesmo tempo, mas escolhendo os alvos. Os homens urravam sua própria ira, urravam diante da morte e atiravam.

Então não se viu mais Trollocs de pé. Apenas um Desvanecido, cravejado de flechas, porém ainda cambaleando a esmo. Os ganidos agudos do cavalo caído de um Myrddraal competiam com os gemidos dos Trollocs abatidos, à beira da morte. A corneta enfim se calara. Aqui e ali, em meio ao campo repleto de tocos, um Trolloc arquejava e caía para trás. Sob todos os sons, Perrin ouvia homens ofegantes, como se tivessem corrido dez milhas. Seu próprio coração parecia querer sair do peito.

De súbito alguém gritou um “viva” bem alto, e com isso os homens começaram a saltar e berrar, eufóricos, balançando sobre as cabeças os arcos ou o que tivessem nas mãos, jogando os quepes para o alto. As mulheres saíram correndo das casas, rindo e comemorando, e também as crianças, todos celebrando e dançando com os homens.

Alguns correram para apertar a mão de Perrin e cumprimentá-lo.

— Você nos conduziu a uma grande vitória, meu rapaz. — Bran sorriu para ele. Trazia o elmo pendurado na nuca. — Suponho que não deva chamá-lo assim agora. Uma grande vitória, Perrin.

— Eu não fiz nada — protestou ele. — Só fiquei sentado no meu cavalo. Quem fez foram vocês. — Bran não o escutava mais do que os outros. Constrangido, Perrin ergueu o corpo, fingindo esquadrinhar o campo, e depois de um tempo eles o deixaram em paz.

Tam não havia se juntado à comemoração; permaneceu bem atrás das estacas, analisando os Trollocs. Os Guardiões também não estavam rindo. As silhuetas de malhas negras se aglomeravam no campo, em meio aos tocos baixos. Poderia haver uns quinhentos deles. Talvez menos. Alguns, poucos, talvez tivessem voltado para a floresta. Nenhum jazia a menos de quinhentos passos da sebe de estacas. Perrin encontrou os outros dois Desvanecidos se debatendo no chão. Com esses, eram três. Uma hora aceitariam a própria morte.

O povo de Dois Rios começou a lhe dar vivas.

— Perrin Olhos-Dourados! Viva! Viva! Viva!

— Eles tinham de saber — murmurou ele. Faile o encarou, indagativa. — Os Meios-homens tinham de saber que isso não ia funcionar. Olhe lá. Até eu consigo ver, agora; eles deviam estar vendo desde o início. Se isso era tudo o que tinham, por que tentaram? E, se há mais Trollocs por aí, por que não vieram todos? Se viessem o dobro, nós teríamos de lutar com eles quando chegassem às estacas. O dobro, e talvez eles tivessem tomado a aldeia.

— Você tem um bom olho — disse Tomas, puxando a rédea para o lado dele. — Isso foi um teste. Para ver se você cederia frente a uma investida, talvez para medir a rapidez da sua reação, ou como estão organizadas as suas defesas, ou talvez por algum motivo que eu nunca tenha cogitado, mas ainda assim um teste. Agora eles sabem. — Ele apontou para o céu, onde um corvo solitário sobrevoava o campo. Um corvo normal teria se refestelado com os mortos. O pássaro completou uma última volta e partiu em direção à floresta. — O próximo ataque não vai chegar imediatamente. Eu vi dois ou três Trollocs entrando na floresta, então as notícias disso aqui vão se espalhar. Os Meios-homens terão de lembrá-los que eles têm mais medo de Myrddraal do que da morte. Porém, o ataque vai acontecer, e sem dúvida vai ser mais violento que esse. O tamanho da violência vai depender de quantos os Sem-rosto tiverem trazido pelos Caminhos.

Perrin fez uma careta.

— Luz! E se estiverem em dez mil?

— Pouco provável — respondeu Verin, indo afagar o pescoço da montaria de Tomas. O cavalo de batalha permitiu o toque da mulher com a mansidão de um pônei. — Pelo menos por enquanto. Nem um

Abandonado conseguiria conduzir um grupo tão grande pelos Caminhos em segurança, eu suponho. Um homem sozinho até corre o risco de morrer ou enlouquecer entre os Portais dos Caminhos mais próximos, mas… digamos… mil homens, ou mil Trollocs, muito provavelmente atrairiam *Machin Shin* em questão de minutos, feito uma abelha monstruosa em um pote de mel. É muito mais provável que não viagem mais de dez ou vinte juntos, cinquenta no máximo, e em grupos bem espaçados. É claro, ainda resta a pergunta de quantos grupos estão trazendo e do intervalo que estão dando entre um grupo e outro. Seja como for, vão perder alguns. Pode ser que as Criaturas da Sombra atraiam *Machin Shin* menos do que os humanos, mas… hmmm. Pensamento fascinante. Será que… — Com um tapinha na perna de Tomas bem similar ao que daria no cavalo, ela se virou, já perdida em seus estudos. O Guardião cravou os calcanhares no cavalo e foi atrás dela.

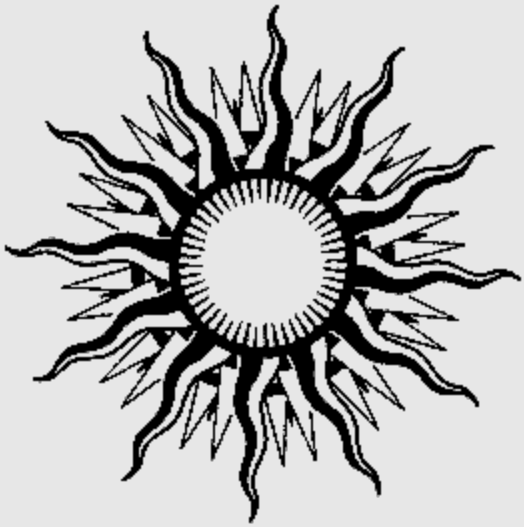
— Se você cavalgar uma passada que seja na direção da Floresta do Oeste — disse Faile, calmamente — eu mesma vou trazê-lo de volta para a estalagem, arrastado pelas orelhas, e enfiá-lo naquela cama.

— Eu não estava pensando nisso — mentiu Perrin, fazendo Galope dar as costas para a floresta. Um homem e um Ogier poderiam passar despercebidos, chegar em segurança até a montanha. Poderiam. O Portal dos Caminhos teria de ser trancado permanentemente para que Campo de Emond tivesse qualquer chance. — Você me fez mudar de ideia, lembra? — Talvez outro homem pudesse encontrá-los, sabendo que estavam por lá. Três pares de olhos poderiam ver melhor que dois, ainda mais um par de olhos como o dele, e Perrin sem dúvida não estava fazendo nada ali. Daria no mesmo se em cima de Galope estivesse um monte de palha vestida com as roupas dele.

De repente, acima da gritaria e da algazarra ao redor, ele ouviu berros mais agudos, um clamor vindo do sul, próximo à Estrada Velha.

— Ele disse que não viriam de novo tão cedo! — rosnou, cravando os calcanhares nos flancos de Galope.

45



A espada do Latoeiro

Galopando pela aldeia com Faile atrás de si, Perrin encontrou os homens do lado sul amontoados, perscrutando os campos e resmungando, alguns com os arcos já meio preparados. Dois carroções bloqueavam o vão por onde a Estrada Velha passava no meio das estacas afiadas. A cerca de pedras mais próxima que ainda estava de pé, junto a um campo de tabaco, ficava a quinhentos passos de distância, e não era mais alta do que o restolho de cevada no caminho. No solo próximo a ela, flechas brotavam feito ervas. Uma fumaça se erguia a distância, cerca de dez espessas cortinas negras, algumas com tamanho suficiente para ser campos incendiados.

Cenn Buie estava lá, e também Hari e Darl Coplin. Bili Congar envolvia os ombros de seu primo Wit, o marido magrelo de Daise, que parecia preferir que Bili não respirasse em seu cangote. Ninguém cheirava a medo, apenas a empolgação. E Bili, a cerveja. Pelo menos dez homens tentaram contar a Perrin, ao mesmo tempo, o que havia acontecido; alguns falavam mais alto que os outros.

— Os Trollocs tentaram aqui também — gritou Hari Coplin — mas a gente deu uma lição neles, não foi? — Ouviu-se numerosos murmúrios em concordância, mas talvez tantos ou mais se entreolharam, indecisos, e remexeram os pés.

— Também temos uns heróis aqui — disse Darl, em um tom alto e áspero. — O seu grupo lá na floresta não é o único. — Era um homem maior que o irmão, porém com o mesmo rosto fino dos Coplin, parecendo uma doninha, e a mesma boca contraída, como se tivesse

acabado de morder um caqui verde. Quando achou que Perrin não estava vendo, disparou-lhe um olhar raivoso. Aquilo não significava que o homem de fato desejasse ter estado na batalha diante da Floresta do Oeste; Darl, Hari e a maioria de seus familiares em geral davam um jeito de ficar para trás, independentemente de qual fosse a situação.

— Isso pede uma bebida! — anunciou o velho Bili, depois franziu o rosto, desapontado, quando ninguém respondeu.

Uma cabeça surgiu por cima do muro, ao longe, e se abaixou depressa, mas não antes que Perrin distinguisse um casaco amarelo brilhante.

— Não são Trollocs — grunhiu ele, indignado. — Latoeiros! Você estavam atirando em Tuatha'an. Tirem esses carroções do caminho. — Por cima do estribo, ele levou as mãos à boca em concha e gritou: — Podem vir! Está tudo bem! Ninguém vai machucar vocês! Eu mandei afastar os carroções — dirigiu-se rispidamente aos homens que o encaravam, parados. Confundindo latoeiros com Trollocs! — E vão pegar suas flechas; mais cedo ou mais tarde vocês vão precisar delas de verdade. — Alguns começaram a se movimentar lentamente, obedecendo, e ele gritou outra vez: — Ninguém vai machucar vocês! Está tudo bem! Podem vir! — Os carroções rolaram para ambos os lados com o rangido dos eixos necessitados de uma graxa.

Alguns Tuatha'an, em vestimentas alegres, pularam pela cerca, depois mais outros, e começaram a rumar até a aldeia em uma meia corrida cansada, parecendo temer o que os aguardava tanto quanto o que quer que houvessem deixado para trás. Eles se agruparam todos ao ver homens vindo da aldeia, quase a ponto de recuar, mesmo quando o povo de Dois Rios chegou trotando, encarando-os com curiosidade, e começou a puxar as flechas cravadas no chão. Mesmo então, eles hesitaram.

As entranhas de Perrin congelaram. Duzentos homens e mulheres, talvez, alguns carregando crianças pequenas, e um bocado de crianças mais velhas correndo também, as roupas de cores vibrantes todas rasgadas e com manchas de sujeira. E algumas com sangue, ele viu quando o grupo se aproximou. Eram todos. De um total de quantos da caravana? Ao menos Raen estava lá, se arrastando como se meio atordoado, guiado por Ila, que exibia um hematoma inchado e escuro em uma das faces. Pelo menos haviam sobrevivido.

Bem perto da passagem, os Tuatha'an pararam, encarando, indecisos, as estacas afiadas e a massa de homens armados. Algumas crianças se agarraram aos adultos e esconderam os rostos. Cheiravam a medo, a terror. Faile saltou do cavalo e correu até eles; Ila a abraçou, porém não se aproximou mais. A mulher mais velha parecia estar sendo confortada pela mais jovem.

— Não vamos machucar vocês — disse Perrin. *Eu devia tê-los forçado a vir. Que a Luz me queime, eu devia tê-los forçado!* — Vocês são bem-vindos às nossas fogueiras.

— Latoeiros. — Hari contorceu a boca com desdém. — O que queremos com um bando de latoeiros ladrões? Eles levam tudo o que não estiver preso com pregos.

Darl abriu a boca, decerto para apoiar Hari, mas antes que pudesse falar, alguém na multidão gritou:

— Você também, Hari! E ainda leva os pregos! — Risos esparsos calaram a boca de Darl. Não muitos riram, no entanto, e os que riram olharam os Tuatha'an sujos e enlameados com constrangimento.

— Hari tem razão! — gritou Daise Congar, forçando passagem, empurrando os homens para fora de seu caminho. — Os latoeiros roubam, e não só coisas! Eles roubam crianças! — Abrindo caminho aos empurrões até Cenn Buie, ela balançou um dedo, grosso feito o polegar de Cenn, debaixo do nariz dele. O homem se afastou o quanto pôde no meio da multidão; ela era uma cabeça mais alta do que ele e pesava metade a mais. — Você pode até fazer parte do Conselho da Aldeia, mas, se não quiser escutar a Sabedoria, vou meter o Círculo das Mulheres nessa história, e nós vamos cuidar disso. — Alguns dos homens assentiram, resmungando.

Cenn coçou a cabeça de cabelos finos, encarando a Sabedoria de soslaio.

— Aaah… bem… Perrin — disse ele, lentamente, com aquela voz estridente — os latoeiros de fato têm uma reputação, você sabe, e… — Ele parou, dando um salto para trás enquanto Perrin girava Galope para encarar o povo de Dois Rios.

Vários deles se dispersaram diante do castanho, mas Perrin não deu a mínima.

— Não vamos mandar ninguém embora — disse ele, em um tom duro. — Ninguém! Ou vocês querem despachar crianças para os Trollocs? — Uma das crianças Tuatha'an começou a chorar, um lamento agudo, e ele desejou não ter dito aquilo, mas Cenn corou feito uma beterraba, e até Daise exibia uma expressão envergonhada.

— É claro que nós vamos acolhê-los — disse o telhador, em um tom bronco. Então virou-se para Daise, todo emplumado, feito um galo pronto para enfrentar um cão de guarda. — E, se você quiser colocar o Círculo das Mulheres no meio, o Conselho da Aldeia vai pôr vocês no seu devido lugar! Você vai ver só se não vamos!

— Você sempre foi um velho tolo, Cenn Buie. — Daise bufou. — Acha que iríamos deixar você mandar crianças para os Trollocs? — Cenn abriu e fechou a boca várias vezes, mas antes que ele pudesse dizer uma palavra, Daise pôs a mão no peito magro do homem e lhe deu um empurrão. Abrindo um sorriso, ela avançou até

os Tuatha'an e envolveu Ila em um abraço reconfortante. — Venham comigo, vou arranjar para vocês todos um banho quente e um lugar para descansar. As casas estão lotadas, mas vamos encontrar lugar para todo mundo. Venham.

Marin al'Vere veio correndo pela multidão, e também Alsbet Luhhan, Natti Cauthon, Neysa Ayellin e mais mulheres, tomando as crianças ou abraçando as mulheres Tuatha'an, levando-as consigo, ralhando com os homens de Dois Rios para que saíssem da frente. Não que alguém estivesse propositalmente barrando a passagem; apenas levava tempo para que tanta gente se apertasse e abrisse caminho.

Faile olhou Perrin com admiração, mas ele balançou a cabeça. Não tinha nada a ver com ser *ta'veren*; o povo de Dois Rios talvez às vezes precisasse ser direcionado para o caminho certo, mas eles eram capazes de enxergá-lo. Até mesmo Hari Coplin, observando os latoeiros serem acolhidos, tinha uma expressão menos azeda do que antes. Bem, um pouco menos. Também não havia motivo para esperar um milagre.

Mancando, atordoado, Raen encarou Perrin.

— O Caminho da Folha *é* o caminho certo. Tudo morre em seu devido tempo, e… — A voz dele foi falhando, como se ele não pudesse se lembrar do que estava dizendo.

— Eles vieram ontem à noite — disse Ila, com a fala arrastada por conta do rosto inchado. Seus olhos estavam quase tão embotados quanto os do marido. — Os cachorros talvez tivessem nos ajudado a fugir, mas os Filhos mataram todos os cachorros, e… não pudemos fazer nada. — Atrás dela, Aram tremia dentro do casaco de listras amarelas, encarando os homens armados. A maioria das crianças latoeiras agora chorava.

Perrin franziu o cenho para a fumaça que se erguia do sul. Remexendo-se na sela, ele conseguia distinguir mais ao norte e ao leste. Mesmo que a maioria representasse casas já abandonadas, os Trollocs haviam passado a noite bem ocupados. Quantos seriam necessários para incendiar tantas fazendas, mesmo correndo entre uma e outra e levando apenas o tempo necessário para atirar uma tocha em uma casa vazia ou um campo desabitado? Talvez tantos quanto eles tinham matado hoje. O que isso dizia a respeito do número de Trollocs que já se encontrava em Dois Rios? Não parecia possível que um bando só tivesse feito tudo, queimado todas aquelas casas e ainda destruído a caravana do Povo Errante.

Com os olhos fixos nos Tuatha'an que iam sendo levados, ele sentiu uma pontada de vergonha. Aquele povo havia visto a morte de amigos e família na noite anterior, e lá estava ele pensando friamente em números. Ouviu alguns homens de Dois Rios murmurando, tentando descobrir a que fazenda correspondia cada fumaça. A todo

aquele povo os incêndios representavam perdas reais, vidas a serem reconstruídas, se possível, não apenas números. Ele era inútil ali. Agora, com Faile ocupada em ajudar a cuidar dos latoeiros, era o momento de partir atrás de Loial e Gaul.

Mestre Luhhan, vestido com o colete de ferreiro e o comprido avental de couro, puxou a rédea de Galope.

— Perrin, você precisa me ajudar. Os Guardiões querem que eu faça mais componentes para as catapultas, mas estou com vinte homens me pedindo para consertar uns pedaços de armaduras que os imbecis dos avôs de seus avôs compraram dos guardas de algum mercador imbecil.

— Gostaria de poder dar uma mãozinha — disse Perrin — mas há outra coisa que preciso fazer. De qualquer modo, provavelmente estou meio enferrujado. Não trabalhei muito com ferragem no ano passado.

— Luz, não foi isso que eu quis dizer. Não é para você pegar em um martelo. — O ferreiro parecia chocado. — Toda vez que mando um daqueles cabeças de ganso embora depois de dizer poucas e boas, o sujeito volta dez minutos depois e torna a discutir. Não consigo trabalhar. Eles vão escutar você.

Perrin duvidava, se os homens não estavam escutando Mestre Luhhan. Além de pertencer ao Conselho da Aldeia, Haral Luhhan era grande o bastante para pegar praticamente qualquer homem em Dois Rios e atirar longe, se fosse preciso. No entanto, ele avançou até uma ferraria provisória que Mestre Luhhan havia montado em um galpão aberto, erguido às pressas perto do Campo. Havia seis homens aglomerados em volta das bigornas resgatadas da ferraria incendiada pelos Mantos-brancos, e outro sujeito, absorto, soprava os enormes foles de couro, até que o ferreiro o afugentou com um berro. Para surpresa de Perrin, os homens de fato lhe deram ouvidos quando ele os mandou sair, e não foi preciso nenhum discurso para submetê-los à sua vontade de *ta'veren*, bastou declarar que Mestre Luhhan estava ocupado. Sem dúvida o ferreiro poderia ter feito isso sozinho, mas ele apertou a mão de Perrin e agradeceu muito antes de voltar ao trabalho.

Perrin desceu da sela de Galope, agarrou um dos homens pelo ombro, um fazendeiro careca chamado Get Eldin, e lhe pediu que ficasse e expulsasse qualquer um que tentasse incomodar Mestre Luhhan. Get devia ter o triplo da idade dele, mas o sujeito, de rosto enrugado e curtido, apenas assentiu e se postou próximo ao martelo de Haral, que jazia envolto em ferro quente. Finalmente poderia ir embora, antes que Faile descobrisse.

Assim que Perrin conseguiu virar Galope, Bran apareceu, de lança no ombro e elmo debaixo do braço robusto.

— Perrin, deve haver um jeito mais rápido de trazer os pastores e

vaqueiros para cá, se formos atacados de novo. Mesmo mandando os mais ligeiros da aldeia, Abell não conseguiria trazer nem metade deles de volta antes de aqueles Trollocs saírem da mata.

Aquilo era fácil de resolver: era só pegar um clarim antigo que Cenn Buie tinha pendurado na parede, já quase preto de tão deslustrado, e emitir um sinal de três toques longos que até o pastor mais distante fosse capaz de ouvir. Também seria possível emitir sinais para outras coisas, naturalmente, como mandar todos aos seus lugares caso houvesse um ataque iminente. Era só questão de saber quando haveria um ataque iminente. Bain, Chiad e os Guardiões se revelaram bastante satisfatórios como sentinelas, mas quatro não era o suficiente, então era preciso encontrar bons lenhadores e rastreadores e equipá-los com cavalos, para que pudessem chegar a Campo de Emond antes de qualquer Trolloc que avistassem.

Depois disso, Buel Dowtry precisou ser acalmado. O velho flecheiro, de cabelos brancos e nariz aquilino feito a ponta de uma lança, sabia muito bem que a maioria dos fazendeiros costumava fabricar as próprias flechas, mas estava determinado a não deixar ninguém ajudá-lo ali na aldeia, como se tivesse condições de preencher sozinho todas as aljavas. Perrin não soube ao certo como conseguiu suavizar a irritação de Buel, mas acabou dando um jeito de deixar o sujeito ensinando alegremente um bando de garotos a amarrar e colar as flechas de pena de ganso.

Eward Candwin, o corpulento tanoeiro, tinha um problema diferente. Com tanta gente precisando de água, o homem tinha mais baldes e barris a fazer do que daria conta em semanas sozinho. Não foi preciso muito tempo para encontrar mãos confiáveis pelo menos para chanfrar pedaços de pau, porém, logo veio mais gente, com perguntas e questões para as quais pareciam achar que Perrin era o único que tinha as respostas. Desde onde pôr fogo nos corpos dos Trollocs mortos até se era seguro retornar às fazendas para resgatar o que fosse possível. A essa última pergunta, sempre que surgia, ele respondia com um firme "não" — e ela era mais frequente do que qualquer outra, feita por homens e mulheres que encaravam de cenho franzido a fumaça que subia pelo campo — mas na maioria das vezes ele apenas retrucava perguntando qual o sujeito achava que seria a melhor solução e o mandava fazer exatamente aquilo. Poucas vezes foi de fato necessário fornecer alguma resposta; o povo sabia o que fazer, mas tinha a ideia besta de que era preciso perguntar a ele.

Dannil, Ban e os outros o encontraram e insistiram em ficar na cola dele com aquele estandarte, como se o outro, imenso, que havia no topo do Campo não fosse bastante, até que ele resolveu mandá-los vigiar os homens que haviam voltado para derrubar mais árvores na Floresta do Oeste. Parecia que Tam lhes contara alguma história a

respeito de algo chamado os Companheiros, em Illian, soldados que cavalgavam com o general de um exército illianense e eram atirados em qualquer batalha que estivesse pegando fogo. Tam, logo ele! Pelo menos o grupo levou junto o estandarte. Perrin se sentia um completo imbecil com aquela coisa o perseguindo.

No meio da manhã apareceu Luc, todo louro e cheio de arrogância, com leves meneios de cabeça em resposta a uns poucos cumprimentos, embora o que levasse alguém a querer cumprimentá-lo fosse um mistério. Ele trazia um troféu, que puxou de uma bolsa de couro e ajeitou em cima de uma lança, bem na beirada do Campo, para que todos olhassem, boquiabertos. A cabeça sem olhos de um Myrddraal. O sujeito estava bastante modesto, de um jeito meio condescendente, mas deixou escapar que havia matado o Desvanecido ao dar de cara com um bando de Trollocs. Um admirado séquito o levou para ver a cena da batalha que ocorrera ali — estavam chamando assim — onde cavalos arrastavam Trollocs para imensas piras que já mandavam para cima colunas de fumaça negra e oleosa. Luc também admirava tudo, respeitoso, fazendo apenas uma ou duas críticas em relação à distribuição que Perrin fizera de seus homens; fora essa a história que o povo de Dois Rios contara, sobre Perrin formando todo mundo em fila e dando ordens que decerto jamais dera.

Para Perrin, Luc abriu um sorriso superior de aprovação.

— Você foi muito bem, meu rapaz. Teve sorte, é claro, mas existe mesmo uma coisa chamada sorte de principiante, não é?

Quando o homem se recolheu para o quarto na estalagem Fonte de Vinho, Perrin pegou a cabeça e a enterrou. Não era coisa para o povo ficar olhando, ainda mais as crianças.

As perguntas se estenderam ao longo do dia, que foi se arrastando, até que Perrin de repente percebeu que o sol já estava bem no alto do céu e ele não havia comido nada. Seu estômago estava mandando recados.

— Senhora al'Caar — começou ele, de cima do estribo, em um tom cansado, chamando a mulher de rosto comprido. — Acho que as crianças podem brincar em qualquer lugar, desde que alguém fique de olho para evitar que elas avancem para além das últimas casas. Luz, mulher, a senhora sabe disso. É claro que conhece as crianças bem mais do que eu! Do contrário, como teria conseguido criar os seus quatro? — O mais novo dela era seis anos mais velho do que ele!

Nela al'Caar franziu o cenho e balançou a cabeça, sacudindo a trança de mechas grisalhas. Por um instante ele pensou que a mulher fosse lhe dar um cascudo por falar com ela daquele jeito. Ele quase desejou que ela o fizesse, para ser diferente de todos os outros que queriam a opinião dele para tudo.

— É claro que conheço as crianças — disse ela. — Só quero garantir que tudo seja feito da forma que você desejar. Vai ser assim, então.

Com um suspiro, ele apenas esperou a mulher dar as costas para virar a rédea de Galope na direção da estalagem Fonte de Vinho. Duas ou três vozes o chamaram, mas ele se recusou a dar ouvidos. Da forma que ele desejasse. Qual era o problema daquela gente? O povo de Dois Rios não agia daquele jeito. Sem dúvida não os campeiros. Arrumavam confusão com tudo. Os debates diante do Conselho da Aldeia, ou entre os integrantes do Conselho, tinham de chegar às vias de fato antes de gerar falatório. E, ainda que o Círculo das Mulheres acreditasse ter mais cautela com as próprias questões, não havia um homem que não soubesse o que significavam mulheres de dentes cerrados pisando firme, de tranças eriçadas, feito rabos de gatos nervosos.

O que eu desejo?, pensou, irritado. *O que eu desejo é algo para comer, um lugar onde ninguém venha tagarelar no meu ouvido.* Ao pisar diante da estalagem, cambaleou e pensou que poderia acrescentar uma cama a essa listinha. Era apenas meio-dia, Galope estava fazendo todo o trabalho, e ele já se sentia cansado até os ossos. Talvez Faile tivesse razão, afinal de contas. Talvez ir atrás de Loial e Gaul fosse mesmo má ideia.

Quando Perrin adentrou o salão, a Senhora al'Vere deu uma olhadela nele e quase o empurrou em uma cadeira, com um sorriso maternal.

— Já está na hora de você parar um pouco de dar ordens por aí — disse ela, com firmeza. — Campo de Emond pode muito bem sobreviver uma hora por conta própria, enquanto você põe um pouco de comida para dentro. — Ela saiu, apressada, antes que ele conseguisse retrucar que Campo de Emond podia muito bem sobreviver sem ele, ponto.

O salão estava quase vazio. Natti Cauthon estava sentada a uma mesa, enrolando pedaços de atadura e montando uma pilha, mas sem tirar o olho das filhas, do outro lado do salão, embora ambas já tivessem idade para usar tranças. O motivo era muito simples. Bo e Eldrin estavam sentadas uma de cada lado de Aram, incentivando o latoeiro a comer. Dando comida na boca, na verdade, e limpando o queixo do homem. Pelo jeito com que sorriam para o sujeito, Perrin ficou surpreso em não ver Natti à mesa com as duas, de tranças ou não. O rapaz era bonito, ele achava; talvez até mais do que Wil al'Seen. Bo e Eldrin sem dúvida pensavam o mesmo. Aram, por sua vez, retribuía os sorrisos de vez em quando — as duas mocinhas eram belas e bem-feitas de corpo; o homem teria de ser cego para não enxergar, e Perrin não imaginava que Aram não tivesse olhos para

belas garotas — porém mal engolia uma colherada sem cravar os olhos arregalados nas lanças e armas de haste apoiadas nas paredes. Para um Tuatha'an devia ser uma visão terrível.

— A Senhora al'Vere falou que você finalmente se cansou da sela — disse Faile, irrompendo pela porta da cozinha. Espantosamente, usava um avental branco comprido, feito o de Marin; as mangas da blusa estavam dobradas até os cotovelos, e ela tinha as mãos sujas de farinha. Como se de repente se desse conta daquilo, ela arrancou o avental, limpando as mãos nele depressa, e pendurou-o no encosto de uma cadeira. — Nunca assei nada antes — disse, baixando as mangas e juntando-se a ele. — Misturar massa de farinha é muito divertido. Acho que vou querer fazer de novo um dia desses.

— Se você não assar — respondeu ele — como é que a gente vai comer pão? Não pretendo passar a vida inteira viajando, comprando comida nem comendo o que conseguir capturar em armadilhas e acertar com arco e funda.

Ela sorriu, como se ele tivesse dito algo muito amável, mas nem por um decreto ele foi capaz de enxergar o quê.

— A cozinheira vai assar, é claro. Imagino que uma das ajudantes, na verdade, mas a cozinheira vai supervisionar.

— A cozinheira — murmurou ele, balançando a cabeça. — Ou uma das ajudantes. Claro. Como é que não pensei nisso?

— O que foi que houve, Perrin? Você parece preocupado. Acho que as defesas estão tão reforçadas quanto é possível sem uma muralha.

— Não é isso. Faile, esse negócio de Perrin Olhos-Dourados está saindo de controle. Não sei quem eles pensam que sou, mas ficam me perguntando o que fazer, se está tudo certo, quando já sabem o que deve ser feito, quando são capazes de descobrir se pararem para pensar por dois minutos.

Ela analisou o rosto dele por um longo instante, com aqueles olhos oblíquos e escuros, então disse:

— Quantos anos faz desde que a Rainha de Andor de fato governou isso aqui?

— A Rainha de Andor? Não sei ao certo. Uns cem, talvez. Duzentos. O que é que isso tem a ver?

— Esse povo não se lembra de como é lidar com uma rainha… ou um rei. Estão tentando descobrir. Você precisa ter paciência com eles.

— Rei? — disse, em um tom fraco. Deixou a cabeça desabar nos braços, em cima da mesa. — Ah, Luz!

Com uma risadinha, Faile lhe afagou os cabelos.

— Bom, talvez não isso. Duvido muito que Morgase aprovaria. Um líder, pelo menos. Mas ela sem dúvida aprovaria um homem que recuperasse terras que seu trono não controla há mais de cem anos.

Ela certamente faria desse homem um lorde. Perrin da Casa Aybara, Lorde de Dois Rios. Soa muito bem.

— Dois Rios não precisa de lorde nenhum — respondeu ele, com um grunhido, debruçado na mesa de carvalho. — Nem de reis nem de rainhas. Somos homens livres!

— Homens livres também podem precisar — respondeu ela, com doçura. — Quase todos os homens desejam acreditar em algo maior do que eles mesmos, algo mais vasto que seus próprios campos. É por isso que existem as nações, Perrin, e os povos. Até Raen e Ila se consideram parte de algo maior do que as caravanas que conduzem. Eles perderam os carroções e quase toda a família e os amigos, mas outros Tuatha'an ainda buscam a canção, e eles também vão voltar a buscar, porque pertencem a algo maior do que alguns carroções.

— Isso aqui é de quem? — perguntou Aram subitamente.

Perrin levantou a cabeça. Viu o jovem latoeiro de pé, encarando incomodado as lanças apoiadas nas paredes.

— Elas são de quem quiser, Aram. Ninguém vai machucar você com nenhuma dessas, pode acreditar. — Ele não soube ao certo se Aram havia acreditado, pelo jeito como o rapaz começou a caminhar lentamente pelo salão, com as mãos enfiadas nos bolsos, olhando de soslaio as lanças e alabardas.

Perrin ficou mais do que grato em cravar os talheres no prato de assado de ganso fatiado que Marin trouxe, com nabos, ervilhas e um bom pão de crosta crocante. Ou teria cravado, pelo menos, se Faile não tivesse lhe enfiado um guardanapo com bordados floridos na camisa, feito um babador, e afanado garfo e faca das mãos dele. Ela parecia achar graça em dar comida na boca de Perrin, feito Bo e Eldrin haviam feito com Aram. As meninas Cauthon deram risadinhas para ele, e Natti e Marin também exibiam sorrisinhos. Perrin não enxergava o que havia de tão engraçado. No entanto, estava disposto a acatar a vontade de Faile, ainda que comer sozinho tivesse sido mais fácil. Ela o fazia esticar o pescoço para pegar a comida no garfo.

Aram, em passadas lentas, deu três voltas em torno do salão antes de parar bem ao pé da escada, encarando o barril de espadas. Então se aproximou e puxou uma delas do amontoado, erguendo-a, meio sem jeito. O cabo envolto em couro era tão comprido que era possível segurá-lo com ambas as mãos.

— Posso usar essa aqui? — perguntou ele.

Perrin quase engasgou.

Alanna surgiu no topo da escada, acompanhada por Ila; a mulher Tuatha'an tinha uma expressão cansada, mas já não se via o hematoma em seu rosto.

— … a melhor coisa é dormir — dizia a Aes Sedai. — O que o perturba mais é a lembrança, e isso eu não consigo Curar.

Os olhos de Ila pararam no neto, no que ele segurava, e a mulher gritou como se aquela lâmina tivesse sido cravada em sua carne.

— Não, Aram! Nãããooo! — A mulher quase caiu, na ânsia de descer as escadas, e atirou-se em cima de Aram, tentando arrancar a espada das mãos dele. — Não, Aram — dizia, desesperada. — Não faça isso. Ponha isso no chão. O Caminho da Folha. Não faça isso! O Caminho da Folha! Por favor, Aram! Por favor!

Aram dançava com a mulher, defendendo-se, meio desajeitado, tentando afastar dela a espada.

— Por que não? — gritou ele, cheio de raiva. — Eles mataram a mamãe! Eu vi! Eu poderia ter impedido, se tivesse uma espada. Eu poderia ter salvado a minha mãe!

As palavras partiram o coração de Perrin. Um latoeiro com uma espada era algo anormal, quase o bastante para lhe arrepiar os pelos da nuca, mas aquelas palavras… a mãe dele.

— Deixe o rapaz quieto — disse, com mais rispidez do que pretendia. — Todo homem tem o direito de se defender, de defender sua… ele tem o direito.

Aram estendeu a espada para Perrin.

— Você pode me ensinar a usar?

— Eu não sei usar — respondeu Perrin. — Mas você pode encontrar alguém.

Lágrimas corriam pelo rosto de Ila.

— Os Trollocs levaram a minha filha — disse ela, aos soluços, o corpo inteiro tremendo — e todos os meus netos, menos um, e agora você está levando o último. Ele está Perdido, e por culpa sua, Perrin Aybara. Você já é um lobo, em seu coração, e agora ele também vai virar um. — A mulher se virou e subiu de volta os degraus, cambaleante, ainda soluçando.

— Eu poderia ter salvado a mamãe! — gritou Aram para ela. — Avó! Eu poderia! — Ela não olhou para trás, e, ao vê-la desaparecer no corredor, o rapaz desabou sobre o corrimão, chorando. — Eu poderia, vovó. Eu poderia ter salvado…

Perrin percebeu que Bo também chorava, com o rosto enfiado nas mãos, e as outras mulheres o encaravam de cenho franzido, como se ele tivesse feito algo errado. Não, não todas. Alanna, do alto da escada, o observava com aquela calma indecifrável de Aes Sedai, e Faile exibia uma expressão igualmente impassível.

Ele limpou a boca, largou o guardanapo na mesa e se levantou. Ainda havia tempo de dizer a Aram que largasse a espada e fosse pedir perdão a Ila. Tempo de dizer a ele… O quê? Que talvez, da próxima vez, ele não estivesse presente para assistir à morte de seus entes queridos? Que talvez ele pudesse apenas retornar para procurar suas covas?

Ele pousou a mão no ombro de Aram, e o homem se encolheu, envolvendo a espada como se esperasse que Perrin fosse tomá-la. O cheiro do latoeiro trazia diversas emoções: medo, ódio e uma tristeza profunda. Perdido, foi assim que Ila o chamara. O olhar dele estava perdido.

— Limpe o rosto, Aram. Depois vá encontrar Rand al'Thor. Diga que eu pedi a ele para lhe ensinar a usar a espada.

O outro homem ergueu a cabeça, lentamente.

— Obrigado — gaguejou, esfregando as lágrimas do rosto com a manga. — Obrigado. Nunca vou me esquecer disso. Nunca. Eu juro. — Subitamente ele ergueu a espada e beijou a lâmina reta; o pomo do cabo tinha o formato de uma cabeça de lobo. — Eu juro. Não é assim que se faz?

— Suponho que sim — respondeu Perrin, pesaroso, se perguntando qual seria a razão do pesar. O Caminho da Folha era uma bela crença, como um sonho de paz, mas, assim como o sonho, não resistiria à violência. Ele não conhecia nenhum lugar assim. Era um sonho para outro homem, em outro lugar. Em outra Era, talvez. — Vá, Aram. Você tem muito o que aprender, e talvez não haja muito tempo. — Ainda balbuciando agradecimentos, o latoeiro não esperou que as lágrimas secassem para sair correndo da estalagem, erguendo com ambas as mãos a espada diante de si.

Ciente da cara de desprezo de Eldrin, das mãos de Marin na cintura e da carranca de Natti, sem mencionar o choro de Bo, Perrin retornou à cadeira. Alanna havia saído do topo da escada. Faile o observou pegar o garfo e a faca.

— Você desaprova? — perguntou ele, baixinho. — Um homem tem o direito de se defender, Faile. Até mesmo Aram. Ninguém pode obrigá-lo a seguir o Caminho da Folha se ele não quiser.

— Eu não gosto de ver você sofrer — disse ela, bem baixinho.

Ele parou de cortar o pedaço de ganso. Sofrer? Aquele sonho não era para ele.

— Só estou cansado — respondeu, com um sorriso. Não achou que ela tivesse acreditado.

Antes que ele tivesse tempo de dar a segunda garfada, Bran enfiou a cabeça pela porta da frente. Usava outra vez o elmo tosco.

— Cavaleiros chegando pelo norte, Perrin. Muitos cavaleiros. Acho que devem ser os Mantos-brancos.

Faile deu um salto ao mesmo tempo em que Perrin se levantou, e quando ele surgiu do lado de fora montado em Galope, com o Prefeito resmungando sozinho sobre o que pretendia dizer aos Mantos-brancos, ela saiu pela lateral da estalagem, conduzindo a égua negra. Havia mais gente correndo para o norte do que concentrada em suas tarefas. Perrin não estava com muita pressa. Os Filhos da Luz poderiam muito

bem ter chegado para levá-lo preso. Provavelmente era isso. Ele não pretendia ser algemado, mas não estava ansioso para pedir ao povo que lutasse com os Mantos-brancos por causa dele. Avançou atrás de Bran e juntou-se ao fluxo de homens, mulheres e crianças que cruzavam a Ponte do Carroção sobre o rio Fonte de Vinho, com os cascos de Galope e Andorinha ressoando nas tábuas pesadas. Uns poucos salgueiros compridos cresciam ali, à beira d'água. A ponte marcava o início da Estrada do Norte, depois seguia adiante para Colina da Vigília e além. Algumas das colunas de fumaça a distância haviam se transformado em filetes, sobre as fogueiras que se esvaíam.

No ponto onde a estrada se afastava da aldeia, ele encontrou um par de carroções a bloqueá-la e homens cheirando a ansiedade reunidos atrás de estacas afiadas cravadas no chão, com arcos, lanças e afins, conversando em murmúrios, todos amontoados para observar o que vinha pela estrada: uma longa fileira dupla de cavaleiros de mantos brancos seguiam deixando uma nuvem de poeira, os capacetes cônicos e as placas e malhas polidas, reluzentes a cintilar sob o sol da tarde, as lanças com ponta de aço todas inclinadas na mesma angulação. Na liderança vinha um jovem, empertigado e de rosto severo, que era vagamente familiar a Perrin. Com a chegada do Prefeito, o burburinho cessou no mesmo instante. Ou talvez tivesse sido a chegada de Perrin que causou o silêncio.

A cerca de duzentas passadas das estacas, o homem de rosto severo ergueu a mão, e a primeira coluna parou, com a ordem ecoando pelas fileiras. Ele avançou na companhia de apenas meia dúzia de Mantos-brancos, correndo o olhar pelos carroções, as estacas afiadas e os homens atrás. A atitude indicava alguém importante, mesmo sem os nós de patente sob o raio de sol flamejante que havia em seu manto.

Luc surgiu de algum lugar, resplandecente sobre o garanhão negro de pelo brilhoso, vestido em lã vermelha com bordados dourados. Talvez fosse muito natural que o oficial dos Mantos-brancos escolhesse se dirigir a Luc, embora seus olhos escuros continuassem a sondar.

— Eu sou Dain Bornhald — anunciou o homem, puxando as rédeas — Capitão dos Filhos da Luz. Os senhores prepararam isso para nós? Ouvi dizer que Campo de Emond está fechado para os Filhos, sim? É claro que uma aldeia da Sombra estaria fechada aos Filhos da Luz.

Dain Bornhald, não Geofram. Seu filho, talvez. Não que fizesse diferença. Perrin supôs que tanto um quanto o outro fossem tentar levá-lo preso. Como esperado, o olhar de Bornhald passou batido por ele, depois retornou depressa. O homem pareceu ter sido tomado por um espasmo; uma das mãos protegidas por manoplas avançou até a

espada, os lábios contraídos em um rosnado silencioso, e por um instante Perrin achou que o sujeito estivesse prestes a atacá-lo, dando um pinote com o cavalo em direção à barreira de tocos pontudos para alcançá-lo. O homem parecia nutrir um ódio pessoal por Perrin. De perto, aquele rosto guardava um toque de indolência, um brilho nos olhos que Perrin se recordava de ver em Bili Congar. Achou que sentia cheiro de conhaque.

O homem de rosto encovado ao lado de Bornhald era mais do que familiar. Perrin jamais esqueceria aqueles olhos fundos, feito duas brasas negras. Alto, abatido e duro feito uma bigorna. Jaret Byar de fato o encarava com ódio. Quer Bornhald fosse ou não um fanático, Byar sem dúvida era.

Luc aparentemente teve o bom senso de não tentar usurpar o lugar de Bran — ele de fato se preocupou mais em examinar a fileira de Mantos-brancos depois que a poeira baixou, revelando mais Filhos ao longo da estrada — para desgosto de Perrin, porém Bran o encarou — o aprendiz de ferreiro — e esperou seu meneio de cabeça antes de responder. O *Prefeito*! Bornhald e Byar claramente perceberam a movimentação silenciosa.

— Campo de Emond não está exatamente fechado para os senhores — respondeu Bran, empertigado, com a lança apoiada na lateral do corpo. — Nós decidimos nos defender sozinhos, e hoje de manhã conseguimos. Se quiserem ver nosso trabalho, olhem ali. — Ele apontou na direção da fumaça que se erguia das piras dos Trollocs. Um odor adocicado e enjoativo de carne queimada pairava, mas ninguém além de Perrin parecia notar.

— Vocês mataram alguns Trollocs? — perguntou Bornhald com desdém. — Sua sorte e habilidade me impressionam.

— Mais do que alguns! — gritou alguém do povo de Dois Rios. — Centenas!

— Foi uma batalha! — gritou mais alguém, e outras dúzias se manifestaram, raivosas, uma por cima da outra.

— Nós lutamos e vencemos!

— Onde é que vocês estavam?

— Podemos nos defender sem nenhum Manto-branco!

— Dois Rios!

— Dois Rios e Perrin Olhos-Dourados!

— Olhos-Dourados!

— Olhos-Dourados!

Leof, que deveria estar protegendo os lenhadores, começou a abanar o estandarte carmesim com a cabeça de lobo.

O olhar de Bornhald, fervente de ódio, era dirigido a todos os homens, mas Byar aproximou do grupo o capão baio, rosnando.

— Vocês, fazendeiros, pensam que sabem lutar? — vociferou

ele. — Ontem à noite uma das suas aldeias quase foi eliminada por Trollocs! Esperem só até eles chegarem aos montes e vão desejar que suas mães nunca tivessem beijado seus pais! — Com um gesto cansado de Bornhald, o homem se calou, feito um sabujo treinado obedecendo ao mestre, mas suas palavras aquietaram o povo de Dois Rios.

— Que aldeia? — A voz de Bran exibia ao mesmo tempo dignidade e preocupação. — Todos nós conhecemos gente em Colina da Vigília e em Trilha de Deven.

— Colina da Vigília não foi atingida — respondeu Bornhald — e eu não sei nada a respeito da Trilha de Deven. Hoje de manhã um cavaleiro me trouxe a notícia de que Barca do Taren não existe mais. Se tiverem amigos por lá, muita gente conseguiu escapar pelo rio. Pelo rio. — O homem contraiu o rosto por um instante. — Eu mesmo perdi quase cinquenta bons soldados.

A notícia produziu alguns murmúrios de desagrado; ninguém gostava de ouvir aquele tipo de coisa, mas, por outro lado, ninguém ali conhecia gente de Barca do Taren. Decerto jamais haviam ido tão longe.

Luc avançou com seu cavalo, e o garanhão tentou morder Galope. Perrin segurou forte a rédea do animal antes que os dois começassem a brigar, porém Luc não pareceu perceber, nem se importar.

— Barca do Taren? — perguntou, a voz inexpressiva. — Os Trollocs atacaram Barca do Taren ontem à noite?

Bornhald deu de ombros.

— Eu falei, não falei? Parece que os Trollocs enfim decidiram invadir as aldeias. Que sorte vocês aqui terem sido avisados a tempo de preparar essa excelente defesa. — Ele correu o olhar pela cerca de estacas e pelos homens atrás dela antes de encarar Perrin.

— O homem chamado Ordeith estava em Barca do Taren ontem à noite? — perguntou Luc.

Perrin o encarou. Ele não sabia que Luc sequer conhecia Padan Fain, ou o nome que o sujeito usava agora. Mas as pessoas falavam, ainda mais quando alguém conhecido como mascate retornava cheio de autoridade entre os Mantos-brancos.

A reação de Bornhald foi tão estranha quanto a pergunta. Seus olhos cintilaram, destilando um ódio tão forte quanto o demonstrado por Perrin, mas seu rosto empalideceu, e ele esfregou os lábios com o dorso da mão, como se tivesse esquecido que estava usando manoplas de aço.

— O senhor conhece Ordeith? — perguntou, inclinando-se para a sela de Luc.

Foi a vez do Lorde dar de ombros, com um ar despretensioso.

— Já o vi aqui e ali, desde que vim para Dois Rios. Um homem de péssima reputação, e os que o seguem não vão muito além. O tipo que

me parece descuidado o bastante para permitir o sucesso de uma incursão de Trollocs. Ele estava lá? Se estava, esperemos que tenha morrido por conta dessa asneira. Caso contrário, esperemos que o senhor o tenha trazido até aqui, bem debaixo dos seus olhos.

— Eu não sei onde ele está — retrucou Bornhald, bruscamente. — E nem me importo! Não vim até aqui para falar de Ordeith! — O cavalo deu um pinote, nervoso, quando Bornhald ergueu a mão e apontou para Perrin. — Você está preso como Amigo das Trevas. Será levado até Amador, e lá será interrogado sob o Domo da Verdade.

Byar encarou seu Capitão, incrédulo. Por detrás da barreira que separava os Mantos-brancos dos homens de Dois Rios se elevaram murmúrios de raiva; lanças e alabardas foram empunhadas, arcos, erguidos. Os Mantos-brancos mais distantes começaram a se dispersar, em uma fileira reluzente, sob os gritos de ordem de um sujeito tão grande dentro da armadura quanto Mestre Luhhan, deslizando as lanças para os suportes das selas, desencaixando os arcos curtos de montaria. Àquela distância, eles conseguiriam pouco mais do que proteger a fuga de Bornhald e seus homens, caso de fato resolvessem fugir, porém Bornhald parecia ignorar o perigo, ou qualquer outra coisa que não fosse Perrin.

— Não vai haver prisão nenhuma — retrucou Bran com rispidez. — Nós decidimos isso. Ninguém mais vai preso sem que haja uma prova do crime, e uma prova em que *nós* acreditemos. Os senhores jamais vão conseguir me convencer de que Perrin é Amigo das Trevas, então é melhor baixarem as armas.

— Ele traiu meu pai e o levou à morte em Falme — gritou Bornhald. A raiva o consumia. — Ele o atirou para Amigos das Trevas e bruxas de Tar Valon que assassinaram mil Filhos com o Poder Único! — Byar assentia vigorosamente.

Alguns dos homens de Dois Rios se movimentavam, indecisos; havia rumores a respeito do que Verin e Alanna tinham feito aquela manhã, e os falatórios sempre aumentavam os fatos. Fosse lá o que pensassem de Perrin, as centenas de histórias sobre Aes Sedai, quase todas falsas, facilitavam a crença de que elas haviam destruído mil Mantos-brancos. E, se o povo acreditasse nisso, talvez chegasse a acreditar no restante.

— Eu não traí ninguém — respondeu Perrin em um tom de voz alto, para que todos ouvissem. — Se o seu pai morreu em Falme, os que o mataram se chamam Seanchan. Não sei se eles são Amigos das Trevas, mas sei que usam o Poder Único nas batalhas.

— Mentiroso! — Bornhald chegava a cuspir. — Os Seanchan são uma história inventada pela Torre Branca para encobrir suas mentiras imundas! Você é Amigo das Trevas!

Bran balançou a cabeça, espantado, empurrando para o lado o elmo para coçar a franja grisalha.

— Eu não sei nada sobre esses… Seanchan? Sobre esses Seanchan. O que eu sei é que Perrin não é Amigo das Trevas, e os senhores não vão prender ninguém.

A situação estava ficando mais perigosa a cada minuto, Perrin percebeu. Byar viu, deu um puxão no braço de Bornhald e sussurrou algo para ele, mas o capitão dos Mantos-brancos não iria recuar, ou talvez não pudesse, agora que tinha Perrin bem diante de seus olhos. Bran e os homens de Dois Rios também estavam com os pés bem firmes no chão; talvez não estivessem dispostos a permitir que os Mantos-brancos o levassem preso, nem se ele confessasse tudo o que Bornhald alegava. A menos que alguém jogasse água depressa, tudo iria explodir feito um punhado de palha seca em uma fogueira de forja.

Ele odiava ter de pensar depressa. Loial tinha razão. A afobação só trazia problemas. Porém, acreditava estar vislumbrando uma saída.

— Está disposto a adiar um pouco a minha prisão, Bornhald? Até derrotarmos os Trollocs? Eu não vou a lugar nenhum até então.

— Por que é que eu deveria fazer isso? — O homem estava cego de ódio. Se ele seguisse adiante, muitos morreriam, inclusive ele, provavelmente, e o sujeito não enxergava. Era inútil tentar convencê-lo. Em vez disso, Perrin perguntou:

— O senhor não viu todas as fazendas pegando fogo hoje de manhã? — Fez um gesto que abrangia todas as colunas de fumaça, já minguando. — Olhe em volta. O senhor mesmo disse. Os Trollocs não ficam mais satisfeitos em atacar uma ou duas fazendas toda noite. Estão atacando aldeias. Se os senhores tentarem voltar para a Colina da Vigília, pode ser que não consigam chegar lá. Já tiveram sorte de chegar tão longe. Mas, se vocês ficarem aqui, em Campo de Emond… — Bran se aproximou dele, e outros homens gritaram "não" bem alto; Faile aproximou-se e lhe tomou o braço, mas ele ignorou todos. — Vocês vão saber onde eu estou, e seus soldados serão bem-vindos para auxiliar as nossas defesas.

— Tem certeza disso, Perrin? — perguntou Bran, agarrando o estribo de Galope. Do outro lado, Faile disse, em tom de urgência:

— Não, Perrin! É um risco muito grande. Você não pode… quer dizer… por favor, não… Ah, que a Luz me queime até virar cinzas! Você *não pode* fazer uma coisa dessas!

— Não vou colocar homens uns contra os outros, se conseguir impedir — respondeu ele, com firmeza. — Não vamos fazer o trabalho dos Trollocs por eles.

Faile praticamente empurrou o braço dele. Com uma expressão de desprezo para Bornhald, tirou uma pedra pontuda da bolsa e uma faca

de algum lugar e começou a amolar a lâmina, com um som suave de *vush-vush-vush*.

— Hari Coplin não vai saber o que pensar agora — disse Bran, em um tom irônico. Endireitou o capacete redondo, virou-se de novo para os Mantos-brancos e fincou a ponta da lança no chão. — Os senhores ouviram as condições dele. Agora ouçam as minhas. Se vierem para Campo de Emond, não vão prender ninguém sem o aval do Conselho da Aldeia, o que não terão, então não vão prender ninguém. Não vão entrar na casa de ninguém sem serem convidados. Não vão arrumar problemas, e se juntarão às defesas quando e onde lhes for mandado. E eu não quero nem sentir o *cheiro* da Presa do Dragão! Os senhores concordam? Se não concordarem, podem retornar de onde vieram. — Byar encarava o homem rechonchudo, como se tivesse acabado de ver uma ovelha se erguer nas patas traseiras e chamá-lo para a briga.

Bornhald não tirava os olhos de Perrin.

— Feito — disse, por fim. — Até que a ameaça dos Trollocs acabe, trato feito! — Ele deu um puxão violento no cavalo e galopou de volta em direção à fileira de homens, com o manto branco drapejando atrás de si.

Quando o Prefeito ordenou que os carroções fossem movidos, Perrin percebeu que Luc o encarava. O sujeito estava afundado na sela, com a mão lânguida sobre o punho da espada, os olhos azuis cheios de satisfação.

— Achei que fosse fazer objeção — disse Perrin — pela forma como ouvi dizer que anda repudiando os Mantos-brancos na frente do povo.

Luc estendeu as mãos placidamente.

— Se essa gente quer viver no meio dos Mantos-brancos, que vivam no meio dos Mantos-brancos. Mas você precisa ter cuidado, jovem Olhos-Dourados. Eu entendo um pouco sobre acolher um inimigo no nosso seio. Ele crava a espada mais depressa quando está por perto. — Com uma risada, o homem guiou o garanhão de volta à aldeia, entre a multidão.

— Ele tem razão — disse Faile, ainda amolando a faca na pedra. — Talvez esse Bornhald mantenha a palavra de não prender você, mas o que impede um dos homens dele de lhe cravar uma faca pelas costas? Você não devia ter feito isso.

— Eu tive que fazer — retrucou ele. — É melhor do que fazer o trabalho dos Trollocs.

Os Mantos-brancos começaram a entrar, encabeçados por Bornhald e Byar. Os dois o encaravam com um ódio incessante, e também os outros, avançando aos pares… olhos frios e duros em rostos frios e duros se viravam para encará-lo. Não o odiavam, mas

olhavam para ele e enxergavam um Amigo das Trevas. E Byar, pelo menos, era capaz de qualquer coisa.

Ele precisara fazer aquilo, mas pensou que talvez não fosse uma ideia tão ruim deixar Dannil, Ban e os outros o acompanharem como desejavam. Não conseguiria dormir sossegado sem alguém de vigia na porta. Guardas. Feito uma porcaria de um lorde. Pelo menos Faile ficaria contente. Se ao menos conseguisse dar um jeito de convencê-los a largar aquele estandarte…

46



Véus

A multidão se adensava nas ruas estreitas e sinuosas de Calpene, próximas ao Grande Círculo. O motivo era a fumaça das inúmeras fogueiras de cozinha que se erguia por sobre as muralhas brancas. O odor acre de fumaça, comida e suor velho pairava pesado no ar úmido da manhã e, somado ao choro de crianças e ao burburinho indistinto comum em grandes multidões, abafava o canto agudo das gaivotas que sobrevoavam o local. Fazia tempo que as lojas daquela área haviam fechado de vez as grades de suas portas.

Enojada, Egeanin seguia a pé por entre as pessoas. Era terrível ver que a desordem tomara conta da cidade a ponto de os refugiados miseráveis se apoderarem dos círculos, dormindo nos bancos de pedra. Era tão ruim quanto os governantes permitirem que o povo passasse fome. Ela deveria estar satisfeita, pois aquela gente desalentada nunca resistiria à *Corenne*, e então a ordem seria restaurada, mas odiava olhar aquilo tudo.

A maioria do povo maltrapilho à sua volta parecia apática demais para reparar em uma mulher de vestido de montaria azul, limpo e bem cerzido, de corte simples, porém de seda. Homens e mulheres em trajes que já tinham sido refinados, mas que agora estavam sujos e amarrotados, apareciam vez ou outra entre a multidão, por isso talvez ela não se destacasse tanto. Os poucos que pareciam se perguntar se aquelas roupas seriam sinônimo de dinheiro no bolso eram dissuadidos pela competência com que ela carregava o pesado cajado da sua altura. Guardas, cadeiras e carregadores tiveram de ser dispensados, naquele dia. Floran Gelb sem dúvida teria percebido que

estava sendo seguido pelo grupo. Pelo menos o vestido de saias divididas lhe dava um pouco de liberdade de movimento.

Não perder de vista o homenzinho esquivo era fácil até mesmo no meio de toda aquela gente, apesar de ser necessário desviar de carros de boi ou de algum carroção, a maioria puxada por homens sem camisa suando em bicas, não por animais. Gelb e sete ou oito companheiros, todos homens corpulentos e de feições duras, avançavam juntos, atropelando o povo com empurrões, e uma profusão de xingamentos acompanhava o bando. Os sujeitos a faziam fervilhar de raiva. Gelb pretendia tentar mais um sequestro. Encontrara três mulheres, desde que Egeanin lhe enviara o ouro requisitado, todas apenas um pouco parecidas com as da lista, e reclamara por todas as recusadas. Ela jamais deveria ter pagado o homem por aquela primeira que ele apanhara na rua. A cobiça e a lembrança do ouro aparentemente haviam apagado a reprimenda arrasadora que viera com a bolsa de dinheiro.

Gritos às suas costas a fizeram virar a cabeça e apertar o cajado com mais força. Um pequeno espaço se abrira na multidão, como acontecia quando ocorria algum problema. Um homem aos berros em um casaco em frangalhos, mas que um dia fora refinado, estava caído de joelhos no meio da rua, agarrando o braço direito dobrado em um ângulo não natural. Jogada por cima dele, protegendo-o com o próprio corpo, uma mulher chorosa de vestido verde esfarrapado gritava para um sujeito de véu que já se misturava à multidão:

— Ele só pediu uma moeda! Só pediu! — O povo voltou a se movimentar à volta deles.

Com uma careta, Egeanin virou as costas para a cena. E parou, soltando um xingamento que atraiu alguns olhares de espanto. Gelb e seus companheiros tinham desaparecido. Ela abriu caminho em direção a uma pequena fonte de pedra ao lado de uma adega de telhado plano, com um peixe de bronze cuspindo água, empurrou, rudemente duas das mulheres que enchiam cântaros e saltou para dentro da cúpula, ignorando os xingamentos indignados. De lá, dava para ver por cima das cabeças da multidão. Ruelas estreitas se espalhavam por todas as direções, entrelaçando as colinas. Curvas e construções de um branco caiado limitavam o campo de visão a menos de cem passadas, na melhor das hipóteses, mas Gelb não poderia ter ido mais longe do que isso naqueles poucos instantes.

Egeanin o encontrou de repente, escondido embaixo do umbral de uma porta a trinta passadas de distância, nas pontas dos pés para tentar espiar a rua. A partir daí foi muito fácil localizar os outros. Estavam encostados em prédios de ambos os lados da rua, tentando passar despercebidos. Não eram os únicos enfileirados nas paredes, mas, enquanto os outros se encolhiam, tomados pelo desânimo, seus

rostos de nariz quebrado e cheios de cicatrizes pareciam ansiosos.

Então era ali que ocorreria o sequestro. Sem dúvida ninguém interferiria, não mais do que o povo interferira quando o braço daquele sujeito fora quebrado. Mas quem seria levado? Se Gelb tivesse finalmente encontrado alguém da lista, Egeanin poderia ir embora e aguardar que ele fosse fazer a venda da mulher, aguardar a chance de ver se um *a'dam* de fato seria capaz de dominar outra *sul'dam* além de Bethamin. Entretanto, não pretendia enfrentar outra vez a escolha de degolar alguma infeliz ou mandá-la embora para ser vendida.

Havia muitas mulheres subindo a rua na direção de Gelb, a maioria usando tranças e com o rosto coberto por véus transparentes. Não precisou de muito para Egeanin descartar duas que iam em liteiras, com guarda-costas marchando ao lado. Os comparsas de Gelb não enfrentariam homens em um número próximo ao deles, nem enfrentariam espadas estando de mãos vazias. Seu alvo decerto não estaria acompanhado por mais de dois ou três homens, quando muito, e nenhum armado. Isso parecia incluir todas as outras mulheres à vista, fosse em andrajos, vestidos de camponesa de lã grossa ou no estilo mais justo adotado pelas tarabonianas.

De súbito, duas mulheres que viravam uma esquina ao longe, conversando, atraíram o olhar de Egeanin. Com os cabelos presos em tranças finas e rostos cobertos por véus transparentes, elas pareciam tarabonianas, mas se destacavam na multidão. Os escandalosos vestidos finos e drapeados, um verde, outro azul, eram de seda, não de linho ou trama fina de lã. Mulheres com trajes assim andavam em liteiras, não a pé. Ainda mais por ali. E também não levariam bastões nos ombros, feito tacos.

Egeanin descartou a de cabelos acobreados e analisou a outra. As tranças escuras iam quase até a cintura, comprimento pouco comum. Àquela distância, a mulher parecia muito com uma *sul'dam* chamada Surine. Mas não era Surine. A mulher não batia nem no queixo de Surine.

Resmungando entre dentes, Egeanin deu um salto para descer da fonte e começou a empurrar para abrir caminho pela massa de gente entre ela e Gelb. Com sorte, conseguiria alcançar o homem a tempo de mandá-lo abortar a missão. Aquele idiota. Aquele idiota ambicioso e ignorante!

— A gente devia ter alugado liteiras, Nynaeve — repetiu Elayne, perguntando-se pela centésima vez como as tarabonianas conseguiam conversar sem que o véu grudasse na boca. Cuspindo o tecido, acrescentou: — Vamos ter que usar essas coisas.

Um sujeito de rosto franzino avançava pela multidão em direção a elas, mas parou quando Nynaeve ergueu o bastão cilíndrico

ameaçadoramente.

— É para isso que essas coisas servem. — O olhar dela talvez tivesse desencorajado o homem. Ela afastou as tranças escuras dos ombros, desajeitada, e fez um som irritado. Elayne não sabia quando a amiga se acostumaria a não ter apenas uma trança grossa para puxar. — E os pés são para andar. Como conseguiríamos olhar as coisas e fazer perguntas sendo carregadas feito porcos à venda? Eu ia me sentir uma idiota nessas cadeirinhas bestas. De todo modo, prefiro confiar na minha própria inteligência do que na de homens que não conheço.

Elayne tinha certeza de que Bayle Domon teria providenciado homens de confiança. E o Povo do Mar sem dúvida faria isso. Preferia que o *Bailador das Ondas* não tivesse zarpado, mas a Mestra das Velas e sua irmã estavam ansiosas para espalhar a notícia do Coramoor por Dantora e Cantorin. Vinte guarda-costas teriam lhe caído muito bem.

Ela mais pressentiu do que sentiu algo roçando a bolsa em seu cinto; agarrou a bolsa com uma das mãos e deu um giro, erguendo o bastão. A multidão se afastou um tantinho ao redor, acotovelando-se, mas sem nem olhá-la. Porém, não havia sinal do suposto ladrão. Pelo menos ainda sentia as moedas dentro da bolsa. Se habituara a usar o anel da Grande Serpente e o *ter'angreal* de pedra retorcida em um cordão em volta do pescoço, imitando Nynaeve, depois da primeira vez que quase perdera uma bolsa. Nos cinco dias que as duas passaram em Tanchico, já perdera três. Vinte guardas estariam de bom tamanho. E uma carruagem. Com cortinas nas janelas.

Retomando a lenta subida pela rua ao lado de Nynaeve, ela disse:

— Então a gente não devia estar usando esses vestidos. Eu me lembro de uma vez que você me enfiou em um vestido de camponesa.

— Dá um bom disfarce — respondeu Nynaeve, em um tom rude. — A gente se mistura.

Elayne deu uma fungadinha de desdém. Como se usando vestidos mais simples não fosse ainda mais fácil se misturar. Nynaeve não admitiria estar gostando de usar sedas e belos vestidos. Elayne só queria que a amiga não tivesse levado a coisa tão longe. A bem da verdade, todo mundo achava que eram tarabonianas — pelo menos até as duas abrirem a boca — mas, mesmo com a gola alta e cheia de babados, aquela renda verde justa no mínimo *parecia* mais reveladora do que qualquer coisa que ela usara na vida. Sem dúvida mais do que qualquer coisa que usara em público. Nynaeve, por outro lado, cruzava as ruas espremidas como se ninguém as estivesse olhando. Bem, talvez ninguém estivesse, mesmo, pelo menos não por conta dos vestidos, mas a sensação era de que estavam.

Suas roupas de baixo eram quase tão decentes quanto aqueles vestidos. Com o rosto quente, tentou parar de pensar em como a seda

se moldava ao corpo. *Pare com isso! Está muito decente. Está, sim!*

— Essa tal Amys não contou nada que pudesse nos ajudar?

— Eu já disse o que ela contou.

Elayne suspirou. Nynaeve a obrigara a ficar acordada até o raiar do dia, conversando sobre a Sábia Aiel que estivera com Egwene em *Tel'aran'rhiod,* na noite anterior, depois ainda retomara a conversa quando as duas se sentaram para o café da manhã. Egwene, por algum motivo com os cabelos presos em duas tranças e disparando olhares emburrados para a Sábia, não dissera quase nada além de que Rand estava bem e que Aviendha estava cuidando dele. Amys, a mulher grisalha, falara o tempo todo, dando um sermão duro a respeito dos perigos do Mundo dos Sonhos que quase fizera Elayne sentir-se outra vez uma menininha de dez anos flagrada por Lini, sua antiga ama, fugindo da cama para roubar doces. Em seguida, a mulher emendara o discurso com avisos a respeito de concentração e controle dos pensamentos ao adentrar *Tel'aran'rhiod*. Como controlar os pensamentos?

— Eu achava que Perrin estava com Rand e Mat. — Aquela fora a maior surpresa, depois da aparição de Amys. Ao que parecia, Egwene pensara que Perrin estava com ela e Nynaeve.

— Ele e aquela garota devem ter ido para algum lugar onde ele possa ser ferreiro em paz — retrucou Nynaeve, mas a Filha-herdeira balançou a cabeça.

— Acho que não.

Elayne tinha fortes suspeitas em relação a Faile, e, se estivesse pelo menos cinquenta por cento certa, a mulher não se contentaria em ser a esposa de um ferreiro. Ela cuspiu o véu, que se prendera entre os lábios outra vez. Que coisa mais idiota.

— Bem, seja lá onde ele estiver — retrucou Nynaeve, remexendo as tranças — espero que esteja bem e em segurança. Mas ele não está aqui, nem pode nos ajudar. Você pelo menos *perguntou* a Amys se ela sabia um jeito de usar *Tel'aran'rhiod* para…?

Um homem corpulento e careca, em um casaco marrom surrado, surgiu de repente, empurrando a multidão, e tentou envolvê-la com os braços robustos. Ela ergueu o bastão cilíndrico e acertou a cara larga do homem, que cambaleou para trás, apertando o nariz que decerto acabara, no mínimo, de sofrer a segunda fratura.

Elayne ainda estava tomando fôlego para soltar um grito de espanto quando um segundo homem, tão corpulento quanto o primeiro e com um bigode grosso no rosto, empurrou-a para alcançar Nynaeve. Ela se esqueceu do medo. Cerrou os dentes, tomada de fúria, e, assim que as mãos do homem tocaram a amiga, desceu o bastão na cabeça do sujeito com toda a força. O homem dobrou as pernas e caiu de cara no chão de um jeito que a deixou bem satisfeita.

A multidão se dispersou, ninguém queria ser envolvido nos problemas dos outros. Obviamente, ninguém ofereceu ajuda. E elas precisavam, Elayne percebeu. O homem que Nynaeve acertara ainda estava de pé, a boca contorcida em um rosnado, lambendo o sangue que escorria pelo nariz, flexionando as mãos robustas como se ávido por apertar um pescoço. E, pior, não estava sozinho. Sete outros homens as cercaram para impedir qualquer fuga. Todos, exceto um, eram do tamanhão do primeiro, cheios de cicatrizes e com mãos que pareciam ter passado anos sendo marteladas em pedra. Um sujeitinho magrelo e de rosto fino, com os dentes arreganhados feito uma raposa nervosa, não parava de gritar, ofegante:

— Não deixe a moça escapar. Ela vale ouro, estou lhe dizendo. Ouro!

Os homens sabiam quem ela era. Não estavam tentando afanar sua bolsa, queriam se livrar de Nynaeve e sequestrar a Filha-herdeira de Andor. Sentiu Nynaeve abraçando *saidar* — se aquilo não a tivesse deixado irritada o bastante para canalizar, nada mais deixaria — e se abriu para a Fonte Verdadeira. Uma torrente do Poder Único a invadiu, e o doce jato a preencheu dos pés à cabeça. Uns poucos fluxos de Ar de cada uma dariam conta daqueles rufiões.

No entanto, ela não canalizou, nem Nynaeve. Juntas, as duas seriam capazes de dar uma sova naqueles sujeitos como suas mães deveriam ter feito. Ainda assim, não ousariam, a menos que não houvesse outra escolha.

Se alguém da Ajah Negra estivesse perto o suficiente para ver… já haviam se traído só com o brilho tênue de *saidar*. Canalizar o pouco necessário para urdir aqueles fluxos de Ar bastaria para denunciá-las a uma irmã Negra à espreita em qualquer rua a cem passadas ou mais de distância, dependendo de sua força e sensibilidade. Isso era basicamente o que as duas tinham feito nos últimos cinco dias: percorrido a cidade, tentando sentir alguma mulher canalizando, na esperança de que isso as levasse até Liandrin e as outras.

Além do mais, também era preciso considerar as pessoas ao redor. Umas poucas ainda passavam de cada lado, bem coladas às paredes. O restante circulava a esmo, procurando outro caminho. Apenas algumas pessoas perceberam as duas em perigo e desviaram os olhos, constrangidas. No entanto, se vissem homenzarrões sendo arremessados por algo invisível…

A reputação das Aes Sedai e do Poder Único não andava muito boa em Tanchico, não com os rumores sobre Falme ainda pairando no ar e as histórias recentes a respeito do apoio da Torre Branca aos Devotos do Dragão no interior. Aquela gente poderia sair correndo se visse o Poder sendo manejado. Ou começar uma arruaça. Mesmo que ela e Nynaeve conseguissem evitar ser esquartejadas ali mesmo — o

que não tinha muita certeza de que seria possível — não haveria maneira de encobrir o feito. Antes do anoitecer, a Ajah Negra já estaria ouvindo falar de Aes Sedai em Tanchico.

Posicionando-se de costas para as costas de Nynaeve, Elayne agarrou o bastão com força. Sentia vontade de dar uma risada histérica. Se Nynaeve ousasse mencionar sair sozinha outra vez — *a pé* — iria ver como era bom ter a cabeça enfiada em um balde d'água. Pelo menos nenhum daqueles grosseirões parecia ansioso em ser o primeiro a ter a cabeça rachada feito o sujeito caído na calçada de pedras.

— Andem! — gritou o homem de rosto fino, apressado, gesticulando para que avançassem. — Andem logo! São só duas mulheres! — No entanto, ele próprio não fez menção de se meter na briga. — Andem, estou dizendo. Só precisamos de uma. Ela vale ouro, estou dizendo.

De repente, elas ouviram um baque, e um dos rufiões caiu de joelhos, cambaleante, levando as mãos à cabeça, onde fora atingido. Uma mulher de vestido azul, com cabelos escuros e rosto austero, deslizou por ele e virou-se depressa para golpear outro sujeito com o dorso da mão, bem na boca. Em seguida, deu uma rasteira com um cajado e acertou o sujeito na cabeça quando ele desabou.

Já era espantoso que recebessem ajuda, ainda mais daquela fonte, mas Elayne não estava em condições de reclamar. Nynaeve irrompeu por detrás dela com um rugido gutural e avançou intempestiva, gritando:

— Avante o Leão Branco! — E partiu para espancar o grosseirão mais próximo com toda a força e rapidez possíveis. O homem ergueu os braços para se defender, com uma expressão de choque absoluto. — Avante o Leão Branco! — gritou outra vez, o grito de batalha de Andor, e o homem se virou e correu.

Soltando uma risada involuntária, Nynaeve deu um rodopio, procurando mais alguém para espancar. Apenas dois ainda não tinham saído correndo ou desabado no chão. Aquele primeiro sujeito de nariz quebrado virou-se para fugir, e Nynaeve desferiu um último golpe firme nas costas dele. A mulher de rosto austero deu um jeito de enroscar o cajado no braço e no ombro do outro, puxando-o ao mesmo tempo para perto e para cima. O sujeito pesava o dobro dela e era uma cabeça mais alto, mesmo com os pés plantados no chão, mas ela bateu três vezes com força no queixo do homem usando a base da mão livre, em rápida sucessão. Ele desmaiou, mas, enquanto desabava, Elayne viu o sujeito de rosto fino se levantando do chão da rua. Estava com o nariz sangrando e os olhos meio vidrados, mas puxou uma faca do cinto e partiu para dar um bote nas costas da mulher.

Sem pensar, Elayne canalizou. Um punho de Ar mandou o homem

e sua faca rodopiando em uma cambalhota. A mulher de rosto austero deu um giro para se defender, mas o homem já saíra correndo, meio sem jeito, e logo conseguiu se levantar e se misturar à multidão, mais adiante na rua. O povo havia parado para assistir à estranha luta, mas ninguém fez menção ajudar além da mulher de cabelos escuros. Ela encarava Elayne e Nynaeve, indecisa. A Filha-herdeira se perguntou se a mulher teria percebido que o homem magrelo fora derrubado pelo que parecia ter sido um monte de nada.

— Agradeço a ajuda — disse Nynaeve, meio ofegante, e aproximou-se da mulher, ajeitando o véu. — Acho que precisamos sair daqui. Sei que a Guarda Civil não vem muito às ruas, mas não quero ter que explicar, se eles aparecerem. Nossa estalagem é aqui perto. Quer vir com a gente? Uma xícara de chá é o mínimo que podemos oferecer a alguém que ainda ajuda os outros nessa cidade abandonada pela Luz. Meu nome é Nynaeve al'Meara, e esta é Elayne Trakand.

A mulher estava visivelmente hesitante. Ela *tinha* percebido.

— Eu… eu… gostaria. Sim. Gostaria. — A mulher tinha um jeito arrastado de falar, difícil de entender, mas vagamente familiar. Era mesmo encantadora, ainda mais com o contraste entre cabelos escuros e pele clara. Um pouco rígida demais para ser chamada de beldade. Os olhos azuis eram intensos, como se estivesse acostumada a dar ordens. Uma mercadora, talvez, naquele vestido. — Eu me chamo Egeanin.

Egeanin não demonstrou hesitação em acompanhar as duas até a rua mais próxima. O povo já começava a se reunir ao redor dos homens caídos. Elayne imaginou que os sujeitos acordariam despidos de qualquer coisa de valor, até mesmo das botas e roupas. Queria saber como eles tinham descoberto sua identidade, mas não havia como trazer um deles para interrogar. *Definitivamente* precisavam de guarda-costas, de agora em diante, independentemente do que Nynaeve dissesse.

Egeanin talvez não estivesse hesitante, mas parecia desconfortável. Elayne via nos olhos da mulher, enquanto as três avançavam pelo meio do povo.

— Você viu, não foi? — perguntou. A mulher tropeçou. Foi a confirmação de que Elayne precisava, e ela logo acrescentou: — Não lhe faremos mal algum. Ainda mais depois de você ter nos ajudado. — Precisou cuspir o véu outra vez. Nynaeve não parecia ter o mesmo problema. — Não precisa fazer careta para mim, Nynaeve. Ela viu o que eu fiz.

— Eu sei disso — respondeu Nynaeve secamente. — E foi a coisa certa a se fazer. Mas a gente não está enfiada no palácio da sua mãe, a salvo dos bisbilhoteiros. — Ela fez um gesto, indicando todo o povo à volta delas. Vendo o cajado de Egeanin e seus bastões, a maioria evitava se aproximar das três. Para Egeanin, a mulher disse: — A

maioria dos boatos que você talvez tenha ouvido não é verdadeira. Pouca coisa é. Não precisa ter medo da gente, mas é bom entender que existem assuntos que não podemos abordar aqui na rua.

— Medo de vocês? — Egeanin parecia surpresa. — Eu não achei que precisava ter. Farei silêncio até vocês decidirem falar.

Ela manteve a palavra. As três caminharam caladas em meio aos murmúrios do povo, cruzando a península até retornarem ao Jardim das Três Ameixeiras. Toda aquela história de andar para cima e para baixo estava deixando os pés de Elayne doloridos.

Apesar de ainda ser cedo, havia homens e mulheres sentados no salão, bebericando vinho ou cerveja. A mulher tocando saltério estava acompanhada de um homem magro que tocava flauta; um som agudo que combinava com seu físico franzino. Juilin estava sentado a uma mesa perto da porta, fumando um cachimbo de haste curta. Ele ainda não retornara da incursão noturna quando as duas saíram. Elayne ficou satisfeita em ver que, pela primeira vez, o homem não exibia um corte ou hematoma novo. O submundo de Tanchico, como ele chamava, parecia ainda mais cruel do que a face que a cidade apresentava ao mundo. A única concessão de Juilin à moda da cidade fora substituir o chapéu reto de palha por um quepe cônico e escuro, que usava empoleirado na nuca.

— Encontrei as mulheres — comentou, dando um salto do banco e agarrando o quepe, antes de perceber que as duas estavam acompanhadas.

Ele encarou Egeanin, estreitando os olhos, e fez uma pequena mesura. Ela retribuiu com um meneio de cabeça e um olhar tão reservado quanto o dele.

— Encontrou? — perguntou Nynaeve, espantada. — Tem certeza? Desembuche, homem. O gato comeu sua língua? — E ela com as advertências sobre falar na frente dos outros.

— Eu deveria ter dito que descobri onde elas estão. — Julian não olhou Egeanin outra vez, mas escolheu as palavras com cuidado. — A mulher de mecha branca no cabelo me levou até uma casa onde estava hospedada com várias outras mulheres, embora poucas dessem as caras na rua. O povo local acha que são fugitivas ricas do interior. Não tem mais muita coisa lá além de alguns restos de comida na despensa. Até as serviçais foram embora… Mas, por uma pista aqui, outra ali, eu diria que elas foram embora ontem, no fim do dia, ou logo ao cair da noite. Duvido que aquelas ali tenham medo da noite em Tanchico.

Nynaeve agarrou um punhado das tranças finas. As juntas dos dedos ficaram brancas, de tanta força.

— Você entrou na casa? — perguntou, em um tom firme.

Elayne achou que a amiga estivesse a um passo de erguer o bastão

que bamboleava a seu lado.

Juilin parecia pensar o mesmo. Encarando o bastão, ele respondeu:

— Vocês sabem muito bem que eu não corro riscos com essas mulheres. Uma casa vazia tem um certo jeito, passa uma sensação de vazia, não importa o tamanho. Não tem como caçar ladrões há tanto tempo quanto eu caço sem aprender a ver como eles.

— E se você tivesse acionado alguma armadilha? — Nynaeve praticamente sibilava. — Esse seu grande talento para *sentir* as coisas se aplica também a armadilhas? — O rosto escuro de Juilin ficou um pouco cinza. Ele umedeceu os lábios, como se fosse se explicar ou se defender, mas a mulher o interrompeu. — Vamos conversar sobre isso mais tarde, *Mestre* Sandar. — Ela desviou os olhos na direção de Egeanin com muita sutileza. Enfim se lembrara de que havia outros ouvidos ali. — Diga a Rendra que tomaremos chá na Sala das Flores Caídas.

— Câmara das Flores Caídas — corrigiu Elayne, baixinho, e Nynaeve disparou um olhar feio para ela.

A notícia de Juilin a deixara de mau humor.

O homem se curvou em uma mesura profunda, com as mãos espalmadas.

— Como a senhora ordenar, Senhora al'Meara, obedeço de coração — respondeu, cheio de ironia, botou o quepe escuro de volta no topo da cabeça e saiu batendo o pé, as costas expressivamente indignadas. Devia ser muito desagradável para um sujeito receber ordens de uma mulher com quem já tentara flertar.

— Aquele idiota! — grunhiu Nynaeve. — A gente devia ter largado esses dois no cais de Tear.

— Ele é seu serviçal? — perguntou Egeanin, receosa.

— É — respondeu Nynaeve, com rudeza.

— Não — disse Elayne, ao mesmo tempo.

As duas se olharam, Nynaeve ainda de cenho franzido.

— Talvez ele seja, de certa forma — retrucou Elayne, com um suspiro.

— Acho que não, afinal de contas — resmungou Nynaeve, por cima da outra.

— Ah… entendi — disse Egeanin.

Rendra avançou apressada por entre as mesas, com um sorriso nos lábios rosados por baixo do véu. Elayne preferia que a mulher não se parecesse tanto com Liandrin.

— Ah, as senhoritas estão lindas hoje. Que vestidos magníficos. Lindas. — Como se a mulher de cabelos cor de mel não tivesse influenciado a escolha do tecido e corte tanto quanto elas duas. O que ela vestia tinha um tom de vermelho adequado para uma latoeira, e

sem dúvida pouco apropriado para ser exibido em público. — Mas as senhoritas fizeram bobagem outra vez, sim? É por isso que Juilin, aquele cavalheiro, está com uma carranca. As senhoritas não deveriam preocupá-lo tanto assim. — Um brilho em seus grandes olhos castanhos denunciava que Juilin encontrara outro flerte. — Venham. Tomem o chá de vocês no fresquinho e na privacidade, e, se precisarem sair outra vez, as senhoritas me permitam providenciar carregadores e guardas, sim? A bela Elayne não teria perdido tantas bolsas se as senhoritas estivessem mais bem protegidas. Mas não vamos falar dessas coisas agora. Seu chá, ele está quase pronto. Venham.

Só podia ser uma habilidade adquirida, aos olhos de Elayne. Tinha que aprender a falar sem engolir o véu.

A Câmara das Flores Caídas, localizada no fim de um corredorzinho que saía do salão principal, era uma sala pequena e sem janelas, com uma mesa baixa e cadeiras entalhadas com almofadas vermelhas nos assentos. Era ali que Elayne e Nynaeve faziam as refeições — com Thom, Juilin, ou ambos, quando Nynaeve não estava às turras com os dois. As paredes de tijolo caiado, pintadas com um verdadeiro bosque de ameixeiras soltando uma chuva de flores, eram grossas o bastante para impedir qualquer bisbilhotice. Elayne praticamente arrancou o véu e atirou o pedaço de pano diáfano sobre a mesa antes de se sentar. Nem mesmo as tarabonianas tentavam beber com aquilo no rosto. Nynaeve apenas desprendeu o dela de um dos lados do rosto.

Rendra continuou tagarelando enquanto as moças eram servidas, mencionando tópicos que iam desde a nova costureira capaz de aprontar vestidos da última moda com a seda mais incrivelmente delicada — ela sugeriu que Egeanin experimentasse e recebeu em resposta um olhar firme, que não a intimidou nem um pouco — até a razão pela qual elas deveriam dar ouvidos a Juilin, já que a cidade era perigosa demais para uma mulher sair sozinha, mesmo à luz do dia, e falando de passagem sobre um sabão perfumado que dava mais brilho aos cabelos. Elayne às vezes se perguntava como a mulher conseguia gerenciar uma estalagem tão bem-sucedida pensando apenas em cabelo e roupas. Que ela conseguia era óbvio, o intrigante era como. A mulher sem dúvida usava belas roupas, só não eram inteiramente *adequadas*. O serviçal que trouxe o chá, as xícaras de porcelana azul e os bolinhos em uma bandeja era o homem esbelto e de olhos escuros que enchera a caneca de Elayne naquela noite constrangedora. E tentara encher de novo, mais de uma vez, embora ela tivesse prometido a si mesma que nunca mais beberia mais de uma caneca. Era um homem bonito, mas a jovem lançou a ele o olhar mais frio que tinha, e o homem saiu correndo do salão.

Egeanin observou em silêncio até que Rendra também saísse.

— Vocês não são o que eu imaginava — disse ela por fim, equilibrando a xícara nos dedos de um jeito estranho. — A estalajadeira fica tagarelando frivolidades como se vocês três fossem irmãs, como se fossem idiotas feito ela, e vocês permitem. O homem escuro… ele é uma espécie de serviçal, ao que me parece… e debocha de vocês. Aquele rapazote as encara com um apetite voraz, e vocês permitem. Vocês são… Aes Sedai, não são? — Sem esperar a resposta, ela fixou os penetrantes olhos azuis em Elayne. — E você é… você é da nobreza. Nynaeve falou sobre o palácio da sua mãe.

— Esse tipo de coisa não importa muito na Torre Branca — respondeu Elayne, com pesar, limpando depressa umas migalhas de bolo do queixo. Era um bolo bem condimentado, quase ácido. — Se uma rainha fosse lá para estudar, teria de esfregar o chão como qualquer outra noviça e fazer tudo o que mandassem.

Egeanin assentiu devagar.

— Então é assim que vocês governam. Governando os governantes. Muitas… rainhas… são treinadas dessa forma?

— Nenhuma que eu conheça — respondeu Elayne, com uma risada. — Mas é tradição em Andor mandar a Filha-herdeira. Na verdade, muitas mulheres nobres vão, só que em geral não querem que ninguém saiba, e a maioria vai embora sem sequer conseguir sentir a Fonte Verdadeira. Foi só um exemplo.

— Você também é da… é nobre? — perguntou Egeanin, e Nynaeve bufou.

— Minha mãe era fazendeira, e meu pai pastoreava ovelhas e plantava tabaco. Pouca gente de onde eu venho consegue sobreviver sem lã e tabaco para vender. E os seus pais, Egeanin?

— Meu pai era soldado, e minha mãe era… era oficial de um navio. — Por um momento, a mulher bebericou o chá não adoçado, observando as outras duas. — Vocês estão procurando alguém — disse, por fim. — Essas mulheres que o sujeito escuro mencionou. Eu negocio, entre outras coisas, informações. Tenho fontes que me contam as coisas. Talvez eu possa ajudar. Não cobraria nada, a não ser um pedido para que me falem mais sobre as Aes Sedai.

— Você já ajudou bastante — respondeu Elayne, mais do que depressa, lembrando-se de Nynaeve ter contado quase tudo a Bayle Domon. — Eu sou *mesmo* muito grata, mas não podemos aceitar mais nada. — Informar aquela mulher a respeito da Ajah Negra e deixá-la se envolver sem saber estavam igualmente fora de cogitação. — Não podemos, de verdade.

Boquiaberta, Nynaeve cravou os olhos em Elayne.

— Eu ia falar exatamente a mesma coisa — disse, em um tom inexpressivo, depois prosseguiu, com mais energia. — Nossa gratidão

sem dúvida se estende a responder perguntas, Egeanin. Tantas quantas pudermos. — Ela decerto queria dizer que havia muitas perguntas para as quais não tinham resposta, mas a interpretação de Egeanin foi diferente.

— É claro. Não me intrometerei nos assuntos secretos da sua Torre Branca.

— Você parece bastante interessada nas Aes Sedai — comentou Elayne. — Não consigo sentir a habilidade em você, mas talvez possa aprender a canalizar.

Egeanin quase deixou a xícara de porcelana cair.

— É… é possível *aprender*? Eu não sab… Não. Não, eu não quero… aprender.

A agitação da mulher entristeceu Elayne. Mesmo entre os que não tinham medo das Aes Sedai, muitos ainda temiam qualquer coisa que tivesse relação com o Poder Único.

— E *o que* você quer saber, Egeanin?

Antes que a mulher pudesse falar, ouviu-se uma batida rápida na porta, e Thom entrou, vestido com a opulenta capa que ele se habituara a usar para sair. Sem dúvida atraía menos atenção do que a de menestrel, toda cheia de retalhos. Na verdade, conferia a ele um aspecto bastante ilustre, com aquela crina de cabelos brancos, embora o ideal fosse escová-los com mais frequência. Imaginando-o mais moço, Elayne se achou capaz de enxergar o que atraíra a mãe. O que não absolvia o homem por ter ido embora, claro. Ela suavizou a expressão antes que Thom percebesse a cara feia.

— Fui informado de que vocês não estavam sozinhas — comentou, encarando Egeanin com um olhar cauteloso, idêntico ao de Juilin. Os homens sempre suspeitavam de qualquer um que não conheciam. — Mas achei que gostariam de saber que os Filhos da Luz cercaram o Palácio da Panarca hoje de manhã. O povo nas ruas já está começando a comentar. Parece que Lady Amathera será empossada como Panarca amanhã.

— Thom — começou Nynaeve, em um tom cansado — a não ser que essa Amathera na verdade seja Liandrin, não quero nem saber se ela vai virar Panarca, Rei e Sabedoria de Dois Rios, tudo de uma vez só.

— O mais interessante — prosseguiu Thom, coxeando até a mesa — é o boato de que a Assembleia se recusou a escolher Amathera. Se recusou. Então por que é que ela vai ser empossada? Uma coisa tão estranha assim é digna de atenção, Nynaeve.

Assim que o homem começou a se abaixar para se sentar em uma cadeira, ela disse, baixinho:

— Estamos conversando em particular, Thom. Tenho certeza de que você vai julgar o salão mais apropriado.

Ela tomou um gole do chá, encarando-o por cima da xícara, claramente esperando que ele partisse.

Ruborizado, o homem se levantou sem nem ter chegado a se sentar de fato, mas não saiu imediatamente.

— Quer a Assembleia tenha ou não mudado de ideia, isso sem dúvida vai gerar revolta. O povo nas ruas ainda acredita que Amathera foi rejeitada. Se vocês insistirem em ir para as ruas, não vão poder sair sozinhas. — Apesar de o homem estar encarando Nynaeve, Elayne teve a impressão de que ele quase apoiou a mão em seu ombro. — Bayle Domon está atolado naquele quartinho perto do estaleiro, concluindo os negócios para caso tenha que fugir, mas concordou em providenciar cinquenta homens escolhidos a dedo, sujeitos durões, acostumados a brigar e muito hábeis com facas ou espadas.

Nynaeve abriu a boca, mas Elayne a interrompeu:

— Ficamos muito gratas, Thom, tanto a você quanto a Mestre Domon. Por favor, diga a ele que aceitamos essa oferta tão gentil e generosa. — Ela retribuiu o olhar impassível de Nynaeve e acrescentou, em um tom expressivo: — Eu não quero ser sequestrada no meio da rua, em plena luz do dia.

— Não — respondeu Thom. — Ninguém quer uma coisa dessas. — Elayne pensou ter ouvido o homem começar a dizer "criança" ao final da frase, e, dessa vez, ele de fato a tocou no ombro, com um ágil roçar de dedos. — Na verdade — prosseguiu — os sujeitos já estão esperando do lado de fora. Estou tentando encontrar uma carruagem; essas cadeiras deixam a pessoa dentro muito vulnerável. — O homem parecia saber que fora longe demais ao trazer os sujeitos de Domon antes do consentimento delas, sem falar na história de arrumar uma carruagem sem sequer ter tocado no assunto com as duas, mas as encarou feito um velho lobo acuado, as sobrancelhas frondosas meio caídas. — Eu… ficaria… pessoalmente arrependido caso alguma coisa acontecesse a vocês. A carruagem estará aqui assim que eu conseguir encontrar uma parelha. Se houver alguma à disposição.

De olhos arregalados, Nynaeve estava claramente em dúvida entre dar ou não uma reprimenda que o homem jamais esqueceria, e Elayne não teria se incomodado em acrescentar uma admoestação mais suave. Um pouco mais suave. Criança, ora essa!

Thom tirou vantagem da hesitação das duas para deslizar em uma mesura que teria encantado os habitantes de qualquer palácio e foi embora enquanto dava tempo.

Egeanin depositara a xícara de chá na mesa e encarava as duas, consternada. Elayne supôs que não haviam deixado uma impressão muito boa das Aes Sedai, permitindo que Thom as intimidasse.

— Eu tenho que ir — disse a mulher, levantando-se e apanhando o cajado apoiado na parede.

— Mas você não fez as perguntas que queria — protestou Elayne. — Nós lhe devemos respostas, no mínimo.

— Outra hora — respondeu Egeanin, depois de um instante. — Se me permitirem, voltarei outra hora. Preciso aprender sobre vocês. Vocês não são o que eu esperava.

As duas garantiram que ela poderia voltar em qualquer horário que estivessem por lá e tentaram convencê-la a ficar mais um pouco para terminar o chá e o bolinho, mas a mulher foi insistente em afirmar que precisava ir embora.

Nynaeve a levou até a porta, depois virou as costas e pôs as mãos na cintura.

— Sequestrar você? Caso tenha esquecido, Elayne, aqueles homens tentaram *me* agarrar!

— Para tirar você do caminho e poder me pegar — retrucou Elayne. — Caso você tenha esquecido, *eu* sou a Filha-herdeira de Andor. Minha mãe teria dado uma fortuna para aqueles homens pelo meu resgate.

— Pode ser — resmungou Nynaeve, indecisa. — Bom, pelo menos eles não tinham nada a ver com Liandrin. Aquelas lá não mandariam um bando de grosseirões para tentar nos meter dentro de um saco. Por que eles nunca perguntam, antes de fazer? Será que os pelos no peito os deixam idiotas?

A mudança súbita de assunto não deixou Elayne confusa.

— De todo modo, não teremos que nos preocupar em encontrar guarda-costas. Você concorda que é necessário, mesmo que Thom tenha passado um pouco dos limites?

— Acho que sim. — Nynaeve demonstrava um desgosto notável em admitir que estava errada. Pensara que os homens estavam atrás *dela*, por exemplo. — Elayne, você percebe que ainda não temos nada além de uma casa vazia? Se Juilin ou Thom cometerem um deslize e deixarem que alguém os descubra… Temos que encontrar as irmãs Negras sem que elas suspeitem, senão nunca teremos a chance de segui-las até essa tal coisa que representa perigo para Rand.

— Eu sei — respondeu Elayne, com paciência. — Nós *já* conversamos sobre isso.

A mulher mais velha franziu o cenho para o nada.

— Ainda não temos a menor ideia do que é, nem de onde está.

— Eu sei.

— Mesmo que a gente pudesse acabar com Liandrin e as outras nesse exato instante, não poderíamos deixar essa tal coisa por aí, esperando que mais alguém a encontre.

— Eu sei disso, Nynaeve. — Lembrando a si mesma que devia ser

paciente, Elayne suavizou o tom. — Nós vamos encontrá-las. Elas vão acabar cometendo algum deslize, e, entre os boatos de Thom, os ladrões de Juilin e os marujos de Bayle Domon, vamos ficar sabendo.

A expressão irritada de Nynaeve tornou-se pensativa.

— Você percebeu o olhar de Egeanin quando Thom falou de Domon?

— Não. Você acha que ela conhece Domon? Por que não comentaria?

— Eu não sei — respondeu Nynaeve, exaltada. — O rosto dela não se alterou, mas os olhos… Ela ficou surpresa. Conhece esse homem. Eu fico me perguntando… — Alguém bateu à porta. — Será que todo mundo de Tanchico vai vir falar com a gente? — resmungou, abrindo a porta com um solavanco.

Rendra se assustou com a expressão de Nynaeve, mas seu sorriso sempre presente retornou no mesmo instante.

— Peço perdão por incomodar as senhoritas, mas tem uma mulher lá embaixo perguntando por vocês. Não disse seus nomes, mas as descreveu direitinho. E disse que acha que conhece vocês. Ela é… — Rendra fez beicinho, os lábios pareciam um botão de flor na leve careta. — Me esqueci de perguntar o nome. Esta manhã estou burra feito uma cabrita. É uma mulher bem vestida, ainda não está na meia-idade. Não é de Tarabon. — Ela sentiu um arrepio. — Achei bem séria. Quando me viu pela primeira vez, me encarou com o mesmo olhar que minha irmã mais velha fazia quando éramos crianças e ela pensava em prender as minhas tranças nas moitas.

— Ou será que elas nos encontraram primeiro? — perguntou Nynaeve, baixinho.

Elayne abraçou a Fonte Verdadeira sem pensar e estremeceu de alívio por conseguir, por não ter sido blindada sem perceber. Se a mulher no andar de baixo fosse da Ajah Negra… Por outro lado, se fosse, por que se anunciaria? Mesmo assim, desejou que o brilho tênue de *saidar* também envolvesse Nynaeve. Se ao menos a amiga conseguisse canalizar sem estar irritada…

— Mande entrar — disse Nynaeve, e Elayne percebeu que ela estava muito consciente de sua deficiência, além de preocupada.

Quando Rendra deu as costas, Elayne começou a urdir fluxos de Ar, grossos feito cabos e prontos para servir de amarras, e fluxos de Espírito para blindar outras pessoas da Fonte. Se essa mulher tivesse um mínimo de semelhança com alguma da lista, se tentasse canalizar uma faísca que fosse…

A mulher que adentrou a Câmara das Flores Caídas, em um vestido preto de seda brilhosa e corte pouco familiar, não era ninguém que Elayne já tivesse visto, e sem dúvida não estava na lista de mulheres que haviam partido com Liandrin. Os cabelos escuros, soltos,

caídos nos ombros, emolduravam um rosto forte e bonito, meio masculino, com olhos grandes e bochechas suaves, mas sem o ar etéreo de Aes Sedai. Sorrindo, a mulher fechou a porta atrás de si.

— Me perdoem, mas achei que vocês estivessem…

O brilho tênue de *saidar* a envolveu, e ela…

Elayne soltou a Fonte Verdadeira. Havia algo muito imponente naqueles olhos escuros, no halo à volta dela, o resplendor pálido do Poder Único. Era a mulher mais majestosa que Elayne já vira. A Filha-herdeira percebeu que se curvava em mesuras afobadas, ruborizada por ter considerado… O que tinha considerado? Era difícil lembrar.

A mulher analisou as outras duas por um instante, depois assentiu com satisfação e deslizou até a mesa, puxando uma cadeira entalhada pelo topo do espaldar.

— Venham para onde eu possa ver vocês mais de perto — mandou, em um tom peremptório. — Venham. Isso. Isso mesmo.

Elayne percebeu que estava parada ao lado da mesa, olhando de cima para a mulher de olhos escuros brilhantes. Esperava mesmo que estivesse tudo bem. Do outro lado da mesa, Nynaeve segurava firme um punhado das tranças compridas e finas, mas encarava a visitante com uma expressão meio boba e extasiada. Elayne sentiu vontade de rir.

— Mais ou menos o que eu imaginava — comentou a mulher. — Pouco mais do que garotas, e obviamente sem nem metade do treinamento. Mas são fortes. Fortes o bastante para causar muitos problemas. Principalmente você. — Ela cravou os olhos em Nynaeve. — Talvez um dia se torne alguém. Mas tem um bloqueio, não tem? Teríamos arrancado isso de você, mesmo que gritasse feito louca.

Nynaeve ainda segurava firme as tranças, mas sua expressão passou de um sorriso contente, infantil e exaltado para um tremor de lábios cheio de vergonha.

— Peço desculpas pelo meu bloqueio — disse, quase em um choramingo. — Eu tenho medo… de tanto poder… do Poder Único… como eu posso…?

— Fique quieta, a não ser que eu faça alguma pergunta — retrucou a mulher, com firmeza. — E não comece a chorar. Você está feliz em me ver, extasiada. Só o que deseja é me agradar e responder às minhas perguntas.

Nynaeve assentiu vigorosamente, sorrindo, ainda mais extasiada do que antes. Elayne percebeu que também estava. Tinha certeza de que conseguiria responder às perguntas primeiro. Qualquer coisa para agradar a mulher.

— Pois bem. Vocês estão sozinhas? Tem alguma outra *Aes Sedai*

com vocês?

— Não — respondeu Elayne à primeira pergunta, mais que depressa, e emendou com a resposta à segunda: — Não tem nenhuma Aes Sedai com a gente.

Talvez devesse ter contado que as duas também não eram de fato Aes Sedai. Mas não fora essa a pergunta. Nynaeve cravou os olhos nela, as juntas brancas agarradas às tranças, furiosa por ter ficado para trás.

— Por que estão nesta cidade? — perguntou a mulher.

— Estamos caçando irmãs Negras — vociferou Nynaeve, disparando um olhar de triunfo para Elayne.

A mulher bonita soltou uma risada.

— Então foi por isso que não senti vocês canalizarem antes. Muito sábio manterem a discrição, sendo onze contra duas. Eu mesma sempre fui dessa política. Deixar os idiotas chamarem a atenção até ser descobertos. Daí eles são abatidos por uma aranha escondida nas frestas, que só enxergam quando já é tarde demais. Contem o que descobriram sobre essas irmãs Negras, tudo o que sabem sobre elas.

Elayne despejou tudo, lutando com Nynaeve para ser a primeira. Não era muita coisa. As descrições das mulheres, os *ter'angreal* que haviam roubado, os crimes na Torre e o medo de que houvesse mais irmãs Negras à solta, auxiliando um dos Abandonados em Tear, antes da queda da Pedra, a fuga delas até ali em busca de algo que representava perigo a Rand.

— Estavam todas juntas em uma casa — concluiu Elayne, ofegante — mas saíram de lá ontem à noite.

— Parece que vocês chegaram bem perto — comentou a mulher, escolhendo as palavras. — Muito perto. *Ter'angreal*. Virem as bolsas na mesa, esvaziem. — Elas obedeceram, e a mulher passou os dedos pelas moedas, conjuntos de costura, lenços e afins. — Vocês têm algum *ter'angreal* em seus quartos? *Angreal* ou *sa'angreal*?

Elayne estava ciente do anel de pedra retorcida pendurado entre os seios e do *ter'angreal* da placa de âmbar, com a mulher dormindo entalhada, bem guardado em um bolso dentro da saia. Nynaeve levava o *ter'angreal* de disco de ferro em um bolso sob as saias. Essas coisas não podiam ficar soltas em qualquer lugar. Mas não fora essa a pergunta.

— Não — respondeu. Não havia nada do tipo nos quartos.

A mulher empurrou tudo para longe e inclinou-se para trás, falando sozinha:

— Rand al'Thor. Então esse é o nome dele, agora. — Ela contraiu o rosto em uma careta que durou poucos segundos. — Um homem arrogante que fedia a bondade e piedade. Ele ainda é assim? Não, não se deem ao trabalho de responder. Pergunta inútil. Então Be'lal está

morto. O outro, para mim, parece que é Ishamael. Todo esse orgulho em não estar totalmente preso, sem se importar com o preço. Quando o encontrei, vi que restava menos humanidade nele do que em qualquer um de nós. Acho que uma parte dele acreditava ser o Grande Senhor das Trevas. Todos esses três mil anos de maquinações para acabar perseguido por um garoto destreinado. O meu jeito é melhor. Suave, suave, nas sombras. Algo que controle um homem capaz de canalizar. Sim, teria de ser isso. — Ela estreitou os olhos, analisando as mulheres uma de cada vez. — Pois bem. Tenho que decidir o que fazer com vocês.

Elayne aguardou, paciente. Nynaeve exibia um sorrisinho bobo, os lábios abertos, na expectativa. Parecia ainda mais bobo pelo modo como ela agarrava as tranças.

— Você é muito forte para se desperdiçar, talvez um dia seja útil. Eu adoraria ver a cara de Rahvin no dia em que a vir desbloqueada — comentou a mulher, encarando Nynaeve. — Eu afastaria vocês dessa caçada, se pudesse. Uma pena que a compulsão seja tão limitada. De qualquer jeito, com o pouco que aprenderam, vocês estão muito atrás das outras. Suponho que possa vir buscá-las mais tarde e garantir um… novo treinamento. — Ela parou, e de repente o corpo inteiro de Elayne começou a tremer. Seu cérebro parecia tiritar, e ela não tinha consciência de nada além da voz da mulher, ressoando em seus ouvidos a grande distância. — Vocês vão recolher as coisas da mesa e, depois de recolocá-las nos lugares, não vão se lembrar de nada do que aconteceu aqui, exceto que vim pensando que eram duas amigas do interior. Eu estava enganada, tomei uma xícara de chá e fui embora.

Elayne piscou e se perguntou por que estava amarrando a bolsa atrás do corpo, junto à bolsa do cinto. Nynaeve encarava as próprias mãos, ajeitando a bolsa com o cenho franzido.

— Uma mulher muito gentil — comentou Elayne, esfregando a testa. Sentia o início de uma dor de cabeça. — Ela disse como se chamava? Eu não me lembro.

— Gentil? — Nynaeve ergueu a mão e deu um puxão forte nas tranças. Depois encarou o membro se ele tivesse vontade própria. — Eu… acho que não disse.

— Sobre o que a gente estava conversando, quando ela chegou?

Egeanin tinha abado de partir. Qual era o assunto?

— Eu me lembro do que ia dizer. — A voz de Nynaeve assumiu um tom mais firme. — Temos que encontrar as irmãs Negras sem que elas desconfiem de nossa presença, ou nunca vamos ter qualquer chance de segui-las até essa tal coisa que representa perigo para Rand.

— Eu sei — respondeu Elayne, com paciência. Será que já dissera isso? Claro que não. — Nós *já* conversamos sobre isso.

Diante dos portões em arco que levavam ao pequeno pátio da estalagem, Egeanin fez uma pausa e analisou os homens de feições duras que descansavam, descalços e quase todos sem camisa, entre o povo que vadiava daquele lado da rua estreita. Pareciam hábeis com os sabres presos nos cintos ou enfiados nas faixas de couro da cintura, porém nenhum dos rostos lhe era familiar. Se algum daqueles homens estivera no navio de Bayle Domon quando rumou com ele até Falme, não lembrava. Se algum deles tivesse viajado com ela, seria de se esperar que não ligassem a mulher de vestido de montaria à mulher de armadura que capturara a embarcação.

De súbito, percebeu que estava com as mãos úmidas. Aes Sedai. Mulheres capazes de manejar o Poder sem estarem devidamente controladas. Sentara-se à mesa com elas, conversara com elas. As duas não eram nada do que ela esperava. Era impossível tirar esse pensamento da cabeça. Elas conseguiam canalizar, portanto eram perigosas à ordem, portanto tinham que ser devidamente encolaradas. Mas, ainda assim… não eram nada do que ela pensara que seriam. Era possível *aprender*. Aprender! Contanto que conseguisse evitar Bayle Domon — o homem decerto a reconheceria — poderia retornar. Precisava saber mais. Mais do que nunca, precisava saber mais.

Desejando ter um manto com capuz, segurou firme o cajado e foi andando pela rua, abrindo caminho pela multidão. Nenhum dos marujos reparou nela, que os observou para ter certeza.

Egeanin não viu o homem de cabelos claros em trajes imundos de Tanchico, agachado na frente de uma adega de paredes caiadas, do outro lado da rua. Seus olhos azuis, aparecendo por cima de um véu encardido e de um bigode grosso preso com cola, a seguiram antes de deslizar de volta para o interior do Jardim das Três Ameixeiras. O sujeito ficou parado, depois atravessou a rua, ignorando a forma asquerosa com que o povo esbarrava nele. Egeanin quase o notara quando ele perdera a cabeça e quebrara o braço daquele coitado. Um do Sangue, como era reconhecido por aquelas bandas, reduzido a pedinte, sem honra suficiente para abrir as próprias veias. Asqueroso. Talvez ele conseguisse descobrir mais sobre o que a mulher estava aprontando ali na estalagem, quando os clientes descobrissem que tinha mais moedas do que suas roupas sugeriam.

47



A verdade de uma Visão

Os papéis espalhados na mesa de Siuan Sanche lhe despertavam pouco interesse, mas ela perseverava. Outras pessoas cuidavam da rotina diária da Torre Branca, naturalmente, de modo a deixar o Trono de Amyrlin livre para as decisões importantes, mas ela sempre tivera o hábito de conferir uma ou duas coisinhas aleatórias todos os dias, sem aviso prévio, e não o abandonaria agora. Não se deixaria distrair por preocupações. Tudo estava funcionando como planejado. Ela remexeu a estola listrada, mergulhou com cuidado a pena na tinta e assinalou mais um total corrigido.

Hoje estava examinando listas de compras de cozinha, além do relatório do pedreiro para o anexo da biblioteca. O número de pequenas infrações que as pessoas pensavam poder cometer despercebidas sempre a impressionava. E também o número que de fato passava despercebido às mulheres encarregadas dessas questões. Por exemplo, Laras, ao que parecia, achava que controlar as contas já não era sua função, depois que fora oficialmente promovida de simples cozinheira-chefe a Mestra das Cozinhas. Por sua vez, Danelle, a irmã Marrom responsável por supervisionar Mestre Jovarin, o pedreiro, decerto estava se deixando distrair pelos livros que o sujeito ficava encontrando para ela. Essa era a única explicação para seu fracasso em questionar o número de trabalhadores que Jovarin alegara ter contratado, com os primeiros carregamentos de pedra vinda de Kandor acabados de chegar ao Porto do Norte. Seria possível reconstruir a biblioteca inteira com aquela quantidade de homens. Danelle era sonhadora demais, mesmo para uma Marrom. Talvez um

tempinho em uma fazenda pagando penitências a despertasse. Laras seria mais difícil de disciplinar; a mulher não era Aes Sedai, portanto sua autoridade com os cozinheiros subalternos, ajudantes de cozinha e serventes iria para o brejo em dois tempos. No entanto, talvez ela também pudesse ser enviada para um "descanso" no interior. Seria…

Bufando de desgosto, Siuan baixou a caneta, franzindo o cenho para o borrão deixado em uma folha com várias colunas de totais organizados.

— Que perda de tempo ficar aqui decidindo se mando Laras catar ervas — resmungou. — A mulher mal consegue se agachar, de tão gorda!

Não fora o peso de Laras que a deixara irritada, e ela sabia disso; a mulher não estava mais pesada do que antes, ao que parecia, e seu peso nunca a impedira de correr pelas cozinhas. A falta de notícias. Era isso o que a deixava feito um pássaro-pescador que tivera a presa afanada. Uma mensagem de Moiraine informando que o rapaz al'Thor estava com *Callandor*, depois nada nas semanas seguintes, embora o falatório nas ruas já começasse a denunciar o nome dele. Nada ainda.

Erguendo a tampa articulada da caixa de madeira negra entalhada, onde guardava os papéis mais secretos, ela revirou o interior. Um pequeno dente preso à caixa garantia que nenhuma outra mão além da dela pudesse abri-la.

O primeiro papel que puxou era um relatório informando que a noviça que presenciara a chegada de Min havia desaparecido da fazenda para onde fora enviada, assim como a proprietária da fazenda. Não era incomum noviças fujonas, mas o sumiço da fazendeira era inquietante. Sahra teria de ser encontrada, sem dúvida — ela não havia progredido o suficiente no treinamento para ser deixada à solta — mas não havia de fato motivo para manter o relatório na caixa. Ele não mencionava nem o nome de Min nem a razão pela qual a garota fora mandada para carpir repolhos, mas ela o guardou de volta mesmo assim. Naqueles dias era preciso tomar cuidados que pareceriam irracionais em qualquer outra ocasião.

O relato de uma reunião em Ghealdan para ouvir o homem que se intitulava o Profeta do Lorde Dragão. Aparentemente, o sujeito se chamava Masema. Era um nome shienarano. Quase dez mil pessoas apareceram para ouvi-lo falando alto de uma encosta, proclamando o retorno do Dragão, um discurso seguido por uma batalha com soldados que tentavam dispersá-los. Além do fato de que os soldados aparentemente levaram a pior, o interessante era que o tal Masema sabia o nome de Rand al'Thor. Isso definitivamente voltava para a caixa.

Um relatório informando que nada ainda havia sido descoberto a respeito de Mazrim Taim. Nenhuma razão para permanecer na caixa.

Outro sobre o agravamento nas condições de Arad Doman e Tarabon. O sumiço de navios na costa do Oceano de Aryth. Rumores de ataques tairenos a Cairhien. Ela estava adquirindo o hábito de colocar tudo naquela caixa; nada daquilo de fato precisava ser mantido em segredo. Duas irmãs haviam desaparecido em Illian, e outra em Caemlyn. Ela sentiu um arrepio, perguntando-se onde estariam os Abandonados. Muitos de seus agentes haviam se calado. Havia peixes-leões à solta, e ela seguia nadando no escuro. Lá estava. A folha fina de papel de seda estalou quando ela a desenrolou. *A funda foi usada. O pastor detém a espada.* O Salão da Torre havia votado conforme ela esperava, por unanimidade, sem que fosse necessário forçá-las, muito menos invocar sua autoridade. Se um homem havia empunhado *Callandor*, só poderia ser o Dragão Renascido, e tal homem teria de ser controlado pela Torre Branca. Três Votantes de Ajahs diferentes haviam proposto manter todos os planos sob controle do Salão, antes mesmo que ela sugerisse; a única surpresa fora o fato de que uma delas era Elaida, mas, por outro lado, as Vermelhas certamente iriam querer amarrar bem firme um homem capaz de canalizar. A única questão fora impedir o envio de uma delegação a Tear para tomá-lo com as próprias mãos, o que acabara não sendo muito difícil, quando pôde dizer que uma Aes Sedai já havia conseguido se aproximar do homem.

No entanto, o que ele estaria fazendo naquele exato momento? Por que Moiraine não tinha mandado mais notícias? A impaciência pairava tão pesada no Salão que ela praticamente esperava que o ar faiscasse. Manteve a ira sob controle. *Que se queime a mulher! Por que não mandou notícias?*

A porta se abriu com um estrondo, e ela se endireitou, furiosa, enquanto mais de doze mulheres adentravam seu gabinete a passos firmes, lideradas por Elaida. Todas usavam seus xales, a maioria de franjas vermelhas, mas Alviarin, uma Branca de expressão fria, vinha ao lado de Elaida, e logo atrás seguiam Joline Maza, uma Verde esbelta, e Shemerin, uma gordinha Amarela, ao lado de Danelle, com os olhos azuis nada sonhadores. Na realidade, Siuan via pelo menos uma mulher de cada Ajah, exceto pela Azul. Algumas pareciam nervosas, mas a maioria exibia sorrisos determinados. Os olhos escuros de Elaida continham uma confiança rígida, um ar de triunfo.

— Mas o que é isso? — perguntou Siuan, bruscamente, fechando a caixa de madeira preta com um estalido. Ela pôs-se de pé no mesmo instante e caminhou até a escrivaninha, pisando firme. Primeiro Moiraine, agora isso! — Se é sobre questões *tairenas*, Elaida, eu esperava mais de você do que ficar metendo outras nisso. E entrar aqui como se estivesse na cozinha da sua mãe! Peça desculpas e saia, antes que eu faça você desejar voltar a ser uma noviça ignorante!

A ira gélida da mulher deveria ter posto todas as outras para

correr, mas, embora algumas remexessem os pés, meio incomodadas, ninguém fez menção de sair. A pequena Danelle, inclusive, deu um sorrisinho malicioso. Tranquilamente, Elaida estendeu a mão e puxou a estola listrada dos ombros de Siuan.

— Você não vai mais precisar disso aqui. Você nunca foi digna dela, Siuan.

O choque petrificou a língua de Siuan. Aquilo era loucura. Era impossível. Furiosa, ela se abriu para *saidar*… e sofreu o segundo choque. Havia uma barreira entre ela e a Fonte Verdadeira, feito uma parede espessa de vidro. Ela encarou Elaida, incrédula.

Como se fosse um deboche, o brilho de *saidar* surgiu em Elaida. Ela permaneceu impotente enquanto a irmã Vermelha urdia fluxos de Ar ao seu redor, dos ombros à cintura, esmagando seus braços na lateral do corpo. Ela mal conseguia respirar.

— Vocês estão loucas! — gritou. — Todas! Vou arrancar o couro de vocês por isso! Me soltem! — Ninguém respondeu; as mulheres praticamente a ignoravam.

Alviarin revirou os papéis na mesa, rapidamente, porém sem pressa. Joline, Danelle e outras começaram a derrubar os livros nos suportes e chacoalhá-los para ver se alguma coisa caía de dentro. A irmã Branca soltou um pequeno chiado de irritação por não encontrar o que procurava na mesa, então abriu a caixa de madeira preta. No mesmo instante a caixa irrompeu em chamas.

Alviarin pulou para trás, gritando e sacudindo a mão, já com bolhas se formando.

— Protegida — resmungou, com mais raiva do que Siuan jamais vira uma Branca demonstrar. — Tão fraco que eu só senti tarde demais. — Nada restava da caixa e seu conteúdo além de um monte de cinza sobre um quadrado chamuscado na mesa.

O rosto de Elaida não exibia frustração.

— Eu prometo a você, Siuan, que vai me contar cada palavra do que foi queimado, para quem era dirigida e com que objetivo.

— Vocês só podem estar possuídas pelo Dragão! — vociferou Siuan. — Vou arrancar o seu couro por isso, Elaida. O de todas vocês! Vocês terão sorte se o Salão da Torre não votar pelo estancamento de todas!

O sorrisinho de Elaida não lhe alcançava os olhos.

— O Salão se reuniu não faz nem uma hora, com quórum de Votantes dentro da lei, e por votação unânime, conforme requerido, você não é mais Amyrlin. Está feito, e viemos aqui para executar a decisão.

O estômago de Siuan congelou, e uma vozinha em sua mente ganiu: *O que é que elas sabem? Luz, quanto será que elas sabem? Idiota! Mulher cega, idiota!* Ela manteve a expressão serena, no entanto. Não

era a primeira vez que se via encurralada. Uma menina de quinze anos munida apenas de uma faca de peixe, arrastada para um beco por quatro grosseirões de olhos duros e barrigas cheias de vinho — aquela havia sido uma situação muito mais difícil de escapar. Foi o que disse a si mesma.

— De acordo com a lei? — questionou, com desprezo. — Um quórum mínimo, cheio das suas amigas e das que você consegue influenciar ou intimidar. — O fato de Elaida ter convencido um pequeno número de Votantes que fosse já era suficiente para lhe secar a garganta, mas ela não deixaria isso transparecer. — Quando o Salão inteiro se reunir, com todas as Votantes, você vai perceber o seu erro. Tarde demais! Nunca houve uma rebelião dentro da Torre; daqui a mil anos elas vão usar o seu destino para ensinar às noviças o que acontece com as dissidentes. — Expressões de dúvida se formaram em alguns rostos; parecia que Elaida não conduzia suas conspiradoras com o pulso tão firme quanto imaginava. — Está na hora de você parar de tentar furar o casco e começar a baldear a água. Não é tarde demais nem para você, Elaida.

Elaida aguardou com uma frieza contida até a outra terminar. Então um tapa forte acertou o rosto de Siuan; ela cambaleou, e pontinhos pretos e prateados lhe embaçaram a visão.

— Você está acabada — declarou Elaida. — Você achou que eu… que nós iríamos permitir que destruísse a Torre? Levem essa mulher!

Siuan tropeçou quando duas Vermelhas a empurraram. Mal conseguindo equilibrar-se, ela cravou os olhos nas duas, mas seguiu na direção que mandaram. Com quem teria de falar a respeito daquilo? Fosse lá que acusações as mulheres tivessem feito, seria capaz de refutá-las, em seu dado momento. Até as acusações que envolviam Rand; não era possível envolvê-la em algo mais que rumores, e ela havia jogado o Grande Jogo por muito tempo para ser derrubada por rumores. A não ser que elas estivessem com Min; Min poderia transformar os rumores em verdades. Ela rangeu os dentes. *Que a minha alma queime, vou jogar esse bando aos peixes!*

Na antessala, ela tropeçou de novo, mas dessa vez não foi por conta de um empurrão. Guardava certa esperança de que Leane estivesse fora de seu posto, mas a Curadora estava parada na mesma posição que Siuan, com os braços rígidos ao lado do corpo, a boca se mexendo sem som, furiosa, envolta em uma mordaça de Ar. Ela decerto sentira Leane sendo presa e nem percebera; na Torre sempre havia mulheres canalizando.

No entanto, não foi a visão de Leane que a fez tropeçar, mas o homem alto, magro e grisalho caído no chão com uma faca cravada nas costas. Alric fora seu Guardião durante quase vinte anos, e jamais reclamara por terem que permanecer na Torre, jamais resmungara

quando o trabalho de Guardião da Amyrlin o faria ficar a léguas de distância dela, algo que nenhum Gaidin apreciava.

Ela pigarreou para limpar a garganta, porém sua voz ainda saiu rouca:

— Vou mandar arrancar seu couro e estirar no sol por isso, Elaida. Eu juro!

— Pense no seu próprio couro, Siuan — retrucou Elaida, aproximando-se para encará-la. — Tem mais coisa nessa história do que foi revelado até agora. Eu sei disso. E você vai me contar tudinho, até o fim. Até… o… fim. — A calma súbita em sua voz era mais aterradora do que todos os olhares severos. — Eu prometo, Siuan. Levem a mulher para baixo!

Agarrada a rolos de seda azul, Min adentrou o Portão Norte perto do meio-dia, com um sorrisinho já pronto para os guardas com a Chama de Tar Valon no peitoral, além do floreio nas saias verdes, como Elmindreda fazia. Inclusive, já começara o floreio antes de perceber que não havia guardas. A pesada porta com correias de ferro do posto de guarda, em formato de estrela, estava aberta; o posto em si parecia vazio. Era impossível. Nunca um portão de entrada para os muros da Torre ficava desguarnecido. A meio caminho da imensa coluna branca da Torre propriamente dita, uma cortina de fumaça se erguia das árvores. Parecia próxima dos alojamentos dos jovens que treinavam com os Guardiões. Talvez o fogo tivesse atraído os guardas.

Ainda um pouco incomodada, ela começou a descer a trilha sem pavimento da parte arborizada dos muros, ajeitando os panos de seda. Na verdade, não queria outro vestido, mas como poderia recusar quando Laras enfiara uma bolsa de prata em suas mãos e a mandara usar na compra da tal seda que a mulher robusta tinha visto? Alegava ser bem da cor que ressaltaria o tom de pele de “Elmindreda”. Se ela queria ou não ter seu tom de pele ressaltado não importava tanto quanto preservar a boa vontade de Laras.

Um clangor de espadas, vindo das árvores, chegou aos seus ouvidos. Os Guardiões deviam estar exigindo que seus alunos praticassem mais do que o habitual.

Era tudo muito irritante. Laras e suas dicas de beleza, Gawyn e suas piadas, Galad sempre fazendo elogios sem perceber o efeito que seu rosto e sorriso exerciam sobre os batimentos cardíacos de uma mulher. Seria assim que Rand a desejava? O rapaz de fato *repararia* nela, se ela usasse vestido e ficasse rindo para ele feito uma boboca oferecida?

Ele não tem o direito de esperar uma coisa dessas, ela pensou, furiosa. Era tudo culpa dele. Ela não estaria ali naquele momento, com um vestido estúpido daqueles e sorrindo feito uma idiota, não fosse

por ele. *Eu uso casaco e calças, e ponto final! Talvez possa até usar um vestido de vez em quando — talvez! — mas não para atrair o olhar de um homem! Aposto que neste exato instante ele está encarando alguma tairena com metade dos seios de fora. Eu posso usar um vestido assim. Vamos ver o que ele vai dizer quando me vir nessa seda azul. Vou mandar fazer um decote até…* O que ela estava pensando? O homem havia roubado seu juízo! O Trono de Amyrlin a mantinha ali, sem função alguma, e Rand al'Thor estava lhe embaralhando as ideias! *Que o queime! Que o queime por estar fazendo isso comigo!*

O som das espadas surgiu outra vez a distância, e ela parou quando uma horda de rapazes irrompeu do meio das árvores portando lanças e facas, com Gawyn na dianteira. Ela reconheceu outros dentre os que tinham vindo treinar com os Guardiões. Uma gritaria se elevou de outro ponto das dependências da Torre, o rugido de homens irados.

— Gawyn! O que é que está havendo?

Ao ouvir a voz de Min, ele deu um giro. Seus olhos azuis se encheram de medo e preocupação, e seu rosto exibia uma máscara de determinação em não ceder a esses sentimentos.

— Min. O que está fazendo…? Saia daqui, Min. É perigoso. — Um bocado dos jovens seguiu correndo, mas a maioria ficou aguardando Gawyn, com impaciência. Parecia que quase todos os alunos dos Guardiões estavam ali.

— Me diga o que está acontecendo, Gawyn!

— A Amyrlin foi deposta hoje de manhã. Saia daqui, Min!

Os rolos de seda caíram das mãos dela.

— Deposta? Não pode ser! Como? Por quê? Em nome da Luz, por quê?

— Gawyn! — chamou um dos rapazes, e outros ecoaram, brandindo as armas.

— Gawyn! O Javali Branco! Gawyn!

— Eu não tenho tempo, Min — disse ele, apressado. — Lutas estão acontecendo por todo canto. Estão dizendo que Hammar está tentando libertar Siuan Sanche. Preciso ir para a Torre, Min. Vá embora! Por favor!

Ele se virou e disparou em direção à Torre. Os outros foram atrás, eriçados, de armas em riste, alguns ainda gritando:

— Gawyn! O Javali Branco! Gawyn! Avante os Jovem Guarda!

Min encarou o grupo.

— Você não disse de que lado está, Gawyn — sussurrou ela.

Agora que ela prestava atenção, a luta ressoava mais alto e com mais nitidez, e os gritos, urros e o baque de metal contra metal pareciam vir de todas as direções. O clamor fez sua pele se arrepiar e seus joelhos tremerem; aquilo não podia estar acontecendo, não ali. Gawyn tinha razão. A coisa mais segura e mais sensata seria sair

imediatamente das dependências da Torre. No entanto, não havia como saber quando ou se ela poderia retornar, e ela não conseguia imaginar o que poderia fazer do lado de fora.

— De que me adianta ficar aqui dentro? — perguntou a si mesma, furiosa.

Min, no entanto, não se virou em direção ao portão. Deixando a seda onde havia caído, correu para a mata, procurando um lugar para se esconder. Não achava que alguém enfiaria "Elmindreda" em um espeto, feito um ganso — com calafrios, desejou não ter pensado naquilo — mas não havia por que se arriscar à toa. Cedo ou tarde a luta haveria de cessar, e quando isso acontecesse ela teria de decidir o que fazer em seguida.

Na completa escuridão da cela, Siuan abriu os olhos, se remexeu, estremeceu e parou. Já seria dia lá fora? A pergunta persistia havia um bom tempo. Ela tentara esquecer a dor, diante do luxo de saber que ainda respirava. Porém, a pedra bruta sob seu corpo lhe arranhava os hematomas e ferimentos nas costas. O suor fazia arder todos eles — ela sentia uma massa sólida de dor, dos joelhos até os ombros — e o ar frio por cima a fazia tiritar. *Elas pelo menos podiam ter me deixado com a roupa de baixo.* O ar cheirava a poeira e mofo seco, velho. Uma das celas no subsolo. Ninguém fora confinado ali desde a época de Artur Asa-de-gavião. Não desde Bonwhin.

Siuan fez uma careta na escuridão; não havia como esquecer. Rangendo os dentes, ergueu o corpo, sentou-se no chão de pedra e tateou em busca de uma parede para se apoiar. Os blocos de pedra da parede estavam frios contra suas costas. *Coisinhas pequenas*, disse a si mesma. *Pense em coisinhas pequenas. Calor. Frio. Quando será que vão me trazer um pouco de água? Se é que trarão.*

Ela não resistiu e tentou sentir o anel da Grande Serpente. Já não estava em seus dedos. Não que ela esperasse encontrá-lo; achava que se lembrava do instante em que ele fora removido. As coisas haviam ficado meio nebulosas, depois de um tempo. Nebulosas, ainda bem. Mas ela se lembrava de ter contado tudo às outras, no fim das contas. Quase tudo. O triunfo de preservar uma coisinha aqui, outra ali. Entre as respostas berradas, a ânsia de responder, se ao menos elas parassem, mesmo que por um pouquinho, se ao menos… ela abraçou o próprio corpo para parar de tremer; não adiantou muito. *Vou manter a calma. Não estou morta. Preciso me lembrar disso acima de qualquer outra coisa. Não estou morta.*

— Mãe? — A voz trêmula de Leane surgiu da escuridão. — Está acordada, Mãe?

— Estou — respondeu Siuan, com um suspiro. Esperava que as outras tivessem libertado Leane, mandado-a para fora da cidade. Foi

castigada pela culpa ao sentir certo conforto pela presença da outra mulher na cela. — Lamento muito ter metido você nisso, filh… — Não. Já não tinha o direito de se dirigir a ela daquela forma. — Eu lamento muito, Leane.

Houve um longo instante de silêncio.

— A senhora está… passando bem, Mãe?

— Siuan, Leane. Só Siuan. — Sem perceber, ela tentou abraçar *saidar*. Não havia nada. Não para ela. Somente um vazio por dentro. Nunca mais. Uma vida inteira de dedicação, e agora estava desorientada, à deriva em um mar muito mais obscuro que aquela cela. Ela limpou uma lágrima do rosto, cheia de raiva por tê-la deixado cair. — Não sou mais o Trono de Amyrlin, Leane. — Um pouco da raiva revelou-se em sua voz. — Suponho que Elaida vá ser elevada em meu lugar. Isso se já não tiver sido. Eu juro, um dia vou servir essa mulher de comida para os lúcios!

A resposta de Leane foi apenas um suspiro longo e desesperador.

O rangido de uma chave no cadeado enferrujado fez Siuan erguer a cabeça; ninguém havia pensado em passar um óleo nas dobradiças antes de jogar as duas lá dentro, e as partes corroídas não queriam girar. Taciturna, ela se forçou a se levantar.

— Levante-se, Leane. Levante-se. — Depois de um instante ouviu a outra mulher aquiescendo e resmungando sozinha entre gemidos baixinhos.

Em um tom de voz levemente mais alto, Leane disse:

— De que vai adiantar?

— Pelo menos não vão encontrar a gente encolhida no chão, chorando. — Ela tentou manter a voz firme. — Podemos lutar, Leane. Enquanto estivermos vivas, podemos lutar. — *Ah, Luz, elas me estancaram! Elas me* estancaram*!*

Forçando-se a esvaziar a mente, ela cerrou os punhos e tentou cravar os dedos dos pés no chão de pedras irregulares. Desejou que o som que saía de sua garganta não soasse tanto como um lamento.

Min colocou suas trouxas no chão e jogou o manto para trás, para segurar a chave com ambas as mãos. Era duas vezes maior que suas mãos e tão enferrujada quanto o cadeado, feito todas as outras chaves no grande aro de ferro. O ar estava frio e úmido, como se o verão ainda não tivesse chegado tão ao sul.

— Rápido, criança — murmurou Laras, erguendo a lanterna para Min no corredor escuro de pedra e espiando nas duas direções. Era difícil acreditar que a mulher, com todo aquele queixo, algum dia fora uma beldade, mas Min sem dúvida a considerava bela agora.

Lutando com a chave, ela balançou a cabeça. Havia encontrado Laras enquanto corria sorrateira de volta para o quarto para colocar o

vestido simples e cinza de montaria que usava no momento, além de fazer outras coisinhas. Na verdade, encontrara a mulher corpulenta procurando por *ela*, em um surto de preocupação com "Elmindreda", gritando que Min era muito sortuda por estar em segurança e praticamente sugerindo que ela se trancasse no quarto até que aquela loucura terminasse, para que continuasse segura. Ela ainda não sabia ao certo como Laras conseguira descobrir suas intenções, nem estava plenamente recuperada do choque que sentira quando a mulher anunciara, relutante, ter condições de ajudar. *Uma mulher arrojada, de fato, seguindo o próprio coração. Bem, espero que ela consiga — como foi que ela disse mesmo? — me manter fora do caldeirão de salmoura.* A maldita chave *não* girava; ela forçou todo o peso do corpo na tentativa.

Em verdade, Min era grata a Laras sob diversos aspectos. Era pouco provável que desse conta de aprontar tudo sozinha, ou até mesmo de encontrar qualquer coisa, decerto não com aquela rapidez. Além do mais… além do mais, quando topou com Laras, já estava começando a se convencer de que tinha sido uma idiota de sequer pensar em fazer uma coisa daquelas, que deveria estar montada em um cavalo rumo a Tear enquanto era tempo, antes que alguém decidisse acrescentar sua cabeça às que decoravam a frente da Torre. Suspeitava que fugir teria sido o tipo de coisa impossível de se esquecer. Só aquilo já a tornava grata a ponto de não ter feito qualquer objeção quando Laras acrescentou alguns belos vestidos aos que ela já havia guardado na trouxa. Os rouges e pós sempre podiam ser "perdidos" em algum canto. *Por que é que essa maldita chave não gira? Talvez Laras consiga…*

A chave girou subitamente, fazendo um barulho tão alto que Min temeu que alguma parte tivesse se quebrado. No entanto, a porta de madeira bruta se abriu com um empurrão. Ela agarrou as trouxas, adentrou a cela vazia de pedra… e parou, confusa.

A luz da lanterna revelou duas mulheres vestidas apenas em hematomas roxos e arranhões vermelhos, protegendo os olhos da súbita iluminação, mas por um instante Min não soube ao certo se eram as duas que procurava. Uma era alta, de pele acobreada, a outra mais baixa, mais corpulenta, mais pálida. Os rostos pareciam os certos — quase os certos — e intocados pelo que os corpos haviam sofrido, então ela deveria ter certeza. Porém, o aspecto de idade indefinida que era a marca das Aes Sedai parecia ter desaparecido; aquelas mulheres decerto eram apenas seis ou sete anos mais velhas do que ela, no máximo, e não eram Aes Sedai. Seu rosto ficou quente de vergonha diante do pensamento. Ela não viu imagens nem auras em torno das duas; o que sempre havia quando se tratava de Aes Sedai. *Pare com isso*, disse a si mesma.

— Onde…? — começou a perguntar uma das duas, espantada, depois fez uma pausa para pigarrear. — Como foi que você conseguiu essas chaves? — Era a voz de Siuan Sanche.

— É ela. — Laras soava incrédula. Cutucou Min com um dedo grosso. — Ande, criança! Estou muito velha e muito lenta para essas aventuras.

Min disparou um olhar surpreso; a mulher havia *insistido* em ir, dissera que não seria deixada de fora. Min queria perguntar a Siuan por que as duas de repente pareciam tão mais novas, mas não havia tempo para perguntas frívolas. *Maldição, estou ficando muito acostumada a ser Elmindreda!*

Ela empurrou uma das trouxas para a mulher nua e disse, depressa:

— Roupas. Vistam-se o mais rápido possível. Não sei quanto tempo temos. Deixei o guarda pensar que eu daria uns beijos nele pela chance de me vingar de uma desfeita de vocês, e enquanto ele estava distraído Laras chegou por trás e deu na cabeça do homem com um rolo de macarrão. Não sei por quanto tempo ele vai dormir. — Ela inclinou o corpo em direção à porta e espiou, preocupada, o corredor que levava aos aposentos dos guardas. — É melhor a gente correr.

Siuan já havia desamarrado a trouxa e começado a vestir as roupas. Exceto por um vestido de linho, eram todas de lã simples em tons de marrom, adequadas às camponesas que vinham à Torre Branca aconselhar-se com as Aes Sedai, embora as saias divididas para montaria fossem um pouco incomuns. Laras havia cerzido a maior parte; Min dera conta apenas de furar os dedos. Leane também estava se vestindo, porém parecia mais interessada na faca de lâmina curta que pendia do cinto do que nas roupas em si.

Três mulheres vestidas em roupas simples teriam a chance, pelo menos, de sair da Torre sem chamar atenção. Um punhado de requerentes e gente pedindo ajuda havia ficado preso na Torre por conta do conflito; três a mais que saíssem dos esconderijos seriam, na pior das hipóteses, jogadas rapidamente na rua. Contanto que não fossem reconhecidas. Os rostos das outras mulheres poderiam ajudar também. Era pouco provável que alguém tomasse um par de jovens — aparentemente, pelo menos — pelo Trono de Amyrlin e a Curadora das Crônicas. A antiga Amyrlin e a antiga Curadora, ela lembrou a si mesma.

— Só um guarda? — perguntou Siuan, estremecendo enquanto calçava meias grossas. — Estranho. Até um ladrão seria mais bem vigiado. — Com os olhos em Laras, ela enfiou os pés nos sapatos pesados. — É bom ver que tem gente que não acredita nas acusações que estão fazendo a mim. Sejam elas quais forem.

A mulher corpulenta franziu o cenho e baixou o queixo,

completando o pensamento:

— Eu sou leal à Torre — disse, severamente. — Essas questões não me dizem respeito. Sou só uma cozinheira. Essa menina insensata me faz lembrar muito de quando eu mesma era uma garota insensata. Acho… vendo vocês… que está na hora de lembrar que já não sou uma mocinha graciosa. — Ela empurrou a lanterna nas mãos de Min.

Min agarrou o braço robusto da mulher quando ela se virou para sair.

— Laras, você não vai nos entregar, vai? Não agora, depois de tudo o que você fez.

O rosto largo da mulher se abriu em um sorriso meio saudoso, meio pesaroso.

— Ah, Elmindreda, você de fato me faz lembrar de mim mesma quando tinha a sua idade. Cada coisa estúpida, e às vezes eu quase acabava enforcada. Não vou trair vocês, criança, mas tenho que viver aqui. Quando a Segunda soar, vou mandar uma garota com vinho para o guarda. O que vai lhes dar mais do que uma hora, se ele não tiver acordado ou sido descoberto até então. — Ela se virou para as outras duas, de súbito com a mesma carranca que Min via dirigida aos cozinheiros subalternos e afins. — Façam bom uso dessa hora, estão ouvindo? Elas estão querendo enfiar vocês duas na área de serviço, pelo que entendi, para que possam servir de exemplo. Isso não me importa, de todo modo, pois são assuntos de Aes Sedai, não de cozinheiras, e para mim tanto faz uma Amyrlin ou a outra. Mas, se vocês deixarem alguém capturar essa menina, podem esperar que vou mandar esfolar seus couros do dia até a noite sempre que não estiverem com a cara enfiada em panelas engorduradas ou limpando jarros de lavagem! Vocês vão desejar que elas tivessem lhes arrancado fora as cabeças antes que eu termine com as duas. E não pensem que elas vão acreditar que eu ajudei. Todo mundo sabe que eu não saio das minhas cozinhas. Lembrem-se bem do que eu disse, e se virem! — O sorriso retornou ao rosto da mulher, que deu um beliscãozinho na bochecha de Min. — Você apresse essas duas, criança. Ah, como vou sentir falta de vestir você. Uma menina tão bonita. — Com um último e vigoroso beliscão, saiu da cela, bamboleando quase em um trote.

Min esfregou a bochecha, irritada; odiava quando Laras fazia aquilo. A mulher era forte feito um cavalo. Quase *enforcada*? Que tipo de "moça vivaz" Laras havia sido?

Puxando o vestido com cuidado pela cabeça, Leane fungou alto.

— E pensar que ela pôde falar com a senhora dessa maneira, Mãe! — Sua cabeça surgiu no topo, carrancuda. — Me espanta que ela tenha ajudado, para começo de conversa, já que pensa assim.

— Mas ajudou — respondeu Min. — Não se esqueçam disso. E

acho que ela vai manter a palavra de não nos entregar. Tenho certeza.

Leane fungou outra vez.

Siuan balançou o manto em torno dos ombros.

— Ela falou assim, Leane, porque não tenho mais direito ao título. Amanhã você e eu podemos ser duas serventes dela. — Leane apertava as mãos, para evitar que tremessem, sem olhar a outra mulher. Siuan prosseguiu calmamente, ainda que em um tom seco. — Também acho que Laras vai manter a palavra em relação a… outras coisas… então, mesmo que vocês não se importem em ver Elaida nos enforcar, feito um par de tubarões em uma rede, diante do mundo inteiro, sugiro que se mexam. Quanto a mim, eu odiava panelas gordurentas quando era criança, e tenho certeza de que ainda odeio.

Leane, de cara fechada, começou a amarrar os laços do vestido de camponesa.

Siuan voltou a atenção a Min.

— Talvez você não fique tão ansiosa para nos ajudar depois de eu contar que fomos ambas… estancadas. — A voz da mulher não falhou, mas soou dura pelo esforço de pronunciar a palavra, e seus olhos, além de cheios de sofrimento, estavam perdidos. Era um choque perceber que aquela calma era toda superficial. — Qualquer uma das Aceitas poderia amarrar nós duas debaixo de um rolo compressor, Min. A maioria das noviças conseguiria fazer isso.

— Eu sei — disse Min, com cuidado para não deixar escapar o menor tom de compaixão que fosse. Compaixão em um momento daqueles poderia destruir o que ainda restava de autocontrole nas mulheres, e ela precisava que as duas se controlassem. — Foi anunciado pelos quatro cantos da cidade e exibido em todos os lugares onde era possível afixar notícias. Mas vocês ainda estão vivas. — Leane soltou uma risada amarga, que ela ignorou. — É melhor irmos. O guarda pode ter acordado, ou alguém pode ter ido conferir como ele está.

— Vá na frente, Min — disse Siuan. — Estamos nas suas mãos. — Depois de um instante, Leane fez um breve meneio de cabeça e cobriu depressa os ombros com o manto.

Nos alojamentos dos guardas, ao final do corredor escuro, o guarda solitário jazia estirado, de cara no chão sujo. O capacete que o teria protegido de uma contusão na cabeça estava sobre a mesa de tábuas brutas, ao lado da única lanterna que fornecia a iluminação do aposento. O homem parecia respirar normalmente. Min mal passou os olhos por ele, mas esperou que não estivesse muito ferido; o guarda não tentara tirar vantagem da oferta dela.

Ela conduziu Siuan e Leane depressa até a porta mais distante, toda de tábuas grossas e tiras largas de ferro, e as três subiram a escadaria estreita de pedra. Tinham de seguir andando. Passar por

requerentes não as pouparia de perguntas se fossem vistas vindo das celas.

Elas não viram outros guardas, nem ninguém, quando saíram das profundezas da Torre, mas Min percebeu que continuou prendendo a respiração até as três chegarem à pequena porta que levava à Torre em si. Ela abriu a porta, apenas o suficiente para meter a cabeça, depois espiou os dois lados do corredor.

Havia suportes dourados de lampiões pendurados nas paredes de mármore branco frisado. À direita, duas mulheres saíram rapidamente de vista, sem olhar para trás. A firmeza de seus passos indicava que eram Aes Sedai, ainda que não pudesse ver seus rostos; na Torre, até uma rainha vacilava ao caminhar. Na outra direção, uma dezena de homens usando capas se afastava a passos firmes, claramente Guardiões, caminhando com a graça de lobos, sumindo pelos arredores.

Ela esperou até os Guardiões irem embora, também, antes de passar depressa pela porta.

— Caminho livre. Venham. Mantenham o capuz erguido e a cabeça baixa. Ajam como se estivessem um pouco assustadas. — Da parte dela, não era fingimento. Pela forma como as outras duas a seguiram, ela também não achou que estivessem precisando fingir.

Os corredores da Torre raramente estavam cheios, porém agora pareciam vazios. De vez em quando alguém surgia por um instante, adiante delas ou por algum corredor lateral, mas quer fossem Aes Sedai, Guardiões ou serviçais, estavam sempre apressados, muito concentrados nas próprias tarefas para notar alguém. Além disso, a Torre estava silenciosa.

Em seguida passaram por um corredor perpendicular, onde pingos escuros de sangue seco pontilhavam os azulejos verde-claros do chão. Havia também duas manchas mais compridas, feito borrões, como se corpos tivessem sido arrastados por ali.

Siuan parou e encarou.

— O que aconteceu? — inquiriu. — Diga, Min! — Leane agarrou o punho da faca de cintura e olhou em volta, como se esperasse um ataque.

— Luta — respondeu Min, relutante. Esperava que as mulheres estivessem fora dos muros da Torre, até mesmo da cidade, antes de ficarem sabendo. Ela foi contornando as manchas e seguiu empurrando as duas, que tentavam olhar para trás. — Começou ontem, logo depois que vocês foram levadas, e só acabou umas duas horas atrás. E não totalmente.

— Está falando dos Gaidin? — perguntou Leane, espantada. — Guardiões lutando *entre si*?

— Guardiões, guardas, todo mundo. Começou quando uns

homens chegaram alegando ser pedreiros, uns duzentos ou trezentos, e tentaram tomar a Torre inteira depois que a prisão de vocês foi anunciada.

Siuan franziu o cenho.

— Danelle! Eu devia ter percebido que havia mais coisa nela do que falta de atenção. — A mulher contorceu ainda mais o rosto, e Min pensou que ela fosse começar a chorar. — Artur Asa-de-gavião não conseguiu, mas nós mesmas fizemos. — À beira das lágrimas ou não, ela manteve a voz firme. — Que a Luz nos ajude, nós destruímos a Torre. — Seu longo suspiro pareceu esvaziá-la de ar, e de raiva. — Acho — prosseguiu, triste, depois de um instante — que devo ficar contente pelo apoio recebido por algumas da Torre, mas estou quase desejando que não tivessem feito isso. — Min tentou manter o rosto inexpressivo, mas aqueles olhos azuis penetrantes pareciam interpretar até a mais sutil batida de cílios. — Ou será que estão me apoiando mesmo, Min?

— Algumas estão. — Ela não tinha qualquer intenção de revelar quão poucas eram, pelo menos por enquanto. Mas precisava impedir Siuan de crer que ainda tinha partidárias na Torre. — Elaida não quis esperar para descobrir se a Ajah Azul ficaria ou não a seu favor. Não restou nenhuma irmã Azul na Torre, pelo menos não viva, isso eu sei.

— Sheriam? — perguntou Leane, ansiosa. — Anaiya?

— Eu não sei. Também não sobraram muitas Verdes. Pelo menos não na Torre. As outras Ajahs se dividiram, cada uma foi para um canto. A maioria das Vermelhas ainda está por aqui. Até onde sei, todas que se opuseram a Elaida fugiram ou estão mortas. Siuan… — Parecia estranho chamá-la assim. Leane resmungou, irritada, entre dentes… mas chamá-la de Mãe agora seria apenas zombaria. — Siuan, a senhora e Leane estão sendo acusadas de organizar a fuga de Mazrim Taim. Logain escapou durante a luta, e a senhora também está levando a culpa por isso. Ninguém está chamando a senhora de Amiga das Trevas, pois acho que isso seria muito próximo da Ajah Negra, mas não está muito longe disso. Mas acho que é isso o que o povo todo vai imaginar.

— Não vão nem sequer admitir a verdade — disse Siuan, baixinho — que pretendem fazer exatamente as coisas das quais estão me acusando.

— Amigos das Trevas? — murmurou Leane, assombrada. — Elas chamaram a gente de…?

— E por que não chamariam? — retrucou Siuan, em um sussurro. — Por que não ousariam, se já ousaram tanto?

Elas curvaram os ombros enfiados nos mantos e deixaram que Min as conduzisse para onde fosse. Ela só queria que as duas não estivessem tão sem esperanças.

Enquanto as três se aproximavam de uma saída, Min começou a respirar com mais facilidade. Tinha escondido cavalos em um matagal próximo aos muros, não muito longe de um dos portões ocidentais. Ainda não sabia se seria fácil escapar cavalgando, mas quando chegassem aos cavalos ela sentiria algo muito próximo de liberdade. Sem dúvida os guardas dos portões não impediriam três mulheres de sair. Ela não parava de dizer isso a si mesma.

A porta que procurava surgiu adiante — pequena, de tábuas lisas, que conduzia a um caminho pouco utilizado, no extremo oposto do ponto em que aquela sala onde estavam cruzava com o amplo corredor que levava à Torre — e ela viu de relance o rosto de Elaida, deslizando pelo corredor externo em direção a ela.

Os joelhos de Min desabaram no piso de azulejos com um baque, e ela se encolheu, olhando para o chão, o rosto encoberto pelo capuz, o coração martelando em seu peito. *Uma requerente, é só isso que eu sou. Só uma mulher comum, sem nenhuma ligação com o que aconteceu. Ah, Luz, por favor!* Ela ergueu a cabeça apenas o bastante para espiar por uma brecha do capuz, meio na expectativa de ver Elaida a encará-la com uma satisfação maligna.

A mulher passou com o passo leve, sem nem olhar na direção de Min, com a estola larga e listrada do Trono de Amyrlin em torno dos ombros. Alviarin seguia atrás, usando a estola da Curadora das Crônicas, branca, para caracterizar sua Ajah. Uma dezena ou mais de Aes Sedai passou bem na cola de Alviarin, a maioria Vermelha, embora Min tivesse visto dois xales de franjas amarelas, um de verdes e outro de marrons. Seis Guardiões flanqueavam a procissão, com as mãos nos punhos das espadas e os olhos alertas. Olhos que passaram de relance pelas três mulheres ajoelhadas e as descartaram.

As três estavam de joelhos, Min notou isso, e também notou que praticamente esperava que Siuan e Leane partissem para cima de Elaida. Ambas ergueram a cabeça apenas o bastante para ver a procissão seguir pelo corredor.

— Pouquíssimas mulheres foram estancadas — disse Siuan, como se para si mesma — e nenhuma sobreviveu por muito tempo, mas dizem que uma das formas de sobreviver é encontrar um desejo tão forte quanto o de canalizar. — Já não se via aquela expressão perdida em seus olhos. — No início, achei que queria estripar Elaida e pendurá-la no sol para secar. Agora sei que não quero absolutamente nada além de um dia poder dizer àquela sanguessuga que ela vai viver uma longa vida servindo como exemplo do que acontece com quem me chama de Amiga das Trevas. Absolutamente nada além!

— E Alviarin — completou Leane com a voz dura. — E Alviarin!

— Eu tive medo de que elas me sentissem — prosseguiu Siuan — mas agora não tenho nada que elas possam sentir. Uma

vantagem em ter sido… estancada, ao que parece. — Leane balançou a cabeça, irritada, e Siuan acrescentou: — Precisamos usar todas as vantagens possíveis. E ser gratas por elas. — A última frase soou como se a mulher estivesse tentando convencer a si mesma.

O último Guardião desapareceu na curva ao longe, e Min engoliu o nó que se formou na garganta.

— Podemos falar sobre as vantagens depois — afirmou, com um grasnido, e parou para engolir mais uma vez. — Vamos até os cavalos. Isso *só pode* ter sido a pior parte.

De fato, enquanto saíam da Torre em direção ao sol do meio-dia, parecia que o pior havia mesmo passado. Uma coluna de fumaça que ia em direção ao céu límpido a leste dos muros da Torre era o único sinal dos problemas que haviam ficado para trás. Grupos de homens se moviam a distância, mas nenhum prestou muita atenção às três mulheres que passavam ligeiras pela biblioteca, construída no formato de ondas suspensas congeladas na pedra. Um caminho levava ao lado ocidental dos muros, mais escondido, até uma floresta de carvalhos e árvores perenes que poderiam existir à margem de qualquer cidade. Min agilizou os passos ao encontrar os três cavalos selados, ainda amarrados ao local onde Laras os deixara, em uma pequena clareira rodeada por folhas-de-couro e cajeputes.

Siuan avançou imediatamente até uma égua forte e peluda, duas mãos menor do que as outras.

— Uma montaria adequada às minhas condições atuais. E parece mais calma que as outras; nunca fui boa cavaleira. — Ela afagou o nariz da égua, e o animal fungou na mão da mulher. — Qual é o nome dela, Min? Você sabe?

— Bela. Ela é de…

— O cavalo dela. — Gawyn surgiu por detrás de um cajepute de tronco grosso, com uma das mãos no comprido cabo de sua espada. O rosto estava sujo de sangue, idêntico à visão que Min tivera no primeiro dia em Tar Valon. — Eu sabia que você devia estar aprontando alguma, Min, quando vi o cavalo dela. — Seus cabelos louro-avermelhados também estavam ensanguentados, e os olhos azuis, meio atordoados, mas ele caminhou calmamente em direção às mulheres, um homem alto com o andar gracioso de um gato. Um gato à caça de ratos.

— Gawyn — começou Min — nós…

A espada do rapaz deslizou da bainha, fazendo esvoaçar o capuz de Siuan, e a lâmina afiada pousou na lateral da garganta dela, tudo mais depressa do que Min foi capaz de acompanhar. Siuan fez um barulho ao prender a respiração e permaneceu imóvel, com os olhos voltados para ele, de aparência tão serena quanto teria se ainda usasse a estola.

— Não, Gawyn! — disse Min, em um arquejo. — Você não pode fazer isso! — Ela deu um passo em direção a ele, mas o homem ergueu a mão livre sem olhar para ela, que parou. Estava rígido feito uma bobina de aço, pronto para avançar em qualquer direção. Min percebeu que Leane havia encoberto uma das mãos com o manto e rezou para que a mulher não fosse estúpida a ponto de desembainhar a faca de cintura.

Gawyn analisou o rosto de Siuan, depois assentiu devagar.

— É você. Eu não tinha certeza, mas é. Esse… disfarce… não pode… — Ele não pareceu se mover, mas um súbito arregalar dos olhos de Siuan revelou que a lâmina fora pressionada com mais força. — Onde estão minha irmã e Egwene? O que vocês fizeram com elas? — O mais assustador para Min era que, mesmo com a máscara de sangue e os olhos vidrados, mesmo com o corpo quase trêmulo de tão tenso e a mão meio erguida, como se tivesse se esquecido de baixá-la, Gawyn jamais alterava a voz nem a revestia de qualquer emoção. Apenas soava cansado; ela nunca vira ninguém tão cansado.

A voz de Siuan soou tão neutra quanto a dele.

— Da última vez que eu soube delas, as duas estavam sãs e salvas. Não posso dizer onde estão agora. Você preferia que estivessem aqui, no meio dessa confusão?

— Nada de joguinhos de palavras de Aes Sedai — retrucou ele, baixinho. — Diga onde elas estão, sem rodeios, para eu saber se você está falando a verdade.

— Illian — respondeu Siuan, sem hesitar. — Na cidade propriamente dita. Estão estudando com uma Aes Sedai chamada Mara Tomanes. Ainda devem estar lá.

— Não estão em Tear — murmurou ele. Por um instante pareceu pensativo. De forma abrupta, completou: — Estão dizendo que você é Amiga das Trevas. Ajah Negra, não é isso?

— Se realmente acredita nisso — respondeu Siuan calmamente — é melhor arrancar a minha cabeça.

Min quase soltou um berro quando ele apertou as juntas embranquecidas de tanta força no cabo da espada. Devagar, estendeu a mão e pousou os dedos no braço teso do rapaz, com cuidado, para não dar a entender que pretendia fazer algo além de tocá-lo. Foi como encostar em uma pedra.

— Gawyn, você me conhece. Não pode achar que eu ajudaria a Ajah Negra. — Ele não desviou o olhar do rosto de Siuan, sequer piscou. — Gawyn, Elayne apoia Siuan e tudo o que ela fez até agora. Sua própria irmã, Gawyn. — Ele ainda estava duro feito pedra. — Egwene também acredita nela, Gawyn. — O pulso do rapaz estremeceu sob os dedos de Min. — Eu juro, Gawyn. Egwene acredita.

Ele olhou de relance para ela, depois de volta para Siuan.

— Por que é que eu não devo arrastar você pelos cabelos? Me dê uma razão.

Siuan o encarou de volta muito mais calma do que Min.

— Você poderia, e creio que eu me defenderia com a força de um gatinho. Ontem eu era uma das mulheres mais poderosas do mundo. Talvez a mais poderosa. Reis e rainhas viriam ao meu chamado, mesmo que odiassem a Torre e tudo o que ela simbolizava. Hoje, receio não ter nada para comer à noite e vou precisar dormir em uma moita. Em um dia fui reduzida da mulher mais poderosa do mundo a alguém que espera encontrar uma fazenda onde possa trabalhar em troca de comida. Seja lá o que você ache que eu fiz, será que isso já não é uma punição suficiente?

— Talvez — disse ele, depois de um instante. Min respirou fundo, aliviada, quando o rapaz embainhou a espada de volta, em um movimento fluido. — Mas não é por isso que vou deixar você escapar ir. Elaida talvez ainda arranque a sua cabeça, e não posso permitir isso. Quero as suas informações à mão, caso precise.

— Gawyn — disse Min — venha com a gente. — Um espadachim treinado por um Guardião poderia ser útil nos próximos dias. — Assim você teria Siuan por perto para responder às suas perguntas. — Piscando, embora não exatamente indignada, Siuan olhou para ela, mas sem desviar por inteiro as atenções de Gawyn; Min prosseguiu, enérgica: — Gawyn, Egwene e Elayne acreditam nela. Será que você não pode acreditar também?

— Não peça mais do que eu posso dar — respondeu ele, baixinho. — Vou levar os três ao portão mais próximo. Vocês nunca conseguiriam sair sem mim. É só isso que eu posso fazer, Min, e é mais do que eu deveria. A sua prisão foi ordenada, você sabia disso? — Ele voltou a olhar para Siuan. — Se acontecer alguma coisa com elas — prosseguiu o rapaz, naquele tom de voz inexpressivo — Egwene ou com minha irmã, eu vou encontrá-la, seja lá onde estiver se escondendo, e vou garantir que o mesmo lhe aconteça. — Ele se afastou abruptamente, a passos firmes, e plantou-se a uns doze passos de distância, de braços cruzados e cabeça baixa, como se não suportasse mais encará-las.

Siuan levou uma das mãos à garganta; um filete vermelho sobre a pele clara marcava o ponto onde a lâmina pousara.

— Passei tempo demais com o Poder — disse ela, um tantinho insegura. — Tinha me esquecido de como é enfrentar alguém capaz de pegar a gente e despedaçar feito um pedaço de pano. — Ela então encarou Leane, como se a visse pela primeira vez, e tocou o rosto como se não tivesse certeza das próprias feições. — Pelo que li, deveria demorar mais para esvanecer, mas talvez o tratamento intenso de Elaida tenha algo a ver com isso. Ele chamou de disfarce, e talvez

seja mesmo essa a função. — Ela montou com dificuldade no lombo de Bela, segurando as rédeas como se a égua peluda fosse um garanhão destemido. — Outra vantagem, ao que parece, de ser… eu tenho de aprender a dizer isso sem me contrair… Fui estancada. — Ela proferiu as palavras lenta e deliberadamente, depois assentiu. — Pronto. Se Leane for um bom parâmetro, devo ter perdido uns bons quinze anos, talvez mais. Conheço mulheres que pagariam qualquer preço por isso. Terceira vantagem. — Ela olhou Gawyn. Ele ainda estava parado de costas, mas de todo modo a mulher baixou a voz. — E também soltei um pouco a língua, não é verdade? Fazia anos que eu não pensava em Mara. Uma amiga de infância.

— A senhora agora vai envelhecer como o resto de nós? — perguntou Min enquanto montava na sela. Era melhor do que comentar sobre a mentira. Melhor simplesmente lembrar que agora ela *conseguia* mentir. Leane subiu na terceira égua com plácida habilidade e deu uma volta com ela, testando seus passos; ela com certeza já montara um cavalo.

Siuan balançou a cabeça.

— Eu realmente não sei. Nenhuma mulher estancada viveu o suficiente para descobrir. Eu pretendo viver.

— Vocês vêm comigo? — perguntou Gawyn, em um tom ríspido. — Ou vão ficar aqui tagarelando? — Sem esperar a resposta, ele saiu a passos firmes em direção às árvores.

Elas cravaram os calcanhares nas éguas e saíram atrás dele, Siuan puxando o capuz bem para a frente para esconder o rosto. Disfarçada ou não, ela parecia não estar querendo se arriscar. Leane já estava completamente coberta. Depois de um instante, Min imitou as duas. Elaida queria a prisão *dela*? Isso só podia significar que ela sabia que "Elmindreda" era Min. Havia quanto tempo que a mulher sabia? Por quanto tempo Min circulara pensando estar disfarçada enquanto Elaida observava e ria de sua idiotice? O pensamento lhe deu calafrios.

Quando as mulheres alcançaram Gawyn, em um caminho de seixos, vinte ou mais homens apareceram, avançando na direção dos quatro, uns talvez um pouco mais velhos do que ele, outros praticamente garotos. Min suspeitou de que alguns desses últimos ainda nem sequer precisavam se barbear, pelo menos não com frequência. Todos portavam espadas nos cintos ou nas costas, no entanto, e três ou quatro usavam placas peitorais. Mais de um exibia ataduras ensanguentadas, e a maioria tinha as roupas manchadas de sangue. Todos tinham o mesmo olhar fixo de Gawyn. Ao avistá-lo, eles pararam e bateram no peito com o braço direito. Sem reduzir o passo, Gawyn assentiu, retribuindo a saudação, e os jovens formaram uma fila atrás dos cavalos das mulheres.

— Os alunos? — murmurou Siuan. — Eles também tomaram partido na luta?

Min assentiu, mantendo a expressão impassível.

— Eles estão se denominando de Jovem Guarda.

— Nome bem apropriado — observou Siuan, com um suspiro.

— Alguns não passam de crianças — resmungou Leane.

Min não pretendia contar a elas que os Guardiões das Ajahs Azul e Verde haviam planejado libertá-las antes que as duas fossem estancadas, nem que talvez tivessem obtido sucesso se Gawyn não tivesse incitado os alunos, também "crianças", e os levado até a Torre para impedir. A luta fora das mais perigosas, alunos contra professores, sem misericórdia, sem clemência.

Os Portões de Alindrelle, altos e com pinos de bronze, estavam abertos, mas muito bem vigiados. Alguns guardas exibiam a Chama de Tar Valon no peitoral; outros usavam casacos de operário, com placas peitorais e capacetes descombinados. Guardas e sujeitos que tinham vindo disfarçados de pedreiros. Os dois grupos pareciam duros e habilidosos, bem familiarizados com suas armas, mas permaneciam distantes, encarando uns aos outros com desconfiança. Um oficial grisalho se destacava dos outros guardas da Torre, de braços cruzados, observando a aproximação de Gawyn e dos outros.

— Material para escrita! — disse Gawyn bruscamente. — Rápido!

— Ora, vocês devem ser dessa Jovem Guarda de quem eu ouvi falar — comentou o homem grisalho. — Um belo bando de frangotes, mas recebi ordens de não deixar ninguém ultrapassar os muros da Torre. Ordem assinada pelo Trono de Amyrlin em pessoa. Quem vocês pensam que são para desmandar?

Gawyn ergueu a cabeça lentamente.

— Eu sou Gawyn Trakand de Andor — respondeu, baixinho. — E pretendo deixar essas mulheres saírem, ou você morre. — Os outros da Jovem Guarda avançaram atrás dele, espalhando-se para encarar os guardas, com as mãos nas espadas, os olhos sem piscar, talvez sem se preocupar em estar em menor número.

O sujeito grisalho se remexeu, incomodado, e um dos outros murmurou:

— É ele que estão dizendo que matou Hammar e Coulin.

Depois de um instante, o oficial deu uma guinada com a cabeça em direção ao posto de guarda, e um dos guardas correu para dentro e retornou com uma prancheta e um bastãozinho vermelho, com cera de lacre queimando, em um suporte de latão ao lado. Gawyn deixou o homem segurando a prancheta enquanto rabiscava furiosamente.

— Isso vai permitir que vocês passem pelos guardas da ponte — disse, deixando uma poça de cera vermelha respingada ao lado da assinatura. Pressionou com firmeza no papel o sinete com a

assinatura.

— Você matou Coulin? — perguntou Siuan em um tom frio, apropriado ao cargo que costumava ocupar. — E Hammar?

O coração de Min disparou. *Fique quieta, Siuan! Lembre-se de quem você é agora e fique quieta!*

Gawyn deu um giro para encarar as três mulheres, com os olhos azuis em chamas.

— Matei — disse ele, irritado. — Eles eram meus amigos, e eu os respeitava, mas ficaram do lado… de Siuan Sanche, e eu tive que… — Subitamente ele empurrou o papel lacrado nas mãos de Min. — Vão! Vão, antes que eu mude de ideia! — Deu um tapa na égua de Siuan e foi fazer o mesmo com as outras, enquanto o animal de Min saltava pelos portões abertos. — Andem!

Min conduziu a égua pela enorme esplanada que rodeava os muros da Torre em um trote ligeiro, com Siuan e Leane logo atrás. A esplanada estava vazia, assim como as ruas adiante. O som dos cascos dos cavalos nas pedras do chão produzia um eco seco. Os que já não haviam fugido da cidade permaneciam escondidos.

Ela analisou o papel de Gawyn enquanto as três cavalgavam. A gota de cera exibia o carimbo de um javali correndo.

— Aqui diz que temos permissão para sair. Podemos usar tanto nas pontes quanto para embarcar em um navio. — Parecia inteligente seguir por um caminho que ninguém imaginasse, nem mesmo Gawyn. Ela não achava que o rapaz de fato fosse mudar de ideia, mas ele estava irritadiço, prestes a estilhaçar se levasse um golpe indevido.

— Pode ser uma boa ideia — disse Leane. — Sempre achei que Galad fosse o mais perigoso daqueles dois, mas já não tenho tanta certeza. Hammar e Coulin… — Ela sentiu um arrepio. — Um navio nos levaria mais longe, e mais depressa do que esses cavalos.

Siuan balançou a cabeça.

— A maioria das Aes Sedai que fugiram cruzaram as pontes, sem dúvida. É a forma mais rápida de sair da cidade quando se está sendo perseguido, mais rápida do que esperar um a tripulação desatracar um navio. Preciso ficar perto de Tar Valon, se quiser encurralá-las.

— Ninguém vai apoiar você — disse Leane em um tom monocórdio, carregado de significado. — Você não tem mais direito à estola. Nem mesmo ao xale ou ao anel.

— Eu posso não usar mais a estola — retrucou Siuan, no mesmo tom —, mas ainda sei preparar uma tripulação para a tempestade. E, já que não posso usar a estola, preciso garantir que seja escolhida a mulher certa para ocupar o meu lugar. Não vou deixar Elaida se intitular Amyrlin sem fazer nada. Tem de ser alguém forte com o Poder, alguém que enxergue as coisas da maneira certa.

— Então você pretende continuar apoiando esse… esse

Dragão! — vociferou Leane.

— E o que mais você acha que eu deveria fazer? Me encolher em um canto e esperar a morte?

Leane estremeceu como se tivesse acabado de levar um tapa na cara, e as três seguiram em silêncio por um tempo. Todas aquelas construções magníficas ao redor, feito penhascos esculpidos pelo vento, ondas e imensos voos de pássaros, avultavam-se, intimidadores, sem ninguém nas ruas além das três e de um sujeito solitário que seguia correndo, dobrando as curvas adiante delas, avançando de porta em porta como se as escoltasse pelo caminho. Ele não atenuava a sensação de vazio, apenas a intensificava.

— O que mais podemos fazer? — questionou Leane, enfim. Ela agora cavalgava curvada sobre a sela, feito um saco de grãos. — Estou me sentindo tão… vazia. Tão vazia.

— Encontre alguma coisa para preencher esse vazio — retrucou Siuan com firmeza. — Qualquer coisa. Cozinhe para os pobres, cuide dos doentes, arrume um marido e encha a casa de crianças. Quanto a mim, pretendo que Elaida não se safe dessa. Eu quase seria capaz de perdoá-la, se ela realmente acreditasse que eu representava algum perigo à Torre. Quase seria. Quase. Mas ela foi tomada pela inveja desde que fui elevada a Amyrlin em seu lugar. É isso o que a motiva, mais do que qualquer coisa, e por isso eu pretendo derrubá-la. É isso que me preenche, Leane. Isso, e saber que Rand al'Thor não pode cair nas mãos dela.

— Talvez isso baste. — A mulher de pele acobreada soou indecisa, mas se aprumou. O contraste entre sua óbvia experiência e a postura instável de Siuan na égua menor dava a impressão de que ela era a líder. — Mas como vamos sequer conseguir começar? Temos três cavalos, a roupa do corpo e seja lá o que Min tiver na bolsa. Nem perto do suficiente para desafiar a Torre.

— Fico feliz que você não tenha se decidido pelo marido e um lar. Vamos encontrar outras… — Siuan fez uma careta. — Vamos encontrar Aes Sedai fugitivas, vamos encontrar o que precisamos. Temos mais do que você pensa, Leane. Min, o que diz aí no passe que Gawyn nos concedeu? Menciona três mulheres? O que diz? Depressa, garota.

Min cravou o olhar nas costas dela. Siuan estivera espiando o homem que corria adiante, o sujeito de cabelo escuro, bem-vestido, mas todo em tons sóbrios de marrom. A mulher soava como se ainda fosse Amyrlin. *Bom, eu queria que ela encontrasse sua determinação, não queria?*

Siuan virou-se para encará-la com aqueles olhos azuis penetrantes. Por algum motivo, eles não pareciam menos intimidadores do que antes.

— "As portadoras têm autorização para sair de Tar Valon, sob minha autoridade" — disse Min rapidamente, puxando pela memória. — "Quem as impedir responderá a mim." Assinado…

— O nome dele eu sei — retrucou Siuan bruscamente. — Venham comigo. — Ela cravou os calcanhares nos flancos de Bela, quase desabando quando a égua peluda começou a avançar em um galope lento. No entanto, a mulher permaneceu firme, sacudindo-se desajeitadamente e batendo os calcanhares pedindo mais velocidade.

Min trocou um olhar surpreso com Leane, e ambas seguiram galopando atrás dela. O homem olhou para trás ao ouvir o som dos cascos correndo e começou a correr também, mas Siuan e Bela o ultrapassaram. Com um grunhido, ele desviou da égua. Min alcançou as duas bem a tempo de ouvir Siuan dizer:

— Não pensava encontrar você aqui, Logain.

O queixo de Min desabou. *Era* ele. Aqueles olhos desesperadores e aquele rosto que um dia fora bonito, emoldurado pelos cachos escuros que iam até os ombros, eram inconfundíveis. Exatamente quem elas precisavam encontrar. Um homem que a Torre queria tanto quanto queria Siuan.

Logain desabou de joelhos, como se suas pernas cansadas não fossem mais capazes de sustentá-lo.

— Eu não posso mais fazer mal a ninguém — disse o homem, em um tom cansado, encarando as pedras do chão sob os cascos de Bela. — Só queria fugir, morrer em paz em algum canto. Se vocês soubessem o que é perder… — Leane puxou as rédeas, irritada, enquanto a voz dele foi morrendo. Sem aviso, o homem recomeçou a falar: — As pontes estão todas vigiadas. Não vão deixar ninguém passar. Não me conheciam, mas não me deixaram passar. Eu tentei com todos eles. — Subitamente ele riu, cansado, mas como se de fato achasse graça. — Tentei com todos.

— Eu acho — disse Min, com cuidado — que temos que ir. Ele provavelmente vai querer evitar os *que devem estar atrás ele*. — Siuan disparou um olhar que quase a fez frear o cavalo, os olhos frios e o queixo erguido. Seria mais agradável se a mulher tivesse conservado um pouco da incerteza que exibira antes.

O grandalhão ergueu a cabeça e encarou uma de cada vez, com uma carranca se formando lentamente.

— Vocês não são Aes Sedai. Quem são vocês? O que querem de mim?

— Sou a mulher que pode tirar você de Tar Valon — respondeu Siuan. — E talvez lhe dar a chance de se vingar da Ajah Vermelha. Você gostaria de ter a chance de pegar as mulheres que o capturaram, não gostaria?

O homem se arrepiou.

— O que é que eu devo fazer? — perguntou, devagar.

— Venha comigo — respondeu ela. — Venha comigo, e lembre que sou a única pessoa no mundo inteiro que vai lhe dar a chance de se vingar.

De joelhos, o homem inclinou a cabeça para analisá-las, examinando cada um dos rostos, depois se levantou, com os olhos fixos em Siuan.

— Vou com vocês — disse, simplesmente.

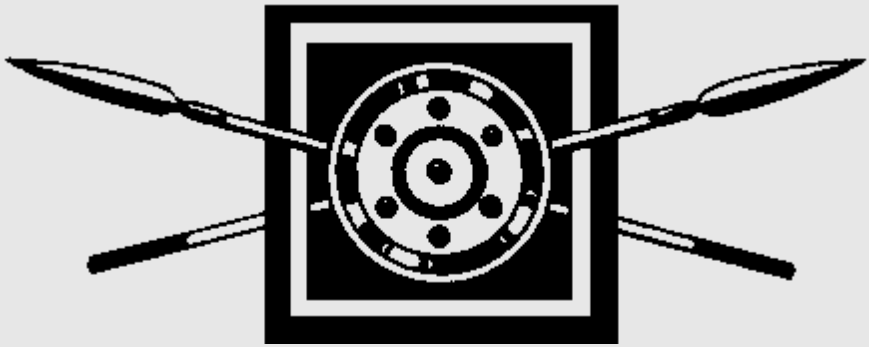
O rosto de Leane estava tão incrédulo quanto Min se sentia. Que uso, pela Luz, Siuan poderia ter para um homem de sanidade questionável que já havia falsamente se proclamado o Dragão Renascido? O sujeito, no mínimo, seria capaz de se voltar contra elas para roubar um dos cavalos! Encarando a altura dele e a largura de seus ombros, Min achou que seria melhor manter as facas de cintura à mão. De súbito, por um instante, aquele halo flamejante dourado e azul cintilou sobre a cabeça do homem, indicando glórias futuras, tão certamente quanto na primeira vez que Min o vira. Ela estremeceu. Visões. Imagens.

Ela olhou para trás, na direção da Torre, a coluna robusta e branca que dominava a cidade, porém destruída, tão destruída quanto se estivesse em ruínas. Por um instante ela se deixou pensar nas imagens que vislumbrara, apenas por um instante, tremeluzindo sobre a cabeça de Gawyn. Gawyn ajoelhado aos pés de Egwene de cabeça baixa, em uma mesura, e Gawyn quebrando o pescoço de Egwene; primeiro uma, depois a outra, como se qualquer das duas pudesse representar o futuro.

As coisas que ela via raramente tinham um significado tão claro quanto essas duas, e ela jamais tivera visões que vinham e voltavam, de modo que nem mesmo a visão fosse capaz de afirmar qual seria o futuro verdadeiro. E pior, ela tinha uma sensação quase concreta de que suas ações daquele dia voltaram Gawyn na direção daqueles dois caminhos.

Apesar do sol, ela estremeceu outra vez. *O que está feito está feito.* Olhou as duas Aes Sedai — ex-Aes Sedai. Ambas observavam Logain como se ele fosse um cão de caça treinado, feroz, possivelmente perigoso, mas útil. Siuan e Leane viraram os cavalos na direção do rio, e Logain seguiu avançando a passos largos no meio das duas. Min acompanhava os três, mais lentamente. *Luz, espero que isso tenha valido a pena.*

48



Uma oferta recusada

— É desse tipo de mulher que você gosta? — perguntou Aviendha, com desdém. Rand baixou a cabeça e encarou a mulher, que caminhava junto ao estribo de Jeade'en vestida nas saias pesadas, com o xale marrom enrolado na cabeça. Os olhos azul-esverdeados o encararam por baixo do turbante largo. Ela parecia desejar ainda ter em mãos a lança que usara durante o ataque dos Trollocs, que a fizera ouvir um sermão das Sábias.

Às vezes, Rand se sentia desconfortável por tê-la caminhando ao seu lado enquanto cavalgava. Até tentara caminhar ao lado dela, e seus pés ficaram muito gratos ao voltar para o cavalo. De vez em quando — *muito* de vez em quando — conseguia convencê-la a montar atrás dele, reclamando que estava com o pescoço doendo de tanto conversar olhando para baixo. Montar em um cavalo não era exatamente uma violação dos costumes, afinal de contas, mas o desprezo por aqueles que não usavam as próprias pernas fazia a jovem seguir a pé na maior parte do tempo. Uma risada de qualquer companheiro Aiel, sobretudo de uma Donzela, mesmo que a pessoa estivesse olhando para o outro lado, era suficiente para ela descer de Jeade'en em um piscar de olhos.

— Ela é mole, Rand al'Thor. Fraca.

Rand olhou outra vez por cima do ombro, examinando o carroção branco em formato de caixa que liderava o comboio dos mascates, uma cobra sinuosa avançando pela paisagem destruída e empoeirada, outra vez escoltada pelas Donzelas dos Jindo. Isendre seguia na frente, com Kadere e o condutor, sentada no colo do mascate atarracado, o queixo batendo no ombro do homem, que segurava um pequeno guarda-sol de seda azul para protegê-la — e a si mesmo — do sol forte. Mesmo de casaco branco, Kadere não parava de secar o suor do rosto com um lenço grande, mais afetado pelo sol do que a mulher de

vestido lustroso e justo, que combinava com o guarda-sol. Rand não estava perto o suficiente para ter certeza, mas achou que os olhos escuros de Isendre o observavam por baixo do lenço enrolado cobrindo seu rosto e cabeça. Ela sempre parecia estar olhando para ele. Kadere não parecia se importar.

— Não acho que Isendre seja mole — respondeu, baixinho, ajeitando a *shoufa*. O tecido de fato protegia a cabeça do sol escaldante. Ele resistira a usar outros trajes da indumentária Aiel, ainda que fossem muito mais apropriados ao clima do que o casaco de lã vermelha. Não importava seu sangue e nem as marcas em seus antebraços, ele não era Aiel, nem fingiria ser. Fosse o que tivesse de fazer, poderia manter esse mínimo de decência. — Não, eu não diria isso.

No assento do condutor do segundo carroção, Keille, a mulher gorda, e Natael, o menestrel, discutiam mais uma vez. Natael segurava as rédeas, mas não conduzia tão bem quanto o homem que costumava assumir a função. Às vezes os dois também encaravam Rand com olhadelas rápidas, antes de retomar o debate. Bem, todo mundo encarava Rand. A longa fileira dos Jindo, do outro lado, as Sábias, mais adiante, com Moiraine, Egwene e Lan. Na fileira mais numerosa de Shaido, mais ao longe, ele achava que também via cabeças voltadas em sua direção. Aquilo não o surpreendia mais, já estava acostumado. Ele era Aquele Que Vem Com a Aurora. Todos queriam saber o que iria fazer. Em breve descobririam.

— Mole — grunhiu Aviendha. — Elayne não é mole. Você pertence a Elayne, não devia estar trocando olhares melosos com aquela meretriz branquela. — A jovem balançou a cabeça com vigor, resmungando, meio que para si mesma. — Nossos modos a deixam chocada. Ela não consegue aceitar. Por que eu deveria me importar com isso? Não quero ter nada a ver com isso! *Não pode* acontecer! Se eu pudesse, tomaria você como *gai'shain* e entregaria para Elayne!

— Por que Isendre deveria aceitar o jeito de ser dos Aiel?

Aviendha disparou um olhar tão arregalado e surpreso que ele quase soltou uma risada. Na mesma hora, a jovem fechou a cara, como se ele tivesse feito algo irritante. As mulheres Aiel sem dúvida não eram mais fáceis de entender do que as outras.

— Já você não é nada mole, Aviendha… — Ela deveria tomar aquilo como um elogio: às vezes, era dura feito uma pedra de amolar. — Me explique outra vez essa história de senhora do teto. Se Rhuarc é o chefe do clã dos Taardad e o chefe do Forte das Pedras Frias, por que o forte pertence à esposa, e não a ele?

A jovem aprendiz de Sábia o encarou furiosa por mais um instante, mexendo os lábios enquanto resmungava entre dentes, antes de responder.

— Porque ela é a *senhora do teto*, seu aguacento ignorante. Um homem não pode ser dono de um teto, assim como não pode ser dono de terras! Vocês, aguacentos, às vezes parecem uns selvagens.

— Mas se Lian é a senhora do teto das Pedras Frias porque é esposa de Rhuarc…

— Isso é diferente! Será que você nunca vai entender? Até uma criança entende!

Aviendha respirou fundo e arrumou o xale ao redor do rosto. Era uma bela mulher, mas quase sempre o encarava como se ele tivesse cometido algum crime contra ela. Que crime poderia ser esse, Rand não sabia. Bair, de cabelos brancos e rosto curtido, sempre tão relutante em falar sobre Rhuidean, enfim revelara, de má vontade, que Aviendha *não* visitara as colunas de vidro, nem visitaria até estar pronta para se tornar Sábia. Então por que a jovem o odiava? Era um mistério para o qual Rand gostaria de ter uma resposta.

— Vou abordar sua dúvida por outro ângulo — resmungou ela. — Quando uma mulher está para se casar, se ela ainda não for dona de um teto, a família constrói um para ela. No dia do casamento, o marido a leva nos ombros para longe da família enquanto seus irmãos seguram as irmãs da noiva. Mas, quando chega na porta, coloca ela no chão e pede permissão para entrar. O teto é *dela*. Ela pode…

As aulas sobre os Aiel estavam sendo a parte mais prazerosa da interação dos dois durante os onze dias e onze noites desde o ataque dos Trollocs. Não que Aviendha quisesse falar: a princípio, só fazia longos discursos criticando o suposto descaso dele em relação a Elayne, seguido de mais um sermão embaraçoso para convencê-lo de que a Filha-herdeira era a mulher perfeita. Até que Rand comentou por alto com Egwene que, já que Aviendha nem se dignava a falar com ele, seria melhor que parasse de encará-lo. Uma hora depois, uma *gai'shain* de veste branca veio chamar a jovem Aiel.

Fosse lá o que as Sábias tivessem dito a ela, Aviendha retornara trêmula de raiva, exigindo — exigindo! — que ele permitisse que ela ensinasse a ele os hábitos e costumes Aiel. Sem dúvida na esperança de que ele revelasse algo acerca dos próprios planos com as perguntas que fizesse. Depois das traições sutis de Tear, a franqueza da espionagem das Sábias era revigorante. Por outro lado, sem dúvida era sensato aprender o que pudesse. E conversar com Aviendha era agradável, sobretudo nas ocasiões em que a mulher parecia esquecer o desprezo que sentia por ele, fosse lá por que motivo. Mas, naturalmente, toda vez que Aviendha percebia que os dois tinham começado a conversar feito duas pessoas normais, em vez de caça e caçador, não tardava em ter um acesso de fúria, como se ele a tivesse atraído para uma armadilha.

Mesmo assim as conversas eram agradáveis, ainda mais quando comparadas ao restante da viagem. Rand estava até começando a achar os chiliques dela divertidos, embora tivesse o bom senso de não deixar que a mulher percebesse. Aviendha o odiava, mas pelo menos estava muito concentrada em odiá-lo para ver que ele era Aquele Que Vem Com a Aurora ou o Dragão Renascido. Notava apenas Rand al'Thor. Fosse como fosse, a mulher sabia o que sentia por ele. Não era como Elayne, com uma carta que o deixara corado até as orelhas e outra, no mesmo dia, que o fizera conferir se não tinha se transformado em um Trolloc com presas e chifres.

Min era praticamente a única mulher que conhecera que não confundira completamente seu juízo. No entanto, ela estava na Torre — a salvo, pelo menos — um lugar que ele pretendia evitar. Às vezes, Rand pensava que a vida seria mais simples se conseguisse esquecer de vez as mulheres. Agora Aviendha começara a invadir seus sonhos, como se sonhar com Min e Elayne já não estivesse de bom tamanho. As mulheres embaralhavam suas emoções, e ele agora precisava ficar lúcido. Lúcido e frio.

Rand percebeu que encarava Isendre outra vez. A mulher apontou os dedos magros e serpenteantes para ele, por detrás da orelha de Kadere. Rand teve certeza de ver aqueles lábios carnudos se contorcendo em um sorriso. *Ah, sim. Perigosa. Tenho que ser frio e duro feito aço. Aço cortante.*

Onze dias e noites, indo para o décimo-segundo, e nada mais se alterara. Dias e noites de estranhas formações rochosas, pináculos de pedra com topos achatados e montes que se erguiam de uma terra débil e falha, entrecortada por montanhas que pareciam ter sido cravadas ao acaso. Dias de sol escaldante e ventos impiedosos, noites de um frio de gelar os ossos. Tudo o que crescia tinha pontas, espinhos ou irritava a pele. Aviendha dizia que algumas plantas eram venenosas, e a lista era maior que a das comestíveis. Só havia água em nascentes e tanques escondidos, mas a jovem Aiel apontara algumas plantas como indício de que um buraco fundo cavado ali se preencheria de gotinhas, bem lentamente, o suficiente para a sobrevivência de um ou dois homens, além de outras plantas que, quando mascadas, soltavam uma polpa aguada e azeda.

Certa noite, dois cavalos de carga dos Shaido foram mortos por leões, que logo foram afastados das presas e botados para correr rugindo pela escuridão da terra entrecortada. Na quarta noite, o condutor de um carroção atiçou uma pequena cobra marrom enquanto o grupo montava acampamento. Era uma dois-passos, como Aviendha explicou depois, alcunha que foi devidamente comprovada. O sujeito gritou e tentou correr até os carroções, mesmo vendo Moiraine avançando em sua direção. No segundo passo, o homem caiu de cara

no chão, morto, antes mesmo que a Aes Sedai conseguisse descer da égua branca. Aviendha listava cobras, aranhas e lagartos venenosos. Lagartos venenosos! Certa vez, encontrou um e mostrou a ele. O bicho tinha dois pés de comprimento e era robusto, com listras amarelas correndo pelas escamas marrons. Ela prendeu o animal com displicência sob uma das botas macias, cravou a faca na cabeça larga do lagarto e o levantou, para que Rand visse o fluido transparente e oleoso que jorrava dos dentes afiados em sua boca protuberante. A mordida de um *gara*, explicou a mulher, era capaz de perfurar uma bota e matar um boi. Havia bichos piores, sem dúvida. O *gara* era lento, e não tão perigoso assim, se a pessoa não fosse idiota o bastante para pisar nele.

Quando ela sacudiu o imenso lagarto para fora da lâmina, o animal amarelo e marrom sumiu no chão de lama rachada. Ah, sim. Era só não ser idiota o bastante para pisar em um.

Moiraine dividia o tempo entre as Sábias e Rand, em geral tentando intimidá-lo, do jeito costumeiro das Aes Sedai, para que revelasse seus planos.

— Há de ser o que a Roda tecer — dissera a Azul, ainda naquela manhã, com a voz fria e calma, o rosto etéreo e sereno, mas os olhos escuros estavam incandescentes ao encará-lo por sobre a cabeça de Aviendha — mas um bobo pode estrangular a si mesmo no Padrão. Cuidado para não tecer uma corda no próprio pescoço.

A Aes Sedai adquirira um manto claro, quase branco como os dos *gai'shain*. O tecido reluzia sob o sol, e, por baixo do largo capuz, Moiraine usava um lenço úmido, branco feito neve, amarrado na testa.

— Não vou enrolar nada no pescoço. — Ele deu uma risada, e a mulher virou Aldieb tão depressa que a égua quase derrubou Aviendha, depois seguiu de volta para o grupo das Sábias, o manto drapejando atrás de si.

— É muita burrice irritar uma Aes Sedai — resmungou a Aiel, esfregando o próprio ombro. — Eu não sabia que você era burro.

— Vamos esperar para ver se eu sou burro ou não — respondeu Rand, já sem vontade de rir. Burro? Era necessário correr certos riscos. — Vamos esperar para ver.

Era raro Egwene sair de perto das Sábias. A jovem caminhava com elas com a mesma frequência com que cavalgava Bruma, às vezes levando uma das mulheres na garupa, por um tempo. Rand enfim descobrira que ela estava se passando por Aes Sedai completa outra vez. Amys, Bair, Seana e Melaine pareciam aceitar sem contestar, assim como os tairenos, mas de um jeito totalmente diferente. Às vezes, uma das Sábias discutia com ela em um tom de voz tão alto que Rand quase compreendia o conteúdo da gritaria que se passava a mais de cem passadas de distância. Eram quase os mesmos modos que

usavam com Aviendha, embora com a Aiel fosse mais um processo de intimidação do que uma discussão de fato. Por outro lado, volta e meia dava para ouvir debates bem acalorados entre as Sábias e Moiraine. Especialmente envolvendo a loura, Melaine.

Na décima manhã, Egwene enfim desmanchou as duas tranças dos cabelos. Foi uma cena muito esquisita. As Sábias conversaram com ela por um tempo enorme, sozinhas, enquanto os *gai'shain* dobravam as tendas e Rand selava Jeade'en. Se não conhecesse bem a amiga, teria pensado que aquela postura de cabeça baixa era uma tentativa de submissão, mas essa palavra só valia para Egwene se relacionada a Nynaeve. E talvez Moiraine. De súbito, a amiga bateu palmas, rindo e abraçando cada uma das Sábias antes de correr para desfazer as tranças.

Quando Rand perguntou a Aviendha o que estava acontecendo — a jovem estava sentada do lado de fora da tenda quando ele acordou — a Aiel resmungou, em um tom azedo:

— Elas decidiram que Egwene cresceu. — Ela parou de falar de repente, disparou um olhar firme para Rand, cruzou os braços e prosseguiu: — É assunto de Sábias, Rand al'Thor. Pergunte a elas, se quiser saber, mas prepare-se para ouvir que não é da sua conta.

Egwene crescera o quê? Os cabelos? Não fazia sentido. Aviendha não disse mais uma palavra sobre o assunto. Em vez disso, raspou um pedaço de líquen cinza de uma pedra e começou a explicar como usá-lo para cataplasma. Ela estava pegando o jeito das Sábias muito depressa para o gosto de Rand. As próprias Sábias davam pouca atenção a ele. Claro que não era preciso muita dedicação, com Aviendha praticamente empoleirada no ombro dele.

O restante dos Aiel, pelo menos os Jindo, tornavam-se um pouco menos reservados a cada dia, talvez um pouco menos incomodados com o que Aquele Que Vem Com a Aurora representava, mas Aviendha era a única que de fato falava com ele. Todas as noites, Lan vinha praticar a espada, e Rhuarc, ensinar a lança e o estranho jeito Aiel de lutar com as duas mãos e os dois pés. O Guardião sabia um pouco da luta, então juntava-se às sessões de treinamento. A maioria dos outros evitava Rand, sobretudo os condutores dos carroções, que tinham descoberto que ele era o Dragão Renascido, um homem capaz de canalizar. Quando Rand pegava um daqueles homens de feições duras com os olhos cravados nele, parecia que o sujeito estava encarando o próprio Tenebroso. Mas Kadere não fazia isso, e nem o menestrel.

Quase todas as manhãs, quando saíam, o mascate se aproximava montado em uma das mulas dos carroções incendiados pelos Trollocs, o rosto parecendo ainda mais escuro por causa do lenço branco comprido amarrado na cabeça, caindo pelo pescoço. Com Rand, o

homem era muito educado, mas seus olhos frios e impassíveis conferiam ao nariz adunco o aspecto de um verdadeiro bico de águia.

— Lorde Dragão — começara ele, na manhã seguinte ao ataque. Então limpara o suor do rosto com o sempre presente lencinho e se remexera, incomodado, sobre a sela surrada que encontrara em algum lugar e pusera na mula. — Posso chamar o senhor assim?

Os destroços chamuscados dos três carroções já despareciam à distância, ao sul. Com eles, iam sumindo as sepulturas de dois homens de Kadere e um bom número de Aiel. Os Trollocs haviam sido arrastados para fora dos acampamentos e largados para os carniceiros, criaturas orelhudas e esganiçadas que Rand não sabia se eram raposas grandes ou cães pequenos — pareciam um pouco de cada — e os abutres com asas com pontas vermelhas. Alguns ainda circundavam o céu, parecendo receosos de aterrissar no meio da confusão.

— Me chame do que quiser — respondera Rand.

— Lorde Dragão. Andei pensando no que o senhor disse ontem. — Kadere olhara em volta como se temesse ser ouvido, ainda que Aviendha estivesse com as Sábias, e os pares de orelha mais próximos fossem do comboio de carroções, a cinquenta passadas ou mais de distância. Mesmo assim, o homem baixara o tom de voz quase a um sussurro, limpando o rosto com nervosismo. Seus olhos, no entanto, não se alteraram. — O que o senhor disse sobre o conhecimento ser valioso e pavimentar a estrada para o sucesso. É verdade.

Rand encarara o homem por um longo instante, sem piscar, mantendo o rosto inexpressivo.

— Foi você quem disse isso, não eu — respondera, por fim.

— Bom, talvez tenha sido. Mas é verdade, não é mesmo, Lorde Dragão? — Rand assentira, e o mascate continuara, ainda sussurrando, os olhos atentos aos bisbilhoteiros. — Mas pode haver perigo no conhecimento. Em dar mais do que receber. Um homem que vende conhecimento não precisa apenas ter seu preço, mas também alguma salvaguarda. Garantias e seguranças contra… repercussões. O senhor não concorda?

— Tem algum conhecimento que queira… vender, Kadere?

O homem atarracado franzira o cenho para o próprio comboio. Keille descera para caminhar um pouco, apesar do calor crescente. O corpanzil estava coberto de branco, e um xale de renda branca fora preso nos cabelos grossos e escuros por pentes de marfim. Ela volta e meia dava uma olhadela para os dois homens cavalgando juntos, a expressão indecifrável àquela distância. Ainda era estranho ver uma pessoa tão corpulenta com movimentos tão ágeis. Isendre subira no banco do condutor do primeiro carroção e observava os dois de forma menos discreta, esticando o corpo para se segurar no canto do

carroção branco, que balançava e sacolejava.

— Essa mulher ainda vai acabar me matando — resmungara Kadere. — Talvez possamos conversar de novo mais tarde, Lorde Dragão, se o senhor estiver disposto. — Ele cravou os calcanhares das botas com força na mula, seguiu trotando até o primeiro carroção e subiu no assento do condutor com agilidade surpreendente, amarrando as rédeas da mula a um aro de ferro na lateral do grande caixote que era o carroção. Ele e Isendre desapareceram no interior do veículo e não saíram até a parada da noite.

Ele retornou no dia seguinte, e em outros dias em que viu Rand sozinho, sempre deixando entrever o tal conhecimento que poderia vender a um preço apropriado, se tivesse as salvaguardas apropriadas. Uma das vezes, chegou ao ponto de dizer que qualquer coisa — assassinato, traição, qualquer coisa mesmo — poderia ser perdoada em troca de conhecimento, e pareceu bastante nervoso quando Rand discordou da afirmação. Fosse lá o que o homem desejasse vender, ele parecia querer que Rand o protegesse das consequências de quaisquer crimes que já tivesse cometido na vida.

— Eu não sei se quero comprar conhecimento — respondera Rand, mais de uma vez. — Sempre tem a questão do preço, não é? Tem alguns preços que eu talvez não esteja disposto a pagar.

Natael chamou Rand para um canto naquela primeira noite, depois que as fogueiras foram acesas e o aroma de comida começou a pairar por sobre as tendas baixas. O menestrel parecia quase tão nervoso quando Kadere.

— Pensei bastante a seu respeito — disse ele, olhando para Rand de esguelha, a cabeça inclinada para o lado. — Sua história deveria ser contada em uma grande epopeia. O Dragão Renascido. Aquele Que Vem Com a Aurora. Um homem de sabe-se lá quantas profecias, nesta Era e em outras. — O menestrel envolveu o corpo com o manto, os retalhos coloridos esvoaçando com a brisa. O crepúsculo era breve, no Deserto. A noite e o dia surgiam ligeiros e bem próximos. — Como se sente em relação ao seu destino profetizado? Eu preciso saber, se vier a compor esta epopeia.

— Como eu me sinto? — Rand olhou o acampamento em volta, os Jindo circulando entre as tendas. Quantos deles estariam mortos antes do fim? — Cansado. Eu me sinto cansado.

— Não é uma emoção muito heroica — murmurou Natael. — Mas esperada, dado o seu destino. Levando o mundo nos ombros, com a maioria disposta a matá-lo, se tivesse chance, e o restante dos idiotas pensando que pode usá-lo como trampolim para o poder e a glória.

— E qual desses é você, Natael?

— Eu? Eu sou um simples menestrel. — O homem erguera uma ponta do manto coberto de retalhos, como se para comprovar. — Não

tomaria o seu lugar nem que me oferecessem o mundo inteiro, não com o destino que vem junto. Morte, loucura ou ambos. “Seu sangue nas pedras de Shayol Ghul…” é isso que diz o *Ciclo de Karaethon*, as Profecias do Dragão, não é? Que você vai morrer para salvar uns idiotas que vão suspirar aliviados depois da sua morte. Não, eu não aceitaria isso nem por todo o poder do mundo, ou por mais.

— Rand — disse Egwene, emergindo da escuridão profunda, a capa clara enrolada no corpo e o capuz erguido sobre a cabeça — viemos ver como você está se sentindo, depois da Cura, com o calor que está fazendo hoje. — Moiraine viera com ela, o rosto encoberto pelo imenso capuz da capa branca, assim como Bair, Amys, Melaine e Seana, as cabeças embrulhadas em xales escuros, todas as observá-lo, calmas e frias feito a noite. Até Egwene. A jovem ainda não tinha o ar etéreo de uma Aes Sedai, mas os olhos, sim.

Ele não reparara em Aviendha, que vinha sorrateira atrás das outras. Por um instante, pensou ter visto compaixão no rosto dela, mas, se era real, desaparecera assim que a Aiel o vira a encarando. Imaginação. Ele *estava* cansado.

— Outra hora — dissera Natael, falando com Rand, mas olhando para as mulheres daquele jeito peculiar, de esguelha. — Conversaremos outra hora. — Ele dera um meneio de cabeça bastante sutil e fora embora pisando duro.

— O futuro o incomoda, Rand? — perguntou Moiraine, baixinho, depois de o menestrel se retirar. — As profecias têm uma linguagem floreada, obscura. Nem sempre querem dizer o que parecem.

— Há de ser o que a Roda tecer — respondeu. — Farei o que for preciso. Lembre-se disso, Moiraine. Farei o que for preciso. — A mulher pareceu satisfeita, mas era difícil dizer, com as Aes Sedai. Ainda assim, não ficaria nem um pouco satisfeita quando descobrisse tudo.

Natael retornou na noite seguinte, e na seguinte, e na seguinte, sempre falando sobre a epopeia que comporia, porém com certa morbidez, querendo saber como Rand pretendia enfrentar a loucura e a morte. Ao que parecia, a história seria uma tragédia. Rand decerto não queira revelar seus medos aos quatro cantos. O que havia em sua cabeça e em seu coração poderia permanecer enterrado por lá. Por fim, o menestrel pareceu se cansar de ouvi-lo dizer que faria o que fosse preciso, e parou de ir vê-lo. Aparentemente, o homem não queria compor uma epopeia que não fosse cheia de dor e sofrimento. Parecia frustrado quando lhe deu as costas pela última vez, caminhando a passos firmes, o manto drapejando furiosamente atrás de si.

O sujeito era estranho, mas, a julgar por Thom Merrilin, todos os menestréis eram assim. Natael sem dúvida exibia outras características de menestrel. Por exemplo, ficava bem óbvio que tinha a si mesmo em

muito boa conta. Rand não se importava em ser ou não chamado por títulos, mas Natael tratava Rhuarc e Moiraine — nas poucas vezes em que se encontrava com a Azul — como iguais. Isso era típico de Thom, sem tirar nem pôr. O homem acabou desistindo de se apresentar para os Jindo e começou a passar quase todas as noites no acampamento dos Shaido. Os Shaido estavam em maior número, explicara a Rhuarc, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. Audiência maior. Nenhum dos Jindo gostou de saber daquilo, mas nem mesmo Rhuarc podia fazer algo a respeito. Na Terra da Trindade, um menestrel podia fazer qualquer coisa que não cometer assassinato sem precisar responder por seus atos.

Aviendha passava as noites com as Sábias, e às vezes cerca de uma hora do dia caminhando com todas reunidas ao seu redor, até Moiraine e Egwene. A princípio, Rand achou que elas estivessem aconselhando a moça a respeito de como lidar com ele, como arrancar as informações que desejavam. Então, um dia, com o sol escaldante a pino, uma bola de fogo do tamanho de um cavalo irrompeu de repente por entre o grupo das Sábias e saiu girando e rolando, deixando um sulco no solo ressequido, até que definhou e se apagou.

Alguns dos condutores frearam os comboios de supetão, assustados, e pararam para assistir, chamando uns aos outros com um misto de medo, confusão e xingamentos rudes. Murmúrios reverberaram por entre os Jindo, que, assim como os Shaido, encaravam as mulheres, mas as duas colunas de Aiel continuaram se deslocando quase sem parar. Era entre as Sábias que a verdadeira empolgação estava evidente. As quatro se agruparam ao redor de Aviendha, todas parecendo falar ao mesmo tempo e gesticulando bastante. Moiraine e Egwene, conduzindo os cavalos, tentavam se intrometer. Mesmo sem ouvir, Rand sabia que Amys respondera de forma bem direta, sacudindo um dedo furioso de censura, para que ficassem fora daquilo.

Encarando o sulco negro que se estendia em linha reta por meia milha, Rand sentou-se de volta na sela. Ensinando Aviendha a canalizar. Claro. Era isso o que estavam fazendo. Ele esfregou o suor da testa com o dorso da mão — e não tinha nada a ver com o sol. Quando aquela bola de fogo se materializou, ele instintivamente se agarrou à Fonte Verdadeira. Fora como tentar coar água com uma peneira rasgada. Ele agarrara *saidin*, mas poderia muito bem ter agarrado o ar. Um dia aquilo poderia acontecer quando precisasse desesperadamente do Poder. Também estava aprendendo, mas sem professor. Aprendendo a usar e usando para aprender. Começou a rir tão alto que alguns dos Jindo o encararam, preocupados.

Rand teria apreciado a companhia de Mat em qualquer momento durante aqueles onze dias e onze noites, mas o amigo não se

aproximara por mais de um minuto ou dois. Mantinha a aba larga do chapéu de topo reto puxada para baixo, para esconder os olhos, e a lança de cabo preto com a estranha marca do corvo apoiada no cepilho da sela de Pips. A lâmina forjada pelo Poder parecia uma espada curta e curva.

— Se o seu rosto ficar um pouquinho mais curtido de sol, você *vai* virar um Aiel de verdade — dizia ele às vezes, rindo. Ou então falava algo como: — Está pretendendo passar o resto da vida aqui? Tem um mundo inteiro do outro lado da Muralha do Dragão. Vinho? Mulheres? Você se lembra dessas coisas?

Mat, no entanto, parecia bastante desconfortável, além de ainda mais relutante do que as Sábias em falar sobre Rhuidean ou sobre o que acontecera lá. Ele apertava a mão no cabo preto da lança à menor menção da cidade de domos enevoados, alegando não se lembrar de nada da viagem pelo *ter'angreal*. Então prosseguia, dizendo:

— Fique longe dele, Rand. Não é como o da Pedra, nem um pouco. Eles são trapaceiros. Que me queime, eu queria nunca ter visto aquilo!

Na única vez em que Rand mencionou a Língua Antiga, Mat vociferou:

— Que o queime, eu não sei nada sobre a droga da Língua Antiga! — E saiu galopando de volta para os carroções dos mascates.

Era lá que Mat passava a maior parte do tempo, jogando dados com os condutores — até eles perceberem que o rapaz ganhava muito mais do que perdia, não importava de quem fossem os dados — aproveitando cada oportunidade de engatar conversas com Kadere ou Natael, perseguindo Isendre. Estava muito claro o que Mat tinha em mente desde a primeira vez que sorrira para a mulher, ajeitando o chapéu, na manhã seguinte ao ataque dos Trollocs. Desde então, falava com ela todas as noites pelo máximo de tempo que conseguia. E arrumara tantos furos nos dedos arrancando flores brancas de um arbusto espinhento que passara quase dois dias sem conseguir manejar as rédeas direito, mas recusava-se a deixar que Moiraine o Curasse. Isendre não chegava a encorajar o rapaz, mas seu sorriso lânguido e provocante também não era calculado para afastá-lo. Kadere via e não dizia uma palavra, embora às vezes seus olhos seguissem os de Mat feito um abutre. Os outros comentavam.

Ao fim de certa tarde, enquanto o grupo soltava as rédeas das mulas e erguia as tendas, Rand tirava a sela de Jeade'en quando viu Mat parado perto de Isendre, na sombra esparsa de um dos carroções com cobertura de lona. O amigo estava bem próximo dela. Rand balançou a cabeça, observando enquanto escovava o garanhão sarapintado. O sol ardia baixo no horizonte, e os pináculos altos formavam sombras compridas pelo acampamento.

Isendre mexia no lenço diáfano no pescoço com displicência, como se cogitasse removê-lo, sorrindo, os lábios carnudos meio unidos em um biquinho, prontos para um beijo. Encorajado, Mat abriu um sorriso, confiante, e aproximou-se ainda mais. A mulher deixou cair a mão e balançou a cabeça devagar, mas o sorrisinho convidativo não saía de seus lábios. Nenhum dos dois ouviu Keille se aproximando, os pés muito leves, apesar do peso.

— É isso o que deseja, bom senhor? Ela? — Os dois se afastaram depressa ao ouvir aquela voz melíflua, e a mulher riu no mesmo tom musical, igualmente inapropriado a seu rosto. — Uma barganha para o senhor, Matrim Cauthon. Um marco de Tar Valon, e ela é sua. Uma sirigaita dessas não pode valer mais de dois, então é uma boa pechincha.

Mat fez careta, como se desejasse estar em qualquer lugar que não ali.

Isendre, no entanto, virou-se devagar para encarar Keille, um gato-da-montanha encarando um urso.

— Você passa dos limites, velha — respondeu, baixinho, os olhos firmes por cima do lenço. — Não vou mais aturar essa sua língua. Tome cuidado. Ou talvez esteja querendo ficar aqui pelo Deserto.

Keille abriu um sorriso largo, exibindo uma alegria que destoava dos olhos de obsidiana cintilando por trás das gordas bochechas.

— E *você*, está querendo?

Com um meneio de cabeça decidido, Isendre respondeu:

— Um marco de Tar Valon. — Sua voz era dura como ferro. — Vou mandar lhe entregarem um marco de Tar Valon quando a deixarmos aqui. Só queria poder vê-la tentando tirar água dele. — A mulher deu as costas, foi pisando firme até o primeiro carroção, sem o rebolado sedutor, e desapareceu dentro dele.

Keille a encarou até a porta se fechar, o rosto redondo indecifrável, então de súbito virou-se para Mat, que estava a ponto de sair de fininho.

— Poucos homens já recusaram uma oferta minha uma vez, muito menos duas. Reze para que eu não decida fazer alguma coisa a respeito. — Gargalhando, a mulher se levantou e beliscou a bochecha de Mat com os dedos gordos com tanta força que o rapaz quase se encolheu, então virou-se para Rand. — Diga a ele, Lorde Dragão. Tenho a sensação de que você sabe algo a respeito dos perigos de desprezar uma mulher. Aquela garota Aiel que o segue para cima e para baixo e não tira os olhos do senhor. Ouvi dizer que o senhor pertence a outra. Talvez ela se sinta desprezada.

— Eu duvido, minha senhora — respondeu Rand, ríspido. — Aviendha cravaria uma faca em minhas costelas se achasse que penso nela dessa forma.

A mulher imensa soltou uma risada estrondosa. Mat se encolheu quando ela estendeu o braço outra vez para tocá-lo, mas Keille apenas deu um tapinha na bochecha que antes beliscara.

— Está vendo, bom senhor? Despreze a oferta de uma mulher, e talvez ela não pense nada a respeito, mas talvez… — ela fez um giro com a mão — … use a faca. Uma lição que qualquer homem pode aprender. Não é mesmo, Lorde Dragão?

Com uma risada resfolegante, Keille saiu apressada para conferir os homens que cuidavam das mulas.

— São *todas* loucas — resmungou Mat, esfregando o rosto.

Em seguida, retirou-se também. No entanto, não abandonou a caça a Isendre.

E assim foi, por onze dias, rumo ao décimo-segundo, cruzando uma terra árida e dura. Viram outras duas plataformas, construções de pedra bruta muito similares a Parada de Imre, posicionadas para facilitar a defesa contra o lado íngreme do pináculo ou monte. Em uma delas havia trezentas ovelhas ou mais, além de homens que se mostraram tão surpresos em saber sobre Rand quanto sobre os Trollocs na Terra da Trindade. A outra estava vazia. Não fora invadida, só estava desocupada. Diversas vezes, Rand avistou a distância cabras, ovelhas, ou gado de chifres longos. Aviendha dizia que os rebanhos pertenciam a fortes próximos de ramos Aiel, mas ele não via gente, muito menos qualquer estrutura que merecesse ser chamada de forte.

O décimo-segundo dia chegou, com as robustas fileiras de Jindo e Shaido flanqueando o grupo das Sábias, os carroções dos mascates sacolejando enquanto Keille e Natael discutiam, e Isendre encarando Rand, sentada no colo de Kadere.

— … e é assim que é — disse Aviendha, assentindo para si mesma. — Garanto que agora você já entende tudo sobre as senhoras do teto.

— Não exatamente — admitiu Rand. Percebeu que já fazia algum tempo que apenas escutava a voz dela, sem prestar atenção nas palavras. — Mas tenho certeza de que tudo funciona direitinho.

A jovem grunhiu para ele.

— Quando você se casar — disse, em um tom ríspido — com esses Dragões nos seus braços para confirmar seu sangue, vai seguir o sangue, ou vai exigir ser dono de tudo, exceto o vestido da esposa, feito um aguacento selvagem?

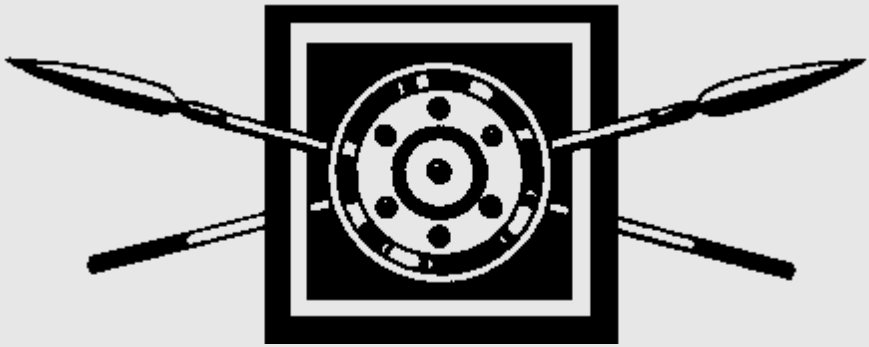
— Não é nem de longe assim que funciona — protestou o rapaz. — E qualquer mulher de onde venho arrancaria a cabeça de um homem que pensasse assim. De todo modo, você não acha que isso tem de ser acordado entre mim e a mulher com quem eu *decidir* me casar?

Aviendha apenas fez uma careta de desgosto ainda maior do que a anterior.

Para alívio de Rand, Rhuarc veio trotando à frente deles, vindo do grupo dos Jindo.

— Chegamos — anunciou o Aiel, com um sorriso — ao Forte das Pedras Frias.

49



O Forte das Pedras Frias

Rand olhou em volta, de cenho franzido. Uma milha à frente havia um agrupado de montes altos e íngremes, todos bem juntinhos, ou talvez fosse um só monte imenso entrecortado por fissuras. À esquerda, a terra corria em retalhos de grama grossa e plantas sem folhas e com espinhos, arbustos espinhosos isolados e árvores baixas, formando colinas áridas e vales recortados, além das imensas colunas de pedra bruta e montanhas irregulares ao longe. À direita, a terra era igual, exceto pelo fato de que o solo de lama seca e amarelada era mais plano, e as montanhas, mais próximas. Poderia ser qualquer trecho do Deserto que tinham visto desde que saíram de Chaendaer.

— Onde? — perguntou.

Rhuarc olhou para Aviendha, que encarava Rand como se ele tivesse perdido o juízo.

— Venha. Deixe que seus próprios olhos lhe mostrem as Pedras Frias.

Baixando a *shoufa* até os ombros, o chefe de clã se virou e saiu a passos rápidos, a cabeça descoberta, em direção à parede de rocha fissurada adiante.

Os Shaido já tinham parado de avançar e moviam-se de um lado para o outro, começando a erguer as tendas. Heirn e os Jindo chegaram logo atrás de Rhuarc, trotando com as mulas de carga, descobrindo as cabeças e gritando palavras desconexas. As Donzelas que escoltavam os mascates gritavam para que os condutores apressassem os comboios e seguissem os Jindo. Uma das Sábias ergueu as saias até os joelhos e correu para junto de Rhuarc — Rand achou que fosse Amys, pelos cabelos brancos; Bair com certeza não conseguia se deslocar com tanta agilidade — porém o restante do grupo manteve o passo original. Por um instante, pareceu que Moiraine dispararia em direção a Rand, mas a mulher hesitou,

discutindo com uma das outras Sábias, os cabelos ainda encobertos pelo xale. Por fim, a Aes Sedai puxou as rédeas da égua branca e foi para o lado da cinzenta de Egwene e do garanhão preto de Lan, logo à frente dos *gai'shain* de robes brancos que puxavam os animais de carga. No entanto, seguiam na mesma direção que Rhuarc e os outros.

Rand se inclinou e estendeu a mão para Aviendha. Quando a mulher balançou a cabeça, ele disse:

— Se continuarem fazendo essa barulheira toda, não vou conseguir ouvir você aí embaixo. E se eu cometer algum erro idiota por não conseguir ouvir o que você está dizendo?

Resmungando entre dentes, a mulher olhou para as Donzelas ao redor dos carroções dos mascates, soltou um suspiro e agarrou o braço dele. Rand a içou, ignorando o ganido furioso que veio dela, e, com um balanço, assentou-a na garupa da sela de Jeade'en. Toda vez que Aviendha tentava montar sozinha, acabava quase o derrubando da sela. Esperou um momento para que a jovem ajeitasse as saias pesadas, ainda que, na melhor das hipóteses, as pernas ficassem descobertas bem acima das botas macias, na altura dos joelhos, e cravou os calcanhares no garanhão sarapintado, que partiu em meio-galope. Era a primeira vez que Aviendha ia mais depressa que um caminhar suave. Ela agarrou a cintura de Rand e segurou firme.

— Ai de você se me deixar com cara de tonta diante de minhas irmãs, aguacento — rosnou ela, em advertência.

— Por que que você ficaria com cara de tonta? Já vi Bair, Amys e as outras cavalgando atrás de Moiraine ou Egwene, para conversar.

Depois de um instante, Aviendha respondeu:

— Você tem mais facilidade para aceitar as mudanças do que eu, Rand al'Thor.

O rapaz não soube bem o que pensar daquilo.

Quando conduziu Jeade'en até Rhuarc, Heirn e Amys, um pouco à frente dos Jindo, que ainda gritavam, ficou surpreso em ver Couladin correndo tranquilo pela lateral, os cabelos cor-de-fogo à mostra. Aviendha puxou a *shoufa* de Rand até os ombros.

— Para adentrar um forte é preciso estar com o rosto à mostra. Eu já lhe disse isso. E fazer barulho. Já fomos vistos há tempos, e vão saber quem somos, mas é um costume para demonstrar que não estamos tentando tomar o forte de surpresa.

Rand assentiu, mas segurou a língua. Nem Rhuarc, nem os três com ele abriram a boca, muito menos Aviendha. Além disso, os Jindo já faziam barulho suficiente para serem ouvidos a milhas de distância.

Couladin girou a cabeça na direção dele. Uma centelha de desprezo tomou a face curtida de sol, além de algo mais. Ódio e desdém Rand já esperava, mas diversão? O que Couladin estava achando divertido?

— Shaido imbecil — resmungou Aviendha, atrás dele. Talvez tivesse razão, talvez a diversão fosse por vê-la em cima de um cavalo. Rand, porém, achava que não.

Mat veio galopando com o chapéu abaixado, deixando um rastro de poeira amarelada, a lança comprida apoiada no ferro do estribo, na vertical, feito um arpão.

— Que lugar é esse, Rand? — perguntou em voz alta, para ser ouvido por cima da gritaria. — Essas mulheres só sabem dizer "mais rápido, mais rápido".

Rand explicou ao amigo, franzindo o cenho em direção às rochas que se avultavam pela lateral da colina.

— Acho que daria para sustentar esse lugar durante anos com provisões, mas isso aqui não é um retalho na Pedra, nem o Tora Harad.

— Tora o quê? — perguntou Rand.

Mat deu de ombros antes de responder.

— Só uma coisa que escutei certa vez. — Ele se ergueu no estribo para espiar o comboio dos mascates por sobre as cabeças dos Jindo. — Pelo menos eles ainda estão com a gente. Fico aqui pensando quanto tempo temos até eles terminarem os negócios e irem embora.

— Não vão antes de Alcair Dal. Rhuarc disse que acontece uma espécie de feira quando os chefes dos clãs se reúnem, mesmo que sejam dois ou três. Com todos os vinte juntos, imagino que Kadere e Keille não vão querer perder.

Mat não pareceu contente com a notícia.

Rhuarc liderou o caminho até a maior fissura do paredão íngreme de pedra, dez ou doze passadas de largura na parte maior, imersa nas sombras formadas pelas laterais escarpadas, avançando cada mais vez mais fundo, o caminho cada vez mais escuro e frio por baixo de uma nesga de céu. Era estranho estar sob uma sombra tão grande. Os gritos indistintos dos Aiel se avolumaram, amplificados pelas muralhas marrons acinzentadas. Quando eles enfim se calaram, o silêncio, rompido apenas pelo som dos cascos das mulas e pelo rangido das rodas dos carroções bem atrás, parecia alto demais.

Dobraram outra curva, e a fissura abriu-se de repente em um cânion largo, comprido e quase plano. De todos os lados, gritos estridentes e ululantes saíram das bocas de centenas de mulheres. Uma multidão formou uma fila indicando o caminho, as mulheres de saias pesadas e xales enrolados na cabeça, os homens com casacos e calças marrom-acinzentados, assim como o *cadin'sor* e Donzelas da Lança, todos acenando as boas-vindas, batendo em panelas ou no que fizesse barulho.

Rand ficou boquiaberto, e não só por causa do pandemônio. Os

paredões do cânion eram verdes, com a metade inferior coberta de plataformas. Logo, o rapaz percebeu que em todas eram de fato plataformas: algumas eram telhados planos de casas pequenas de pedra cinza ou barro amarelo que pareciam praticamente empilhadas umas nas outras, todas emboladas, separadas por pequenas trilhas sinuosas. Em cada telhado havia uma horta de feijões, abóboras, pimentas, melões e plantas que ele não conhecia. Galinhas corriam à solta, mais vermelhas do que as que ele via em casa, junto com algum outro tipo de ave, maior e rajada de cinza. Crianças, a maioria vestida como os adultos, e *gai'shain* de robes brancos circulavam entre as fileiras com imensos jarros de barro. Pareciam estar regando plantas muito inusitadas. Sempre ouvira dizer que os Aiel não tinham cidades, mas aquilo era no mínimo uma cidade de tamanho considerável, ainda que mais estranha do que todas que ele já tinha visto. O alarido era grande demais para que ele fizesse qualquer uma das perguntas que lhe vinham à cabeça. O que eram aquelas frutas redondas, vermelhas e brilhantes demais para serem maçãs, crescendo em arbustos baixos e claros? E aqueles caules retos de folhas largas com brotos compridos, enfileirados, de borlas amarelas? Rand fora fazendeiro por muito tempo para não querer saber.

Rhuarc e Heirn, assim como Couladin, reduziram o passo a um caminhar ligeiro, enfiando as lanças nos arreios das costas, que serviam de estojo para os arcos. Amys corria na frente, rindo feito uma menina, enquanto os homens continuavam a avançar a um passo firme pelo chão do cânion. Uma multidão se alinhava, os gritos das mulheres do forte vibrando no ar e quase abafando o batuque das panelas. Rand os seguiu, como Aviendha o mandara fazer. Mat parecia estar querendo dar meia-volta e retornar por onde viera.

Na outra extremidade do cânion, o paredão se inclinava para dentro, formando um bolsão fundo e sombrio. O sol nunca iluminava aquele lado, pelo que Aviendha dissera, e as pedras ali, sempre frias, eram o que dava nome ao forte. Amys parou diante de outra mulher sobre um largo rochedo cinza com o topo aplainado, feito uma plataforma.

A outra mulher, esbelta debaixo das saias pesadas, com os cabelos louros que caíam abaixo da cintura e de têmporas brancas envoltas em um lenço, parecia ser mais velha do que Amys, embora sem dúvida fosse mais que vistosa, com algumas rugas finas nos cantos dos olhos cinzentos. Estava vestida como Amys, com um xale marrom e liso por sobre os ombros. Os colares e braceletes de ouro e marfim entalhado não eram mais refinados, mas a mulher era Lian, a senhora do teto do Forte das Pedras Frias.

Os gritos agudos e hesitante cessaram de vez quando Rhuarc parou diante do rochedo, uma passada mais à frente do que Heirn e

Couladin.

— Peço permissão para adentrar seu forte, senhora do teto — anunciou, bem alto.

— Você tem minha permissão, chefe de clã — respondeu a mulher de cabelos loiros, com formalidade, no mesmo tom alto. Sorrindo, acrescentou, mais suave: — Sombra do meu coração, você sempre terá minha permissão.

— Eu agradeço, senhora do teto do meu coração. — O tom dele também não pareceu particularmente formal.

Heirn deu um passo à frente.

— Senhora do teto, peço permissão para me abrigar sob o seu teto.

— Tem minha permissão, Heirn — respondeu Lian ao homem parrudo. — Sob o meu teto há água e sombra para vocês. O ramo Jindo sempre será bem-vindo aqui.

— Eu agradeço, senhora do teto. — Heirn deu um tapinha no ombro de Rhuarc e foi se reunir com seu povo. Ao que parecia, a cerimônia Aiel era curta e bastante direta.

Com um andar afetado, Couladin foi se juntar a Rhuarc.

— Peço permissão para adentrar o seu forte, senhora do teto.

Lian piscou, franzindo o cenho para ele. Um burburinho se ergueu atrás de Rand, um murmúrio de espanto saído de centenas de goelas. Uma súbita sensação de perigo pairou no ar. Mat sem dúvida também percebeu, pois dedilhou a lança e virou o corpo meio de lado, para ver o que a massa de Aiel estava fazendo.

— Qual é o problema? — perguntou Rand, baixinho, por cima do ombro. — Por que ela não respondeu?

— Ele fez a pergunta como se fosse um chefe de clã — sussurrou Aviendha, incrédula. — Esse homem é *mesmo* um idiota. Só pode estar louco! Se ela recusar, vai dar problema com os Shaido. E ela pode muito bem fazer isso, por causa de um insulto desses. Não é uma rixa de sangue, pois, por mais que se ache o tal, Couladin não é o chefe do clã. Mas pode dar problema. — Entre uma e outra respiração, a voz dela assumiu um tom mais penetrante. — Você não estava escutando, não é? Não estava! Ela poderia ter recusado até mesmo a entrada de Rhuarc, e ele teria que sair. Isso desuniria o clã, mas é poder dela. Ela pode recusar até Aquele Que Vem Com a Aurora, Rand al'Thor. Nossas mulheres não têm nada de impotentes, ao contrário das suas aguacentas, que precisam ser rainhas, nobres ou dançar para um homem, caso queiram ter o que comer!

Rand balançou a cabeça devagar. Sempre que estava a ponto de dar uma bronca em si mesmo pelo pouco que aprendera sobre os Aiel, Aviendha se pronunciava, lembrando-o de quão pouco ela mesma sabia sobre qualquer um que não fosse Aiel.

— Um dia vou apresentar você ao Círculo das Mulheres de Campo de Emond. Vai ser… interessante… ouvir você dizer a elas como são impotentes. — Ele sentiu Aviendha se remexer atrás dele, tentando encará-lo e teve o cuidado de manter a expressão serena. — Talvez elas também lhe expliquem algumas coisinhas.

— Você tem a minha permissão — começou Lian, e Couladin sorriu e se aprumou — para se abrigar sob o meu teto. Arrumaremos água e sombra para você.

Os arquejos baixos de centenas de bocas formaram um som bem expressivo.

O homem de cabelos de fogo estremeceu como se acabasse de levar um golpe, o rosto vermelho de fúria. Parecia não saber o que fazer. Deu um passo à frente, desafiador, encarando Lian e Amys, agarrando os próprios antebraços, como se para manter as mãos longe das lanças. Então deu as costas e caminhou de volta para o grupo, pisando firme, cravando os olhos aqui e ali, desafiando qualquer um a abrir a boca. Por fim, parou perto de onde saíra e encarou Rand. Os olhos azuis pareciam mais incandescentes do que carvão.

— Como alguém sozinho e sem amigos — sussurrou Aviendha. — Ela o acolheu como um pedinte. É o maior insulto para ele, mas não para os Shaido. — De repente, ela deu um soco nas costelas de Rand com tanta força que ele soltou um grunhido. — Mexa-se, aguacento. Você carrega a honra que pus em suas mãos. Todo mundo vai saber que fui eu quem o ensinei. Mexa-se!

Rand balançou uma perna, desceu do lombo de Jeade'en e avançou para o lado de Rhuarc. *Eu não sou Aiel*, pensou. *Não os compreendo, nem posso me permitir gostar demais deles. Não posso.*

Ao contrário dos outros homens, ele fez uma mesura para Lian. Era assim que fora criado.

— Senhora do teto, peço permissão para me abrigar sob o seu teto.

Ele ouviu Aviendha prender a respiração. Deveria ter dito a outra coisa, o que Rhuarc dissera. O chefe de clã estreitou os olhos, preocupado, encarando a esposa, e o rosto vermelho de Couladin se contorceu em um sorriso de escárnio. Os murmúrios baixos da multidão pareciam intrigados.

A senhora do teto encarou Rand com um olhar ainda mais avaliativo do que o que dispensara a Couladin, analisando-o da cabeça aos pés. Olhou a *shoufa* sobre um casaco vermelho que com certeza jamais seria usado por um Aiel. Lançou um olhar interrogativo para Amys, que assentiu.

— Tamanha modéstia — comentou Lian — cai muito bem em um homem. É raro os homens saberem onde encontrá-la. — Ela puxou as saias escuras e fez uma mesura meio desajeitada em retribuição à dele.

Não era comum entre as Aiel, mas ainda assim era uma mesura. — O *Car'a'carn* tem permissão para adentrar meu forte. Para o chefe dos chefes, sempre há água e sombra nas Pedras Frias.

Outra série de gritos ululantes elevou-se da multidão de mulheres, mas Rand não soube dizer se era para ele ou para a cerimônia. Couladin parou para encará-lo com um ódio implacável, depois foi embora a passos firmes, dando um esbarrão em Aviendha enquanto ela descia desajeitada do garanhão sarapintado. Ele logo se mesclou à multidão que se dispersava.

Mat desmontou mais devagar, encarando o homem.

— Cuidado com esse aí, Rand — sussurrou. — Estou falando sério.

— Todo mundo me diz isso — respondeu Rand. Os mascates já estavam se assentando para as negociações no centro do cânion, e, na entrada, Moiraine e o restante do grupo das Sábias chegavam com alguns poucos gritos e umas panelas batendo, mas nada como o berreiro com que Rhuarc fora recebido. — Não é com ele que eu tenho que me preocupar.

O perigo não estava entre os Aiel. *Moiraine de um lado e Lanfear de outro. O que pode ser mais perigoso do que isso?* Foi quase o bastante para ele soltar uma risada.

Amys e Lian tinham descido do palanque, e, para surpresa de Rand, Rhuarc passou um braço ao redor dos ombros de cada uma. Ambas eram altas, como a maioria das mulheres Aiel, porém não mais altas do que o ombro do chefe de clã.

— Você conheceu minha esposa Amys — disse a Rand. — Agora precisa conhecer minha esposa Lian.

Rand percebeu que estava de queixo caído e fechou a boca depressa. Depois que Aviendha dissera que a senhora do teto das Pedras Frias era esposa de Rhuarc e se chamava Lian, teve certeza de que entendera errado todo aquele diálogo, em Chaendaer, de "sombra do meu coração" para lá e para cá, entre ele e Amys. De todo modo, estava com outras coisas na cabeça. Mas isso…

— *As duas*? — deixou escapar Mat. — Luz! Duas! Ah, que me queime! Ou esse é o homem mais sortudo do mundo, ou o maior idiota desde a criação!

— Eu achava — comentou Rhuarc, de cenho franzido — que Aviendha estava ensinando nossos costumes a você. Parece que ela está deixando muita coisa de fora.

Inclinando-se para olhar por trás do marido — do marido *das duas* — Lian ergueu uma sobrancelha para Amys, que respondeu, em um tom seco:

— Aviendha parecia ideal para explicar o que ele precisa saber. Além disso, era uma forma de evitar que ela tentasse fugir de volta

para as Donzelas quando não estivéssemos de olho. Agora parece que vou precisar ter uma longa conversa com ela, em algum lugar tranquilo. Ela sem dúvida anda ensinando baboseiras sobre as Donzelas ou como ordenhar um *gara*.

Ligeiramente enrubescida, Aviendha balançou a cabeça para trás com irritação. Os cabelos vermelho-escuros tinham crescido por cima das orelhas e já balançavam em uma franja sob o lenço da cabeça.

— Tivemos assuntos mais importantes para tratar do que casamentos. Além do mais, esse homem não me escuta.

— Ela está sendo uma boa professora — acrescentou Rand, mais do que depressa. — Aprendi bastante coisa sobre os seus costumes e a Terra da Trindade. — Baboseiras? — Qualquer erro que eu cometa é culpa minha, não dela. — Como se ordenhava um lagarto venenoso de dois pés de comprimento? E por quê? — Ela está sendo uma boa professora, e gostaria de mantê-la, se possível.

Pela Luz, Por que, foi que eu disse isso?, perguntou-se. Aviendha até era agradável às vezes, ao menos quando se soltava. No restante do tempo era um carrapicho debaixo de seu casaco. No entanto, pelo menos com ela ali, sabia quem as Sábias tinham mandado para vigiá-lo.

Amys o analisou, os olhos azuis penetrantes como os de uma Aes Sedai. Claro, ela sabia canalizar. O rosto não tinha aquele aspecto etéreo, apenas parecia mais jovem do que era, mas talvez a mulher fosse tão Aes Sedai quanto uma Aes Sedai.

— Para mim parece uma boa combinação — disse.

Aviendha abriu a boca, encrespada de indignação, e fechou-a outra vez, carrancuda, quando a Sábia se virou para encará-la. Talvez a moça tivesse dado o tempo dela com ele por acabado, agora que haviam chegado às Pedras Frias.

— Você deve estar cansado da viagem — disse Lian, olhando para Rand com uma expressão maternal nos olhos cinzentos — e faminto. Venha. — O sorriso se estendeu a Mat, que estava um pouco atrás e já começava a encarar os carroções dos mascates. — Venham se abrigar sob o meu teto.

Rand agarrou os alforjes e deixou Jeade'en aos cuidados de uma *gai'shain*, que também apanhou Pips. Mat deu uma última olhada para os carroções antes de jogar os alforjes sobre os ombros e seguir em frente.

O teto de Lian, sua casa, ficava no nível mais alto do lado oeste, com o paredão íngreme do cânion se erguendo umas cem passadas acima. Lar do chefe do clã e da senhora do teto ou não, do lado de fora parecia um retângulo modesto de enormes tijolos de barro amarelado com janelas estreitas, sem vidro, cobertas por cortinas brancas simples, com uma hortinha no teto plano e outra na frente de

uma pequena sacada, separada da casa por um caminho estreito, pavimentado com pedras cinza lisas. Grande o bastante para dois quartos, talvez. A não ser pelo gongo quadrado de bronze, pendurado ao lado da porta, parecia muito com as outras construções que Rand via. Daquele ponto, podia enxergar toda a extensão do vale abaixo. Uma casa pequena, simples. Do lado de dentro, era outra coisa.

Por trás da parede de tijolos havia um cômodo amplo com piso de azulejos marrom-avermelhados, mas para dentro da pedra havia mais cômodos, com teto alto e surpreendentemente frescos, com batentes de entrada altos, em forma de arco, e lampiões de prata que exalavam um aroma campestre. Rand viu apenas uma cadeira. Era de espaldar alto, laqueada de vermelho e dourado e com aspecto de que não era muito usada. A cadeira do chefe, como Aviendha chamara. Não havia muitos outros itens de madeira além de umas poucas caixas e baús polidos ou laqueados, e livros abertos repousavam em prateleiras baixas para leitura, dispostas de um jeito que o leitor teria de se deitar no chão. Carpetes com tramas intrincadas cobriam o chão, além de tapetes vistosos, dispostos uns sobre os outros. Rand reconheceu algumas padronagens de Tear, Cairhien e Andor, até de Illian e Tarabon, mas outros desenhos não eram familiares: listras largas recortadas e sem cores repetidas, ou quadrados vazados em tons de cinza, marrom e preto. Em forte contraste com a mesmice de fora do vale, as cores eram todas muito vívidas. As tapeçarias de parede ele tinha certeza de serem do outro lado da Espinha do Mundo — talvez obtidas da mesma forma que as tapeçarias da Pedra de Tear — e as almofadas eram de todos os tamanhos e tons, em geral com borlas, franjas ou ambas, em seda vermelha ou dourada. Aqui e ali, em nichos presos às paredes, via-se um fino vaso de porcelana, uma tigela de prata ou uma escultura de marfim, em geral de algum animal exótico ou coisa do tipo. Então essas eram as “tocas” de que os tairenos falavam. Poderia ter sido uma visão berrante e espalhafatosa como Tear — ou os latoeiros — mas era nobre, ao mesmo tempo formal e informal.

Com um sorrisinho para mostrar a Aviendha que *sim*, escutava o que ela dizia, Rand puxou um presente para Lian de dentro de seus alforjes: um leão de ouro finamente trabalhado. Fora saqueado de Tear e comprado de um Buscador das Águas Jindo, mas, se ele era o governante de Tear, talvez fosse como ter roubado de si mesmo. Depois de um instante de hesitação, Mat também exibiu um presente: um colar taireno com flores de prata, sem dúvida vindo da mesma fonte, e sem dúvida algo que planejara dar de presente a Isendre.

— Primoroso. — Lian abriu um sorriso, erguendo o leão. — Sempre apreciei o artesanato taireno. Rhuarc me trouxe duas peças, muitos anos atrás. — Em um tom de voz adequado a uma dona

de casa que recordava de frutinhas vermelhas especialmente deliciosas, ela disse ao marido: — Você pegou da tenda de um Grão-lorde, pouco antes da decapitação de Laman, não foi? Uma pena que não tenha chegado a Andor. Eu sempre quis uma peça de prata andoriana. Este colar também é muito bonito, Mat Cauthon.

Ouvindo a mulher louvar de uma só vez os dois presentes, Rand escondeu o choque. Apesar das saias e do olhar maternal, ela era tão Aiel quanto qualquer Donzela da Lança.

Quando Lian terminou, Moiraine e as outras Sábias chegaram com Lan e Egwene. A espada do Guardião gerou uma olhadela desaprovadora, mas a senhora do teto o recebeu calorosamente depois que Bair o chamou de *Aan'allein*. Ainda assim, não foi nada se comparado à saudação a Egwene e Moiraine.

— As senhoras honram meu teto, Aes Sedai. — O tom da senhora do teto fez parecer que o que dizia era óbvio. Ela se curvou em uma mesura para as outras. — Dizem que servimos às Aes Sedai antes da Ruptura do Mundo e que falhamos com elas, e, por conta dessa falha, fomos enviados para cá, para a Terra da Trindade. Sua presença é prova de que talvez nosso pecado não seja imperdoável.

Mas claro. Ela não estivera em Rhuidean. Aparentemente, a proibição de comentar sobre o que acontecia em Rhuidean com quem não estivera lá valia até entre marido e mulher. E entre esposas-irmãs, ou qualquer que fosse o relacionamento entre Amys e Lian.

Moiraine também tentou dar um presente a Lian: pequeninos frascos de cristal e prata com perfume de Arad Doman. Mas a mulher ergueu as mãos.

— A sua presença já é um presente de valor inestimável, Aes Sedai. Aceitar mais do que isso seria uma desonra para mim e para o meu teto. Eu não poderia tolerar a vergonha. — Ela soava absolutamente séria, além de preocupada com a possibilidade de Moiraine insistir em presenteá-la com o perfume.

Era um indicativo da diferença de importância entre um *Car'a'carn* e uma Aes Sedai.

— Como queira — respondeu Moiraine, devolvendo os frascos à bolsa do cinto. Estava fria feito gelo, serena, vestida em seda azul, o manto claro jogado para trás. — Vocês, povo da Terra da Trindade, com certeza verão mais Aes Sedai. Antes, não tínhamos motivos para vir.

Amys não parecia nada satisfeita com tudo aquilo, e a ruiva Melaine encarava Moiraine feito um gato de olhos verdes ponderando se poderia fazer algo a respeito do cachorrão que invadira seu celeiro. Bair e Seana trocaram olhares preocupados, mas nada como as duas que eram capazes de canalizar.

Uma bando de *gai'shain* — homens e mulheres graciosos em robes

brancos com capuzes, os olhos estranhamente submissos para rostos de Aiel — pegou os mantos de Moiraine e Egwene, depois trouxe toalhas úmidas para suas mãos e faces, pequeninas xícaras de prata com água para ser bebida formalmente, e, por fim, uma refeição em tigelas de prata e bandejas dignas de um palácio, mas que foi comida em louças de barro com uma faixa esmaltada em azul. Todos comiam deitados no chão, onde azulejos brancos tinham sido presos a uma pedra, para formar uma mesa. Todos de cabeças juntas, almofadas embaixo do peito, formando em círculo, feito uma roda raiada, enquanto os *gai'shain* deslizavam no meio de todos para servir os pratos.

Mat se remexia para lá e para cá sobre as almofadas, desconfortável, mas Lan estava muito à vontade, como se sempre comesse deitado daquele jeito, e Moiraine e Egwene pareciam quase tão confortáveis quanto ele. Sem dúvida haviam praticado nas tendas das Sábias. Rand achava estranho, mas a comida em si era peculiar o bastante para tomar quase toda sua atenção.

O cozido de cabra, escuro e apimentado, era pouco familiar, porém nada esquisito, e ervilhas eram ervilhas em qualquer lugar, assim como abóbora. O mesmo não podia ser dito do pão amarelo, duro e farelento, nem dos feijões vermelhos e brilhantes misturados com os verdes, ou da tigela de caroços amarelos e pedaços de uma polpa vermelha que Aviendha chamou de *zemai* e *t'mat*. Muito menos do fruto doce e bulboso, de casca verde e dura, oriundo das plantas espinhosas e sem folhas chamadas de *kardon*. Ainda assim, era tudo gostoso.

Poderia ter aproveitado mais a refeição se Aviendha não tivesse ficado explicando tudo. Não sobre esposas-irmãs. Aquilo ficara a cargo de Amys e Lian, uma deitada de cada lado de Rhuarc, sorrindo tanto uma para a outra quanto para o marido. Ainda que as duas tivessem se casado com ele para não desfazer a amizade, estava claro que ambas o amavam. Rand não conseguia ver Elayne e Min chegando a tal acordo. Ele se perguntou por que sequer pensara naquilo. O sol devia ter fritado seu cérebro.

Porém, mesmo que Aviendha tivesse deixado essa explicação às outras duas mulheres, explicou *todo* o restante nos mínimos detalhes. Talvez o considerasse um imbecil por não saber sobre as esposas-irmãs. Virada para a direita, para encará-lo, ela sorria quase com a mesma doçura de quando explicara que a colher podia ser usada para comer o cozido ou o *zemai* e o *t'mat*, mas seus olhos cintilavam com um brilho que informava que apenas a presença das Sábias ali a impedia de atirar uma das tigelas na cabeça dele.

— Eu não sei o que fiz a você — sussurrou Rand. Estava bastante ciente de Melaine, do outro lado, aparentemente absorta na conversa

sussurrada com Seana. Bair dizia alguma coisa de vez em quando, mas Rand achava que ela também estava tentando entreouvi-lo. — Mas, se você odeia tanto ser minha professora, não é obrigada. Eu só falei. Tenho certeza de que Rhuarc ou as Sábias encontrarão outra pessoa.

As Sábias sem dúvida encontrariam, se ele se livrasse de sua espiã.

— Você não me fez nada… — Aviendha arreganhou os dentes para ele. Se pretendia ter aberto um sorriso, não fora muito bem-sucedida. — Nem nunca vai fazer. Pode se deitar para comer como achar mais confortável e conversar com todo mundo à sua volta. Exceto com os que precisam instruir em vez de compartilhar a comida, é claro. É considerado de bom tom conversar com as pessoas dos dois lados. — Por detrás dela, Mat olhou para Rand e revirou os olhos, claramente aliviado por estar sendo poupado daquilo. — A não ser que você seja forçado a ficar olhando para uma pessoa em particular para instruí-la, por exemplo. Pegue a comida com a mão direita, a não ser que precise se inclinar no cotovelo direito, e…

Era uma tortura, e ela parecia gostar. Os Aiel pareciam dar muita importância a presentes. Talvez, se Rand desse um presente a ela…

— … todos conversam por um tempo, depois de terminada a refeição, a não ser que um de nós precise ensinar alguma coisa, e…

Suborno. Não parecia justo ter de subornar alguém que o estava espionando, mas, se ela quisesse continuar daquele jeito, falando pelos cotovelos, valeria a pena fazer isso em troca de um pouco de paz.

Quando a refeição foi recolhida pelos *gai'shain*, que trouxeram canecas prateadas de vinho escuro, Bair abriu um sorriso para Aviendha por cima dos azulejos brancos, e a moça baixou a cabeça, amuada. Egwene se ajoelhou para se esticar por cima de Mat e lhe dar alguns tapinhas encorajadores, o que não pareceu ajudar. Pelo menos a mulher estava quieta. Egwene lançou um olhar duro a Rand. Ou sabia o que ele estava pensando, ou o julgava culpado pela cara feia de Aviendha.

Rhuarc apanhou o cachimbo de haste curta e a bolsa de tabaco, encheu o fornilho, pressionando-o com o polegar, depois passou a bolsa de couro para Mat, que pegou o próprio cachimbo de prata.

— Teve gente profundamente tocada pela notícia a seu respeito, Rand al'Thor, e depressa, ao que parece. Lian disse ter recebido informações de que Jheran, chefe do clã dos Aiel Shaarad, e Bael, dos Goshien, já estão em Alcair Dal. Erim, dos Chareen, está a caminho.

Ele permitiu que uma *gai'shain* esbelta acendesse seu cachimbo com um graveto em brasa. Pelos movimentos da moça, com uma graciosidade distinta da das outras pessoas de robes brancos, Rand suspeitou que ela tivesse sido Donzela da Lança não muito tempo antes. Ficou se perguntando quanto tempo faltaria para o fim do

serviço de um ano e um dia daquela moça, toda humilde e submissa.

Mat abriu um sorriso para a mulher, quando ela se ajoelhou para acender o cachimbo dele. Das profundezas do capuz, a moça lhe devolveu um olhar que nada tinha de submisso, e ele logo fechou o sorriso. Irritado, virou-se de barriga para baixo, um filete de fumaça azul subia pelo cachimbo. Pena que não chegou a ver a satisfação no rosto da mulher, que logo fechou a cara, enrubescida, diante da carranca de Amys. A jovem de olhos verdes saiu apressada, absolutamente constrangida. E Aviendha, que também odiava ter aberto mão da lança e ainda se considerava irmã-de-lança das Donzelas de todos os clãs… Franziu o rosto para a *gai'shain* que saía de cena, exatamente como a Senhora al'Vere faria para alguém que visse cuspindo no chão. Povo estranho. Egwene foi a única que Rand viu olhar a mulher com um pouco de compaixão.

— Os Goshien e os Shaarad — murmurou Rand, para seu vinho. Rhuarc explicara que cada chefe de clã traria uns poucos guerreiros para o Vale Dourado, pela honra, assim como cada chefe de ramo. Todos juntos talvez somassem mil de cada clã. Doze clãs. Doze mil homens e Donzelas, no fim das contas, todos presos à sua estranha honra e prontos para dançar as lanças ao mero espirro de um gatinho. Talvez mais, por conta da feira. Ele olhou para cima. — Eles têm uma rixa, não têm? — Rhuarc e Lan assentiram. — Rhuarc, eu sei que você disse que em Alcair Dal vigora algo similar à Paz de Rhuidean, mas eu vi até onde essa paz chegou com os Couladin e os Shaido. Talvez seja melhor eu ir para lá agora mesmo. Se os Goshien e os Shaarad começarem a brigar… uma coisa desse tipo pode se espalhar. Eu quero *todos* os Aiel comigo, Rhuarc.

— Os Goshien não são os Shaido — respondeu Melaine, em um tom ríspido, balançando a cabeleira acobreada feito uma leoa.

— E nem os Shaarad. — A voz aguda de Bair era mais fina do que a da mulher mais jovem, porém não menos peremptória. — Jheran e Bael podem tentar matar um ao outro antes de retornarem a seus fortes, mas não em Alcair Dal.

— Nada disso responde a pergunta de Rand al'Thor — disse Rhuarc. — Se você for para Alcair Dal antes de todos os chefes chegarem, os que ainda não estiverem lá cairão em desonra. Não é uma boa forma de anunciar que você é o *Car'a'carn*, desonrando homens que pede que o sigam. Os Nakai estão vindo de mais longe. Mais um mês, e todos estaremos em Alcair Dal.

— Menos — disse Seana, sacudindo a cabeça com vigor. — Já entrei duas vezes nos sonhos de Alsera, e ela disse que Bruan pretende percorrer o caminho todo correndo, desde o Forte Shiagi. Menos de um mês.

— Um mês até sairmos, para termos certeza — disse

Rhuarc. — Depois mais três dias até Alcair Dal. Talvez quatro. Então todos estaremos lá.

Um mês. Ele esfregou o queixo. Tempo demais. Tempo demais, e opções de menos. Nas histórias, tudo sempre acontecia conforme os planos do herói, aparentemente na hora que ele queria. Na vida real quase nunca era assim, mesmo que ele fosse *ta'veren* e supostamente com a profecia agindo a seu favor. Na vida real, era preciso esforço e esperança, além da sorte de às vezes encontrar metade do que se precisava. Ainda assim, uma parte do plano era seguir o caminho que pretendia. A parte mais perigosa.

Moiraine, estirada entre Lan e Amys, bebericava o vinho preguiçosamente, os olhos meio caídos, parecendo sonolenta. Rand não acreditou. Ela via tudo, ouvia tudo. Mas no momento ele não tinha nada a dizer que ela não pudesse ouvir.

— Quantos resistirão, Rhuarc? Ou se oporão a mim? Você arriscou um palpite, mas nunca disse com certeza.

— Não dá para ter certeza — respondeu o chefe de clã, com o cachimbo na boca. — Quando você mostrar os Dragões, eles o reconhecerão. Não há como imitar os Dragões de Rhuidean. — Os olhos de Moiraine teriam se movido? — É de você que as profecias falam. Vou apoiá-lo, e Bruan sem dúvida também, assim como Dhearic, dos Aiel Reyn. Os outros…? Sevanna, esposa de Suladric, levará os Shaido, já que o clã não tem chefe. Ela é jovem para ser a senhora do teto de um forte, e sem dúvida não está nada satisfeita em passar a ter apenas um teto, e não um forte inteiro, quando no substituto de Suladric for escolhido. E Sevanna é astuta e indigna de confiança, como qualquer Shaido que já nasceu. Mas, mesmo que ela não cause problemas, você sabe que Couladin vai causar. Ele age como chefe de clã, e pode ser que alguns Shaido acabem seguindo o tolo, mesmo que ele não adentre Rhuidean. Os Shaido são idiotas o bastante para uma coisa dessas. Han, dos Tomanelle, pode ir para qualquer direção. Ele é o tipo de homem de pavio curto, difícil de conhecer e de lidar, e…

Rhuarc parou de falar quando Lian murmurou, baixinho:

— Tem algum outro tipo?

Rand imaginou que não fosse para o chefe de clã escutar. Amys escondeu um sorriso por trás da mão, e a esposa-irmã enterrou o rosto inocentemente na caneca de vinho.

— Como eu estava dizendo — continuou Rhuarc, olhando resignado para as esposas — não dá para ter certeza. A maioria vai seguir você. Talvez todo mundo. Talvez até os Shaido. Esperamos três mil anos pelo homem que tem a marca de dois Dragões. Quando você mostrar os braços, ninguém vai duvidar de que foi enviado para nos unir. — E para destruí-los. Mas o Aiel não mencionou essa parte. — A

questão é como eles vão decidir reagir. — Ele bateu com o fornilho do cachimbo nos dentes, pensativo. — Você não vai mudar de ideia e vestir o *cadin'sor*?

— E mostrar o que a eles, Rhuarc? Um falso Aiel? É melhor vestir Mat de Aiel. — Mat engasgou com o próprio cachimbo. — Não vou fingir. Eu sou o que sou, e eles vão ter que me aceitar como eu sou. — Rand ergueu os punhos, e as mangas do casaco caíram e revelaram as cabeças de crinas douradas logo acima das costas das mãos. — Isso aqui prova quem eu sou. Se não for suficiente, nada mais será.

— Onde você pretende "guiar as lanças outra vez para a guerra"? — perguntou Moiraine, de repente.

Mat engasgou de novo, agarrando o cachimbo e encarando a mulher. Os olhos escuros da Aes Sedai já não estavam mais semicerrados.

Rand cerrou os punhos até estalar as juntas. Tentar ser esperto com ela era perigoso, já devia ter aprendido isso havia muito tempo. A mulher recordava cada palavra que ouvia, arquivava, recuperava e examinava até entender exatamente o significado.

Ele se levantou devagar. Todos o observavam. Egwene parecia ainda mais preocupada do que Mat, mas os Aiel apenas assistiam. Falar de guerra não os incomodava. Rhuarc parecia… pronto. E o rosto de Moiraine guardava uma calma fria.

— Se vocês me dão licença — disse — eu vou caminhar um pouco.

Aviendha ficou de joelhos, e Egwene se levantou, mas nenhuma das duas foi atrás dele.

50



Armadilhas

Fora da casa, no caminho pavimentado de pedras entre a casa de tijolos amarelos e a horta da plataforma, Rand parou para observar o cânion abaixo, mas não via muita coisa além das sombras do fim de tarde que subiam aos poucos pelo chão. Se pelo menos pudesse confiar que Moiraine não o entregaria à Torre em uma coleira… Não tinha dúvidas de que ela seria capaz disso, e sem usar o Poder uma única vez, caso ele desse a menor brecha. A mulher conseguiria fazer um touro a entrar na toca de um rato sem que o animal sequer percebesse. Poderia ser útil. *Luz, sou tão ruim quanto ela. Usar os Aiel. Usar Moiraine. Se pelo menos eu pudesse confiar nela.*

Foi andando em direção à entrada do cânion, descendo todos as ladeiras que levavam até lá. Eram caminhos estreitos, pavimentados de pedras pequenas, os mais íngremes com degraus entalhados. O ecoar de martelos em diversas ferrarias soava familiar. Nem todas as construções eram casas. Por uma porta aberta, viu diversas mulheres trabalhando em teares, e, por outra, uma prateira pendurando os martelinhos e goivas. Por uma terceira, um homem diante de uma roda de oleiro, com as mãos no barro e fornos quente de olaria atrás. Homens e meninos, exceto pelos muito jovens, usavam o *cadin'sor*, uma faca pequena de cintura ou lâmina nenhuma, às vezes uma *shoufa* sem o véu preto amarrado. Ainda assim, ao observar um ferreiro pôr o cabo na lança para a qual acabara de preparar uma lâmina de um pé de comprimento, Rand não teve dúvidas de que o homem seria capaz de utilizar a arma com tanta agilidade quanto a fabricara.

Os caminhos não estavam cheios, mas havia bastante gente transitando. Crianças gargalhavam, correndo e brincando, as

garotinhas menores carregavam tanto bonecas quanto lanças de brinquedo. *Gai'shain* levavam enormes jarros de barro na cabeça ou podavam os jardins, em geral sob o comando de uma criança de dez ou doze anos. Homens e mulheres seguiam com suas vidas, nada muito diferente das coisas que talvez fizessem em Campo de Emond, como varrer a soleira da porta de casa ou consertar uma parede. As crianças mal olhavam para ele, apesar do casaco vermelho e das botas de sola grossa, e os *gai'shain* eram tão discretos que ficava difícil dizer se o notavam ou não. No entanto, os artesãos e os combatentes, homens e mulheres adultos, o encaravam com ares de especulação, com uma pontada de dúvida e expectativa.

Garotos muito jovens corriam descalços, vestidos em robes bastante parecidos com os dos *gai'shain*, mas no tom marrom acinzentado do *cadin'sor,* em vez de brancos. As meninas mais novas também corriam descalças para lá e para cá, em vestidinhos curtos que às vezes não chegavam a cobrir os joelhos. Uma coisa nas meninas lhe chamou a atenção: as que tinham menos de doze anos, mais ou menos, usavam os cabelos em duas tranças amarradas com fitas de cores vivas, uma sobre cada orelha. Exatamente como as que Egwene usara. Só podia ser coincidência. Ela devia ter desfeito as tranças porque as Sábias contaram a ela que era assim que as menininhas Aiel usavam os cabelos. De todo modo, era uma bobagem pensar a respeito. Ele agora tinha uma mulher com quem lidar. Aviendha.

Na base do cânion, os mascates estavam engajados em negociações animadas com a multidão de Aiel que fervilhava ao redor dos carroções com coberturas de lona. Pelo menos os condutores estavam. Keille, com um xale de renda azul preso aos pentes de marfim, barganhava com firmeza em um tom de voz alto. Kadere estava sentado em um barril virado para baixo, à sombra do carroção branco. Usava um casaco cor-de-creme e não parava de secar o suor do rosto, sem fazer qualquer esforço para vender. Olhou para Rand e fez menção de se levantar, mas afundou de volta no barril. Isendre não estava em qualquer canto à vista, mas, para surpresa de Rand, Natael estava por lá, o manto coberto de retalhos atraindo uma tropa de crianças e alguns adultos. Aparentemente, o encanto de uma nova e maior audiência o afastara dos Shaido. Ou talvez Keille apenas não o quisesse fora de vista. Por mais absorta que estivesse na negociação, a mulher ainda encontrava tempo de franzir o cenho para o menestrel.

Rand evitou os carroções. Ao perguntar aos Aiel, descobriu aonde os Jindo tinham ido: cada um para o teto de sua sociedade, ali nas Pedras Frias. O Teto das Donzelas ficava na metade do caminho até a muralha leste do cânion, um lugar ainda bastante iluminado. Era um retângulo de pedra cinza encimado por um jardim, sem dúvida maior por dentro do que parecia por fora. Não que desse para ver o interior.

Um par de Donzelas acocoradas ao lado da porta, portando lanças e broquéis, barrou sua entrada, achando muito engraçado e escandaloso que um homem desejasse entrar, mas uma delas concordou em repassar seu pedido.

Poucos minutos depois, saíram de lá as Donzelas dos Jindo e dos Nove Vales que tinham ido para a Pedra. E também todas as outras Donzelas do ramo dos Nove Vales que estavam no Forte das Pedras Frias, amontoando-se dos dois lados do caminho e pelo teto entre as fileiras de hortaliças para espiar, de sorrisos escancarados, como se esperassem se divertir. *Gai'shain* homens e mulheres serviam pequenas xícaras de chá escuro. Qualquer que fosse a regra que impedia os homens de adentrar o Teto das Donzelas, não valia para os *gai'shain*.

Depois de Rand examinar diversas ofertas, Adelin, a mulher Jindo de cabelos louros com uma pequena cicatriz no rosto, exibiu um enorme bracelete de marfim com entalhes profundos de rosas. Ele achou que combinava com Aviendha, pois o escultor tivera o cuidado de entalhar os espinhos por entre as flores.

Adelin era alta, mesmo para uma Aiel, com os olhos apenas um palmo mais baixos que os de Rand. Quando soube a razão pela qual ele queria o bracelete — ou melhor, soube em parte: Rand disse apenas que era um presente pelos ensinamentos de Aviendha, não para amansar o temperamento da mulher e torná-la uma companhia mais tolerável — Adelin olhou em volta, para as outras Donzelas. Todas fecharam os sorrisos, exibindo expressões indecifráveis.

— Não aceito pagamento por isso aqui, Rand al'Thor — declarou, colocando o bracelete na mão dele.

— Isso é errado? — perguntou o rapaz. Como os Aiel enxergariam aquele gesto? — Eu não quero desonrar Aviendha de forma alguma.

— Não vai desonrá-la. — A mulher acenou para uma *gai'shain* que carregava uma bandeja de prata com taças e uma jarra de cerâmica. Serviu duas taças e entregou uma a ele. — Lembre-se da honra — disse, bebendo da taça dele.

Aviendha nunca mencionara nada parecido com aquilo. Indeciso, ele tomou um golinho do chá amargo e repetiu:

— Lembre-se da honra. — Parecia o mais seguro a dizer.

Para sua surpresa, a mulher o beijou delicadamente em cada face.

Uma Donzela mais velha, de cabelos grisalhos, mas ainda de feições firmes, surgiu diante dele.

— Lembre-se da honra — disse, e bebericou.

Ele precisou repetir o ritual com todas as Donzelas presentes. No fim, apenas tocava a taça com os lábios. As cerimônias Aiel podiam ser curtas e diretas, mas, quando era preciso repeti-las com setenta e tantas mulheres, até os golinhos acabavam deixando o sujeito entupido. As sombras já se erguiam pelo leste do cânion quando ele

conseguiu escapar.

Encontrou Aviendha perto da casa de Lian, batendo vigorosamente um carpete de listras azuis pendurado em um varal, com outros empilhados a seu lado, em uma variedade de cores. Afastando uma mecha de cabelo suado da testa, a jovem o encarou, sem expressão, quando ele lhe entregou o bracelete e disse que era um presente pelos ensinamentos.

— Eu já dei braceletes e colares a amigas que não carregavam a lança, Rand al'Thor, mas nunca usei um. — A voz dela era absolutamente inexpressiva. — Essas coisas chacoalham e fazem barulho, entregam a gente quando é preciso fazer silêncio. Elas agarram quando a gente se mexe muito rápido.

— Mas você pode usar agora, já que vai ser uma Sábia.

— É. — Ela girou o aro de marfim como se não soubesse muito bem o que fazer com ele, então passou-o pela mão de repente e ergueu o braço para olhá-lo. Poderia estar encarando uma algema.

— Se você não gostou… Aviendha, Adelin disse que isso não mancharia sua honra. Ela até pareceu aprovar. — Rand mencionou a cerimônia dos golinhos do chá, e a jovem estreitou os olhos e se arrepiou toda. — Qual é o problema?

— Elas acham que você está tentando atrair o meu interesse. — Rand não acreditava que a voz dela estivesse tão impassível. Os olhos não esboçavam qualquer emoção. — Elas todas aprovaram você, como se eu ainda portasse a lança.

— Luz! Era mais simples esclarecer as coisas. Eu não… — Ele parou de falar ao ver os olhos da mulher ardendo de raiva.

— Não! Você aceitou a aprovação delas, agora vai rejeitar? *Isso sim* me desonraria! Você acha que é o primeiro homem que tenta me cortejar? Elas agora têm que continuar pensando o que estão pensando. Não quer dizer nada. — Com uma carranca, Aviendha agarrou o batedor de tapete trançado com as duas mãos. — Saia daqui. — Olhando o bracelete, ela acrescentou: — Você não entende nada mesmo, não é? Não entende nada. A culpa não é sua. — Ela parecia estar repetindo algo que escutara, ou tentando convencer a si mesma. — Me desculpe por ter estragado o seu jantar, Rand al'Thor. Por favor, saia daqui. Amys disse que preciso limpar todos esses tapetes e carpetes, leve o tempo que levar. Vai levar a noite inteira, se você ficar aqui plantado falando comigo.

Aviendha virou as costas para ele e deu uma pancada violenta no carpete listrado, o bracelete de marfim balançando em seu pulso.

Rand não sabia se o pedido de desculpas fora por causa do presente ou por ordem de Amys — suspeitava da segunda hipótese — mas soara sincero. Ficou claro que Aviendha não estava satisfeita, a julgar pelo grunhido agudo de esforço que acompanhava

cada girada em cheio com o batedor, porém não expressara sua raiva nenhuma vez. Podia estar irritada, intimidada e até furiosa, mas não com raiva. Era melhor do que nada. Uma hora a mulher recuperaria a civilidade.

Quando ele adentrou o salão principal da casa de Lian, pavimentado com azulejos marrons, viu as Sábias todas juntas, conversando, as quatro com xales soltos por cima dos ombros. Um silêncio se abateu quando ele apareceu.

— Vou mostrar seu quarto a você — disse Amys. — Os outros já foram para os deles.

— Obrigado. — Ele olhou de volta para a porta, o cenho levemente franzido. — Amys, você mandou Aviendha se desculpar comigo pelo jantar?

— Não. Ela fez isso? — Os olhos azuis da mulher ficaram pensativos por um instante. Rand achou que Bair estava quase sorrindo. — Eu não mandaria uma coisa dessas, Rand al'Thor. Desculpas forçadas não são desculpas.

— Nós mandamos a garota bater tapetes até acalmar um pouco os ânimos — respondeu Bair. — Qualquer coisa a mais partiu dela mesma.

— E provavelmente foi feita na esperança de escapar das tarefas — acrescentou Seana. — Ela tem que aprender a controlar a raiva. Uma Sábia precisa dominar suas emoções, não se deixar controlar por elas.

Com um leve sorriso, Seana olhou de esguelha para Melaine. A mulher de cabelos dourados apertou os lábios e fungou.

Elas estavam tentando convencê-lo de que Aviendha seria uma ótima companhia dali em diante. Seria possível que pensassem que ele estava cego?

— Vocês devem saber que eu já sei. Sobre ela. Que vocês mandaram Aviendha para me espionar.

— Você não sabe tanto quanto pensa que sabe — respondeu Amys, como uma verdadeira Aes Sedai, escondendo intenções.

Melaine ajeitou o xale, avaliando-o de cima a baixo. Rand sabia um pouco sobre Aes Sedai e, se aquela ali fosse uma, seria da Ajah Verde.

— Eu admito — começou ela — que no início pensamos que você não veria nada além de uma bela mulher. E você também é bastante bonito, de modo que Aviendha acharia a sua companhia mais interessante que a nossa. Não contávamos com a língua dela. Nem com outras coisas.

— Então por que querem tanto que ela continue comigo? — A voz dele saiu em um tom mais violento do que o pretendido. — Vocês não podem achar que depois disso eu vou contar a ela qualquer coisa

que não queira que vocês saibam.

— Por que você permite que ela fique? — perguntou Amys, muito calma. — Caso se recusasse a aceitá-la, como poderíamos forçá-la a passar tempo com você?

— Pelo menos assim eu sei quem é o espião. — Poder vigiar Aviendha era melhor do que ficar tentando descobrir qual dos Aiel estava tentando vigiá-lo. Sem a mulher, decerto suspeitaria de que todos os comentários displicentes de Rhuarc fossem tentativas de espionagem. Ora, já não havia como dizer que não eram. Rhuarc era casado com uma daquelas mulheres. De repente, sentiu-se contente por não ter confiado mais no chefe de clã. E triste por pensar em uma coisa desses. Por que tinha acreditado que seria mais simples lidar com os Aiel do que com os Grão-lordes tairenos? — Fico feliz em deixar a situação exatamente como está.

— Então todos estamos felizes — respondeu Bair.

Rand encarou a mulher de rosto bronzeado com desconfiança. Sentira um tom de algo mais em sua voz, como se Bair soubesse mais do que ele.

— Ela não vai descobrir o que vocês querem.

— O que nós queremos? — indagou Melaine, de repente. Os longos cabelos balançaram quando ela jogou a cabeça para trás. — A profecia diz que "o que restar do restante ele salvará". O que nós queremos, Rand al'Thor, *Car'a'carn*, é salvar o máximo possível do nosso povo. Seja lá que sangue e que rosto você tenha, não sente nada por nós. Eu vou fazer você encarar nosso sangue como seu nem que tenha que botar…

— Eu acho — interrompeu Amys, com delicadeza — que Rand deve estar com vontade de ver o quarto dele. Parece um pouco cansado. — Ela bateu palmas com vigor, e uma *gai'shain* graciosa apareceu. — Mostre a este homem o quarto que foi preparado para ele. Providencie o que ele precisar.

As Sábias rumaram para a porta e o deixaram ali parado, sozinho. Bair e Seana olharam irritadas para Melaine, feito integrantes do Círculo das Mulheres encarando alguém a quem pretendiam repreender duramente por algum mau comportamento. A mulher as ignorou. Quando a porta se fechou atrás delas, estava resmungando algo que soou como "pôr algum juízo naquela garota idiota".

Que garota idiota? Aviendha? Mas ela já estava fazendo o que as mulheres queriam. Egwene, talvez? Sabia que Egwene estava estudando alguma coisa com as Sábias. E o que Melaine estava disposta a "botar" para fazê-lo "encarar o sangue Aiel como dele"? Como botar alguma coisa em algum lugar o faria decidir ser Aiel? *Botar uma armadilha a seus pés, talvez? Idiota! Ela não falaria com tanta franqueza se pretendesse levá-lo para uma armadilha. Que tipo de coisas*

podem ser "botadas"? Galinhas botam ovos, pensou, rindo baixinho. Estava cansado. Cansado demais para fazer perguntas. Passara doze dias e parte do décimo-terceiro em cima de uma sela, todos escaldantes e secos. Não queria pensar em como se sentiria se tivesse caminhado toda aquela distância no mesmo ritmo. Aviendha devia ter pernas de aço. Ele queria uma cama.

A *gai'shain* era bonita, apesar da fina cicatriz enviesada logo acima de um dos olhos azuis, adentrando pelos cabelos tão finos que quase pareciam de prata. Outra Donzela, só que não era Donzela no momento.

— Por favor, queira me acompanhar — murmurou a mulher, olhando para o chão.

O quarto não era um dormitório, naturalmente. Como era de se esperar, a "cama" consistia de um catre grosso aberto sobre uma pilha de tapetes de cores fortes. A *gai'shain* — seu nome era Chion — ficou chocada quando ele pediu água para se lavar, mas Rand estava cansado dos banhos de suor. Podia apostar que Moiraine e Egwene não precisaram se sentar em uma tenda cheia de vapor para se limparem. Ainda assim, Chion trouxe água quente em um grande cântaro marrom, usado para regar o jardim, e um imenso vaso branco como lavatório. Ele a pôs para fora quando a mulher se ofereceu para banhá-lo. Que povo mais estranho!

O quarto não tinha janelas e era iluminado por lampiões prateados que pendiam de suportes nas paredes, mas Rand sabia que ainda não devia estar totalmente escuro lá fora quando terminou de se lavar. Não importava. Havia apenas dois cobertores sobre o catre, nenhum muito grosso. Sem dúvida um sinal da dureza dos Aiel. Ao lembrar-se das noites frias que passara nas tendas, vestiu-se outra vez, exceto pelo casaco e as botas, antes de apagar os lampiões e se enfiar debaixo dos cobertores, na mais completa escuridão.

Por mais cansado que estivesse, não conseguia parar de pensar e se revirar. O que Melaine pretendia botar? Por que as Sábias não ligavam para o fato de ele saber que Aviendha era uma espiã? Uma bela mulher, só que mais intratável do que uma mula com os quatro cascos machucados. Sua respiração ficou mais lenta, e os pensamentos, enevoados. Um mês. Tempo demais. Sem escolha. Honra. Isendre sorrindo. Kadere olhando. Armadilha. Botar uma armadilha a seus pés. Que armadilha? De quem? Armadilhas. Se ao menos ele pudesse confiar em Moiraine. Perrin. Casa. Perrin devia estar nadando no…

De olhos fechados, Rand passou as mãos pela água. Fresca e agradável. E tão molhada. Parecia que nunca se dera conta de como era bom sentir o *molhado*. Ergueu a cabeça e olhou em volta, a fileira

de salgueiros de um dos lados do laguinho e o imenso carvalho do outro, extenso e robusto, os galhos formando sombras na água. A Floresta das Águas. Era bom estar em casa. Tinha a sensação de que estivera longe, não sabia ao certo onde, mas também não era importante. Subira até a Colina da Vigília. Isso. Nunca fora mais longe do que isso. Fresco e molhado. E sozinho.

De repente, dois corpos se lançaram ao ar, os joelhos encolhidos contra o peito, e mergulharam, chapinhando a água e embotando sua visão. Ele limpou a água dos olhos e viu Elayne e Min sorrindo, uma de cada lado, apenas as cabeças aparecendo sobre a superfície verde-clara. Estava a duas braçadas de cada mulher. Uma de cada lado. Não podia amar as duas. Amar? Por que aquilo surgira em seus pensamentos?

— Você não sabe quem ama.

Ele se virou, remexendo a água. Aviendha estava na ribanceira, vestindo um *cadin'sor*, em vez de saia e blusa. Não o encarava irritada, no entanto, apenas o olhava.

— Venha para a água — chamou ele. — Vou lhe ensinar a nadar.

Risadas musicais atraíram sua atenção para a margem oposta. A mulher que estava ali, pálida e nua, era a mais bela que ele já vira. Tinha grandes olhos escuros que o deixaram completamente desnorteado. Rand achou que a conhecia.

— Devo permitir que você seja infiel a mim, mesmo em sonhos? — perguntou ela.

Mesmo sem olhar, Rand de alguma forma sabia que Elayne, Min e Aviendha já não estavam mais lá. Aquilo estava começando a ficar muito estranho.

A mulher o observou por um longo instante, sem reparar na própria nudez. Lentamente, pôs-se nas pontas dos pés, com os braços para trás, e mergulhou direto no laguinho. Quando sua cabeça emergiu à superfície, os cabelos não estavam molhados. Rand ficou surpreso por um instante. Então a mulher se aproximou dele — teria nadado, ou simplesmente *surgira* a seu lado? — e enroscou os braços e as pernas em seu corpo. A água estava fria, e o corpo dela, quente.

— Você não pode escapar de mim — murmurou ela. Aqueles olhos escuros pareciam muito mais fundos do que o laguinho. — Você vai gostar tanto que não vai me esquecer nunca mais, nem dormindo, nem acordado.

Nem dormindo, nem…? Tudo se deslocou, virou um borrão. A mulher se agarrou a ele com ainda mais força, e o borrão desaparecem. Tudo estava como antes. Juncos preenchiam uma das margens do laguinho. Na outra, folhas-de-couro e pinheiros cresciam quase até a beira da água.

— Eu conheço você — comentou, devagar. Achava que conhecia,

do contrário, por que deixaria a mulher fazer aquilo? — Mas eu não… isso não está certo. — Tentou se desvencilhar dela, mas bastava soltar um braço para a mulher agarrá-lo outra vez.

— Eu preciso marcar você. — Havia um toque de fúria na voz dela. — Primeiro aquela covarde da Ilyena, e agora… Em quantas mulheres você pensa?

A mulher de repente cravou os dentes brancos e pequenos no pescoço dele.

Urrando, Rand a empurrou e agarrou o próprio pescoço. Tinha arrancado pele. Estava sangrando.

— É assim que você se diverte enquanto eu me pergunto aonde foi? — indagou uma voz masculina, carregada de desprezo. — Por que eu deveria manter minha palavra se você põe o nosso plano em risco desse jeito?

A mulher apareceu na margem de repente, vestida de branco, com um cinto de prata trançada envolvendo a cintura fina, além de estrelas e luas de prata nos cabelos escuros como a meia-noite. Atrás dela, o chão elevava um pouco, formando um bosque de freixos por sobre um monte. Rand não se lembrava de ter visto freixos antes. A mulher encarava… um borrão. Um borrão indistinto flutuando no ar, espesso, cinzento, do tamanho de um homem. Estava tudo… errado, por assim dizer.

— Em risco — repetiu ela, com desprezo. — Você tem tanto medo de se arriscar quanto Moghedien, não é? Rasteja feito a própria Aranha. Se eu não tivesse arrancado você daquele buraco, ainda estaria se escondendo, esperando para conseguir agarrar umas migalhas.

— Se você não é capaz de controlar seu… apetite — disse o borrão, com uma voz masculina — por que eu deveria me aliar a você, para começo de conversa? Se tiver que correr riscos, eu quero uma recompensa maior do que ficar puxando os cordéis de uma marionete.

— Como assim? — perguntou a mulher, em um tom ameaçador.

O borrão tremeluziu. De alguma forma, Rand sabia que era hesitação, incerteza por ter falado demais. De súbito, desapareceu. A mulher olhou para Rand, ainda enfiado no laguinho até o pescoço. Então apertou os lábios, irritada, e sumiu.

Rand acordou com um susto e ficou ali parado, perscrutando a escuridão. Um sonho. Mas fora um sonho comum, ou algo mais? Ele mexeu a mão por debaixo das cobertas e tocou a lateral do pescoço, sentindo as marcas dos dentes e o filete fino de sangue. Fosse qual fosse o tipo de sonho, a mulher estivera nele. Lanfear. Não tinha sonhado *com ela*. E aquele outro, um homem. Um sorriso frio surgiu em seu rosto. *Armadilhas por todos os cantos. Armadilhas para pés*

desatentos. Eu preciso olhar por onde ando. Tantas armadilhas. E criadas por todo mundo.

Rindo baixinho, Rand virou de lado para voltar a dormir — e ficou imóvel, prendendo a respiração. Não estava sozinho no quarto. *Lanfear*.

Em um frenesi, tentou agarrar a Fonte Verdadeira. Por um instante, temeu ser derrotado pelo próprio medo. Então adentrou a calma gélida do Vazio e foi preenchido por uma torrente tempestuosa de Poder. Ele se levantou de um salto e atacou. Os lampiões se acenderam.

Aviendha estava sentada diante da porta, de pernas cruzadas, com a boca escancarada, e os olhos verdes, arregalados, voltados para os lampiões e os fluxos, invisíveis a ela, que a envolviam por completo. Não conseguia sequer mexer a cabeça. Rand esperara encontrar alguém de pé, e a teia ultrapassara a cabeça dela. Ele soltou os fluxos de Ar no mesmo instante.

A jovem se levantou, afobada, quase derrubando o xale.

— Eu… eu acho que nunca vou me acostumar com… — Ela apontou para os lampiões. — Vindo de um homem.

— Você já me viu manejar o Poder antes. — A ira jorrou pela superfície do Vazio que o circundava. Invadindo sorrateira o quarto, na escuridão. Quase o fazendo morrer de susto. Aviendha tivera sorte de não acabar machucada ou morta por acidente. — É melhor você ir se acostumando. Eu sou Aquele Que Vem Com a Aurora, queira admitir ou não.

— Isso não é parte…

— Por que você está aqui? — perguntou ele, em um tom frio.

— As Sábias estão se revezando para vigiar você do lado de fora. Querem continuar vigiando dos… — A voz dela foi morrendo, e a face, enrubescendo.

— De onde? — A mulher apenas o encarava, com o rosto cada vez mais carmesim. — Aviendha, de ond…? — Andarilhas dos sonhos. Por que aquilo nunca lhe ocorrera? — De dentro dos meus sonhos — disse, em um tom frio. — Há quanto tempo andam espionando dentro da minha cabeça?

A jovem soltou um suspiro alto e pesado.

— Não era para eu deixar você saber. Se Bair descobrir… Seana disse que esta noite seria muito perigoso. Eu não entendo: não consigo entrar em sonhos sem a ajuda de alguma delas. A única coisa que sei é que algo perigoso ocorrerá hoje à noite. É por isso que elas estão se revezando do outro lado da porta. Estão todas preocupadas.

— Você ainda não respondeu a minha pergunta.

— Eu não sei por que estou aqui — resmungou ela. — Se você precisar de proteção… — Ela olhou para a faca de cintura curta e

tocou o cabo. O bracelete de marfim parecia irritá-la, e Aviendha cruzou os braços para prendê-lo na axila. — Eu não poderia proteger você muito bem com uma faquinha tão pequena, e Bair disse que se eu tocar em outra lança sem estar sendo atacada, vai usar o meu couro para fazer um cantil. Não sei nem por que deveria abrir mão do meu sono para proteger você, para começo de conversa. Por sua causa, fiquei batendo tapetes até menos de uma hora atrás. E só com as luz do luar!

— Não foi essa a pergunta. Há quanto tempo…? — Rand parou de falar de repente.

Havia uma sensação no ar, uma sensação de algo errado. De algo maligno. Podia ser imaginação, algum resquício do sonho. Podia ser.

Aviendha prendeu a respiração quando a espada de chamas vermelhas surgiu nas mãos dele, a lâmina levemente curva com a marca da garça. Lanfear o acusara de usar apenas a décima parte do que era capaz, e ainda assim a maioria dessa décima parte vinha de sensações e suposições. Ele nem ao menos *sabia* a décima parte do que poderia fazer. Mas sabia usar a espada.

— Fique atrás de mim. — Percebeu que a mulher começara a desenbainhar a faca de cintura enquanto ele percorria o quarto, descalço, mas com meias, sem fazer barulho nos carpetes. Estranhamente, o ar não estava mais frio do que quando se deitara para dormir. Talvez aquelas muralhas de pedra conservassem o calor, pois, quanto mais longe ele ia, mais frio ficava.

Até os *gai'shain* deviam ter ido se deitar, àquela hora. Os corredores e aposentos estavam vazios e silenciosos, a maioria com a iluminação fraca dos lampiões espalhados que ainda queimavam. Ali, onde lampiões apagados significavam escuridão total, mesmo ao meio-dia, ainda havia luzes acesas. A sensação era vaga, mas não ia embora. Algo maligno.

Ele parou de repente sob o grande arco que levava ao salão de entrada, pavimentado com os azulejos marrons. Um lampião prateado em cada extremidade do salão fornecia uma luz pálida. No meio do aposento havia um homem alto, parado de pé, com a cabeça inclinada sobre a mulher em seu braços cobertos por um manto negro. A cabeça dela pendia para trás, e um capuz branco estava caído enquanto o homem acariciava sua garganta. Os olhos de Chion estavam quase fechados, e a mulher exibia um sorriso de êxtase. Um arroubo de constrangimento irrompeu pela superfície do Vazio. Então, o homem ergueu a cabeça.

Os olhos negros observaram Rand, grandes demais para o rosto pálido e encovado. Na boca, os lábios enrugados e vermelhos se abriram em um arremedo de sorriso, revelando dentes afiados. Chion caiu no chão quando o manto da criatura se desdobrou e expandiu,

feito asas de morcego. O Draghkar pisou em cima da mulher. Era tão branco, as mãos alvas estendidas para Rand, os dedos longos e finos com garras nas pontas. Mas garras e dentes não eram o perigo. Era o beijo do Draghkar que matava, e pior.

Sua canção baixa e hipnótica agarrou-se com força ao Vazio. As asas escuras e curtidas avançaram para envolvê-lo quando Rand deu um passo à frente. Um instante de choque lampejou naqueles imensos olhos negros, e a espada forjada no Poder atravessou o crânio do Draghkar, entrando pela ponte do nariz.

Uma lâmina de aço teria ficado presa, mas a espada forjada em fogo se soltou com facilidade assim que a criatura caiu. Por um instante, nas profundezas do coração do Vazio, Rand examinou a coisa a seus pés. Aquela canção. Se não estivesse protegido das emoções, se o Vazio não o mantivesse distante e desapaixonado, aquela canção teria arrebatado sua mente. O Draghkar sem dúvida acreditava que tinha, quando veio avançando com tanto desejo.

Aviendha saiu correndo, passou por ele e ajoelhou-se ao lado de Chion. Ela buscou o pulso da *gai'shain*.

— Morta — anunciou, fechando as pálpebras da mulher. — Talvez tenha sido melhor assim. Os Draghkar devoram a alma, antes de consumir a vida. Um Draghkar! Aqui! — Ela cravou os olhos na criatura, ainda agachada. — Trollocs na Parada de Imre, e, agora, um Draghkar aqui. Você está trazendo um tempo ruim para a Terra da…

Com um urro, a mulher se jogou por cima de Chion no segundo em que Rand ergueu a espada.

Uma barra de fogo sólido disparou da lâmina da espada, por cima de Aviendha, e acertou o peito do Draghkar que apareceu à porta. Irrompendo em chamas, a Criatura da Sombra cambaleou para trás, gritando, tropeçando, batendo as asas flamejantes.

— Acorde todo mundo — disse Rand, muito calmo. Chion lutara? Até onde sua honra a levara? Não fazia diferença. Era mais fácil matar Draghkar que Myrddraal, mas eles eram mais perigosos, à sua própria maneira. — Se souber soar o alarme, faça isso.

— O gongo perto da porta…

— Pode deixar que eu faço. Acorde todo mundo. Pode haver mais do que dois.

Aviendha assentiu e disparou por onde haviam vindo, gritando:

— Lanças a postos! Acordem, lanças a postos!

Rand saiu, receoso, com a espada pronta, preenchido pelo Poder, exaltado. Enjoado. Queria rir, queria vomitar. A noite estava congelante, mas ele mal notava o frio.

O Draghkar em chamas jazia esparramado na horta do terraço, fedendo a carne queimada, somando a luz de seu fogo baixo ao luar.

Um pouco mais abaixo jazia Seana, os longos cabelos grisalhos espalhados feito um leque, encarando o céu de olhos arregalados, sem piscar. A faca de cintura estava caída a seu lado, mas a arma não tinha chance contra um Draghkar.

Ao mesmo tempo em que Rand agarrou o malho pendurado ao lado do gongo quadrado de bronze, o pandemônio irrompeu na entrada do cânion: berros humanos e uivos de Trollocs, clangor de aço, gritaria. Ele soou o gongo com força, um badalo sonoro ecoou pelo cânion. Quase no mesmo instante, outro gongo soou, depois outro, e de dezenas de bocas irrompeu o chamado:

— Lanças a postos!

Gritos confusos se ergueram ao redor dos carroções dos mascates, abaixo. Retângulos de luz apareceram, e portas se abriram nos dois carroções em forma de caixotes, emitindo um brilho branco ao luar. Alguém gritava de raiva lá embaixo — uma mulher, mas Rand não soube dizer quem.

Asas bateram no ar acima dele. Rosnando, Rand ergueu a espada de fogo. Sentiu o Poder Único arder dentro de si, e fogo emanou da lâmina. O Draghkar, curvado, explodiu em chamas, em uma chuva de nacos grossos que desapareceram na escuridão abaixo.

— Aqui — disse Rhuarc. Os olhos do chefe estavam inflexíveis por cima do véu negro. Todo vestido, ele carregava broquel e lanças. Mat vinha logo atrás, sem casaco nem chapéu, com a camisa meio para fora das calças, piscando, hesitante, agarrando a lança de punho preto com as duas mãos.

Rand pegou a *shoufa* que Rhuarc oferecia, então largou-a no chão. Uma silhueta com asas de morcego deu um giro, cruzou a lua e desceu na outra extremidade do cânion, esvanecendo em meio às sombras.

— Eles estão me caçando. Deixe que vejam o meu rosto. — O Poder oscilou dentro dele, a espada em sua mão tremulou, parecia um pequeno sol a iluminá-lo. — Não vão poder me encontrar se não souberem onde estou.

Rindo, pois os outros eram incapazes de entender a piada, Rand saiu correndo, descendo em direção ao som da batalha.

Puxando a lança do peito de um Trolloc com focinho de javali, Mat se agachou, os olhos vasculhando a escuridão iluminada pelo luar perto da entrada do cânion, à procura de outro. *Que o queime, Rand!* Nenhuma das silhuetas que vira se movendo era grande o suficiente para ser um Trolloc. *Sempre me atirando em cima dessas malditas criaturas!* Gemidos baixos vinham dos feridos. Uma forma sombreada, que ele pensou ser Moiraine, ajoelhou-se ao lado de um Aiel caído. As bolas de fogo que ela atirava eram impressionantes, quase tanto quanto a tal espada de Rand, jorrando barras de fogo. A coisa ainda

reluzia, e um círculo de luz rodeava o homem. *Eu devia ter ficado debaixo das cobertas, era isso que eu devia ter feito. Está um frio desgraçado, e eu não tenho nada a ver com essa história!* Outros Aiel começaram a aparecer, mulheres de saias vindo ajudar os feridos. Algumas portavam lanças. Talvez não lutassem em condições normais, mas, se a batalha tomava o forte, não ficavam paradas assistindo.

Uma Donzela parou ao lado dele e removeu o véu. Mat não conseguiu distinguir seu rosto, todo envolto em sombras.

— Você dança muito bem com a lança, jogador. Dias estranhos, com Trollocs chegando às Pedras Frias. — Ela olhou a silhueta sombreada que Mat pensava ser Moiraine. — Sem as Aes Sedai, talvez eles tivessem forçado uma avançada.

— Não estavam em número suficiente para isso — respondeu ele, sem pensar. — A intenção era chamar a atenção para cá. — *Para que os tais Draghkar ficassem livres para atacar Rand?*

— Acho que você tem razão — respondeu a Donzela, receosa. — Você é algum líder de batalha entre os aguacentos?

Mat desejou ter ficado de boca fechada.

— Eu li um livro, uma vez — balbuciou, virando as costas. *Porcarias de trechos de lembranças de outros homens.* Talvez os mascates quisessem ir embora, depois disso.

Quando parou próximo aos carroções, no entanto, não viu Keille nem Kadere por ali. Os condutores estavam aglomerados, passando jarras de algo que cheirava como o bom conhaque que andavam vendendo, em um burburinho agitado, como se os Trollocs tivessem chegado bem perto deles. Isendre estava parada no topo dos degraus do carroção de Kadere, olhando emburrada para o nada. Até de cenho franzido a mulher era bonita, por detrás daquele lenço fino. Mat ficou satisfeito em ver que pelo menos suas lembranças de mulheres permaneciam inalteradas.

— Os Trollocs já eram — comentou, apoiando-se na lança de modo que a mulher pudesse vê-la claramente. *Não faz sentido arriscar o pescoço desse jeito se eu não ganhar nada em troca.* Não precisou de esforço para soar cansado. — Uma luta difícil, mas agora você está a salvo.

Isendre o encarou, com o rosto inexpressivo, os olhos reluzentes ao luar feito duas pedras negras polidas. Sem dizer uma palavra, a mulher deu as costas, entrou no carroção e bateu a porta. Com força.

Mat soltou um suspiro longo e cansado, depois afastou-se dos carroções. O que precisava fazer para impressionar aquela mulher? Queria era uma cama. Voltar para debaixo das cobertas e deixar Rand cuidar dos Trollocs e dos malditos Draghkar. O sujeito parecia até *gostar*. Rindo daquele jeito.

Rand veio subindo pelo cânion, o brilho da espada parecia um

lampião a envolvê-lo pela noite. Aviendha correu para encontrá-lo, com as saias puxadas por cima dos joelhos. Então parou, largou as saias, ajeitou-as e postou-se ao lado de Rand, enrolando o xale na cabeça. O jovem pareceu não tê-la notado, e a mulher tinha o rosto duro feito pedra. Os dois se mereciam.

— Rand — chamou uma sombra com a voz de Moiraine, quase tão melodiosa quanto a de Keille, mas de uma melodia fria. O rapaz se virou, à espera, e a Aes Sedai seguiu devagar para onde pudesse ser vista com clareza, adentrando a luz, majestosa o bastante para qualquer palácio. — A situação está ficando mais perigosa, Rand. Pode ser que o ataque à Parada de Imre tenha sido para os Aiel, apesar de pouco provável, mas esta noite o alvo dos Draghkar sem dúvida foi você.

— Eu sei. — Simples assim. Com a mesma calma dela, até mais frio.

Moiraine apertou os lábios, e suas mãos ficaram completamente imóveis sobre as saias. Ela não estava nem um pouco satisfeita.

— A profecia é mais perigosa quando tentamos fazer com que ela aconteça. Você não aprendeu isso em Tear? O Padrão se tece à sua volta, mas, quando tenta tecê-lo, nem você mesmo consegue sustentar. Se forçar demais o Padrão, a pressão aumenta. Pode explodir, com toda a força, afetando todos os lados. Quem pode afirmar quanto tempo vai levar até tudo se ajeitar e focar outra vez em você, ou o que vai acontecer antes disso?

— Tão clara quanto a maioria das suas explicações — comentou Rand, em um tom seco. — O que você quer, Moiraine? Está tarde, e eu estou cansado.

— Quero que você confie em mim. Você acha que já aprendeu tudo o que há para aprender no pouco mais de um ano desde que saiu da sua aldeia?

— Não, eu ainda não aprendi nada. — Ele parecia estar se divertindo. Às vezes, Mat não sabia ao certo se Rand ainda estava tão lúcido quanto aparentava. — Quer que eu confie em você, Moiraine? Muito bem. Seus Três Juramentos não a deixarão mentir. Diga que, não importa o que eu revelar, você não vai tentar me impedir e nem obstruir meu caminho de forma alguma. Diga que não vai me usar para os propósitos da Torre. Diga isso com muita clareza, para eu saber que é verdade.

— Eu não vou fazer nada para impedir você de cumprir seu destino. Devotei a minha vida a isso. Mas não vou prometer ficar parada, olhando você bater a cabeça em uma tábua de corte.

— Não está de bom tamanho, Moiraine. Não está de bom tamanho. Mas, ainda que eu pudesse me abrir com você, não faria isso aqui. A noite tem ouvidos. — Havia gente se movendo por todos os

lados na escuridão, mas ninguém parecia estar perto o bastante para ouvir. — Até os sonhos têm ouvidos.

Aviendha puxou o xale para a frente, cobrindo o rosto. Ao que parecia, até os Aiel sentiam frio.

Rhuarc adentrou a luz, o véu negro suspenso.

— Os Trollocs serviram apenas para desviar a atenção dos Draghkar, Rand al'Thor. Eram muito poucos para não ser isso. Os Draghkar vieram atrás de você, suponho. O Mata-folhas não quer você vivo.

— O perigo está aumentando — murmurou Moiraine.

O chefe de clã olhou para a Aes Sedai, antes de prosseguir.

— Moiraine Sedai está certa. Já que os Draghkar falharam, receio que podemos esperar que os próximos a vir sejam os Sem-alma, os que vocês chamam de Homens Cinza. Quero você rodeado por lanças o tempo todo. Por alguma razão, as Donzelas se ofereceram para essa tarefa.

O frio estava *mesmo* afetando Aviendha. De ombros caídos, ela mantinha as mãos enfiadas sob as axilas.

— Se elas desejarem — respondeu Rand.

O rapaz soou um pouco incomodado por sob toda a frieza. Mat não o culpava: não se colocaria nas mãos das Donzelas outra vez, nem pela seda de todos os navios do Povo do Mar.

— Elas vão vigiar melhor do que qualquer outro que fosse nomeado para a tarefa — disse Rhuarc. — Mas não pretendo deixar que façam isso sozinhas. Colocarei todos montando guarda. Acredito que serão os Sem-alma da próxima vez, mas isso não significa que não possa ser alguma outra coisa. Dez mil Trollocs, em vez de algumas centenas.

— E os Shaido? — Todos encararam Mat, que desejou não ter aberto a boca. Talvez sequer tivessem notado sua presença, até então. — Sei que vocês não gostam deles, mas, se acham que há mesmo chance de um ataque maior, será que não seria melhor tê-los aqui do que do lado de fora?

Rhuarc grunhiu. Para ele, aquilo equivalia ao que a maioria dos homens expressaria praguejando.

— Eu não traria quase mil Shaido para dentro das Pedras Frias nem que o próprio Queima-grama estivesse a caminho. De todo modo, não teria como. Couladin e os Shaido desfizeram as tendas assim que a noite caiu. Estamos livres deles. Mandei batedores para garantir que saiam da terra dos Taardad sem afanar cabras ou ovelhas.

Aquela espada desapareceu da mão de Rand, e a luz cegante de súbito fez-se ausente. Mat apertou os olhos para ajudá-los a se adaptar, mas, quando os abriu de novo o luar ainda parecia escuro.

— Para que lado eles foram? — perguntou Rand.

— Norte — respondeu Rhuarc. — Couladin sem dúvida pretende encontrar Sevanna no caminho de Alcair Dal, para fazer a cabeça dela contra você. Talvez consiga. O único motivo pelo qual ela deitou a grinalda nupcial aos pés de Suladric, em vez de aos dele, foi porque pretendia se casar com um chefe de clã. Mas eu avisei que ela traria problemas. Sevanna sente prazer em arrumar confusão. Isso não deveria importar. Mesmo que os Shaido não sigam você, são uma perda pequena.

— Eu pretendo ir para Alcair Dal — declarou Rand, com firmeza. — Agora. Pedirei desculpas a todos os chefes que se sentirem desonrados por terem chegado atrasados, mas não deixarei Couladin chegar lá um minuto sequer antes de mim, se tiver condições. Ele não vai parar depois de fazer a cabeça de Sevanna, Rhuarc. Não posso me dar ao luxo de dar um mês para ele fazer isso.

Depois de um instante, o Aiel respondeu:

— Talvez você tenha razão. Você traz mudanças, Rand al'Thor. Partiremos ao nascer do sol, então. Escolherei dez Escudos Vermelhos para me honrar, e as Donzelas proverão sua cota.

— Pretendo partir quando a primeira luz despontar no céu, Rhuarc. E com todas as mãos capazes de empunhar uma lança ou erguer um arco.

— O costume…

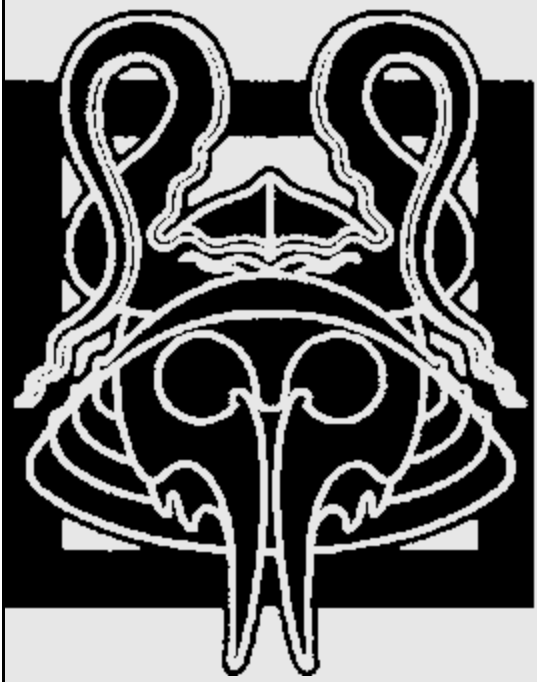
— Nenhum costume vai me amparar, Rhuarc. — Daria para quebrar uma pedra com a voz de Rand, ou congelar uma taça de vinho. — Preciso criar novos costumes. — Ele riu sem humor. Aviendha parecia chocada, e até Rhuarc piscou, surpreso. Apenas Moiraine não estava afetada, com aqueles olhos perscrutadores. — É melhor alguém avisar aos mascates — continuou Rand. — Não vão querer perder a feira, mas, se não impedirem aqueles sujeitos de beber mais, eles acabarão bêbados demais para conduzir as rédeas. E você, Mat? Você vem?

Mat não tinha a menor intenção de se perder dos mascates. Eram seu meio de sair do Deserto.

— Ah, eu vou logo atrás de você, Rand. — O pior de tudo era que dizer aquilo parecia certo. *Maldito* ta'veren *me puxando!* Como Perrin se libertara? *Luz, eu queria estar com ele.* — Acho que vou.

Mat pôs a lança nos ombros e saiu do cânion a passos firmes. Ainda havia tempo de dormir um pouco, pelo menos. Ouviu a risadinha de Rand atrás de si.

51



Revelações em Tanchico

Elayne remexia desajeitadamente os dois pauzinhos pintados com verniz vermelho, tentando ajeitá-los a contento nos dedos. *Sursas*, lembrou a si mesma. *Não são pauzinhos, são sursas. Seja lá o nome que for, é um jeito bem estúpido de se comer.*

Do outro lado da mesa na Câmara das Flores Caídas, Egeanin franzia o cenho para as próprias sursas, segurando uma em cada mão, viradas para cima, como se realmente fossem pauzinhos. Nynaeve segurava as duas aninhadas na mãos, do jeito que Rendra lhe ensinara, mas até então só conseguira levar até a boca uma fatia de carne e algumas pimentas cortadas; ela tinha os olhos espremidos de determinação. Um grande número de tigelinhas brancas cobria a mesa, cada uma cheia de fatias de carne e pequenas lascas de vegetais, alguns em molhos claros ou escuros. Elayne achou que levaria o resto do dia para terminar a refeição. Deu à estalajadeira de cabelos cor de mel um sorriso de gratidão quando a mulher se inclinou sobre seu ombro para posicionar as sursas da forma adequada.

— Sua terra está em guerra com Arad Doman — disse Egeanin, em um tom quase de irritação. — Por que você serve os pratos típicos do seu inimigo?

Rendra deu de ombros, fazendo um bico de desagrado por detrás

do véu; naquele dia a mulher usava o tom de vermelho mais claro possível, e contas da mesma cor nas tranças finas, que faziam uns estalidos quando ela mexia a cabeça.

— É a mais nova moda. Quatro dias atrás o Jardim das Brisas de Prata começou com isso, e agora todos os fregueses pedem comida domanesa. Acho que talvez seja para conquistar a culinária domanesa, já que não conseguimos conquistar os domaneses. Talvez em Bandar Eban eles comam o cordeiro com o molho de mel e as maçãs em calda, sim? Daqui a mais quatro dias, pode ser que seja outra coisa. A moda hoje em dia muda rápido, e se alguém começar a incitar o povo contra isso… — Ela deu de ombros outra vez.

— Você acha que vai haver *mais* motins? — perguntou Elayne. — Por conta do tipo de comida que as estalagens estão servindo?

— Elas estão indóceis, as ruas — afirmou Rendra, gesticulando de um jeito fatalista. — Quem é que sabe o que vai atiçar esse povo outra vez? O alvoroço de anteontem, ele veio de um boato de que Maracru tinha se declarado em favor do Dragão Renascido, ou talvez sucumbido aos Devotos do Dragão, ou talvez aos rebeldes. Como, exatamente, parece que fez pouca diferença, mas aí a multidão ataca o povo de Maracru? Não. Eles saem se atacando pelas ruas, puxando gente das carruagens, depois incendeiam o Grande Salão da Assembleia. Talvez chegue a notícia de que o exército ganhou ou perdeu uma batalha, e o povo se rebele contra quem serve comida domanesa. Ou talvez incendeie armazéns no cais de Calpene. Quem é que sabe?

— A ordem foi-se embora — resmungou Egeanin, encaixando as sursas com firmeza entre os dedos da mão direita. Pela expressão em seu rosto, poderiam ser adagas que ela usaria para golpear a comida nas tigelas. Um pedaço de carne caiu das sursas de Nynaeve bem próximo à boca; rosnando, ela o pegou do colo, dando uma batidinha na seda cor de creme com o guardanapo.

— Aah, ordem — comentou Rendra, com uma risada. — Eu me lembro da ordem. Talvez retorne algum dia, sim? Alguns pensavam que a Panarca Amathera colocaria a Guarda Civil de volta aos seus afazeres, mas, se eu fosse ela, com a lembrança do povo brigando do lado de fora da minha investidura… os Filhos da Luz, eles mataram muitos dos desordeiros. Talvez isso seja indício de que não vai haver outro motim, mas talvez signifique que o próximo motim, ele vai ser duas vezes maior, ou dez vezes. Eu acho que eu, também, manteria a Guarda e os Filhos bem perto de mim. Mas isso não é conversa para perturbar o jantar. — Examinando a mesa, a mulher assentiu para si mesma, as contas nas trancinhas chacoalhando. Ao virar-se para a porta, ela parou, com um sorriso singelo. — É moda comer a comida

domanesa com as sursas, e é claro que a gente segue a moda. Mas… não tem ninguém aqui para ver além de vocês mesmas, não é? Se por acaso desejarem as colheres e os garfos, estão debaixo do guardanapo. — Ela apontou para a bandeja na extremidade da mesa. — Aproveitem.

Nynaeve e Egeanin esperaram até que a porta se fechasse atrás da estalajadeira, depois sorriram uma para a outra e agarraram a bandeja, com uma afobação decidida e indecorosa. Elayne conseguiu alcançar os talheres primeiro; nenhuma das outras tivera de comer depressa, nos poucos minutos entre as tarefas e as aulas de uma noviça.

— Até que é bem gostoso — disse Egeanin, na primeira garfada cheia —, quando a gente consegue colocar na boca. — Nynaeve riu com ela.

Nos sete dias desde que encontraram a mulher de cabelos escuros, olhos azuis penetrantes e fala arrastada, as duas passaram a gostar dela. Era um refresco da tagarelice de Rendra a respeito de cabelos, roupas e tons de pele, ou das olhadelas do povo nas ruas que parecia que degolaria as duas em troca de um cobre. Era a quarta visita dela desde aquele primeiro encontro, e Elayne havia gostado de todas. Egeanin tinha uma franqueza e um ar de independência que ela admirava. A mulher podia ser apenas uma pequena negociante de tudo o que lhe cruzasse o caminho, mas seria capaz de desafiar Gareth Bryne dizendo o que lhe vinha à mente e não se curvando diante de ninguém.

Ainda assim, Elayne preferia que as visitas não fossem tão frequentes. Ou pelo menos que ela e Nynaeve não tivessem passado tanto tempo no Jardim das Três Ameixeiras, à disposição de Egeanin. No entanto, os motins quase constantes desde a investidura de Amathera praticamente impossibilitaram a circulação pela cidade, apesar da proteção dos marujos durões de Domon. Até Nynaeve havia admitido, depois que as duas chegaram ao ponto de precisar fugir de uma chuva de pedras do tamanho de punhos. Thom ainda prometia encontrar uma carruagem e parelha para elas, mas Elayne não estava muito confiante de que o homem estivesse procurando com afinco. Tanto ele quanto Juilin pareciam insuportavelmente satisfeitos em ver as duas presas dentro da estalagem. *Eles voltam machucados e sangrando e não querem que a gente dê nem sequer uma topada com o dedão*, pensou ela, irônica. Por que os homens sempre achavam que era correto manter as mulheres mais seguras do que mantinham a si mesmos? Por que consideravam os ferimentos deles menos importantes?

Pelo sabor da carne, ela imaginou que Thom encontraria na cozinha os cavalos que procurava. A ideia de comer cavalos lhe deu

um embrulho no estômago. Ela escolheu uma tigela que continha apenas vegetais, pedacinhos de cogumelos escuros, pimentões e um tipo de broto com folhas verdes em um molho claro e de sabor forte.

— O que vamos conversar hoje? — perguntou Nynaeve a Egeanin. — Você já fez quase todas as perguntas que eu posso imaginar. — De qualquer modo, todas para as quais elas tinham resposta. — Se quiser saber mais sobre Aes Sedai, vai ter de ir para a Torre e virar noviça.

Egeanin se encolheu inconscientemente, como fazia ao ouvir qualquer palavra que a ligasse ao Poder. Por um instante, a mulher revirou o conteúdo de uma das tigelinhas, encarando-a de cenho franzido.

— Vocês não fizeram nenhum esforço real — disse ela, devagar — para esconder de mim que estão à procura de alguém. Mulheres. Sem querer me intrometer nos seus planos, gostaria de saber… — Ela parou de falar ao ouvir uma batida na porta.

Bayle Domon entrou a passos firmes, sem esperar, com uma satisfação lúgubre lutando com o desconforto em seu rosto redondo.

— Eu encontrei as mulheres — começou ele, então levou um susto ao ver Egeanin. — Você!

Surpreendentemente, Egeanin deu um salto, derrubando a cadeira, e golpeou Domon com o punho cerrado, quase mais ligeira do que um piscar de olhos. Domon conseguiu dar um jeito de agarrar o pulso da mulher com a mão grande e torceu-o — houve um instante em que os dois pareciam tentar enganchar o tornozelo um do outro com o pé; Egeanin tentou golpeá-lo na garganta e acabou caindo de cara no chão, a bota de Domon em seu ombro e o braço alavancado bem para o alto, contra o joelho dele. Apesar disso, conseguiu soltar a faca de cintura.

Elayne soltou fluxos de Ar ao redor dos dois antes que ela mesma percebesse que havia abraçado *saidar*, imobilizando-os.

— O que significa isso? — indagou, no tom mais gélido possível.

— Como o senhor ousa, Mestre Domon? — A voz de Nynaeve era igualmente fria. — Solte a mulher! — Em um tom mais terno e preocupado, acrescentou: — Egeanin, por que foi que você tentou bater nele? Eu já disse para soltá-la, Domon!

— Ele não consegue, Nynaeve. — Elayne desejava muito que a outra pudesse pelo menos enxergar com clareza os fluxos sem estar irritada. *Ela* realmente *tentou bater nele antes.* — Egeanin, por quê?

A mulher de cabelos escuros ficou ali parada, os olhos fechados e a boca contraída. Ela agarrava a faca com tanta força que as juntas de seus dedos estavam brancas.

Domon cravou os olhos em Elayne, depois em Nynaeve, com a estranha barba de illianense quase toda eriçada. Elayne só deixara a

cabeça do homem livre.

— Essa mulher é uma Seanchan! — grunhiu.

Elayne e Nynaeve trocaram olhares surpresos. Egeanin? Seanchan? Era impossível. Só podia ser impossível.

— Tem certeza? — perguntou Nynaeve, devagar e baixinho. Soava tão atônita quanto Elayne se sentia.

— Eu nunca vou esquecer o rosto dela — respondeu Domon com firmeza. — A capitã de um navio. No caso, foi ela quem me levou para Falme, eu e meu navio, como prisioneiros dos Seanchan.

Egeanin não se esforçou para negar, apenas continuou ali parada, agarrada à faca. Seanchan. *Mas eu gosto dela!*

Com cuidado, Elayne remexeu a trama de fluxos até que a mão de Egeanin que erguia a faca ficasse descoberta até o pulso.

— Largue a faca, Egeanin — disse ela, ajoelhando-se ao lado da mulher. — Por favor. — Depois de um instante, Egeanin abriu a mão. Elayne pegou a faca e se afastou, soltando os fluxos por completo. — Mestre Domon, solte a mulher.

— Ela é Seanchan, senhora — protestou ele — e dura feito uma ponteira de ferro.

— Solte.

Resmungando entre dentes, Domon soltou o pulso de Egeanin, afastando-se mais que depressa, como se esperasse que ela o atacasse outra vez. No entanto, a mulher de cabelos escuros — a mulher *Seanchan* — simplesmente ficou ali parada. Alongou o ombro do braço que ele havia torcido, encarando-o, pensativa, olhou para a porta, depois ergueu a mão e esperou, aparentando profunda calma. Era difícil não admirá-la.

— Seanchan — grunhiu Nynaeve. Agarrou um punhado das longas tranças, depois olhou surpresa para a mão e as soltou, mas sua testa ainda estava franzida, e os olhos, inflexíveis. — Seanchan! Conquistando de mansinho a nossa amizade. Achei que todos vocês tinham ido embora por onde vieram. Por que está aqui, Egeanin? O nosso encontro foi mesmo acidental? Por que nos procurou? Estava pretendendo atrair a gente até algum lugar onde a sua *sul'dam* imunda pudesse encolarar os nossos pescoços? — Os olhos de Egeanin se arregalaram infimamente. — Pois sim — acrescentou Nynaeve, com rispidez. — Nós sabemos sobre vocês, Seanchan, sobre suas *sul'dam* e *damane*. Sabemos mais do que vocês. Seu povo acorrenta mulheres capazes de canalizar, mas as que são usadas para controlá-las também são capazes de canalizar, Egeanin. Para cada mulher capaz de canalizar, acorrentada feito um animal, vocês cruzam com mais dez ou vinte todos os dias, sem nem perceber.

— Eu sei — respondeu Egeanin simplesmente, e o queixo de Nynaeve caiu.

Elayne achou que seus próprios olhos iriam saltar das órbitas.

— Você sabe? — Ela respirou fundo e prosseguiu, em um tom mais composto do que o ganido incrédulo de antes. — Egeanin, acho que você está mentindo. Eu não topei com muitos Seanchan antes, e nunca por mais de alguns minutos, mas conheço uma pessoa que já topou. Os Seanchan nem sequer odeiam as mulheres que canalizam. Eles as consideram animais. Você não estaria assim tão calma se soubesse, ou no mínimo se acreditasse.

— As mulheres que podem usar o bracelete são mulheres capazes de aprender a canalizar — respondeu Egeanin. — Eu não sabia que *podia* ser aprendido, pois me ensinaram que ou uma mulher pode ou não pode, mas quando vocês me disseram que as meninas que não nasceram com a capacidade precisam ser instruídas, eu tirei minhas conclusões. Posso me sentar? — Tão fria.

Elayne assentiu, e Domon levantou a cadeira de Egeanin e permaneceu de pé atrás da mulher enquanto ela se sentava. Olhando para ele por sobre o ombro, a mulher de cabelos escuros disse:

— Você não foi um oponente tão… difícil… da última vez que nos vimos.

— Você estava trazendo vinte soldados armados ao meu convés, mais uma *damane* pronta para detonar o meu navio com o Poder. Não é porque eu consigo pescar um tubarão que vou comprar briga com ele. — Surpreendentemente, o homem sorriu para ela, esfregando a lateral do corpo, onde a mulher decerto acertara um golpe que Elayne não tinha visto. — Você também nem foi uma oponente tão fácil quanto eu pensei que seria sem a sua armadura e a espada.

Aquelas conclusões certamente tinham abalado seu mundo, mas a mulher estava encarando tudo de forma bastante objetiva. Elayne não conseguia imaginar algo que pudesse virar o mundo dela de pernas para o ar daquela forma, mas esperava, caso acontecesse, ser capaz de manter a calma e a reserva de Egeanin. *Preciso parar de gostar dela. Ela é Seanchan. Teria me encolarado feito um bichinho, se pudesse. Luz, como é que se para de gostar de alguém?*

Nynaeve não aparentava enfrentar a mesma dificuldade. Ela cravou os punhos na mesa e inclinou-se na direção de Egeanin com tanta fúria que as tranças bambolearam para dentro das tigelinhas.

— Por que você está aqui em Tanchico? Achei que todos vocês tinham fugido depois de Falme. E por que tentou se infiltrar no meio de nós e conquistar a nossa confiança, feito uma cobra devoradora de ovos? Se está pensando que pode nos encolarar, é melhor repensar!

— Essa nunca foi a minha intenção — respondeu Egeanin, rígida. — Tudo o que sempre quis de vocês foi aprender sobre as Aes Sedai. Eu… — Pela primeira vez a mulher parecia hesitante, insegura. Apertando os lábios, olhou de Nynaeve para Elayne e balançou a

cabeça. — Vocês não são como me ensinaram. Que a Luz me domine, eu… gosto de vocês.

— Você gosta da gente. — Nynaeve fazia aquilo soar um crime. — Isso não responde nenhuma das minhas perguntas.

Egeanin hesitou outra vez, depois ergueu a cabeça, desafiando as duas a fazer o pior que pudessem.

— Várias *Sul'dam* foram deixadas para trás em Falme. Algumas fugiram depois do desastre. Algumas de nós fomos mandadas para resgatá-las. Eu só encontrei uma, mas descobri um *a'dam* capaz de dominá-la. — Ao ver Nynaeve cerrar os punhos, ela acrescentou, rapidamente: — Eu soltei a moça ontem à noite. Vou pagar muito caro se alguém um dia descobrir isso, mas depois das conversas com vocês eu não conseguiria… — Ela fez uma careta e sacudiu a cabeça. — Foi por isso que fiquei com vocês depois que Elayne se revelou. Eu sabia que Bethamin era *sul'dam*. Descobrir que o *a'dam* a dominava, que ela podia… Eu tinha de saber, de entender, a respeito das mulheres capazes de canalizar. — Ela respirou fundo. — O que vocês pretendem fazer comigo? — As mãos dela, dobradas sobre a mesa, não tremiam.

Nynaeve abriu a boca, cheia de raiva, e fechou-a de novo, devagar. Elayne compreendia a dificuldade. Nynaeve podia estar odiando Egeanin agora, mas o que as duas fariam com ela? Não estava claro que a mulher cometera crime algum em Tanchico, e de todo modo a Guarda Civil não parecia interessada em nada além de salvar a própria pele. Ela era Seanchan, havia usado *sul'dam* e *damane*, mas por outro lado alegava ter soltado a tal Bethamin. Por qual crime elas poderiam puni-la? Por fazer perguntas que elas haviam respondido de bom grado? Por fazê-las se afeiçoarem a ela?

— Eu queria arrancar o seu couro até você brilhar feito o sol — Nynaeve grunhiu. Abruptamente, virou a cabeça para Domon. — O senhor encontrou as mulheres? Disse que tinha encontrado. Onde? — Ele remexeu os pés e lançou um olhar expressivo por trás da cabeça de Egeanin, as sobrancelhas erguidas e indagativas.

— Não creio que ela seja Amiga das Trevas — disse Elayne quando Nynaeve hesitou.

— E não sou mesmo! — Egeanin disparou um olhar feroz e escandalizado.

Cruzando os braços para evitar puxar as tranças, Nynaeve cravou os olhos na mulher, depois lançou uma carranca acusadora para Domon, como se aquela confusão fosse toda culpa dele.

— Não tem nenhum canto onde prendê-la — disse ela, por fim — e é claro que Rendra iria exigir uma explicação. Prossiga, Mestre Domon.

O homem lançou uma última olhadela indecisa para Egeanin.

— No Palácio da Panarca, um dos meus homens, no caso, viu duas mulheres da sua lista. A dos gatos, e também a de Saldaea.

— Tem certeza? — perguntou Nynaeve. — No Palácio da Panarca? Preferia que o senhor tivesse visto com seus próprios olhos. Tem outras mulheres além de Marillin Gemalphin que gostam de gatos. E Asne Zeramene não é a única mulher de Saldaea em toda Tanchico.

— Uma mulher de rosto fino, olhos azuis e nariguda, dando de comer a doze gatos, nessa cidade onde o povo come gatos? Na companhia de outra com aquele nariz de Saldaea e olhos oblíquos? Não é uma dupla tão comum assim, Senhora al'Meara.

— Não mesmo. Mas no Palácio da Panarca? Mestre Domon, caso o senhor tenha esquecido, tem quinhentos Mantos-brancos vigiando aquele lugar, comandados por um Inquisidor da Mão da Luz! Jaichim Carridin e os oficiais dele no mínimo devem saber reconhecer uma Aes Sedai só de olhar. Será que elas permaneceriam lá se eles vissem a Panarca dando abrigo para Aes Sedai? — O homem abriu a boca, mas o argumento de Nynaeve era forte, e ele não disse uma palavra.

— Mestre Domon — disse Elayne — o que é que um dos seus homens estava fazendo no Palácio da Panarca?

Ele puxou a barba de um jeito constrangido, depois esfregou um dos dedos largos no lábio superior.

— Vejam vocês, a Panarca Amathera, no caso, gosta de pimenta-de-gelo, daquele tipo branco que é muito ardente, e mesmo que ela nem seja receptiva a presentes, os sujeitos da alfândega acabam sabendo quem é que dá presentes a ela, daí eles próprios ficam mais receptivos.

— Presentes? — perguntou Elayne, em seu tom mais reprovador. — No cais, o senhor foi mais honesto, chamou de subornos. — Surpreendentemente, Egeanin havia se virado na cadeira para também lançar ao homem um olhar de reprovação.

— Que a Sorte me espicace — resmungou o homem — vocês nem me pediram para abrir mão dos negócios. E nem eu faria se me pedissem, nem se pusessem minha velha mãe na minha frente pedindo. Um homem tem direito aos seus negócios. — Egeanin bufou com desdém e endireitou-se na cadeira.

— Os subornos dele não são problema nosso, Elayne. — Nynaeve soava exasperada. — Não estou nem aí se ele subornar a cidade inteira e contrabandear… — Uma batida na porta a interrompeu. Olhando os outros com cautela, ela vociferou para Egeanin: — Fique sentada aí quieta. — Então, ergueu a voz: — Entre.

Juilin enfiou a cabeça para dentro do quarto com aquele quepe cilíndrico idiota, encarando Domon com a carranca costumeira. O corte em sua bochecha escura, com o sangue já seco, também não era

incomum; as ruas nos últimos tempos andavam tão perigosas à luz do dia quanto eram antigamente à noite.

— Posso falar com a senhora a sós, Senhora al'Meara? — perguntou ele quando viu Egeanin sentada à mesa.

— Ah, pode entrar — retrucou Nynaeve rispidamente. — Depois do que ela já ouviu, não vai dar em nada se ouvir um pouco mais. O senhor também encontrou as mulheres no Palácio da Panarca?

Enquanto fechava a porta, ele disparou um olhar indecifrável para Domon, com a boca contraída. O contrabandista sorriu, revelando todos os dentes. Por um instante, parecia que os dois iriam chegar às vias de fato.

— Então o illianense chegou na minha frente — resmungou Juilin, ressentido. Ignorando Domon, ele dirigiu-se a Nynaeve: — Eu disse que a mulher de mecha branca iria me levar a elas. Era evidente. E eu vi a mulher domanesa lá também. A distância, porque não sou idiota a ponto de me meter em um cardume de lúcios, mas não posso acreditar que haja outra domanesa além de Jeane Caide em toda a Tarabon.

— Então quer dizer que elas *estão* no Palácio da Panarca? — perguntou Nynaeve.

O rosto de Juilin não se alterou, mas seus olhos negros se arregalaram de leve e tremularam na direção de Domon.

— Então ele não tinha prova — murmurou Juilin, em um tom de satisfação.

— Eu tinha prova, sim. — Domon evitava encarar o taireno. — Se a senhora se recusou a aceitar a prova antes desse pescador chegar, Senhora al'Meara, a culpa nem é minha.

Juilin se empertigou, mas Elayne interrompeu o caçador de ladrões antes que ele começasse a falar.

— Vocês dois encontraram as mulheres, e os dois trouxeram provas. Muito provavelmente nenhuma seria suficiente sem a outra. Agora nós sabemos onde elas estão, graças a vocês dois. — Se muito, os dois pareciam ainda mais insatisfeitos do que antes. Os homens às vezes conseguiam ser absolutamente idiotas.

— O Palácio da Panarca. — Nynaeve puxou um punhado das compridas tranças, depois jogou-as para trás com um balançar da cabeça. — O que elas estão procurando deve estar lá. Mas, se já pegaram, por que ainda estão em Tanchico? O palácio é imenso. Talvez ainda não tenham encontrado. Não que isso ajude, já que estamos aqui fora enquanto elas estão lá dentro!

Thom, como de costume, entrou sem bater, encarando todos ao mesmo tempo.

— Senhora Egeanin — murmurou ele, com uma mesura cuja elegância não era reduzida pela manqueira. — Nynaeve, se eu puder

falar com você a sós, tenho uma notícia importante.

O hematoma recente em seu rosto curtido deixou Elayne ainda mais irritada do que o novo rasgão em seu bom manto marrom. O homem estava velho demais para ficar enfrentando as ruas de Tanchico. Ou qualquer rua perigosa, para falar a verdade. Já era hora de ela arranjar uma pensão para ele, e um lugar seguro e confortável onde viver. Nada de continuar peregrinando de aldeia em aldeia como menestrel. Ela daria um jeito nisso.

Nynaeve lançou um olhar penetrante a Thom.

— Não tenho tempo para isso agora. As irmãs Negras estão no Palácio da Panarca, e, até onde sei, Amathera está ajudando na busca, do sótão ao porão.

— Descobri a mesma coisa menos de uma hora atrás — disse ele, incrédulo. — Como foi que vocês…? — Encarou Domon e Juilin, ambos ainda furiosos, feito dois garotos disputando para si um bolo inteiro.

Estava óbvio que ele rejeitava ambos como fonte de informação de Nynaeve. Elayne sentiu vontade de abrir um sorriso. O homem era tão confiante de que conhecia todos os esquemas ocultos, todas as entrelinhas.

— A Torre tem seus próprios métodos, Thom — retrucou ela, fria e misteriosa. — É melhor não investigar muito a fundo os métodos de uma Aes Sedai. — Ele fechou a expressão, e suas sobrancelhas frondosas desabaram, indecisas. O que foi bastante satisfatório. Ela percebeu que Juilin e Domon também a encaravam de testa franzida, e de súbito tudo o que ela conseguiu fazer foi não corar. Se eles conversassem, ela *sem dúvida* iria parecer uma imbecil. Eles acabariam conversando; os homens conversavam. Era melhor enterrar a coisa depressa e aguardar. — Thom, você ouviu algo que pudesse indicar que Amathera é Amiga das Trevas?

— Nada. — Ele deu um puxão no longo bigode, irritado. — Ao que parece, ela não tem visto Andric desde que assumiu a Coroa da Árvore. Talvez os problemas nas ruas tornem a viagem entre o Palácio do Rei e o da Panarca muito perigosa. Talvez ela tenha simplesmente percebido que agora o poder dela é equivalente ao dele e já não seja tão submissa quanto antes. Nada que informe quais são as alianças dela. — Com uma olhadela para a mulher de cabelos escuros sentada na cadeira, ele acrescentou: — Sou muito grato pela ajuda que a Senhora Egeanin deu a vocês duas com esses ladrões, mas até agora eu estava pensando que ela era apenas uma amizade casual. Posso perguntar quem ela é para ter sido incluída nisso tudo? Se bem me lembro, você ameaçou amarrar as línguas mais descuidadas, Nynaeve.

— Ela é Seanchan — respondeu Nynaeve. — Feche essa boca antes que entre uma mosca, Thom, e sente-se. Podemos comer

enquanto decidimos o que fazer.

— Na frente dela? — indagou Thom. — Seanchan? — Ele ouvira Elayne contar algumas histórias de Falme, só algumas, e decerto ouvira os rumores que estavam correndo por lá; analisou Egeanin como se tentasse imaginar onde a mulher guardava os chifres. Se os olhos de Juilin forneciam alguma pista do que ele sentia, o homem estar prestes a sufocar; ele sem dúvida também ouvira os rumores correntes em Tanchico.

— Você sugere que eu peça a Rendra para trancar a mulher em um depósito? — perguntou Nynaeve calmamente. — *Isso sim* geraria falatório, não é? Tenho plena certeza de que três homens peludos e grandalhões são capazes de proteger nós duas se ela resolver tirar um exército Seanchan do bolso. Sente-se, Thom, ou então coma de pé, mas pare de ficar encarando. Todos vocês, sentem-se. Não quero comer comida fria.

Eles se sentaram, Thom com uma cara de desagrado igualzinha à de Juilin e Domon. Às vezes o jeito intimidador de Nynaeve parecia surtir efeito. Talvez *até* Rand fosse suscetível a uma intimidação, de vez em quando.

Afastando Rand da cabeça, Elayne decidiu que era hora de fazer algum comentário de valor.

— Não consigo enxergar como as irmãs Negras podem estar no Palácio da Panarca sem o conhecimento de Amathera — comentou, puxando a cadeira para perto de si. — Do meu ponto de vista, temos três possibilidades. A primeira, Amathera é Amiga das Trevas. A segunda, ela pensa que as outras são Aes Sedai. E a terceira, ela é prisioneira delas. — Por algum motivo, o fato de Thom ter assentido a confortou. Que bobagem. Mesmo conhecendo o Jogo das Casas, ele era só um bardo idiota que jogara tudo para o alto para virar menestrel. — Em qualquer um dos casos, ela vai ajudar as outras em sua busca, mas me parece que, se estiver pensando que as mulheres são Aes Sedai, pode ser que a gente consiga a ajuda dela revelando a verdade. E, se ela for prisioneira, podemos conseguir se a libertarmos. Nem Liandrin e suas companheiras poderiam ficar no palácio se a Panarca ordenasse a expulsão delas, e aí *nós* teríamos o caminho livre para vasculhar.

— O problema é descobrir se ela é aliada, tapeada ou prisioneira — disse Thom, gesticulando com o par de sursas na mão. Ele sabia usar aqueles palitinhos perfeitamente!

Juilin balançou a cabeça.

— O problema real é como chegar até ela, seja qual for a situação. Jaichim Carridin pôs quinhentos Mantos-brancos em volta do palácio feito peixes-pescadores rodeando um cais. A Legião da Panarca tem quase duas vezes mais do que isso, e a Guarda Civil,

praticamente o mesmo número. Poucas fortalezas circulares são vigiadas sequer com a metade desse contingente.

— Nós não vamos lutar com eles — respondeu Nynaeve secamente. — Pare de pensar com os seus pelos do peito. No momento, precisamos de cérebro, não de músculos. Eu acho que…

O debate se estendeu jantar adentro, continuando depois que a última tigela foi esvaziada. Egeanin até contribuiu com comentários convincentes, depois de algum tempo em silêncio, sem comer e aparentemente sem escutar. A mulher era sagaz, e Thom prontamente aceitou todas as sugestões com as quais concordou, embora fosse teimoso a ponto de rejeitar por completo todas das quais discordava, da mesma forma que fazia com os outros. Até Domon, surpreendentemente, apoiou Egeanin quando Nynaeve quis que a mulher se calasse.

— No caso, ela até tem bom senso, Senhora al'Meara. Só os tolos rejeitam o bom senso, seja lá de onde ele venha.

Infelizmente, saber o paradeiro das irmãs Negras não ajudava muito se não soubessem se Amathera estava ou não do lado delas, tampouco ajudava a saber o que estavam buscando. No fim, quase duas horas de debate não levaram a muitas conclusões além de poucas sugestões sobre como descobrir a respeito de Amathera. Todas as sugestões, ao que parecia, a serem utilizadas pelos homens com suas redes de contatos que entrecortavam Tanchico.

Nenhum dos idiotas queria deixar as duas sozinhas com uma Seanchan — até que Nynaeve se irritou o suficiente para envolver os três em fluxos de Ar enquanto eles se embolavam diante da porta.

— Vocês não acham — começou ela, gélida, rodeada pelo brilho tênue de *saidar* — que uma de nós pode fazer o mesmo com ela, se ela disser "bu"? — Ela não soltou nenhum deles antes que os três assentissem, com o tantinho de movimentos que podiam fazer com a cabeça.

— Sua tripulação anda na linha — disse Egeanin, assim que a porta se fechou atrás deles.

— Cale a boca, Seanchan! — Nynaeve cruzou os braços com força; parecia ter desistido de puxar as tranças quando se irritava. — Fique aí sentada… e quieta!

Era frustrante esperar, encarando as ameixeiras e as flores caídas pintadas nas paredes sem janelas, andando ou observando Nynaeve andar, enquanto Thom, Juilin e Domon estavam na rua, fazendo alguma coisa concreta. Porém, o pior era quando cada homem chegava, em intervalos diferentes, para informar que mais um rastro dera em nada, mais um fio se rompera, depois ouvia o que os outros haviam descoberto e saía apressado novamente.

Da primeira vez que Thom retornou — com um segundo

hematoma roxo, na outra bochecha — Elayne disse:

— Será que não seria melhor você ficar aqui, Thom, para ouvir o que Juilin e Mestre Domon trouxerem de informação? Você poderia avaliar muito melhor do que Nynaeve e eu.

Ele balançou a extravagante cabeleira branca enquanto Nynaeve fungava alto o bastante para ser ouvida no corredor.

— Peguei a pista de uma casa em Verana, onde Amathera supostamente foi se esconder algumas noites antes de ser empossada como Panarca. — E saiu, antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa.

Quando retornou — claramente mancando mais — informando que a casa era onde vivia a antiga ama de Amathera, Elayne disse, com a voz mais firme que pôde:

— Thom, quero que você se sente. Vai ficar aqui. Eu não vou permitir que você se machuque.

— Machuque? — indagou ele. — Criança, eu nunca me senti tão bem em toda a minha vida. Diga a Juilin e Bayle que, ao que parece, existe uma mulher chamada Cerindra, em algum lugar dessa cidade, que diz saber todos os segredos ocultos de Amathera. — E lá foi ele, claudicante, com o manto drapejando atrás de si. Também havia um rasgão novo no tecido. Teimoso, que velhote teimoso.

Em dado momento, um clamor penetrou as paredes robustas, urros brutais e gritos vindos da rua. Rendra irrompeu pela porta no exato instante em que Elayne havia decidido descer e ver com os próprios olhos o que estava havendo.

— Um probleminha lá fora. Não se incomodem. Os homens de Bayle Domon, eles resolvem para a gente, sim? Não queria preocupar vocês.

— Um motim, aqui? — perguntou Nynaeve mais que depressa. A vizinhança em torno da estalagem era uma das áreas mais tranquilas da cidade.

— Não se preocupem — respondeu Rendra, em um tom suave. — Devem estar querendo comida. Vou informar o local da cozinha de sopas de Bayle Domon, e eles vão embora.

A barulheira de fato diminuiu depois de um tempo, e Rendra mandou um pouco de vinho. Só quando o serviçal estava saindo, com uma expressão emburrada, foi que Elayne percebeu que era o tal jovem de belos olhos castanhos. O homem havia começado a reagir aos olhares frios dela como se fossem sorrisos. Ele realmente achava que ela estava com tempo para reparar nele?

Esperando e andando, andando e esperando. Cerindra acabou se revelando uma camareira demitida por roubo; nem um pouco grata por não ter sido levado presa, a mulher faria qualquer acusação que lhe fosse sugerida contra Amathera. Um sujeito que alegava ter provas

de que Amathera era Aes Sedai e da Ajah Negra também afirmava que os mesmos documentos provavam que o Rei Andric era o Dragão Renascido. As mulheres com quem Amathera costumava se encontrar em segredo eram amigas que Andric desprezava, e a chocante descoberta de que ela financiara diversas embarcações contrabandistas não levou a nada. Quase todos os nobres, exceto o próprio Rei, tinham um dedinho no contrabando. Todas as pistas acabavam no mesmo ponto. O pior que Thom conseguiu descobrir foi que Amathera havia convencido dois belos jovens lordes de que eram o amor de sua vida e que Andric apenas representava os meios para se alcançar os fins. Por outro lado, ela concedera audiências no Palácio da Panarca a vários lordes, tanto sozinha quanto na companhia de diversas mulheres identificadas como Liandrin e as outras da lista e, segundo notícias, pedira e aceitara conselhos em relação a suas decisões. Aliada ou prisioneira?

Quando Juilin retornou, umas boas três horas após o pôr do sol, girando um cajado de madeira sulcada da espessura de um polegar e resmungando sobre algum sujeito de cabelo claro que havia tentado roubá-lo, Thom e Domon já estavam arriados à mesa, desconsolados, com Egeanin.

— Isso aqui vai ser igual a Falme — resmungou Domon. O pesado porrete que ele havia adquirido em algum lugar jazia à sua frente, e ele agora portava uma pequena espada no cinto. — Aes Sedai. Ajah Negra. Se metendo com a Panarca. Se nem encontrarmos nada amanhã, eu pretendo dar adeus a Tanchico. Amanhã é certo, nem que a minha própria irmã me pedisse para ficar!

— Amanhã — disse Thom, cansado, de cotovelos na mesa e queixo apoiado nos pulsos. — Estou cansado demais para pensar com a cabeça. Me peguei escutando um lavadeiro do Palácio da Panarca que alegava ter ouvido Amathera entoando canções indecentes, do tipo que a gente ouve nas tavernas mais xexelentas do cais. Eu realmente fiquei escutando o homem.

— Bem — disse Juilin, virando uma cadeira e sentando-se nela ao contrário, com as pernas abertas — pretendo fazer mais buscas hoje à noite. Encontrei um telhador que disse que a companheira dele também era camareira de Amathera. Segundo ele, Amathera dispensou todas as camareiras sem aviso prévio, na mesma noite em que foi empossada como Panarca. Ele vai me levar para conversar com ela depois de terminar um trabalho na casa de um mercador.

Nynaeve caminhou até a ponta da mesa, de mãos na cintura.

— Você não vai a lugar nenhum hoje à noite, Juilin. Vocês três vão se alternar montando guarda na nossa porta. — Os homens protestaram enfaticamente, claro, todos de uma vez.

— Eu, no caso, tenho meus próprios negócios a fazer, e se tiver

que passar os dias fazendo perguntas para as senhoras…

— Senhora al'Meara, essa mulher é a primeira pessoa que encontrei que de fato esteve com Amathera desde que ela foi empossada…

— Nynaeve, já vai ser muito difícil eu *conseguir* encontrar algum rumor amanhã, que dirá partir atrás dele, se passar a noite tocando…

Ela deixou os três falarem à vontade. Quando as vozes começaram a morrer, obviamente pensando tê-la convencido, ela disse:

— Já que não temos nenhum outro lugar onde deixar a mulher Seanchan, ela vai ter de dormir aqui com a gente. Elayne, pode pedir a Rendra que mande preparar um catre? No chão já está de bom tamanho. — Egeanin a encarou, porém não disse nem uma palavra.

Os homens estavam sem opções; ou se recusavam por completo e rompiam solenemente a promessa de fazer o que Nynaeve mandasse, ou então continuavam argumentando, feito grandes resmungões. Eles a encararam, furiosos, balbuciaram… e aquiesceram.

Rendra ficou claramente surpresa por ter sido solicitado apenas um catre, mas aceitou a história de que Egeanin tinha medo de se arriscar nas ruas à noite. Thom assentou-se no corredor, ao lado da porta.

— Aqueles sujeitos, eles não entraram, por mais que tenham tentado. Eu disse que a cozinha de sopas iria levá-los embora daqui, sim? Os hóspedes do Jardim das Três Ameixeiras não têm necessidade de guarda-costas nos quartos.

— Decerto que não — respondeu Elayne, gentilmente tentando empurrar a mulher porta afora. — É só porque Thom e os outros dois realmente se preocupam. A senhora sabe como são os homens. — Thom disparou um olhar ameaçador por sob as espessas sobrancelhas grisalhas, mas Rendra fungou, indicando que sabia, e deixou Elayne fechar a porta.

Nynaeve virou-se imediatamente para Egeanin, que estava estendendo o catre do lado oposto à cama.

— Tire as roupas, Seanchan. Quero ter certeza de que você não tem outra faca escondida.

Egeanin ergueu-se calmamente e despiu-se até a roupa de baixo, de linho. Nynaeve examinou o vestido minuciosamente, depois insistiu em revistar Egeanin também, e de maneira nada gentil. Mesmo não encontrando nada, ela não se tranquilizou.

— Mãos nas costas, Seanchan. Elayne, prenda-a.

— Nynaeve, eu acho que ela não…

— Prenda-a com o Poder, Elayne — ordenou Nynaeve, em um tom firme — senão eu corto umas tiras do vestido dela e amarro as mãos e os tornozelos. Você se lembra de como ela lidou com aqueles

sujeitos na rua. Provavelmente mercenários contratados por ela mesma. Ela poderia nos matar durante o sono com as próprias mãos.

— Sério, Nynaeve, com Thom do lado de fora…

— Ela é Seanchan, Elayne! — Nynaeve soava como se a mulher de cabelos escuros tivesse uma falha de caráter, o que não fazia sentido. Egwene estivera nas mãos deles, mas não Nynaeve. A dureza de seu maxilar indicava que a amiga pretendia fazer a coisa do jeito dela, com o Poder ou com cordas, se conseguisse encontrá-las.

Egeanin já havia unido os punhos nas costas, complacente, porém não submissa. Elayne urdiu um fluxo de Ar em torno das mãos da mulher e as atou; pelo menos seria mais confortável do que com tiras arrancadas do vestido. Egeanin dobrou levemente os braços, testando os elos que era incapaz capaz de ver, e estremeceu. Eram tão fáceis de quebrar quanto correntes de aço. Ela deu de ombros, deitou-se meio desajeitada no catre e virou-se de costas para as outras.

Nynaeve começou a desabotoar o próprio vestido.

— Me deixe ficar com o anel, Elayne.

— Tem certeza, Nynaeve? — Ela encarou Egeanin com um olhar expressivo. A mulher parecia não estar prestando atenção nelas.

— Ela não vai sair correndo para nos entregar hoje à noite. — Com uma pausa para puxar o vestido pela cabeça, Nynaeve sentou-se na beirada da cama com a roupa de baixo de fina seda taraboniana e foi tirar as meias. — Hoje é a noite que combinamos. Egwene vai esperar uma de nós, e está na minha vez. Ela vai ficar preocupada se ninguém aparecer.

Elayne pescou do decote do vestido o cordão de couro preso em seu pescoço. O anel de pedra, todo salpicado e listrado de azul, marrom e vermelho, jazia ao lado da serpente dourada engolindo a própria cauda. Ela desamarrou a corda apenas pelo tempo de entregar o *ter'angreal* a Nynaeve, amarrou de volta e recolocou no lugar. Nynaeve amarrou o *ter'angreal* com seu próprio anel da Grande Serpente e o pesado anel de ouro de Lan e deixou os dois penderem entre os seios.

— Me dê uma hora depois de ter certeza de que estou dormindo — disse, estirando-se por sobre o cobertor azul. — Não deve levar mais tempo que isso. E fique de olho nela.

— O que é que ela pode fazer amarrada, Nynaeve? — Elayne hesitou antes de acrescentar: — Duvido que ela tentaria nos machucar, mesmo se estivesse solta.

— Você não ouse! — Nynaeve ergueu a cabeça para encarar Egeanin pelas costas, depois deitou a cabeça de volta nos travesseiros. — Uma hora, Elayne. — Fechou os olhos e se remexeu, buscando uma posição mais confortável. — Isso deve dar tempo mais que de sobra. — murmurou ela.

Escondendo um bocejo com a mão, Elayne chegou o banquinho baixo mais para perto do pé da cama, onde podia enxergar Nynaeve e também Egeanin, embora não parecesse necessário. A mulher jazia encolhida no catre com os joelhos encolhidos, as mãos bem presas. Aquele fora um dia estranho e cansativo, considerando que elas nem sequer tinham saído da estalagem. Nynaeve já estava murmurando baixinho, dormindo. Com os cotovelos apontados para fora.

Egeanin ergueu a cabeça e olhou por cima do ombros.

— Ela me odeia, eu acho.

— Vá dormir. — Elayne abafou outro bocejo.

— Você, não.

— Não seja tão segura de si — disse ela com firmeza. — Você está levando isso com muita calma. Como pode ficar tão tranquila?

— Tranquila? — A outra mulher mexeu as mãos involuntariamente, retorcendo os elos trançados com Ar. — Estou tão aterrorizada que poderia até chorar. — Não parecia. Ainda assim, soou como a mais pura verdade.

— Não vamos machucar você, Egeanin. — Fosse lá o que Nynaeve quisesse, ela não deixaria que isso acontecesse. — Vá dormir. — Depois de um instante, Egeanin baixou a cabeça.

Uma hora. Não seria correto preocupar Egwene sem necessidade, mas ela preferia que aquela hora fosse gasta com o problema delas, em vez de vagando à toa em *Tel'aran'rhiod*. Caso elas não conseguissem descobrir se Amathera era prisioneira ou refém… *Deixe isso para lá; eu não vou descobrir isso aqui fora.* Quando elas de fato descobrissem, como poderiam entrar no palácio com todos aqueles soldados e a Guarda Civil, sem mencionar Liandrin e as outras?

Nynaeve havia começado a roncar baixinho, um hábito que negava com ainda mais ódio do que negava que remexia demais os cotovelos. Pela respiração longa e lenta de Egeanin, a mulher já estava em sono profundo. Abafando mais um bocejo com o dorso da mão, Elayne se remexeu no banquinho duro de madeira e começou a planejar como entraria no Palácio da Panarca.

52



Necessidade

Por um instante, Nynaeve permaneceu parada no Coração da Pedra, sem ver e sem pensar em nada de *Tel'aran'rhiod*. Egeanin era Seanchan. Uma daquelas pessoas vis que haviam encolarado Egwene e tentado fazer o mesmo com ela. Ter noção daquilo ainda a deixava deprimida. A mulher era Seanchan e havia conquistado o afeto de Nynaeve, sorrateira feito uma serpente. Era tão difícil encontrar bons amigos desde que saíra de Campo de Emond. Descobrir uma nova amiga e perdê-la daquele jeito…

— Eu a odeio por isso, mais do que tudo — resmungou, cruzando os braços com força. — Ela me conquistou, e agora eu não consigo desgostar dela, e a odeio por isso! — Aquilo parecia não fazer sentido quando pronunciado em voz alta. — Eu não sou obrigada a fazer sentido. — Ela deu uma risada baixinha e balançou a cabeça, pesarosa. — Sou uma pretensa Aes Sedai. — Mas não devia se perder em devaneios feito uma garotinha boba.

Callandor cintilava, a espada de cristal jazia cravada nas pedras do chão sob o imenso domo, e as robustas colunas de pedra vermelha esvaneciam em fileiras escuras, à luz fraca e indistinta que vinha de todos os cantos. Era fácil recordar a sensação de estar sendo observada, imaginá-la novamente. Isso se da outra vez tivesse sido imaginação. Isso se agora fosse. Podia haver qualquer coisa escondida ali. Um bastão bom e pesado surgiu em suas mãos enquanto ela espiava pelas colunas. Onde estava Egwene? Era bem típico da garota fazê-la esperar daquele jeito. Naquela escuridão. Até onde sabia, podia

haver algo prestes a saltar em cim…

— Que vestido mais estranho, Nynaeve.

Sufocando um gritinho, ela deu meia-volta, emitindo um clangor metálico, o coração pulando na garganta. Egwene estava parada do outro lado de *Callandor*, na companhia de duas mulheres de saias volumosas e xales escuros por sobre as blusas brancas, os cabelos brancos como neve batendo na cintura e presos por lenços dobrados. Nynaeve engoliu em seco, esperando que nenhuma delas percebesse, e tentou voltar a respirar normalmente. Chegar de mansinho daquele jeito!

Uma das mulheres Aiel ela conhecia, pela descrição de Elayne; o rosto de Amys era muito jovem para aquele cabelo, mas aparentemente ela fora grisalha quase desde a infância. A outra, magra e ossuda, tinha olhos azul-claros e um rosto curtido e enrugado. Devia ser Bair. A mais forte das duas, Nynaeve julgou depois de vê-las. Não que a tal Amys parecesse muito… Vestido estranho? *Eu fiz barulho?*

Ela olhou para si mesma e perdeu o fôlego. Seu vestido guardava vaga semelhança com a indumentária de Dois Rios; isso se as mulheres de Dois Rios usassem vestidos confeccionados em malhas de aço, com pedaços de placas de armadura como as que ela vira em Shienar. Como os homens conseguiam correr e pular nas selas vestidos naquelas coisas? A roupa lhe pesava nos ombros como se tivesse umas cem libras. O bastão era agora de metal, com pregos na ponta, feito um capim-carrapicho de aço brilhante. Mesmo sem tocar a própria cabeça ela sabia que usava algum tipo de capacete. Enrubescendo furiosamente, se concentrou e trocou tudo para a boa lã de Dois Rios e um cajado de passeio. Era bom ter os cabelos de volta em uma única trança, caída por cima do ombro.

— Pensamentos soltos causam problemas quando você caminha nos sonhos — disse Bair, em um tom de voz agudo e forte. — Você tem de aprender a controlá-los se quiser seguir em frente.

— Eu consigo controlar muito bem os meus pensamentos, obrigada — retrucou Nynaeve, toda encrespada. — Eu… — Não era apenas a voz de Bair que estava ficando fina. As duas Sábias pareciam… quase nebulosas, e Egwene, em um vestido de montaria azul-claro, estava quase transparente. — O que foi que houve com você? Por que está assim?

— Tente adentrar *Tel'aran'rhiod* semiadormecida, em cima de uma sela — respondeu Egwene, seca. Parecia tremeluzir. — Já amanheceu na Terra da Trindade, e nós estamos viajando. Eu tive de convencer Amys a me deixar vir, na verdade, pois estava com medo de que você ficasse preocupada.

— Já é uma tarefa bastante difícil, sem o cavalo — observou

Amys — dormir um sono leve quando nosso desejo é estar acordada. Egwene ainda não aprendeu completamente.

— Eu vou aprender — respondeu ela, enraivecida e determinada. Era sempre muito teimosa e afobada, naquela ânsia de aprender; se essas Sábias não a controlassem, ela decerto acabaria arrumando todo tipo de problema.

Nynaeve parou de se preocupar com Egwene arrumar problemas assim que a mais jovem começou a falar do ataque de Trollocs e Draghkar ao Forte das Pedras Frias. Seana, uma Sábia Andarilha dos Sonhos, entre os mortos. Rand apressando os Aiel Taardad em direção ao tal Alcair Dal, no que parecia uma violação de todos os costumes, e enviando mensageiros para buscar outros ramos. O rapaz não confiava a ninguém suas intenções, os Aiel estavam apreensivos, e Moiraine, furiosa. A frustração de Moiraine até seria certo alívio para Nynaeve — que tinha esperanças de que Rand conseguisse dar um jeito de escapar da influência daquela mulher — se Egwene não estivesse exibindo uma carranca tão fechada.

— Não sei se é um plano ou se é loucura — concluiu Egwene. — Se eu soubesse, poderia até suportar o que quer que fosse. Nynaeve, admito que não é a profecia, nem Tarmon Gai'don, que está me deixando ansiosa no momento. Talvez seja bobagem, mas prometi a Elayne que cuidaria dele, e não estou sabendo como.

Nynaeve deu a volta na espada de cristal para abraçar Egwene. Pelo menos a amiga estava sólida, por mais que parecesse o reflexo de um espelho embaçado. A sanidade de Rand. Não havia nada que ela pudesse fazer a respeito, nenhum conforto que pudesse oferecer. Era Egwene quem estava lá para vê-lo.

— O melhor que você pode fazer por Elayne é pedir que ele leia o que ela escreveu. Às vezes ela fica preocupada com isso; não diz nada, mas acho que está com medo de ter revelado mais do que deveria. Se ele acreditar que ela está completamente enrabichada, é mais provável que sinta o mesmo por ela, o que não a prejudica de forma alguma. Pelo menos temos algumas boas notícias em Tanchico. Algumas. — Quando ela explicou, no entanto, pareceu muito pouco para justificar "algumas".

— Então vocês ainda não sabem o que é que elas estão procurando — disse Egwene, depois que a outra terminou — mas, mesmo que soubessem, elas estão em vantagem e ainda têm chance de encontrar antes.

— Não se eu puder evitar. — Nynaeve encarou as duas Sábias com um olhar firme e lúcido. Pelo que Elayne dissera a respeito da relutância de Amys em não fornecer nada além de advertências, ela precisaria de firmeza para lidar com as duas. Elas estavam tão enturvadas que uma lufada de ar mais forte seria capaz de soprá-las

para longe, feito uma névoa. — Elayne acha que vocês conhecem todo tipo de truque com os sonhos. Será que existe alguma forma de eu entrar nos sonhos de Amathera e descobrir se ela é Amiga das Trevas?

— Garota tonta. — Os longos cabelos de Bair sacudiram quando ela balançou a cabeça. — Aes Sedai, mas ainda assim boba. É muito perigoso adentrar os sonhos de alguém, a menos que a pessoa conheça você e esteja à sua espera. O sonho é *dela*, não é feito aqui. Lá, essa Amathera detém o controle de tudo. Até de você.

Ela estivera tão certa de que esse era o caminho. Era irritante descobrir o contrário. E "garota tonta"?

— Eu não sou uma garota — retrucou, bruscamente. Quis puxar a trança com força, mas em vez disso cravou o punho na cintura. Por alguma razão, andava se sentindo estranhamente incomodada em puxar os cabelos nos últimos tempos. — Eu fui Sabedoria de Campo de Emond antes de… me tornar Aes Sedai. — Ela já quase não tropeçava na própria mentira. — E controlava e calava a boca de mulheres tão velhas quanto vocês. Se sabem como me ajudar, então digam, em vez de ficarem despejando baboseiras *tontas* sobre o que é perigoso. Eu sei reconhecer o perigo.

De súbito, ela percebeu que sua única trança havia sido dividida em duas, uma por cima de cada orelha, com fitas vermelhas entrelaçadas nas pontas. Vestia uma saia tão curta que deixava à mostra seus joelhos, além de uma blusa branca larga feito as das Sábias. Seus sapatos e meias haviam sumido. De onde viera *isso*? Ela decerto jamais pensara em usar nada parecido. Egwene levou depressa a mão à boca. Estava horrorizada? Sem dúvida não estava sorrindo.

— Pensamentos soltos — disse Amys — de fato podem trazer muitos problemas, Nynaeve Sedai, até você aprender. — Apesar do tom suave, a mulher retorceu os lábios, disfarçando muito mal que estava se divertindo.

Nynaeve esforçou-se para manter a expressão serena. Elas não podiam ter nada a ver com aquilo. *Não podem!* Ela lutou para se trocar outra vez, e foi *mesmo* uma luta, como se algo a aprisionasse naquele estado. Suas bochechas foram ficando mais e mais vermelhas. De repente, no exato instante em que ela se viu a ponto de sucumbir e pedir um conselho, ou até uma ajuda, suas roupas e cabelos voltaram ao estado de antes. Ela remexeu os dedões com gratidão dentro dos bons sapatos robustos. Tinha *mesmo* sido apenas um pensamento estranho e aleatório. De todo modo, não pretendia externar qualquer suspeita; as três já estavam se divertindo bastante com aquilo, até Egwene. *Não estou aqui para participar de uma competição idiota. Não vou ficar aplaudindo essas três.*

— Já que não posso entrar no sonho dela, será que posso trazê-la até o Mundo dos Sonhos? Preciso dar um jeito de falar com ela.

— Não ensinaríamos isso a você nem que soubéssemos — respondeu Amys, com um puxão irritado no xale. — O que você pede é uma perversidade, Nynaeve Sedai.

— Ela seria tão inútil aqui quanto você no sonho dela. — A voz fina de Bair parecia uma barra de ferro. — Desde a primeira Andarilha dos Sonhos se transmite a instrução de que ninguém jamais deve ser *trazido* para um sonho. Dizem que esse era o costume da Sombra nos últimos dias da Era das Lendas.

Nynaeve remexeu os pés sob aqueles olhares severos; percebendo que tinha um dos braços em torno de Egwene, permaneceu imóvel. Não pretendia deixar Egwene pensar que elas a tinham deixado desconfortável. Não que tivessem. Se ela pensasse nas reprimendas que levava do Círculo das Mulheres antes de ser escolhida Sabedoria, as Sábias não eram nada demais. Firmeza era o que… Elas a encaravam. Enturvadas ou não, essas mulheres poderiam disputar um duelo de olhares com Siuan Sanche. Sobretudo Bair. Não que a intimidassem, mas Nynaeve via motivo para ser prudente.

— Elayne e eu estamos precisando de ajuda. A Ajah Negra está prestes a encontrar alguma coisa que pode prejudicar Rand. Se elas descobrirem antes de nós que coisa é essa, talvez sejam capazes de controlá-lo. Se houver algo que vocês possam fazer para ajudar, algo que possam me dizer… qualquer coisa mesmo.

— Aes Sedai — disse Amys — você consegue fazer com que um pedido de ajuda pareça uma exigência. — Nynaeve apertou os lábios. Exigência? Ela havia praticamente implorado. Exigência, pois sim! No entanto, as mulheres Aiel não pareceram notar sua expressão. Ou escolheram ignorar. — Por outro lado, um perigo para Rand al'Thor… não podemos permitir que a Sombra detenha isso. Existe um caminho.

— Perigoso. — Bair sacudiu a cabeça vigorosamente. — Essa jovem sabe menos do que Egwene sabia quando chegou até nós. É muito perigoso para ela.

— Então talvez eu pudesse… — começou Egwene, e as duas a cortaram de uma só vez.

— Você vai concluir o seu treinamento; está muito afoita para ir além do que já sabe — disse Bair com rispidez ao mesmo tempo em que Amys vociferou, em um tom nem um pouco mais leve:

— Você não está lá em Tanchico, não conhece o lugar e não pode se apossar da necessidade de Nynaeve. Ela é a caçadora.

Sob olhares rígidos feito ferro, Egwene assentiu, amuada, e as duas Sábias se entreolharam. Por fim, Bair deu de ombros e ergueu o xale até o rosto; estava claramente lavando as mãos em relação àquilo tudo.

— É perigoso — disse Amys. Do jeito que elas falavam, parecia que até respirar era perigoso em *Tel'aran'rhiod.*

— Eu…! — Nynaeve fechou a boca ao ver os olhos de Amys ainda mais severos; realmente não imaginava que tal coisa fosse possível. Ela manteve firme a imagem das roupas que estava usando; era claro que as mulheres não tinham nada a ver com aquilo, porém achou sensato garantir que seu vestido não se alterasse. E mudou o que estava prestes a dizer. — Eu vou tomar cuidado.

— Não é possível — respondeu Amys em um tom inexpressivo — mas eu não conheço outro jeito. A chave é a necessidade. Quando um forte está cheio demais, o ramo precisa se dividir, e a necessidade é ter água no novo forte. Se ninguém conhecer um local que tenha água, uma de nós pode ser convocada a encontrá-lo. A chave, então, é a necessidade de um vale ou cânion apropriado, não muito distante do primeiro, com água. Concentrar-se nessa necessidade é o que aproxima a pessoa do que ela quer. Concentrar-se outra vez na necessidade aproxima ainda mais. Cada passo aproxima mais, até que por fim a pessoa se vê não apenas dentro do vale, mas bem ao lado de onde encontrará água. Pode ser mais difícil para você, porque não sabe exatamente o que é que está buscando, mas a intensidade da necessidade pode compensar isso. E você faz uma ideia de onde está: nesse palácio. O perigo é esse, e você precisa estar atenta a ele. — A Sábia inclinou-se em direção a Nynaeve, concentrada, fazendo-se clara em suas palavras, tão penetrantes quanto seu olhar. — Cada passo é dado às cegas, com os olhos fechados. Você não tem como saber onde estará quando abrir os olhos. E não adianta nada encontrar a água se parar em cima de um ninho de víboras. As presas de uma rainha-da-montanha matam tão depressa nos sonhos quanto no mundo desperto. Acho que essas mulheres de quem Egwene fala matam mais depressa que a cobra.

— Eu fiz isso! — exclamou Egwene. Nynaeve sentiu-a pular quando as mulheres Aiel dispararam os olhares em sua direção. — Antes de conhecer vocês — acrescentou mais que depressa. — Antes de irmos para Tear.

Necessidade. Nynaeve sentia mais afeição pelas mulheres Aiel agora que uma delas lhe fornecera algo de útil.

— Vocês têm de ficar de olho em Egwene — disse ela às duas, abraçando a mais jovem para demostrar que falara de maneira carinhosa. — Você tem razão, Bair. Ela vai tentar fazer mais do que sabe. Sempre foi assim. — Por algum motivo, Bair arqueou uma sobrancelha branca para *ela*.

— Eu não acho que ela seja assim — disse Amys, em um tom seco. — É uma aluna obediente agora. Não é mesmo, Egwene?

A boca de Egwene se fechou, formando uma linha teimosa. Essas Sábias não a conheciam muito bem se acreditavam que uma mulher de Dois Rios podia ser considerada obediente. Ainda assim, não disse

nada. Aquilo era inesperado. Tão difíceis quanto as Aes Sedai, ao que parecia, eram essas sábias Aiel.

A hora de que Nynaeve dispunha estava passando, e ela borbulhava de impaciência para testar o método de uma vez; se Elayne a acordasse, ela talvez levasse horas para voltar a dormir.

— Daqui a sete dias — disse — uma de nós vai vir encontrar você aqui de novo.

Egwene assentiu.

— Daqui a sete dias, Rand vai ter se apresentado aos chefes dos clãs como Aquele Que Vem Com a Aurora, e os Aiel todos o apoiarão. — Os olhos das Sábias tremularam sutilmente, e Amys ajeitou o xale; Egwene não reparou. — Só a Luz sabe o que ele pretende fazer depois disso.

— Daqui a sete dias — disse Nynaeve — Elayne e eu já vamos ter tirado das mãos daquelas mulheres o que Liandrin está procurando. — Do contrário, muito provavelmente a Ajah Negra conseguiria encontrar o que quer que fosse. E, pelo visto, as Sábias tinham tanta certeza de que os Aiel apoiariam Rand quanto Egwene tinha dos planos dele. Não existia certeza em lugar algum. De todo modo, não havia razão para sobrecarregar Egwene com mais dúvidas. — Quando uma de nós retornar para encontrar você, elas todas já estarão sendo levadas à Torre para julgamento.

— Tente tomar cuidado, Nynaeve. Sei que você não sabe como, mas mesmo assim tente. E também diga a Elayne que eu falei isso. Ela não é tão… valente… quanto você, mas chega perto. — Amys e Bair pousaram uma das mãos em cada ombro de Egwene, e as três desapareceram.

Tentar tomar cuidado? Que boba. Ela sempre tomava cuidado. O que Egwene pretendera dizer em vez de valente? Nynaeve cruzou os braços com força, em vez de puxar a trança. Decerto era melhor não saber.

Ela percebeu que não havia contado a Egwene sobre Egeanin. Talvez fosse melhor não suscitar em Egwene as lembranças do cativeiro. Nynaeve recordava muito bem os pesadelos que a outra mulher tivera durante semanas depois de ter sido solta, acordando aos gritos, dizendo que não seria acorrentada. Era melhor deixar esse assunto adormecido. Egwene não precisaria mesmo algum dia encontrar a Seanchan. *Que se queime aquela mulher! Que se queime Egeanin até virar cinzas! Que se queime!*

— Assim não estou usando o meu tempo com sabedoria — disse, em voz alta. As palavras ecoaram pelas colunas compridas. Com a partida das outras, as colunas pareciam ainda mais agourentas do que antes, um esconderijo para espreitadores e coisas prestes a pular nela. Era hora de partir.

Antes, porém, ela mudou os cabelos para um conjunto de trancinhas compridas e finas, e o vestido para um bem apertado de seda verde-escura. Um véu transparente lhe cobria a boca e o nariz, ondeando de leve quando ela respirava. Com uma careta, ela acrescentou contas de jade verde às tranças delgadas. Se alguma das irmãs Negras usasse o *ter'angreal* roubado para adentrar o Mundo dos Sonhos e a visse no Palácio da Panarca, pensaria tratar-se apenas de uma taraboniana que se transportara para lá em sonho, da forma mais costumeira possível. Algumas, no entanto, a conheciam de vista. Ela ergueu um punhado das tranças com contas e abriu um sorriso. Cor de mel. Não sabia que aquilo era possível. *Como será que eu estou? Será que elas ainda conseguem me reconhecer?*

De súbito um espelho de chão comprido surgiu ao lado de *Callandor*. No reflexo, seus grandes olhos castanhos se arregalaram de choque, sua boca de botão de rosa se escancarou. Ela tinha o rosto de Rendra! Suas feições mudavam, depois retornavam, os olhos e os cabelos se alteravam, mais escuros; com esforço, ela os transformou nos da estalajadeira. Agora ninguém a reconheceria. E Egwene achando que ela não sabia como tomar cuidado.

Fechou os olhos e se concentrou em Tanchico, no Palácio da Panarca, na necessidade. Algo perigoso para Rand, para o Dragão Renascido, necessidade… Ao redor, *Tel'aran'rhiod* mudou; ela *sentiu* uma guinada deslizante e abriu os olhos, ansiosa para ver o que havia encontrado.

Era um dormitório, grande como todos os seis do Jardim das Três Ameixeiras, as paredes de massa branca trabalhadas com frisos pintados, lampiões dourados pendurados no teto por correntes também douradas. Os compridos pilares da cama exibiam entalhes de galhos e folhas em um dossel sobre os colchões. Uma mulher que sequer chegara à meia-idade estava parada ao pé da cama, rija, encostada em um dos pilares; era de fato bastante encantadora, com aquele tipo de beicinho que a própria Nynaeve adotara. Por sobre as tranças escuras usava uma coroa de folhas de três pontas cravejada de rubis e pérolas, com uma pedra-da-lua maior que um ovo de ganso, e em seu pescoço pendia uma ampla estola que caía até os joelhos, com bordados de árvores em toda a extensão. Além de coroa e estola, a mulher usava apenas uma camada brilhante de suor.

Seus olhos trêmulos estavam fixos em uma segunda mulher, deitada confortavelmente em um sofá baixo. Esta segunda mulher estava de costas para Nynaeve, tão nebulosa quanto Egwene estivera antes. Era pequena e esguia; os cabelos escuros caíam soltos pelos ombros, e o vestido amarelo-claro de saias largas sem dúvida não era taraboniano. Nynaeve não precisava ver o rosto da mulher para saber que tinha grandes olhos azuis e um aspecto sagaz, tampouco era

preciso ver as tramas de Ar prendendo a primeira à coluna da cama, para saber que estava olhando para Temaile Kinderode.

— … aprender esse tanto quando você usa os seus sonhos em vez de desperdiçar o sono — dizia Temaile com um sotaque cairhieno, em meio a risadas. — Não está se divertindo? O que é que vou lhe ensinar agora? Já sei. "Eu amei mil marinheiros". — Ela balançou um dedo em advertência. — Aprenda a letra toda bem direitinho, Amathera. Você sabe que eu não iria querer… o que é que você está olhando?

De repente Nynaeve percebeu que a mulher presa à coluna da cama — Amathera? A Panarca? — tinha os olhos cravados nela. Temaile se mexeu lentamente, como se fosse virar a cabeça.

Nynaeve fechou os olhos com força. Necessidade.

Mudança.

Apoiando-se contra a coluna estreita, Nynaeve tragou o ar como se tivesse corrido vinte milhas, sem sequer se perguntar onde estava. Seu coração batia feito um tambor ensandecido. Aquilo era de fato como aterrissar em um ninho de víboras. Temaile Kinderode. A irmã Negra que Amico dissera gostar de infligir dor, e ao ponto de suscitar o comentário de outra mulher da Ajah Negra. E ela ali, incapaz de canalizar uma faísca que fosse. Poderia ter acabado decorando uma daquelas colunas da cama ao lado de Amathera. *Luz!* Ela estremeceu, visualizando a cena. *Acalme-se, mulher! Você já saiu de lá, e mesmo que Temaile tenha visto você, viu uma mulher de cabelos cor de mel que sumiu, só uma taraboniana que adentrou* Tel'aran'rhiod *em sonho.* Decerto que Temaile não poderia ter notado Nynaeve por tempo suficiente para sentir sua capacidade de canalizar; mesmo sem conseguir, a habilidade estava presente e podia ser sentida por qualquer uma que também a tivesse. Apenas um instante. E, com sorte, insuficiente.

Pelo menos ela agora sabia qual era a situação de Amathera. Estava claro que a mulher não era aliada de Temaile. Esse método de busca já tinha valido a pena. Mas não fora o bastante, ainda não. Controlando o máximo possível a respiração, ela olhou ao redor.

Fileiras de finas colunas brancas corriam por toda a largura e extensão de um imenso aposento, quase quadrado, com chão de pedras polidas brancas, bem lisas, e teto alto cheio de lustres com ornamentos dourados. Uma corda grossa de seda branca corria ao longo do salão, presa em estacas de madeira escura polida, na altura dos quadris, menos onde teriam bloqueado os arcos de duas pontas de entrada. Nas paredes se viam fileiras de prateleiras, armários abertos e ossos de bestas exóticas, além de haver outros mostradores no chão, também isolados por cordas. O principal salão de exibições do palácio, segundo a descrição de Egwene. O que ela buscava devia estar naquele exato aposento. Seu próximo passo não seria tão cego quanto o primeiro; certamente não havia ali nenhuma víbora, nenhuma

Temaile.

De repente, uma mulher vistosa surgiu ao lado de um estojo de vidro com quatro pés entalhados, no meio do cômodo. Não era uma taraboniana. Seus cabelos escuros caíam em ondas sobre os ombros, mas não foi isso o que fez o queixo de Nynaeve desabar. O vestido da mulher era meio indistinto, ora prateado e opaco, ora cinza e tão transparente que revelava com clareza seu corpo, braços e pernas. Fosse lá de que canto o sonho da mulher a tivesse trazido, ela sem dúvida tinha uma imaginação bastante vívida para conceber aquilo! Nem os vestidos escandalosos das domanesas de que Nynaeve ouvira falar se igualavam àquele.

A mulher sorriu para o estojo de vidro, depois continuou avançando pelo salão e parou no canto oposto para examinar alguma coisa que Nynaeve não conseguia distinguir, algo escuro que havia sobre um suporte de pedra branca.

De cenho franzido, Nynaeve abriu a mão que agarrava um punhado de tranças cor de mel. A mulher iria desaparecer a qualquer momento; poucos que adentravam *Tel'aran'rhiod* em sonho permaneciam por muito tempo. Naturalmente, não importaria se a mulher a visse; ela decerto não era nenhuma da lista de irmãs Negras. No entanto, parecia, de certa forma… Nynaeve percebeu que havia agarrado mais um punhado de tranças. A mulher… A mão de Nynaeve deu um puxão, por vontade própria — e com força — e ela a encarou, estupefata; as juntas estavam brancas, a mão estremecia. Era quase como se pensar naquela mulher… A mão, no braço trêmulo, tentou puxar o cabelo outra vez. *Por quê, sob a Luz?*

A mulher obscura ainda permanecia parada na frente do distante pedestal branco. O tremor do braço de Nynaeve subiu para o ombro. Era claro que ela nunca tinha visto a mulher antes. No entanto… Ela tentou abrir os dedos; eles apenas se fecharam com mais força. Sem dúvida nunca tinha visto. Tremendo dos pés à cabeça, envolveu o corpo com o braço livre. Sem dúvida… Seus dentes queriam tiritar. A mulher parecia… Ela quis chorar. A mulher…

Imagens irromperam em sua cabeça, em uma explosão; ela afundou junto à coluna a seu lado, como se as imagens tivessem força física; seus olhos se arregalaram. Ela viu a cena outra vez. A Câmara das Flores Caídas e aquela mulher bonita e vigorosa, rodeada pelo brilho tênue de *saidar*. Ela própria e Elayne, tagarelando feito crianças, brigando para responder primeiro, despejando tudo o que sabiam. O quanto teriam revelado? Era difícil lembrar os detalhes, mas ela se recordava vagamente de ter guardado algumas coisas. Não deliberadamente; teria dito qualquer coisa à mulher, feito qualquer coisa que pedisse. Seu rosto ficou quente de vergonha e raiva. Se ela tinha sido capaz de omitir qualquer fragmento, fora porque estivera

tão… *ansiosa*… para responder cada pergunta, que ignorara a anterior.

Não faz sentido, disse uma vozinha bem no fundo de sua cabeça. *Se ela é alguma irmã Negra da qual eu não estou sabendo, por que é que não nos entregou a Liandrin? Ela poderia. Nós teríamos ido com ela feito cordeirinhos.*

A raiva inconsciente não a deixava escutar. Uma irmã Negra a fizera dançar feito uma marionete, depois pedira que ela esquecesse. Ordenara que ela esquecesse. E ela esquecera! Bem, agora a mulher iria descobrir como era encontrá-la bem preparada e advertida!

Antes que ela conseguisse tocar a Fonte Verdadeira, Birgitte surgiu subitamente ao lado da coluna próxima, vestindo seu casaco branco curto e as calças amarelas pregueadas nos tornozelos. Birgitte ou alguma mulher sonhando que era Birgitte, com os cabelos dourados em uma trança elaborada. Com um dedo pressionado nos lábios em sinal de advertência, apontou para Nynaeve, depois com urgência na direção de uma das entradas em arco duplo que havia atrás. Com seus convincentes olhos azul-claros, a mulher desapareceu.

Nynaeve sacudiu a cabeça. Quem quer que fosse a mulher, não havia tempo. Ela se abriu para *saidar*, e deu um giro, quase transbordando com o Poder Único e uma ira justificada. A mulher nebulosa tinha ido embora. Embora! Porque aquela loura idiota a havia distraído! Talvez ainda estivesse por ali, esperando por ela. Envolta no Poder, avançou pela entrada que a mulher indicara.

A mulher de cabelos dourados aguardava em um corredor luminoso e acarpetado, onde lampiões dourados apagados exalavam o aroma de óleo perfumado. Ela agora segurava um arco prateado, e uma aljava com flechas prateadas pendia de sua cintura.

— Quem é você? — inquiriu Nynaeve furiosamente. Daria à mulher uma chance de se explicar. Depois lhe daria uma lição que ela não esqueceria tão cedo! — Você é a mesma idiota que atirou em mim no Deserto, alegando que era Birgitte? Eu estava prestes a ensinar boas maneiras a uma integrante da Ajah Negra quando você a deixou escapar!

— Eu sou Birgitte — disse a mulher, inclinando-se sobre o próprio arco. — Pelo menos esse é o nome que você reconheceria. E a lição poderia ter sido sua, sem dúvida tanto aqui quanto na Terra da Trindade. Recordo as vidas que vivi como se fossem livros bem-lidos, as mais antigas mais nebulosas que as mais recentes, mas me lembro muito bem de quando lutei ao lado de Lews Therin. Jamais esquecerei o rosto de Moghedien, assim como não esquecerei o de Asmodean, o homem que você quase perturbou em Rhuidean.

Asmodean? Moghedien? Aquela mulher era uma Abandonada? Uma Abandonada em Tanchico. E um em Rhuidean, no Deserto! Egwene sem dúvida teria dito alguma coisa, se soubesse. Não havia

como adverti-la, não nos próximos sete dias. A raiva — e *saidar* — irrompeu dentro dela.

— O que é que você está fazendo aqui? Eu sei que vocês todos desapareceram depois que a Trombeta de Valere os chamou, mas você está… — Ela foi baixando a voz, um pouco desconcertada com o que estivera prestes a dizer, mas a outra mulher completou a frase tranquilamente para ela.

— Morta? Aqueles de nós que estão ligados à Roda não morrem da mesma forma que os outros. Que lugar melhor há para esperarmos até que a Roda nos teça em novas vidas do que no Mundo dos Sonhos? — Birgitte soltou uma risada súbita. — Estou começando a falar feito uma filósofa. Em quase todas as vidas sou capaz de lembrar que nasci como uma simples garota que escolheu o arco. Sou uma arqueira, nada mais.

— Você é a heroína de cem histórias — disse Nynaeve. — E eu vi o que as suas flechas fizeram em Falme. As Seanchan canalizando não atingiram você. Birgitte, nós estamos enfrentando quase uma dúzia da Ajah Negra. E um dos Abandonados também, ao que parece. A sua ajuda pode nos ser muito útil.

A outra mulher fez uma careta, incomodada e pesarosa.

— Eu não posso, Nynaeve. Não posso tocar o mundo da carne, a não ser que a Trombeta me chame outra vez. Ou que a Roda me teça para fora. Se isso acontecesse agora, você encontraria apenas uma criança choramingando no seio da mãe. Em relação a Falme, a Trombeta nos chamou; não estávamos lá como você, em carne e osso. Por isso o Poder não pôde nos tocar. Já aqui, *tudo* faz parte do sonho, e o Poder Único me destruiria com tanta facilidade quanto a você. Mais, até. Eu lhe disse; sou uma arqueira, um soldado de ocasião, nada mais. — Sua complexa trança dourada balançou quando ela sacudiu a cabeça. — Não sei por que estou explicando. Eu não devia nem estar falando com você.

— Por que não? Já falou comigo antes. E Egwene achou que tinha visto você. Era você, não era? — Nynaeve franziu o cenho. — Como é que sabe o meu nome? Você simplesmente *sabe* as coisas?

— Eu sei o que vejo e ouço. Via e ouvia você sempre que conseguia encontrá-la. Você, as duas outras mulheres e o rapaz com os lobos. Segundo as normas, não podemos falar com ninguém que saiba que está em *Tel'aran'rhiod*. E, ainda assim, o mal caminha no sonho tanto quanto no mundo da carne; vocês que o combatem me atraem. Mesmo sabendo que não sou capaz de fazer nada, eu me pego querendo ajudar vocês. Mas não posso. Isso viola as normas, as normas que me conservam há tantas e tantas voltas da Roda, que me permitem, mesmo nas memórias mais antigas e desbotadas, saber que já vivi cem outras vezes, ou mil. Falar com você viola normas sólidas

como leis.

— É verdade — disse uma voz dura e masculina.

Nynaeve deu um salto e quase disparou um golpe com o Poder. O homem era escuro e muito musculoso e forte, e com longos cabos de duas espadas enfiadas por detrás dos ombros foi caminhando na direção de Birgitte, que estava a poucas passadas do ponto de onde ele surgira. Com o que ela ouvira de Birgitte, as espadas eram o bastante para identificá-lo como Gaidal Cain, mas enquanto Birgitte, de pele clara e cabelos louros, era tão bela quanto nas histórias, ele definitivamente não era. Na verdade, talvez fosse o homem mais feio que Nynaeve já vira, o rosto largo e chato, o nariz imenso e pesadão, e a boca um talho, esgarçada demais. Birgitte sorriu para o homem, no entanto; seu toque no rosto dele carregava mais do que afeição. Foi uma surpresa ver que ele era o mais baixo. Troncudo e musculoso, de movimentos vigorosos, o homem dava a impressão de ser mais alto do que era.

— Nós estivemos ligados quase sempre — disse Birgitte a Nynaeve, sem tirar os olhos dos de Cain. — Ele costuma nascer logo antes de mim, por isso sei que a minha hora está chegando outra vez quando não consigo encontrá-lo, e normalmente eu o odeio da primeira vez que o vejo encarnado. Mas nós quase sempre terminamos amantes ou casados. Uma história simples, mas creio que já a tenhamos prolongado com mil variações.

Cain ignorou Nynaeve como se ela não existisse.

— As regras existem por uma razão, Birgitte. Ninguém conseguiu nada além de problemas e discórdia ao infringi-las. — A voz dele era mesmo dura, Nynaeve percebeu. Nada parecida com a do homem das histórias.

— Talvez eu não consiga ficar sentada enquanto o mal segue lutando — disse Birgitte, baixinho. — Ou talvez eu simplesmente anseie pela carne de novo. Faz muito tempo desde que nascemos pela última vez. A Sombra ascende novamente, Gaidal. Ascende aqui. Temos de combatê-la. É por essa razão que estamos ligados à Roda.

— Quando a Trombeta nos convocar, nós vamos lutar. Quando a Roda nos tecer, nós vamos lutar. Até lá, não! — Ele a encarou, furioso. — Você se esqueceu da promessa de Moghedien quando fomos atrás de Lews Therin? Eu a vi, Birgitte. Ela vai reconhecer você aqui.

Birgitte virou-se para Nynaeve.

— Vou ajudá-la como puder, mas não espere muita coisa. *Tel'aran'rhiod* é o meu mundo inteiro, e aqui eu posso fazer menos do que você.

Nynaeve piscou; o homem forte e escuro não havia se mexido, não que ela tivesse visto, mas ele de súbito parou a duas passadas de

distância, passando uma pedra de amolar em uma de suas espadas, com um som suave e sedoso de raspagem. Claramente, até onde ele sabia, Birgitte estava conversando com o ar.

— O que você pode contar sobre Moghedien, Birgitte? Eu preciso saber tudo o que puder, para enfrentá-la.

Inclinando-se sobre o arco, Birgitte franziu o cenho, pensativa.

— Enfrentar Moghedien é difícil, e não é só porque ela é uma Abandonada. Ela se esconde e não se arrisca. Só ataca onde enxerga fraquezas e se move apenas nas sombras. Se ela teme a derrota, foge, não é do tipo que luta até o fim, mesmo quando se apresenta a chance de vitória. Uma chance não basta para Moghedien. Mas não a leve na brincadeira. Ela é uma serpente enrolada na grama alta, aguardando o momento de dar o bote, e tem menos compaixão do que uma cobra. Especialmente aqui, não a subestime. Lanfear sempre reivindicou a posse de *Tel'aran'rhiod*, mas aqui Moghedien podia fazer muito mais coisas do que Lanfear, embora não tenha a mesma força no mundo da carne. Acho que ela não correria o risco de confrontar Lanfear.

Nynaeve estremeceu, o medo lutando com a raiva que a permitia reter o Poder. Moghedien. Lanfear. Essa mulher falava dos Abandonados com tanta naturalidade.

— Birgitte, o que foi que Moghedien prometeu a você?

— Ela sabia o que eu era, ainda que eu não soubesse. Como, eu não sei. — Birgitte olhou Cain; ele parecia absorto na própria espada, mas ela baixou a voz mesmo assim. — Ela prometeu me fazer chorar sozinha enquanto a Roda girar. Como se fosse um fato que simplesmente ainda não aconteceu.

— E mesmo assim você está disposta a ajudar.

— Como eu puder, Nynaeve. Lembre que eu lhe disse para não esperar muita coisa. — Mais uma vez ela olhou o homem que afiava a espada. — Nós vamos nos encontrar de novo, Nynaeve. Se você tomar cuidado e sobreviver. — Erguendo o arco de prata, ela pôs um braço em torno dos ombros de Cain e murmurou em seu ouvido. Fosse lá o que tivesse dito, Cain estava rindo quando os dois desapareceram.

Nynaeve balançou a cabeça. Cuidado. Todos a estavam mandando tomar cuidado. Uma heroína lendária que dizia poder ajudar, mas que não havia muito a fazer. E um dos Abandonados em Tanchico.

Pensar em Moghedien, no que a mulher fizera a ela, fortaleceu sua ira até que o Poder Único estivesse ardendo feito o sol em seu corpo. Abruptamente ela se viu de volta no imenso salão onde estivera antes, quase desejando que a mulher tivesse retornado. Porém, o salão estava vazio de vida exceto por ela mesma. A fúria e o Poder estrondeavam tanto dentro dela que parecia que sua pele iria enegrecer em chamas. Moghedien, ou qualquer uma das irmãs Negras, podia teria mais facilidade de senti-la se ela estivesse agarrada ao

Poder, mas ela o agarrou mesmo assim. Quase desejava ser encontrada, para que pudesse atacá-las. Temaile muito provavelmente ainda estava em *Tel'aran'rhiod*. Se ela retornasse àquele dormitório, poderia acabar com Temaile de uma vez por todas. Poderia acabar com Temaile… e mandar um aviso às outras. Foi o bastante para fazê-la rosnar.

O que fizera Moghedien sorrir? Ela avançou a passos firmes até o estojo, uma grande caixa de vidro em uma mesa entalhada, e espiou do lado de dentro. Havia estatuetas descombinadas em um círculo debaixo do vidro. Uma mulher nua de um pé de altura se equilibrava nos dedos de um dos pés, dançando, de silhueta toda harmoniosa, e um pastor de menos da metade do tamanho dela, tocando gaita, com o cajado no ombro e uma ovelha a seus pés; estatuetas tão comuns quanto quaisquer outras. No entanto, ela não teve dúvidas a respeito do que atraíra o sorriso da Abandonada.

No centro do círculo, um suporte de madeira em laca vermelha continha um disco do tamanho da mão de um homem, dividido em duas metades por uma linha sinuosa, um lado cintilando mais branco que a neve, o outro mais negro que piche. Era feito de *cuendillar*, ela sabia; já vira outros parecidos, e somente sete haviam sido feitos. Um dos selos da prisão do Tenebroso; um foco para uma das trancas que o mantinham alijado do mundo, em Shayol Ghul. Essa talvez fosse uma descoberta tão importante quanto a respeito do que ameaçava Rand. Aquilo tinha de ficar longe da Ajah Negra.

De súbito ela tomou consciência do próprio reflexo. A tampa do estojo era do vidro mais delicado, sem bolhas, e refletia uma imagem tão clara quanto um espelho, ainda que mais desbotada. Pedaços de seda verde-escura lhe cobriam o corpo de modo a revelar cada curva de seus seios, quadris e coxas. Tranças compridas cor de mel repletas de contas de jade emolduravam um rosto com grandes olhos castanhos e um beicinho carnudo. O brilho tênue de *saidar* não aparecia, claro. Disfarçada de maneira irreconhecível a si própria, ela caminhava quase com uma placa que indicava: "Aes Sedai".

— Eu *consigo* ser cuidadosa — resmungou ela. Ainda assim, aguentou mais um instante. O Poder que a preenchia era como vida borbulhando em seus membros, todos os prazeres que ela algum dia conhecera penetrando sua carne. Por fim sentiu-se tão boba que sua raiva foi consumida a ponto de permiti-la soltar o Poder. Ou talvez atenuada a ponto de ela não ser mais capaz de segurá-lo.

Qualquer que fosse a razão, aquilo não ajudava sua busca. O que ela estava procurando tinha de estar em algum lugar daquele imenso salão, entre aqueles expositores. Ela desviou os olhos do que pareciam os ossos de um lagarto cheio de dentes de dez passadas de comprimento, e então os fechou. Necessidade. Perigo para o Dragão

Renascido, para Rand. Necessidade.

Mudança.

Ela se viu parada do lado de dentro da corda branca de seda que contornava as paredes, com a base de um pedestal de pedra branca lhe tocando o vestido. O que havia em cima não parecia tão perigoso ao primeiro olhar — um colar e dois braceletes com juntas de metal negro — mas ela não podia chegar mais perto do que estava. *A não ser que eu me sente em cima*, ela pensou, com ironia.

Nynaeve esticou a mão para tocar os objetos — *Dor. Mágoa. Sofrimento.* — e deu um pulo para trás, arquejante, as emoções brutais ainda ecoando em seu pensamento. Até a mais leve dúvida esvaneceu. Era isso o que a Ajah Negra estava caçando. E, se o objeto ainda jazia sobre este pedestal em *Tel'aran'rhiod*, também estava ali no mundo desperto. Ela as havia derrotado. Aquele pedestal de pedra branca.

Com um giro, ela encarou o estojo de vidro que continha o lacre de *cuendillar* e localizou o ponto onde estivera parada da primeira vez em que vira Moghedien. A mulher estava encarando o mesmo pedestal, os braceletes e a coleira. Era claro que Moghedien sabia. Mas…

Tudo ao redor começou a girar e embaçar, desaparecendo.

— Acorde, Nynaeve — murmurou Elayne, abafando um bocejo enquanto sacudia os ombros da mulher adormecida. — Já deve ter passado uma hora. Quero dormir um pouco também. Acorde, senão vai ver como é bom ter a cabeça enfiada em um balde d'água.

Nynaeve arregalou os olhos e encarou a outra.

— Se ela sabe o que é, por que não entregou a elas? Se elas sabem quem *ela* é, por que é que ela tem de procurar o objeto em *Tel'aran'rhiod*? Será que ela também está se escondendo delas?

— Do que é que você está falando?

Com as tranças sacudindo enquanto ela se remexia para se sentar, com a cabeça encostada na cabeceira da cama, Nynaeve ajeitou a roupa de baixo com força.

— Vou contar do que é que estou falando.

O queixo de Elayne foi caindo à medida que Nynaeve revelava a história sobre o desenrolar de seu encontro com Egwene. Procurando com necessidade. Moghedien. Birgitte e Gaidal Cain. O colar e os braceletes de metal negro. Asmodean no Deserto. Um dos selos da prisão do Tenebroso no Palácio da Panarca. Elayne já estava afundada no canto do colchão, sem forças, bem antes que Nynaeve chegasse a Temaile e à Panarca, praticamente jogadas à trama como uma lembrança tardia. E a mudança de aparência, o disfarce de Rendra. Se o rosto de Nynaeve não estivesse tão sério e soturno, Elayne teria pensado que se tratava de alguma história maluca de Thom.

Egeanin, sentada de pernas cruzadas, vestida nas roupas de baixo de linho, as mãos nos joelhos, parecia bastante incrédula. Elayne esperou que Nynaeve não começasse uma briga porque ela havia soltado os pulsos da mulher.

Moghedien. Essa era a parte mais horrenda. Uma Abandonada em Tanchico. Uma Abandonada trançando o Poder em torno delas duas, fazendo-as revelar tudo. Elayne não conseguia se lembrar de nadica daquilo. O pensamento foi suficiente para fazê-la apertar o estômago com as duas mãos, subitamente enjoada.

— Eu não sei se Moghedien — *Luz, ela pôde mesmo simplesmente ter entrado e nos feito…?* — está se escondendo de Liandrin e das outras, Nynaeve. Pode ser, pelo que Birgitte — *Luz,* Birgitte *dando conselhos!* — disse a respeito dela.

— Seja lá o que Moghedien estiver aprontando — disse Nynaeve, em um tom rígido — pretendo deixar dela só os ossos. — Ela se apoiou contra a cabeceira da cama com entalhes de flores. — Em todo caso, precisamos manter esse selo bem longe delas, assim como o colar e os braceletes.

Elayne balançou a cabeça.

— Como é que umas joias podem representar perigo a Rand? Você tem certeza? Será que são algum tipo de *ter'angreal*? Como era exatamente o aspecto delas?

— Eram um colar e braceletes — vociferou Nynaeve, exasperada. — Dois braceletes articulados feitos de algum metal preto, e um colar largo, feito uma coleira preta… — Os olhos dela saltaram para Egeanin, porém não antes dos de Elayne.

Impassível, a mulher de cabelos escuros ajoelhou-se e sentou nos calcanhares.

— Nunca ouvi falar de um *a'dam* feito para um homem, nem de um parecido com o que você descreveu. Ninguém tenta controlar um homem capaz de canalizar.

— É exatamente para isso que aquilo serve — respondeu Elayne lentamente. *Ah, Luz, acho que eu tinha a esperança de que isso não existisse.* Pelo menos Nynaeve havia encontrado antes; pelo menos elas tinham a chance de impedir que aquilo fosse usado contra Rand.

Nynaeve apertou os olhos ao perceber as mãos livres de Egeanin, mas não disse nada.

— Moghedien deve ser a única que sabe. Do contrário, não faz nenhum sentido. Se encontrarmos um jeito de entrar no palácio, conseguimos pegar o selo e o… seja lá que nome tenha isso. E, se conseguirmos libertar Amathera também, Liandrin e as camaradas dela vão encontrar a Legião da Panarca, a Guarda Civil e talvez os Mantos-brancos fechando o cerco. Elas não vão conseguir escapar canalizando! O problema é a gente entrar sem que ninguém perceba.

— Eu andei tendo umas ideias em relação a isso — disse Elayne — mas receio que os homens vão nos criar alguns empecilhos.

— Deixe os homens comigo. — Nynaeve retrucou. — Eu… — Uma algazarra se ergueu no corredor, e um homem gritou; na mesma rapidez, o silêncio se abateu novamente. Thom estava de vigia do lado de fora.

Elayne deu um salto para abrir a porta, abraçando *saidar* ao sair em disparada, mas Nynaeve se arrastou da cama logo atrás dela. Egeanin também.

Thom estava se levantando, com uma das mãos na cabeça. Juilin, com seu bastão, e Bayle Domon, com seu porrete, se encontravam em cima de um homem de cabelos loiro-claros caído de cara no chão, inconsciente.

Elayne correu até Thom e tentou delicadamente ajudá-lo a se levantar. Ele retribuiu com um sorrido de gratidão, mas afastou as mãos da moça, de um jeito teimoso.

— Eu estou muito bem, criança. — Muito bem? O homem estava com um galo na cabeça! — O sujeito veio pelo corredor e de repente me deu um chute na cabeça. Estava atrás da minha bolsa, eu suponho. — Simples assim. Tinha levado um chute na cabeça e estava bem.

— E teria conseguido levar a bolsa — disse Juilin — se eu não tivesse vindo ver se Thom queria dar uma descansada.

— Se *eu* não tivesse — resmungou Domon. A hostilidade entre os dois parecia um pouco atenuada, para variar.

Elayne levou apenas um instante para perceber o motivo. Nynaeve e Egeanin estavam no corredor, de roupas de baixo. Juilin encarava as duas, com uma expressão de aprovação que teria causado problemas se Rendra visse, mas pelo menos o homem estava tentando não ser muito óbvio. Domon não se esforçou nem um pouco para disfarçar sua honesta avaliação de Egeanin, cruzando os braços e fazendo um nojento beicinho enquanto a olhava de cima a baixo.

A situação logo ficou clara para as outras mulheres, mas as três tiveram reações bastante diferentes. Nynaeve, vestida na fina seda branca, disparou ao caçador de ladrões um olhar irritadiço e saiu andando a passos firmes para o quarto, enfiando o rosto meio ruborizado de volta pela porta. Egeanin, cujo vestido de baixo de linho era consideravelmente mais comprido e grosso do que o de Nynaeve — Egeanin, que se mantivera fria e serena durante seu cativeiro, que lutara feito um Guardião — arregalou os olhos e corou furiosamente, prendendo a respiração, horrorizada. Elayne encarou, estupefata, quando a Seanchan soltou um ganido mortificado e *pulou* de volta para dentro.

Portas se abriram de repente, e as cabeças que despontaram no

corredor desapareceram no mesmo instante, fechando as portas atrás de si, diante da visão de um homem estirado no chão e outros parados de pé por cima dele. O som de algo pesado se arrastando sugeriu que o povo estava se protegendo do lado de dentro, com camas e armários.

Longos instantes depois, Egeanin enfim espreitou pelo lado oposto a Nynaeve, ainda vermelha até a raiz dos cabelos. Elayne realmente não compreendia. A mulher estava de roupas de baixo, verdade, mas quase tão coberta quanto Elayne no vestido de taraboniana. Ainda assim, Juilin e Domon não tinham o direito de cobiçá-la. Ela disparou aos dois um olhar severo que os poria imediatamente em seus devidos lugares.

Infelizmente, Domon estava muito ocupado dando risadinhas e esfregando o lábio superior para perceber. Pelo menos Juilin chegou a ver, mesmo soltando um suspiro pesado, como os homens faziam quando consideravam que estavam sendo injustiçados. Evitando os olhos dela, ele se inclinou para alcançar as costas do camarada louro. Um homem bastante bonito, esbelto.

— Eu conheço esse sujeito! — exclamou Juilin. — Esse é o homem que tentou me roubar. Ou pelo menos foi o que eu pensei — acrescentou, mais lentamente. — Não acredito em coincidências. Não, a menos que o Dragão Renascido esteja na cidade.

Elayne e Nynaeve trocaram olhares carrancudos. Sem dúvida o estranho não estava a serviço de Liandrin; a Ajah Negra não usaria homens para vigiar os corredores em segredo… assim como não contrataria brigões de rua. Elayne desviou o olhar para Egeanin, de forma indagativa. O de Nynaeve era ainda mais inquisidor.

— Ele é Seanchan — disse Egeanin, depois de um instante.

— Uma tentativa de resgate? — perguntou Nynaeve, em um murmúrio seco, mas a outra mulher balançou a cabeça.

— Não duvido que ele estivesse procurando por mim, só que não para me resgatar, eu acho. Se ele estiver sabendo, ou sequer suspeitar, que eu libertei Bethamin, ia querer vir… conversar comigo. — Elayne imaginou que fosse mais do que conversar, o que foi confirmado quando Egeanin acrescentou: — Talvez seja melhor se vocês o degolarem. Ele pode tentar causar problemas a vocês também, se considerar que são meus amigos ou se descobrir que vocês são Aes Sedai. — O grande contrabandista illianense disparou a ela um olhar chocado, e o queixo de Juilin quase desabou no peito. Thom, por outro lado, assentiu, de forma pensativa e perturbadora.

— Não estamos aqui para degolar nenhum Seanchan — disse Nynaeve, como se pudesse mudar de ideia mais tarde. — Bayle, Juilin, levem o homem lá para fora, para o beco atrás da estalagem. Quando ele acordar, vai ter sorte se ainda estiver com as roupas de baixo. Thom, vá encontrar Rendra e diga a ela que queremos um chá bem

forte na Câmara das Flores Caídas. E pergunte se ela tem casca de salgueiro ou acem; vou preparar alguma coisa para a sua cabeça. — Os três homens a encararam. — Ora, mexam-se! — vociferou ela. — Nós temos planos a fazer! — Ela mal deu a Elayne tempo de voltar para dentro antes de fechar a porta com um baque e começar a pôr o vestido pela cabeça. Egeanin se enfiou dentro das roupas como se os homens ainda a estivessem encarando.

— A melhor coisa é ignorar, Egeanin — disse Elayne. Era estranho dar conselhos a uma pessoa mais velha que Nynaeve. No entanto, por mais competente que a Seanchan fosse em outros aspectos, estava claro que ela sabia pouco sobre os homens. — Do contrário, você só vai encorajá-los. Eu não sei por quê — admitiu — mas é assim. Sua roupa estava bastante decente. De verdade.

A cabeça de Egeanin surgiu na parte de cima do vestido.

— Decente? Eu não sou uma serviçal. Não sou nenhuma dançarina de shea! — A carranca da mulher se transformou em um olhar de desagrado e perplexidade. — Na verdade, ele até que é bem bonito. Eu não tinha percebido isso antes.

Perguntando-se o que seria uma dançarina de shea, Elayne foi ajudá-la com os botões.

— Vai dar motivo para Rendra falar, se permitir que Juilin flerte com você.

A mulher de cabelos escuros disparou um olhar surpreso por cima do ombro.

— O caçador de ladrões? Eu estava falando de Bayle Domon. Um homem de porte muito adequado. Mas contrabandista. — Ela soltou um suspiro, lamentosa. — Um fora da lei.

Elayne supunha que gosto não se discutia — Nynaeve sem dúvida amava Lan, e o homem era intimidador e empedernido até demais — mas Bayle Domon? O sujeito parecia um armário, quase tão grande quanto um Ogier!

— Está parecendo Rendra com essa tagarelice, Elayne — vociferou Nynaeve. Com dificuldade, ela tentava fechar o vestido, as duas mãos nas costas. — Se já terminaram de falar abobrinhas sobre homens, talvez não se incomodem de pular o assunto da costureira nova que vocês encontraram? Temos planos a fazer. Se esperarmos até estarmos com os homens, eles vão tentar assumir o controle, e eu não estou com a menor vontade de perder tempo colocando aqueles lá em seus devidos lugares. Já terminou com ela? Também estou precisando de ajuda aqui.

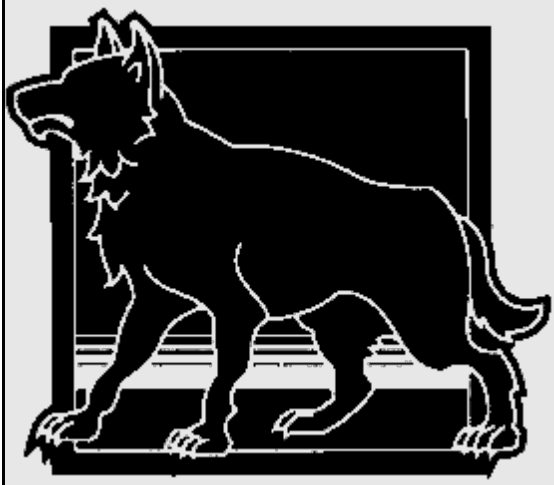
Elayne fechou depressa o último botãozinho de Egeanin, depois foi calmamente até Nynaeve. Ela *não* ficava falando sobre homens e vestidos. Nem *perto* de quanto Rendra falava. Afastando as tranças,

Nynaeve lhe disparou uma carranca quando ela puxou com força o vestido para abotoá-lo. A fileira tripla e estreita de botões que subia pelas costas era necessária, não um simples ornamento. Nynaeve *realmente* deixava Rendra convencê-la a usar os corpetes mais apertados, que estavam na moda. E depois dizia que *os outros* passavam o tempo todo pensando em roupas. *Ela* certamente pensava em outras coisas.

— Andei pensando em como podemos entrar no palácio sem ser notadas, Nynaeve. Podemos ficar quase invisíveis.

Enquanto ela falava, a carranca de Nynaeve se suavizou. A própria Nynaeve havia imaginado um meio de entrar no palácio. Quando Egeanin deu algumas sugestões, Nynaeve apertou os lábios, mas as ideias eram sensatas, e nem ela foi capaz de rejeitá-las por completo. Ao terminarem de se aprontar para descer até a Câmara das Flores Caídas, as três já haviam combinado um plano e não tinham a menor intenção de deixar os homens mudarem absolutamente nada. Fosse Moghedien, a Ajah Negra, ou quem quer que estivesse comandando as coisas no Palácio da Panarca, iria perder o prêmio antes mesmo de saber o que havia acontecido.

53



O preço de uma partida

Apenas três velas e dois lampiões iluminavam o salão da estalagem Fonte de Vinho, já que o estoque de velas e de óleo estava baixo. As lanças e outras armas tinham sumido das paredes, e o barril que continha espadas antigas estava vazio. Os lampiões estavam dispostos em duas das mesas empurradas juntas para a frente da comprida lareira de pedra, onde Marin al'Vere, Daise Congar e outras integrantes do Círculo das Mulheres repassavam listas da pouca comida que restava em Campo de Emond. Perrin tentava não ouvir.

Em outra mesa, a pedra de amolar de Faile produzia um som baixinho de *vush-vush* enquanto a mulher afiava uma de suas facas. Diante dela havia um arco, e uma aljava de cerdas pendia do cinto. Ela acabara revelando ter uma mira bastante boa, mas Perrin esperava que Faile jamais descobrisse que o arco era infantil. Ela não seria capaz de empunhar um arco longo masculino de Dois Rios, por mais que se recusasse a admitir.

Mudando o machado de posição para não machucar a lateral do corpo, Perrin voltou a atenção ao que estava debatendo com os homens ao redor da mesa. Não que todos estivessem mantendo a atenção onde deveriam.

— Elas têm lampiões — resmungou Cenn — e a gente tem que se virar com cera derretida. — O velho resmungão cravou os olhos no par de velas em candelabros de latão.

— Deixe para lá, Cenn — respondeu Tam, em um tom cansado, puxando o cachimbo e a bolsa de tabaco de trás do cinturão. — Deixe para lá uma vez na vida.

— Se tivéssemos que ler ou escrever — completou Abell, com a voz menos paciente do que as palavras — teríamos lampiões. — Uma atadura estava enrolada em suas têmporas.

Como se para lembrar ao telhador de que ele era o Prefeito, Bran ajustou o medalhão de prata com duas graduações pendurado no peitoral largo.

— Atenha-se ao assunto em pauta, Cenn. Não vou dar corda para você gastar o tempo de Perrin.

— Eu só acho que a gente deveria ter lampiões — reclamou Cenn. — Perrin me diria se eu estivesse gastando o tempo dele.

Perrin suspirou. A noite tentava fechar suas pálpebras. Desejou que fosse a vez de outra pessoa representar o Conselho da Aldeia, Haral Luhhan, Jon Thane, Samel Crawe ou qualquer um que não Cenn, com aquelas reclamações sem importância. Por outro lado, às vezes desejava que um daqueles homens virasse para ele e dissesse: "*Isso é assunto para o Prefeito e o Conselho, rapazinho. Você faça o favor de voltar para a forja. Depois lhe diremos o que fazer.*" Em vez disso, os homens estavam preocupados com fazê-lo perder tempo, falavam cheios de dedos. Tempo. Quantos ataques aconteceram nos sete dias que se passaram desde aquele primeiro? Já não tinha certeza.

A atadura na cabeça de Abell deixava Perrin irritado. As Aes Sedai estavam Curando apenas os ferimentos mais graves. Caso o sujeito conseguisse sobreviver sem Cura, deixavam como estava. Não que ainda houvesse muita gente gravemente ferida, mas, como observara Verin, com amargura, até a força das Aes Sedai tinha limite. Ao que parecia, o truque com as pedras das catapultas exigira tanto quanto a Cura. Para variar, ele não queria ser lembrado dos limites da força das Aes Sedai. Não havia muitos com ferimentos feios. Ainda.

— Como estamos com as flechas? — perguntou. Era nisso que deveria estar pensando.

— Bastante bem — respondeu Tam, acendendo o cachimbo com uma das velas. — Ainda recuperamos a maior parte das que disparamos, pelo menos à luz do dia. À noite, eles arrastam muitos mortos para longe. Imagino que sirvam de forragem para as panelas… Com isso, acabamos perdendo as flechas.

Os outros homens também puxavam cachimbos e tabaco das bolsas e bolsos dos casacos, e Cenn murmurava que achava que tinha esquecido a bolsa. Resmungando, Bran passou a dele adiante, a cabeça careca reluzindo à luz das velas.

Perrin coçou a testa. O que pretendia perguntar em seguida? As estacas. Agora havia luta nas estacas na maioria dos ataques, sobretudo à noite. Quantas vezes os Trollocs quase invadiram? Três? Quatro?

— Alguém ainda tem lança ou algum tipo de arma de haste? O

que sobrou para fabricar mais? — A resposta foi silêncio, e ele baixou a mão. Os outros homens o encaravam.

— Você perguntou isso ontem — respondeu Abell, com delicadeza. — E Haral explicou que não tem mais nenhuma foice ou ancinho na aldeia que não tenha sido transformado em arma. Na verdade, temos mais armas do que mãos.

— Sim. É claro. Só me fugiu da cabeça.

Um pedacinho da conversa do Círculo das Mulheres chamou sua atenção.

— … não é para deixar os homens ficarem sabendo — dizia Marin, baixinho, como se repetisse um aviso proferido antes.

— Claro que não — Daise resfolegou, porém não muito mais alto. — Se os bobos descobrirem que as mulheres estão sobrevivendo com meias-porções, vão insistir em comer o mesmo, e não podemos…

Perrin fechou os olhos e tentou ignorar o que ouvia. Claro. Os homens lutavam. Precisavam manter a força. Simples. Pelo menos por enquanto, nenhuma das mulheres tivera que lutar. Exceto as duas Aiel, naturalmente, e Faile, mas ela era esperta o bastante para manter distância quando se tratava de empurrar lanças por entre as estacas. Fora por esse motivo que Perrin dera o arco a ela. Faile tinha o coração de um leopardo e mais coragem do que dois homens juntos.

— Acho que está na hora de você se deitar, Perrin — sugeriu Bran. — Não pode continuar desse jeito, dormindo uma hora aqui, outra ali.

Perrin esfregou a barba com força, tentando parecer alerta.

— Mais tarde eu durmo. — Quando tudo acabasse. — Os homens estão dormindo o suficiente? Vi alguns sentados enquanto deveriam estar…

A porta da frente se abriu com um baque e Dannil Lewin adentrou pela noite, de arco na mão, todo agitado. Usava uma das espadas do barril na cintura. Tam dava algumas aulas, quando havia tempo, e às vezes algum dos Guardiões fazia o mesmo.

Antes que Dannil pudesse abrir a boca, Daise falou, irritada:

— Você foi criado em um celeiro, Dannil Lewin?

— Sei que tem condições de tratar minha porta com um pouco mais de gentileza. — Marin dividiu o olhar expressivo entre o homem magricela e Daise, em uma lembrança de que a porta era *dela*.

Dannil baixou a cabeça e pigarreou.

— Me desculpe, Senhora al'Vere — pediu, mais do que depressa. — Me desculpe, Sabedoria. Me desculpem por entrar desse jeito, mas tenho um recado para Perrin. — Ele correu até a mesa de homens, como se estivesse com medo de que as mulheres fossem impedi-lo outra vez. — Os Mantos-brancos trouxeram um sujeito que quer falar com você, Perrin. Não aceita falar com mais ninguém. Está

muito ferido. E só o trouxeram até o limite da aldeia. Acho que ele não tem condições de vir até a estalagem.

Perrin se levantou com esforço.

— Estou indo. — Nenhum outro ataque, ao menos. Eram piores à noite.

Faile agarrou o arco e juntou-se a Perrin antes que ele chegasse à porta. Aram permaneceu de pé, hesitante, em meio às sombras, no pé das escadas. Às vezes, Perrin se esquecia de que o homem estava lá, de tão quieto que ele ficava. Parecia estranho com aquela espada presa às costas por sobre o casaco encardido de latoeiro, listrado de amarelo, com olhos muito vivazes, quase sem piscar, e o rosto inexpressivo. Nem Raen nem Ila haviam falado com o neto desde o dia em que ele apanhara a espada. Nem com Perrin.

— Se for para vir, venha — disse, de modo grosseiro, e Aram disparou atrás dele.

O homem o seguia feito um sabujo toda vez que não estava atazanando Tam, Ihvon ou Tomas para ensiná-lo a usar a espada. Era como se tivesse substituído seu povo e sua família por Perrin. O rapaz dispensaria essa responsabilidade se pudesse, mas lá estava o latoeiro.

O luar brilhava nos telhados de palha. Poucas casas tinham mais de uma janela iluminada. A quietude dominava a aldeia. Cerca de trinta Companheiros montavam guarda do lado de fora da estalagem, de arcos nas mãos, e o mesmo número portava as espadas que puderam encontrar. Todos haviam adotado o nome, e, para seu próprio desgosto, Perrin também se surpreendia usando-o. A razão para os guardas na estalagem, ou onde Perrin estivesse, estava no campo comunitário, já não tão apinhado de ovelhas e vacas. Algumas fogueiras subiam pelas margens do Fonte de Vinho, para além de onde aquele estandarte idiota com a cabeça do lobo jazia pendurado, imóvel. Círculos de luz no meio da escuridão, nos quais mantos claros reluziam ao luar.

Ninguém queria Mantos-brancos em suas casas, já abarrotadas, e, de todo modo, Bornhald não queria dividir seus soldados. O homem parecia pensar que a aldeia se voltaria contra ele e os Filhos a qualquer momento. Se o povo estava com Perrin, decerto eram Amigos das Trevas. Nem os olhos de Perrin conseguiram distinguir os rostos em torno das fogueiras, mas ele achou que sentia o olhar fixo de Bornhald, cheio de ódio e expectativa.

Dannil aprontou dez Companheiros para escoltar Perrin, jovens rapazes que deveriam estar rindo e bebendo com ele, todos com arcos prontos para defendê-lo. Aram não se juntou ao grupo liderado por Dannil no caminho pela rua escura de terra batida. O rapaz estava com Perrin, mais ninguém. Faile permanecia rígida ao lado do namorado, os olhos escuros cintilando ao luar, esquadrinhando os

arredores como se *ela* fosse sua única proteção.

No ponto onde a Estrada Velha adentrava Campo de Emond, os carroções que formavam o bloqueio haviam sido afastados para permitir a entrada da patrulha dos Filhos da Luz, vinte homens vestidos em mantos brancos feito neve, portando lanças, sentados sobre os cavalos em armaduras reluzentes, não menos impacientes do que as montarias, que batiam os cascos no chão. Eles se destacavam no meio da noite, e a maioria dos Trollocs enxergava tão bem no escuro quanto Perrin, mas os Mantos-brancos insistiam nas patrulhas. Às vezes, os batedores traziam avisos, e talvez seu assédio deixasse os Trollocs um pouco atordoados. Ainda assim, seria bom ficar sabendo o que os Filhos estavam fazendo antes que fosse tarde demais.

Um grupo de aldeões e fazendeiros vestindo partes de armaduras antigas e capacetes enferrujados estava aglomerado ao redor de um homem estirado na estrada, com casaco de fazendeiro. Eles abriram caminho para Faile e Perrin, que foi se ajoelhar ao lado do homem.

O cheiro de sangue era forte. O suor brilhava no rosto do homem sob o vago reflexo da lua. A flecha de um Trolloc, da espessura de um polegar e parecida com uma pequena lança, jazia cravada em seu peito.

— Perrin… Olhos-Dourados — murmurou o homem, rouco, com dificuldade de respirar. — Preciso… falar… com Perrin… Olhos-Dourados.

— Alguém já foi chamar uma Aes Sedai? — inquiriu Perrin, erguendo o homem com a maior delicadeza possível, sustentando sua cabeça. Não escutou resposta. Não achava que o sujeito aguentaria até a chegada de uma Aes Sedai. — Eu sou Perrin.

— Olhos-Dourados? Eu… não estou… enxergando… muito bem.

Os olhos do homem, frenéticos e arregalados, estavam fixos no rosto de Perrin. Se pudesse enxergar qualquer coisa que fosse, o sujeito veria seus olhos dourados reluzindo na escuridão.

— Eu sou Perrin Olhos-Dourados — respondeu o rapaz, relutante.

O homem agarrou a gola de sua camisa e puxou o rosto para mais perto com uma força surpreendente.

— Nós estamos… vindo. Vim… avisar você. Estamos vin…

A cabeça do homem desabou para trás, os olhos fixos encarando o nada.

— Que a Luz acompanhe sua alma — murmurou Faile, guardando o arco nas costas.

Depois de um instante Perrin soltou com dificuldade os dedos do homem.

— Alguém o conhece? — Os homens de Dois Rios se entreolharam e fizeram que não com a cabeça. Perrin olhou para cima, para os Mantos-brancos montando em seus cavalos. — Ele disse

mais alguma coisa enquanto vocês o traziam? Onde o encontraram?

Jaret Byar olhou para baixo e encarou Perrin. Tinha o rosto encovado e olhos fundos, a imagem da morte. Os outros Mantos-brancos desviavam o olhar, mas Byar sempre encarava seus olhos amarelos de frente, sobretudo à noite, quando eles reluziam. Byar grunhiu entre dentes — Perrin ouviu "Criatura da Sombra!" — e cravou as botas nos flancos do cavalo. A patrulha galopou para dentro da aldeia, tão ávida em se afastar de Perrin quanto dos Trollocs. Aram encarou o bando, inexpressivo, com uma das mãos sobre o ombro, tocando o punho da espada.

— Eles disseram que o encontraram três ou quatro milhas ao sul. — Dannil hesitou, então acrescentou: — Estão dizendo que os Trollocs estão dispersos em pequenos bandos, Perrin. Talvez finalmente estejam desistindo.

Perrin deitou o estranho de volta no chão. *Estamos vindo.*

— Fiquem de olho. Talvez alguma família ainda agarrada à fazenda esteja chegando. — Não acreditava que alguém pudesse ter sobrevivido lá fora por tanto tempo, mas talvez fosse isso. — Não atirem contra ninguém por engano. — Ele se levantou, cambaleante, e Faile pousou a mão em seu ombro.

— Você já devia estar na cama, Perrin. Alguma hora você tem que dormir.

O rapaz apenas a encarou. Devia tê-la obrigado a ficar em Tear. Devia ter dado um jeito. Se tivesse pensado direito, teria conseguido.

Um dos mensageiros, um garoto de cabelos enrolados, na altura do peito, passou deslizando pelos homens de Dois Rios e foi puxar a manga da camisa de Perrin. Ele não o conhecia. Muitas famílias tinham vindo do interior.

— Tem algo se mexendo na Floresta do Oeste, Lorde Perrin. Eles me mandaram para avisar o senhor.

— Não me chame assim — retrucou Perrin, com rispidez. Se não refreasse as crianças, logo os Companheiros também começariam a usar o termo. — Vá dizer a eles que estou indo. — O garoto saiu em disparada.

— O seu lugar é na cama — informou Faile, com a voz firme. — Tomas consegue muito bem dar conta de qualquer ataque.

— Não é um ataque, senão o garoto teria falado, e alguém estaria soando o clarim de Cenn.

Ela se pendurou no braço dele, tentando puxá-lo em direção à estalagem, por isso foi arrastada junto quando ele saiu andando para o lado oposto. Depois de alguns minutos de tentativa inútil, Faile desistiu e fingiu que estivera o tempo todo apenas segurando o braço do rapaz. Mas resmungava sozinha. Ao que parecia, ainda achava que ele não ouviria se ela falasse bem baixinho. Começou com "idiota",

“cabeça de mula” e “descerebrado”, então as ofensas foram aumentando. Era quase uma pequena procissão: Faile resmungando, Aram em sua cola, e os dez Companheiros a rodeá-lo feito uma guarda de honra. Se não estivesse tão cansado, Perrin estaria se sentindo um verdadeiro idiota.

Havia guardas espalhados em pequenos grupos por toda a extensão da cerca de estacas pontudas, perscrutando a noite, cada um fazendo um garoto de mensageiro. Na extremidade a oeste da aldeia, os homens em guarda estavam reunidos do lado de dentro da extensa barreira, tocando os arcos e lanças enquanto espiavam a Floresta do Oeste. Mesmo sob o luar, as árvores eram um negrume total a seus olhos.

A capa de Tomas parecia fazer certas partes de seu corpo desaparecerem em meio à noite. Bain e Chiad estavam com ele. Por alguma razão, as duas Donzelas passaram todas as noites naquela extremidade de Campo de Emond desde a partida de Loial e Gaul.

— Eu não teria mandado incomodar você — começou o Guardião, dirigindo-se a Perrin — mas parece que só tem uma criatura aí fora, e achei que você talvez pudesse…

Perrin assentiu. Todos sabiam sobre sua visão, que era ainda melhor à noite. O povo de Dois Rios parecia pensar que era algo muito especial, algo que o identificava como um herói idiota. E ele não fazia ideia do que os Guardiões pensavam, ou as Aes Sedai. Estava cansado demais, aquela noite, para se importar. Sete dias, e quantos ataques?

A fronteira da Floresta do Oeste ficava a quinhentas passadas de distância. Mesmo aos olhos dele, as árvores pareciam muito juntas em meio às sombras. Algo se movia. Algo grande o bastante para ser um Trolloc. Uma imensa forma carregando… A carga ergueu um braço. Um ser humano. Uma imensa sombra carregando um ser humano.

— Não vamos atirar! — gritou. Queria gargalhar. Na verdade, percebeu que estava gargalhando. — Venha! Venha, Loial!

A silhueta indistinta moveu-se para frente mais rápido do que um homem era capaz de correr, transformando-se no Ogier, disparando em direção à aldeia com Gaul nos braços.

Homens de Dois Rios gritavam palavras de encorajamento, como se fosse uma corrida.

— Corra, Ogier! Corra! Corra!

Talvez fosse uma corrida: mais de um ataque viera daquela mata.

Próximo às estacas, Loial reduziu o passo e deu uma guinada. Virou-se de lado. Mal havia espaço para que suas pernas grossas ultrapassassem a barreira. Uma vez dentro do perímetro da aldeia, soltou o Aiel e desabou no chão, recostando-se na cerca, sem fôlego, as orelhas peludas caídas de cansaço. Gaul foi mancando até conseguir se sentar, com Bain e Chiad examinando sua coxa esquerda, onde a

calça estava rasgada e preta por causa do sangue seco. Ele tinha apenas duas lanças, e a aljava aberta estava vazia. O machado de Loial também sumira.

— Seu Ogier tolo — disse Perrin, com uma risada afetuosa. — Saindo daquele jeito. Vou deixar Daise Congar dar umas varadas em você, seu fugitivo. Pelo menos está vivo. Pelo menos está de volta. — Com isso, ele se calou.

Vivo. E de volta em Campo de Emond.

— Nós conseguimos, Perrin — disse Loial, ofegante, soando como o ribombar de um tambor cansado. — Há quatro dias. Fechamos o Portal dos Caminhos. Agora só os Anciões ou uma Aes Sedai conseguiriam abri-lo outra vez.

— Ele me carregou por quase todo o caminho desde as montanhas — comentou Gaul. — Um Mensageiro da Noite e talvez uns cinquenta Trollocs nos perseguiram pelos primeiros três dias, mas Loial conseguiu deixar todos para trás.

O Aiel tentava afastar as Donzelas, sem sucesso.

— Fique quieto, Shaarad — vociferou Chiad — ou vou falar que encostei em você armada e deixar você decidir como fica a sua honra.

Faile soltou uma gargalhada. Perrin não entendeu, mas a observação reduziu o Aiel imperturbável a um homem tartamudo. Ele deixou as Donzelas cuidarem de sua perna.

— Está tudo bem, Loial? — perguntou Perrin. — Você está ferido?

O Ogier se levantou com esforço visível e, por um instante, bamboleou feito uma árvore prestes a desabar. As orelhas ainda pendiam, flácidas.

— Não, Perrin, não estou ferido. Só cansado. Não se preocupe comigo. Passei tempo demais longe do *pouso*. Visitar não é o suficiente. — Ele balançou a cabeça como se seus pensamentos tivessem começado a vagar. A mão imensa engolfou o ombro de Perrin. — Vou ficar bem depois de dormir um pouquinho. — Ele baixou a voz. Isso é, para um Ogier, já que ainda parecia o zunido de uma abelha imensa. — Está muito ruim por lá, Perrin. Seguimos os últimos bandos na volta, na maior parte do tempo. Trancamos o portal, mas acho que já deve haver centenas de Trollocs em Dois Rios, e talvez uns cinquenta Myrddraal.

— Nem tanto — anunciou Luc, em voz alta. Ele subira a galope, beirando as casas, vindo da direção da Estrada do Norte. Puxou as rédeas do garanhão preto, fazendo-o empinar de repente e parar, batendo os cascos dianteiros no chão. — Sem dúvida o senhor tem muito talento para cantar para as árvores, Ogier, mas combater Trollocs é bem diferente. Estimo que agora sejam menos de mil. Uma força formidável, sem sobra de dúvida, mas nada que essas defesas

robustas e os homens valentes não sejam capazes de manter encurralados. Mais um troféu para o senhor, Lorde Perrin Olhos-Dourados. — Com uma risada, ele atirou um saco de tecido saliente para Perrin. A parte de baixo refletia um brilho molhado ao luar.

Perrin agarrou o saco em pleno ar e atirou-o bem para longe das estacas, apesar do peso. Quatro ou cinco cabeças de Trolloc, não restava dúvida, e talvez a de um Myrddraal. O homem trazia troféus todas as noites, decerto na esperança de que fossem exibidos para o povo contemplar. Um bando dos Coplins e Congars ofereceram uma festa na noite em que Luc chegou com as cabeças de um par de Desvanecidos.

— E eu, também não entendo nada de luta? — inquiriu Gaul, levantando-se com dificuldade. — *Eu* estou dizendo que há muitos milhares.

Luc exibiu os dentes brancos em um sorriso.

— Quantos dias você passou na Praga, Aiel? Eu já passei muitos. — Talvez fosse mais um rosnado do que um sorriso. — Muitos. Acredite no que quiser, Olhos-Dourados. Os dias sem fim trarão o que for, como sempre foi.

Ele fez o garanhão empinar outra vez, então deu um giro e saiu galopando por entre as casas e árvores que um dia haviam sido a margem da Floresta do Oeste. Os homens de Dois Rios se remexiam, inquietos, encarando o homem ou a noite.

— Ele está errado — disse Loial. — Gaul e eu sabemos o que vimos.

O Ogier vergou o rosto cansado, a boca enorme caída, as compridas sobrancelhas desabando por cima das bochechas. Não era de se admirar, posto que Loial carregara Gaul por três ou quatro dias.

— Você já fez muito, Loial — disse Perrin — tanto você quanto Gaul. Muito. Receio que o seu quarto esteja abarrotado com meia dúzia de latoeiros, mas a Senhora al'Vere vai preparar um catre para você. Está na hora de dormir um pouco, como você estava querendo.

— E você também, Perrin Aybara. — As nuvens ligeiras faziam as sombras brincarem no nariz acentuado e nas maçãs do rosto proeminentes de Faile. Ela era tão bonita. Mas sua voz estava dura feito a cama de um carroção. — Se não for agora, vou pôr Loial para carregar você. Você mal se aguenta em pé.

Gaul estava com dificuldade de caminhar com a perna ferida. Bain o apoiava de um dos lados. Ele tentou impedir que Chiad o sustentasse do outro, mas a mulher murmurou algo que soou feito "*gai'shain*", em um tom intimidador. Bain soltou uma risada, e o Aiel permitiu que as duas o ajudassem, grunhindo baixinho, cheio de raiva. Fosse lá o que as Donzelas estivessem falando, Gaul fora obrigado a engolir.

Tomas bateu no ombro de Perrin.

— Vá, homem. Todo mundo precisa dormir.

O próprio Tomas parecia estar acordado havia bem mais que três dias.

Perrin assentiu.

Deixou que Faile o conduzisse de volta à estalagem Fonte de Vinho, com Loial e os Aiel atrás, além de Aram, Dannil e os dez Companheiros a rodeá-lo. Não soube ao certo em que momento os outros o deixaram, mas Faile e ele acabaram sozinhos em seu quarto, no segundo andar da estalagem.

— Tem famílias inteiras se ajeitando em espaços menores que esse — murmurou. Uma vela queimava sobre a cornija de pedra da pequena lareira. Os outros se viravam sem vela, mas Marin acendia uma ali assim que a noite caía, para que ele não se incomodasse em pedir. — Eu posso dormir lá fora com Dannil, Ban e os outros.

— Não seja idiota — retrucou Faile, com um tom afetuoso. — Se Alanna e Verin têm quartos próprios, você também tem que ter o seu.

Percebeu que a namorada tirara seu casaco e estava desamarrando os laços da camisa.

— Eu não estou tão cansado a ponto de não conseguir tirar a roupa.

Gentilmente, Perrin a empurrou para fora.

— É para tirar tudo — ordenou Faile. — Tudo, está me ouvindo? Não tem como dormir direito todo vestido, do jeito que você acha que dá para fazer.

— Vou tirar — prometeu Perrin.

Quando fechou a porta, ele ao menos arrancou as botas antes de apagar a vela e se deitar. Marin não gostaria de botas sujas em cima da coberta.

Milhares, tinham dito Gaul e Loial. Ainda assim, o quanto eles dois teriam sido capazes de enxergar, percorrendo as montanhas escondidos e correndo no caminho de volta? Talvez no máximo mil, alegava Luc, mas Perrin não conseguia confiar nele, apesar de todos os troféus que o homem trazia. Espalhados, segundo os Mantos-brancos. O quanto teriam se aproximado, com as capas e armaduras reluzindo feito lanternas na escuridão?

Talvez houvesse um meio de saber por si mesmo. Evitara o sonho de lobo desde a última visita. O desejo de caçar o tal Matador reaparecia toda vez que ele pensava em retornar, e suas responsabilidades estavam ali, em Campo de Emond. Mas agora, quem sabe… o sonho o envolveu enquanto ele ainda considerava a ideia.

Estava no campo comunitário, banhado pelo sol da tarde já baixo no céu, com algumas nuvens brancas suspensas. Não havia gado ou

ovelha ao redor da estaca comprida onde uma brisa fazia tremular o estandarte vermelho com a cabeça de lobo, mas uma mosca-azul passou zunindo diante de seu rosto. Não havia vivalma entre as casas de sapê. Pequenas pilhas de madeira seca por cima de cinzas marcavam as fogueiras dos Mantos-brancos. Quase nunca via qualquer coisa queimando no sonho de lobo, apenas o que estava prestes a queimar ou já enegrecido. Nenhum corvo no céu.

Enquanto procurava os pássaros, um pedaço do céu escureceu, tornando-se uma janela para algo mais. Egwene estava parada entre um grupo de mulheres, os olhos cheios de medo. Bem devagar, as mulheres se ajoelharam à volta dela. Nynaeve estava entre elas, e Perrin achou que tinha visto os cabelos louro-avermelhados de Elayne. A janela sumiu e foi substituída. Mat apareceu, nu e amarrado, rosnando. Uma estranha lança de cabo preto estava presa às suas costas, e um medalhão de prata com a cabeça de uma raposa jazia pendurado em seu peito. O amigo desapareceu, e surgiu Rand. Perrin achou que era Rand. Vestia trapos e um manto tosco, e uma atadura cobria seus olhos. A terceira janela sumiu. O céu era apenas o céu, vazio, exceto pelas nuvens.

Perrin estremeceu. As visões dos sonhos de lobo nunca pareciam ter relação com nada que ele soubesse que estava acontecendo. Talvez ali, onde tudo podia mudar com tanta facilidade, sua preocupação com os amigos se transformasse em algo que ele podia ser. Fosse o que fosse, estava perdendo tempo em se afligir com aquilo.

Não ficou surpreso em descobrir que usava um colete comprido de ferreiro, de couro, sem camisa por baixo. Mas, ao levar a mão ao cinto, encontrou o martelo, não o machado. Franzindo o cenho, concentrou-se na lâmina comprida em meia-lua e na ponteira grossa. Era do que precisava. O que ele era. O martelo foi mudando aos poucos, mas, quando o machado enfim surgiu, pendendo no passante grosso do cinto, emanava um brilho perigoso. Por que tanta luta? Perrin sabia o que queria. Uma aljava cheia apareceu do outro lado da cintura, um arco longo na mão, um braçal de couro no antebraço esquerdo.

Três passos bem ligeiros, fazendo a terra passar feito um borrão, o levaram aonde supostamente ficavam os campos de Trollocs mais próximos, a três milhas da aldeia. O último passo o deixou no meio de quase uma dúzia de pilhas altas de madeira, que jaziam sobre cinzas antigas de cevada pisoteada, os troncos misturados a cadeiras quebradas, pernas de mesa e até a porta de uma casa de fazenda. Imensos caldeirões de ferro negro pareciam prontos para ser pendurados sobre as fogueiras. Caldeirões vazios, naturalmente, embora ele soubesse o que seria picado dentro deles, o que seria cravado nos robustos espetos de ferro e estirado por sobre uma das

fogueiras. A quantos Trollocs aquelas fogueiras serviriam? Não havia tendas, e os cobertores espalhados pelos cantos, imundos e fedendo a suor velho e acre de Trolloc, não fornecia pistas. Muitos dormiam feito animais, no chão, e às vezes até cavavam buracos na terra para se deitar.

Em passos menores, que cobriam menos de cem passadas, fazendo a terra parecer apenas um pouco nebulosa, Perrin circundou Campo de Emond de fazenda em fazenda. Passou por pastos, campos de cevada e fileiras de tabaco. Percorreu bosques de árvores isoladas atrás de rastros de carroções e pegadas, encontrando cada vez mais grupos de fogueiras de Trollocs à espreita enquanto se movia em espiral para fora da aldeia. Muitas fogueiras. Centenas. Aquilo só podia significar muitos milhares de Trollocs. Cinco mil, ou dez, ou o dobro… Não faria muita diferença para Campo de Emond, se todos chegassem ao mesmo tempo.

Mais adiante, ao sul, os sinais de Trollocs desapareceram. Ao menos, os sinais de sua presença imediata. Poucas casas de fazenda e celeiros não haviam sido incendiados. Campos isolados de restolho chamuscado se estendiam onde a cevada ou o tabaco haviam sido queimados, enquanto em outros, grandes faixas de colheita tinham sido pisoteadas. Não havia razão para aquilo além do prazer de destruir. O povo já não estava por ali havia muito, quando tudo aquilo fora feito. Em dado momento, Perrin aterrissou entre enormes trechos de terra coberta de cinzas, as rodas de algum carroção ainda exibindo toques de cores vivas aqui e ali. O local da destruição da caravana dos Tuatha'an lhe trouxe ainda mais pesar do que as casas de fazenda. Deveria ter havido uma chance para o Caminho da Folha. Mas não ali. Sem se permitir olhar, saltou uma milha ou mais em direção ao sul.

Por fim, chegou a Trilha de Deven, com fileiras de casas de telhado de palha rodeando um campo e um laguinho abastecido por uma nascente cercada de pedras, o excedente esguichando de aberturas muito gastas, maiores do que quando tinham sido criadas. A estalagem na beira do campo, Ganso e Gaita, também tinha telhado de palha, mas era um pouco maior do que a Fonte de Vinho, embora Trilha de Deven sem dúvida recebesse menos visitantes que Campo de Emond. A aldeia decerto não era maior. Carros e carroções perto de todas as casas indicavam que os fazendeiros haviam fugido para lá com suas famílias. Outros carroções bloqueavam as ruas e os espaços entre as casas por todo o caminho ao longo das divisas da aldeia. As precauções não teriam sido o bastante para impedir sequer um dos ataques feitos a Campo de Emond nos últimos sete dias.

Dando três voltas ao redor da aldeia, Perrin encontrou apenas meia dúzia de acampamentos de Trollocs. O bastante para manter o povo dentro das casas. Encurralá-los até acabarem com Campo de

Emond. Então os Trollocs poderiam lançar-se sobre Trilha de Deven ao bel prazer dos Desvanecidos. Talvez pudesse arranjar uma forma de avisar os aldeões. Se eles fugissem para o sul, talvez encontrassem caminho pelo Rio Branco. Quem sabe tentar cruzar a Floresta das Sombras abaixo do rio, onde não havia como deixar rastro, fosse melhor do que esperar a morte.

O sol dourado não se movera uma polegada sequer. O tempo ali passava diferente.

Perrin correu para o norte o mais rápido que podia, e passou feito um borrão por Campo de Emond. Em Colina da Vigília, uma vila redonda e proeminente, carroções e carros também margeavam as casas, tal e qual em Trilha de Deven. Um estandarte tremulava preguiçosamente ao sabor da brisa, em um mastro comprido diante da estalagem Javali Branco, no topo da colina. Uma águia vermelha voando por um campo azul. A Águia Vermelha fora o símbolo de Manetheren. Talvez Alanna ou Verin tivessem contado histórias antigas quando estiveram lá.

Ali, também, encontrou alguns acampamentos de Trollocs. O suficiente para acuar os aldeões. De lá havia uma saída mais fácil do que tentar cruzar o Rio Branco, com sua infindável estirada de corredeiras.

Correu rumo ao norte, para a Barca do Taren, na ribanceira do Tarendrelle, que ele crescera chamando de Rio Taren. As casas eram altas e estreitas, construí das sobre fundações de pedra para escapar da cheia anual do Taren, quando a neve derretia nas Montanhas da Névoa. Quase metade dessas fundações sustentava apenas pilhas de cinzas e vigas chamuscadas sob aquela luz permanente da tarde. Não havia carroções ali, nem qualquer sinal de defesa. Nem acampamentos de Trollocs que ele pudesse ver. Talvez não tivesse sobrado ninguém na vila.

Na beirada da água havia um deque robusto de madeira, com uma corda pesada caída no rio ligeiro. A corda corria pelos aros de ferro de uma barcaça de soalho plano acomodada no deque. A barca ainda estava ali, ainda utilizável.

Um salto o levou para o outro lado do rio, onde sulcos de rodas marcavam a margem e objetos domésticos jaziam pelo chão. Cadeiras e espelhos, baús, até algumas mesas e um guarda-roupas polido com entalhes de pássaros nas portas, todas as coisas que o povo desesperado tentara salvar, depois abandonara para poder avançar mais depressa. Todos deviam estar espalhando a notícia do que acontecera ali, do que estava acontecendo em Dois Rios. Àquela altura, alguns já deviam ter chegado a Baerlon, umas cem milhas ou mais ao norte, e sem dúvida às fazendas e aldeias entre Baerlon e o rio. As notícias corriam. Em mais um mês talvez chegassem a Caemlyn

e à Rainha Morgase, com sua Guarda da Rainha e seu poder para reunir exércitos. Um mês, com sorte. E outro mês para retornar, se Morgase acreditasse. Tarde demais para Campo de Emond. Talvez tarde demais para toda Dois Rios.

Ainda assim, quase não fazia sentido que os Trollocs deixassem alguém escapar. Ou os Myrddraal, na verdade. Os Trollocs não pareciam pensar muito para além do momento presente. Imaginava que destruir a barca teria sido a primeira tarefa dos Desvanecidos. Como poderiam ter certeza de que não havia soldados suficientes em Baerlon para derrotá-los?

Ele se abaixou para pegar uma boneca de madeira com o rosto pintado, e uma flecha zuniu por onde estivera seu peito.

Perrin se levantou com um salto e disparou margem acima, um borrão se formando pela floresta. Parou cem passadas à frente para se acocorar sob uma imensa folha-de-couro. Arbustos e árvores tombadas para dentro d'água e cobertas de trepadeiras revestiam o chão da floresta à sua volta.

Matador. Perrin encaixou uma flecha no arco, sem saber se a puxara de dentro da aljava ou simplesmente imaginara que estava ali. Matador.

Quando estava prestes a saltar novamente, parou. Matador saberia mais ou menos onde ele estava. Perrin já seguira o borrão formado pelo homem com bastante facilidade. A faixa alongada era bem nítida quando a pessoa estava parada olhando. Por duas vezes, entrara no jogo do outro e quase levara a pior. Matador que jogasse, dessa vez. Ele aguardou.

Corvos mergulhavam por sobre os topos das árvores, vasculhando e gritando. Nenhum movimento o entregava; nem sequer um leve tremor. Apenas seus olhos se moviam, perscrutando a floresta ao redor. Uma lufada de ar errante trouxe um cheiro frio, ao mesmo tempo humano e inumano, e Perrin sorriu. Nenhum som ainda, exceto o dos corvos. Esse Matador era um ótimo espreitador. Mas não estava acostumado a ser caçado. O que mais o sujeito esquecera, além dos cheiros? Sem dúvida não esperava que Perrin permanecesse onde aterrissara. Os animais fugiam do caçador. Até mesmo os lobos.

Um indício de movimento, e, por um instante, um rosto surgiu por cima de um pinheiro caído a uns cinquenta passos de distância. A luz oblíqua iluminava com clareza. Cabelos escuros e olhos azuis, um rosto todo rígido e anguloso, tão parecido com o de Lan. Só que, naquele breve instante, o Matador umedeceu os lábios duas vezes, franziu a testa, e arregalou os olhos, à procura. Lan não deixaria transparecer a inquietação nem que estivesse sozinho diante de mil Trollocs. Apenas um instante, e o rosto sumiu outra vez. Os corvos saltaram e revoaram pelo céu, como se compartilhassem a ansiedade

de Matador, com medo de descer além das copas das árvores.

Perrin aguardava e observava, imóvel. Silêncio. Apenas o cheiro frio informava que não estava sozinho com os corvos acima de sua cabeça.

O rosto de Matador surgiu outra vez, espiando por detrás de um carvalho de tronco robusto à esquerda. Os carvalhos matavam quase tudo o que crescia à volta, apenas uns cogumelos e ervas daninhas brotavam no húmus folhoso sob seus galhos. O homem surgiu bem devagar, e as botas não emitiam som.

Em um só movimento, Perrin apontou e disparou. Os corvos emitiram gritos de aviso, e o Matador girou para receber a flecha no peito, mas não no coração. O homem soltou um uivo e agarrou a flecha com as duas mãos. Penas negras caíram no chão quando os corvos bateram as asas em frenesi. O Matador esvaneceu com um grito, tornando-se nebuloso, transparente, desaparecendo. Os guinchos dos corvos pararam de repente, como se tivessem sido cortados com uma faca. A flecha que perfurara o homem caiu no chão. Os corvos também desapareceram.

Com uma segunda flecha meio erguida, Perrin exalou lentamente, relaxando a tensão da corda do arco. A morte era assim, por ali? A pessoa simplesmente desaparecia, sumia para sempre?

— Pelo menos acabei com ele — murmurou Perrin.

E se desviara do objetivo. O Matador não estava entre os motivos pelo qual viera ao sonho de lobo. Pelo menos agora os lobos estavam seguros. Os lobos… e talvez alguns outros.

Ele saiu do sonho…

… e acordou encarando o teto, a camisa toda suada e grudada no corpo. O luar iluminava um pouco pelas janelas. Em algum ponto da aldeia havia rabecas tocando uma alegre melodia dos latoeiros. Eles não lutavam, mas tinham encontrado uma forma de ajudar, animando o povo.

Perrin sentou-se devagar, calçando as botas no breu parcamente iluminado. Como fazer o que era preciso? Seria difícil. Teria que ser astuto. No entanto, não sabia se algum dia na vida tinha sido astuto. Levantou-se e pisou firme para ajeitar as botas.

Gritos súbitos do lado de fora e o som indistinto de cascos o fizeram correr até a janela mais próxima e erguer o caixilho. Os Companheiros estavam em polvorosa lá embaixo.

— O que está havendo?

Trinta rostos se viraram para ele, e Ban al'Seen gritou:

— Foi o Lorde Luc, Lorde Perrin. Quase atropelou Wil e Tell. Acho que nem viu os dois. Estava todo corcunda em cima da sela, parecia ferido. Esporeava aquele cavalo com toda a força.

Perrin coçou a barba. Luc sem dúvida não estava ferido mais cedo. Luc… o Matador? Era impossível. O Matador, com seus cabelos escuros, parecia primo ou irmão de Lan. Se Luc, com aquele cabelo louro-avermelhado, parecia alguém, talvez fosse Rand. Ao menos um pouco. Os dois não podiam ser mais diferentes um do outro. E, ainda assim… aquele cheiro frio. Eles não tinham o mesmo cheiro, mas ambos exalavam um aroma gélido, quase inumano. Seus ouvidos captaram o som de carroções sendo puxados para abrir caminho na Estrada Velha, além de gritos de pressa. Mesmo que Ban e os Companheiros corressem, já não conseguiriam alcançar o homem. Cascos galoparam com força para o sul.

— Ban — gritou — se Luc aparecer outra vez, o mantenham sob vigilância. — Ele fez uma pausa meio longa e acrescentou: — E não me chame assim!

Em seguida, baixou o caixilho de volta, com um estrondo.

Luc e o Matador; o Matador e Luc. Como poderiam ser a mesma pessoa? Era *realmente* impossível. Por outro lado, menos de dois anos antes ele sequer acreditava em Trollocs ou Desvanecidos. Havia tempo suficiente para se preocupar, caso pusesse outra vez as mãos no sujeito. Agora havia Colina da Vigília, Trilha de Deven e… Alguns poderiam ser salvos. Nem todos em Dois Rios precisavam morrer.

A caminho do salão, ele fez uma pausa no topo da escada. Aram estava parado no último degrau, observando-o, aguardando para seguir suas ordens. Gaul jazia estirado em um catre próximo à lareira, com uma atadura grossa na coxa esquerda, aparentemente dormindo. Faile e as duas Donzelas estavam sentadas no chão perto dele, de pernas cruzadas, conversando baixinho. Havia um catre bem maior do outro lado do salão, mas Loial estava sentado em um banco, as pernas esticadas para caber debaixo de uma das mesas, quase todo envergado para poder rascunhar com uma pena à luz de uma vela. Sem dúvida estava registrando o que acontecera na viagem para fechar o Portal dos Caminhos. E, se Perrin conhecia Loial, o relato do Ogier atribuiria todos os feitos a Gaul, não importava se era verdade ou não. Loial parecia acreditar que nada do que fazia era de fato corajoso ou digno de nota. Exceto por eles, o salão estava vazio. Ainda dava para ouvir as rabecas. Pensou reconhecer a melodia. Já não era uma canção latoeira. “Meu amor é uma rosa selvagem”.

Assim que Perrin desceu o primeiro degrau, Faile ergueu os olhos e subiu graciosamente para encontrá-lo. Aram sentou-se outra vez ao ver que Perrin não fizera qualquer movimento em direção à porta.

— Sua camisa está molhada — comentou Faile, em tom acusatório. — Você dormiu com ela, não foi? E de botas, não duvido. Não faz nem uma hora que deixei você no quarto. Volte já para cima, antes que acabe caindo no chão.

— Você viu Luc sair? — perguntou.

A mulher apertou os lábios, mas às vezes a única saída era ignorá-la. Quando discutiam, Faile ganhava com muito mais frequência.

— Passou correndo faz alguns minutos e saiu disparado pela cozinha — respondeu ela, por fim. As palavras foram essas, e o tom informava que o assunto "ele e a cama" ainda não havia terminado.

— Ele parecia… ferido?

— Parecia — respondeu ela, receosa. — Estava cambaleante, agarrando alguma coisa no peito, por baixo do casaco. Uma atadura, talvez. A Senhora Congar está lá na cozinha, mas, pelo que eu ouvi, ele praticamente a atropelou. Como você sabe disso?

— Eu sonhei. — Os olhos oblíquos de Faile assumiram um brilho perigoso. Ela não deveria estar pensando direito. Sabia sobre o sonho de lobo. Será que esperava que ele explicasse bem ali, na frente de Bain e Chiad, de Aram e Loial? Bem, talvez não de Loial. O Ogier estava tão absorto nas anotações que não teria percebido nem se um rebanho de ovelhas irrompesse pelo salão. — E Gaul?

— A Senhora Congar deu alguma coisa para ele dormir, além de um cataplasma para a perna. Quando as Aes Sedai acordarem, amanhã de manhã, uma delas vai Curá-lo, se considerarem sério a esse ponto.

— Venha se sentar, Faile. Quero que você faça uma coisa para mim.

A jovem o encarou, desconfiada, mas se deixou ser conduzida até uma cadeira. Quando os dois se sentaram, Perrin se inclinou por cima da mesa, tentando soar sério, mas não desesperado. Nem um pouco desesperado.

— Quero que entregue uma mensagem a Caemlyn para mim. No caminho, pode dar notícias a Colina da Vigília de como estão as coisas por aqui. Na verdade, talvez seja melhor se o povo de lá cruzar o Taren até isso tudo terminar. — Ele passou o tom de preocupação apropriado. Apenas um pouco mais, por conta do calor do momento. — Quero que peça à Rainha Morgase para enviar alguns Guardas da Rainha. Sei que estou pedindo uma coisa perigosa, mas Bain e Chiad podem levar você em segurança até Barca do Taren, e a barca ainda está lá. — Chiad se levantou, encarando-o com ansiedade. Por que estava assim?

— Você não vai precisar se separar dele — disse Faile para a Donzela. Depois de um instante, a Aiel assentiu e sentou-se de volta ao lado de Gaul. Chiad e Gaul? Eram inimigos de sangue. Nada estava fazendo sentido, aquela noite. — Caemlyn fica muito longe daqui — prosseguiu a jovem, baixinho. Seus olhos estavam concentrados nos dele, mas o rosto poderia ser de madeira, de tão inexpressivo. — Levaria semanas para cavalgar até lá, mais sabe-se lá quanto tempo até encontrar Morgase e convencê-la. E mais umas

semanas para retornar com a Guarda da Rainha.

— A gente consegue aguentar esse tempo — respondeu Perrin. *Que me queime por não conseguir mentir tão bem quanto Mat!* — Luc tinha razão. Não pode haver mais do que mil Trollocs por aí. O *sonho*? — Faile assentiu. Enfim entendia. — A gente consegue aguentar por muito tempo, mas, enquanto isso, eles vão incendiar colheitas e fazer sabe a Luz mais o quê. Para nos livrarmos completamente deles, precisaremos da Guarda da Rainha. Você é a opção mais lógica para ir até lá. Vai saber conversar com uma rainha, por ser prima de uma, e tudo o mais. Faile, eu sei que o que estou pedindo é perigoso… — Não tanto quanto ficar. — Mas é só você chegar até a barca e já vai estar no caminho.

Perrin não ouviu Loial se aproximando até que o Ogier deitou o caderno de notas diante de Faile.

— Eu não pude evitar ouvir, Faile. Se você for a Caemlyn, pode levar isso aqui? Para protegê-lo até eu conseguir buscar. — Encarando o livrinho quase com ternura, Loial acrescentou: — Lá em Caemlyn fabricam livros muito bons. Me desculpe a interrupção, Perrin. — No entanto, o Ogier tinha os olhos compridos fixos na jovem, não nele. — Faile combina com você. Você tem que voar livre, feito um falcão. — Com um tapinha no ombro de Perrin, Loial murmurou, em um ressoar profundo: — Ela tem que voar livre. — Então retornou ao catre e se deitou, virado para a parede.

— Ele está muito cansado — disse Perrin, tentando fazer a frase parecer apenas um comentário. O Ogier idiota poderia pôr tudo a perder! — Se você partir hoje à noite, conseguirá chegar a Colina da Vigília quando o dia nascer. Tem que seguir pelo leste. Lá, os Trollocs estão em menor número. Isso é muito importante para mim… Quer dizer, para Campo de Emond. Você vai?

Faile o encarou em silêncio durante tanto tempo que ele se perguntou se a namorada tinha intenção de responder. Os olhos dela pareciam reluzir. Então a jovem se levantou, sentou-se no colo dele e afagou sua barba.

— Está precisando aparar. Eu gosto de você assim, mas não quero que chegue até o peito.

O queixo de Perrin praticamente desabou. Ela sempre mudava de assunto, mas em geral era quando estava perdendo a discussão.

— Faile, por favor. Preciso que você leve essa mensagem até Caemlyn.

A jovem apertou a mão na barba dele e meneou a cabeça, como se estivesse discutindo consigo mesma em pensamento.

— Eu vou — disse, por fim — mas vou cobrar por isso. Você sempre me obriga a fazer as coisas do jeito mais difícil. Em Saldaea, não seria eu a fazer o pedido. Meu preço é… um casamento. Eu quero

me casar com você — concluiu ela, apressada.

— E eu com você. — Perrin sorriu. — Podemos fazer os votos de noivado diante do Círculo das Mulheres ainda hoje à noite, mas receio que o casamento tenha que esperar um ano. Quando você voltar de Caemlyn…

Faile quase arrancou um punhado de barba do queixo dele.

— Você vai virar meu marido esta noite — declarou, em um tom baixo e firme — ou eu não saio daqui até isso acontecer!

— Se houvesse como, eu faria — protestou Perrin. — Daise Congar acabaria comigo, se eu tentasse quebrar a tradição. Pelo amor da Luz, Faile, só leve a mensagem. Eu me caso com você no primeiro dia que puder.

E se casaria. Se esse dia viesse a chegar.

De súbito, a mulher se concentrou na barba dele, alisando-a, sem olhá-lo nos olhos. Começou a falar devagar, mas logo ganhou velocidade, feito um cavalo em fuga.

— Por acaso… eu mencionei… assim, por alto… só *mencionei* à Senhora al'Vere o tanto de tempo que estávamos viajando juntos. Não sei como isso aconteceu. E aí ela disse, e a Senhora Congar concordou… Mas eu não falei com todo mundo, não! Ela disse que é provável que nós, quase com certeza, fôssemos considerados casados de acordo com o costume de vocês. Esse ano é só para garantir que o casal se entenda bem, e a gente se entende, como todo mundo pode ver. Então aqui estou eu, atirada como uma dessas domanesas, como uma garota tairena. E se você *pensar* em Berelain… Ah, Luz, estou falando um monte de abobrinhas, e você nem…

Perrin a interrompeu com um beijo intenso, como sabia muito bem fazer.

— Quer se casar comigo? — perguntou, sem fôlego, ao terminar. — Hoje à noite?

O beijo decerto fora muito melhor do que Perrin imaginava. Teve de repetir a frase seis vezes, com Faile rindo contra o pescoço dele e exigindo que ele repetisse, antes que enfim compreendesse.

E foi assim que Perrin se viu, menos de meia hora depois, ajoelhado diante dela no salão, na frente de Daise Congar, Marin al'Vere, Alsbet Luhhan, Neysa Ayellin e todo o Círculo das Mulheres. Loial se levantara para ficar ao lado dele com Aram, e Bain e Chiad ficaram ao lado de Faile. Não havia flores para os cabelos dela nem os dele, mas Bain, a mando de Marin, passou uma longa faixa nupcial vermelha por seu pescoço. E Loial trançou outra nos cabelos escuros de Faile, com os dedos grossos surpreendentemente hábeis e delicados. As mãos de Perrin tremiam quando ele segurou as dela.

— Eu, Perrin Aybara, prometo meu amor a você, Faile Bashere, enquanto eu viver. — *Enquanto eu viver, e mais.* — Tudo o que possuo

neste mundo, dou a você. — *Um cavalo, um machado, um arco. Um martelo. Não é muito para uma noiva. Eu lhe dou a minha vida, o meu amor. É tudo o que tenho.* — Eu a segurarei em meus braços e cuidarei de você, socorrerei e zelarei por você, eu a protegerei e abrigarei por todos os dias de minha vida. — *Não posso segurá-la em meus braços. A única forma de proteger você é mandá-la embora.* — Eu sou seu, para sempre e eternamente.

Quando terminou, suas mãos estavam visivelmente trêmulas.

Faile moveu as mãos para cobrir as dele.

— Eu, Zarine Bashere — foi uma surpresa, Faile odiava esse nome — prometo meu amor a você, Perrin Aybara… — As mãos dela não tremiam nem um pouco.

54



No Palácio

Sentada na traseira da carroça de rodas altas que seguia lentamente por uma rua sinuosa de Tanchico, atrás de quatro homens suados, Elayne tinha a expressão emburrada por detrás do véu sombrio que cobria seu rosto inteiro; ela batia os pés, irritada. A cada guinada nas pedras do pavimento seu corpo inteiro balançava; quanto mais se agarrava às tábuas de madeira do estrado da carroça, pior ficava. Nynaeve não parecia muito incomodada; sacolejava feito Elayne, mas mal parecia notar, o rosto levemente franzido e o olhar introspectivo. E Egeanin, espremida do outro lado de Nynaeve, com o rosto velado e os cabelos escuros em tranças compridas até os ombros, aguentava com facilidade cada solavanco, mantendo os braços cruzados. Por fim, Elayne conseguiu imitar a Seanchan; inevitavelmente balançava-se para cima de Nynaeve, mas a viagem já não trazia a sensação de que acabaria quebrando os dentes.

Ela teria ficado feliz em caminhar, até mesmo descalça, mas Bayle Domon dissera que não seria apropriado; o povo se perguntaria por que as mulheres não estavam sendo carregadas, se havia tanto espaço, e a última coisa de que precisavam era chamar muita atenção. Decerto que o homem não estava sacolejando feito um saco de nabos; seguia caminhando adiante da carroça, com dez dos vinte marujos que trouxera para escoltá-lo. Mais do que isso pareceria suspeito, ele alegara. Ela suspeitou que ele não teria trazido tantos, não fosse por ela e as outras duas mulheres.

O céu sem nuvens ainda estava cinzento, embora a primeira luz já tivesse surgido antes de eles partirem; as ruas ainda estavam bastante

vazias e silenciosas, exceto pelo ribombo da carroça e o rangido do eixo. Quando o sol despontasse no horizonte, as pessoas começariam a sair, mas agora as poucas que ela via eram bandos de homens vestidos em calças largas e quepes escuros cilíndricos, caminhando depressa, com o ar furtivo de quem andara fazendo poucas e boas durante a madrugada. A lona velha que cobria a carga da carroça fora posicionada com esmero, de modo que qualquer um podia ver que ali havia apenas três cestas grandes, mas mesmo assim um ou outro desses grupinhos parava, feito um bando de cachorros, aproximando os rostos velados, os olhos acompanhando a carroça. Aparentemente, enfrentar vinte homens com espadas de madeira e porretes era demais, pois todos acabavam se afastando depressa.

As rodas passaram por um enorme buraco onde as pedras do pavimento haviam sido arrancadas em um dos motins; debaixo de Elayne, a carroça afundou. Ela quase mordeu a língua com a forte pancada no estrado. E Egeanin toda tranquila com aqueles braços cruzados! Agarrada à borda do estrado, Elayne franziu o cenho para a Seanchan. E se deparou com a mulher de lábios apertados, também se segurando com ambas as mãos.

— Não é nada comparado a ficar parada no convés — comentou Egeanin, dando de ombros.

Nynaeve fez uma leve careta e tentou se afastar da mulher, embora não soubesse como fazer isso sem subir no colo de Elayne.

— Vou falar com Mestre Domon — murmurou, como se a carroça não tivesse sido sugestão dela, para começo de conversa. Uma nova guinada a fez cerrar os dentes.

As três vestiam lã grossa marrom, de trama fina, porém meio áspera e não muito limpa, vestidos de fazendeiras pobres, que mais pareciam sacos disformes se comparados às sedas justas ao gosto de Rendra. Refugiadas do interior que comiam o que fosse possível; era essa a imagem que precisavam passar. O alívio de Egeanin ao ver os vestidos pela primeira vez fora bastante evidente, além de quase tão estranho quanto sua presença na carroça. Elayne jamais imaginara que aquilo fosse acontecer.

Houvera um grande debate — como os homens chamaram — na Câmara das Flores Caídas, porém ela e Nynaeve rebateram a maioria das objeções idiotas que eles apresentaram e ignoraram o resto. Elas duas tinham de adentrar o Palácio da Panarca, e o mais depressa possível. Foi quando Domon apresentou outra objeção, não tão idiota quanto as outras.

— Como é que vocês vão entrar no palácio sozinhas? — resmungou o contrabandista barbudo, encarando os próprios punhos sobre a mesa. — Vocês dizem que de jeito nenhum vão canalizar, a menos que seja preciso, para evitar chamar a atenção

dessas Aes Sedai Negras. — Nenhuma delas tinha visto qualquer necessidade de mencionar os Abandonados. — Então vão precisar de músculos para girar um bastão, se a necessidade, no caso, se apresentar, e olhos para vigiar o entorno também seriam uma boa ideia. Eu sou conhecido por lá, entre os serviçais. E também levei presentes para a antiga Panarca. Vou com vocês. — Sacudindo a cabeça, ele reclamou: — Vocês realmente me fazem colocar o pescoço no cadafalso do carrasco porque larguei vocês em Falme. Que a Sorte me espicace se estiver mentindo! Bem, agora está decidido, nem pensem em discutir! Vou entrar com vocês.

— Você é um imbecil, illianense — disse Juilin com desprezo antes que ela ou Nynaeve pudesse abrir a boca. — Acha que os tarabonianos vão permitir que você fique zanzando pelo palácio como bem entender? Um contrabandista imundo de Illian? Eu conheço os hábitos dos serviçais, sei baixar a cabeça e fazer os nobres ignorantes pensarem… — Ele pigarreou afobado e prosseguiu, sem olhar para Nynaeve, nem para Elayne! — Sou eu quem deve ir com elas.

Thom riu dos outros dois homens.

— Vocês acham que *algum* dos dois poderia se passar por taraboniano? Eu posso; isso aqui funciona bem. — Ele cutucou o longo bigode. — Além do mais, vocês não podem andar pelo Palácio da Panarca carregando porretes ou bastões. É necessário um… método… mais sutil de proteção. — Ele fez um floreio com a mão, e uma faca de repente surgiu, girando e desaparecendo com a mesma rapidez; de volta pela manga, Elayne imaginou.

— Vocês todos sabem o que devem fazer — disse Nynaeve, ríspida — e não dá para fazer tentando nos vigiar feito um par de gansos à venda! — Ela respirou fundo e prosseguiu, em um tom mais amistoso. — Se houvesse meio de um de vocês vir com a gente, eu apreciaria os olhos extras, no mínimo, mas não tem como. Temos que ir sozinhas, ao que parece, e ponto final.

— Eu posso acompanhar vocês — anunciou Egeanin de repente, do canto do quarto, onde Nynaeve a forçara a ficar. Todos se viraram para encará-la; a mulher retribuiu o olhar com a expressão fechada, como se ela própria não estivesse muito segura. — Essas mulheres são Amigas das Trevas. Precisam ser punidas.

Elayne ficou apenas surpresa com a oferta, mas Nynaeve, com os cantos da boca já pálidos, parecia prestes a dar uma surra na mulher por conta daquilo.

— Você acha que confiaríamos em você, Seanchan? — perguntou com frieza. — Antes de irmos embora, você vai ficar bem trancadinha em um depósito, por mais falatório que isso…

— Eu juro pela minha confiança em um nome maior — interrompeu Egeanin, levando as mãos ao coração, uma

sobre a outra — que não vou trair vocês de maneira alguma, que vou obedecer e proteger vocês até saírem em segurança do Palácio da Panarca. — Então ela fez três mesuras, profundas e formais. Elayne não fazia ideia do que significava "confiança em um nome maior", mas a Seanchan sem dúvida parecia muito comprometida.

— Ela é capaz — disse Domon, devagar e relutantemente. Encarou Egeanin e balançou a cabeça. — Que a Sorte me espicace se existir, no caso, mais de dois ou três homens em quem eu arrisque apostar contra ela. — Nynaeve franziu o cenho para a própria mão, que agarrava uma dúzia das longas trancinhas, depois deu-lhes um puxão, bastante deliberadamente.

— Nynaeve — disse Elayne, com firmeza — você mesma disse que gostaria de ter mais um par de olhos, e eu sem dúvida gostaria. Além do mais, se formos fazer tudo isso sem canalizar, eu não vou me incomodar de ter alguém capaz de lidar com algum guarda bisbilhoteiro, se for preciso. Eu não tenho condições de socar um homem com meus próprios punhos, e nem você. Você lembra como ela sabe lutar.

Nynaeve cravou os olhos em Egeanin, franziu o cenho para Elayne, depois encarou os homens como se eles tivessem tramado aquilo pelas costas dela. Por fim, no entanto, assentiu.

— Bom — disse Elayne. — Mestre Domon, isso implica em três vestidos, não dois. Agora, é melhor vocês três irem embora. Pretendemos estar a caminho quando o dia nascer.

A carroça parou com um solavanco que despertou Elayne de suas lembranças.

Havia Mantos-brancos desmontados dos cavalos, interrogando Domon. Naquele trecho, a rua corria para o interior de uma praça atrás do Palácio da Panarca, uma praça muito menor do que a que havia na frente. Mais adiante se erguia o palácio, em pilhas de mármore branco, torres delgadas envoltas em trabalhos de cantaria rendada, domos revestidos de neve, rematados de ouro e encimados por pináculos dourados ou cata-ventos. As ruas de cada um dos lados eram muito mais largas do que a maioria em Tanchico, e também mais retas.

O lento *clop-clop* dos cascos de um cavalo nas amplas pedras do pavimento da praça anunciou outro cavaleiro, um homem alto, de capacete reluzente, armadura cintilando por sob o manto branco com o raio de sol dourado e um cajado carmesim de pastor. Elayne baixou a cabeça; os três nós de patente debaixo do sol flamejante informaram que se tratava de Jaichim Carridin. O homem jamais a vira, mas, se pensasse que ela estava encarando, poderia se perguntar o motivo. Os cascos percorreram a praça sem parar.

Egeanin também baixou o rosto, mas Nynaeve franziu o cenho

abertamente para o Inquisidor.

— Aquele homem está muito preocupado com alguma coisa — murmurou ela. — Espero que ele não tenha ouvido…

— A Panarca está morta! — gritou um homem de algum ponto da praça. — Mataram a Panarca!

Não havia como dizer de quem, nem de onde vinha o grito. As ruas que Elayne conseguia ver estavam bloqueadas por Mantos-brancos a cavalo.

Ela olhou para trás, para a rua que a carroça acabara de subir, e desejou que os guardas interrogassem Domon mais depressa. Na primeira curva, começava a se formar um aglomerado de pessoas que espiavam a praça. Thom e Juilin deviam ter feito um bom trabalho espalhando os boatos durante a noite. Com sorte, as coisas não explodiriam enquanto elas estivessem sentadas ali, no meio do burburinho. Se uma rebelião começasse naquele momento… suas mãos só não tremiam porque estavam agarradas com força ao estrado da carroça. *Luz, um tumulto aqui fora e a Ajah Negra dentro, talvez Moghedien… estou com tanto medo que a minha boca está seca.* Nynaeve e Egeanin também observavam a multidão se avolumar no meio da rua, sem nem piscar, muito menos tremer. *Eu não vou me acovardar. Não vou!*

A carroça seguiu adiante, barulhenta, e ela soltou um suspiro aliviado. Levou um instante para perceber que também ouvira as outras duas suspirarem.

Diante de portões não muito mais largos do que a carroça, Domon foi interrogado outra vez, por homens com capacetes pontudos e placas peitorais ornadas com uma árvore pintada de dourado. Soldados da Legião da Panarca. As perguntas dessa vez foram mais breves; Elayne pensou ter visto uma bolsinha trocar de mãos, e logo eles estavam todos lá dentro, avançando, barulhentos, pelo pátio de pavimento tosco, do lado de fora das cozinhas. Exceto por Domon, os marujos permaneceram do lado de fora, com os soldados.

Elayne deu um salto assim que a carroça parou, e pisou o chão descalça; as pedras irregulares eram *duras*. Era difícil acreditar que a sola fina de uma sandália fizesse tanta diferença. Egeanin escalou a carroça com dificuldade para passar as cestas para fora, e Nynaeve pegou a primeira e pôs nas costas, com uma das mãos contorcida por debaixo e a outra por cima do ombro, agarrada ao aro. Compridas pimentas brancas, um pouco mirradas por conta da longa viagem desde Saldaea, preenchiam as cestas quase até a boca.

Enquanto Elayne pegava a dela, Domon veio até o canto da carroça e fingiu estar inspecionando as pimentas-de-gelo.

— Os Mantos-brancos e a Legião da Panarca, no caso, estão quase chegando às vias de fato, ao que parece — murmurou, dedilhando as

pimentas. — Aquele tenente disse que a Legião poderia proteger a Panarca sozinha, se a maior parte da Legião nem tivesse sido mandada para as fortalezas circulares. Jaichim Carridin, no caso, tem acesso à Panarca, ao contrário do Senhor Capitão da Legião. E eles nem estão contentes porque todos os guardas lá dentro são da Guarda Civil. Alguém desconfiado poderia dizer que estão querendo que os guardas da Panarca vigiem uns aos outros, mais do que qualquer outra coisa.

— Bom saber disso — respondeu Nynaeve, sem olhar para ele. — Eu sempre disse que dá para descobrir muita coisa ouvindo as fofocas dos homens.

Domon grunhiu, azedo.

— Vou levar vocês para dentro, depois tenho que retornar aos meus homens antes que eles se metam no meio da multidão.

Cada marinheiro de cada navio que pertencia a Domon estava misturado à multidão em volta do palácio.

Elayne suspendeu a própria cesta nas costas e acompanhou as outras duas mulheres atrás dele, mantendo a cabeça baixa e se encolhendo a cada passo, até chegar nos azulejos marrom-avermelhados da cozinha. Os aromas de especiarias, molhos e cozido de carne dominavam o ambiente.

— Pimentas-de-gelo para a Panarca — anunciou Domon. — Presente de Bayle Domon, um bom dono de navios dessa cidade.

— Mais pimenta-de-gelo? — perguntou uma mulher corpulenta, de tranças escuras, avental branco e o sempre presente véu, mal tirando os olhos de uma bandeja de prata onde arrumava um guardanapo branco dobrado, todo ornamentado, entre travessas de porcelana fina e dourada do Povo do Mar. Havia na cozinha uma dezena ou mais de outras mulheres de avental, bem como um par de rapazes virando assados suculentos em espetos diante de duas das seis lareiras, mas aquela era claramente a cozinheira-chefe. — Bem, ela parece ter gostado das últimas, a Panarca. Guardem no depósito ali. — Ela fez um gesto vago para uma das portas do lado oposto do recinto. — Não tenho tempo de me amofinar com vocês agora.

Elayne olhava para baixo enquanto caminhava atrás de Nynaeve e Egeanin, suando, e não por conta do calor dos fornos e lareiras de ferro. Uma mulher muito magra, vestida em seda cortada à moda diferente de Tarabon, se encontrava parada ao lado de uma das grandes mesas, coçando as orelhas de um gato cinza magrelo que lambia creme de uma tigela de porcelana. O gato a denunciava, bem como seu rosto estreito e nariz largo. Marillin Gemalphin, antes da Ajah Marrom, agora da Negra. Se a mulher tirasse os olhos do animal, se olhasse para cima e de fato as percebesse ali, saberia que as duas eram capazes de canalizar sem que elas precisassem fazê-lo; com essa

proximidade, sem dúvida poderia sentir a habilidade em si.

Suor pingava da ponta do nariz de Elayne no momento em que ela empurrou com o quadril a porta da despensa para fechá-la.

— Vocês viram a mulher? — perguntou, baixinho, quase deixando a cesta cair no chão. Ornatos em gregas entalhados na parede caiada logo abaixo do teto permitiam a entrada de uma luz fraca vinda da cozinha. Fileiras de prateleiras altas preenchiam o amplo salão, abarrotadas de sacas, redes com vegetais e grandes jarros de especiarias. Barris e tonéis se espalhavam por todo lado, e uma dúzia de cordeiros e o dobro de gansos temperados jaziam pendurados em ganchos. Segundo o rascunho da planta que Domon e Thom haviam desenhado, aquela era a menor despensa de comida do palácio. — Que nojento — disse. — Sei que Rendra mantém a cozinha cheia, mas pelo menos compra só o que precisa. Essa gente está se refestelando enquanto…

— Contenha a sua aflição até poder fazer alguma coisa a respeito — retrucou Nynaeve, em um sussurro veemente. Ela havia apoiado a cesta no chão e estava tirando o vestido tosco de camponesa. Egeanin já estava de roupas de baixo. — Eu vi a mulher. Se você estiver querendo que ela venha até aqui para ver que barulheira é essa, continue falando.

Elayne deu uma fungada de desdém, mas não respondeu. Não estivera fazendo tanto barulho assim. Tirou o próprio vestido e derramar no chão as pimentas e o que mais estava escondido debaixo delas. Entre outras coisas, um vestido branco com cinto verde, de trama fina de lã, com uma árvore verde de galhos frondosos sobre o contorno de uma folha de três pontas bordada acima do seio esquerdo. O véu encardido foi substituído por um limpo, de linho, quase tão transparente quanto seda. Sandálias brancas de sola acolchoada foram bem-vindas nos pés feridos pela caminhada da carroça à cozinha.

A Seanchan fora a primeira a tirar as roupas velhas, mas a última a vestir a indumentária branca, resmungando o tempo o todo coisas como “indecente” e “serviçal”, o que não fazia sentido algum. Os vestidos *eram* de serviçais; a questão era que as serventes podiam circular por todos os cantos, e como o palácio tinha muitas, dificilmente as três chamariam atenção. E, quanto a indecência… Elayne se lembrava de ter hesitado um pouco em usar a moda taraboniana em público, mas logo acostumara-se, mesmo que a lã fina não grudasse ao corpo feito a seda. Egeanin parecia ter umas ideias bastante estritas a respeito do que era modéstia.

Por fim, no entanto, a mulher desfez o último laço, e as roupas de camponesa foram enfiadas nas cestas e cobertas com pimentas-de-gelo.

Marillin Gemalphin havia saído da cozinha, mas o gato cinza de

orelhas rasgadas ainda lambia creme em cima da mesa. Elayne e as outras duas rumaram para a porta que levava aos interiores do palácio.

Uma das ajudantes de cozinha olhava de cara feia para o gato, as mãos na larga cintura.

— Queria estrangular esse gato — resmungou a mulher, as tranças marrom-claras balançando enquanto ela sacudia a cabeça, irritada. — Ele come o creme, e como coloquei um tantinho de creme nas frutinhas para o café da manhã, agora vou passar a pão e água!

— Dê-se por satisfeita em não estar por aí na rua ou pendurada numa forca. — O tom da cozinheira-chefe não era solidário. — Se uma lady diz que você roubou, então você roubou, mesmo que seja o creme do gato dela, sim? Ei, vocês aí!

Elayne e as duas companheiras congelaram com o berro.

A mulher de tranças escuras balançou uma colher de pau comprida na direção delas.

— Vocês entram na minha cozinha e ficam andando como se estivessem dando um passeio no jardim, suas porcas preguiçosas? Vieram para o café da manhã de Lady Ispan, sim? Se não estiver pronto quando ela acordar, vocês vão aprender a saltar alto. Sim? — A mulher fez um gesto para a bandeja de prata sobre a qual estivera trabalhando antes, agora coberta com um pedaço de linho branco como a neve.

Elas não podiam falar; se alguma abrisse a boca, as primeiras palavras denunciariam que elas não eram tarabonianas. Elayne pensou depressa, fez uma mesura como se fosse uma serviçal e pegou a bandeja; uma serviçal carregando qualquer coisa estava cuidando de seu trabalho, portanto não poderia ser interrompida ou receber outras ordens. Lady Ispan? Não era um nome incomum em Tarabon, mas havia uma Ispan na lista das irmãs Negras.

— Quer dizer que está debochando de mim, sua inconveniente? — vociferou a grandalhona, partindo para contornar a mesa com a pesada e ameaçadora colher de pau.

Não havia nada a fazer sem que ela se denunciasse; nada, a não ser ficar e ser açoitada, ou correr. Elayne saiu em disparada da cozinha segurando a bandeja, com Nynaeve e Egeanin atrás. Os gritos da cozinheira acompanharam as três, porém a mulher, não, por uma graça. A imagem das três correndo pelo palácio, fugindo da perseguição da grandalhona, fez Elayne sentir vontade de soltar uma gargalhada histérica. *Debochando?* Ela tinha certeza de que fora a mesma mesura que as serviçais haviam lhe dispensado milhares de vezes.

Havia outros depósitos enfileirados no estreito corredor da cozinha, além de armários compridos com espadas e esfregões, baldes

e sabões, toalhas de mesa de linho e todo tipo de coisa. Nynaeve encontrou em um dos armários um espanador de penas. Egeanin pegou de outro um punhado de toalhas dobradas, e de um terceiro saiu um pilão de pedra pesado que estava dentro de um almofariz. Egeanin escondeu o pilão debaixo das toalhas.

— Às vezes um porrete vem a calhar — disse ela, quando Elayne ergueu a sobrancelha. — Ainda mais quando inesperado.

Nynaeve deu uma fungada, mas não disse nada. Praticamente fingia que Egeanin não existia desde que concordara em trazê-la com elas.

Nos recônditos do palácio, os corredores eram mais largos e mais altos, as paredes, brancas e entalhadas com frisos, e os tetos, ornados em reluzentes arabescos em ouro. Carpetes compridos e esplendorosos cobriam os pisos de azulejos brancos. Lampiões douradas com ornamentos pendiam de suportes, também dourados, provendo luz e o aroma de óleo perfumado. Às vezes o corredor se abria em pátios circundados por caminhos com colunas delgadas cheias de caneluras, sob varandas gradeadas por trabalhos de cantaria filigranados. Imensas fontes jorravam água; peixes vermelhos, brancos e dourados nadavam por sob os nenúfares com enormes flores brancas. Completamente diferente do lado de fora da cidade.

De vez em quando, elas viam outros serviçais, homens e mulheres de branco com a árvore e a folha bordadas em um dos ombros, apressados em suas tarefas, ou homens com os casacos cinza e os quepes de aço da Guarda Civil portando bastões e porretes. Ninguém lhes dirigia a palavra, nem sequer reparava nelas, três serviçais claramente trabalhando.

Enfim chegaram à estreita escadaria dos serviçais assinalada no mapa rascunhado.

— Não esqueça — disse Nynaeve, baixinho — se houver guardas na porta dela, vá embora. Se ela não estiver sozinha, vá embora. Ela está longe de ser nossa prioridade aqui. — Respirou fundo, forçando-se a olhar para Egeanin. — Se você deixar qualquer coisa acontecer com ela…

Ouviu-se o som fraco de uma corneta do lado de fora. Um instante depois um gongo soou lá dentro, e gritos de ordem ecoaram pelo corredor. Homens em quepes de aço passaram correndo.

— Talvez a gente não tenha que se preocupar com os guardas na porta — comentou Elayne. O motim havia começado nas ruas. Os boatos espalhados por Thom e Juilin para reunir a multidão. Os marujos de Domon a encorajá-los. Ela lamentava que fosse necessário, mas a desordem afastaria a maioria dos guardas do palácio, com sorte todos. Sem desconfiar, aquela gente estava lutando em uma batalha para salvar sua cidade da Ajah Negra e do mundo da

Sombra. — Egeanin devia ir com você, Nynaeve. O seu papel *é* o mais importante. Se alguma de nós duas precisa de alguém para servir de respaldo, é você.

— Não preciso de nenhuma Seanchan! — Nynaeve ergueu o espanador por cima do ombro, feito um pique, e saiu pisando firme pelo corredor. Não tinha nem de longe a postura de uma serviçal; não andando naquela marcha combativa.

— Não é melhor a gente seguir com a nossa tarefa? — perguntou Egeanin. — O motim não vai desviar a atenção por muito tempo.

Elayne assentiu. Nynaeve havia feito uma curva, desaparecendo de vista.

As escadas eram estreitas e escondidas na parede, para manter os serviçais tão invisíveis quanto fosse possível. Os corredores do segundo andar eram muito parecidos com os do primeiro, exceto pelo fato de que os arcos de pontas duplas levavam tanto a varandas com treliças de pedra quanto a quartos. O número de serviçais parecia diminuir à medida que elas seguiam para o lado oeste do palácio, e nenhum lhes dispensava mais do que uma olhadela. Surpreendentemente, o corredor do lado de fora dos aposentos da Panarca estava vazio. Não havia guardas diante das amplas portas com entalhes de árvores, emolduradas por um batente duplo. Não que ela pretendesse recuar caso houvesse, a despeito do que dissera a Nynaeve, mas isso simplificava as coisas.

Um instante depois, ela já não tinha tanta certeza. Conseguia sentir alguém canalizando naqueles aposentos. Não eram fluxos fortes, mas sem dúvida alguém estava urdindo o Poder ou talvez sustentando uma trama. Poucas mulheres conheciam o truque de reter uma trama.

— Qual é o problema? — perguntou Egeanin.

Elayne se deu conta de que havia parado.

— Tem uma irmã Negra aí dentro. — Uma ou mais? Somente uma canalizando, sem dúvida. Ela se espremeu contra as portas. Havia uma mulher *cantando* lá dentro. Grudou a orelha na madeira entalhada e ouviu palavras roucas, abafadas, porém claramente inteligíveis. —

> Meus seios são redondos, minha cintura também.
> A taifa de um navio inteiro domino como ninguém.

Ela deu um pulo para trás, espantada, fazendo as travessas de porcelana sambarem na bandeja, sob o tecido. Teria ela ido para o quarto errado? Não, ela havia memorizado o desenho. Além do mais, as únicas portas com entalhes de árvores no palácio eram as que davam para os aposentos da Panarca.

— Então temos que ir embora — disse Egeanin. — Não dá para

fazer nada sem que as outras percebam sua presença.

— Talvez eu consiga. Se elas me sentirem canalizando, vão achar que é a pessoa que está lá dentro. — Ela franziu o cenho e mordeu o lábio inferior. Quantas mulheres havia ali? Ela conseguia fazer umas três ou quatro coisas de uma vez com o Poder, marco que somente Egwene e Nynaeve eram capazes de alcançar. Ela pensou em uma lista de rainhas de Andor que haviam demonstrado coragem diante de grandes perigos, até que percebeu que eram todas as rainhas de Andor. *Serei rainha um dia; sou tão corajosa quanto elas.* Ela se preparou e disse: — Abra as portas, Egeanin, e depois se abaixe para que eu possa ver tudo. — A Seanchan hesitou. — Abra a porta. — Elayne foi surpreendida pela própria voz. Não tentara *fazer* nada, mas soou quieta, calma, imperiosa. Egeanin assentiu, quase com uma mesura, e mais que depressa escancarou as duas portas.

> — Meus quadris são fortes, fortes feito uma âncora.
> Meu beijo é explosivo…

A cantora de tranças escuras, envolta em fluxos de Ar até o pescoço e usando um vestido taraboniano de seda vermelha, manchado e amassado, foi interrompida pelas portas que se fecharam com um estrondo. Uma mulher de aparência frágil, em um vestido azul-claro de gola alta e corte cairhieno, estirada em um banco comprido com almofadas, parou de balançar a cabeça ao som da música e pôs-se de pé em um salto, o grande sorriso em seu rosto dando lugar a uma expressão de afronta.

O brilho de *saidar* já rodeava Temaile, mas ela não teve chance. Horrorizada com o que viu, Elayne abraçou a Fonte Verdadeira e disparou fortes fluxos de Ar, envolvendo a mulher dos ombros aos tornozelos, depois urdiu um escudo de Espírito e empurrou-o entre a mulher e a Fonte. O brilho tênue que envolvia Temaile esvaneceu, e ela saiu voando pelo banco como se tivesse acabado de ser golpeada por um cavalo a galope, revirando os olhos, e aterrissou de costas no chão, a três passos de distância, inconsciente, no carpete verde e dourado. A mulher de tranças escuras levou um susto quando os fluxos em torno dela tremeluziram e desapareceram. Espantada e incrédula, ela olhava para Temaile, Elayne e Egeanin.

Afrouxando a trama que envolvia Temaile, Elayne correu para o quarto, os olhos à procura de outras da Ajah Negra. Atrás dela, Egeanin fechou as portas. Não parecia haver mais ninguém.

— Ela estava sozinha? — inquiriu à mulher de vermelho. Era a Panarca, pela descrição de Nynaeve, que *tinha* mencionado *algo* a respeito de uma canção.

— Vocês não estão… com elas? — perguntou Amathera,

hesitante, os olhos escuros reparando nos vestidos das mulheres. — Vocês também são Aes Sedai? — Ela parecia disposta a duvidar, apesar da evidência de Temaile. — Mas não estão com elas?

— Ela estava sozinha? — perguntou Elayne, bruscamente, e Amathera deu um pulinho.

— Sim. Sozinha. Sim, ela… — A Panarca fez uma careta. — As outras me obrigaram a sentar no trono e proferir as palavras que colocavam na minha boca. Elas se divertiam em me fazer, algumas vezes, ser justa e, em outras, enunciar injustiças terríveis, decisões que vão causar conflitos durante gerações, se eu não consertá-las. Mas ela! — Aquela boca pequena e carnuda se abriu em um rosnado. — Ela, as outras puseram para me vigiar. Ela me machuca com o único objetivo de me fazer chorar. Me fez comer uma bandeja inteira de pimentas-de-gelo e não me deixou beber nem um gole d'água até eu implorar de joelhos, enquanto ela ria! Eu sonho que ela me leva para o topo da Torre da Manhã pelos tornozelos e me joga lá de cima. É um sonho, mas parece real, e a cada vez ela me solta, gritando, um pouco mais perto do chão. E gargalha! Me obriga a aprender danças lascivas, canções imundas, e ri quando diz que antes de irem embora ela vai me fazer cantar e dançar para entreter os… — Ganindo feito um gato arisco, ela subiu no banco e partiu para cima da mulher amarrada, enchendo-a de tapas e murros.

Egeanin, de braços cruzados diante das portas, parecia disposta a deixar aquilo seguir em frente, mas Elayne urdiu fluxos de Ar em torno da cintura de Amathera. Para a própria surpresa, conseguiu afastá-la da outra, já inconsciente, e a colocou de pé. Talvez aprender a manejar tramas pesadas com Jorin tivesse aumentado a força dela.

Amathera seguiu chutando na direção de Temaile, cravando o olhar em Elayne e Egeanin quando os pés calçados já não a acertavam.

— Eu sou a Panarca de Tarabon e pretendo dispensar justiça a essa mulher! — A boca de botão de rosa tinha um aspecto emburrado. A mulher teria se esquecido de quem era, de sua posição? Ela era equivalente a um rei, um governante!

— E eu sou a Aes Sedai que veio resgatar você — respondeu Elayne, com frieza. Ao perceber que ainda segurava a bandeja, colocou-a no chão mais que depressa. A mulher já parecia ter dificuldade suficiente para enxergar além dos vestidos brancos de serviçal. O rosto de Temaile estava bastante vermelho; ela acordaria com hematomas. Sem dúvida menos do que merecia. Elayne desejou uma forma de levar Temaile com elas. Uma forma de levar pelo menos uma à Torre, por justiça. — Nós viemos tirar você daqui. E nos arriscamos bastante! Depois pode ir procurar o Senhor Capitão da Legião da Panarca, e Andric e o exército dele, e pode ir atrás dessas mulheres. Talvez tenhamos a sorte de conseguir levar algumas delas a

julgamento. Mas primeiro precisamos tirar você daqui.

— Eu não preciso de Andric — resmungou Amathera. Elayne poderia jurar que a mulher quase dissera "agora". — A minha Legião tem soldados rodeando o palácio. Eu sei disso. Não me permitiram falar com nenhum deles, mas quando me virem e ouvirem a minha voz vão fazer o que tem de ser feito, sim? Vocês, Aes Sedai, não podem usar o Poder Único para fazer mal… — A voz dela foi morrendo, e ela fez uma cara emburrada de desprezo para Temaile. — Pelo menos vocês não podem usar o Poder como arma, sim? Eu sei disso.

Elayne surpreendeu a si mesma urdindo minúsculos fluxos de Ar, um para cada trança de Amathera. As tranças flutuaram, e a beiçudinha besta não teve escolha a não ser acompanhá-las nas pontas dos pés. Elayne a fez caminhar daquele jeito até a mulher parar diante dela, com os olhos escuros arregalados e indignados.

— Escute bem, Panarca Amathera de Tarabon — disse ela, em um tom gélido. — Se tentar ir até os soldados, as comparsas de Temaile podem muito bem embrulhar você em uma trouxa e mandá-la de volta para ela. E pior, elas vão saber que eu e minhas amigas estamos aqui, e isso eu não vou permitir. Vamos sair daqui *de fininho*, e se você não concordar com isso, vou amarrá-la e amordaçá-la aqui, do lado de Temaile, para que as amigas dela encontrem. — *Tinha* de haver alguma forma de levar Temaile também. — Está me entendendo?

Amathera assentiu sutilmente, ainda emburrada. Egeanin emitiu um sonzinho de aprovação.

Elayne soltou os fluxos; os calcanhares da mulher tocaram o chão.

— Agora vamos ver se encontramos alguma coisa para você usar que seja adequada à fuga. — Amathera assentiu outra vez, mas com um bico ainda maior. Elayne desejou que Nynaeve estivesse passando momentos mais tranquilos.

Nynaeve adentrou o grande salão de exibição com sua infinidade de colunas delgadas, já abanando o espanador de penas. A coleção decerto sempre precisava ser espanada, e sem dúvida uma mulher fazendo seu trabalho não despertaria a atenção de ninguém. Ela espiou ao redor, os olhos atraídos para uns ossos presos por arames que pareciam um cavalo de pernas compridas e um pescoço que deslocava o crânio uns vinte pés para cima. O amplo aposento estava vazio.

A qualquer momento, no entanto, alguém poderia entrar; serviçais que de fato estivessem ali para trabalhar, ou Liandrin e todas as comparsas para vasculhar. Ainda erguendo o espanador com proeminência, só por garantia, ela correu até o pedestal de pedra branca que abrigava a coleira e os braceletes foscos. Só percebeu que

prendia a respiração quando exalou o ar ao ver que tudo continuava lá. A mesinha lateral de vidro, que continha o selo de *cuendillar*, jazia a uns cinquenta passos de distância, mas o pedestal ficava mais perto.

Ela ultrapassou a corda de seda branca, tão grossa quanto um punho, e tocou a coleira, espessa e articulada. *Sofrimento. Agonia. Angústia.* As sensações a percorreram; ela quis chorar. Que tipo de coisa poderia absorver toda aquela dor? Afastando a mão, cravou o olhar no metal negro. Feito para controlar um homem capaz de canalizar. Liandrin e suas irmãs Negras pretendiam usá-lo para controlar Rand, voltá-lo para a Sombra, forçá-lo a servir ao Tenebroso. Uma pessoa de sua aldeia, controlada e usada por Aes Sedai! Ajah Negra, mas ainda assim Aes Sedai, feito Moiraine com suas tramoias! *Egeanin, me fazendo gostar de uma Seanchan imunda!*

O súbito contrassenso do último pensamento a tomou; de repente ela se deu conta de que estava deliberadamente provocando raiva em si mesma, raiva suficiente para canalizar. Abraçou a Fonte; o Poder a preencheu. E uma serviçal com a árvore e a folha no ombro adentrou o salão cheio de colunas.

Trêmula com o ímpeto de canalizar, Nynaeve aguardou, chegando a erguer o espanador e passando as penas pela coleira e os braceletes. A serviçal começou a avançar pelo piso de pedras claras; sairia em um instante, e Nynaeve poderia… o quê? Meter os objetos na bolsa do cinto e levá-los, mas…

A serviçal iria sair? *Por que eu pensei que ela iria sair e não ficar aqui trabalhando?* Ela olhou de esguelha para a mulher que vinha em sua direção. Claro. Nenhuma vassoura, nenhum esfregão, nenhum espanador ou pano de pó. *Seja lá por que ela está aqui, não pode levar mui…*

De repente, ela enxergou claramente o rosto da mulher. Robusto e vistoso, emoldurado por tranças escuras. Com um sorriso quase amistoso, mas distraído. De forma alguma ameaçador, sem dúvida. Não era bem o mesmo rosto, mas ela o reconheceu.

Nynaeve atacou sem nem pensar, tecendo um fluxo de Ar duro feito um martelo para esmagar aquela cara. Em um instante o brilho tênue de *saidar* cercou a outra mulher, a expressão dela se alterou — de certa forma agora mais majestosa, mais imponente, o rosto verdadeiro de Moghedien; ela estava atônita e surpresa por não ter conseguido chegar despercebida — e o fluxo de Nynaeve veio rente como o fio de uma navalha. Ela cambaleou sob o ricochete do açoite, feito um golpe físico, e a Abandonada rebateu com uma complexa trama de Espírito entremeada de Água e Ar. Nynaeve não tinha ideia do que aquilo causaria; frenética, tentou interrompê-lo como vira a outra mulher fazer, com uma trama de Espírito violenta. Por um brevíssimo instante, ela sentiu amor, devoção, veneração pela

magnífica mulher que concederia permissão para que ela…

A trama intrincada se rompeu, e Moghedien tropeçou. Ainda havia um resquício dentro da mente de Nynaeve, uma espécie de lembrança vívida, uma vontade de obedecer, de agradar, de se rastejar, de repetir o que acontecera no primeiro encontro entre elas; aquilo inflamou seu ódio. O escudo afiado que Egwene utilizara para estancar Amico Nagoyin formou-se de repente, mais arma do que escudo, prestes a cortar para sempre o contato de Moghedien com a Fonte, mas no último segundo o fluxo de Espírito foi aparado por outro semelhante. Mais um contragolpe partiu da Abandonada, dilacerante feito um machado, planejado para apartar Nynaeve da mesma forma. Para sempre. Desesperada, Nynaeve bloqueou.

De súbito ela percebeu que, por baixo da raiva, estava apavorada. Refrear as tentativas da outra mulher de estancá-la enquanto tentava fazer o mesmo lhe consumia todas as forças. O Poder ebulia de tal forma dentro de si que ela achava que iria explodir; seus joelhos tremiam com o esforço para manter-se de pé. E o foco era atacar e se defender; ela não podia dispensar nem o suficiente para acender uma vela. O machado de Espírito de Moghedien ora ficava mais afiado, ora menos, mas não faria a menor diferença se ela conseguisse acertá-la; Nynaeve não via nenhuma real distinção entre ser estancada pela mulher ou ser apenas — *apenas!* — blindada e submetida a ela. A força da outra roçou o fluxo de Poder da Fonte que havia dentro dela, feito uma faca pairando sobre o pescoço esticado de uma galinha. A imagem era bastante adequada; ela desejou não ter pensado naquilo. No fundinho de sua cabeça, uma vozinha balbuciou. *Ah, Luz, não deixe que ela consiga. Não deixe! Luz, por favor, isso não!*

Por um instante, considerou desistir de tentar estancar Moghedien — um dos motivos era a necessidade de manter seu fluxo afiado como a ponta de uma navalha, o que estava muito difícil — e usar toda a força para conter o ataque de Moghedien, forçá-lo a recuar, talvez rompê-lo. Porém, se tentasse isso, a outra mulher não precisaria se defender e poderia acrescentar aquela força ao seu próprio ataque. E ela era uma Abandonada; não só uma irmã Negra. Uma mulher que tinha sido Aes Sedai na Era das Lendas, quando os Aes Sedai eram capazes de fazer coisas que nos dias atuais eram impensáveis. Se Moghedien a atacasse com toda a sua força …

Um homem que entrasse ali naquele instante, ou qualquer mulher incapaz de canalizar, teria visto apenas duas mulheres se encarando, uma de cada lado da corda de seda, a uma distância de menos de dez pés. Duas mulheres se encarando em um enorme salão cheio de objetos estranhos. Ninguém enxergaria nenhuma evidência de um duelo. Nada de pulos ou golpes de espadas, como as lutas masculinas, nada destruído ou quebrado. Apenas duas mulheres paradas de pé.

Porém, ainda assim, um duelo, e talvez um duelo de morte. Contra uma Abandonada.

— Todo o meu cuidadoso plano arruinado — disse Moghedien subitamente, em um tom tenso e raivoso, com as mãos agarradas às saias. — No mínimo vou precisar fazer um esforço incalculável para que tudo volte a ser como antes. Talvez não seja possível. Ah, eu pretendo fazer você pagar muito caro por isso, Nynaeve al'Meara. Esse tem sido um esconderijo muito confortável, e essas mulheres apáticas têm um bom número de itens muito úteis, ainda que não… — Ela sacudiu a cabeça, os lábios arreganhados em um esgar de dentes. — Acho que vou levar você comigo dessa vez. Já sei. Vou usar você como banquinho vivo de montaria. Você vai ficar de quatro, e eu vou pisar nas suas costas para subir na minha sela. Ou talvez entregue você a Rahvin. Ele sempre retribui os favores. Agora está com uma rainhazinha que o entretém, mas belas mulheres sempre foram o ponto fraco dele. Ele gosta de ter umas duas, ou três, ou quatro dançarinas a seu serviço. O que você acha disso? Passar o resto da vida competindo pelos favores de Rahvin. Você vai querer, quando ele puser as mãos em você; ele tem lá seus truquezinhos. Sim, acho que você deve ficar com Rahvin.

A raiva se avultou em Nynaeve. Suor escorria de sua face, e suas pernas tremiam como se fossem ceder, mas a raiva lhe deu forças. Cheia de fúria, ela conseguiu impulsionar a arma de Espírito a um triz de apartar Moghedien da Fonte, antes que a mulher o bloqueasse novamente.

— Então quer dizer que você descobriu essa pequena joia atrás de você — comentou Moghedien, em um instante de tênue equilíbrio. Surpreendentemente, sua voz tinha um tom quase natural. — Fico me perguntando como foi que conseguiu. Não importa. Você veio levá-la embora? Ou talvez destruí-la? Não se pode destruí-la. Isso aí não é metal, e sim uma das formas de *cuendillar*. Nem fogo devastador consegue destruir *cuendillar*. E, se você pretende usá-lo, existem algumas… desvantagens, por assim dizer. É verdade, ao colocar a coleira em um homem capaz de canalizar, uma mulher que use os braceletes vai poder obrigá-lo a fazer o que bem entender, mas isso não vai impedir que ele enlouqueça. Além disso, existe um fluxo no sentido contrário. Uma hora o homem também vai começar a controlar você, que vai acabar em uma eterna batalha. Não é muito palatável quando ele começa a enlouquecer. É claro, sempre dá para passar o bracelete para outra mulher, de modo que nenhuma se exponha demais, mas isso significa confiar que outra pessoa fique com o homem. Os homens sempre praticam muito bem a violência; fabricam armas maravilhosas. Ou então duas mulheres podem usar um bracelete cada, se houver alguém em quem você confie o bastante;

isso reduz consideravelmente a velocidade dessa vazão, pelo que sei, mas também reduz o controle sobre o homem, mesmo que as duas operem em perfeita sintonia. Por fim, vocês duas vão se encontrar disputando com ele o controle, precisando que ele remova de vocês seu bracelete do mesmo jeito que ele precisa que lhe removam a coleira. — Ela inclinou a cabeça para a frente e ergueu uma sobrancelha, intrigada. — Está me acompanhando, creio eu? Controlar Lews Therin, ou Rand al'Thor, como é chamado agora, seria extremamente útil, mas valeria a pena? Pode imaginar por que deixei a coleira e os braceletes onde estão.

Trêmula por tentar reter o Poder e manter os fluxos urdidos, Nynaeve franziu o cenho. Por que a mulher estava dizendo tudo aquilo a ela? Estaria achando que não importava, pois sairia vencedora? Por que aquela súbita mudança, da ira para o falatório? Também havia suor no rosto de Moghedien. Muito suor, a brotar em sua testa larga e a correr pelas bochechas.

De repente, tudo mudou na cabeça de Nynaeve. A voz de Moghedien não estava tensa por conta da raiva; estava tensa por conta do esforço. Moghedien não iria subitamente atirar toda a sua força nela: já tinha feito isso. A mulher estava fazendo tanto esforço quanto ela. Nynaeve estava enfrentando uma Abandonada, mas, longe de ser depenada feito um ganso para o jantar, não havia perdido nem uma pena sequer. Estava diante de uma Abandonada, e de igual para igual! Moghedien estava tentando distraí-la, ganhar vantagem antes que sua própria força se esvaísse! Se ao menos Nynaeve conseguisse fazer o mesmo… Enquanto ainda tinha força.

— Sabe como sei de tudo isso? A coleira e os braceletes foram feitos depois que fui… bem, não vamos falar sobre isso. Depois que me libertei, a primeira coisa que fiz foi procurar informações sobre esses últimos dias. Últimos anos, na verdade. Existem muitos fragmentos aqui e ali que não fazem nenhum sentido para quem não tem ideia de nada, para começo de conversa. A Era das Lendas. Que nome fantástico vocês deram à minha época. Só que nem as suas histórias mais extraordinárias revelam sequer a metade. Eu já estava viva havia duzentos anos quando o Bore foi aberto, e ainda era jovem para uma Aes Sedai. As suas "lendas" não são mais do que fracas imitações do que nós podíamos fazer. Por que…

Nynaeve parou de escutar. Uma forma de distrair a mulher. Mesmo que ela conseguisse pensar em algo para dizer, Moghedien estaria bem precavida contra o método que ela mesma estava usando. Não podia dispender esforço para urdir nem mais um fiapinho de trama, não mais do que… não mais do que Moghedien. Uma mulher da Era das Lendas, uma mulher habituada por muito tempo a manejar o Poder Único. Talvez habituada a fazer quase tudo com o Poder,

antes de ser aprisionada. Escondida desde que fora libertada. Quanto essa mulher ainda estaria acostumada a fazer as coisas sem o Poder?

Nynaeve deixou as pernas desabarem. Largando o espanador, agarrou o pedestal para se segurar. Quase não precisava fingir.

Moghedien sorriu e deu um passo adiante.

— … viajar para outros mundos, até mundos no céu. Você sabe que as estrelas são… — Tão confiante, aquele sorriso. Tão triunfante.

Nynaeve agarrou a coleira, ignorando o solavanco de emoções dolorosas que jorraram para dentro dela, e a arremessou, tudo em um movimento só.

A Abandonada apenas começara a escancarar o queixo quando o grande aro negro a atingiu entre os olhos. Não foi um golpe forte, decerto insuficiente para derrubá-la, mas foi inesperado. O controle de Moghedien sobre seus fluxos fraquejou, muito brevemente, apenas por um instante. Ainda assim, por esse pequeno instante o equilíbrio entre as duas se desfez. O escudo de Espírito deslizou entre Moghedien e a Fonte; o halo que a rodeava esvaneceu.

Os olhos da mulher se arregalaram. Nynaeve esperou que ela pulasse em sua garganta; era o que ela deveria ter feito. Mas Moghedien apenas suspendeu as saias até os joelhos e saiu correndo.

Sem precisar se defender, bastou um pouco de esforço de Nynaeve para urdir uma trama de Ar em torno da mulher em fuga. A Abandonada congelou, bem no meio de uma passada.

Mais que depressa, Nynaeve firmou a trama. Tinha conseguido. *Eu enfrentei uma Abandonada e venci*, pensou, incrédula. Ao olhar a mulher presa do pescoço para baixo por ar rígido feito pedra, inclinada para a frente, com um dos pés erguidos, ela teve dificuldade de acreditar. Ao examinar o que havia feito, viu que não tinha sido uma vitória completa, como gostaria. Sua lâmina de espírito se enfraquecera um pouco antes de surtir efeito completo. Moghedien estava capturada e blindada, porém não estancada.

Tentando não cambalear, ela deu a volta e pôs-se diante da outra. Moghedien ainda tinha um ar majestoso, mas feito uma rainha muito assustada, lambendo os lábios, os olhos esquadrinhando todos os lados.

— Se… se você m-me soltar, p-podemos ch-chegar a um acordo. Eu p-posso ensinar m-muita coisa a você…

Impiedosa, Nynaeve a interrompeu, urdindo uma mordaça de Ar que impedia a mulher de fechar a boca.

— Um banquinho vivo de montaria. Não foi isso o que você disse? Acho ótima ideia. Gosto de montar. — Ela sorriu para a mulher, que tinha os olhos prestes a saltar das órbitas.

Banquinho de montaria! Depois que Moghedien fosse levada à Torre para ser julgada e estancada — não havia dúvida sobre a

sentença para um Abandonado — ela fatalmente seria condenada a fazer algum trabalho útil nas cozinhas, nos jardins ou nos estábulos, a não ser quando fosse exibida para servir de exemplo de que nem os Abandonados escapavam da justiça, nem eram tratados de maneira diferente de qualquer outro serviçal. E, além do mais, seria vigiada. No entanto, era melhor que a mulher achasse que Nynaeve era tão cruel quanto ela. Que achasse isso até de fato ser levada a…

A boca de Nynaeve se contorceu. Moghedien não seria levada a julgamento. Não naquele momento, pelo menos. A não ser que ela conseguisse descobrir alguma forma de removê-la do Palácio da Panarca. A mulher pareceu crer que a careta fosse presságio de alguma maldade; as lágrimas corriam de seus olhos, e ela remexia a boca, tentando forçar algumas palavras por detrás da mordaça.

Enojada consigo mesma, Nynaeve caminhou cambaleante de volta para onde estava a coleira preta e enfiou-a depressa na bolsa do cinto, antes que as severas emoções que o objeto encerrava fossem capazes de algo mais do que impressioná-la. Em seguida tomou os braceletes, com a mesma sensação de sofrimento e mágoa. *Eu estava prestes a torturar essa mulher fazendo-a pensar que eu a torturaria! Ela merece, sem dúvida, mas eu não sou assim. Ou sou? Eu não sou melhor do que Egeanin?*

Ela se virou com um pulo, furiosa por sequer ter considerado tal coisa, e caminhou a passos firmes até a mesa com tampo de vidro, passando por Moghedien. Tinha de haver um meio de levar aquela mulher à justiça.

Havia sete estatuetas no estojo. Sete, e nenhum selo.

Por um instante, Nynaeve só conseguiu encará-las. Uma das figuras, um animal estranho com o formato tosco de um porco, porém de focinho largo e redondo e pés da mesma grossura das pernas, estava no mesmo lugar onde estivera o selo, no centro da mesa. De súbito, ela apertou os olhos. O objeto não se encontrava ali de fato; era urdido a partir de Ar e Fogo, em fluxos tão diminutos que faziam teias de aranha parecer cabos grossos. Mesmo concentrada, ela mal conseguia vê-los. Duvidou de que Liandrin ou qualquer uma das outras irmãs Negras conseguissem. A menor resvalada com o Poder e o animal gordo desapareceu, deixando em seu lugar o selo branco e preto sobre o suporte de laca vermelha. Moghedien, a escondedora, o ocultara bem à vista. O fogo derreteu um buraco no vidro, e o selo também foi para o bolso dela, que começou a ficar saliente e puxando o cinto para baixo.

Franzindo o cenho para a mulher suspensa no dedão de uma das sandálias, ela tentou pensar em algum meio de levá-la também. Mas Moghedien não caberia em seu bolso, e ela imaginou que levantaria suspeitas, mesmo que conseguisse erguer a outra mulher. Aquela

imagem atrairia alguns olhares desconfiados. Ainda assim, durante o trajeto até a porta em arco mais próxima, ela não pôde evitar olhar para trás a cada passo. Se pelo menos houvesse alguma forma… Diante da porta, parou, lançou uma última olhadela pesarosa e virou-se para sair.

A porta se abriu em um pátio com uma fonte cheia de nenúfares. Do outro lado da fonte, uma mulher esguia, de pele acobreada, em um vestido taraboniano cor de creme que teria feito Rendra enrubescer, erguia uma haste preta canelurada de um passo de comprimento. Nynaeve reconheceu Jeaine Caide. E mais ainda, reconheceu a haste.

Em desespero, ela se atirou para o lado mais que depressa, com tanta força que saiu deslizando pelas pedras brancas lisas do chão até ser parada com um estrondo por uma das colunas delgadas. Uma barra branca, da espessura de uma perna, passou zunindo por onde ela estivera, como se o ar tivesse se transformado em metal fundido, e foi acertando tudo no caminho até o salão de exibição; fragmentos das colunas simplesmente sumiam por onde a barra passava, e artefatos de valor inestimável desapareciam. Nynaeve arremessou fluxos de Fogo para trás às cegas, na esperança de acertar alguma coisa, qualquer coisa que estivesse no pátio, e foi cruzando o salão de volta, engatinhando, cambaleante. Um pouco mais alta do que a cintura dela, a barra varou o salão, formando uma faixa de uma parede à outra; entre as duas, estojos, armários e esqueletos aramados desabaram e se partiram. Colunas cindidas estremeceram; algumas desabaram, mas o que caía por cima daquela terrível espada não sobrevivia para esmagar os mostradores e pedestais no chão. A mesa de tampo vidro desabou antes que o feixe fundido desaparecesse, deixando uma linha arroxeada que parecia fixada na visão de Nynaeve; apenas as estatuetas de *cuendillar* sobreviveram àquele feixe de luz derretido, e caíram quicando no chão.

As estatuetas não se quebraram, naturalmente. Parecia que Moghedien tinha razão; nem o fogo devastador era capaz de destruir *cuendillar*. Aquela haste preta era um dos *ter'angreal* roubados. Nynaeve se lembrou do aviso anexado à lista delas em uma caligrafia firme. *Produz fogo devastador. Perigoso e quase impossível de controlar.*

Moghedien parecia tentar gritar por detrás da mordaça invisível, a cabeça ricocheteando para a frente e para trás no frenesi da batalha contra as amarras de Ar, mas Nynaeve não lhe dispensou mais do que uma olhadela. Assim que o fogo devastador desapareceu, ela se levantou o suficiente para espiar o outro lado, pela rachadura aberta na parede do salão. Ao lado da fonte, Jeane Caide cambaleava, com uma das mãos na cabeça, a haste negra quase caindo da outra. Porém, antes que Nynaeve pudesse atacá-la, a mulher já havia erguido a haste canelurada outra vez; o fogo devastador irrompeu de uma das pontas,

destruindo tudo no caminho pelo aposento.

Quase encostando a barriga no chão, Nynaeve engatinhou até o outro lado o mais rápido que pôde, por entre os estrondos e estampidos das colunas e alvenarias que desabavam. Aos arquejos, disparou para um corredor aberto entre duas paredes rachadas. Não havia como dizer até onde ia a fenda aberta pelo fogo devastador; até a saída do palácio, talvez. Ela avançou, toda contorcida, por um tapete formado de fragmentos de pedra e espiou cuidadosamente pela lateral da entrada.

O fogo devastador havia desaparecido outra vez. O silêncio dominou o salão de exibição em ruínas, exceto no instante em que um pedaço de pedra cedeu e desabou no chão já repleto de entulhos. Não havia sinal de Jeaine Caide, embora um pedaço bem grande da parede oposta tivesse desabado, revelando claramente o pátio com a fonte. Nynaeve não iria se arriscar a conferir se o *ter'angreal* havia matado a mulher enquanto ela o utilizava. Ela foi recuperando o fôlego, com a respiração irregular, e seus braços e pernas tremiam tanto que ela se satisfez em simplesmente ficar ali parada um instante. A canalização requeria tanta energia quanto qualquer outro trabalho; quanto mais se canalizava, mais energia ia embora. E, quanto mais cansada estivesse, menos condições de canalizar. Ela não tinha total certeza de que ainda seria capaz de enfrentar Jeaine Caide naquele momento.

Que idiota ela havia sido. Lutando contra Moghedien com o Poder, sem pensar que canalizar com aquela força poderia atrair todas as irmãs Negras do palácio para cima dela. Fora uma grande sorte a domanesa não ter chegado com o *ter'angreal* enquanto Nynaeve ainda estava concentrada em dar conta da Abandonada. Muito provavelmente as duas teriam morrido antes que percebessem que a terceira mulher estava ali.

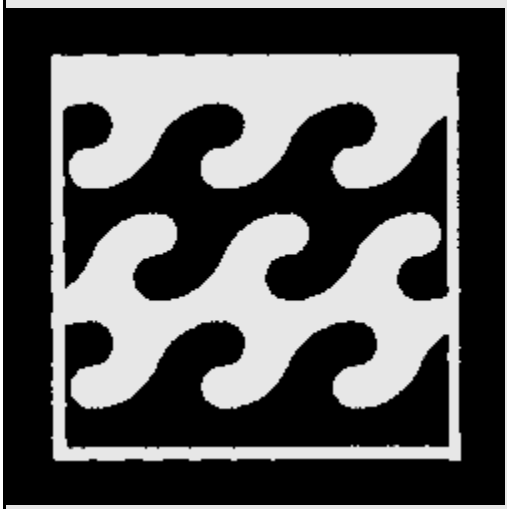
De repente, seus olhos incrédulos se petrificaram. Moghedien havia sumido! O fogo devastador não se aproximara mais de dez pés da mulher, mas ela não estava mais ali. Era impossível. Ela tinha sido blindada.

— Como posso saber o que é impossível? — resmungou Nynaeve. — Era impossível que eu derrotasse uma Abandonada, mas derrotei.

Ainda não havia sinal de Jeaine Caide.

Ela se levantou e correu até o local do encontro. Se pelo menos Elayne não tivesse se metido em nenhum problema, elas poderiam sair dali em segurança, no final das contas.

55



Nas profundezas

Nynaeve seguia em disparada pelos corredores, que fervilhavam com serviçais, todos desesperados, querendo saber o que estava acontecendo. Podiam não ser capazes de sentir o Poder sendo canalizado, mas sem dúvida haviam sentido o palácio sendo destruído. Ela foi abrindo caminho pela multidão. Até onde todos sabiam, ela era apenas mais uma serviçal em pânico.

Sentiu *Saidar* se esvaindo enquanto avançava ligeira pelos corredores e cruzava os pátios. Ater-se à raiva era difícil, pois estava cada vez mais apreensiva com a situação de Elayne. Se as irmãs Negras tivessem encontrado a menina… Não tinha como saber que armas elas portavam além do *ter'angreal* que produzia fogo devastador. A lista que tinham recebido não informava os usos de todos os objetos.

Em certo momento, viu Liandrin, com as tranças cor de mel claro, e Rianna, com a mecha branca nos cabelos negros, descendo apressadas um lance da escadaria de mármore. Não conseguiu ver o brilho tênue de *saidar* a rodeá-las, mas, pela forma como os serviçais gritavam e saltavam para dar passagem, as duas claramente forçavam caminho com um açoite de Poder. Ficou satisfeita por não ter tentado tocar a Fonte: as outras a teriam percebido no meio da multidão por conta do brilho de *saidar*, e ela não seria capaz de enfrentar qualquer uma delas antes de conseguir descansar um pouco, muito menos as duas juntas. Estava de posse do que tinha ido buscar. Aquelas mulheres teriam que esperar.

Quando Nynaeve chegou ao ponto de encontro, em um estreito

corredor no lado leste do palácio, a multidão já minguara e desaparecera. Elayne e a Seanchan a aguardavam junto a uma pequena porta com batente de bronze, trancada com um grande cadeado de ferro. Traziam Amathera, parada de pé, bem rígida, com uma capa de linho leve e o capuz erguido. O vestido branco da Panarca poderia passar por uma vestimenta de serviçal, se ninguém olhasse com atenção e reparasse que era de seda, e o véu, que não escondia o rosto, sem dúvida era feito do linho usado para os serviçais. O som de gritos abafados vinha pela porta. Ao que parecia, o motim ainda estava acontecendo. Se ao menos os homens estivessem fazendo a parte deles…

Nynaeve ignorou Egeanin e se jogou em cima de Elayne, envolvendo-a em um abraço rápido.

— Eu estava tão preocupada. Correu tudo bem?

— Foi tudo ótimo — respondeu Elayne. Egeanin se remexeu de leve, e a Filha-herdeira lançou um olhar significativo a ela, depois acrescentou: — Amathera deu um pouquinho de trabalho, mas a gente resolveu.

Nynaeve franziu o cenho.

— Trabalho? Por que ela daria trabalho? Por que você daria trabalho? — A última frase foi para a Panarca, que mantinha a cabeça erguida, recusando-se a encarar as outras.

Elayne parecia igualmente relutante.

Foi a Seanchan quem respondeu.

— Ela tentou fugir para incitar os soldados a atacar os Amigos das Trevas. Depois de ter sido advertida contra isso.

Nynaeve recusou-se a olhar para Egeanin.

— Não faça essa cara feia, Nynaeve — ralhou Elayne. — Eu fui atrás dela bem depressa, e tivemos uma conversinha. Acho que agora ela está totalmente de acordo comigo.

A Panarca fez cara de desgosto.

— Estou de acordo, Aes Sedai — apressou-se em dizer a mulher. — Farei exatamente o que você mandou, e lhes entregarei uns papéis para garantir que até os rebeldes as deixem passar sem maiores problemas. Não precisaremos mais… conversar.

Elayne assentiu, como se tudo aquilo fizesse sentido, e fez um gesto para que a mulher se calasse. Ao que a Panarca prontamente fechou a boca. Parecia um tantinho emburrada, mas talvez fosse apenas o formato natural. Estava claro que muita coisa estranha havia acontecido, e Nynaeve pretendia descobrir tudo o que se passara. Mas depois. Os dois lados do corredor estreito ainda estavam vazios, mas gritos de pânico continuavam a ecoar das profundezas do palácio. A turba ressoava do outro lado da portinhola.

— Mas e você? — perguntou Elayne, de testa franzida. — Deveria

ter chegado meia hora atrás. Foi você quem causou isso tudo? Senti duas mulheres canalizando Poder suficiente para destruir o palácio, e logo depois alguém realmente tentou destruí-lo. Achei que tivesse sido você. Tive que proibir Egeanin de sair correndo em seu encalço.

Egeanin? Nynaeve hesitou, depois forçou-se a tocar o ombro da Seanchan.

— Obrigada. — A mulher parecia não estar entendendo muito bem o que ela mesma fizera, mas assentiu sem demora. — Moghedien me encontrou, e eu comecei a pensar em como faria para levá-la a julgamento, então Jeaine Caide quase arrancou minha cabeça com fogo devastador. — Elayne soltou um arquejo baixo, e ela se apressou para tranquilizá-la. — Mas nem chegou perto, para falar a verdade.

— Você *capturou* Moghedien? Você capturou uma Abandonada?

— Capturei, mas ela fugiu. — Pronto. Contara tudo. Consciente dos olhares que a outras lançavam a ela, Nynaeve se remexeu, incomodada. Não gostava de errar. Sobretudo, não gostava de errar e ser a primeira a admitir o próprio erro. — Elayne, eu sei o que falei sobre tomar cuidado, mas, quando vi aquela mulher nas minhas mãos, tudo o que eu conseguia pensar era em levá-la a julgamento. — Ela respirou fundo e assumiu um tom de quem se desculpava. Odiava fazer aquilo. Onde estavam aqueles homens idiotas? — Pus tudo em risco porque não consegui me concentrar no objetivo, mas, por favor, não brigue comigo.

— Não vou brigar — respondeu Elayne, com firmeza. — Desde que você se lembre de tomar cuidado no futuro. — Egeanin pigarreou. — Ah, sim — acrescentou, ligeira. A espera parecia incomodá-la. Suas bochechas estavam salpicadas de pontinhos vermelhos. — Você encontrou a coleira e o selo?

— Estou com eles. — Nynaeve deu um tapinha na bolsa. A gritaria lá fora parecia aumentar. Assim como os berros que ecoavam nos corredores. Liandrin devia estar virando o palácio de cabeça para baixo, tentando descobrir o que acontecera. — O que está atrasando esses homens?

— A minha Legião — respondeu Amathera.

Elayne encarou a mulher, que fechou a boca de repente. Qualquer que fosse a conversa que as duas tinham levado, parecia ter sido séria. A Panarca fez bico, feito uma garotinha com medo de ser mandada para a cama sem jantar.

Nynaeve olhou para Egeanin. A mulher Seanchan vigiava a porta atentamente. Tivera vontade de ir em seu resgate. *Por que ela não me deixa odiá-la? Será que somos tão diferentes assim?*

De repente, a porta se abriu. Juilin, que estava agachado, puxou duas finas barras de metal envergadas de dentro fechadura e se levantou. Sangue escorria pela lateral de seu rosto.

— Rápido. Precisamos sair daqui antes que a coisa saia de controle.

Olhando para trás do homem, com olhos arregalados, Nynaeve se perguntou o que ele considerava fora de controle. Os marujos de Bayle Domon, pelo menos trezentos deles, formavam um semicírculo de duas filas perto da porta, com o próprio Domon balançando um porrete, gritando para encorajá-los. Tinha de gritar, diante da tamanha algazarra que dominava a rua larga. Homens se acotovelavam, lutavam e gritavam em uma massa furiosa, e os tacos e bastões dos marujos não eram suficientes para afastá-los. Não que os homens estivessem de fato interessados nos marujos. Espalhados pela multidão, grupos de Mantos-brancos a cavalo brandiam espadas para os que os rodeavam com ancinhos e ripas de barris, além de alguns de mãos vazias. Uma chuva de pedras desabava em cima deles, às vezes acertando um capacete, mas não faziam muito barulho em meio ao tumulto. O cavalo de um Manto-branco solitário de súbito relinchou, empinou-se e caiu para trás, depois se reergueu depressa, sem o cavaleiro. Outros animais sem cavaleiros pontilhavam a massa de homens. Era isso o que haviam desencadeado apenas para se proteger? Tentou lembrar-se do motivo, pondo a mão na bolsa para sentir o selo de *cuendillar*, a coleira e os braceletes, mas era difícil. Com certeza alguns homens estavam morrendo, ali na frente.

— Será que dá para vocês se mexerem, mulheres? — gritou Thom, acenando para que elas saíssem. Um corte vertia sangue por cima de uma das sobrancelhas frondosas, talvez causado por uma pedra, e a capa marrom já não servia nem como pano de chão. — Se a Legião da Panarca parar de avançar, isso pode virar uma bagunça.

Amathera soltou um som de espanto, logo antes de Elayne empurrá-la com força para fora. Nynaeve e Egeanin foram atrás. Assim que as quatro estavam do lado de fora, os marujos as rodearam, formando um círculo compacto, começando a lutar para sair do palácio. Tudo o que Nynaeve podia fazer era tentar não tropeçar, espremida pelos homens que se esforçavam para protegê-la. Em dado momento, Egeanin cambaleou e quase caiu. Nynaeve segurou o braço da Seanchan, ajudou-a a se levantar e recebeu um grande sorriso de gratidão. *Não somos tão diferentes*, pensou. *Não somos iguais, mas não somos tão diferentes assim.* Ela não precisou se esforçar para devolver um sorriso encorajador à mulher.

A massa fervilhante se estendia por muitas ruas fora do palácio, mas, quando o grupo se afastou, encontraram as ruas estreitas e sinuosas quase vazias. Quem não estava de fato envolvido no tumulto demonstrava sabedoria para manter distância. Os marujos abriram um pouco o círculo, dando mais espaço para as mulheres. No entanto, qualquer sujeito errante que olhasse na direção do grupo era encarado

com olhares furioso. As ruas de Tanchico ainda eram as ruas de Tanchico. De certa forma, aquilo surpreendeu Nynaeve. Parecia que passara várias semanas dentro do palácio. Parecia certo que a cidade estaria diferente.

Quando o burburinho começou a ficar para trás, Thom se curvou em uma mesura bastante elegante para Amathera, enquanto coxeava.

— É uma honra, Panarca — disse. — Se eu puder ser de qualquer serventia, é só a senhora falar.

Com uma expressão de choque, Amathera encarou Elayne, fez uma leve careta e respondeu:

— O senhor está se confundindo, meu bom senhor. Sou apenas uma pobre refugiada do campo, resgatada por essas boas mulheres.

Thom trocou olhares surpresos com Juilin e Domon, mas, quando abriu a boca para falar, Elayne o cortou:

— Será que a gente pode ir para a estalagem, Thom? Aqui é um péssimo lugar para conversar.

Quando o grupo chegou ao Jardim das Três Ameixeiras, todos ficaram igualmente surpresos ao ouvir Elayne apresentar a Panarca a Rendra como Thera, uma refugiada sem dinheiro que carecia de um catre e talvez de trabalho em troca de comida. A estalajadeira deu de ombros, resignada, mas, enquanto conduzia "Thera" às cozinhas, começou a elogiar seus lindos cabelos e a dizer como ela ficaria bonita no vestido adequado.

Nynaeve aguardou até que todos estivessem dentro da Câmara das Flores Caídas, com a porta fechada, para se pronunciar.

— *Thera*? E ela entrou no jogo! Elayne, Rendra vai mandar a mulher servir mesas no salão!

Elayne não parecia surpresa.

— Vai mesmo, é bem provável. — A Filha-herdeira afundou em uma cadeira, soltou um suspiro, chutou as sandálias e começou a massagear os pés. — Não foi difícil convencer Amathera a ficar escondida por alguns dias. De "a Panarca está morta" para "morte à Panarca" é um pulinho só. Acho que ver o motim também ajudou. Ela não quer depender de Andric para subir outra vez ao trono, quer que seus próprios soldados façam isso, mesmo que ela precise se esconder até poder entrar em contato com o Senhor Capitão da Legião. Acho que Andric vai se surpreender bastante com ela. Pena que *ele* não vá surpreendê-la. Ela merece.

Domon e Juilin trocaram olhares e balançaram a cabeça, intrigados. Egeanin assentiu para si mesma, como se ela, ao menos, compreendesse e aprovasse.

— Mas por quê? — inquiriu Nynaeve. — Vocês podem até ter ficado irritadas porque ela tentou fugir sozinha, mas isso? Como ela conseguiu a fugir, para começo de conversa, com vocês duas na cola

dela?

Os olhos de Egeanin se voltaram na direção de Elayne, tão depressa que Nynaeve não soube ao certo se realmente acontecera.

Elayne inclinou-se para coçar a sola do pé. O gesto decerto doera um pouco, pois ela ficou com as bochechas vermelhas.

— Nynaeve, essa mulher não faz ideia de como é a vida dos plebeus. — Como se ela fizesse! — Parece preocupada de verdade com a justiça, acredito que sim, mas não demonstrou o menor incômodo com o fato de haver comida suficiente para um ano dentro do palácio. Eu mencionei a cozinha de sopas, mas ela não sabia do que eu estava falando! Uns poucos dias trabalhando em troca de comida farão muito bem a ela. — Elayne esticou as pernas por baixo da mesa e remexeu os pés descalços. — Ah, como isso é bom. Não que ela vá ter muitos dias, eu imagino. Não se tiver que reunir a Legião da Panarca para arrancar Liandrin e as outras à força de dentro do palácio. Uma pena, mas é assim que é.

— Bom, ela vai ter que fazer isso — retrucou Nynaeve, com firmeza. Era bom se sentar, mas ela não conseguia entender o cuidado da outra garota com os pés. Quase não haviam caminhado. — E, quanto mais cedo, melhor. Precisamos da Panarca, e não de uma ajudante extra na cozinha de Rendra.

Não achava que havia qualquer necessidade de se preocupar com Moghedien. A mulher tivera todas as oportunidades de se revelar, depois de se libertar. Isso ainda a intrigava. Decerto fora descuidada ao urdir o escudo. Mas, se Moghedien não estivera disposta a enfrentá-la naquele momento, quando sabia que Nynaeve estava quase exaurida, era pouco provável que fosse partir atrás dela. Não por algo que pensava não valer muito a pena. O mesmo, no entanto, não valia para Liandrin. Se a mulher ficasse sabendo de metade do que acontecera, *iria* atrás delas.

— A justiça da Filha-herdeira — murmurou Thom — pode suplantar a justiça da Panarca. Havia uma torrente de homens passando por aquela porta, quando fomos embora. Vi fumaça saindo de várias janelas. Esta noite, veremos pouca coisa além de umas ruínas destruídas pelo fogo. Não precisaremos arranjar soldados para caçar a Ajah Negra, e, assim, "Thera" pode tirar uns dias para aprender a lição que você quer ensinar. Um dia você será uma excelente rainha, Elayne de Andor.

O sorriso satisfeito de Elayne sumiu quando ela olhou para o menestrel. A jovem se levantou, atravessou a sala a passos firmes, revirou os bolsos do casaco de Thom em busca de um lenço e começou a secar o sangue da testa do homem, apesar dos protestos dele.

— Fique quieto — ralhou ela, no tom exato de uma mãe tentando cuidar de uma criança rebelde.

— Será que a gente pode pelo menos ver as coisas pelas quais arriscamos nossas peles? — perguntou o menestrel, quando ficou claro que Elayne faria exatamente o que queria.

Nynaeve abriu a bolsa do cinto e dispôs o conteúdo sobre a mesa. O disco branco e preto que ajudava a encerrar a prisão do Tenebroso, a coleira e os braceletes que lhe enviaram ondas de sofrimento antes que ela os soltasse. Todos se reuniram para observar.

Domon tocou o selo.

— Eu já tive uma coisa igual a essa.

Nynaeve duvidou. Apenas sete haviam sido fabricados. Três foram destruídos, fossem ou não feitos de *cuendillar*. Um estava com Moiraine. Restavam quatro. Será que esses quatro dariam conta de manter a prisão em Shayol Ghul bem trancada? Que pensamento arrepiante.

Egeanin tocou a coleira e empurrou os braceletes para longe. Se sentia alguma emoção aprisionada neles, não demonstrou. Talvez a sensibilidade viesse apenas com a capacidade de canalizar.

— Isso aqui não é um *a'dam* — declarou a Seanchan. — É feito em uma só peça de um metal coberto de prata.

Nynaeve desejou que a mulher não tivesse mencionado o *a'dam*.

Mas ela nunca usou o bracelete de um a'dam. *E de fato soltou aquela coitada de quem nos falou. Coitada. Era* ela *— a tal Bethamin — quem controlava as mulheres com o* a'dam. Egeanin demonstrara mais piedade do que Nynaeve jamais teria.

— Isso é tão parecido com um *a'dam* quanto eu sou com você, Egeanin.

A Seanchan ficou espantada, mas, depois de um instante, assentiu. Não tão diferentes assim. Duas mulheres, cada uma fazendo o melhor que podia.

— Você pretende continuar atrás de Liandrin? — Juilin estava sentado, os braços cruzados sobre a mesa, analisando os objetos dispostos. — Ela pode até ir embora de Tanchico, mas ainda estará à solta. E as outras também. Só que esses objetos parecem importantes demais para serem deixados por aí. Eu sou apenas um caçador de ladrões, mas acho que eles devem ser levados à Torre Branca, só por garantia.

— Não! — Nynaeve se espantou com a própria veemência. Os outros também, pela maneira como a encararam. Devagar, ela apanhou o selo e o recolocou na bolsa. — Isso aqui vai para a Torre. Mas aqueles… — Ela não queria tocar outra vez nos objetos pretos. Se chegassem à Torre, as Aes Sedai poderiam decidir fazer o mesmo uso deles que a Ajah Negra imaginara. Controlar Rand. Moiraine faria isso? Siuan Sanche? Ela não pretendia correr o risco. — Eles são muitos perigosos para que a gente arrisque vê-los outra vez nas mãos

de Amigos das Trevas. Elayne, consegue destruí-los? Derreta. Não me interessa se vão queimar a mesa. Só destrua essas coisas!

— Concordo com você — respondeu Elayne, com uma careta.

Nynaeve duvidava. Elayne acreditava na Torre de todo o coração. Mas também acreditava em Rand.

Nynaeve não viu o brilho tênue de *saidar*, claro, mas a forma atenta como a garota encarava os objetos vis era sinal de que estava canalizando. Os braceletes e o colar jaziam ali. Elayne franziu o cenho, e seu olhar ficou mais concentrado. De repente, ela sacudiu a cabeça. Aproximou a mão por um instante, hesitante, de um dos braceletes, antes de apanhá-lo. E soltou-o outra vez, com um arquejo.

— A sensação é de… é cheio de… — Ela respirou fundo e continuou: — Eu fiz o que você pediu, Nynaeve. Se fosse um martelo, estaria derretido, pelo tanto de Fogo que urdi em cima, mas isso aqui não está nem quente.

Então Moghedien não tinha mentido. Sem dúvida pensara que não havia necessidade, que sua vitória era garantida. *Como a mulher se soltou?*

O que fazer com aquelas coisas? Ela não as deixaria cair nas mãos de *ninguém*.

— Mestre Domon, o senhor conhece uma parte do mar bem profunda?

— Conheço, sim, Senhora al'Meara — respondeu o homem, relutante.

Com cautela, tentando não sentir qualquer emoção, Nynaeve empurrou a coleira e os braceletes pela mesa em direção a ele.

— Então jogue isso no mar, onde ninguém nunca mais conseguirá pescar de volta.

Depois de um instante, o homem assentiu.

— Pode deixar. — Ele enfiou os objetos depressa no bolso do casaco, claramente incomodado de tocar algo com uma relação tão estreita com o Poder. — Na profundeza mais profunda do mar que eu conheço, perto de Aile Somera.

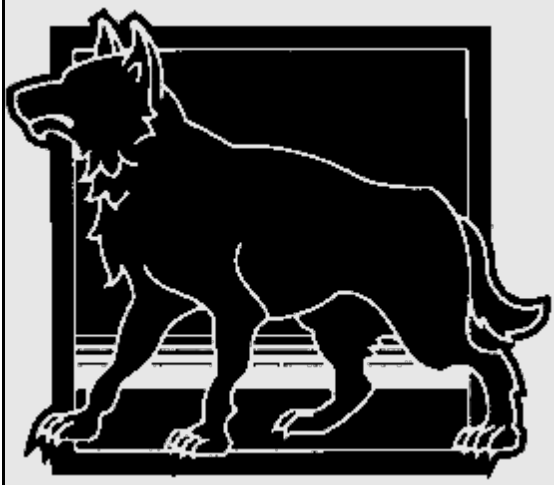
Egeanin encarou o chão, de cenho franzido, decerto pensando na partida do illianense. Nynaeve não se esquecera de que a mulher chamara Domon de "um homem de porte muito adequado". Até ela sentia vontade de rir. Estava quase acabado. Assim que Domon pudesse sair com o navio, a coleira e os braceletes odiosos iriam embora para sempre. Ela e Elayne poderiam partir para Tar Valon. E depois… Depois voltar para Tear, ou para onde al'Lan Mandragoran estivesse. Enfrentar Moghedien, perceber quão perto estivera da morte ou de coisa pior, apenas fizera crescer sua urgência em resolver as coisas com ele. Um homem ela precisava dividir com uma mulher que odiava. No entanto, se Egeanin podia olhar com afeição para um

homem a quem fizera prisioneiro — e Domon sem dúvida a olhava com interesse — e se Elayne era capaz de amar um homem fadado a enlouquecer, então ela poderia descobrir uma forma de desfrutar do que Lan fosse capaz de lhe dar.

— Vamos descer e conferir se “Thera” está se saindo bem como serviçal? — sugeriu.

Em breve, partiria rumo a Tar Valon. Em breve.

56



Olhos-Dourados

O salão da estalagem Fonte de Vinho estava silencioso, exceto pelo som dos rabiscos da caneta de Perrin. Silencioso e vazio, a não ser por ele e Aram. A luz do fim da manhã entrava pelas janelas. Da cozinha não vinha aroma algum. Não havia fogões acesos na aldeia, e até os carvões enfiados nas cinzas haviam sido encharcados. Não havia motivo para deixar o dom do fogo à mão. O latoeiro — ele às vezes se perguntava se era adequado ainda pensar em Aram como um latoeiro, mas um homem não podia deixar de ser o que era, portando uma espada ou não — permanecia encostado na parede, perto da porta principal, observando Perrin. O que ele esperava? O que queria? Mergulhando a pena no potinho de pedra cheio de tinta, Perrin pôs de lado a terceira folha de papel e começou a rabiscar a quarta.

Ban al'Seen abriu a porta, de arco na mão, e esfregou um dedo inquieto no nariz, para cima e para baixo.

— Os Aiel estão de volta — anunciou, baixinho, mas seus pés se remexiam como se tivessem vida própria. — Trollocs estão vindo do norte e do sul. Milhares deles, Lorde Perrin.

— Não me chame assim — retrucou o rapaz, distraído, o cenho franzido para a folha de papel.

Não tinha jeito com as palavras. Com certeza não sabia dizer as coisas do jeito rebuscado que as mulheres gostavam. Só conseguia escrever o que sentia. Mergulhou a pena outra vez no tinteiro e acrescentou mais algumas linhas.

Não vou pedir seu perdão pelo que fiz. Não sei se você

seria capaz de me perdoar, mas não vou pedir isso. Você é mais preciosa para mim que minha própria vida. Não pense que eu a abandonei. Quando o sol brilhar em seu rosto, será o meu sorriso. Quando você ouvir a brisa soprando nas flores das macieiras, serei eu sussurrando "eu te amo". O meu amor é seu, para sempre.

Perrin

Por um instante, analisou o que escrevera. Não era o bastante, mas teria de servir. Não tinha as palavras certas, e também não tinha tempo.

Com muito cuidado, secou a tinta molhada com um mata-borrão e dobrou as páginas. Quase escreveu "Faile Bashere" do lado de fora, mas trocou para "Faile Aybara". Percebeu que sequer sabia se as esposas tomavam o nome dos maridos, em Saldaea. Havia lugares onde isso não acontecia. Bem, Faile se casara com ele em Dois Rios, e teria que aturar os costumes de Dois Rios.

Deixou a carta no centro da cornija da lareira. Talvez chegasse até ela, um dia. Ajeitou a faixa nupcial vermelha por detrás da gola da camisa, para que caísse pela lapela do jeito certo. Deveria usá-la por sete dias, para que todos vissem que estava recém-casado.

— Vou tentar — disse à carta, baixinho.

Faile tentara amarrar uma faixa na barba dele. Perrin desejou que a tivesse deixado.

— Como, Lorde Perrin? — indagou Ban, ainda remexendo os pés, ansioso. — Eu não ouvi.

Aram mordia os lábios, os olhos arregalados e assustados.

— É hora de cuidar das tarefas do dia — anunciou Perrin. Talvez a carta chegasse a ela. De alguma forma. Apanhou o arco da mesa e jogou-o nas costas. Machado e aljava já pendiam do cinto. — E não me chame assim!

Na frente da estalagem, encontrou os Companheiros reunidos, já montados nos cavalos. Wil al'Seen levava aquele estandarte idiota com a cabeça do lobo, o cajado longo apoiado no ferro do estribo. Não fazia muito tempo que Wil tinha se recusado a carregar aquela coisa. Os sobreviventes dos que haviam se juntado a ele no primeiro dia agora detinham, orgulhosamente o direito. Wil, com o arco nas costas e uma espada na cintura, parecia tão orgulhoso quanto qualquer idiota.

Enquanto Ban subia na sela, desajeitado, Perrin o ouviu dizer:

— O homem é frio feito um lago de inverno. Feito gelo. Talvez não seja tão ruim assim, hoje.

Ele mal prestou atenção. As mulheres estavam reunidas no campo.

Estavam dispostas em um círculo de cinco ou seis fileiras ao redor do mastro comprido onde o estandarte maior com a cabeça vermelha de lobo tremulava ao vento. Cinco ou seis fileiras, ombro a ombro, levando armas de haste feitas de foices e ancinhos, além de machados de cortar madeira e robustas facas de cozinha e cutelos. Com um nó na garganta, ele montou em Galope e cavalgou na direção delas. As crianças formavam uma massa espremida dentro do círculo de mulheres. Todas as crianças de Campo de Emond.

Ao cavalgar lentamente por entre as fileiras, Perrin sentiu os olhos das mulheres a acompanhá-lo, e também os das crianças. Cheiro de medo e preocupação, coisa que estava evidente nos rostinhos infantis, mas o odor emanava de todos. Puxou a rédea, parando onde estavam Marin al'Vere, Daise Congar e o restante do Círculo das Mulheres. Alsbet Luhhan levava nos ombros um dos martelos do marido, e, na cabeça, o capacete de Manto-branco adquirido na noite de seu resgate, um pouco torto por conta da trança grossa. Neysa Ayellin segurava com firmeza uma faca de entalhar de lâmina comprida e trazia mais duas presas no cinto, às costas.

— Nós já planejamos o que vamos fazer — anunciou Daise, encarando Perrin como se esperasse uma discussão que não pretendia permitir. Segurava um ancinho amarrado a uma vara quase três pés maior que ela, apoiado na vertical. — Se os Trollocs invadirem por algum lugar, vocês, homens, vão ficar ocupados, então levaremos as crianças embora. Os mais velhos já sabem o que fazer, e todos já brincaram de esconde-esconde na floresta. Só para mantê-los seguros até poderem sair outra vez.

Os mais velhos. Meninos e meninas de treze e quatorze anos levavam os pequeninos amarrados às costas e seguravam as mãos dos maiores. Garotas mais velhas do que isso estavam nas fileiras com as mulheres. Bo Cauthon segurava um machado de lenha com as duas mãos, e sua irmã, Eldrin, portava uma lança de javali de ponta larga. Os rapazes mais velhos estavam com os homens ou trepados nos telhados de sapê, de arcos em punho. Os latoeiros permaneciam com suas crianças, dentro das casas. Perrin olhou para Aram, parado ao lado do estribo. Aquela gente não lutaria, mas cada adulto carregava dois bebês amarrados às costas e mais um aninhado no braço. Raen e Ila, abraçados, não o encaravam. Era só para mantê-los seguros até poderem sair outra vez.

— Peço desculpas. — Ele precisou parar e pigarrear. Não era sua intenção que a coisa chegasse àquele ponto. Por mais que refletisse, não conseguia pensar em nada de diferente que pudesse ter feito. Nem se entregar aos Trollocs teria impedido a matança e os incêndios. O fim teria sido o mesmo. — Não foi justo o que fiz com Faile, mas eu tive que fazer. Por favor, entenda isso. Eu tive que fazer.

— Não seja bobo, Perrin — respondeu Alsbet, enfática, mas com um sorriso afetuoso no rosto redondo. — Eu não aguento quando você começa de bobeira. Acha que esperaríamos outra coisa de você?

Com um pesado cutelo em uma das mãos, Marin estendeu a outra para dar um tapinha no joelho de Perrin.

— Qualquer homem a quem valha a pena cozinhar uma boa refeição teria feito o mesmo.

— Obrigado. — Luz, como sua voz. Dali a pouco estaria fungando feito uma criancinha. Ainda assim, por algum motivo, estava embargada não conseguiu suavizar o tom. As mulheres deviam estar pensando que ele era um idiota. — Obrigado. Eu não deveria ter enganado a senhora, mas Faile não teria ido embora se tivesse suspeitado.

— Ah, Perrin. — Marin riu. Uma risada de verdade, mesmo com tudo o que estava enfrentando, com todo o cheiro de medo que exalava. O rapaz desejou ter metade da coragem daquela mulher. — Nós sabíamos qual era a sua intenção antes mesmo de você fazer a garota montar no cavalo, e não posso afirmar com certeza que a própria Faile não sabia. As mulheres acabam fazendo muitas coisas que não querem fazer só para agradar vocês, homens. — Então acrescentou, com firmeza: — Agora vá cuidar do que tem que fazer. Isso aqui é assunto do Círculo das Mulheres.

Perrin conseguiu dar um jeito de retribuir o sorriso.

— Sim, senhora — respondeu, coçando a testa. — Me perdoe. Eu sei muito bem que é melhor não meter o bedelho nessas coisas.

As mulheres à volta de Marin riram, achando graça, e ele deu meia-volta com Galope.

Percebeu que Ban e Tell vieram cavalgando logo atrás, trazendo o restante dos Companheiros na cola de Wil e do estandarte. Fez um gesto para que os dois se aproximassem.

— Se as coisas ficarem ruins hoje — anunciou, com um de cada lado — os Companheiros devem voltar para cá e ajudar as mulheres.

— Mas…

Ele interrompeu o protesto de Tell.

— Façam o que eu mandei! Se alguma coisa der errado, saiam daqui com as mulheres e as crianças! Estão me ouvindo? — Os homens assentiram. Relutantes, mas assentiram.

— E você? — perguntou Ban, baixinho.

Perrin o ignorou.

— Aram, você fica com os Companheiros.

Avançando entre Galope e o cavalo peludo de Tell, o latoeiro sequer olhou para cima.

— Eu não vou sair do seu lado — respondeu ele, simplesmente, mas em um tom que não deixava espaço para discussão. O rapaz não

mudaria de ideia, não importava o que ele dissesse, e Perrin se perguntou se os lordes de verdade passavam pelo mesmo tipo de problema.

Na ponta oeste do Campo, os Filhos estavam montados nos cavalos, os mantos reluzindo com o raio de sol dourado, os capacetes e armaduras brilhando, as pontas das lanças cintilando. Formavam uma longa coluna de duas parelhas que se estendia até o meio das casas mais próximas. Deviam ter passado a noite inteira polindo as armaduras. Dain Bornhald e Jaret Byar moveram os cavalos para virar-se de frente para Perrin. Bornhald permanecia sentado ereto sobre a sela, mas cheirava a conhaque de maçã. O rosto encovado de Byar se contorceu, com uma raiva ainda mais profunda do que de costume, quando ele encarou Perrin.

— Achei que vocês já estariam em suas posições — disse Perrin.

Bornhald torceu o nariz e encarou a crina do cavalo, sem responder. Depois de um instante, Byar retrucou:

— Estamos indo embora daqui, Criatura da Sombra. — Um burburinho raivoso começou a se elevar entre os Companheiros, mas o homem de olhos fundos os ignorou, assim como ignorou Aram, que passou a mão pelo ombro para agarrar o punho da espada. — Vamos passar pelos seus amigos no caminho de volta para Colina da Vigília e nos unir ao restante dos nossos homens.

Indo embora. Mais de quatrocentos soldados indo embora. Eram Mantos-brancos, mas eram soldados montados, não fazendeiros. Soldados que haviam concordado — Bornhald concordara! — em apoiar os homens de Dois Rios onde quer que a batalha ebulisse. Se Campo de Emond quisesse ter a menor chance que fosse, Perrin teria de contar com aqueles homens. Galope deu um tranco com a cabeça e bufou, como se captasse o humor do dono.

— Você ainda acredita que eu sou Amigo das Trevas, Bornhald? Quantos ataques viu até agora? Esses Trollocs tentaram me matar da mesma forma que tentaram matar os outros.

Bornhald ergueu a cabeça devagar, os olhos perturbados e ao mesmo tempo meio vidrados. As mãos protegidas pelas manoplas de aço se flexionaram nas rédeas, em um movimento inconsciente.

— Você acha que a essa altura eu já não descobri que essas defesas foram erguidas sem você? Nada disso foi coisa sua, sim? Eu não vou manter meus homens aqui para ver você jogar seus próprios aldeões na boca dos Trollocs. Você vai dançar em cima da pilha de corpos quando isso tudo acabar, Criatura da Sombra? Ah, não em cima dos nossos! Pretendo viver por tempo suficiente para ver você ser levado à justiça!

Perrin deu um tapinha no pescoço de Galope, tentando acalmar o garanhão. Precisava daqueles homens.

— Vocês querem me levar? Muito bem. Quando isso tudo acabar, quando os Trollocs estiverem derrotados, não vou resistir se vocês tentarem me prender.

— Não! — gritaram Ban e Tell, ao mesmo tempo.

Atrás deles, ergueu-se um estrondo de protestos. Aram encarou Perrin, perturbado.

— Uma promessa vazia — retrucou Bornhald, encarando-o com desprezo. — Você quer que todo mundo morra aqui, exceto você mesmo!

— E você nunca vai saber se fugir, não é mesmo? — Perrin assumiu um tom áspero e desdenhoso. — Vou manter a minha promessa, mas, se você for embora, pode ser que nunca volte a me encontrar. Vá, se quiser! Fuja e tente esquecer o que está acontecendo aqui! Toda aquela conversa de proteger o povo dos Trollocs… Quantos morreram nas mãos dos Trollocs, depois que você chegou? A minha família não foi a primeira, e com certeza não será a última. Fuja! Ou fique, se for capaz de lembrar que é homem. Se precisar encontrar coragem, olhe só para essas mulheres, Bornhald. Qualquer uma delas tem mais coragem do que todos vocês, Mantos-brancos, juntos!

Bornhald tremia como se cada palavra fosse um golpe. Perrin achou que o homem fosse desabar da sela. Ereto e cambaleante, o Manto-branco o encarou.

— Eu vou ficar — anunciou, com a voz rouca.

— Mas, meu Lorde Bornhald… — protestou Byar.

— Uma morte honrada! — rosnou Bornhald. — Se temos que morrer aqui, teremos uma morte honrada! — Ele virou a cabeça com violência de volta para Perrin, com saliva nos lábios. — Nós vamos ficar. Mas, no fim, eu verei você morto, Criatura da Sombra! Pela *minha* família, pelo *meu* pai, eu… verei… você… *morto*!

Ele puxou o cavalo bruscamente e retornou a meio-galope até a fileira de Mantos-brancos. Byar arreganhou os dentes para Perrin, em um rosnado silencioso, antes de seguir seu comandante.

— Você pretende manter essa promessa? — perguntou Aram. — Você não pode.

— Preciso ver como estão todos — comentou Perrin. Não havia muita chance de que vivesse o bastante para manter a promessa. — Não temos muito tempo.

Ele cravou as botas nos flancos de Galope, e o cavalo deu um pinote para a frente, em direção ao lado oeste da aldeia.

Atrás das estacas pontudas voltadas para a Floresta do Oeste, homens permaneciam agachados com suas lanças, alabardas e armas de haste confeccionadas por Haral Luhhan, que também estava lá, com o colete de ferreiro e uma lâmina de foice presa à ponta de uma vara de oito pés de comprimento. Atrás deles estavam os homens com

arcos, em fileiras entremeadas por quatro catapultas. Abell Cauthon caminhava devagar por entre elas, falando com cada um dos homens.

Perrin freou as rédeas ao lado de Abell.

— A notícia é que eles estão vindo do norte e do sul — murmurou — mas fique de olho.

— Vamos vigiar. E estou pronto para mandar metade dos meus homens para onde for preciso. Eles vão ver que o povo de Dois Rios não é presa fácil.

O sorriso escancarado de Abell era muito parecido com o do filho.

Para o constrangimento de Perrin, os homens urraram um comprimento ressonante enquanto ele avançava, com os Companheiros e o estandarte logo atrás.

— Olhos-Dourados! Olhos-Dourados! — gritavam.

Volta e meia surgia um "Lorde Perrin!" em meio à algazarra. Sabia que deveria ter batido o pé mais forte no início.

Tam assumira a liderança ao sul, com o rosto mais sombrio que o de Abell, avançando quase como um Guardião, a mão apoiada no punho da espada. Aquela graça mortal e voraz parecia estranha no fazendeiro corpulento e grisalho. Ainda assim, suas palavras para Perrin não foram tão diferentes das de Abell.

— Nós de Dois Rios somos muito mais fortes do que a maioria pensa — murmurou. — Não se preocupe, hoje seremos motivo de muito orgulho.

Alanna estava parada ao lado de uma das seis catapultas erguidas naquela área, toda preocupada com uma grande pedra que era içada para dentro de um dos suportes na ponta de uma das vigas robustas. Ihvon parou o cavalo perto dela, com a capa furta-cor de Guardião, esguio feito uma lâmina de aço e alerta como um gavião. Não havia dúvida de que ele escolhera seu lugar — onde quer que Alanna estivesse — e sua luta — preservar a vida dela, independentemente do que acontecesse. O homem mal olhou para Perrin. Mas, quando ele passou, a Aes Sedai fez uma pausa, as mãos suspensas sobre a pedra, os olhos a acompanhá-lo. O rapaz quase pôde senti-la avaliando-o, medindo-o, julgando-o. Os urros também o acompanhavam ali.

No ponto onde a cerca de estacas ficava à frente das poucas casas a leste da estalagem Fonte de Vinho, Jon Thane e Samel Crawe dividiam o comando. Perrin disse aos dois o mesmo que dissera a Abell, e recebeu a mesma resposta. Jon, vestido em uma cota de malha com buracos em diversos pontos, vira a fumaça de seu moinho incendiado, e Samel, com cara de cavalo e nariz comprido, tinha certeza de ter visto a fumaça de sua fazenda. Nenhum dos dois esperava que o dia fosse fácil, mas ambos estavam cobertos de um manto rígido de determinação.

Perrin decidiu que sua luta seria no norte. Dedilhando a fita que

pendia de uma lapela, espiou na direção de Colina da Vigília, na direção que Faile seguira, e se perguntou por que teria escolhido o lado norte. *Voe livre, Faile. Voe livre, meu coração.* Imaginou que aquela área seria tão apropriada para morrer quanto qualquer outra.

Bran supostamente assumira a liderança daquelas bandas, com seu elmo e colete com discos de metal cerzidos, mas parou de conferir os homens ao longo da cerca para dispensar uma mesura a Perrin, a maior que sua circunferência corporal permitia. Gaul e Chiad permaneciam a postos, as cabeças envoltas nas *shoufas,* os rostos encobertos até os olhos por detrás dos véus negros. Lado a lado, percebeu Perrin. Fosse lá o que tivesse se passado entre os dois, parecia se sobrepor à rixa de sangue dos clãs. Loial portava um par de machados de madeira, pequenos se comparados às suas mãos imensas. As orelhas peludas se inclinavam para a frente, cheias de fúria, e o rosto largo estava fechado.

Você acha que eu fugiria?, perguntara ele, quando Perrin sugerira que o Ogier poderia escapulir no meio da noite atrás de Faile. As orelhas haviam caído, cheias de pesar e cansaço. *Eu vim com você, Perrin, e vou ficar até você ir embora.* Então soltara uma risada repentina, um som grave e retumbante que quase sacudira as louças. *Talvez alguém até conte uma história a meu respeito, um dia. Não é frequente acontecer com meu povo, mas acho que pode haver um herói Ogier. Uma piada, Perrin! Eu fiz uma piada! Ria! Venha, vamos contar umas piadas, rir um pouco e pensar em Faile voando livre.*

— Não é piada, Loial — murmurou Perrin, enquanto cavalgava entre as fileiras de homens, tentando não escutar a algazarra. — Você é um herói, queira ou não.

O Ogier abriu um sorriso largo e tenso antes de deitar os olhos outra vez no chão limpo em frente à cerca. Pedaços de pau rajados de branco marcavam intervalos de cem a quinhentas passadas. Para além disso, havia campos forrados de tabaco e cevada, a maioria esmagada por ataques anteriores, além de sebes, cercas baixas de pedra e bosques de folhas-de-couro, pinheiros e carvalhos.

Perrin conhecia muitos rostos naquelas fileiras de homens à espera. O corpulento Eward Candwin junto de Paet al'Caar, de queixo-quadrado, erguendo lanças. Buel Dowtry, o flecheiro grisalho, estava ao lado dos arqueiros, claro. E Jac al'Seen, forte e grisalho, estava junto com seu primo careca, Wit. Também tinha Flann Lewin, um senhor enrugado, um varapau magricela como todos os homens de sua família. Jim Torfinn e Hu Marwin, dois dos primeiros a acompanhá-lo, estavam muito constrangidos para se juntar aos Companheiros. Como se a falha em detectar a emboscada na Floresta das Águas tivesse aberto uma espécie de abismo entre eles e os outros. Elam Dowtry, Dav Ayellin e Ewin Finngar também estavam lá. Assim como Hari

Coplin e seu irmão, Darl, além do velho Bili Congar. Perrin também viu Berin Thane, o irmão do moleiro; Athan Dearn, o gordo; Kevrim al'Azar, cujos netos já tinham filhos crescidos; Tuck Padwhin, o carpinteiro; e…

Ele se obrigou a parar de enumerar os homens e cavalgou até onde estava Verin, ao lado de uma das catapultas, sob o olhar atento de Tomas, montado no garanhão cinzento. A Aes Sedai roliça, vestida de marrom, analisou Aram por um instante antes de voltar o olhar a Perrin. Parecia uma ave de rapina, com uma sobrancelha erguida, como se questionasse por que ele viera incomodá-la.

— Estou um pouco surpreso em ver você e Alanna ainda aqui — comentou Perrin. — Ir atrás de garotas capazes de aprender a canalizar não pode ser algo pelo qual valha a pena acabar morrendo. Nem se prender a um *ta'veren*.

— É isso que estamos fazendo? — Ela apoiou as mãos na cintura e inclinou a cabeça para o lado, pensativa. — Não — disse, por fim — acho que ainda não dá para irmos embora. Você é um estudo muito interessante. Tanto quanto Rand, a seu próprio modo. E o jovem Mat. Se eu pudesse me dividir em três, ficaria colada a cada um e acompanharia cada momento, dia e noite, mesmo que tivesse de me casar com vocês.

— Eu já tenho uma esposa. — Era estranho dizer aquilo. Estranho e bom. Tinha uma esposa, e ela estava em segurança.

Verin despedaçou o devaneio de Perrin.

— Verdade, tem mesmo. Mas não sabe o que significa se casar com Zarine Bashere, não é? — Ela estendeu o braço para virar o machado dele, preso ao cinto, e analisá-lo. — Quando vai trocar isso aqui pelo martelo?

Encarando a Aes Sedai, Perrin puxou a rédea de Galope, para afastá-lo um passo, e puxou o machado das mãos da mulher antes que percebesse o que fazia. *O que* se casar com Faile significava? Largar o machado? O que ela queria dizer? O que ela sabia?

— ISAM! — O urro gutural se ergueu como um trovão. Trollocs surgiram, cada um com metade a mais da altura de um homem e o dobro da largura, trotando pelos campos e parando além do alcance de uma flechada. Era uma massa imensa, protegida por malha negra, espalhando-se por toda a extensão da aldeia. Havia milhares agrupados, as caras imensas distorcidas por bicos e focinhos, as cabeças com chifres ou cristas emplumadas. Tinham pregos nos ombros e cotovelos, espadas curvas feito foices e machados com ponteiras, lanças retorcidas e tridentes farpados, um verdadeiro mar de armas letais. Atrás deles, Myrddraal galopavam para cima e para baixo em cavalos negros como a meia-noite, as capas negras feito corvos, imóveis enquanto seus donos rodopiavam em cima das

montarias.

— ISAM!

— Interessante — murmurou Verin.

Perrin não achou que fosse a palavra certa para descrever a cena. Era a primeira vez que os Trollocs gritavam qualquer coisa compreensível. Não que ele tivesse a mais vaga ideia do significado.

Alisando a faixa nupcial, forçou-se a cavalgar com calma até o centro da fileira de Dois Rios. Os Companheiros entraram em formação atrás dele. A brisa erguia o estandarte com a cabeça vermelha de lobo. Aram empunhava a espada com as duas mãos.

— A postos! — gritou Perrin. Sua voz saiu firme, ele não pôde acreditar.

— ISAM!

A onda negra avançou, emitindo uivos incompreensíveis.

Faile estava em segurança. Nada mais importava. Não se permitiria ver os rostos dos homens que se alinhavam de cada lado. Ouviu os mesmos urros vindos do sul. De duas direções ao mesmo tempo. Os inimigos nunca tinham tentado isso. Faile estava a salvo.

— A quatrocentas passadas…! — Em todas as fileiras, os arcos se ergueram de uma só vez. A massa urrante se aproximou ainda mais, as pernas compridas e grossas devorando o chão. Mais perto. — Disparar!

O estrépito das cordas dos arcos se perdeu em meio ao rugido dos Trollocs, mas uma chuva de flechas de penas de ganso varou o céu, caindo em arco em direção à horda de malhas negras. Pedras das catapultas estouraram em bolas chamejantes e fragmentos pontiagudos em cima das fileiras que fervilhavam com as Criaturas das Trevas. Trollocs desabaram. Perrin os viu caindo, esmagados em meio a botas e cascos. Até alguns Myrddraal caíram. Ainda assim, a onda continuava avançando, fechando os buracos e vãos, sem parecer ter qualquer baixa.

Não foi necessário ordenar outra saraivada. Uma segunda se seguiu à primeira com tanta rapidez quanto os homens conseguiram encaixar as flechas nos arcos, uma nova chuva de pontas largas se erguendo antes que a primeira tivesse caído, a terceira vindo logo em seguida, a quarta, a quinta. O fogo irrompia por entre os Trollocs com tanta rapidez quanto era possível baixar os braços das catapultas. Verin galopava de uma a outra, inclinada na sela. Mas as imensas silhuetas urrantes avançavam, gritando em uma língua que Perrin era incapaz de compreender, mas sabia que gritavam por sangue, sangue e carne humanos. Os homens agachados atrás das estacas se aprontaram, erguendo as armas.

Perrin sentiu um calafrio. Já via o solo atrás da avançada dos Trollocs tomado pelos mortos e moribundos, mas o número de

criaturas parecia não diminuir. Galope empinava, nervoso, mas Perrin não conseguia ouvir o relincho do garanhão por conta dos urros dos Trollocs em disparada. O machado veio para sua mão com suavidade, a lâmina comprida em meia-lua e a ponteira grossa reluzindo à luz do sol. Ainda não era nem meio-dia. *Meu coração é para sempre seu, Faile.* Desta vez, ele não achou que as estacas fossem…

Sem sequer reduzir a marcha, a fileira dianteira de Trollocs partiu para cima das estacas afiadas, as caras deformadas pelos focinhos e bicos se contorcendo com guinchos e uivos quando os corpos eram espetados. As criaturas foram sendo derrubadas por outras, ainda mais imensas, que se amontoavam por detrás delas, caíam por cima das estacas e iam sendo substituídas por mais, sempre mais. Uma última saraivada de flechas foi disparada, quase à queima-roupa. Em seguida veio a investida com lanças, alabardas e armas de haste caseiras, que eram enfiadas e cravadas nos imensos corpos cobertos de malha negra. Os Trollocs iam desabando enquanto os arqueiros atiravam como podiam nas caras inumanas, uns por cima dos outros. Até os garotos em cima dos telhados disparavam flechas. Loucura, morte, urros, gritos e uivos ensurdecedores se espalhavam. Lenta e inexoravelmente, a coluna de Dois Rios foi sendo empurrada. Se os Trollocs, em qualquer um dos pontos…

— Recuem! — gritou Perrin.

Um Trolloc com focinho de javali, já sangrando, forçou passagem por entre as fileiras de homens, guinchando e golpeando com a espada grossa e curva. O machado de Perrin acertou seu focinho, dividindo a cabeça ao meio. Galope tentava recuar, dando berros inaudíveis em meio ao estrondo.

— Recuem!

Darl Coplin caiu, agarrado à coxa perfurada por uma lança da grossura de um punho. O velho Bili Congar tentou arrastá-lo para trás enquanto manejava uma lança de javali com dificuldade. Hari Coplin balançava a alabarda para defender o irmão, a boca escancarada no que parecia um grito sem som.

— Recuem para as casas!

Não soube ao certo se outros ouviram a ordem e passaram adiante ou se a montanha opressora de Trollocs pressionou ainda mais, mas, bem devagar, um passo relutante de cada vez, os humanos foram recuando. Loial balançava os machados ensanguentados feito malhos, a imensa boca contorcida em um rosnado. Ao lado do Ogier, Bran golpeava com sua lança. O homem tinha um ar sombrio: perdera o elmo tosco, e sangue escorria da franja de cabelos grisalhos. De cima do garanhão, Tomas abriu um espaço em volta de Verin. A Aes Sedai, com os cabelos despenteados feito uma louca, perdera o cavalo, mas bolas de fogo saíam de suas mãos, e cada Trolloc atingido explodia em

chamas como se estivesse embebido em óleo. Não era suficiente para se defender. Os homens de Dois Rios recuavam aos poucos, acotovelando-se ao redor de Galope. Gaul e Chiad lutavam de costas um para o outro. A Donzela empunhava apenas uma lança, enquanto o Cão de Pedra golpeava e cortava com a faca pesada. Recuar. A leste e oeste, os homens haviam saído das linhas de defesa para evitar que os Trollocs os flanqueassem, mas continuavam disparando flechas. Não era suficiente. Recuar.

De súbito, uma silhueta com chifres de carneiro começou a tentar puxar Perrin para fora da sela, a tentar montar atrás dele. Debatendo-se, Galope desabou com o peso dos dois. Com a perna presa embaixo da montaria, quase a ponto de quebrar, morrendo de dor, Perrin fez esforço para puxar o machado, para afastar da garganta aquelas mãos maiores que as de um Ogier. O Trolloc gritou quando a espada de Aram foi cravada em seu pescoço. O latoeiro deu um giro suave e acertou outro Trolloc, bem no meio do corpo, ao mesmo tempo em que a primeira criatura desabava ao lado de Perrin, jorrando sangue.

Grunhindo de dor, Perrin sacudiu as pernas para se libertar, ajudado por Galope, que logo se pôs de pé. No entanto, não houve tempo para pensar em montar outra vez. Perrin mal conseguira girar o corpo quando os cascos de um cavalo negro pisotearam o local onde sua cabeça estivera apenas segundos antes. Pálido, o rosto sem olhos contorcido em um rosnado, o Desvanecido se inclinou na sela enquanto Perrin tentava se levantar, brandindo a espada negra feito a morte, a lâmina roçando em seus cabelos quando o rapaz caiu. Sem piedade, Perrin balançou o machado, arrancando uma das pernas do cavalo da criatura. Cavalo e cavaleiro desabaram para a frente, juntos. Durante a queda, o ferreiro enfiou o machado onde deveriam ficar os olhos, no rosto do Meio-homem.

Perrin soltou o machado com um puxão a tempo de ver as pontas do ancinho de Daise Congar acertarem a garganta de um Trolloc com focinho de bode. A criatura agarrou o cabo longo com uma das mãos e partiu para cima da mulher com uma lança farpada na outra, mas Marin al'Vere interrompeu o golpe, muito tranquila, com uma investida do cutelo. A perna do Trolloc cedeu, e, com a mesma frieza, a mulher retalhou a espinha da Criatura das Trevas bem na base do pescoço. Outro Trolloc ergueu Bo Cauthon no ar, pela trança. Com a boca escancarada em um grito apavorado, a jovem cravou o machado de lenha no ombro da criatura, protegido pela malha, enquanto sua irmã, Eldrin, enfiava a lança de javali no peito da criatura, e Neysa Ayellin, de tranças grisalhas, fazia o mesmo com uma faca grossa de açougueiro.

De um extremo a outro da fileira, até onde Perrin podia ver, as mulheres estavam presentes. Era graças a elas que a fileira ainda

resistia, recuada quase até o meio das casas. Mulheres entre homens, ombro a ombro. Algumas ainda era garotas, mas, por outro lado, alguns daqueles "homens" também nunca sequer tinham feito a barba. Alguns jamais viriam a fazer. Onde estavam os Mantos-brancos? *As crianças!* Se as mulheres estavam ali, não havia ninguém para proteger as crianças. *Onde estão os malditos Mantos-brancos?* Se chegassem naquele instante, eles pelo menos conseguiriam mais alguns minutos. Uns poucos minutos para remover as crianças.

Um garoto, o mesmo mensageiro de cabelinhos escuros que viera até ele na noite anterior, agarrou seu braço quando Perrin se virou para procurar os Companheiros. Os Companheiros precisavam abrir caminho para remover as crianças. Ele os enviaria para cuidar das crianças e faria o possível por ali.

— Lorde Perrin! — gritou o garoto, em meio ao barulho ensurdecedor. — Lorde Perrin!

Perrin tentou se desvencilhar, depois agarrou o braço do garoto esperneante. O lugar dele era com as outras crianças. Divididos em fileiras espremidas que se estendiam de casa a casa, Ban, Tell e os outros Companheiros atiravam, de cima das selas, por sobre as cabeças dos homens e mulheres. Wil enfiara o mastro do estandarte no chão para poder manejar o arco. Tell conseguira dar um jeito de alcançar Galope, e as rédeas do castanho estavam amarradas às de seu cavalo. O garoto poderia ir na traseira do animal.

— Lorde Perrin! Por favor, escute! Mestre al'Thor disse que tem alguém atacando os Trollocs! Lorde Perrin!

Perrin estava se virando para Tell, mancando da perna ferida, quando a mensagem chegou a seu cérebro. Enfiou o cabo do machado no cinto para erguer o garoto pelos ombros e ficar frente a frente com ele.

— Atacando? Quem?

— Eu não sei, Lorde Perrin. Mestre al'Thor mandou dizer ao senhor que ele achou que tinha ouvido alguém gritar "Trilha de Deven".

Aram agarrou o braço de Perrin e, sem dizer uma palavra, apontou com a espada ensanguentada. Perrin virou-se a tempo de ver uma chuva de flechas cair em cima dos Trollocs. Vinda do norte. Outra saraivada já se erguia rumo ao ponto mais alto da trajetória em arco.

— Vá ficar com as outras crianças — mandou, recolocando o garoto no chão. Precisava se posicionar onde conseguisse ver. — Vá! Você fez muito bem, garoto! — acrescentou, enquanto corria desajeitado até Galope.

O garotinho disparou de volta para a aldeia, com um sorriso enorme no rosto. Cada passo gerava mais uma pontada de dor que

subia pela perna de Perrin. Talvez *estivesse* quebrada, mas ele não tinha tempo de se preocupar com isso.

Agarrando as rédeas que Tell atirou, alavancou o próprio corpo até a sela. Então se perguntou se estava vendo o que queria ver, em vez do que de fato estava acontecendo.

Sob um estandarte de águia vermelha, no limite de onde antes ficavam as plantações, compridas fileiras de homens vestidos em roupas de fazendeiros disparavam flechas metodicamente. Ao lado do estandarte, Faile estava sentada sobre a sela de Andorinha, com Bain junto ao estribo. Só podia ser Bain por detrás daquele véu negro, e dava para ver muito bem o rosto de Faile. A mulher estava empolgada, receosa, aterrorizada e exuberante. Estava linda.

Myrddraal tentavam fazer alguns Trollocs se virarem para liderar uma investida contra os homens de Colina da Vigília, mas era inútil. Até os Trollocs que se viravam caíam antes de avançar cinquenta passos. Um Desvanecido e seu cavalo desabaram, abatidos não pelas flechas, mas pelas mãos e lanças dos Trollocs em pânico. Agora eram as Criaturas das Sombras que recuavam, correndo em frenesi, fugindo dos disparos de ambos os lados que começaram depois que os homens de Campo de Emond também conseguiram erguer os arcos. Trollocs caíam, Myrddraal tombavam. Era uma carnificina, mas Perrin nem reparava. Faile.

O mesmo garoto apareceu em seu estribo.

— Lorde Perrin! — gritou ele. Tentava ser ouvido por sobre os gritos de vitória, homens e mulheres comemorando a alegria e o alívio ao verem os últimos Trollocs desabarem, atingidos pelos arcos. Perrin acreditava que poucos tinham conseguido escapar, mas mal conseguia pensar. Faile. O garoto puxou uma perna de sua calça. — Lorde Perrin! Mestre al'Thor mandou dizer ao senhor que os Trollocs estão perdendo! E eles *estão mesmo* gritando "Trilha de Deven"! Os homens, quer dizer. Eu ouvi!

Perrin se inclinou para afagar os cabelos cacheados do menino.

— Qual é o seu nome, rapaz?

— Jaim Aybara, Lorde Perrin. Sou seu primo, eu acho. Mais ou menos.

Perrin estreitou os olhos para evitar as lágrimas. Quando os abriu de novo, suas mãos ainda tremiam por sobre a cabeça do garoto.

— Bem, primo Jaim, conte aos seus filhos o que aconteceu aqui hoje. Conte aos seus netos e aos filhos dos seus netos.

— Eu não vou ter filhos — retrucou Jaim, com vigor. — As garotas são horrorosas. Elas riem da gente e não gostam de fazer nada de bom, e nunca dá para entender o que elas estão dizendo.

— Acho que um dia você vai descobrir que elas são o oposto de horrorosas. Algumas coisas não vão mudar, mas isso vai.

Faile.

Jaim estava meio desconfiado, mas logo um sorriso iluminou seu rosto.

— Espere só até eu contar a Had que o Lorde Perrin me chamou de primo! — E saiu saltitante para contar a Had, que também teria filhos, e a todos os garotos que um dia também teriam filhos.

O sol estava a pino. Uma hora se passara, talvez. Tudo aquilo levara menos de uma hora. Parecia uma eternidade.

Galope avançou, e Perrin notou que provavelmente cravara os calcanhares no animal. O povo em polvorosa abriu espaço para o garanhão, mas Perrin mal ouvia seus gritos de alegria. Havia imensos buracos onde os Trollocs tinham destruído as estacas com o mero peso de seus numerosos corpos. Ele passou por um desses buracos e contornou um montinho de Trollocs mortos sem nem perceber. Trollocs mortos cravados de flechas formavam um tapete no chão, e aqui e ali um Desvanecido todo espetado se debatia violentamente. Mas ele não viu nada daquilo. Só tinha olhos para uma coisa. Faile.

A mulher disparou por entre os homens de Colina da Vigília, fez uma pausa para pedir a Bain que não a seguisse e avançou cavalgando ao encontro dele. Vinha tão graciosa, como se a égua negra fosse parte de seu corpo, empertigada e esbelta, conduzindo Andorinha mais com os joelhos do que com as rédeas, que estavam presas displicentemente a uma das mãos. A faixa nupcial vermelha ainda estava trançada em seus cabelos, as pontas caídas por sobre os ombros. Perrin precisava encontrar umas flores para ela.

Por um instante, aqueles olhos oblíquos o analisaram, e a boca… Ela não poderia estar insegura, poderia? Mas ele sentiu o cheiro.

— Eu falei que iria — disse ela, por fim, de cabeça erguida. Andorinha dançou para os lados, o pescoço arqueado, e Faile dominou a égua sem nem perceber. — Não falei para onde. Você não pode dizer que eu falei para onde.

Perrin não conseguiu responder. Faile era tão bonita. Só queria olhar para ela, vê-la, linda, viva e a seu lado. Ela cheirava a suor limpo com o mais leve sabão herbóreo. O rapaz não sabia ao certo se queria rir ou chorar. Talvez as duas coisas. Queria sugar todo o aroma de Faile para dentro de seus pulmões.

De cenho franzido, a mulher prosseguiu:

— Eles estavam preparados, Perrin. Estavam mesmo, de verdade. Eu quase não precisei dizer nada para convencê-los a vir. Os Trollocs nem chegaram a incomodá-los, mas eles viram a fumaça. A viagem foi dura para mim e Bain. Chegamos a Colina da Vigília bem antes de o dia raiar e começamos a voltar assim que o sol nasceu. — O cenho franzido de Faile se abriu em um sorriso largo, cheio de orgulho e ansiedade. Que sorriso mais lindo. Os olhos escuros cintilavam. — Eles

me seguiram, Perrin. Eles me seguiram! Nem Tenobia liderou homens em batalha. Ela quis, uma vez, quando eu tinha oito anos, mas meu pai conversou com ela a sós, em seus aposentos, e, quando ele partiu para a Praga, ela acabou ficando. — Com um sorriso pesaroso, a jovem acrescentou: — Acho que você e ele às vezes usam os mesmos métodos. Tenobia o baniu, mas ela só tinha só dezesseis anos, e o Conselho de Lordes conseguiu convencê-la a mudar de ideia depois de umas semanas. Ela vai ficar azul de inveja quando eu contar isso. — Faile fez outra pausa, desta vez respirando fundo e plantando uma mão na cintura. — Você não vai dizer nada? — inquiriu, impaciente. — Só vai ficar aí sentado, feito um palerma peludo? Eu não disse que sairia de Dois Rios. Você disse isso, não eu. Você não tem o direito de ficar bravo comigo porque eu não fiz uma coisa que nunca cheguei a prometer! E você me mandou embora porque pensou que iria morrer! Eu voltei para…

— Eu te amo. — Foi tudo o que ele conseguiu dizer, mas, estranhamente, pareceu o bastante.

As palavras mal haviam acabado de sair da boca de Perrin quando Faile conduziu Andorinha para bem perto dele, abraçou-o e apertou o rosto contra seu peito. A mulher parecia estar tentando dividi-lo em dois com o aperto. Ele acariciou os cabelos da esposa delicadamente, sentindo a maciez, apenas sentindo Faile.

— Eu estava com tanto medo de ser tarde demais — comentou ela, com o rosto enfiado no casaco de Perrin. — Os homens de Colina da Vigília marcharam o mais depressa que puderam, mas, quando a gente chegou, eu vi os Trollocs lutando bem no meio das casas, tantos deles, como se a aldeia estivesse sendo soterrada por uma avalanche. E não consegui ver você… — Ela inspirou, trêmula, e exalou devagar. Quando voltou a falar, a voz estava mais calma. Um pouco. — Os homens de Trilha de Deven vieram?

Ele levou um susto, e sua mão parou de alisar os cabelos de Faile.

— Vieram, sim. Como é que você sabia? Você organizou isso também? — Ela começou a tremer; Perrin levou um instante para perceber que ela estava rindo.

— Não, meu coração, mas teria feito isso, se pudesse. Quando aquele homem passou o recado… “estamos vindo”… eu achei… torci para que fosse isso o que ele estivesse querendo dizer. — Ela afastou um pouco o rosto e o encarou, muito séria. — Eu não podia contar a você, Perrin. Não podia encher você de esperanças, quando tudo o que tinha era uma suspeita. Teria sido muito cruel se… Não fique com raiva de mim, Perrin.

Rindo, ele a ergueu da sela e sentou-a de lado em cima de Galope. Faile protestou, gargalhando, e se esticou em cima do cepilho alto para abraçá-lo.

— Eu nunca, jamais, vou ficar com raiva de você, eu ju…

Ela pôs a mão sobre a boca de Perrin, para interrompê-lo.

— Minha mãe diz que a pior coisa que meu pai fez na vida foi jurar nunca sentir raiva dela. Levou um ano para ela conseguir obrigá-lo a retirar o que tinha dito, mas diz que muito antes disso já era insuportável conviver com ele, de tanto ressentimento que ele guardava. Você *vai* sentir raiva de mim, Perrin, e eu de você. Se quiser me fazer outra jura de casamento, jure que não vai tentar disfarçar a raiva que estiver sentindo. Eu não tenho como enfrentar as coisas que você esconder de mim, meu marido. Meu marido — repetiu ela, com satisfação, aconchegando-se nele. — Gosto muito de dizer isso.

Perrin notou que Faile não prometera que *ela própria* não esconderia a raiva. Segundo as experiências anteriores, ele teria de descobrir a irritação da esposa da pior maneira, pelo menos na metade das vezes. Além do mais, a mulher também não prometera não esconder mais nada dele. Naquele momento, nada disso importava, contanto que Faile estivesse ao seu lado.

— Eu não vou esconder de você quando estiver com raiva, minha esposa — prometeu o rapaz.

Faile o olhou de soslaio, como se não soubesse ao certo como receber a promessa. *Você nunca vai conseguir entendê-las, primo Jaim, mas não vai nem ligar.*

De súbito, ele se deu conta dos Trollocs mortos ao redor, um campo negro de ervas daninhas, com os Myrddraal se debatendo, ainda se recusando a finalmente morrer. Girou Galope, receoso. A extensão da carnificina de Criaturas da Sombra ocupava centenas de passadas, em todas as direções. Os corvos já chegavam, pulando pelo chão, e os abutres revoavam logo acima, em uma nuvem gigantesca e fervilhante. Não era pagamento suficiente para a morte de Deselle, de Adora, do pequeno Paet, ou… Não era suficiente, nunca seria. Nada jamais poderia pagar aquilo. Ele abraçou Faile com tanta força que a mulher grunhiu, mas, quando tentou soltá-la, ela segurou seus braços, apertando-os com a mesma força. Faile era suficiente.

O povo saía correndo de Campo de Emond. Bran mancava, usando a lança como cajado, Marin sorria, com um braço em volta dele. Daise era abraçada pelo marido, Wit. Gaul e Chiad estavam de mãos dadas, com os véus baixados. As orelhas de Loial estavam caídas, abatidas, Tam tinha sangue no rosto, e Flann Lewin só se mantinha de pé com ajuda da esposa, Adine. Quase todos estavam cobertos de sangue e usavam ataduras feitas às pressas. No entanto, a multidão avançava. Elam e Dav, Ewin e Aram, Eward Candwin e Buel Dowtry, Hu e Tad, os cavalariços da estalagem Fonte de Vinho, Ban e Tell, junto com os Companheiros a cavalo, ainda carregando aquele estandarte. Desta vez, Perrin não notou os rostos que faltavam, apenas

os que ainda estavam ali. Verin e Alanna em seus cavalos, com Tomas e Ihvon seguindo logo atrás. O velho Bili Congar balançava uma moringa que decerto continha cerveja, ou, melhor ainda, conhaque. Cenn Buie resmungava mais do que nunca, mesmo machucado. Jac al'Seen abraçava a esposa, e seus filhos e filhas seguiam ao redor dele, com as esposas e maridos. Rael e Ila ainda levavam os bebês nas costas. E outros. Rostos que ele sequer reconhecia, homens que deviam ser de Trilha de Deven e fazendeiros que moravam perto de lá. Meninos e meninas corriam à volta deles, gargalhando.

Eles se espalharam para os dois lados, formando um enorme círculo oco com os homens de Colina da Vigília, Faile e Perrin no centro. A multidão evitava os Desvanecidos agonizantes, mas era como se não vissem as Criaturas da Sombra caídas por todos os cantos, apenas o casal em cima de Galope. Em silêncio, ficaram observando até Perrin começar a ficar nervoso. *Por que ninguém diz nada? Por que estão me encarando desse jeito?*

Os Mantos-brancos apareceram, cavalgando devagar para fora da aldeia em fileiras de parelhas, extensas e reluzentes. Dain Bornhald vinha na liderança, com Jaret Byar. Cada Manto-branco brilhava como se tivesse acabado de se lavar, e cada lança estava apontada precisamente para o mesmo ângulo. Murmúrios taciturnos se ergueram pela multidão, mas o povo se afastou para que eles adentrassem o círculo.

Bornhald ergueu a mão protegida pela manopla de aço, parando a fileira em um tinido de rédeas e rangidos de selas, e encarou Perrin.

— Acabou, Critura da Sombra. — A boca de Byar estremecia quase a ponto de se abrir em um rosnado, mas o rosto de Bornhald não se alterava, a voz não se elevava. — Os Trollocs foram derrotados, por aqui. Conforme combinamos, prenderei você como Amigo das Trevas e assassino.

— Não! — Faile se virou para encarar Perrin, os olhos cheios de fúria. — Como assim "conforme *combinamos*"?

Suas palavras quase foram abafadas pelo estrondo que veio de todos os cantos.

— Não! Não!

— Vocês não podem levá-lo!

— Olhos-Dourados!

Com o olhar fixo em Bornhald, Perrin ergueu uma das mãos, e o silêncio lentamente se abateu sobre a multidão. Quando tudo se aquietou, ele disse:

— Eu falei que não resistiria se vocês ajudassem. — A calma em sua voz era surpreendente, mas por dentro ele fervilhava com uma raiva lenta e fria. — Se vocês *ajudassem*, Manto-branco. Onde vocês estavam?

O homem não respondeu.

Daise Congar e Wit saíram do meio da multidão que os rodeava, o homem se apoiava na esposa como se nunca mais pretendesse soltá-la. E o braço robusto de Daise envolvia os ombros do marido com a mesma intensidade. Foi uma cena estranha quando ela, uma cabeça mais alta do que o homem, plantou o ancinho-arma com firmeza no chão, segurando o marido, consideravelmente mais baixo, como se pretendesse protegê-lo.

— Eles ficaram no campo — anunciou a mulher, em voz alta — todos enfileirados e sentadinhos nos cavalos, feito belas mocinhas prontas para dançar no Dia do Sol. Nem se mexeram. Foi isso o que nos fez ir até vocês… — um murmúrio furioso de concordância se elevou, vindo das mulheres — Quando vimos que estavam a ponto de serem esmagados, e eles continuavam ali, parados, feito blocos de madeira!

Bornhald não tirou os olhos de Perrin nem por um instante. O homem sequer piscava.

— Você acha que eu confiaria em você? — indagou ele, com desprezo. — Seu plano só falhou porque os outros chegaram, sim? Aí você pôde alegar que não teve participação nisso. — Faile se remexeu. Sem desviar os olhos do homem, Perrin encostou um dedo na boca da esposa assim que ela a abriu. Faile mordeu o dedo com força, mas nada disse. Por fim, a voz de Bornhald começou a se elevar. — Eu verei você enforcado, Criatura da Sombra. Verei você enforcado, custe o que custar. Verei você morto, nem que o mundo se queime! — A última frase saiu em um berro.

A espada de Byar deslizou um tantinho para fora da bainha. Um Manto-branco corpulento atrás dele, que Perrin pensava se chamar Farran, desembainhou a própria arma por completo, dando um sorriso de satisfação, em vez do esgar de dentes desdenhoso de Byar.

Eles congelaram ao ouvir o clangor das flechas sendo puxadas das aljavas. Arcos se elevaram por todo o círculo, flechas foram levadas às orelhas e cada lança de ponta larga foi apontada para um Manto-branco. Por toda a extensão da coluna robusta, as selas de patilho alto rangeram quando os homens em cima delas se remexeram, receosos. Bornhald não demonstrava sinal de medo, tampouco exalava cheiro de medo. Seu odor era todo de ódio. Ele passou os olhos quase febris pelo povo de Dois Rios, ao redor de seus homens, depois voltou a encarar Perrin, com a mesma fúria e o mesmo rancor.

Perrin fez um gesto para que o povo baixasse as armas. Relutantes, eles foram afrouxando a tensão das cordas, baixando os arcos devagar.

— Vocês não ajudaram. — Sua voz era fria como aço e dura feito uma bigorna. — Desde que chegaram a Dois Rios, a ajuda que

forneceram foi quase insignificante. Nunca se importaram de verdade com as pessoas incendiadas e mortas, desde que arrumassem alguém para chamar de Amigo das Trevas. — Bornhald estremeceu, mas seus olhos ainda faiscavam. — Está na hora de vocês irem embora. Não só de Campo de Emond. Está na hora de recolherem seus Mantos-brancos e saírem de Dois Rios. Agora, Bornhald. Vocês vão embora agora.

— Eu *ainda verei* você enforcado — murmurou o comandante dos Filhos da Luz.

Ele fez um gesto brusco com a mão, para reunir a fileira, cravou as botas no cavalo e avançou, como se pretendesse passar por cima de Perrin.

Perrin afastou Galope para o lado. Queria aqueles homens fora dali, sem mais matança. Se o sujeito quisesse fazer um gesto final de provocação, que fosse.

Bornhald nem virou a cabeça para olhá-lo, mas Byar, com o rosto encovado, encarou Perrin em silêncio, cheio de ódio. Por alguma razão, Farran parecia olhar para ele com arrependimento. Os outros mantiveram o olhar fixo à frente ao passar só se ouvia o barulho das rédeas e o clangor dos cascos dos cavalos. Em silêncio, o círculo abriu caminho para eles, que rumavam para o norte.

Logo que o último Manto-branco passou, um bando de dez ou doze homens aproximou-se de Perrin a pé, alguns vestindo partes desconexas de armaduras, todos com sorrisos ansiosos. Ele não reconheceu os rostos. Um sujeito de nariz largo e pele curtida parecia ser o líder, com os cabelos brancos à mostra, usando uma cota de malha que ia até os joelhos, mas com a gola de um casaco de fazendeiro aparecendo no pescoço. O homem se curvou em uma mesura esquisita por cima do arco.

— Jerinvar Barstere, Lorde Perrin. Jer, é como me chamam. — O homem falava depressa, como se temesse ser interrompido. — Peço perdão por incomodar o senhor. Alguns de nós decidimos acompanhar a partida dos Mantos-brancos, se o senhor concordar. E muitos querem ir para casa, mesmo não tendo como chegar lá entes de escurecer. Tem o mesmo número de Mantos-brancos em Colina da Vigília, eles apareceram por lá de novo, mas não quiseram vir para cá. Tinham ordens de não sair de lá, pelo que disseram. Um bando de idiotas, se o senhor quer saber, e já estamos cansados de tê-los por perto, metendo o nariz dentro das casas das pessoas e tentando fazer vizinhos se acusarem de alguma maldade. Se o senhor concordar, a gente quer tirá-los de lá. — Ele lançou a Faile um olhar constrangido e baixou o queixo largo, mas o fluxo de palavras não diminuiu. — Peço perdão, Lady Faile. Não tive a intenção de incomodar a senhora e o seu marido. Só queria que ele soubesse que estamos do lado dele. O senhor tem uma bela esposa, Lorde Perrin. Peço perdão outra vez,

Lady Faile. — O homem fez outra mesura e logo foi imitado pelos outros. O grupo foi embora sob a liderança do homem, que os apressava, resmungando: — Não temos tempo de ficar incomodando o lorde e sua lady. Ainda temos trabalho a fazer.

— Quem é ele? — perguntou Perrin, um pouco atônito com a torrente de palavras. Nem Daise e Cenn juntos eram capazes de falar tanto. — Você conhece esse homem, Faile? É de Colina da Vigília?

— Mestre Barstere é o Prefeito de Colina da Vigília, e os outros são do Conselho da Aldeia. O Círculo das Mulheres de lá vai enviar uma delegação designada pela Sabedoria delas, quando tiverem certeza de que é seguro. Para ver se "o tal Lorde Perrin" é o melhor para Dois Rios, pelo que disseram, mas todos queriam que eu explicasse como fazer reverências a você. E a Sabedoria, Edelle Gaelin, está trazendo umas tortas de maçã desidratada que ela faz.

— Ah, que me queime! — Perrin soltou um suspiro. Aquela história estava se espalhando. Sabia que deveria ter impedido tudo logo no início. — Não me chamem assim! —gritou, para os homens que partiam. — Eu sou um ferreiro! Estão me ouvindo? Um ferreiro!

Jer Barstere se virou para acenar para ele e assentir, antes de voltar a apressar os outros.

Com uma risada divertida, Faile puxou a barba de Perrin.

— Você é um bobinho, Lorde Ferreiro. Agora é tarde para voltar atrás. — De repente, o sorriso dela adquiriu um tom de profunda malícia. — Aliás, será que tem alguma possibilidade de você ficar a sós comigo, dentro em breve? Acho que esse casamento me deixou atrevida que nem as domanesas! Sei que você deve estar cansado, mas… — Ela parou de falar, deu um gritinho e se agarrou ao casaco de Perrin, que cravou as botas em Galope.

O cavalo saiu trotando em direção à estalagem Fonte de Vinho. Pela primeira vez, as saudações que se seguiram não o incomodaram nem um pouco.

— Olhos-Dourados! Lorde Perrin! Olhos-Dourados!

Do galho robusto de um frondoso carvalho, à margem da Floresta do Oeste, Ordeith encarava Campo de Emond, uma milha ao sul. Era impossível. *Flagele-os. Fustigue-os.* Tudo estivera de acordo com o plano. Até Isam jogara seu jogo. *Por que o idiota parou de trazer Trollocs? Devia ter trazido o suficiente para transformar Dois Rios em um mar negro!* Saliva escorria de seus lábios, mas ele não percebia, assim como não percebia a mão se remexendo no cinto. *Destrua-os até explodir seus corações! Devaste-os até o chão, aos berros!* Tudo planejado para trazer Rand al'Thor até ele, e acabava assim! Dois Rios não sofrera sequer um arranhão. Umas poucas fazendas incendiadas não contavam, nem uns fazendeiros enfiados vivos nos caldeirões dos

Trollocs. *Eu quero que Dois Rios* queime*, queime tanto que o fogo viva na memória dos homens por mil anos!*

Ele analisou o estandarte que tremulava por cima da aldeia e o outro, logo abaixo. A cabeça escarlate de um lobo em um fundo branco de bordas escarlates e uma águia vermelha. Vermelha, pois era preciso verter o sangue de Dois Rios para fazer Rand al'Thor urrar. E Manetheren. *Esse deveria ser o estandarte de Manetheren.* Alguém tinha contado a eles sobre Manetheren, não tinha? O que os tolos sabiam a respeito da glória de Manetheren? *Manetheren. Isso mesmo.* Havia mais de uma maneira de destruí-los. O homem riu tão intensamente que quase caiu de cima do carvalho, antes de perceber que não estava se segurando com as duas mãos. Uma estava agarrada ao cinto, onde deveria haver uma adaga. A gargalhada se transformou em um rosnado quando ele encarou aquela mão. A Torre Branca estava de posse do que lhe fora roubado. Do que era dele por direito, desde as Guerras dos Trollocs.

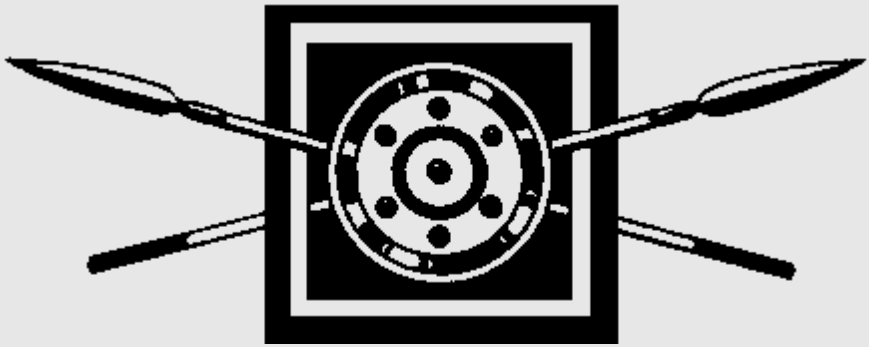
Ele deixou-se cair no chão, depois montou sem jeito no cavalo e encarou seus companheiros. Seus sabujos. Os cerca de trinta Mantos-brancos que restavam não usavam mais os mantos brancos, naturalmente. As placas e malhas estavam foscas e enferrujadas. Bornhald nunca teria reconhecido os rostos taciturnos, desconfiados, imundos e barbados. Os humanos observavam Ordeith com desconfiança, porém cheios de medo, sem nem olhar para o Myrddraal entre eles, com o rosto sem olhos, branco feito um verme, tão frio e duro quanto os dos próprios humanos. O Meio-homem temia que Isam descobrisse o que se passara. Isam não ficara nem um pouco satisfeito quando a invasão a Barca do Taren deixara que tantos escapassem para levar a notícia do que estava acontecendo em Dois Rios. Ordeith deu uma risadinha ao pensar em Isam incomodado. O homem era problema para outra hora, se ainda estivesse vivo.

— Nós vamos para Tar Valon — anunciou, de repente. Avançariam depressa para chegar antes de Bornhald à barca. O estandarte de Manetheren, erguido outra vez em Dois Rios depois de tantos séculos. Como a Águia Vermelha o arrasara, tantos anos antes. — Mas, primeiro, Caemlyn!

Flagele-os e fustigue-os! Que Dois Rios pagasse primeiro, depois Rand al'Thor, depois…

Às gargalhadas, Ordeith galopou para o norte pela floresta, sem olhar para trás e conferir se os outros o seguiam. Eles seguiriam. Já não tinham para onde ir.

57



Uma ruptura na Terra da Trindade

O sol liquefeito da tarde torrava o Deserto, projetando sombras ligeiras pelas montanhas do norte, agora logo à frente. Os morros áridos passavam sob os cascos de Jeade'en, subindo e descendo feito marolas de um oceano de argila seca, com muitas milhas se estendendo ao longe. As montanhas haviam atraído os olhos de Rand desde a primeira vez em que as avistou. Não tinham neve por cima, não eram tão altas quanto as Montanhas da Névoa e muito menos a Espinha do Mundo. Ainda assim, as placas denteadas de pedra marrom e cinza, rajadas em algumas partes de amarelo, vermelho ou pontinhos brilhosos, se inclinavam de tal modo que era mais fácil um sujeito considerar subir a Muralha do Dragão a pé. Com um suspiro, ele montou na sela e ajustou a *shoufa* que usava com o casaco vermelho. Alcair Dal ficava naquelas montanhas. Logo haveria uma espécie de fim, ou de início. Possivelmente ambos. Logo, talvez.

Adelin, de cabelos loiros, seguia tranquila à frente do garanhão sarapintado, e nove outras *Far Dareis Mai* de pele curtida formavam um círculo ao seu redor, todas com broquéis e lanças nas mãos, os arcos guardados em estojos presos às costas e véus negros balançando por cima do peito, prontos para ser erguidos. A guarda de honra de Rand. Os Aiel não chamavam assim, mas as Donzelas estavam indo a Alcair Dal pela honra de Rand. Tantas diferenças, sendo que metade ele sequer chegava a compreender, quando as notava.

Um bom exemplo era o comportamento de Aviendha com as Donzelas e a forma como era correspondida. Na maior parte do tempo, feito agora, a mulher caminhava junto ao cavalo dele, as mãos cruzadas dentro do xale que envolvia os ombros, os olhos verdes concentrados nas montanhas à frente por baixo do lenço escuro na cabeça. Ela não trocava mais de uma ou duas palavras com as Donzelas, mas o mais estranho não era isso: os braços cruzados, isso

era o principal. As Donzelas sabiam que ela estava usando o bracelete de marfim, mas pareciam fingir não notar. Aviendha não tirava o objeto do braço, mas escondia o pulso sempre que tinha a impressão de que uma das outras estava olhando.

Você não tem sociedade, dissera Adelin a Rand, quando ele sugerira que sua escolta fosse fornecida por outras pessoas, não as Donzelas da Lança. Cada chefe, fosse de clã ou de ramo, ia acompanhado por homens da sociedade à qual pertencia antes de se tornar chefe. *Você não tem sociedade, mas sua mãe era Donzela*. A mulher loura e as outras nove não haviam olhado para Aviendha, algumas passadas distante do salão de entrada do teto de Lian. Elas *não* haviam olhado com atenção. *Por incontáveis anos, mulheres que não abriam mão da lança davam seus bebês para as Sábias, para que elas os entregassem a outras mulheres, sem nem saber para onde a criança iria, nem ao menos se era menino ou menina. Agora, o filho de uma Donzela retornou para nós, e nós o conhecemos. Iremos a Alcair Dal por sua honra, filho de Shaiel, Donzela do Chumai Taardad.* O rosto da mulher estava tão determinado — os de todas, inclusive o de Aviendha — que ele achou que elas o convidariam para dançar a lança, caso ele recusasse.

Depois que ele aceitou, elas o fizeram passar outra vez pelo tal ritual de "Lembre-se da honra", desta vez com uma bebida chamada *oosquai*, feita de *zemai*, e ele bebeu todo o conteúdo de uma pequena taça de prata com cada uma das mulheres. Dez Donzelas, dez tacinhas. A coisa parecia uma água tingida de marrom-claro e até tinha gosto de água, mas era mais forte que conhaque de destilação dupla. Depois do ritual, Rand mal conseguia caminhar em linha reta, e as mulheres o levaram para a cama, rindo, ainda que ele tivesse protestado o quanto pôde e quase não conseguisse respirar, com todas lhe fazendo tantas cócegas. Todas, exceto Aviendha. Não que ela tivesse ido embora: a mulher assistiu à cena toda, com a cara dura feito pedra. Quando Adelin e as outras enfim o meteram nos cobertores e saíram, Aviendha abriu as saias pesadas e escuras, sentou-se perto da porta e pôs-se a observá-lo, com o rosto empedernido, até ele adormecer. Quando Rand acordou, a mulher ainda estava ali, ainda observando. E se recusou a falar sobre Donzelas, *oosquai* ou qualquer outra coisa. Para ela, nada daquilo tinha acontecido. Mas se as Donzelas teriam sido tão reticentes em conversar sobre o assunto Rand não sabia: como encarar dez mulheres e perguntar por que elas o haviam embebedado e brincado de tirar suas roupas e deitá-lo na cama?

Tantas diferenças, tão poucas com algum sentido que ele fosse capaz de ver, e Rand não conseguia saber quais poderiam passar uma rasteira nele e arruinar todos os seus planos. Ainda assim, não podia se dar ao luxo de esperar. Olhou para trás. O que estava feito, estava feito. *E quem pode dizer o que ainda está por vir?*

Bem atrás, os Taardad o acompanhavam. Não apenas os Taardad dos Nove Vales e os Jindo, mas também os Miadi, os Quatro Pedras, os Chumai, os Águas Sangrentas e outros, avançando em largas colunas ao redor dos carroções sacolejantes dos mascates e do grupo das Sábias, duas milhas atrás, sob o brilho trêmulo e nebuloso formado pelo calor do solo, rodeado por batedores e mensageiros. A cada manhã mais gente surgira em resposta aos mensageiros que Rhuarc enviara naquele primeiro dia, uma centena de homens e Donzelas ali, trezentos acolá, quinhentos, de acordo com o tamanho de cada ramo e da necessidade de segurança de cada forte.

A distância, a sul e a oeste, outro grupo se aproximava correndo, deixando um rastro de poeira. Talvez fosse mais um clã a caminho de Alcair Dal, mas ele achou que não. Apenas dois terços dos ramos estavam representados, mas Rand estimava que houvesse mais de mil e quinhentos Aiel Taardad enfileirados atrás dele. Um exército em marcha, ainda crescendo. Quase um clã inteiro vindo a uma reunião de chefes, uma violação de todos os costumes.

De súbito, Jeade'en chegou ao topo de uma encosta. Um vale comprido e fundo se estendia abaixo, onde ficava a feira reunida para o encontro. Nas colinas mais adiante, ficavam os acampamentos dos clãs e chefes de ramo que já haviam chegado.

Espalhados por entre duzentas ou trezentas tendas baixas, sem paredes e espaçadas, estendiam-se pavilhões do mesmo material marrom-acinzentado, altos o bastante para ficar de pé sob eles, com mercadorias expostas à sombra, em cima de cobertores; cerâmicas esmaltadas brilhantes, tapetes ainda mais brilhantes e joias de ouro ou de prata. Artefatos Aiel, na maioria, mas também havia coisas de fora do Deserto, inclusive talvez seda e marfim vindos de bem longe a leste. Ninguém parecia estar negociando. Os poucos homens e mulheres à vista permaneciam sentados em um ou outro dos pavilhões, em geral sozinhos.

Dos cinco acampamentos espalhados nos aclives que rodeavam a feira, quatro pareciam igualmente vazios. Apenas umas poucas dúzias de homens ou Donzelas transitavam por entre as tendas, armadas para cerca de mil pessoas. O quinto acampamento se estendia pelo dobro do espaço ocupado pelos outros, com centenas de pessoas à vista e provavelmente o mesmo número dentro das tendas.

Rhuarc veio correndo atrás de Rand, subindo a encosta com seus dez *Aethan Dor*, Escudos Vermelhos, seguido por Heirn com dez *Tain Shari*, Sangues Verdadeiros, e mais uns quarenta chefes de ramo com suas escoltas de honra, todos portando lanças, broquéis, arcos e aljavas. Um número formidável, maior do que a força que tomara a Pedra de Tear. Alguns dos Aiel nos acampamentos e entre os pavilhões espiavam o topo da encosta. Rand suspeitou que não encaravam os

Aiel reunidos lá em cima. Olhavam para ele, um homem a cavalo. Algo raro de ver na Terra da Trindade. E ele lhes mostraria outras coisas, antes de terminar.

Rhuarc pousou o olhar no maior acampamento, onde mais Aiel vestidos em *cadin'sor* fervilhavam para fora das tendas, todos indo olhar o ponto onde o grupo estava.

— Shaido, a não ser que eu esteja enganado — murmurou Rhuarc. — Couladin. Você não é o único a violar os costumes, Rand al'Thor.

— Talvez eu tenha feito bem em agir assim. — Rand puxou a *shoufa* do pescoço e enfiou-a no bolso do casaco, por cima do *angreal*, a escultura de um homem de rosto redondo com uma espada sobre os joelhos. O sol começou a queimar sua cabeça descoberta, mostrando o quanto o pedaço de tecido fornecia proteção. — Se tivéssemos vindo de acordo com os costumes… — Os Shaido seguiam em direção às montanhas, deixando para trás tendas aparentemente vazias e causando certo rebuliço nos outros acampamentos e na feira. Os Aiel desistiram de encarar um homem a cavalo para espiar os Shaido. — Você teria conseguido forçar caminho até Alcair Dal tendo eles dois homens ou mais para cada um dos seus, Rhuarc?

— Não antes do cair da noite — respondeu o chefe de clã, pensativo — nem contra os ladrões dos Shaido. Isso é mais que violar os costumes! Até os Shaido deveriam ser mais honrados que isso!

Murmúrios irritados de aprovação se ergueram dos outros Taardad no topo da colina. Exceto das Donzelas. Por alguma razão, elas haviam se reunido ao redor de Aviendha, em um cantinho, e conversavam muito sérias. Rhuarc disse algumas palavras em tom baixo a um de seus Escudos Vermelhos, um sujeito de olhos verdes cujo rosto parecia ter sido usado para bater estacas de cerca no chão. O homem se virou para a descida da colina e correu de volta em direção aos Taardad que se aproximavam.

— Você esperava por isso? — perguntou Rhuarc a Rand, assim que o Escudo Vermelho foi embora. — Foi por isso que convocou o clã inteiro?

— Não era bem isso que eu esperava, Rhuarc. — Os Shaido começaram a formar fileiras diante de uma abertura estreita nas montanhas. Estavam subindo os véus. — Mas não havia qualquer outra razão para que Couladin escapulisse durante a noite, a não ser que estivesse ansioso para estar em outro lugar. E onde mais poderia querer estar do que aqui, me arrumando problemas? Os outros já estão em Alcair Dal? Por quê?

— A oportunidade apresentada pelo encontro dos chefes não é algo a se desperdiçar, Rand al'Thor. Vai haver debates sobre disputas de fronteiras, direitos de pastagens, uma série de coisas. Água. Se dois

Aiel de clãs diferentes se encontram, debatem sobre água. Três de três clãs diferentes debatem sobre água e pastagens.

— E quatro? — perguntou Rand.

Já havia cinco clãs representados, e, com os Taardad, seis.

Rhuarc hesitou por um instante, erguendo uma das lanças curtas sem perceber.

— Quatro dançam as lanças. Mas isso não deve acontecer aqui.

Os Taardad se afastaram para deixar as Sábias prosseguirem, com os xales nas cabeças. Moiraine, Lan e Egwene cavalgavam atrás. Egwene e a Aes Sedai usavam aqueles panos brancos em volta das têmporas, em uma fraca imitação dos lenços das mulheres Aiel. Mat também seguia o grupo, isolado, a lança de cabo negro atravessada no cepilho. O chapéu de aba larga escondia seu rosto, que analisava o que havia à frente.

O Guardião assentiu para si mesmo ao ver os Shaido.

— Isso pode gerar confusão — murmurou. O garanhão negro girou o olho para o sarapintado de Rand. Foi um movimento breve, mas Lan, atento às fileiras de Aiel diante do vão, ainda assim deu um tapinha reconfortante no pescoço de Mandarb. — Mas não agora, eu acho.

— Não agora — concordou Rhuarc.

— Se pelo menos você… me *permitisse* ir junto. — Exceto por aquela levíssima inflexão, a voz de Moiraine estava serena como sempre. Uma calma fria estampava suas feições etéreas, mas os olhos escuros encaravam Rand como se aquele mero olhar fosse capaz de forçá-lo a ceder.

Os cabelos longos e claros de Amys, caídos por baixo do xale, balançaram quando ela sacudiu a cabeça com firmeza.

— Essa decisão não é dele, Aes Sedai. Isso é assunto dos chefes, assunto de homens. Se permitirmos que a senhora vá a Alcair Dal agora, da próxima vez que as Sábias ou as senhoras dos tetos se reunirem, algum chefe de clã vai querer meter o bedelho. Eles acham que a gente se intromete nos assuntos deles, e costumam tentar se intrometer nos nossos.

A mulher abriu um sorrisinho para Rhuarc, com a intenção de deixar claro que o comentário não o incluía. A falta de expressão do marido informou a Rand que ele estava pensando o contrário.

Melaine segurou o xale por debaixo do queixo, encarando Rand com o olhar firme. Ainda que não concordasse com Moiraine, também desconfiava do que ele iria fazer. Rand mal havia dormido desde que deixara as Pedras Frias. Se elas tinham invadido os sonhos dele, encontraram apenas pesadelos.

— Tome cuidado, Rand al' Thor — disse Bair, como se lesse seus pensamentos. — Um homem cansado comete erros. Você não pode se

dar ao luxo de cometer erros, hoje. — Ela puxou o xale por sobre os ombros magros, e sua voz fina assumiu um tom quase irritado. — *Nós* não podemos permitir que você cometa erros. Os Aiel não podem se dar ao luxo.

A chegada de mais cavaleiros no topo da encosta atraíra novos olhares para ele. Entre os pavilhões, muitas centenas de Aiel, homens em *cadin'sor* e mulheres de cabelos compridos vestindo saias, blusas e xales, formavam uma multidão vigilante. A atenção foi desviada quando o carroção empoeirado de Kadere surgiu por detrás do grupo de mulas à direita, com o mascate corpulento de casaco cor de creme no assento do condutor e Isendre toda vestida em seda branca, segurando um guarda-sol do mesmo estilo. O carroção de Keille vinha atrás, com Natael manejando as rédeas ao lado dela. A isso se seguiam os carroções com cobertura de lona e, por fim, os três carroções de água, que mais pareciam imensos barris sobre rodas, puxados pelas parelhas compridas de mulas. O grupo encarou Rand quando os carroções passaram fazendo barulho, em um rangido de eixos precisando de graxa. Kadere e Isendre, Natael e seu manto de menestrel coberto de retalhos, o corpanzil de Keille envolto em uma indumentária branca feito a neve, com um xale de renda branca por cima dos pentes de marfim. Rand deu um tapinha no pescoço arqueado de Jeade'en. Homens e mulheres começavam a sair da feira, lá embaixo, para encontrar os carroções que se aproximavam. Os Shaido estavam esperando. Faltava pouco.

Egwene aproximou a égua cinzenta de Jeade'en, e o garanhão sarapintado tentou fossar Bruma, mas acabou levando uma rosnadela em resposta, pelo aborrecimento.

— Você não me deu chance de conversarmos desde as Pedras Frias, Rand. — O rapaz não respondeu. Egwene agora era Aes Sedai, e não era só porque se denominava assim. Ele se perguntou se a moça também espionava seus sonhos. A jovem tinha o rosto rígido, os olhos escuros cansados. — Não guarde as coisas em segredo, Rand. Você não está lutando sozinho. Outras pessoas também estão lutando por você.

De cenho franzido, o rapaz tentou não olhar para a amiga. O primeiro pensamento que lhe veio foi Campo de Emond e Perrin, mas não via como a mulher poderia saber para onde Perrin fora.

— Como assim? — indagou, por fim.

— Eu luto por você — respondeu Moiraine, antes que Egwene pudesse abrir a boca — e Egwene também. — As duas mulheres trocaram um olhar rápido. — Tem gente que luta por você sem saber que está lutando, muita gente que você nem sequer conhece. Não percebe o que significa forçar a formação da Renda da Era, não é? As ondas das suas ações, as ondas da sua mera existência se propagam por todo o Padrão e alteram a trama dos fios da vida de pessoas que

você nem imagina. Essa batalha está muito longe de ser só sua. Mas você está no coração desta teia do Padrão. Se fracassar e sucumbir, tudo o mais vai fracassar e sucumbir. Como eu não posso ir com você até Alcair Dal, deixe que Lan vá. Mais um par de olhos para lhe dar respaldo.

O Guardião girou de leve por cima da sela, o cenho franzido para a Aes Sedai. Com os Shaido velados para matar, ele não estava muito ansioso em deixá-la sozinha.

Rand achou que não deveria ter visto aquela troca de olhares entre Moiraine e Egwene. Então elas tinham um segredo que estavam escondendo dele. Egwene tinha *mesmo* olhos de Aes Sedai, misteriosos e indecifráveis. Aviendha e as Donzelas haviam retornado até ele.

— Deixe que Lan fique com você, Moiraine. As *Far Dareis Mai* carregam minha honra.

Moiraine apertou os cantos dos lábios, mas, ao que parecia, aquilo era a coisa exata a ser dita, de acordo com as Donzelas. Adelin e as outras exibiram sorrisos largos.

Mais abaixo, os Aiel se amontoavam ao redor dos condutores dos carroções, que começavam a desatrelar as mulas. Nem todos prestavam atenção aos Aiel. Keille e Isendre encaravam uma à outra junto aos carroções. Natael falava em um tom urgente com uma das mulheres, e Kadere, com a outra, até que as duas enfim cessaram o duelo de olhares. Elas já estavam agindo assim havia algum tempo. Se fossem homens, Rand imaginava que já teriam chegado às vias de fato muito tempo antes.

— Fique a postos, Egwene — disse Rand. — Todos vocês, fiquem a postos.

— Nem mesmo os Shaido vão incomodar Aes Sedai — respondeu Amys — não mais do que incomodam Bair, Melaine ou a mim. Algumas coisas estão além do alcance até dos Shaido.

— Só fiquem a postos!

Ele não pretendia ser tão ríspido. Até Rhuarc o encarou. Ninguém entendeu, e ele não ousava explicar. Quem acionaria a armadilha primeiro? Tinha de pôr em risco todos ali, e também a si próprio.

— E eu, Rand? — perguntou Mat, de repente, rolando uma moeda de ouro pelos dedos de uma das mãos, em um gesto meio inconsciente. — Você faz alguma objeção se eu for com você?

— Você quer ir? Achei que preferiria ficar com os mascates.

Mat franziu o cenho para os carroções abaixo e olhou para os Shaido enfileirados diante da brecha na montanha.

— Não acho que vá ser tão fácil sair daqui, se você acabar morrendo. Que me queime se você não acabar me metendo no caldeirão de banha de um jeito ou de… *Dovienya* — murmurou Mat. Rand já o ouvira dizer isso antes. Lan contou que significava “sorte”

na Língua Antiga. Mat jogou a moeda de ouro para cima. Quando tentou apanhá-la de volta, ela quicou em seus dedos e caiu no chão. Por mais improvável que fosse, a moeda caiu de pé e foi rolando encosta abaixo, saltando pelas rachaduras no chão de lama seca, cintilando à luz do sol. De lá, seguiu descendo até os carroções, onde finalmente tombou. — Que me queime, Rand — rosnou — preferia que você não fizesse isso!

Isendre apanhou a moeda e começou a manuseá-la, espiando o topo da encosta. Os outros também olhavam para lá, Kadere, Keille e Natael.

— Você pode vir — disse Rand. — Rhuarc, já não está na hora?

O chefe de clã olhou para trás.

— Está. Bem… — Atrás dele, flautas começaram a tocar uma melodia lenta e dançante. — Agora.

Uma cantoria uniu-se às flautas de pã. Os garotos Aiel paravam de cantar quando chegavam à idade adulta, exceto em certas ocasiões. Depois de botar as mãos na lança, um homem de Aiel entoava apenas canções de batalha e lamentos para os mortos. Sem dúvida havia muitas vozes de Donzelas naquela melodia bela e harmoniosa, mas vozes graves e masculinas as faziam desaparecer.

> “Banhem as lanças — ao subir do sol.
> Banhem as lanças — ao cair do sol.”

Meia milha à direita e à esquerda surgiram os Taardad, correndo em duas largas fileiras no ritmo da canção, as lanças a postos, os rostos velados. Pareciam colunas infinitas avançando em direção às montanhas.

> “Banhem as lanças — quem teme morrer?
> Banhem as lanças — que eu saiba, ninguém!”

Nos acampamentos dos clãs e na feira, Aiel observavam, estupefatos. Algo na forma como se portavam dava a Rand a certeza de que estavam em silêncio. Alguns condutores de carroções permaneciam parados, meio atônitos, enquanto outros soltavam as mulas e corriam de volta para os carroções. Keille e Isendre, Kadere e Natael ainda observavam Rand.

> “Banhem as lanças — enquanto a vida pulsa.
> Banhem as lanças — até que a vida acabe.
> Banhem as lanças…”

— Vamos?

Ele não esperou a confirmação de Rhuarc para cravar as botas em Jeade'en, que começou a descer a montanha, com Adelin e as outras Donzelas logo atrás. Mat hesitou por um instante antes de disparar com Pips, mas Rhuarc e os chefes dos ramos dos Taardad, cada um com seus dez guerreiros, arrancaram na mesma hora que o sarapintado. Em dado momento, a meio caminho das tendas da feira, Rand olhou o topo da encosta atrás de si. Moiraine e Egwene permaneciam em cima dos cavalos, com Lan. Aviendha estava parada com as três Sábias. Todos de olhos fixos nele. Quase se esquecera de como era não ter ninguém a encará-lo.

Enquanto cavalgava no mesmo nível da feira, surgiu uma delegação de dez ou doze mulheres vestidas em saias e blusas, os corpos enfeitados com muito ouro, prata e marfim, e o mesmo número de homens vestidos nos tons cinza e marrom dos *cadin'sor*, porém desarmados, exceto pelas facas de cintura menores que a arma de lâmina bruta de Rhuarc. O grupo, no entanto, assumia uma postura que forçou Rand e os outros a pararem, e pareciam ignorar os Taardad velados que avançavam a leste e a oeste.

> "Banhem as lanças — a vida é um sonho.
> Banhem as lanças — todo sonho tem fim."

— Eu não esperava isso de você, Rhuarc — disse um homem corpulento e grisalho. Não era gordo, seu peso era todo músculos. Rand nunca vira um Aiel gordo. — Até vindo dos Shaido foi uma surpresa, mas de você?

— Os tempos mudam, Mandhuin — retrucou o chefe de clã. — Há quanto tempo os Shaido estão aqui?

— Chegaram logo ao nascer do sol. Quem pode explicar por que viajaram à noite? — Mandhuin fechou um pouco a cara para Rand e inclinou a cabeça na direção de Mat. — Realmente, Rhuarc, são tempos estranhos.

— Quem está aqui, além dos Shaido? — perguntou Rhuarc.

— Nós, Goshien, chegamos primeiro. Depois vieram os Shaarad. — O homem corpulento fez uma careta ao dizer o nome dos inimigos de sangue, sem deixar de analisar os dois aguacentos. — Os Chareen e os Tomanelle vieram depois. E, por último, os Shaido, como eu disse. Faz pouco tempo que Sevanna convenceu os chefes a virem. Bael não viu motivo para esse encontro de hoje, e alguns dos outros também não.

Uma mulher de meia-idade, com rosto largo e os cabelos mais loiros que os de Adelin, pôs as mãos na cintura, com um clangor de braceletes de marfim e ouro. Usava tantos braceletes e colares quanto

Amys e sua esposa-irmã juntas.

— Ouvimos dizer que Aquele Que Vem Com a Aurora saiu de Rhuidean, Rhuarc. — Ela franziu o rosto para Rand e Mat. Toda a delegação fez o mesmo. — Ouvimos dizer que o *Car'a'carn* será anunciado hoje. Antes da chegada de todos os clãs.

— Então alguém lhe fez uma profecia — interveio Rand.

Ele tocou os flancos do sarapintado com os calcanhares, e a delegação abriu caminho.

— *Dovienya* — murmurou Mat. — *Mia dovienya nesodhin soende.* — Fosse lá o que aquilo significasse, soava como um desejo fervoroso.

As fileiras de Taardad tinham subido até o topo, pelos dois lados dos Shaido, e virado de frente para eles, a algumas centenas de passadas de distância, ainda velados, ainda cantando. Não faziam qualquer movimento que pudesse ser considerado ameaça. Na realidade, apenas permaneciam ali parados. Havia quinze ou vinte vezes o número de Shaido, todos cantando, as vozes ressoando na harmonia da canção.

> "Banhem as lanças… até a sombra acabar.
> Banhem as lanças… até a água secar.
> Banhem as lanças… quão longe de casa?
> Banhem as lanças… até eu sucumbir!"

Ao se aproximar dos Shaido de véus negros, Rand viu Rhuarc levar uma das mãos ao próprio véu.

— Não, Rhuarc. Não estamos aqui para lutar com eles.

Ele quis dizer que não esperava que chegassem a esse ponto, mas o Aiel interpretou de maneira diferente.

— Tem razão, Rand al'Thor. Não há honra para os Shaido. — Deixando o véu pender, Rhuarc elevou a voz. — Não há honra para os Shaido!

Rand não virou a cabeça para olhar, mas teve a sensação de que véus negros estavam sendo baixados atrás dele.

— Ah, sangue e cinzas! — murmurou Mat. — Sangue e malditas cinzas!

> "Banhem as lanças — até o sol morrer.
> Banhem as lanças — até a água correr.
> Banhem as lanças…"

As fileiras de Shaido se remexeram, incomodadas. Fosse lá o que Couladin ou Sevanna tivessem dito, os homens do clã sabiam contar.

Dançar as lanças com Rhuarc e seus companheiros era uma coisa, mesmo que fosse contra todos os costumes. Enfrentar Taardad suficientes para varrê-los para fora do mapa feito uma avalanche era outra. Eles se retiraram relutantes, afastando-se para deixar Rand avançar, dando um passo atrás para abrir um caminho largo.

Rand soltou um suspiro de alívio. Adelin e as outras Donzelas, pelo menos, caminhavam com o olhar fixo à frente, como se os Shaido não existissem.

> "Banhem as lanças — enquanto eu respirar.
> Banhem as lanças — meu aço vai brilhar.
> Banhem as lanças…"

A cantoria foi diminuindo atrás deles até virar um murmúrio, enquanto o grupo passava pela garganta estreita, profunda e sombria que serpenteava por entre as montanhas. Durante alguns minutos, os sons mais altos eram o clangor dos cascos na pedra e o sussurro das botas macias dos Aiel. De repente, a passagem estreita deu lugar a Alcair Dal.

Rand entendeu porque o cânion fora chamado de bacia de ouro, embora não houvesse nenhum reflexo dourado ali. Era um círculo quase perfeito, com uma muralha cinza formando uma encosta em quase toda a circunferência, exceto no trecho mais afastado, onde a parede fazia uma curva para dentro, feito uma onda gigante. Grupos de Aiel pontilhavam toda a encosta, cabeças e rostos descobertos. Havia muitos mais grupos do que clãs. Os Taardad que tinham vindo com os chefes dos ramos começaram a se afastar em direção a cada um do seu. Segundo Rhuarc, agrupar-se por sociedade, não por clã, ajudava a manter a paz. Apenas seus Escudos Vermelhos e as Donzelas permaneceram com Rand e os chefes dos Taardad.

Os chefes dos ramos dos outros clãs se sentaram de pernas cruzadas, todos com seus respectivos grupos, diante de uma grande saliência abaixo da encosta abaulada. Seis pequenos grupos, um de Donzelas, permaneciam entre os chefes dos ramos e a saliência. Eram, supostamente, os Aiel que tinham ido pela honra dos chefes dos clãs. Seis, embora apenas cinco clãs estivessem representados. Sevanna teria uma escolta de Donzelas — embora mas Aviendha tivesse feito um rápido comentário sobre como Sevanna nunca fora *Far Dareis Mai* —, mas o grupo extra… havia onze homens ali, não dez. Mesmo vendo apenas as costas de uma cabeça cheia de cabelos cor de fogo, Rand teve certeza de que era Couladin.

Na saliência em si, uma mulher de cabelos louros estava parada, portando tantas joias quanto a mulher nas tendas da feira, o xale cinza por cima dos ombros. Era Sevanna, claro, junto de mais quatro chefes

de clã, nenhum armado, exceto pela comprida faca de cintura. Um deles era o homem mais alto que Rand já vira na vida. Bael, dos Aiel Goshien, pelas descrições que Rhuarc fornecera. O sujeito devia ser pelo menos uma mão mais comprido que Rhuarc ou que ele próprio. Sevanna estava falando, e algum efeito criado pelo formato do cânion transportava suas palavras para todos os cantos com clareza.

— … deixar que ele fale! — Sua voz era dura e tensa. De cabeça erguida e costas rígidas, ela tentava dominar o espaço com a força de sua vontade. — Eu exijo isso como meu direito! Até que um novo chefe seja escolhido, assumo o posto de Suladric, representando os Shaido. Exijo o meu direito!

— Você ocupa o lugar de Suladric até um novo chefe ser escolhido, senhora do teto. — O homem de cabelos brancos que respondia em um tom irascível era Han, chefe de clã dos Tomanelle. Com um rosto que parecia couro escuro e curtido, ele era mais alto que a média de Dois Rios, mas era baixo para um Aiel, ainda que corpulento. — Não duvido que você conheça bem os direitos de uma senhora do teto, mas talvez não conheça tão bem os de um chefe de clã. Só alguém que já adentrou Rhuidean pode falar aqui. E você, que está no lugar de Suladric. — Han não parecia contente com aquilo, mas por outro lado, era o tipo de homem que parecia quase nunca feliz. — Mas as andarilhas dos sonhos disseram às nossas Sábias que Couladin teve o direito de adentrar Rhuidean recusado.

Couladin soltou um berro indecifrável, porém claramente furioso — pelo visto, o truque do cânion funcionava apenas na saliência. Erim, dos Chareen, com a metade dos cabelos vermelho-claros já grisalha, interrompeu-o com rispidez.

— Acaso não tem respeito pela lei e pelos costumes, Shaido? Não tem honra? Faça o silêncio aqui.

Uns poucos olhos na encosta se viraram para ver quem eram os recém-chegados. Uma onda de empurrões trouxe mais gente para ver dois forasteiros a cavalo à frente dos chefes dos ramos, um deles seguido de perto por Donzelas. Rand se perguntou quantos Aiel o observavam. Três mil? Quatro? Mais? Ninguém fazia som algum.

— Estamos aqui reunidos para ouvir um pronunciamento muito importante — disse Bael — que acontecerá quando todos os clãs tiverem chegado. — Seus cabelos vermelho-escuros também estavam ficando grisalhos. Não havia jovens entre os chefes dos clãs. Sua altura e voz grave atraíram os olhares para ele. — Quando todos os clãs tiverem chegado. Se a única coisa que Sevanna quer agora é pedir que deixemos Couladin falar, voltarei para as minhas tendas e aguardarei a hora.

Jheran, dos Shaarad, inimigo de sangue dos Goshien de Bael, era um homem delgado, com muitas mechas cinzentas nos cabelos

castanho-claros. Ele se pronunciou em um tom também delgado, feito uma lâmina de aço, dirigindo-se a ninguém em particular.

— Digo que não devemos retornar às nossas tendas. Já que Sevanna nos trouxe para cá, vamos debater algo que é só um pouco menos importante que o anúncio que aguardamos. Água. Quero debater sobre a água da Plataforma da Cordilheira de Espinhaço.

Bael virou-se para o homem, em uma postura ameaçadora.

— Imbecis! — vociferou Sevanna. — Eu cansei de esperar! Eu…

Foi então que os que ocupavam a saliência perceberam os recém-chegados. Observaram a aproximação em total e completo silêncio, os chefes dos clãs de cenho franzido, Sevanna com uma careta de desprezo. Era uma bela mulher, quase de meia-idade, mas que parecia mais jovem, em meio a homens bem mais velhos. Ainda assim, ela parecia voraz. Os chefes dos clãs eram nobres, mesmo Han, com seu jeito meio amargo, mas os olhos azul-claros da mulher guardavam uma expressão calculista. Ao contrário das outras Aiel que Rand já vira, ela usava a blusa branca solta aberta em um decote avantajado, o colo bronzeado emoldurado pelos muitos colares. Pela postura dos homens, dava para identificá-los como chefes de clã. E, mesmo que Sevanna fosse uma senhora do teto, sem dúvida não era nada parecida com Lian.

Rhuarc avançou direto até a saliência, entregou as lanças, o broquel, o arco e a aljava para os Escudos Vermelhos e começou a subir. Rand entregou as rédeas a Mat.

— Sorte para nós! — murmurou o rapaz, enquanto olhava os Aiel à volta.

Adelin deu um aceno de cabeça encorajador para Rand, que foi de sua sela direto para a saliência. Um murmúrio de surpresa se ergueu pelo cânion.

— O que é que você está fazendo, Rhuarc — inquiriu Han, com uma expressão de desprezo — trazendo este aguacento para cá? Se não vai matá-lo, pelo menos não o deixe se portar feito um chefe de clã.

— Este homem, Rand al'Thor, veio falar com os chefes dos clãs. As Andarilhas dos Sonhos não contaram a você que ele viria comigo? — As palavras de Rhuarc provocaram um burburinho entre os ouvintes.

— Melaine me contou muitas coisas, Rhuarc — respondeu Bael, receoso, franzindo o cenho para Rand. — Disse que Aquele Que Vem Com a Aurora tinha saído de Rhuidean. Você não pode estar querendo dizer que este homem… — Ele foi baixando a voz, incrédulo.

— Se o aguacento pode falar — interrompeu Sevanna, mais do que depressa — então Couladin também pode.

Ela ergueu uma mão macia e delicada, e Couladin subiu até a

saliência, com o rosto vermelho de raiva.

Han virou-se para ele.

— Fique aí embaixo, Couladin! Já é ruim o bastante ver Rhuarc violando os costumes sem que você faça o mesmo!

— Está na hora de abandonar esses hábitos desgastados! — gritou o Shai do de cabelos cor de fogo, tirando o casaco marrom e cinza. Não havia razão para gritar, pois suas palavras ecoavam pelo cânion, mas ele não baixou a voz. — Eu sou Aquele Que Vem Com a Aurora! — Ele puxou as mangas da camisa para cima e ergueu os dois braços. Em torno de cada antebraço estava enroscada uma criatura serpenteante de escamas douradas e carmesins, com patas metálicas e reluzentes, cada uma com cinco garras douradas, as cabeças de crina dourada no dorso dos punhos de Couladin. Dois Dragões perfeitos. — Eu sou o *Car'a'carn*!

O estrondo que se elevou foi como um trovão, os Aiel levantando-se aos saltos e gritando de alegria. Os chefes dos clãs também se levantaram, os Taardad se agruparam, preocupados, os outros gritando na mesma intensidade.

Os chefes dos clãs pareciam atônitos, inclusive Rhuarc. Adelin e suas nove Donzelas empunharam as lanças, como se esperassem usá-las a qualquer momento. Encarando o vão à frente, Mat puxou o chapéu para baixo e conduziu os dois cavalos para perto da saliência, fazendo um gesto disfarçado para que Rand subisse na sela outra vez.

Sevanna abriu um sorriso presunçoso e arrumou o xale enquanto Couladin avançava para a frente da saliência, com os braços erguidos.

— Eu trago a mudança! — gritou ele. — Conforme a profecia, eu trago novos dias! Vamos cruzar a Muralha do Dragão outra vez e recuperar o que nos pertence! Os aguacentos são moles, mas são ricos! Vocês se lembram da riqueza que foi trazida de volta, na última vez que adentramos as terras aguacentas! Desta vez, traremos tudo! Desta vez…!

Rand deixou-se inundar pela declamação do homem. De todas as coisas possíveis, jamais suspeitara disso. *Como?* A palavra ficava ressoando em sua mente, mas ele não conseguia acreditar na própria compostura. Bem devagar, tirou o casaco, hesitando por um instante antes de apanhar o *angreal* do bolso. Enfiou o entalhe no cós da calça, deixou cair o casaco no chão e caminhou para a dianteira da saliência, desfazendo os laços da camisa com muita calma. Quando ergueu os braços para o alto da cabeça, as mangas deslizaram para baixo.

Os Aiel reunidos levaram um instante para perceber os Dragões que também serpenteavam pelos braços de Rand, reluzentes sob o sol. O silêncio foi se abatendo aos poucos, mas, por fim, dominou o ambiente. O queixo de Sevanna desabou. Ela não sabia. Obviamente Couladin não pensara que Rand viria tão depressa, não dissera a ela

que outro também portava as marcas. *Como?* O homem decerto acreditara que teria tempo. Depois que estivesse estabelecido, Rand seria rejeitado como fraude. *Luz, como?* Se a senhora do teto do Forte de Comarda estava atônita, os chefes dos clãs também estavam, exceto por Rhuarc. Dois homens marcados, enquanto a profecia rezava que apenas um poderia existir.

Couladin prosseguia com seu discurso inflamado, abanando os braços para garantir que todos vissem suas marcas.

— … não vamos parar ao dominar as terras dos violadores de juramentos! Vamos arrasar tudo até o Oceano de Aryth! Os aguacentos não poderão oferecer resistência… — De súbito, ele notou o silêncio onde antes haviam gritos inflamados. Sabia o motivo. Sem se virar para encarar Rand, gritou: — Aguacento! Olhem as roupas dele! É um aguacento!

— Um aguacento — concordou Rand. Não ergueu a voz, mas o cânion a conduziu a todos. O Shaido pareceu surpreso por um instante, mas logo escancarou um sorriso triunfante, até que Rand prosseguiu. — O que diz a Profecia de Rhuidean? "Nascido do sangue." Minha mãe era Shaiel, uma Donzela dos Taardad Chumai. — *Quem era ela, na verdade? De onde viera?* — Meu pai era Janduin, do ramo da Montanha de Ferro, chefe do clã dos Taardad. — *Meu pai é Tam al'Thor. Ele me encontrou, me criou, me amou. Queria ter podido conhecer o senhor, Janduin, mas o meu pai é Tam.* — "Nascido do sangue, porém criado fora do sangue." Onde foi que as Sábias mandaram me procurar? Nos fortes da Terra da Trindade? Elas mandaram procurar para além da Muralha do Dragão, n o local onde fui criado. Exatamente como a profecia.

Bael e os outros três assentiram devagar, mas com relutância. Havia ainda a questão de Couladin também estampar os Dragões, e sem dúvida eles prefeririam que fosse um deles. Sevanna tinha o rosto rígido. Não importava quem portasse as marcas verdadeiras, não havia dúvida a respeito de quem ela apoiava.

A confiança de Couladin não esmoreceu. O homem encarara Rand com desprezo desde a primeira vez que o vira.

— Faz quanto tempo que a Profecia de Rhuidean foi revelada pela primeira vez? — Ele ainda parecia acreditar que precisava gritar. — Quem pode dizer o quanto as palavras mudaram? Minha mãe era *Far Dareis Mai,* antes de abrir mão da lança. Quanto do restante mudou? Ou foi mudado? Dizem que um dia servimos às Aes Sedai. Eu digo que elas querem nos atar a elas mais uma vez! Esse aguacento foi escolhido porque se parece com a gente! Ele não é do sangue! Veio em companhia de Aes Sedai, preso numa coleira! E as Sábias as receberam como se fossem irmãs-primeiras! Vocês todos ouviram falar de Sábias capazes de fazer coisas além de qualquer

compreensão. As Andarilhas dos S onhos usaram o Poder Único para me manter longe desse aguacento! Usaram o Poder Único, como dizem que as Aes Sedai fazem! As Aes Sedai trouxeram esse aguacento aqui para nos prender com falsidades! E as andarilhas dos sonhos as ajudaram!

— Isso é loucura! — Rhuarc avançou a passos largos atrás de Rand, enca rando a multidão ainda em silêncio. — Couladin nunca pôs os pés em Rhuidean. Eu ouvi quando as Sábias recusaram sua entrada. Mas Rand al'Thor foi. Eu o vi sair de Chaendaer e retornar, marcado, como vocês também podem ver.

— E por que elas recusaram minha entrada? — indagou Couladin, com um rosnado. — Porque as Aes Sedai mandaram! Rhuarc não conta a vocês que uma das Aes Sedai desceu de Chaendaer com esse aguacento! Foi por isso que ele retornou com os Dragões! Bruxaria de Aes Sedai! Meu irmão, Muradin, morreu debaixo de Chaendaer, assassinado por esse aguacento e a Aes Sedai Moiraine. E as Sábias, ordenadas pelas Aes Sedai, deixaram os dois impunes! Quando a noite caiu, eu fui até Rhuidean. Não me revelei até agora porque este aqui é o lugar apropriado para o *Car'a'carn* aparecer! Eu *sou* o *Car'a'carn*!

Mentiras entremeadas com fragmentos de verdade. O homem ostentava uma confiança vitoriosa, e sem dúvida teria resposta para qualquer coisa.

— Você diz que foi a Rhuidean sem a permissão das Sábias? — inquiriu Han, de cara feia. O imenso Bael exibia o mesmo olhar de desaprovação, com os braços cruzados, e Erim e Jheran pareciam apenas um tantinho menos irritados. Mas, pelos menos os chefes dos clãs ainda hesitavam. Sevanna agarrou a faca de cintura, cravando os olhos em Han como se quisesse enfiá-la em suas costas.

Couladin, no entanto, tinha uma resposta.

— Isso mesmo, sem a permissão delas! Aquele Que Vem Com a Aurora traz a mudança! É isso o que diz a profecia! Os costumes inúteis têm que mudar, e vou mudar todos eles! Eu não cheguei aqui com a aurora?

Os chefes dos clãs permaneciam indecisos, e também os Aiel que observavam, todos de pé aos milhares, observando em silêncio, aguardando. Se Rand não fosse capaz de convencê-los, era certo que não sairia vivo de Alcair Dal. Mat indicou outra vez a sela de Jeade'en. Rand sequer deu-se ao trabalho de balançar a cabeça. Havia mais coisa a levar em conta além de sair dali vivo: ele precisava daquele povo, precisava de sua lealdade. *Precisava* ter gente que o seguisse por acreditar nele, não para usá-lo ou pelo que ele tivesse para dar. Precisava.

— Rhuidean — disse. A palavra preencheu todo o cânion. — Você está alegando que foi a Rhuidean, Couladin. O que viu por lá?

— Todos sabem que é proibido falar a respeito de Rhuidean — retrucou Couladin, mais do que depressa.

— Nós podemos nos afastar — sugeriu Erim — e conversar em particular, para que você possa nos contar…

O Shaido o interrompeu bruscamente, o rosto vermelho de raiva.

— Eu não vou falar com ninguém. Rhuidean é um lugar sagrado, e o que eu vi é sagrado. *Eu* sou sagrado! — Ele ergueu outra vez os braços com as marcas do Dragão. — Isso aqui me torna sagrado!

— Eu caminhei por colunas de vidro ao lado de *Avendesora*. — Rand falava baixinho, mas as palavras chegavam a todos os cantos. — Eu vi a história dos Aiel pelos olhos dos meus ancestrais. O que foi que você viu, Couladin? Eu não tenho medo de falar. Você tem?

O Shaido tremia de fúria, o rosto estava quase da cor de seus cabelos.

Olhares indecisos percorreram Bael e Erim, Jheran e Han.

— Para isso, teremos que nos afastar — murmurou Han.

Couladin não parecia perceber que perdera vantagem com os quatro, mas Sevanna, sim.

— Foi Rhuarc que contou tudo isso a ele — vociferou a mulher. — Uma das esposas de Rhuarc é Andarilha dos Sonhos, uma dessas que ajudam as Aes Sedai! Rhuarc contou tudo a ele!

— Rhuarc não faria isso — retrucou Han, bruscamente. — Ele é o chefe do clã, é um homem honrado. Não fale do que não sabe, Sevanna!

— Eu não estou com medo! — gritou Couladin. — Nenhum homem pode me dizer que sinto medo! Eu também vi pelos olhos dos meus ancestrais! Eu vi nossa chegada à Terra da Trindade! Vi nossa glória! A glória que vou trazer de volta a nós!

— Eu vi a Era das Lendas — anunciou Rand — e o início da jornada dos Aiel até a Terra da Trindade. — Rhuarc agarrou seu braço, mas ele se desvencilhou do chefe de clã. Aquele momento estivera fadado a acontecer desde que os Aiel se reuniram diante de Rhuidean pela primeira vez. — Eu vi os Aiel quando eram chamados de Aiel Da' shain, e seguiam o Caminho da Folha.

— Não! — O gritou se elevou de fora do cânion e se propagou em um estrondo. — Não! Não! — Vinha de milhares de gargantas. As pontas das lanças erguidas refletiam a luz do sol. Até alguns chefes de ramo dos Taardad gritavam.

Adelin encarou Rand, aflita. Mat gritou alguma coisa para ele, mas o grito se perdeu no estrondo. O rapaz gesticulava com premência para que ele montasse na sela.

— Mentiroso! — O formato do cânion conduzia o berro de Couladin, cólera misturada a triunfo, por sobre os gritos da multidão.

Balançando a cabeça freneticamente, Sevanna estendeu o braço para ele. Àquela altura, devia ter pelo menos imaginado que ele era o falso, porém, se conseguisse mantê-lo quieto, talvez obtivessem sucesso. Como Rand esperava, Couladin a repeliu. O homem sabia que Rand fora a Rhuidean. Não era capaz de acreditar em sequer metade da própria história, mas também não acreditava no que Rand dissera. — A prova de que ele é uma fraude vem da própria boca! Nós sempre fomos guerreiros! Sempre! Desde o início dos tempos!

O estrondo se elevou, as lanças balançando, mas Bael, Erim, Jheran e Han permaneceram em completo silêncio. Agora sabiam. Sem se dar conta de seus olhares, Couladin abanou os braços coroados com os Dragões para os Aiel reunidos, exultante com a adulação.

— Por quê? — indagou Rhuarc, baixinho, ao lado de Rand. — Você não entendeu por que não falamos de Rhuidean? Não queremos encarar que um dia fomos tão diferentes de tudo em que acreditamos agora, que éramos iguais aos Perdidos desprezíveis que vocês chamam de Tuatha'an. Rhuidean mata os que não são capazes de enfrentá-la. Dos homens que vão a Rhuidean, nem um em três consegue sobreviver. E agora você falou para todos ouvirem. Não vai parar por aqui, Rand al'Thor. A coisa vai se espalhar. Quantos terão força suficiente para aguentar?

Ele os unirá e os destruirá.

— Eu trago a mudança — respondeu Rand, com tristeza. — Não paz, e sim desordem. — *A destruição me acompanha aonde vou. Será que existe algum lugar que eu não vou destruir?* — O que for, será, Rhuarc. Eu não posso mudar.

— O que for, será — murmurou o Aiel, depois de um instante.

Couladin ainda andava para cima e para baixo a passos firmes, gritando para os Aiel sobre glória e conquista, sem perceber os chefes dos clãs que o encaravam pelas costas. Sevanna sequer olhava para Couladin. Seus olhos verde-claros estavam concentrados nos chefes dos clãs, os lábios contraídos em um esgar, os seios se elevando com respirações ansiosas. Ela sem dúvida sabia o significado daqueles olhares silenciosos.

— Rand al'Thor — disse Bael em voz alta, o nome retalhando os gritos de Couladin, cortando o estrondo da multidão feito uma lâmina. Ele parou para pigarrear, balançando a cabeça como se procurasse uma saída para tudo aquilo. Couladin se virou e cruzou os braços, confiante, decerto à espera de uma sentença de morte para o aguacento. O imenso chefe de clã respirou fundo. — Rand al'Thor é o *Car'a'carn*. Rand al'Thor é Aquele Que Vem Com a Aurora.

Os olhos de Couladin se arregalaram, incrédulos e furiosos.

— Rand al'Thor é Aquele Que Vem Com a Aurora — anunciou Han, com o rosto curtido igualmente relutante.

— Rand al'Thor é Aquele Que Vem Com a Aurora — repetiu Jheran, taciturno.

— Rand al'Thor é Aquele Que Vem Com a Aurora — disse Erim.

— Rand al'Thor — enunciou Rhuarc — é Aquele Que Vem Com a Aurora. — E, em um tom baixo demais até para ecoar pela saliência, acrescentou: — E que a Luz tenha piedade de nós.

Por um longo e lento instante, o silêncio se abateu. Então Couladin saltou da saliência, rosnando, agarrou uma lança de um de seus *Seia Doon* e avançou direto para Rand. Porém, enquanto ele avançava, Adelin deu um salto. A ponta da lança do Aiel enfurecido perfurou as camadas do couro do broquel que a mulher estendera, atirando-a para longe.

Um pandemônio irrompeu no cânion, homens gritavam, empurrando uns aos outros. As demais Donzelas Jindo pularam ao lado de Adelin, formando uma proteção na frente de Rand. Sevanna descera para gritar com Couladin, pendurando-se no braço do homem enquanto ele tentava liderar os Shaido Olhos Negros contra as Donzelas que estavam entre ele e Rand. Heirn e mais uma dúzia de chefes de ramos Taardad juntaram-se a Adelin, de lanças a postos, mas outros gritavam alto. Mat se levantou, desajeitado, e agarrou a lança de cabo preto com a ponta marcada pela garça, urrando o que deveriam ser xingamentos na Língua Antiga. Rhuarc e os outros chefes dos clãs ergueram a voz, tentando em vão restaurar a ordem. O cânion ebulia feito um caldeirão. Rand viu homens e mulheres velando o rosto. Uma lança reluziu no meio de um golpe. Outra. Ele precisava impedir aquilo.

Tentou tocar *saidin*, e a energia fluiu dentro de seu corpo até ele achar que iria explodir, se não se incendiasse primeiro. A imundície da mácula que o dominou parecia prestes a petrificar seu sangue. As ideias flutuaram para fora do Vazio. Ideias frias. Água. Ali, onde a água era tão escassa, os Aiel sempre falavam disso. Até mesmo naquele ar seco havia alguma água. Ele canalizou, sem saber ao certo o que fazia, tateando às cegas.

Um raio lancinante estalou sobre Alcair Dal, e o vento soprou com violência, vindo de todos os lados, chiando pela beirada do cânion, abafando os gritos dos Aiel. Um vento que trouxe diminutos pingos de água, depois mais e mais, até acontecer algo que homem nenhum jamais vira por ali. Uma cerração de chuva começou a descer. O vento acima uivava e remoinhava. Relâmpagos indômitos varavam o céu. E a chuva foi ficando mais e mais forte, até virar um pé d'água, desabando pela saliência da encosta, colando os cabelos de Rand à cabeça e a camisa às costas, turvando a visão de tudo a cinquenta passadas de distância.

De súbito, a chuva parou de açoitá-lo; um domo invisível

formara-se ao redor dele, afastando Mat e os Taardad. Sob a água que corria pelas laterais, mal dava para ver Adelin, que esmurrava o domo, tentando entrar à força.

— Seu idiota, brincando com esses outros idiotas! Desperdiçando todo o meu esforço e planejamento!

A água escorria por seu rosto quando Rand se virou e encarou Lanfear. O vestido branco com cinto de prata estava perfeitamente seco, as ondas negras dos cabelos entre as estrelas e luas prateadas estavam intocadas pelas gotas de chuva. Aqueles olhos negros o encaravam com fúria; a ira contorcia seu belo rosto.

— Não imaginei que você fosse se revelar tão cedo — murmurou ele. O Poder ainda o preenchia. Ele manuseou a torrente que o açoitava, agarrando-se ao Poder com um desespero que não chegava à voz. Não era necessário puxar mais Poder. Ele apenas o deixou fluir até sentir os ossos prestes a torrarem e virarem cinzas. Não sabia se a mulher podia blindá-lo enquanto *saidin* corria por seu corpo, mas deixou-se preencher contra essa possibilidade. — Sei que você não está sozinha. Onde ele está?

A bela boca de Lanfear se contraiu.

— Eu sabia que ele se entregaria quando entrou no seu sonho. Eu poderia ter cuidado da situação, se o pânico dele…

— Eu soube desde o início — retrucou ele, interrompendo-a. — Esperei por isso desde o dia em que saí da Pedra de Tear. Aqui, onde qualquer um podia ver que eu estava concentrado em Rhuidean e nos Aiel. Acha que eu não estava esperando que um de vocês viesse atrás de mim? Mas a armadilha é *minha*, Lanfear, não sua. Onde ele está? — A pergunta saiu em um berro.

As emoções deslizavam incontroláveis em torno do Vazio que o rodeava por dentro, o vazio que não era tão vazio, preenchido pelo Poder.

— Se você sabia — vociferou ela, em resposta — por que o afugentou com a conversa de cumprir seu destino, de fazer *o que tem que ser feito*? — As palavras vinham feito pedras, repletas de escárnio. — Eu trouxe Asmodean para ensiná-lo, mas ele sempre teve a mania de abandonar os planos difíceis. Agora acha que encontrou algo melhor em Rhuidean. E foi lá pegar, enquanto você está aqui. Couladin, os Draghkar, tudo para prender sua atenção enquanto ele se certifica de que alcançará o que deseja. Todos os meus planos foram para nada, porque você não podia ser mais teimoso! Tem alguma ideia do esforço que vou ter que fazer para convencê-lo outra vez? Tem que ser ele. Demandred, Rahvin ou Sammael matariam você antes de ensiná-lo a erguer a mão, a não ser que o prendessem feito um cachorro na coleira!

Rhuidean. Sim. Claro. Rhuidean. Quantas semanas até o sul?

Porém, certa vez, ele fizera uma coisa… Se conseguisse lembrar como…

— E você o deixou ir? Depois toda a conversa sobre me ajudar?

— Não abertamente, já disse. O que ele poderia encontrar em Rhuidean que fizesse valer a pena minha revelação? Quando você concordar em ficar comigo, teremos bastante tempo. Lembre-se do que eu disse a você, Lews Therin. — A voz dela assumiu um tom sedutor. Os lábios carnudos se curvaram, os olhos negros tentaram tragá-lo, pareciam lagos sem fundo. — Dois excelentes *sa'angreal*. Com esses, juntos, podemos desafiar… — Desta vez, ela parou de falar sozinha.

Rand tinha se lembrado.

Com o Poder, *cingiu* a realidade, *flexionou* um pequeno fragmento do real. Uma porta se abriu debaixo do domo, bem na frente dele. Era a única forma de descrever. Uma abertura para a escuridão, para outro lugar.

— Você se lembra de algumas coisas, ao que parece. — Ela encarou a abertura, depois olhou para ele, exibindo uma desconfiança repentina. — Por que está tão ansioso? O que há em Rhuidean?

— Asmodean — respondeu ele, sombrio.

Por um instante, hesitou. Não conseguia enxergar através do domo encharcado de chuva. O que estava acontecendo lá fora? E Lanfear. Se ao menos conseguisse se lembrar de como blindara Egwene e Elayne. *Se ao menos eu fosse capaz de matar uma mulher que só está me olhando feio. Ela é uma Abandonada!* Não conseguia matá-la agora mais do que conseguira na Pedra.

Saiu pela porta e a fechou atrás de si, largando a mulher na saliência. Claro que ela sabia fazer uma igual, mas isso a atrasaria.

58



As armadilhas de Rhuidean

A escuridão o envolveu assim que a porta desapareceu, um negrume que se estendia para todos os lados, mas ele ainda conseguia enxergar. Não havia sensação de frio nem calor, mesmo que ele estivesse encharcado; não sentia nada. Apenas existência. Degraus de pedra lisa e cinza se ergueram diante dele, todos suspensos, sem base, formando um arco que esvanecia até desaparecer. Ele já havia visto aqueles degraus antes, ou outros parecidos; de algum modo, ele sabia que o levariam aonde era preciso. Subiu correndo as escadas impossíveis, e cada degrau que as pegadas úmidas de suas botas deixavam para trás desaparecia, se esvaía. Apenas os degraus à frente o aguardavam, apenas aqueles que o levariam aonde ele tinha de ir. Isso também era igual a antes.

Será que eu fiz *isso com o Poder, ou esses degraus existem de alguma outra forma?*

Com o pensamento, a pedra cinza sob seu pé começou a se apagar, e todas as outras à frente tremeluziram. Desesperado, ele se concentrou nelas, pedras cinza e reais. Reais! O bruxuleio cessou. As pedras agora não eram tão planas, mas polidas, e tinham nas bordas um entalhe refinado, que ele pensou ser parecido com algo que já vira.

Sem se importar para onde — sem saber ao certo se ousaria pensar a respeito por muito tempo — ele correu o mais depressa que pôde, subindo três degraus de cada vez pela escuridão sem-fim. A escada o conduziria aonde ele quisesse, mas quanto tempo levaria? Quanta vantagem Asmodean tinha? Os Abandonados conheciam um meio mais rápido de viajar? Aquele era o problema. Os Abandonados

detinham todo o conhecimento; para Rand, só restava o desespero.

Ao olhar adiante, ele estremeceu. Os degraus haviam se ajustado aos seu passados compridas, e agora havia entre eles amplos vãos que tornavam necessários aqueles saltos, por sobre um negrume profundo como… como o quê? Uma queda ali talvez não tivesse fim. Ele se forçou a ignorar os vãos, a continuar correndo. A antiga ferida meio cicatrizada na lateral do corpo começou a latejar, trazendo uma vaga consciência. Porém, se ele estava envolto em *saidin* e meramente a percebia, a ferida deveria estar prestes a se abrir. *Ignore.* O pensamento flutuou pelo Vazio dentro dele. Não se permitiria perder aquela corrida, nem que acabasse morto. Os degraus não acabariam nunca? Quanto já havia avançado?

De repente, ele viu uma figura a distância, um pouco para a esquerda. Parecia um homem de casaco e botas vermelhas, parado de pé em uma plataforma prateada e reluzente que deslizava pela escuridão. Rand não precisou olhar muito de perto para ter certeza de que era Asmodean. O Abandonado não estava correndo feito um fazendeirinho cansado; estava cavalgando, fosse lá o quê.

Rand parou onde estava, em um dos degraus de pedra. Não tinha ideia do que era aquela plataforma, reluzente feito metal polido, mas… os degraus à sua frente desapareceram. O pedaço de pedra sob suas botas começou a deslizar para a frente, ganhando velocidade. Não havia vento em seu rosto para indicar que ele estava se deslocando, nada naquela vastidão negra que sequer denunciasse algum movimento… a não ser o fato de que ele começava a alcançar Asmodean. Rand não sabia se estava operando aquilo com o Poder; simplesmente acontecia. O degrau bamboleou, e ele parou de se questionar. *Ainda não sei o suficiente.*

O homem de cabelos negros permanecia tranquilo, com uma das mãos no quadril e um dedo no queixo, pensativo. Um pedaço de renda branca pendia de seu pescoço; outros encobriam um pouco suas mãos. O casaco vermelho de gola alta brilhava mais que cetim de seda e tinha um corte estranho, com uma cauda que ia quase até os joelhos. Algo parecido com fios negros, feito finos arames de aço, saíam do homem e desapareciam na escuridão à sua volta. Rand tinha certeza de que já vira aqueles fios antes.

Asmodean girou a cabeça, e Rand o encarou, boquiaberto. Os Abandonados eram capazes de mudar suas feições — ou pelo menos exibir um rosto diferente; ele já vira Lanfear fazendo isso — mas aquele era o rosto de Jasin Natael, o menestrel. Ele tivera certeza de que seria Kadere, com aquele olhar predatório que jamais se alterava.

Asmodean encarou Rand no mesmo instante e levou um susto. O poleiro de prata do Abandonado deu um tranco para a frente… e de súbito um lençol de fogo, feito uma fatia finíssima de chama

monstruosa, disparou para trás na direção de Rand, com uma milha de altura e uma de largura.

Ele canalizou desesperadamente na direção das chamas; no exato instante em que estava prestes a ser golpeado, o lençol se rompeu em fragmentos, expelidos com violência para longe dele e desaparecendo. Porém, assim que a cortina de fogo esvaneceu, outra surgiu, avançando até ele. Ele a estilhaçou, revelando mais uma; dilacerou a terceira e uma quarta se formou. Asmodean estava fugindo, Rand tinha certeza. Ele não conseguia ver o Abandonado, por conta do fogaréu. A raiva deslizou pela superfície do Vazio, e ele canalizou.

Uma onda de fogo envolveu a cortina carmesim que deslizava em sua direção e rolou, levando-a para longe. Não era um fragmento fino, mas gotas imensas e desenfreadas, como se chicoteando por uma ventania. Ele estremeceu com o Poder que ressoava dentro de si; a ira de Asmodean foi se agarrando à superfície do Vazio.

Um buraco se formou na superfície em erupção. Não, não exatamente um buraco. Asmodean e sua plataforma reluzente permaneciam bem no centro, mas, conforme a onda de fogo avançava, a terra voltou a se unir. O Abandonado havia erguido algum tipo de escudo ao seu redor.

Rand forçou-se a ignorar a raiva distante do lado de fora do Vazio. Apenas na calma fria ele conseguia tocar *saidin*; admitir a ira destruiria o Vazio. As imensas gotas de fogo sumiram quando ele parou de canalizar. Precisava pegar o homem, não matá-lo.

O degrau de pedra deslizava ainda mais depressa pela escuridão. Asmodean se aproximava.

De súbito, a plataforma do Abandonado parou. Um vão reluzente surgiu diante dele, e o homem saltou; a coisa prateada desapareceu, e a porta começou a se fechar.

Rand disparou ataques desenfreados com o Poder. Precisava manter a porta aberta; depois que ela se fechasse, não teria ideia do paradeiro de Asmodean. A contração cessou. Era u m quadrado de luz solar bem forte, grande o suficiente para entrar. Ele tinha que manter a porta aberta, tinha de alcançá-la antes que Asmodean conseguisse ir muito longe…

No mesmo instante em que Rand pensou em parar, o degrau parou. Estancou, porém ele continuou avançando e passou voando pela porta. Algo puxou sua bota, e ele saiu rolando em cambalhotas pelo chão duro, até por fim aterrissar embolado, sem fôlego.

Tentando desesperadamente encher os pulmões, ele fez força para se levantar, sem ousar perder a ação nem sequer por um instante. O Poder Único ainda o preenchia com vida e maldade; seus ferimentos pareciam tão longínquos quanto a luta para respirar, tão distante, quanto a poeira amarela que cobria suas roupas úmidas e seu corpo

inteiro. Ao mesmo tempo, porém, ele estava consciente de cada mísero movimento do ar abafado, cada grão de poeira, cada diminuta fresta no chão de barro rachado. O sol já secava toda a umidade, absorvendo-a de sua camisa e calças. Ele estava no Deserto, no vale abaixo de Chaendaer, a menos de cinquenta passadas da nebulosa Rhuidean. A porta havia desaparecido.

Ele deu um passo em direção à muralha de névoa e parou, erguendo o pé esquerdo. O calcanhar de sua bota fora decepada. O puxão que ele sentira; a porta se fechando. Rand estava vagamente ciente de que tiritava, apesar do calor. Não imaginava que fosse assim tão perigoso. O Abandonado detinha todo o conhecimento. Asmodean não escaparia dele. Irritado, ajeitou as roupas, enfiou com firmeza o homenzinho entalhado e a espada no lugar, correu para a neblina e a adentrou. Uma cegueira cinzenta o envolveu. O Poder que o preenchia não o ajudava a enxergar melhor. Ele corria às cegas.

De repente, alcançando se atirou para baixo e rolou para fora da névoa, alcançando as pedras de um pavimento arenoso. Estirado no chão, olhou para cima e viu três fitas brilhantes, de um azul-prateado, à estranha luz de Rhuidean, bem esticadas na horizontal, flutuando. Quando ele se levantou, viu que as fitas estavam na altura de sua cintura, peito e pescoço, tão finas que quase sumiam, quando vistas de lado. Ele podia ver como haviam sido feitas e presas ali, ainda que não compreendesse. Duras feito aço, tão afiadas que faziam uma navalha parecer uma pena. Se ele tivesse avançado até elas de pé, teria sido dilacerado. Uma pequenina explosão do Poder, e as fitas prateadas viraram pó. Uma raiva fria do lado de fora do Vazio; do lado de dentro, frieza, determinação e o Poder Único.

O brilho azulado do domo de neblina projetava sua luz sem sombras nos palácios inacabados de laterais planas, feitos de mármore, cristal e vidro recortado, e nas torres caneluradas e espiraladas que arranhavam o céu. Asmodean corria pela ampla rua à frente passando por fontes secas, em direção à enorme esplanada no coração da cidade.

Rand canalizou — foi estranhamente difícil; ele agarrou *saidin* e deu-lhe um puxão violento, e o contorceu até que foi invadido — e raios robustos e dentados irromperam das nuvens em domo. Não foram em cima de Asmodean. Logo adiante do Abandonado, pilares reluzentes em vermelho e branco de cinquenta pés de espessura e cem passadas de altura, erigidos séculos antes, explodiram e tombaram para a frente, formando um entulho e nuvens de poeira.

De imensas janelas de vidro colorido, figuras de homens e mulheres, serenos e majestosos, pareciam lançar a Rand um olhar de reprovação.

— Eu tenho que impedi-lo — disse Rand a eles; sua voz pareceu

ecoar nos próprios ouvidos.

Asmodean parou, mas logo voltou a correr, escalando estrutura que colapsava. A poeira que pairava sobre ele não tocava seu casaco vermelho vivo, mas se fragmentava ao redor, deixando o ar limpo.

Um fogo começou a brotar em torno de Rand, envolvendo-o. O ar *se tornou* uma chama… que desapareceu antes que ele sequer tivesse consciência de como fizera aquilo. Suas roupas estavam secas e quentes; ele sentia o coração chamuscado, e a poeira esturricada pelo calor desabava a cada passo seu. Asmodean subia apressado a pedra esfacelada que bloqueava a rua; mais raios foram disparados, lançando para cima de Rand estilhaços das pedras do pavimento, rachando as paredes do palácio de cristal, que desabavam em ruínas diante dele.

O Abandonado não reduziu o passo. Enquanto ele se afastava, raios piscavam nas nuvens cintilantes em direção a Rand, atacando-o às cegas, porém enviados para matar. Correndo, Rand urdiu um escudo à sua volta. Fragmentos de pedra ricocheteavam enquanto ele desviava dos raios azuis que irrompiam e saltava pelos buracos abertos no chão. O próprio ar cintilava; os pelos de seus braços estavam eriçados, os cabelos em sua cabeça, desalinhados.

Algo se formou na barreira de colunas estilhaçadas. Ele enrijeceu o escudo em torno de si. Imensos nacos de pedra vermelha e branca que vinham rolando explodiram quando ele tentou escalá-las, uma explosão de pura luz e pedras voando. Seguro dentro de sua bolha, ele seguiu correndo, apenas vagamente consciente do estrondo das construções que colapsavam. Precisava deter Asmodean. Com esforço — e era preciso muito esforço — ele atirou um raio à frente, depois ondas de bolas de fogo expelidas do chão, qualquer coisa para retardar o sujeito de casaco vermelho. Ele estava chegando perto. Adentrou a esplanada somente umas doze passadas atrás do homem. Tentando aumentar a velocidade, Rand redobrou os esforços para retardar Asmodean, e, em fuga, o Abandonado lutava para matá-lo.

O *ter'angreal* e outros objetos preciosos pelos quais os Aiel deram suas vidas para levar até ali foram arremessados com os raios, lançados em frenéticos redemoinhos de fogo. Formas de prata e cristal se estilhaçavam, estranhas silhuetas de metal desabavam enquanto o chão estremecia e irrompia em imensas fendas.

Asmodean corria, em uma busca desenfreada. Então jogou-se no que parecia o objeto menos importante de todo aquele entulho. Uma estatueta de pedra branca entalhada de talvez um pé de altura, caída de costas, um homem segurando uma esfera de cristal com a mão erguida. Asmodean cerrou as mãos no objeto com um grito exultante.

Uma fração de segundo depois, as mãos de Rand também o agarraram. Por um milésimo de segundo, Rand encarou o rosto do

Abandonado; a aparência era a mesma de quando o sujeito era menestrel, exceto por um desespero incontrolável nos olhos escuros. Era um homem de certa beleza, de meia-idade — nada que denunciasse um Abandonado. O mais breve instante e ambos buscaram o poder naquela estatueta, naquele *ter'angreal*, tentando alcançar um dos dois mais poderosos *sa'angreal* já produzidos.

Rand percebeu vagamente a imagem de uma grande estátua, semienterrada na distante Cairhien, e a imensa esfera de cristal na mão da figura, reluzindo sob o sol, pulsando com o Poder Único. E o Poder nele explodiu, feito as tempestades de todos os mares do mundo. Com aquilo, ele decerto seria capaz de qualquer coisa; e decerto poderia inclusive ter Curado aquela criança morta. A mácula também se avolumou, envolvendo cada partícula de seu corpo, dominando cada fresta em sua alma. Ele queria urrar; queria explodir. No entanto, controlava apenas metade do que aquele *sa'angreal* era capaz; a outra metade preenchia Asmodean. Eles lutaram, avançando e recuando, tropeçando e caindo em vários *ter'angreal* espalhados e destruídos. Nenhum dos dois ousava desprender um dedo sequer da estatueta, temendo que o outro fosse tomá-la para si. No entanto, enquanto rolavam sem parar, chocando-se contra um batente de porta vermelho que de alguma forma ainda se mantinha de pé, depois contra uma estátua de cristal caída, porém intocada, de uma mulher nua segurando uma criança ao seio, enquanto lutavam pela posse do *ter'angreal*, a batalha era disputada em outro nível.

Rand era atacado por martelos de Poder grandes o suficiente para demolir montanhas e por espadas capazes de perfurar o centro da terra; torqueses invisíveis tentavam apartar sua mente de seu corpo, tentavam lacerar sua alma. Cada fragmento de Poder que ele conseguia evocar ia para rechaçar aqueles ataques. Qualquer investida poderia destruí-lo como se ele jamais tivesse existido; não havia dúvida. Para onde iam, ele não sabia ao certo. O chão ricocheteava sob os dois, sacudindo-os em meio à luta, um emaranhado de músculos rígidos e contorcidos. Ele tinha vaga consciência dos poderosos estrondos, dos mil zunidos lamentosos, como uma melodia estranha. As colunas de vidro trêmulas, vibrantes. N ão conseguia se importar com elas.

Todas aquelas noites sem dormir começaram a fazer efeito nele, e também a corrida que empreendera. Rand estava cansado, e se tinha consciência disso mesmo dentro do Vazio, era porque estava perto da exaustão. Sacudido pelo tremor da terra, ele percebeu que já não estava tentando arrancar o *ter'angreal* de Asmodean, apenas o segurava. Logo sua força iria embora. Mesmo que conseguisse manter o punho cerrado na figura de pedra, teria de largar *saidin* ou seria arrebatado por sua torrente, destruído tão certamente quanto seria por

Asmodean. Ele não podia puxar outro fio do *ter'angreal*; ele e Asmodean estavam em perfeito equilíbrio, cada um com metade do que o grande *sa'angreal* em Cairhien era capaz de dispender. Asmodean arfava na face de Rand, rosnando; o suor pingava da testa do Abandonado e escorria pelo rosto. O homem também estava cansado. Mas tanto quanto ele?

A terra descontrolada ergueu Rand por um instante, e, com a mesma rapidez, girou Asmodean para o alto, mas naquele breve instante Rand sentiu uma pressão entre os dois. A ponta da espada do homenzinho redondo, ainda enfiado no cós de sua calça. Uma coisa insignificante perto do imenso Poder que eles manejavam. Uma xícara d'água comparada a um vasto rio, a um oceano. Ele sequer sabia se podia usar o objeto enquanto estivesse ligado ao grandioso *sa'angreal*. E se pudesse? Asmodean arreganhou os dentes. Não era uma careta, mas um esgar; o homem achava que estava vencendo. Talvez estivesse. Os dedos de Rand tremiam, fraquejando em torno do *ter'angreal*; tudo o que ele conseguia era agarrar-se a *saidin*, mesmo preso como estava ao imenso *sa'angreal*.

Ele não tinha visto aquelas coisas estranhas em torno de Asmodean, feito fios de aço negro, desde que deixara o local escuro, porém mesmo no Vazio era capaz de visualizá-las, de envolver o Abandonado nelas mentalmente. Tam lhe ensinara que o Vazio era um auxílio à arte do arco e flecha, uma forma de unir-se ao arco, à flecha, ao alvo. Ele se tornou um só com aqueles fios negros imaginários. Mal viu a cara franzida de Asmodean. O homem devia estar se perguntando por que o rosto de Rand havia ficado tão sereno; a calma sempre dominava o instante antes de a flecha ser solta. Ele tocou o pequenino *angreal* no cós da calça, e mais Poder fluiu para ele. Não perdeu tempo em se entusiasmar; era um fluxo tão pequeno junto ao que ele já tinha dentro de si, mas era o fluxo final. Iria requerer sua força final. Ele forjou uma espécie de espada com o Poder, uma espada de Luz, e golpeou; unido à espada, unido aos fios imaginários.

Asmodean arregalou os olhos e emitiu um uivo profundo de pavor; feito um gongo atingido, o Abandonado estremeceu. Por um instante, pareceu dividir-se em dois corpos, apartados e trêmulos; em seguida os dois se uniram outra vez. Ele desabou de costas, os braços estendidos dentro do casaco vermelho, já imundo e esfarrapado, o peito ofegante; seus olhos encaravam o nada, aparentemente perdidos.

Quando ele desabou, Rand perdeu a posse de *saidin*, e o Poder o abandonou. Ele mal teve força suficiente para apertar o *ter'angreal* contra o peito e rolar para longe de Asmodean. Ao levantar-se, parecia carregar o peso de uma montanha. Ele se aninhou em torno da figura com a esfera de cristal.

A terra parou de se mover. As colunas de vidro ainda estavam de

pé — ele sentiu-se grato por isso; destruí-las teria sido como obliterar a história dos Aiel — mas *Avendesora*, que vivera por três mil anos em verdade e lenda, ardia em chamas feito uma tocha. Quanto ao restante de Rhuidean…

Na esplanada, tudo parecia ter sido revirado por um gigante ensandecido. Metade dos imensos palácios e torres eram só pilhas de entulho, algumas adentrando a praça; gigantescas colunas tombadas desfiguravam as outras, havia paredes desmoronadas, e buracos abertos onde antes havia imensas janelas de vidro colorido. Uma rachadura percorria um caminho por toda a cidade, uma fenda no chão de cinquenta passadas de largura. A destruição não terminava ali. O domo de névoa que encobrira Rhuidean por tantos séculos estava se dissipando; seu interior já não cintilava, e a luz rígida do sol entrava pelas novas e imensas frestas. Logo adiante, o cume de Chaendaer parecia diferente, mais baixo. Do outro lado do vale, algumas das montanhas sem dúvida estavam mais baixas. Onde antes existia uma delas, na ponta mais a norte do vale, se estirava um leque de pedras e poeira.

Eu destruo. Eu sempre destruo! Luz, isso não vai acabar nunca?

Asmodean rolou de barriga para baixo e se ergueu, de quatro. Seus olhos encontraram Rand e o *ter'angreal*, e ele ameaçou engatinhar na direção deles.

Rand não podia canalizar nem uma faísca, mas havia aprendido a lutar antes de ter o primeiro pesadelo com a canalização. Ergueu o punho.

— Nem ouse pensar nisso.

O Abandonado parou, o corpo tremendo, cansado. Seu rosto desabou, mas o desespero e o desejo guerreavam dentro dele; ódio e medo cintilavam em seus olhos.

— Eu gosto muito de ver homens lutando, mas vocês dois não conseguem nem ficar de pé. — Lanfear posicionou-se à vista de Rand, avaliando a destruição. — Fizeram o trabalho completo. Conseguem sentir os vestígios? Este lugar foi blindado, de alguma forma. Vocês não deixaram nem o suficiente para eu poder dizer como. — Os olhos escuros da mulher de súbito se iluminaram, e ela ajoelhou-se diante de Rand, encarando o que ele segurava. — Então era disso que ele estava atrás. Pensei que estavam todos destruídos. Só resta a metade do único que eu já vi; ótima armadilha para uma Aes Sedai desatenta. — Ela estendeu a mão, e ele agarrou o *ter'angreal* com mais força. Ela sorria, mas um sorriso falso. — Fique com ele, claro. Para mim, é só uma estatueta. — Ela se levantou e sacudiu a poeira das saias, embora não fosse necessário. Quando percebeu que ele a observava, a mulher parou de perscrutar a esplanada tomada de entulho e escancarou ainda mais o sorriso. — O que você usou foi um dos dois *sa'angreal*

sobre os quais lhe falei. Sentiu a *imensidão* dele? Sempre imaginei como deve ser. — Ela parecia ignorar a avidez da própria voz. — Com esses dois juntos, podemos destituir o Grande Senhor das Trevas em pessoa. Nós podemos, Lews Therin! Juntos.

— Me ajude! — Asmodean engatinhou em direção a ela, cambaleante, o rosto erguido tomado de pavor. — Você não sabe o que ele fez. Tem que me ajudar. Eu não teria vindo até aqui se não fosse por você.

— O que foi que ele fez? — perguntou ela, com uma fungada. — Espancou você feito um cachorro, e não foi nem a metade do que merecia. Você nunca esteve destinado à grandeza, Asmodean, apenas a seguir os grandes.

Rand deu um jeito de se levantar, apertando contra o peito a figura de pedra e cristal. Não continuaria de joelhos na presença daquela mulher.

— Vocês, *Escolhidos* — sabia que era perigoso insultá-la, mas não pôde evitar — entregaram a alma para o Tenebroso. Deixaram que ele se unisse a vocês. — Quantas vezes ele reencenara a batalha contra Ba'alzamon? Quantas vezes, antes de começar a imaginar o que eram aqueles fios negros? — Eu o desconectei do Tenebroso, Lanfear. Eu cortei o elo!

Ela arregalou os olhos em choque, encarando Rand e em seguida Asmodean, sem parar. O homem tinha começado a chorar.

— Eu não achava que isso fosse possível. Por quê? Você acha que vai trazer *Asmodean* para a Luz? Você não mudou nada nele.

— Ele ainda é o mesmo homem que se entregou para a Sombra, lá no início — concordou Rand. — Você me contou que *Escolhidos* confiam muito pouco uns nos outros. Por quanto tempo mais ele conseguiria manter isso em segredo? Quantos de vocês acreditariam que ele próprio não teria feito isso sozinho? Fico contente por você considerar uma coisa dessas impossível; talvez o restante também considere. Foi você quem me deu a ideia, Lanfear. Um homem para me ensinar a controlar o Poder. Mas não vou aprender de um homem ligado ao Tenebroso. Agora eu não preciso. Ele pode até ser o mesmo homem, mas não tem muita escolha, não é? Pode ficar e me instruir, torcer para que eu vença, me ajudar a vencer, ou pode ficar esperando que vocês não usem isso como justificativa para se voltar contra ele. O que você acha que ele vai escolher?

Asmodean encarou Rand, encolhido, com os olhos arregalados, depois vociferou uma súplica para Lanfear.

— Eles vão acreditar em você! Pode contar para eles! Eu não estaria aqui se não fosse por você! Precisa contar a eles! Eu sou fiel ao Grande Senhor das Trevas!

Lanfear também encarou Rand. Pela primeira vez, viu que ela

estava indecisa.

— De quanto *você* se lembra, Lews Therin? O quanto disso é você, e o quanto é o pastor? Esse é o tipo de plano que você deveria ter bolado quando nós… — Ela respirou fundo e virou a cabeça para Asmodean. — Sim, eles vão acreditar em mim. Quando eu contar que você resolveu ficar do lado de Lews Therin. Todo mundo sabe que você se vira para onde acredita ter mais chances. Pois bem. — Ela assentiu com satisfação. — Outro presentinho para você, Lews Therin. Esse escudo vai permitir que passe apenas um tantinho de cada vez, o suficiente para ele instruí-lo. Vai se dissipar com o tempo, mas durante meses ele não vai ser capaz de desafiar você, e a essa altura ele não vai *mesmo* ter outra escolha a não ser permanecer com você. Ele nunca teve muito talento para quebrar escudos; você deve estar disposto a aceitar a dor, e ele jamais esteve.

— Nãããooo! — Asmodean rastejou em direção a ela. — Você não pode fazer isso comigo! Por favor, Mierin! Por favor!

— Meu nome é *Lanfear*! — A ira deformou o rosto da mulher a uma cara horrenda, e o homem foi içado no ar, com os braços e pernas abertos; suas roupas grudaram no corpo, e a carne de seu rosto se contorceu, achatada feito um naco de manteiga.

Rand não podia permitir que ela matasse o homem, mas estava muito cansado para tocar a Fonte Verdadeira sem auxílio; mal conseguia senti-la, um brilho muito fraco praticamente fora do alcance de sua visão. Por um instante, suas mãos agarraram o homenzinho de pedra com a esfera de cristal. Se ele tocasse o imenso *sa'angreal* em Cairhien agora, aquela quantidade de Poder poderia destruí-lo. Em vez disso, ele tocou a estatueta no cós da calça; com o *angreal* vinha um fluxo fraco, um fio de cabelo comparado ao outro, mas ele estava muito cansado para extrair mais. Despejou tudo entre os dois Abandonados, na intenção de pelo menos desviar a atenção da mulher.

Uma barra de fogo de dez pés de comprimento acertou o vão entre os dois, formando um borrão envolto por raios azuis distorcidos e abrindo um sulco de um passo de profundidade em torno da praça, uma fenda de superfície lisa e reluzente, cheia de terra e pedras derretidas; a barra de luz causticante acertou a parede de listras verdes de um palácio e explodiu, ressoando um estrondo no mármore que se rompia. De um dos lados da fenda derretida, Asmodean desabou no chão com um salto trêmulo, o sangue escorrendo de seu nariz e orelhas; do outro, Lanfear cambaleou para trás, como se tivesse sido atingida, depois virou-se para Rand. Ele bamboleou com o esforço do que havia feito, e perdeu *saidin* mais uma vez.

Por um instante, a ira dominou o rosto da mulher de maneira tão profunda quanto acontecera com Asmodean. Por um instante, Rand

permaneceu à beira da morte. Então a fúria desapareceu com uma rapidez impressionante, soterrada por detrás de um sorriso sedutor.

— Não, eu não preciso matá-lo. Não depois do que passamos com tanto esforço. — Ela se aproximou e estendeu a mão para afagar o pescoço dele, onde a mordida que ela lhe dera em sonho estava cicatrizando; ele não tinha deixado Moiraine saber. — Você ainda tem a minha marca. Será que eu devo torná-la permanente?

— Você machucou alguém em Alcair Dal ou nos acampamentos?

Ela não paro de sorrir, mas o carinho mudou, e seus dedos se ergueram de repente, como se ela fosse lhe arrancar a garganta.

— Como quem? Pensei que você tivesse percebido que não amava aquela camponesinha. Ou será que é a tal Aiel indecente? — Uma víbora. Uma víbora assassina que o amava… *que a Luz me ajude!* E cuja mordida ele não sabia como impedir, independentemente de quem fosse o alvo.

— Eu não quero ninguém ferido. Ainda preciso deles. Posso usá-los. — Era doloroso dizer essa frase, pela verdade que ela carregava. No entanto, para manter as garras de Lanfear longe de Egwene e Moiraine, longe de Aviendha e de quem mais fosse próximo dele, valia a pena sofrer um pouco.

Jogando a bela cabeça para trás, ela soltou uma risada que mais parecia o repique de sinos.

— Eu me lembro de quando você tinha coração mole demais para usar qualquer pessoa que fosse. Era excelente na batalha, duro feito pedra e arrogante como uma montanha, mas aberto e de coração mole, igualzinho a uma garota! Não, eu não machuquei nenhuma das suas preciosas Aes Sedai, nem de seus preciosos Aiel. Eu não mato sem motivo, Lews Therin. Nem sequer machuco sem motivo. — Ele teve o cuidado de não encarar Asmodean; de rosto pálido, exalando suspiros entrecortados, o homem estava apoiado em uma das mãos e usava a outra para limpar sangue da boca e do queixo.

Lanfear deu um giro lento e analisou a grande praça.

— Você destruiu esta cidade bem como qualquer exército poderia ter feito. — Mas não eram os palácios em ruínas que ela encarava, embora fingisse que sim; era a praça destruída com o amontoado de *ter'angreal* e tudo o mais que havia ali. Quando ela se virou de volta para Rand, tinha os cantos da boca contraídos; seus olhos negros guardavam uma centelha de raiva reprimida. — Use bem esses ensinamentos, Lews Therin. Os outros ainda estão por aí, Sammael, cheio de inveja de você, Demandred, cheio de ódio, Rahvin, sedento de poder. Eles vão ficar mais ávidos por derrotá-lo, ainda mais se… quando descobrirem que você está de posse disso.

O olhar dela tremulou em direção à figura de um pé de altura que ele tinha nas mãos, e por um instante Rand achou que ela estivesse

considerando pegá-la. Não para evitar que os outros fossem atrás dele, mas porque com aquilo ele poderia tornar-se poderoso demais para ela. Naquele exato momento ele não sabia se seria capaz de detê-la caso ela lutasse apenas com as próprias mãos. Em um instante ela ponderava se deveria deixar o *ter'angreal* com ele, em outro, avaliava o grau de cansaço de Rand. Por mais que dissesse que o amava, a mulher iria querer manter a distância quando ele voltasse a ganhar força suficiente para usar aquilo. Ela lançou outra olhadela ligeira à esplanada, de lábios contraídos. Então, de súbito, uma porta se abriu a seu lado; não uma porta para a escuridão, mas em direção ao que parecia o aposento de um palácio, todo em mármore branco entalhado e tapeçarias de seda branca.

— Qual deles você era? — perguntou Rand, enquanto a mulher adentrava o aposento, e ela parou e olhou para trás, encarando-o com um sorriso quase recatado.

— Você acha que eu aguentaria ser aquela gorda e feia da Keille? — Ela correu as mãos pelo corpo magro e sinuoso, para enfatizar. — Isendre, pois sim. A bela e esbelta Isendre. Achei que, se você fosse suspeitar, suspeitaria dela. Meu orgulho aguenta um pouquinho de gordura, quando é necessário. — O sorriso transformou-se em um esgar de dentes. — Isendre achava que estava lidando só com Amigos da Sombra. Não me surpreende se agora mesmo ela estiver tentando explicar a alguma Aiel enfurecida por que uma enorme quantidade de seus colares e braceletes de ouro estão enfiados no fundo do baú dela. Ela de fato roubou alguns sozinha.

— Achei que você tinha dito que não machucaria ninguém!

— Lá vem o seu coração mole se revelando. Eu consigo ser uma mulher de coração afetuoso, quando quero. Você não vai poder evitar que ela leve uma surra, eu acho… ela merece isso, pelo menor dos olhares que me disparou. Mas, se retornar depressa, pode evitar que ela seja expulsa daquela terra maldita com um mísero cantil d'água. Eles são bem duros com os ladrões, ao que parece, esses Aiel. — Ela soltou uma risada de satisfação e sacudiu a cabeça, admirada. — Tão diferentes do que eram. Quando alguém estapeava a cara de um Da'shain, a única coisa que ele fazia era perguntar o que tinha feito de errado. Quando batiam de novo, ele perguntava se tinha feito algo ofensivo. E continuaria assim, durante o resto do dia. — Ela lançou a Asmodean um olhar desdenhoso de soslaio e acrescentou: — Aprenda bem e depressa, Lews Therin. Pretendo governar junto com você, não quero que fiquemos esperando Sammael vir matá-lo ou Graendal somá-lo à sua coleção de belos jovens. Aprenda bem e depressa. — Ela adentrou o aposento de mármore e seda branca, e a porta pareceu girar de lado, estreitou-se e desapareceu.

Rand respirou fundo pela primeira vez desde a chegada da

mulher. Mierin. Um nome que ele recordava das colunas de vidro. A mulher que encontrara a prisão do Tenebroso na Era das Lendas, que adentrara a prisão. Será que ela sabia o que era? Como havia escapado daquela ruína incandescente que ele vira? Ela tinha se entregado ao Tenebroso ainda assim?

Asmodean lutava para se levantar, cambaleante, quase caindo outra vez. Já não sangrava, mas o sangue ainda traçava linhas finas que iam das orelhas até as laterais do pescoço, formando uma mancha em sua boca e queixo. Seu casaco vermelho estava imundo e esfarrapado, a renda branca, rasgada e com os fios puxados.

— Foi o meu elo com o Grande Senhor que me permitiu tocar *saidin* sem enlouquecer — disse ele, com a voz rouca. — A única coisa que você fez foi me deixar tão vulnerável quanto você. Pode muito bem me libertar. Não sou bom professor. Ela só me escolheu porque… — Ele contorceu os lábios, tentando engolir as palavras de volta.

— Porque não tem mais ninguém — concluiu Rand, virando as costas para o homem.

Com as pernas cambaleantes, Rand cruzou a ampla praça, abrindo caminho por entre os entulhos. Ele e Asmodean haviam percorrido metade do entorno da floresta de colunas de vidro desde *Avendesora*. Plintos de cristal jaziam ao lado de estátuas derrubadas de homens e mulheres, algumas despedaçadas, outras nem sequer lascadas. Havia um imenso aro liso de metal prateado jogado por cima de cadeiras de aço e pedra, objetos com formas estranhas de metal, cristal e vidro, todos misturados em uma pilha de estilhaços, e um cabo de metal negro, apoiado na vertical, equilibrado sobre a pilha de maneira improvável. A esplanada inteira estava daquele jeito.

Nos arredores da grande árvore, bastou ele procurar um pouco no meio da mixórdia para encontrar o que buscava. Chutou longe pedaços do que pareciam ser tubos de vidro espiralados, jogou uma cadeira vermelha de cristal entalhado para o lado e apanhou uma estatueta de um pé de altura, uma mulher de rosto sereno usando um vestido, toda trabalhada em pedra branca, com uma esfera transparente em uma das mãos. Intocada. Tão inútil para ele ou para qualquer homem quanto seu par masculino era para Lanfear. Ele considerou quebrá-la. Um movimento com o braço poderia estilhaçar aquela bola de cristal nas pedras do pavimento, sem dúvida.

— Ela estava procurando por isso. — Ele não havia percebido que Asmodean havia ido atrás dele. Trêmulo, o homem esfregou a boca ensanguentada. — Ela vai arrancar seu coração fora para conseguir colocar as mãos nisso.

— Ou o seu, por ter guardado segredo dela. Ela me *ama*. — *Que a Luz me ajude. Gostar de ser amado por um lobo raivoso!* Depois de um

instante ele guardou a estátua feminina sob a dobra do braço, junto à masculina. Deveria haver algum uso para aquilo. *E eu não quero destruir mais nada.*

No entanto, ao olhar em volta, viu algo além da destruição. A névoa tinha se dissipado quase por completo da cidade em ruínas; apenas umas camadas finas pairavam por entre as construções que ainda se mantinham de pé sob o sol po ente. O chão do vale agora descrevia uma inclinação brusca para o sul, e a água jorrava da enorme fenda que percorria a cidade, a fenda que seguia por todo o caminho até onde jazia um profundo oceano de águas recônditas. A extremidade mais baixa do vale já estava cheia. Um lago. Talvez, eventualmente, chegasse à cidade. Um lago de cerca de três milhas de extensão, em uma terra onde uma pocinha de dez pés de diâmetro já atraía o povo. O povo viria viver naquele vale. Ele quase podia ver as montanhas ao redor já plenas de verde e plantações a crescer. O povo cuidaria de *Avendesora*, a última árvore de cora. Talvez até reerguesse Rhuidean. O Deserto teria uma cidade. Talvez ele até vivesse para ver tudo isso.

Com o *angreal*, o homenzinho redondo com a espada, ele conseguiu abrir uma porta para a escuridão. Asmodean adentrou com ele, relutante, encarando com vago desprezo ao ver surgir um único degrau de pedra entalhada, com largura suficiente apenas para os dois. Ainda era o mesmo homem que havia se entregado ao Tenebroso. Seus olhares calculistas e oblíquos eram boas lembranças disso, se Rand precisasse de alguma.

Eles se falaram apenas duas vezes enquanto o degrau seguiu flutuando pela escuridão.

— Não posso chamar você de Asmodean — disse Rand, em dado momento.

O homem estremeceu.

— Meu nome era Joar Addam Nesossin — respondeu ele, por fim. Soava como se tivesse se desnudado ou perdido alguma coisa.

— Também não posso usar esse. Quem sabe que resquícios de outros lugares esse nome guarda? A ideia é evitar que alguém mate você por ser um Abandonado. — E evitar que alguém soubesse que ele tinha um Abandonado como professor. — Você vai ter que continuar sendo Jasin Natael, eu acho. Menestrel do Dragão Renascido. É um bom pretexto para manter você por perto. — Natael fez uma careta, mas não retrucou.

Pouco tempo depois, Rand disse:

— A primeira coisa que você vai me ensinar é como proteger os meus sonhos.

O homem apenas assentiu, taciturno. Ele causaria problemas, mas não poderiam ser maiores do que os causados pela ignorância.

O degrau reduziu a velocidade, parou, e Rand *cingiu* outra vez. A porta se abriu na saliência de Alcair Dal.

A chuva havia parado, embora o chão do cânion, encoberto pelas sombras da noite, ainda estivesse encharcado, transformado em lama pelos pés dos Aiel. Menos Aiel do que antes, talvez um quarto a menos. Mas não lutavam. Encaravam a saliência, onde Moiraine e Egwene, Aviendha e as Sábias haviam se juntado aos chefes dos clãs, que conversavam com Lan. Mat estava agachado um pouco afastado deles, a aba do chapéu puxada para baixo e a lança de cabo preto apoiada no ombro, com Adelin e suas Donzelas paradas de pé ao seu redor. Elas ficaram boquiabertas ao ver Rand saindo da porta, e encararam mais ainda quando Natael veio atrás, vestindo o casaco vermelho vivo todo arrebentado e a renda branca. Mat levantou-se de um salto e escancarou um sorriso, e Aviendha ergueu a mão um tantinho em direção a ele. Os Aiel no cânion observavam em silêncio.

Antes que alguém pudesse falar, Rand disse:

— Adelin, pode mandar alguém até a feira e ordenar que parem de bater em Isendre? Ela não é tão ladra como elas pensam. — A mulher de cabelos louros o encarou, mas na mesma hora falou com uma das Donzelas, que saiu em disparada.

— Como é que você sabia disso? — perguntou Egwene.

E no mesmo instante Moiraine inquiriu:

— Onde é que você estava? Como? — Seus olhos grandes e escuros saltaram dele para Natael; não havia nenhuma evidência da calma de uma Aes Sedai. E as Sábias…? Melaine, com seus cabelos da cor do sol, parecia pronta para arrancar as respostas de Rand com as próprias mãos. Bair fechou uma carranca como se pretendesse enchê-lo de varadas. Amys remexia o xale e corria os dedos pelos cabelos claros, incapaz de decidir se estava preocupada ou aliviada.

Adelin entregou a ele seu casaco, ainda úmido. Rand enrolou nele as duas figuras de pedra. Moiraine observava os dois objetos também. Ele não sabia se ela sequer imaginava o que fossem, mas pretendia escondê-los o melhor possível de qualquer pessoa. Se ele não era capaz de confiar nem em si mesmo com o poder de *Callandor*, menos ainda poderia com o grandioso *ter'angreal*. Não antes que ele tivesse aprendido mais sobre como controlá-lo, e a si mesmo.

— O que foi que aconteceu aqui? — perguntou ele, e a Aes Sedai apertou a boca ao ser ignorada. Egwene também não parecia muito satisfeita.

— Os Shaido foram embora, atrás de Sevanna e Couladin — disse Rhuarc. — Todos os que permaneceram reconhecem você como o *Car'a'carn*.

— Os Shaido não foram os únicos que fugiram. — O rosto curtido de Han se contorceu, cheio de amargura. — Alguns dos meus

Tomanelle também se foram. E Goshien, e Shaarad, e Chareen. — Jheran e Erim assentiram, quase tão soturnos quanto Han.

— Não foram com os Shaido — completou o comprido Bael, em sua voz retumbante — mas foram. Eles vão espalhar a história sobre o que aconteceu aqui, sobre o que você revelou. Isso foi um descuido. Eu vi homens largarem suas lanças e correrem!

Ele os unirá e os destruirá.

— Nenhum Taardad foi embora — acrescentou Rhuarc, não em tom de orgulho, mas como a mera constatação de um fato. — Estamos prontos para ir aonde você nos levar.

Aonde ele os levasse. Rand não havia terminado com os Shaido, com Couladin ou com Sevanna. Perscrutando os Aiel por todo o cânion, via rostos abalados, apesar de terem escolhido ficar. Como estariam os que haviam fugido? Os Aiel, porém, eram apenas os meios para um fim. Ele precisava se lembrar disso. *Eu tenho que ser ainda mais duro do que eles.*

Jeade'en aguardava ao lado da saliência com o capão de Mat. Fazendo um gesto para que Natael não se afastasse, Rand montou a sela, o embrulho feito com o casaco preso firmemente debaixo do braço. Com a boca contorcida, o outrora Abandonado veio se postar ao lado do estribo esquerdo de Rand. Adelin e as Donzelas remanescentes desceram para se enfileirar em torno dele, e surpreendentemente Aviendha foi tomar seu lugar de costume à direita de Rand. Mat pulou na sela de Pips com um balanceio só.

Rand olhou para trás, para o povo no alto da saliência, todos observando, aguardando.

— Vai ser uma longa viagem de volta. — Bael virou o rosto. — Longa e sangrenta. — As expressões dos Aiel não se alteravam. Egwene estendeu um pouco a mão em direção a ele, com os olhos cheios de dor, mas ele a ignorou. — Quando o resto dos chefes dos clãs vier, vai começar.

— Já começou há muito tempo — retrucou Rhuarc, baixinho. — A pergunta é onde e como vai acabar.

Para isso, Rand não tinha resposta. Ele girou o sarapintado e cavalgou lentamente pelo cânion, rodeado por sua peculiar comitiva. Os Aiel partiram na frente dele, observando, aguardando. O frio da noite já começava a cair.

> E quando o sangue foi derramado no solo onde nada crescia, os Filhos do Dragão começaram a brotar, o Povo do Dragão, armados para dançar com a morte. E ele os convocou desde as terras desérticas, e eles abrasaram o mundo com batalhas.

— de A Roda do Tempo, por Sulamein so Bhagad Historiador-chefe da Corte do Sol, a Quarta Era

Fim do Quarto Livro de A Roda do Tempo

Glossário

Uma nota sobre datas neste glossário. O Calendário Tomano (elaborado por Toma dur Ahmid) foi adotado aproximadamente dois séculos depois da morte do último Aes Sedai e registrava os anos Depois da Ruptura do Mundo (DR). Muitos registros foram destruídos nas Guerras dos Trollocs, tanto que, ao fim das Guerras, havia controvérsia sobre o ano exato conforme o antigo sistema. Um novo calendário foi proposto por Tiam de Gazar, comemorando a libertação da ameaça dos Trollocs e registrando cada ano como um Ano Livre (AL). O Calendário Gazarano ganhou ampla aceitação nos vinte anos seguintes ao fim das Guerras. Artur Asa-de-gavião tentou estabelecer um novo calendário com base na fundação de seu império (DF, Desde a Fundação), mas apenas historiadores o conhecem. Após a destruição e as mortes provocadas pela Guerra dos Cem Anos, um terceiro calendário foi desenvolvido por Uren din Jubai Gaivota-Voadora, acadêmico do Povo do Mar, e promulgado pela Panarca Farede de Tarabon. O Calendário de Farede, que data do fim arbitrariamente decidido da Guerra dos Cem Anos e registra os anos da Nova Era (NE), encontra-se atualmente em uso.

Abandonados, os: Nome dado a treze dos mais poderosos Aes Sedai da Era das Lendas, o que os classifica entre os mais poderosos de todos os tempos. Aes Sedai que passaram para o lado do Tenebroso durante a Guerra da Sombra diante da promessa de imortalidade. De acordo com as lendas e fragmentos de registros, foram aprisionados com o Tenebroso quando a prisão dele foi resselada. Seus nomes ainda são usados para assustar crianças. Eles são: Aginor, Asmodean, Balthamel, Be'lal, Demandred, Graendal, Ishamael, Lanfear, Mesaana, Moghedien, Rahvin, Sammael, e Semirhage.

Adelin: Mulher do ramo Jindo dos Aiel Taardad. Uma Donzela da Lança que foi até a Pedra de Tear.

Aile Jafar: Um grupo de ilhas do Povo do Mar, aproximadamente a oeste de Tarabon.

Aile Somera: Um grupo de ilhas do Povo do Mar, aproximadamente a oeste de Ponte de Toman.

Alteima: Grã-lady de Tear, ambiciosa e preocupada com a saúde do marido.

Alviarin: Aes Sedai da Ajah Branca.

Andarilha dos Sonhos: Nome Aiel para uma mulher capaz de adentrar *Tel'aran'rhiod*.

angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que permitem a qualquer um capaz de canalizar manipular uma quantidade maior

do Poder do que seria possível ou seguro sem ajuda. Alguns foram fabricados para uso de mulheres, outros, de homens. Os rumores de *angreal* usáveis tanto por homens quanto por mulheres nunca foram confirmados. Não se sabe mais como fabricá-los. Restam poucos. *Ver também sa'angreal*; *ter'angreal.*

Arad Doman: Nação do Oceano de Aryth. Atualmente arruinada pela guerra civil e por guerras simultâneas contra aqueles que se declararam a favor do Dragão Renascido e contra Tarabon. A maioria dos mercadores domaneses são mulheres, e, segundo o ditado, "permitir que um homem negocie com uma domanesa" é extremamente insensato. As domanesas são famosas — ou infames — pela beleza, sedução e vestimentas escandalosas.

Atha'an Miere: *Ver* Povo do Mar.

Avendesora: Na Língua Antiga, a "Árvore da Vida". Mencionada em muitas histórias e lendas, que lhe fornecem várias localizações.

Avendoraldera: Uma árvore que cresceu na cidade de Cairhien de um ramo de *Avendesora*, um presente dos Aiel em 566 NE, apesar de nenhum registro revelar qualquer ligação entre os Aiel e *Avendesora*. *Ver também* Guerra dos Aiel.

Ba'alzamon: Na língua dos Trollocs, "Coração das Trevas". A maioria acredita, erroneamente, que seja que os Trollocs dão ao Tenebroso.

cadin'sor: Indumentária dos guerreiros Aiel composta de casaco e calças marrom e cinza que se camuflam junto às pedras e sombras, bem como botas macias até os joelhos, presas com cadarços. Na Língua Antiga, "roupas de trabalho".

Cairhien: Nome de uma nação nos limites da Espinha do Mundo, cuja capital recebe o mesmo nome. A cidade foi incendiada e saqueada durante a Guerra dos Aiel, assim como muitas outras cidades e aldeias. O consequente abandono de terras cultiváveis próximas da Espinha do Mundo tornou necessária a importação de grãos. O Assassinato do Rei Galldrian (998 NE) resultou em uma guerra civil pela sucessão do Trono do Sol, na interrupção dos carregamentos de grãos e na fome. Cairhien tem como estandarte um sol nascente com muitos raios em um fundo de céu azul.

Carridin, Jaichim: Inquisidor da Mão da Luz, alto oficial dos Filhos da Luz.

Chaendaer: Uma montanha no Deserto Aiel, acima do vale de Rhuidean.

Chama de Tar Valon: Símbolo de Tar Valon, do Trono de Amyrlin e das Aes Sedai. É uma representação estilizada de uma chama, uma lágrima branca com a ponta para cima.

comprimento, unidades de: 10 polegadas = 1 pé; 3 pés = 1 passada; 2 passadas = 1 braça; 1000 braças = 1 milha; 4 milhas = 1

légua.

cuendillar: Substância indestrutível criada durante a Era das Lendas. Qualquer força utilizada na tentativa de destruí-la é absorvida, deixando-a ainda mais forte. Também chamada de pedra-do-coração.

Era das Lendas: A Era que terminou com a Guerra da Sombra e a Ruptura do Mundo. Uma época em que Aes Sedai realizavam maravilhas com as quais atualmente só se pode sonhar. *Ver também* Roda do Tempo; Ruptura do Mundo; Guerra da Sombra.

Espinha do Mundo, a: Cadeia de altíssimas montanhas, com poucos pontos de travessia, que separa o Deserto Aiel das terras a oeste.

Far Dareis Mai: Literalmente "Donzelas da Lança". Sociedade guerreira dos Aiel que, ao contrário de todas as demais, admite apenas mulheres. Uma Donzela não pode se casar e permanecer na sociedade, nem lutar enquanto estiver grávida. Qualquer criança nascida de uma Donzela é entregue a outra mulher para que esta a crie, de modo que ninguém saiba quem era a mãe da criança. ("Você não pode pertencer a nenhum homem, nem homem algum pode lhe pertencer, nem qualquer criança. A lança é sua amante, sua filha e sua vida.") *Ver também* sociedades guerreiras dos Aiel.

Fonte Verdadeira: Força motriz do universo que faz girar a Roda do Tempo. É dividida em uma metade masculina, *saidin*, e outra feminina, *saidar*, que trabalham ao mesmo tempo com e contra a outra. Apenas homens podem recorrer a *saidin*, e apenas mulheres a *saidar*. Desde o Tempo da Loucura, *saidin* está maculado pelo toque do Tenebroso.

Gaidin: Literalmente "Irmão nas Batalhas". Título usado pelas Aes Sedai para os Guardiões.

Grande Caçada à Trombeta, A: Ciclo de histórias sobre a lendária busca pela Trombeta de Valere, que ocorreu nos anos entre o fim das Guerras dos Trollocs e o início da Guerra dos Cem Anos. Se contado por inteiro, o ciclo pode durar vários dias.

Grande Serpente: Símbolo do tempo e da eternidade, que já era antigo antes do início da Era das Lendas. Consiste em uma serpente mordendo a própria cauda. Um anel na forma da Grande Serpente é dado às Aceitas entre as Aes Sedai.

Grão-lordes de Tear: Com atuação semelhante à de um conselho, os Grão-lordes são, historicamente, os governantes da nação de Tear, onde não há rei ou rainha. Seu número não é fixo, varia de tantos quanto vinte a tão poucos quanto seis. Não devem ser confundidos com os Senhores da Terra, que são lordes menores tairenos.

Guerra da Sombra: Também conhecida como Guerra do Poder. Começou pouco depois da tentativa de libertar o Tenebroso, e logo

envolveu o mundo inteiro. Em um mundo em que mesmo as lembranças do que era a guerra haviam sido esquecidas, todas as facetas foram redescobertas, muitas vezes distorcidas pelo toque do Tenebroso no mundo, e o Poder Único foi usado como arma. A guerra terminou com a renovação do selo da prisão do Tenebroso.

Guerra do Segundo Dragão: A guerra lutada (939–43 AL) contra o falso Dragão Guaire Amalasan. Durante ela, um jovem rei chamado Artur Tanreall Paendrag, mais tarde conhecido como Artur Asa-de-gavião, ganhou importância significativa.

Guerra dos Aiel: Quando o Rei Laman de Cairhien cortou *Avendoraldera*, quatro clãs dos Aiel cruzaram a Espinha do Mundo. Eles saquearam e incendiaram a capital de Cairhien, bem como muitas outras cidades e vilarejos, e o conflito se estendeu até Andor e Tear. A opinião geral é de que os Aiel foram finalmente derrotados na Batalha das Muralhas Reluzentes, diante de Tar Valon, mas a verdade é que Laman foi morto naquela batalha, e, tendo cumprido seu objetivo, os Aiel cruzaram a Espinha de volta. *Ver também Avendoraldera*; Cairhien.

Guerra dos Cem Anos: Série de guerras concomitantes entre alianças em constante mudança, iniciada pela morte de Artur Asa-de-gavião e a subsequente disputa por seu império. A guerra deixou grande parte das terras entre o Oceano de Aryth e o Deserto Aiel quase desabitadas, do Mar das Tempestades à Grande Praga. A destruição foi tanta que restam apenas alguns registros da época. O império de Artur Asa-de-gavião se fragmentou com as guerras, e as nações dos dias atuais se formaram. *Ver também* Artur Asa-de-gavião.

Guerras dos Trollocs: Série de guerras iniciadas em torno de 1000 DR que duraram mais de trezentos anos, ao longo dos quais os exércitos dos Trollocs arrasaram o mundo. Com o tempo, os Trollocs foram mortos ou forçados a retornar à Grande Praga, mas algumas nações desapareceram, enquanto outras ficaram quase desabitadas. Todos os registros da época são fragmentados.

hida: unidade de medida de área de terras equivalente a cem passadas por cem passadas.

Illian: Grande porto no Mar das Tempestades, capital da nação de mesmo nome.

Inquiridores da Verdade: Espécie de polícia/organização de espiões do Trono Imperial Seanchan. Embora a maioria seja propriedade da família Imperial, possuem amplos poderes. Até alguém do Sangue (os nobres Seanchan) pode ser preso por falha em responder alguma pergunta feita por um Inquiridor ou por recusar-se a cooperar com um. A definição de cooperação é imposta pelos próprios Inquiridores, sujeita apenas à revisão da Imperatriz.

Jogo das Casas, o: Nome dado às armações, tramas e manipulações feitas pelas Casas Nobres na busca de poder. Nele, é

dado grande valor à dissimulação, à busca de uma coisa enquanto parece estar atrás de outra e ao alcance dos objetivos com o menor esforço visível. Também conhecido como Grande Jogo e, às vezes, por seu nome na Língua Antiga: *Daes Dae'mar*.

Juramentos, Três: Juramentos feitos por uma Aceita ao ser elevada a Aes Sedai. São proferidos enquanto ela segura o Bastão dos Juramentos, um *ter'angreal* que confirma seu compromisso com os votos. São eles: (1) Não dizer palavra que não seja verdadeira. (2) Não criar arma com a qual um homem possa matar outro. (3) Nunca usar o Poder como arma exceto contra Crias da Sombra ou, em casos extremos, em defesa da própria vida, da vida de seu Guardião ou de outra Aes Sedai. O segundo juramento foi o primeiro a ser adotado, em reação à Guerra da Sombra. O primeiro juramento, embora levado ao pé da letra, em geral pode ser contornado por um discurso cuidadoso. Acredita-se que os dois últimos sejam invioláveis.

Kaf: Bebida Seanchan de coadura escura e servida a temperatura escaldante, às vezes adoçada, porém com frequência servida natural. Uma bebida estimulante.

Malkier: Nação que um dia fez parte das Terras da Fronteira, hoje consumida pela Praga. O símbolo de Malkier era um grou dourado em pleno voo.

Manetheren: Uma das Dez Nações que formaram o Segundo Pacto e o nome de sua capital. Tanto a cidade quanto a nação foram destruídas nas Guerras dos Trollocs. *Ver também* Guerras dos Trollocs.

massa, unidades de: 10 onças = 1 libra; 10 libras = 1 pedra; 10 pedras = 1 cem-pesos; 10 cem-pesos = 1 tonelada.

Mayene: Cidade-estado no Mar das Tempestades, circundada e historicamente oprimida por Tear. Deve sua riqueza e independência ao conhecimento sobre a localização de cardumes de peixe-prego, que rivalizam em importância econômica com os bosques de oliveiras em Tear, Illian e Tarabon. Peixes-prego e oliveiras fornecem quase todo o óleo para os lampiões. A governante de Mayene é denominada "Primeira". As Primeiras alegam ser descendentes de Artur Asa-de-gavião. Seu estandarte é um gavião dourado em pleno voo sobre um campo azul.

Padrão de uma Era: A Roda do Tempo tece os fios das vidas humanas no Padrão de uma Era, muitas vezes chamado simplesmente de Padrão, que forma a substância da realidade para aquela Era. *Ver também ta'veren*.

Povo do Mar: O nome mais adequado é Atha'an Miere. Um povo misterioso. Habitantes das ilhas do Oceano de Aryth e do Mar das Tempestades, passam pouco tempo em terra firme, levando grande parte de suas vidas nos navios. A maioria do comércio marítimo é feita nos navios do Povo do Mar.

Questionadores, os: Ordem dentro dos Filhos da Luz cujos objetivos são descobrir a verdade, quando controversa, e revelar Amigos das Trevas. Em sua busca pela verdade e pela Luz, o método usual de interrogatório é a tortura. Costumam agir como se já soubessem a verdade e precisassem apenas de uma confissão. Os Questionadores referem-se a si mesmos como a Mão da Luz, a Mão que desenterra a verdade, e por vezes agem como se fossem completamente independentes dos Filhos e do Conselho dos Ungidos, que os comanda. O líder dos Questionadores é o Grão-inquisidor, que ocupa uma cadeira no Conselho dos Ungidos. Têm como símbolo o cajado vermelho-sangue de um pastor.

Renda da Era: Nome alternativo para o Padrão. *Ver também* Padrão de uma Era.

Roda do Tempo, a: O tempo é uma roda com sete braços, cada um uma Era. Conforme a roda gira, as Eras vêm e vão, deixando lembranças que desvanecem e se tornam lendas, que desvanecem e se tornam mitos, e que já estão há muito esquecidos quando a Era que lhes deu origem retorna. O Padrão de uma Era é um pouco diferente a cada vez que ela retorna, e a cada vez ele é sujeito a mudanças maiores.

Ruptura do Mundo, a: Durante o Tempo da Loucura, os Aes Sedai, tomados pela loucura e capazes de usar o Poder Único em um grau que hoje é desconhecido, desfiguraram a terra. Arrasaram antigas cadeias de montanhas e construíram novas, ergueram terra onde havia oceanos e fizeram os oceanos invadirem a terra. Muitas partes do mundo ficaram completamente despovoadas, e os sobreviventes se dispersaram como poeira ao vento. Essa destruição é lembrada em contos, lendas e na história como a Ruptura do Mundo.

sa'angreal: Remanescentes da Era das lendas que permitem a canalização de muito mais do Poder Único do que seria possível ou seguro de outra forma. Um *sa'angreal* é semelhante a um *angreal*, porém mais poderoso. O volume do poder que pode ser canalizado com um *sa'angreal* está para o que se canaliza com um *angreal* como o que se canaliza com um *angreal* está para o que se canaliza sem ajuda. O segredo de sua fabricação foi perdido. Assim como ocorre com os *angreal*, existem *sa'angreal* de uso masculino e de uso feminino. Restam apenas alguns, que são muito mais raros que os *angreal*.

sa'sara: Dança indecente de Saldaea. Inúmeras rainhas de Saldaea já tentaram em vão decretá-la ilegal. A história de Saldaea registra três guerras, duas rebeliões e incontáveis uniões e/ou rixas entre casas nobres, bem como um sem-número de duelos, todos animados por mulheres dançarinas da sa'sara. Diz-se que uma dessas rebeliões foi contida quando uma rainha derrotada dançou para o general vitorioso: ele a desposou e devolveu-lhe o trono. Essa história

não é encontrada em nenhum registro oficial e foi negada por todas as rainhas de Saldaea.

Sabedoria: Nas aldeias, é a mulher escolhida para participar do Círculo das Mulheres por seu conhecimento em áreas como a cura e a previsão do tempo, assim como seu bom senso. Geralmente é considerada equivalente ao Prefeito, e em algumas aldeias é sua superior. O cargo é vitalício, e é muito raro que uma Sabedoria deixe o ofício antes de morrer. Dependendo da região o título pode ser outro, como Guia, Curandeira, Sábia ou Buscadora.

Sábia: Entre os Aiel, as Sábias são mulheres escolhidas por outras Sábias e treinadas para a cura, uso de ervas e outras habilidades, de forma muito similar às Sabedorias. Em geral há apenas uma Sábia por clã ou ramo. Algumas são consideradas portadoras de habilidades de cura e capazes de feitos aparentemente milagrosos. São detentoras de grande autoridade e responsabilidade, bem como de forte influência entre os chefes dos ramos e clãs, embora esses homens com frequência as acusem de intrometer-se em seus assuntos.

Senhores do Medo: Homens e mulheres que, capazes de canalizar o Poder Único, passaram para o lado da Sombra durante as Guerras dos Trollocs, agindo como generais das forças dos Trollocs e dos Amigos das Trevas. Às vezes são confundidos com os Abandonados pelos menos instruídos.

Servos, Salão dos: Na Era das Lendas, o grande salão de reuniões das Aes Sedai.

Shayol Ghul: Montanha nas Terras Devastadas, local da prisão do Tenebroso.

sociedades guerreiras dos Aiel: Todos os guerreiros Aiel são membros de uma das sociedades guerreiras, como os Cães de Pedra (*Shae'en M'taal*), os Escudos Vermelhos (*Aethan Dor*), os Buscadores das Águas (*Duahde Mahdi'in*) e as Donzelas da Lança (*Far Dareis Mai*). Cada sociedade tem seus próprios costumes e, às vezes, deveres específicos. Por exemplo, os Escudos Vermelhos agem como polícia. Os Cães de Pedra muitas vezes são usados para cuidar da retaguarda durante a retirada de um grupo de investida, enquanto as Donzelas com frequência assumem a função de batedoras. É frequente os clãs invadirem o território um dos outros e lutarem entre si, mas membros da mesma sociedade não se enfrentam, ainda que os clãs o façam. Dessa forma, há sempre alguma espécie de relacionamento entre clãs, mesmo quando em guerra declarada.

sursas: Dupla de palitos finos utilizados em Arad Doman em substituição aos talheres. Alguns afirmam que a dificuldade de comer com as *sursas* são a fonte da célebre perseverança dos mercadores domaneses, enquanto outros atribuem aos objetos a razão do igualmente célebre temperamento do povo domanês.

ta'maral'ailen: Na Língua Antiga, "Teia do Destino". Uma grande mudança no Padrão de uma Era, centrada em uma ou mais pessoas, denominadas *ta'veren*. *Ver também* Padrão de uma Era; *ta'veren*.

ta'veren: Pessoa em torno da qual a Roda do Tempo tece todas os fios de vidas próximos, talvez TODOS os fios de todas as vidas, para formar uma Teia do Destino. *Ver também* Padrão de uma Era.

Talentos: Habilidades relativas ao uso do Poder Único em áreas específicas. O mais conhecido de todos é o da Cura. Alguns, como o de Viajar (habilidade de ir de um lugar a outro sem cruzar o espaço interveniente), foi perdida. Outros, como o da Profecia (capacidade de predizer eventos futuros, mas de forma geral) são muito raros. Outro Talento que há muito se pensava não mais existir era o de Sonhar, que envolve, entre outras coisas, a interpretação dos sonhos do Sonhador para prever eventos futuros de maneira mais específica do que as Profecias. Alguns Sonhadores têm a habilidade de adentrar *Tel'aran'rhiod*, o Mundo de Sonhos, e (ao que se diz) até mesmo os sonhos de outras pessoas. O último Sonhador de que se tem notícia foi Corianin Nedeal, que morreu em 526 NE, porém, agora existe outro, ainda muito pouco conhecido.

Tarabon: Nação no Oceano de Aryth. Capital: Tanchico. Outrora local de grandes negociações, fonte de tapetes, tintas e fogos de artifício produzidos pela Guilda de Iluminadores, entre outros produtos. Atualmente assolada pela guerra civil, bem como por guerras simultâneas contra Arad Doman e o povo jurado ao Dragão Renascido.

Tarmon Gai'don: A Última Batalha. *Ver também* Dragão, o; Dragão, Profecias do; Trombeta de Valere.

Tear: Grande cidade portuária no Mar das Tempestades. Capital do país de mesmo nome. O estandarte de Tear é composto de três luas crescentes brancas que se inclinam por um campo metade vermelho, metade dourado.

Tel'aran'rhiod: Na Língua Antiga, "Mundo Invisível" ou "Mundo dos Sonhos". Um mundo vislumbrado em sonhos que os antigos acreditavam permear e circundar todos os outros mundos possíveis. Ao contrário dos outros sonhos, o que acontece às criaturas vivas no Mundo dos Sonhos é real: uma ferida sofrida lá ainda existirá ao despertar, e quem lá morre não acorda jamais.

Tenebroso: Nome mais comum, usado em todas as terras, para Shai'tan. A fonte de todo mal, antítese do Criador. Aprisionado em Shayol Ghul pelo Criador no momento da criação. Uma tentativa de libertá-lo causou a Guerra da Sombra, a mácula de *saidin*, a Ruptura do Mundo e o fim da Era das Lendas.

ter'angreal: Objeto remanescente da Era das Lendas que utiliza o Poder Único. Diferente dos *angreal* e *sa'angreal*, cada *ter'angreal* foi

feito para determinado objetivo. Alguns são usados pelas Aes Sedai, mas o propósito original é, em grande medida, desconhecido. Alguns requerem canalização, enquanto outros podem ser usados por qualquer pessoa. Alguns matarão qualquer mulher que os use ou destruirão sua habilidade de canalizar. *Ver também angreal*; *sa'angreal*.

Terras da Fronteira, as: As nações que fazem fronteira com a Grande Praga: Saldaea, Arafel, Kandor e Shienar.

Torean: Grão-lorde de Tear. Um homem que deseja o que nem sua vasta fortuna, nem seu rosto irão lhe conceder.